

5m

NEW YORK TIMES
BESTSELLER

THE PRIORY OF THE ORANGE TREE

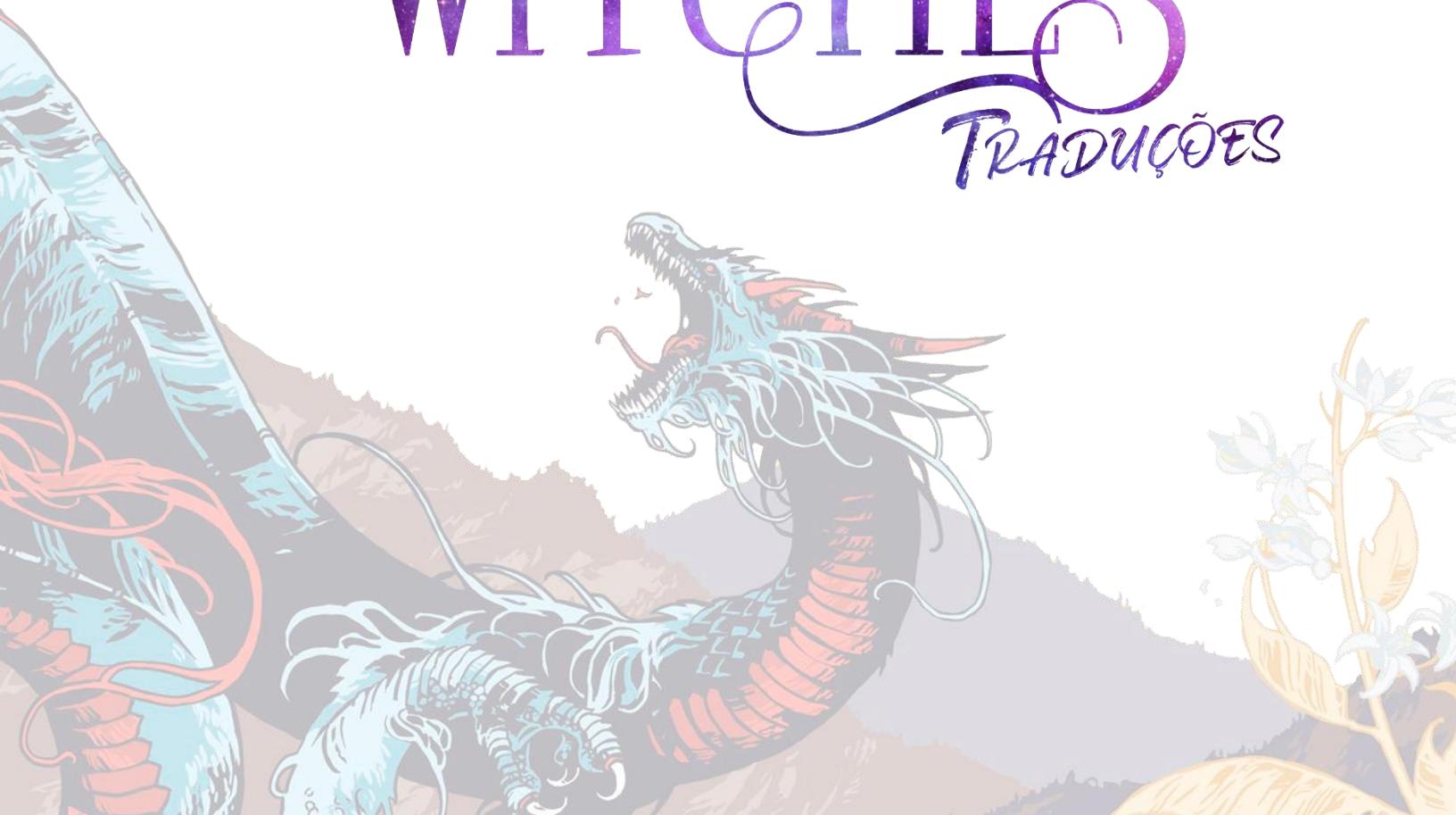
A NOVEL

Author of *The Bone Season* series

SAMANTHA SHANNON

QUEERTECA SAJEM WITCHES

TRADUÇÕES





ESTE LIVRO FOI
TRADUZIDO PELA:

Queerteca

Este é um grupo de traduções sem fins lucrativos que tem como objetivo apenas tornar a representatividade na literatura mais acessível. Seja ela étnica, racial, LGBTQIAP+ ou Pessoa com Deficiência.

REGRAS:

- Não compartilhe (ex: drive) e nem fale abertamente sobre nossas traduções em redes sociais.
- Não fale sobre nossas traduções para autores nem editores. Muito menos para pessoas anti-pirataria.
- Não queira lucrar com nosso trabalho se nós não cobramos você também não deve.

Quando você segue essas regras evita que nós vejamos denunciadas e assim podemos trazer mais histórias para vocês.

Abraços, e aproveite a leitura.



SINOPSE

Um mundo dividido. Um reino sem herdeira.

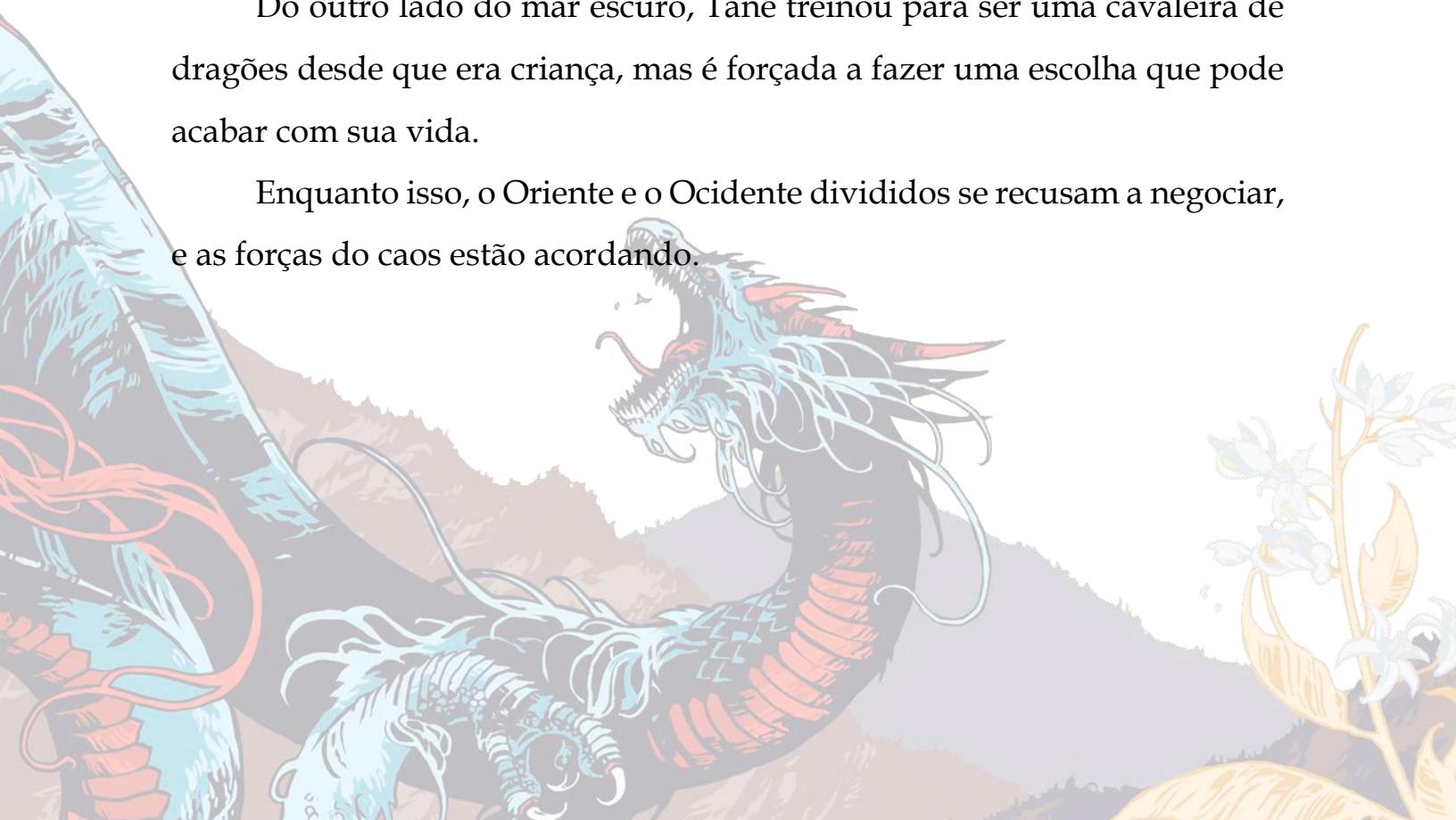
Um antigo inimigo desperta.

A Casa de Berethnet governou Inys por mil anos. Ainda solteira, a Rainha Sabran, a Nona, deve conceber uma filha para proteger seu reino da destruição, mas os assassinos estão chegando perto de sua porta.

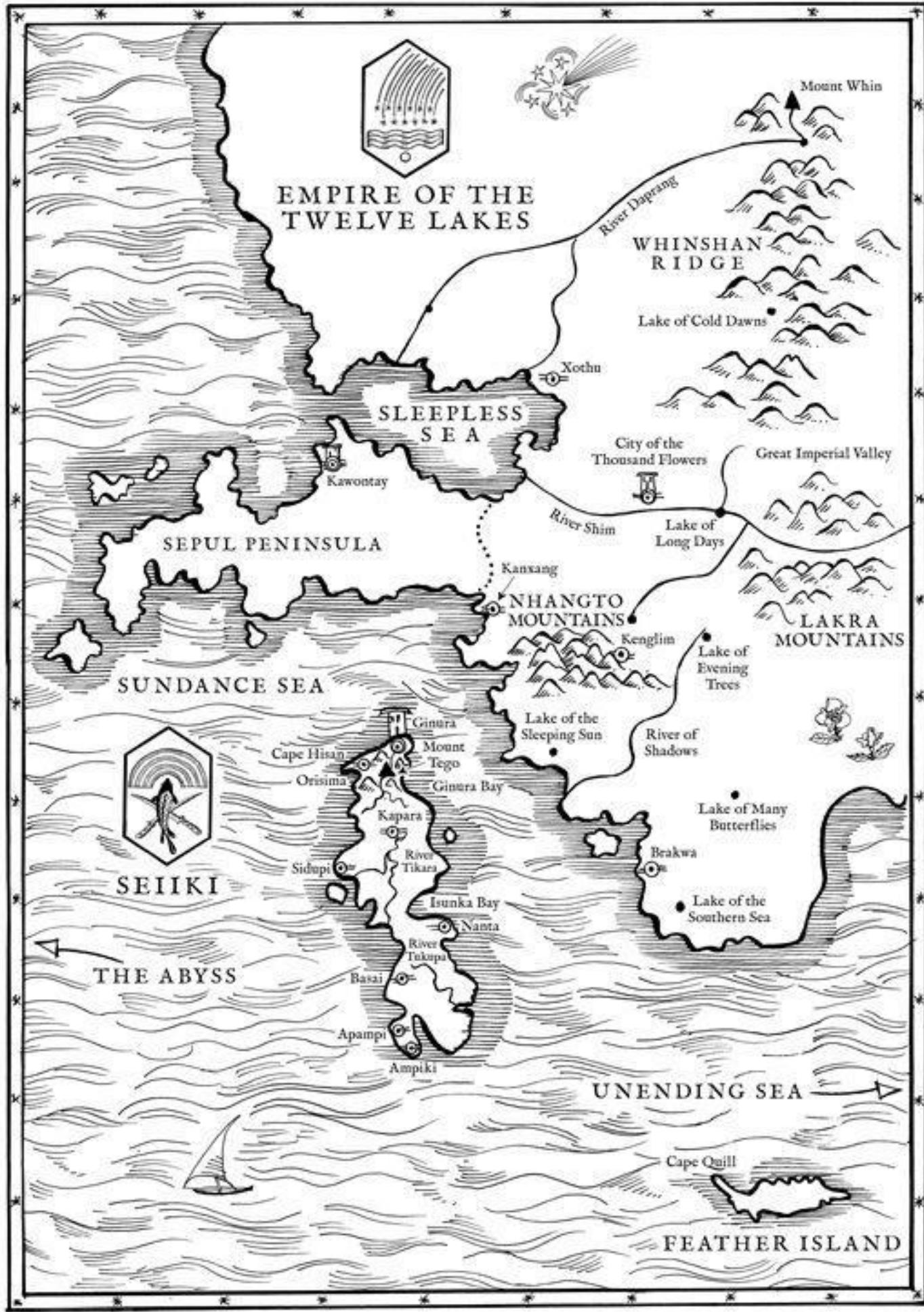
Ead Duryan é uma estranha na corte. Embora ela tenha ascendido à posição de dama de companhia, ela é leal a uma sociedade oculta de magos. Ead mantém um olhar atento sobre Sabran, secretamente protegendo-a com magia proibida.

Do outro lado do mar escuro, Tané treinou para ser uma cavaleira de dragões desde que era criança, mas é forçada a fazer uma escolha que pode acabar com sua vida.

Enquanto isso, o Oriente e o Ocidente divididos se recusam a negociar, e as forças do caos estão acordando.









Sumário

Avisos de Gatilho

Nota da autora

Parte i

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

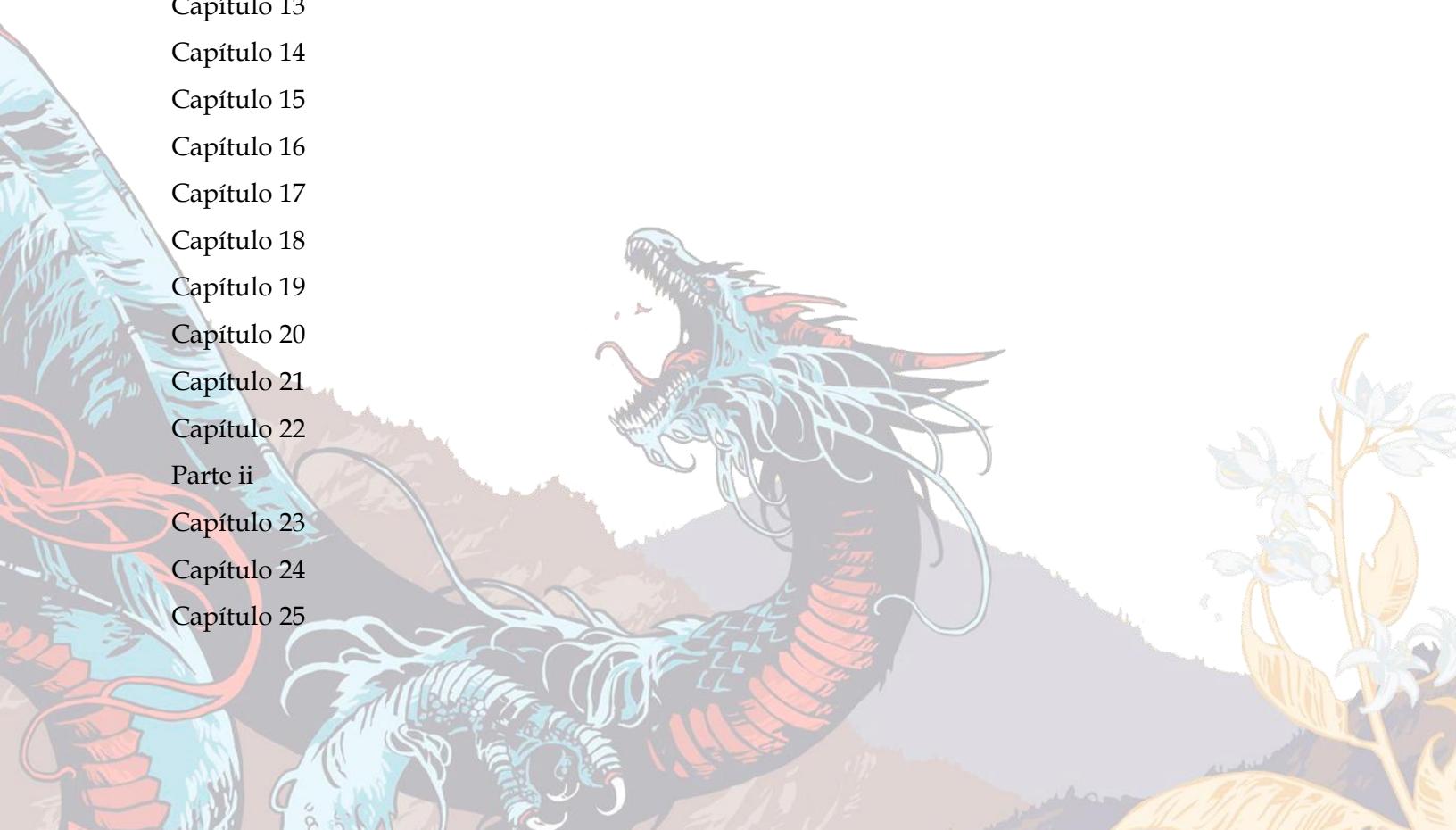
Capítulo 22

Parte ii

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25



Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Parte iii

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Parte iv

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Parte v

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Parte vi

Capítulo 66

Oeste

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

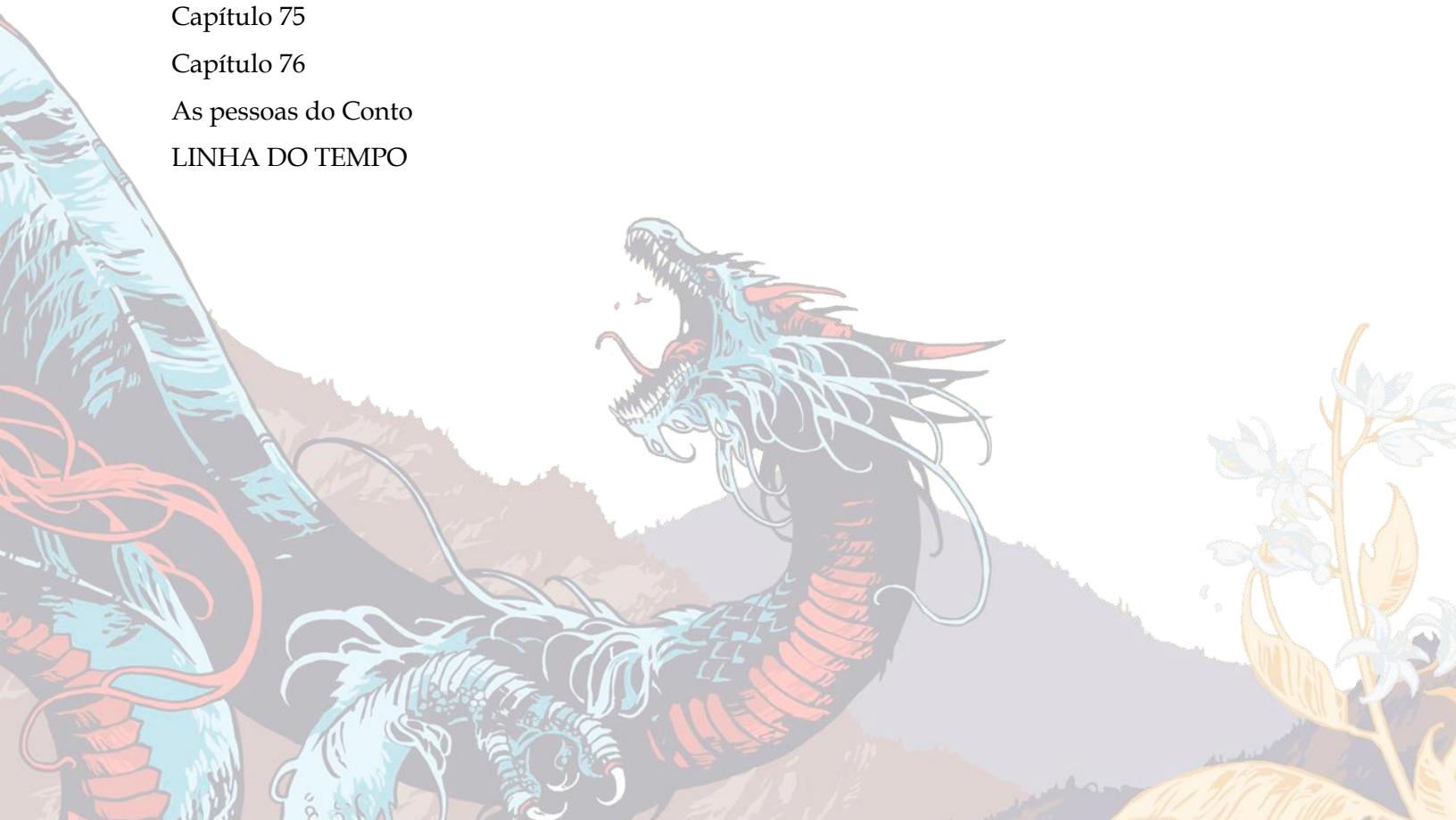
Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

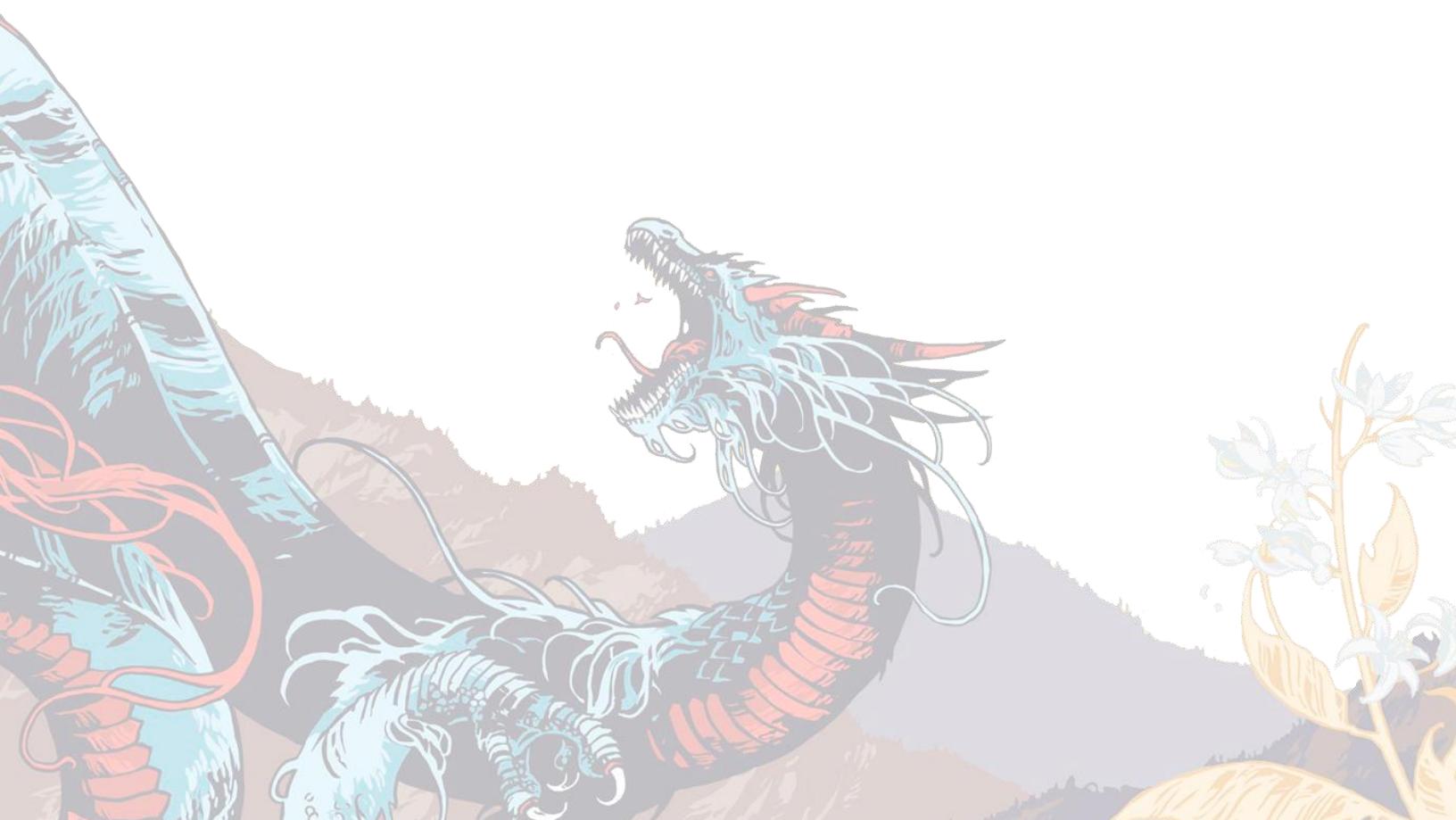
As pessoas do Conto

LINHA DO TEMPO



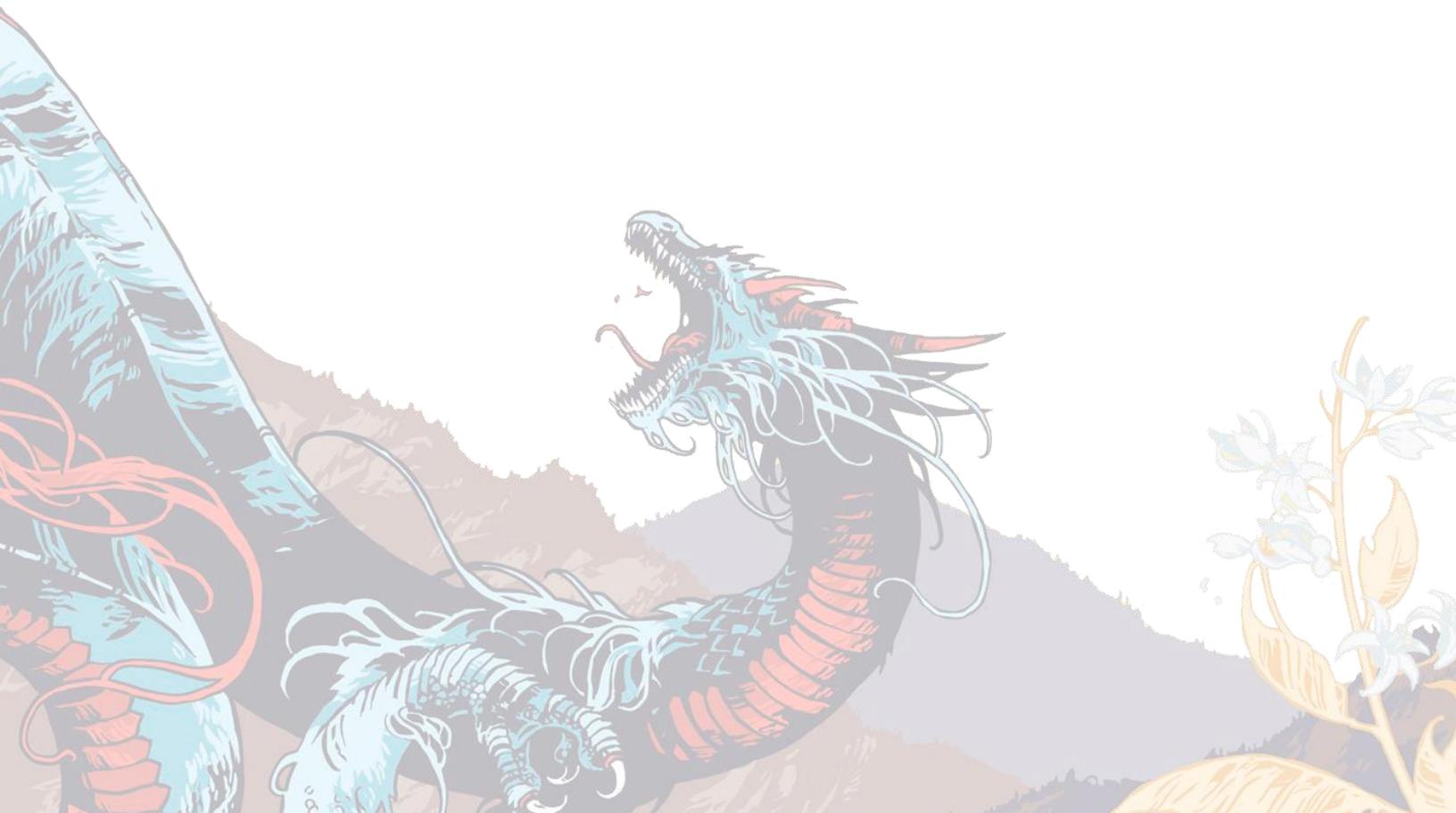
Avisos de Gatilho

Assassinato;
Aborto espontâneo;
Infertilidade;
Guerra;
Manipulação emocional;
Casamento arranjado;
Ideação e discussão sobre suícidio;
Morte por terremoto;
Cadáveres;
Violência gráfica;
Homofobia;
Heterossexismo.



Nota da autora

As terras ficcionais de *The Priory of the Orange Tree* são inspiradas por eventos e lendas de várias partes do mundo. Nada disso tem a intenção de ser uma representação fiel de qualquer país ou cultura em qualquer ponto na história.

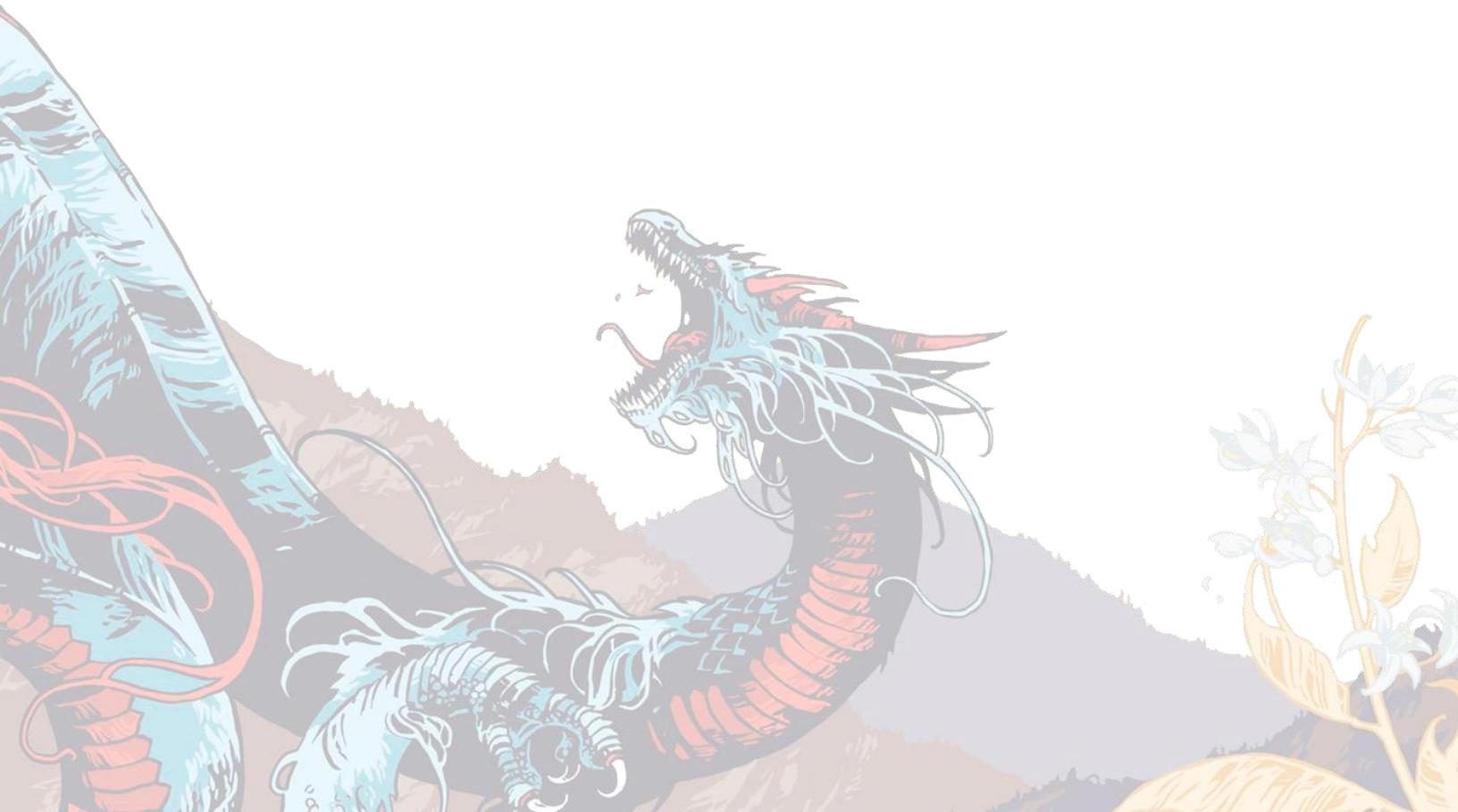


Parte i

Histórias Antigas

Vi um anjo descer do céu. Nas mãos tinha a chave do Abismo e uma grande corrente. Ele agarrou o Dragão, a antiga Serpente, que é o Diabo, Satanás. Acorrentou-o por mil anos e lançou-o dentro do Abismo. Depois, trancou e lacrou o Abismo, para que o Dragão não seduzisse mais as nações da terra, até que terminassem os mil anos.

– Apocalipse 20.1-3



Capítulo 1

Leste

O estranho saiu do mar como um fantasma da água, descalço e com as cicatrizes da viagem. Ele caminhou como se estivesse bêbado através da névoa que se agarrava como teias de aranha a Seiki.

As histórias sobre os antigos fantasmas aquáticos contavam que eles estavam condenados a viver em silêncio. Que suas línguas haviam murchado, junto com sua pele, e que tudo que cobria seus ossos eram algas marinhas. Que eles se escondiam na parte rasa, esperando para arrastar os incautos para o coração do Abismo.

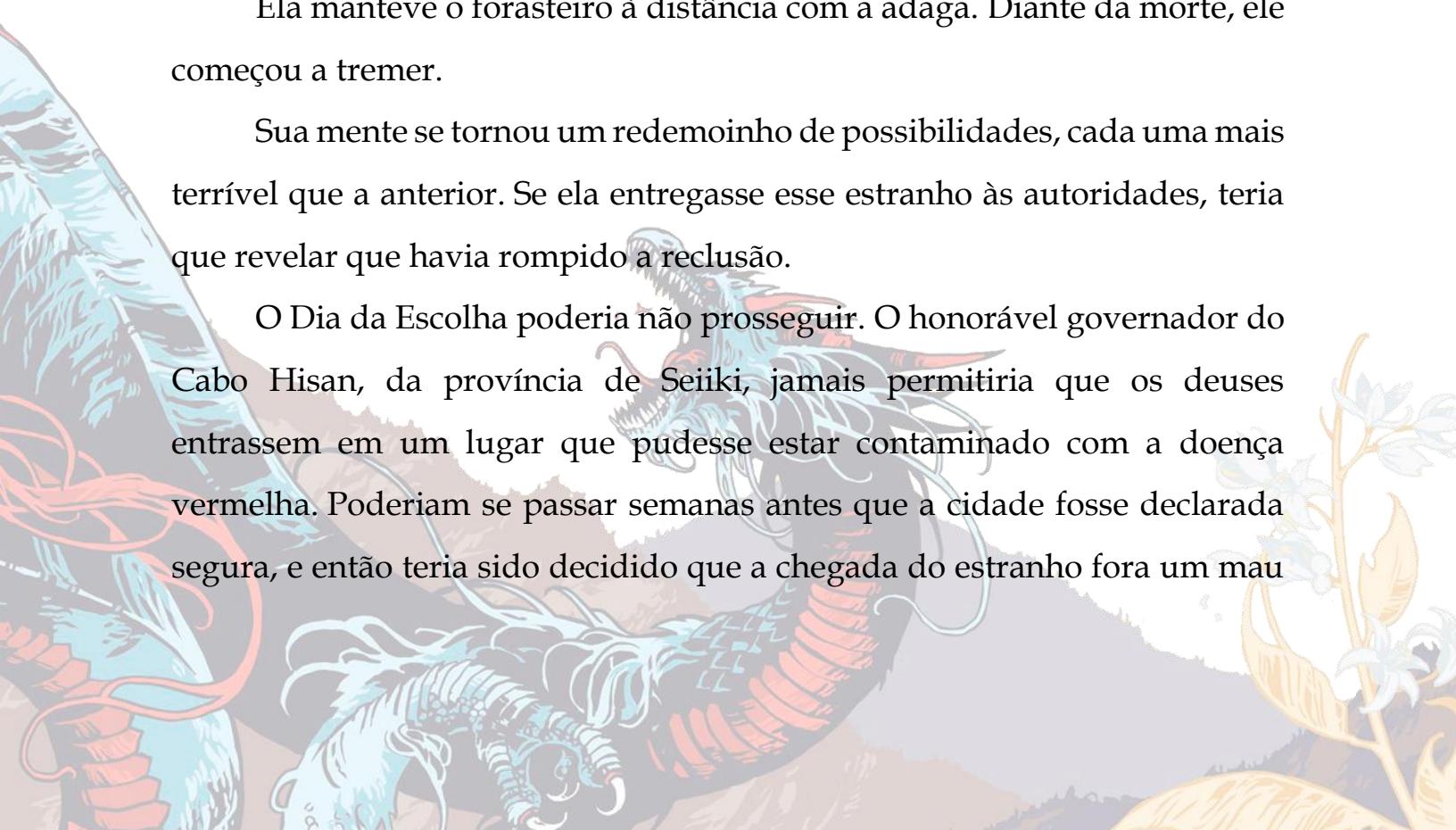
Tané não temia essas histórias desde que era pequena. Agora sua adaga brilhava diante dela, sua curva era como um sorriso, e ela fixou seu olhar na figura na noite.

Quando a chamou, ela se encolheu.

As nuvens se movem e liberam o luar que haviam escondido. O suficiente para elavê-lo como ele era. E para elevê-la.

Este não era um fantasma. Era um estranho. Ela o tinha visto, e ele não poderia estar invisível.

Ele estava queimado de sol, com cabelos como palha e barba pingando. Os contrabandistas devem tê-lo abandonado na água e dito para ele nadar o resto do caminho. Estava claro que ele não sabia nada da língua



dela, mas ela entendia o suficiente para saber que ele estava pedindo ajuda. Que ele queria ver o Senhor da Guerra de Seiiki.

Seu coração estava batendo forte como um trovão. Ela não ousou falar, pois mostrar que conhecia a língua dele era forjar um elo entre eles e traír a si mesma. Era confessar que, assim como ela agora era uma testemunha de seu crime, ele também era uma testemunha do dela.

Ela deveria estar em reclusão. Segura atrás das paredes da Casa Sul, pronta para subir, purificada, para o dia mais importante de sua vida. Agora ela estava contaminada. Suja além da redenção. Tudo porque ela queria mergulhar no mar mais uma vez antes do Dia da Escolha. Corriam boatos de que o grande Kwiriki favoreceria aqueles com coragem para escapar e buscar as ondas durante a reclusão. Em vez disso, ele a enviou este pesadelo.

Durante toda a sua vida, ela foi muito afortunada.

Este foi o seu castigo.

Ela manteve o forasteiro à distância com a adaga. Diante da morte, ele começou a tremer.

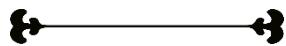
Sua mente se tornou um redemoinho de possibilidades, cada uma mais terrível que a anterior. Se ela entregasse esse estranho às autoridades, teria que revelar que havia rompido a reclusão.

O Dia da Escolha poderia não prosseguir. O honorável governador do Cabo Hisan, da província de Seiiki, jamais permitiria que os deuses entrassem em um lugar que pudesse estar contaminado com a doença vermelha. Poderiam se passar semanas antes que a cidade fosse declarada segura, e então teria sido decidido que a chegada do estranho fora um mau

presságio e que a próxima geração de aprendizes, não a dela, deveria ter a chance de serem cavaleiros. Isso custaria tudo a ela.

Ela não poderia denunciá-lo. Nem poderia abandoná-lo. Se ele tivesse a doença vermelha, deixá-lo vaguear livremente colocaria em risco toda a ilha.

Havia apenas uma escolha.



Ela enrolou uma tira de pano ao redor do rosto dele para impedi-lo de respirar. Suas mãos tremiam. Quando terminou, ela o acompanhou da areia negra da praia até a cidade, mantendo-se o mais perto que ousava, com a lâmina pressionada contra suas costas.

Cabo Hisan era um porto insone. Ela conduziu o forasteiro por seus mercados noturnos, por santuários talhados em troncos, sob as cordas de lamparinas azuis e brancas que haviam sido penduradas para o Dia da Escolha. Seu prisioneiro olhava para tudo em silêncio. A escuridão obscurecia suas feições, mas ela bateu com a parte plana de sua lâmina em sua cabeça, forçando-o a abaixá-la. Todo o tempo, ela o manteve o mais longe possível dos outros.

Ela tinha uma ideia de como isolá-lo.

Uma ilha artificial agarrada ao cabo. Chamava-se Orisima e era uma curiosidade para os habitantes locais. A feitoria fora construída para abrigar um punhado de mercadores e acadêmicos do Estado Livre de Mentendon. Junto com os Lacustres, que estavam do outro lado do cabo, só

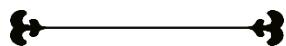
os Ments receberam permissão para continuar comercializando em Seiiki depois que a ilha foi fechada para o mundo.

Orisima.

Era para lá que ela levaria o forasteiro.

A ponte que levava até o entreposto comercial era iluminada por tochas e guardada por sentinelas armados. Poucos Seiikinenses tinham permissão para entrar, e ela não era um deles. A única outra maneira de passar pela cerca era o portão de desembarque, que se abria uma vez por ano para receber mercadorias dos navios Mentish.

Tané conduziu o forasteiro até o canal. Ela mesma não podia enfiá-lo em Orisima, mas conhecia uma mulher que podia. Alguém que saberia exatamente onde escondê-lo na feitoria.



Já fazia muito tempo que Niclays Roos não recebia um visitante.

Ele estava racionando um pouco de vinho - uma gota de sua mesquinha mesada - quando ouviu uma batida em sua porta. O vinho era um dos poucos prazeres que lhe restavam no mundo, e ele estivera imerso em respirar seu aroma, saboreando aquele momento dourado antes da primeira degustação.

Agora uma interrupção. Claro. Com um suspiro, ele se moveu, resmungando com a pulsação repentina em seu tornozelo. A gota estava de volta para irritá-lo.

Outra batida.

— Oh, *cale a boca* — ele murmurou.

A chuva tamborilava no telhado enquanto ele tateava em busca da bengala. *Chuva de ameixa*, os seiikinenses chamavam-na nesta época do ano, quando o ar pairava espesso e úmido enquanto nuvens e frutas cresciam nas árvores. Ele mancou pelas esteiras, praguejando baixinho, e abriu a porta uma fração de centímetro.

Parada na escuridão do lado de fora estava uma mulher. O cabelo escuro caía até a cintura e ela usava um manto estampado com flores de sal. A chuva por si só não poderia tê-la deixado tão molhada quanto estava.

— Boa noite, Doutor Roos — ela disse.

Niclays ergueu as sobrancelhas.

— Não gosto de visitantes a esta hora. Ou a qualquer hora. — Ele deveria fazer uma reverência, mas não tinha motivos para impressionar aquela estranha. — Como você sabe meu nome?

— Me contaram. — Nenhuma outra explicação foi dada. — Eu tenho um de seus compatriotas comigo. Ele vai ficar com você esta noite, e eu vou buscá-lo amanhã ao pôr do sol.

— Um dos meus compatriotas.

Sua visitante virou um pouco a cabeça. Uma silhueta se separou de uma árvore próxima.

— Contrabandistas o entregaram em Seiiki —, disse a mulher. — Vou levá-lo ao honrado governador amanhã.

Quando a figura se aproximou da luz de sua casa, Niclays ficou frio.

Um homem de cabelos dourados, tão encharcado quanto a mulher, estava parado em sua soleira. Um homem que ele nunca tinha visto em Orisima.

Vinte pessoas viviam na feitoria. Ele conhecia cada um de seus rostos e nomes. E nenhum navio Mentish chegaria com os recém-chegados até o final da temporada.

De alguma forma, esses dois entraram sem serem vistos.

— Não. — Niclays ficou olhando. — Santo, mulher, você está tentando me envolver em uma operação de contrabando? — Ele se atrapalhou com a porta. — Eu *não posso* esconder um invasor. Se alguém soubesse...

— Uma noite.

— Uma noite, um ano — nossas cabeças serão cortadas de nossos ombros de qualquer maneira. Boa noite.

Quando ele fez menção de fechar a porta, a mulher enfiou o cotovelo na abertura.

— Se você fizer isso, — disse ela, agora tão perto que Niclays podia sentir sua respiração. — Você será recompensado com prata. O máximo que você puder carregar.

Niclays Roos hesitou.

A prata *era* tentadora. Ele havia jogado muitas cartas de bêbado com os sentinelas e devia a eles mais do que provavelmente ganharia na vida. Até então, ele havia adiado as ameaças com a promessa de joias do próximo carregamento Mentish, mas sabia muito bem que, quando chegassem, não haveria uma única joia miserável a bordo. Não para gente como ele.

Seu eu mais jovem o incentivava a aceitar a proposta, pelo menos por uma questão de empolgação. Antes que seu eu mais velho e mais sábio pudesse intervir, a mulher se afastou.

— Voltarei amanhã à noite — , disse ela. — Não o deixe ser visto.

— Espere, — ele sibilou atrás dela, furioso. — Quem é você?

Ela já havia partido. Com um olhar para a rua e um grunhido de frustração, Niclays arrastou o homem de aparência assustada para dentro de sua casa.

Isso era loucura. Se seus vizinhos percebessem que ele estava abrigando um invasor, ele seria levado até um Senhor da Guerra muito zangado, que não era conhecido por sua misericórdia.

No entanto, aqui estava Niclays.

Ele trancou a porta. Apesar do calor, o recém-chegado tremia nas esteiras. Sua pele de oliva estava queimada nas bochechas, seus olhos azuis em carne viva de sal. Mesmo que apenas para se acalmar, Niclays encontrou um cobertor que trouxera de Mentendon e o entregou ao homem, que o pegou sem falar. Ele estava certo em parecer com medo.

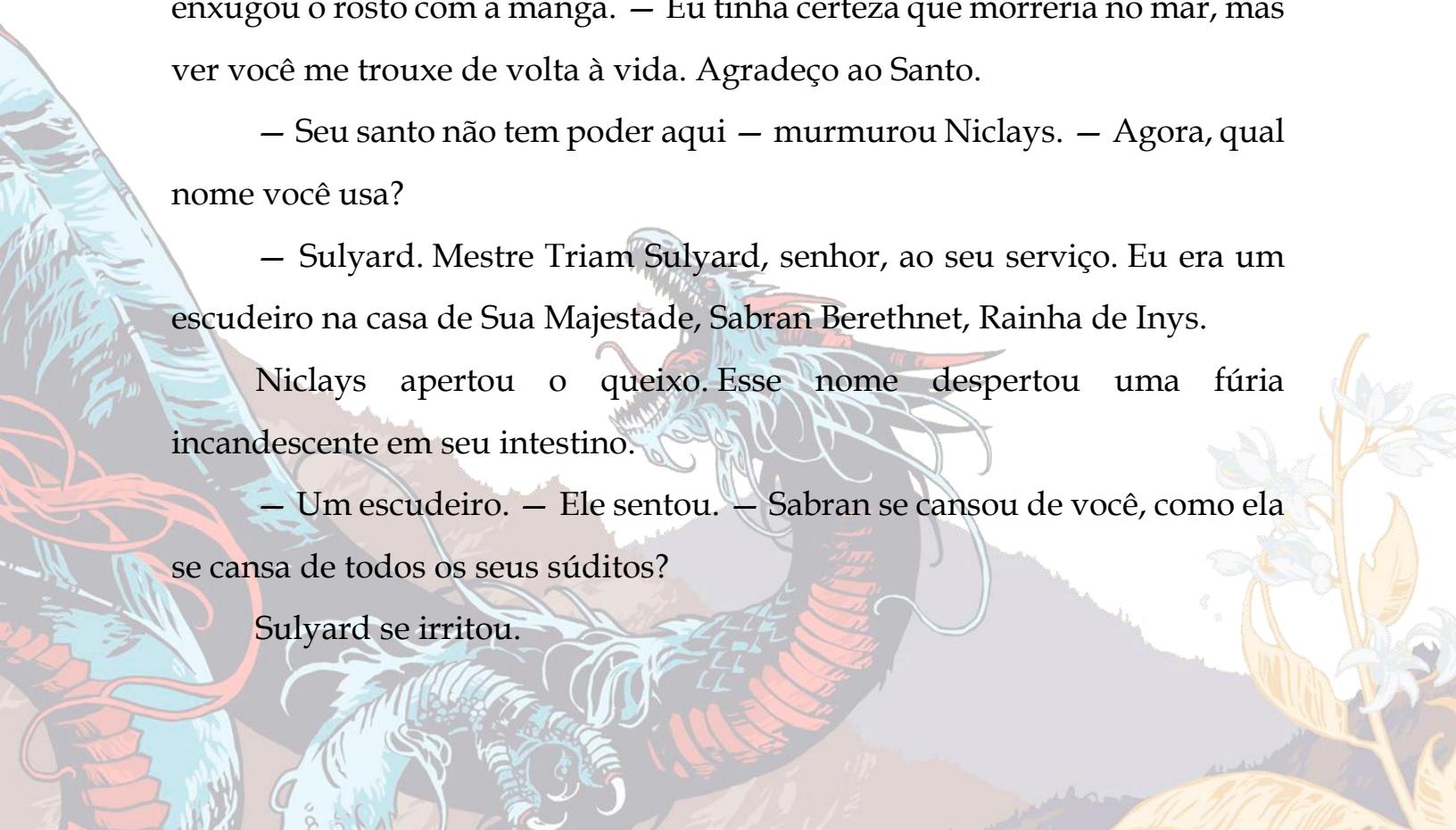
— De onde você veio? — Niclays perguntou secamente.

— Sinto muito, — seu convidado sussurrou. — Eu não entendo. Você está falando Seiikinês?

Inysh. Essa língua era uma que ele não ouvia há algum tempo.

— Isso — respondeu Niclays — não era Seiikinês. É Mentish. Achei que você também era.

— Não senhor. Eu sou de Ascalon — foi a resposta mansa. — Posso perguntar seu nome, já que tenho que agradecer por me abrigar?



Típica coisa de Inysh. A cortesia vem primeiro.

— Roos — Niclays cuspiu fora. — Doutor Niclays Roos. Cirurgião mestre. A pessoa cuja vida você está colocando em risco com sua presença.

O jovem olhou para ele.

— Doutor... — Ele engoliu em seco. — Doutor Niclays Roos?

— Parabéns, garoto. A água do mar não prejudicou seus ouvidos.

Seu convidado deu um suspiro estremecido.

— Doutor Roos, — disse ele. — este é o sinal divino. O fato de que a Cavaleira da Sociedade me trouxe até *você*, de todas as pessoas...

— Até mim. — Niclays franziu a testa. — A gente se conhece?

Ele concentrou sua memória em seu tempo em Inys, mas tinha certeza de que nunca havia posto os olhos nesta pessoa. A menos que ele estivesse bêbado na hora, é claro. Ele costumava ficar bêbado em Inys.

— Não, senhor, mas um amigo me disse seu nome. — O homem enxugou o rosto com a manga. — Eu tinha certeza que morreria no mar, mas ver você me trouxe de volta à vida. Agradeço ao Santo.

— Seu santo não tem poder aqui — murmurou Niclays. — Agora, qual nome você usa?

— Sulyard. Mestre Triam Sulyard, senhor, ao seu serviço. Eu era um escudeiro na casa de Sua Majestade, Sabran Berethnet, Rainha de Inys.

Niclays apertou o queixo. Esse nome despertou uma fúria incandescente em seu intestino.

— Um escudeiro. — Ele sentou. — Sabran se cansou de você, como ela se cansa de todos os seus súditos?

Sulyard se irritou.

— Se você insultar minha rainha, eu vou...

— O que você vai fazer? — Niclays olhou para ele por cima dos aros dos óculos. — Talvez eu deva chamá-lo de Triam Dullard. Você tem alguma noção do que eles fazem aos estrangeiros aqui? Sabran o enviou para uma morte particularmente prolongada?

— Sua Majestade não sabe que estou aqui.

Interessante. Niclays serviu-lhe uma taça de vinho.

— Aqui — disse ele de má vontade. — Beba isso.

Sulyard bebeu.

— Agora, Mestre Sulyard, isso é importante — continuou Niclays. — Quantas pessoas viram você?

— Elas me fizeram nadar até a costa. Eu cheguei a uma enseada primeiro. A areia era preta. — Sulyard estava tremendo. — Uma mulher me encontrou e me conduziu a esta cidade com uma adaga. Ela me deixou sozinho em um estábulo... então uma mulher diferente chegou e me pediu para segui-la. Ela me levou para o mar, e nadamos juntos até chegarmos a um cais. Havia um portão no final.

— E estava aberto?

— Sim.

A mulher deve conhecer um dos sentinelas. Deve ter pedido a eles que deixassem o portão de desembarque aberto.

Sulyard esfregou os olhos. Seu tempo no mar o havia desgastado, mas Niclays podia ver agora que ele era apenas jovem, talvez nem tivesse vinte anos.

— Doutor Roos, — disse ele. — Vim aqui com uma missão muito importante. Preciso falar com o...

— Terei que impedi-lo aí, Mestre Sulyard — interrompeu Niclays. — Não tenho interesse em saber por que está aqui.

— Mas...

— Quaisquer que sejam seus motivos, você veio aqui para fazer isso sem permissão de nenhuma autoridade, o que é uma loucura. Se o Chefe o encontrar e o arrastarem para interrogatório, gostaria de poder dizer com toda a honestidade que não tenho a menor ideia do por que você apareceu na minha porta no meio da noite, pensando que seria bem-vindo em Seiiki.

Sulyard piscou.

— Chefe?

— O oficial Seiikinese encarregado deste ferro-velho flutuante, embora ele pareça pensar em si mesmo como um deus menor. Você sabe que lugar é este, pelo menos?

— Orisima, o último entreposto comercial ocidental no Oriente. Sua existência foi o que me deu a esperança de que o Senhor da Guerra pudesse me ver.

— Eu lhe asseguro, — disse Niclays — que em hipótese alguma Pitosu Nadama receberá um invasor em sua corte. O que ele *vai* fazer, se souber de você, é executá-lo.

Sulyard não disse nada.

Niclays pensou brevemente em contar a seu convidado que seu salvador planejava voltar para buscá-lo, talvez para alertar as autoridades

de sua presença. Mas mudou de ideia. Sulyard podia entrar em pânico e tentar fugir, porém não havia para onde correr.

Amanhã. Ele iria embora amanhã.

Nesse momento, Niclays ouviu vozes do lado de fora. Passos soaram nos degraus de madeira das outras residências. Ele sentiu um arrepião na barriga.

— Esconda-se — ele disse, e agarrou sua bengala.

Sulyard se escondeu atrás de uma tela dobrável. Niclays abriu a porta com as mãos trêmulas.

Séculos atrás, o Primeiro Senhor da Guerra de Seiiki assinou o Grande Édito e fechou a ilha para todos, exceto os Lacustres e os Mentish, para proteger seu povo da praga Dracônica. Mesmo depois que a praga diminuiu, a separação durou. Qualquer estranho que chegasse sem permissão seria condenado à morte. Como faria qualquer um que o encorajasse.

Na rua, não havia sinal das sentinelas, mas vários de seus vizinhos se reuniam. Niclays juntou-se a eles.

— O que em nome de Galian está acontecendo? — ele perguntou ao cozinheiro, que estava olhando para um ponto acima de suas cabeças, a boca larga o suficiente para pegar borboletas nela. — Eu recomendo não usar essa expressão facial específica no futuro, Harolt. As pessoas podem pensar que você é um idiota.

— Olha, Roos — sussurrou o cozinheiro. — Veja!

— É melhor que seja...

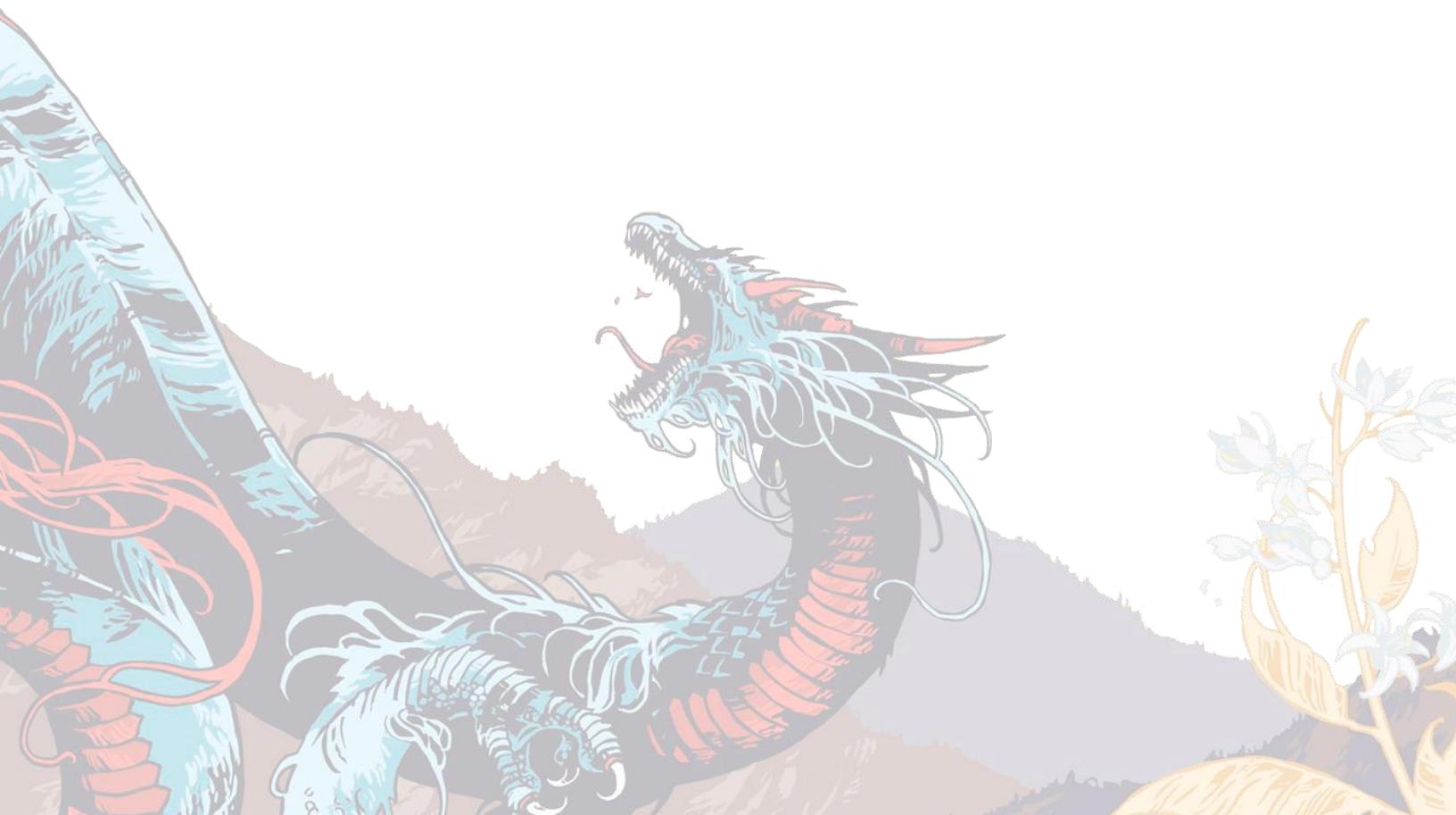
Ele parou quando viu.

Uma enorme cabeça elevava-se sobre a cerca de Orisima. Pertencida a uma criatura nascida da joia e do mar.

A nuvem vaporizava de suas escamas – escamas de pedra da lua, tão brilhantes que pareciam brilhar de dentro. Uma crosta de gotículas parecidas com gemas brilhava em cada uma. Cada olho era uma estrela ardente e cada chifre era mercúrio, brilhando sob a lua pálida. A criatura fluiu com a graça de uma fita passando pela ponte e subiu para os céus, leve e silenciosa como uma pipa de papel.

Um dragão. Mesmo enquanto subia sobre o cabo Hisan, outros estavam subindo da água, deixando uma névoa fria em seu rastro. Niclays pressionou a mão na batida do tambor em seu peito.

– Agora, o que – ele murmurou – *eles* estão fazendo aqui?



Capítulo 2

Oeste

Ele estava mascarado, é claro. Eles sempre estavam. Só um idiota invadiria a Torre da Rainha sem garantir seu anonimato, e se ele tinha conseguido acesso à Câmara Privada, então esse assassino certamente não era um idiota.

No distante Grande Quarto de Dormir, Sabran dormia profundamente. Com o cabelo solto e os cílios escuros contra o rosto, a Rainha de Inys seria uma imagem de repouso. Esta noite era Roslain Crest quem dormia ao lado dela.

Ambas não sabiam que uma sombra pronta para matá-los se aproximava cada vez mais.

Quando Sabran se retirou, a chave de seu quarto mais privado foi deixada na posse de uma de suas Damas do Quarto de Dormir. Katryen Withy a tinha agora, e ela estava na Galeria Horn. Os aposentos reais eram guardados pelos Cavaleiros do Corpo, mas a porta do Grande Quarto de Dormir nem sempre era vigiada. Afinal, havia apenas uma chave.

Sem risco de intrusão.

Na Câmara Privada, a última muralha entre a cama real e o mundo exterior, o assassino olhou por cima do ombro. Sir Gules Heath havia retornado ao seu posto do lado de fora, sem saber da ameaça que havia

entrado furtivamente enquanto ele estava em outro lugar. Sem saber de Ead, escondida nas vigas, observando o assassino tocar a porta que o levaria até a rainha. Em silêncio, o intruso tirou uma chave de sua capa e a enfiou na fechadura.

A virou.

Por muito tempo, ele ficou quieto. Esperando por sua chance.

Este era muito mais cuidadoso do que os outros. Quando Heath teve um de seus acessos de tosse, o intruso abriu a porta do Grande Quarto de dormir. Com a outra mão, ele desembainhou uma lâmina. O mesmo tipo de lâmina que os outros usavam.

Quando ele se moveu, Ead também. Ela caiu em silêncio na viga acima dele.

Seus pés descalços pousaram no mármore. Quando o assassino entrou no Grande Quarto de Dormir, com a adaga erguida, ela cobriu a boca dele e enfiou a lâmina entre suas costelas.

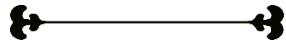
O assassino resistiu. Ead segurou firme, com cuidado para não deixar uma gota de sangue derramar sobre ela. Quando o corpo se acalmou, ela o abaixou até o chão e ergueu sua visard¹ forrada de seda, a mesma que todos os outros haviam usado.

O rosto abaixo da máscara era muito jovem, não exatamente de uma criança. Olhos como água de lagoa fitavam o teto.

¹ A visard é uma máscara oval de veludo preto, usada pelas mulheres que viajam no século XVI para proteger sua pele das queimaduras solares. Não era presa à cabeça por uma fixação, mas o usuário segurava uma conta presa ao interior da máscara entre os dentes

Ele não era ninguém que ela reconhecesse. Ead beijou sua testa e o deixou no chão de mármore.

Quase no momento em que voltou para as sombras, ela ouviu um grito de socorro.



O amanhecer a encontrou nos jardins do palácio. Seu cabelo estava preso em uma teia de fios de ouro, cravejada de esmeraldas.

Todas as manhãs ela mantinha a mesma rotina. Ser previsível era estar seguro. Primeiro ela foi ao Mestre dos Correios, que confirmou que não tinha cartas para ela. Então ela foi até os portões e olhou para a cidade de Ascalon, e imaginou que um dia poderia passar por ele e continuar andando até chegar a um porto e um navio que a levaria para casa em Lasia. Às vezes, ela vislumbrava alguém que conhecia lá fora, e eles trocavam o menor dos acenos. Finalmente, ela iria para a Casa de Banquete para quebrar o jejum com Margret, e então, às oito, suas obrigações começariam.

Seu primeiro movimento do dia foi rastrear a Lavadeira Real. Ead logo encontrou a mulher atrás da Grande Cozinha, passando seu intervalo dentro de uma moita. Um homem do estábulo parecia estar contando as sardas em seu decote com a língua.

— Bom dia para vocês dois — disse Ead.

O par se separou com suspiros. Com os olhos selvagens, a mão do homem do estábulo disparou como um de seus cavalos.

— Senhora Duryan! — A lavadeira alisou a saia e fez uma reverência, corando até a raiz dos cabelos. — Oh, por favor, não diga a ninguém, senhora, ou eu estarei arruinada.

— Você não precisa fazer reverência. Eu não sou uma senhora. — Ead sorriu. — Achei prudente lembrá-la de que você deve comparecer a Sua Majestade *todos os* dias. Você tem estado relaxada ultimamente.

— Oh, Senhora Duryan, confesso que minha mente está em outro lugar, mas estou tão ansiosa. — A lavadeira torceu as mãos calejadas. — Os criados têm sussurrado, senhora. Dizem que um wyvern arrebatou alguns animais dos Lagos há menos de dois dias. Um wyvern! Não é assustador que os servos do Inominável estejam acordando?

— Ora, você descobriu o motivo pelo qual deve ser prudente em seu trabalho. Aqueles servos do Inominável desejam que Sua Majestade vá embora, pois sua morte traria seu mestre de volta a este mundo — disse Ead. — É por isso que seu papel é *vital*, boa senhora. Você não deve deixar de verificar seus lençóis todos os dias para ver se há veneno e de manter sua cama limpa e perfumada.

— Claro que sim. Prometo que estarei mais atenta às minhas funções.

— Oh, mas você não deve me prometer. Você deve prometer ao Santo. — Ead inclinou a cabeça em direção ao Santuário Real. — Vá até ele agora. Talvez você também possa pedir perdão por sua... indiscrição. Vá com seu amante e ore por clemênciа. Depressa!

Quando a lavadeira saiu correndo, Ead reprimiu um sorriso. Era quase fácil demais perturbar os Inysh.

O sorriso logo desapareceu. Os wyvern *tinham* se atrevido a roubar o gado dos humanos. Embora as criaturas Dracônicas estivessem despertando de seu longo sono por anos, os avistamentos permaneceram incomuns – ainda que os últimos meses tivessem visto vários. Era um mau presságio que as feras estavam ficando ousadas o suficiente para caçar em áreas assentadas.

Mantendo-se na sombra, Ead percorreu o longo caminho até os aposentos reais. Ela contornou a Biblioteca Real, andou ao redor de um dos pavões brancos que vagavam pelo terreno e entrou no claustro.

O Palácio de Ascalon – um triunfo escalando de calcário claro – era a maior e mais antiga das residências da Casa de Berethnet, governantes do Reino de Inys. O dano causado nele no Século da Dor quando o Exército Dracônico montou sua guerra de um ano contra a humanidade, há muito foi apagado. Cada janela foi equipada com vitrais em todas as cores do arco-íris. Seu terreno abrigava um Santuário de Virtudes, jardins com gramados sombreados e a imensa Biblioteca Real com sua torre do relógio revestida de mármore. Era o único lugar onde Sabran realizaria a corte durante o verão.

Uma macieira estava no meio do pátio. Ead parou ao vê-la, o peito doendo.

Cinco dias desde que Loth havia desaparecido do palácio na calada da noite, junto com Lorde Kitston Glade. Ninguém sabia para onde eles tinham ido, ou por que deixaram a corte sem permissão. Sabran vestira sua inquietação como uma capa, mas Ead a manteve calma e de boca fechada.

Ela se lembrava do cheiro de fumaça de madeira em seu primeiro Banquete da Sociedade, onde conheceu Lorde Arteloth Beck pela primeira

vez. Todo outono, a corte se reunia para trocar presentes e se alegrar com sua unidade em Virtudom. Foi a primeira vez que eles se viram pessoalmente, mas Loth disse a ela mais tarde que ele estava curioso sobre a nova dama de honra. Ele tinha ouvido sussurros de uma sulista de dezoito anos, nem nobre nem camponesa, recém-convertida às Virtudes da Cavalaria. Muitos cortesãos viram o Embaixador do Ersyr apresentá-la à rainha.

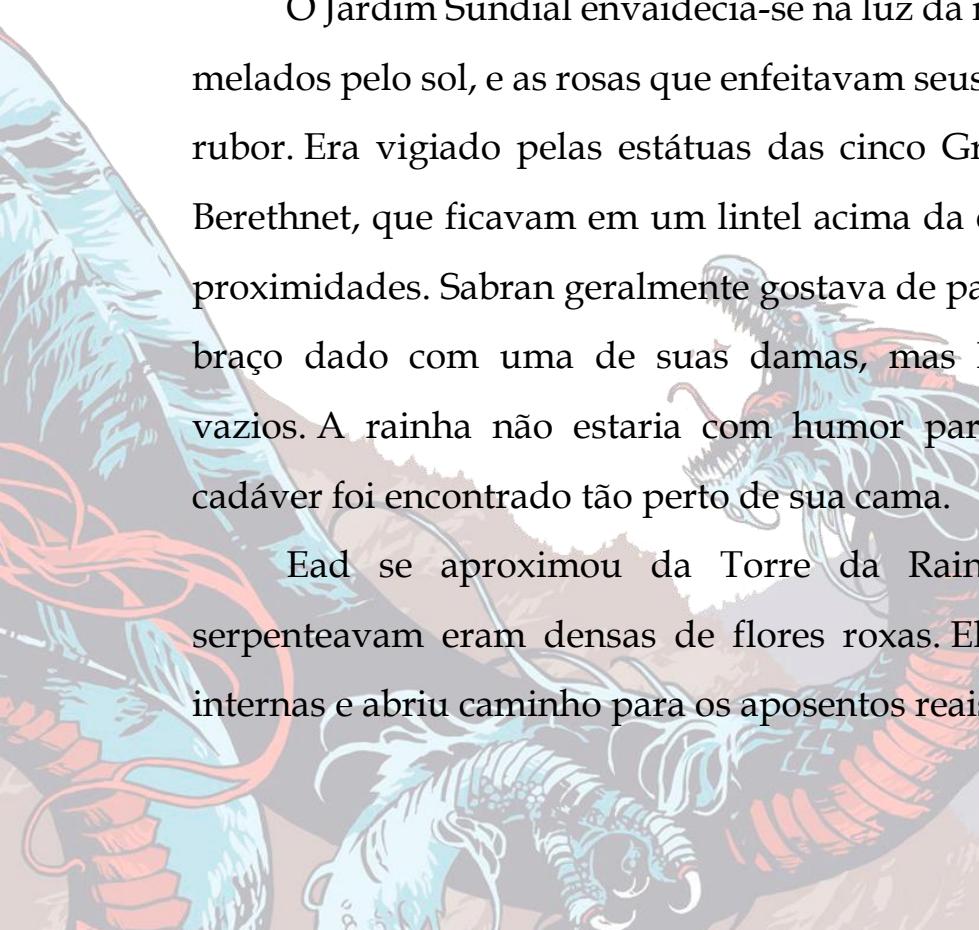
Não trago joias ou ouro para celebrar o Ano Novo, Majestade. Em vez disso, trago uma senhora para sua Casa Superior, disse Chassar. *A lealdade é o maior presente de todos.*

A própria rainha tinha apenas vinte anos. Uma dama de companhia sem sangue ou título nobre era um presente peculiar, mas a cortesia a forçou a aceitar.

Era chamado de Banquete da Sociedade, mas a socialização só ia até certo ponto. Ninguém se aproximou de Ead para dançar naquela noite – ninguém além de Loth. Ombros largos, uma cabeça mais alta do que ela, com pele profundamente negra e um sotaque caloroso do norte. Todos na corte sabiam seu nome. Herdeiro de Goldenbirch, o local de nascimento do Santo, e amigo íntimo da Rainha Sabran.

Senhora Duryan, disse ele, curvando-se, se me desse a honra de uma dança para que eu possa escapar da conversa um tanto monótona do Chanceler do Tesouro, ficaria em dívida com você. Em troca, vou buscar uma jarra do melhor vinho de Ascalon, e a metade será sua. O que me diz?

Ela precisava de um amigo. E uma bebida mais forte. Portanto, embora ele fosse Lorde Arteloth Beck, e embora ela fosse uma estranha para ele, eles



dançaram três pavanes e passaram o resto da noite ao lado da macieira, bebendo e conversando sob as estrelas. Antes que Ead percebesse, uma amizade floresceu.

Agora ele se foi, e havia apenas uma explicação. Loth nunca teria deixado a corte por vontade própria – certamente não sem contar à irmã ou pedir licença a Sabran. A única explicação era que ele havia sido forçado.

Ela e Margret tentaram alertá-lo. Disseram-lhe que sua amizade com Sabran, uma amizade iniciada na infância, acabaria por torná-lo uma ameaça às perspectivas de casamento dela. Que ele devia estar menos familiarizado com ela agora que eram mais velhos.

Loth nunca deu ouvidos à razão.

Ead sacudiu-se para fora de seu devaneio. Ao deixar o claustro, ela se afastou de um grupo de lacaios a serviço da Dama Igrain Crest, a Duquesa da Justiça. Seu distintivo de libré estava bordado em seus tabardos.

O Jardim Sundial envaidecia-se na luz da manhã. Seus caminhos eram melados pelo sol, e as rosas que enfeitavam seus gramados exibiam um leve rubor. Era vigiado pelas estátuas das cinco Grandes Rainhas da Casa de Berethnet, que ficavam em um lintel acima da entrada da Torre Dearn nas proximidades. Sabran geralmente gostava de passear em dias como este, de braço dado com uma de suas damas, mas hoje os caminhos estavam vazios. A rainha não estaria com humor para um passeio quando um cadáver foi encontrado tão perto de sua cama.

Ead se aproximou da Torre da Rainha. As trepadeiras que a serpenteavam eram densas de flores roxas. Ela subiu as muitas escadas internas e abriu caminho para os aposentos reais.

Doze Cavaleiros do Corpo, vestidos com armaduras folheadas a ouro e mantos verdes para o verão, flanqueavam as portas da Câmara Privada. Padrões floridos cobriam as braçadeiras, enquanto o emblema Berethnet ocupava um lugar de destaque em suas couraças. Eles ergueram os olhos bruscamente quando Ead se aproximou.

— Bom dia — ela disse.

O momento de cautela passou, e eles se afastaram para uma Dama da Câmara Privada.

Ead logo encontrou Dama Katryen Withy, sobrinha do duque da Irmandade. Aos vinte e quatro anos, ela era a mais jovem e mais alta das três damas do quarto de dormir, possuía uma pele marrom lisa, lábios carnudos e cabelos crespos e encaracolados de um vermelho tão profundo que era quase preto.

— Senhora Duryan, — ela disse. Como todo mundo no palácio, ela usava verdes e amarelos para o verão. — Sua Majestade ainda está na cama. Você encontrou a lavadeira?

— Sim, minha senhora. — Ead fez uma reverência. — Parece que... deveres para com sua família a distraíram.

— Nenhum dever está acima do nosso serviço à coroa. — Katryen olhou para as portas. — Houve outra intrusão. Desta vez, o patife foi muito menos desajeitado. Ele não apenas alcançou o Grande Quarto de dormir em si — ele tinha uma chave para lá.

— O Grande Quarto de Dormir. — Ead esperava que ela parecesse chocada. — Então, alguém da Casa Alta traiu Sua Majestade.

Katryen assentiu.

— Achamos que ele subiu a escada secreta. Isso teria permitido que ele evitasse a maioria dos Cavaleiros do Corpo e fosse direto para a Câmara Privada. E dado que a Escada Secreta foi selada desde... — ela suspirou. — O Sargento Porter foi demitido por sua negligência. De agora em diante, a porta do Grande Quarto de Dormir *nunca* deve ficar fora de vista.

Ead assentiu.

— O que você gostaria que fizéssemos hoje?

— Eu tenho uma tarefa particular para você. Como você sabe, o embaixador de Mentish, Oscarde utt Zeeleur, chega hoje. Sua filha tem estado um tanto negligente em sua maneira de se vestir ultimamente — Katryen disse, franzindo os lábios. — Dama Truyde sempre esteve arrumada quando veio ao tribunal pela primeira vez, mas agora... ora, ela tinha uma *folha* no cabelo nas orações ontem e esqueceu o cinto no dia anterior. — Ela deu uma longa olhada em Ead. — Você parece saber se vestir de uma maneira adequada à sua posição. Certifique-se de que Dama Truyde também esteja.

— Sim, minha senhora.

— Oh, e Ead, não fale sobre a intrusão. Sua Majestade não deseja semear desconforto na corte.

— Claro.

Quando ela passou pelos guardas uma segunda vez, Ead fitou seus rostos vazios como lousas em branco e lhes deu um olhar cortante.

Ela sabia há muito tempo que alguém da casa estava deixando assassinos entrarem no palácio. Agora que alguém lhes dera a chave para se aproximar da Rainha de Inys enquanto ela dormia...

Ead pretendia descobrir quem.



A Casa de Berethnet, como a maioria das casas reais, tinha seu quinhão de mortes prematuras. Glorian, a Primeira, bebeu de uma taça de vinho envenenada. Jillian a Terceira governou por apenas um ano antes de ser apunhalada no coração por um de seus próprios servos. A própria mãe de Sabran, Rosarian a Quarta, foi morta por um vestido enfeitado com veneno de basilisco. Ninguém sabia como a vestimenta havia entrado no Guarda-Roupa Privado, mas suspeitava-se de traição.

Agora os assassinos estavam de volta para o último rebento da Casa de Berethnet. Eles se aproximavam da rainha a cada tentativa de assassinato. Um se entregou ao derrubar um busto. Outra foi vista quando ela entrou furtivamente na Galeria Horn, e outro ainda gritou coisas odiosas nas portas da Torre da Rainha até que os guardas o alcançaram. Nenhuma conexão foi encontrada entre os supostos assassinos, mas Ead tinha certeza de que eles compartilhavam o único mestre. Alguém que conhecia bem o palácio. Alguém que poderia ter roubado a chave, feito uma cópia e devolvido no espaço de um dia. Alguém que sabia como abrir a escada secreta, que estava trancada desde a morte da rainha Rosarian.

Se Ead fosse uma das Damas do Quarto de Dormir, alguém íntimo e de confiança, proteger Sabran seria mais fácil. Ela esperava por uma chance no cargo desde sua chegada em Inys, mas ela estava começando a aceitar

que nunca seria. Uma convertida sem título não era uma candidata adequada.

Ead encontrou Truyde na Câmara do Cofre, onde as damas de honra dormiam. Doze camas estavam lado a lado. Seus aposentos eram mais espaçosos aqui do que em qualquer um dos outros palácios, mas desconfortáveis para meninas nascidas em famílias nobres.

As damas de honra mais jovens estavam brincando com travesseiros, rindo, mas pararam imediatamente quando Ead entrou. A criada que ela procurava ainda estava na cama.

Dama Truyde, Marquesa de Zeeleur, era uma jovem séria, pálida como leite e sardenta, com olhos negros como osso. Ela fora enviada para Inys aos quinze, dois anos atrás, para aprender os modos da corte até que herdasse o Ducado de Zeeleur de seu pai. Havia uma vigilância sobre ela que fazia Ead se lembrar de um pardal. Ela costumava ser encontrada na Sala de Leitura, no meio das escadas ou folheando livros com páginas esfareladas.

— Dama Truyde — disse Ead, e fez uma reverência.

— O que é? — a garota respondeu, parecendo entediada. Seu sotaque ainda era forte como coalhada.

— Dama Katryen me pediu para ajudá-la a se vestir — disse Ead. — Se isso lhe agradar.

— Eu tenho dezessete anos, Senhora Duryan, e posso inteligência suficiente para me vestir.

As outras criadas inspiraram fundo.

— Receio que Dama Katryen pense o contrário — disse Ead calmamente.

— Dama Katryen está enganada.

Mais suspiros. Ead se perguntou se ainda havia ar no quarto.

— Senhoras —, disse ela às meninas — encontrem um criado e peçam que a pia seja enchida, por favor.

Elas foram. Não com reverências. Ead as superava na hierarquia da casa, mas elas eram nascidas nobres.

Truyde olhou para a luz de chumbo por alguns momentos antes de se levantar. Ela se deitou no banquinho ao lado da pia.

— Perdoe-me, Senhora Duryan, — ela disse. — Estou mal-humorada hoje. O sono me iludiu ultimamente. — Ela cruzou as mãos no colo. — Se Dama Katryen desejar, você pode me ajudar a me vestir.

Ela parecia cansada. Ead foi aquecer um pouco de linho ao lado do fogo. Depois que um servo trouxe água, ela ficou atrás de Truyde e juntou seus cachos abundantes. Em cascata até a cintura, eles eram o verdadeiro vermelho da garança. Esse tipo de cabelo era comum no Estado Livre de Mentendon, que ficava do outro lado do Estreito de Swan, mas incomum em Inys.

Truyde lavou o rosto. Ead esfregou o cabelo com creme de graal, depois enxagou e penteou cada emaranhado. Durante tudo isso, a garota não disse nada.

— Você está bem, minha senhora?

— Muito bem. — Truyde torceu o anel em seu polegar, revelando a mancha verde embaixo. — Somente... irritada com as outras criadas e suas

fofocas. Diga-me, Senhora Duryan, você ouviu alguma coisa sobre o Mestre Triam Sulyard, que era escudeiro de Sir Marke Birchen?

Ead afagou o cabelo de Truyde com o linho aquecido.

— Não muito — disse ela. — Só que ele saiu do tribunal no inverno sem permissão e que tinha dívidas de jogo. Por quê?

— As outras garotas falam sem parar de sua ausência, inventando histórias malucas. Eu esperava silenciá-las.

— Lamento desapontá-la.

Truyde ergueu os olhos sob os cílios ruivos.

— Você já foi uma dama de honra.

— Sim. — Ead torceu o linho. — Por quatro anos, depois que o embaixador uq-Ispad me trouxe a corte.

— E então você foi promovida. Talvez a rainha Sabran um dia me torne uma Dama da Câmara Privada também — Truyde meditou. — Então eu não teria que dormir nesta gaiola.

— Todo o mundo está em uma gaiola para os olhos de uma jovem.

— Ead colocou a mão em seu ombro. — Vou buscar o seu vestido.

Truyde foi se sentar ao lado do fogo e pentear o cabelo com os dedos. Ead a deixou secar.

Do lado de fora do quarto, Dama Oliva Marchyn, Mãe das Donzelas, estava incitando seus ataques com aquela voz nasal. Quando ela viu Ead, ela disse rigidamente:

— Senhora Duryan.

Ela enunciou o nome como se fosse uma aflição. Ead esperava isso de alguns membros da corte. Afinal, ela era uma sulista, nascida fora da Virtudom, e isso deixava os Inysh desconfiados.

— Dama Oliva — disse ela calmamente. — Dama Katryen me enviou para ajudar a vestir Dama Truyde. Posso pegar com o vestido dela?

— Hm. Me siga. — Oliva a conduziu por outro corredor. Uma mecha de cabelo grisalho escapou de sua touca. — Eu gostaria que aquela garota comesse. Ela murchará como uma flor no inverno.

— Há quanto tempo ela está sem apetite?

— Desde a festa do início da primavera. — Oliva lançou-lhe um olhar desdenhoso. — Faça ela parecer bem. Seu pai ficará zangado se achar que a criança está subnutrida.

— Ela não está doente?

— Eu conheço os sinais de doença, senhora.

Ead sorriu um pouco.

— Doença de amor, então?

Oliva franziu os lábios.

— Ela é uma dama de honra. E não terei fofoca na Câmara do Cofre.

— Perdão, minha senhora. Foi uma brincadeira.

— Você é a dama de companhia da rainha Sabran, não a boba da corte dela.

Com uma fungada, Oliva tirou o vestido da prensa e o entregou. Ead fez uma reverência e se retirou.

Sua própria alma abominava aquela mulher. Os quatro anos que passou como dama de honra foram os mais miseráveis de sua vida. Mesmo

depois de sua conversão pública às Seis Virtudes, sua lealdade à Casa de Berethnet ainda havia sido questionada.

Ela se lembrava de estar deitada em sua cama dura na Câmara do Cofre, com os pés doloridos, ouvindo as outras garotas rirem sobre seu sotaque sulista e especular sobre o tipo de heresia que ela deve ter praticado em Ersyr. Oliva nunca disse uma palavra para detê-las. Em seu coração, Ead sabia que isso passaria, mas machucou seu orgulho: ser ridicularizada. Quando uma vaga foi aberta na Câmara Privada, a Mãe das Donzelas ficou muito feliz em se livrar dela. Ead deixou de dançar para a rainha e passou a esvaziar as pias e arrumar os aposentos reais. Ela tinha seu próprio quarto e um salário melhor agora.

Na Câmara do Cofre, Truyde estava em um novo turno. Ead ajudou-a a vestir um espartilho e uma anágua de verão, depois um vestido de seda preta com mangas bufantes e uma partícula de renda. Um broche mostrando o escudo de seu patrono, o Cavaleiro da Coragem, brilhava sobre seu coração. Todos os filhos de Virtudom escolhiam seu cavaleiro patrono quando completaram doze anos.

Ead também usava um. Um feixe de trigo para generosidade. Ela havia recebido o dela em sua conversão.

— Senhora —, disse Truyde — as outras damas de honra dizem que você é uma herege.

— Eu faço minhas orações no santuário, — disse Ead. — Ao contrário de algumas daquelas damas de honra.

Truyde observou seu rosto.

— Ead Duryan é realmente o seu nome? — ela perguntou de repente. — Não soa Ersyri aos meus ouvidos.

Ead pegou um rolo de fita dourada.

— Você fala Ersyri, então, minha senhora?

— Não, mas li histórias do país.

— Leitura — disse Ead levemente. — Um passatempo perigoso.

Truyde ergueu os olhos para ela, olhos penetrantes.

— Você zomba de mim.

— De jeito nenhum. Há um grande poder nas histórias.

— Todas as histórias nascem de uma semente da verdade — disse

Truyde. — Elas são conhecimento após figuração.

— Então, acredito que você usará seu conhecimento para o bem.

— Ead deslizou os dedos pelos cachos vermelhos. — Já que você perguntou: não, não é meu nome verdadeiro.

— Eu pensei que não. Qual é o seu nome verdadeiro?

Ead puxou duas mechas de cabelo para trás e as trançou com a fita.

— Ninguém aqui nunca o ouviu.

Truyde ergueu as sobrancelhas.

— Nem mesmo Sua Majestade?

— Não. — Ead virou a garota para encará-la. — A Mãe das Donzelas se preocupa com a sua saúde. Tem certeza de que está bem? — Truyde hesitou. Ead colocou a mão dela em seu braço. — Você conhece um segredo meu. Estamos vinculadas por um voto de silêncio. Você está grávida, é isso?

Truyde enrijceu.

— Eu não estou.

— Então, o que é?

— Não é da sua conta. Eu tenho um estômago delicado, isso é tudo, desde...

— Desde que Mestre Sulyard saiu.

Truyde parecia como se ela a tivesse golpeado.

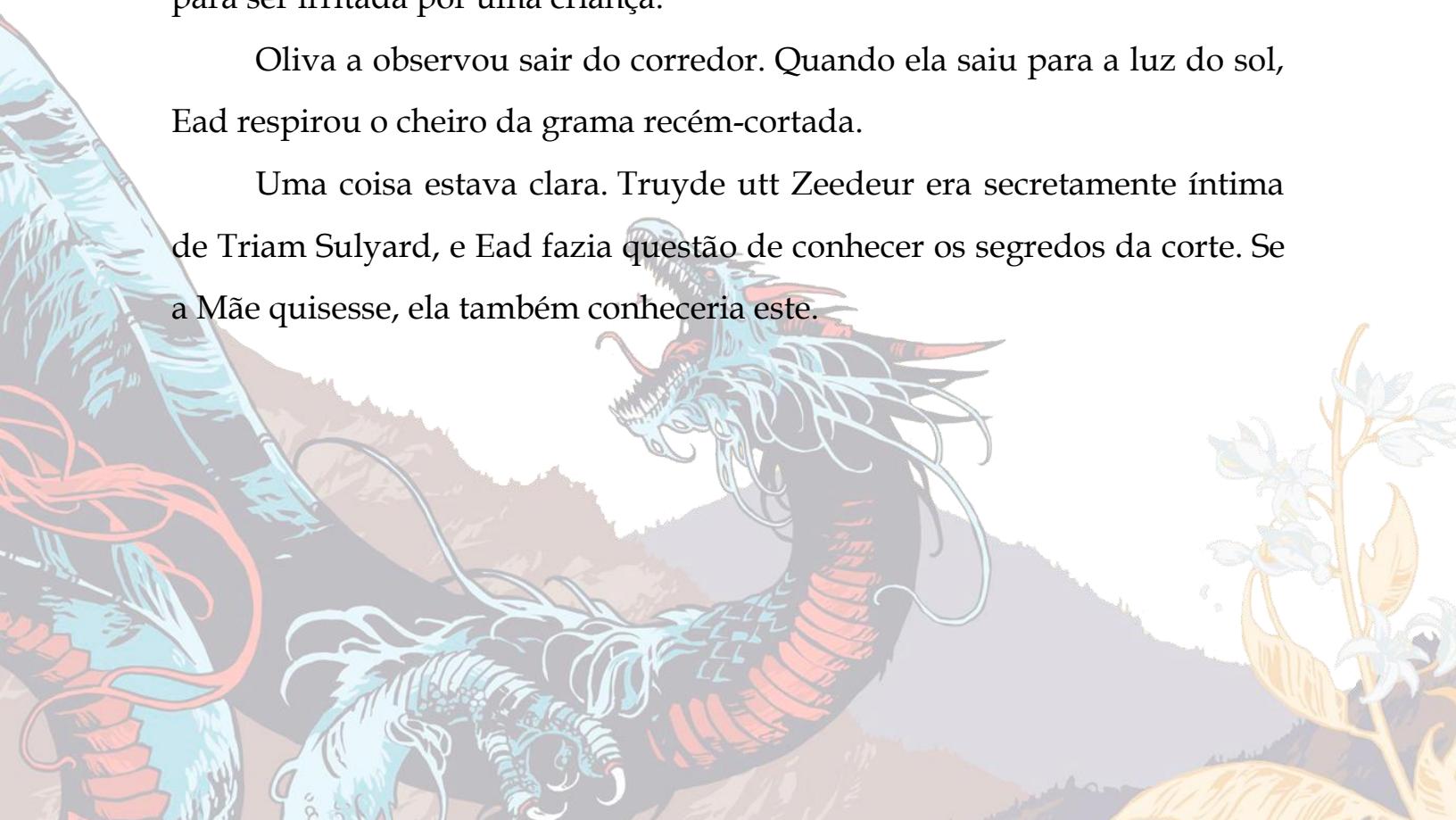
— Ele foi embora na primavera — disse Ead. — Dama Oliva disse que você teve pouco apetite desde então.

— Você presume muito, Senhora Duryan. Muito longe. — Truyde se afastou dela, as narinas dilatadas. — Eu sou Truyde de Zeedeur, sangue de Vatten, Marquesa de Zeedeur. A mera ideia de que iria me rebaixar ao cio com algum escudeiro de origem humilde... — ela se virou de costas. — Saia da minha frente ou direi a Dama Oliva que você está espalhando mentiras sobre uma dama de honra.

Ead sorriu brevemente e recuou. Ela estava na corte por muito tempo para ser irritada por uma criança.

Oliva a observou sair do corredor. Quando ela saiu para a luz do sol, Ead respirou o cheiro da grama recém-cortada.

Uma coisa estava clara. Truyde utt Zeedeur era secretamente íntima de Triam Sulyard, e Ead fazia questão de conhecer os segredos da corte. Se a Mãe quisesse, ela também conheceria este.



Capítulo 3

Leste

O amanhecer se abriu como o ovo de uma garça sobre Seiki. Uma luz pálida entrou no quarto. As venezianas foram abertas pela primeira vez em oito dias.

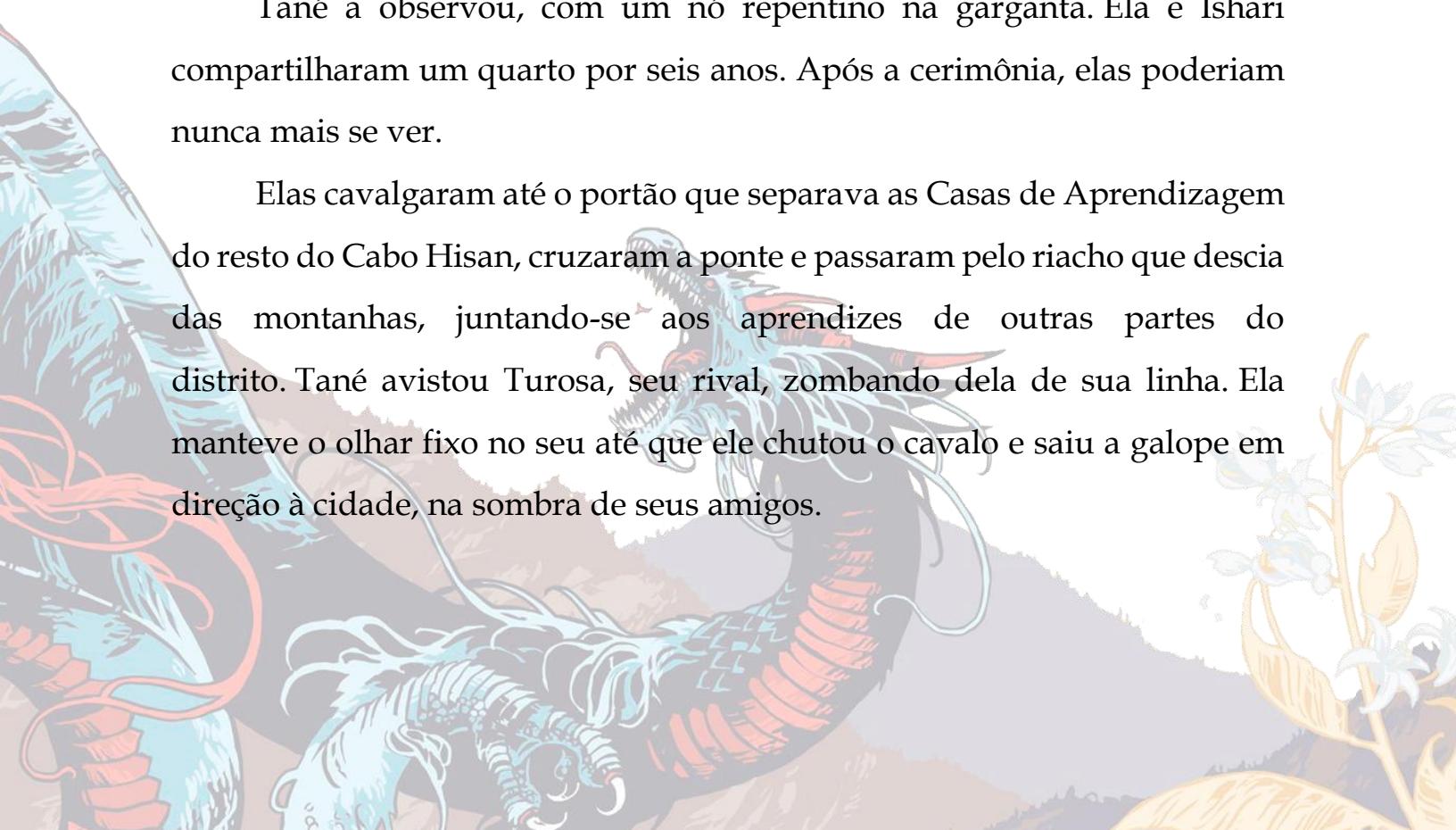
Tané olhou para o teto com olhos crus. Ela tinha estado inquieta a noite toda, alternando entre calor e frio.

Ela nunca mais acordaria neste quarto. O Dia da Escolha havia chegado. O dia que ela esperava desde que era criança, e arriscou, como uma idiota, quando decidiu quebrar a reclusão. Ao pedir a Susa para esconder o forasteiro em Orisima, ela também arriscou a vida de ambas.

Seu estômago se revirou como um moinho d'água. Ela pegou o uniforme e a bolsa de lavagem, passou por Ishari adormecida e saiu furtivamente do quarto.

A Casa Sul ficava no sopé do Mandibula de Urso, a cordilheira que se erguia sobre o Cabo Hisan. Junto com as outras três Casas de Aprendizado, era usada para treinar aprendizes para a Guarda do Mar Superior. Tané vivia em seus corredores desde os três anos.

Sair era como entrar em um forno. O calor envernizou sua pele e fez seu cabelo parecer mais espesso.



Seiiki tinha um cheiro. O perfume do cerne nas árvores, desbloqueado pela chuva, e o verde em cada folha. Normalmente Tané achava isso calmante, mas nada a confortaria hoje.

As fontes termais fumegavam na névoa da manhã. Tané tirou o robe de dormir, entrou na fonte mais próxima e se esfregou com um punhado de farelo. À sombra das ameixeiras, ela vestiu seu uniforme e penteou os longos cabelos para o lado do pescoço, de modo que o dragão azul pudesse ser visto em sua túnica. Quando ela entrou, havia movimento nas salas.

Ela tomou um pequeno café da manhã com chá e caldo. Alguns aprendizes lhe desejaram sorte ao passar.

Quando chegou a hora, ela foi a primeira a partir.

Lá fora, os criados esperavam com cavalos. Em uníssono, eles se curvaram. Enquanto Tané montava em seu corcel, Ishari saiu correndo da casa, parecendo confusa, e subiu em sua sela.

Tané a observou, com um nó repentina na garganta. Ela e Ishari compartilharam um quarto por seis anos. Após a cerimônia, elas poderiam nunca mais se ver.

Elas cavalgaram até o portão que separava as Casas de Aprendizagem do resto do Cabo Hisan, cruzaram a ponte e passaram pelo riacho que descia das montanhas, juntando-se aos aprendizes de outras partes do distrito. Tané avistou Turosa, seu rival, zombando dela de sua linha. Ela manteve o olhar fixo no seu até que ele chutou o cavalo e saiu a galope em direção à cidade, na sombra de seus amigos.

Tané olhou por cima do ombro uma última vez, observando as colinas verdejantes e as silhuetas dos lariços contra o céu azul claro. Então ela alinhou seu olhar para o horizonte.



Foi uma lenta procissão através do cabo Hisan. Muitos cidadãos acordaram cedo para ver os aprendizes cavalgando para o templo. Eles jogaram flores de sal nas ruas e preencheram todos os caminhos, esticando o pescoço para ver aqueles que logo poderiam ser escolhidos por deus. Tané tentou se concentrar no calor do cavalo, na batida de seus cascos – qualquer coisa que a impedisse de pensar no forasteiro.

Susa concordou em levar o homem Inysh para Orisima. Claro que ela concordaria. Ela faria qualquer coisa por Tané, assim como Tané faria qualquer coisa por ela.

Acontece que Susa uma vez teve uma ligação com um dos sentinelas do entreposto comercial, que estava ansioso para reconquistá-la. Com o portão de desembarque destrancado, Susa planejava nadar até lá com o forasteiro e entregá-lo ao cirurgião mestre da Orisima, com a promessa vazia de prata se ele cooperasse. O homem aparentemente tinha dívidas de jogo.

Se o invasor tivesse a doença vermelha, ficaria preso em Orisima. Terminada a cerimônia, Susa o denunciaria anonimamente ao governador do Cabo Hisan. O cirurgião seria açoitado quando encontrassem o homem em sua casa, mas Tané duvidava que ele fosse morto – isso colocaria em risco a aliança com o Estado Livre de Mentendon. Se a tortura

afrouxasse sua língua, o invasor poderia contar às autoridades sobre as duas mulheres que intervieram na noite de sua chegada, mas ele teria pouco tempo para defender sua causa. Ele seria colocado na espada para conter qualquer risco de doença vermelha.

O pensamento fez Tané olhar para as próprias mãos, onde a erupção apareceria primeiro. Ela não havia tocado sua pele, mas chegar a qualquer lugar perto dele tinha sido um risco terrível. Um momento de verdadeira loucura. Se Susa tivesse contraído a doença vermelha, ela nunca se perdoaria.

Susa tinha arriscado tudo para garantir que hoje fosse como Tané sempre sonhou. Sua amiga não questionava seus escrúpulos ou sua sanidade. Apenas concordava que ela iria ajudar.

Os portões do Grande Templo do Cabo foram abertos pela primeira vez em uma década. Eles eram flanqueados por duas estátuas colossais de dragões, bocas abertas em rugidos eternos. Quarenta cavalos trotavam entre eles. Uma vez feito de madeira, o templo foi totalmente queimado durante a Grande Tristeza e posteriormente reconstruído com pedra. Centenas de arandelas de vidro azul pingavam de seus beirais, exalando luz fria. Pareciam flutuadores de pesca.

Tané desmontou e caminhou ao lado de Ishari em direção ao portão de madeira flutuante. Turosa alinhou-se com elas.

— Que o grande Kwiriki sorria para você hoje, Tané — disse ele. — Seria uma pena se um aprendiz de sua posição fosse enviado para a Ilha das Penas.

— Essa seria uma vida respeitável — disse Tané ao entregar seu cavalo a um cavalariço.

— Sem dúvida, você vai dizer isso a si mesma quando viver isso.

— Talvez você também, honorável Turosa.

O canto de sua boca se contraiu antes dele avançar para se juntar aos seus amigos da Casa do Norte.

— Ele deveria falar com você com mais respeito — murmurou Ishari. — Dumu diz que você tem uma pontuação melhor do que ele na maioria dos combates.

Tané não disse nada. Seus braços formigavam. Ela era a melhor em sua casa, mas Turosa também era na dele.

Uma fonte esculpida na imagem do grande Kviriki, o primeiro dragão a levar um cavaleiro humano, ficava no pátio externo do templo. Água salgada jorrava de sua boca. Tané lavou as mãos nela e colocou uma gota nos lábios.

Tinha gosto de pureza.

— Tané — disse Ishari — espero que tudo corra como você deseja.

— Eu espero o mesmo para você. — Todos desejavam o mesmo resultado. — Você foi a última a sair de casa.

— Acordei tarde. — Ishari realizava suas próprias ablucções. — Eu pensei ter ouvido as telas em nosso quarto abrindo ontem à noite. Isso me perturbou... Eu não consegui dormir de novo por um tempo. Você saiu do quarto?

— Não. Talvez tenha sido nosso professor.

— Sim, talvez.

Elas seguiram para o vasto pátio interno, onde o sol iluminava os telhados.

Um homem de bigode comprido estava no alto da escada com um elmo debaixo do braço. Seu rosto era bronzeado e desgastado. Vestido com mangas blindadas e manoplas, uma couraça leve sobre um casaco do azul mais escuro e uma sobrecasaca de veludo preto e seda com brocado de ouro, ele era claramente uma pessoa de alta patente e um soldado.

Por um momento, Tané esqueceu seu medo. Ela era uma criança novamente, sonhando com dragões.

Este homem era o honrado General do Mar de Seiiki. Chefe do Clã Miduchi, a dinastia dos dragões, uma dinastia unida não por sangue, mas por um propósito. Tané queria ter esse nome.

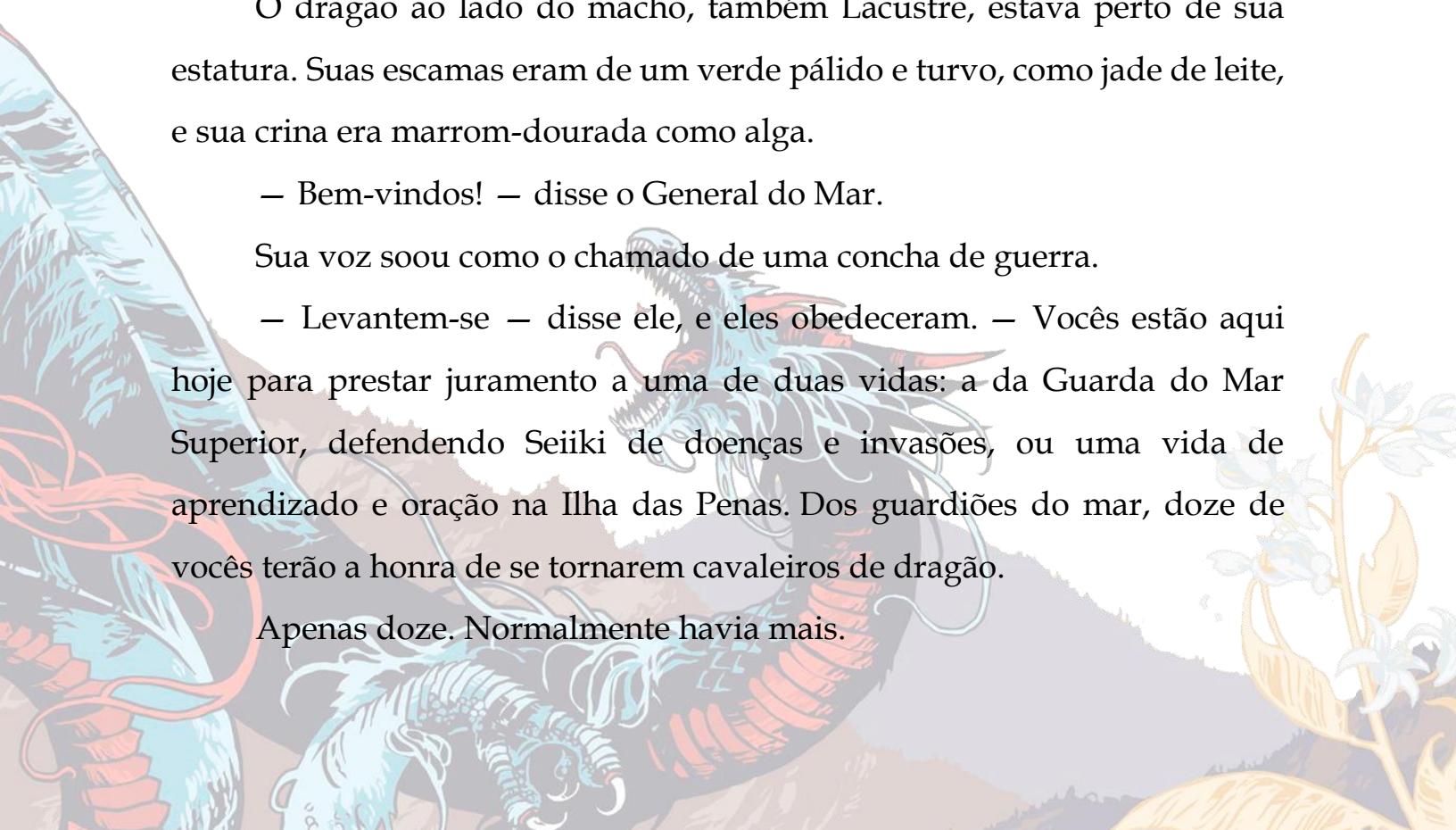
Ao chegar aos degraus, os aprendizes formaram duas fileiras, ajoelharam-se e encostaram a testa no chão. Tané podia ouvir a respiração de Ishari. Ninguém se levantou. Ninguém se mexeu.

A escama raspou na pedra. Cada tendão de seu corpo pareceu apertar.

Ela ergueu os olhos.

Havia oito deles. Ela passou anos orando diante de estátuas de dragões, estudando-as e observando-as à distância, mas nunca as tinha visto tão de perto.

Seu tamanho era de tirar o fôlego. A maioria era Seiikinês, com peles prateadas e formas flexíveis em forma de chicote. Corpos impossivelmente longos sustentavam suas cabeças esplêndidas, e cada um deles tinha quatro pernas musculosas, terminando em pés com três garras. Longos barbillhões saíam de seus rostos e se arrastavam como linhas de pipas. A maioria era



bem jovem, talvez com quatrocentos anos, mas vários carregavam cicatrizes da Grande Tristeza. Todos estavam cobertos de escamas e rodeados de marcas de ventosas – lembranças de suas lutas com a Grande Lula.

Dois deles possuíam um quarto dedo do pé. Esses eram dragões do Império dos Doze Lagos. Um deles, um macho, tinha asas. A maioria dos dragões não tinha asas e voava por meio de um órgão em suas cabeças, que os estudiosos chamavam de *coroa*. Os poucos que criavam asas só as tinham depois de pelo menos dois mil anos de vida.

O dragão alado era o maior. Se Tané tivesse se esticado até a altura máxima, ela poderia nem mesmo conseguir alcançar entre o focinho e os olhos. Embora suas asas parecessem frágeis como seda de aranha, eram fortes o suficiente para provocar um tufão. Tané viu a bolsa embaixo de seu queixo. Como ostras, os dragões podiam fazer pérolas, uma na vida. Ela nunca saia da bolsa.

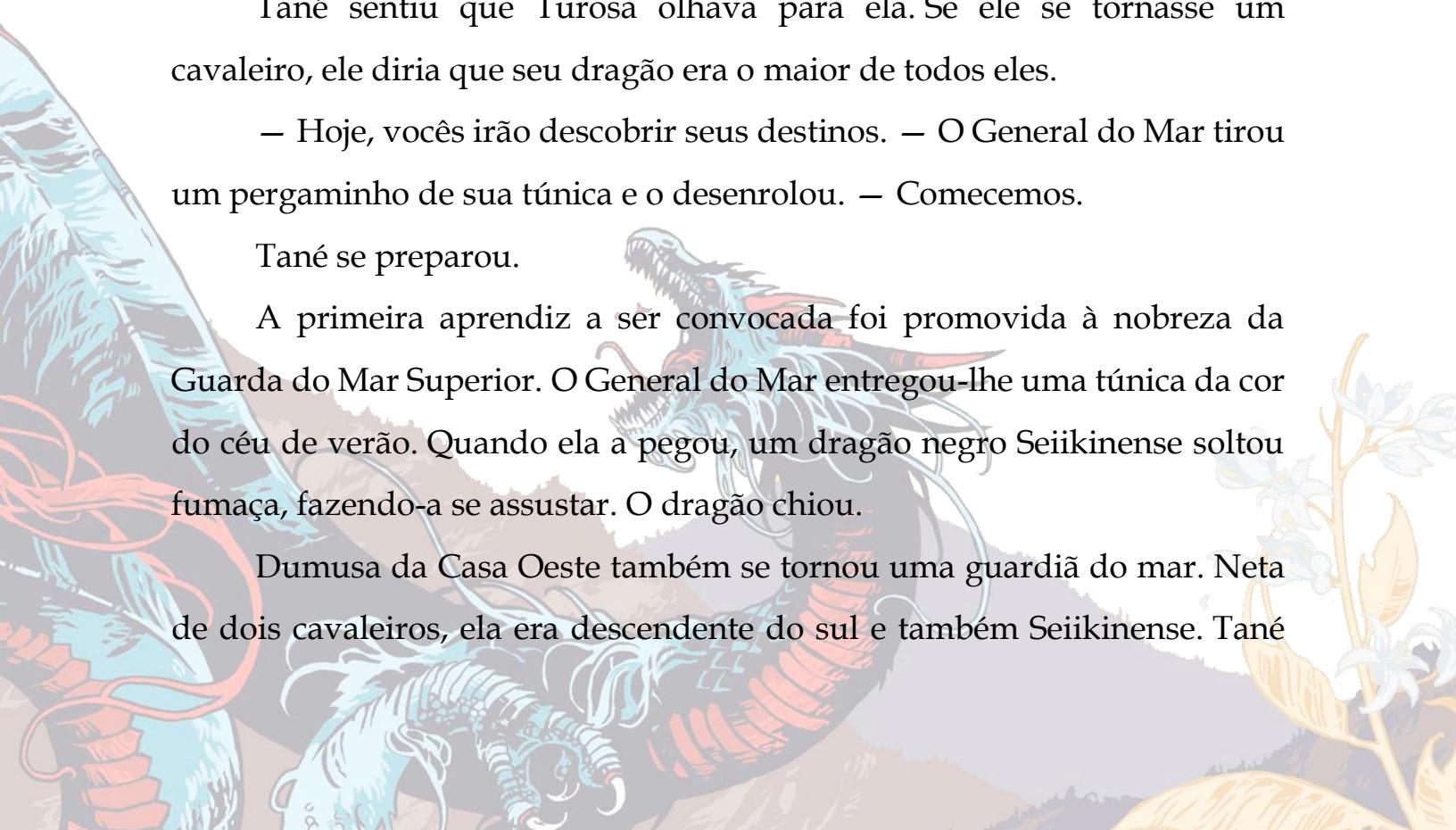
O dragão ao lado do macho, também Lacustre, estava perto de sua estatura. Suas escamas eram de um verde pálido e turvo, como jade de leite, e sua crina era marrom-dourada como alga.

— Bem-vindos! — disse o General do Mar.

Sua voz soou como o chamado de uma concha de guerra.

— Levantem-se — disse ele, e eles obedeceram. — Vocês estão aqui hoje para prestar juramento a uma de duas vidas: a da Guarda do Mar Superior, defendendo Seiiki de doenças e invasões, ou uma vida de aprendizado e oração na Ilha das Penas. Dos guardiões do mar, doze de vocês terão a honra de se tornarem cavaleiros de dragão.

Apenas doze. Normalmente havia mais.



— Como vocês sabem, — disse o General do Mar — não houve incubação de ovos de dragão nos últimos dois séculos. Vários dragões também foram capturados pela Frota do Olho do Tigre, que continua seu comércio repulsivo de carne de dragão sob a tirania da chamada Imperatriz Dourada.

Cabeças inclinaram-se.

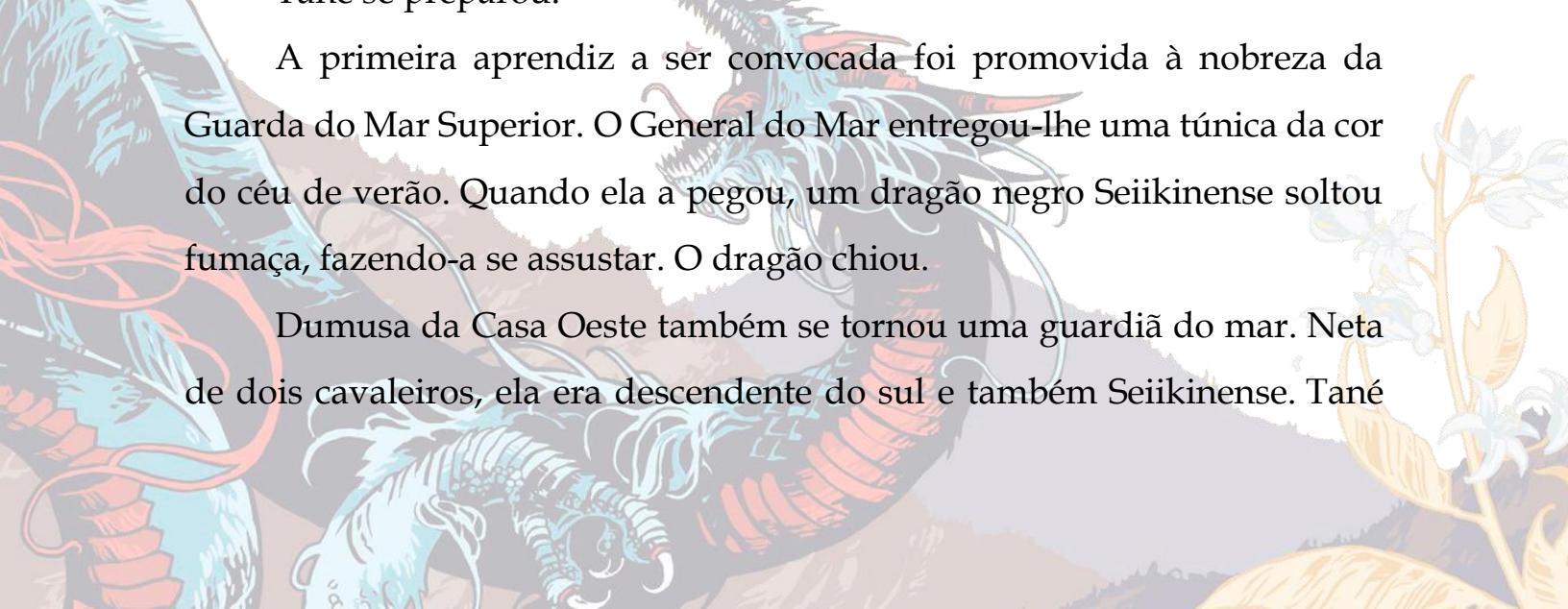
— Para reforçar nossas fileiras, temos a honra de receber esses dois grandes guerreiros do Império dos Doze Lagos. Espero que isso signifique uma amizade mais estreita com nossos aliados do norte.

O General do Mar inclinou a cabeça na direção dos dois dragões Lacustres. Eles não estariam tão acostumados com o mar quanto os dragões Seiikinenses, já que preferiam viver em rios e outros corpos de água doce — mas dragões de ambos os países lutaram lado a lado na Grande Tristeza, e eles tinham ancestrais em comum.

Tané sentiu que Turosa olhava para ela. Se ele se tornasse um cavaleiro, ele diria que seu dragão era o maior de todos eles.

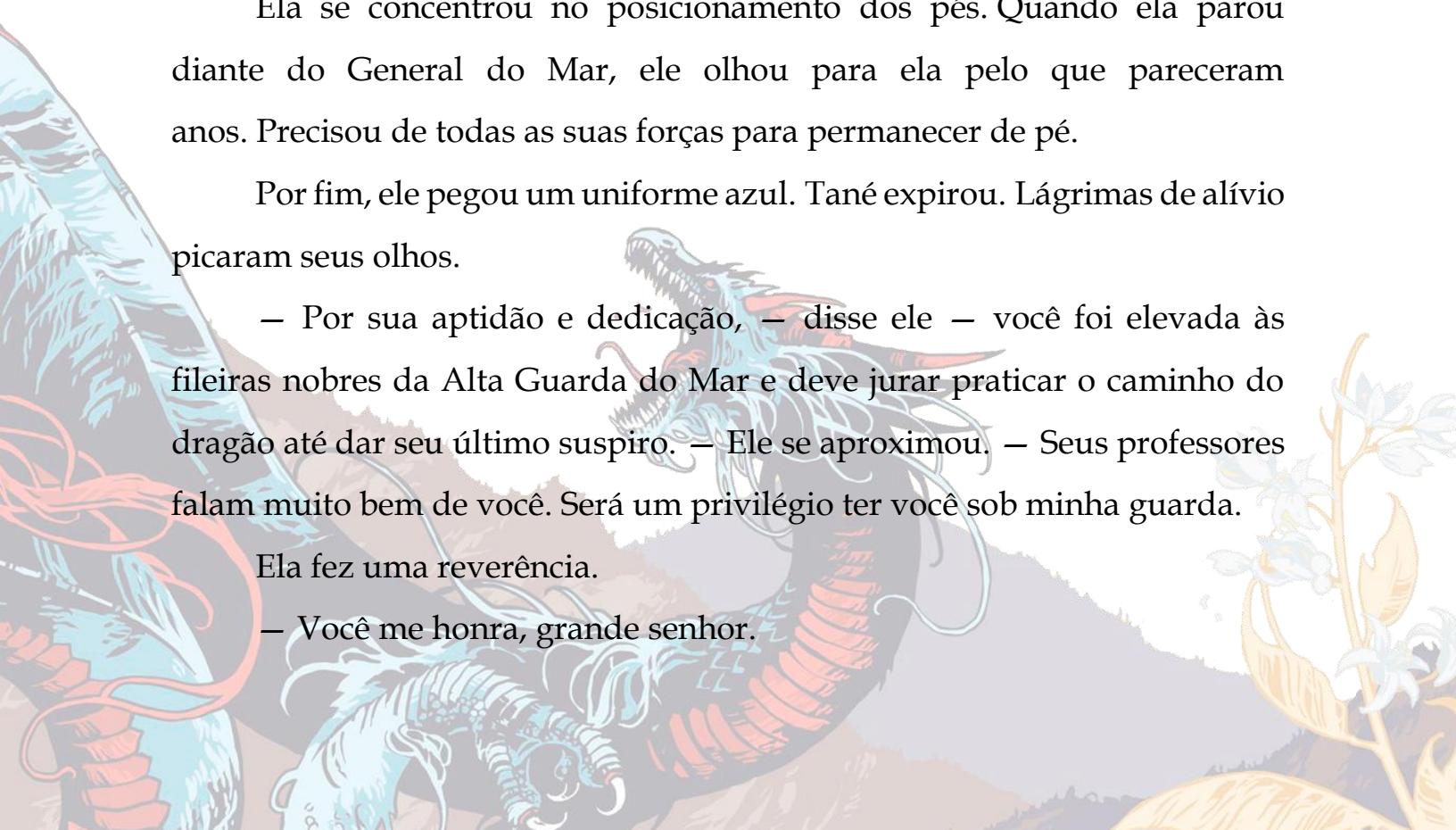
— Hoje, vocês irão descobrir seus destinos. — O General do Mar tirou um pergaminho de sua túnica e o desenrolou. — Comecemos.

Tané se preparou.



A primeira aprendiz a ser convocada foi promovida à nobreza da Guarda do Mar Superior. O General do Mar entregou-lhe uma túnica da cor do céu de verão. Quando ela a pegou, um dragão negro Seiikinense soltou fumaça, fazendo-a se assustar. O dragão chiou.

Dumusa da Casa Oeste também se tornou uma guardiã do mar. Neta de dois cavaleiros, ela era descendente do sul e também Seiikinense. Tané



observou-a aceitar seu novo uniforme, fazer uma reverência ao General do Mar e ocupar seu lugar ao seu lado direito.

O próximo aprendiz se tornou o primeiro a se juntar às fileiras dos estudiosos. Sua seda era de um vermelho profundo de amora, e seus ombros tremiam quando ele se curvou. Tané sentiu a tensão nos outros aprendizes, repentina como uma correnteza.

Turosa foi para a Guarda do Mar Superior, é claro. Pareceu uma vida inteira antes que ela ouvisse seu próprio nome:

— A honorável Tané, da Casa Sul.

Tané deu um passo à frente.

Os dragões a observavam. Dizia-se que eles podiam ver os segredos mais profundos de uma alma, pois os seres humanos eram feitos de água e toda a água era deles.

E se eles pudessem ver o que ela fez?

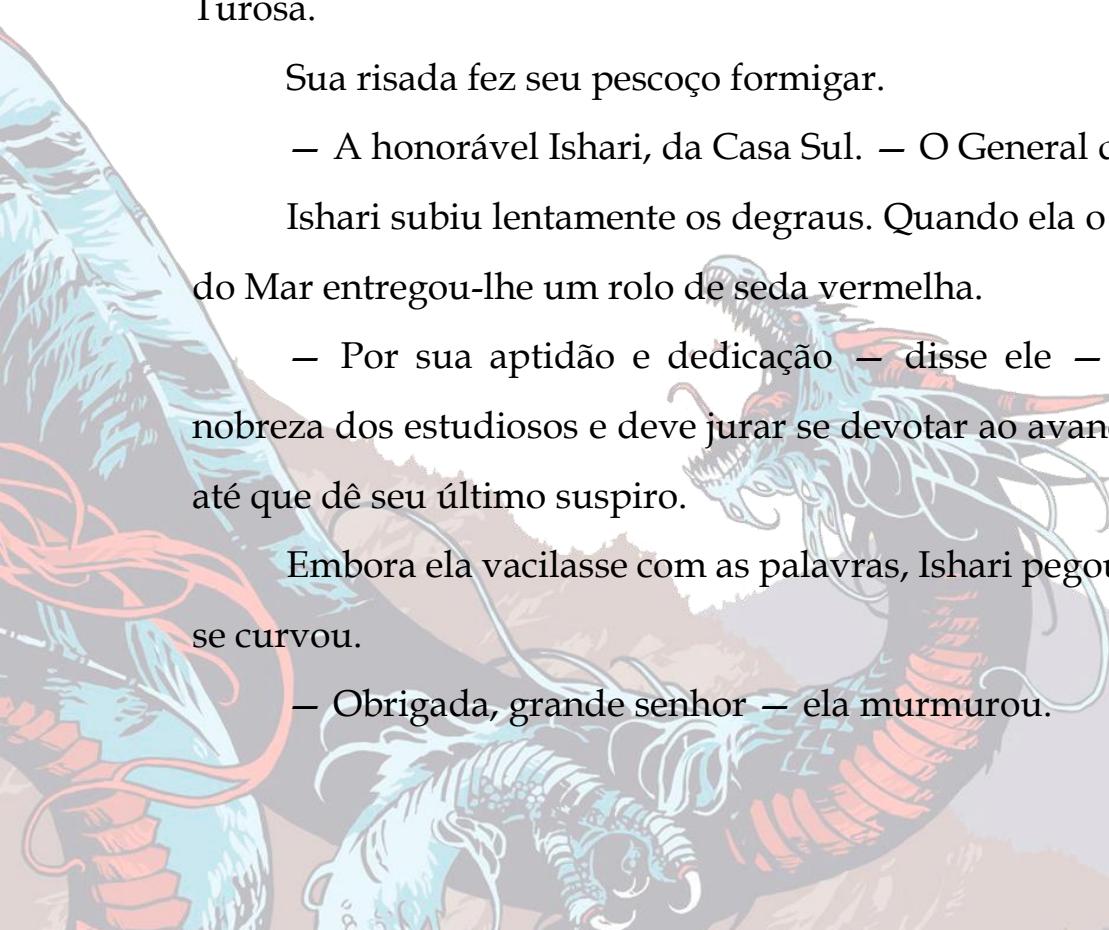
Ela se concentrou no posicionamento dos pés. Quando ela parou diante do General do Mar, ele olhou para ela pelo que pareceram anos. Precisou de todas as suas forças para permanecer de pé.

Por fim, ele pegou um uniforme azul. Tané expirou. Lágrimas de alívio picaram seus olhos.

— Por sua aptidão e dedicação, — disse ele — você foi elevada às fileiras nobres da Alta Guarda do Mar e deve jurar praticar o caminho do dragão até dar seu último suspiro. — Ele se aproximou. — Seus professores falam muito bem de você. Será um privilégio ter você sob minha guarda.

Ela fez uma reverência.

— Você me honra, grande senhor.



O General do Mar sorriu.

Tané se juntou aos quatro aprendizes em seu lado direito em um estupor de felicidade, o sangue correndo como água sobre seixos. Quando o próximo candidato deu um passo à frente, Turosa sussurrou em seu ouvido:

— Então você e eu vamos nos enfrentar nas provas de água. — Seu hálito cheirava a leite. — Bom.

— Será um prazer lutar contra um guerreiro com sua habilidade, honorável Turosa — disse Tané calmamente.

— Eu vejo através de sua máscara, palhaça da aldeia. Eu vejo o que está em seu coração. É igual ao que está no meu. Ambição. — Ele fez uma pausa quando um dos homens foi enviado para se juntar ao outro lado. — A diferença é o que eu sou e o que você é.

Tané olhou para ele.

— Você está em pé de igualdade com tudo o que eu sou, honorável Turosa.

Sua risada fez seu pescoço formigar.

— A honorável Ishari, da Casa Sul. — O General do Mar chamou.

Ishari subiu lentamente os degraus. Quando ela o alcançou, o General do Mar entregou-lhe um rolo de seda vermelha.

— Por sua aptidão e dedicação — disse ele — você foi elevada à nobreza dos estudiosos e deve jurar se devotar ao avanço do conhecimento até que dê seu último suspiro.

Embora ela vacilasse com as palavras, Ishari pegou o pacote de pano e se curvou.

— Obrigada, grande senhor — ela murmurou.



Tané a observou ir para a esquerda.

Ishari devia estar perturbada. Ainda assim, ela ainda poderia se dar bem na Ilha das Penas, e ela poderia eventualmente retornar a Seiiki como uma professora mestre.

— É uma pena — disse Turosa. — Ela não era sua amiga?

Tané mordeu a língua.

A aprendiz principal da Casa Leste juntou-se a eles em seguida. Onren era baixa e forte, seu rosto marrom bronzeado pelo sol e salpicado de sardas. Cabelos grossos caíam sobre os ombros, secos pela água salgada e quebradiços nas pontas. Conchas de sangue escureciam seus lábios.

— Tané — disse ela, ocupando o lugar ao lado dela. — Parabéns.

— E para você, Onren.

Elas eram as únicas aprendizes que se levantavam sem falta a cada amanhecer para nadar, e uma espécie de amizade havia surgido a partir dessa base. Tané não tinha dúvidas de que Onren também havia dado ouvidos aos boatos e fugido para mergulhar mais uma vez antes da cerimônia.

O pensamento perturbou Tané. O Cabo Hisan era recortado por pequenas enseadas, mas o destino a fizera escolher aquele por onde o estranho havia chegado.

Onren olhou para sua seda azul. Como Tané, ela vinha de um lar pobre.

— Eles são maravilhosos — ela sussurrou, acenando para os dragões. — Suponho que você espera ser um dos doze.

- Você não é muito pequena para montar um dragão, Onrenzinha?
- Turosa falou lentamente. — Você pode ser capaz de se empoleirar na cauda, eu suponho.

Onren olhou por cima do ombro para ele.

- Eu pensei ter ouvido você falando. A gente se conhece? — Quando ele abriu a boca, ela disse: — Não me diga. Você é simplesmente um tolo e não tenho interesse em fazer amizade com tolos.

Tané escondeu o sorriso atrás do cabelo. Pela primeira vez, Turosa fechou a boca.

Quando o último aprendiz aceitou seu uniforme, os dois grupos se voltaram para o General do Mar. Ishari, cujas bochechas estavam manchadas de lágrimas, não ergueu os olhos do pano em seus braços.

- Vocês não são mais crianças. Seus caminhos estão diante de vocês.
- O General do Mar olhou para a direita. — Quatro dos guardiões do mar tiveram um desempenho acima das expectativas. Turosa, da Casa Norte; Onren, da Casa Leste; Tané, da Casa Sul; e Dumusa, da Casa Oeste. Virem-se para enfrentar os mais velhos, para que eles saibam seus nomes e rostos.

Eles fizeram. Tané deu um passo à frente com os outros e pressionou a testa no chão novamente.

- Levantem-se — um dos dragões disse.

A voz fez o chão tremer. Era tão profunda, tão baixa, que Tané mal entendeu a princípio.

Os quatro obedeceram e endireitaram as costas. O maior dragão Seiikinense abaixou a cabeça até ficar no nível dos olhos deles. Uma longa língua saiu de seus dentes.

Com um grande empurrão de suas pernas, ele de repente levantou voo. Todos os aprendizes se jogaram no chão, deixando apenas o General do Mar de pé. Ele soltou uma risada estrondosa.

O dragão lacustre verde-leitoso exibiu os dentes em um sorriso. Tané se viu presa naqueles redemoinhos selvagens de olhos.

O dragão se ergueu com o resto de seus parentes sobre os telhados da cidade. Água feita carne. Enquanto uma névoa de chuva divina fluía de suas escamas, encharcando os humanos abaixo, um Seiikinense se ergueu, recuperou o fôlego e o expeliu em uma poderosa rajada de vento.

Todos os sinos do templo tocaram em resposta.



Niclays acordou com a boca seca e uma dor de cabeça terrível, como acontecera mil vezes antes. Ele piscou e esfregou o nó do dedo no canto do olho.

Sinos.

Foi isso que o acordou. Ele estava nesta ilha há anos, mas nunca ouviu um único sino. Niclays agarrou sua bengala e se levantou, seu braço tremendo com o esforço.

Deve ser um alarme. Eles estavam vindo para Sulyard, vindo para prender os dois.

Niclays virou-se imediatamente, desesperado. Sua única chance era fingir que o homem havia se escondido na casa sem seu conhecimento.

Ele olhou além da tela. Sulyard estava dormindo, de frente para a parede. Bem, pelo menos ele morreria em paz.

O sol estava suando muita luz. Perto da pequena casa onde vivia Niclays, seu assistente, Muste, estava sentado sob a ameixeira com seu companheiro Seiikinês, Panaya.

— Muste — gritou Niclays. — O que diabos é esse som?

Muste apenas acenou. Amaldiçoando, Niclays calçou as sandálias e seguiu em direção a Muste e Panaya, tentando ignorar a sensação de que estava caminhando para sua perdição.

— Bom dia para você, honorável Panaya — ele disse em Seiikinese, curvando-se.

— Sábio Niclays. — Os cantos de seus olhos enrugaram. Ela vestia um robe leve, flores brancas sobre azul, as mangas e a gola bordadas em prata. — Os sinos te acordaram?

— Sim. Posso perguntar o que eles significam?

— Eles estão tocando por causa do Dia da Escolha — disse ela. — Os aprendizes mais velhos nas Casas de Aprendizagem concluíram seus estudos e foram colocados nas fileiras de estudiosos ou na Guarda do Mar Superior.

Nada a ver com intrusos, então. Niclays tirou o lenço e enxugou o rosto.

— Você está bem, Roos? — Muste perguntou, protegendo os olhos.

— Você sabe como eu detesto o verão aqui. — Niclays enfiou o lenço de volta no colete. — O Dia da Escolha acontece uma vez por ano, não é? — ele disse a Panaya. — Eu nunca ouvi sinos.

Não eram sinos, mas ele tinha ouvido os tambores. Os sons inebriantes de alegria e folia.

— Ah — disse Panaya, com o sorriso crescendo. — Mas este é um Dia da Escolha muito especial.

— É?

— Você não sabe, Roos? — Muste deu uma risadinha. — Você está aqui há mais tempo do que eu.

— Isso não é algo que Niclays teria ouvido — Panaya disse gentilmente. — Você vê, Niclays, foi acordado depois da Grande Tristeza que a cada cinquenta anos, uma série de dragões Seiikinense pegariam cavaleiros humanos, então podemos sempre estar preparados para lutar juntos mais uma vez. Aqueles que foram escolhidos para a Guarda do Mar Superior esta manhã tiveram essa chance e agora passarão pelas provas de água para decidir qual deles será o cavaleiro do dragão.

— Entendo — disse Niclays, interessado o suficiente para esquecer seu terror sobre Sulyard por um momento. — E então eles voam com seus corcéis para lutar contra piratas e contrabandistas, eu presumo.

— Não são *corcéis*, Niclays. Dragões não são cavalos.

— Desculpas, senhora ilustre. Uma má escolha de palavra.

Panaya concordou. Sua mão se desviou para o pingente em volta do pescoço, esculpido na forma de um dragão.

Tal coisa seria destruída no Virtudom, onde não havia mais qualquer distinção entre os dragões antigos do Oriente e os anciões cuspidores de fogo mais jovens que uma vez aterrorizaram o mundo. Ambos eram considerados malévolos. A porta para o Oriente estava fechada há tanto tempo que surgiram mal-entendidos sobre seus costumes.

Niclays acreditava nisso antes de chegar a Orisima. Ele estava meio convencido, na véspera de sua partida de Mentendon, que estava sendo exilado para uma terra onde as pessoas estavam escravizadas a criaturas tão perversas quanto o Inominável.

Como ele ficou assustado naquele dia. Todas as crianças Mentish conheciam a história do Inominável desde o momento em que podiam compreender a linguagem. Sua própria querida mãe tinha gostado de assustá-lo até as lágrimas com suas descrições do pai e superação de todas as criaturas que cospem fogo - ele que emergiu da Montanha do Pavor inclinado ao caos e à destruição, apenas para ser gravemente ferido por Sir Galian Berethnet antes que pudesse subjugar a humanidade. Mil anos depois, o espetro dele ainda vivia em todos os pesadelos.

Só então, cascos trovejaram através da ponte para Orisima, sacudindo Niclays de suas reflexões.

Soldados.

Suas entradas se transformaram em água. Eles estavam vindo atrás dele e agora o momento estava próximo, ele se sentiu tonto em vez de com medo. Se hoje fosse o dia, que fosse. Era isso ou a morte nas mãos das sentinelas por suas dívidas de jogo.

Santo, ele rezou, não me deixe mijar no final.

Os soldados usavam túnicas verdes por baixo dos casacos. Liderandos, é claro, estava o Chefe – bonito e bem-humorado Chefe – que se recusava a dizer seu nome a qualquer pessoa em Orisima. Ele era trinta centímetros mais alto do que Niclays e sempre usava armadura completa.

O oficial desmontou e caminhou em direção à casa onde morava Niclays. Ele estava cercado por seus sentinelas, e uma mão descansava no punho de sua espada.

— Roos! — Um punho coberto por uma manopla bateu na porta. — Roos, abra essa porta ou eu vou derrubá-la!

— Não há necessidade de quebrar nada, honrado Chefe — disse Muste. — O sábio Doutor Roos está aqui.

O Chefe deu meia-volta. Seus olhos escuros brilharam e ele caminhou em direção a eles.

— Roos.

Niclays gostava de fingir que ninguém jamais se dirigira a ele com tanto desprezo, mas isso seria mentira.

— Você é muito bem-vindo para me chamar de Niclays, honrado Chefe — ele disse, com toda a falsa alegria que conseguiu reunir. — Nós nos conhecemos há muito tempo...

— Fique *quieto* — disse o oficial chefe. Niclays calou a boca. — Meus sentinelas encontraram a porta do portão de desembarque aberta ontem à noite. Um navio pirata foi visto nas proximidades. Se algum de vocês está escondendo invasores ou mercadorias contrabandeadas, fale agora, e o dragão pode mostrar misericórdia.

Panaya e Muste não disseram nada. Niclays, entretanto, travou uma batalha breve e violenta consigo mesmo. Não havia nenhum lugar para Sulyard se esconder. Era melhor declarar o que ele havia feito?

Antes que ele pudesse decidir, o oficial chefe acenou para seus sentinelas.

— Revistem as casas.

Niclays prendeu a respiração.

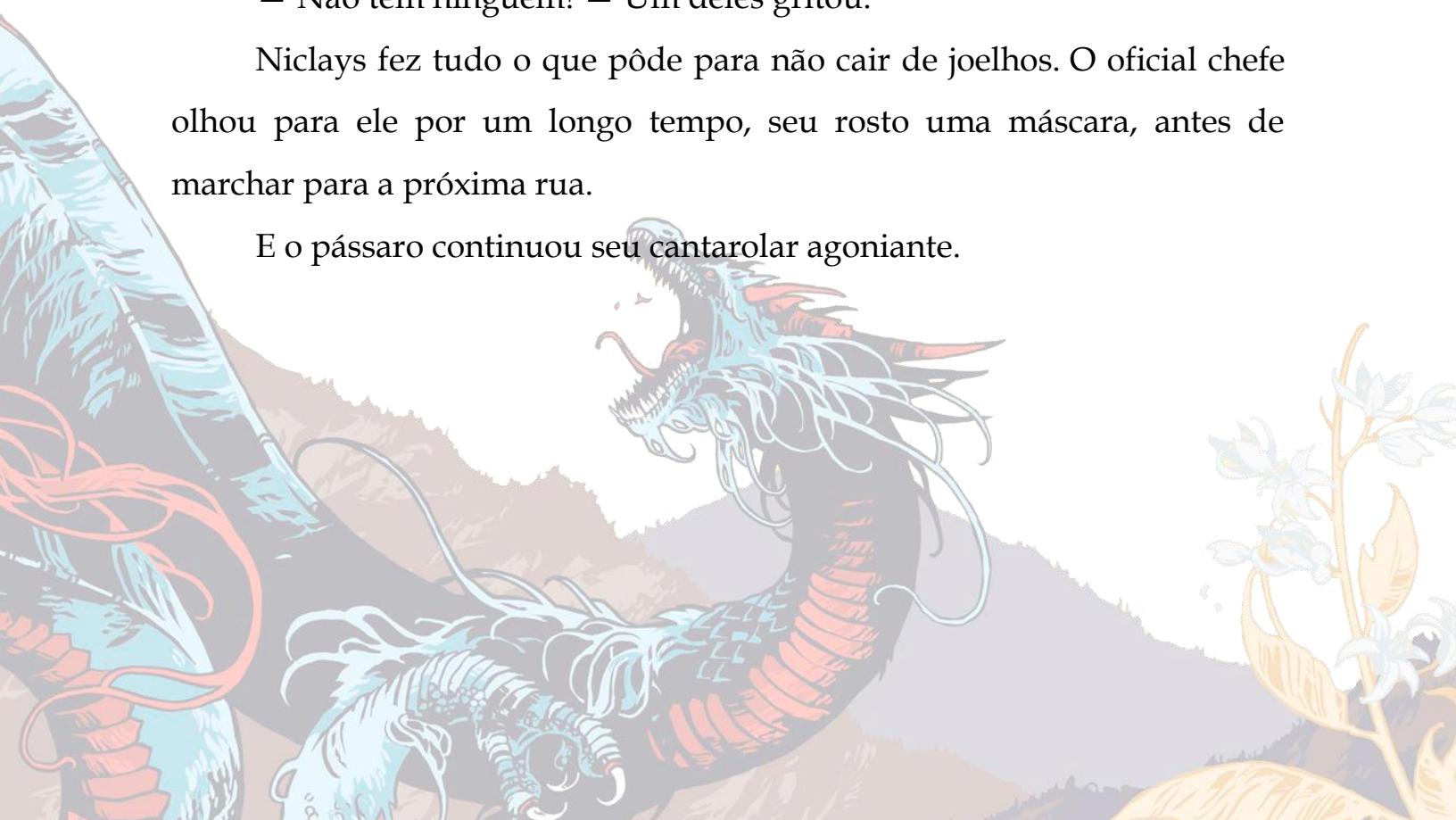
Havia um certo pássaro em Seiiki com um grito de bebê começando a chorar. Para Niclays, tornou-se um símbolo torturante de sua vida em Orisima. O gemido que nunca se transformava em grito. A espera por um golpe que nunca vinha. Enquanto os sentinelas vasculhavam sua casa, aquele pássaro miserável começou a gritar, e foi tudo o que Niclays pôde ouvir.

Quando voltaram, os sentinelas estavam de mãos vazias.

— Não tem ninguém! — Um deles gritou.

Niclays fez tudo o que pôde para não cair de joelhos. O oficial chefe olhou para ele por um longo tempo, seu rosto uma máscara, antes de marchar para a próxima rua.

E o pássaro continuou seu cantarolar agoniente.



Capítulo 4

Oeste

Em algum lugar do Palácio Ascalon, os ponteiros pretos de um relógio de vidro de leite aproximavam-se do meio-dia.

A Câmara de Presença estava lotada para a visita dos Mentish, como sempre acontecia quando embaixadores estrangeiros vinham a Inys. As janelas foram abertas para deixar entrar uma brisa com cheiro de madressilva. Pouco ajudava a dissipar o calor. As sobrancelhas estavam vidradas de suor e leques de penas ondulavam por toda parte, de modo que parecia que a sala estava cheia de pássaros voando.

Ead estava no meio da multidão com as outras Damas da Câmara Privada, Margret Beck à sua direita. As damas de honra as encaravam do outro lado do tapete. Truyde utt Zeedeur ajustou seu colar de ouro. Por que os ocidentais não podiam se livrar de algumas camadas de roupas no verão, Ead nunca saberia.

Murmúrios ecoavam pelo salão cavernoso. Bem acima de seus súditos, Sabran a Nona assistia de seu trono de mármore.

A Rainha de Inys era o retrato de sua mãe, e de sua mãe antes disso, e assim por diante por gerações. A semelhança era fantástica. Como seus ancestrais, ela possuía cabelos negros e olhos de um verde lúcido que parecia

se quebrar à luz do sol. Foi dito que enquanto sua linhagem durasse, o Inominável nunca poderia acordar de seu sono.

Sabran observava seus súditos com um olhar imparcial, não se demorando em ninguém. Ela tinha vinte e oito anos, mas seus olhos exibiam a sabedoria de uma mulher muito mais velha.

Hoje ela personificava a riqueza do Reino de Inys. Seu vestido era de cetim preto em deferência à moda Mentish, aberto até a cintura para mostrar um V cheio de bordados, pálido como sua pele, brilhando com prata e pérolas. Uma coroa de diamantes confirmado seu sangue real.

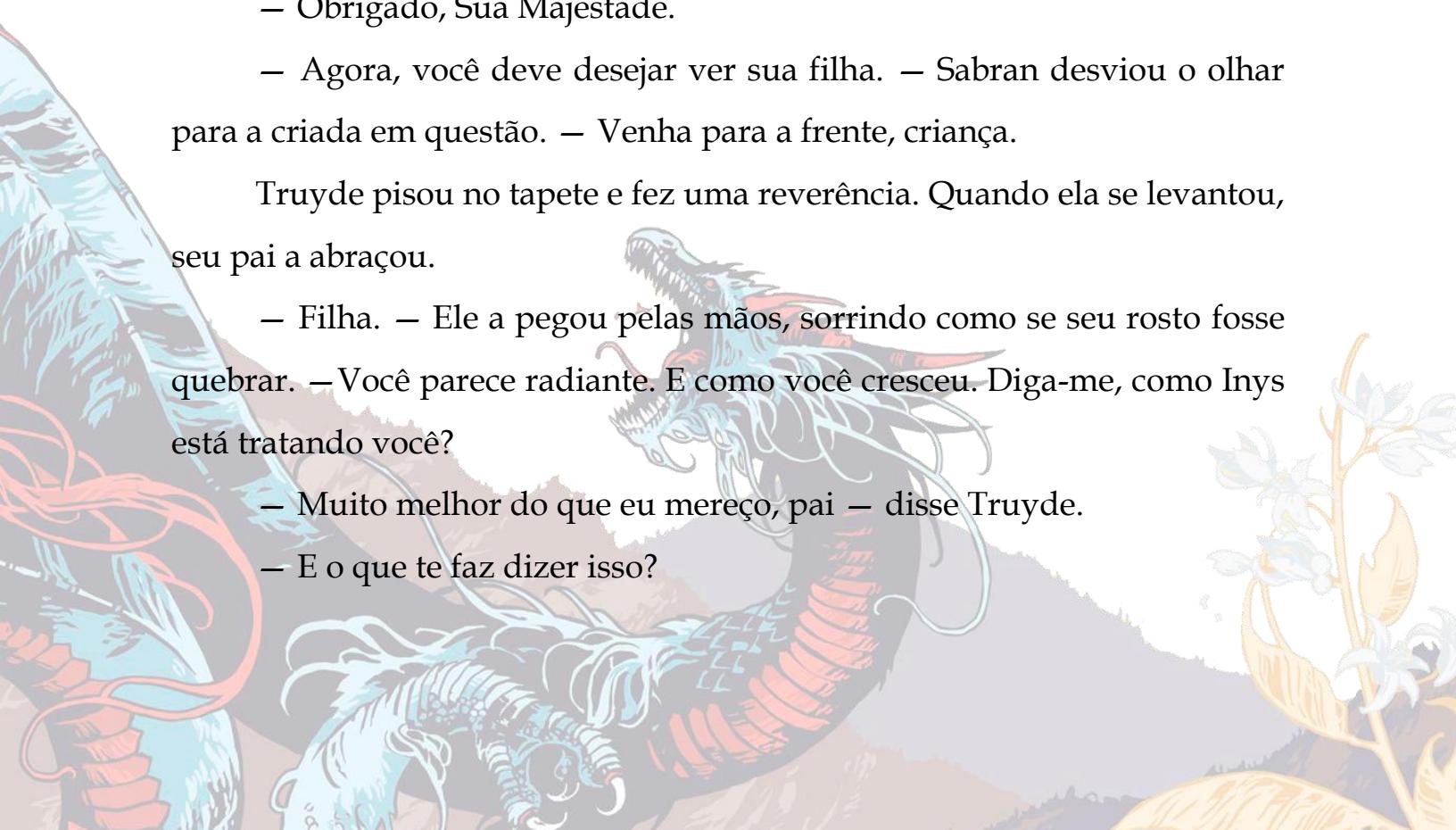
Trombetas anunciaram a chegada da comitiva Mentish. Sabran sussurrou algo para Dama Arbella Glenn, Viscondessa Suth, que sorriu e colocou sua mão manchada pela idade na dela.

Os porta-estandartes vieram primeiro. Eles mostraram o Cisne Prateado de Mentendon exibido em um campo negro, com a Espada Verdadeira apontada para baixo, entre suas asas.

Em seguida vieram os criados e os guardas, os intérpretes e os oficiais. Finalmente, Lorde Oscarde, Duque de Zeedeur, entrou rapidamente na câmara, acompanhado pelo Embaixador Residente em Mentendon. Zeedeur era corpulento, e sua barba e cabelo eram ruivos, assim como a ponta do nariz. Ao contrário de sua filha, ele tinha os olhos cinzentos de Vatten.

— Majestade. — Ele se curvou com um floreio. — Que honra ser recebido mais uma vez em sua corte.

— Bem-vindo, Sua Graça — disse Sabran. Sua voz era baixa, rica em autoridade. Ela estendeu a mão para Zeedeur, que subiu os degraus para



beijar seu anel de coroação. — É um alívio para nosso coração ver você em Inys novamente. Sua jornada foi fácil?

Ead ainda achava o *nossa* chocante. Em público, Sabran falava por si mesma e por seu ancestral, o Santo.

— Ai, senhora, — Zeedeur disse, sua expressão sombria — nós fomos atacados por um wyvern adulto em Downs. Meus arqueiros o derrubaram, mas se estivesse mais alerta, poderia ter ocorrido um banho de sangue.

Murmúrios. Ead observou os olhares de choque que varreram o corredor.

— De novo — Margret murmurou para ela. — Dois wyverns em alguns dias.

— Estamos muito preocupados em ouvir isso — disse Sabran ao embaixador. — Nossos melhores cavaleiros errantes irão escoltá-los de volta a Perchling. Você terá uma jornada mais segura para casa.

— Obrigado, Sua Majestade.

— Agora, você deve desejar ver sua filha. — Sabran desviou o olhar para a criada em questão. — Venha para a frente, criança.

Truyde pisou no tapete e fez uma reverência. Quando ela se levantou, seu pai a abraçou.

— Filha. — Ele a pegou pelas mãos, sorrindo como se seu rosto fosse quebrar. — Você parece radiante. E como você cresceu. Diga-me, como Inys está tratando você?

— Muito melhor do que eu mereço, pai — disse Truyde.

— E o que te faz dizer isso?

— Esta corte é tão grande — disse ela, indicando o teto abobadado. — Às vezes me sinto muito pequena e sem graça, como se até os tetos fossem mais magníficos do que jamais serei.

Uma risada turbulenta encheu a câmara.

— Tão espirituosa — Linora sussurrou para Ead. — Ela não é?

Ead fechou os olhos. *Essas pessoas.*

— Bobagem — disse Sabran a Zeedeur. — Sua filha é muito querida na corte. Ela será uma companheira digna para quem quer que seu coração escolha.

Truyde baixou o olhar com um sorriso. Ao lado dela, Zeedeur riu.

— Ah, Majestade, temo que Truyde tenha o espírito livre demais para se casar ainda, por mais que eu deseje um neto. Agradeço por cuidar tão bem da minha filha.

— Agradecimentos não são necessários. — Sabran segurou os braços de seu trono. — É sempre um prazer receber nossos amigos de Virtudom na corte. No entanto, estamos curiosos para saber o que traz você de Mentendon agora.

— Meu senhor de Zeedeur traz uma proposta, Majestade. — Foi o Embaixador Residente em Mentendon quem falou. — Uma proposta em que acreditamos irá interessar a você.

— De fato — Zeedeur pigarreou. — Sua Alteza Real, Aubrecht o Segundo, Grande Príncipe do Estado Livre de Mentendon, há muito admira Vossa Majestade. Ele ouviu falar de sua coragem, sua beleza e sua firme devoção às Seis Virtudes. Agora que seu falecido tio-avô foi sepultado, ele anseia por uma aliança mais firme entre nossos países.

— E como Sua Alteza Real pretende forjar tal aliança? — perguntou Sabran.

— Por meio do casamento, Majestade.

Cada cabeça se voltou para o trono.

Sempre havia um período de fragilidade antes de uma soberana Berethnet engravidar. Sua casa era uma casa de filhas, uma filha para cada rainha. Seus súditos chamavam de prova de sua santidade.

Esperava-se que cada Rainha de Inys se casasse e engravidasse o mais rápido possível, para que não morresse sem uma herdeira verdadeira. Isso seria perigoso em qualquer país, já que lançaria o reino em uma guerra civil, mas, de acordo com a crença de Inysh, o colapso da Casa de Berethnet também faria com que o Inominável se levantasse novamente e devastasse o mundo.

No entanto, Sabran até então recusara todas as ofertas de casamento.

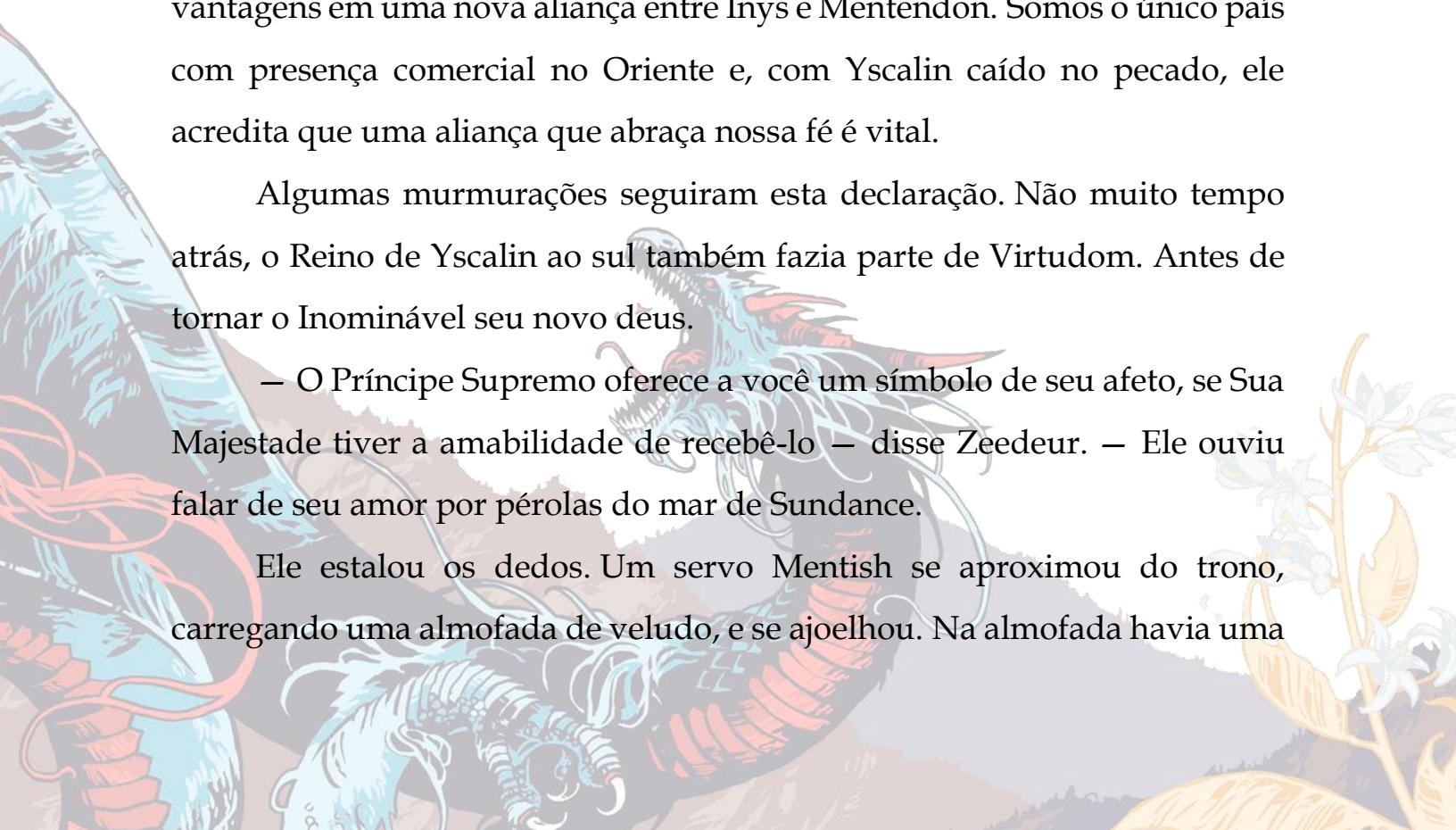
A rainha reclinou-se em seu trono, estudando Zeedeur. Seu rosto, como sempre, não traia nada.

— Meu caro Oscarde — disse ela. — Estamos lisonjeados, mas parece necessário que nós lembremos que você já está casado.

O tribunal caiu na gargalhada. Zeedeur parecia nervoso, mas agora ele sorriu.

— Senhora soberana! — ele disse, rindo. — É meu mestre quem busca sua mão.

— Continue, por favor — disse Sabran, com a mais leve sombra de um sorriso.



O wyvern foi esquecido. Claramente encorajado, Zeedeur deu mais um passo à frente.

— Senhora —, disse ele — como sabe, sua ancestral, a Rainha Sabran, a Sétima, casou-se com meu próprio parente distante, Haynrick Vatten, que era o Regente de Espera de Mentendon enquanto estava sob domínio estrangeiro. Desde que a Casa de Lievelyn expulsou o Vatten, no entanto, não houve uma união formal entre nossos países, exceto nossa religião compartilhada.

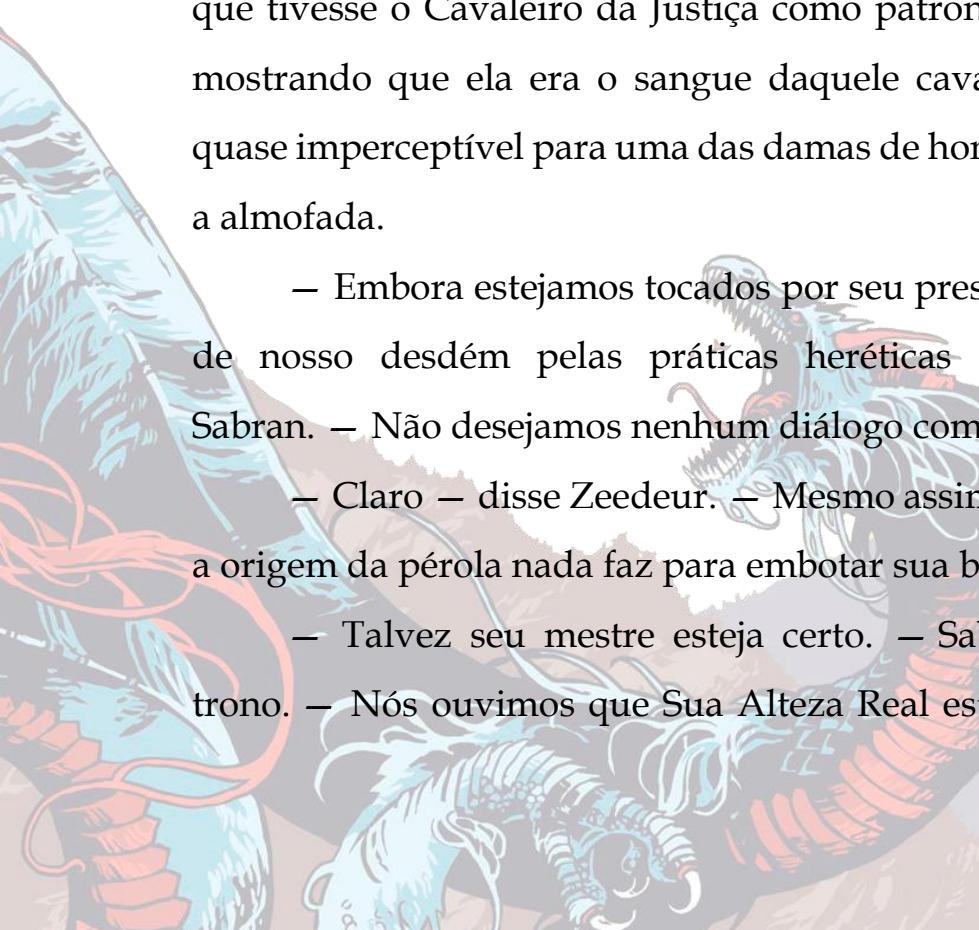
Sabran ouviu com uma expressão de indiferença que nunca tocava em tédio ou desprezo.

— O príncipe Aubrecht está ciente de que o termo de seu falecido tio-avô foi recusado por Vossa Majestade... e, ah, também pela Rainha Mãe... — Zeedeur pigarreou novamente. — Mas meu mestre acredita que ele oferece um tipo diferente de companhia. Ele também acredita que haveria muitas vantagens em uma nova aliança entre Inys e Mentendon. Somos o único país com presença comercial no Oriente e, com Yscalin caído no pecado, ele acredita que uma aliança que abraça nossa fé é vital.

Algumas murmurações seguiram esta declaração. Não muito tempo atrás, o Reino de Yscalin ao sul também fazia parte de Virtudom. Antes de tornar o Inominável seu novo deus.

— O Príncipe Supremo oferece a você um símbolo de seu afeto, se Sua Majestade tiver a amabilidade de recebê-lo — disse Zeedeur. — Ele ouviu falar de seu amor por pérolas do mar de Sundance.

Ele estalou os dedos. Um servo Mentish se aproximou do trono, carregando uma almofada de veludo, e se ajoelhou. Na almofada havia uma



ostra, aberta para revelar uma pérola negra iridescente, grande como uma cereja, tingida de verde. Brilhava como aço dobrado sob o sol.

— Esta é a melhor pérola que possui, capturada na costa de Seiiki — disse Zeedeur. — Vale mais do que o navio que a carregou sobre o Abismo.

Sabran se inclinou para frente. O servo segurou a almofada mais alto.

— É verdade que gostamos de pérolas de Sundance — , disse a rainha — e aceitamos isso de bom grado. Mas fazer isso não é uma aceitação desta aliança.

— Claro, Majestade. Um presente de um amigo de Virtudom, nada mais.

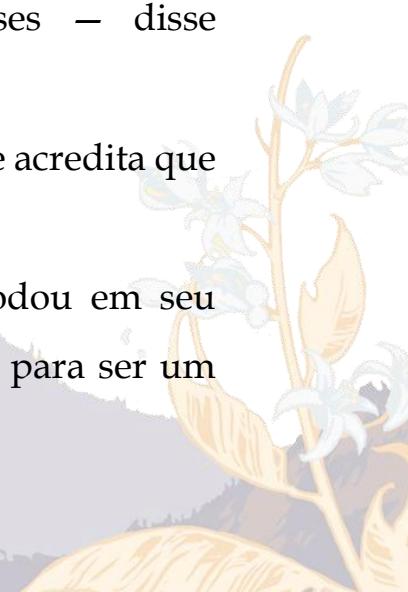
— Muito bem.

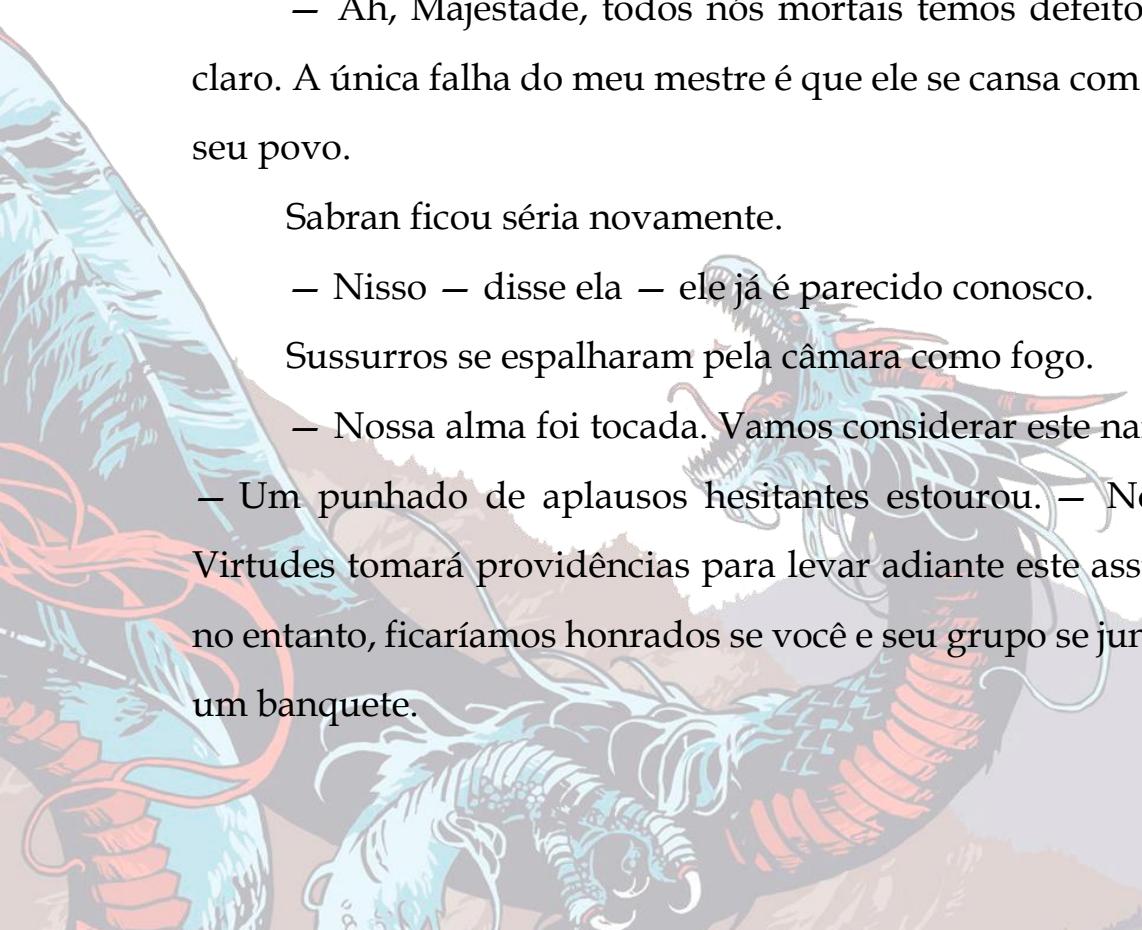
O olhar de Sabran se voltou para Dama Roslain Crest, a dama-chefe da Câmara Privada, que usava um vestido de seda esmeralda e uma parte de renda branca. Seu broche mostrava um par de taças, como qualquer pessoa que tivesse o Cavaleiro da Justiça como patrono, mas o dela era dourado, mostrando que ela era o sangue daquele cavaleiro. Roslain fez um sinal quase imperceptível para uma das damas de honra, que se apressou em tirar a almofada.

— Embora estejamos tocados por seu presente, seu mestre deve saber de nosso desdém pelas práticas heréticas dos Seiikinenses — disse Sabran. — Não desejamos nenhum diálogo com o Oriente.

— Claro — disse Zeedeur. — Mesmo assim, nosso mestre acredita que a origem da pérola nada faz para embotar sua beleza.

— Talvez seu mestre esteja certo. — Sabran se acomodou em seu trono. — Nós ouvimos que Sua Alteza Real estava treinando para ser um





santuário antes de ser Grande Príncipe de Mentendon. Conte-nos sobre suas outras... qualidades.

— O príncipe Aubrecht é muito inteligente e gentil, senhora, possuidor de grande perspicácia política — disse Zeedeur. — Ele tem trinta e quatro anos, com o cabelo de um ruivo mais macio que o meu. Ele toca alaúde lindamente e dança com grande vigor.

— Com quem, nós nos perguntamos?

— Frequentemente com suas nobres irmãs, Majestade. Ele tem três: Princesa Ermuna, Princesa Bedona e Princesa Betriesse. Elas estão todas ansiosas para conhecê-la.

— Ele ora frequentemente?

— Três vezes ao dia. Ele é devotado acima de tudo ao Cavaleiro da Generosidade, que é seu patrono.

— Seu príncipe tem *algum* defeito, Oscarde?

— Ah, Majestade, todos nós mortais temos defeitos — exceto você, é claro. A única falha do meu mestre é que ele se cansa com preocupação pelo seu povo.

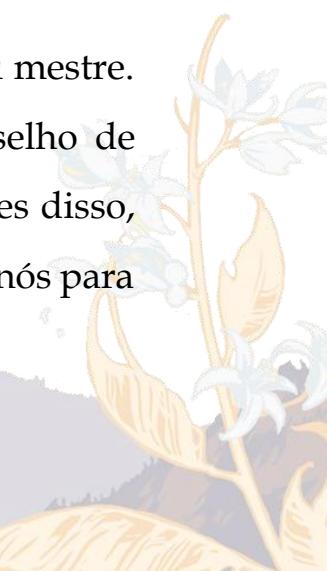
Sabran ficou séria novamente.

— Nisso — disse ela — ele já é parecido conosco.

Sussurros se espalharam pela câmara como fogo.

— Nossa alma foi tocada. Vamos considerar este naipes de seu mestre.

— Um punhado de aplausos hesitantes estourou. — Nosso Conselho de Virtudes tomará providências para levar adiante este assunto. Antes disso, no entanto, ficaríamos honrados se você e seu grupo se juntassem a nós para um banquete.





Zeedeur fez outra reverência.

— A honra seria nossa, Majestade.

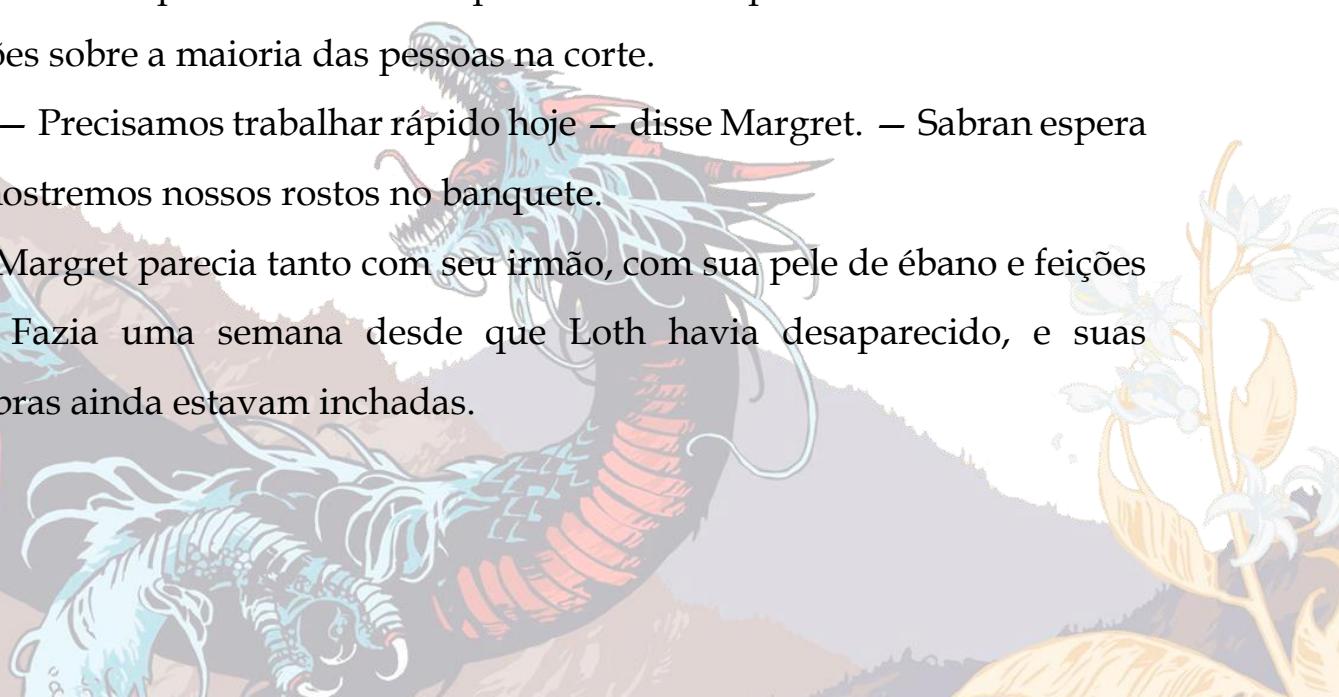
A corte ondulava com reverências e saudações. Sabran desceu as escadas, seguida por suas Damas do Quarto de dormir. As damas de honra caminhavam em seu rastro.

Ead sabia que Sabran nunca se casaria com o Príncipe Vermelho. Este era o seu jeito. Ela amarrava seus pretendentes como peixes em uma linha, aceitando presentes e lisonjas, mas nunca desistia de sua mão.

Enquanto os cortesãos se dispersavam, Ead saiu por outra porta com suas colegas camareiras. Dama Linora Payling, loira e de bochechas rosadas, era uma das quatorze filhos do conde e da condessa da Mansão Payling. Seu passatempo favorito era brincar de fofoca. Ead a considerava um aborrecimento total.

Dama Margret Beck, entretanto, era sua querida amiga há muito tempo. Ela se juntou à Casa Alta três anos atrás e fez amizade com Ead tão rapidamente quanto seu irmão, Loth, que era seis anos mais velho. Ead logo descobriu que ela e Margret tinham o mesmo senso de humor, sabiam de uma olhada o que a outra estava pensando e compartilhavam as mesmas opiniões sobre a maioria das pessoas na corte.

— Precisamos trabalhar rápido hoje — disse Margret. — Sabran espera que mostremos nossos rostos no banquete.



Margret parecia tanto com seu irmão, com sua pele de ébano e feições fortes. Fazia uma semana desde que Loth havia desaparecido, e suas pálpebras ainda estavam inchadas.

— Um pedido — Linora disse enquanto caminhavam pelo corredor, fora do alcance da voz do resto da corte. — E do Príncipe Aubrecht! Eu o achava devoto demais para se casar.

— Nenhum príncipe é devoto demais para se casar com a Rainha de Inys — disse Ead. — É ela que é muito devota para se casar.

— Mas o reino *deve* ter uma princesa.

— Linora — disse Margret com firmeza. — Um pouco de temperança, por favor.

— Bem, mas deve.

— A rainha Sabran ainda não tem trinta anos. Ela tem muito tempo.

Estava claro para Ead que elas não tinham ouvido falar do assassino, do contrário Linora pareceria mais séria. Então, novamente, Linora nunca parecia séria. Para ela, a tragédia era apenas uma ocasião para fofoca.

— Ouvi dizer que o príncipe supremo é rico além da medida —, ela continuou, para não desanistar. Margret suspirou. — E poderíamos tirar proveito de seu posto comercial no Leste. Imagine, ter todas as pérolas do Mar de Sundance, a melhor prata, especiarias e joias...

— A rainha Sabran despreza o Oriente, como todos nós deveríamos — , disse Ead. — Eles são adoradores de wyrms.

— Inys não terá que negociar lá, boba. Podemos comprar dos Mentish.

Ainda era uma troca manchada. Os Mentish negociavam com o Oriente, e o Oriente idolatrava os wyrms.

— Minha preocupação é a afinidade — disse Margret. — O Príncipe Supremo foi prometido a Donmata Marosa por um tempo. Uma mulher que agora é a princesa herdeira de um reino Dracônico.

— Oh, *aquele* noivado está dissolvido há muito tempo. Além disso, — disse Linora, jogando o cabelo para trás — duvido que ele gostasse muito dela. Ele deve ter sido capaz de perceber que ela tinha maldade em seu coração.

Nas portas da Câmara Privada, Ead se virou para as outras duas mulheres.

— Senhoras —, disse ela — cuidarei de nossas obrigações hoje. Vocês deveriam ir para a festa.

Margret franziu a testa.

— Sem você?

— Um camareira não fará falta. — Ead sorriu. — Vá, vocês duas. Aproveitem o banquete.

— Que o Cavaleiro da Generosidade a abençoe, Ead. — Linora já estava na metade do corredor. — Você é tão boa!

Enquanto Margret ia atrás, Ead a segurou pelo cotovelo.

— Você ouviu alguma coisa sobre Loth? — ela murmurou.

— Nada ainda. — Margret tocou em seu braço. — Mas algo está acontecendo. O Falcão da Noite me convocou esta noite.

Lorde Seyton Combe. O próprio espião mestre. Quase todos o chamavam de Falcão da Noite, pois ele pegava sua presa sob o manto da escuridão. Descontentes, senhores sedentos de poder, pessoas que flertavam muito com a rainha — ele podia fazer qualquer problema desaparecer.

— Você acha que ele sabe de alguma coisa? — Ead perguntou baixinho.

— Acho que vamos descobrir. — Margret apertou sua mão antes de ir atrás de Linora.

Quando Margret Beck sofria, ela sofria sozinha. Ela odiava ser um fardo para qualquer outra pessoa. Até seus amigos mais próximos.

Ead nunca teve a intenção de estar entre esses amigos. Quando ela chegou em Inys, ela decidiu manter para si mesma tanto quanto pudesse, para proteger melhor seu segredo. No entanto, ela havia sido criada em uma sociedade unida e logo desejava companhia e conversa. Jondú, sua irmã em tudo, menos no sangue, estivera ao seu lado quase desde que ela nascera, e ficar repentinamente sem ela deixara Ead desolada. Então, quando os irmãos Beck ofereceram sua amizade, ela cedeu e não podia se arrepender.

Ela veria Jondú novamente, quando finalmente fosse chamada para casa, mas perderia Loth e Margret. Ainda assim, se o silêncio do Priorado fosse algo para continuar, esse dia não chegaria logo.

O Grande Quarto de dormir do Palácio de Ascalon tinha pé-direito alto, paredes claras, piso de mármore e uma vasta cama de dossel em seu centro. As almofadas e a colcha eram de seda marfim com brocado, os lençóis eram de linho Mentish da melhor qualidade e havia dois conjuntos de cortinas, uma leve e outra pesada, usadas de acordo com a quantidade de luz que Sabran desejava.

Uma cesta de vime esperava ao pé da cama, e o penico estava ausente do armário. Parecia que a Lavadeira Real estava de volta ao trabalho.

A família estivera tão ocupada com os preparativos para a visita dos Mentish que a tarefa de despir a cama foi adiada. Abrindo as portas da varanda para deixar sair o calor abafado, Ead removeu os lençóis e a colcha

e deslizou as mãos sobre os colchões de penas, verificando se havia lâminas ou frascos de veneno que pudessem estar costurados dentro deles.

Mesmo sem Margret e Linora para ajudá-la, ela trabalhava rápido. Enquanto as damas de honra estivessem na festa, a Câmara do Cofre estaria vazia. Agora era o momento perfeito para investigar a familiaridade que ela suspeitava entre Truyde utt Zeedeur e Triam Sulyard, o escudeiro desaparecido. Valeu a pena conhecer os negócios desta corte, desde a cozinha até o trono. Somente com conhecimento absoluto ela poderia proteger a rainha.

Truyde nasceu nobre, herdeira de uma fortuna. Não havia motivo para ela se interessar muito por um escudeiro sem título. No entanto, quando Ead insinuou uma conexão entre ela e Sulyard, ela pareceu assustada, como um rato de carvalho apanhado por uma bolota.

Ead conhecia o cheiro de um segredo. Ela o usava como um perfume.

Uma vez que o Grande Quarto de Dormir estava seguro, ela deixou a cama para arejar e se dirigiu à Câmara do Cofre. Oliva Marchyn estaria na Casa de Banquete, mas ela tinha um espião. Ead rastejou escada acima e passou pela soleira.

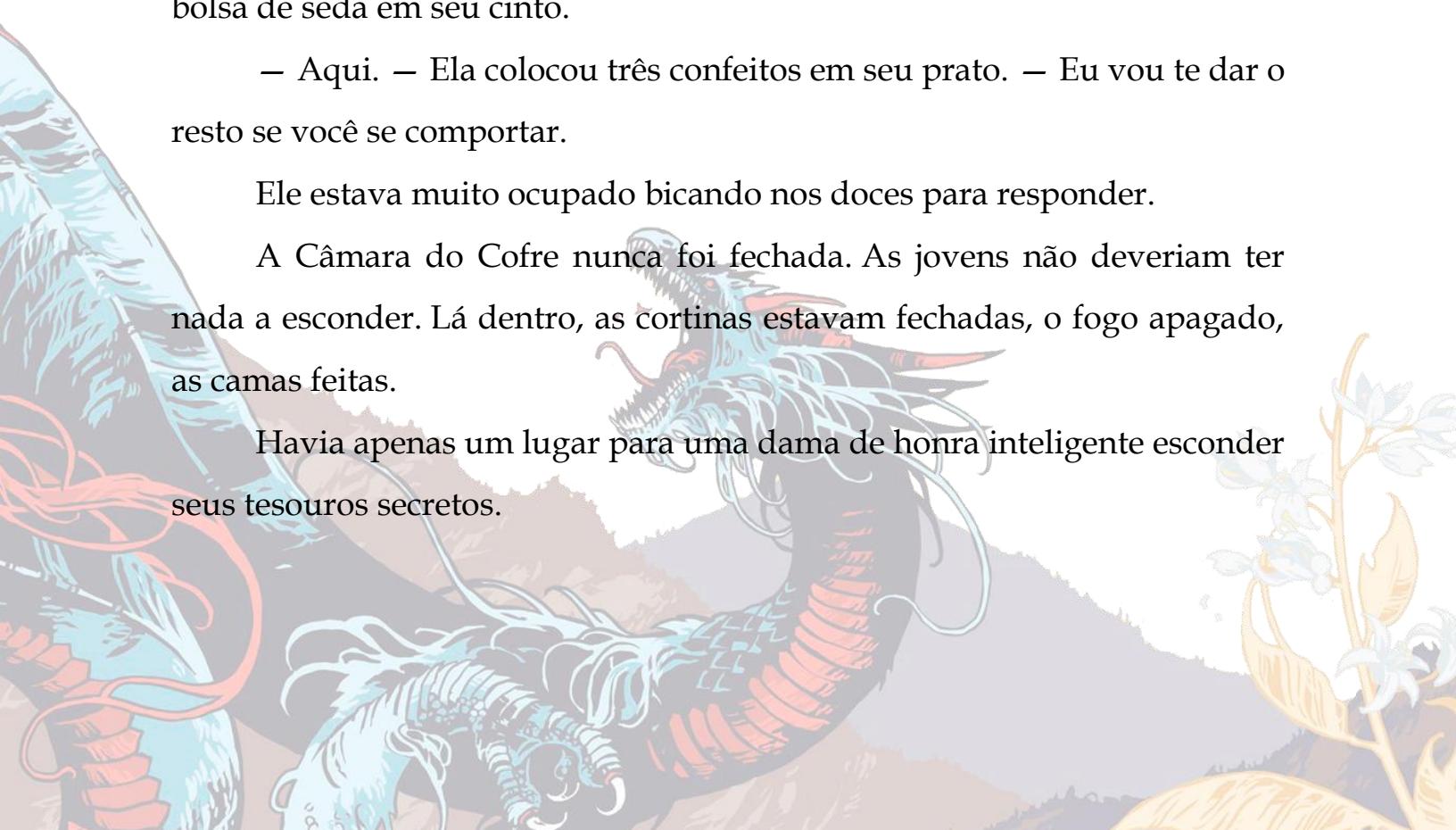
— O que — uma voz resmungou. — Quem vem?

Ela se acalmou. Ninguém mais a teria ouvido, mas o espião tinha uma audição aguçada.

— Invasor. Quem é?

— Ave desgraçada — sussurrou Ead.

Uma gota de suor desceu por sua espinha. Ela levantou a saia e puxou uma adaga da bainha em sua panturrilha.



O espião estava sentado em um poleiro do lado de fora da porta. Quando Ead se aproximou dele, ele inclinou a cabeça.

— Invasora — ele repetiu, em um tom sinistro. — Donzela má. Fora do meu palácio.

— Ouça com atenção, senhor. — Ead mostrou a adaga, fazendo-o arrepiar as penas. — Você pode pensar que tem o poder aqui, mas mais cedo ou mais tarde, Sua Majestade estará no clima para torta de pombo. Duvido que ela iria notar se eu envolvesse *você* em um bolo.

Na verdade, ele era um pássaro bonito. Um imitador de arco-íris. Suas penas boravam do azul ao verde e ao cártamo, e sua cabeça era de um rosa impetuoso. Seria uma pena cozinhá-lo.

— Pagamento — disse ele, com um toque de uma garra.

Este pássaro possibilitou muitos encontros ilícitos quando Ead era uma dama de honra. Ela guardou a adaga, os lábios apertados, e enfiou a mão na bolsa de seda em seu cinto.

— Aqui. — Ela colocou três confeitos em seu prato. — Eu vou te dar o resto se você se comportar.

Ele estava muito ocupado bicando nos doces para responder.

A Câmara do Cofre nunca foi fechada. As jovens não deveriam ter nada a esconder. Lá dentro, as cortinas estavam fechadas, o fogo apagado, as camas feitas.

Havia apenas um lugar para uma dama de honra inteligente esconder seus tesouros secretos.

Ead ergueu o tapete e usou sua adaga para erguer o assoalho solto. Abaixo dela, na poeira, estava uma caixa de carvalho polido. Ela a ergueu sobre o joelho.

Dentro havia uma coleção de itens que Oliva teria confiscado alegremente. Um livro grosso, gravado com o símbolo alquímico do ouro. Uma pena e um frasco de tinta. Pedaços de pergaminho. Um pingente esculpido em madeira. E um maço de cartas, amarrado com fita.

Ead desenrolou uma. Pela data borrada, tinha sido escrito no verão passado.

O código demorou alguns instantes para ser quebrado. Era um toque mais sofisticado do que os usados na maioria das cartas de amor na corte, mas Ead fora ensinada a ver através de códigos desde a infância.

Para você, dizia a carta em uma caligrafia desordenada. Eu comprei no Albatross. Use às vezes e pense em mim. Eu vou escrever novamente em breve. Ela pegou outra, escrita em papel mais grosso. Esta era de mais de um ano antes. *Perdoe-me se for muito atrevido, minha senhora, mas não penso em nada além de você.* Outra. *Meu amor. Encontre-me embaixo da torre do relógio depois das orações.*

Sem demorar muito, ela pôde ver que Truyde e Sulyard estavam tendo um caso e que haviam consumado seu desejo. O luar de sempre na água. Mas Ead fez uma pausa em algumas das frases.

Nossa companhia vai abalar o mundo. Essa tarefa é nosso chamado divino. Dois jovens apaixonados não poderiam descrever um caso tão apaixonado como uma “tarefa” (a menos, é claro, que sua relação sexual não coincidisse com sua poesia). *Devemos começar a fazer planos, meu amor.*

Ead folheou conversas de travesseiro e charadas até encontrar uma carta datada do início da primavera, quando Sulyard havia desaparecido. A escrita estava manchada.

Me perdoe. Eu tive que sair. Em Perchling, conversei com uma navegante e ela me fez uma oferta que não pude recusar. Sei que planejamos ir juntos, e talvez você me odeie pelo resto de nossas vidas, mas é melhor assim, meu amor. Você pode ajudar onde estiver, na corte. Quando eu mandar a notícia do meu sucesso, convença a rainha Sabran a considerar nossa companhia com bons olhos. Faça-a perceber o perigo.

Queime esta carta. Que nenhum deles saiba o que estamos fazendo até que seja feito. Eles vão nos saudar como lendas um dia, Truyde.

Perchling. O maior porto de Inys e sua principal porta de entrada para o continente. Sulyard havia fugido em um navio, então.

Havia algo mais embaixo do assoalho. Um livro fino, encadernado em couro. Ead passou um dedo pelo título, escrito no que era inquestionavelmente uma caligrafia oriental.

Truyde não poderia ter encontrado este livro em nenhuma biblioteca Inysh. Buscar conhecimento do Oriente era uma heresia. Ela ganharia algo muito pior do que uma repreensão se o encontrassem.

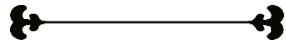
— Alguém está vindo — o espião resmungou.

Uma porta se fechou abaixou. Ead escondeu o livro e as cartas sob a capa e colocou a caixa de volta em seu canto.

Passos ecoaram pelas vigas. Ela ajustou o piso de volta no lugar. Em seu caminho além do poleiro, ela esvaziou o resto de seus confeitos no prato.

— Nem uma palavra — ela sussurrou para o espião. — Ou vou transformar essas lindas penas em travesseiro.

O espião riu sombriamente quando Ead saltou pela janela.



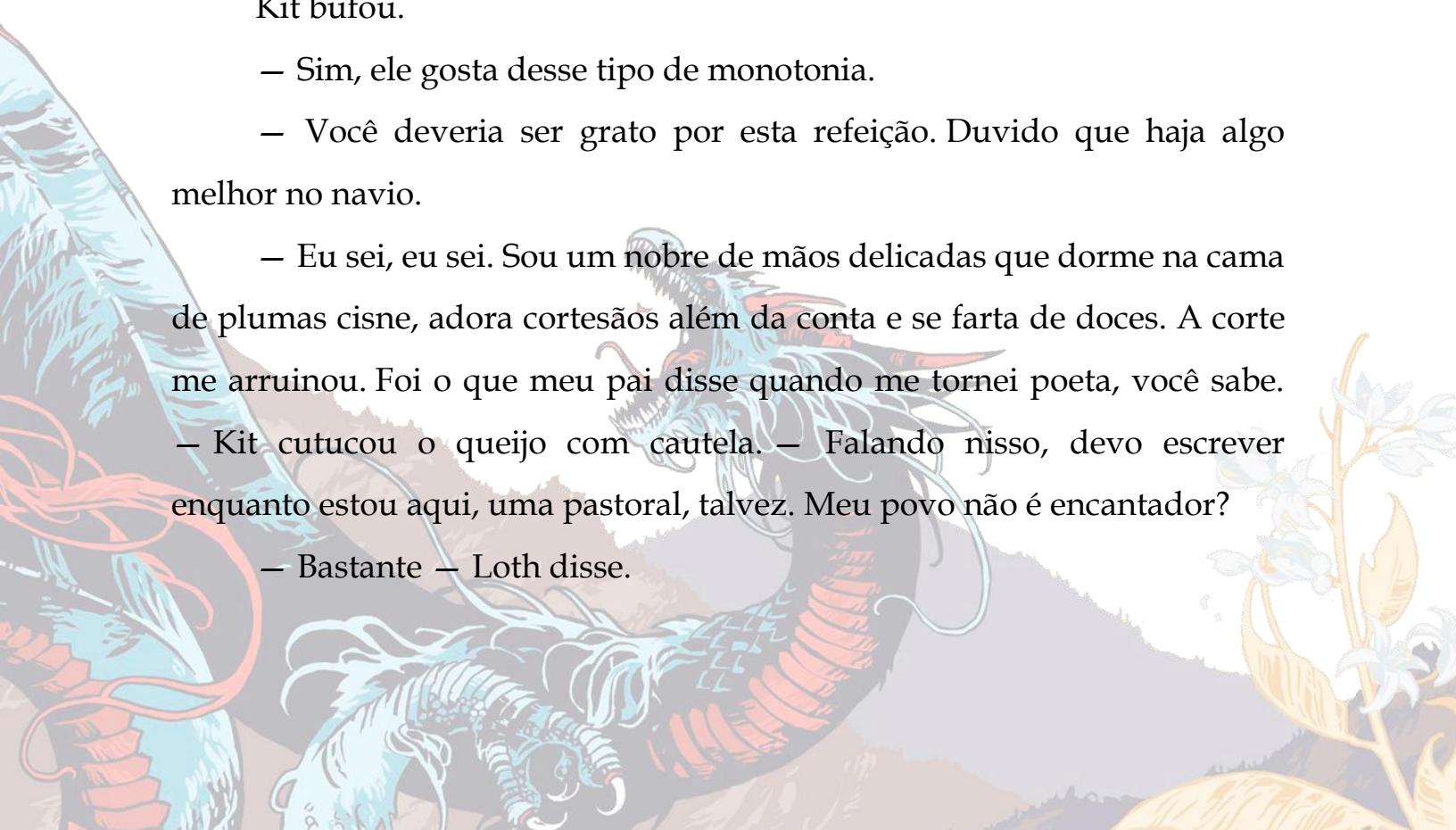
Eles estavam deitados lado a lado sob a macieira no pátio, como costumavam fazer no alto verão. Um jarro de vinho da Grande Cozinha estava ao lado deles, junto com um prato de queijo temperado e pão fresco. Ead estava contando a ele sobre uma peça que as damas de honra pregaram em Dama Oliva Marchyn, e ele estava rindo tanto que sua barriga doía. Ela era parte poetisa e parte tola quando se tratava de contar histórias.

O sol havia atraído as sardas em seu nariz. Seu cabelo preto espalhado pela grama. Além do brilho do sol, ele podia ver a torre do relógio acima deles, e os vitrais nos claustros e as maçãs em seus galhos. Tudo ia bem.

— Meu Senhor.

A memória se despedaçou. Loth ergueu os olhos para ver um homem sem dentes.

O saguão da pousada estava cheio de moradores do campo. Em algum lugar, um lutenista tocava uma balada sobre a beleza da Rainha Sabran. Alguns dias atrás, ele estava caçando com ela. Agora ele estava a quilômetros de distância, ouvindo uma música que falava dela como se ela fosse um mito. Tudo o que sabia era que estava a caminho de uma morte quase certa em Yscalin e que os Duques Espirituais o odiavam o suficiente para colocá-lo nesse caminho.



Como de repente uma vida pode desmoronar.

O estalajadeiro colocou uma valetadeira. Nela havia duas tigelas de sopa, queijo de corte bruto e uma rodada de pão de cevada.

— Posso fazer mais alguma coisa por vocês, meus senhores?

— Não — Loth disse. — Obrigado.

O estalajadeiro fez uma reverência. Loth duvidava que recebesse todos os dias os nobres filhos de Condes Provinciais em seu estabelecimento.

No outro banco, Lorde Kitston Glade, seu querido amigo, partia o pão com os dentes.

— Ah, sério... — ele falou com um bufo. — Velho como um livro de orações. Atrevo-me a experimentar o queijo?

Loth deu um gole em seu hidromel, desejando que estivesse frio.

— Se a comida em sua província é tão ruim, — disse ele — você deveria levá-la ao senhor seu pai.

Kit bufou.

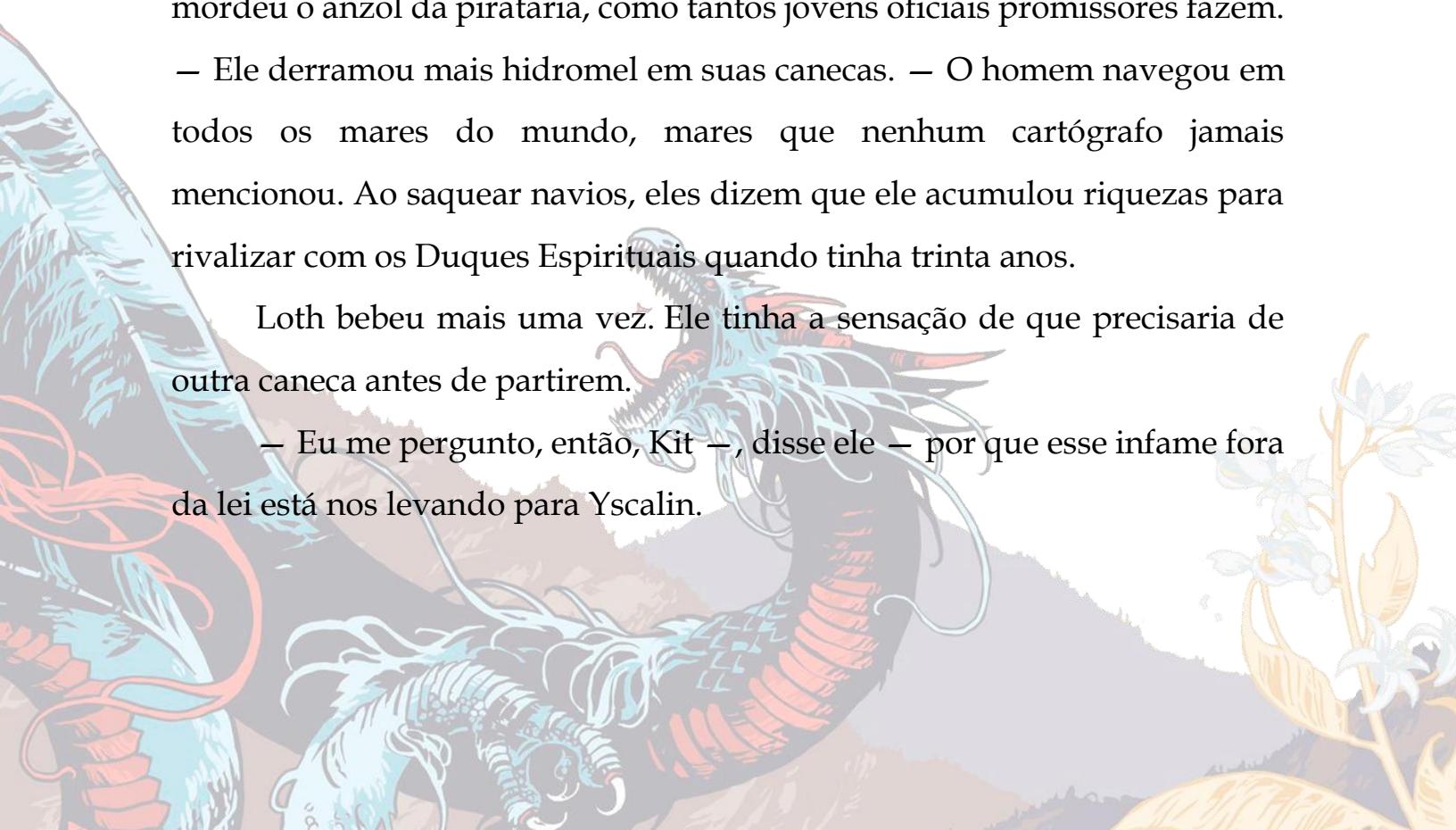
— Sim, ele gosta desse tipo de monotonia.

— Você deveria ser grato por esta refeição. Duvido que haja algo melhor no navio.

— Eu sei, eu sei. Sou um nobre de mãos delicadas que dorme na cama de plumas cisne, adora cortesãos além da conta e se farta de doces. A corte me arruinou. Foi o que meu pai disse quando me tornei poeta, você sabe.

— Kit cutucou o queijo com cautela. — Falando nisso, devo escrever enquanto estou aqui, uma pastoral, talvez. Meu povo não é encantador?

— Bastante — Loth disse.



Ele não poderia fingir despreocupação hoje. Kit estendeu a mão sobre a mesa para agarrar seu ombro.

— Fique comigo, Arteloth — disse ele. Loth grunhiu. — O cocheiro disse o nome do nosso capitão?

— Harman, eu acho.

— Você não quer dizer Harlowe? — Loth encolheu os ombros. — Oh, Loth, você *deve* ter ouvido falar de Gian Harlowe. O pirata! Todos em Ascalo...

— Eu obviamente não sou todo mundo em Ascalon. — Loth esfregou a ponta do nariz. — Por favor, esclareça-me sobre que tipo de patife está nos levando para Yscalin.

— Um patife lendário — disse Kit em voz baixa. — Harlowe veio para Inys ainda menino, vindo de terras distantes. Ele ingressou na Marinha aos nove anos e era capitão de um navio quando completou dezoito anos, mas mordeu o anzol da pirataria, como tantos jovens oficiais promissores fazem.

— Ele derramou mais hidromel em suas canecas. — O homem navegou em todos os mares do mundo, mares que nenhum cartógrafo jamais mencionou. Ao saquear navios, eles dizem que ele acumulou riquezas para rivalizar com os Duques Espirituais quando tinha trinta anos.

Loth bebeu mais uma vez. Ele tinha a sensação de que precisaria de outra caneca antes de partirem.

— Eu me pergunto, então, Kit —, disse ele — por que esse infame fora da lei está nos levando para Yscalin.

— Ele pode ser o único capitão corajoso o suficiente para fazer a travessia. Ele é um homem sem medo —, respondeu Kit. — A rainha Rosarian o favoreceu, você sabe.

A mãe de Sabran. Loth ergueu os olhos, finalmente interessado.

— Ela fez isso?

— Ela fez. Dizem que ele estava apaixonado por ela.

— Espero que você não esteja sugerindo uma traição, a rainha Rosarian jamais foi infiel ao príncipe Wilstan.

— Arteloth, meu amigo ranzinza do norte, nunca disse que ela retribuía o amor — disse Kit com serenidade. — Mas ela gostava do homem o suficiente para conceder a ele o maior navio blindado de sua frota, que ele chama de *Rosa Eterna*. Agora ele se autodenomina *corsário* impunemente.

— Ah. Corsário. — Loth deu uma risadinha leve. — O título mais procurado em todo o mundo.

— Sua tripulação capturou vários navios Yscali nos últimos dois anos. Duvido que eles gostem da nossa chegada.

— Imagino que os Yscals aceitam muito pouco hoje em dia.

Eles ficaram sentados em silêncio por algum tempo. Enquanto Kit comia, Loth olhava para fora da janela.

Aconteceu na calada da noite. Lacaios vestindo o livro alado de Lorde Seyton Combe entraram em seus aposentos e ordenaram que ele os acompanhasse. Antes que ele percebesse, ele foi colocado em uma carruagem com Kit — que também havia marchado de seus aposentos sob o manto da escuridão — e mostrado uma nota explicando suas circunstâncias.

Lorde Arteloth Beck —

Você e Lorde Kitston são agora embaixadores residentes de Inysh no Reino Dracônico de Yscalin. Os Yscals foram informados de que vocês estão indo.

Façam perguntas sobre o último embaixador, o Duque da Temperança. Observem a corte de Vetalda. Mais importante ainda, descubram o que eles estão planejando e se pretendem montar uma invasão para Inys.

Pela rainha e pelo país.

O bilhete foi arrancado de suas mãos em poucos instantes e, provavelmente, levado para ser queimado.

O que Loth não conseguia entender era *por quê*. Por que ele, entre todas as pessoas, estava sendo enviado para Yscalin. Inys precisava saber o que estava acontecendo em Cársaro, mas ele não era um espião.

O cão do desespero estava em suas costas, mas ele não podia deixar que isso o prendesse. Ele não estava sozinho.

— Kit — ele disse. — Me perdoe. Você foi forçado a se juntar a mim em meu exílio, e tenho sido uma péssima companhia.

— Não ouse se desculpar. Sempre gostei de uma aventura. — Kit alisou seus cachos louros com as duas mãos. — Já que você finalmente está falando, devemos falar sobre a nossa... situação.

— Não faça isso. Agora não, Kit. Está feito.

— Você não deve pensar que a rainha Sabran ordenou seu banimento — disse Kit com firmeza. — Eu te digo, isso foi arranjado sem o conhecimento dela. Combe terá contado a ela que você saiu da corte por vontade própria, e ela terá dúvidas sobre seu espião mestre. Você deve dizer a ela a verdade, — ele insistiu. — Escreva para ela. Revele a ela o que eles fizeram, e...

— Combe lê todas as cartas antes que cheguem a ela.
— Você não poderia usar algum código?
— Nenhum código está a salvo do Falcão da Noite. Há uma razão pela qual Sabran o fez seu espião mestre.

— Então escreva para sua família. Peça a ajuda deles.
— Eles não terão uma audiência com Sabran a menos que passem por Combe. Mesmo se eles consigam — Loth disse —, será tarde demais para nós então. Já estaremos em Cársaro.

— Eles ainda devem saber onde você está. — Kit balançou a cabeça. — Santo, estou começando a achar que você *quer* ir embora.

— Se os Duques Espirituais acreditam que sou a melhor pessoa para descobrir o que aconteceu em Yscalin, então talvez eu seja.

— Oh, vamos, Loth. Você sabe por que isso está acontecendo. Todos tentaram avisar você.

Loth esperou com a testa franzida. Com um suspiro, Kit esvaziou sua caneca e se inclinou para mais perto.

— A rainha Sabran ainda não se casou — ele murmurou. Loth ficou tenso. — Se os Duques Espirituais favorecem um casamento estrangeiro para ela, sua presença ao lado dela... bem, isso complica as coisas.

— Você sabe que Sab e eu *nunca*...

— O que eu sei é menos importante do que o que o mundo vê — disse Kit. — Permita-me entrar em uma pequena alegoria. Arte. A arte não é um grande ato de criação, mas muitos pequenos atos. Quando você lê um de meus poemas, não consegue ver as semanas de trabalho cuidadoso que levei para construí-lo: o pensamento, as palavras riscadas, as páginas que queimei

de nojo. Tudo que você vê, no final, é o que eu quero que você veja. Essa é a política.

Loth franziu a testa.

— Para garantir uma herdeira, os Duques Espirituais devem pintar um certo quadro da corte Inysh e sua rainha elegível — disse Kit. — Se eles acreditassem que sua intimidade com a rainha Sabran estragaria essa imagem, dissuadiria pretendentes estrangeiros, isso explicaria por que o escolheram para esta missão diplomática em particular. Eles precisavam que você fosse embora, então eles... pintaram você.

Outro silêncio caiu. Loth apertou seus dedos cheios de anéis e colocou sua testa contra eles.

Ele era um tolo.

— Agora, se meu sentimento estiver correto, a boa notícia é que podemos voltar sorrateiramente à corte assim que a rainha Sabran se casar —, disse Kit. — Eu digo que vamos aguentar as próximas semanas, encontrar o pobre velho Príncipe Wilstan se for possível, e então voltar para Inys por todos os meios necessários. Combe não vai nos impedir, uma vez que ele tenha o que quer.

— Você se esquece de que, se voltarmos, seremos capazes de expor seus planos a Sabran. Ele teria considerado isso. Não chegaremos perto dos portões do palácio.

— Vamos escrever para Sua Graça com antecedência. Faça-lhe alguma oferta. Nossa silêncio, e em troca ele nos deixará em paz.

— Não posso ficar calado sobre isso — Loth retrucou. — Sab deve saber se o Conselho de Virtudes dela maquina pelas costas. Combe sabe que

vou contar a ela. Acredite em mim, Kit – ele quer que fiquemos em Cársclaro para sempre. Seus olhos estão na corte mais perigosa do Ocidente.

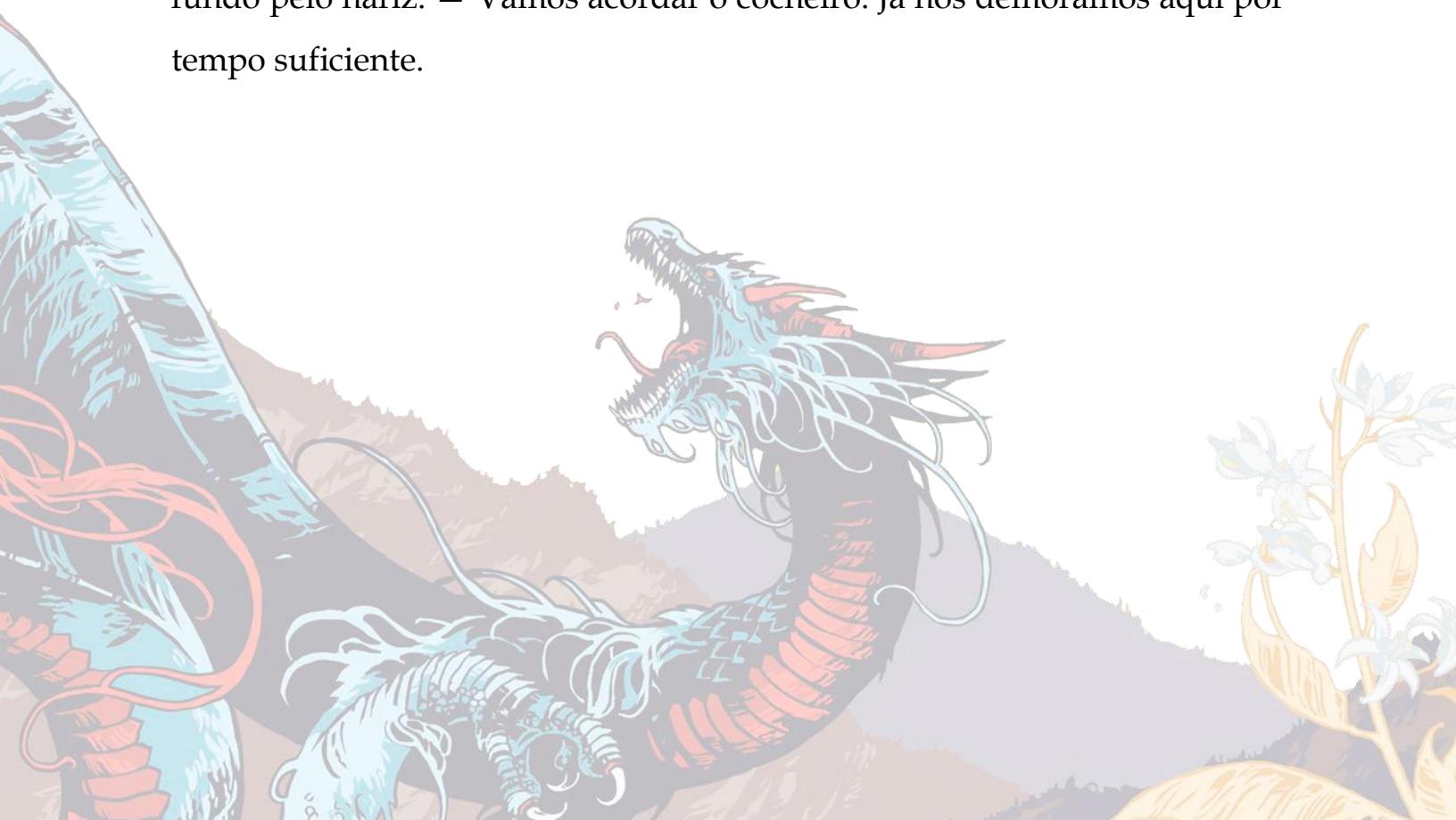
— Maldito seja. Encontraremos um caminho para casa — disse Kit. — O Santo não promete que todos nós faremos?

Loth esvaziou sua caneca.

— Você pode ser muito sábio, meu amigo. — Com um suspiro, acrescentou: — Só posso imaginar como Margret deve se sentir neste momento. Ela pode ter que herdar Goldenbirch.

— Meg não deve sobrecarregar sua mente brilhante. Goldenbirch não precisará dela como herdeira, porque estaremos de volta a Inys antes que você perceba. Esta missão pode *parecer* impossível de sobreviver, — disse Kit, voltando ao seu jeito jocoso — mas nunca se sabe. Podemos voltar como príncipes do mundo.

— Nunca pensei que você teria mais fé do que eu. — Loth respirou fundo pelo nariz. — Vamos acordar o cocheiro. Já nos demoramos aqui por tempo suficiente.



Capítulo 5

Leste

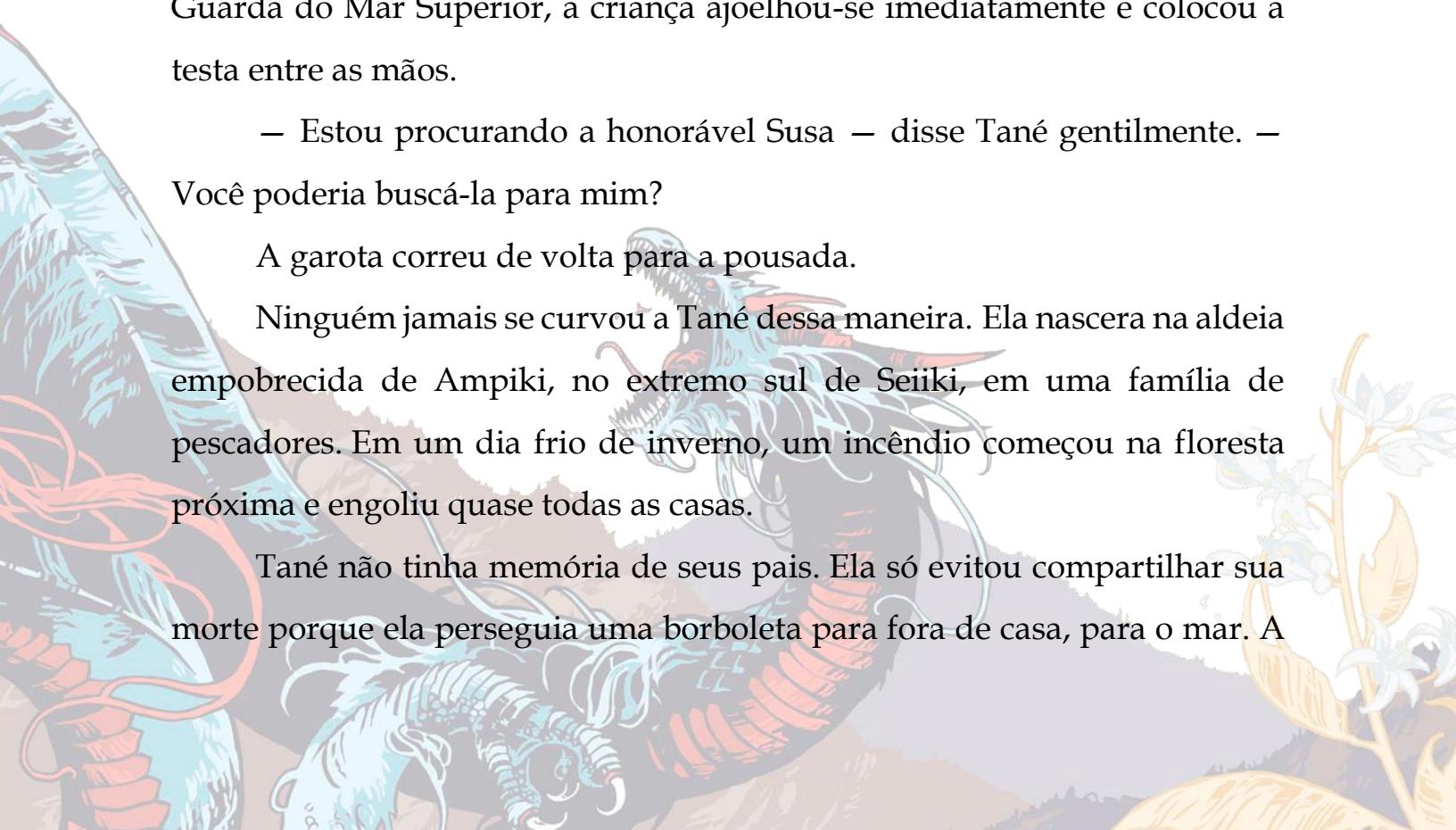
Os novos soldados da Guarda do Mar Superior puderam passar suas últimas horas em Cabo Hisan da maneira que quisessem. A maioria deles tinha ido se despedir de amigos. À nona hora da noite, partiriam de palanquim para a capital.

Os estudiosos já haviam partido no navio para a Ilha das Penas. Ishari não ficou no convés com os outros para assistir Seiiki desaparecer.

Elas eram próximas há anos. Tané cuidou de Ishari durante uma febre que quase a matou. Ishari parecia uma irmã quando Tané sangrou pela primeira vez, mostrando-lhe como fazer plugues de papel. Agora elas poderiam nunca mais se ver. Se ao menos Ishari tivesse estudado mais, dado mais de si mesma ao treinamento, elas poderiam ter sido cavaleiras juntas.

Por enquanto, Tané precisava voltar sua mente para outra amiga. Ela manteve a cabeça baixa enquanto avançava pelo clamor do Cabo Hisan, onde dançarinos e bateristas estavam fora para celebrar o Dia da Escolha. As crianças passavam pulando, rindo com suas pipas voando acima delas.

As ruas estavam cheias de gente. Elas enxugavam os rostos com tecido de linho. Enquanto Tané se esquivava dos mercadores que vendiam bugigangas, ela respirou o tempero do incenso, o cheiro da chuva no suor da pele e o sopro de peixes frescos. Ela ouviu os funileiros e comerciantes



gritarem e os gritos de alegria quando um pequeno pássaro amarelo gorjeou uma canção.

Esta poderia ser a última vez que ela caminharia no Cabo Hisan, a única cidade que ela conheceu.

Sempre foi um risco vir aqui. A cidade era um lugar perigoso, onde os aprendizes podiam ser tentados a agir de forma a corrompê-los. Havia bordéis e tavernas, jogos de cartas e rinhas de galos, recrutadores enviados para pressioná-los à pirataria. Tané muitas vezes se perguntou se as Casas de Aprendizagem foram construídas tão perto de tudo isso como um teste de vontade.

Quando ela chegou à pousada, ela soltou a respiração. Não havia sentinelas.

— Com licença! — Ela gritou através das barras.

Uma menininha veio até o portão. Ao ver Tané e a túnica azul da Guarda do Mar Superior, a criança ajoelhou-se imediatamente e colocou a testa entre as mãos.

— Estou procurando a honorável Susa — disse Tané gentilmente. — Você poderia buscá-la para mim?

A garota correu de volta para a pousada.

Ninguém jamais se curvou a Tané dessa maneira. Ela nascera na aldeia empobrecida de Ampiki, no extremo sul de Seiiki, em uma família de pescadores. Em um dia frio de inverno, um incêndio começou na floresta próxima e engoliu quase todas as casas.

Tané não tinha memória de seus pais. Ela só evitou compartilhar sua morte porque ela perseguia uma borboleta para fora de casa, para o mar. A

maioria dos enjeitados e órfãos acabaram no exército terrestre, mas a borboleta foi interpretada por uma mulher sagrada como uma intervenção dos deuses, e foi decidido que Tané deveria ser treinada como cavaleira.

Susa chegou ao portão com um manto de seda branca, ricamente bordado. Seu cabelo caía solto sobre os ombros.

— Tané. — Ela deslizou o portão para o lado. — Precisamos conversar.

Tané reconheceu o entalhe em sua sobrancelha. Elas entraram no beco ao lado da casa, onde Susa abriu o guarda-chuva e o segurou sobre as duas.

— Ele se foi.

Tané lambeu os lábios.

— O estranho?

— Sim. — Susa parecia nervosa. Ela nunca ficava nervosa. — Houve fofoca no mercado mais cedo. Um navio pirata foi avistado na costa do Cabo Hisan. Os sentinelas procuraram por toda a cidade em busca de cargas contrabandeadas, mas quando partiram, não encontraram nada.

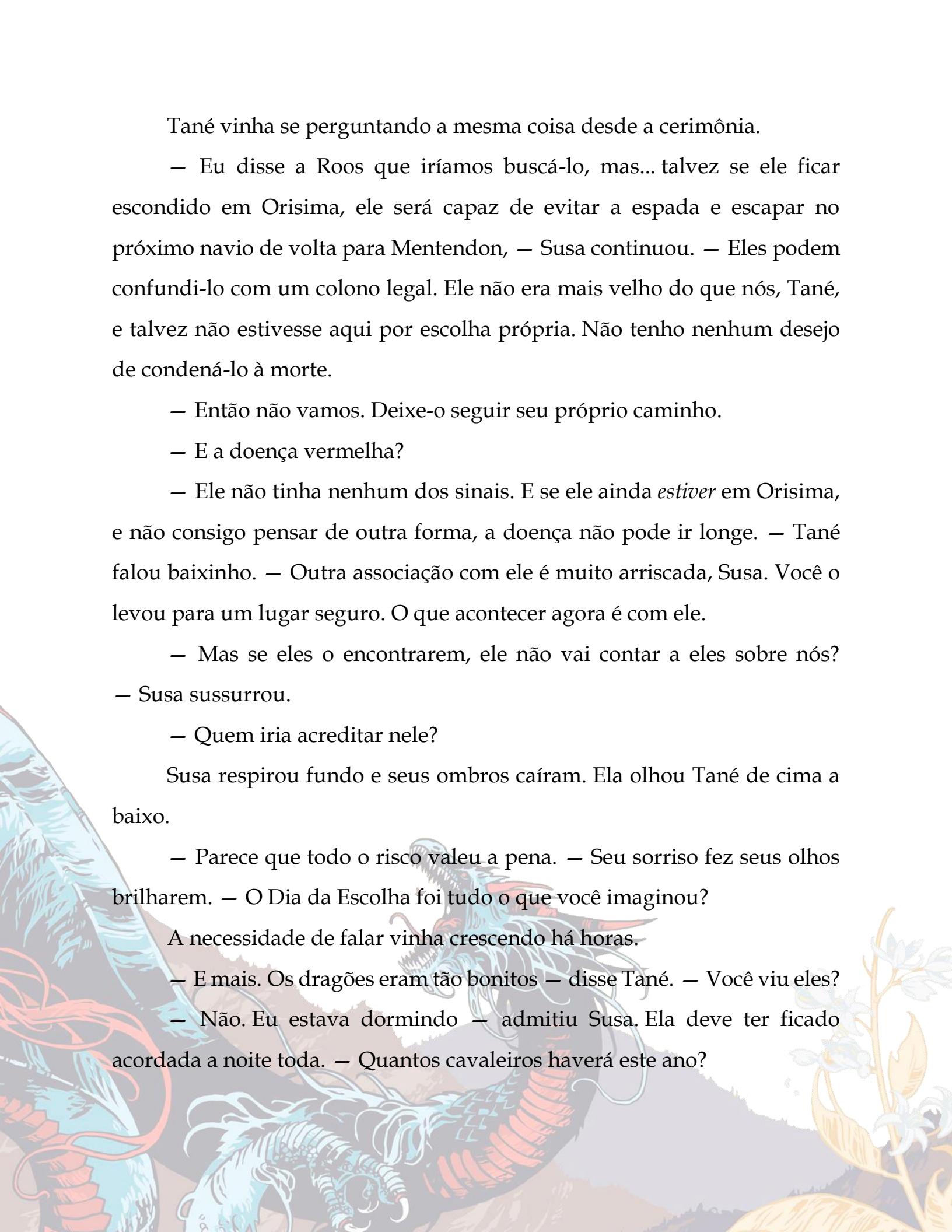
— Eles procuraram em Orisima — percebeu Tané, e Susa assentiu. — Eles encontraram o estranho?

— Não. Mas não há onde se esconder lá. — Susa olhou para a rua, seus olhos refletindo a luz dos postes. — Ele deve ter escapado enquanto os sentinelas estavam distraídos.

— Ninguém poderia cruzar a ponte sem que os sentinelas percebessem. Ele ainda *deve* estar lá.

— O homem deve ser meio fantasma se consegue se esconder tão bem.

— Susa apertou ainda mais o guarda-chuva. — Tané, você acha que ainda devemos contar ao honorável Governador sobre ele?



Tané vinha se perguntando a mesma coisa desde a cerimônia.

— Eu disse a Roos que iríamos buscá-lo, mas... talvez se ele ficar escondido em Orisima, ele será capaz de evitar a espada e escapar no próximo navio de volta para Mentendon, — Susa continuou. — Eles podem confundi-lo com um colono legal. Ele não era mais velho do que nós, Tané, e talvez não estivesse aqui por escolha própria. Não tenho nenhum desejo de condená-lo à morte.

— Então não vamos. Deixe-o seguir seu próprio caminho.

— E a doença vermelha?

— Ele não tinha nenhum dos sinais. E se ele ainda *estiver* em Orisima, e não consigo pensar de outra forma, a doença não pode ir longe. — Tané falou baixinho. — Outra associação com ele é muito arriscada, Susa. Você o levou para um lugar seguro. O que acontecer agora é com ele.

— Mas se eles o encontrarem, ele não vai contar a eles sobre nós?

— Susa sussurrou.

— Quem iria acreditar nele?

Susa respirou fundo e seus ombros caíram. Ela olhou Tané de cima a baixo.

— Parece que todo o risco valeu a pena. — Seu sorriso fez seus olhos brilharem. — O Dia da Escolha foi tudo o que você imaginou?

A necessidade de falar vinha crescendo há horas.

— E mais. Os dragões eram tão bonitos — disse Tané. — Você viu eles?

— Não. Eu estava dormindo — admitiu Susa. Ela deve ter ficado acordada a noite toda. — Quantos cavaleiros haverá este ano?

— Doze. O honrado Imperador Incessante enviou dois grandes guerreiros para aumentar nosso número.

— Eu nunca vi um dragão Lacustre. Eles são muito diferentes dos nossos?

— Eles têm corpos mais grossos e mais um dedo do pé. Seria um privilégio cavalgar com qualquer um deles. — Tané se aproximou mais sob o guarda-chuva. — Eu *devo* ser uma cavaleira, Susa. Sinto-me culpada por querer tanto quando já recebi tantas bênçãos, mas...

— Tem sido o seu sonho desde que você era criança. Você tem ambição, Tané. Nunca se desculpe por isso. — Susa fez uma pausa. — Você está com medo?

— Claro.

— Bom. O medo fará você lutar. Não deixe que um merdinha como Turosa tente ser maior que você, seja quem for a mãe dele. — Tané deu a ela um olhar de repreensão, mas sorriu. — Agora, você deve se apressar. Lembre-se, não importa quão longe você voe do Cabo Hisan, eu sempre serei sua amiga.

— E eu a sua.

O portão da pousada se abriu, fazendo com que ambas se assustassem.

— Susa — a garota chamou. — Você precisa entrar agora.

Susa olhou para a casa.

— Eu preciso ir. — Ela olhou para Tané, e hesitou. — Eles vão me deixar escrever para você?

— Eles devem. — Tané nunca conheceu um plebeu que mantivesse amizade com um guardião do mar, mas rezou para que elas fossem a exceção. — Por favor, Susa, tenha cuidado.

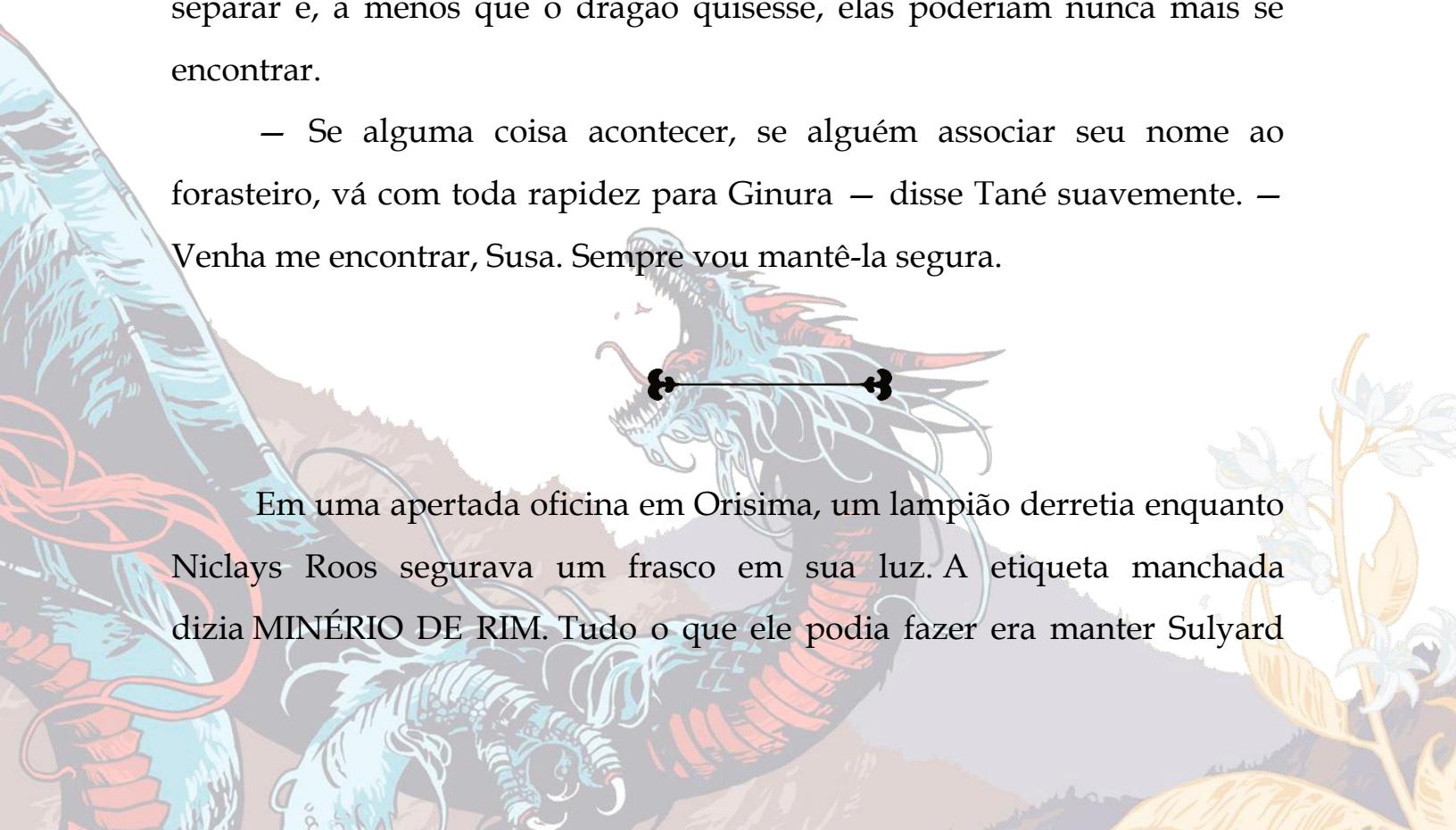
— Sempre. — Seu sorriso estremeceu. — Você não vai sentir muito a minha falta. Quando você voar acima das nuvens, todos nós pareceremos muito pequenos aqui.

— Onde quer que eu esteja — disse Tané — estarei com você.

Susa tinha arriscado tudo por um sonho que não era dela. Esse tipo de amizade era algo que não se encontrava mais de uma vez na vida. Alguns poderiam nem mesmo encontrar.

O espaço entre elas estava repleto de lembranças, e seus rostos não estavam mais úmidos apenas pela chuva. Talvez Tané voltasse a Cabo Hisan para proteger a costa leste, ou talvez Susa pudesse visitá-la, mas, pela primeira vez na vida, nada era certo. Seus caminhos estavam prestes a se separar e, a menos que o dragão quisesse, elas poderiam nunca mais se encontrar.

— Se alguma coisa acontecer, se alguém associar seu nome ao forasteiro, vá com toda rapidez para Ginura — disse Tané suavemente. — Venha me encontrar, Susa. Sempre vou mantê-la segura.



Em uma apertada oficina em Orisima, um lampião derretia enquanto Niclays Roos segurava um frasco em sua luz. A etiqueta manchada dizia MINÉRIO DE RIM. Tudo o que ele podia fazer era manter Sulyard

longe de sua mente, mas a maneira mais certa de administrar isso era se perder em seu grande trabalho.

Não que ele estivesse trabalhando muito, grande ou não. Ele estava perigosamente com poucos ingredientes e seu equipamento alquímico era tão antigo quanto ele, mas ele queria mais uma tentativa antes de escrever mais uma vez sobre suprimentos. O governador de Cabo Hisan foi simpático, mas muitas vezes continha sua generosidade para o Senhor da Guerra, que parecia saber tudo o que acontecia em Seiiki.

O Senhor da Guerra era quase mítico. Sua família assumiu o poder depois que a Casa imperial de Noziken foi destruída na Grande Tristeza. Tudo o que Niclays realmente sabia sobre o homem, era que ele vivia em um castelo em Ginura. Todos os anos, o vice-rei de Orisima era levado para lá em um palanquim trancado para prestar homenagem, oferecer presentes de Mentendon e receber presentes em troca.

Niclays era a única pessoa no entreposto comercial que nunca fora convidada a acompanhá-lo na viagem. Seus companheiros Ments eram educados em seu rosto, mas ao contrário do resto deles, ele estava aqui porque estava no exílio. O fato de nenhum deles saber por que não os tornava queridos para ele.

Às vezes, ele queria se desmascarar, apenas para ver seus rostos. Para dizer a eles que *ele* era o alquimista que convenceu a jovem Rainha de Inys de que poderia preparar para ela um elixir da vida, eliminando qualquer necessidade de casamento ou herdeira. Que ele era o perdulário que usara o dinheiro da Berethnet para sustentar anos de suposições, experimentos e libertinagem.

Eles ficariam horrorizados. Quão escandalizados por sua falta de virtude. Eles não teriam ideia de que mesmo quando ele fez seu caminho para Inys dez anos atrás, uma caixa de fogo ambulante de dor e raiva, ele permaneceu fiel, em alguma câmara oculta de seu coração, aos princípios da alquimia. Destilação, Flotação, Sublimação - essas eram as únicas divindades que ele elogiaria. Eles não teriam ideia de que enquanto ele suava com um cadinho², certo de que poderia descobrir uma maneira de deixar um corpo no auge da juventude, ele também vinha tentando derreter a lâmina da dor que havia sido enterrada em seu peito. Uma lâmina que finalmente o levou para longe de seus cadinhos, de volta ao conforto e esquecimento do vinho.

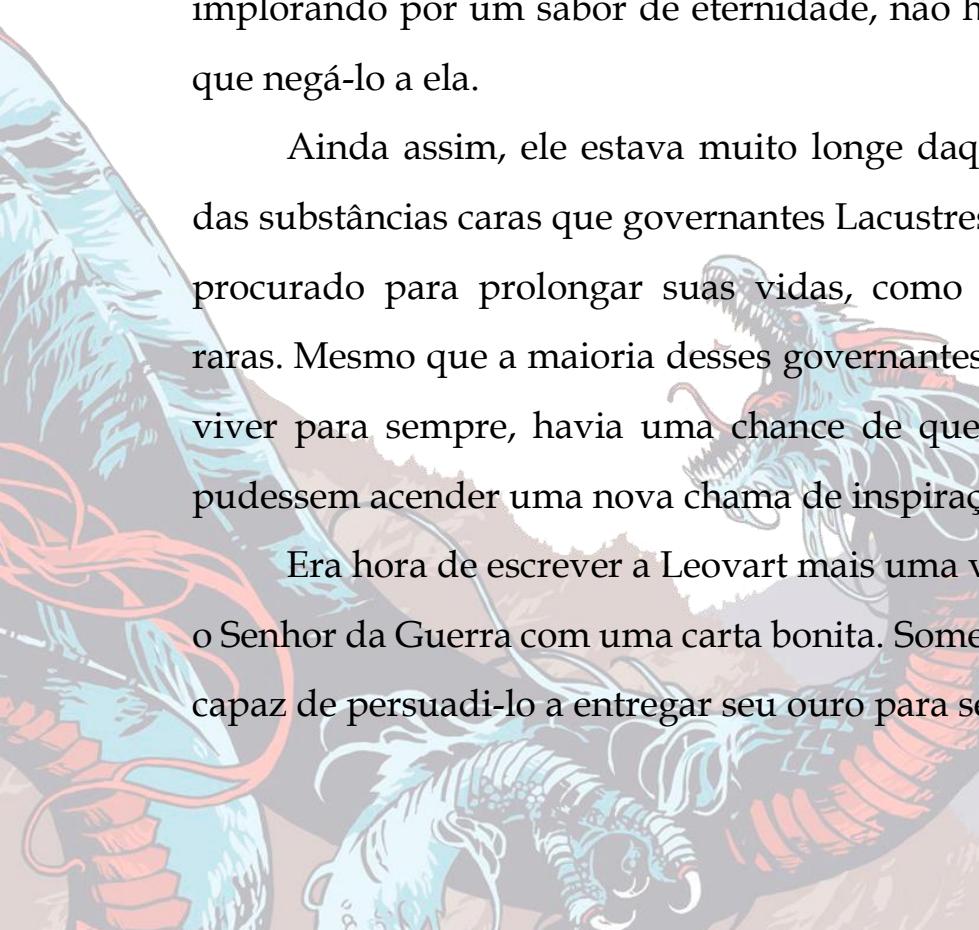
Ele não teve sucesso em nenhuma das aventuras. E por isso, Sabran Berethnet o fez pagar.

Não com sua vida. Leovart havia lhe dito que deveria ser grato por essa assim chamada gentileza de Sua Inimizade. Não, Sabran não havia tomado sua cabeça - mas ela havia tomado todo o resto. Agora ele estava preso na borda do mundo, cercado por pessoas que o desprezavam.

Deixe-os sussurrar. Se esse experimento funcionasse, todos eles estariam batendo à sua porta pelo elixir. Com a língua presa entre os dentes, ele despejou o minério de rim no cadinho.

Poderia muito bem ser pólvora. Antes que ele percebesse, a corrente de ar estava fervendo. Borbulhou na mesa e soltou uma nuvem de fumaça malcheirosa.

² Cadinho ou crisol é um recipiente em forma de pote, normalmente com características refratárias, resistente a temperaturas elevadas, no qual são fundidos materiais a altas temperaturas.

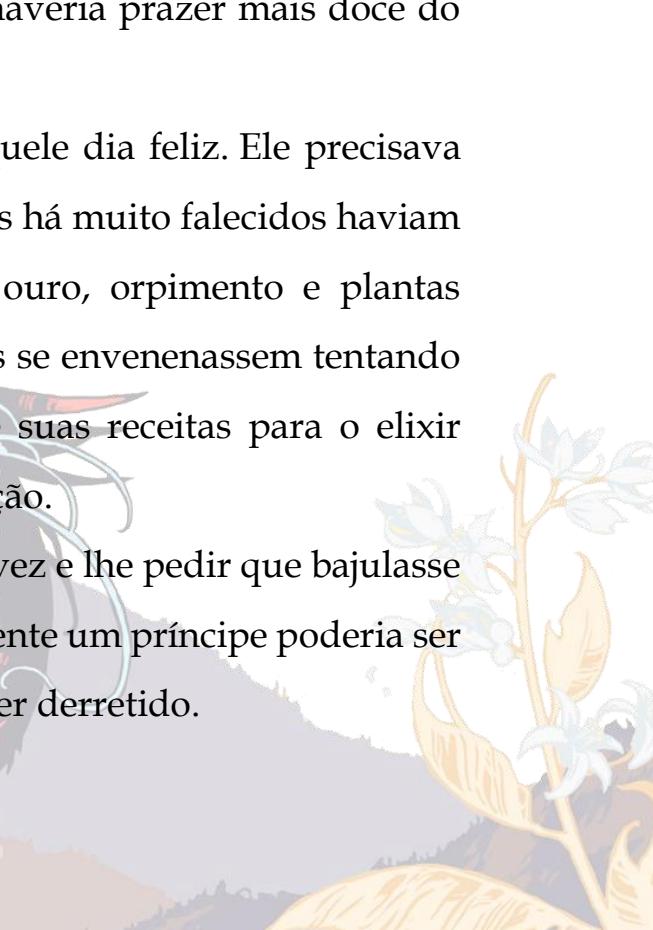


Niclays olhou desesperadamente para o cadiinho. Tudo o que restou foi um resíduo preto de alcatrão. Com um suspiro, ele esfregou a fuligem dos óculos. Sua criação parecia mais solo noturno do que o elixir da vida.

O minério de rim não era a resposta. Então, novamente, o pó poderia não ter sido minério de rim. Panaya o comprara de um comerciante em seu nome, e os comerciantes não eram famosos por sua honestidade.

O Inominável leva tudo isso. Ele teria desistido de fazer o maldito elixir se não fosse pelo fato de que ele não tinha meios de escapar desta ilha, a não ser comprar seu caminho de volta para o oeste com ele.

Claro, ele não tinha intenção de dá-lo a Sabran Berethnet. Ela poderia ser enforcada. Mas se ele dissesse a qualquer governante que o possuía, eles providenciariam para que ele fosse levado de volta a Mentendon e tivesse permissão para viver o resto de sua vida com luxo e riqueza. E *ele* faria com que Sabran soubesse o que ele poderia fazer e, quando ela viesse a ele, implorando por um sabor de eternidade, não haveria prazer mais doce do que negá-lo a ela.



Ainda assim, ele estava muito longe daquele dia feliz. Ele precisava das substâncias caras que governantes Lacustres há muito falecidos haviam procurado para prolongar suas vidas, como ouro, orpimento e plantas raras. Mesmo que a maioria desses governantes se envenenasse tentando viver para sempre, havia uma chance de que suas receitas para o elixir pudessem acender uma nova chama de inspiração.

Era hora de escrever a Leovart mais uma vez e lhe pedir que bajulasse o Senhor da Guerra com uma carta bonita. Somente um príncipe poderia ser capaz de persuadi-lo a entregar seu ouro para ser derretido.

Niclays terminou seu chá frio, desejando que fosse mais forte. O vice-rei de Orisima o havia barrado da cervejaria e limitado a duas taças de vinho por semana. Suas mãos tremiam há meses.

Elas tremiam agora, mas não com a necessidade de esquecimento. Ainda não havia sinal de Triam Sulyard.

Os sinos soaram na cidade novamente. Os guardiões do mar deveriam estar a caminho da capital. Os outros aprendizes seriam despachados para a Ilha das Penas, uma ilha alta no Mar de Sundance, onde toda a sabedoria conhecida sobre os dragões era armazenada. Niclays escrevera várias vezes ao governador do Cabo Hisan, pedindo permissão para viajar para lá, mas sempre fora rejeitado. A Ilha das Penas não era para estrangeiros.

Os dragões ainda podiam ser a chave de seu trabalho. Eles poderiam viver por milhares de anos. Algo em seus corpos deveria permitir que eles continuem se renovando.

Eles não eram o que eram antes. Na lenda oriental, os dragões possuíam habilidades místicas, como mudar de forma e criar sonhos. A última vez que eles exibiram esses poderes foi nos anos seguintes ao fim da Grande Tristeza. Naquela noite, um cometa cruzou o céu, e enquanto os wyrms de todo o mundo caíram em um sono de pedra, os dragões orientais se descobriram mais fortes do que eram em séculos.

Agora seus poderes haviam diminuído novamente. E ainda assim eles viviam. Oelixir encarnado.

Não que a teoria ajudasse muito a Niclays. Ao contrário, a compreensão levou seu trabalho a um beco sem saída. Os ilhéus viam seus dragões como sagrados. Consequentemente, o comércio de qualquer

substância proveniente de seus corpos foi proibido, sob pena de uma morte particularmente lenta e horrível. Apenas os piratas arriscavam.

Com os dentes cerrados e uma forte dor de cabeça, Niclays saiu mancando de sua oficina. Quando ele pisou no tapete, ele ficou boquiaberto.

Triam Sulyard estava sentado perto da lareira. Ele estava ensopado até a pele.

— Pelo *porra* do Santo... — Niclays encarou. — Sulyard!

O menino parecia ferido.

— Você não deve rogar as partes íntimas do Santo em vão.

— Segure sua língua — Niclays estalou, o coração batendo forte. — Minha palavra, mas você é um desgraçado de sorte. Se você encontrou uma maneira de sair deste lugar, diga agora.

— Eu tentei ir embora — disse Sulyard. — Conseguí fugir dos guardas e sair da casa, mas muitos estavam perto do portão. Eu entrei na água e me escondi embaixo da ponte até que o cavaleiro oriental foi embora.

— O oficial não é um cavaleiro, seu tolo. — Niclays soltou um grunhido de frustração. — Santo, *por que* você teve que voltar? O que eu fiz para merecer você aparecendo para ameaçar o pouco que me resta de uma existência? — Ele fez uma pausa. — Na verdade, não responda a isso.

Sulyard ficou em silêncio. Niclays passou por ele e começou a acender uma fogueira.

— Doutor Roos — disse Sulyard, após uma hesitação. — Por que Orisima é tão bem guardada?

— Porque estranhos não podem colocar os pés em Seiiki sob pena de morte. E os Seiikinenses, por sua vez, não podem partir. — Niclays

pendurou a chaleira na lareira. — Eles nos deixaram ficar aqui para que eles pudessem negociar conosco e absorver as probabilidades e os fins do conhecimento Mentish, e para que possamos dar ao Senhor da Guerra pelo menos uma impressão nebulosa do outro lado do Abismo, mas não podemos ir além de Orisima ou falar heresia para os Seiikinenses.

— Heresia como as Seis Virtudes?

— Precisamente. Eles também, comprehensivelmente, suspeitam que estranhos carreguem a praga Dracônica — a doença vermelha, como a chamam. Se você tivesse se dado ao trabalho de fazer sua *pesquisa* antes de vir aqui...

— Mas eles certamente ouviriam se pedíssemos ajuda —, disse Sulyard, com convicção. — Na verdade, enquanto estava escondido, pensei que poderia simplesmente deixá-los me encontrar, para que me levasssem para a capital. — Ele parecia não ver o olhar horrorizado que Niclays lhe dirigiu. — Devo falar com o Senhor da Guerra, Doutor Roos. Se você ao menos pudesse ouvir o que eu vim...

— Como eu disse —, disse Niclays asperamente — não tenho interesse em sua missão, Mestre Sulyard.

— Mas Virtudom está em perigo. O mundo está em perigo — pressionou Sulyard. — A Rainha Sabran precisa de nossa ajuda.

— Ela corre um perigo terrível, não é? — Ele tentou não parecer muito esperançoso. — Ameaça a vida?

— Sim, Doutor Roos. E eu conheço uma maneira de salvá-la.

— A mulher mais rica do Ocidente, venerada por três países, precisa de um escudeiro para salvá-la. Fascinante. — Niclays deu um suspiro. —

Tudo bem, Sulyard. Eu vou satisfazer você. Esclareça-me como você planeja poupar a Rainha Sabran desse perigo não especificado.

— Intercedendo com o Oriente. — Sulyard parecia determinado. — O Senhor da Guerra de Seiiki deve enviar seus dragões para ajudar Sua Majestade. Pretendo persuadi-lo a fazer isso. Ele deve ajudar Virtudom a derrubar as feras Dracônicas antes que elas despertem completamente. Antes-

— Espere — interrompeu Niclays. — Você quer dizer que quer... uma *aliança* entre Inys e Seiiki?

— Não apenas entre Inys e Seiiki, Doutor Roos. Entre Virtudom e o Oriente.

Niclays deixou as palavras se cristalizar. O canto de sua boca se contraiu. E quando Sulyard continuava a parecer sério como um santuário, Niclays jogou a cabeça para trás e riu.

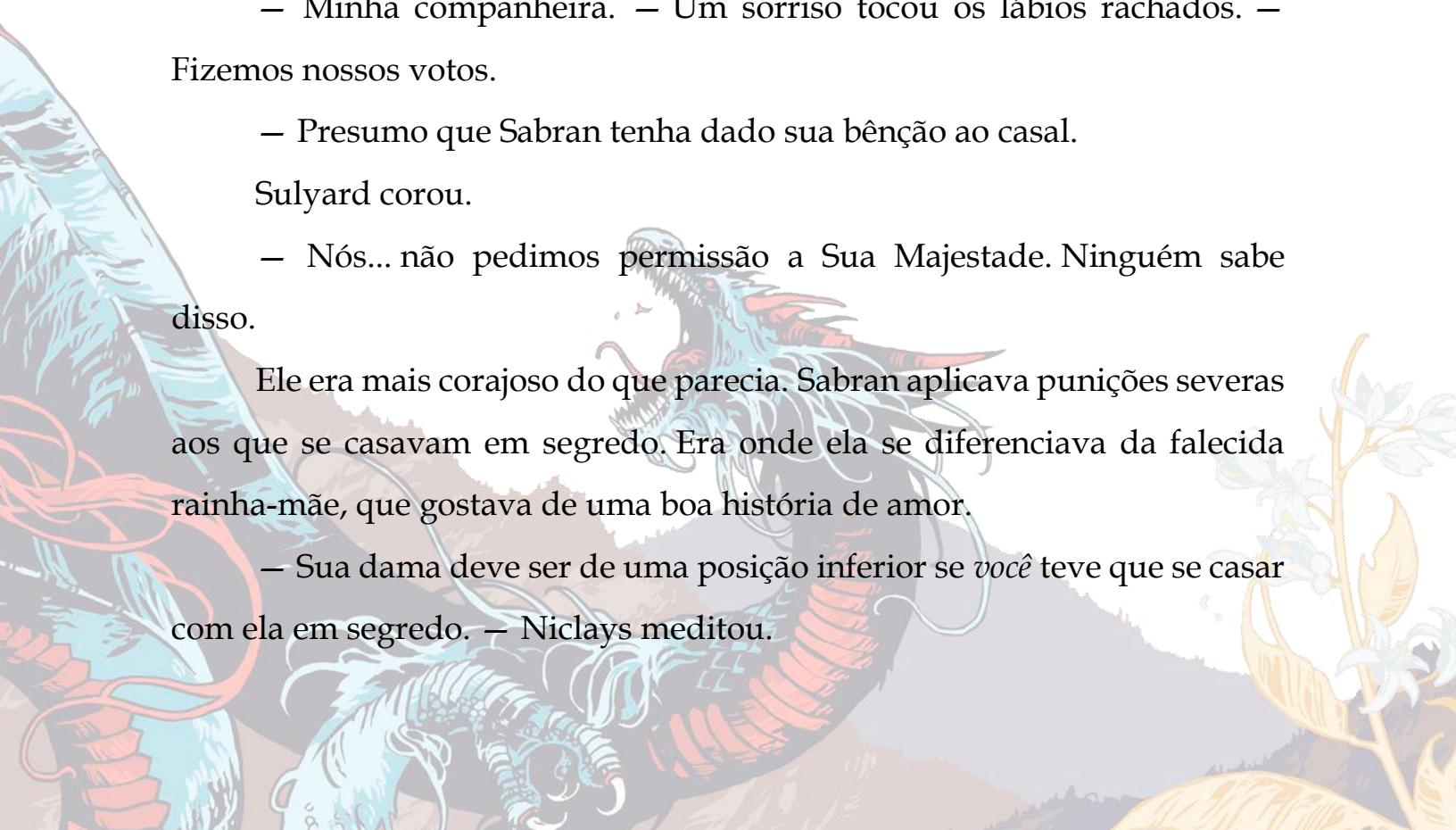
— Oh, isso é maravilhoso. Glorioso — declarou ele. Sulyard olhou para ele. — Oh, Sulyard. Tive muito pouco entretenimento neste lugar. Obrigado.

— Não é *brincadeira*, doutor Roos — disse Sulyard, indignado.

— Oh, mas é, querido menino. Você pensa que sozinho pode derrubar o Grande Édito, uma lei que existe há cinco séculos, apenas pedindo gentilmente. Você realmente é jovem. — Niclays riu mais uma vez. — E quem é o seu parceiro neste esplêndido empreendimento?

Sulyard bufou.

— Sei que está zombando de mim, senhor — disse ele. — Mas não deve zombar de minha senhora. Ela é alguém por quem eu morreria mil vezes,



cujo nome não posso dizer. Alguém que é a luz em minha vida, a respiração em meu peito, o sol para meu...

— Sim, tudo bem, isso é o suficiente. Ela não queria vir para Seiiki com você?

— Nós planejamos vir juntos. Mas quando visitei minha mãe em Perchling no inverno, conheci uma marinheira por acaso. Ela me ofereceu um lugar em um navio com destino a Seiiki. — Seus ombros curvados para dentro. — Mandei recado ao meu amor na corte... Eu rezo para que ela entenda. Que ela me perdoe.

Já fazia um tempo que Niclays não se entregava a um pouco de fofoca da corte. Ele vivia em meio ao tédio por tanto tempo, que estava quase salivando por isso. Ele serviu duas xícaras de chá de salgueiro e sentou-se nas esteiras, esticando a perna dolorida à sua frente.

— Esta senhora é sua prometida, eu suponho.

— Minha companheira. — Um sorriso tocou os lábios rachados. — Fizemos nossos votos.

— Presumo que Sabran tenha dado sua bênção ao casal.

Sulyard corou.

— Nós... não pedimos permissão a Sua Majestade. Ninguém sabe disso.

Ele era mais corajoso do que parecia. Sabran aplicava punições severas aos que se casavam em segredo. Era onde ela se diferenciava da falecida rainha-mãe, que gostava de uma boa história de amor.

— Sua dama deve ser de uma posição inferior se você teve que se casar com ela em segredo. — Niclays meditou.

— Não! Minha senhora nasceu nobre. Ela é tão doce quanto o mel mais rico, tão bonita quanto uma frente de outono...

— Santo, chega. Você está me dando dor de cabeça. — Era de se imaginar como Sabran o manteve por perto sem ter sua língua arrancada. — Quantos anos você tem, exatamente, Sulyard?

— Dezoito.

— Um homem adulto, então. Velho o suficiente para saber que nem todos os sonhos devem ser perseguidos, especialmente os sonhos concebidos na cama de penas do amor. Se o oficial chefe o tivesse encontrado, você teria sido levado ao governador do Cabo Hisan. Não para o Senhor da Guerra. — Niclays tomou um gole de chá. — Vou alegrar você de novo, Sulyard. Se você sabe que Sabran está em perigo — tanto perigo que ela precisa da ajuda de Seiiki, o que eu duvido — então por que não contar a ela?

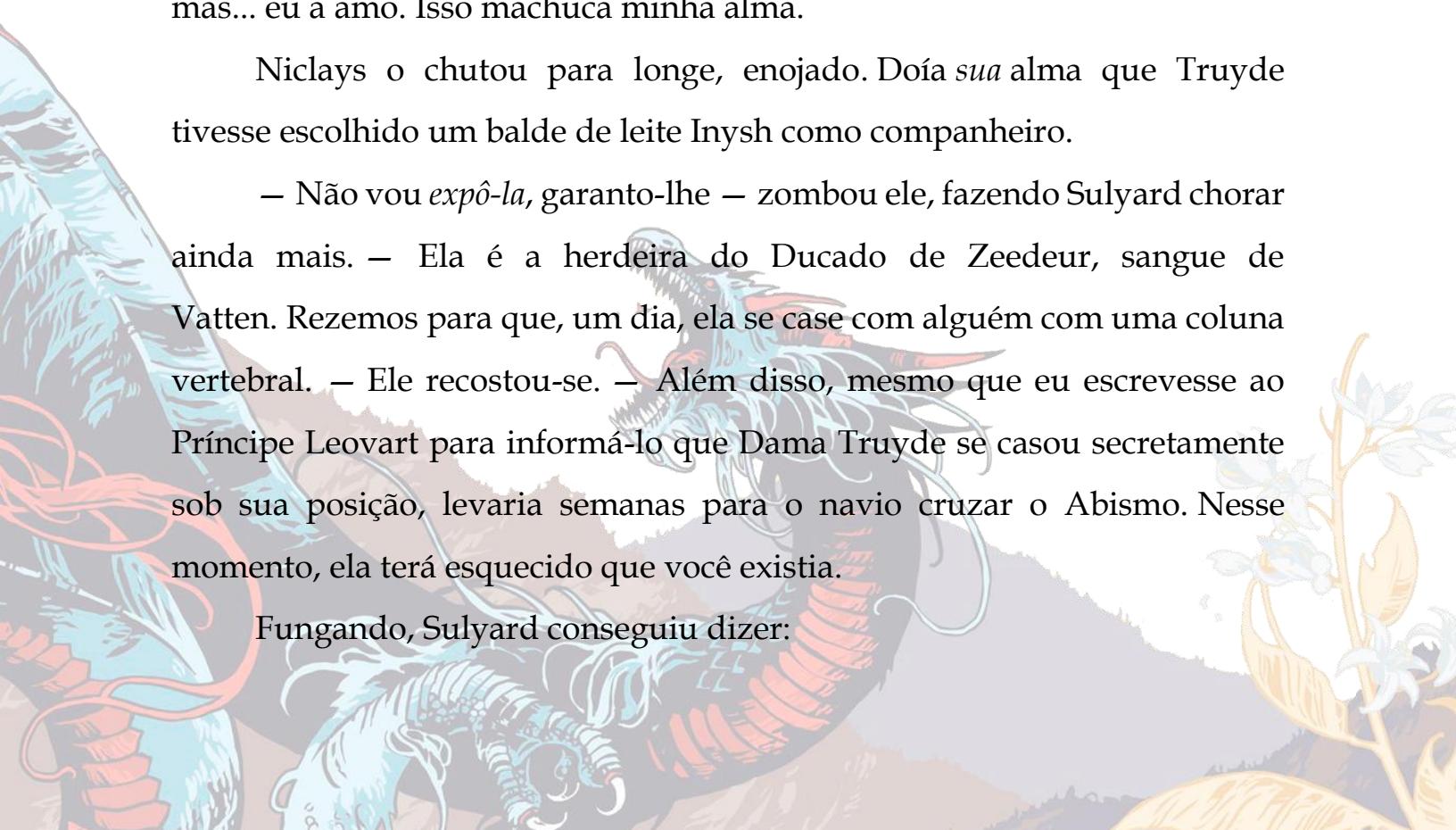
Sulyard hesitou.

— Sua Majestade desconfia do Oriente, em seu próprio detimento — ele finalmente disse. — E eles são os únicos que podem nos ajudar. Mesmo quando ela for informada do perigo que enfrenta, o que sem dúvida ocorrerá em breve, seu orgulho nunca permitirá que ela peça ajuda oriental. Se eu pudesse falar com o Senhor da Guerra em seu nome, Truyde disse que ela pode perceber o...

— Truyde.

A xícara tremeu em suas mãos.

— Truyde — ele sussurrou. — Não — não Truyde utt Zeedeur. Filha de Lorde Oscarde.



Sulyard estava congelado.

— Doutor Roos — começou ele, após uma agonia de gagueira. — Deve ser um segredo.

Antes que pudesse impedir, Niclays riu de novo. Desta vez, tinha um toque de loucura.

— Minha nossa! — ele gritou. — Mas você é *um* companheiro e tanto, Mestre Sulyard! Primeiro você se casa com a Marquesa de Zeedeur sem permissão, um ato que pode destruir sua reputação. Então você a abandona e, finalmente, deixa seu nome escapar para um homem que conhecia bem seu avô. — Ele enxugou os olhos na manga. Sulyard parecia prestes a desmaiar. — Ah, como você é digno do amor dela. O que você vai me dizer a seguir que você a deixou grávida também?

— Não, não... — Sulyard rastejou em sua direção. — Suplico-lhe, Doutor Roos, não exponha a nossa transgressão. Não *sou* digno de seu amor, mas... eu a amo. Isso machuca minha alma.

Niclays o chutou para longe, enojado. Doía *sua* alma que Truyde tivesse escolhido um balde de leite Inysh como companheiro.

— Não vou *expô-la*, garanto-lhe — zombou ele, fazendo Sulyard chorar ainda mais. — Ela é a herdeira do Ducado de Zeedeur, sangue de Vatten. Rezemos para que, um dia, ela se case com alguém com uma coluna vertebral. — Ele recostou-se. — Além disso, mesmo que eu escrevesse ao Príncipe Leovart para informá-lo que Dama Truyde se casou secretamente sob sua posição, levaria semanas para o navio cruzar o Abismo. Nesse momento, ela terá esquecido que você existia.

Fungando, Sulyard conseguiu dizer:

— O príncipe Leovart está morto.

O Grande Príncipe de Mentendon. A única pessoa que tentou ajudar Niclays em Orisima.

— Isso certamente explicaria por que ele ignora minhas cartas.

— Niclays levou a xícara aos lábios. — Quando?

— Há menos de um ano, Doutor Roos. Um wyvern queimou seu pavilhão de caça até as cinzas.

Niclays sentiu uma pontada de perda por Leovart. Sem dúvida o vice-rei de Orisima sabia da notícia, mas preferiu não divulgá-la.

— Entendo — disse ele. — Quem agora governa Mentendon?

— Príncipe Aubrecht.

Aubrecht. Niclays lembrava-se dele como um jovem reservado que pouco se importava com nada além de livros de orações. Embora ele fosse maior de idade quando a doença suada tirou seu tio, Edvart, foi decidido que Leovart — o próprio tio de Edvart — governaria primeiro, para mostrar ao terno Aubrecht o caminho. Claro, uma vez que Leovart estava no trono, ele encontrou desculpas para não desocupá-lo.

Agora Aubrecht ocupava seu lugar de direito. Ele precisaria de uma vontade de ferro se pretendia controlar Mentendon.

Niclays afastou seus pensamentos de casa antes que pudesse cair neles para sempre. Sulyard ainda estava olhando para ele, o rosto manchado de rosa.

— Sulyard — disse Niclays, — vá para casa. Quando a remessa Mentish chegar, vá embora. Volte para Truyde e fuja para a Lagoa do Leite, ou... onde quer que os amantes vão hoje em dia. — Quando Sulyard abriu a

boca, ele completou: — Confie em mim. Você não pode fazer nada aqui, exceto morrer.

— Mas minha tarefa...

— Nem todos nós podemos terminar nossas grandes obras.

Sulyard ficou em silêncio. Niclays tirou os óculos e limpou-os na manga.

— Eu não tenho amor por sua rainha. Na verdade, eu a desprezo totalmente — disse ele, fazendo Sulyard estremecer. — Mas duvido muito que Sabran queira que um escudeiro de dezoito anos morra por ela. — Um tremor invadiu sua voz. — Eu quero que você vá embora, Triam. E eu quero que você diga a Truyde, por mim, para parar de se envolver em questões que podem destruí-la.

Sulyard baixou o olhar.

— Perdoe-me, Doutor Roos, mas não posso —, disse ele. — Eu devo ficar.

Niclays olhou para ele com ar cansado.

— E fazer o quê?

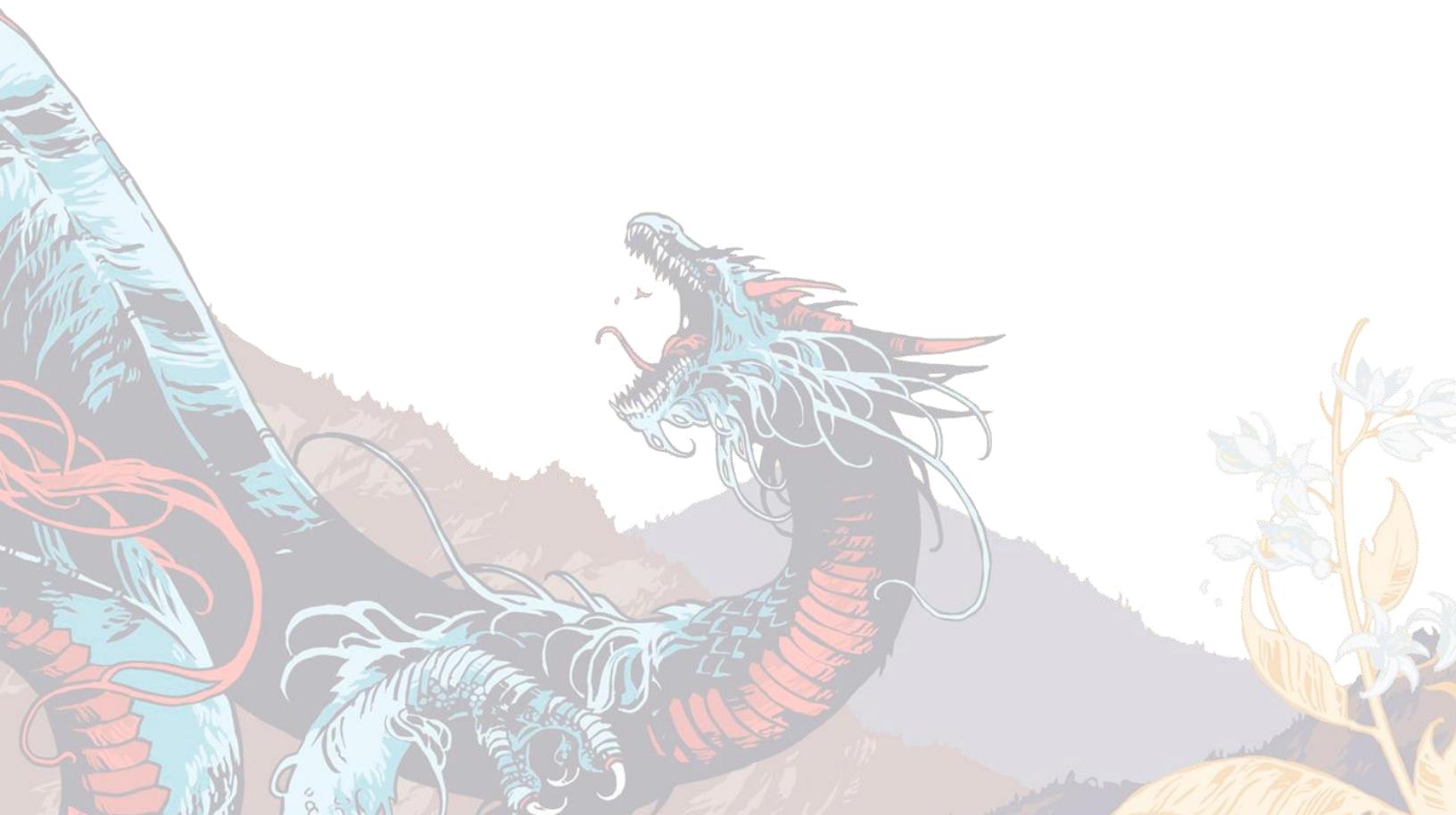
— Eu encontrarei uma maneira de apresentar meu caso ao Senhor da Guerra... mas não vou envolvê-lo mais.

— Ter você em minha casa é envolvimento o suficiente para eu perder a cabeça.

Embora Sulyard não tenha dito nada, seu queixo estava tenso. Niclays franziu os lábios.

— Você parece devoto, Mestre Sulyard, — ele disse. — Eu sugiro que você ore. Ore para que os sentinelas fiquem longe de minha casa até que o

carregamento Mentish chegue, para que você tenha tempo de recobrar o juízo sobre este assunto. Se sobrevivermos aos próximos dias, posso apenas orar novamente.



Capítulo 6

Oeste

Quando ela evitava a Casa de Banquete, o que acontecia com frequência, a Rainha de Inys jantava em sua Câmara Privada. Esta noite, Ead e Linora foram convidadas para partir o pão com ela, uma honra habitualmente reservada para suas três companheiras de cama.

Margret tinha uma de suas dores de cabeça. *Esmagadoras de crânios*, ela as chamava. Normalmente ela se recusava a permitir que elas a impedissem de cumprir suas obrigações, mas ela devia estar doente de preocupação com Loth.

Apesar do calor do verão, um fogo crepitava na Câmara Privada. Até agora, ninguém havia falado com Ead.

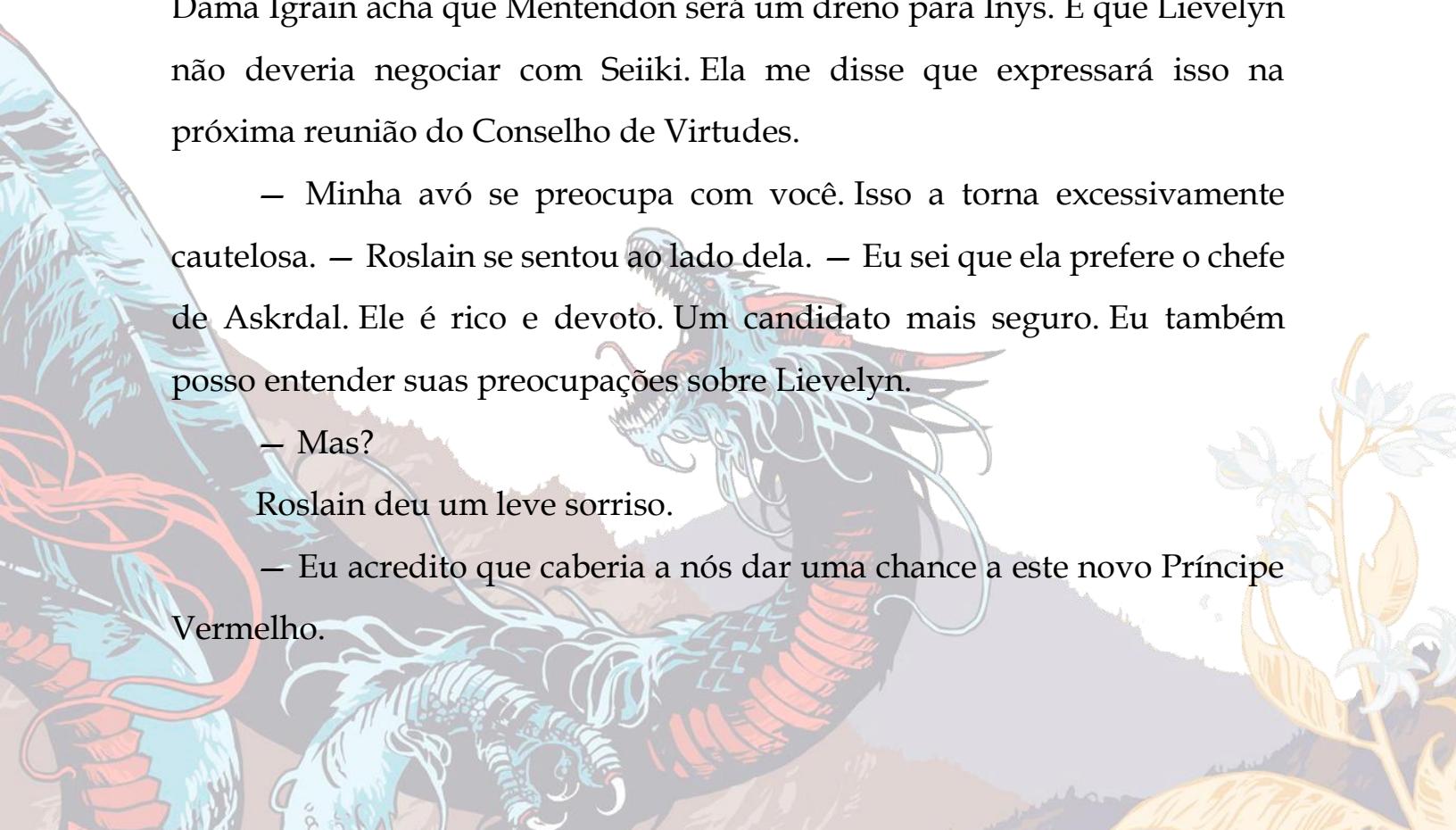
Às vezes ela sentia como se pudesse cheirar seus segredos. Como se sentissem que ela não viera a esta corte para ser uma dama de companhia.

Como se soubessem sobre o Priorado.

— O que você acha dos olhos dele, Ros?

Sabran olhou para a miniatura em sua mão. Já havia sido passado entre as mulheres e examinado de todos os ângulos. Agora Roslain Crest pegou e estudou novamente.

A Chefe Senhoria da Câmara Privada, herdeira aparente do Ducado da Justiça, nascera apenas seis dias antes de Sabran. Seu cabelo era espesso



e escuro como melaço. Pálida e de olhos pequenos, sempre vestida na moda, ela passou quase toda a sua vida com sua rainha. Sua mãe tinha sido a Chefe Senhoria da rainha Rosarian.

— Eles são agradáveis, Vossa Majestade, — Roslain concluiu.

— Acho que estão um pouco próximos demais — ponderou Sabran. — Eles me fizeram pensar em um arganaz.

Linora deu uma risadinha delicada.

— Melhor um rato do que uma fera mais barulhenta, — Roslain disse para sua rainha. — Melhor ele se lembrar de seu lugar se ele se casar com você. Ele não é aquele que é descendente do Santo.

Sabran deu um tapinha na mão dela.

— Como você é sempre tão sábia?

— Eu escuto você, Sua Majestade.

— Mas não sua avó, neste caso. — Sabran ergueu os olhos para ela. — Dama Igrain acha que Mentendon será um dreno para Inys. E que Lievelyn não deveria negociar com Seiiki. Ela me disse que expressará isso na próxima reunião do Conselho de Virtudes.

— Minha avó se preocupa com você. Isso a torna excessivamente cautelosa. — Roslain se sentou ao lado dela. — Eu sei que ela prefere o chefe de Askrdal. Ele é rico e devoto. Um candidato mais seguro. Eu também posso entender suas preocupações sobre Lievelyn.

— Mas?

Roslain deu um leve sorriso.

— Eu acredito que caberia a nós dar uma chance a este novo Príncipe Vermelho.

— Concordo. — Katryen estava deitada em um banco, folheando um livro de poesia. — Você tem o Conselho de Virtudes para adverti-lo, mas suas damas para encorajá-la em questões como essas.

Ao lado de Ead, Linora estava absorvendo a conversa em um silêncio voraz.

— Senhora Duryan — disse Sabran de repente. — Qual é a sua opinião sobre o semblante do príncipe Aubrecht?

Todos os olhos se voltaram para Ead. Lentamente, ela largou a faca.

— Você pede *meu* julgamento, Majestade?

— A menos que haja outra Senhora Duryan presente.

Ninguém riu. O silêncio reinou enquanto Roslain entregava a miniatura em suas mãos.

Ead considerou o Príncipe Vermelho. Maçãs do rosto altas. Cabelo cor de cobre lustroso. Fortes sobrancelhas arqueadas sobre os olhos escuros, um forte contraste com sua palidez. A forma de sua boca era um tanto grave, mas seu rosto era agradável.

Ainda assim, as miniaturas podiam mentir, e muitas vezes o faziam. O artista o teria bajulado.

— Ele é bonito o suficiente — concluiu ela.

— Fraco elogio, de fato. — Sabran deu um gole em sua taça. — Você é uma juíza mais dura do que minhas outras damas, Senhora Duryan. Os homens do Ersyr são mais atraentes do que o príncipe?

— Eles são diferentes, Sua Majestade. — Ead fez uma pausa e acrescentou: — Menos como arganazes.

A rainha olhou para ela, sem expressão. Por um momento, Ead se perguntou se ela tinha sido muito ousada. Um olhar aflito de Katryen só serviu para alimentar sua apreensão.

— Você tem uma língua rápida e pés leves. — A Rainha de Inys reclinada em sua cadeira. — Não nos falamos com frequência desde sua chegada a corte. Muito tempo se passou, seis anos, eu acho.

— Oito, Sua Majestade.

Roslain lançou-lhe um olhar de advertência. Não se corrigia uma descendente do Santo.

— Claro. Oito — foi tudo o que Sabran disse. — Diga-me, o Embaixador uq-Ispad alguma vez escreve para você?

— Não frequentemente, senhora. Sua Excelênciá está ocupado com outros assuntos.

— Tal como heresia.

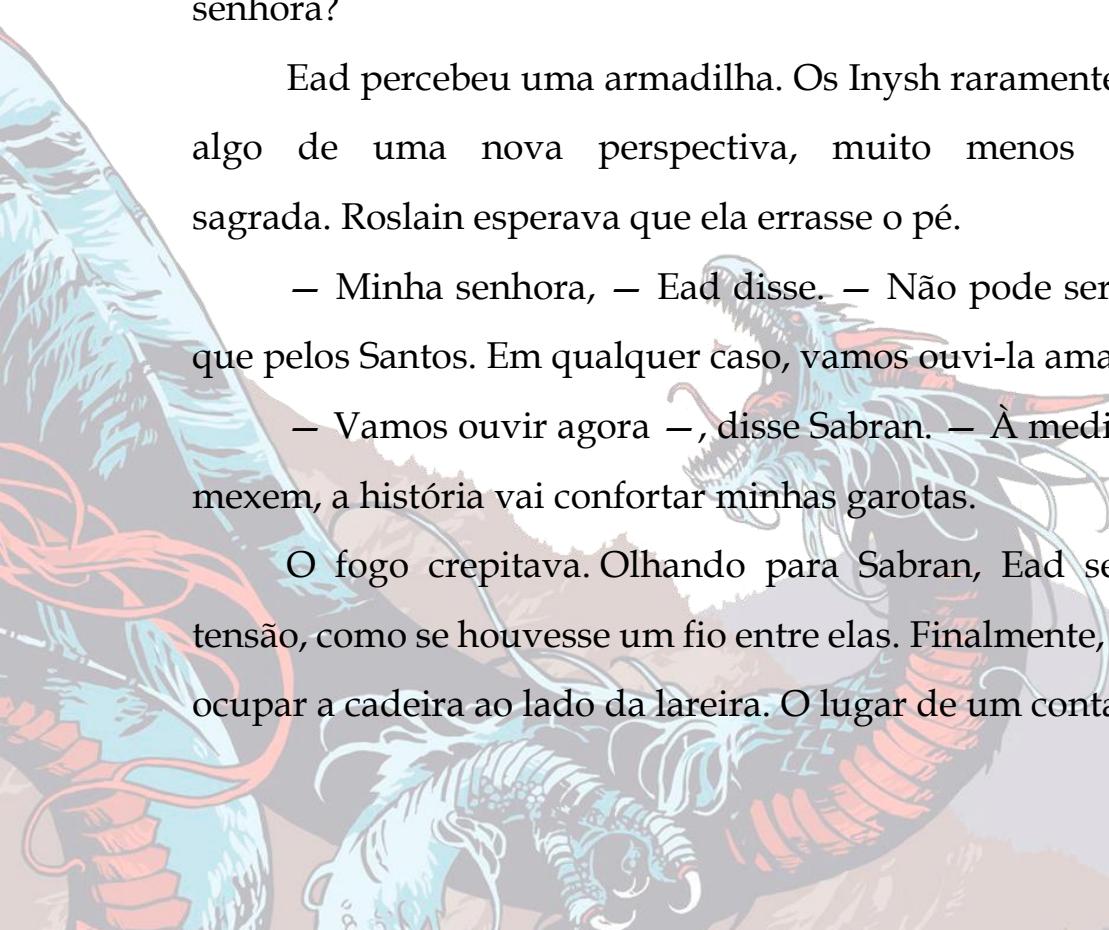
Ead baixou o olhar.

— O embaixador é um seguidor devoto do Cantor do Amanhecer, Majestade.

— Mas você, é claro, não é mais — disse Sabran, e Ead inclinou a cabeça. — Dama Arbella me disse que você ora frequentemente no santuário.

Como Arbella Glenn comunicou essas coisas a Sabran era um mistério, já que ela parecia nunca falar.

— As Seis Virtudes é uma bela fé, Majestade — disse Ead. — É impossível de não acreditar, quando a verdadeira descendente do Santo caminha entre nós.



Era mentira, claro. Sua verdadeira fé – a fé da Mãe – resplandecia mais forte do que nunca.

— Eles devem contar histórias de meus ancestrais em Ersyr — disse Sabran. — Da Donzela, especialmente.

— Sim, madame. Ela é lembrada no Sul como a mulher mais correta e altruísta de seu tempo.

Cleolind Onjenyu também era lembrada no Sul como a maior guerreira de seu tempo, mas os Inysh nunca acreditariam nisso. Eles acreditavam que ela precisava ser salva.

Para Ead, Cleolind não era a Donzela.

Ela era a Mãe.

— Dama Oliva me disse que a Senhora Duryan é uma contadora de histórias nata — Roslain disse, dando a ela um olhar frio. — Você não vai nos contar a história do Santo e da Donzela como lhe ensinaram no Sul, senhora?

Ead percebeu uma armadilha. Os Inysh raramente gostavam de ouvir algo de uma nova perspectiva, muito menos sua história mais sagrada. Roslain esperava que ela errasse o pé.

— Minha senhora, — Ead disse. — Não pode ser contada melhor do que pelos Santos. Em qualquer caso, vamos ouvi-la amanhã.

— Vamos ouvir agora —, disse Sabran. — À medida que os wyrms se mexem, a história vai confortar minhas garotas.

O fogo crepitava. Olhando para Sabran, Ead sentiu uma estranha tensão, como se houvesse um fio entre elas. Finalmente, ela se levantou para ocupar a cadeira ao lado da lareira. O lugar de um contador de histórias.

- Como quiser. — Ela alisou as saias. — Por onde devo começar?
- Com o nascimento do Inominável — disse Sabran. — Quando o grande demônio veio da Montanha do Pavor.

Katryen pegou a rainha pela mão. Ead respirou fundo, estabilizando a turbulência dentro dela. Se ela contasse a história verdadeira, sem dúvida enfrentaria a pira.

Ela teria que contar a história que ouvia todos os dias no santuário. O conto em pedaços.

Meio conto.

— Há um Ventre de Fogo que se agita sob este mundo, — ela começou. — Há mais de mil anos, o magma dentro dele se juntou de repente, formando uma besta de magnitude indizível — quando uma espada toma forma dentro da forja. Seu leite era o fogo dentro do útero; sua sede por isso era insuportável. Ele bebeu até que seu coração se tornou uma fornalha.

Katryen estremeceu.

— Logo esta criatura, este wyrm, cresceu muito para o Útero. Ele ansiava por usar as asas que isso lhe dera. Tendo rasgado seu caminho para cima, ele rompeu o pico de uma montanha em Mentendon, que é chamada de Montanha do Pavor, e trouxe consigo uma torrente de fogo derretido. Um raio vermelho brilhou no topo da montanha. A escuridão caiu sobre a cidade de Gulthaga, e todos os que viviam lá morreram engasgados com uma fumaça perniciosa.

— Havia um desejo neste wyrm de conquistar tudo o que visse. Ele voou para o sul para Lasia, onde a Casa de Onjenyu governava um grande reino, e se estabeleceu perto de sua residência em Yikala. — Ead tomou um

gole de cerveja para umedecer a garganta. — Esta criatura Inominável carregava uma praga terrível – uma praga que nenhum ser humano jamais encontrou. Isso fez o próprio sangue dos aflitos queimar, deixando-os loucos. Para manter o wyrm sob controle, o povo de Yikala mandou ovelhas e bois, mas o Inominável nunca foi saciado. Ele cobiçava carne mais doce – carne humana. E assim, a cada dia, o povo lançava sua sorte e um era escolhido como sacrifício.

Tudo estava em silêncio no quarto.

— Lasia era governada então por Selinu, Alto Governante da Casa de Onjenyu. Um dia, sua filha, a Princesa Cleolind, foi escolhida como o sacrifício. — Ead falou esse nome suavemente, com reverência. — Embora o pai dela oferecesse joias e ouro a seus súditos, e suplicasse que escolhessem outra pessoa, eles permaneceram firmes. E Cleolind saiu com dignidade, pois viu que era justo.

— Naquela mesma manhã, um cavaleiro das Ilhas de Inysca estava cavalgando para Yikala. Na época, essas ilhas eram divididas por guerras e superstições, governadas por muitas superações, e seu povo tremia à sombra de uma bruxa – mas muitos bons homens moravam lá, jurados às virtudes da cavalaria. *Este cavaleiro* —, disse Ead, — era Sir Galian Berethnet.

O enganador.

Esse era o nome que ele tinha agora em muitas partes de Lasia, mas Sabran não tinha ideia disso.

— Sir Galian tinha ouvido falar do terror que agora vivia em Lasia e desejava oferecer seus serviços a Selinu. Ele carregava uma espada de extraordinária beleza; seu nome era Ascalon. Quando ele estava perto dos

arredores de Yikala, ele viu uma donzela chorando na sombra das árvores e perguntou por que ela estava tão assustada. *Bom cavaleiro*, Cleolind respondeu, *você tem um bom coração, mas para o seu próprio bem, deixe-me com minhas orações, pois um wyrm virá para reivindicar minha vida.*

Ead adoecia ao falar da Mãe dessa maneira, como se ela fosse uma criança abandonada e desmaiada.

— O cavaleiro — ela continuou, — ficou comovido com as lágrimas dela. *Doce senhora*, disse ele, *antes devo cravar minha espada em meu próprio coração do que ver seu sangue regar a terra. Se o teu povo der as suas almas às virtudes da cavalaria, e se me deres a mão em casamento, vou expulsar esta besta cruel destas terras.* Esta foi a sua promessa.

Ead fez uma pausa para recuperar o fôlego. E de repente, um gosto inesperado entrou em sua boca.

O sabor da verdade.

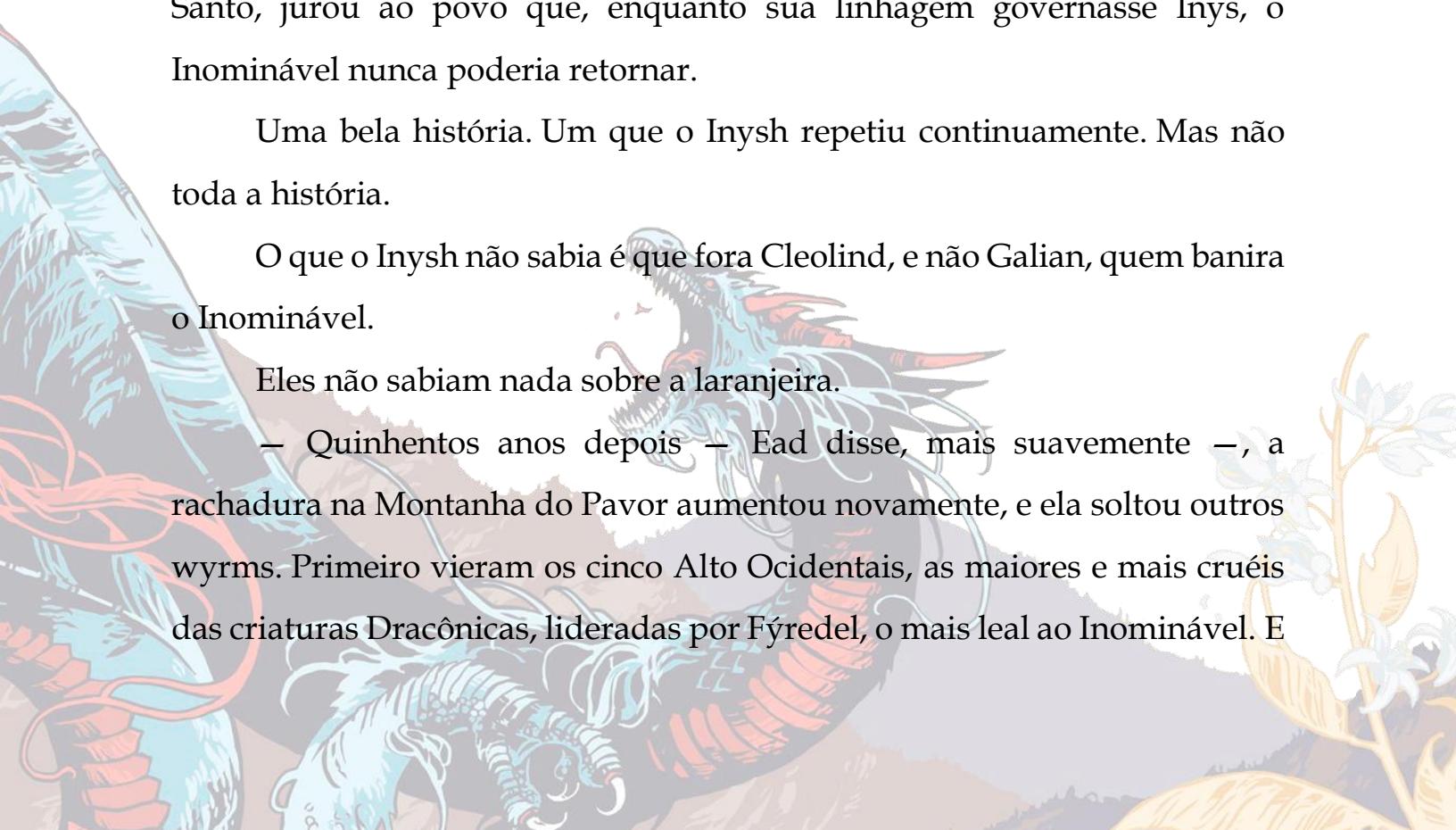
— Cleolind disse ao cavaleiro para ir embora, insultada por seus termos — ela se pegou dizendo. — Mas Sir Galian não se intimidou. Determinado a ganhar a glória para si mesmo, ele...

— Não — interrompeu Sabran. — Cleolind *concordou* com seus termos e ficou grata por sua oferta.

— Foi assim que ouvi no Sul. — Ead ergueu as sobrancelhas, mesmo enquanto seu batimento cardíaco tropeçava. — Dama Roslain me pediu para...

— E agora sua rainha ordena o contrário. Conte o resto como os Santos contam.

— Sim, madame.



Sabran acenou com a cabeça para que ela continuasse.

— Enquanto Sir Galian lutava com o Inominável — Ead disse —, ele foi gravemente ferido. No entanto, com a maior coragem de qualquer homem vivo, ele encontrou a força para cravar sua espada no monstro. O Inominável deslizou para longe, sangrando e fraco, e voltou para o Ventre de Fogo, onde permanece até hoje.

Ela estava muito ciente de que Sabran a observava.

— Sir Galian voltou com a princesa para as ilhas de Inysca, reunindo uma Sagrada Comitiva de cavaleiros ao longo do caminho. Lá ele foi coroado Rei de Inys — um novo nome para uma nova era — e para seu primeiro decreto, ele fez das Virtudes da Cavalaria sua verdadeira e única religião. Ele construiu a cidade de Ascalon, batizada com o nome da espada que feriu o Inominável, e foi lá que ele e a Rainha Cleolind se casaram alegremente. Em um ano, a rainha deu à luz uma filha. E o Rei Galian, o Santo, jurou ao povo que, enquanto sua linhagem governasse Inys, o Inominável nunca poderia retornar.

Uma bela história. Um que o Inysh repetiu continuamente. Mas não toda a história.

O que o Inysh não sabia é que fora Cleolind, e não Galian, quem banira o Inominável.

Eles não sabiam nada sobre a laranjeira.

— Quinhentos anos depois — Ead disse, mais suavemente —, a rachadura na Montanha do Pavor aumentou novamente, e ela soltou outros wyrms. Primeiro vieram os cinco Alto Ocidentais, as maiores e mais cruéis das criaturas Dracônicas, lideradas por Fýredel, o mais leal ao Inominável. E

também vieram seus servos, os wyverns, cada um aceso com o fogo de um dos Alto Ocidentais. Esses wyverns faziam seus ninhos nas montanhas e nas cavernas, e eles se acasalavam com aves para dar à luz aos brasílicos, e com serpente para dar à luz aos anfípteros, e com boi para dar à luz ao ofitauro, e com lobo para dar à luz o jaculus. E por meio dessas uniões nasceu o Exército Dracônico.

— Fýredel desejava fazer o que o Inominável não tinha e conquistar a humanidade. Por mais de um ano, ele virou o poder do Exército Dracônico no mundo. Muitos grandes reinos desmoronaram naquela época, que chamamos de Século da Dor. Ainda assim, Inys, liderada por Glorian o Terceiro, ainda estava de pé quando um cometa passou pelo mundo, e os wyrms caíram repentinamente em seu sono ancestral, encerrando o terror e o derramamento de sangue. E até hoje, o Inominável permanece em sua tumba sob o mundo, acorrentado pelo sangue sagrado de Berethnet.

Silêncio.

Ead cruzou as mãos no colo e olhou diretamente para Sabran. Aquele rosto frio era ilegível.

— Dama Oliva estava certa — disse a rainha finalmente. — Você tem a língua de um contador de histórias, mas eu suspeito que você já ouviu muitas histórias, e não a verdade o suficiente. Eu peço que você ouça bem no santuário. — Ela pousou a taça. — Estou cansada. Boa noite, senhoritas.

Ead se levantou, assim como Linora. Elas fizeram uma reverência e saíram.

— Sua Majestade ficou descontente — disse Linora irritada quando elas estavam fora do alcance da voz. — Você contou a história muito bem no

início. Por que diabos você disse que a Donzela rejeitou o Santo? Nenhum santuário *jamais* disse isso. Que ideia!

— Se Sua Majestade ficou descontente, sinto muito por isso.

— Agora ela pode não nos convidar para jantar com ela novamente.

— Linora bufou. — Você deveria ter se *desculpado*, pelo menos. Talvez você deva orar com mais frequência ao Cavaleiro da Cortesia.

Felizmente, Linora se recusou a falar depois disso. Elas se separaram quando Ead alcançou seu quarto.

Lá dentro, ela acendeu algumas velas. O quarto dela era pequeno, mas era seu.

Ela desamarrou as mangas e removeu o bolso do vestido. Assim que saiu dela, jogou fora a anágua e farthingale³e, por fim, tirou o espartilho.

A noite era jovem. Ead se sentou em sua mesa de escrita. Dentro estava o livro que ela pegara emprestado de Truyde utt Zeedeur. Ela não conseguia ler nenhuma escrita oriental, mas trazia a marca de um impressor Mentish. Deve ter sido publicado antes do Século da Dor, quando os textos orientais eram permitidos em Virtudom. Truyde era uma herege florescente, então, fascinada pelas terras onde os wyrms se deleitavam na idolatria humana.

No final do livro, em uma folha de rosto, havia um nome em tinta fresca, rabiscado com uma caligrafia ondulada.

Niclays.

³ Eram almofadas presas em volta da cintura, que garantiam volume de uma forma mais casual e prática. Elas podiam ser estofadas com diferentes materiais, que iam de restos de tecido a cortiça.

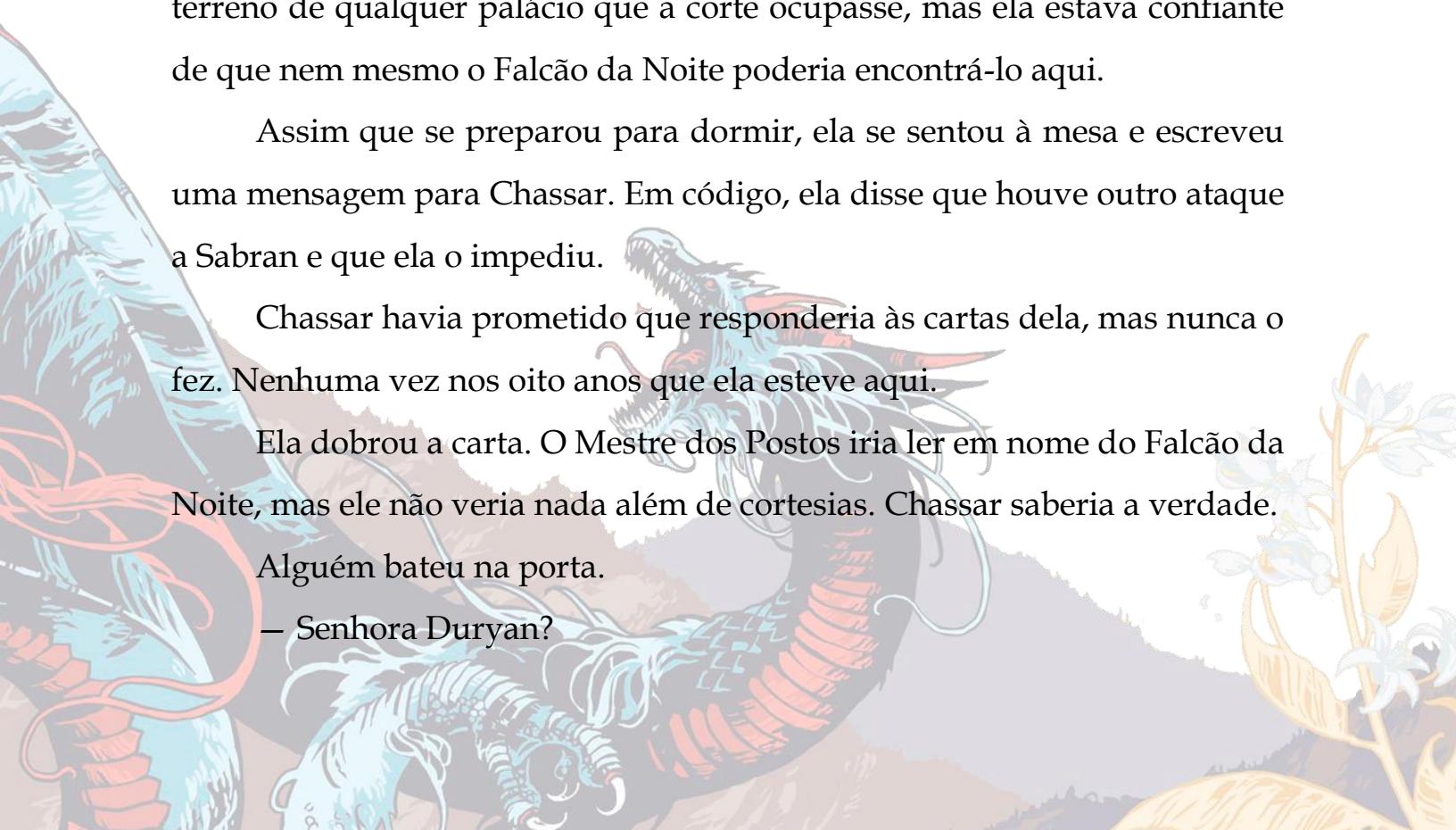
Ead pensou enquanto ela trançava o cabelo. Era um nome comum em Mentendon, mas havia um Niclays Roos na corte quando ela chegara. Ele se destacou em anatomia na Universidade de Brygstad e havia rumores de que praticava alquimia. Ela se lembrava dele como gorbeloso e alegre, gentil o suficiente para reconhecê-la onde outros não o faziam. Houve alguns problemas que concluíram em sua partida de Inys, mas a natureza do incidente era um segredo bem guardado.

No silêncio, ela ouviu seu corpo. Da última vez, o assassino quase a derrotou até o Grande Quarto de Dormir. Ela não sentiu o brilho de sua proteção até que fosse quase tarde demais.

Seu siden estava fraco. As proteções que ela fez com ele mantiveram Sabran segura durante anos, mas finalmente estava morrendo, como uma vela na ponta de seu pavio. Siden, o presente da laranjeira – uma magia de fogo, madeira e terra. Os Inysh em sua estupidez chamariam de *feitiçaria*. Suas ideias sobre magia nasciam do medo do que eles não podiam entender.

Foi Margret quem certa vez lhe explicou por que os Inysh tinham tanto medo de magia. Havia uma lenda antiga nessas ilhas, ainda contada às crianças do norte, de uma figura conhecida como Dama da Floresta. Seu nome se perdera no tempo, mas o medo de seus encantos e de sua malícia se entrelaçaram nos ossos dos Inysh e se espalharam por gerações. Até Margret, equilibrada na maioria das coisas, relutou em falar sobre isso.

Ead levantou a mão. Ela reuniu seu poder, e luz dourada estalou em suas pontas do dedo. Em Lasia, quando ela estava perto da laranjeira, siden brilhava como vidro derretido em suas veias.



Então a Prioresa a mandou aqui, para proteger Sabran. Se os anos de distância extinguissem seu poder para sempre, a rainha sempre estaria vulnerável. Dormir ao lado dela seria a única maneira de mantê-la segura, e apenas as Damas do Quarto de dormir faziam isso. Ead estava muito longe de ser uma favorita.

Seu controle havia rompido durante o jantar, contando aquela história. Ela aprendera a jogar ao longo dos anos, a falar as mentiras de Inysh e a proferir suas orações, mas contar ela mesma aquela história despedaçada foi difícil. E embora seu momento de desafio pudesse ter prejudicado suas chances de subir ainda mais na corte, ela não conseguia se arrepender.

Com o livro e as cartas debaixo do braço, Ead subiu nas costas da cadeira e pressionou a tira de tecido do teto, deslizando um painel solto para o lado. Ela guardou os itens na alcova além, onde seu arco longo estava escondido. Quando ela era uma dama de honra, ela enterrava o arco no terreno de qualquer palácio que a corte ocupasse, mas ela estava confiante de que nem mesmo o Falcão da Noite poderia encontrá-lo aqui.

Assim que se preparou para dormir, ela se sentou à mesa e escreveu uma mensagem para Chassar. Em código, ela disse que houve outro ataque a Sabran e que ela o impediu.

Chassar havia prometido que responderia às cartas dela, mas nunca o fez. Nenhuma vez nos oito anos que ela esteve aqui.

Ela dobrou a carta. O Mestre dos Postos iria ler em nome do Falcão da Noite, mas ele não veria nada além de cortesias. Chassar saberia a verdade.

Alguém bateu na porta.

– Senhora Duryan?

Ead vestiu a camisola e abriu o fecho. Do lado de fora estava uma mulher usando um distintivo em forma de livro alado, marcando-a como uma empregada a serviço de Seyton.

— Sim?

— Senhora Duryan, boa noite. Fui enviada para informar que o secretário principal desejavê-la amanhã às nove e meia — disse a garota. — Vou acompanhá-la até a Torre de Alabastro.

— Apenas eu?

— Dama Katryen e Dama Margret foram interrogadas hoje.

A mão de Ead apertou a maçaneta da porta.

— É um questionamento, então.

— Eu acredito que sim.

Com a outra mão, Ead puxou sua camisola para mais perto.

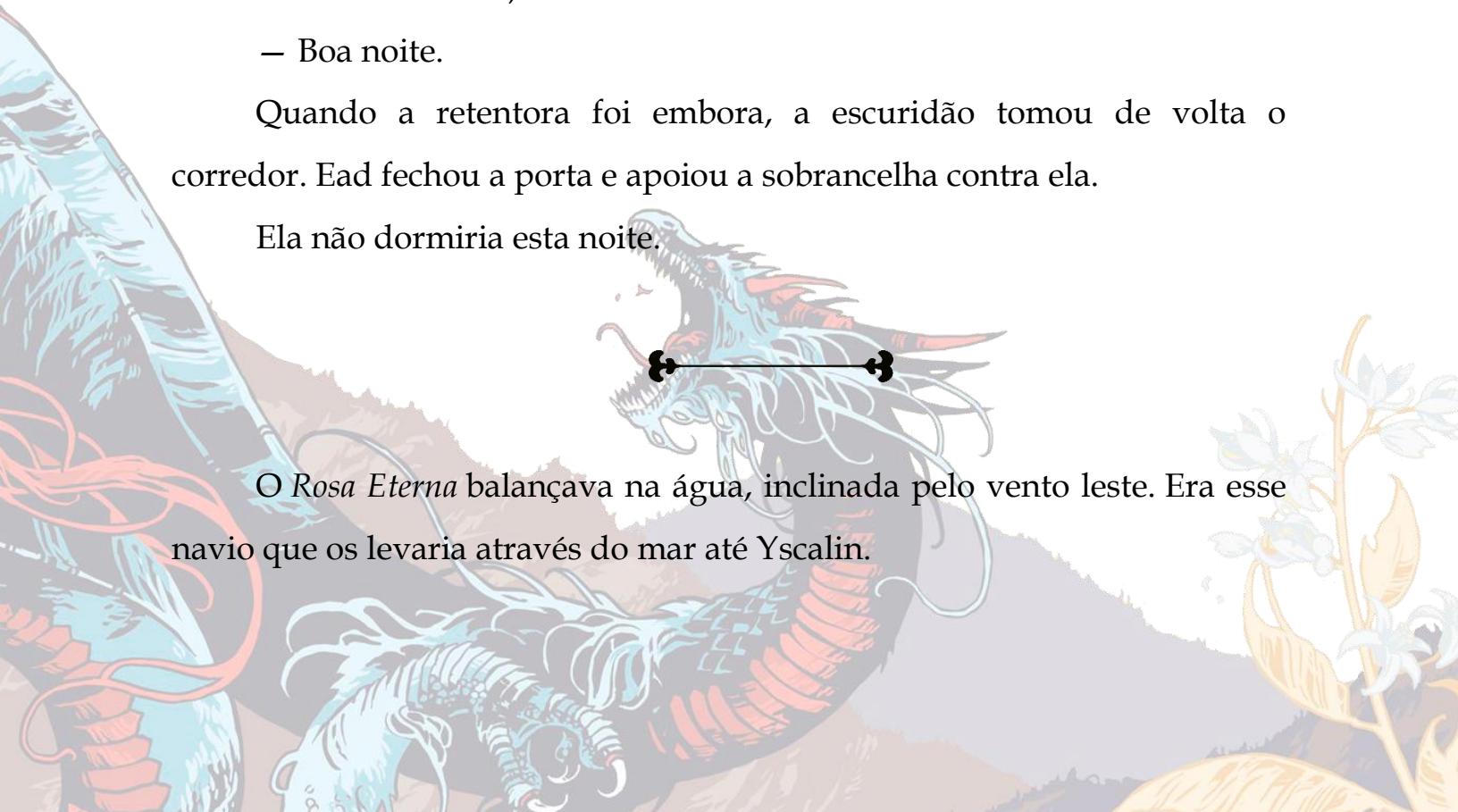
— Muito bem — disse ela. — Isso é tudo?

— Sim. Boa noite, senhora.

— Boa noite.

Quando a retentora foi embora, a escuridão tomou de volta o corredor. Ead fechou a porta e apoiou a sobrancelha contra ela.

Ela não dormiria esta noite.



O *Rosa Eterna* balançava na água, inclinada pelo vento leste. Era esse navio que os levaria através do mar até Yscalin.

— Este — Kit declarou enquanto caminhavam em direção a ele — é um belo navio. Eu acredito que me casaria com este navio, se eu fosse um navio.

Loth teve que concordar. A *Rosa* tinha cicatrizes de batalha, mas era muito bonita — e colossal. Mesmo em suas visitas para ver a marinha com Sabran, ele nunca tinha visto um navio tão imenso como aquele navio de guerra blindado. Ela ostentava cento e oito armas, um temível carneiro e dezoito velas, todas com o brasão da Espada Verdadeira, o emblema de Virtudom. O alferes atestou que se tratava de um navio Inysh e que as ações de sua tripulação, por mais moralmente duvidosas que parecessem, foram sancionadas por sua monarquia.

Uma figura de proa de Rosarian a Quarta, cuidadosamente polida, olhava para baixo da proa. Cabelo preto e pele branca. Olhos verdes como o vidro do mar. Seu corpo se estreitando em uma cauda dourada.

Loth se lembrava da rainha Rosarian com carinho dos anos anteriores à sua morte. A Rainha-Mãe, como era conhecida agora, costumava assisti-lo brincar com Sabran e Roslain nos pomares. Ela tinha sido uma mulher mais suave do que Sabran, rápida para rir e brincalhona de uma maneira que sua filha nunca foi.

— Ela é uma beleza, com certeza — disse Gautfred Plume. Ele era o intendente, um anão de ascendência Lassiana. — Não tem metade da beleza da senhora que a presenteou com o capitão, veja.

— Ah sim. — Kit tirou o chapéu de penas para a figura de proa. — Que ela descanse para sempre nos braços do Santo.

Plume estalou a língua.

— A rainha Rosarian tinha uma alma de mel. Ela deveria ter descansado nos braços do mar.

— Oh, pelo Santo, quão bem colocado. Os tritões realmente existem, aliás? Você já os viu quando cruzou o Abismo?

— Não. A Grande Lula e baleias, eu vi, mas nunca a cabeça de uma donzela do mar.

Kit murchou.

Gaivotas voavam em círculos no céu riscado de nuvens. O porto de Perchling estava pronto para o pior, como sempre. Os molhes chocalhavam sob o peso de soldados armados com mosquetes de longo alcance. Fileiras e mais fileiras de manganelas⁴ e canhões explodindo com metralhadoras, intercaladas com manteletes de pedra, estavam sombrios na praia. Arqueiros ocupavam as torres de vigia, prontos para acender seus faróis ao bater de asas ou à visão de um navio inimigo.

Acima dela, uma pequena cidade balançava. Perchling tinha esse nome porque ficava empoleirado em duas grandes montanhas que se projetavam até a metade da encosta, unidas ao topo do penhasco e à praia por uma escada longa e cheia de água. Edifícios amontoados como pássaros em um galho. Kit se divertira com sua precariedade (“Santo, o arquiteto deve ter sido maravilhoso no fundo das taças”), mas Loth ficou nervoso. Perchling parecia que uma boa rajada iria jogá-lo no mar.

⁴ Era um tipo de catapulta ou máquina de sitiamento usada na era medieval (Idade Média) para lançar projéteis contra paredes de castelos.

Ainda assim, ele se deleitou da visão, guardando na memória. Esta poderia ser a última vez que ele olharia para Inys, o único país que ele conheceu.

Eles encontraram Gian Harlowe em sua cabana, mergulhado na redação de cartas. O homem que a Rainha-Mãe favorecera não era exatamente o que Loth havia imaginado. Ele estava bem barbeado, seus punhos engomados, mas havia uma ponta de mordida nele. Sua mandíbula parecia uma armadilha suspensa.

Quando eles entraram, ele olhou para cima. A varíola havia atingido seu rosto profundamente bronzeado.

— Gautfred. — Uma juba de cabelo de estanho brilhava à luz do sol. — Suponho que estes são nossos... convidados.

Embora seu sotaque fosse firmemente Inysh, Kit mencionou que Harlowe vinha de terras distantes. Dizia-se que ele era descendente do povo de Carmentum, outrora uma próspera república no Sul, que caíra no Século da Dor. Os sobreviventes se espalharam por toda parte.

— Sim — Plume disse, parecendo cansado. — Lorde Arteloth Beck e Lorde Kitston Glade.

— Kit — veio a correção imediata.

Harlowe largou a pena.

— Meus senhores, — ele disse friamente. — Bem-vindo a bordo do *Rosa Eterna*.

— Obrigado por encontrar cabines para nós em tão pouco tempo, Capitão Harlowe, — Loth disse. — Esta é uma missão da maior importância.

— E maior segredo, me disseram. Estranho que ninguém, exceto o herdeiro de Goldenbirch, pudesse cuidar disso. — Harlowe estudou Loth. — Partimos para a cidade portuária de Yscali de Perunta ao anoitecer. Minha tripulação não está acostumada a ter nobres sob seus pés, então pode ser mais confortável para todos nós se vocês ficarem em suas cabines enquanto estiverem conosco.

— Sim — disse Kit. — Boa ideia.

— Estou cheio delas — disse o capitão. — Algum de vocês já esteve em Yscalin antes? — Quando os dois balançaram a cabeça, ele disse: — Qual de vocês ofendeu o secretário principal?

Loth sentiu, em vez de ver, Kit apontar o polegar para ele.

— Lorde Arteloth. — Harlowe soltou uma risada rouca. — E você é um sujeito tão respeitável. Obviamente, você desagradou a Sua Graça a ponto de ele preferir não vê-lo vivo novamente. — O capitão recostou-se na cadeira. — Tenho certeza de que vocês dois estão cientes de que a Casa de Vetalda agora declara abertamente sua fidelidade Dracônica.

Loth estremeceu. O conhecimento de que um país poderia, em poucos anos, deixar de seguir o Santo para adorar seu inimigo havia abalado toda Virtudom.

— E todos obedecem? — ele disse.

— O povo faz o que o rei manda, mas sofre. Ouvimos dos estivadores que a praga está em toda Yscalin. — Harlowe pegou sua pena novamente. — Falando nisso, minha tripulação não irá escoltá-los até a costa. Vocês usarão um barco para chegar a Perunta.

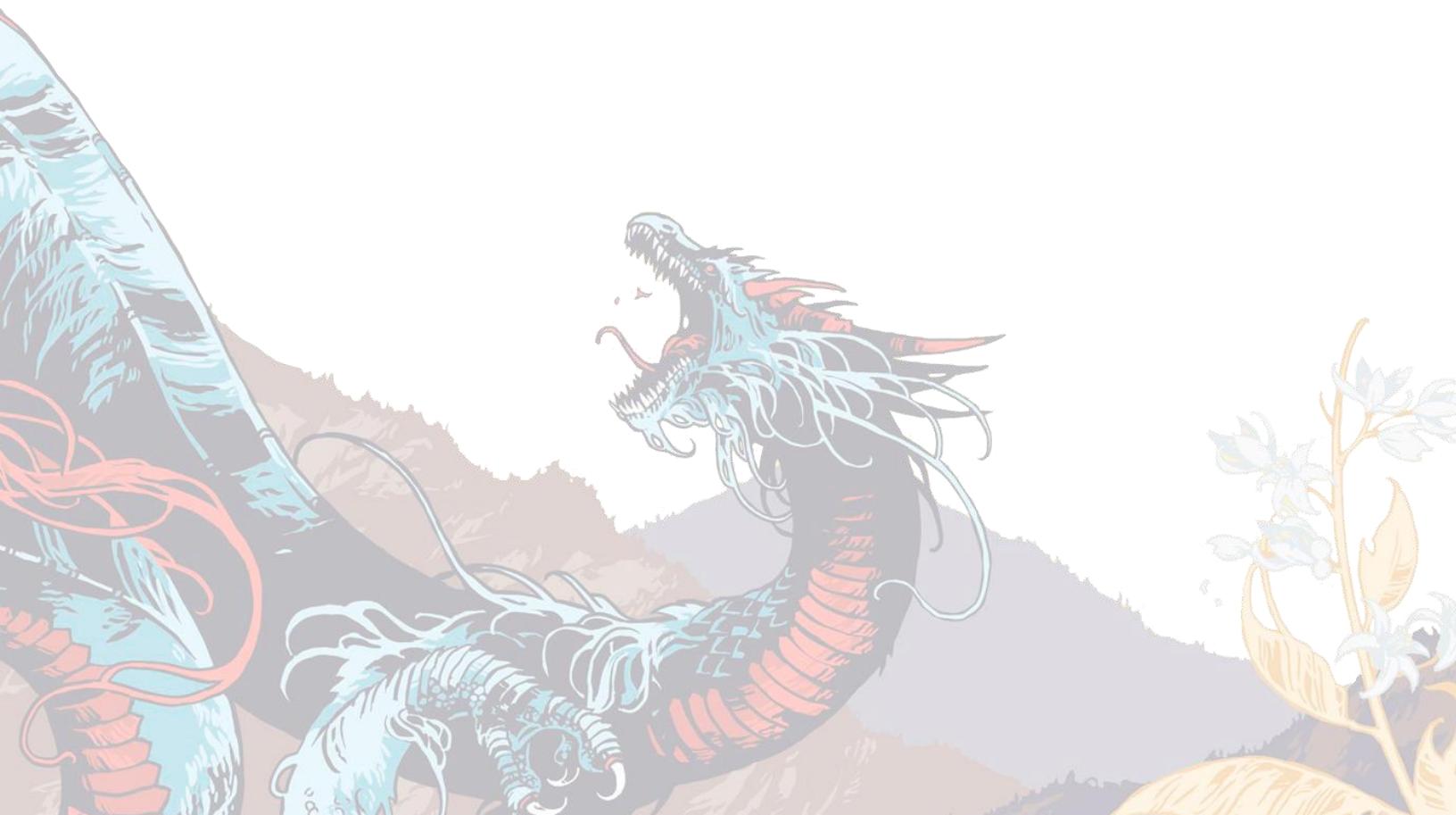
Kit engoliu em seco.

— E depois?

— Vocês serão recebidos por um emissário, que os levará até Cársaro. Sem dúvida, sua corte está livre da doença, já que os nobres têm o luxo de se barrar em suas fortalezas quando esse tipo de coisa ocorre disse Harlowe — mas evitem tocar em alguém. A cepa mais comum é passada de pele para pele.

— Como você sabe disso? — Loth perguntou a ele. — A praga Dracônica não é vista há séculos.

— Tenho interesse em sobreviver, Lorde Arteloth. Eu recomendo que você crie um também. — O capitão se levantou. — Mestre Plume, prepare o navio. Vamos providenciar para que meus senhores cheguem inteiros à costa, mesmo que morram na chegada.



Capítulo 7

Oeste

A Torre de Alabastro era uma das mais altas do Palácio de Ascalon. No topo de sua escada em caracol ficava a Câmara do Conselho, redonda e arejada, suas janelas emolduradas por cortinas transparentes.

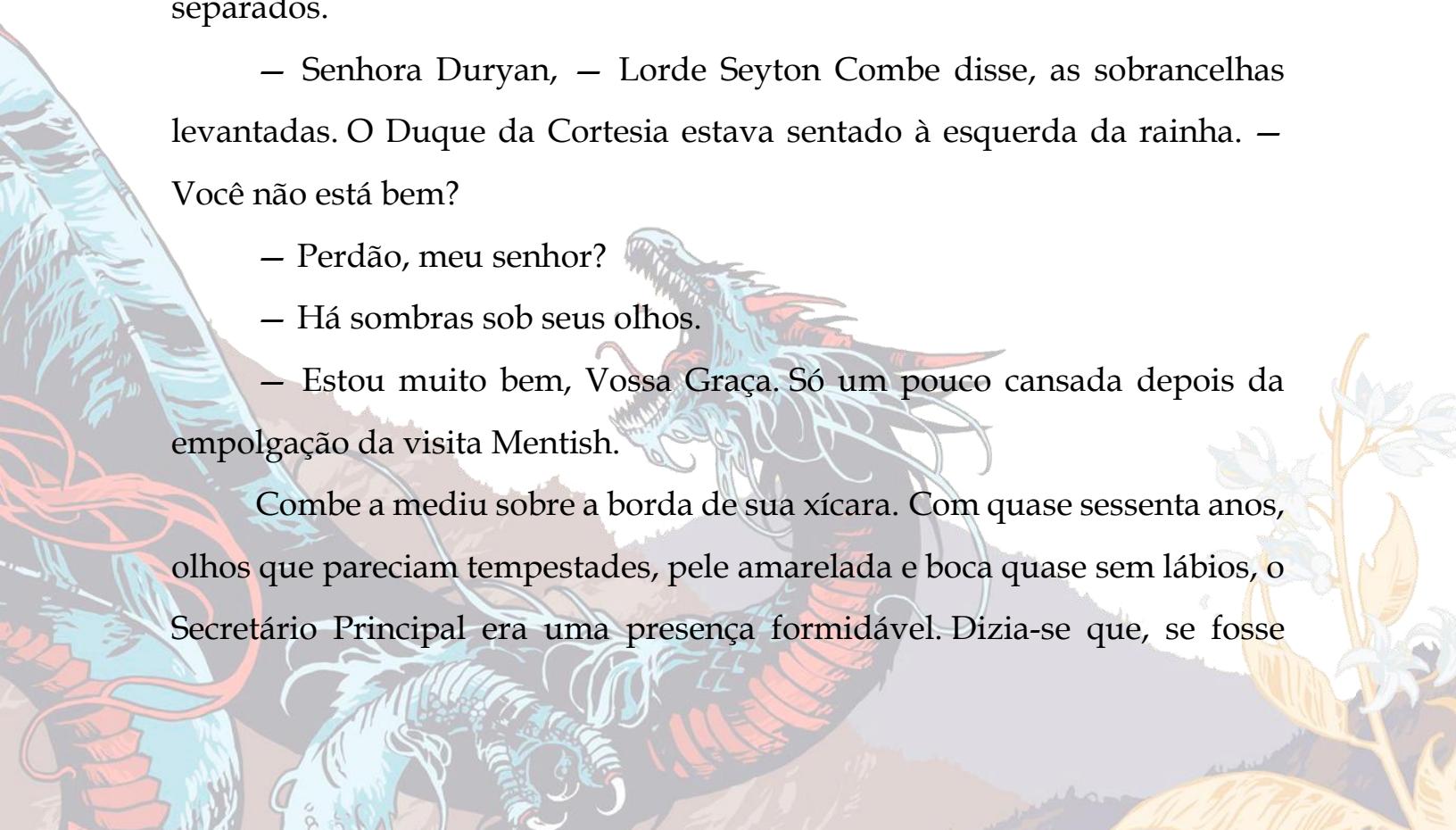
Ead foi escoltada pela porta quando a torre do relógio bateu às nove e meia. Além de não estar trajando um de seus vestidos mais finos, ela usava um modesto com gola e seu único colar ornamentado.

Um retrato do Santo espiava de uma parede. Sir Galian Berethnet, ancestral direto de Sabran. Erguida em sua mão estava Ascalon, a Espada Verdadeira, homônima da capital.

Ead achava que ele parecia um completo idiota.

O Conselho de Virtudes era composto por três órgãos. Os mais poderosos eram os Duques Espirituais, cada um de uma das famílias descendentes de um membro da Sagrada Comitiva – os seis cavaleiros de Galian Berethnet – e cada um deles era o guardião de uma das Virtudes da Cavalaria. Em seguida vinham os Condes Provinciais – os chefes das famílias nobres que controlavam os seis condados de Inys – e os Cavaleiros Bacharel, que nasceram plebeus.

Hoje, apenas quatro membros do conselho estavam sentados à mesa que dominava a câmara.



Dama Usher bateu em seu bastão.

— Senhora Ead Duryan —, disse ela. — Uma Serva Comum da Câmara Privada de Sua Majestade.

A Rainha de Inys estava na cabeceira da mesa. Seus lábios estavam pintados de vermelho como sangue.

— Senhora Duryan — ela disse.

— Sua Majestade. — Ead deu sua reverência. — Suas Graças.

— Sente-se.

Quando ela se sentou, Ead chamou a atenção de Sir Tharian Lintley, Capitão dos Cavaleiros do Corpo, que ofereceu um sorriso tranquilizador em seu posto perto das portas. Como a maioria dos membros da Guarda Real, Lintley era alto, robusto e não tinha falta de admiradores na corte. Ele estava apaixonado por Margret desde que ela chegara, e Ead sabia que ela correspondia ao seu afeto, mas a diferença de posição os mantinha separados.

— Senhora Duryan, — Lorde Seyton Combe disse, as sobrancelhas levantadas. O Duque da Cortesia estava sentado à esquerda da rainha. — Você não está bem?

— Perdão, meu senhor?

— Há sombras sob seus olhos.

— Estou muito bem, Vossa Graça. Só um pouco cansada depois da empolgação da visita Mentish.

Combe a mediu sobre a borda de sua xícara. Com quase sessenta anos, olhos que pareciam tempestades, pele amarelada e boca quase sem lábios, o Secretário Principal era uma presença formidável. Dizia-se que, se fosse

tramado um complô contra a rainha Sabran pela manhã, ele teria os cúmplices na cremalheira ao meio-dia. Uma pena que o mestre dos assassinos ainda o iludisse.

— De fato. Uma visita imprevista, mas agradável — disse Combe, e um leve sorriso voltou a seus lábios. Todas as suas expressões eram suaves. Como vinho temperado com água. — Já questionamos muitos membros da casa real, mas achamos prudente deixar as damas de Sua Majestade para o fim, ocupadas como vocês estavam durante a visita Mentish.

Ead sustentou seu olhar. Combe podia falar a linguagem dos segredos, mas não conhecia a dela.

Dama Igrain Crest, a Duquesa da Justiça, estava sentada do outro lado da rainha. Ela havia sido a principal influência sobre Sabran durante sua menoridade após a morte da rainha Rosarian, e aparentemente teve uma grande influência em transformá-la em um modelo de virtude.

— Agora que a Senhora Duryan chegou — disse ela, com um sorriso para Ead — talvez possamos começar.

Crest tinha a mesma estrutura óssea fina e olhos azuis que sua neta, Roslain, embora seu cabelo enrolado nas têmporas há muito tempo tivesse ficado prateado. Pequenas linhas estavam marcadas ao redor de seus lábios, que eram quase tão pálidos quanto o resto de seu rosto.

— De fato — Dama Nelda Stillwater disse. A Duquesa da Coragem era uma mulher corpulenta, com a pele de um marrom profundo e uma cabeça com cachos escuros. Um colar ornamental de rubis brilhava em volta do pescoço. — Senhora Duryan, um homem foi encontrado morto na soleira do

Grande Quarto de dormir na noite de anteontem. Ele estava segurando uma adaga feita por Yscalí.

Uma adaga de aparar, especificamente. Em duelos, elas eram usadas no lugar de um escudo, para proteger e defender o portador, mas também podiam matar. Cada assassino carregava uma.

— Parece que ele pretendia matar Sua Majestade — disse Stillwater, — mas ele próprio foi morto.

— Terrível — murmurou o Duque da Generosidade. Lorde Ritshard Eller, com pelo menos 90 anos, usava peles grossas mesmo no verão. Pelo que Ead observou, ele também era um tolo hipócrita.

Ela educou suas feições.

— Outro assassino?

— Sim — disse Stillwater, fonzindo a testa. — Como sem dúvida você já ouviu falar, isso aconteceu mais de uma vez no ano passado. Dos nove possíveis assassinos que conseguiram entrar no Palácio de Ascalon, cinco foram mortos antes de poderem ser apreendidos.

— É tudo muito estranho —, disse Combe, pensativo. — Mas parece sensato concluir que alguém da Casa Alta matou o patife.

— Um feito nobre — disse Ead.

Crest bufou.

— Dificilmente, minha querida — disse ela. — Este *protetor*, seja ele quem for, também é um assassino, e eles devem ser desmascarados. — Sua voz estava fraca de frustração. — Como o assassino, essa pessoa entrou nos aposentos reais sem ser vista, de alguma forma escapando aos Cavaleiros do

Corpo. Ela então cometeu um assassinato e deixou o cadáver para Sua Majestade encontrar. Ele pretendia assustar nossa rainha até a morte?

— Eu imagino que pretendia impedir que nossa rainha fosse *esfaqueada* até a morte, Sua Graça.

Sabran ergueu uma sobrancelha.

— O Cavaleiro da Justiça desaprova todo derramamento de sangue, Senhora Duryan — Crest disse. — Se quem quer que esteja matando assassinos só tivesse vindo até nós, poderíamos tê-lo perdoado, mas sua recusa em se revelar fala de intenções sinistras. Nós *iremos* saber quem.

— Estamos contando com testemunhas para nos ajudar, senhora. Este incidente aconteceu anteontem à meia-noite — disse Combe. — Diga-me, você viu ou ouviu algo suspeito?

— Nada vem à mente, Sua Graça.

Sabran não parava de olhar para ela. O escrutínio deixou Ead um pouco quente sob sua gola.

— Senhora Duryan — Combe disse —, você tem sido uma serva leal na corte. Sinceramente, duvido que o Embaixador uq-Ispad tenha presenteado Sua Majestade com uma dama que não fosse de caráter impecável. No entanto, devo avisá-la que o silêncio agora é um ato de traição. Você sabe *alguma coisa* sobre este assassino? Você já ouviu alguém expressando antipatia por Sua Majestade ou simpatia pelo Reino Dracônico de Yscalim?

— Não, Sua Graça — disse Ead. — Mas se eu ouvir algum sussurro, vou trazê-lo à sua porta.

Combe trocou um olhar com Sabran.

— Bom dia para você, senhora — a rainha disse. — Cumpra suas obrigações.

Ead fez uma reverência e saiu da câmara. Lintley fechou as portas atrás dela.

Não havia guardas aqui, eles esperaram na base da torre. Ead certificou-se de que seus passos eram altos enquanto ela caminhava para a escada, mas parou após os primeiros passos.

Ela tinha uma audição mais nítida do que a maioria. Um privilégio da magia persistente em seu sangue.

— ... parece verdadeira — Crest estava dizendo. — Mas ouvi dizer que alguns Ersyris se interessam pelas artes proibidas.

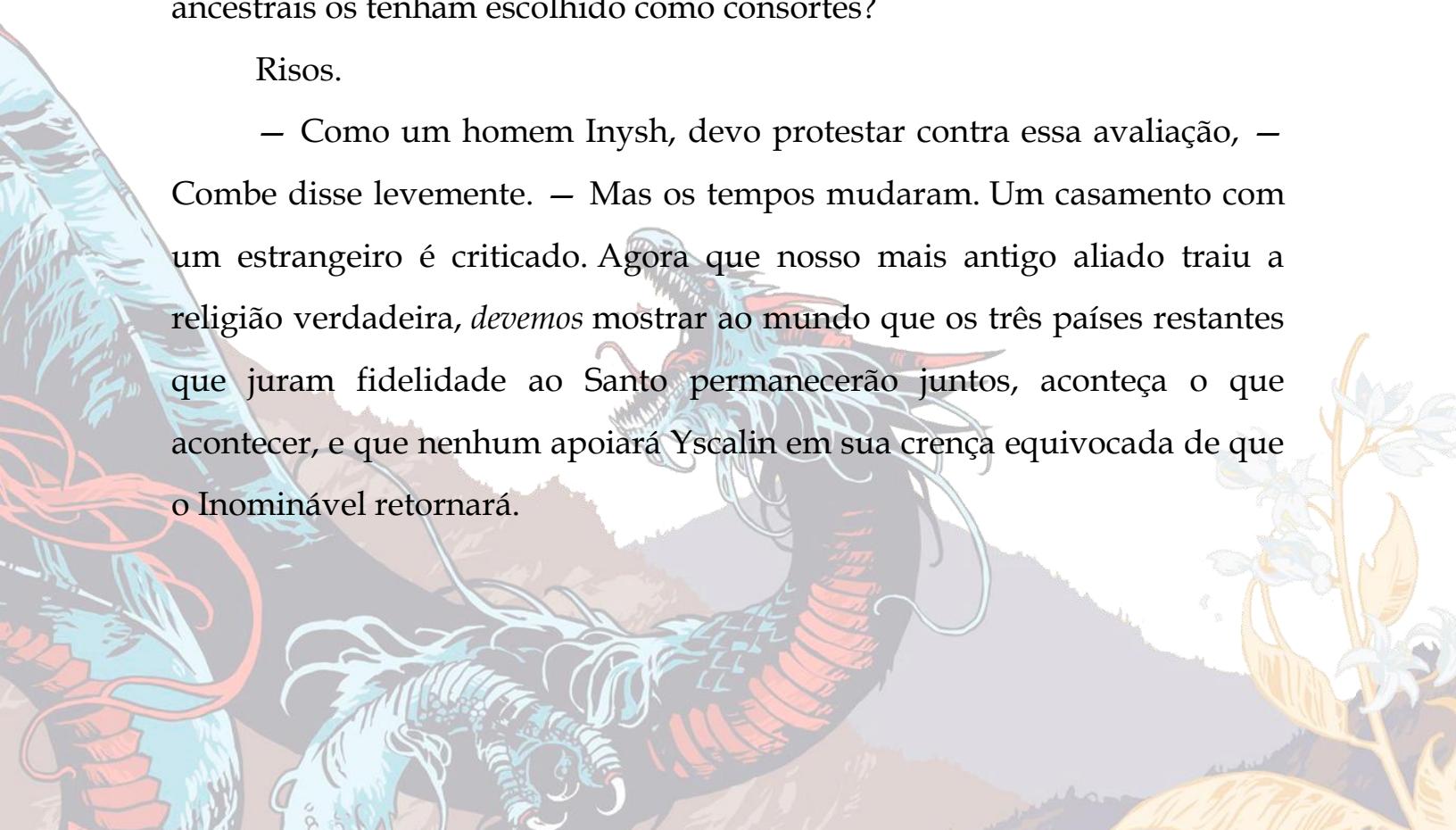
— Oh, merda — Combe interrompeu. — Você realmente não acredita nesse falatório de alquimia e feitiçaria.

— Como Duquesa da Justiça, devo considerar *todas as* possibilidades, Seyton. Todos nós sabemos que os assassinos são de Yscali, é claro — ninguém tem motivação mais forte do que os Yscals para ver Sua Majestade ser morta, mas também devemos erradicar esse *protetor*, que mata com tanta manifesta pericia. Eu estaria muito interessada em falar com ele sobre onde aprendeu seus... métodos.

— A senhora Duryan sempre foi uma dama de companhia diligente, Igrain — disse Sabran. — Se você não tem provas de que ela estava envolvida, talvez devêssemos seguir em frente.

— Como você decreta, Sua Majestade.

Ead soltou um longo suspiro.



Seu segredo estava seguro. Ninguém a tinha visto entrar nos aposentos reais naquela noite. Mover-se sem ser vista era outro de seus dons, pois com a chama vinha a sutileza da sombra.

Som vindo de baixo. Pés blindados na escada. Os Cavaleiros do Corpo, realizando suas rondas.

Ela precisava de um lugar menos aberto para escutar. Rapidamente, ela desceu para o próximo andar e escorregou para uma varanda.

— ... é da mesma idade que você, ao que tudo indica, muito agradável e inteligente, e um soberano de Virtudom. — Combe diz. — Como você sabe, Majestade, as últimas cinco rainhas Berethnet tomaram consortes de Inysh. Não houve um casamento com um estrangeiro por mais de dois séculos.

— Você parece preocupado, Sua Graça — disse Sabran. — Você tem tão pouca fé nos encantos dos homens Inysh que fica surpreso que meus ancestrais os tenham escolhido como consortes?

Risos.

— Como um homem Inysh, devo protestar contra essa avaliação, — Combe disse levemente. — Mas os tempos mudaram. Um casamento com um estrangeiro é criticado. Agora que nosso mais antigo aliado traiu a religião verdadeira, *devemos* mostrar ao mundo que os três países restantes que juram fidelidade ao Santo permanecerão juntos, aconteça o que acontecer, e que nenhum apoiará Yscalín em sua crença equivocada de que o Inominável retornará.

— Há perigo em sua reivindicação — disse Crest. — Os orientais veneram wyrms. Eles podem ser tentados pela ideia de uma aliança com um território Dracônico.

— Acho que você julgou mal o perigo disso, Igrain — disse Stillwater. — Pelo que ouvi, os orientais ainda temiam a praga Dracônica.

— Yscalin também temeu uma vez.

— O que é certo — interrompeu Combe — é que não podemos permitir *nenhum* sinal de fraqueza. Se você se casasse com Lievelyn, Majestade, isso enviaria uma mensagem de que a cota de malha de Virtudom nunca foi tão apertada.

— O Príncipe Vermelho negocia com adoradores de wyrm — Sabran disse. — Certamente não seria sábio dar nossa aprovação implícita a tal prática. Especialmente agora. Você não concorda, Igrain?

Enquanto ela ouvia, Ead teve que sorrir. A rainha já havia encontrado um problema com seu pretendente.

— Embora produzir uma herdeira o mais rápido possível seja o dever de uma Berethnet, eu concordo, Vossa Majestade. Sabiamente observado — Crest disse, seu tom maternal. — Lievelyn não é digno de uma descendente do Santo. Seu comércio com Seiiki envergonha toda Virtudom. Se sugerirmos nossa tolerância a essa heresia, podemos encorajar aqueles que amam o Inominável. Lievelyn também era — não esqueçamos — noivo de Donmata Marosa, que agora é a herdeira de um território Dracônico. Uma afeição pode permanecer.

Um Cavaleiro do Corpo passou pela varanda. Ead se apertou contra a parede.

— O noivado foi rompido no momento em que Yscalín traiu a fé —, disse Combe. — Quanto ao comércio oriental, a Casa de Lievelyn não negociaria com Seiiki a menos que fosse essencial. Os Vatten podem ter trazido Mentendon para a fé, mas eles também o empobreceram. Se dermos aos Mentish termos favoráveis em uma aliança, e se um casamento real estiver no horizonte, talvez a troca possa ser interrompida.

— Meu caro Seyton, não é a necessidade que compele Mentish, mas a ganância. Eles *gostam* de ter o monopólio do comércio com o Oriente. Além disso, dificilmente podemos esperar sustentá-los indefinidamente — disse Crest. — Não, não há necessidade de discutir Lievelyn. Um par muito mais forte — que há *muito* defende a você, Majestade — é o Alto Chefe de Askrdal. Devemos manter nossos vínculos com Hróth fortes.

— Ele tem setenta anos — disse Stillwater, parecendo consternada.

— E Glorian Shieldheart não se casou com Guma Vetalda, que tinha setenta e quatro anos? — Eller saltou.

— De fato ela fez, e ele deu a ela um filho saudável. — Crest parecia satisfeita. — Askrdal traria experiência e sabedoria que Lievelyn, príncipe de um reino jovem, não traria.

Após uma pausa, Sabran falou.

— Não há outros?

Houve um longo silêncio.

— O boato de sua familiaridade com Lorde Arteloth se espalhou, Majestade — Eller disse, sua voz trêmula. — Alguns acreditam que você pode estar secretamente *casada com...*

— Poupe-me, Sua Graça, de fofocas infundadas. E por falar em Lorde Arteloth — disse Sabran. — Ele deixou a corte sem motivo ou aviso. Eu não vou ouvir falar dele.

Outro silêncio tenso.

— Vossa Majestade — disse Combe — meus intelectuais me informaram que Lorde Arteloth embarcou em um navio com destino a Yscalin, acompanhado por Lorde Kitston Glade. Aparentemente, ele descobriu minha intenção de enviar um espião para encontrar seu senhor pai... mas acreditava ser o único homem apto para uma missão que toca Vossa Majestade tão de perto.

Yscalin.

Por um momento terrível, Ead não conseguiu se mover ou respirar.

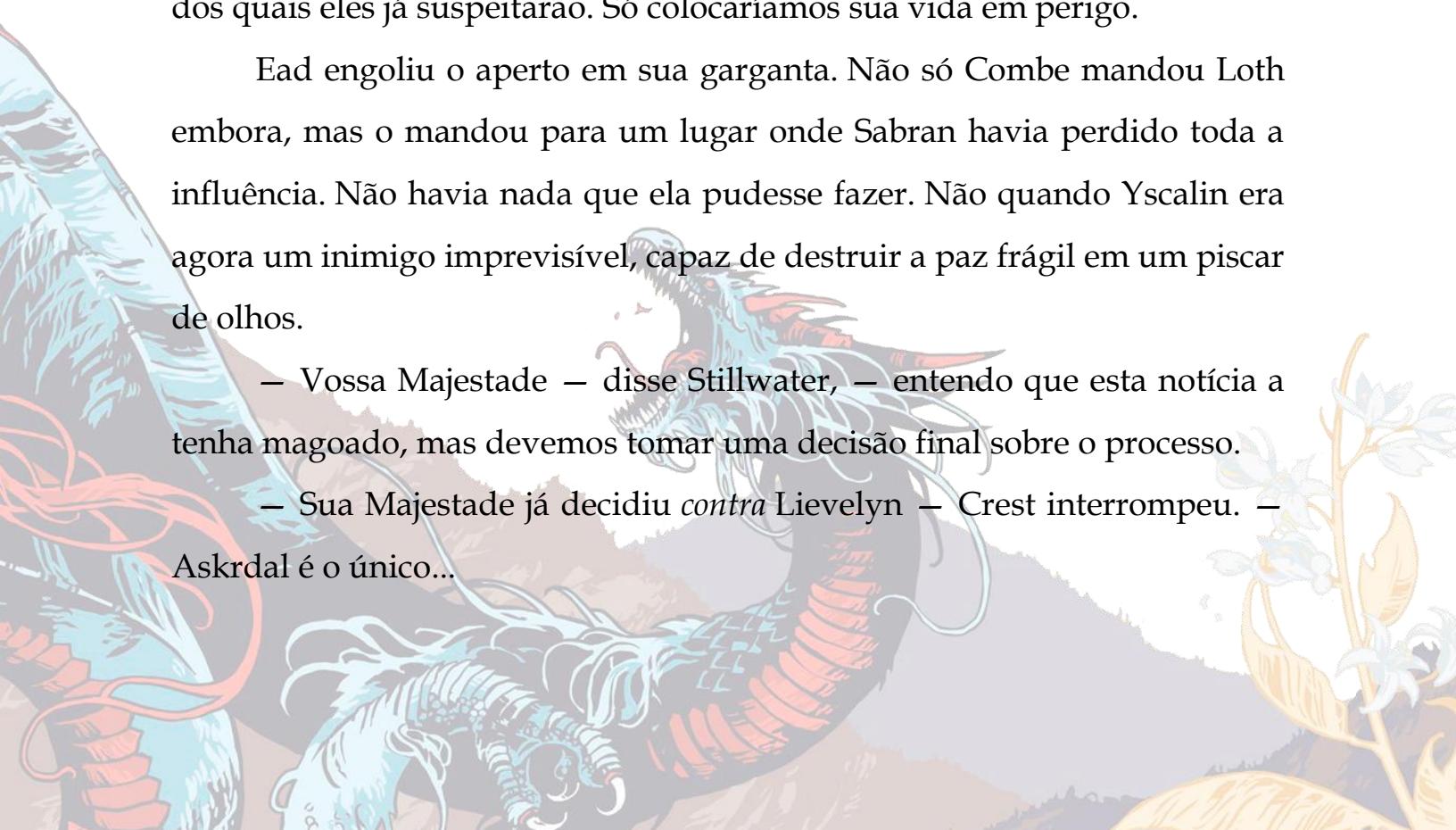
Loth.

— Pode ser o melhor — Combe continuou na quietude. — A ausência de Lorde Arteloth permitirá que os rumores de um caso entre vocês esfriem — e é mais que hora de sabermos o que estava acontecendo em Yscalin. E se seu senhor pai, Príncipe Wilstan, está vivo.

Combe estava mentindo. Loth não poderia simplesmente ter *tropeçado* em um plano para enviar um espião a Yscalin e decidido ir pessoalmente. A ideia era absurda. Não apenas que Loth nunca seria tão imprudente, mas o Falcão da Noite nunca permitiria que tais planos fossem descobertos.

Ele havia planejado isso.

— Algo não está certo — disse Sabran finalmente. — Não é típico de Loth se comportar de maneira tão precipitada. E acho extremamente difícil



acreditar que nenhum de vocês adivinhou suas intenções. Vocês não são meus conselheiros? Você não tem olhos em todos os cantos da minha corte?

O silêncio seguinte foi denso como um marzipã.

— Eu pedi a você para enviar alguém para resgatar meu pai há dois anos, Lorde Seyton — disse a rainha, mais suavemente. — Você me disse que o risco era muito grande.

— Eu temia que fosse, Majestade. Agora eu acho que um risco é necessário se quisermos saber a verdade.

— Lorde Arteloth *não* deve ser arriscado. — Havia uma tensão marcada em sua voz. — Você enviará seus retentores atrás dele. Para trazê-lo de volta para Inys. Você *deve* detê-lo, Seyton.

— Perdoe-me, Majestade, mas ele estará em território Dracônico agora. É totalmente impossível enviar alguém para resgatar Lorde Arteloth sem atrair atenção ao Vetalda que ele está lá em negócios não sancionados, dos quais eles já suspeitarão. Só colocaríamos sua vida em perigo.

Ead engoliu o aperto em sua garganta. Não só Combe mandou Loth embora, mas o mandou para um lugar onde Sabran havia perdido toda a influência. Não havia nada que ela pudesse fazer. Não quando Yscalin era agora um inimigo imprevisível, capaz de destruir a paz frágil em um piscar de olhos.

— Vossa Majestade — disse Stillwater, — entendo que esta notícia a tenha magoado, mas devemos tomar uma decisão final sobre o processo.

— Sua Majestade já decidiu *contra* Lievelyn — Crest interrompeu. — Askrdal é o único...

— Devo insistir em uma discussão mais aprofundada, Igrain. Lievelyn é um candidato melhor, em muitos aspectos, e eu não o veria dispensado. — Stillwater falou em tons cortados. — Este é um assunto delicado, Majestade, perdoe-me, mas você deve ter um sucessor, e em breve, para tranquilizar seu povo e assegurar o trono para outra geração. A necessidade não seria tão urgente se não fosse pelos atentados contra sua vida. Se você tivesse *apenas* uma filha...

— Obrigada por sua preocupação, Vossa Graça — disse Sabran secamente — mas ainda não me recuperei o suficiente de ver um cadáver ao lado da minha cama para discutir seu uso para crianças. — Uma cadeira raspou no chão, seguida por outras quatro. — Você pode questionar Dama Linora em seu lazer.

— Majestade... — Combe começou.

— Eu irei quebrar meu jejum. Bom dia.

Ead estava de volta para dentro e descendo antes que as portas da Câmara do Conselho se abrissem. Na base da torre, ela desceu o caminho, o coração batendo forte.

Margret ficaria arrasada quando descobrisse. Seu irmão era muito ingênuo, muito gentil para ser um espião na corte dos Vetalda.

Ele não se demoraria muito neste mundo.

Na Torre da Rainha, a casa real dançava ao som do coro do amanhecer. Criados e empregadas se cruzavam entre os quartos. O cheiro de pão fermentado emanava da Cozinha Privada. Engolindo sua amargura o melhor que pôde, Ead abriu caminho pela Câmara de Presença, onde os petionários estavam amontoados, como sempre, esperando pela rainha.

Ead sentiu sua proteção enquanto ela se aproximava do Grande Quarto de dormir. Elas foram colocadas como armadilhas em todo o palácio. Durante o primeiro ano na corte, ela era um nervo em frangalhos, incapaz de dormir enquanto elas tocavam com o movimento, mas aos poucos, ela aprendeu a reconhecer as sensações que provocavam nela e a mudá-las como se em um quadro de contagem. Ela havia aprendido sozinha a notar apenas quando alguém estava fora do lugar. Ou quando um estranho vinha a corte.

Lá dentro, Margret estava despindo a cama e Roslain Crest sacudindo panos de tecido simples. Sabran devia estar perto de seu sangramento – o lembrete mensal de que ela ainda não estava inchada com uma herdeira.

Ead se juntou a Margret em seu trabalho. Ela tinha que contar a ela sobre Loth, mas teria que esperar até que elas estivessem sozinhas.

— Senhora Duryan — Roslain disse, quebrando o silêncio.

Ead se endireitou.

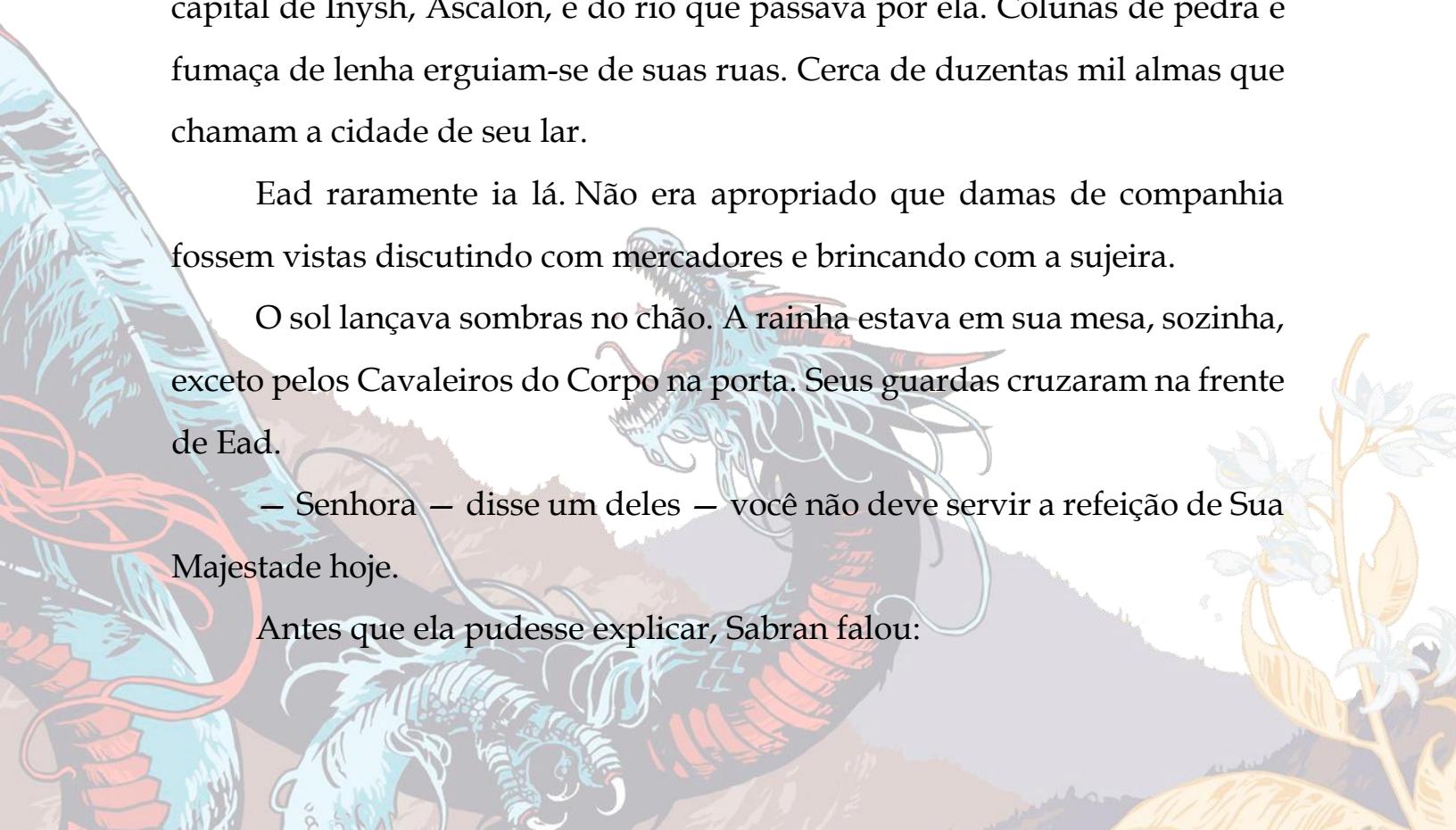
— Minha dama.

— Dama Katryen adoeceu esta manhã. — A Dama Chefe prendeu um dos panos em um cinto de seda. — Você vai provar a comida de Sua Majestade em seu lugar.

Margret franziu a testa.

— Claro — disse Ead calmamente.

Isso foi punição por seu desvio durante a narrativa. As Damas do Quarto de dormir eram recompensadas na mesma moeda pelos riscos que assumiam como provadoras de comida, mas para uma camareira, era uma tarefa ingrata e perigosa.



Para Ead, também era uma oportunidade.

No caminho para o Solário Real, outra oportunidade se apresentou. Truyde utt Zeedeur caminhava atrás de duas outras damas de honra. Quando Ead passou, ela a segurou pelo ombro e puxou-a de lado, respirando em seu ouvido:

— Encontre-me depois das orações amanhã à noite, ou providenciarei para que Sua Majestade receba suas cartas.

Quando as outras damas de honra olharam para trás, Truyde sorriu, como se Ead tivesse contado uma piada. Raposinha afiada.

— Onde? — ela disse, ainda sorrindo.

— As Escadarias Privadas.

Elas se separaram.

O Solário Real era um refúgio tranquilo. Três de suas paredes se projetavam da Torre da Rainha, proporcionando uma vista inigualável da capital de Inysh, Ascalon, e do rio que passava por ela. Colunas de pedra e fumaça de lenha erguiam-se de suas ruas. Cerca de duzentas mil almas que chamam a cidade de seu lar.

Ead raramente ia lá. Não era apropriado que damas de companhia fossem vistas discutindo com mercadores e brincando com a sujeira.

O sol lançava sombras no chão. A rainha estava em sua mesa, sozinha, exceto pelos Cavaleiros do Corpo na porta. Seus guardas cruzaram na frente de Ead.

— Senhora — disse um deles — você não deve servir a refeição de Sua Majestade hoje.

Antes que ela pudesse explicar, Sabran falou:

— Quem é essa?

— Senhora Ead Duryan, Sua Majestade. Sua camareira.

Silêncio. Então:

— Deixe-a passar.

Os cavaleiros se afastaram imediatamente. Ead se aproximou da rainha, os saltos de seus sapatos não fazendo barulho.

— Bom dia, Sua Majestade. — Ela fez uma reverência.

Sabran já havia olhado para trás, para seu livro de orações esmaltado em ouro.

— Kate deveria estar aqui.

— Dama Katryen adoeceu.

— Ela foi minha companheira de cama ontem à noite. Eu saberia se ela estivesse doente.

— Dama Roslain diz que sim — disse Ead. — Se lhe agradar, vou provar sua comida hoje.

Quando ela não recebeu resposta, Ead se sentou. Tão perto de Sabran, ela podia sentir o cheiro de seu pomander⁵, recheado com raiz de orris e cravo. Os Inysh acreditavam que esses perfumes poderiam prevenir doenças.

Elas ficaram sentadas em silêncio por algum tempo. O peito de Sabran subia e descia continuamente, mas a posição de sua mandíbula traía sua raiva.

⁵ Uma bola ou recipiente perfurado com substâncias de cheiro doce, como ervas e especiarias, colocado em um armário, gaveta ou quarto para perfumar o ar ou (anteriormente) transportado como uma suposta proteção contra infecções.

— Majestade — disse Ead finalmente, — isso pode ser muito ousado, mas você parece não estar de bom humor hoje.

— É muito ousado. Você está aqui para garantir que minha comida não seja envenenada, para não prejudicar meu espírito.

— Me perdoe.

— Tenho sido muito indulgente. — Sabran fechou o livro com força. — Você claramente não dá atenção ao Cavaleiro da Cortesia, Senhora Duryan. Talvez você não seja uma verdadeira convertida. Talvez você apenas preste serviços vazios ao meu ancestral, enquanto secretamente mantém uma religião falsa.

Ela estava aqui há apenas um minuto e Ead já estava andando na areia movediça.

— Senhora — disse ela com cuidado — a rainha Cleolind, sua ancestral, era uma princesa herdeira de Lasia.

— Não há necessidade de você me lembrar disso. Você me acha um idiota?

— Eu não quis dizer tal insulto — disse Ead. Sabran colocou seu livro de orações de lado. — A Rainha Cleolind era nobre e de bom coração. Não foi por culpa dela que ela não sabia nada sobre as Seis Virtudes quando nasceu. Posso ser ingênuas, mas ao invés de puni-los, certamente devemos ter pena daqueles que estão na ignorância e levá-los à luz.

— Certamente — disse Sabran secamente. — A luz da pira.

— Se você pretende me colocar na fogueira, senhora, então eu sinto muito por isso. Ouvi dizer que nós, Ersyris, fazemos gravetos muito pobres. Somos como areia, acostumados demais com o sol para queimar.

A rainha olhou para ela. Seu olhar mergulhou para o broche em seu vestido.

— Você toma o Cavaleiro da Generosidade como seu patrono.

Ead o tocou.

— Sim — ela disse. — Como uma de suas damas, eu lhe dou minha lealdade, Majestade. Para dar, é preciso ser generosa.

— Generosidade. O mesmo que Lievelyn. — Sabran disse isso quase para si mesma. — Você ainda pode se provar mais generosa do que certas outras senhoras. Primeiro Ros insistiu em engravidar, então ela estava cansada demais para me servir, então Arbella não pôde andar comigo e agora Kate finge estar doente. Lembro-me todos os dias que nenhuma *delas* chama a Generosidade de seu patrono.

Ead sabia que Sabran estava com raiva, mas ainda assim foi preciso bastante contenção para não esvaziar o vinho pela cabeça. As Damas do Quarto de dormir se sacrificavam muito para atender a rainha o tempo todo. Elas provavam sua comida e experimentavam seus vestidos, arriscando suas próprias vidas. Katryen, uma das mulheres mais desejáveis da corte, provavelmente nunca teria uma companhia. Quanto a Arbella, ela estava com setenta anos, servira a Sabran e à mãe e ainda não se aposentou.

Ead foi poupada de responder com a chegada da refeição. Truyde utt Zeedeur estava entre as damas de honra que a apresentariam, mas se recusou a olhar para Ead.

Muitos costumes Inysh a haviam confundido ao longo dos anos, mas as refeições reais eram absurdas. Primeiro, a rainha era servida com sua escolha de vinho — depois não um, não dois, mas *dez* pratos eram

oferecidos a ela. Cortes finos de carne marrom. Groselhas se transformavam em vegetais. Panquecas com mel preto, manteiga de maçã ou ovos de codorna. Peixe salgado do Limber. Morangos da floresta em uma camada de creme de neve.

Como sempre, Sabran escolheu apenas uma rodada de pão dourado. Um aceno de cabeça em direção a ele foi a única indicação.

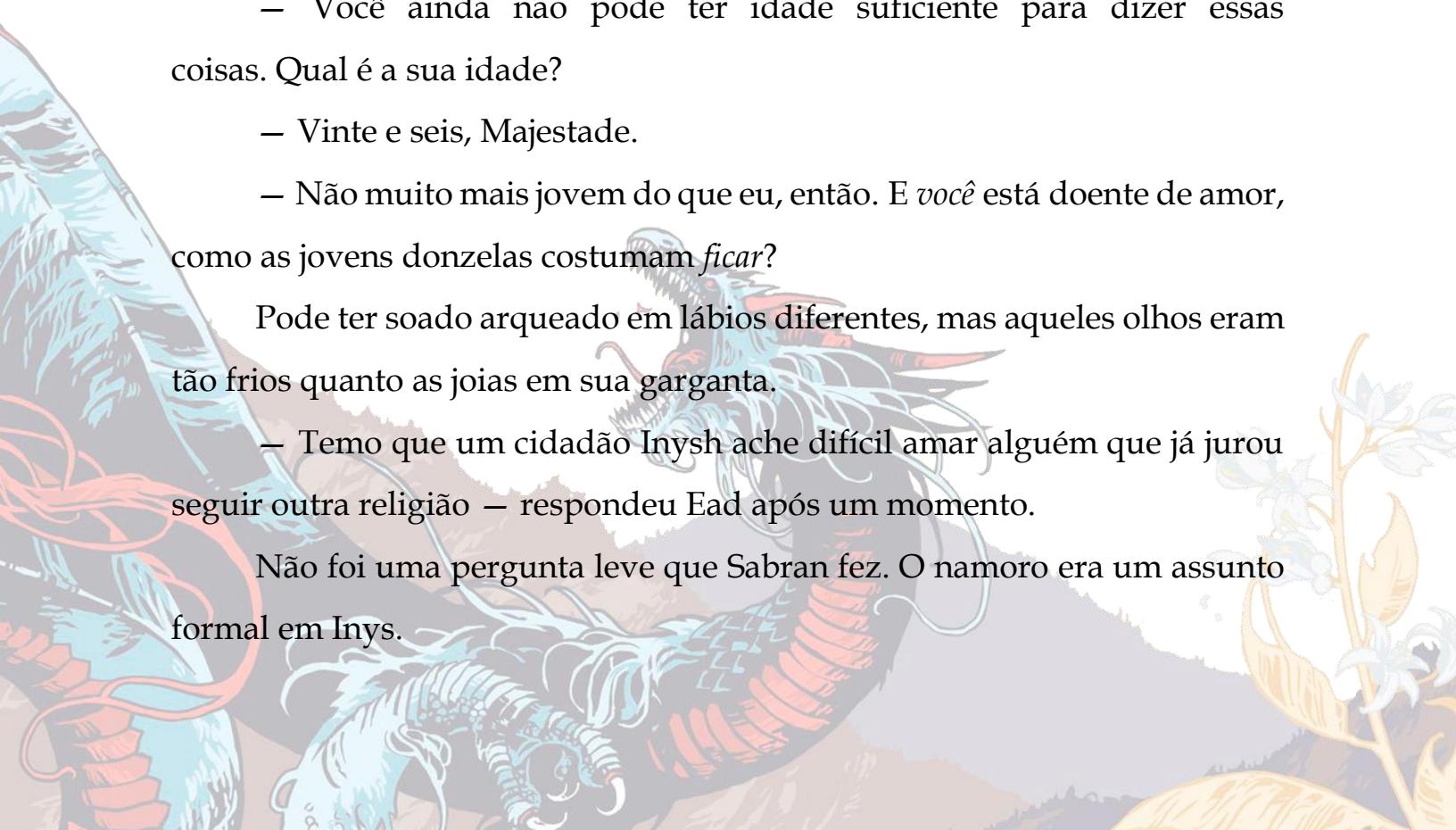
Silêncio. Truyde estava olhando para a janela. Uma das outras damas de honra, parecendo em pânico, cutucou-a com o cotovelo. Retornando à tarefa em mãos, Truyde pegou o pão de ouro com uma cobertura e o colocou no prato real com uma reverência. Outra dama de honra serviu um redemoinho de manteiga doce.

Agora, para a degustação. Com um sorrisinho malicioso, Truyde entregou a Ead a faca com cabo de osso.

Primeiro, Ead deu um gole no vinho. Então ela provou o amanteigado. Ambos estavam desimpedidos. Em seguida, ela cortou um pedaço do pão e o tocou com a ponta da língua. Uma gota da viúva faria o céu da boca formigar, dipsas ressecavam os lábios e a poeira da eternidade – o mais raro dos venenos – dava a cada mordida na comida um gosto nauseabundo.

Não havia nada além de pão denso dentro. Ela deslizou os pratos diante da rainha e devolveu a faca de degustação a Truyde, que a limpou uma vez e a envolveu com linho.

— Deixe-nos — disse Sabran.



Olhares foram trocados. A rainha geralmente desejava diversão ou fofoca das damas de honra na hora das refeições. Como um, elas fizeram uma reverência e saíram. Ead foi por último.

— Você não.

Ela se sentou novamente.

O sol estava mais forte agora, enchendo o Solário Real com luz. Ele dançava na jarra de vinho de roseira brava.

— Dama Truyde parece distraída ultimamente. — Sabran olhou para a porta. — Doente, talvez, como Kate. Eu esperaria que tais doenças atingissem a corte no inverno.

— Sem dúvida é a febre da rosa, senhora, nada mais. Mas Dama Truyde, eu acho, é mais provável que sinta saudades de casa — disse Ead. — Ou... ela pode estar doente de amor, como as jovens donzelas costumam estar.

— Você ainda não pode ter idade suficiente para dizer essas coisas. Qual é a sua idade?

— Vinte e seis, Majestade.

— Não muito mais jovem do que eu, então. E *você* está doente de amor, como as jovens donzelas costumam *ficar*?

Pode ter soado arqueado em lábios diferentes, mas aqueles olhos eram tão frios quanto as joias em sua garganta.

— Temo que um cidadão Inysh ache difícil amar alguém que já jurou seguir outra religião — respondeu Ead após um momento.

Não foi uma pergunta leve que Sabran fez. O namoro era um assunto formal em Inys.

— Bobagem — disse a rainha. O sol brilhava em seus cabelos. — Eu entendo que você está próxima de Lorde Arteloth. Ele me disse que vocês dois trocavam presentes em todas as festas da comunhão.

— Sim, senhora — disse Ead. — Somos próximos. Fiquei triste ao saber que ele havia deixado a cidade.

— Ele vai voltar. — Sabran lançou-lhe um olhar avaliador. — Ele pagou corte a você?

— Não — disse Ead com sinceridade. — Eu considero Lorde Arteloth um querido amigo, e não quero mais do que isso. Mesmo se o fizesse, não estou em uma posição adequada para me casar com o futuro Conde de Goldenbirch.

— De fato. O Embaixador uq-Ispad me disse que seu sangue era vil.

— Sabran deu um gole em seu vinho. — Você não está apaixonada, então.

Uma mulher tão rápida em insultar aqueles que estão abaixo dela deve ser vulnerável à lisonja.

— Não, senhora — disse Ead. — Não estou aqui para desperdiçar tempo em busca de um companheiro. Estou aqui para atender a mais graciosa Rainha de Inys. Isso é mais do que suficiente.

Sabran não sorriu, mas seu rosto suavizou-se devido ao tom severo.

— Talvez você queira passear comigo no Jardim Privado amanhã —, disse ela. — Isto é, se Dama Arbella ainda estiver indisposta.

— Se isso lhe der prazer, Majestade — disse Ead.

A cabine era grande o suficiente apenas para dois beliches. Um corpulento Ment entregou-lhes um jantar de carne salgada, um peixe do tamanho de um polegar cada um, e pão desfiado, rançoso o suficiente para lascar seus dentes. Kit administrou metade de sua carne antes de fugir para o convés.

No meio do caminho para o seu pão, Loth desistiu. Isso estava muito longe das ofertas suntuosas da corte, mas a comida vil era a última de suas preocupações. Combe o estava enviando para sua perdição, e em vão.

Ele sempre soube que o Falcão da Noite poderia fazer as pessoas desaparecerem. Pessoas que ele via como uma ameaça à Casa de Berethnet, quer se comportassem de uma maneira que desgraçava suas posições ou desejavam mais poder do que o devido.

Mesmo antes de Margret e Ead avisá-lo de que a corte estava falando, Loth sabia dos rumores. Boatos de que ele havia seduzido Sabran, de que se casara com ela em segredo. Agora os Duques Espirituais procuravam um parceiro estrangeiro para ela, e o boato, por mais infundado que fosse, era um impedimento. Loth era um problema e Combe o havia resolvido.

Devia haver alguma maneira de avisar Sabran. Por enquanto, porém, ele teria que se concentrar na tarefa em mãos. Aprendendo a ser espião em Cársaro.

Esfregando a ponta do nariz, Loth pensou em tudo o que sabia sobre Lorde Wilstan Fynch.

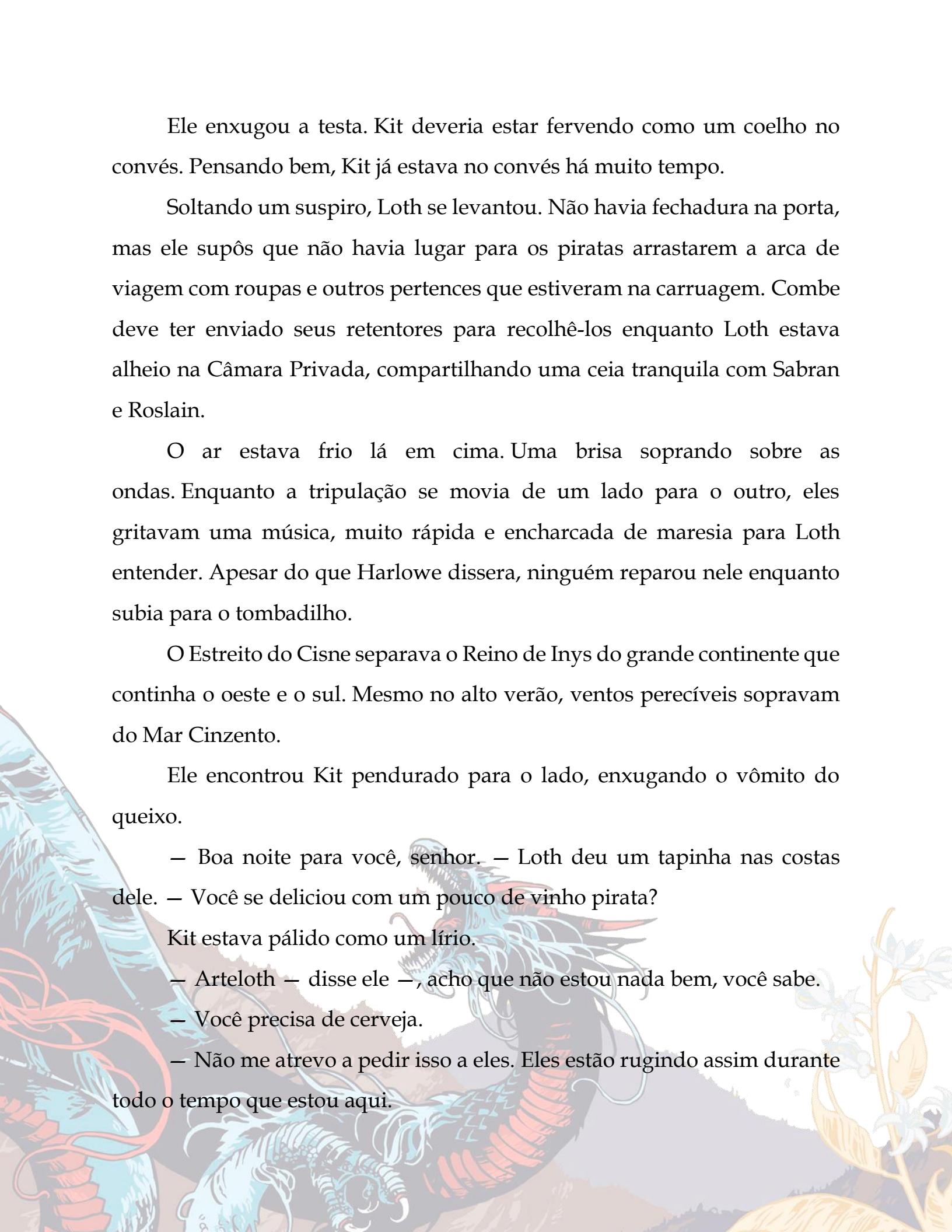
Quando criança, Sabran nunca foi próxima do pai. Limpo e barbudo, de porte militar, Fynch sempre pareceu a Loth personificação dos ideais de seu ancestral, o Cavaleiro da Temperança. O príncipe consorte nunca foi

dado a demonstrações de emoção, mas ele claramente amava sua família, e tinha feito Loth e Roslain, que eram os mais próximos de sua filha, sentir que eles eram parte dela.

Quando Sabran foi coroada, seu relacionamento mudou. Pai e filha costumavam ler juntos na Biblioteca Privada, e ele a aconselhava sobre os assuntos do reino. A morte da rainha Rosarian havia deixado um espaço em suas vidas, e foi nesse espaço que eles finalmente se tornaram amigos, mas isso não foi o suficiente para Fynch. Rosarian fora sua estrela-guia e, sem ela, ele se sentia perdido na vastidão da corte Inysh. Ele pedira permissão a Sabran para fixar residência em Yscalin como seu embaixador, e desde então se contentou com esse papel, escrevendo para ela em todas as temporadas. Ela sempre esperava ansiosamente por suas cartas de Cársaro, onde a Casa de Vetalda governava uma corte alegre. Loth supôs que deve ter sido mais fácil para Fynch enterrar sua dor longe da casa que dividira com Rosarian.

Sua carta final foi diferente. Ele havia dito a Sabran, em outras palavras, que acreditava que Vetalda estivera envolvido no assassinato de Rosarian. Essa foi a última vez que alguém em Inys ouviu falar do Duque da Temperança antes que as pombas das rochas voassem de Cársaro, declarando que Yscalin agora tomava o Inominável como seu deus e mestre.

Loth pretendia descobrir o que havia acontecido naquela cidade. O que causou a ruptura com Virtudom e o que aconteceu com Fynch. Qualquer informação poderia ser inestimável se Yscalin algum dia declarasse guerra à Casa de Berethnet, o que Sabran temia por muito tempo.



Ele enxugou a testa. Kit deveria estar fervendo como um coelho no convés. Pensando bem, Kit já estava no convés há muito tempo.

Soltando um suspiro, Loth se levantou. Não havia fechadura na porta, mas ele supôs que não havia lugar para os piratas arrastarem a arca de viagem com roupas e outros pertences que estiveram na carruagem. Combe deve ter enviado seus retentores para recolhê-los enquanto Loth estava alheio na Câmara Privada, compartilhando uma ceia tranquila com Sabran e Roslain.

O ar estava frio lá em cima. Uma brisa soprando sobre as ondas. Enquanto a tripulação se movia de um lado para o outro, eles gritavam uma música, muito rápida e encharcada de maresia para Loth entender. Apesar do que Harlowe dissera, ninguém reparou nele enquanto subia para o tombadilho.

O Estreito do Cisne separava o Reino de Inys do grande continente que continha o oeste e o sul. Mesmo no alto verão, ventos perecíveis sopravam do Mar Cinzento.

Ele encontrou Kit pendurado para o lado, enxugando o vômito do queixo.

— Boa noite para você, senhor. — Loth deu um tapinha nas costas dele. — Você se deliciou com um pouco de vinho pirata?

Kit estava pálido como um lírio.

— Arteloth — disse ele —, acho que não estou nada bem, você sabe.

— Você precisa de cerveja.

— Não me atrevo a pedir isso a eles. Eles estão rugindo assim durante todo o tempo que estou aqui.

— Eles estão cantando — disse uma voz rouca.

Loth estremeceu. Uma mulher com um chapéu preto de aba larga estava encostada na amurada próxima.

— Músicas de trabalho. — Ela jogou um odre de vinho para Kit. — Ajuda os desajeitados a passar o tempo.

Kit soltou a tampa.

— Você disse *desajeitados*, senhora?

— Aqueles que limpam o convés.

Indo por sua aparência e sotaque, esta corsária era de Yscalín. Profunda peloe de oliva, bronzeada e sardenta. Cabelo como vinho de cevada. Olhos de um âmbar claro, delineados com tinta preta, o olho esquerdo sublinhado por uma cicatriz. Ela era bem apresentada para uma pirata, até o brilho de suas botas e seu colete impecável. Um florete pendurado ao lado dela.

— Se eu fosse você, estaria de volta à minha cabine antes de escurecer — disse ela. — A maioria da tripulação não liga muito para senhores. Plume os mantém sob controle, mas quando ele dorme, as boas maneiras deles também.

— Não acredito que a conhecemos, senhora — disse Kit.

Seu sorriso se aprofundou.

— E o que faz você pensar que eu gostaria de entrar *em seu* conhecimento, meu senhor nobre?

— Bem, você falou conosco primeiro.

— Talvez eu estivesse entediada.

— Talvez sejamos interessantes. — Ele se curvou em sua maneira extravagante. — Eu sou Lorde Kitston Glade, poeta da corte. Futuro Conde de Honeybrook, para desgosto de meu pai. Prazer em conhecê-la.

— Lorde Arteloth Beck. — Loth inclinou a cabeça. — Herdeiro do Conde e Condessa de Goldenbirch.

A mulher ergueu uma sobrancelha.

— Estina Melaugo. Herdeira de meus próprios cabelos grisalhos. Contramestre da *Rosa Eterna*.

Ficou claro pela expressão de Kit que ele conhecia essa mulher. Loth optou por não perguntar.

— Então — disse Melaugo —, vocês estão indo para Cársaro.

— Você é daquela cidade, senhora? — Loth perguntou.

— Não. Vazuva.

Loth a observou beber de uma garrafa de vidro.

— Senhora — ele disse —, eu me pergunto se você poderia nos dizer o que esperar na corte do Rei Sigoso. Sabemos tão pouco sobre o que aconteceu em Yscalin nos últimos dois anos.

— Eu sei tanto quanto você, meu senhor. Eu fui de Yscalin, junto com alguns outros, no dia em que a Casa de Vetalda anunciou sua lealdade ao Inominável.

Kit falou novamente:

— Muitos daqueles que fugiram se tornaram piratas?

— Corsários, por favor. — Melaugo acenou com a cabeça para o alferes. — E não. A maioria dos exilados foi para Mentendon ou Ersyr para começar de novo, da melhor maneira possível. Mas nem todo mundo saiu.

— É possível que o povo de Yscalin não *todos* curvaram-se ao Inominável, então? — Loth perguntou a ela. — Que eles estão apenas com medo de seu rei, ou presos no país?

— Provável. Ninguém sai agora, e muito poucos entram. Cársaro ainda aceita embaixadores estrangeiros, como evidenciado por vocês, mas o resto do país pode estar morto de peste, pelo que eu sei. — Uma onda soprou em seus olhos. — Se algum dia vocês saírem, devem me dizer como está Cársaro agora. Ouvi dizer que houve um grande incêndio pouco antes de os pássaros voarem. Os campos de lavanda costumavam crescer perto da capital, mas queimaram.

Isso estava deixando Loth mais desconfortável do que antes.

— Vou confessar que estou curiosa — disse Melaugo —, quanto ao motivo pelo qual sua rainha está mandando vocês para o poço das cobras. Achei que você fosse o favorito dela, Lorde Arteloth.

— Não é a rainha Sabran quem nos envia, senhora — disse Kit — mas o horrível Seyton Combe — ele suspirou. — Ele nunca gostou da minha poesia, sabe. Apenas uma casca sem alma poderia odiar poesia.

— Ah, o Falcão da Noite — disse Melaugo, rindo. — Um familiar adequado para nossa rainha.

Loth congelou.

— O que você quer dizer com isso?

— Santo. — Kit parecia fascinado. — Tanto uma herege quanto uma pirata. Você insinua que a rainha Sabran é algum tipo de bruxa?

— Corsária. E mantenha sua voz baixa. — Melaugo olhou por cima do ombro. — Não me entendam mal, meus senhores. Não tenho aversão

pessoal pela rainha Sabran, mas eu venho de uma parte supersticiosa de Yscalín, e não é algo estranho sobre as Berethnets. Cada rainha tendo apenas uma criança, sempre uma filha, e todas se parecem muito... Eu não sei. Parece feitiçaria para-

— Sombra!

Melaugo se virou. O rugido veio do ninho de corvo.

— Outro wyvern — ela disse baixinho. — Desculpe.

Ela saltou nas cordas e escalou. Kit correu para o lado.

— Wyvern? Eu nunca vi um.

— Não queremos ver um — disse Loth. Seus braços estavam formigando. — Este não é o lugar para nós, Kit. Venha, volte para baixo do convés antes...

— Espera. — Kit protegeu os olhos. Seus cachos voavam com o vento. — Loth, você vê isso?

Loth olhou de soslaio para o horizonte. O sol estava baixo e vermelho, quase o cegando.

Melaugo estava agarrada às cordas dos ratos, um olho em uma luneta.

— Mãe de... — Ela abaixou-a, então ergueu-a novamente. — Plume, é... não posso acreditar no que estou vendo...

— O que é? — o contramestre chamou. — Estina?

— É um... um Alto Ocidental. — Seu grito foi rouco. — Um Alto Ocidental!

Essas palavras foram como uma faísca acesa. A ordem se fragmentou no caos. Loth sentiu suas pernas se tornarem de pedra.

Alto Ocidental.

— Preparem os arpões, a metralhadora — gritou uma mulher Mentish. — Preparem-se para o calor! Não se envolvam a menos que ataque!

Quando ele viu, Loth ficou gelado até a medula dos ossos. Ele não conseguia sentir suas mãos ou rosto.

Era impossível, mas lá estava.

Um wyrm. Um monstruoso wyrm de quatro patas, com mais de duzentos pés de comprimento, do focinho à ponta da cauda.

Este não era um wyvern rondando por gado. Esta era uma raça que não era vista há séculos, desde as últimas horas do Século da Dor. A mais poderosa das criaturas Dracônicas. Os Alto Ocidentais, os maiores e mais brutais de todos os dragões, os terríveis lordes da raça wyrm.

Um deles havia *acordado*.

A besta planou acima do navio. Ao passar, Loth pôde *sentir* o cheiro do calor dentro dele, o fedor de fumaça e enxofre.

A armadilha de urso de sua boca. As brasas de seus olhos. Eles se escreveram em sua memória. Ele tinha ouvido histórias desde que era criança, visto as ilustrações horríveis que se escondiam nos bestiários, mas mesmo seus pesadelos mais angustiantes nunca tinham evocado algo tão temível.

— Não se envolvam — o Ment gritou novamente. — Firme!

Loth pressionou as costas contra o mastro principal.

Ele não podia negar o que seus olhos podiam ver. Esta criatura poderia não ter as escamas vermelhas do Inominável, mas era como ele.

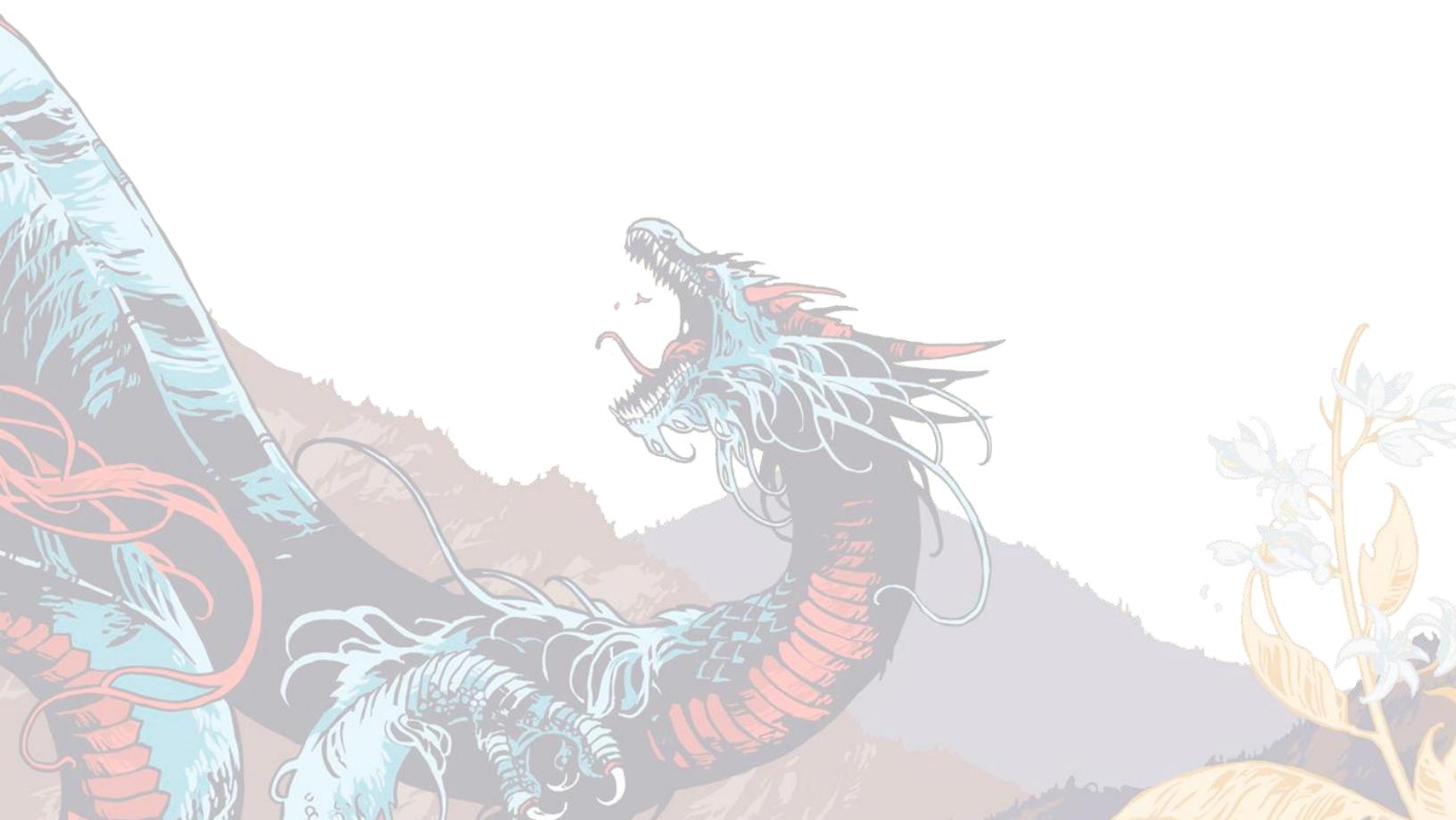
A tripulação se movia como formigas fugindo da água, mas o wyrm parecia estar decidido a outro curso. Ele sobrevoou o Estreito do Cisne. Loth

podia ver o fogo pulsando dentro dele, descendo por toda a extensão de sua garganta até o estômago. Sua cauda era pontilhada de espinhos e terminava em um poderoso chicote.

Loth agarrou a amurada para se manter em pé. Seus ouvidos zumbiam. Perto dali, um dos marinheiros mais jovens tremia todo, parado em uma piscina de ouro escuro.

Harlowe saiu de sua cabine. Ele observou o Alto Ocidental deixá-los para trás.

— É melhor vocês começarem a orar pela salvação, meus senhores, — ele disse suavemente. — Fýredel, a asa direita do Inominável, parece ter acordado de seu sono.



Capítulo 8

Leste

Sulyard roncava. Mais uma razão pela qual Truyde fora uma idiota por se comprometer com ele. Não que Niclays pudesse dormir mesmo que seu convidado *tivesse se calado*, pois um trovão soava.

O trovão retumbou, fazendo um cavalo relinchar lá fora. Bêbado com uma única taça de vinho, Sulyard dormiu durante todo o tempo.

Niclays estava deitado na cama, ele próprio ligeiramente bêbado. Ele e Sulyard passaram a noite jogando cartas e trocando histórias. Sulyard contara a história sombria da Rainha do Nunca, enquanto Niclays escolheu os amuletos mais edificantes de Carbúnculo e Escaldão.

Ele ainda não gostava de Sulyard, mas devia a Truyde proteger seu companheiro secreto. Ele devia isso a Jannart.

Jannart.

O torno da dor se fechou em torno de seu coração. Ele fechou os olhos e voltou àquela manhã de outono em que se encontraram pela primeira vez no jardim de rosas do palácio de Brygstad, quando a corte do recém-coroad Edvart o Segundo estava repleta de oportunidades.

Com vinte e poucos anos, quando ainda era Marquês de Zeedeur, Jannart era alto e atraente, com magníficos cabelos ruivos que ondulavam

até a nuca. Naquela época, Niclays era um dos poucos Ments a ter uma juba ruiva mais bonita, mais ouro do que cobre.

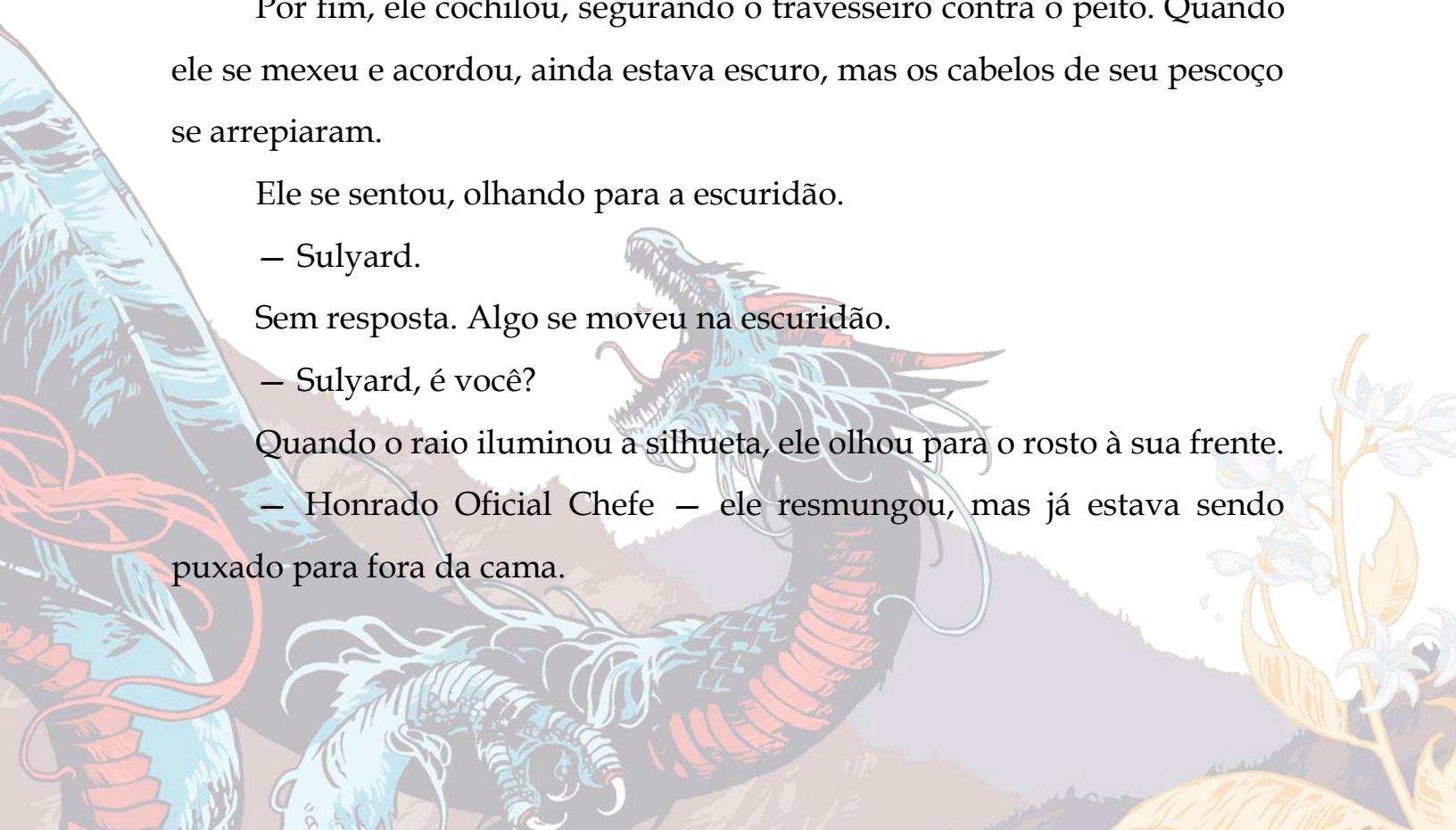
Foi isso que atraiu Jannart para ele naquele dia. *Ouro rosa*, ele o apelidou. Ele pedira a Niclays se poderia pintar seu retrato, capturando assim a sombra para a posteridade, e Niclays, como qualquer jovem cortesão vaidoso, ficara muito satisfeito em atender.

Cabelo ruivo e um jardim de rosas. Foi assim que tudo começou.

Eles passaram toda a temporada juntos, com o cavalete, a música e o riso como companhia. Mesmo depois que o retrato foi concluído, eles permaneceram unidos no quadril.

Niclays nunca tinha se apaixonado antes. Foi Jannart quem ficou intrigado o suficiente para pintá-lo, mas logo, Niclays ansiava pela habilidade de pintá-lo de volta, para que ele pudesse capturar a escuridão daqueles cílios, e como o sol brilhava em seus cabelos, e a elegância de suas mãos no cravo. Ele olhou para seus lábios sedosos e o lugar onde seu pescoço encontrava sua mandíbula; ele tinha visto seu sangue latejar ali, naquele berço da vida. Ele tinha imaginado, com detalhes estimulantes, como seus olhos seriam na luz da manhã, quando o sono tornava suas pálpebras pesadas. Aquele requintado âmbar escuro, como o mel das abelhas negras.

Ele viveu para ouvir aquela voz, profunda e suave. Oh, ele poderia cantar baladas de seu tenor, e a maneira como ele alcançava o auge da paixão quando a conversa se inclinava para a arte ou história. Esses assuntos ateavam fogo em Jannart, atraindo as pessoas para seu calor. Com palavras apenas, ele poderia embelezar o objeto mais enfadonho ou trazer civilizações



surgindo do pó. Para Niclays, ele tinha sido um raio de sol, iluminando todas as facetas de seu mundo.

Ele sabia que não havia esperança. Afinal, Jannart era um marquês, herdeiro de um ducado, o amigo mais querido do príncipe Edvart, enquanto Niclays era um arrivista de Rozentun.

E ainda assim Jannart o tinha visto. Ele o tinha visto e não desviou o olhar.

Do lado de fora da casa, as ondas voltaram a bater na cerca. Niclays se virou de lado, todo dolorido.

— Jan — disse ele suavemente. — Quando ficamos tão velhos?

A remessa Mentish chegaria a qualquer momento e, quando voltasse para casa, Sulyard estaria com eles. Mais alguns dias e Niclays se livraria dessa lembrança viva de Truyde e Jannart e da corte de Inysh. Ele voltaria a mexer com poções em sua prisão no fim do mundo, exilado e desconhecido.

Por fim, ele cochilou, segurando o travesseiro contra o peito. Quando ele se mexeu e acordou, ainda estava escuro, mas os cabelos de seu pescoço se arrepiaram.

Ele se sentou, olhando para a escuridão.

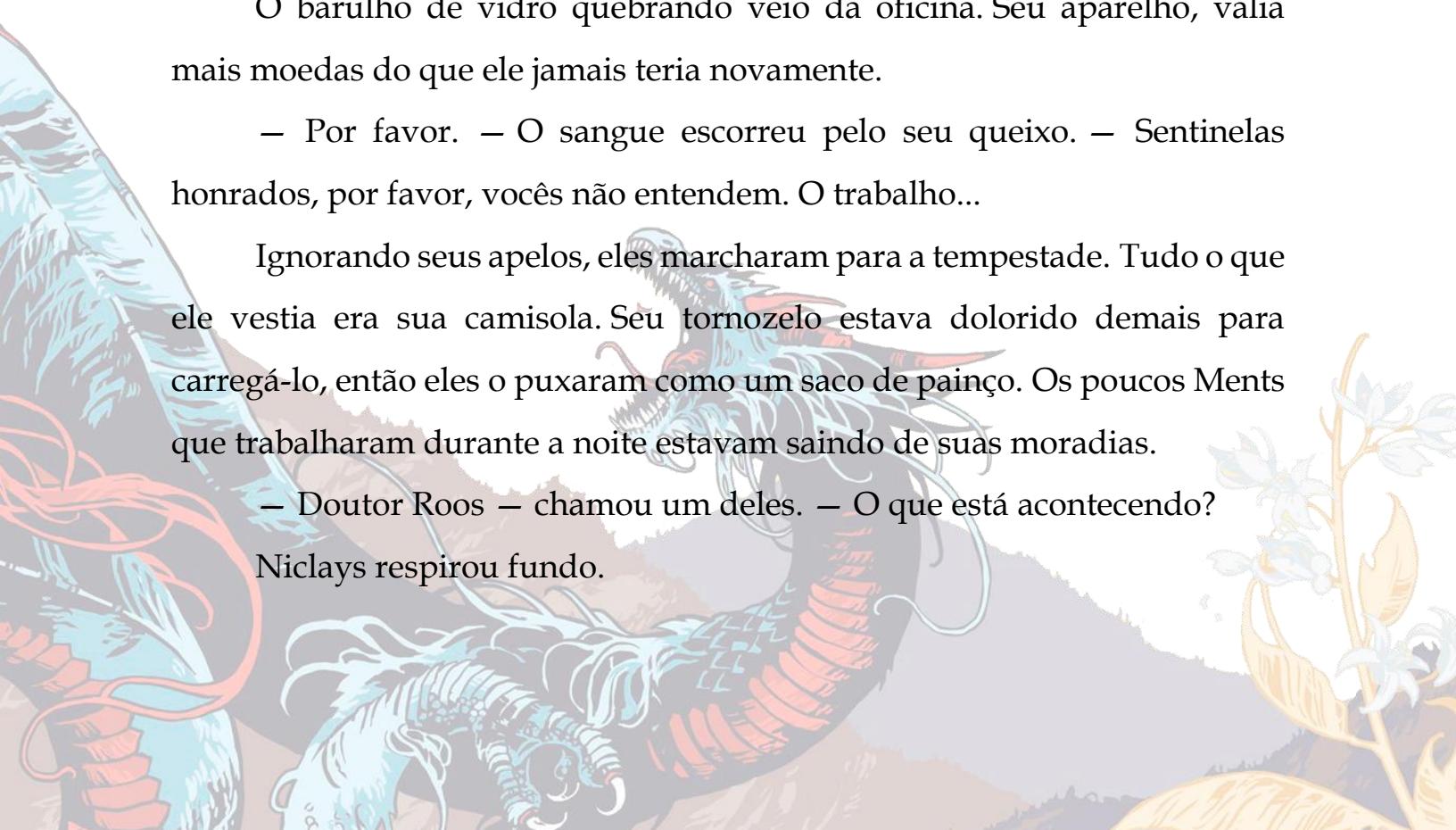
— Sulyard.

Sem resposta. Algo se moveu na escuridão.

— Sulyard, é você?

Quando o raio iluminou a silhueta, ele olhou para o rosto à sua frente.

— Honrado Oficial Chefe — ele resmungou, mas já estava sendo puxado para fora da cama.



Dois sentinelas o empurravam em direção à porta. No aperto de terror, ele de alguma forma agarrou sua bengala do chão e balançou com toda a força. Ela estalou como um chicote em uma de suas bochechas. Ele só teve um momento para saborear sua precisão antes de ser atingido por um cassetete de ferro.

Ele nunca havia sentido tanta dor ao mesmo tempo. Seu lábio inferior se partiu como fruta. Cada dente estremeceu em sua órbita. Seu estômago se revirou com o sabor acobreado em sua língua.

O sentinela ergueu o cassetete novamente e desferiu um golpe terrível no joelho. Com um grito de “misericórdia”, Niclays levantou as mãos sobre a cabeça, largando a bengala. Uma bota de couro a partiu em dois. Golpes choveram de todos os lados, atingindo suas costas e rosto. Ele caiu nas esteiras, fazendo sons fracos de submissão e desculpas. A casa estava sendo despedaçada ao redor dele.

O barulho de vidro quebrando veio da oficina. Seu aparelho, valia mais moedas do que ele jamais teria novamente.

— Por favor. — O sangue escorreu pelo seu queixo. — Sentinelas honrados, por favor, vocês não entendem. O trabalho...

Ignorando seus apelos, eles marcharam para a tempestade. Tudo o que ele vestia era sua camisola. Seu tornozelo estava dolorido demais para carregá-lo, então eles o puxaram como um saco de painço. Os poucos Ments que trabalharam durante a noite estavam saindo de suas moradias.

— Doutor Roos — chamou um deles. — O que está acontecendo?
Niclays respirou fundo.

— Quem é aquele? — Sua voz se perdeu com o som de um trovão. — Muste — ele gritou fortemente. — Muste, me ajude, seu idiota de cabelo de raposa!

Uma mão cobriu sua boca ensanguentada. Ele podia ouvir Sulyard agora, em algum lugar na escuridão, gritando.

— Niclays!

Ele ergueu os olhos, esperando ver Muste, mas foi Panaya quem entrou na luta. Ela de alguma forma se interpôs entre os sentinelas e se postou diante de Niclays como uma Cavaleira da Coragem.

— Se ele está preso — disse ela — onde está o seu mandado do honrado Governador de Cabo Hisan?

Niclays poderia tê-la beijado. O Oficial Chefe estava parado por perto, observando os sentinelas saquearem a casa.

— Volte para dentro — disse ele a Panaya, sem olhar para ela.

— O instruído Doutor Roos merece respeito. Se você o machucar, o Grande Príncipe de Mentendon saberá disso.

— O Príncipe Vermelho não tem poder aqui.

Panaya enfrentou a ele. Niclays só pôde observar com admiração enquanto a mulher com um robe de dormir encarava o homem de armadura.

— Enquanto os Mentish viverem aqui, eles terão a proteção do todo-honrado Senhor da Guerra — ela disse. — O que ele vai dizer quando souber que você derramou sangue em Orisima?

Com isso, o Chefe se aproximou dela.

— Talvez ele diga que fui misericordioso demais — disse ele, com a voz cheia de desprezo. — Pois esse mentiroso escondeu um *invasor* em sua casa.

Panaya ficou em silêncio, o choque bem claro sobre ela.

— Panaya — sussurrou Niclays. — Eu posso explicar.

— Niclays, — ela respiro. — Oh, Niclays. Você desafiou o Grande Édito.

Seu tornozelo latejava.

— Para onde eles vão me levar?

Panaya olhou nervosamente para o oficial chefe, que gritava com seus sentinelas.

— Ao honrado Governador do Cabo Hisan. Eles vão suspeitar que você tem a doença vermelha — ela murmurou em Mentish. De repente ela ficou tensa. — Você tocou nele?

Niclays pensou em antes, frenético.

— Não — ele disse. — Não, não sua pele nua.

— Você deve dizer isso a eles. Jure pelo seu Santo — ela disse a ele. — Se eles suspeitarem que você os está enganando, farão tudo o que puderem para arrancar a verdade de você.

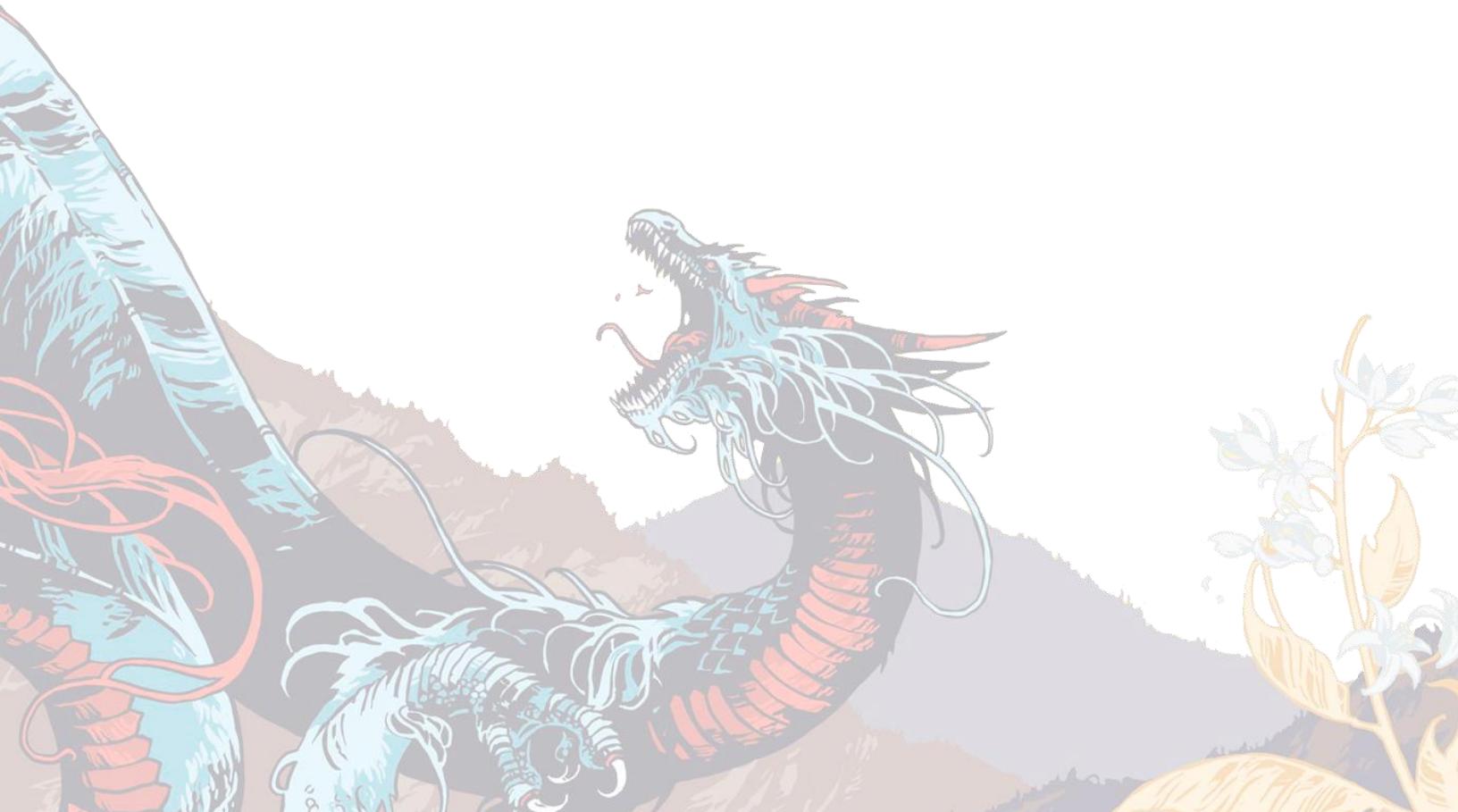
— Tortura? — O suor escorria de seu rosto. — Não tortura. Você não quer dizer tortura, não é?

— Chega — latiu o oficial chefe. — Leve esse traidor embora!

Com isso, os sentinelas carregaram Niclays como carne para costeleta.

— Eu quero um advogado — ele gritou. — Maldito seja, deve haver um maldito advogado decente em algum lugar desta ilha abandonada pelo

Santo! – Quando ninguém respondeu, ele gritou desesperadamente para Panaya: – Diga a Muste para consertar meu aparelho. Continue o trabalho! – Ela olhou, indefesa. – E proteja meus livros! Pelo amor do Santo, *salve meus livros*, Panaya!



Capítulo 9

Oeste

— Suponho que não se pode fazer passeios como este no Ersyr. O calor seria insuportável.

Elas estavam caminhando no Jardim Privado. Ead nunca havia entrado antes. Este retiro era reservado para o prazer da rainha, suas Damas do Quarto de Dormir e o Conselho das Virtudes.

Dama Arbella Glenn ainda estava confinada à cama. A corte estava cheia de sussurros. Se ela morresse, uma nova Dama do Quarto de dormir seria necessária. As outras Damas da Câmara Privada já estavam se esforçando para mostrar sua inteligência e talento a Sabran.

Sem dúvida foi por isso que Linora ficou tão irritada quando Ead, a seus olhos, estragou a narrativa. Ela não queria que suas chances fossem prejudicadas por associação.

— Não no inverno. No verão, usamos sedas soltas para evitar o calor — respondeu Ead. — Quando eu morava na propriedade de Sua Excelência em Rumelabar, muitas vezes me sentava à beira da piscina no pátio e lia. Havia árvores de limão doce para fazer sombra nas passarelas e fontes para refrescar o ar. Era uma época de paz.

Na verdade, ela só estivera lá uma vez. Ela havia passado a infância no Priorado.

— Entendo. — Sabran segurava um leque ornamentado. — E você rezaria para o Cantor do Amanhecer.

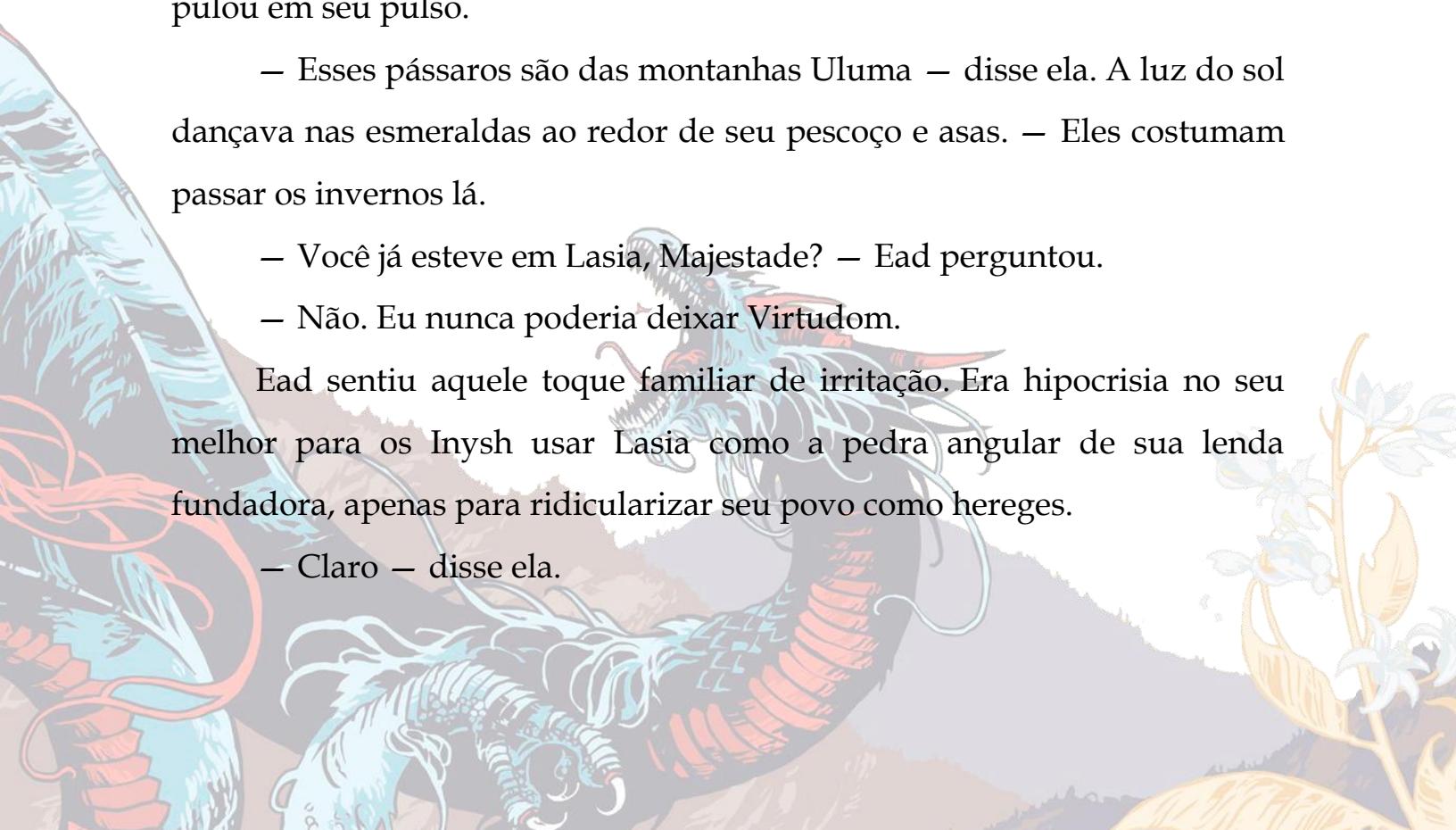
— Sim, madame. Em uma Casa de Silêncio.

Elas vagaram por um dos pomares, onde as árvores verdes estavam em plena floração. Doze Cavaleiros do Corpo as seguiam à distância.

Nas últimas horas, Ead descobriu que, por trás de seu exterior onisciente, a Rainha de Inys tinha uma visão circunscrita do mundo. Selada atrás das paredes de seus palácios, seu conhecimento das terras além de Inys vinha de globos de madeira e cartas de seus embaixadores e outros soberanos. Ela era fluente em Yscalí e Hróthi, e seus tutores a haviam educado na história de Virtudom, mas ela sabia pouco sobre qualquer outro lugar. Ead podia sentir que ela estava se esforçando para não fazer perguntas sobre o sul.

Ersyr não aderia às Seis Virtudes. Nem seu vizinho, o Domínio de Lasia, apesar de seu lugar importante na lenda da fundação de Inysh.

Ead havia passado por sua conversão pública às Seis Virtudes não muito depois de ter ido à corte. Numa noite de primavera, ela esteve no Santuário Real, proclamou sua lealdade à Casa de Berethnet e recebeu as esporas e o cinto de um adorador de Galian. Em troca, ela recebeu a promessa de um lugar em Halgalant, a corte celestial. Ela disse ao Arquisantuário que antes de sua chegada a Inys, ela havia acreditado no Cantor do Amanhecer, a divindade mais amplamente seguida em Ersyr. Ninguém jamais questionou isso.



Ead nunca tinha seguido o Cantor do Amanhecer. Embora ela tivesse sangue Ersyri, ela não tinha nascido em Ersyr e não costumava colocar os pés por lá. Seu verdadeiro credo era conhecido apenas pelo Priorado.

— Sua Excelência me disse que sua mãe não era do Ersyr — disse Sabran.

— Não. Ela nasceu em Lasia.

— Qual era o nome dela?

— Zāla.

— Eu sinto muito pela sua perda.

— Obrigada, senhora — disse Ead. — Foi há muito tempo.

Não importando as diferenças entre elas, ambas sabiam o que era perder uma mãe.

Quando a torre do relógio bateu onze horas, Sabran parou ao lado de seu aviário particular. Ela destrancou a porta e um pequeno pássaro verde pulou em seu pulso.

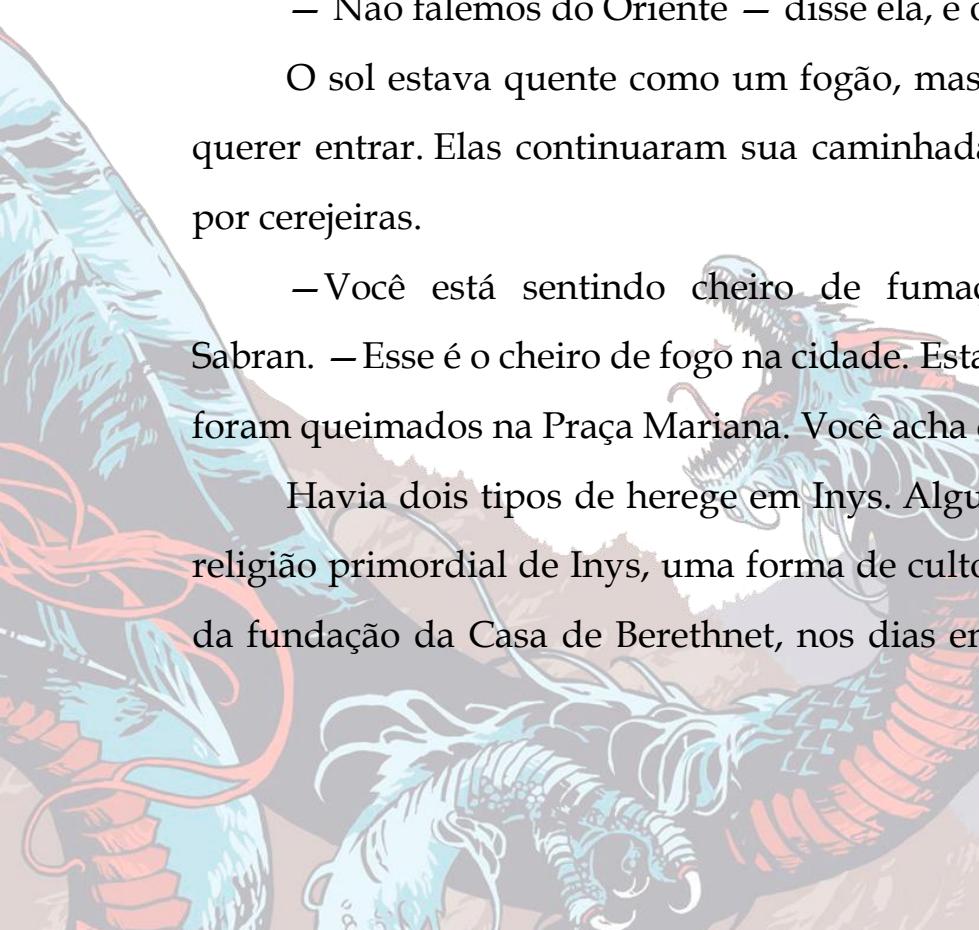
— Esses pássaros são das montanhas Uluma — disse ela. A luz do sol dançava nas esmeraldas ao redor de seu pescoço e asas. — Eles costumam passar os invernos lá.

— Você já esteve em Lasia, Majestade? — Ead perguntou.

— Não. Eu nunca poderia deixar Virtudom.

Ead sentiu aquele toque familiar de irritação. Era hipocrisia no seu melhor para os Inysh usar Lasia como a pedra angular de sua lenda fundadora, apenas para ridicularizar seu povo como hereges.

— Claro — disse ela.



Sabran olhou para ela. Ela tirou uma bolsa do cinto e despejou algumas sementes na palma da mão.

— Em Inys, esse pássaro é chamado de pássaro do amor — disse ela. O pássaro em seu pulso deu um pio alegre. — Eles levam apenas um parceiro por toda a vida e conhacerão sua música mesmo depois de muitos anos separados. É por isso que o pássaro do amor era sagrado para o Cavaleiro da Sociedade. Esses pássaros personificam seu desejo de que todas as almas sejam unidas em companhia.

— Eu os conheço bem — disse Ead. O pássaro bicou as sementes. — No Sul, eles são chamados de mímicos com cara de pêssego.

— Cara de pêssego.

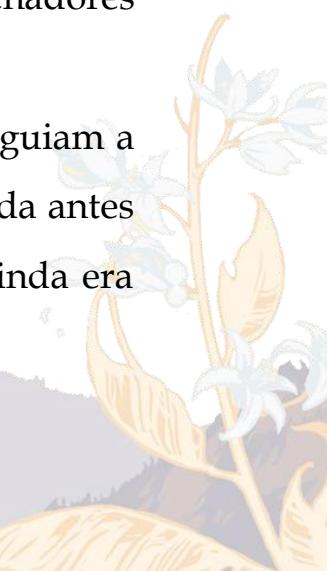
— O pêssego é uma fruta doce da laranja, senhora, com uma pedra no centro. Cresce em Ersyr e em algumas partes do Leste.

Sabran observou o pássaro comer.

— Não falemos do Oriente — disse ela, e o devolveu ao poleiro.

O sol estava quente como um fogão, mas a rainha não deu sinais de querer entrar. Elas continuaram sua caminhada por um caminho ladeado por cerejeiras.

— Você está sentindo cheiro de fumaça, senhora? — perguntou Sabran. — Esse é o cheiro de fogo na cidade. Esta manhã, dois condenadores foram queimados na Praça Mariana. Você acha que isso está bem?



Havia dois tipos de herege em Inys. Alguns poucos ainda seguiam a religião primordial de Inys, uma forma de culto à natureza praticada antes da fundação da Casa de Berethnet, nos dias em que a cavalaria ainda era

jovem e o país era assombrado pela Dama da Floresta. Eles podem se retratar ou ser presos.

Em seguida, havia aqueles que profetizavam o retorno do Inominável. Nos últimos dois anos, esses condenadores haviam chegado a Inys de Yscalín e pregado nas cidades o máximo que puderam. Eles foram queimados por decreto da Duquesa da Justiça.

— É uma morte cruel — disse Ead.

— Eles veriam Inys consumida pelas chamas. Eles querem que abramos nossos braços para o Inominável, para tomá-lo como nosso deus. Dama Igrain diz que devemos fazer aos nossos inimigos o que eles fariam conosco.

— O Santo também disse isso, senhora? — Ead perguntou calmamente. — Não sou tão versada nas Seis Virtudes quanto você.

— O Cavaleiro da Coragem nos ordena a defender a fé.

— Mesmo assim, você aceitou um presente do Príncipe Aubrecht de Mentendon, que negocia com o Oriente. Ele até deu a você uma pérola oriental — disse Ead. — Pode-se dizer que ele está financiando a heresia.

Foi dito antes que ela pudesse impedir. Sabran deu a ela um olhar glacial.

— Não sou uma santa, responsável por ensinar a você as complexidades das Seis Virtudes — disse ela. — Se deseja contestar essas complexidades, Senhora Duryan, aconselho-a a procurar outro lugar. Na Torre Dearn, talvez, com outros que questionam meu julgamento que vem, como tenho certeza de que não preciso lembrá-la, do próprio Santo. — Ela se virou. — Bom dia.

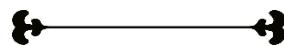
Ela se afastou, sombreada por seus Cavaleiros do Corpo, deixando Ead sozinha sob as árvores.

Quando a rainha sumiu de vista, Ead cruzou o gramado e sentou-se na beira de uma fonte, xingando a si mesma. O calor a estava deixando irracional.

Ela molhou o rosto com a água e depois bebeu das palmas das mãos em concha, observada por uma estátua de Carnelian a Primeira, a Flor de Ascalon, quarta rainha da Casa de Berethnet. Logo a dinastia teria governado Inys por mil e seis anos.

Ead fechou os olhos e deixou os filetes de água escorrerem por seu pescoço. Oito anos ela passou na corte de Sabran a Nona. Em todo esse tempo, ela nunca disse nada que a incomodasse. Agora ela era como uma víbora, incapaz de manter a língua na boca. Algo a fazia querer *irritar* a Rainha de Inys.

Ela tinha que cortar aquele algo, ou esta corte a comeria inteira.



Suas tarefas naquele dia passaram como uma névoa. O calor tornava suas tarefas ainda mais difíceis. Até Linora estava subjugada, seu cabelo dourado umedecido pelo suor, e Roslain Crest passou a tarde se abanando com uma fúria crescente.

Depois do jantar, Ead juntou-se às outras mulheres no Santuário das Virtudes para orações. A Rainha-Mãe ordenou que janelas com vitrais azuis

fossem colocadas no corredor para que parecesse ter sido construído debaixo d'água.

Havia uma estátua no santuário, do lado direito do altar. Galian Berethnet, com as mãos cruzadas no punho de Ascalon.

À esquerda, havia apenas um pedestal em memória da mulher que os Inysh conheciam como Rainha Cleolind, a Donzela.

Os Inysh não tinham registro da aparência de Cleolind. Todas as imagens dela, se é que alguma vez existiram, foram destruídas após a sua morte, e nenhum escultor Inysh tinha tentado criar uma semelhança desde então. Muitos acreditavam que era porque o rei Galian não suportava ver a mulher que perdera no parto.

Até o Priorado tinha apenas alguns relatos sobre a Mãe. Muitas coisas foram destruídas ou perdidas.

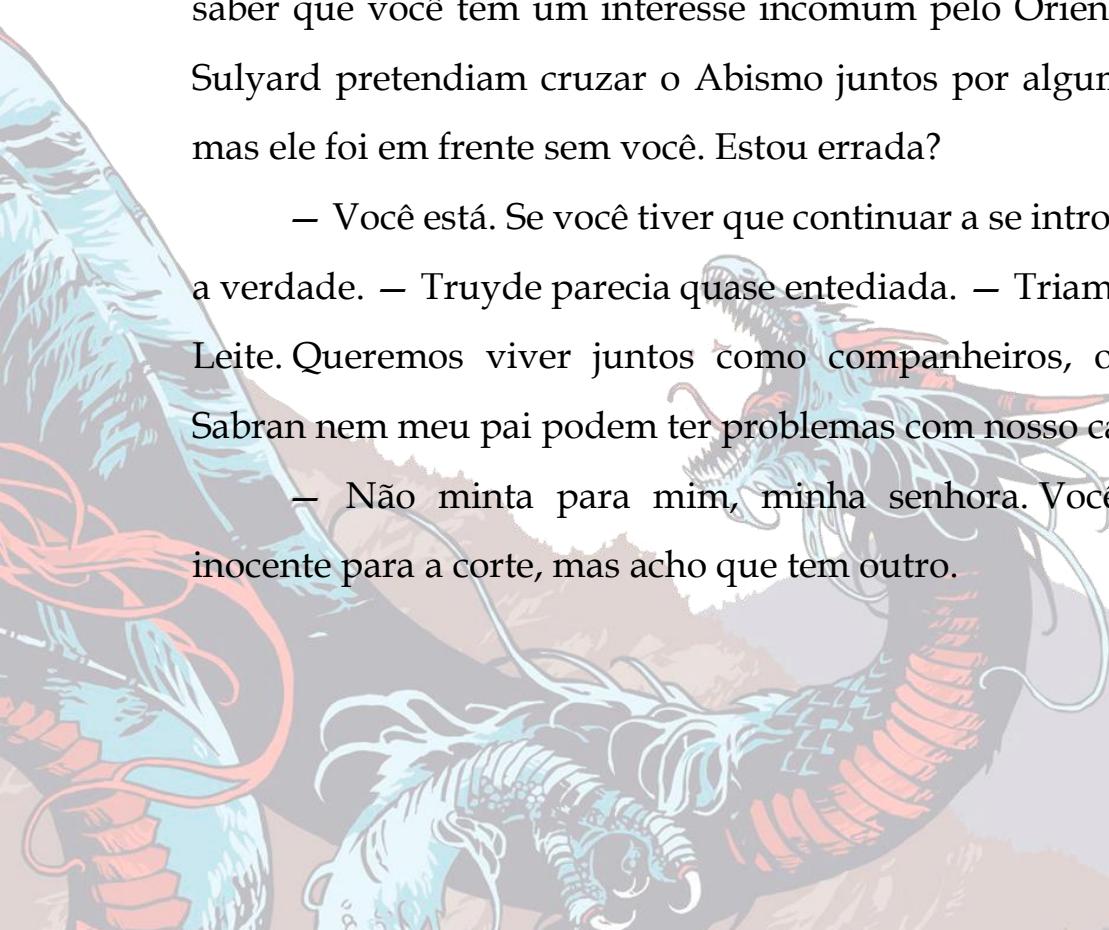
Enquanto os outros oravam, Ead também o fez.

Mãe, eu imploro, guie-me na terra do Enganador. Mãe, eu te imploro, deixame comportar-me com dignidade na presença desta mulher que se autodenomina tua descendente, que jurei guardar. Mãe, peço-te, dá-me uma coragem digna do meu manto.

Sabran se levantou e tocou a estátua de seu antepassado. Enquanto ela e suas damas saíam do santuário, Ead avistou Truyde. Ela estava olhando para frente, mas suas mãos estavam entrelaçadas um pouco com força.



Quando a noite caiu e ela havia cumprido seus deveres na Torre da Rainha, Ead desceu a Escada Privada até a popa, onde barcaças traziam



mercadorias da cidade para o palácio, e esperou em uma alcova que continha o poço.

Truyde utt Zeedeur juntou-se a ela, de capa e capuz.

— Estou proibida de sair da Câmara do Cofre depois de escurecer sem um acompanhante. — Ela enfiou uma mecha vermelha rebelde no capuz. — Se Dama Oliva descobrir que eu saí...

— Você encontrou seu amante muitas vezes, minha senhora. Presumivelmente — disse Ead —, sem um acompanhante.

Olhos escuros observavam por baixo do capuz.

— O que é que você quer?

— Eu quero saber o que você e Sulyard estavam planejando. Você faz referência a uma tarefa em suas cartas.

— Não é da sua conta.

— Permita-me, então, apresentar uma teoria. Já vi o suficiente para saber que você tem um interesse incomum pelo Oriente. Acho que você e Sulyard pretendiam cruzar o Abismo juntos por algum motivo malicioso, mas ele foi em frente sem você. Estou errada?

— Você está. Se você tiver que continuar a se intrometer, poderá ouvir a verdade. — Truyde parecia quase entediada. — Triam foi para a Lagoa do Leite. Queremos viver juntos como companheiros, onde nem a rainha Sabran nem meu pai podem ter problemas com nosso casamento.

— Não minta para mim, minha senhora. Você mostra um rosto inocente para a corte, mas acho que tem outro.



A poterna se abriu. Elas se pressionaram mais fundo na alcova quando uma guarda entrou com uma tocha, assobiando. Ela marchou pela Escada Privada semvê-los.

— Eu devo voltar para a Câmara do Cofre — Truyde disse baixinho. — Tive de encontrar *dezesseis* confeitos para aquele pássaro asqueroso. Se eu ficar longe por muito tempo, vai aumentar o fedor.

— Diga-me o que você estava tramando com Sulyard, então.

— E se eu não te contar? — Truyde soltou uma gargalhada. — O que você vai fazer, Senhora Duryan?

— Talvez eu diga ao Secretário Principal que suspeito que você está conspirando contra Sua Majestade. Lembre-se, criança, de que estou com suas cartas. Ou talvez — disse Ead — devo usar outros meios para fazer você falar.

Truyde estreitou os olhos.

— Este não é um discurso cortês — ela disse suavemente. — Quem é você? Por que você se interessa tanto pelos segredos da corte Inysh? — A cautela brilhou em seu rosto. — Você é uma dos intelectuais de Combe, é isso? Ouvi dizer que ele cria espiões dos tipos mais básicos.

— Tudo o que você precisa saber é que meu trabalho é proteger Sua Majestade.

— Você é uma camareira, não uma Cavaleira do Corpo. Você não tem lençóis para tirar?

Ead se aproximou. Ela era meia cabeça mais alta que Truyde, cuja mão agora se desviou para a adaga em seu cinto.

— Posso não ser uma cavaleira — disse Ead — , mas quando vim para esta corte, jurei que protegeria a Rainha Sabran de seus inimigos.

— E eu fiz o mesmo juramento — disse Truyde com veemência. — Eu não sou sua inimiga e nem o povo do Oriente. Eles desprezam o Inominável, como nós. As nobres criaturas que eles adoram *não* são *nada* como wyrms.

— Ela se recompôs. — Coisas dracônicas estão despertando, Ead. Logo eles se levantarão — o Inominável e seus servos — e sua ira será terrível. E quando eles se unirem contra nós, precisaremos de ajuda para combatê-los.

Um arrepio percorreu Ead.

— Você quer negociar uma aliança militar com o Leste, — ela murmurou. — Você quer chamar *seus* wyrms... para nos ajudar a lidar com os despertares. — Truyde a olhou fixamente, seus olhos brilhantes. — Idiota. Tola obstinada. Quando a rainha descobrir que você deseja lidar com *wyrms*...

— Eles *não* são wyrms! Eles são *dragões* e são criaturas gentis. Eu vi imagens deles, li livros sobre eles.

— Livros orientais.

— *Sim*. Seus dragões são um com o ar e a água, não com o fogo. O Oriente está afastado de nós há tanto tempo que esquecemos a diferença.

— Quando Ead apenas olhou para ela sem acreditar, Truyde tentou uma abordagem diferente: — Como uma estranha neste país, ouça-me. E se Inysh estiver errada e a continuação da Casa de Berethnet não for o que mantém o Inominável à distância?

— Sobre o que você está tagarelando, criança?

— Você sabe que algo mudou. O despertar das criaturas Dracônicas, a separação de Yscalin de Virtudom, esses eventos são apenas o começo.

— Sua voz baixou. — O Inominável está voltando. E eu acredito que ele virá em *breve*.

Por um momento, Ead ficou sem palavras.

E se a continuação da Casa de Berethnet não for o que mantém o Inominável à distância?

Como uma jovem de Virtudom chegou a essa conclusão herética?

Claro, ela poderia muito bem estar certa. A Prioresa havia dito isso a Ead antes de vir para Inys, explicando por que uma irmã deveria ser enviada para guardar a rainha Sabran.

A Casa de Berethnet pode nos proteger do Inominável, ou não. Não há prova de qualquer maneira. Assim como não há prova para dizer se as rainhas Berethnet são de fato descendentes da Mãe. Se forem, seu sangue é sagrado e deve ser protegido. Ela podia ver a Prioresa agora, clara como a água da nascente. Esse é o problema das histórias, criança. A verdade nelas não pode ser pesada.

Foi por isso que Ead foi enviada para Inys. Para proteger Sabran, caso o mito fosse verdadeiro e seu sangue impediria o inimigo de se levantar.

— E você quer dizer que nos preparamos para sua... segunda vinda — disse Ead, fingindo diversão.

Truyde ergueu o queixo.

— Eu tenho certeza. Os orientais têm muitos dragões que vivem ao lado dos humanos. Eles não respondem ao Inominável — disse ela. — Quando ele retornar, precisaremos daqueles dragões orientais para derrotá-lo. Devemos ficar juntos para evitar um segundo Século da Dor. Triam e eu

não vamos deixar a humanidade caminhar até sua extinção. Podemos ser pequenos e podemos ser jovens, mas vamos abalar o mundo por causa de nossas crenças.

Seja qual for a verdade, esta garota engolia a tocha da ilusão.

— Como você está tão certa de que o Inominável virá? — Ead perguntou. — Você não é uma filha de Virtudom, nascida para acreditar que a Rainha Sabran o mantém acorrentado?

Truyde se endireitou.

— Eu amo a rainha Sabran — disse ela —, mas não sou uma criança ingênuia para acreditar no que me dizem sem provas. Os Inysh podem ter uma fé cega, mas em Mentendon, valorizamos as evidências.

— E você tem *evidências* de que o Inominável vai voltar? Ou isso é suposição?

— Não adivinhação. Hipótese.

— Seja qual for sua hipótese, seu enredo é uma heresia.

— Não me fale de heresia — Truyde respondeu. — Você não adorou o Cantor do Amanhecer uma vez?

— Minhas crenças não estão em questão aqui. — Ead fez uma pausa. — Então é para lá que Sulyard se foi. Em alguma busca maluca no Oriente, tentando negociar uma aliança impossível em nome de uma rainha que nada sabe sobre isso. — Ela afundou na borda do poço. — Seu amante morrerá nesta tentativa.

— Não. Os Seiikinenses vão ouvir...

— Ele não é um embaixador oficial de Inys. Por que eles deveriam ouvi-lo?

— Triam vai persuadi-los. Ninguém fala com o coração como ele. E assim que os governantes orientais estiverem convencidos da ameaça, iremos para a Rainha Sabran. E ela *vai* ver a necessidade de uma aliança.

A criança estava cega por sua paixão. Sulyard seria executado no momento em que colocasse os pés no Leste, e Sabran preferia cortar seu próprio nariz do que fazer uma aliança com amantes de wyrm, mesmo se ela *pudesse* ser persuadida a acreditar que o Inominável poderia se levantar enquanto ela respirava.

— O Norte está fraco — Truyde continuou — e o Sul é orgulhoso demais para tratar com Virtudom. — Suas bochechas estavam vermelhas. — Você se atreve a me julgar por procurar ajuda em outro lugar?

Ead a olhou nos olhos.

— Você pode pensar que é a única pessoa que busca proteger este mundo — disse ela. — Mas não tem ideia da base sobre a qual está. Nenhum de vocês tem. — Quando Truyde franziu a testa, Ead disse:

— Sulyard pediu sua ajuda. O que você fez para ajudá-lo a partir daqui? Que planos você fez? — Truyde ficou em silêncio. — Se você fez *algo* para ajudar na missão dele, é traição.

— Não direi mais uma palavra. — Truyde se afastou. — Vá até Dama Oliva, se quiser. Primeiro, você terá que explicar o que estava fazendo na Câmara do Cofre.

Quando ela fez menção de sair, Ead fechou a mão em seu pulso.

— Você escreveu um nome no livro — disse ela. — Niclays. Acho que se refere a Niclays Roos, o anatomista. — Truyde balançou a cabeça, mas

Ead viu a faísca de reconhecimento em seus olhos. — O que Roos tem a ver com tudo isso?

Antes que Truyde pudesse responder, um vento soprou pelo terreno.

Cada galho estremeceu em cada árvore. Cada pássaro no aviário parou de cantar. Ead soltou Truyde e saiu da alcova.

Canhões dispararam na cidade. Mosquetes dispararam com sons de castanhas explodindo em um incêndio. Atrás dela, Truyde ficou ao lado do poço.

— O que é isso? — ela disse.

Ead respirou enquanto seu sangue batia forte. Já fazia muito tempo que essa sensação não tomava conta de seu corpo. Pela primeira vez em anos, seu siden tinha sido aceso.

Algo estava vindo. Se tivesse chegado tão longe, deve ter encontrado um caminho através das defesas costeiras. Ou as destruiu.

Um clarão como o sol rompendo a nuvem, tão quente que ressecou seus olhos e lábios, e um wyrm voou sobre a parede cortina. Queimou os arqueiros e mosqueteiros e despedaçou uma linha de catapultas. Truyde caiu no chão.

Ead sabia o que era apenas por sua magnitude. Um Alto Ocidental. Um monstro dos dentes ao chicote de sua cauda, onde pontas letais se projetavam. Seu abdômen com cicatrizes de batalha era marrom enferrujado, mas a maior parte era preta como piche. Setas cortaram torres de vigia e caíram com estrondo de suas escamas.

As flechas eram inúteis. Os mosquetes eram inúteis. Não era qualquer wyrm, não apenas qualquer Alto Ocidental. Ninguém vivo tinha posto os olhos nesta criatura, mas Ead sabia seu nome.

Fýredel.

Ele que se autodenominava asa direita do Inominável. Fýredel, que criou e liderou o Exército Dracônico contra a humanidade no Século da Dor.

Ele estava acordado.

A besta girou sobre o Palácio Ascalon, lançando os gramados e pomares na sombra. Ead adoeceu, e sua pele queimou, enquanto seu cheiro inflamava o sinden em seu sangue.

Seu arco longo estava fora de alcance em seu quarto. Anos de rotina embotaram sua vigilância.

Fýredel pousou na Torre Dearn. Sua cauda enrolou-se em uma serpentina ao redor dele e suas garras encontraram apoio em seu telhado. As telhas desmoronaram, forçando os guardas e lacaios muito abaixo a se espalharem.

Sua cabeça era coroada com dois chifres crueis. Olhos como poços de magma brilharam no escuro.

— RAINHA SABRAN.

O próprio céu ecoou suas palavras. Metade de Ascalon deveria ser capaz de ouvi-las.

— SEMENTE DO ESCUDO DE CORAÇÃO — mais pedras caíram da torre. As flechas caíram de sua armadura. — VENHA ADIANTE BATALHAR COM SEU VELHO INIMIGO OU ASSISTA SUA CIDADE QUEIMAR.

Sabran não atendeu seu chamado. Alguém iria impedi-la. O Conselho de Virtudes enviaria um representante para tratar com ele.

Fýredel expôs seus dentes de metal reluzentes. A Torre de Alabastro era muito alta para Ead ver sua varanda superior, mas seus ouvidos recém-afinados perceberam uma segunda voz:

— Estou aqui, abominação.

Ead congelou.

A boba. A completa idiota. Ao emergir, Sabran assinou sua própria sentença de morte.

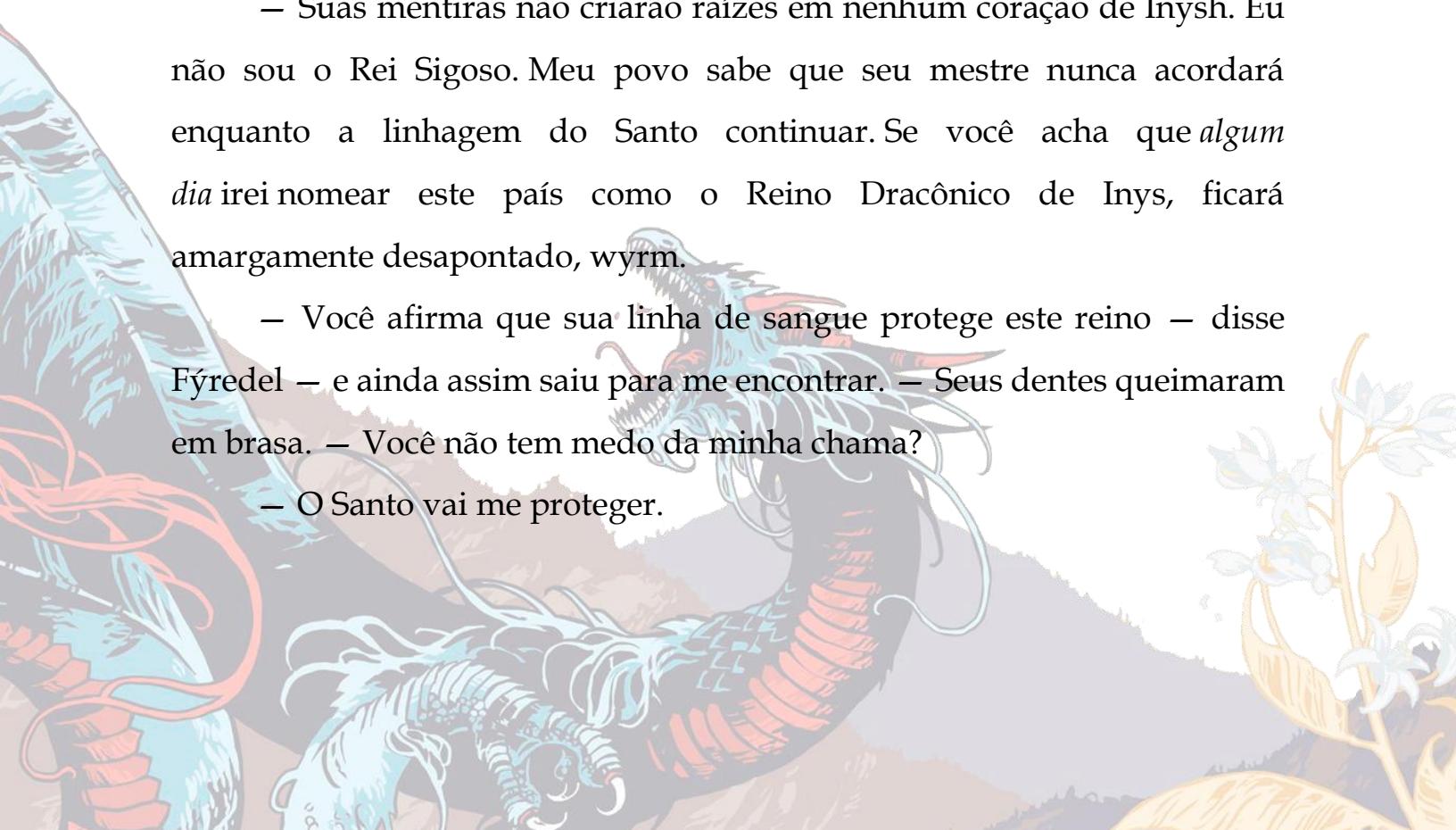
Gritos ecoaram de todos os edifícios. Cortesãos e servos inclinavam-se para fora das janelas abertas para ver o mal em seu meio. Outros correram desordenadamente para os portões do palácio. Ead subiu a escada privada.

— Então você acordou, Fýredel — disse Sabran com desprezo. — Por que você veio aqui?

— Eu vim para te avisar, Rainha de Inys. A hora de escolher o seu lado está próxima. — Fýredel soltou um silvo que arrepiou Ead. — Meus parentes estão se mexendo em suas cavernas. Meu irmão, Orsul, já alçou voo, e nossa irmã, Valeysa, logo o seguirá. Antes do fim do ano, todos os nossos seguidores terão despertado. O Exército Dracônico renascerá.

— Dane-se seus avisos — Sabran rebateu. — Eu não tenho medo de você, lagarto. Suas ameaças têm tanto peso quanto fumaça.

Ead ouviu suas palavras como um trovão em sua cabeça. Os vapores que subiam de Fýredel eram pedras de amolar em seus sentidos.



— Meu mestre se mexe no Abismo — ele disse, com a língua tremendo. — Os mil anos estão quase no fim. Sua casa foi nosso grande inimigo antes, Sabran Berethnet, nos dias que você chama de Século da Dor.

— Meu ancestral mostrou a você a coragem de Inysh então, e eu irei mostrar a você agora — Sabran replicou. — Você fala de mil anos, wyrm. Que engano sua língua bifurcada vende?

Sua voz era de aço puro.

— Isso é para você descobrir em breve. — O wyrm esticou o pescoço, então sua cabeça se fechou na outra torre. — Eu ofereço a você uma chance de jurar fidelidade ao meu mestre e se denominar Rainha Dracônica de Inys.

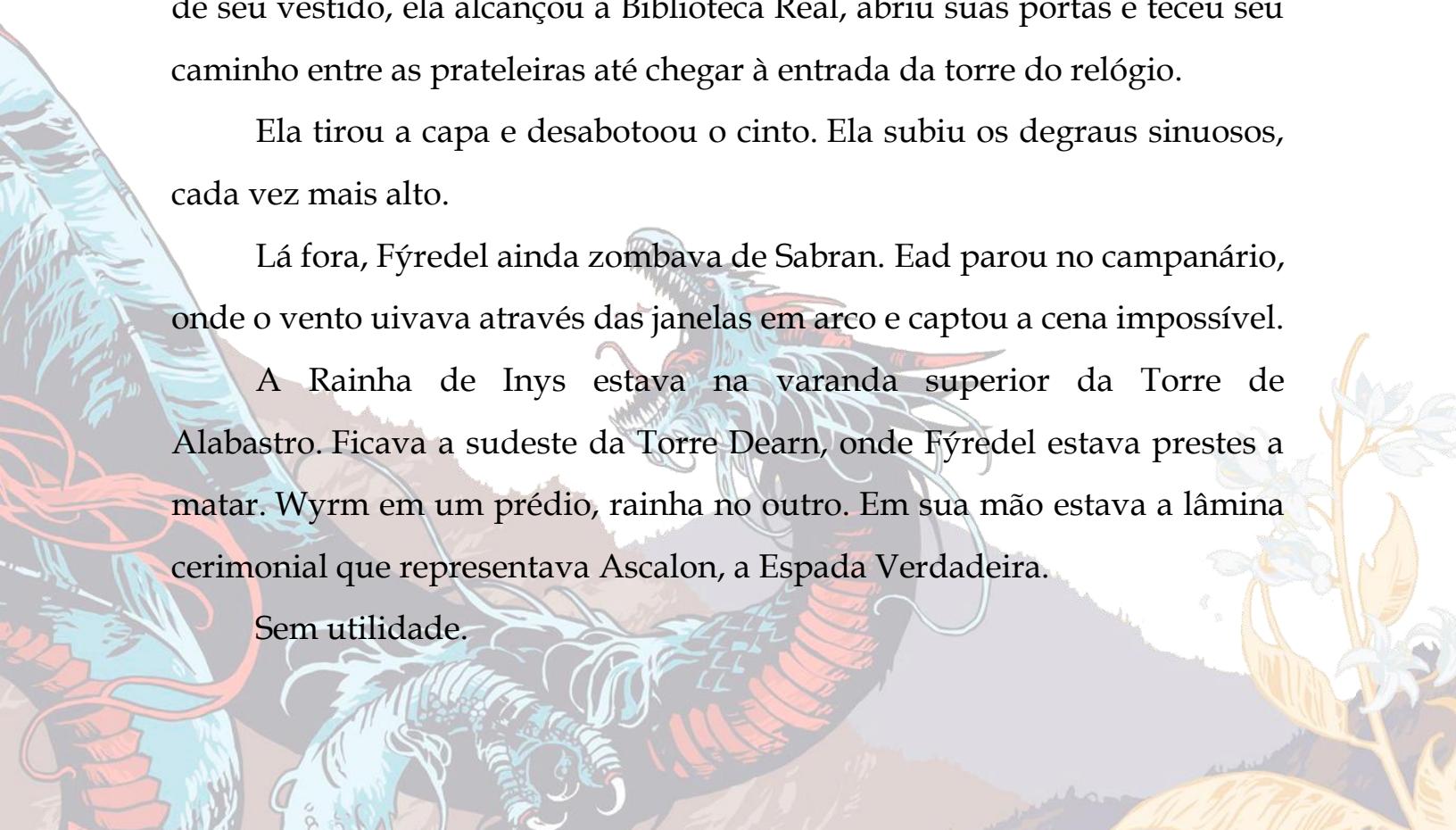
— O fogo rugiu atrás de seus olhos. — Venha comigo agora. Entregue-se. Escolha o lado certo, como fez Yscalin. Resista e você vai queimar.

Ead olhou para a torre do relógio. Ela não conseguia alcançar o arco, mas tinha outra coisa.

— Suas mentiras não criariam raízes em nenhum coração de Inysh. Eu não sou o Rei Sigoso. Meu povo sabe que seu mestre nunca acordará enquanto a linhagem do Santo continuar. Se você acha que *algum dia* irei nomear este país como o Reino Dracônico de Inys, ficará amargamente desapontado, wyrm.

— Você afirma que sua linha de sangue protege este reino — disse Fýredel — e ainda assim saiu para me encontrar. — Seus dentes queimaram em brasa. — Você não tem medo da minha chama?

— O Santo vai me proteger.



Mesmo o tolo mais bêbado não podia acreditar que Sir Galian Berethnet estenderia a mão da corte celestial e os protegeria de uma barriga cheia de fogo.

— Você fala com alguém que conhece a fraqueza da carne. Matei Sabran, a Ambiciosa, no primeiro dia da Dor. Seu Santo — Fýredel disse, boca de fumegante —, não protegeu *seu povo*. Curve-se a mim, e pouparei você do mesmo fim. Recuse, e você se juntará a ela agora.

Se Sabran respondeu, Ead não ouviu. O vento soprou em seus ouvidos enquanto ela atravessava o Jardim Sundial. Os arqueiros acertaram Fýredel com flecha após flecha, mas nenhuma perfurou suas escamas.

Sabran continuaria incitando Fýredel até que ele a incendiasse. A cabeça-dura deve realmente pensar que o miserável Santo iria protegê-la.

Ead passou correndo pela Torre de Alabastro. Detritos caíam em cascata de cima, e um guarda caiu morto diante dela. Amaldiçoando o peso de seu vestido, ela alcançou a Biblioteca Real, abriu suas portas e teceu seu caminho entre as prateleiras até chegar à entrada da torre do relógio.

Ela tirou a capa e desabotoou o cinto. Ela subiu os degraus sinuosos, cada vez mais alto.

Lá fora, Fýredel ainda zombava de Sabran. Ead parou no campanário, onde o vento uivava através das janelas em arco e captou a cena impossível.

A Rainha de Inys estava na varanda superior da Torre de Alabastro. Ficava a sudeste da Torre Dearn, onde Fýredel estava prestes a matar. Wyrm em um prédio, rainha no outro. Em sua mão estava a lâmina ceremonial que representava Ascalon, a Espada Verdadeira.

Sem utilidade.

— Deixe esta cidade e não faça mal a nenhuma alma — ela gritou — ou eu juro pelo Santo cujo sangue eu carrego, você enfrentará uma derrota além de qualquer uma que a Casa de Berethnet já exigiu de sua espécie.

— Fýredel mostrou os dentes novamente, mas Sabran se atreveu a dar mais um passo. — Antes de deixar este mundo, verei sua espécie sendo derrubada, selada para sempre no abismo da montanha.

Fýredel empinou-se e abriu as asas. Diante desse gigante, a Rainha de Inys era menor que um boneco.

Mesmo assim, ela não hesitou.

O wyrm tinha sede de sangue em seus olhos. Eles queimavam tão quentes quanto o fogo em sua barriga. Ead sabia que ela tinha momentos para decidir o que fazer a seguir.

Teria que ser uma proteção contra o vento. Proteções como essa usavam muito siden, e ela tinha muito pouco sobrando — mas talvez, se ela despejasse seu último estoque no esforço, pudesse usar uma em Sabran.

Ela estendeu a mão em direção à Torre de Alabastro, lançou seu lado externo e torceu-o em uma coroa ao redor da Rainha de Inys.

Enquanto Fýredel desencadeava seu fogo, Ead quebrou as correntes de seu poder há muito adormecido. A chama colidiu com uma pedra antiga. Sabran desapareceu em luz e fumaça. Ead estava vagamente ciente de Truyde entrando no campanário, mas era tarde demais para esconder o que ela estava fazendo.

Seus sentidos se fecharam em Sabran. Ela sentiu a tensão em suas tranças de proteção ao redor da rainha, o fogo clamando por domínio, a dor em seu próprio corpo enquanto a proteção engolia seu lado. O suor

encharcou seu espartilho. Seu braço tremia com o esforço de manter a mão voltada para fora.

Quando Fýredel fechou as mandíbulas, tudo ficou em silêncio. Vapores negros subiram da torre, dissipando-se lentamente. Ead esperou, com o coração apertado como um tambor, até que viu a figura na fumaça.

Sabran Berethnet saiu ilesa.

— É a minha vez de *dar-lhe* um aviso. Um aviso de meu antepassado — ela disse sem fôlego —, que se você fizer guerra contra Virtudom, este sangue sagrado apagará seu fogo. E ele não retornará.

Fýredel não a cumprimentou. Não dessa vez. Ele estava olhando para a pedra enegrecida e o círculo imaculado ao redor de Sabran.

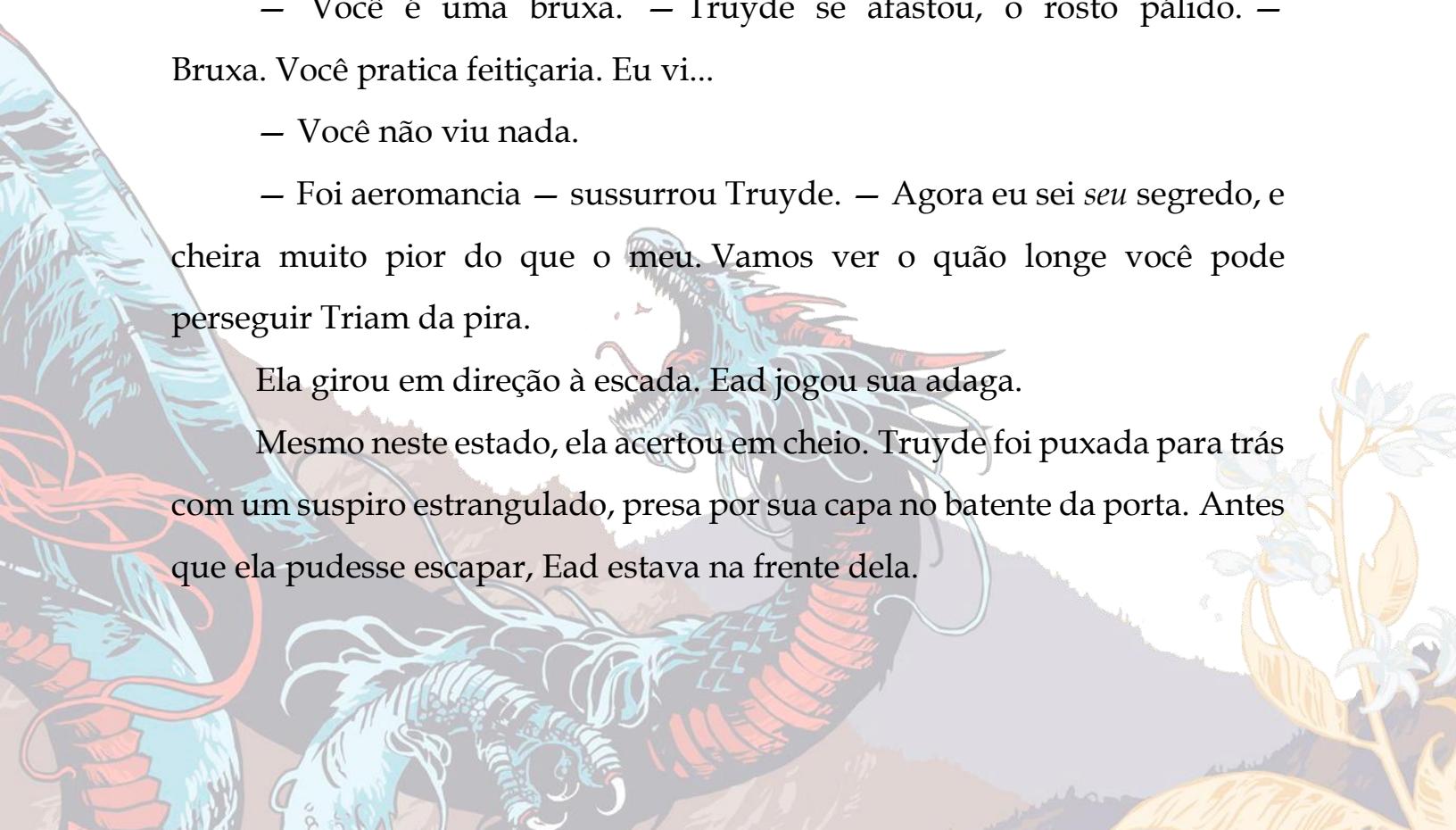
Um círculo perfeito.

Suas narinas dilataram-se. Suas pupilas se diluíram em fendas. Ele tinha visto uma proteção antes. Ead ficou parada como uma estátua enquanto seu olhar impiedoso vagava, procurando por ela, enquanto Sabran permanecia imóvel. Quando ele olhou na direção do campanário, ele farejou, e Ead soube que ele havia captado o cheiro dela. Ela saiu das sombras sob o mostrador do relógio.

Fýredel mostrou os dentes. Cada espinha em suas costas se ergueu e um longo assobio estremeceu em sua língua. Segurando seu olhar, Ead desembainhou sua adaga e apontou para ele através da divisão.

— Aqui estou — ela disse suavemente. — Aqui estou.

O Alto Ocidental solto um grito de raiva. Com um empurrão de suas patas traseiras, ele se lançou da Torre Dearn, levando parte da torre e a maior



parte de sua parede voltada para o leste com ele. Ead se jogou atrás de um pilar quando uma bola de fogo explodiu contra a torre do relógio.

A cadência de suas asas desapareceu. Ead cambaleou de volta para a balaustrada. Sabran ainda estava na varanda, em seu círculo de pedra clara. A espada havia caído de sua mão. Ela não olhou para a torre do relógio, ou viu Ead olhando para ela. Quando Combe a alcançou, ela desabou contra ele, e ele a carregou de volta para a Torre de Alabastro.

— O que você fez? — Veio uma voz trêmula atrás de Ead. Truyde. — Eu vi você. O que você fez?

Ead deslizou para o chão do campanário, a cabeça pendendo. Grandes estremecimentos percorreram seu corpo.

A essência de seu sangue foi gasta. Seus ossos pareciam ocos, sua pele em carne viva como se tivesse sido esfolada. Ela precisava da árvore, apenas uma amostra de seus frutos. A laranjeira iria salvá-la...

— Você é uma bruxa. — Truyde se afastou, o rosto pálido. — Bruxa. Você pratica feitiçaria. Eu vi...

— Você não viu nada.

— Foi aeromancia — sussurrou Truyde. — Agora eu sei *seu* segredo, e cheira muito pior do que o meu. Vamos ver o quanto longe você pode perseguir Triam da pira.

Ela girou em direção à escada. Ead jogou sua adaga.

Mesmo neste estado, ela acertou em cheio. Truyde foi puxada para trás com um suspiro estrangulado, presa por sua capa no batente da porta. Antes que ela pudesse escapar, Ead estava na frente dela.

— Meu dever é matar os servos do Inominável. Eu também vou matar todos aqueles que ameaçam a Casa de Berethnet — ela suspirou. — Se você pretende me acusar de feitiçaria perante o Conselho das Virtudes, eu peço que você encontre uma maneira de provar isso — e encontre rapidamente, antes que eu use você e seu amante de bonecos e apunhalá-los no coração. Você acha que, porque Triam Sulyard está no Leste, eu não posso atacá-lo onde ele está?

Truyde respirou com dificuldade por entre os dentes.

— Se você colocar um dedo nele — ela sussurrou — eu vou ver você queimar na Praça Mariana.

— O fogo não tem poder sobre mim.

Ela puxou a adaga. Truyde se encolheu contra a parede, ofegante, com uma das mãos na garganta.

Ead se virou para a porta. Sua respiração ficou rápida e quente, e seus ouvidos zumbiram.

Ela deu um passo antes de cair.



Capítulo 10

Leste

Ginura era tudo o que Tané havia imaginado. Desde criança, ela imaginava a capital de mil maneiras. Inspirada pelo que tinha ouvido de seus professores aprendizes, sua imaginação transformou-o em um sonho de castelos, casas de chá e barcos de passeio.

Sua imaginação não falhou. Os santuários eram maiores do que qualquer outro em Cabo Hisan, as ruas brilhavam como areia sob o sol e as pétalas flutuavam ao longo dos canais. Ainda assim, mais gente significa mais barulho e comoção. A fumaça do carvão engrossava o ar. Bois puxavam carroças de mercadorias, mensageiros corriam ou cavalgavam entre edifícios, cães vadios farejavam restos de comida e, aqui e ali, um bêbado vociferava para a multidão.

E *essas* multidões. Tané achava que Cabo Hisan era ocupado, mas cem mil pessoas se acotovelavam em Ginura e, pela primeira vez em sua vida, ela percebeu o quão pouco do mundo ela tinha visto.

Os palanquins carregavam os aprendizes para dentro da cidade. As árvores da estação eram tão vivas quanto Tané sempre ouvia, com suas folhas de verão amarelo-manteiga, e os artistas de rua tocavam músicas que Susa adoraria. Ela avistou dois macacos da neve empoleirados em um telhado. Os comerciantes cantavam sobre seda e uvas do mar da costa norte.

Enquanto os palanquins serpenteavam por canais e pontes, as pessoas viravam as costas, como se não fossem dignas de olhar para os guardiões do mar. Entre eles estavam os peixes-gente, como os plebeus os chamavam depreciativamente em Cabo Hisan – cortesãos que se vestiam como se tivessem acabado de sair do oceano. Dizia-se que alguns deles raspavam as escamas dos peixes arco-íris e as penteavam pelo cabelo.

Quando Tané viu o Castelo de Ginura, sua respiração prendeu. Os telhados eram da cor de coral desbotado pelo sol, as paredes eram de osso de faia. Ele foi projetado para se parecer com o Palácio de Muitas Pérolas, onde os dragões Seiikinenses adormeciam a cada ano e dizia-se que fazia a ponte entre o mar e o plano celestial.

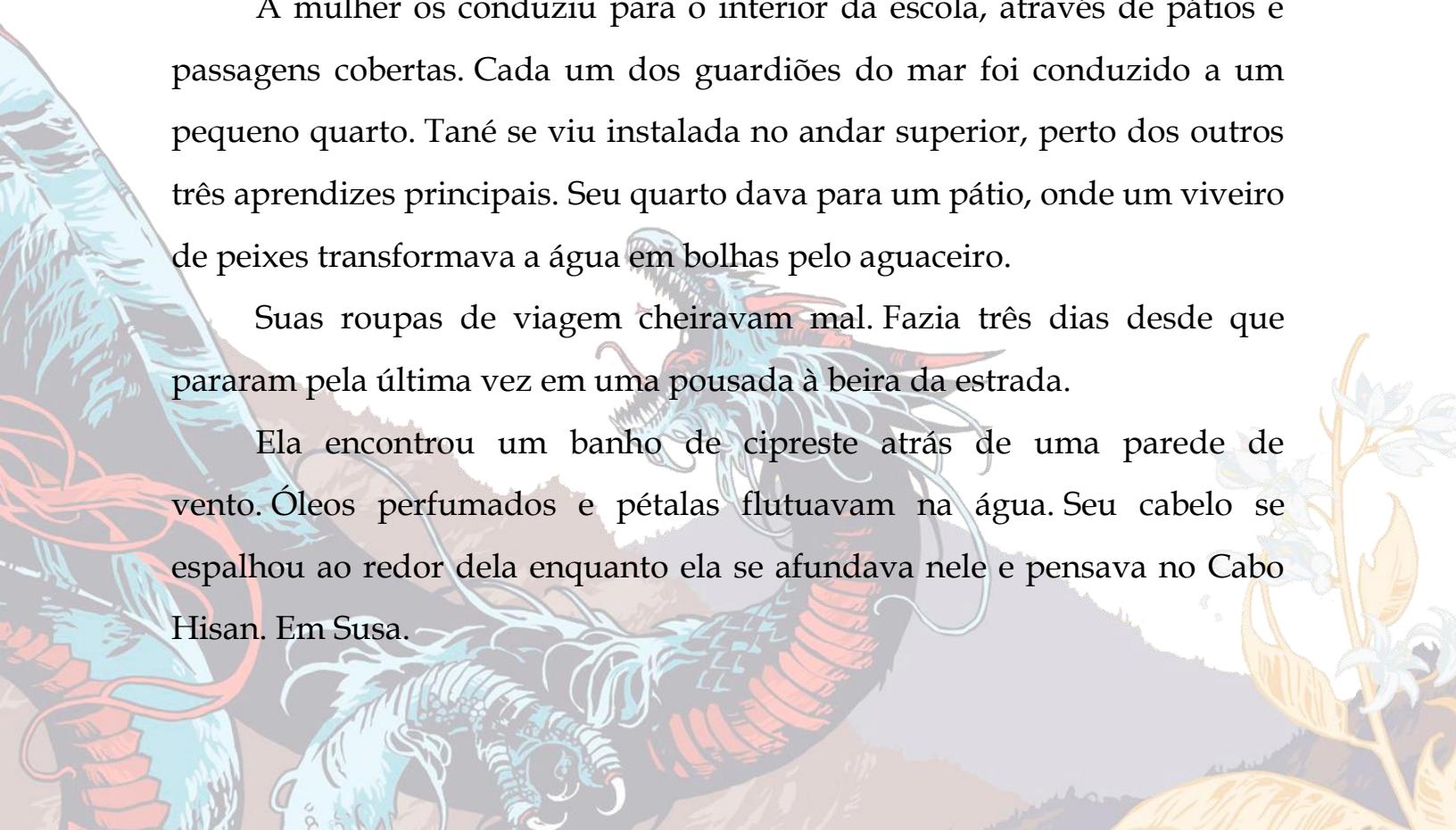
Uma vez, nos dias em que possuíam todos os seus poderes, os dragões não precisavam de uma temporada de descanso.

A procissão parou do lado de fora da Escola de Guerra de Ginura, onde os guardiões do mar seriam selecionados pela última vez. Era o instituto mais antigo e prestigioso de seu tipo, onde novos soldados se hospedavam e continuavam seus estudos nas artes da guerra. Foi aqui que Tané provou ser digna de um lugar no clã Miduchi. Era aqui que ela exibiria as habilidades que aperfeiçoou desde criança.

O trovão retumbou acima. Quando ela saiu do palanquim, suas pernas se dobraram, doloridas por ficarem amassadas por tanto tempo. Turosa riu, mas um criado a segurou.

– Eu tenho você, senhora honrada.

– Obrigada – disse Tané. Vendo que ela estava firme, ele segurou um guarda-chuva sobre ela.



A primeira chuva ensopou suas botas enquanto ela caminhava com os outros pelo portão, bebendo na grandiosidade de sua folha de prata e madeira descascada pelo mar. Esculturas dos grandes guerreiros da história Seiikinense agrupadas sob sua empena, como se estivessem se escondendo da tempestade. Tané avistou a honrada Princesa Dumai e o Primeiro Senhor da Guerra entre eles. Heróis de sua infância.

Uma mulher esperava por eles no corredor, onde tiraram as botas. Seu cabelo estava penteado de forma elaborada.

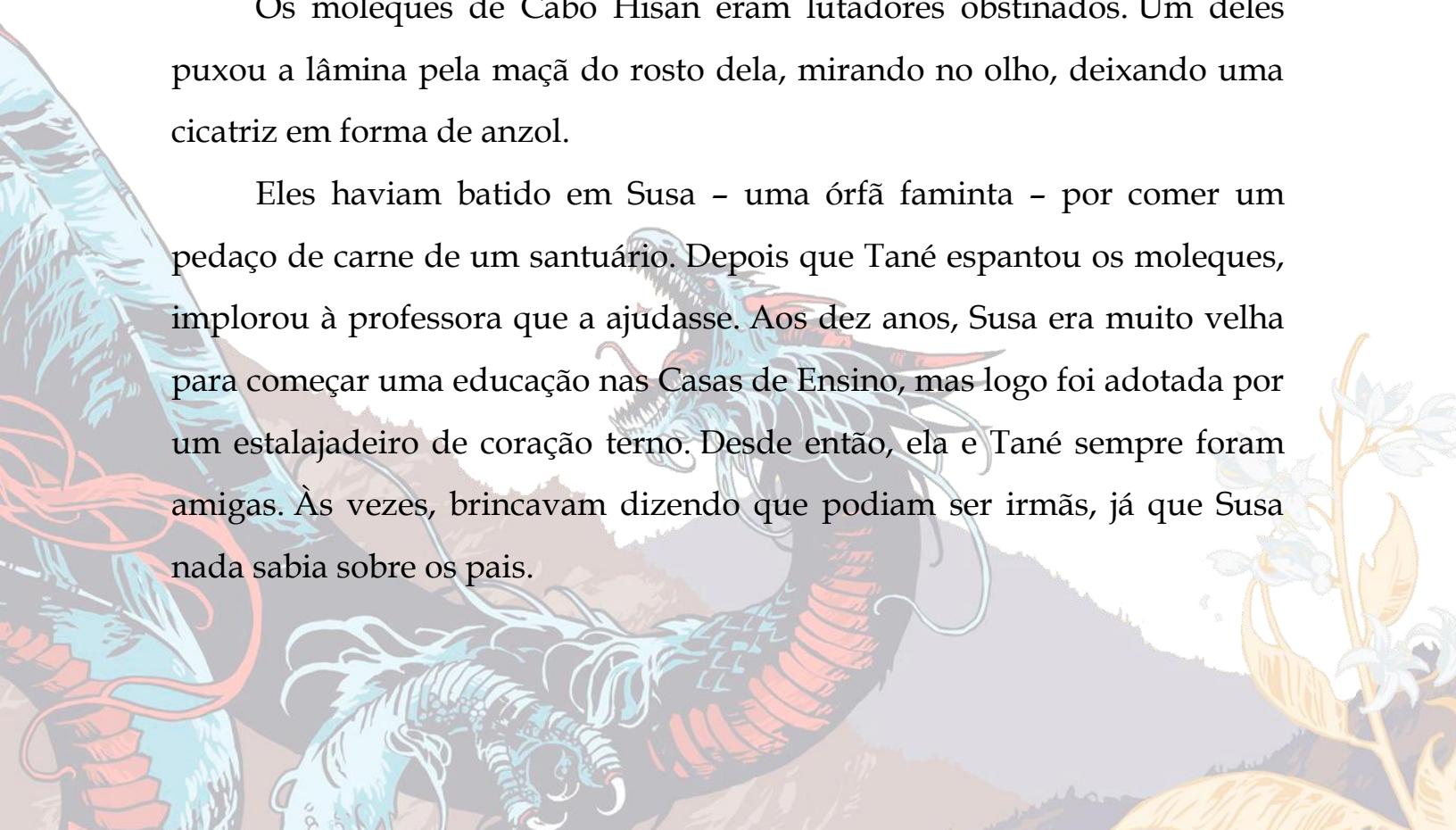
— Bem-vindos a Ginura — ela disse com uma voz fria. — Vocês têm a manhã para se lavar e descansar em seus aposentos. Ao meio-dia, vocês começarão a primeira de suas provas de água. Nesse tempo, vocês serão observados pelo honrado General do Mar e por aqueles que ainda podem ser seus parentes.

Clã Miduchi. Tané vibrou por dentro.

A mulher os conduziu para o interior da escola, através de pátios e passagens cobertas. Cada um dos guardiões do mar foi conduzido a um pequeno quarto. Tané se viu instalada no andar superior, perto dos outros três aprendizes principais. Seu quarto dava para um pátio, onde um viveiro de peixes transformava a água em bolhas pelo aguaceiro.

Suas roupas de viagem cheiravam mal. Fazia três dias desde que pararam pela última vez em uma pousada à beira da estrada.

Ela encontrou um banho de cipreste atrás de uma parede de vento. Óleos perfumados e pétalas flutuavam na água. Seu cabelo se espalhou ao redor dela enquanto ela se afundava nele e pensava no Cabo Hisan. Em Susa.



Ela ficaria bem. Como um gato, Susa tinha um jeito de sempre cair de pé. Quando eram jovens e Tané ainda fazia visitas frequentes à cidade, sua amiga roubava raízes de lótus fritas ou ameixas salgadas, correndo como uma raposa se fosse vista. Elas se esconderiam em algum lugar e se empanturrariam, rindo o tempo todo. A única vez que Susa pareceu ter medo foi quando Tané a conheceu.

Aquele inverno foi longo e rigoroso. Uma noite amarga, Tané enfrentou uma nevasca com um de seus professores para comprar lenha em Cabo Hisan. Enquanto a professora discutia com um comerciante, Tané se afastou para aquecer as mãos em uma tigela com brasas.

Foi quando ela ouviu a risada e a voz quebrada clamando por ajuda. Em uma rua próxima, ela encontrou outra criança sendo chutada por moleques na neve. Tané sacou sua espada de madeira com um grito. Mesmo aos onze anos, ela sabia como usá-la.

Os moleques de Cabo Hisan eram lutadores obstinados. Um deles puxou a lâmina pela maçã do rosto dela, mirando no olho, deixando uma cicatriz em forma de anzol.

Eles haviam batido em Susa – uma órfã faminta – por comer um pedaço de carne de um santuário. Depois que Tané espantou os moleques, implorou à professora que a ajudasse. Aos dez anos, Susa era muito velha para começar uma educação nas Casas de Ensino, mas logo foi adotada por um estalajadeiro de coração terno. Desde então, ela e Tané sempre foram amigas. Às vezes, brincavam dizendo que podiam ser irmãs, já que Susa nada sabia sobre os pais.

Irmãs do mar, Susa as havia chamado uma vez. Duas pérolas que se formaram na mesma ostra.

Tané se empurrou para fora da água do banho.

Como ela havia mudado desde aquela noite na neve. Se tivesse acontecido agora, ela poderia ter decidido que lutar com moleques não era maneira de uma aprendiz se comportar. Ela poderia até ter decidido que a garota merecia apanhar por roubar o que era destinado aos deuses. Em algum momento, ela começou a perceber o quão afortunada ela era por ter a chance de ser uma montadora de dragão. Foi quando seu coração ficou mais duro, como um navio coletando cracas.

E ainda assim alguma parte de seu eu mais jovem permaneceu. A parte que escondeu o homem da praia.

Não haveria uma segunda chance se ela estivesse cansada durante o primeiro dia de aula. Tané se enxugou com linho, enfiou os braços no robe sem forro da cama e dormiu.

Quando ela acordou, ainda estava nublado com a chuva, mas um feixe de luz pálida rompeu as nuvens. Sua pele havia secado, deixando-a mais fria e com a mente mais clara.

Um grupo de servos logo chegou. Ela não era vestida por ninguém desde que era criança, mas ela sabia que não devia brigar.

O primeiro julgamento aconteceria em um pátio no centro da escola, onde o General do Mar estava esperando. Os guardiões do mar tomaram seus assentos em bancos de pedra em camadas. Os dragões já estavam aqui, observando-os sobre os telhados. Tané tentou não olhar.

— Bem-vindos ao primeiro teste de água. Vocês estão na estrada há dias, mas os soldados da Alta Guarda do Mar têm pouco tempo para descansar — disse o General do Mar. — Hoje, vocês vão provar que podem usar uma alabarda. Comecemos com duas aprendizes cujos professores falam muito bem de suas habilidades. Honorável Onren da Casa Leste, honorável Tané da Casa Sul. Vamos ver quem pode vencer a outra primeiro.

Tané se levantou. Sua garganta parecia pequena. Quando ela chegou ao fim da escada, um homem entregou-lhe uma alabarda: uma arma de pólo leve, o cabo feito de carvalho branco, com uma lâmina de aço curva na ponta. Ela removeu a bainha laqueada e correu um dedo até a ponta.

Na Casa Sul, as lâminas eram de madeira. Agora, finalmente, ela poderia usar aço. Assim que Onren recebeu sua alabarda, elas caminharam uma em direção a outra.

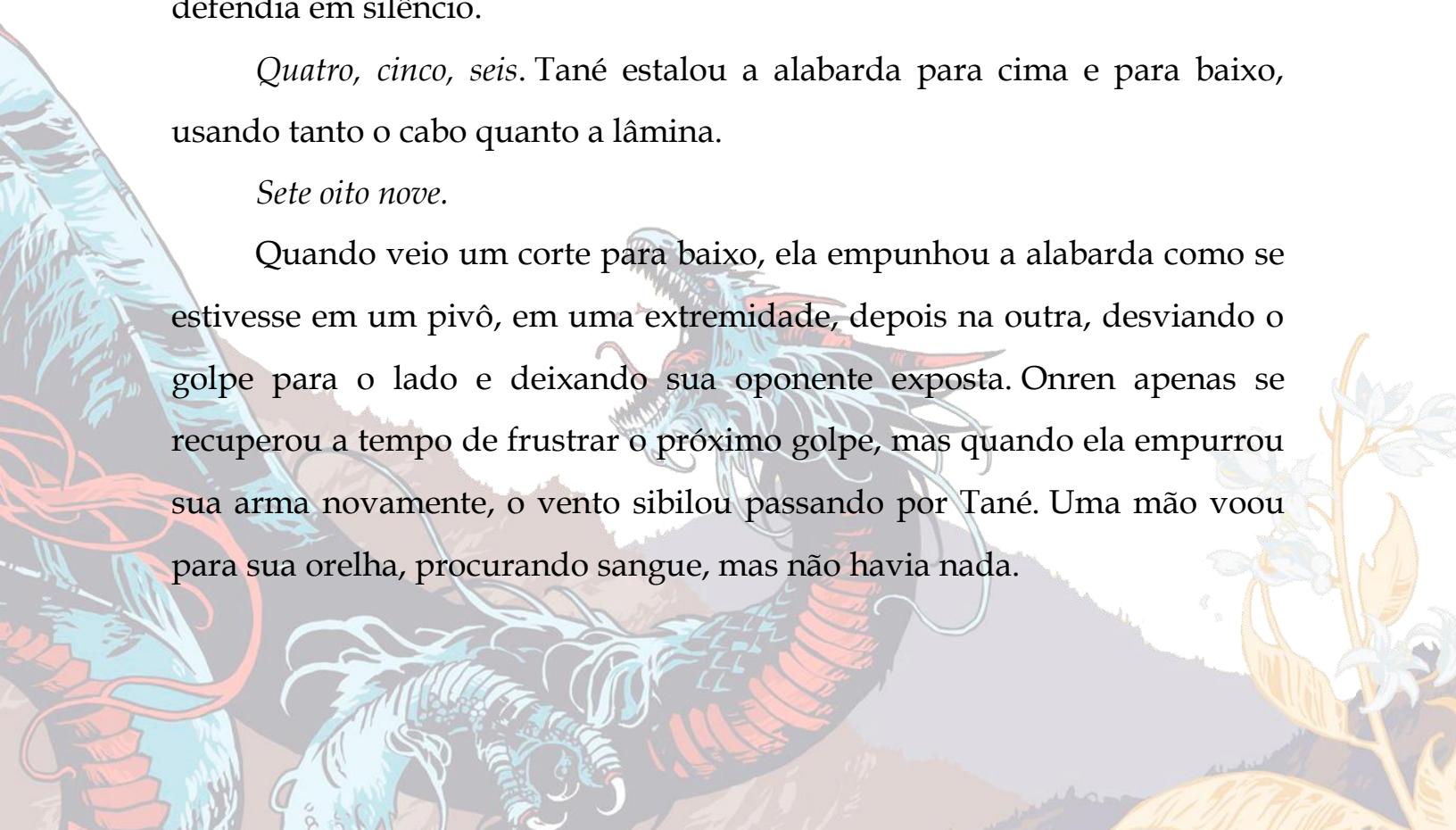
Onren sorriu. Tané limpou sua expressão, mesmo com as palmas das mãos umedecidas. Seu coração era uma borboleta presa. *A água em você é fria*, sua professora uma vez lhe disse. *Quando você segura uma arma, você se torna um fantasma sem rosto. Você não revela nada.*

Elas se curvaram. Um silêncio desceu em sua mente, como o silêncio que vinha do crepúsculo.

— Comecem! — disse o General do Mar.

Imediatamente, Onren fechou o espaço entre elas. Tané girou sua alabarda com as duas mãos, as lâminas se chocando. Onren soltou um grito curto e alto.

Tané não fez nenhum som.



Onren quebrou a ligatura e caminhou para trás, para longe de Tané, a alabarda apontada para o peito. Tané esperou que ela desse o próximo passo. Devia haver uma razão para Onren ter sido a aprendiz principal na Casa Leste.

Como se pudesse ouvir o pensamento, Onren começou a girar a alabarda em volta do corpo, passando-a fluentemente sobre os braços e entre as mãos em uma demonstração de confiança. Tané apertou seu aperto, observando.

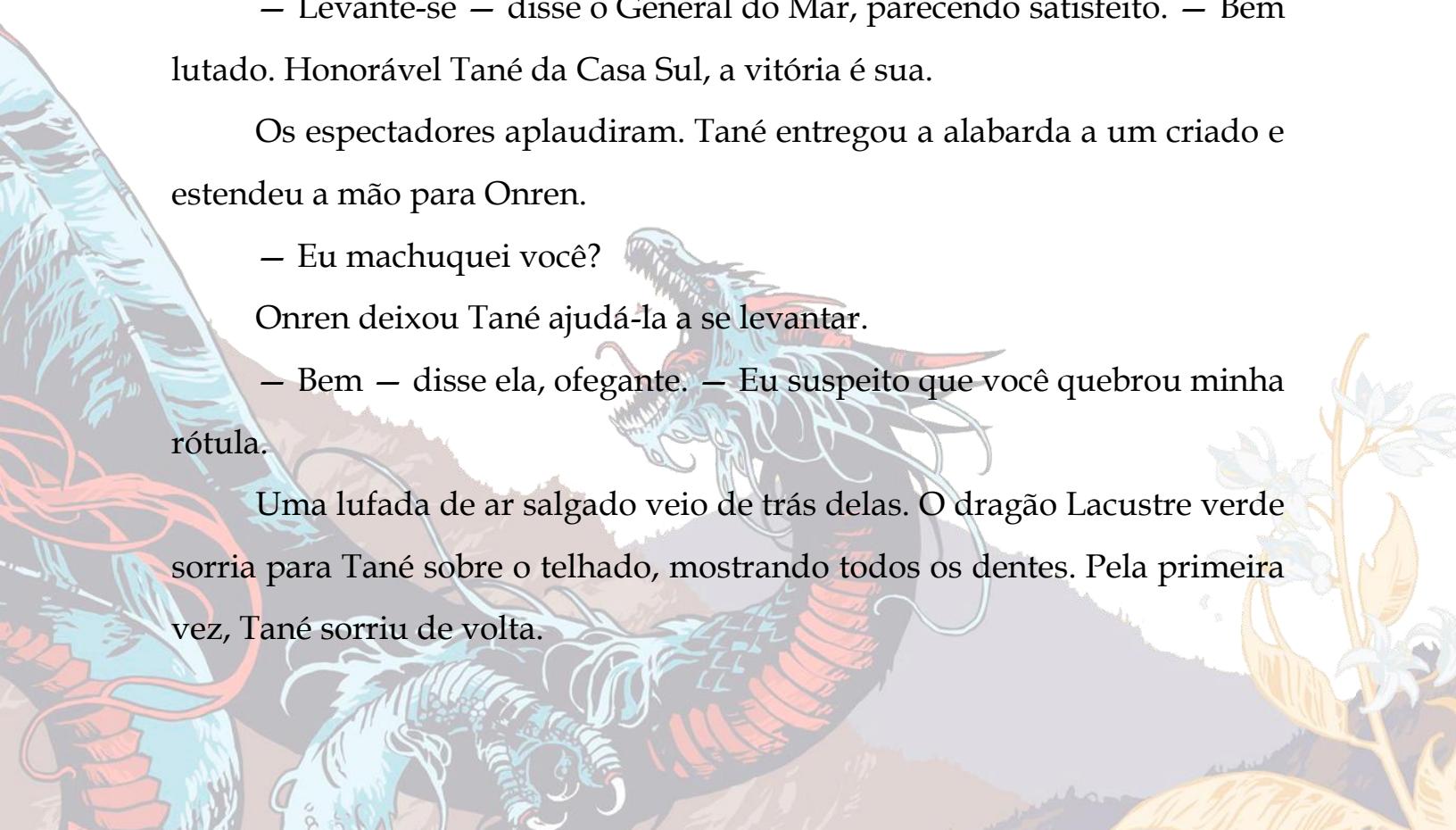
Onren favorecia um lado. Ela evitava colocar muito peso no joelho esquerdo. Tané lembrou, distante, que Onren havia levado um coice de um cavalo quando era mais jovem.

Encorajada, Tané avançou com a alabarda erguida. Onren veio encontrá-la. Desta vez, elas foram mais rápidas. *Um, dois, três* confrontos. Onren gritava ameaças sem palavras a cada ataque. Tané a defendia em silêncio.

Quatro, cinco, seis. Tané estalou a alabarda para cima e para baixo, usando tanto o cabo quanto a lâmina.

Sete oito nove.

Quando veio um corte para baixo, ela empunhou a alabarda como se estivesse em um pivô, em uma extremidade, depois na outra, desviando o golpe para o lado e deixando sua oponente exposta. Onren apenas se recuperou a tempo de frustrar o próximo golpe, mas quando ela empurrou sua arma novamente, o vento sibilou passando por Tané. Uma mão voou para sua orelha, procurando sangue, mas não havia nada.



Sua distração a custou. Onren veio até ela em uma rajada de carvalho e aço, liberando sua força considerável. Elas lutavam por honra, por glória, pelos sonhos que alimentavam desde crianças. Tané cerrou os dentes enquanto dançava e se esquivava, o suor encharcando sua túnica, o cabelo grudado na nuca. Um dos dragões soltou um bufo.

A lembrança de sua presença endureceu sua determinação. Para ganhar isso, ela teria que dar um golpe.

Ela deixou Onren bater em seu braço com a alça, forte o suficiente para machucá-la. A dor foi profunda. Onren dirigiu sua arma como uma lança de peixe. Tané saltou para trás, dando-lhe um amplo espaço, então, quando Onren ergueu os braços para um corte final, Tané rolou e balançou com força para seu joelho fraco. A madeira bateu de forma limpa contra o osso.

Onren derrapou com um suspiro. Seu joelho cedeu. Antes que ela pudesse se levantar, Tané colocou a lâmina em seus ombros.

— Levante-se — disse o General do Mar, parecendo satisfeito. — Bem lutado. Honorável Tané da Casa Sul, a vitória é sua.

Os espectadores aplaudiram. Tané entregou a alabarda a um criado e estendeu a mão para Onren.

— Eu machuquei você?

Onren deixou Tané ajudá-la a se levantar.

— Bem — disse ela, ofegante. — Eu suspeito que você quebrou minha rótula.

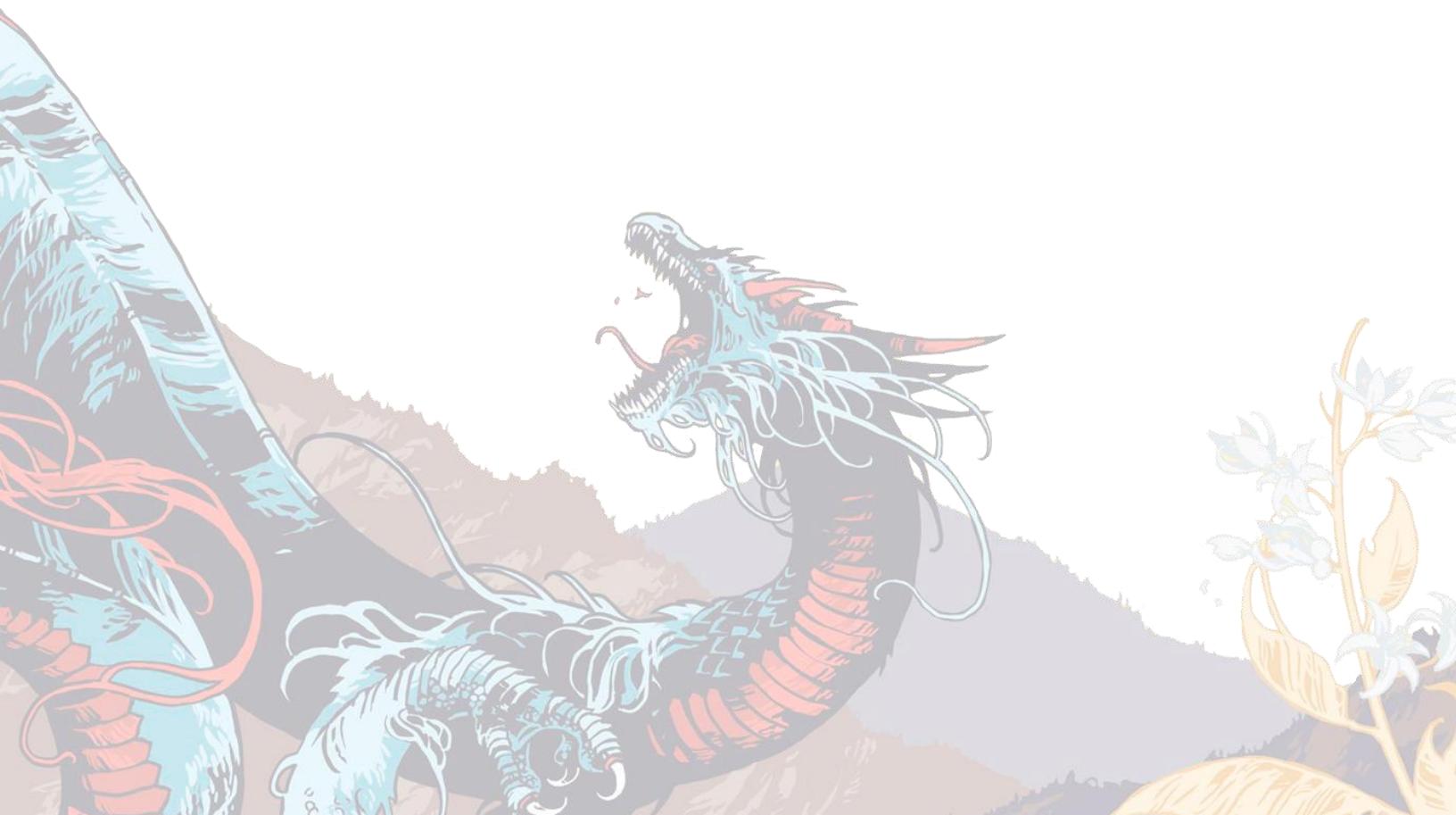
Uma lufada de ar salgado veio de trás delas. O dragão Lacustre verde sorria para Tané sobre o telhado, mostrando todos os dentes. Pela primeira vez, Tané sorriu de volta.

À distância, ela percebeu que Onren ainda estava falando.

— Desculpe — ela disse, tonta de alegria. — O que você disse?

— Eu estava apenas observando como os guerreiros mais ferozes podem se esconder atrás de rostos tão gentis. — Elas se curvaram uma para a outra antes de Onren acenar para os bancos, onde os aprendizes ainda batiam palmas. — Dê uma boa olhada em Turosa. Ele sabe que tem uma luta em suas mãos.

Tané seguiu seu olhar. Turosa nunca pareceu tão zangado, nem tão determinado.



Capítulo 11

Oeste

— Aí está — ,disse Estina Melaugo, com um gesto amplo em direção à terra. — Deleite seus olhos com a fossa Dracônica de Yscalín.

— Não, obrigado. — Kit bebeu da garrafa que estavam compartilhando. — Eu preferia que minha morte fosse uma surpresa.

Loth espiou pela luneta. Mesmo agora, um dia depois de ver o Alto Ocidental, suas mãos estavam instáveis.

Fýredel. Asa direita do Inominável. Comandante do Exército Dracônico. Se ele tivesse acordado, os outros Alto Ocidentais certamente o seguiriam. Foi deles que o resto da humanidade extraiu forças. Quando um Alto Ocidental morria, o fogo em seus wyverns e em sua progénie se extinguia.

O próprio Inominável não poderia retornar, não enquanto a Casa de Berethnet permanecesse, mas seus servos poderiam causar destruição sem ele. O Século da Dor provou isso.

Devia haver uma razão para eles estarem subindo novamente. Eles caíram no sono no final da Século da Dor, a mesma noite em que um cometa cruzou o céu. Os estudiosos especularam durante séculos sobre por que e quando eles poderiam acordar, mas ninguém havia encontrado uma

resposta. Gradualmente, todos começaram a supor que nunca o fariam. Que os anciões se tornaram fósseis vivos.

Loth voltou sua atenção para o que ele podia ver através da luneta. A lua era um olho semicerrado e eles flutuavam na água tão escura quanto seus pensamentos. Tudo o que ele podia ver era o ninho de luzes que era Perunta. Um lugar que poderia estar infestado de praga Dracônica.

A doença havia primeiro vazado do Inominável, cujo hálito, dizia-se, fora um veneno de ação lenta. Uma tendência mais temível havia chegado com os cinco Alto Ocidentais. Eles e seus wyverns a carregavam, da mesma forma que os ratos outrora carregavam a pestilência. Ela existia apenas em bolsos desde o final da Sécido da Dor, mas Loth conhecia os sinais dos livros.

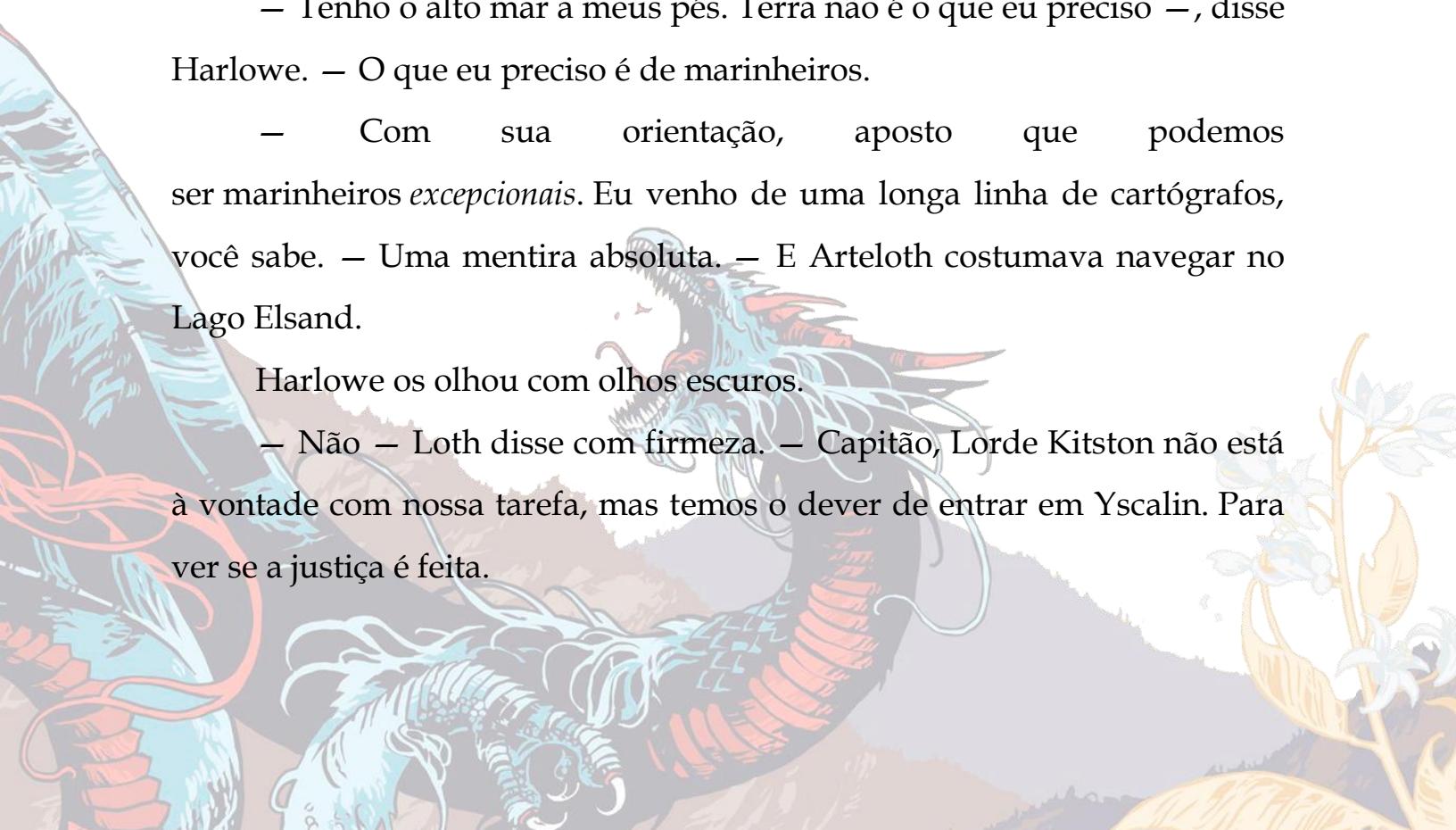
Tudo começava com o avermelhamento das mãos. Em seguida, uma erupção cutânea semelhante a uma escama. Ao andar nas pontas dos pés sobre o corpo, o aflito sentia dores nas articulações, febre e visões. Se eles tivessem o azar de sobreviver a este estágio, a chama de sangue se instalaria. Eles eram mais perigosos então, porque se não fossem contidos, eles corriam gritando como se estivessem em chamas, e qualquer pessoa cuja pele tocasse a deles também seria afetada. Normalmente morriam em poucos dias, embora alguns sobrevivessem por mais tempo.

Não havia cura para a praga. Sem cura e sem proteção.

Loth fechou a luneta e a entregou a Melaugo.

— Suponho que seja isso — disse ele.

— Não abandone a esperança, Lorde Arteloth. — Seu olhar estava desapegado. — Duvido que a praga esteja no palácio. São aqueles de nós que você chama de comuns que mais sofrem em tempos de necessidade.



Plume e Harlowe estavam se aproximando da proa, o último com um cachimbo de barro na mão.

— Certo, meus senhores — disse o capitão. — Gostamos de ter vocês, de verdade, mas nada dura para sempre.

Kit finalmente pareceu entender o perigo em que corriam. Ou ele estava ferido ou perdeu o juízo, mas apertou as mãos.

— Eu imploro, Capitão Harlowe, deixe-nos nos juntar a sua tripulação.

— Seus olhos estavam febris. — Você não precisa contar a Lorde Seyton. Nossas famílias têm dinheiro.

— O quê? — Loth assobiou. — Kit...

— Deixe-o falar. — Harlowe fez um gesto com seu cachimbo. — Continue, Lorde Kitston.

— Há terras nos Downs, boas terras. Salve-nos e serão suas — continuou Kit.

— Tenho o alto mar a meus pés. Terra não é o que eu preciso — , disse Harlowe. — O que eu preciso é de marinheiros.

— Com sua orientação, aposto que podemos ser marinheiros *excepcionais*. Eu venho de uma longa linha de cartógrafos, você sabe. — Uma mentira absoluta. — E Arteloth costumava navegar no Lago Elsand.

Harlowe os olhou com olhos escuros.

— Não — Loth disse com firmeza. — Capitão, Lorde Kitston não está à vontade com nossa tarefa, mas temos o dever de entrar em Yscalin. Para ver se a justiça é feita.

Com o rosto de uma maçã sem pele, Kit agarrou-o pelo gibão e puxou-o para o lado.

— Arteloth — ele disse baixinho —, eu estou tentando nos tirar disso. Porque isso — ele virou Loth em direção às luzes ao longe, *não* tem *nada* a ver com justiça. Este é o Falcão da Noite enviando nós dois para a morte por um centavo de fofoca.

— Combe pode ter me exilado por algum outro propósito, mas agora que estou à beira de Yscalin, desejo descobrir o que aconteceu com o príncipe Wilstan. — Loth colocou a mão em seu ombro. — Se quiser voltar, Kit, não irei lhe ansiar nenhum mal. Esta não foi a sua punição.

Kit olhou para ele, a frustração gravada nele.

— Oh, Loth — ele disse, mais suavemente. — Você não é o Santo.

— Não, mas ele tem coragem — disse Melaugo.

— Não tenho tempo para essa conversa piedosa — interrompeu Harlowe. — Mas concordo com Estina quanto ao assunto de seus bailes, Lorde Arteloth. — Seu olhar era penetrante. — Eu preciso de pessoas com corações como o seu. Se você acha que pode enfrentar os mares, diga agora, e eu colocarei para minha tripulação.

Kit piscou.

— Realmente?

Harlowe estava sem expressão. Quando Loth se calou, Kit suspirou.

— Eu pensei que não. — Harlowe lançou-lhes um olhar frio. — Agora, dê o fora do meu navio.

Os piratas zombaram. Melaugo, cujos lábios estavam franzidos, acenou para Loth e Kit. Quando seu amigo se virou para segui-lo, Loth agarrou seu braço.

— Kit — ele murmurou. — Aproveite a chance e fique para trás. Você não é uma ameaça para Combe, não como eu. Você ainda pode voltar para Inys.

Kit balançou a cabeça com um sorriso nos lábios.

— Fale sério, Arteloth — disse ele. — Que pouca piedade eu tenho, devo a você. E ele pode não ser meu patrono, mas sei que o Cavaleiro da Sociedade nos diz para não deixarmos nossos amigos sozinhos.

Loth queria discutir com ele, mas ele se viu sorrindo para o amigo. Eles caminharam lado a lado atrás de Melaugo.

Eles tiveram que descer em uma escada de corda da *Rosa Eterna*. Suas botas polidas escorregaram nos degraus. Depois de acomodados no barco a remo, onde seus baús de viagem os aguardavam, Melaugo subiu com eles.

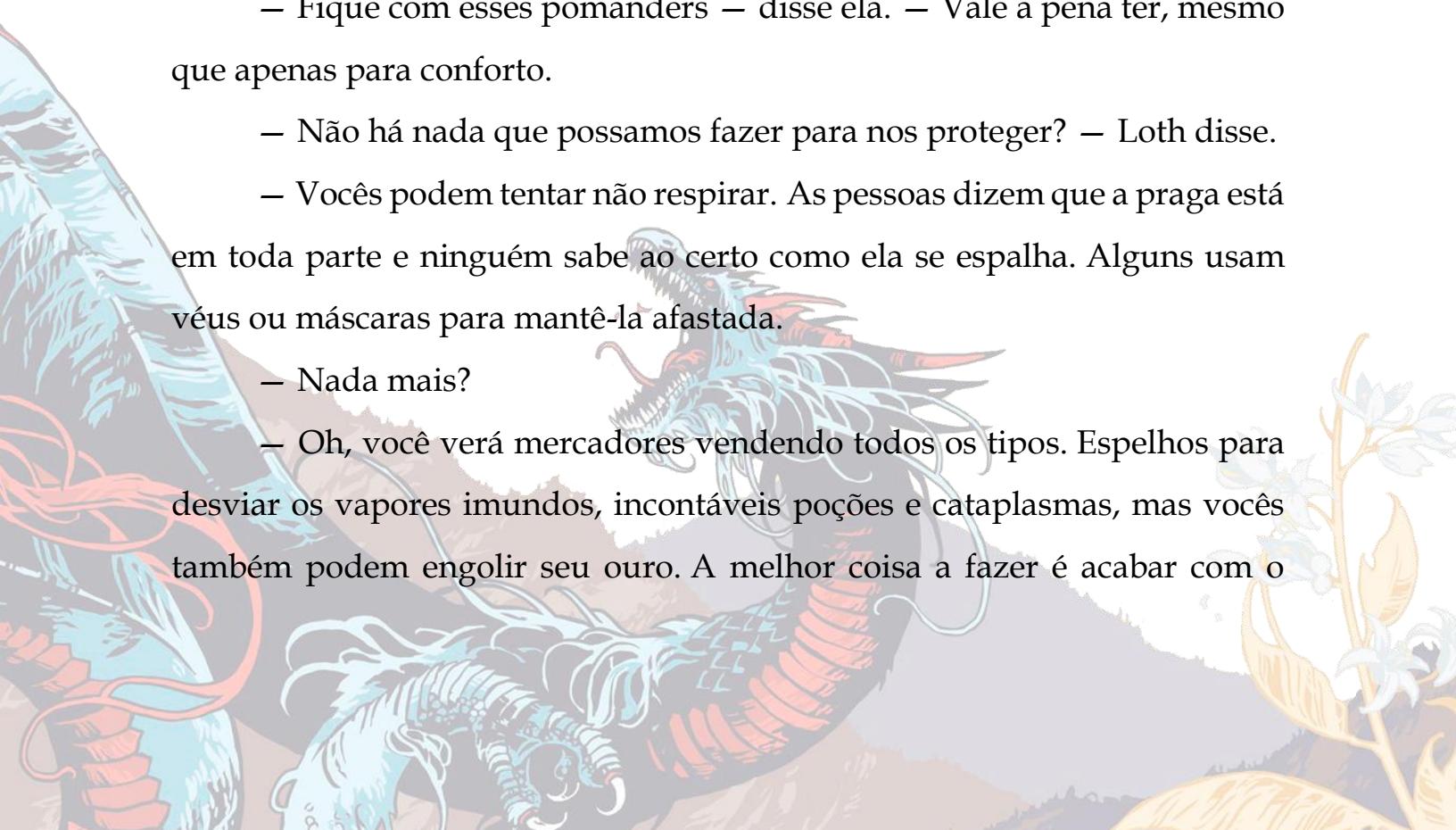
— Passe-me os remos, Lorde Arteloth. — Quando Loth o fez, ela assobiou. — Vejo você em breve, capitão. Não saia sem mim.

— Nunca, Estina. — Harlowe se inclinou para o lado. — Adeus, meus senhores.

— Mantenham esses pomanders por perto, senhores — Plume acrescentou. — Não quero que vocês peguem nada.

A tripulação caiu na gargalhada enquanto Melaugo se afastava do *Rosa*.

— Não ligue para eles. Eles se mijariam antes mesmo de fazer o que vocês estão fazendo. — Ela olhou por cima do ombro. — O que o fez oferecer



seus serviços como pirata, Lorde Kitston? Esta vida não é como nas canções, sabe. Tem um pouco mais de merda e escorbuto.

— Um golpe de brilho, pensei. — Kit lançou-lhe um olhar de dor simulada. — Eu tomo o Cavaleiro da Cortesia como meu patrono, senhora. Ele ordena aos poetas que embelezem o mundo, mas como posso, a menos que eu o veja?

— Aí está uma pergunta que eu preciso de mais alguns drinques para responder.

À medida que se aproximavam da costa, Loth pegou seu lenço e o pressionou contra o nariz. Vinagre, peixe e fumaça acre formavam o ramalhete podre de Perunta. Kit manteve um sorriso, mas seus olhos estavam lacrimejando.

— Que refrescante — ele administrou.

Melaugo não sorriu.

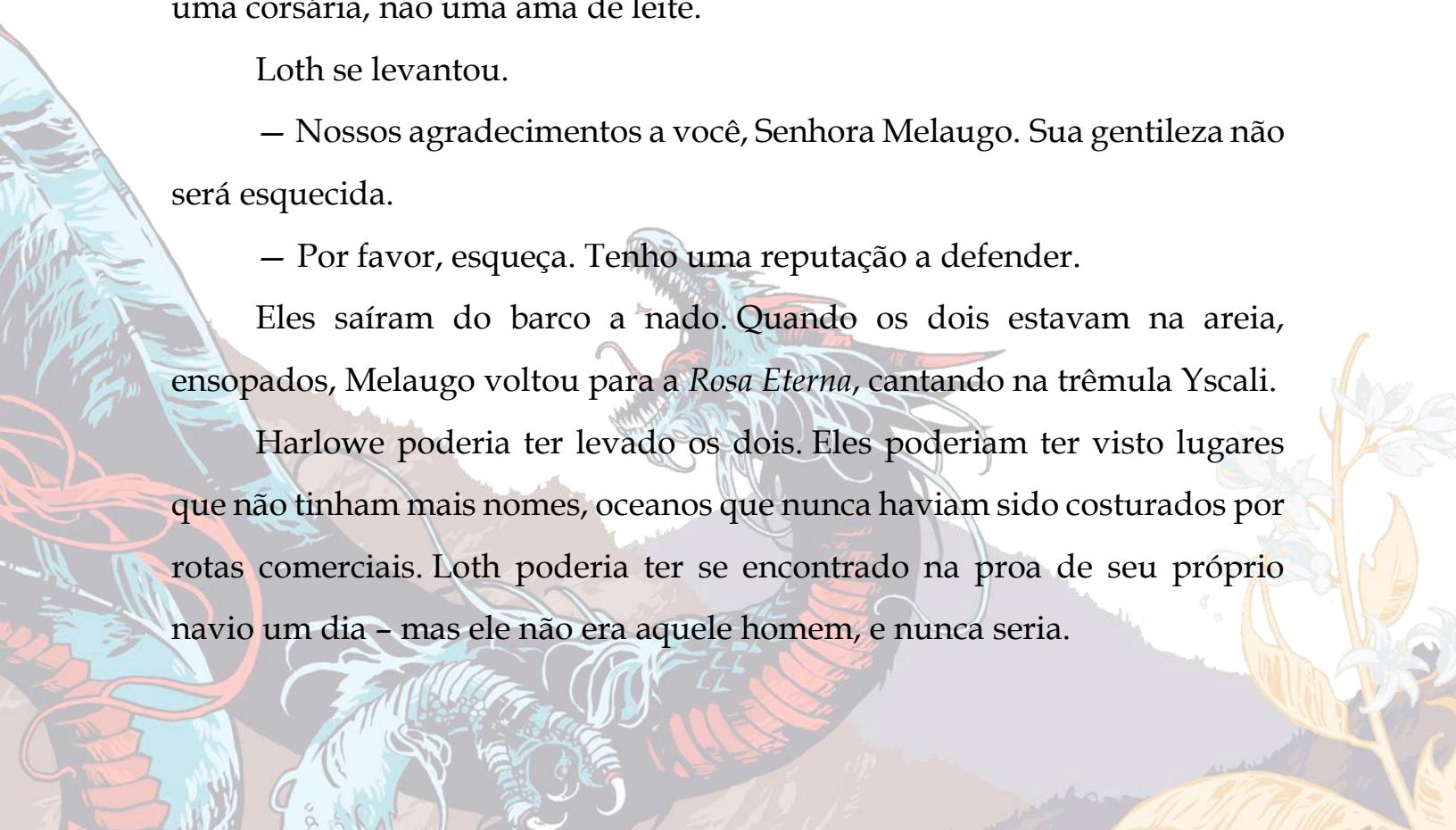
— Fique com esses pomanders — disse ela. — Vale a pena ter, mesmo que apenas para conforto.

— Não há nada que possamos fazer para nos proteger? — Loth disse.

— Vocês podem tentar não respirar. As pessoas dizem que a praga está em toda parte e ninguém sabe ao certo como ela se espalha. Alguns usam véus ou máscaras para mantê-la afastada.

— Nada mais?

— Oh, você verá mercadores vendendo todos os tipos. Espelhos para desviar os vapores imundos, incontáveis poções e cataplasmas, mas vocês também podem engolir seu ouro. A melhor coisa a fazer é acabar com o



sofrimento dos aflitos. — Ela manobrou o barco em torno de uma rocha. — Não consigo imaginar que vocês dois tenham visto muitas mortes.

— Eu me ressinto de sua suposição — Kit objetou. — Eu vi minha querida velha tia em seu esquife.

— Sim, e suponho que ela usou um vestido vermelho para seu encontro com o Santo. Suponho que ela estava limpa como um gatinho lambido e cheirava a alecrim. — Quando Kit fez uma careta, Melaugo disse: — Você não viu a morte, meu senhor. Você só viu a máscara que colocamos nela.

Eles ficaram sentados em silêncio a partir de então. Quando a água estava rasa o suficiente para entrar, Melaugo parou de remar.

— Não vou chegar mais perto. — Ela acenou com a cabeça para a cidade. — Vocês devem ir a uma taverna chamada Grapevine. Alguém deve lhes buscar. — Ela empurrou Kit com a ponta da bota. — Vão agora. Eu sou uma corsária, não uma ama de leite.

Loth se levantou.

— Nossos agradecimentos a você, Senhora Melaugo. Sua gentileza não será esquecida.

— Por favor, esqueça. Tenho uma reputação a defender.

Eles saíram do barco a nado. Quando os dois estavam na areia, ensopados, Melaugo voltou para a *Rosa Eterna*, cantando na trêmula Yscalí.

Harlowe poderia ter levado os dois. Eles poderiam ter visto lugares que não tinham mais nomes, oceanos que nunca haviam sido costurados por rotas comerciais. Loth poderia ter se encontrado na proa de seu próprio navio um dia — mas ele não era aquele homem, e nunca seria.

— Não é a nossa entrada mais digna. — Ofegante, Kit deixou seu peito cair. — Como você acha que encontramos esta taverna?

— Acho que... contando com nossos instintos — Loth disse, inseguro. — Os mais comuns devem se dar bem o suficiente.

— Arteloth, nós somos cortesãos. Não temos instintos úteis.

Loth não teve contra-ataque.

Eles fizeram um progresso lento na cidade. Os baús eram pesados e não tinham mapa nem bússola.

Perunta já fora conhecido como o porto mais bonito do Ocidente. Essas ruas cheias de lama, transbordando de ossos de peixes, cinzas e resíduos, não eram o que Loth havia imaginado. Um pássaro morto se contorcia com vermes. As fossas transbordavam. Em uma praça apagada, um santuário estava em ruínas. Sabran tinha ouvido relatos de que o Rei Sigoso havia executado os santuários que não renunciavam ao Santo, mas ela não queria acreditar neles.

Loth tentou não respirar ao passar por cima de um riacho de líquido escuro. Ele não ousou se afastar muito de Kit. As pessoas se acotovelavam ao redor deles, cobrindo seus rostos com véus ou trapos de pano.

Eles viram sua primeira casa de praga na rua seguinte. Tábuas foram pregadas nas janelas, a porta de carvalho manchada com asas escarlates. As palavras de Yscali foram escritas a giz acima dela.

— *Tenham pena desta casa, pois aqui somos amaldiçoados* — Kit leu.

Loth olhou de soslaio para ele.

— Você lê Yscali?

— Eu sei. Você está chocado — disse Kit gravemente. — Afinal, eu sou um mestre de Inysh, um tal prodígio dos versos, parece impossível que eu pudesse ter espaço em meu crânio para outra língua, mas...

— Kit.

— Melaugo me disse a tradução.

A escuridão era desorientadora. Poucas velas foram acesas em Perunta, embora braseiros fumigassem as ruas mais largas. À força de caminhar com o máximo de confiança possível, Loth e Kit finalmente encontraram a taverna onde deveriam encontrar sua escolta para Cársaro. Seu letreiro exibia um cacho de suculentas uvas pretas que não tinham nada a ver neste poço.

Uma carruagem esperava do lado de fora. Construído com o que Loth tinha certeza de que era ferro, o aterrorizou antes mesmo de se perguntar que tipo de cavalo poderia desenhar tal coisa. Então ele viu.

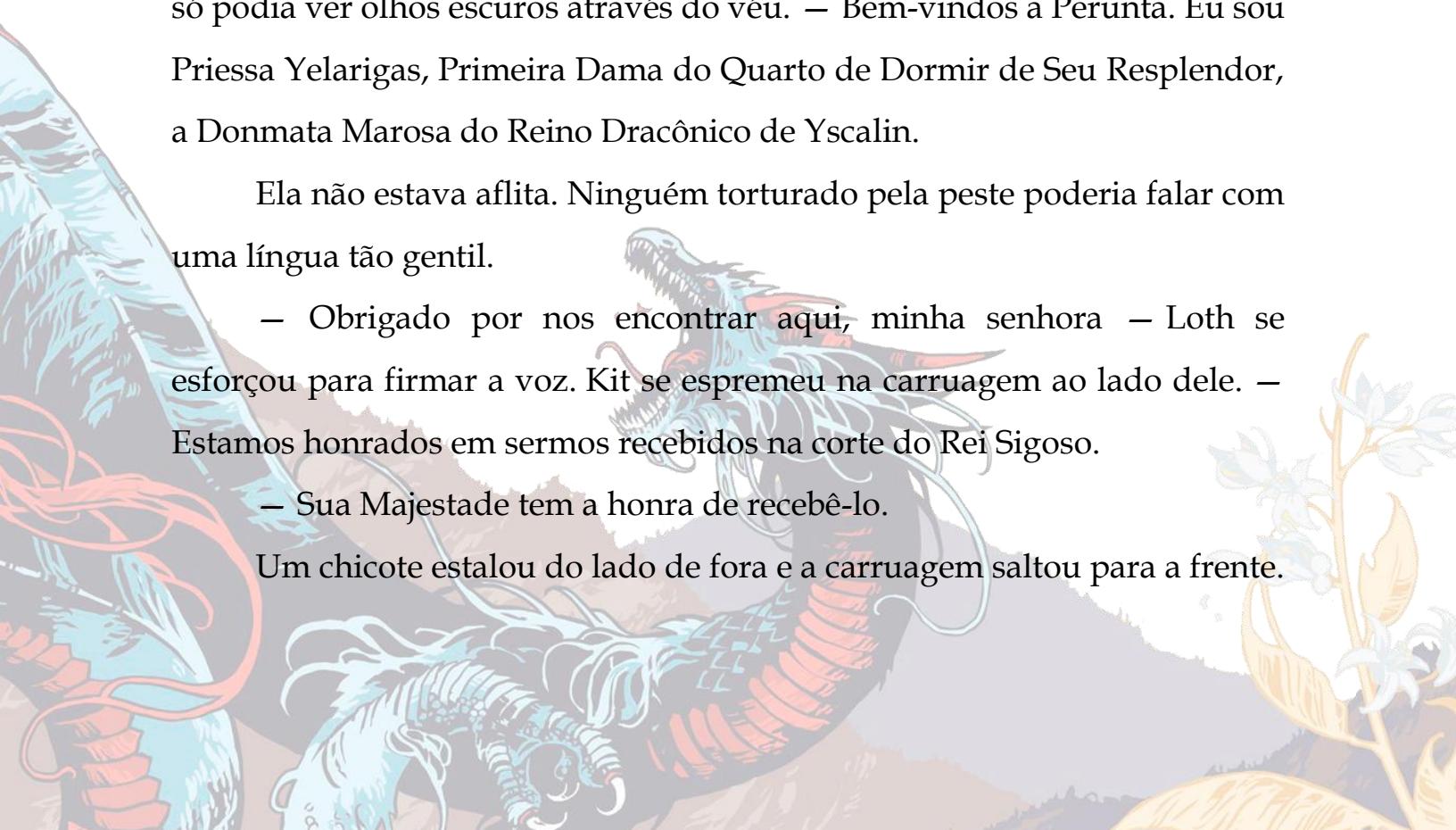
Uma grande cabeça de lobo se virou para olhar para ele, e uma mandíbula enorme, cheia de dentes, afrouxou para deixar escapar uma corda de baba.

A criatura era maior que um urso. Seu pescoço grosso se afinava em um corpo serpentino, que podia ser movido por suas pernas musculosas ou um par de asas de morcego. Ao seu lado estava um segundo monstro, este coberto de pele cinza. Seus olhos eram idênticos. Brasas do ventre de fogo.

Jaculi.

A descendência de wyvern e lobo.

— Fique parado —, Kit sussurrou. — Os bestiários dizem que movimentos bruscos os fazem atacar.



Um dos jaculi rosnou. Loth queria fazer o sinal da espada, mas não ousou se mover.

Quantas criaturas Dracônicas estavam acordadas em Yscalín?

O cocheiro da carruagem era um Yscal de cabelo oleado.

— Lorde Arteloth e Lorde Kitston, eu presumo — disse ele.

Kit fez um barulho incoerente. O cocheiro puxou uma alavanca e um conjunto de degraus se desdobrou.

— Deixem os baús — ele murmurou. — Entrem.

Eles obedeceram.

Dentro da carruagem, eles encontraram uma mulher esperando por eles, vestida com um pesado vestido carmesim e um véu de renda preta. Ela usava luvas de veludo compridas, com babados no cotovelo. Um pomander de filigrana pendurado ao lado dela.

— Lorde Arteloth. Lorde Kitston — ela disse em uma voz suave. Loth só podia ver olhos escuros através do véu. — Bem-vindos a Perunta. Eu sou Priessa Yelarigas, Primeira Dama do Quarto de Dormir de Seu Resplendor, a Donmata Marosa do Reino Dracônico de Yscalín.

Ela não estava aflita. Ninguém torturado pela peste poderia falar com uma língua tão gentil.

— Obrigado por nos encontrar aqui, minha senhora — Loth se esforçou para firmar a voz. Kit se espreguiou na carruagem ao lado dele. — Estamos honrados em sermos recebidos na corte do Rei Sigoso.

— Sua Majestade tem a honra de recebê-lo.

Um chicote estalou do lado de fora e a carruagem saltou para a frente.

— Eu me confesso que estou surpreso que Sua Radiância tenha enviado uma senhora de tão alta patente para nos encontrar — disse Loth. — Visto que esta cidade está tão cheia de aflitos.

— Se o Inominável deseja que eu entregue minha vida à sua praga, que assim seja — foi a resposta dela.

Loth apertou sua mandíbula. E pensar que essas pessoas já haviam professado lealdade a Sabran e à Virtudom.

— Vocês estão acostumados com cavalos puxando uma carruagem, meus senhores — Dama Priessa continuou —, mas levaria muitos dias para cruzar Yscalin dessa maneira. Jaculi tem passos rápidos e nunca se cansam.

Ela cruzou as mãos no colo. Seus dedos eram o lar de vários anéis de ouro, colocados sobre as luvas.

— Vocês deveriam descansar — ela disse. — Por mais rápido que sejam nossos animais, temos um longo caminho a percorrer, meus senhores.

Loth tentou sorrir.

— Prefiro observar a paisagem.

— Como quiser.

Na verdade, estava muito escuro para ver algo fora da janela, mas ele não dormiria com uma adoradora de wyrm tão perto.

Este era um território Dracônico. Ele se levantaria do travesseiro de seda da nobreza e encontraria o espião dentro dele. Ele se endureceria para os perigos de sua missão. Então, enquanto Kit cochilava, Loth ficou sentado o mais imóvel que pôde, os olhos abertos por pura força de vontade, e fez uma promessa ao Santo.

Ele aceitaria a estrada em que foi empurrado. Ele iria procurar o Príncipe Wilstan. Ele reuniria sua rainha com seu pai. E ele encontraria o caminho de casa.

Não soube dizer se Priessa Yelarigas dormia ou se o vigiava a noite toda.



Havia fumaça em seu cabelo. Ela podia sentir o cheiro.

— Onde em Virtudom você a encontrou?

— O campanário, de todos os lugares.

Passos.

— Santo, é a Senhora Duryan. Mande uma mensagem para Sua Majestade imediatamente. E chame um médico.

Sua língua era uma brasa em sua boca. Quando os estranhos a largaram, ela teve um sonho febril.

Ela era uma criança de novo, protegida do sol pelos galhos da árvore. A fruta pendurada acima de sua cabeça, alto demais para ela alcançar, e Jondú estava chamando *Venha aqui, Eadaz, venha ver*.

Então a Prioresa levou uma xícara aos lábios, dizendo que era o sangue da mãe. Tinha gosto de luz do sol, risos e orações. Ela havia queimado assim nos dias que se seguiram, queimando até o fogo derreter sua ignorância. Naquele dia ela havia nascido de novo.

Quando ela acordou, uma mulher conhecida estava ao lado da cama, despejando água de um jarro em uma tigela.

— Meg.

Margret se virou para ela tão rapidamente que quase derrubou a jarra.

— Ead! — Com uma risada de alívio, ela se inclinou para beijar a testa. — Oh, graças ao Santo. Você está insensível há dias. Os médicos disseram que você estava com febre, depois com suor e depois com peste...

— Sabran — disse Ead asperamente. — Meg, ela está bem?

— Devemos primeiro estabelecer se *você* está bem. — Margret sentiu suas bochechas, seu pescoço. — Alguma coisa dói? Devo procurar um médico?

— Sem médicos. Estou perfeitamente bem. — Ead molhou os lábios. — Você tem algo para beber?

— Claro.

Margret encheu uma caneca e levou-a à boca. Ead engoliu um pouco da cerveja dentro.

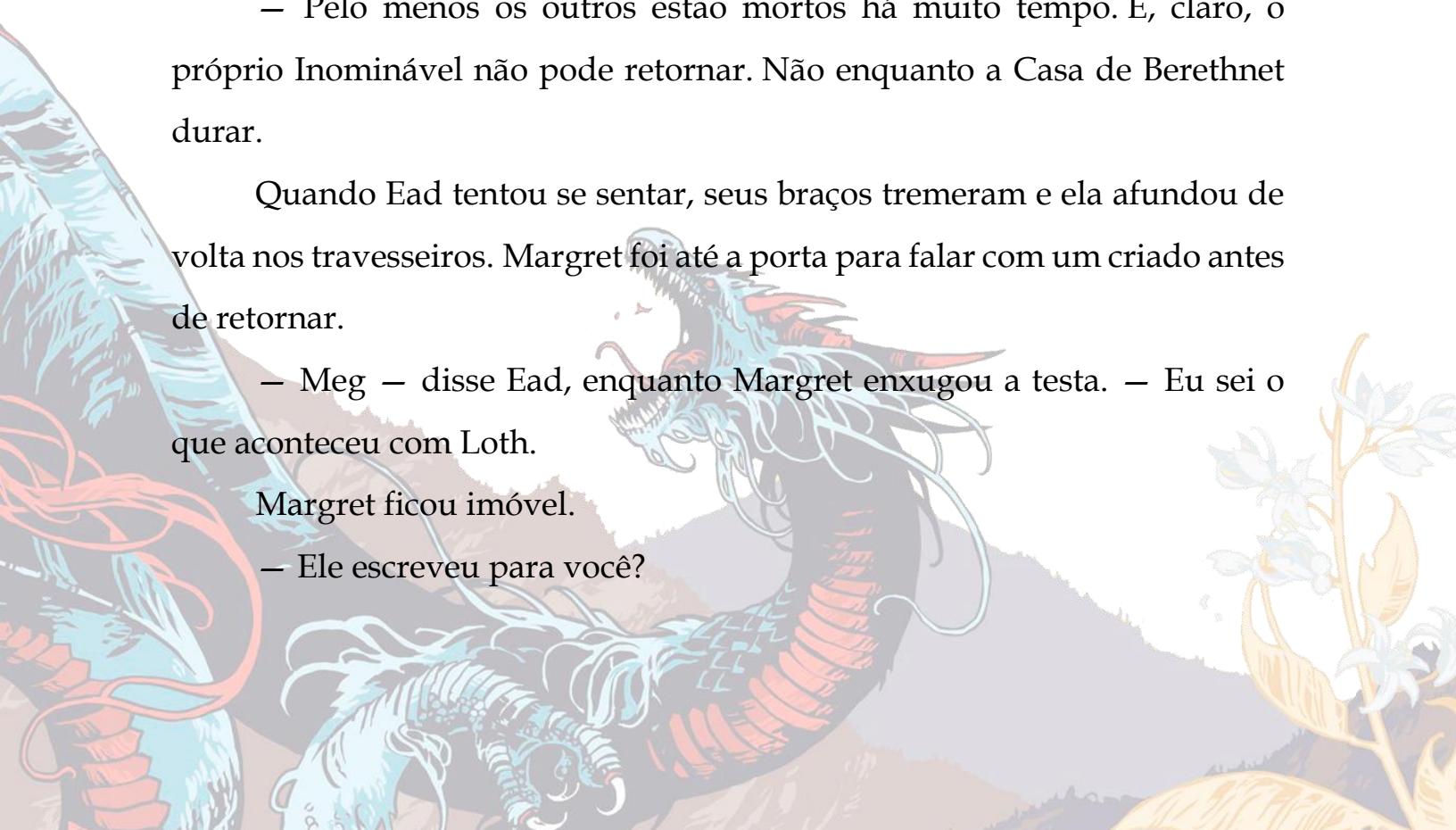
— Você estava no campanário —, disse Margret. — O que você estava fazendo lá?

Ead inventou uma mentira.

— Peguei o caminho errado na biblioteca. Encontrei a porta da torre do relógio aberta e pensei em explorá-la, e lá estava eu quando a besta apareceu. Suponho que... vapores horríveis me deram essa febre. — Antes que Margret pudesse questionar isso, ela acrescentou: — Agora, me diga se Sabran está bem.

— Sabran está tão bem quanto eu nunca a vi, e toda Inys sabe que o próprio Fýredel não poderia tocá-la com seu fogo.

— Onde está o wyrm agora?



Margret colocou a caneca de volta na mesa de cabeceira e molhou um pano na tigela.

— Foi-se. — Sua sobrancelha se franziu. — Não houve mortes, mas ele ateou fogo a alguns depósitos. O capitão Lintley diz que a cidade está no limite. Sabran enviou arautos para tranquilizar o povo de sua proteção, mas ninguém pode acreditar que um Alto Ocidental tenha accordado.

— Estava fadado a acontecer —, disse Ead. — Coisas menores estão se mexendo há algum tempo.

— Sim, mas nunca um dos senhores. Felizmente, a maior parte da cidade não tem ideia de que o que viram foi a asa direita do Inominável. Todas as tapeçarias retratando-o estão escondidas aqui.

— Margret torceu o pano. — Ele e seus parentes infernais.

— Ele disse que Orsul já havia accordado. — Ead tomou outro gole de cerveja. — E Valeysa em breve.

— Pelo menos os outros estão mortos há muito tempo. E, claro, o próprio Inominável não pode retornar. Não enquanto a Casa de Berethnet durar.

Quando Ead tentou se sentar, seus braços tremeram e ela afundou de volta nos travesseiros. Margret foi até a porta para falar com um criado antes de retornar.

— Meg — disse Ead, enquanto Margret enxugou a testa. — Eu sei o que aconteceu com Loth.

Margret ficou imóvel.

— Ele escreveu para você?

— Não. — Ead olhou para a porta. — Eu ouvi os Duques Espirituais falando com Sabran. Combe afirma que Loth foi para Cársclaro como espião, para descobrir o que está acontecendo lá e procurar Wilstan Fynch. Ele disse que Loth foi sem permissão... mas acho que nós duas sabemos a verdade sobre isso.

Lentamente, Margret recostou-se. Sua mão veio para o seu meio.

— Santo salve meu irmão — ela murmurou. — Ele não é um espião. Combe o sentenciou à morte.

O silêncio caiu, quebrado apenas pelos pássaros lá fora.

— Eu disse a ele, Ead — Margret finalmente disse. — Eu disse a ele que a amizade com uma rainha não era igual a qualquer outra, que ele precisava ter cuidado. Mas Loth nunca escuta — ela deu um sorriso triste e irônico. — Meu irmão acha que todo mundo é tão bom quanto ele.

Ead tentou encontrar algumas palavras de conforto, mas não encontrou nenhuma. Loth estava em muito perigo.

— Eu sei. Eu tentei avisá-lo também. — Ela pegou a amiga pela mão. — Ele ainda pode encontrar o caminho de casa.

— Você sabe que ele não vai durar muito em Cársclaro.

— Você poderia fazer uma petição a Combe para trazê-lo de volta. Você é Dama Margret Beck.

— E Combe é o Duque da Cortesia. Ele tem mais influência e riqueza do que eu jamais terei.

— Você não poderia contar a Sabran pessoalmente, então? — Ead perguntou. — Ela claramente tem suas suspeitas sobre a história.

— Eu não posso acusar Combe ou qualquer um sem prova de uma conspiração. Se ele disse a Sab que Loth foi por escolha própria, e eu não posso apresentar nenhuma evidência para contestá-lo, então nem mesmo ela pode fazer nada.

Ead sabia que Margret estava certa. Ela apertou sua mão e Margret soltou um suspiro trêmulo.

Alguém bateu na porta. Margret murmurou para quem estava lá fora. Agora que seu lado estava quieto e seus sentidos embotados, Ead não conseguia ouvir o que eles diziam.

Sua amiga voltou com uma xícara.

— Caudle — disse ela. — Tallys fez especialmente. Uma garota tão gentil.

O mingau quente, adoçado ao ponto de enjoar, era a resposta para tudo em Inys. Fraca demais para segurar as alças, Ead deixou Margret colocar o material horrível em sua boca.

Outra batida. Desta vez, quando Margret abriu, ela fez uma reverência.

— Deixe-nos um momento, Meg.

Ead conhecia aquela voz. Com um olhar em sua direção, Margret saiu.

A Rainha de Inys entrou no quarto. Seu traje de montaria era verde escuro como azevinho.

— Chame se precisar de nós, Majestade — disse uma voz rouca de fora.

— Não acho que uma mulher acamada represente um perigo muito grande para minha pessoa, Sir Gules, mas obrigada.

A porta se fechou. Ead se endireitou o melhor que pôde, consciente de sua roupa encharcada de suor e do gosto azedo em sua boca.

— Ead — disse Sabran, examinando-a. Um rubor tocou suas bochechas. — Vejo que você está finalmente acordada. Você esteve ausente de meus aposentos por muito tempo.

— Perdoe-me, Sua Majestade.

— Foi sentida a falta de sua generosidade. Eu pretendia visitá-la antes, mas os médicos temeram que você pudesse ter a doença suada. — O sol iluminou seus olhos. — Você estava na torre do relógio no dia em que o wyrm chegou. Eu gostaria de saber por quê.

— Senhora?

— O Bibliotecário Real encontrou você lá. Dama Oliva Marchyn me disse que alguns cortesãos e criados usam a torre para... atividades sexuais.

— Eu não tenho amante, Majestade.

— Não tolerarei nenhuma lascívia neste palácio. Confesse, e o Cavaleiro da Cortesia pode mostrar misericórdia.

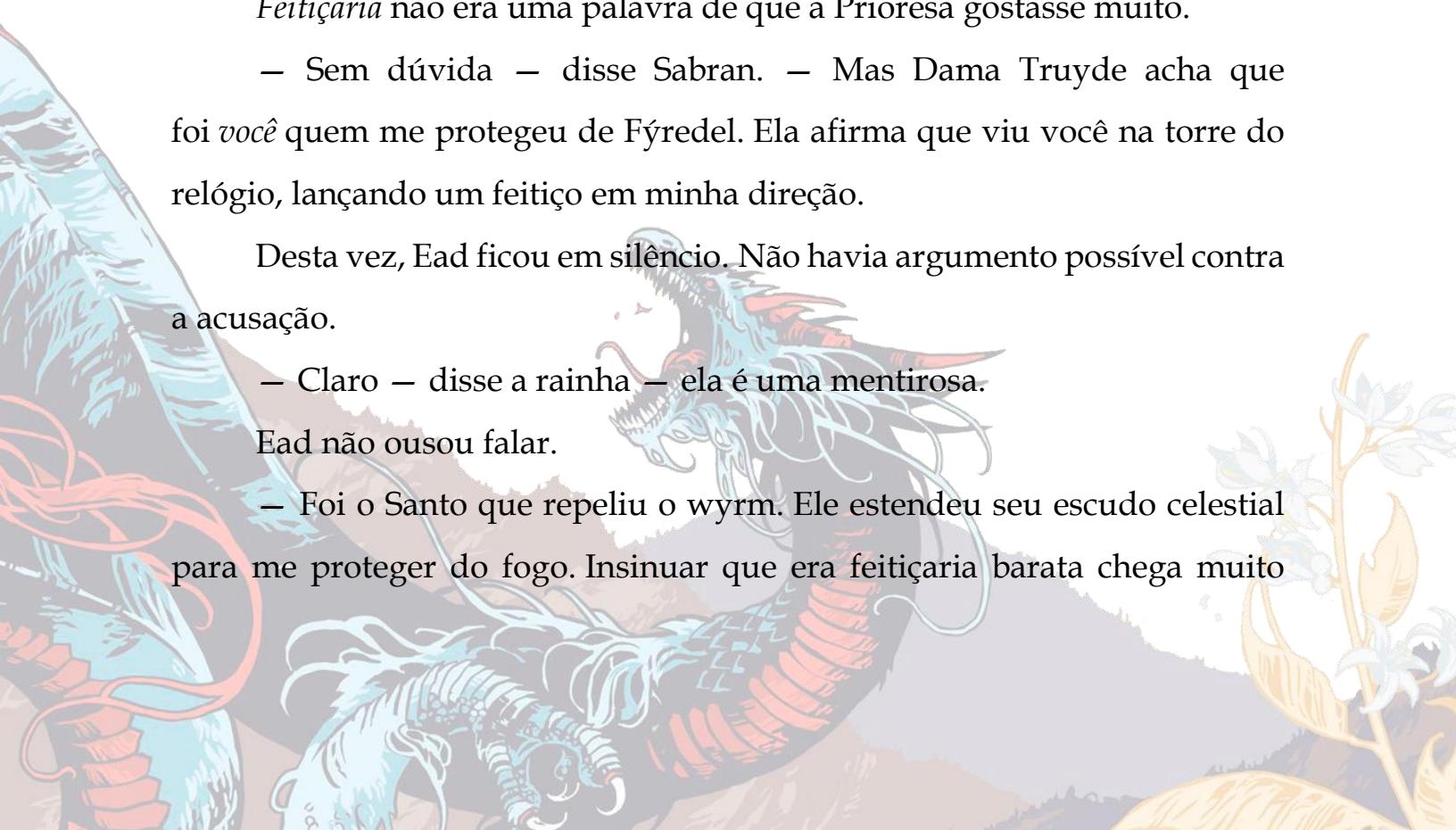
Ead sentiu que a rainha não engoliria a história de tomar o caminho errado.

— Subi ao campanário... para ver se eu conseguia distrair a besta de Vossa Majestade. — Ela gostaria de ter forças para falar com mais convicção. — Mas eu não precisava temer por você.

Era a verdade, despojada de suas partes vitais.

— Espero que o Embaixador uq-Ispad não peça que uma pessoa de moral frouxa seja aceita em minha Casa Superior — concluiu Sabran. — Mas não me deixe ouvir falar de você visitando a torre do relógio novamente.

— Claro, senhora.



A rainha foi até a janela aberta. Colocando a mão no peitoril, ela olhou para os jardins do palácio.

— Majestade — disse Ead —, posso perguntar por que você saiu para enfrentar o wyrm? — Uma brisa clemente soprou de fora. — Se Fýredel tivesse matado você, tudo estaria perdido.

Sabran não respondeu por um tempo.

— Ele ameaçou meu povo, — ela murmurou. — Eu tinha saído antes de considerar o que mais poderia ser feito. — Ela olhou para Ead. — Recebi outro relatório sobre você. Dama Truyde utt Zeedeur tem dito aos meus cortesãos que você é uma feiticeira.

Droga, essa macaca ruiva. Ead quase admirou sua coragem, ignorando a ameaça de uma maldição.

— Senhora, eu não sei nada sobre feitiçaria — ela disse, tingindo suas palavras com uma pitada de desprezo.

Feitiçaria não era uma palavra de que a Prioresa gostasse muito.

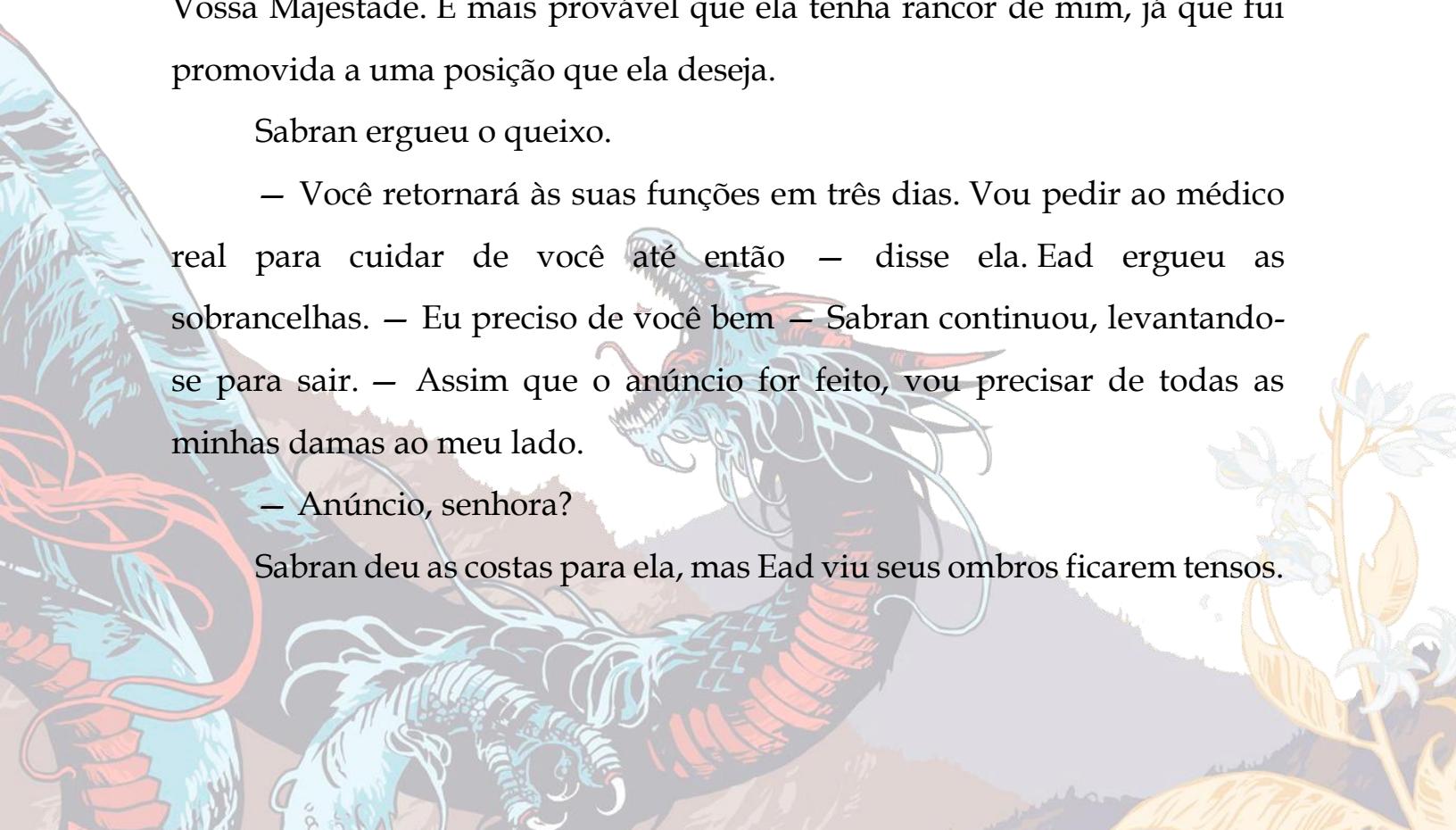
— Sem dúvida — disse Sabran. — Mas Dama Truyde acha que foi *você* quem me protegeu de Fýredel. Ela afirma que viu você na torre do relógio, lançando um feitiço em minha direção.

Desta vez, Ead ficou em silêncio. Não havia argumento possível contra a acusação.

— Claro — disse a rainha — ela é uma mentirosa.

Ead não ousou falar.

— Foi o Santo que repeliu o wyrm. Ele estendeu seu escudo celestial para me proteger do fogo. Insinuar que era feitiçaria barata chega muito



perto de traição — declarou Sabran, com a voz neutra. — Estou pensando em mandá-la para a Torre Dearn.

Toda a tensão saiu de Ead. Uma risada de alívio borbulhou nela, ameaçando transbordar.

— Ela é apenas jovem, Vossa Majestade — disse ela, forçando-se a se conter. — Com a juventude vem a loucura.

— Ela tem idade suficiente para acusá-lo falsamente — Sabran apontou. — Você não deseja vingança?

— Eu prefiro o sabor da misericórdia. Isso me deixa dormir à noite.

Aqueles olhos frios como pedra a percorreram.

— Talvez você insinue que eu deveria mostrar misericórdia com mais frequência.

Ead estava exausta demais para temer aquele olhar.

— Não. Só que duvido que Dama Truyde quisesse dizer um insulto a Vossa Majestade. É mais provável que ela tenha rancor de mim, já que fui promovida a uma posição que ela deseja.

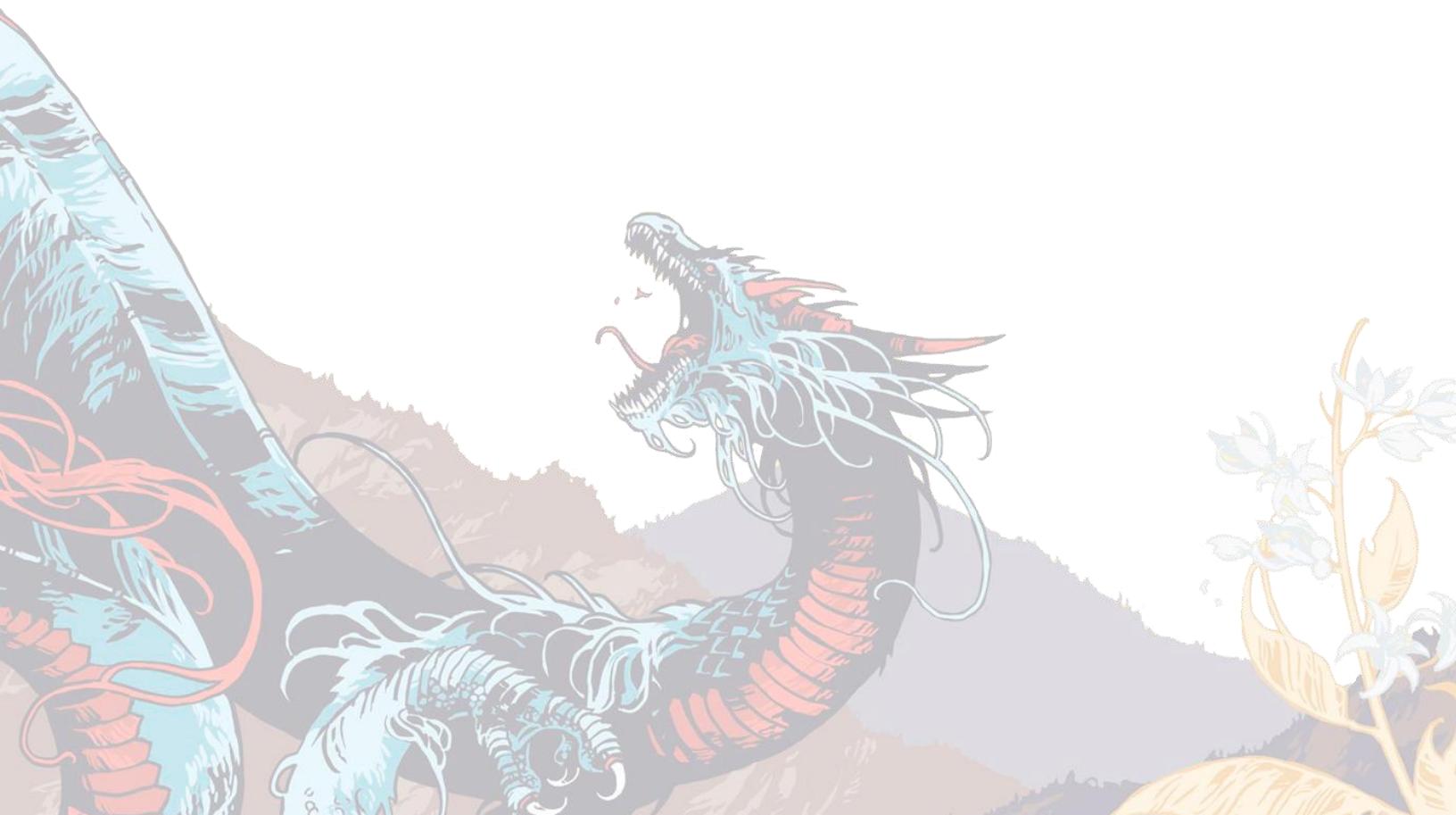
Sabran ergueu o queixo.

— Você retornará às suas funções em três dias. Vou pedir ao médico real para cuidar de você até então — disse ela. Ead ergueu as sobrancelhas. — Eu preciso de você bem — Sabran continuou, levantando-se para sair. — Assim que o anúncio for feito, vou precisar de todas as minhas damas ao meu lado.

— Anúncio, senhora?

Sabran deu as costas para ela, mas Ead viu seus ombros ficarem tensos.

— O anúncio — disse ela. — De meu noivado com Aubrecht Lievelyn,
Grande Príncipe do Estado Livre de Mentendon.



Capítulo 12

Leste

As provas de água decorreram como um longo sonho. A maioria dos cidadãos se abrigou em suas casas enquanto a tempestade atingia a costa oeste de Seiki, mas os guardiões do mar deveriam suportar as piores condições.

— Chuva é água, e nós também — o General do Mar gritou sobre o trovão enquanto passava pelas fileiras. Seu cabelo estava grudado no crânio e gotas de chuva escorriam da ponta do nariz. — Se um pouco de água pode derrotá-los, vocês não podem esperar montar um dragão ou proteger o mar, e este não é o lugar para vocês. — Ele ergueu a voz. — A água vai derrotar vocês?

— Não, honrado General do Mar! — os aprendizes gritaram.

Tané já estava pingando. Pelo menos a chuva estava quente.

Tiro com arco e armas de fogo eram bastante fáceis. Mesmo com essa chuva torrencial, Tané tinha olhos penetrantes e mão firme. Dumusa era melhor com um arco, ela poderia ter feito isso com os olhos vendados, mas Tané veio em segundo lugar. Nenhum deles, nem mesmo Dumusa, poderia vencê-la com uma pistola, mas um guardião do mar da Casa Oeste chegava perto. Kanperu, o mais velho e mais alto, cuja mandíbula parecia como se

uma espada pudesse ser golpeada e cujas mãos pareciam grandes o suficiente para envolver troncos de árvore.

Tiro com arco montado era o próximo. Cada um deles teve que atingir seis carros alegóricos de vidro pendurados em uma viga. Dumusa não era tão hábil a cavalo como a pé e só destruiu cinco deles. Não gostando de cavalos, Onren, que rangeu os dentes durante o julgamento, perdeu o controle de seu corcel e errou três. Tané, no entanto, acertou em cheio todas as vezes – até que seu cavalo tropeçou e deu seu tiro final errado, permitindo que Turosa roubasse o primeiro lugar.

Eles montaram seus cavalos de volta aos estábulos.

— Má sorte, camponesa — disse Turosa a Tané, enquanto ela descia da sela. — Suponho que algumas coisas estão no sangue. Talvez um dia, o honrado General do Mar perceba que os dragões nascem, não são feitos.

Tané apertou a mandíbula quando um cavalariço pegou seu garanhão. Sua pelagem estava escura de chuva e suor.

— Ignore-o, Tané — disse Dumusa, desmontando. Seu cabelo enrolado úmido sobre os ombros. — A água corre da mesma forma em todos nós.

Turosa franziu os lábios, mas saiu. Ele nunca brigava com os outros descendentes de cavaleiros.

Quando ele se foi, Tané fez uma reverência a Dumusa.

— Você tem um grande talento, honorável Dumusa — disse ela. — Espero ser uma arqueira tão habilidosa quanto você um dia.

Dumusa curvou-se em troca.

— Espero ter o mesmo domínio de armas de fogo que você um dia, honorável Tané.

Elas deixaram os estábulos juntas. Tané já havia falado com Dumusa antes, mas agora que elas estavam sozinhas, ela não sabia o que dizer. Ela sempre se perguntou como deve ter sido para ela crescer em uma mansão em Ginura com seus avós Miduchi.

Quando elas chegaram à sala de prática, elas se sentaram próximas uma da outra e Tané começou a limpar a lama de suas flechas. Kanperu, o aprendiz alto e silencioso, já estava lá, empunhando sua pistola de prata.

Enquanto trabalhavam, Onren entrou no corredor.

— Aquilo — declarou ela — foi a pior lançada que já fiz. — Ela puxou para trás o cabelo encharcado. — Devo encontrar um santuário e implorar ao grande Kwiriki que lave todos os cavalos. Eles tentaram me frustrar desde o dia em que nasci.

— Paz — Dumusa não ergueu os olhos do arco. — Você tem muito tempo para mostrar sua habilidade a Miduchi.

— Fácil para você dizer. Você tem o sangue do Miduchi. Todos vocês se tornam cavaleiros no final.

— Sempre há uma chance de ser a primeira a não fazer isso.

— Uma chance — concordou Onren. — Mas todos nós sabemos que a chance é muito pequena.

Seu joelho estava inchado por causa do duelo. Ela teria que trabalhar duro se quisesse ser uma cavaleira.

Kanperu devolveu sua pistola ao suporte da parede. Ao sair, deu a Onren um olhar indecifrável por cima do ombro.

— Ouvi dizer que o honorável Kanperu passou a visitar uma taverna perto do mercado de frutas — murmurou Dumusa para Onren quando ele estava fora do alcance da voz. — Ele passa todas as noites lá.

— E daí?

— Eu pensei que nós poderíamos ir também. Quando nos tornarmos cavaleiros, todos passaremos muito tempo juntos. Seria necessário que nos conhecêssemos bem. Você não concorda?

Onren sorriu.

— Dumu — disse ela. — Você está tentando me distrair para que eu não supere seu desempenho?

— Você sabe muito bem que me supera em tudo, exceto arco e flecha.

— Dumusa inspecionou seu arco mais uma vez. — Venha. Preciso sair deste lugar por algumas horas.

— Eu deveria dizer ao honrado General do Mar que má influência você é. — Onren se levantou e se espreguiçou. — Vamos, Tané?

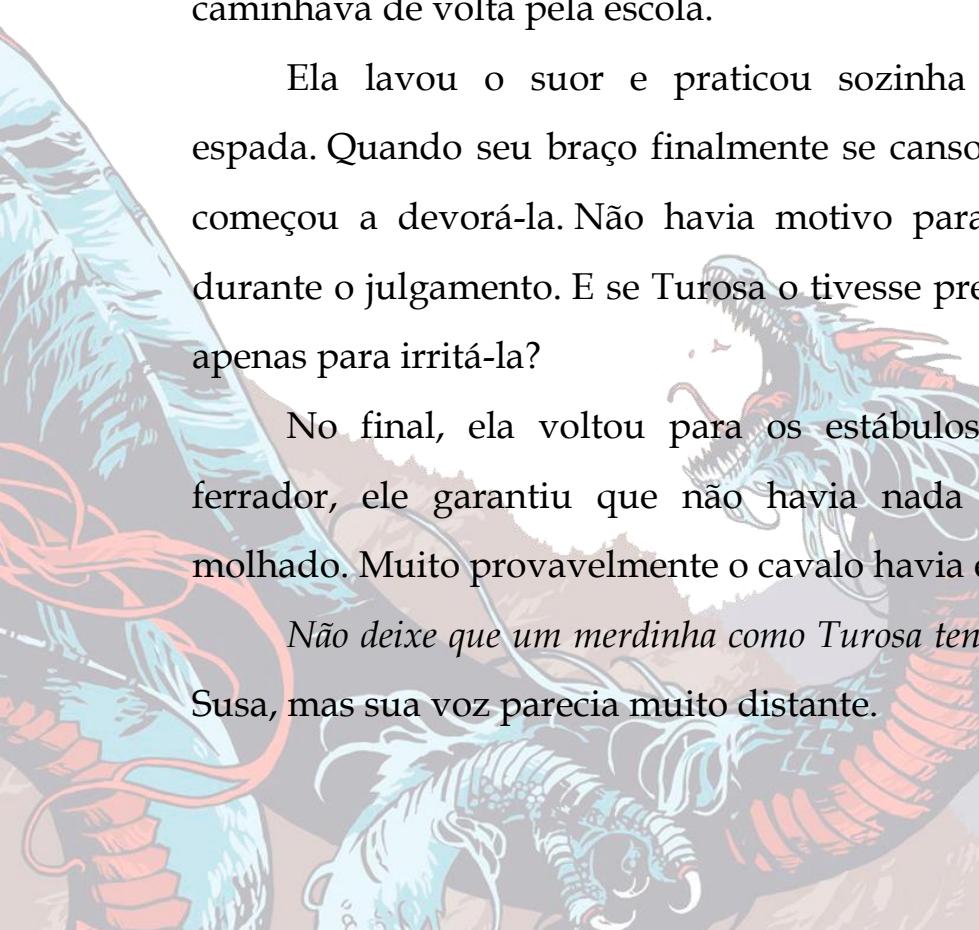
Tané demorou um pouco para perceber que as duas estavam olhando para ela, esperando uma resposta.

Elas estavam falando sério. No meio de suas provas de água, elas queriam ir a uma taverna.

— Obrigada — disse ela lentamente. — Mas devo ficar aqui e praticar para a próxima prova de água. — Ela fez uma pausa. — Você também não deveria estar se preparando para amanhã, Onren?

Onren bufou.

— Tenho praticado durante a maior parte da minha vida. Praticar ontem à noite não me ajudou hoje. Não — ela disse. — O que eu preciso esta



noite é uma bebida forte. E talvez uma forte... — ela olhou para Dumusa e, embora seus lábios tremessem no esforço de contê-lo, as duas riram.

Elas haviam perdido os sentidos. Certamente, em um momento como este, ninguém poderia se dar ao luxo de distrações.

— Espero que vocês aproveitem a noite — disse Tané, levantando-se. — Boa noite.

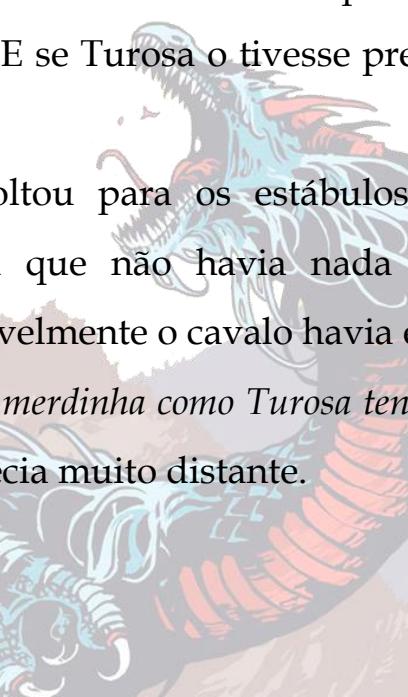
— Boa noite, Tané — disse Onren. Seu sorriso desapareceu e sua testa franziu. — Tente dormir um pouco, certo?

— Claro.

Tané atravessou o corredor e pendurou seu arco. Turosa, que estava prestes a praticar o combate desarmado com os amigos, olhou para ela e bateu com o punho na palma da mão.

Uma brisa úmida soprava pelos corredores, quente como o vapor da sopa recém-feita. O chão polido sacudia embaixo dela enquanto ela caminhava de volta pela escola.

Ela lavou o suor e praticou sozinha em seu quarto com sua espada. Quando seu braço finalmente se cansou, um verme de apreensão começou a devorá-la. Não havia motivo para seu cavalo ter tropeçado durante o julgamento. E se Turosa o tivesse prejudicado de alguma forma, apenas para irritá-la?



No final, ela voltou para os estábulos. Quando ela encontrou o ferrador, ele garantiu que não havia nada de errado. O chão estava molhado. Muito provavelmente o cavalo havia escorregado.

Não deixe que um merdinha como Turosa tente ser maior que você, disse Susa, mas sua voz parecia muito distante.

Tané passou o que restava da noite na sala de treinos, bifurcando espantalhos com punhais de arremesso. Só uma vez que conseguiu acertar os olhos de cada um, ela se permitiu voltar para o quarto, onde acendeu uma lamparina a óleo e começou sua primeira carta para Susa.

Até agora, as provações são tão difíceis quanto eu temia. Hoje meu cavalo escorregou e paguei o preço por isso.

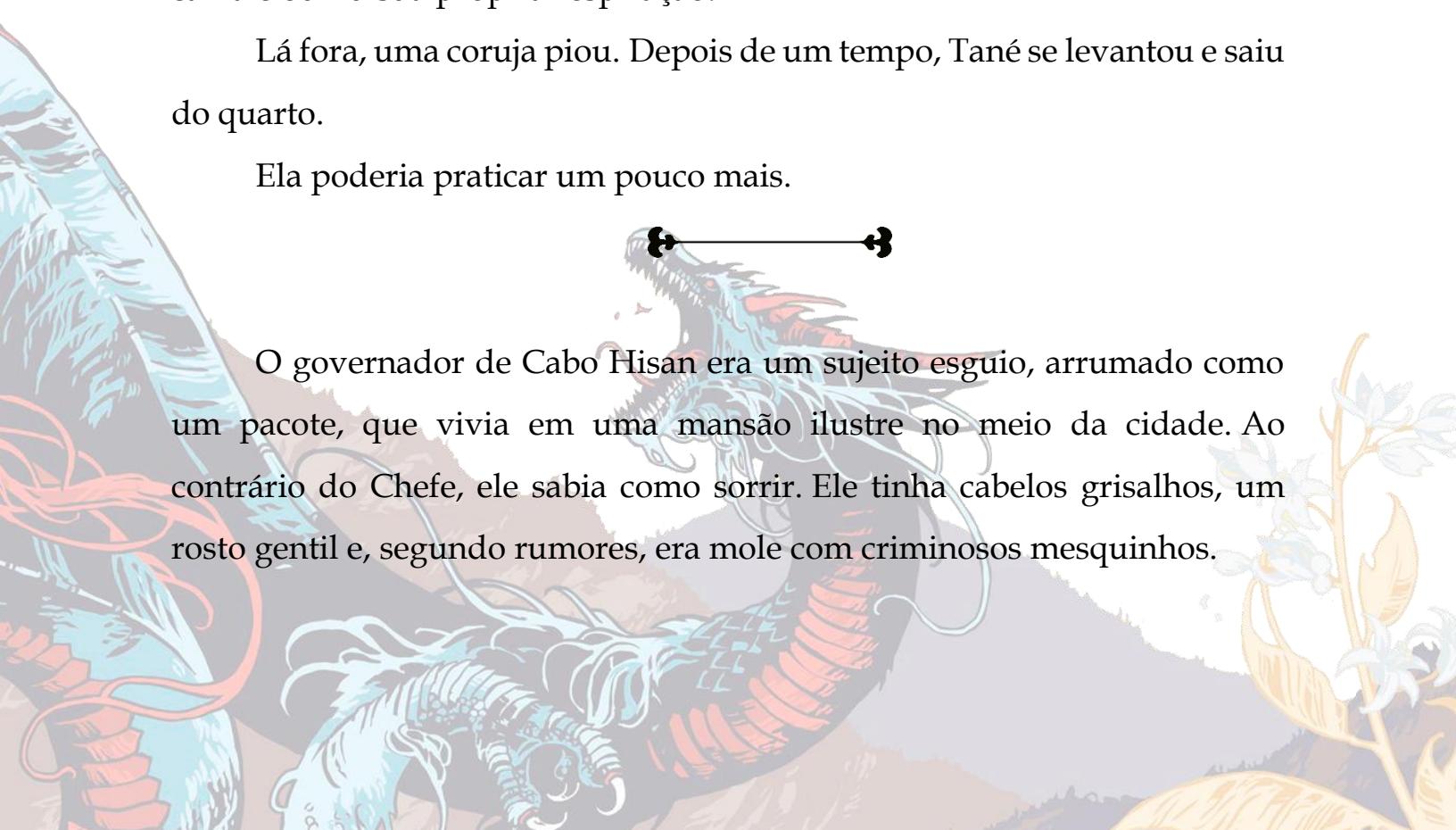
Embora eu sinta como se tivesse sangrado até a morte ao praticar, alguns dos outros parecem ter um desempenho tão bom quanto eu, sem trabalhar até a insônia. Eles bebem, fumam e riem uns com os outros, mas tudo que posso fazer é continuar a aprimorar minhas habilidades. Depois de quatorze anos de preparação, a água em mim não corre bem – e estou com medo, Susa.

Esses quatorze anos não são nada aqui. Somos julgados por hoje, não por ontem.

Ela o deu a um servo para enviá-la a Cabo Hisan, depois deitou-se na cama e ouviu sua própria respiração.

Lá fora, uma coruja piou. Depois de um tempo, Tané se levantou e saiu do quarto.

Ela poderia praticar um pouco mais.



O governador de Cabo Hisan era um sujeito esguio, arrumado como um pacote, que vivia em uma mansão ilustre no meio da cidade. Ao contrário do Chefe, ele sabia como sorrir. Ele tinha cabelos grisalhos, um rosto gentil e, segundo rumores, era mole com criminosos mesquinhos.

Uma pena que Niclays, tendo quebrado a regra fundamental de Seiiki, não pudesse de forma alguma ser considerado um *criminoso mesquinho*.

— Então — disse o Governador. — A mulher trouxe o forasteiro à sua porta.

— Sim — confirmou Niclays. Sua garganta estava quase seca demais para formar palavras. — Sim, de fato, honrado governador. Eu estava saboreando uma xícara de seu notável vinho Seiikinense momentos antes de sua chegada.

Eles o mantiveram em uma sala por vários dias. Ele havia perdido a conta na escuridão. Quando os soldados finalmente o retiraram, ele quase desmaiou, pensando que o estavam levando direto para o quarteirão. Em vez disso, eles o apresentaram a um médico, que examinou suas mãos e examinou seus olhos. Os soldados então deram roupas limpas a Niclays e o escoltaram até o oficial mais poderoso da região de Seiiki.

— Então você levou este homem para sua casa — disse o oficial. — Você acreditava que ele era um colono legal em Orisima?

Niclays pigarreou.

— Eu, ah- não. Eu conheço toda a gente na Orisima. Mas a mulher me ameaçou — disse ele, tentando parecer assombrado pela memória. — Ela... segurou uma adaga na minha garganta e disse que se eu não pegasse o forasteiro, ela me mataria.

Panaya havia lhe dito para ser honesto, mas toda boa história precisava de um pouco de enfeite.

Dois soldados de infantaria vigiavam por perto. Elmos de ferro cobriam suas cabeças e nádegas, presos por cordas verdes amarradas sob o

queixo. Em uníssono, eles deslizaram as telas para o lado, permitindo que mais dois soldados entrassem na sala. Eles seguravam alguém entre eles.

— Foi esta mulher? — perguntou o Governador.

Seu cabelo caía sobre os ombros. Um de seus olhos estava inchado e fechado. Pelo lábio inchado do soldado à sua esquerda, ela lutara. Alguém corajoso o negaria.

— Sim — admitiu Niclays.

Ela deu a ele um olhar odioso.

— Sim — o Governador ecoou. — Ela é uma musicista em um teatro em Cabo Hisan. O honrado Senhor da Guerra permite que alguns artistas Seiikinenses proporcionem entretenimento e conversas em certos dias em Orisima. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Você já foi visitado?

Niclays esboçou um sorriso tenso.

— Em geral, tenho me contentado com minha própria companhia.

— Bom — a mulher cuspiu nele. — Então você pode se foder, mentiroso amante da prata.

Uma dos soldados bateu nela.

— Quieta — ela retrucou.

Niclays estremeceu. A mulher desabou no chão, encolheu os ombros e pressionou a mão no rosto.

— Obrigado por confirmar que esta é a mulher — O Governador puxou sua caixa de escrever laqueada em sua direção. — Ela não dirá nada sobre como um estranho veio a esta ilha. Você sabe?

Niclays engoliu em seco. Sua saliva parecia tão espessa quanto uma sopa.

Dane-se a honestidade. Por mais longe que ela estivesse, ele não poderia implicar Truyde.

— Não — ele mentiu. — Ele não disse.

O Governador olhou por cima de seus óculos. Seus olhos pequenos e escuros tinham bolsas embaixo deles.

— Sábio Doutor Roos — disse ele, moendo um bastão de tinta com água. — Eu respeito seu conhecimento, então serei franco. Se você não puder me dizer mais nada, esta mulher será torturada.

A mulher começou a tremer.

— Não é nosso costume usar tais métodos, exceto nas circunstâncias mais graves. Temos evidências suficientes para provar que ela está envolvida em uma conspiração que pode ameaçar toda Seiiki. Se ela trouxe o estranho para Orisima, ela deve saber de onde ele veio em primeiro lugar. Portanto, ela deve estar ligada a contrabandistas, o que é punível com a morte... ou ela está protegendo outra pessoa, alguém que ainda não foi revelado. — O governador escolheu um pincel de sua caixa. — Se ela foi usada, o todo honrado Senhor da Guerra pode mostrar misericórdia. Tem certeza de que não sabe mais nada sobre o propósito de Sulyard aqui, ou quem pode tê-lo ajudado a entrar?

Niclays olhou para a mulher no chão. Um olho escuro olhou por trás de seu cabelo.

— Tenho certeza.

No momento em que disse isso, ele sentiu como se outro cassetete o tivesse arrancado de fôlego.

— Leve-a para a prisão — disse o Governador. Enquanto os soldados a puxavam para cima, a mulher começou a engasgar de pânico. Pela primeira vez, Niclays viu como ela era jovem. Não mais velha do que Truyde.

Jannart teria ficado com vergonha. Ele baixou a cabeça, enojado com a sensação de sua própria pele.

— Obrigado, Doutor Roos — o Governador disse. —, suspeitei desse estado de coisas, mas exigi sua confirmação.

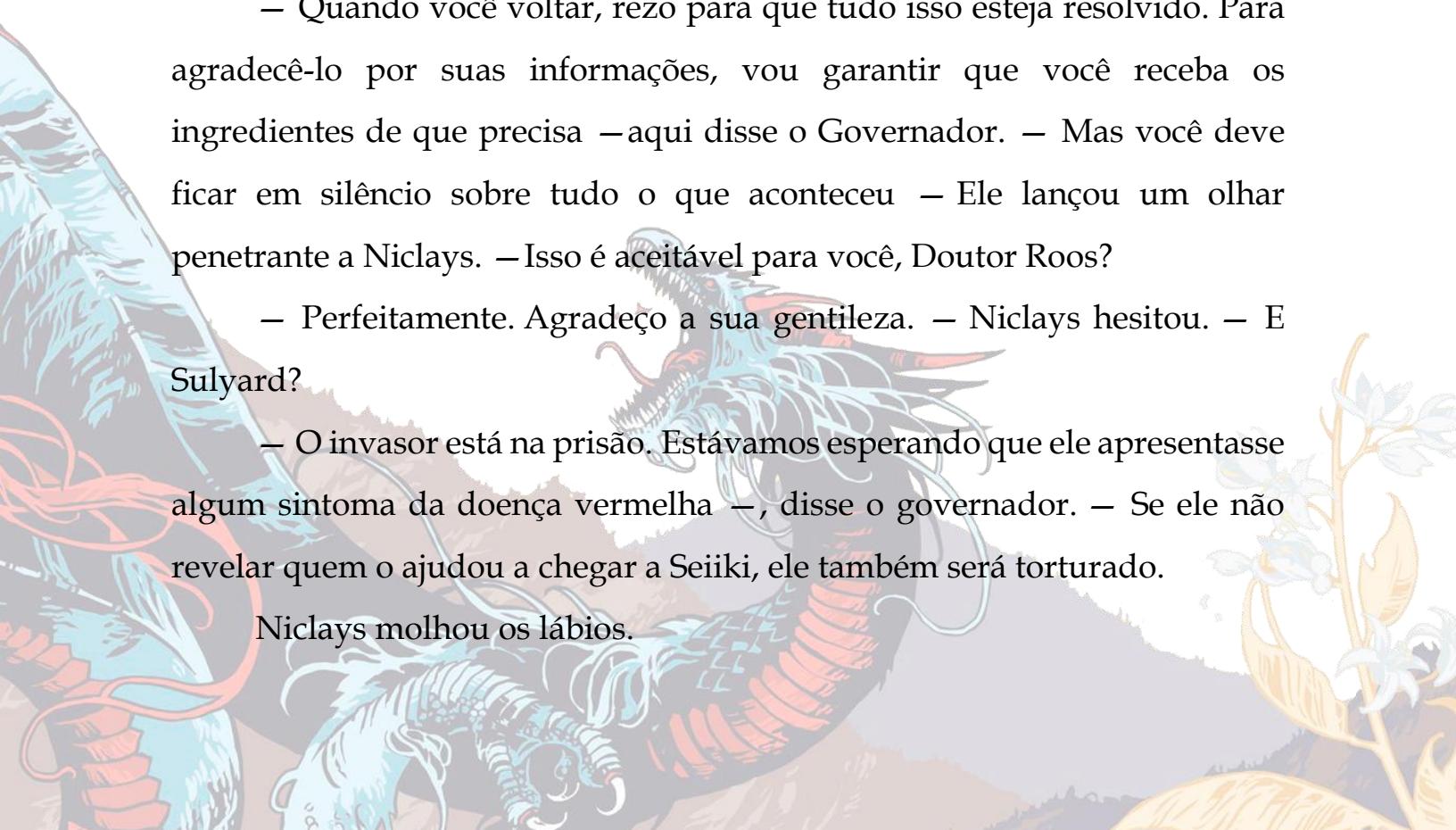
Quando os passos diminuíram no corredor externo, o governador passou vários minutos com a cabeça inclinada sobre a carta, durante os quais Niclays não ousou falar.

— Seu Seiikinese é muito bom. Pelo que entendi, você ensinou anatomia na Orisima — disse o governador por fim, fazendo Niclays começar. — Como você encontrou nossos alunos?

Era como se a mulher nunca tivesse existido.

— Aprendi tanto com eles quanto eles comigo — disse Niclays com sinceridade, e o governador sorriu. Aproveitando a oportunidade, Niclays acrescentou: — No entanto, estou com muito poucos ingredientes para... outro trabalho, que o honrado Grande Príncipe de Mentendon me garantiu que seria fornecido. Também temo que o honrado Chefe da Orisima tenha destruído meu aparelho.

— O honorável Chefe pode ter... excesso de zelo. — O governador largou o pincel. — Você não pode voltar para Orisima até que este assunto seja encerrado. Não deve ser de conhecimento público que um invasor conseguir trespassar seus muros, e devemos limpar o entreposto comercial



para garantir que não haja nenhum vestígio da doença vermelha. Infelizmente, devo colocá-lo em prisão domiciliar em Ginura enquanto conduzimos nossa investigação.

Niclays olhou para ele.

Ele não poderia ser tão afortunado. Em vez de tortura, eles estavam lhe dando liberdade.

— Ginura — ele repetiu.

— Por algumas semanas. É melhor retirarmos você da situação.

Niclays percebeu que a questão era diplomática. Ele havia abrigado um invasor. Um cidadão Seiikinês em sua posição seria condenado à morte por esse crime, mas a execução de um colono Mentish estragaria a delicada aliança com a Casa de Lievelyn.

— Sim. — Ele tentou parecer arrependido. — Sim, honrado Governador, é claro. Compreendo.

— Quando você voltar, rezo para que tudo isso esteja resolvido. Para agradecê-lo por suas informações, vou garantir que você receba os ingredientes de que precisa — aqui disse o Governador. — Mas você deve ficar em silêncio sobre tudo o que aconteceu — Ele lançou um olhar penetrante a Niclays. — Isso é aceitável para você, Doutor Roos?

— Perfeitamente. Agradeço a sua gentileza. — Niclays hesitou. — E Sulyard?

— O invasor está na prisão. Estábamos esperando que ele apresentasse algum sintoma da doença vermelha —, disse o governador. — Se ele não revelar quem o ajudou a chegar a Seiiki, ele também será torturado.

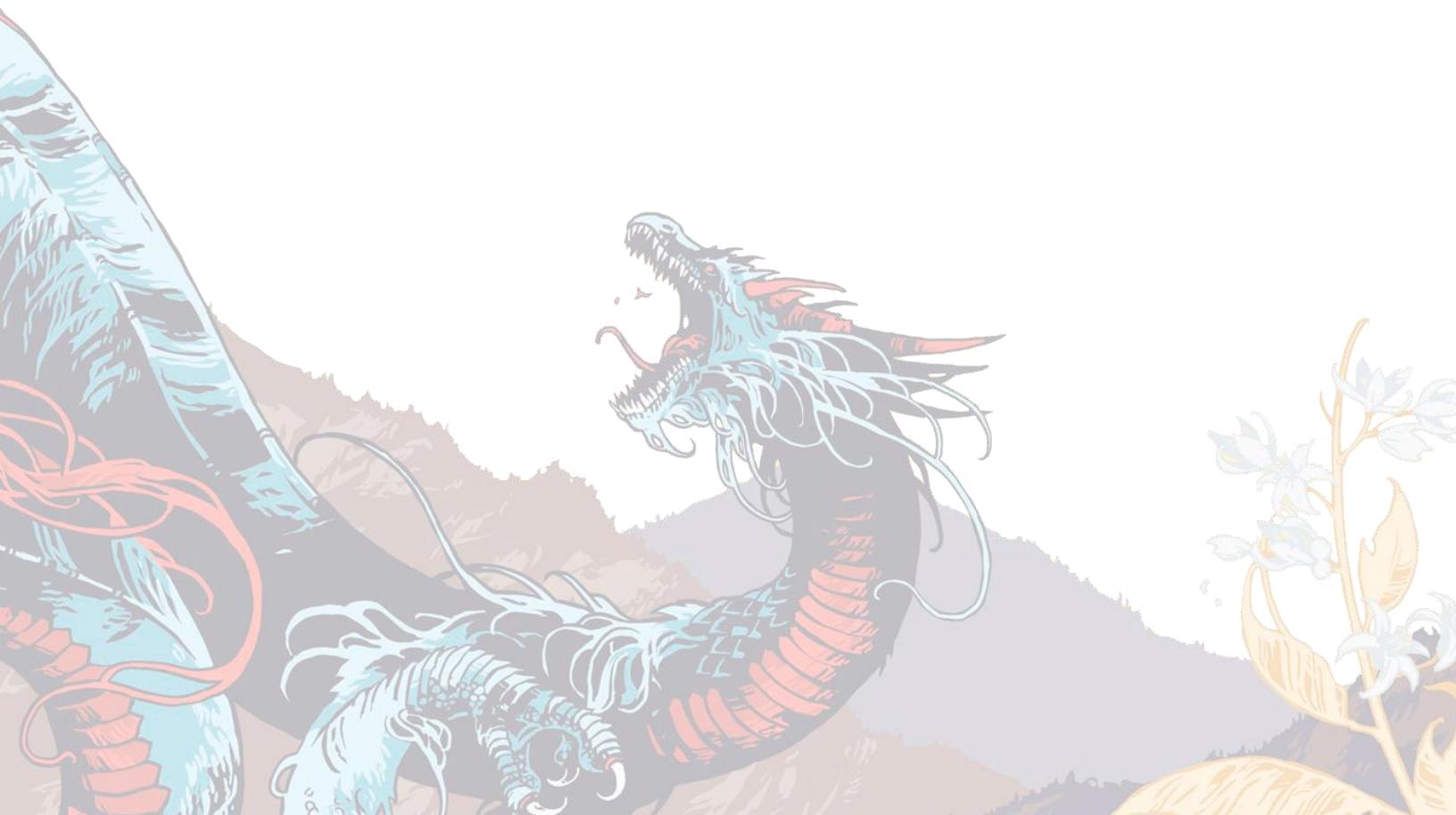
Niclays molhou os lábios.

— Talvez eu possa ajudá-lo — ele disse, mesmo se perguntando por que ele estava pedindo de boa vontade por um enredamento mais profundo nesta bagunça. — Como um companheiro de Virtudom, posso ser capaz de fazer Sulyard ver o sentido em confessar, se você me deixar visitá-lo antes de ir.

O governador pareceu considerar isso.

— Eu não gosto de derramamento de sangue onde pode ser evitado. Talvez amanhã — ele concedeu. — Por enquanto, devo enviar uma mensagem sobre esta situação infeliz ao todo-honrado Senhor da Guerra.

— Ele voltou sua atenção para sua escrita. — Descanse bem esta noite, Doutor Roos.



Capítulo 13

Leste

A próxima prova foi com facas. Como as outras, era observado pelo General do Mar e um grupo de estranhos em vestes azuis. Outros membros do clã Miduchi, que passaram por suas próprias provações há cinquenta anos. As pessoas cujo legado Tané poderia compartilhar se seu corpo não a abandonasse.

Seus olhos pareciam peixes-balão em seu crânio. Quando ela pegou cada faca, suas mãos pareciam escorregadias e desajeitadas. Ela ainda se saiu melhor do que todos os aprendizes, exceto Turosa, cuja habilidade com essas lâminas foi o que lhe rendeu tanto renome na Casa Norte.

Onren entrou no corredor logo depois que Turosa atingiu a pontuação perfeita. Seu cabelo estava solto e despenteado. O General do Mar ergueu as sobrancelhas, mas ela apenas se curvou para ele e se aproximou das facas.

Kanperu apareceu em seguida. O General do Mar ergueu ainda mais as sobrancelhas. Onren pegou uma lâmina, encontrou sua posição e a jogou pelo corredor no primeiro espantalho.

Cada faca encontrou seu alvo.

- Uma pontuação perfeita — observou o General do Mar. — Mas não se atrasse novamente, ilustre Onren.
- Sim, honrado General do Mar.

Naquela noite, os guardiões do mar foram acordados pelos servos e escoltados, ainda em suas vestes de dormir, até uma fila de palanquins. Escondida na dela, Tané roeu as unhas até o sabugo.

Eles emergiram de seus palanquins ao lado de um vasto lago alimentado por nascentes na floresta. Gotas de chuva corriam sua superfície.

— Membros da Guarda do Mar Superior são frequentemente acordados durante a noite para responder às ameaças a Seiiki. Eles devem nadar melhor que os peixes, pois podem ser separados a qualquer momento de seu navio ou de seu dragão — disse o General do Mar. — Oito pérolas Sundance foram espalhadas neste lago. Se vocês recuperarem uma, isso me encorajará a classificá-los melhor.

Turosa já estava se despindo. Lentamente, Tané tirou o robe de dormir e entrou até a cintura.

Vinte e seis guardiões do mar e apenas oito pérolas. Elas seriam difíceis de encontrar na escuridão.

Ela fechou os olhos e liberou o pensamento. Quando o General do Mar deu a ordem, ela cortou o lago.

A água a envolveu. Água límpida e doce, fria contra sua pele. Seu cabelo ondulou ao redor dela como algas marinhas quando ela se virou, procurando um vislumbre de um verde prateado. Onren entrou no lago com apenas um respingo. Ela mergulhou, agarrou seu tesouro e deslizou para cima em um arco gracioso. Ela nadava como um dragão.

Determinada a ser a próxima, Tané se aventurou mais fundo. A primavera, ela raciocinou, levaria as pérolas para o oeste. Virando-se, ela

desceu suavemente para o leito e nadou usando apenas as pernas, passando as mãos como um fantasma pelo lodo enquanto ia.

Seu peito estava apertado no momento em que seus dedos roçaram uma pequena pérola. Ela emergiu quase em uníssono com Turosa, que sacudiu o cabelo para trás e ergueu sua pérola para inspecioná-la.

— Pérolas Sundance. Usada pelos escolhidos deuses — ele disse. — Antes eram símbolos de patrimônio, de história. — Ele mostrou um sorriso como uma lâmina. — Agora elas adornam tantos camponeses, elas podem muito bem ser sujeira.

Tané o olhou nos olhos e disse:

— Você nadou bem, honorável Turosa.

Isso o fez rir.

— Oh, aldeã. Vou fazer você de tão boba que eles nunca vão deixar uma camponesa sujar o clã Miduchi novamente. — Ele passou nadando. — Prepare-se para cair.

Ele avançou para a beira do lago. Tané seguiu à distância.

Corria o boato de que, no julgamento final, cada aprendiz principal sempre lutaria com outro. Ela já havia duelado com Onren. Seu oponente seria Turosa ou Dumusa.

Se fosse o primeiro, ele faria tudo ao seu alcance para quebrá-la.

Niclays passou uma noite agitada na mansão do governador do cabo Hisan. A roupa de cama era muito mais luxuosa do que a de Orisima, mas a

chuva castigava o telhado de telhas e não lhe dava sossego. Além disso, estava insuportavelmente úmido, como sempre no verão Seiikinês.

Em algum momento durante a madrugada, ele se levantou da pilha pegajosa de roupa de cama e moveu a tela da janela para o lado. A brisa estava quente e densa como um caldo, mas pelo menos ele podia ver as estrelas. E pensar.

Nenhuma pessoa educada poderia acreditar em fantasmas. Os charlatães professavam que os espíritos dos mortos viviam em um elemento chamado éter - pura baba. No entanto, havia um sussurro em seu ouvido de que ele sabia ser Jannart, dizendo-lhe que o que ele tinha feito para aquela musicista era um crime.

Fantasmas eram as vozes que os mortos deixavam para trás. Ecos de uma alma tomada muito cedo.

Jannart teria mentido para manter a musicista segura. Então, novamente, Jannart era bom em mentir. A maior parte de sua vida foi uma performance. Trinta anos mentindo para Truyde. Para Oscarde.

E, claro, para Aleidine.

Niclays estremeceu. Um arrepió percorreu sua barriga quando ele se lembrou do olhar dela no sepulcro. Ela sabia o tempo todo. Ela sabia e não disse nada.

Não é culpa dela que meu coração pertença a você, Jannart lhe disse uma vez, e ele falou a verdade. Como muitos sindicatos entre aqueles de sangue nobre, o deles foi organizado por suas famílias. O noivado foi selado no dia em que Jannart completou 20 anos, um ano antes de Niclays o conhecer.

Ele não tinha conseguido enfrentar a ida ao casamento. O nó nas cordas de seus destinos o torturou. Se ao menos ele tivesse chegado à corte mais cedo, eles poderiam ter sido companheiros.

Ele bufou. Como se o Marquês de Zeedeur tivesse permissão para se casar com um ninguém sem um tostão de Rozentun. Aleidine era uma plebeia, mas sua mão em casamento trazia joias. Niclays, recém-saído da universidade, só teria trazido dívidas à família.

Aleidine deve ter passado dos sessenta agora. Seu cabelo ruivo seria atado com prata, sua boca emoldurada por linhas. Oscarde tinha pelo menos quarenta anos. Santo, como os anos voaram.

A brisa não fez nada para esfriá-lo. Derrotado, ele fechou a tela e deitou-se na cama.

O calor regou sua pele. Ele desejava dormir, mas sua mente se recusava a se acalmar, e um fogo baixo queimava em seu tornozelo.

Pela manhã, não havia sinal do fim da tempestade. Ele a observou regar o terreno da mansão. Os servos trouxeram-lhe coalhada de feijão e chá de cevada para quebrar seu jejum.

Ao meio-dia, um servo informou-o de que o governador havia atendido seu pedido. Ele deveria visitar Triam Sulyard na prisão e extrair todas as informações que pudesse do menino. Os servos também lhe deram uma bengala nova, feita de madeira mais forte e mais leve. Ele implorou um pouco de água para eles. Eles a trouxeram em uma cabaça.

Um palanquim fechado o levou para a prisão ao anoitecer. Seguro dentro de sua caixa, Niclays espiou pelas persianas.

Em sete anos, ele nunca deu um passo para Cabo Hisan. Ele tinha ouvido sua música e sua tagarelice, vislumbrado suas luzes – como estrelas caídas – e ansiava por caminhar por suas ruas, mas permanecera um mistério para ele. Seu mundo havia sido fechado em um punho de paredes altas.

A luz vinda de lá revelava uma cidade movimentada. Em Orisima, ele era cercado por lembretes de Mentendon. Agora ele se lembrava de como estava longe de casa. Nenhum povoado ocidental cheirava a cedro ou a incenso afundando. Nenhum assentamento ocidental vendia tinta de lula ou carros alegóricos iridescentes para pesca.

E, claro, nenhuma cidade ocidental prestava homenagem aos dragões. Os sinais de sua presença estavam por toda parte. Os mercadores anunciavam amuletos em cada esquina, prometendo sorte e socorro aos senhores do mar e da chuva. Quase todas as ruas abrigavam um santuário de madeira flutuante e uma bacia de água salgada.

O palanquim parou do lado de fora da prisão. Assim que foi destrancada, Niclays saiu e deu um tapa em um mosquito para longe de seu rosto. Um par de sentinelas da prisão o empurrou pelo portão.

A primeira coisa que o atingiu foi o odor de merda e urina de dar água nos olhos. Ele levou uma das mangas ao nariz e à boca. Quando eles passaram pelo campo de execução, a força abandonou suas pernas. Cabeças podres estavam expostas em um estande, línguas inchadas como larvas de cachos.

Sulyard estava escondido em uma cela subterrânea. Ele estava deitado de bruços em sua cela, um pano em volta da cintura. Os sentinelas foram

suficientemente bons para entregar uma lamparina a Niclays antes de partirem.

Seus passos diminuíram para a escuridão. Niclays ajoelhou-se e agarrou-se a uma das barras de madeira.

— Sulyard. — Ele bateu com a bengala no chão. — Pareça animado.

Nada. Niclays enfiou a bengala nas barras e deu uma cutucada firme em Sulyard. Ele se mexeu.

— Truyde — ele murmurou.

— Desculpe desapontar. É Roos.

Houve uma pausa.

— Doutor Roos. — Sulyard se desdobrou. — Eu pensei que estava sonhando.

— Quem dera você estivesse.

Sulyard estava em péssimo estado. Seu rosto estava inchado como massa no forno, e sua testa estava pintada com os caracteres de *invasor*. Sangue seco escorria por suas costas e coxas.

Sulyard não tinha proteção de um príncipe do outro lado do mar. Niclays poderia ter ficado chocado com a brutalidade uma vez, mas as nações de Virtudom usavam meios mais cruéis para destruir a verdade dos prisioneiros.

— Sulyard — disse Niclays — diga-me o que você disse aos questionadores.

— Somente a verdade. — Sulyard tossiu. — Que eu vim à terra implorar ao Senhor da Guerra por ajuda.

— Não sobre isso. Sobre como você alcançou Orisima. — Niclays se aproximou mais. — A outra mulher, a primeira mulher que você viu, a que estava na praia. Você contou a eles sobre ela?

— Não.

Niclays fez tudo o que pôde para não torcer o cérebro dura pela garganta. Em vez disso, ele abriu a cabaça.

— Bebida. — Ele a empurrou entre as barras. — A primeira mulher levou você para o distrito dos teatros em vez de denunciá-lo. Foi o crime dela que o levou a Orisima. Você deve ser capaz de descrevê-la, seu rosto, suas roupas, *alguma coisa*. Sirva-se, Sulyard.

Uma mão manchada de sangue alcançou a cabaça.

— Ela tinha cabelos longos e escuros e uma cicatriz no topo da bochecha esquerda. Como um anzol. — Sulyard bebeu. — Eu acho que... que ela era da mesma idade que eu, ou mais jovem. Ela usava sandálias e um casaco de tecido cinza sobre uma túnica preta.

— Ofereça esta informação aos seus captores — pediu Niclays. — Em troca de sua vida. Ajude-os a encontrá-la, e eles podem mostrar misericórdia.

— Implorei que me ouvissem — Sulyard parecia delirante. — Eu disse que vim de Sua Majestade, que era seu embaixador, que meu navio naufragou. Nenhum deles iria ouvir.

— Mesmo se você *fosse* um verdadeiro embaixador, o que claramente não é, eles não o receberiam. — Niclays olhou por cima do ombro. Os sentinelas logo voltariam para buscá-lo. — Ouça com atenção agora, Sulyard. O governador do Cabo Hisan está me mandando para a capital

enquanto o assunto é investigado. *Deixe-me* levar sua mensagem ao Senhor da Guerra.

Novas lágrimas encheram seus olhos.

— Você faria isso por mim, Doutor Roos?

— Se você me contar mais sobre o seu empreendimento. Diga-me por que você acredita que Sabran precisa de uma aliança com Seiiki.

Ele não tinha ideia se seria capaz de manter sua palavra, mas precisava saber exatamente por que esse menino estava aqui. O que Truyde conspirou com ele para fazer.

— Obrigado — Sulyard estendeu a mão por entre as barras e pegou Niclays pela mão. — Obrigado, Doutor Roos. O Cavaleiro da Sociedade me abençoou com sua companhia.

— Tenho certeza — disse Niclays secamente.

Ele esperou. Sulyard apertou sua mão e baixou a voz até um sussurro.

— Truyde e eu — ele começou — nós... nós acreditamos que o Inominável despertará muito em breve. Que a resistência da Casa de Berethnet nunca foi o que o manteve preso. Que aconteça o que acontecer, ele voltará, e é por isso que seus servos têm se mexido. Eles estão atendendo a seu chamado.

Seus lábios tremiam enquanto ele falava. Expressar a ideia de que a Casa de Berethnet não era o que mantinha o Inominável à distância era alta traição em Virtudom.

— O que o levou a acreditar nisso? — perguntou Niclays, perplexo. — Que condenador assustou você, garoto?

— Não foi um condenador. Livros. Seus livros, Doutor Roos.

— Meus?

— Sim. Os livros de alquimia que você deixou para trás — sussurrou Sulyard. — Truyde e eu estávamos planejando encontrar você em Orisima. O Cavaleiro da Sociedade me levou para o seu lado. Você não vê que esta é uma missão divina?

— Não, eu não, seu repolho estúpido.

— Mas...

— Você realmente pensou que os governantes do Oriente seriam mais simpáticos a essa proposta maluca do que Sabran? — Niclays zombou. — Você pensou que iria cruzar o Abismo e arriscar suas cabeças... porque vocês dois folhearam alguns livros sobre alquimia. Livros que os alquimistas levam décadas, se não vidas, para entender. Se eles fizerem isso.

Ele quase teve pena de Sulyard por sua loucura. Ele era jovem e bêbado de amor. O menino deve ter se convencido de que era como Lorde Wulf Glenn ou Sir Antor Dale, os heróis românticos da história de Inysh, e deve honrar sua dama correndo de cabeça para o perigo.

— Por favor, Doutor Roos, eu imploro, ouça-me. Truyde *não* entende esses livros. Ela acredita que existe um equilíbrio natural no mundo, como os antigos alquimistas faziam, — Sulyard tagarelou. — Ela *acredita* no seu trabalho e acredita que encontrou uma maneira de aplicá-lo ao nosso mundo. Para a nossa história.

Equilíbrio natural. Ele estava se referindo às palavras marcadas na Placa de Rumelabar, há muito perdida, palavras que fascinaram os alquimistas por séculos.

O que está abaixo deve ser equilibrado com o que está acima,

e nisso está a precisão do universo.

O fogo sobe da terra, a luz desce do céu.

Muito de um inflama o outro,

e nisso está a extinção do universo.

— Sulyard — disse Niclays entre dentes. — Ninguém entende naquela placa miserável. Isso é suposição e loucura.

— Eu também não estava convencido no início. Eu estava em negação. Mas quando vi a paixão em Truyde... — Sulyard apertou ainda mais. — Ela me explicou. Que quando os wyrms perderam suas chamas e caíram em seu longo sono, os dragões orientais ficaram fortes. Agora eles estão perdendo suas forças mais uma vez, e as raças Dracônicas estão despertando. Você não vê? É um ciclo.

Niclays olhou novamente para aquele rosto feio. Sulyard não era o autor desta missão.

Truyde. Era Truyde. Seu coração e sua mente eram o solo de onde surgiram. Como ela se tornou parecida com seu avô. A obsessão que o matou estava viva em seu sangue.

— Vocês são dois tolos — disse ele com voz rouca.

— Não.

— Sim — sua voz falhou. — Se você sabe que os dragões estão perdendo força, por que diabos você quer a ajuda deles?

— Porque eles são mais fortes do que nós, Doutor Roos. E temos uma chance melhor com eles do que sozinhos. Se quisermos ter esperança de vitória...

— Sulyard — disse Niclays, mais suavemente. — Pare. O Senhor da Guerra não vai ouvir isso. Assim como Sabran não vai ouvir.

— Eu queria tentar. O Cavaleiro da Coragem nos ensina a levantar a voz quando os outros temem falar. — Sulyard balançou a cabeça, as lágrimas brotando. — Estábamos errados em ter esperança, Doutor Roos?

De repente, Niclays sentiu-se exausto. Este homem morreria em vão a um mundo de distância de casa. Só havia uma coisa a fazer. Mentir.

— É verdade que eles negociam com Mentendon. Talvez eles escutem.

— Niclays deu um tapinha na mão suja que segurava a sua. — Perdoe um velho por seu cinismo, Sulyard. Eu vejo sua paixão. Estou convencido de sua sinceridade. Vou pedir uma audiência com o Senhor da Guerra e apresentar seu caso a ele.

Sulyard empurrou seu peso para o cotovelo.

— Doutor Roos... — Sua voz engrossou. — Eles não vão te matar?

— Vou arriscar. Os Seiikinenses respeitam meu conhecimento como anatomicista e sou um colono legítimo — disse Niclays. — Deixe-me tentar. Eu suspeito que o pior que eles vão fazer comigo é rir.

Lágrimas encheram aqueles olhos injetados de sangue.

— Não sei como te agradecer.

— Eu tenho um jeito — Niclays agarrou seu ombro. — Pelo menos tente se salvar. Quando eles vierem atrás de você, conte a eles sobre a mulher na praia. Jure para mim que você vai dizer a eles.

Sulyard assentiu.

— Eu juro. — Ele deu um beijo na mão de Niclays. — O Santo o abençoe, Doutor Roos. Há um assento para você em sua Grande Mesa ao lado do Cavaleiro da Coragem.

— Ele pode ficar com ele — murmurou Niclays. Ele não podia imaginar tormento maior do que festejar com um círculo de fanfarrões mortos pela eternidade.

Quanto ao Santo, ele teria seu trabalho interrompido se pretendia salvar aquele desgraçado.

Ele ouviu os sentinelas se aproximando e se retirou. Sulyard encostou o rosto no chão.

— Obrigado, Doutor Roos. Por me dar esperança.

— Boa sorte, Triam, o Louco — disse Niclays baixinho, e se permitiu ser levado de volta para a chuva.

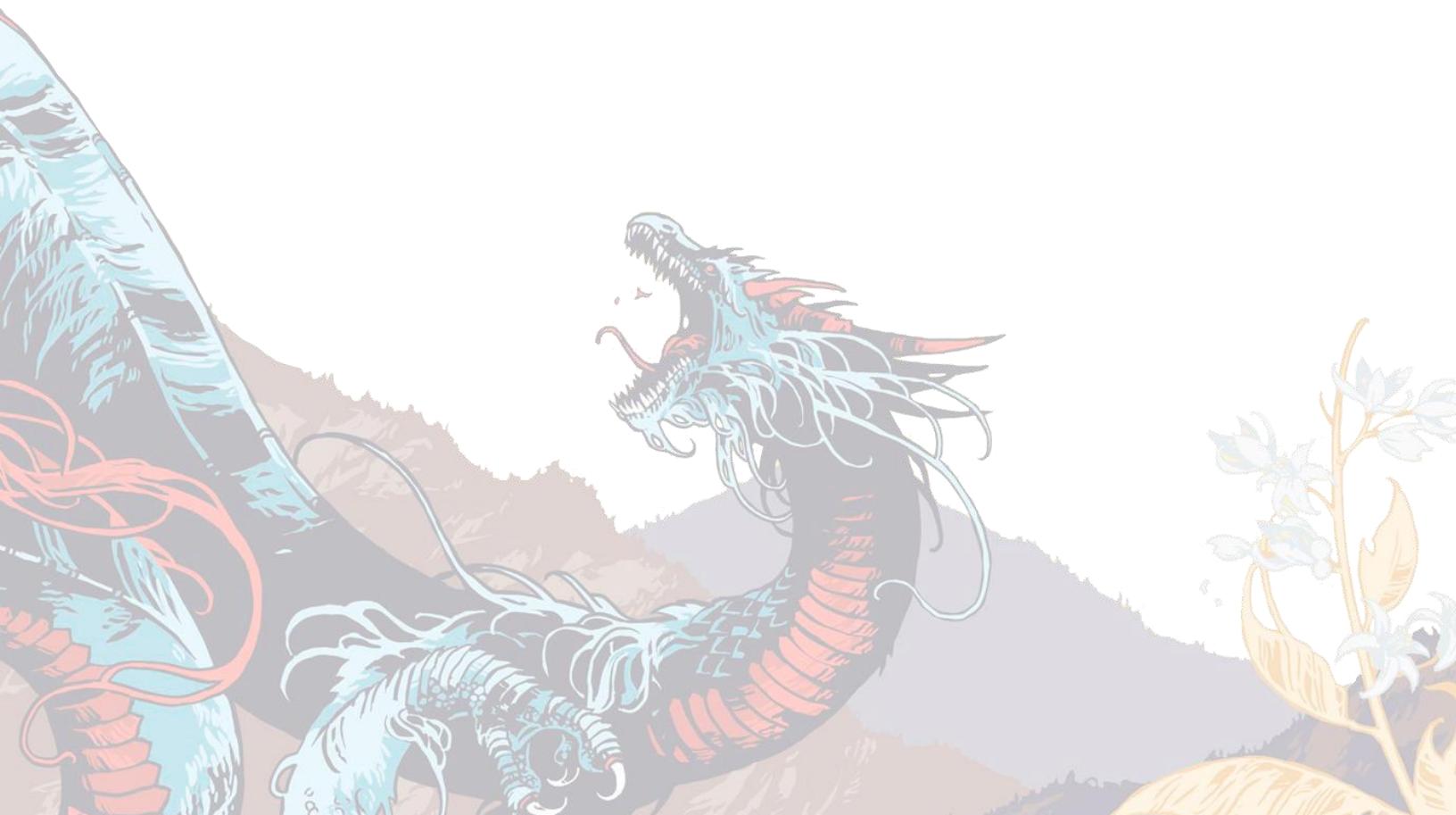
Outro palanquim estava esperando nos portões da prisão. Era muito menos grandioso do que aquele que o levara ao governador, carregado por quatro novos porta-cadeiras. Uma deles se curvou para ele.

— Doutor Roos — disse ela. — Temos ordens de devolvê-lo ao honrado Governador de Cabo Hisan, para que possa relatar o que descobriu. Depois disso, vamos levá-lo para Ginura.

Niclays acenou com a cabeça, cansado até os ossos. Ele diria ao governador de Cabo Hisan apenas que o forasteiro desejava ajudar a identificar uma segunda pessoa que o havia ajudado. Era aí que seu envolvimento terminaria.

Enquanto se içava para o palanquim, Niclays se perguntou se algum dia veria Triam Sulyard novamente. Pelo bem de Truyde, ele esperava que sim.

Para seu próprio bem, ele esperava que não.



Capítulo 14

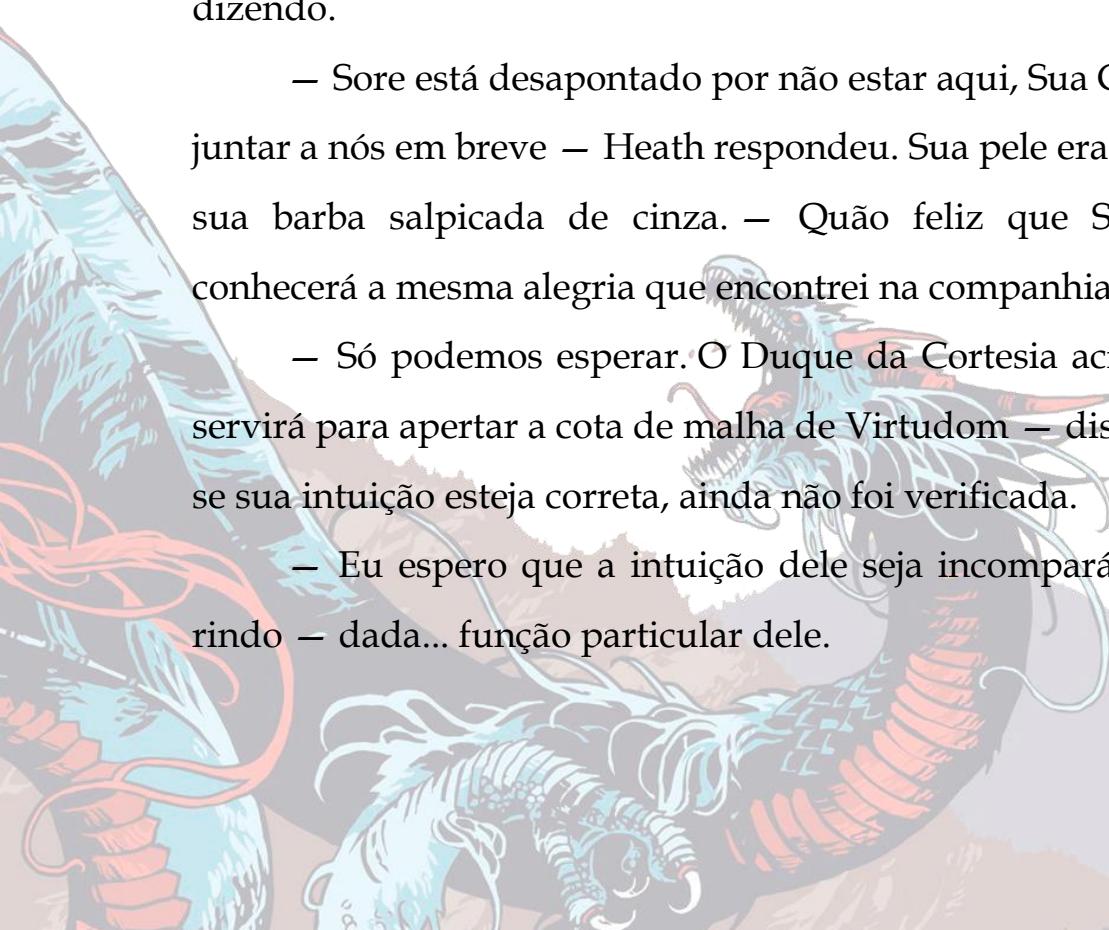
Oeste

Pouco depois que os arautos receberam a notícia do noivado entre Inys, Aubrecht Lievelyn avisou que estava se preparando para navegar com sua comitiva, composta por cerca de oitocentas pessoas. Os dias que se seguiram foram um vento redondo de preparação como Ead jamais conhecera.

A comida vinha na carga de barro de Leas e Downs. A família Glade enviou barris de vinho de seus vinhedos. As Câmaras Extraordinárias, que poderiam ser chamadas para servir na Casa Alta em ocasiões especiais – aniversários significativos, as festas sagradas – fixaram residência na corte. Novos vestidos foram feitos para a rainha e suas damas. Cada canto do Palácio Ascalon foi reformado e polido, até o último castiçal. Pela primeira vez, parecia que a rainha Sabran estava falando sério sobre aceitar um pretendente. A excitação queimava pelo palácio como um incêndio na terra.

Ead tentou ao máximo manter o ritmo. Embora a febre a tivesse drenado, o médico real aprovou pessoalmente seu retorno ao trabalho. Mais uma prova de que os médicos Inysh eram charlatães.

Pelo menos Truyde utt Zeedeur estava mantendo a cabeça baixa. Ead não tinha ouvido mais rumores sobre feitiçaria.



Por enquanto, ela estava segura.

Havia quase mil residentes na corte em qualquer época do ano, mas enquanto Ead atravessava o palácio com cestos de flores e braçadas de tecido de prata, ela parecia estar passando por mais e mais pessoas. Ela vigiava todos os dias os estandartes dourados do Ersyr e o homem que viria abaixo deles, disfarçado de embaixador do rei Jantar e da rainha Saiyma. Chassar uq-Ispad, que a trouxera para Inys.

Primeiro vieram os convidados de outras partes do reino. Os condes provinciais e suas famílias estavam entre os mais conhecidos. Ao entrar no claustro uma manhã, Ead avistou Lorde Ranulf Heath, o Jovem, primo da falecida Rainha Rosarian, do outro lado do pátio. Ele estava em uma conversa profunda com Dama Igrain Crest. Como sempre fazia na corte, Ead parou para ouvir.

— E como está seu companheiro, meu senhor? — Crest estava dizendo.

— Sore está desapontado por não estar aqui, Sua Graça, mas ele vai se juntar a nós em breve — Heath respondeu. Sua pele era marrom e sardenta, sua barba salpicada de cinza. — Quão feliz que Sua Majestade logo conhecerá a mesma alegria que encontrei na companhia.

— Só podemos esperar. O Duque da Cortesia acredita que a aliança servirá para apertar a cota de malha de Virtudom — disse Crest. — Embora se sua intuição esteja correta, ainda não foi verificada.

— Eu espero que a intuição dele seja incomparável — Heath disse, rindo — dada... função particular dele.



— Oh, há coisas que até Seyton sente falta — comentou Crest, com um raro sorriso no rosto. — Como o cabelo dele está ficando fino, por exemplo. Mesmo um falcão não pode ver a parte de trás de sua própria cabeça — Heath sufocou uma risada. — Claro, todos nós oramos para que Sua Majestade logo tenha uma filha.

— Sim, mas ela é jovem, Sua Graça, e Lievelyn também. Dê-lhes tempo para se conhecerem primeiro.

Ead teve que concordar. Poucos Inysh pareciam se importar se Sabran e Lievelyn se conheciam de um capão de pelúcia, desde que estivessem casados.

— É vital que tenhamos uma herdeira o mais rápido possível — disse Crest, como se fosse uma deixa. — Sua Majestade conhece seu dever nessa frente.

— Bem, ninguém guiou Sua Majestade em seu dever melhor do que você, Sua Graça.

— Você é muito gentil. Ela tem sido meu orgulho e alegria. Infelizmente — Crest disse —, o meu não é mais o único conselho que ela segue. Nossa jovem rainha está determinada a seguir seu próprio caminho.

— Como todos nós devemos, Sua Graça.

Eles se separaram. Ead mal teve tempo de recuar antes que a duquesa dobrasse a esquina, quase se lançando contra ela.

— Senhora Duryan. — A compostura foi recuperada. — Bom dia, minha querida.

Ead fez uma reverência.

— Sua graça. — Crest assentiu e deixou o claustro. Ead caminhou na direção oposta.

Crest poderia muito bem zombar de Combe, mas, na verdade, o Falcão da Noite não perdia nada. Pareceu a Ead extraordinário que ele não conseguisse ver quem estava contratando os assassinos.

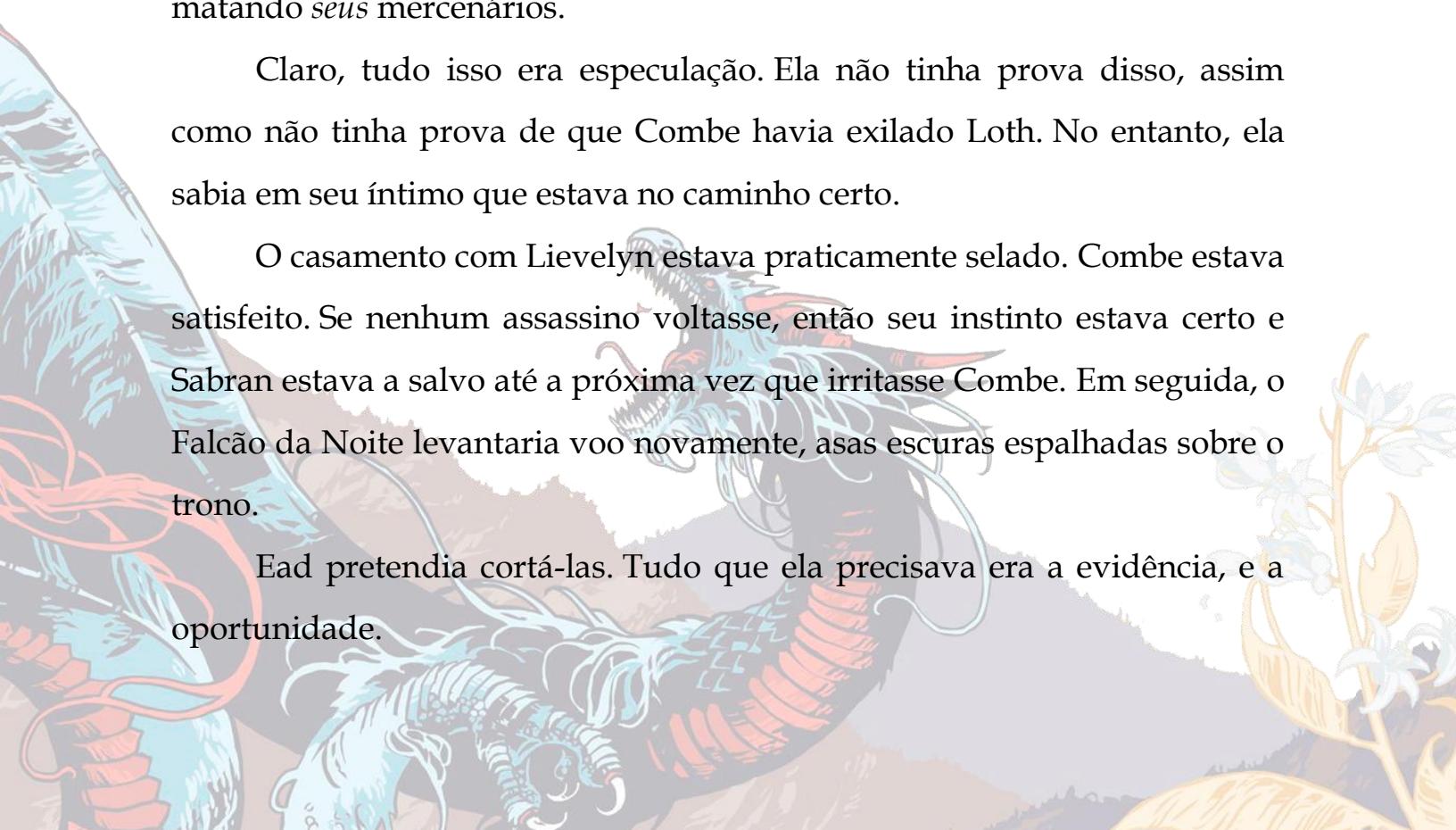
Ela diminuiu a velocidade quando uma possibilidade ocorreu a ela. Pela primeira vez, ela considerou que o próprio Combe poderia ser o arquiteto por trás dos ataques. Ele teria os meios para arranjá-los. Para trazer pessoas invisíveis para a corte, assim como ele varria outras para fora. Ele também se encarregava de interrogar os assassinos sobreviventes. E eliminá-los.

Não havia razão para Combe desejar a morte de Sabran. Ele era um descendente da Sagrada Comitiva, seu poder vinculado à Casa de Berethnet... mas talvez ele acreditasse que poderia agarrar ainda mais se a Rainha de Inys caísse. Se Sabran morresse sem filhos, o povo cederia ao medo de que o Inominável estivesse chegando. Em um caos como aquele, o Falcão da Noite poderia se erguer.

No entanto, cada assassino estragava o trabalho. Ead não sentia sua mão nisso. Ela também não estava convencida de que ele se arriscaria à instabilidade de uma Inys sem a Casa de Berethnet. O espião mestre não funcionava dessa forma. Ele não deixava nada ao acaso.

Foi quando ela estava na metade do caminho através do Jardim Sundial que ela percebeu.

Que o erro foi deliberado.



Ela se lembrou de como cada ataque parecia encenado. Como cada assassino havia delatado o jogo. Mesmo o último não tinha ido direto para a morte. Ele tinha demorado.

Nisso ela poderia encontrar Combe. Talvez ele nunca tivesse pretendido matar Sabran, mas manipulá-la. Para lembrá-la de sua mortalidade e da importância de uma herdeira. Para assustá-la e fazê-la aceitar Lievelyn. Combinava com sua maneira de fazer com que a corte tivesse a aparência que ele desejava.

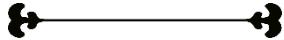
Exceto que ele não havia previsto Ead. Ela deteve a maioria dos assassinos antes que pudessem chegar perto o suficiente para aterrorizar Sabran. Deve ser por isso que ele deu ao último a chave da Escada Secreta. Para aumentar suas chances de chegar ao Grande Quarto de Dormir.

Ead se permitiu um sorriso. Não admira que Combe quisesse encontrar o protetor anônimo. Se ela estivesse certa, ela estava matando *seus* mercenários.

Claro, tudo isso era especulação. Ela não tinha prova disso, assim como não tinha prova de que Combe havia exilado Loth. No entanto, ela sabia em seu íntimo que estava no caminho certo.

O casamento com Lievelyn estava praticamente selado. Combe estava satisfeito. Se nenhum assassino voltasse, então seu instinto estava certo e Sabran estava a salvo até a próxima vez que irritasse Combe. Em seguida, o Falcão da Noite levantaria voo novamente, asas escuras espalhadas sobre o trono.

Ead pretendia cortá-las. Tudo que ela precisava era a evidência, e a oportunidade.



Os convidados continuavam a chegar. As famílias dos Duques Espirituais. Cavaleiros errantes, que lidavam com pequenos crimes e procuravam wyrms adormecidos para matar. Santos em herigautas de mangas compridas. Barões e baronetes. Prefeitos e magistrados.

Logo os visitantes tão esperados do Reino de Hróth começaram a chegar. O rei Raunus, da Casa de Hraustr, havia enviado uma série de representantes de alto escalão para testemunhar a união. Sabran deu-lhes as boas-vindas com afeto genuíno, e o palácio logo começou a vibrar com canções e risos do norte.

Não muito tempo atrás, deveria haver Yscals aqui. Ead se lembrou bem da última visita de representantes da Casa de Vetalda, quando a Donmata Marosa viera para a celebração dos mil anos de governo Berethnet. Agora a ausência deles era outra lembrança do futuro incerto.

Na manhã seguinte, Aubrecht Lievelyn deveria chegar ao Palácio de Ascalon, os cortesãos e convidados mais importantes lotavam a Câmara de Presença. A maioria do Conselho de Virtudes estava aqui. Arbella Glenn havia se recuperado da doença, para grande pesar de certas ambiciosas damas da Câmara Privada, e agora estava à direita do trono.

Arbella parecia frágil na melhor das hipóteses, com seus olhos remelentos e dedos tortos por causa do bordado, mas Ead tinha certeza de que ela não deveria ter se levantado hoje. Embora ela sorrisse como uma mãe orgulhosa para sua rainha, havia uma tristeza silenciosa sobre ela.

O resto do salão zumbia como um cético. Sabran esperava por seu prometido na frente de seu trono, flanqueado pelos seis Duques Espirituais, que estavam resplandecentes em suas capas e golas de libré. Ela usava um vestido simples de veludo carmesim e cetim, um rico contraste com o anoitecer de seu cabelo. Sem rufos ou joias. Ead a estudou de sua posição com as outras Damas da Câmara Privada.

Ela era mais bonita assim. Os Inysh pareciam pensar que seus ornamentos eram sua beleza, mas na verdade, eles a escondiam.

Sabran captou seu olhar. Ead o desviou.

— Onde estão seus pais? — disse ela a Margret, que estava à sua direita.

— Eles estão alegando indisposição de Papai, mas acho que é porque Mamãe não deseja ver Combe — Margret falou atrás de seu leque de penas de pavão. — Ele disse a ela em uma carta que Loth foi para Cársaro por sua própria vontade. Ela vai suspeitar do contrário.

Dama Annes Beck tinha sido a Dama do Quarto de Dormir da Rainha Rosarian.

— Ela deve conhecer bem as maquinações desta corte.

— Melhor que a maioria. Vejo que Dama Honeybrook também não apareceu. — Margret balançou a cabeça. — Pobre Kit.

O conde de Honeybrook estava com os outros membros do Conselho de Virtudes. Ele não parecia incomodado com a ausência do filho, com quem ele se parecia em todos os sentidos, exceto a boca, que nunca sorria.

Trombetas proclamaram a vinda do Príncipe Supremo. Até as belas tapeçarias que cobriam a Câmara de Presença pareciam estremecer de

ansiedade. Ead olhou para Combe, que estava sorrindo como um gato com um rato preso sob a pata.

Suas costelas se contraíram de repulsa ao vê-lo. Mesmo que ele não fosse o arquiteto por trás dos assassinos, ele havia enviado Loth em perigo de vida para limpar o caminho para que esse casamento acontecesse, baseado em rumores sem um pingo de substância. Ele poderia apodrecer.

Porta-estandartes e trompetistas desfilavam na Câmara de Presença. Pescoços esticados para um vislumbre do homem que seria o príncipe consorte de Inys. Linora Payling ficou na ponta dos pés, abanando-se como se fosse desmaiar no local. Até Ead se permitiu uma vibração de curiosidade.

Sabran encolheu os ombros. A fanfarra aumentou e o Príncipe Supremo do Estado Livre de Mentendon apareceu.

Aubrecht Lievelyn tinha braços fortes e ombros largos que Ead teria esperado de um cavaleiro experiente. Bem barbeado e ainda mais alto do que Sabran, ele não tinha nada de arganaz. Seu cabelo ondulado brilhava como cobre enquanto ele caminhava para um raio de sol. Uma capa estava pendurada no ombro e ele usava um gibão preto sobre um gibão de marfim de mangas compridas.

— Oh, ele é *tão* bonito — Linora suspirou.

Quando ele alcançou sua prometida, Lievelyn se ajoelhou diante dela e abaixou a cabeça.

— Sua Majestade.

Seu rosto era uma máscara.

— Vossa Alteza Real — ela disse, e apresentou sua mão. — Bem-vindo ao Reino de Inys.

Lievelyn beijou seu anel de coroação.

— Majestade — disse ele —, já estou apaixonado por sua cidade e me sinto humilde por ter aceitado minha proposta. É a maior honra estar em sua presença.

Sua voz estava baixa. Ead ficou surpresa com sua reserva. Normalmente, um pretendente estaria acumulando elogios untuosos à pessoa real no momento em que ele abrisse a boca, mas Lievelyn apenas olhava com olhos escuros para a Rainha de Inys, a figura de proa de sua religião.

Sabran, cujas sobrancelhas estavam erguidas, retirou a mão dela.

— Os Duques Espirituais, descendentes da Sagrada Comitiva — disse ela. Eles se curvaram para Lievelyn, e ele baixou a cabeça em resposta.

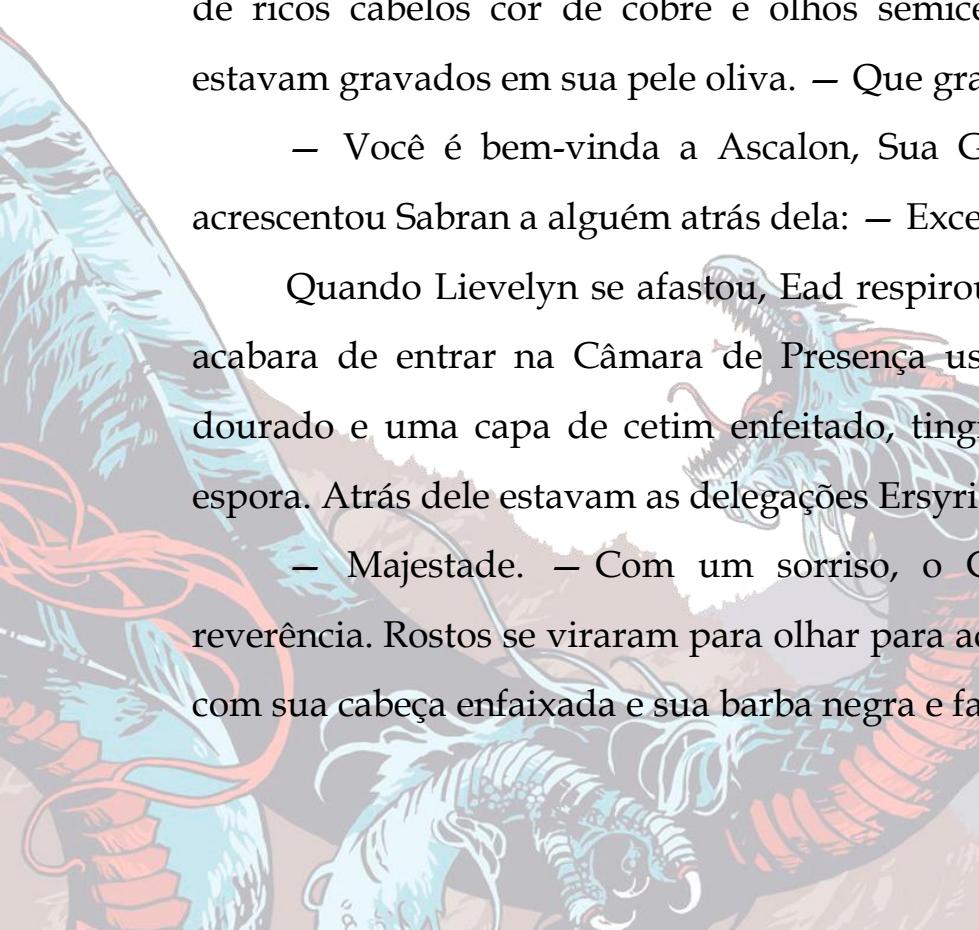
— Você é muito bem-vindo aqui, Sua Alteza Real —, disse Combe calorosamente. — Há muito antecipamos esta reunião.

— Levante-se — disse Sabran. — Por favor.

Lievelyn obedeceu. Houve um breve silêncio enquanto os futuros companheiros se avaliavam.

— Sabemos que Vossa Alteza Real já visitou Ascalon uma vez antes — disse Sabran.

— Sim, Majestade, para o casamento de seus pais. Eu tinha apenas dois anos de idade, mas minha mãe, que também estava presente, falava frequentemente de como a Rainha Rosarian estava linda naquele dia e de como as pessoas rezavam para que logo ela desse à luz uma filha tão graciosa



e resiliente quanto ela. E assim você provou ser. Quando soube que Vossa Majestade intimidou a asa direita do Inominável, isso apenas confirmou o que eu sabia sobre a sua força.

Sabran não sorriu, mas seus olhos brilharam.

— Esperávamos conhecer suas nobres irmãs.
— Elas virão em breve, Sua Majestade. A princesa Betriese adoeceu e as outras não quiseram sair do seu lado.

— Sentimos muito por isso. — Sabran estendeu a mão novamente, desta vez para o embaixador. — Bem-vindo de volta, Oscarde.

— Majestade — O embaixador se abaixou para beijar o anel. — Se eu puder, gostaria de apresentar minha mãe, Dama Aleidine Teldan utt Kantmarkt, duquesa viúva de Zeedeur.

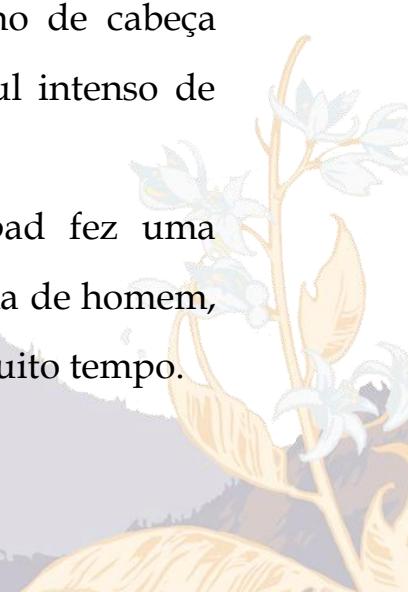
A Duquesa Viúva fez uma reverência.

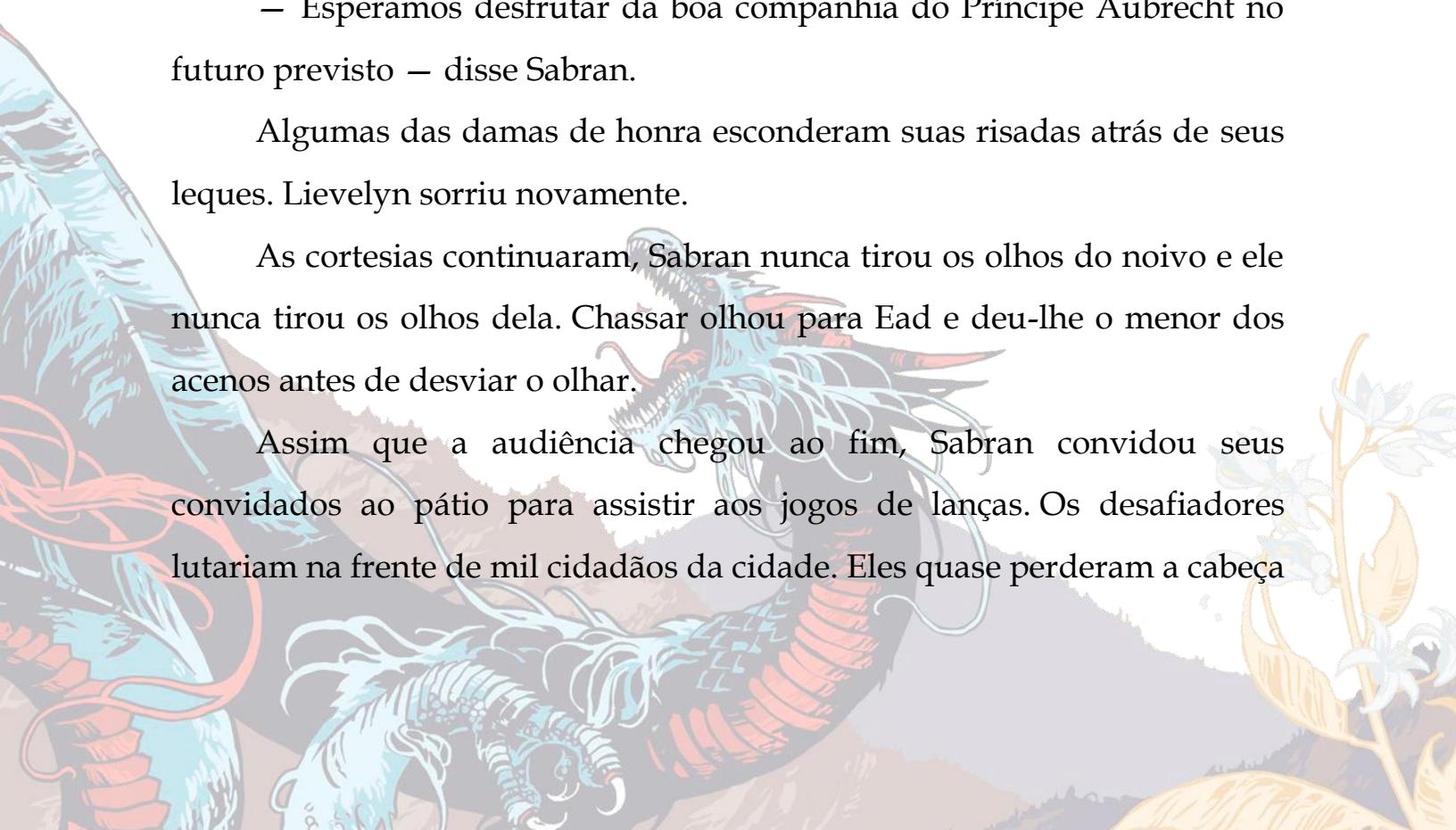
— Sua Majestade. — Ela era uma mulher impressionante, possuidora de ricos cabelos cor de cobre e olhos semicerrados. Os pés de galinha estavam gravados em sua pele oliva. — Que grande honra.

— Você é bem-vinda a Ascalon, Sua Graça. Assim como você — acrescentou Sabran a alguém atrás dela: — Excelência.

Quando Lievelyn se afastou, Ead respirou fundo. O embaixador que acabara de entrar na Câmara de Presença usava um adorno de cabeça dourado e uma capa de cetim enfeitado, tingido de um azul intenso de espora. Atrás dele estavam as delegações Ersyri e Lassiana.

— Majestade. — Com um sorriso, o Chassar uq-Ispad fez uma reverência. Rostos se viraram para olhar para aquela montanha de homem, com sua cabeça enfaixada e sua barba negra e farta. — Já faz muito tempo.





Ele estava aqui.

Depois de todos esses anos, ele havia voltado.

— Sim — disse Sabran. — Começamos a pensar que Sua Altíssima Majestade não enviaria representantes.

— Meu mestre jamais insultaria Vossa Majestade dessa maneira. O rei Jantar envia seus parabéns por seu noivado, assim como a Alta Governante Kagudo, cuja delegação se juntou a nós em Perchling.

Kagudo era a Alta Governante do Domínio de Lasia, chefe da casa real mais antiga do mundo conhecido. Ela era descendente direta de Selinu, o Jurista, e, portanto, parente de sangue da Mãe. Ead nunca a conheceu, mas ela escrevia com frequência para a Prioresa.

— Felizmente —, continuou Chassar, — o príncipe Aubrecht tinha acabado de atracar quando desembarcamos, então pude desfrutar de sua boa companhia pelo resto da viagem.

— Esperamos desfrutar da boa companhia do Príncipe Aubrecht no futuro previsto — disse Sabran.

Algumas das damas de honra esconderam suas risadas atrás de seus leques. Lievelyn sorriu novamente.

As cortesias continuaram, Sabran nunca tirou os olhos do noivo e ele nunca tirou os olhos dela. Chassar olhou para Ead e deu-lhe o menor dos acenos antes de desviar o olhar.

Assim que a audiência chegou ao fim, Sabran convidou seus convidados ao pátio para assistir aos jogos de lanças. Os desafiadores lutariam na frente de mil cidadãos da cidade. Eles quase perderam a cabeça

ao ver Sabran, torcendo pela rainha que banira um Alto Ocidental. Ela era Glorian Shieldheart vindo de novo.

- Salve, Sabran, a Magnífica — gritaram. — Viva a Casa de Berethnet!
- Os rugidos de apreciação aumentaram quando Lievelyn se sentou ao lado dela no camarote real.
- Proteja-nos, Majestade!
- Majestade, encorajamos a sua coragem!

Ead encontrou um lugar nos bancos sombreados com as outras damas de companhia e observou a multidão, esperando que uma besta ou pistola aparecesse nas arquibancadas. Sua magia estava quase extinta, mas ela tinha lâminas suficientes para uma série de assassinos.

Chassar estava do outro lado do camarote real. Ela teria que esperar até depois que Sabran se retirasse para falar com ele.

— Santo, pensei que aquela introdução nunca iria acabar. — Margret pegou uma taça de vinho de morango de um criado. Dois cavaleiros errantes baixaram suas viseiras. — Eu acredito que Sabran gosta de seu Príncipe Vermelho. Ela tentou esconder, mas acho que ela já está apaixonada.

— Lievelyn certamente está — disse Ead, distraída.

Combe estava no camarote real. Ela o esquadrinhava com o olhar, tentando descobrir se ele olhava para Sabran como se ela fosse sua rainha ou uma peça a ser movida no tabuleiro do jogo.

Margret seguiu sua linha de visão.

— Eu sei — ela disse calmamente. — Ele escapou impune de um assassinato. — Ela tomou um gole de vinho. — Eu detesto seus retentores, também. Por ser cúmplice dele.

— Sabran *deve* saber — murmurou Ead. — Ela não consegue pensar em uma maneira de se livrar dele?

— Por mais que me doa admitir, Inys precisa de seus intelectuais. E se Sab o expulsasse sem um bom motivo, outros nobres poderiam achar que suas posições eram igualmente frágeis. Ela não pode arriscar descontento, não quando há tanta incerteza sobre a ameaça de Yscalin. — Margret fez uma careta quando os cavaleiros errantes quebraram as lanças uns nos outros, arrancando um rugido das arquibancadas. — Os nobres se revoltaram no passado, afinal.

Ead assentiu.

— A Rebelião Gorse Hill.

— Sim. Pelo menos existem leis para diminuir o perigo de isso acontecer novamente. Uma vez, você teria visto retentores de Combe pavoneando em *sua libré*, como se a sua primeira lealdade não fosse a sua rainha. Tudo o que eles podem fazer agora é usar seu distintivo. — Ela franziu os lábios. — Eu *odeio* que o símbolo da virtude dele seja um livro, você sabe. Livros são bons demais para ele.

Os dois desafiadores se viraram para se enfrentar novamente. Igrain Crest, que estava conversando com um barão, agora cruzou para o camarote real e sentou-se na fileira atrás de Sabran e Lievelyn. Ela se abaixou para dizer algo à rainha, que sorriu para ela.

— Ouvi dizer que Igrain é contra este casamento — disse Margret, — embora esteja satisfeita por poder render a herdeira tão esperada. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Ela era a Protetora do Reino em tudo, exceto no nome, quando Sab era criança. Uma segunda mãe. E, no entanto, se os

boatos estiverem certos, ela preferiria que ela fosse casada com alguém com um pé na estrada dos cadáveres.

— Ela ainda pode realizar seu desejo — disse Ead.

Margret olhou para ela.

— Você acha que Sab vai mudar de ideia sobre o Príncipe Vermelho.

— Até que o anel esteja em seu dedo, acho que há todas as chances disso.

— A corte tornou você cínica, Ead Duryan. Podemos estar prestes a testemunhar um romance que rivaliza com o de Rosarian a Primeira e Sir Antor Dale. — Margret cruzou o braço com o dela. — Você deveria estar satisfeita em ver o Embaixador uq-Ispad depois de todos esses anos.

Ead sorriu.

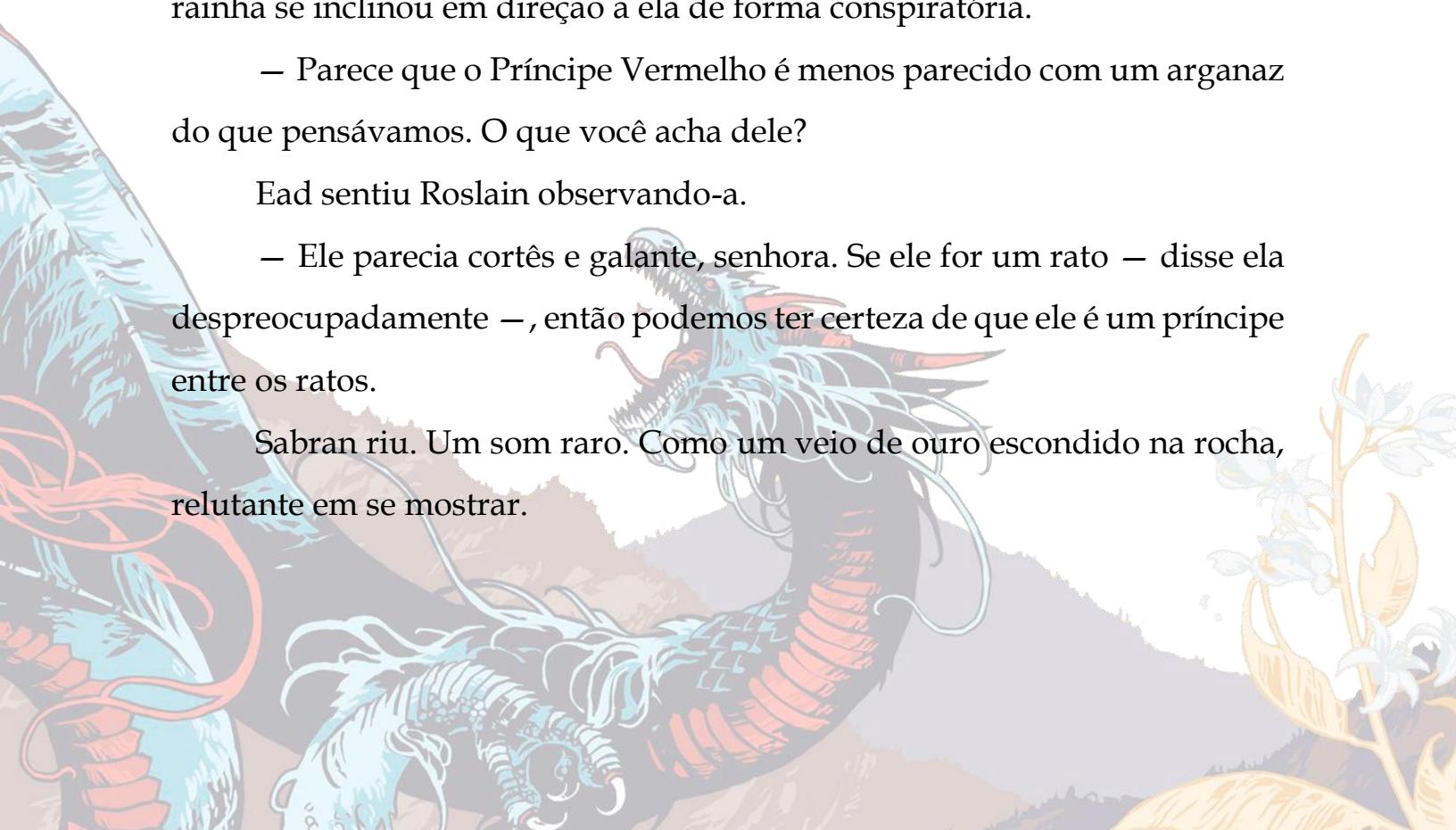
— Você não tem ideia.

Os jogos duraram várias horas. Ead ficou sob os toldos com Margret, nunca tirando o olhar das arquibancadas. Finalmente, Lorde Lemand Fynch, o Duque da Temperança interino, foi declarado o campeão. Depois de dar a seu primo um anel como prêmio, Sabran retirou-se para escapar do calor.



Às cinco da tarde, Ead se viu abrigada na Câmara Privada, onde Sabran estava tocando seu virginal⁶. Enquanto Roslain e Katryen

⁶ Virginal é um instrumento musical de cordas, da família do cravo. Constitui-se de um conjunto de cordas dispostas em uma caixa de ressonância de modo que cada corda produz uma única nota. A execução é feita por pinçamento através de um teclado.



cochichavam uma com a outra, e a pobre Arbella se atrapalhava com o bordado, Ead fingia estar absorta em um livro de orações.

A rainha prestava mais atenção nela do que de costume desde sua febre. Ela havia sido convidada várias vezes para jogar cartas e ouvir as Damas do Quarto de Dormir enquanto mantinham Sabran a par dos acontecimentos na corte. Ead notou que às vezes falavam bem de certas pessoas e aconselhou Sabran a mostrar-lhes mais favor do que costumava. Se não houvesse suborno envolvido nessas recomendações, Ead era a Rainha de Ersyr.

— Ead.

Ela ergueu os olhos.

— Majestade?

— Venha até mim.

Sabran deu um tapinha em um banquinho. Quando Ead se sentou, a rainha se inclinou em direção a ela de forma conspiratória.

— Parece que o Príncipe Vermelho é menos parecido com um arganaz do que pensávamos. O que você acha dele?

Ead sentiu Roslain observando-a.

— Ele parecia cortês e galante, senhora. Se ele for um rato — disse ela despreocupadamente —, então podemos ter certeza de que ele é um príncipe entre os ratos.

Sabran riu. Um som raro. Como um veio de ouro escondido na rocha, relutante em se mostrar.

— De fato. Se ele vai fazer um bom consorte, ainda não se sabe. — Ela passou um dedo como fantasma sobre o virginal. — Eu ainda não estou casada, é claro. Um noivado sempre pode ser anulado.

— Você deve fazer o que achar melhor. Sempre haverá vozes dizendo o que fazer e como agir, mas é você quem usa a coroa — disse Ead. — Deixe Sua Alteza Real provar que é digno de um lugar ao seu lado. Ele deve ganhar essa honra, pois é a maior de todas.

Sabran a estudou.

— Você fala palavras bonitas — ela observou. — Eu me pergunto se você quer dizer elas.

— Minhas são palavras honestas, senhora. Todas as cortes são vítimas de afetação e engano, muitas vezes velados como cortesia — disse Ead. — Mas gosto de acreditar que falo com o coração.

— Todos nós falamos de coração a Sua Majestade, — Roslain retrucou. Seus olhos brilhavam de raiva. — Você está insinuando que a cortesia é uma espécie de artifício, Senhora Duryan? Porque o Cavaleiro da Cortesia iria...

— Ros — disse Sabran. — Eu não estava me dirigindo a você.

Roslain ficou em silêncio, visivelmente atordoada.

No tenso período que se seguiu, um dos Cavaleiros do Corpo entrou na Câmara Privada.

— Majestade. — Ele se curvou. — Sua Excelência, Embaixador uq-Ispad, pergunta se você pode dispensar a Senhora Duryan por um curto período. Se quiser, ele está esperando por ela no Terraço Peaceweaver.

Sabran trouxe sua cascata de cabelo para um lado do pescoço.

— Acho que ela pode ser poupada — disse ela. — Você está dispensada, Ead, mas volte a tempo para as orações.

— Sim, madame. — Ead se levantou imediatamente. — Obrigada.

Ao sair da Câmara Privada, ela evitou olhar para as outras mulheres. Ela não deveria fazer uma inimiga de Roslain Crest se pudesse evitar.

Ead saiu da Torre da Rainha e subiu até as ameias voltadas para o sul do palácio, onde o Terraço Peaceweaver dava para o rio Limber. Seu coração ressoava como uma mariposa. Pela primeira vez em oito anos, ela falaria com alguém do Priorado. Não qualquer um, mas Chassar, que a criou.

O sol da tarde transfigurou o rio em ouro derretido. Ead cruzou a ponte e pisou no piso de cerâmica do terraço. Chassar estava esperando na balaustrada. Ao som de seus passos, ele se virou e sorriu, e ela foi até ele como uma criança para um pai.

— Chassar.

Ela escondeu o rosto contra o peito dele. Seus braços a envolveram.

— Eadaz. — Ele deu um beijo no topo de sua cabeça. — Pronto, luz dos meus olhos. Eu estou aqui.

— Faz muito tempo que não ouço esse nome — disse ela com voz rouca em Selinyi. — Pelo amor da Mãe, Chassar, pensei que você tivesse me abandonado para sempre.

— Nunca. Você sabe que deixar você aqui foi como ter uma costela arrancada do meu lado. — Eles caminharam juntos até um dossel de roseira brava e madressilva. — Sente-se comigo.

Chassar deve ter reservado o terraço para seu uso privado. Ead sentou-se a uma mesa, onde uma travessa estava cheia de frutas Ersyri secas ao sol, e ele serviu para ela um copo de vinho Rumelabari claro.

— Trouxe tudo isso através do mar para você —, disse ele. — Achei que você gostaria de um pequeno lembrete do Sul.

— Depois de oito anos, seria fácil esquecer que o Sul ainda existe.

— Ela deu a ele um olhar duro. — Eu não tive nenhuma palavra. Você não respondeu *nenhuma* das minhas cartas.

Seu sorriso desapareceu.

— Perdoe meu longo silêncio, Eadaz — ele suspirou. — Eu teria escrito, mas a Prioresa decidiu que você deveria ser deixada sozinha para descobrir os caminhos Inysh em paz.

Ead queria ficar com raiva, mas este era o homem que a sentou em seu colo quando ela era pequena e a ensinou a ler, e seu alívio ao vê-lo superava seu aborrecimento.

— A tarefa que você recebeu foi proteger Sabran — disse Chassar — e você honrou a Mãe mantendo-a viva e ilesa. Não deve ter sido fácil. — Ele fez uma pausa. — Os assassinos que a perseguem. Você disse em suas cartas que eles carregavam lâminas feitas em Yscalí.

— Sim. Apara adagas, especificamente, de Cársaro.

— Apara adagas — repetiu Chassar. — Uma estranha escolha de arma para assassinato.

— Eu pensei o mesmo. Uma arma usada para defesa.

— Hm. — Chassar coçou a barba, como costumava fazer quando estava pensando. — Talvez isto seja tão simples quanto parece, e o Rei Sigoso

está contratando súditos de Inysh para matar uma rainha que ele despreza... ou talvez essas lâminas sejam peixes podres. Cobrindo o perfume do verdadeiro arquiteto.

— Eu acho que o último. Alguém na corte está envolvido — disse Ead. — Encontrar as adagas teria sido possível no mercado paralelo. E alguém deixou os assassinos entrarem na Torre da Rainha.

— E você não tem noção de quem na Casa Alta pode querer Sabran morta?

— Não. Todos pensam que ela mantém o Inominável acorrentado.

— Ead bebeu seu vinho. — Você sempre me disse para confiar no meu instinto.

— Sempre.

— Então eu digo a você agora que algo não se coaduna com essas tentativas de Sabran. Não apenas a escolha da arma — disse ela. — Só a última incursão pareceu... séria. Todos os outros estragaram a coisa. Como se eles quisessem ser pegos.

— Muito provavelmente eles são simplesmente destreinados. Tolos desesperados, subornados com uma ninharia.

— Possivelmente. Ou talvez seja deliberado — disse ela. — Chassar, você se lembra de Lorde Arteloth?

— Claro —, respondeu ele. — Fiquei surpreso por ele não estar com Sabran quando cheguei.

— Ele não está aqui. Combe o exilou em Yscalin por se aproximar muito dela, para limpar o caminho para o casamento com Lievelyn.

Chassar ergueu as sobrancelhas.

— Os rumores — ele murmurou. — Eu os ouvi até em Rumelabar.

Ead assentiu.

— Combe estava disposto a enviar Loth para a morte. E agora temo que o Falcão da Noite esteja movendo as peças mais uma vez. Que, ao fazer Sabran temer por sua vida, ele a levou para Lievelyn.

— Então ela iria gerar uma herdeira o mais rápido possível. — Chassar pareceu considerar isso. — De certa forma, seriam boas notícias, se fosse verdade. Sabran está segura. Ela fez o que ele queria.

— Mas e se ela não o fizer no futuro?

— Eu não acho que ele iria mais longe do que já foi. Seu poder se dissolve sem ela.

— Não tenho certeza se ele acredita nisso. E não acho que seja bom que Sabran continue inconsciente de suas maquinações.

Chassar parou com isso.

— Você não deve expressar essas suspeitas a ela, Eadaz. Não sem evidências — disse ele. — Combe é um homem poderoso e ele encontraria uma maneira de machucar você.

— Eu não faria. Tudo o que posso fazer é continuar a assistir. — Ela pegou seu olhar. — Chassar, minhas proteções estão começando a falhar.

— Eu sei. — Ele manteve a voz baixa. — Quando nos chegou a notícia de que Fýredel havia se mostrado, e que Sabran o banira de Ascalon, soubemos a verdade imediatamente. Também sabíamos que teria queimado seu siden. Você esteve longe da árvore por muito tempo. Você é uma raiz, amada. Você deve beber, ou você murchará.

— Pode não importar. Posso ter a chance, finalmente, de ser uma Dama do Quarto de Dormir — disse Ead. — Para protegê-la com minha própria lâmina.

— Não, Eadaz.

Chassar colocou uma grande mão sobre a dela. Uma flor de laranjeira, cortada de pedra-do-sol semelhante a vidro, estava esculpida em um anel de prata em seu dedo indicador. O símbolo de sua lealdade compartilhada e verdadeira.

— Criança — ele murmurou. — A Prioresa está morta. Ela era velha, como você sabe, e morreu em paz.

A notícia afligiu Ead, mas não foi uma surpresa. A Prioresa sempre parecera velha, sua pele retorcida e enrugada como uma oliveira.

— Quando?

— Três meses atrás.

— Que sua chama ascenda para iluminar a árvore — disse Ead. — Quem assumiu seu manto?

— As Donzelas Vermelhas elegeram Mita Yedanya, a *munguna* —, disse Chassar. — Você lembra dela?

— Sim, claro. — Pelo pouco que Ead conseguia se lembrar dela, Mita era uma mulher quieta e séria. A *munguna* era a suposta herdeira do Priorado, embora as Donzelas Vermelhas ocasionalmente elegessem outra pessoa se a considerassem inadequada para o cargo. — Desejo-lhe felicidades em seu novo papel. Ela já escolheu sua própria *munguna*?

— A maioria das irmãs aposta que será Nairuj, mas, na verdade, Mita ainda não decidiu.

Chassar se aproximou. Na luz fraca que permaneceu, Ead notou linhas ao redor de sua boca e olhos. Ele parecia muito mais velho do que quando ela o vira pela última vez.

— Algo mudou, Eadaz — disse ele. — Você deve sentir isso. Wyrms têm despertado de seu sono, e agora um Alto Ocidental surgiu. A Prioresa teme que estes sejam os primeiros passos para o despertar do próprio Inominável.

Ead levou um momento para deixar as palavras se estabelecerem dentro dela.

— Você não está sozinho em seu temer nisso — disse ela. — Uma dama de honra, Truyde utt Zeedeur, enviou um mensageiro para Seiiki.

— A jovem herdeira do Ducado de Zeedeur. — Chassar franziu a testa. — Por que ela iria querer negociar com o Oriente?

— A garota colocou na cabeça dela chamar seus wyrms para nos proteger do Inominável. Ela está convencida de que ele retornará — independentemente de a Casa de Berethnet permanecer ou não.

Chassar deixou um silvo suave escapar por entre os dentes.

— O que a levou a acreditar nisso?

— O despertar Dracônico. E sua própria imaginação, eu suponho.

— Ead serviu mais vinho para os dois. — Fýredel disse algo a Sabran. *Os mil anos estão quase no fim.* Ele também disse que seu mestre agitou-se no Abismo.

O oceano que se abria entre um lado do mundo e o outro. Água negra que a luz do sol não conseguia penetrar. Uma abóbada de escuridão que os marinheiros sempre temiam cruzar.

— Palavras ameaçadoras, de fato. — Chassar contemplou o horizonte. — Fýredel deve acreditar, como Dama Truyde, e como a Prioresa, que o Inominável está prestes a retornar.

— A Mãe o derrotou há mais de mil anos — disse Ead. — Não é mesmo? Se essa fosse a data que o wyrm quis dizer, o Inominável já deveria ter erguido-se.

Chassar tomou um gole de vinho pensativo.

— Eu me pergunto — disse ele, — se esta ameaça tem alguma coisa a ver com os anos perdidos da Mãe.

Todas as irmãs sabiam sobre os anos perdidos. Não muito depois de derrotar o Inominável e fundar o Priorado, a Mãe partiu em negócios desconhecidos e morreu antes que pudesse voltar para casa. Seu corpo havia sido devolvido ao Priorado. Ninguém sabia quem o havia enviado.

Uma pequena facção de irmãs acreditava que a Mãe tinha ido se juntar a seu pretendente, Galian Berethnet, e teve uma filha com ele, estabelecendo a Casa de Berethnet. Essa ideia, impopular no Priorado, foi a lenda fundadora de Virtudom — e o que levou Ead a Inys.

— Como poderia? — ela perguntou.

— Bem — disse Chassar — a maioria das irmãs acredita que a Mãe partiu para proteger o Priorado de alguma ameaça desconhecida. — Ele apertou os lábios. — Vou escrever à Prioresa e contar-lhe o que Fýredel disse. Ela pode ser capaz de resolver este enigma.

Eles caíram em um breve silêncio. Agora que o crepúsculo havia caído, as velas começaram a piscar e ganhar vida nas janelas do palácio.

— Eu devo ir logo — Ead murmurou. — Para orar ao Enganador.

— Coma um pouco primeiro. — Chassar moveu a tigela de frutas em sua direção. — Você parece cansada.

— Bem —, disse Ead secamente — banir um Ocidental sozinha, ao que parece, é uma tarefa cansativa.

Ela escolheu as tâmaras e cerejas doces como o mel. Sabores de uma vida que ela nunca havia esquecido.

— Amada — disse Chassar. — Perdoe-me, mas antes de ir, há mais uma coisa que devo lhe contar. Sobre Jondu.

Ead ergueu os olhos.

— Jondu. — Sua mentora, sua querida amiga. Algo se retorceu em seu intestino. — Chassar, o que é?

— No ano passado, a Prioresa decretou que devemos retomar nossos esforços para encontrar Ascalon. Com a agitação Dracônica em ascensão, ela acreditava que deveríamos fazer tudo que pudéssemos para encontrar a espada que a Mãe usou para derrotar o Inominável. Jondu começou sua busca em Inys.

— Inys —, disse Ead, com o peito apertado. — Certamente ela teria vindo me ver.

— Ela foi ordenada a não se aproximar da corte. Para deixá-la com sua tarefa.

Ead fechou os olhos. Jondu era obstinada, mas nunca teria desobedecido a uma ordem direta da Prioresa.

— Ouvimos falar dela pela última vez quando ela estava em Perunta — continuou Chassar. — Provavelmente voltando para casa.

— Quando foi isso?

— O fim do inverno. Ela não encontrou Ascalon, mas escreveu para nos dizer que carregava um objeto importante de Inys e precisava de um guarda com urgência. Mandamos irmãs para encontrá-la, mas não havia nenhum vestígio. Eu temo o pior.

Ead se levantou abruptamente e caminhou até a balaustrada. De repente, a docura da fruta era enjoativa.

Ela se lembrou de Jondi ensinando-a a enganchar a chama crua que queimava em seu sangue. Como segurar uma espada e amarrar um arco. Como abrir um wyvern da moela à cauda. Jondi, sua amiga mais querida que, junto com Chassar, fizera dela tudo o que era.

— Ela ainda pode estar viva — sua voz estava rouca.

— As irmãs estão procurando. Não vamos desistir — disse Chassar. — Mas alguém deve assumir o lugar dela entre as Donzelas Vermelhas. Essa é a mensagem que trago de Mita Yedanya, nossa nova Prioresa. Ela ordena que você volte, Eadaz. Para usar o manto de sangue. Precisamos de você nos dias que virão.

Um arrepió acariciou Ead de seu couro cabeludo à base de sua espinha, frio e quente ao mesmo tempo.

Era tudo o que ela sempre quis. Ser uma Donzela Vermelha, uma caçadora em espera, era o sonho de todas as garotas nascidas no Priorado.

E ainda.

— Então — disse Ead —, a nova Prioresa não se preocupa em proteger Sabran.

Chassar juntou-se a ela na balaustrada.

— A nova Prioresa é mais cética em relação à afirmação de Berethnet do que a anterior — admitiu. — Mas não deixará Sabran sem defesa. Trouxe uma de suas irmãs mais novas comigo para Inys e pretendo apresentá-la à Rainha Sabran em troca de você. Direi a ela que um de seus parentes está morrendo, que você deve voltar para Ersyr.

— Isso vai parecer suspeito.

— Nós não temos escolha. — Ele olhou para ela. — Você é Eadaz du Zāla uq-Nāra, uma serva de Cleolind. Você não deve ficar mais nesta corte de blasfemadores.

O nome dela. Já fazia tanto tempo. Enquanto ela digeria suas palavras, seu rosto ficou tenso de preocupação.

— Eadaz —, disse ele. — Não me diga agora que deseja ficar. Você se apegou a Sabran?

— Claro que não — disse Ead categoricamente. — A mulher é arrogante e indulgente demais, mas seja o que for há uma chance, embora pequena, de que ela *seja* a verdadeira descendente da mãe. Não só isso: se ela morrer, o país com a maior força naval do Ocidente entrará em colapso, e isso não fará nenhum bem a nenhum de nós. Ela precisa de proteção.

— E ela terá. A irmã que trouxe é talentosa, mas você tem um caminho diferente a seguir agora. — Ele colocou a mão nas costas dela. — É hora de voltar para casa.

Uma chance de estar perto da laranjeira novamente. Ela podia falar a sua própria língua e rezar pela verdadeira imagem da Mãe sem ser cozida na Praça Mariana.



No entanto, ela havia passado oito anos aprendendo sobre os Inysh - seus costumes, sua religião, as complexidades dessa armadilha de corte. Ela não podia desperdiçar esse conhecimento.

— Chassar — disse Ead. — Quero deixar este lugar com você, mas você está me chamando assim que Sabran está começando a confiar em mim. Todos os meus anos aqui terão sido em vão. Você acha que poderia persuadir a nova Prioresa a me dar um pouco mais de tempo?

— Quanto mais?

— Até que a sucessão real seja assegurada. — Ead se virou para ele. — Deixe-me protegê-la até que ela tenha uma filha. Então eu voltarei para casa.

Ele refletiu sobre isso por algum tempo, sua boca uma linha fina na emaranhada de sua barba.

— Vou tentar — concluiu. — Vou tentar, amada. Mas se a Prioresa se recusar, você deve se submeter.

Ead beijou sua bochecha.

— Você é muito bom para mim.

— Eu nunca poderei ser bom demais para você. — Ele a segurou pelos ombros. — Mas fique atenta, Eadaz. Não perca seu foco. É a Mãe que a compele, não esta rainha Inysh.

Ela olhou de volta para as torres da cidade.

— Que a Mãe nos compela em tudo o que fizermos.



Capítulo 15

Oeste

Cárscaro.

Capital do Reino Dracônico de Yscalin.

A cidade ficava no alto das montanhas, acima de uma vasta planície. Estava marcada em uma crista nos Fusos, a cordilheira coberta de neve que ficava entre Yscalin e o Ersyr.

Loth olhou pela janela da carruagem enquanto ela se aproximava do caminho da montanha. Ele tinha ouvido histórias sobre Cárscaro durante toda a sua vida, mas nunca havia pensado em colocar os olhos nela.

Yscalin havia se tornado o segundo elo da cota de malha de Virtudom quando o Rei Isalarico, o Quarto, se casou com a Rainha Glorian, a Segunda. Por amor de sua noiva, ele havia renunciado aos antigos deuses de seu país e prometido ao Santo. Naquela época, Cárscaro era famoso por suas máscaras, sua música e as pereiras vermelhas que cresciam em suas ruas.

Não mais. Desde que Yscalin renunciou à sua devocão ancestral ao Santo e tomou o Inominável como seu deus, ele fez tudo o que podia para minar Virtudom.

Ao amanhecer, fios brilhantes de nuvem apareceram sobre a Grande Planície de Yscali. Uma vez, esta extensão de terra tinha sido atapetada com alfazema e, quando o vento soprava, ela carregava seu perfume até a cidade.

Loth desejava poder ter visto. Tudo o que restara era um resíduo carbonizado.

— Quantas almas vivem em Cársaro? — ele perguntou a Dama Priessa, apenas para se distrair.

— Cinquenta mil, ou por aí. A nossa é uma pequena capital — respondeu ela. — Quando você chegar, será conduzido a seus aposentos na galeria do embaixador. Você terá uma audiência com Sua Radiância assim que possível para apresentar suas credenciais.

— Nós também conhecemos o Rei Sigoso?

— Sua Majestade está indisposta.

— Lamento ouvir isso.

Loth pressionou a sobrancelha contra a janela e olhou para a cidade nas montanhas. Logo ele estaria no centro do mistério do que acontecera a Yscalín.

Um borrão de movimento chamou sua atenção. Ele estendeu a mão para a trava para ter uma visão melhor do céu, mas uma mão enluvada a fechou.

— O que é que foi isso? — Loth perguntou, nervoso.

— Um basilisco — Dama Priessa cruzou as mãos no colo. — Você faria bem em não se afastar muito do palácio, Lorde Arteloth. Muitos seres Dracônicos vivem nas montanhas.

Basiliscos. A desova de pássaros e wyyern.

— Eles prejudicam as pessoas na cidade?

— Se eles estão com fome, eles vão prejudicar qualquer coisa que se move, exceto aqueles que já estão com a peste. Nós os mantemos alimentados.

— Como?

Sem resposta.

A carruagem começou a subir a trilha da montanha. Em frente a Loth, Kit despertou de seu cochilo e esfregou os olhos. Ele puxou o sorriso imediatamente, mas Loth poderia dizer que ele estava com medo.

A noite já havia caído quando o Portão de Niunda apareceu. Colossal como a divindade que lhe deu o nome, esculpido em granito verde e preto e iluminado por tochas, era a única entrada de Cársaro. À medida que se aproximavam, Loth podia distinguir formas abaixo de seu lintel.

— O que é isso aí em cima?

Kit entendeu primeiro.

— Eu desviaria o olhar, Arteloth. — Ele recostou-se. — A menos que você queira que esta hora assombre suas noites para sempre.

Era tarde demais. Ele tinha visto os homens e mulheres acorrentados pelos pulsos ao portão. Alguns já pareciam mortos ou meio mortos, mas outros estavam vivos e ensanguentados, lutando contra suas restrições.

— É assim que os mantemos alimentados, Lord Arteloth — disse Dama Priessa. — Com nossos criminosos e traidores.

Por um terrível momento, Loth pensou que iria lançar sua última refeição aqui mesmo na carruagem.

— Entendo — sua boca se inundou de saliva. — Bom.

Ele ansiava por fazer o sinal da espada, mas aqui isso o condenaria.

À medida que a carruagem se aproximava, o Portão de Niunda se abriu. Nada menos que seis wyverns o guardavam. Eles eram menores do que seus senhores do Alto Ocidental e tinham apenas duas pernas, mas seus olhos ardiam com o mesmo fogo. Loth desviou o olhar até que eles tivessem passado.

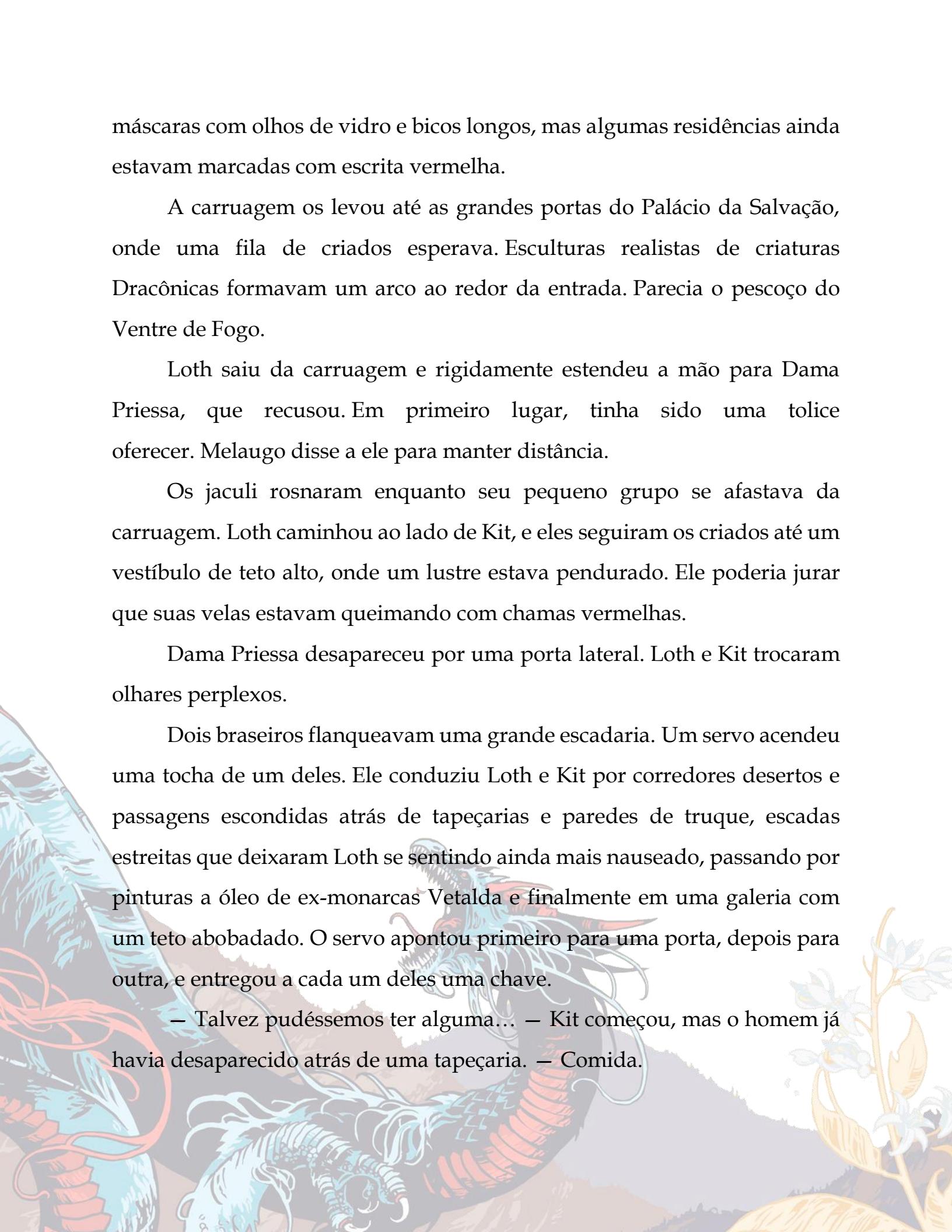
Ele estava em um pesadelo. Os bestiários, as histórias antigas, ganhavam vida em Yscalin.

Uma torre de rocha vulcânica e vidro erguia-se no meio da cidade. Esse deveria ser o Palácio da Salvação, sede da Casa de Vetalda. A montanha Cársaro era uma das mais baixas dos Fusos, mas grande o suficiente para que seu cume ficasse oculto pela névoa acima do planalto.

O palácio era uma coisa terrível, mas foi o rio de lava que perturbou Loth. Ele fluía em seis bifurcações ao redor e através de Cársaro antes de se fundir em uma lagoa e cair em cascata nas encostas mais baixas da montanha, onde resfriava até se tornar um vidro vulcânico.

As quedas de lava surgiram em Cársaro há uma década. Os Yscals levaram algum tempo para construir canais para o rio em chamas. Em Ascalon, as pessoas agora sussurravam que o Santo o havia enviado como um aviso aos Yscals – um aviso de que o Inominável um dia seria o falso deus de seu país.

As ruas serpenteavam como caudas de rato em torno dos edifícios. Loth podia ver agora que elas estavam ligadas por altas pontes de pedra. Barracas com toldos vermelhos eram cercadas por pessoas com mantos pesados. Muitos usavam véus sobre o rosto. Fortificações contra a peste podiam ser vistas em todos os lugares, desde amuletos nas portas até



máscaras com olhos de vidro e bicos longos, mas algumas residências ainda estavam marcadas com escrita vermelha.

A carruagem os levou até as grandes portas do Palácio da Salvação, onde uma fila de criados esperava. Esculturas realistas de criaturas Dracônicas formavam um arco ao redor da entrada. Parecia o pescoço do Ventre de Fogo.

Loth saiu da carruagem e rigidamente estendeu a mão para Dama Priessa, que recusou. Em primeiro lugar, tinha sido uma tolice oferecer. Melaugo disse a ele para manter distância.

Os jaculi rosнaram enquanto seu pequeno grupo se afastava da carruagem. Loth caminhou ao lado de Kit, e eles seguiram os criados até um vestíbulo de teto alto, onde um lustre estava pendurado. Ele poderia jurar que suas velas estavam queimando com chamas vermelhas.

Dama Priessa desapareceu por uma porta lateral. Loth e Kit trocaram olhares perplexos.

Dois braseiros flanqueavam uma grande escadaria. Um servo acendeu uma tocha de um deles. Ele conduziu Loth e Kit por corredores desertos e passagens escondidas atrás de tapeçarias e paredes de truque, escadas estreitas que deixaram Loth se sentindo ainda mais nauseado, passando por pinturas a óleo de ex-monarcas Vetalda e finalmente em uma galeria com um teto abobadado. O servo apontou primeiro para uma porta, depois para outra, e entregou a cada um deles uma chave.

— Talvez pudéssemos ter alguma... — Kit começou, mas o homem já havia desaparecido atrás de uma tapeçaria. — Comida.

— Podemos comer amanhã — Loth disse. Cada palavra ecoou neste corredor. — Quem mais você acha que está aqui?

— Não sou especialista no assunto de embaixadores estrangeiros, mas devemos presumir que há alguns Ments por aqui. — Kit esfregou o estômago roncando. — Eles têm seus dedos em cada torta.

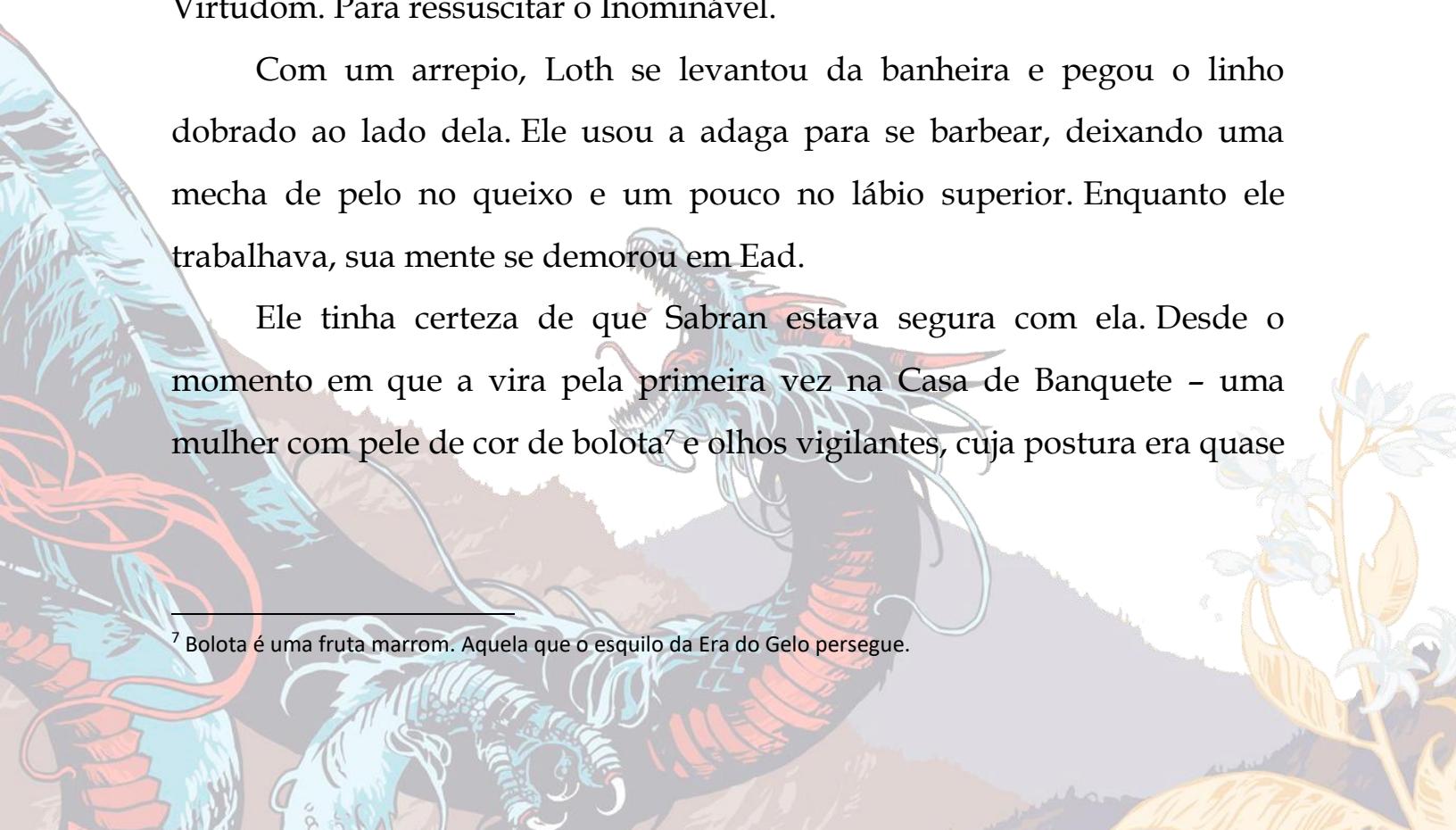
Isso era verdade. Diziam que não havia nenhum lugar no mundo que os Ments se recusassem a ir.

— Encontre-me aqui ao meio-dia — disse Loth. — Devemos discutir o que fazer.

Kit deu um tapinha nas costas dele e foi para uma das câmaras. Loth enfiou a chave na outra porta.

Seus olhos demoraram um momento para se sintonizar com as sombras de seu quarto. Os Yscals poderiam ter declarado sua lealdade ao Inominável, mas eles claramente não pouparam despesas na manutenção de seus embaixadores residentes. Nove janelas alinhavam-se na parede do lado oeste, uma menor que as outras. Olhando mais de perto, descobriu-se que era uma porta para uma varanda fechada.

Uma cama de dossel dominava a extremidade norte do quarto. Um castiçal de ferro estava ao lado dele. As velas eram feitas de cera perolada e suas chamas *eram* vermelhas. Verdadeiro vermelho. Seu baú havia sido colocado nas proximidades. Na extremidade sul, ele afastou uma cortina de veludo para descobrir uma banheira de pedra, cheia até a borda com água fumegante.



As janelas o faziam sentir como se tudo o que Yscalin pudesse ver lá dentro. Ele fechou as cortinas e apagou tudo, exceto um punhado de velas. Elas soltaram uma nuvem de fumaça preta ao serem extinguidas.

Ele afundou na água e ficou lá por um longo tempo. Quando as dores diminuíram, ele encontrou um pedaço de sabão de oliva e começou a tirar as cinzas do cabelo.

Wilstan Fynch poderia ter dormido neste mesmo quarto enquanto investigava o assassinato da Rainha Rosarian, a mulher que ele amava. Ele poderia estar aqui quando os campos de lavanda queimaram e quando os pássaros voaram com a notícia de que a cota de malha de Virtudom havia perdido uma conexão.

Loth derramou água na cabeça. Se alguém em Cársaro tivesse providenciado a morte da Rainha Rosarian, essa mesma pessoa poderia estar tentando matar Sabran. Para removê-la antes que ela desse uma herdeira a Virtudom. Para ressuscitar o Inominável.

Com um arrepio, Loth se levantou da banheira e pegou o linho dobrado ao lado dela. Ele usou a adaga para se barbear, deixando uma mecha de pelo no queixo e um pouco no lábio superior. Enquanto ele trabalhava, sua mente se demorou em Ead.

Ele tinha certeza de que Sabran estava segura com ela. Desde o momento em que a vira pela primeira vez na Casa de Banquete - uma mulher com pele de cor de bolota⁷ e olhos vigilantes, cuja postura era quase

⁷ Bolota é uma fruta marrom. Aquela que o esquilo da Era do Gelo persegue.

régia – ele sentiu um calor interior. Não o calor do fogo dos wyrm, mas algo macio e dourado, como a primeira luz de uma manhã de verão.

Margret vinha dizendo a ele há um ano que ele deveria se casar com Ead. Ela era linda, o fazia rir e eles podiam conversar por horas. Ele dispensou a irmã – não apenas porque o futuro Conde de Goldenbirch não podia aceitar uma plebeia como noiva, como ela sabia muito bem, mas porque amava Ead como amava Margret, como amava Sabran. Como irmã.

Ele ainda não havia experimentado o amor devorador reservado a uma companheira. Aos trinta, ele tinha idade mais do que suficiente para se casar e ansiava por homenagear o Cavaleiro da Sociedade participando daquela instituição mais sagrada.

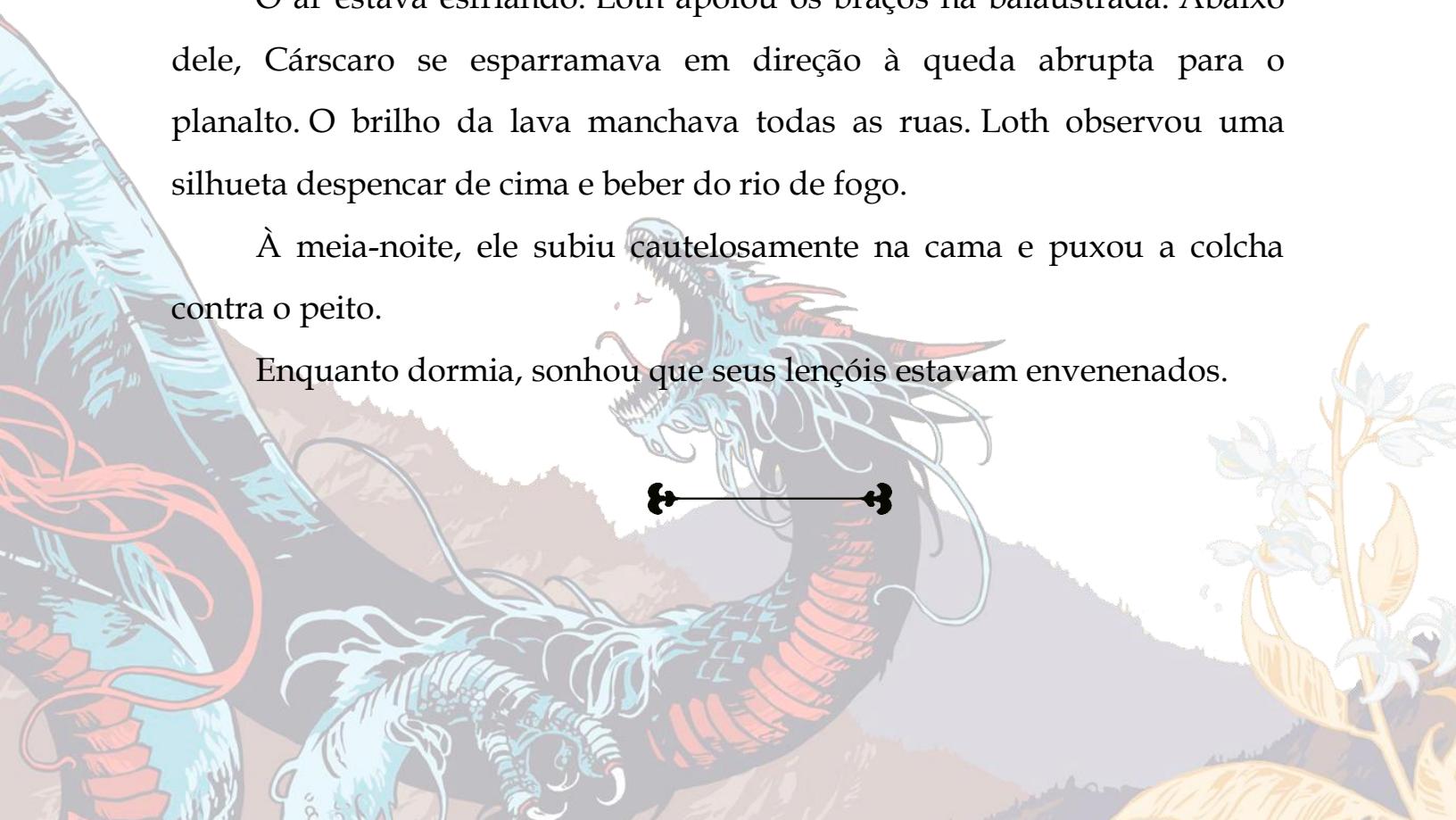
Agora ele poderia nunca ter uma chance.

Uma camisola de seda estava estendida sobre a cama, mas ele vestiu a sua própria, amarrrotada pela viagem, antes de pisar na varanda.

O ar estava esfriando. Loth apoiou os braços na balaustrada. Abaixo dele, Cársaro se esparramava em direção à queda abrupta para o planalto. O brilho da lava manchava todas as ruas. Loth observou uma silhueta despencar de cima e beber do rio de fogo.

À meia-noite, ele subiu cautelosamente na cama e puxou a colcha contra o peito.

Enquanto dormia, sonhou que seus lençóis estavam envenenados.



Perto do meio-dia, Kit o encontrou sentado à sua mesa, à sombra da varanda, olhando para o planalto.

— Muito bem, senhor — disse Loth.

— Ah, senhor, é um lindo dia na terra da morte e do mal. — Kit carregava uma valetadeira. — Essas pessoas podem adorar o Inominável, mas que camas boas! Nunca dormi melhor.

Kit nunca poderia ser sério, e Loth nunca poderia deixar de sorrir com o que estava acontecendo, mesmo aqui.

— Onde você encontrou comida?

— O primeiro lugar que procuro em qualquer prédio novo é a cozinha. Fiz sinal para os servos até que eles entendessem que eu estava faminto. Aqui. — Ele colocou a valetadeira na mesa. — Eles vão nos trazer algo mais tarde.

A mesa estava cheia de frutas e nozes torradas, uma jarra de vinho de palha e duas taças.

— Você não deveria ter se afastado sozinho, Kit — disse Loth.

— Minha barriga não espera por ninguém. — Ao ver sua expressão, Kit suspirou. — Certo.

O sol era uma ferida aberta, o céu com mil variações de rosa. Uma névoa pálida pairava sobre a planície. Loth nunca tinha visto uma vista assim. Eles estavam protegidos do impacto do calor, mas suas clavículas estavam cobertas de suor.

Deve ter sido indescritivelmente belo quando a lavanda ainda crescia. Loth tentou se imaginar caminhando pelos corredores ao ar livre no verão, aquecido por uma brisa perfumada.

Foi o medo ou o mal que se apoderou do Rei Sigoso, para corromper este lugar do jeito que ele se apoderou?

— Então — disse Kit, com a boca cheia de amêndoas, — como vamos abordar a Donmata?

— Com a maior cortesia. Pelo que ela sabe, estamos aqui como embaixadores permanentes. Duvido que ela ache suspeito se perguntarmos o que aconteceu com o último.

— Se eles fizeram algo com Fynch, ela vai mentir.

— Então, vamos pedir evidências de que ele está vivo.

— Você não exige *evidências* de uma princesa. A palavra dela é lei.

— Kit descascou uma laranja cor de sangue. — Nós somos espiões agora, Loth. É melhor você parar de ouvir essa sua natureza confiante.

— O que devemos fazer, então?

— Entrar na corte, agir como bons embaixadores e descobrir o que pudermos. Pode haver outros diplomatas estrangeiros aqui. Alguém deve saber algo útil. — Ele deu a Loth um sorriso ensolarado. — E se tudo mais falhar, vou flertar com a Donmata Marosa até que ela me abra o coração.

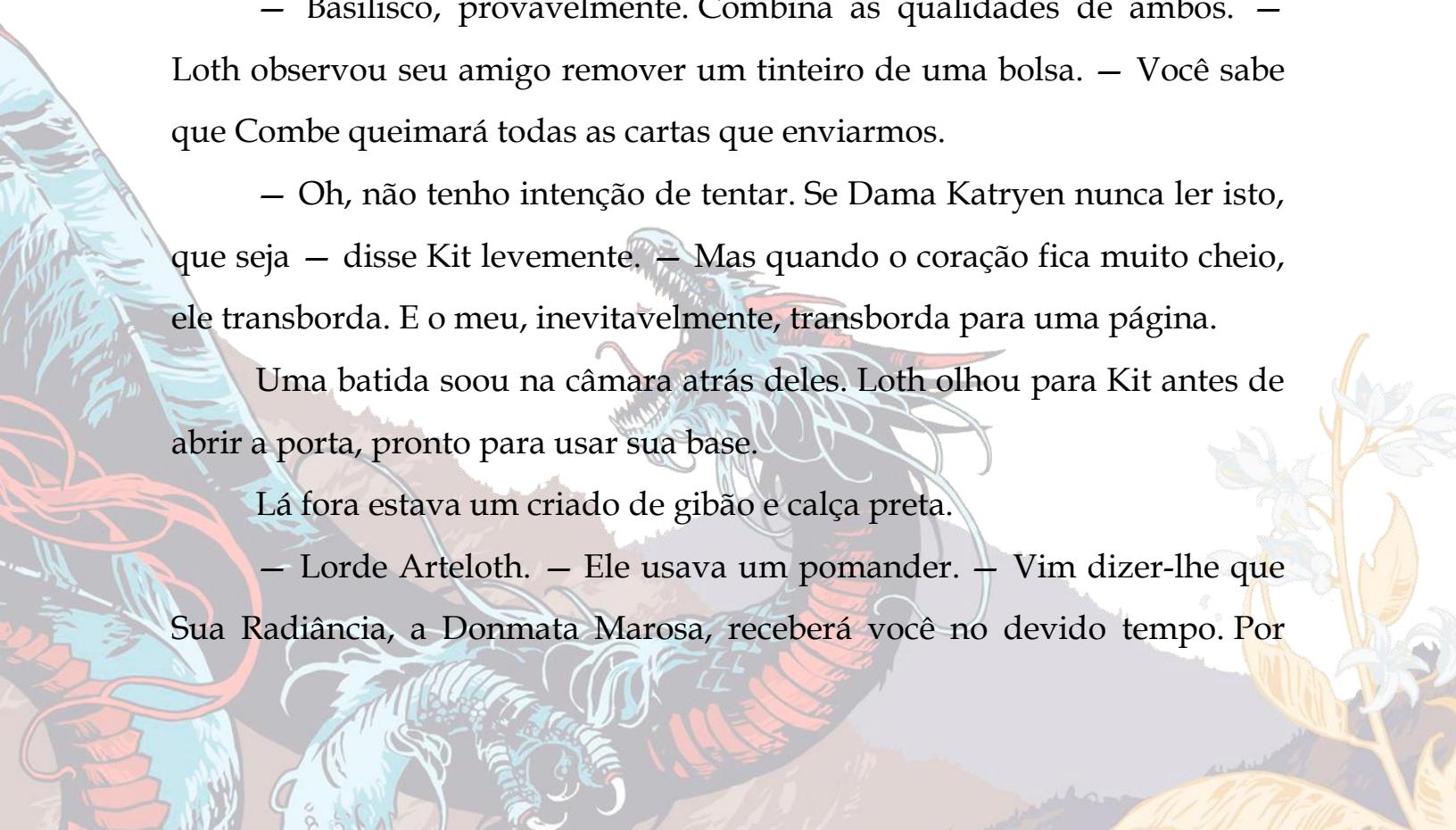
Loth balançou a cabeça.

— Cretino.

Um estrondo passou por Cársaro. Kit pegou sua taça antes que o vinho pudesse derramar.

— O que é que foi isso?

— Um terremoto — Loth disse, inquieto. — Papai me disse uma vez que montanhas de fogo podem causar essas coisas.



Os Yscals não teriam construído uma cidade aqui se ela pudesse ser arrasada por um terremoto. Tentando não pensar nisso, Loth tomou um gole de seu vinho, ainda assombrado pelo pensamento de como Cársaro deve ter sido. Cantarolando, Kit pegou sua pena e uma pequena faca.

— Poesia? — Loth perguntou.

— A inspiração ainda não atingiu. Terror e criatividade, na minha experiência, muitas vezes não andam de mãos dadas. — Kit começou a afiar a pena. — Não, isto é uma carta. Para uma certa senhora.

Loth estalou a língua.

— Por que você não disse a Kate como se sente está além de mnha compreensão.

— Porque embora eu seja charmoso pessoalmente, sou Sir Antor Dale na página. — Kit lançou-lhe um olhar divertido. — Você acha que eles enviam suas cartas por pássaro ou basilisco hoje em dia?

— Basilisco, provavelmente. Combina as qualidades de ambos. — Loth observou seu amigo remover um tinteiro de uma bolsa. — Você sabe que Combe queimará todas as cartas que enviarmos.

— Oh, não tenho intenção de tentar. Se Dama Katryen nunca ler isto, que seja — disse Kit levemente. — Mas quando o coração fica muito cheio, ele transborda. E o meu, inevitavelmente, transborda para uma página.

Uma batida soou na câmara atrás deles. Loth olhou para Kit antes de abrir a porta, pronto para usar sua base.

Lá fora estava um criado de gibão e calça preta.

— Lorde Arteloth. — Ele usava um pomander. — Vim dizer-lhe que Sua Radiância, a Donmata Marosa, receberá você no devido tempo. Por

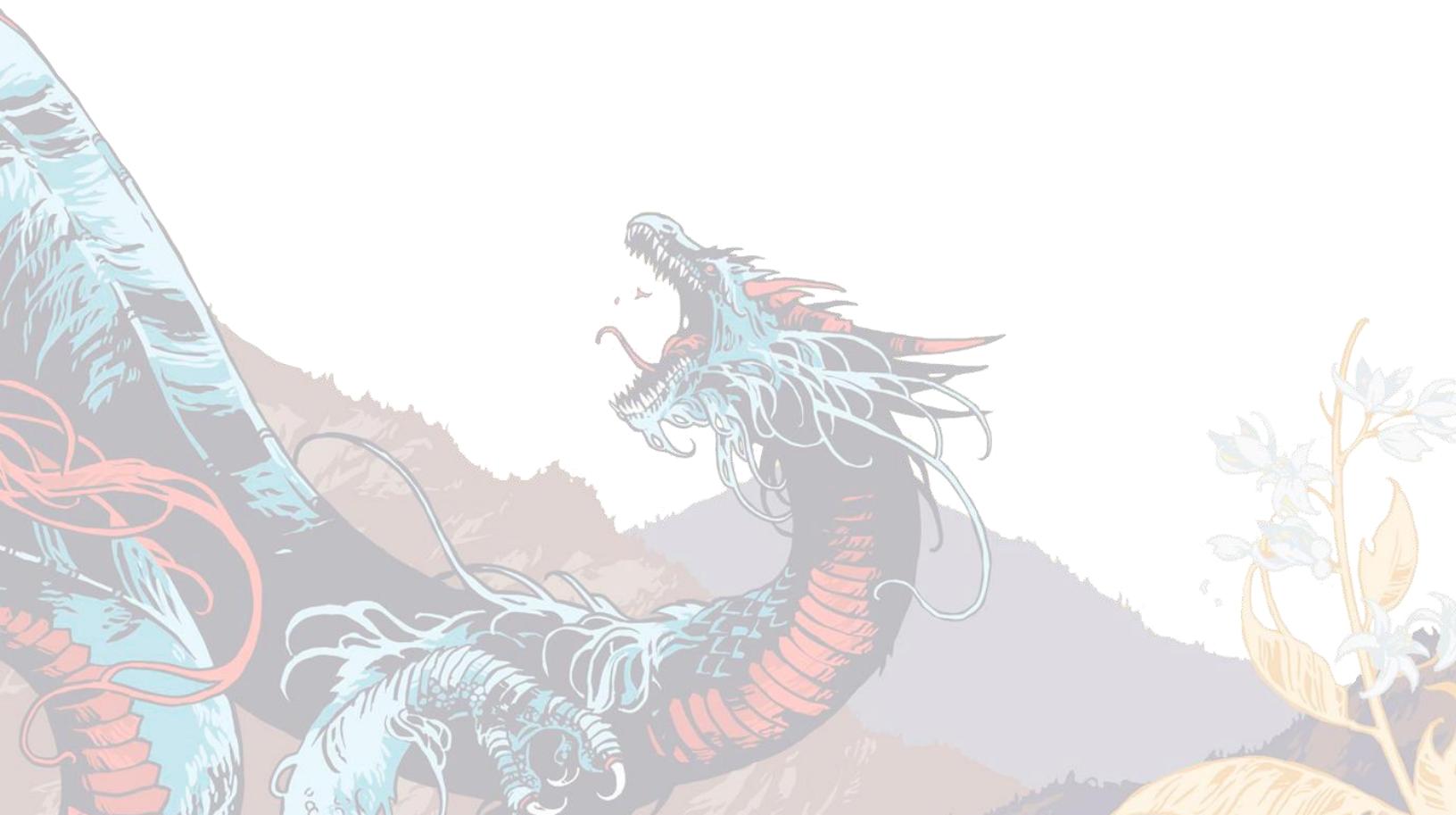
enquanto, você e Lorde Kitston devem ir ao médico, para que Sua Radiância possa ter certeza de que vocês não carregam nenhuma doença até sua porta.

— Agora?

— Sim, meu senhor.

A última coisa que Loth queria era ser cutucado por um médico com simpatias Dracônicas, mas ele duvidava que eles tivessem escolha.

— Então, por favor — disse ele. — Mostre o caminho.



Capítulo 16

Leste

O resto das provas de água passaram como uma névoa. A noite em que foram instruídos a nadar contra a corrente no rio de correnteza rápida. O duelo com redes. Demonstrando competência em sinalizar para outros pilotos. Às vezes, havia um dia entre eles, às vezes muitos dias. E antes que Tané percebesse, o julgamento final estava em cima dela.

A meia-noite a encontrou no salão de prática novamente, cobrindo a lâmina de sua espada com óleo de cravo. O cheiro penetrou em seus dedos. Seus ombros doíam e seu pescoço estava rígido como um toco de árvore.

Esta espada a poderia fazer ganhar ou perder tudo amanhã. Ela podia ver seus próprios olhos injetados de sangue.

Chovia uma garoa fina dos telhados da escola. No caminho de volta para seus aposentos, ela ouviu uma risada abafada.

A porta de uma pequena sacada estava aberta. Tané olhou para a balaustrada. No pátio abaixo, onde cresciam pereiras, Onren e Kanperu estavam sentados juntos, cabeças inclinadas sobre um tabuleiro de jogo, dedos entrelaçados.

— Tané.

Ela se assustou. Dumusa estava olhando para fora de seus aposentos, vestida com um manto de mangas curtas, segurando um cachimbo. Ela se juntou a Tané na varanda e seguiu seu olhar.

— Você não deve ter inveja deles — disse ela após um longo silêncio.

— Eu não estou...

— Paz. Eu também os invejo, às vezes. Quão fácil eles parecem encontrar isso. Onren, especialmente.

Tané escondeu o rosto atrás do cabelo.

— Ela se sobressai — disse ela. — Com tão pouco... — As palavras ficaram presas em sua garganta. — Com tão pouco.

— Ela se destaca porque confia em sua habilidade. Eu suspeito que você teme que a sua escorregue entre seus dedos se você afrouxar o aperto por um momento sequer — disse Dumusa. — Eu nasci uma descendente de cavaleiros. Foi uma grande bênção, e sempre quis provar a mim mesma que era digna disso. Quando eu tinha dezesseis anos, parei tudo, menos meus estudos. Eu parei de ir para a cidade. Eu parei de pintar. Parei de ver Ishari. Tudo o que fiz foi praticar até me tornar a aprendiz principal. Esqueci como possuir uma habilidade. Em vez disso, a habilidade me possuiu. Tudo de mim.

Tané sentiu um arrepió.

— Mas... — ela hesitou. — Você não tem a aparência que eu sinto.

Dumusa soltou um bocado de fumaça.

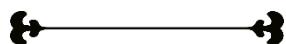
— Percebi — disse ela —, que se tiver a sorte de me tornar uma montadora, terei de responder no momento em que Seiiki chamar. Não terei

dias de prática antes. Lembre-se, Tané, que uma espada não precisa ser afiada o tempo todo para mantê-la afiada.

— Eu sei.

Dumusa olhou para ela.

— Então pare de afiar. E vá dormir.



O julgamento final aconteceria no pátio. Tané quebrou o jejum cedo e encontrou um lugar nos bancos.

Onren veio se sentar ao lado dela ao amanhecer. Elas ouviram o estrondo distante do trovão.

— Então — disse Onren — você está pronta?

Tané acenou com a cabeça e balançou a cabeça.

— Eu também. — Onren virou o rosto para a chuva forte. — Você vai cavalgar, Tané. Os Miduchi nos julga com base em nosso desempenho em todos os testes de água, e você fez o suficiente.

— Este é o mais importante — murmurou Tané. — Usaremos espadas mais do que qualquer outra arma. Se não podemos vencer uma luta em uma escola...

— Todos nós sabemos como você é boa com uma lâmina. Você vai ficar bem.

Tané torceu as mãos entre os joelhos.

Os outros escorreram para fora. Quando todos estavam presentes, o General do Mar surgiu. O servo ao lado dele ficava na ponta dos pés para segurar um guarda-chuva sobre a cabeça.

— O teste final é com espadas — disse o General do Mar a todos. — Primeiro, a honorável Tané, da Casa Sul.

Ela ficou de pé.

— Honorável Tané —, disse ele. — Hoje você enfrentará o honorável Turosa, da Casa Norte.

Turosa levantou-se dos bancos sem hesitar.

— O primeiro sangue vence.

Eles caminharam para extremidades diferentes do pátio para coletar suas espadas. Olhares travados, lâminas desembainhadas, eles caminharam um em direção ao outro.

Ela iria mostrar a ele o que o joio da aldeia podia fazer.

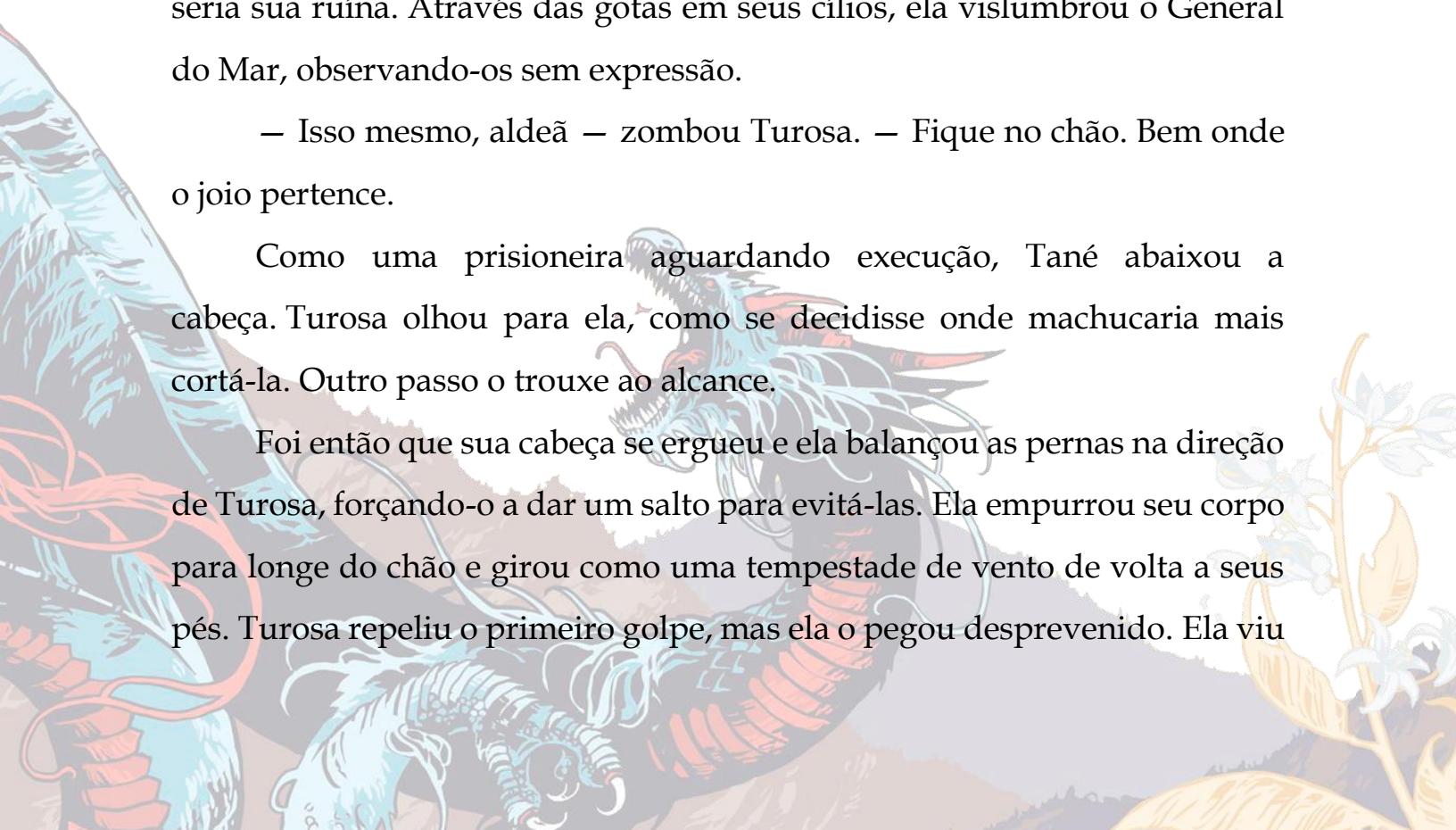
Seus arcos eram pequenos e rígidos. Tané agarrou sua espada com as duas mãos. Tudo o que ela podia ver era Turosa, o cabelo pingando, as narinas dilatadas.

O General do Mar gritou e Tané correu para Turosa. Espada colidiu com espada. Turosa aproximou o rosto do dela tanto que ela sentiu seu hálito e o cheiro forte de suor em sua túnica.

— Quando eu comandar os cavaleiros — ele sibilou — vou cuidar para que nenhum camponês jamais monte um dragão novamente. — Um clangor de lâminas. — Em breve você estará de volta ao casebre de onde a tiraram.

Tané empurrou para ele. Ele parou a lâmina dela perto de sua cintura.

— Lembre-me — disse ele, para que apenas ela pudesse ouvir — de onde você veio? — Ele empurrou a espada dela. — Eles ao menos dão nomes a vilas de merda?



Se ele pensasse em provocá-la insultando a família que ela nunca conheceu, ele estaria esperando mil anos.

Ele se virou para ela. Tané defendeu-se e o duelo começou para valer.

Esta não era uma dança com espadas de madeira. Não havia lição a ser aprendida aqui, nenhuma habilidade a ser aprimorada. No final, seu confronto com sua rival era tão rápido e implacável como ter um dente arrancado.

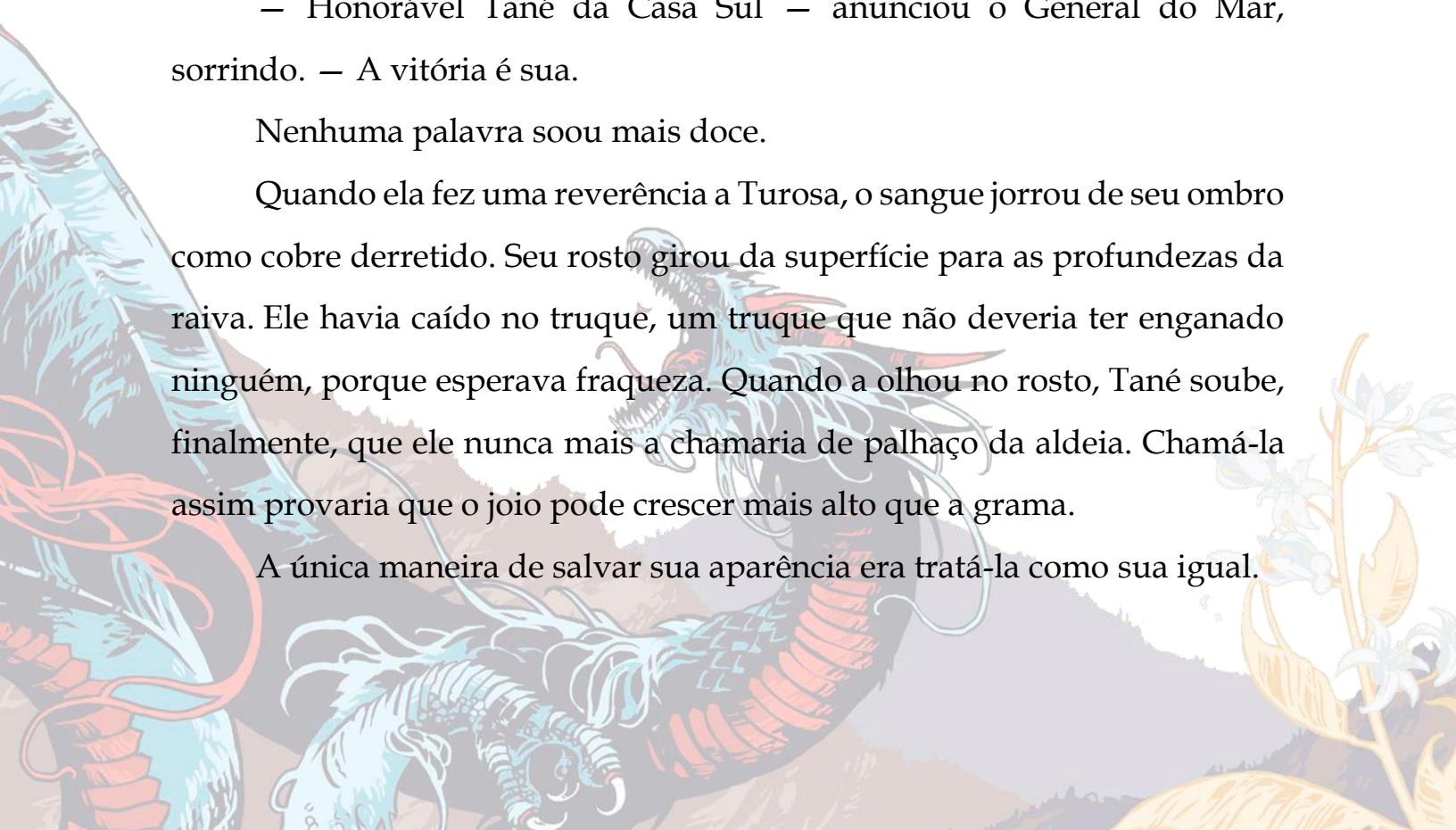
Seu mundo era uma torrente de chuva e metal. Turosa saltou alto. Tané cortou, desviando de seu corte para baixo, e ele caiu agachado. Ele estava sobre ela novamente antes que ela pudesse respirar, a espada brilhando como um peixe na água. Ela combinou cada golpe até que ele fintou e deu um soco no queixo. Um chute brutal no estômago a fez se esparramar.

Ela deveria ter visto aquela finta a léguas de distância. Sua exaustão seria sua ruína. Através das gotas em seus cílios, ela vislumbrou o General do Mar, observando-os sem expressão.

— Isso mesmo, aldeã — zombou Turosa. — Fique no chão. Bem onde o joio pertence.

Como uma prisioneira aguardando execução, Tané abaixou a cabeça. Turosa olhou para ela, como se decidisse onde machucaria mais cortá-la. Outro passo o trouxe ao alcance.

Foi então que sua cabeça se ergueu e ela balançou as pernas na direção de Turosa, forçando-o a dar um salto para evitá-las. Ela empurrou seu corpo para longe do chão e girou como uma tempestade de vento de volta a seus pés. Turosa repeliu o primeiro golpe, mas ela o pegou desprevenido. Ela viu



em seus olhos. Seus pés tornaram-se desajeitados na pedra molhada, e quando a lâmina dela retumbou em direção a ele novamente, seu braço subiu muito devagar para bloqueá-la.

Raspou sua mandíbula, suave como uma folha de grama.

Um batimento cardíaco depois, sua espada abriu seu ombro. Ela engasgou quando ele se afastou dela, os dentes à mostra e escorregadios de saliva.

Os outros guardiões do mar estavam se esforçando para ver. Tané observou seu oponente, respirando com dificuldade.

Se ela não tivesse rompido a pele, essa luta estaria perdida.

Lentamente, rubis brotaram da linha que ela havia desenhado. Tremendo e encharcado, Turosa levou um dedo ao queixo e encontrou uma mancha, brilhante como uma flor de marmelo.

Primeiro sangue.

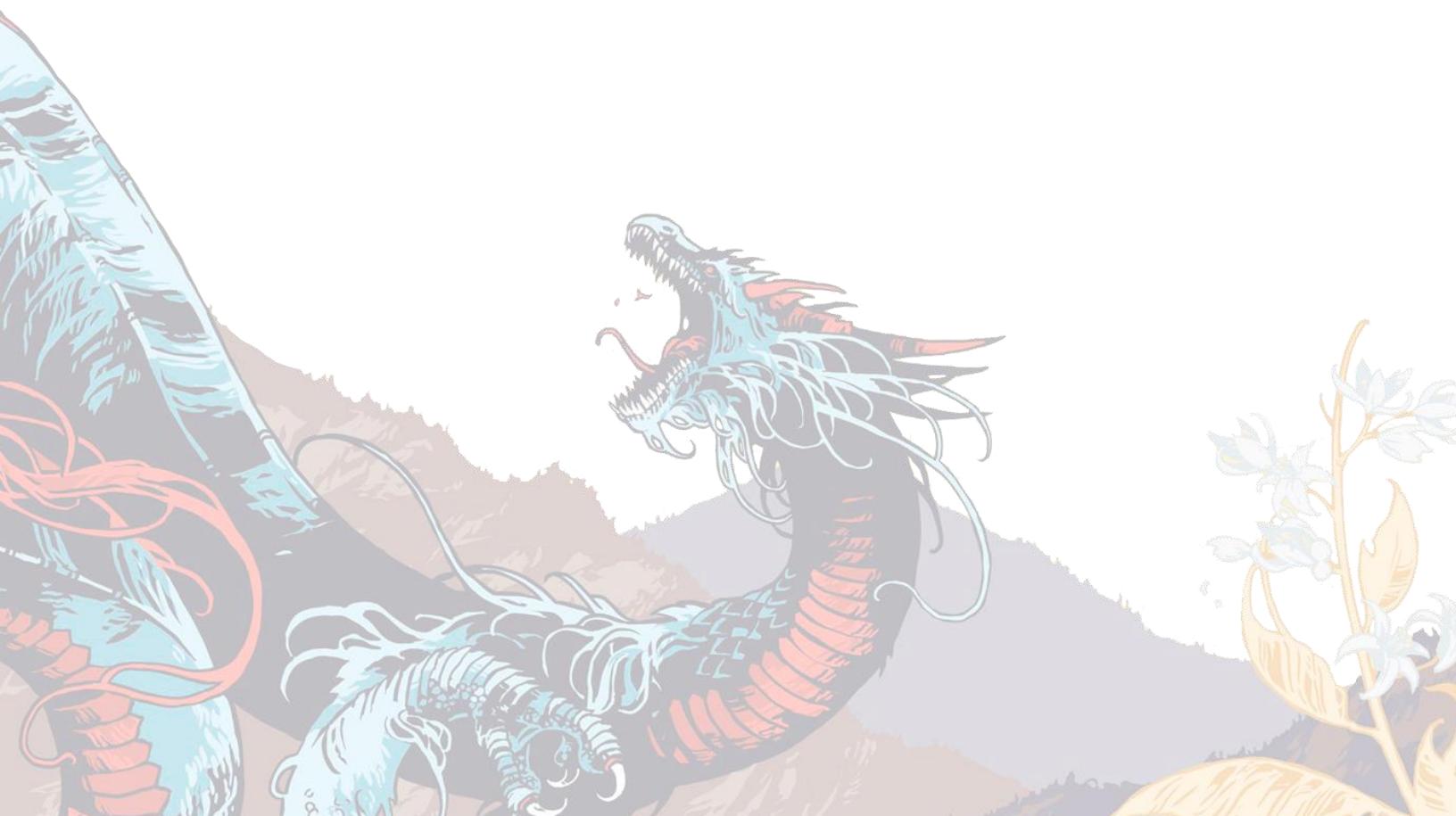
— Honorável Tané da Casa Sul — anunciou o General do Mar, sorrindo. — A vitória é sua.

Nenhuma palavra soou mais doce.

Quando ela fez uma reverência a Turosa, o sangue jorrou de seu ombro como cobre derretido. Seu rosto girou da superfície para as profundezas da raiva. Ele havia caído no truque, um truque que não deveria ter enganado ninguém, porque esperava fraqueza. Quando a olhou no rosto, Tané soube, finalmente, que ele nunca mais a chamaria de palhaço da aldeia. Chamá-la assim provaria que o joio pode crescer mais alto que a grama.

A única maneira de salvar sua aparência era tratá-la como sua igual.

Sob o céu aberto, o descendente dos cavaleiros curvou-se para ela, mais baixo do que nunca.



Capítulo 17

Oeste

Tendo sido declarados livres da peste, Loth e Kit foram admitidos na presença da Donmata Marosa vários dias após sua chegada. Durante aqueles dias, eles permaneceram em seus quartos, sem poder sair com guardas vigiando na galeria. Loth ainda estremecia com a memória do Médico Real, que havia colocado sanguessugas onde sanguessugas nunca deveriam ser colocadas.

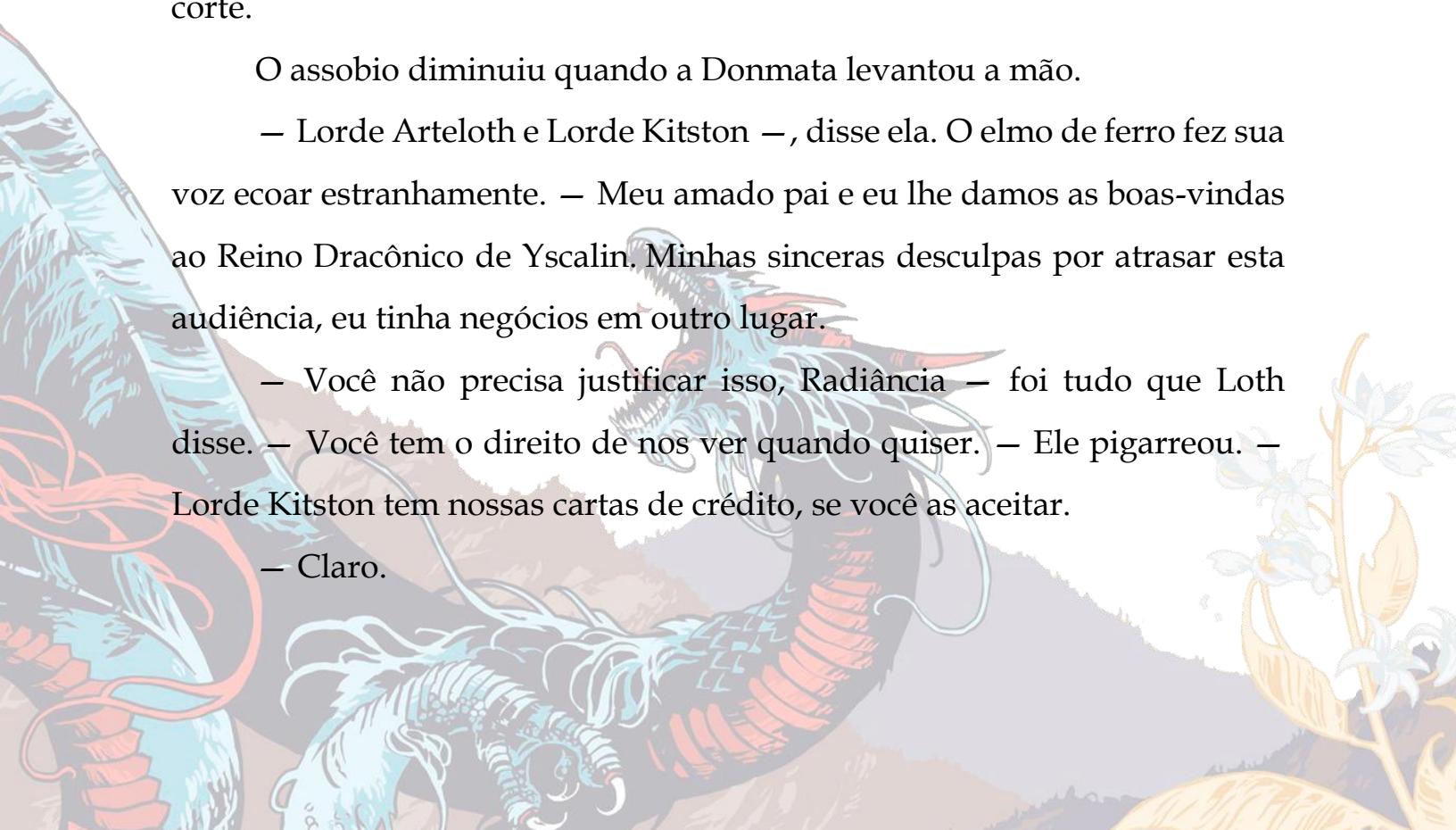
Foi assim que Loth se viu entrando com Kit na cavernosa sala do trono do Palácio da Salvação. O espaço estava inundado de cortesãos e nobres, mas não havia sinal do Príncipe Wilstan.

A Donmata Marosa, princesa herdeira do Reino Dracônico de Yscalin, senta-se em um trono de vidro vulcânico sob um dossel de estado. Sua cabeça estava envolta em uma máscara de ferro com chifres, com a forma da cabeça de um Alto Ocidental. O peso disso deveria ser enorme.

— Santo — Kit sussurrou, tão baixo que apenas Loth podia ouvir. — Ela tem o rosto de Fýredel.

Guardas em armaduras douradas estavam na frente do trono. O dossel mostrava o emblema da Casa de Vetalda. Dois wyvems negros e uma espada, quebrada em dois pedaços.

Não qualquer espada, mas Ascalon. O símbolo de Virtudom.



As damas de companhia dobraram seus véus contra a peste, pendurados em pequenas, mas ornamentadas diademas. Dama Priessa Yelarigas estava à direita do trono. Agora que seu rosto foi revelado, Loth podia ver suas bochechas pálidas e sardentas, seus olhos fundos e o porte orgulhoso de seu queixo.

O ronronar da conversa diminuiu quando eles pararam em frente ao trono.

— Radiância — o mordomo chamou —, eu apresento a vocês dois cavalheiros Inysh. Aqui está Lorde Arteloth Beck, filho do Conde e Condessa de Goldenbirch, e aqui está Lorde Kitston Glade, filho do Conde e Condessa de Honeybrook. Embaixadores do Reino de Inys.

O silêncio caiu na sala do trono, seguido rapidamente por um assobio. Loth se ajoelhou e abaixou a cabeça.

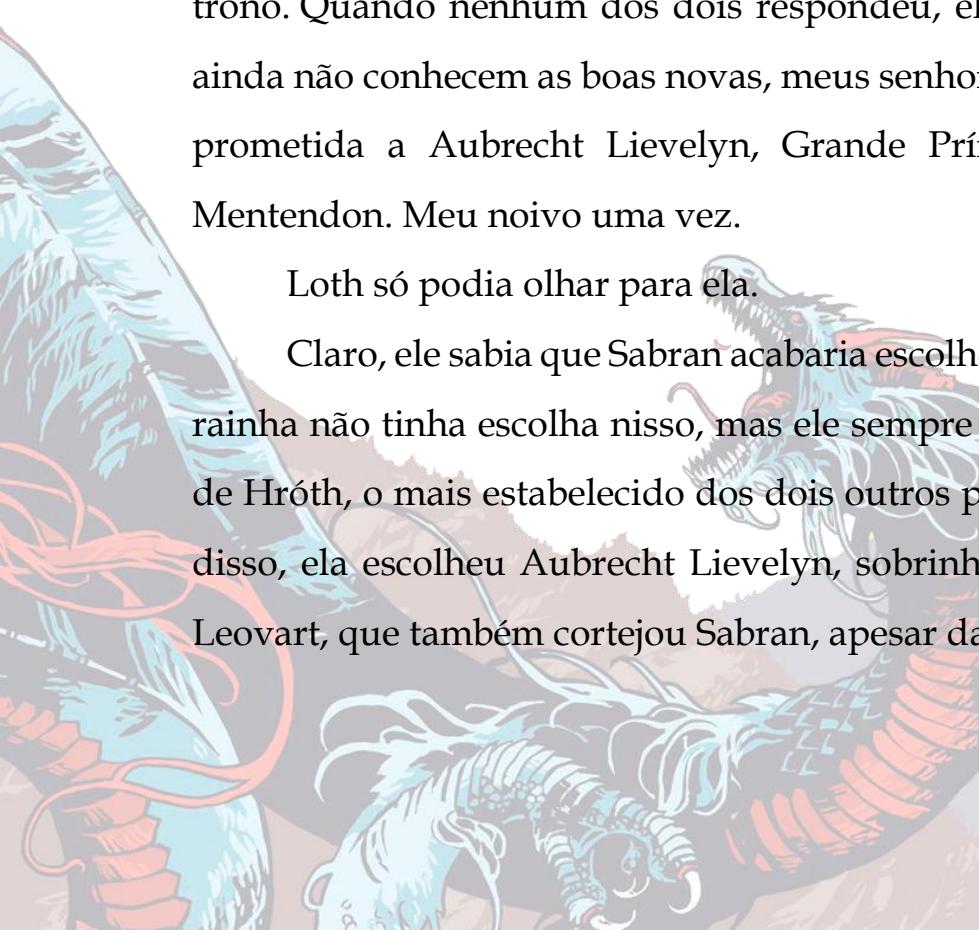
— Sua Radiância — disse ele. — agradecemos por nos receber em sua corte.

O assobio diminuiu quando a Donmata levantou a mão.

— Lorde Arteloth e Lorde Kitston —, disse ela. O elmo de ferro fez sua voz ecoar estranhamente. — Meu amado pai e eu lhe damos as boas-vindas ao Reino Dracônico de Yscalin. Minhas sinceras desculpas por atrasar esta audiência, eu tinha negócios em outro lugar.

— Você não precisa justificar isso, Radiância — foi tudo que Loth disse. — Você tem o direito de nos ver quando quiser. — Ele pigarreou. — Lorde Kitston tem nossas cartas de crédito, se você as aceitar.

— Claro.



Dama Priessa acenou com a cabeça para um criado, que pegou as cartas de Kit.

— Quando o Duque da Cortesia escreveu a meu pai, ficamos encantados com o desejo de Inys de fortalecer seus laços diplomáticos com Yscalín —, continuou a Donmata. — Odiaríamos pensar que a Rainha Sabran colocaria em risco nossa longa amizade por... diferenças religiosas.

Diferenças religiosas.

— Falando de Sabran, tem sido um *longo* tempo desde a última vez ouvi falar dela — comentou o Donmata. — Diga-me, ela já está grávida?

Um músculo estremeceu sob o olho de Loth. Que ela pudesse sentar-se sob aquele dispositivo blasfemo e proclamar amizade a Sabran era repulsivo.

— Sua Majestade não se casou, senhora — disse Kit.

— Mas logo. — Ela colocou uma mão em cada braço de seu trono. Quando nenhum dos dois respondeu, ela disse: — Acho que vocês ainda não conhecem as boas novas, meus senhores. Sabran foi recentemente prometida a Aubrecht Lievelyn, Grande Príncipe do Estado Livre de Mentendon. Meu noivo uma vez.

Loth só podia olhar para ela.



Claro, ele sabia que Sabran acabaria escolhendo um companheiro, uma rainha não tinha escolha nisso, mas ele sempre presumiu que seria alguém de Hróth, o mais estabelecido dos dois outros países em Virtudom. Em vez disso, ela escolheu Aubrecht Lievelyn, sobrinho-neto do falecido príncipe Leovart, que também cortejou Sabran, apesar das décadas entre eles.

— Infelizmente — disse a Donmata — não fui convidada para comparecer à cerimônia — ela se recostou. — Você parece preocupado, Lorde Arteloth. Venha, diga o que pensa. O Príncipe Vermelho não é digno de dormir com sua amante?

— O coração da rainha Sabran é um assunto privado — Loth rebateu. — Não deve ser discutido em um lugar como este.

A risada quebrou o silêncio na sala do trono, fazendo sua espinha formigar. Donmata juntou-se alegremente por trás de sua máscara terrível.

— O coração de Sua Majestade pode ser um assunto privado, mas sua cama não. Afinal, eles dizem que no dia em que a linhagem Berethnet terminar, o Inominável retornará para nós. Se ela pretende mantê-lo amarrado, não seria melhor Sabran continuar com a tarefa de abrir... o país para o Príncipe Aubrecht?

Mais risadas.

— Eu rezo para que a linhagem Berethnet continue até o fim dos tempos — disse Loth, antes que soubesse o que estava fazendo. — Pois isso se interpõe entre nós e o caos.

Em um movimento suave, os guardas desembainharam seus floretes. A risada parou.

— Cuidado, Lorde Arteloth, — disse a Donmata. — Não diga nada que possa ser interpretado como falar mal do Inominável. — Ela estendeu a mão em direção aos guardas, que guardaram suas lâminas. — Sabe, ouvi dizer que *você* se tornaria príncipe consorte. Você provou ser muito baixo para amar uma rainha? — Antes que ele pudesse protestar, ela bateu palmas. — Deixe para lá. Podemos remediar sua falta de companhia aqui em

Yscalín. Músicos! Toquem as trinta voltas! Dama Priessa vai dançar com Lorde Arteloth.

Imediatamente, Dama Priessa desceu para o chão de mármore. Loth se preparou e caminhou em sua direção.

A dança das trinta voltas já fora ensinada em muitas cortes. Fora proibida em Inys por Jillian a Quinta, que a considerava indecente, mas depois as rainhas foram mais tolerantes. A maioria dos cortesãos aprendia de uma forma ou de outra.

Dama Priessa fez uma reverência quando o consorte começou a tocar uma melodia alegre. Loth curvou-se para sua parceira antes de ambos se virarem para enfrentar a Donmata e darem as mãos.

A princípio, suas pernas se moveram rigidamente. Dama Priessa tinha os pés leves. Ele saltou em um círculo ao redor dela, nunca deixando seus calcanhares tocarem o chão.

Ela o seguiu. De um lado para o outro, eles empinaram e saltaram, lado a lado e cara a cara – então a música aumentou, e com uma mão nas costas dela e a outra na cintura, Loth levantou sua parceira do chão. Repetidamente ele a ergueu, até que seus braços doíam e o suor brotou em seu rosto e nuca.

Ele podia ouvir Dama Priessa recuperando o fôlego. Uma mecha de cabelo escuro se soltou à medida que eles giravam em torno um do outro, diminuindo a cada passo, até que finalmente deram as mãos para enfrentar a Donmata Marosa novamente.

Algo esmagou entre suas palmas. Loth não ousou olhar para ela enquanto pegava o que quer que ela colocasse em sua mão. Donmata e sua corte aplaudiram.

— Você está cansado, Lorde Arteloth — veio a voz da máscara. — Dama Priessa era muito pesada para você?

— Eu acho que os vestidos em Yscalín pesam mais do que as mulheres, Radiância. — Loth disse, respirando com dificuldade.

— Oh, não, meu senhor. Eles pesam, entre as senhoras, os senhores, todos. Nossos corações estão pesados de tristeza porque o Inominável ainda não voltou para nos guiar. — A Donmata se levantou. — Uma noite longa e tranquila para você. — O elmo se inclinou. — A menos que haja algo que você deseje me perguntar.

Loth estava dolorosamente ciente do papel em sua mão, mas esta era uma oportunidade.

— Uma coisa, Radiância — ele pigarreou. — Há outro embaixador residente em sua corte, que serviu a Rainha Sabran aqui por muitos anos. Wilstan Fynch, o Duque da Temperança. Eu estava me perguntando onde ele está hospedado no palácio, para que possamos falar com ele.

Ninguém se moveu ou falou.

— Embaixador Fynch — disse finalmente a Donmata. — Bem, Lorde Arteloth, você e eu estamos no escuro nessa frente. Sua Graça partiu há várias semanas, indo para Córvgar.

— Córvgar — Loth ecoou. Era um porto no extremo sul de Yscalín. — Por que ele iria lá?

— Ele disse que tinha negócios em outro lugar, cuja natureza ele não revelou. Estou surpresa por ele não ter escrito a Sabran para contar a ela.

— Eu também estou surpreso, Sua Radiância. Na verdade — disse Loth —, acho difícil de acreditar.

Houve um breve silêncio enquanto sua implicação pairava sobre a sala do trono.

— Espero, Lorde Arteloth — disse a Donmata —, que você não esteja me acusando de mentir.

Os cortesãos haviam se aproximado. Como cães com cheiro de sangue. Kit agarrou Loth pelo ombro e ele fechou os olhos.

Se quisessem descobrir a verdade, teriam de sobreviver a esta corte e, para sobreviver, teriam de seguir as suas regras.

— Não, Sua Radiância — ele disse. — Claro que não. Me perdoe.

Sem falar novamente, Donmata Marosa deslizou para fora da sala do trono com suas damas.

Os cortesãos começaram a murmurar. Mandíbula cerrada, Loth deu as costas para a linha de guardas e caminhou através das portas, Kit correndo em seus calcanhares.

— Ela poderia ter tido sua língua arrancada por isso — seu amigo murmurou. — Santo, homem, o que deu em você para acusar uma princesa de mentir em sua própria sala do trono?

— Não tenho *estômago* para isso, Kit. A blasfêmia. O engano. O desprezo descarado por Inys.

— Você não pode deixá-los ver que sua provocação funcionou. Seu patrono é o Cavaleiro da Sociedade. Ao menos dê a essas pessoas a impressão dessa virtude. — Kit segurou seu braço, parando-o em seu caminho. — Arteloth, me *escute*. Não servimos para Inys mortos.

O suor escorria de seu rosto e sua pulsação era distinta no pescoço. Loth nunca o tinha visto tão preocupado.

— A Cavaleira da Cortesia é sua patrona, Kit. — Loth suspirou. — Esperamos que ela me ajude a mascarar minhas intenções.

— Mesmo com a ajuda dela, não será fácil.

Kit caminhou até as janelas da galeria.

— Eu disfarcei minha raiva de meu pai por toda a minha vida — ele disse suavemente. — Aprendi a sorrir enquanto ele zombava da minha poesia. Como ele me chamou de hedonista e maricas. Assim como ele amaldiçoou a falta de outros herdeiros e amaldiçoou minha pobre mãe por não tê-los dado a ele. — Ele respirou fundo. — Você me ajudou a fazer isso, Loth. Enquanto eu tivesse alguém com quem pudesse ser eu mesmo, poderia suportar ser outra pessoa com ele.

— Eu sei — Loth murmurou. — E eu prometo a você que, de agora em diante, mostrarei minha verdadeira face apenas para você.

— Bom — Kit se voltou para ele com um sorriso. — Tenha fé, como sempre, de que sobreviveremos a isso. A Rainha Sabran vai se casar. Nossa exílio não demorará muito. — Ele deu um tapinha no ombro de Loth. — Nesse ínterim, deixe-me encontrar um jantar para nós.

Eles se separaram. Só quando Loth trancou a porta de seu quarto é que ele olhou para o pedaço de pergaminho que Priessa Yelarigas pressionou em sua mão.

O Santuário Privado às três em ponto.

A porta fica ao lado da biblioteca. Venha sozinho.

O Santuário Privado. Agora que a Casa de Vetalda havia abandonado as Seis Virtudes, ele teria sido deixado para juntar poeira.

Isso poderia ser uma armadilha. Talvez o príncipe Wilstan tenha recebido uma nota como esta antes de desaparecer.

Loth passou as palmas das mãos sobre a cabeça. O Cavaleiro da Coragem estava com ele. Ele veria o que Dama Priessa tinha a dizer.



Kit voltou às onze da noite com cordeiro embebido em vinho, um pedaço de queijo com especiarias e tranças de pão de azeitona com alho. Eles se sentaram na varanda para comer enquanto as tochas de Cársscaro tremeluziam abaixo.

— O que eu não pagaria por um degustador de comida — Loth disse, escolhendo a refeição.

— Tem um gosto excelente para mim — disse Kit, com a boca cheia de pão com óleo. Ele limpou a boca. — Agora, devemos assumir que o Príncipe Wilstan não está tomando sol em Córvgar. Ninguém inteligente vai para Córvgar. Nada além de túmulos e corvos.

— Você acha que Sua Graça está morta?

— Eu temo isso.

— Devemos saber com certeza — Loth olhou para a porta e baixou a voz. — Dama Priessa me passou um bilhete durante o baile, me pedindo para encontrá-la esta noite. Talvez ela tenha algo a me dizer.

— Ou talvez ela tenha uma adaga e pretenda introduzi-la nas suas costas. — Kit ergueu uma sobrancelha. — Espera. Você não *vai*, *vai*?

— A menos que você tenha qualquer outra pista, eu devo. E antes que você pergunte, ela estipulou que eu devo ir sozinho.

Kit fez uma careta e bebeu.

— O Cavaleiro da Coragem emprestou a você sua espada, meu amigo.

Em algum lugar nas montanhas, um wyvern deu um grito de guerra. Um frio mortal percorreu Loth.

— Então — Kit disse, e pigarreou. — Aubrecht Lievelyn. O ex-prometido de nossa Donmata com cabeça de wyrn.

— Sim — Loth olhou para o firmamento sem estrelas. — Lievelyn parece uma escolha respeitável. Pelo que ouvi, ele é gentil e virtuoso. Ele será um bom companheiro de Sab.

— Sem dúvida, mas agora ela terá que se casar com ele sem seu amigo mais querido ao lado dela.

Loth assentiu, perdido na memória. Ele e Sabran sempre prometeram que, quando se casassem, se entregariam. Que ele perderia a cerimônia foi a torção final da faca.

Vendo seu rosto, Kit soltou um suspiro teatral.

— Tenha pena de nós dois — disse ele. — Fiz uma promessa solene para mim mesmo de que se a Rainha Sabran algum dia se casasse, eu pediria a Kate Withy para dançar comigo e me desmascarar como o homem que tem enviado poemas apaixonados para ela nos últimos três anos. Agora, nunca vou descobrir se tenho coragem.

Loth permitiu que Kit o distraísse enquanto eles terminavam o jantar. Sorte mesmo que seu amigo tivesse vindo com ele nesta jornada, ou ele teria enlouquecido agora.

À meia-noite, o palácio ficou silencioso quando os Yscals começaram a se retirar. Kit voltou para seu quarto depois de exigir a promessa de que Loth iria bater em sua porta ao retornar do encontro com a senhora.

Um sino tocava em algum lugar de Cársaro a cada hora. Perto das três horas do relógio, Loth se levantou e deslizou sua base para a bainha ao seu lado. Ele pegou uma vela vermelha de um dos castiçais e deixou a colunata.

A Biblioteca de Isalarico formava o coração do Palácio da Salvação. Enquanto Loth caminhava em direção às portas, ele quase perdeu o corredor à sua esquerda. Ele se aproximou da porta ao final, encontrou a chave na fechadura e entrou na escuridão do Santuário Privado.

O brilho de sua vela tremeluziu em um teto abobadado. Livros de oração e estátuas quebradas estavam espalhados pelo chão. Um retrato da Rainha Rosarian estava entre as ruínas, o rosto esfaqueado quase irreconhecível. Todas as evidências de Virtudom foram escondidas aqui e trancadas.

Uma figura estava diante da janela de vitral no final do santuário. Ela segurava uma vela com uma chama natural. Quando ele estava perto o suficiente para tocá-la, Loth quebrou o silêncio.

— Dama Priessa.
— Não, Lorde Arteloth. — Ela abaixou o capuz. — Você olha para uma princesa do Oeste.

Na chama limpa de sua vela, suas feições se tornaram claras para ele. Pele marrom e sobrancelhas espessas e escuras. Um nariz de águia. Seu cabelo era de veludo preto, tão longo que chegava até os cotovelos, e seus



olhos eram de um âmbar tão marcante que pareciam topázio. Os olhos da Casa de Vetalda.

— Donmata — Loth murmurou.

Ela sustentou seu olhar.

A única herdeira do Rei Sigoso e da falecida Rainha Sahar. Já vira Marosa Vetalda uma vez, quando ela fora a Inys para celebrar o aniversário de mil anos da Fundação de Ascalon. Ela ainda estava noiva de Aubrecht Lievelyn então.

— Eu não entendo — ele apertou mais a vela. — Por que você está vestida como sua dama de companhia?

— Priessa é a única pessoa em quem confio. Ela me empresta seu uniforme para que eu possa me mover pelo palácio sem ser detectada.

— Foi você quem veio nos buscar em Perunta?

— Não. Essa *era* Priessa. — Quando Loth começou a falar, ela levou um dedo enluvado aos lábios. — Ouça bem, Lorde Arteloth. Yscalin não adora apenas o Inominável. Também estamos sob o domínio Dracônico. Fýredel é o verdadeiro rei de Yscalin, e seus espiões espreitam por toda parte. Foi por isso que tive que agir da maneira que agi na sala do trono. É tudo uma performance.

— Mas...

— Você procura o Duque da Temperança. Fynch está morto há meses. Eu o enviei para realizar uma tarefa para mim, em nome de Virtudom, mas... ele nunca mais voltou.

— Virtudom. — Loth olhou para ela. — O que você quer de mim?



— Eu quero sua ajuda, Lorde Arteloth. Quero que você faça por mim o que Wilstan Fynch não pôde fazer.



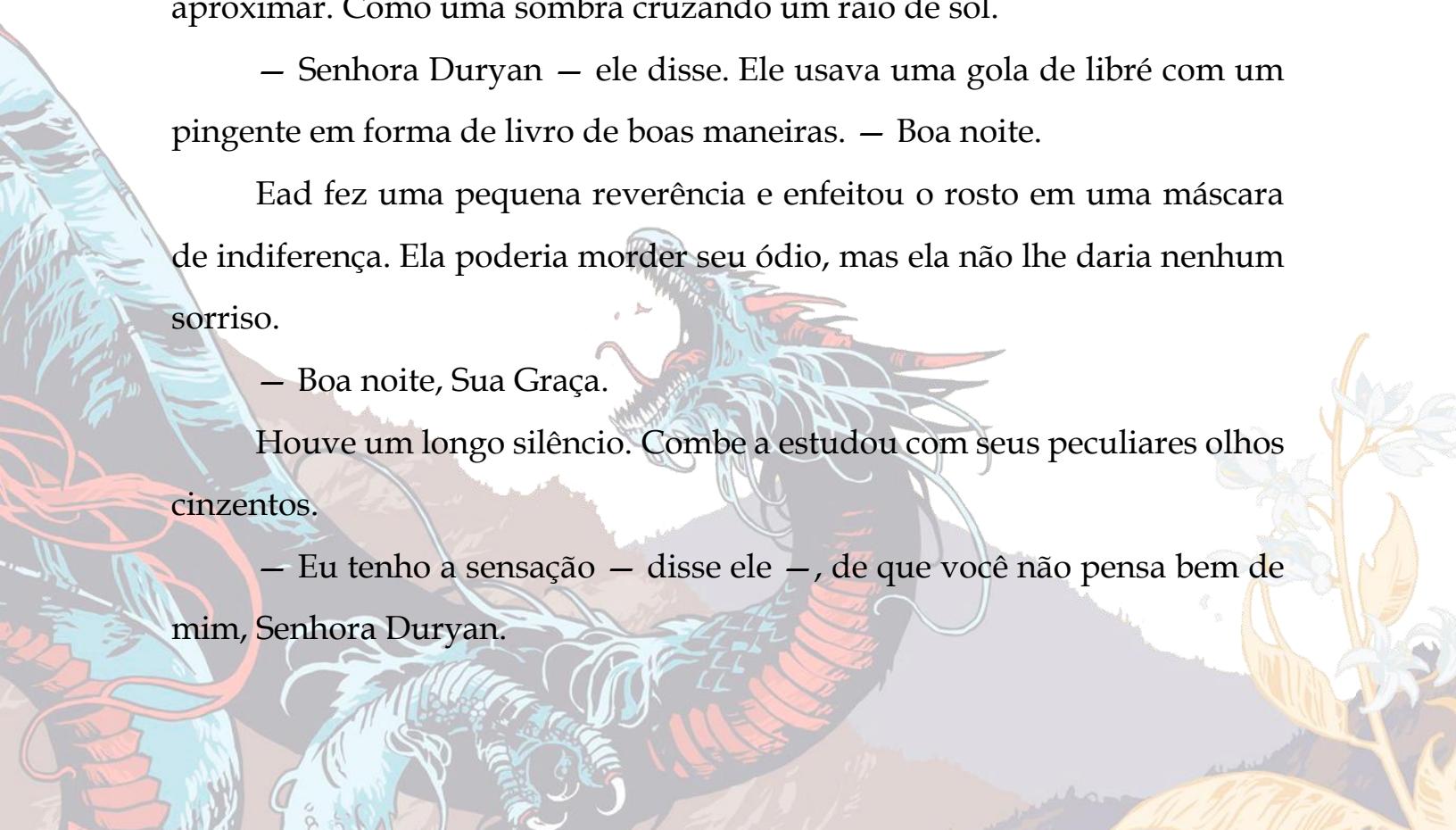
O verão estava chegando ao fim. Um frio soprava na brisa e os dias estavam ficando mais curtos. Na Biblioteca Privada, Margret mostrara a Ead um grupo de joaninhas aninhadas na trama de uma estante de livros, e elas sabiam que estava quase na hora de viajar rio abaixo.

Um dia depois, Sabran decretou que a corte se mudaria para a Casa Briar, um dos mais antigos palácios reais de Inys. Construído durante o reinado de Marian, a Segunda, ele se espalhava nos arredores de Ascalon e apoiando-se no antigo terreno de caça da Floresta Chesten. A corte geralmente viajava para lá no outono, mas como Sabran havia decidido se casar com Lievelyn em seu santuário, ela fixaria residência lá mais cedo do que de costume.

A mudança da corte sempre foi um caos de dobrar e fazer as malas. Ead partiu com Margret e Linora em uma das muitas carruagens. Seus pertences, trancados em baús, as seguiram.

Sabran havia cavalcado com Lievelyn em uma carruagem com rodas douradas. Enquanto a procissão descia por Berethnet Mile, a rua extensa que dividia a capital, o povo de Ascalon acenava e aplaudia sua rainha e seu futuro príncipe consorte.

A Casa Briar era mais aconchegante do que o Palácio Ascalon. Suas janelas eram de vidro florestal, seus corredores assentados com pedras cor



de mel em um padrão xadrez, e suas paredes de tijolo preto, que mantinham o calor como nada mais. Ead gostou muito.

Dois dias após a chegada da corte, ela se viu em um baile na Câmara de Presença à luz de velas. Esta noite, a rainha disse a suas camareiras e damas de honra para irem se divertir enquanto ela jogava cartas com suas Damas do Quarto de Dormir.

Um consorte de viola tocava uma música suave. Ead tomou um gole de seu vinho quente. Era estranho, mas ela quase lamentou estar aqui, e não com a rainha. A Câmara Privada na Casa Briar era convidativa, com suas estantes e lareira e Sabran tocando seu virginal. Sua música havia se tornado melancólica com o passar dos dias, seu riso diminuindo até o silêncio.

Ead olhou para o outro lado da sala. Lorde Seyton Combe, o Falcão da Noite, estava olhando para ela.

Ela se virou como se não o tivesse visto, apenas para ele se aproximar. Como uma sombra cruzando um raio de sol.

— Senhora Duryan — ele disse. Ele usava uma gola de libré com um pingente em forma de livro de boas maneiras. — Boa noite.

Ead fez uma pequena reverência e enfeitou o rosto em uma máscara de indiferença. Ela poderia morder seu ódio, mas ela não lhe daria nenhum sorriso.

— Boa noite, Sua Graça.

Houve um longo silêncio. Combe a estudou com seus peculiares olhos cinzentos.

— Eu tenho a sensação — disse ele —, de que você não pensa bem de mim, Senhora Duryan.

— Eu não penso em você com frequência suficiente para formar qualquer opinião sobre você, Sua Graça.

O canto de sua boca se encolheu.

— Um bom golpe.

Ela não se desculpou.

Um pajem lhes ofereceu vinho, mas Combe recusou com um gesto.

— Você não participa, meu senhor? — Ead perguntou educadamente, mesmo enquanto ela se imaginava esticando-o em uma de suas prateleiras.

— Nunca. Meus ouvidos e olhos devem estar sempre abertos para o perigo para a coroa, e a bebida funciona muito para fechar os dois — Combe suavizou a voz. — Quer você pense em mim ou não, gostaria de assegurar-lhe que tem um amigo em mim na corte. Outros podem sussurrar sobre você, mas vejo que Sua Majestade valoriza seus conselhos. Como ela valoriza o meu.

— É muita gentileza sua dizer.

— Nenhuma gentileza. Apenas a verdade. — Ele fez uma reverência educada. — Com licença.

Ele se afastou, separando a multidão, e Ead ficou pensando. Combe não fazia nada sem propósito. Talvez ele tivesse falado com ela porque precisava de um novo intelectual. Talvez ele achasse que ela poderia obter conhecimento sobre o Ersyr de Chassar e passá-lo para ele.

Sobre meu cadáver, ave de rapina.

Aubrecht Lievelyn ocupava um dos assentos altos. Enquanto Sabran se escondia em seus aposentos, seu prometido estava sempre entre seus súditos, lisonjeando os Inysh com seu entusiasmo. No momento, ele estava

conversando com suas irmãs, que acabavam de desembarcar do navio de Zeedeur.

As gêmeas, Princesa Bedona e Princesa Betriese, tinham vinte anos. Pareciam passar os dias rindo de segredos conhecidos apenas por aqueles que cresceram juntos no útero.

A princesa Ermuna, a irmã mais velha e herdeira aparente, era meio ano mais velha que Sabran. Ela era a cara do irmão, alta e cativante, com a mesma pele pálida. Cabelo carmesim espesso ondulante até os quadris. Suas mangas eram cortadas para revelar um forro de seda dourada, então puxadas com seis punhos de brocado cada, cada punho representando uma virtude. As damas de honra Inysh já estavam amarrando fitas nas mangas para imitá-la.

— Senhora Duryan.

Ead se virou e fez uma reverência.

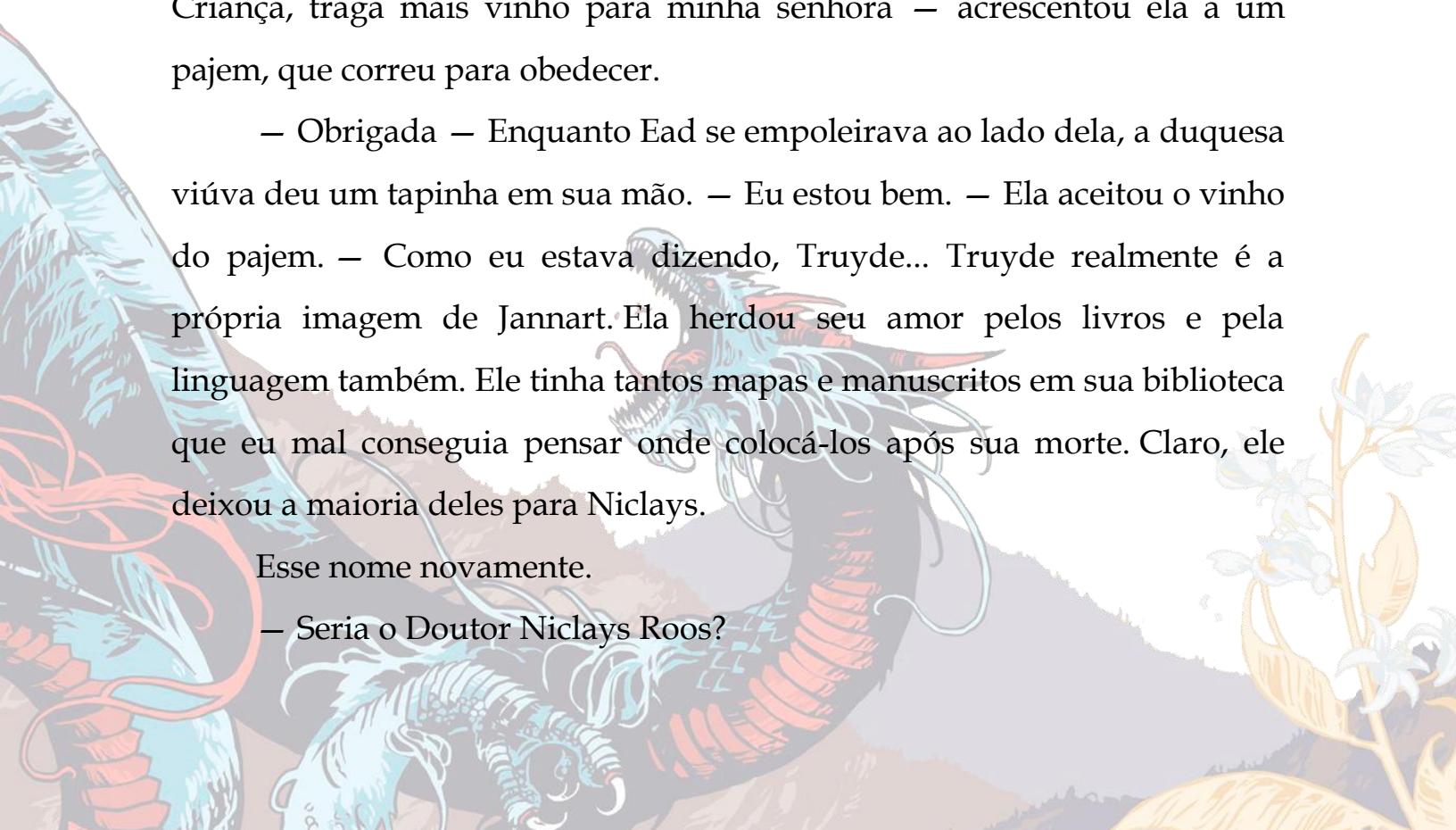
— Sua Graça.

Aleidine Teldan utt Kantmarkt, duquesa viúva de Zeeleur e avó de Truyde, veio ficar ao lado dela. Rubis do tamanho de moedas pingavam de suas orelhas.

— Eu estava muito curiosa para conhecê-la — sua voz era prateada e suave. — O embaixador uq-Ispad diz que você é o orgulho e a alegria dele. Um modelo de virtude.

— Sua Excelência é muito gentil.

— A Rainha Sabran também fala bem de você. Fico feliz em ver que uma convertida pode viver em paz aqui. — Seu olhar se voltou para os



assentos altos. — Temos a mente mais livre em Mentendon. Espero que nossa influência suavize o tratamento dos céticos e apóstatas neste país.

Ead bebeu.

— Posso perguntar como você conhece Sua Excelênci, Sua Graça? — ela perguntou, direcionando-se para um tópico mais seguro.

— Nós nos conhecemos em Brygstad há muitos anos. Ele era amigo de meu companheiro, o falecido duque de Zeedeur — disse a duquesa viúva. — Sua Excelênci estava no sepultamento de Jannart.

— Minhas condolências.

— Obrigada. O duque era um homem bom e um pai terno para Oscarde. Truyde puxou a ele. — Quando ela olhou para a neta, que conversava profundamente com o Chassar, seu rosto se contraiu com uma tristeza repentina. — Perdoe-me, Senhora Duryan...

— Sente-se comigo, Sua Graça. — Ead a guiou para um assento. — Criança, traga mais vinho para minha senhora — acrescentou ela a um pajem, que correu para obedecer.

— Obrigada — Enquanto Ead se empoleirava ao lado dela, a duquesa viúva deu um tapinha em sua mão. — Eu estou bem. — Ela aceitou o vinho do pajem. — Como eu estava dizendo, Truyde... Truyde realmente é a própria imagem de Jannart. Ela herdou seu amor pelos livros e pela linguagem também. Ele tinha tantos mapas e manuscritos em sua biblioteca que eu mal conseguia pensar onde colocá-los após sua morte. Claro, ele deixou a maioria deles para Niclays.

Esse nome novamente.

— Seria o Doutor Niclays Roos?

— Sim. Ele era um grande amigo de Jannart. — Ela fez uma pausa. — E para mim. Mesmo que ele não soubesse disso.

— Ele esteve aqui durante o meu primeiro ano na corte. Lamento que ele tenha ido embora.

— Não foi por escolha — a duquesa viúva se aproximou, para que Ead pudesse sentir o cheiro do alecrim em seu pomander. — Eu não deveria dizer isso para a maioria, senhora... mas o embaixador uq-Ispad é um velho amigo e parece confiar em você. — Ela abriu um leque dobrável e escondeu os lábios com ele. — Niclays foi exilado da corte porque não conseguiu fazer da Rainha Sabran um elixir da vida.

Ead tentou não mudar sua expressão.

— Sua Majestade *pediu* a ele para fazer isso?

— Isso. Ele chegou a Inys em seu décimo oitavo aniversário, não muito depois da morte de Jannart, e ofereceu a ela seus serviços como alquimista.

— Em troca de seu patrocínio, eu suponho.

— De fato.

Muitos membros da realeza buscavam a água da vida. Jogar com medo da morte deve ser um negócio lucrativo — e havia muito boatos na corte de que Sabran temia o parto. Roos havia caçado uma jovem rainha, deslumbrando-a com seu conhecimento da ciência. Um charlatão.

— Niclays não era uma fraude — disse a duquesa viúva, como se pudesse ler a mente de Ead. — Ele realmente acreditava que poderia fazer isso por ela. O elixir foi sua paixão por décadas. — Havia uma nota de tristeza em sua voz. — Sua Majestade deu a ele ótimas acomodações e uma oficina no Palácio Ascalon, mas pelo que eu entendi, ele se perdeu no vinho

e no jogo. E usou sua pensão real para pagar por isso. — Ela fez uma pausa para deixar um pajem encher sua taça. — Depois de dois anos, Sabran decidiu que Niclays a havia enganado. Ela o baniu de Inys e decretou que nenhum país que ansiava por sua amizade poderia lhe dar refúgio. O falecido Alto Príncipe Leovart decidiu mandá-lo para Orisima.

A feitoria.

- Presumo que Sua Majestade não cedeu ao assunto de seu exílio.
- Não. Ele está lá há sete anos.

Ead ergueu as sobrancelhas.

- Sete?

Pelo que ela entendia, Orisima era uma pequena ilha (se *ilha* não fosse uma palavra muito grande para isso) que se apegava ao porto Seiikinense do Cabo Hisan. Sete anos lá deixariam uma pessoa louca.

— Sim — a Duquesa Viúva disse, vendo seu rosto. — Eu implorei ao Príncipe Aubrecht que o trouxesse para casa, mas ele só o fará se a Rainha Sabran o perdoar.

- Você... não acredita que ele merece estar no exílio, Vossa Graça?
- Ead se aventurou.

Após uma hesitação, veio a resposta:

— Acredito que ele já foi castigado o suficiente. Niclays é um bom homem. Se ele não estivesse tão profundamente enlutado por Jannart, não acho que ele teria se comportado da maneira que agiu. Ele queria se perder.

Ead pensou no nome no livrinho de heresia de Truyde. *Niclays*. A garota pretendia usar Roos em seu plano?

- Suponho que sua neta também conheça o Doutor Roos — disse ela.

— Ah, sim. Niclays era como um tio para ela quando ela era jovem.

— A duquesa viúva parou novamente. — Eu entendo que você tem alguma influência sobre Sua Majestade. Como uma de suas damas, ela deve ter sua opinião em alta conta.

Agora Ead entendia por que essa nobre tinha vindo falar com ela.

— Teldan de Kantmarkt entende de comércio — a Duquesa viúva disse, sua voz suave. Havia uma centelha acesa de esperança em seu olhar. — Se você falar por Niclays, posso torná-la uma mulher rica, Senhora Duryan.

Deve ser isso o que aconteceu com Roslain e Katryen. Um pedido silencioso, um adoçante, um sussurro para Sabran. O que Ead não conseguia entender era por que isso estava acontecendo com ela.

— Não sou uma das Damas do Quarto de Dormir — disse ela. — Não presumo ter os ouvidos de Sua Majestade.

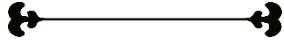
— Eu acho que você é muito modesta. — A Duquesa Viúva sorriu um pouco. — Eu a vi caminhando com você nos Jardins esta manhã.

Ead tomou um gole de vinho, ganhando um momento.

Ela não podia se envolver em negócios como esse. Seria tolice falar por alguém que Sabran desprezava quando a rainha acabava de mostrar interesse por ela.

— Não posso ajudá-la, Sua Graça — disse Ead. — Seria melhor você perguntar a Dama Roslain ou Dama Katryen. — Ela se levantou e fez uma reverência. — Desculpe. Tenho deveres em outro lugar.

Antes que a Duquesa Viúva pudesse pressioná-la sobre o assunto, ela se dirigiu para as portas.



O Quarto de Dormir na Casa Briar era muito menor do que sua contraparte no Palácio de Ascalon. O teto era baixo, as paredes revestidas com linho escuro de carvalho e cortinas carmesim cercavam a cama. Ead chegou cedo, mas ela encontrou Margret sentada lá dentro.

— Ead — disse ela. Sua voz estava rouca com o frio que havia afetado metade da corte. — Agora você estragou a surpresa. Eu esperava ter arrumado a cama antes de você chegar aqui.

— Para que eu pudesse continuar tendo uma conversa fiada com nobres que mal conheço?

— Então você poderia dançar. Você costumava adorar dançar.

— Era quando a visão do Falcão da Noite não me deixava tão biliosa como agora.

Com um som de desgosto, Margret levantou-se, uma carta na mão.

— É de casa? — Ead perguntou.

— Sim. Mamãe diz que Papai está pedindo para me ver há semanas. Aparentemente, ele tem algo importante para me dizer, mas dificilmente posso ir até ele no meio de tudo isso.

— Sabran deixaria você ir.

— Eu sei que ela deixaria, mas Mamãe insiste que eu fique aqui. Ela diz que Papai provavelmente não tem ideia do que está dizendo e que é meu dever permanecer, mas, na verdade, acho que ela está vivendo por meu intermédio. — Com um suspiro, Margret enfiou a carta no corpete. — Você

sabe... Fui tolta o suficiente para pensar que o Mestre dos Correios teria algo de Loth.

— Ele pode ter escrito. — Ead a ajudou a levantar um fustiê. — Combe intercepta todas as cartas.

— Então talvez eu deva escrever uma carta dizendo como ele é um vira-lata — murmurou Margret.

Ead sorriu.

— Eu pagaria para ver seu rosto. Por falar nisso —, acrescentou ela, mais calmamente — acabei de ser oferecida um pagamento. Em troca de uma petição à rainha.

Margret ergueu os olhos para ela, as sobrancelhas erguidas.

— De quem?

— A Duquesa Viúva de Zeedeur. Ela quer que eu fale por Niclays Roos.

— Isso não vai te fazer bem. Loth me disse que Sabran odeia aquele homem com paixão. — Margret olhou para a porta. — Tenha cuidado, Ead. Ela deixa Ros e Kate se safarem, mas Sab não é boba. Ela sabe quando os sussurros em seu ouvido são muito doces.

— Não tenho intenção de jogar esses jogos. — Ead tocou seu cotovelo. — Acho que Loth ficará bem, Meg. Ele sabe agora que o mundo é mais perigoso do que parece.

Margret bufou.

— Você tem uma opinião muito alta sobre a inteligência dele. Loth vai confiar em qualquer um que sorri para ele.

— Eu sei. — Ead a pegou pelos ombros e a conduziu até a porta. — Agora, vá beber um pouco de vinho quente no baile. Tenho certeza de que o Capitão Lintley ficará satisfeito em vê-la.

— Capitão Lintley?

— Sim. O muito galante Capitão Lintley.

Margret estava com os olhos um pouco brilhantes quando saiu.

Linora não estava em lugar nenhum. Sem dúvida ela ainda estava dançando. Ead checou o quarto real sozinha. Ao contrário do quarto do Palácio Ascalon, tinha duas entradas. A Grande Porta era para a rainha, a Pequena Porta para seu consorte.

Não houve atentados contra Sabran desde que o noivado foi anunciado, mas Ead sabia que deveria ser apenas uma questão de tempo. Ela verificou o colchão de penas, olhou atrás das cortinas, vasculhou cada parede, tapeçaria e piso. Não havia uma terceira entrada secreta, ela tinha certeza, mas a possibilidade de ter perdido algo a cutucou. Pelo menos Chassar havia colocado novas proteções na soleira, mais fortes do que as dela. Ele havia comido recentemente da fruta.

Ead afogou os pequenos travesseiros e reabasteceu o armário. Ela estava fechando um carvão quente em um aquecedor de cama quando Sabran entrou no quarto. Ead se levantou e fez uma reverência.

— Majestade.

Sabran olhou para ela de cima a baixo com os olhos semicerrados. Ela usava uma barra sem mangas sobre a camisola e uma faixa azul em volta da cintura. Ead nunca a tinha visto tão nua.

— Perdoe-me — disse Ead, para preencher o silêncio. — Achei que você só descansaria mais tarde.

— Tenho dormido mal ultimamente. O Doutor Bourn me disse que eu deveria tentar me retirar para cama às dez horas para promover uma mente tranquila, ou algo assim — disse Sabran. — Você conhece alguma cura para a insônia, Ead?

— Você está tomando alguma coisa agora, senhora?

— Água de sono. Às vezes caldo, se a noite estiver fria.

Água de sono era o nome Inysh para uma decocção de algumas plantas soníferas. Embora tivesse algumas propriedades medicinais, era óbvio que não adiantava muito.

— Eu recomendaria lavanda, maçã e raiz de grall, cozida em leite — disse Ead. — com uma colher de água de rosas.

— Água de rosas.

— Sim, madame. Em Ersyr, dizem que o perfume da rosa traz bons sonhos.

Lentamente, Sabran desatou a faixa.

— Eu provarei seu remédio. Nada mais funcionou — disse ela. — Quando Kate vier, você pode dizer a ela o que levar.

Ead se aproximou com um simples aceno de cabeça e pegou a faixa dela. Os olhos de Sabran estavam rodeados de sombras.

— Alguma coisa incomoda Vossa Majestade? — Ead a ajudou a sair da faixa. — Algo que perturba seu sono?

Era uma questão de cortesia, sem expectativa de resposta. Para sua surpresa, Sabran deu uma resposta.

— O wyrm — seu olhar estava no fogo. — Ele disse que os mil anos estavam quase no fim. Já se passaram pouco mais de mil anos desde que meu ancestral venceu o Inominável.

Havia uma ruga em sua testa. Parada ali em sua camisola, ela parecia tão vulnerável quanto teria parecido quando o assassino a viu.

— Wyrms tem línguas bifurcadas para duplicidade, senhora. — Ead pendurou a faixa nas costas de uma cadeira. — Fýredel ainda está fraco de seu sono, seu fogo ainda não totalmente aceso. Ele teme a união de Berethnet e Lievelyn. Ele fala em enigmas para semear dúvidas em sua mente.

— Ele teve sucesso — Sabran afundou na cama. — Parece que devo me casar. Por Inys.

Ead não sabia a maneira aceitável de responder a isso.

— Você não deseja se casar, senhora? — ela finalmente perguntou.

— Isso não importa.

Sabran tinha poder em todas as coisas, exceto nisso. Para conceber uma herdeira legítima, ela deve se casar.

Roslain ou Katryen deveriam estar aqui. Elas acalmariam seus medos enquanto penteavam seus cabelos para dormir. Elas sabiam as coisas certas a dizer, a maneira certa de confortá-la enquanto a mantinham no estado de espírito necessário para sua união com o príncipe Aubrecht.

— Você sonha, Ead?

Veio do nada, mas Ead manteve a compostura.

— Sonho com minha infância — ela respondeu. — E com coisas que vi ao meu redor à luz do dia, tecidas em novas tapeçarias.

— Eu anseio por isso. Sonho com... com coisas terríveis — murmurou Sabran. — Eu não digo às minhas Damas do Quarto de Dormir, porque eu acho que elas teriam medo de mim, mas... Eu direi a você, Ead Duryan, se você os ouvir. Você é feita de um material mais firme.

— Claro.

Ela se aninhou no tapete ao lado do fogo, perto de Sabran, que estava sentada com as costas tensas.

— Eu sonho com um caramanchão sombreado em uma floresta, — ela começou. — Onde a luz do sol salpica a grama. A entrada é um portal de flores roxas, flores sabra, eu acho.

Elas cresciam no fim do mundo conhecido. Foi dito que seu néctar brilhava como a luz das estrelas. Neste extremo norte, elas eram lendárias.

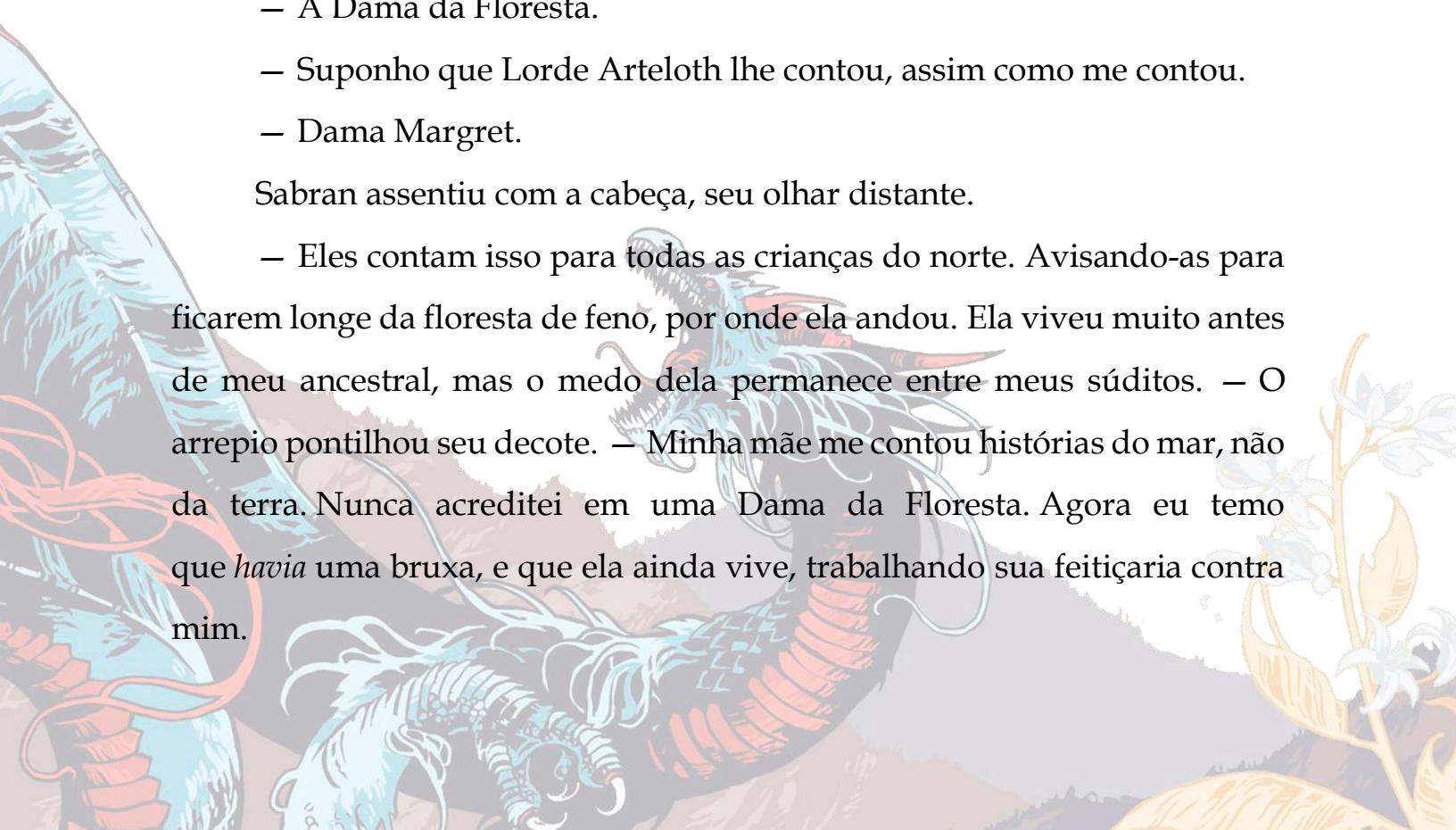
— Tudo no caramanchão é lindo e agradável aos ouvidos. Os pássaros cantam canções encantadoras, e a brisa é quente, mas o caminho que me leva está coberto de joias de sangue.

Ead acenou para tranquilizá-la, mesmo com algo brilhando no fundo de sua mente.

— No final do caminho, encontro uma grande pedra — continuou Sabran. — E estendo o braço para tocá-la com uma mão que acho que não é minha. A pedra se quebra em duas e por dentro... — sua voz vacila. — Dentro...

Uma camareira não tinha permissão para tocar na pessoa real. E, no entanto, vendo aquele rosto contraído, Ead se viu estendendo a mão para Sabran e segurando uma de suas mãos entre as suas.

— Senhora —, disse Ead. — Estou aqui.



Sabran ergueu os olhos. Um momento se passou. Lentamente, ela moveu a outra mão para segurar seus dedos entrelaçados.

— O sangue transborda de dentro da fenda, e meus braços, minha barriga, estão inundados com ele. Eu passo pela rocha, em um círculo ereto, como aqueles no norte. E espalhados ao meu redor estão ossos. Ossos pequenos. — Seus olhos se fecharam e seus lábios tremeram. — Eu ouço risadas terríveis, e eu percebo que a risada é minha. E então eu acordo.

Ead manteve a rainha em seu olhar. Sabran estava certa. Roslain e Katryen teriam ficado com medo.

— Não é real. — Ead apertou seu aperto. — Nada disso é real.

— Há uma história neste país de uma bruxa — disse Sabran, longe demais em sua memória para ouvir. — Ela roubava crianças e as levava para a Floresta de Haith. Você sabe disso, Ead?

Depois de um momento, Ead disse:

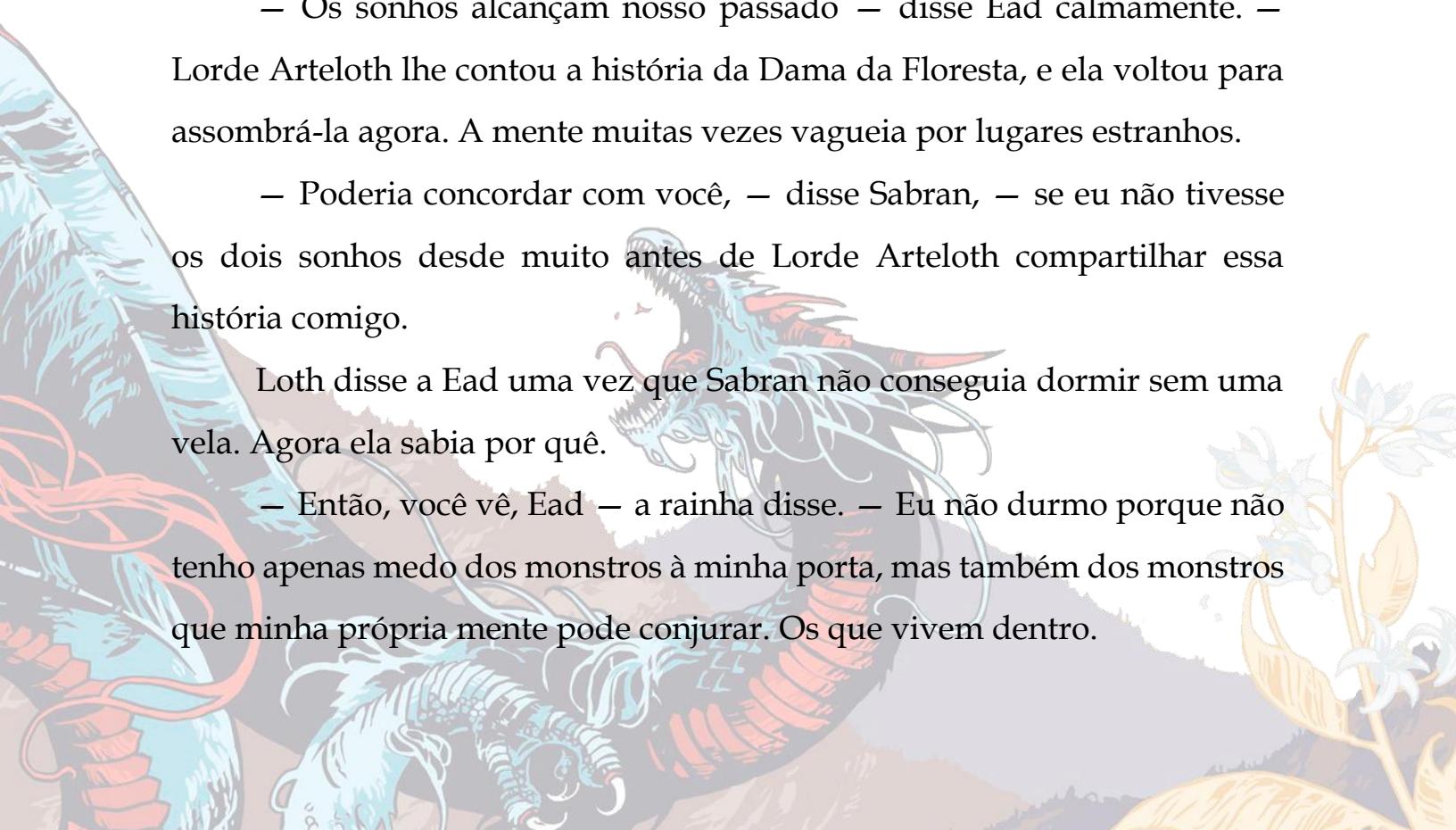
— A Dama da Floresta.

— Suponho que Lorde Arteloth lhe contou, assim como me contou.

— Dama Margret.

Sabran assentiu com a cabeça, seu olhar distante.

— Eles contam isso para todas as crianças do norte. Avisando-as para ficarem longe da floresta de feno, por onde ela andou. Ela viveu muito antes de meu ancestral, mas o medo dela permanece entre meus súditos. — O arrepio pontilhou seu decote. — Minha mãe me contou histórias do mar, não da terra. Nunca acreditei em uma Dama da Floresta. Agora eu temo que *havia* uma bruxa, e que ela ainda vive, trabalhando sua feitiçaria contra mim.



Ead não disse nada.

— Esse é apenas um dos sonhos — disse Sabran. — Em outras noites, sonho com o parto. Como tenho feito desde que tive meu primeiro sangue. Eu estou morrendo enquanto minha filha luta para sair de mim. Eu a sinto rasgando meu corpo, como uma faca na seda. Entre minhas pernas, esperando para devorá-la, está o Inominável.

Pela primeira vez em oito anos que Ead estava na corte, ela viu lágrimas brotando das pálpebras de Sabran.

— O sangue continua fluindo, quente como ferro na forja. Ele se agarra às minhas coxas, gruda-as. Eu sei que estou esmagando minha filha, mas se eu deixá-la respirar... ela vai cair nas mandíbulas da besta. — Sabran fechou os olhos. Quando ela os abriu, eles estavam secos. — Esse pesadelo me atormenta mais.

O peso da coroa a afetava.

— Os sonhos alcançam nosso passado — disse Ead calmamente. — Lorde Arteloth lhe contou a história da Dama da Floresta, e ela voltou para assombrá-la agora. A mente muitas vezes vagueia por lugares estranhos.

— Poderia concordar com você, — disse Sabran, — se eu não tivesse os dois sonhos desde muito antes de Lorde Arteloth compartilhar essa história comigo.

Loth disse a Ead uma vez que Sabran não conseguia dormir sem uma vela. Agora ela sabia por quê.

— Então, você vê, Ead — a rainha disse. — Eu não durmo porque não tenho apenas medo dos monstros à minha porta, mas também dos monstros que minha própria mente pode conjurar. Os que vivem dentro.



Ead segurou a mão dela com um pouco mais de força.

— Você é a Rainha de Inys, — ela disse. — Durante toda a sua vida, você sabia que um dia usaria a coroa. — Sabran observou seu rosto. — Você teme por seu povo, mas não pode mostrar isso a sua corte. Você usa tanta armadura à luz do dia que, à noite, não consegue mais carregá-la. À noite, você é apenas carne. E até mesmo a carne de uma rainha está sujeita ao medo.

Sabran estava ouvindo. Suas pupilas eram grandes o suficiente para quase apagar o verde de seus olhos.

— Na escuridão, estamos nus. Nossa eu mais verdadeiro. A noite é quando o medo chega até nós em sua plenitude, quando não temos como combatê-lo — continuou Ead. — Ele fará tudo que puder para se infiltrar dentro de você. Às vezes pode dar certo, mas nunca pense que você é a noite.

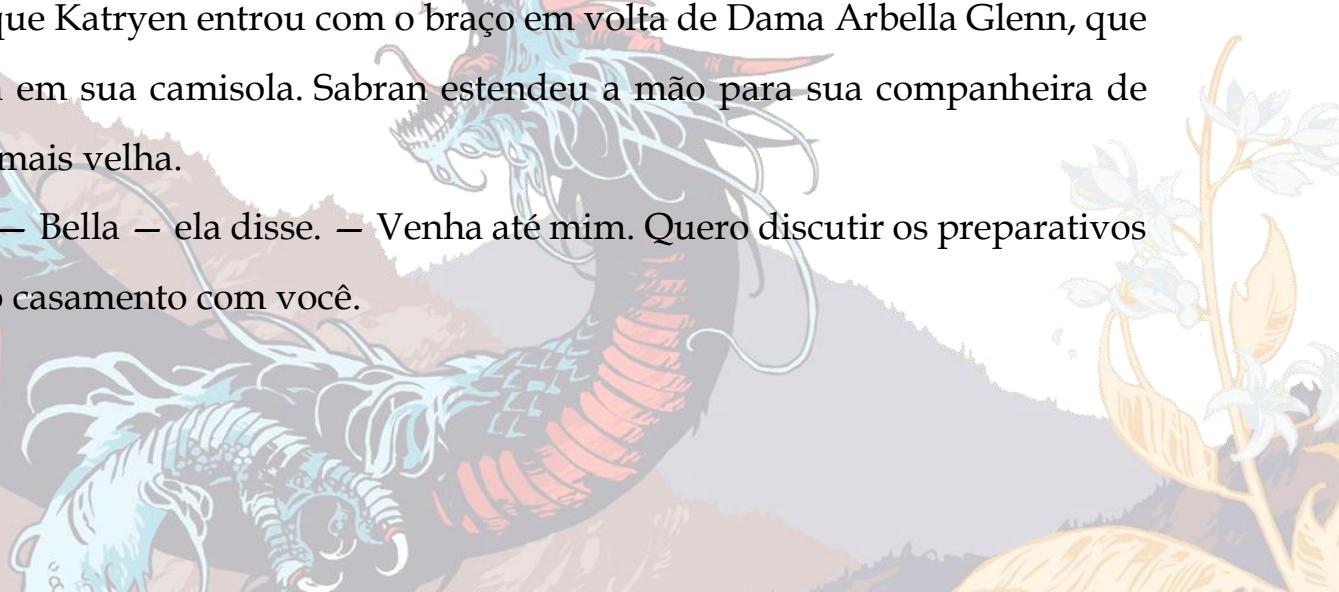
A rainha parecia ponderar sobre isso. Ela olhou para suas mãos e lentamente circulou o polegar na palma de Ead.

— Mais palavras lindas — disse ela. — Eu gosto delas, Ead Duryan.

Ead a olhou nos olhos. Ela imaginou duas pedras caindo ao chão, quebrando por dentro. Aqueles eram os olhos de Sabran Berethnet.

Passos um pouco além da soleira. Ead se levantou e juntou as mãos na hora que Katryen entrou com o braço em volta de Dama Arbella Glenn, que estava em sua camisola. Sabran estendeu a mão para sua companheira de cama mais velha.

— Bella — ela disse. — Venha até mim. Quero discutir os preparativos para o casamento com você.



Arbella sorriu e mancou para sua rainha, que a pegou pela mão. Com olhos úmidos e uma expressão serena, Arbella acariciou os cabelos negros de Sabran atrás da orelha, como uma mãe cuidando de uma filha.

— Bella — Sabran murmurou. — Nunca chore. Eu não aguento.
Ead escapuliu.

Assim que Sabran e Arbella foram para a cama, Ead contou a Katryen sobre a decocção e, embora a Senhora das Túnica parecesse cética, ela mandou buscá-la. Assim que foi provado e entregue, os aposentos reais foram lacrados e Ead assumiu seu cargo para o serviço noturno.

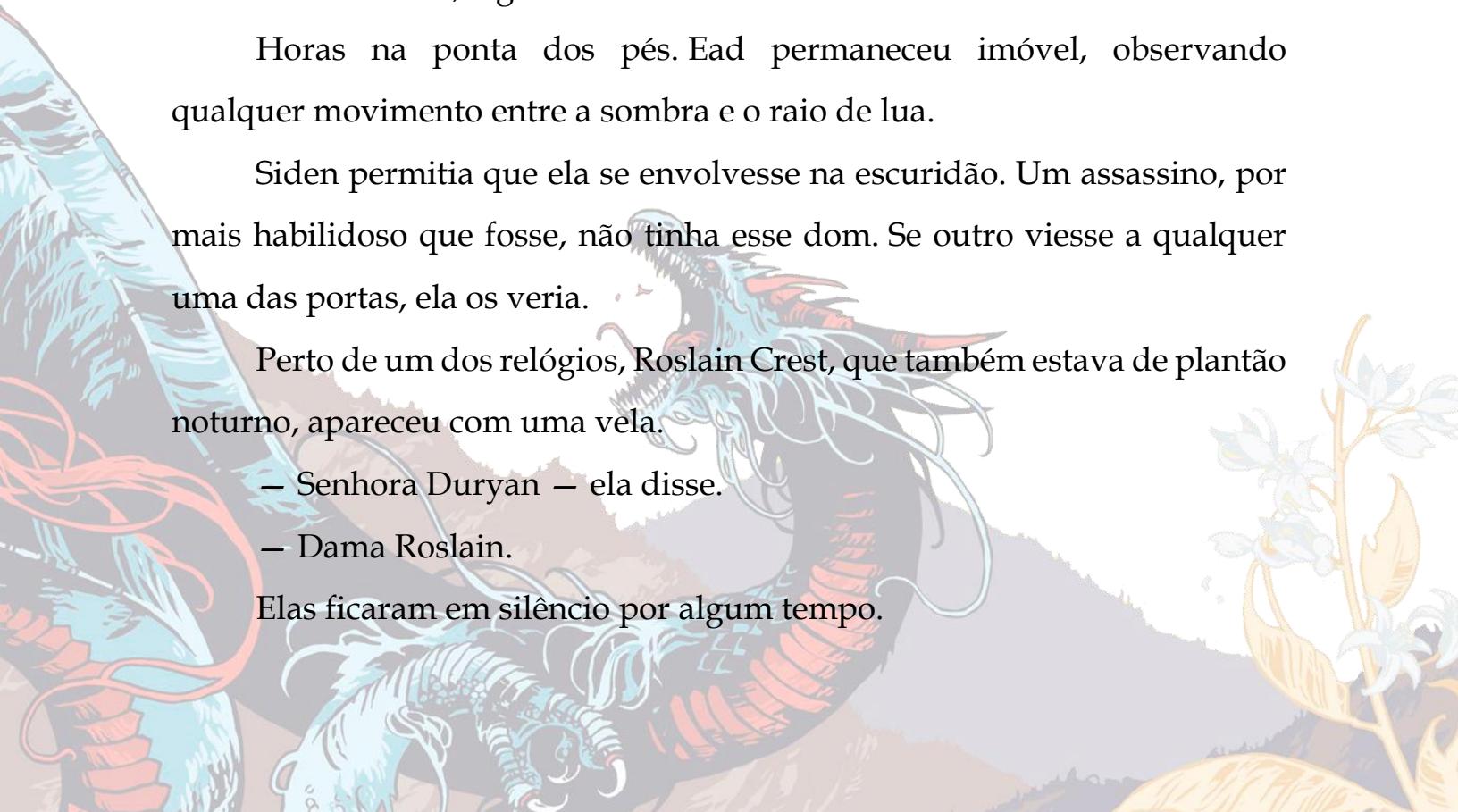
Kalyba.

Esse era o nome que a Dama da Floresta usava em Lasia. Mal sabia os Inysh que a bruxa estava muito viva, embora muito longe. E que a entrada de seu covil era protegida com flores sabra.

Sabran nunca tinha visto o Caramanchão da Eternidade. Se ela estava sonhando com isso, algo estava acontecendo.

Horas na ponta dos pés. Ead permaneceu imóvel, observando qualquer movimento entre a sombra e o raio de lua.

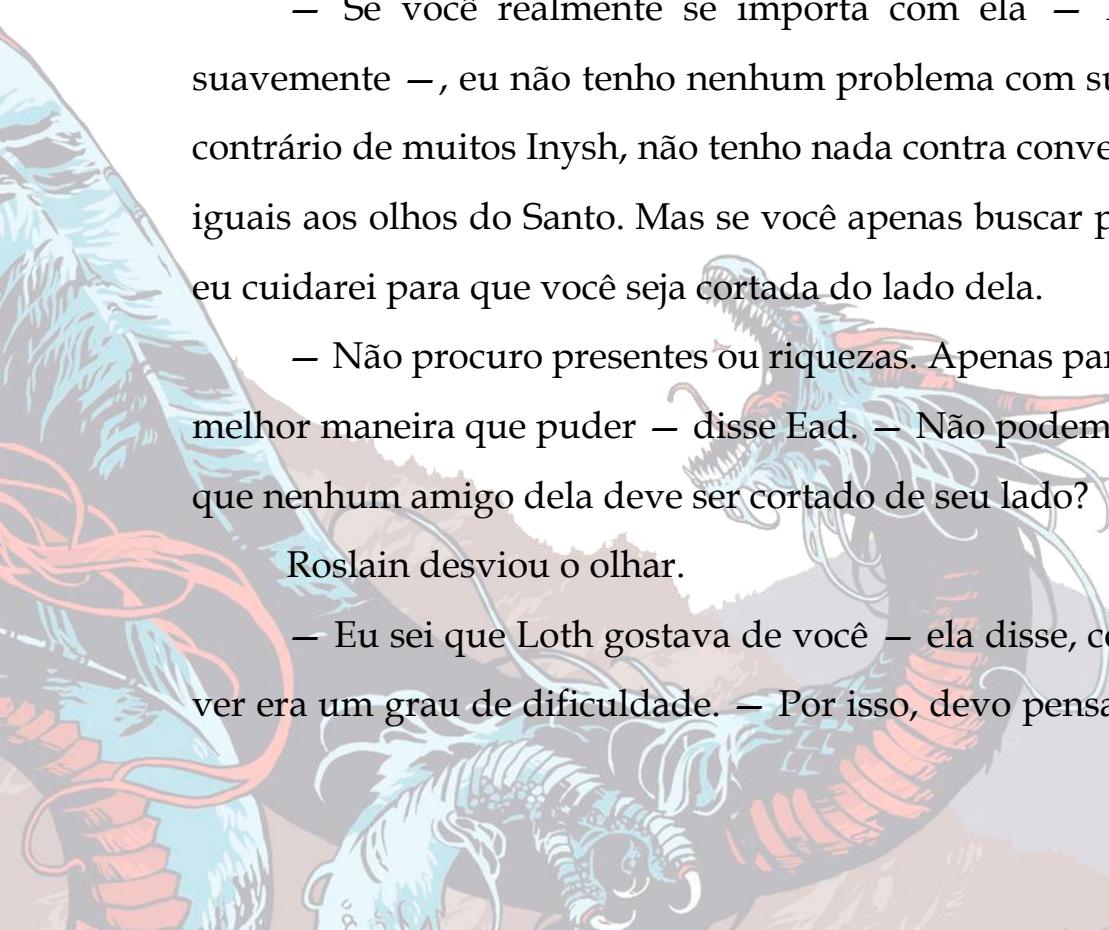
Siden permitia que ela se envolvesse na escuridão. Um assassino, por mais habilidoso que fosse, não tinha esse dom. Se outro viesse a qualquer uma das portas, ela os veria.



Perto de um dos relógios, Roslain Crest, que também estava de plantão noturno, apareceu com uma vela.

— Senhora Duryan — ela disse.
— Dama Roslain.

Elas ficaram em silêncio por algum tempo.



— Não pense que estou inconsciente de suas intenções — disse Roslain. — Eu sei muito bem o que você está fazendo. Assim como Dama Katryen.

— Eu não estava ciente de que tinha te ofendido, minha...

— Não me tome por idiota. Eu vejo você se aproximando da rainha. Eu vejo você tentando obter favores dela. — Seus olhos estavam escuros como safiras na escuridão. — Dama Truyde disse que você é uma feiticeira. Não posso pensar que ela faria tal acusação sem razão.

— Peguei as esporas e o cinto. Renunciei à falsa fé do Cantor do Amanhecer — disse Ead. — O Cavaleiro da Sociedade nos diz para abraçar os convertidos. Talvez você deva ouvi-lo melhor, minha senhora.

— Eu sou o sangue do Cavaleiro da Justiça. Tenha cuidado como você se dirige a mim, Senhora Duryan.

Outro silêncio ecoou entre elas.

— Se você realmente se importa com ela — Roslain disse, mais suavemente —, eu não tenho nenhum problema com sua nova posição. Ao contrário de muitos Inysh, não tenho nada contra convertidos. Somos todos iguais aos olhos do Santo. Mas se você apenas buscar presentes e riquezas, eu cuidarei para que você seja cortada do lado dela.

— Não procuro presentes ou riquezas. Apenas para servir ao Santo da melhor maneira que puder — disse Ead. — Não podemos ambas concordar que nenhum amigo dela deve ser cortado de seu lado?

Roslain desviou o olhar.

— Eu sei que Loth gostava de você — ela disse, com o que Ead podia ver era um grau de dificuldade. — Por isso, devo pensar o melhor de você.



— Com ainda mais dificuldade, ela continuou: — Perdoe minha cautela. É cansativo observar as aranhas que a cercam, que só pensam em escalar...

Um grito se elevou do Quarto de Dormir Real. Ead se virou para encarar a porta, o coração batendo forte.

Ela não teve nenhum movimento das proteções. Nenhum assassino poderia ter entrado naquela câmara.

Roslain olhou para ela, lábios entreabertos, olhos arregalados. Ead pegou a chave da mão congelada de Roslain e subiu correndo os degraus.

— Depressa, Ead, abra —, gritou Roslain. — Capitão Lintley! Sir Gules!

Ead girou a chave na fechadura e abriu a porta. O fogo queimava baixo na lareira.

— Ead. — Uma forma se moveu na cama. — Ead, Ros, por favor, vocês *devem* acordar Arbella. — Sabran, mechas de cabelo escapando de sua trança. — Acordei e peguei a mão dela, e estava tão fria... — ela soluçou. — Oh, Santo, diga que não é assim...

O Capitão Lintley e Sir Gules Heath apareceram na porta, espadas em punho.

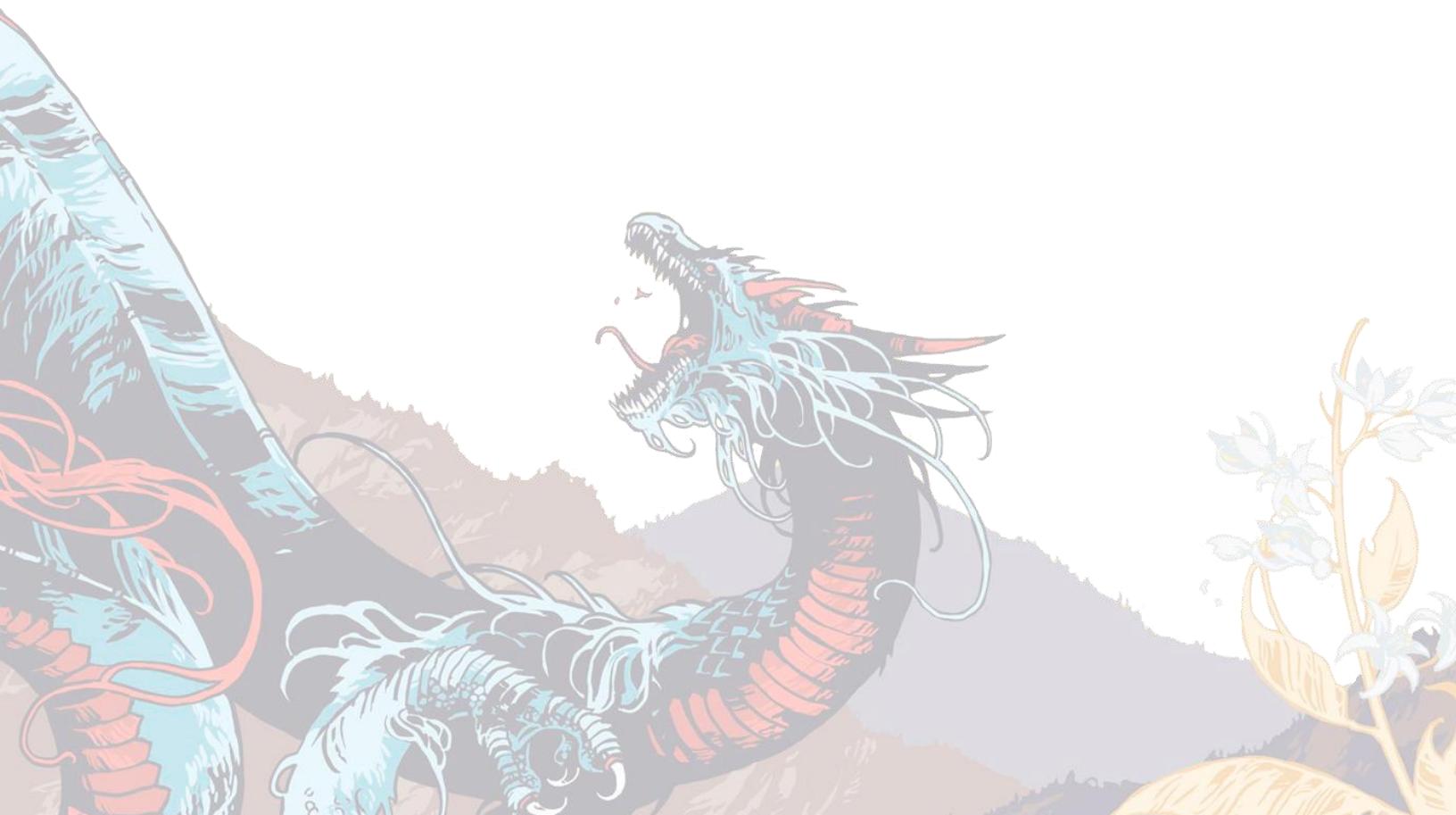
— Pelo Santo, Dama Roslain, ela está ferida? — Heath latiu.

Enquanto Roslain se apressava para sua rainha, Ead circulou até o outro lado da cama, onde uma pequena figura estava deitada sob a colcha. Mesmo antes de Ead procurar em vão por um pulso, ela sabia. Um silêncio terrível desceu quando ela se afastou.

— Sinto muito, Majestade — disse ela.

Os dois homens baixaram a cabeça. Roslain começou a chorar, tapando a boca com uma das mãos.

— Ela não me viu casada — disse Sabran fracamente. Uma lágrima escorreu por sua bochecha. — Eu prometi a ela que ela iria.



Capítulo 18

Leste

A viagem para a capital foi horrível. Niclays foi sacudido por vários dias no palanquim abafado, sem fazer nada além de cochilar ou apertar os olhos para ver pedaços do cenário entre as cortinas de madeira.

Ginura ficava ao norte da Mandíbula de Urso, a cordilheira que protegia o Cabo Hisan. A estrada comercial se dividia no sopé da colina antes de atingir uma encruzilhada.

Desde o dia em que Niclays chegara a Seiiki, seu sonho era visitar Ginura. Naquela época, ele era grato pela chance de viver em um lugar que poucos ocidentais veriam.

Ele se lembrou de ter sido chamado ao Palácio de Brygstad, onde Leovart dera a notícia de que Sabran ordenara sua expulsão de Virtudom. Ele pensara que a raiva dela havia se extinguido depois que Seyton Combe o interrogou longamente na Torre Dearn sobre o mau uso do dinheiro Berethnet. Ingenuamente, ele havia acreditado que seria um breve exílio.

Só depois do terceiro ano ele entendeu que a pequena casa na extremidade do mundo seria seu lugar de descanso final. Foi quando ele parou de sonhar com descoberta e sonhava apenas com o lar. Agora ele podia sentir sua antiga curiosidade pelo mundo despertando.

Na primeira noite da viagem, eles pararam em uma pousada no sopé da montanha, onde Niclays se banhou em uma fonte termal. Ele olhou para as luzes distantes do Cabo Hisan e para a brasa que era Orisima e, pela primeira vez em quase sete anos, começou a sentir como se pudesse respirar novamente.

A sensação não durou. Na manhã seguinte, os carregadores do palanquim começaram a reclamar do Ment com cara de coruja que carregavam para o norte, o espião de um príncipe que cuspiu em dragões, que devia estar com a doença vermelha no hálito. Certas palavras foram ditas em retorno e, a partir daquele momento, o choque piorou. Os cadeirantes também começaram a cantar sobre um homem insolente de quem ninguém gostava, que ficou chorando na beira da estrada para os gatos da montanha levarem embora.

— Sim, sim, muito engraçado — gritou Niclays para eles em seiikinês. — Devo cantar sobre os quatro porta-palanquim que caíram de um penhasco e no rio, para nunca mais serem vistos?

Tudo o que fez foi fazê-los rir.

Inúmeras coisas deram errado após esse incidente. Um apoio para a mão quebrou o palanquim (“Grande Kwiriki levou embora este homem-coruja!”) E eles foram forçados a atrasar a viagem enquanto um carpinteiro era buscado para consertá-lo. Assim que partiram novamente, os carregadores finalmente deixaram Niclays dormir.

Quando ele ouviu vozes, seus olhos se abriram. Os carregadores do palanquim cantavam uma canção de ninar da Grande Tristeza.

Calma, minha criança, o vento está aumentando.

Até os pássaros estão quietos.

Pare de chorar. Os respiradores de fogo vão nos ouvir.

Durma agora, durma, ou você os verá chegando.

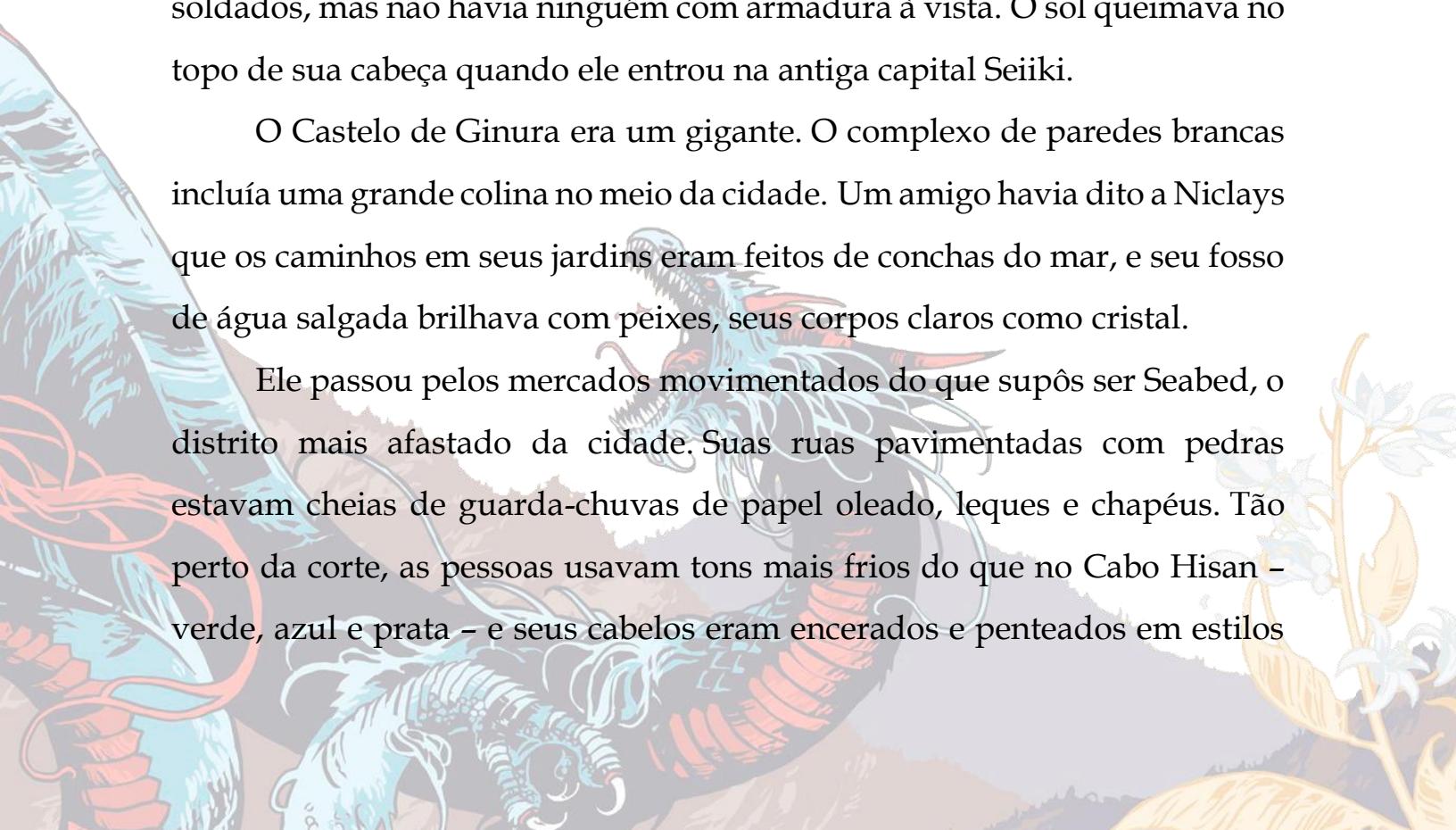
Segure-se em mim e feche os olhos.

Havia canções de berço como essa em Mentendon. Niclays forçou sua memória para quando ele era pequeno o suficiente para sua mãe sentá-lo no colo e sussurrar para ele enquanto seu pai se embriagava de tanta raiva que os deixava tremendo de medo de seu cinto. Felizmente, ele se embriagou tanto em uma ocasião que foi bom o suficiente para tropeçar de um penhasco, e isso foi o fim de tudo.

Por um tempo, tudo estava em paz. Foi então que Helchen Roos se convenceu de que seu filho cresceria para se tornar um santo e redimir os muitos pecados de seu pai. Ela orava por esse resultado todos os dias. Em vez disso, Niclays havia se tornado, na visão dela, um hedonista mórbido que passava seu tempo cortando cadáveres ou mexendo em poções como um feiticeiro, tudo enquanto bebia até se ensopar. (Essa não era, admitia Niclays, uma impressão infundada.) Para ela, a ciência era o maior pecado de todos, anátema para a virtude.

Claro, ela ainda havia escrito para ele ao descobrir sua inesperada amizade com o Marquês de Zeeleur e o Príncipe Edvart, exigindo que ele a convidasse para a corte, como se os anos que ela o atormentou sobre cada faceta de sua existência não fossem nada. Ele e Jannart divertiram-se descobrindo maneiras de destruir as cartas dela.

Pensar nisso o fez sorrir pela primeira vez em dias. O trinado dos insetos na floresta o fez dormir de novo.



Depois de mais dois dias dolorosos, durante os quais ele pensou que poderia morrer de calor, tédio e confinamento, o palanquim parou. Uma pancada no telhado o tirou de um cochilo.

—Fora.

A porta se abriu, deixando entrar um brilho de luz solar. Niclays desceu do palanquim, turvo, direto para uma poça.

— Cinto de *Galian*...

Um dos carregadores jogaram sua bengala atrás dele. Eles colocaram o palanquim nos ombros e voltaram para a estrada.

— Esperem um momento — gritou Niclays atrás deles. — Eu disse *esperem*, maldição! Para onde devo ir?

O riso foi sua única resposta. Niclays praguejou, pegou sua bengala e marchou em direção ao portão oeste da cidade. Quando o alcançou, a bainha de seu manto estava encharcada e o suor escorria por seu rosto. Ele esperava soldados, mas não havia ninguém com armadura à vista. O sol queimava no topo de sua cabeça quando ele entrou na antiga capital Seiiki.

O Castelo de Ginura era um gigante. O complexo de paredes brancas incluía uma grande colina no meio da cidade. Um amigo havia dito a Niclays que os caminhos em seus jardins eram feitos de conchas do mar, e seu fosso de água salgada brilhava com peixes, seus corpos claros como cristal.

Ele passou pelos mercados movimentados do que supôs ser Seabed, o distrito mais afastado da cidade. Suas ruas pavimentadas com pedras estavam cheias de guarda-chuvas de papel oleado, leques e chapéus. Tão perto da corte, as pessoas usavam tons mais frios do que no Cabo Hisan — verde, azul e prata — e seus cabelos eram encerados e penteados em estilos

ostentosos, adornados com ornamentos de cristal marinho, flores de sal e conchas de búzio. As vestes aqui eram escorregadias e brilhantes, então quando o usuário se movia, elas brilhavam ao sol. Niclays se lembrava vagamente de que era o auge da moda em Ginura parecer que você acabara de emergir do mar. Alguns cortesãos até passavam óleo nos cílios.

Os pescoços eram circundados por corais ramificados ou minúsculas placas de aço dispostas para se parecer com escamas de peixe sobrepostas. Lábios e bochechas brilhavam com pérolas esmagadas. A maioria dos cidadãos era proibida de usar pérolas Sundance, pois eram símbolos da realeza e dos escolhidos pelos deuses, mas Niclays ouvira dizer que as deformadas sem o miolo eram frequentemente pulverizadas e vendidas aos ricos.

À sombra de um bordo, duas mulheres jogavam uma bola de penas uma na outra. O sol brilhava nos canais, onde mercadores e pescadores descarregavam suas mercadorias de graciosos barcos de cedro. Era difícil imaginar que a maior parte desta cidade havia pegado fogo na Grande Tristeza cinco séculos atrás.

Enquanto Niclays caminhava, a inquietação eclipsou sua admiração. Os carregadores do palanquim, malditos sejam o Vento de Fogo, pegaram a carta do Governador, junto com todos os seus outros bens. Isso significava que agora ele poderia ser confundido com um estranho, e ele dificilmente poderia ir ao Castelo de Ginura para se explicar neste estado. Os sentinelas iriam considerá-lo um assassino.

Ainda assim, ele não tinha outra escolha. As pessoas estavam percebendo sua presença. Olhares nervosos vieram para ele de todas as direções.

— Doutor Roos?

A voz falou em Mentish. Niclays se virou.

Quando ele viu quem o havia saudado, ele sorriu. Um homem de ossos finos com óculos de tartaruga estava abrindo caminho por entre a multidão. Seu cabelo preto, cortado curto, era grisalho nas têmporas.

— Doutor Moyaka — chamou Niclays, encantado. — Oh, Eizaru, como é maravilhoso ver você!

Finalmente, alguma boa sorte. Eizaru era um cirurgião talentoso que Niclays ensinou por um ano em Orisima. Ele e sua filha, Purumé, foram os primeiros a se inscrever em aulas de anatomia, e nunca em sua vida Niclays vira duas pessoas tão dispostas a aprender. Eles lhe ensinaram muito sobre a medicina Seiikinense em troca de seus conhecimentos. Conhecê-los foi um ponto brilhante em seu exílio.

Eizaru se libertou da multidão e eles se curvaram um ao outro antes de se abraçarem. Vendo que o estranho estava com alguém, as pessoas voltaram aos seus negócios.

— Meu amigo — Eizaru disse calorosamente, ainda em Mentish. — Eu estava pensando em escrever para você. O que você está fazendo em Ginura?

— Devido a várias circunstâncias desagradáveis, tenho uma trégua da Orisima — disse Niclays em Seiikinense. — O honrado Governador de Cabo Hisan decidiu enviar-me aqui para ser colocado em prisão domiciliar.

— Quem quer que o trouxe aqui não deveria ter abandonado você na rua. Você veio de palanquim?

— Infelizmente.

— Ah. Aqueles que os carregam costumam fazer travessuras.

— Eizaru fez uma careta. — Por favor, venha para minha casa, antes que alguém se pergunte por que você está aqui. Vou deixar a honrada Governadora de Ginura saber o que aconteceu.

— Você é muito gentil.

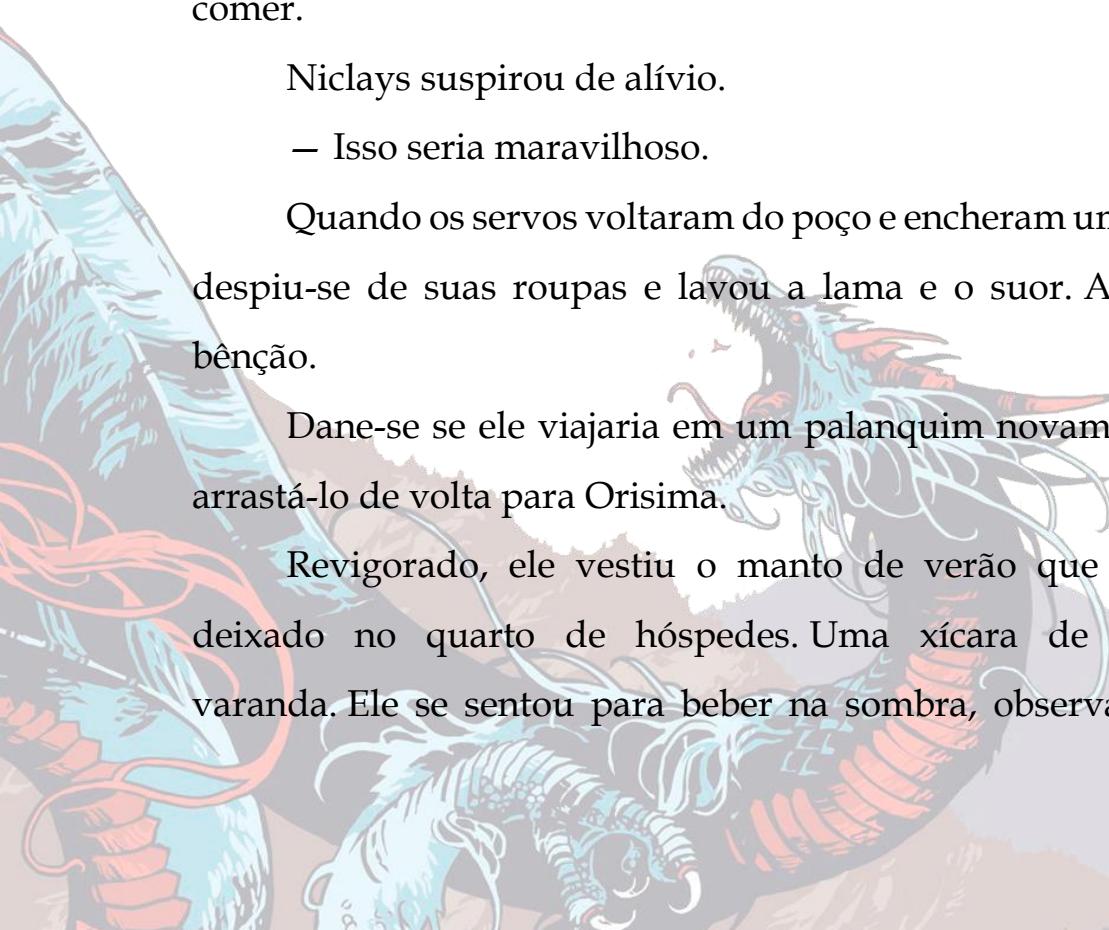
Niclays seguiu Eizaru por uma ponte, em uma rua muito mais larga que levava direto ao portão principal do Castelo de Ginura. Os músicos tocavam em ramos de sombra enquanto os vendedores anunciavam amêijoas frescas e uvas do mar.

Ele nunca havia pensado em colocar os olhos nas famosas árvores da estação de Ginura. Seus ramos formavam um pavilhão natural sobre a rua. No momento, eles usavam amarelo deslumbrante para o verão.

Eizaru morava em uma casa modesta perto do mercado da seda, que dava para um dos muitos canais que cercavam Ginura. Ele ficou viúvo por uma década, mas sua filha ficou com ele para que eles pudessem seguir sua paixão pela medicina juntos. Flores da chuva espumavam na parede externa, e o jardim estava cheirando a artemísia, hortelã de folhas roxas e outras ervas.

Foi Purumé quem abriu a porta para eles. Um gato serpenteava em torno de seus tornozelos.

— Niclays! — Purumé sorriu antes de se curvar. Ela preferia os mesmos óculos de seu pai, mas o sol tinha bronzeado sua pele até um



marrom mais profundo que o dele, e seu cabelo, preso com uma tira de pano, ainda era preto na raiz. — Por favor, entre. Que prazer inesperado.

Niclays se curvou em resposta.

— Por favor, me perdoe por incomodá-la, Purumé. Isso também é inesperado para mim.

— Éramos os seus convidados de honra na Orisima. Você é sempre bem-vindo. — Ela deu uma olhada nas roupas sujas da viagem e riu. — Mas você precisará de outra coisa para vestir.

— Eu concordo totalmente.

Quando eles estavam dentro, Eizaru enviou seus dois servos para o poço.

— Descanse um pouco —, disse ele a Niclays. — Você pode ter se cansado do sol depois dessa viagem. Irei imediatamente ao Castelo de Lago Branco e pedirei para falar com a honrada Governadora. Então podemos comer.

Niclays suspirou de alívio.

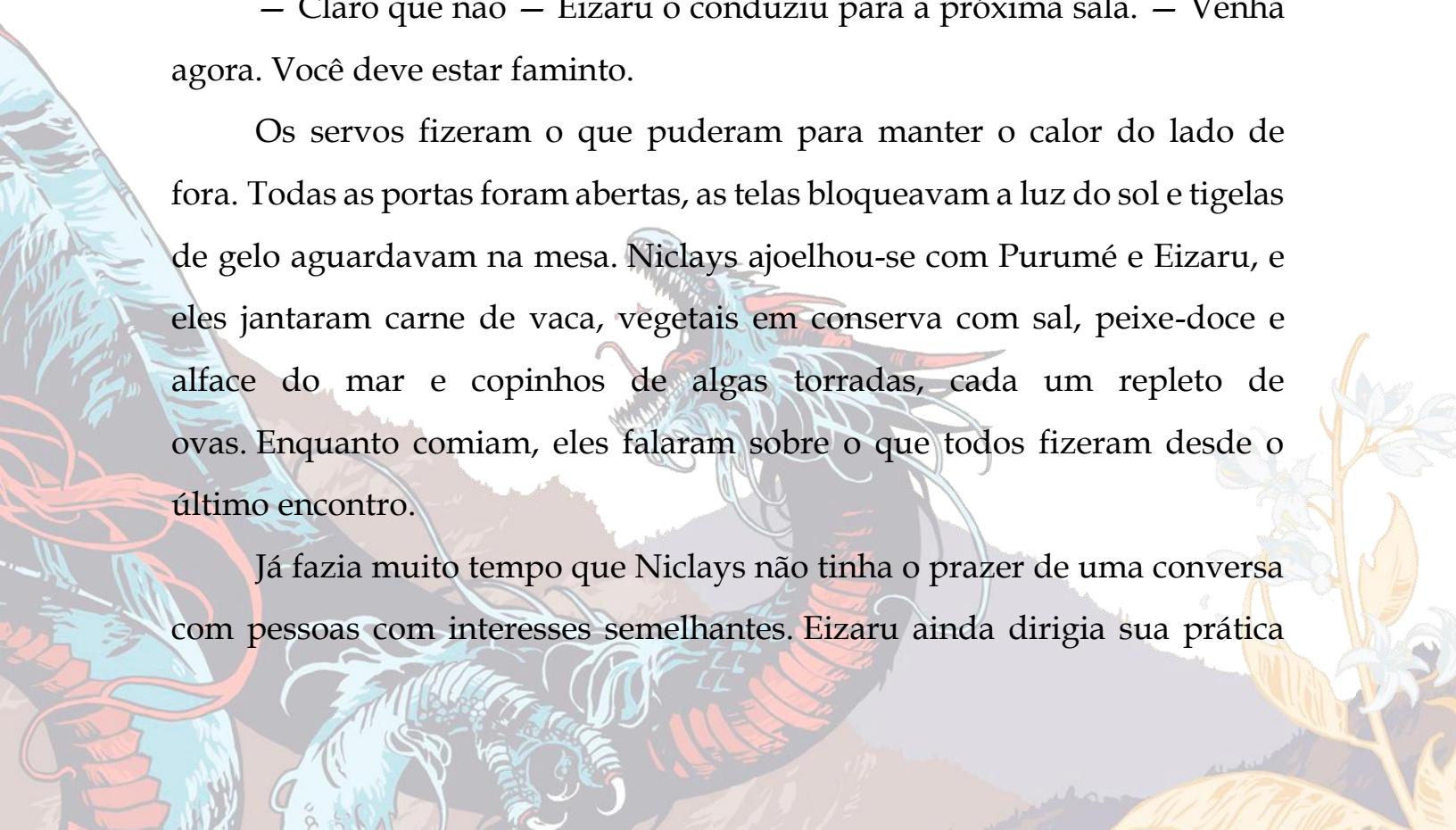
— Isso seria maravilhoso.



Quando os servos voltaram do poço e encheram uma banheira, Niclays despiu-se de suas roupas e lavou a lama e o suor. A água fria era uma bênção.

Dane-se se ele viajaria em um palanquim novamente. Eles poderiam arrastá-lo de volta para Orisima.

Revigorado, ele vestiu o manto de verão que os criados haviam deixado no quarto de hóspedes. Uma xícara de chá fumegava na varanda. Ele se sentou para beber na sombra, observando os barcos que



passavam no canal. Depois de anos de prisão, Orisima nunca pareceu mais distante.

— Sábio Doutor Roos.

Ele se mexeu de um cochilo satisfeito. Uma das criados apareceu na varanda.

— O culto Doutor Moyaka está de volta — disse ela. — Ele pede a sua presença.

— Obrigado.

Lá embaixo, Eizaru o esperava.

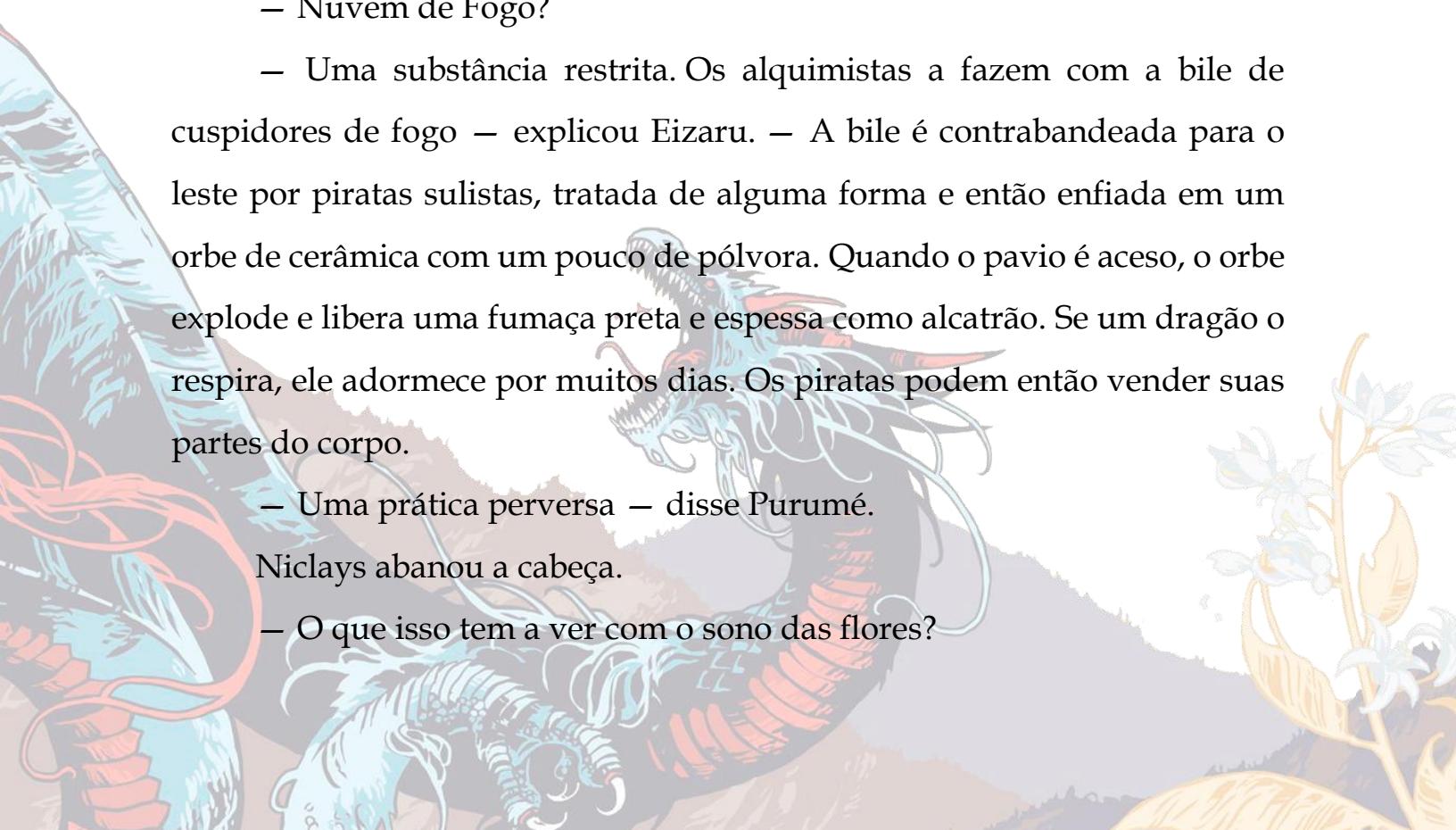
— Niclays. — Havia uma sugestão de travessura em seu sorriso. — Falei com a honrada Governadora. Ela concordou com meu pedido de que você ficasse com Purumé e eu enquanto estiver na cidade.

— Oh, Eizaru. — Talvez fosse o calor ou o cansaço, mas as boas novas quase levaram Niclays às lágrimas. — Tem certeza de que não há problema?

— Claro que não — Eizaru o conduziu para a próxima sala. — Venha agora. Você deve estar faminto.

Os servos fizeram o que puderam para manter o calor do lado de fora. Todas as portas foram abertas, as telas bloqueavam a luz do sol e tigelas de gelo aguardavam na mesa. Niclays ajoelhou-se com Purumé e Eizaru, e eles jantaram carne de vaca, vegetais em conserva com sal, peixe-doce e alface do mar e copinhos de algas torradas, cada um repleto de ovos. Enquanto comiam, eles falaram sobre o que todos fizeram desde o último encontro.

Já fazia muito tempo que Niclays não tinha o prazer de uma conversa com pessoas com interesses semelhantes. Eizaru ainda dirigia sua prática



médica, que agora oferecia remédios Seiikinenses e Mentish para doenças. Purumé, entretanto, estava trabalhando em uma mistura de ervas que trazia um sono profundo, permitindo ao cirurgião remover carnosidades do corpo sem causar dor.

— Eu chamo isso de sono das flores —, disse ela — já que o ingrediente final era uma flor das Montanhas do Sul.

— Ela caminhou por dias para encontrar aquela flor na primavera — disse Eizaru, com um sorriso orgulhoso para sua filha.

— Parece revolucionário — disse Niclays, perplexo. — Você poderia usá-lo para estudar o interior de corpos *vivos*. Em Mentendon, tudo o que podemos fazer é abrir cadáveres. — Seu coração bateu forte. — Purumé, você deve publicar essas descobertas. Pense em como a anatomia mudaria.

— Eu publicaria — ela disse, com um sorriso cansado —, mas há um problema, Niclays. Nuvem de Fogo.

— Nuvem de Fogo?

— Uma substância restrita. Os alquimistas a fazem com a bile de cuspidores de fogo — explicou Eizaru. — A bile é contrabandeadada para o leste por piratas sulistas, tratada de alguma forma e então enfiada em um orbe de cerâmica com um pouco de pólvora. Quando o pavio é aceso, o orbe explode e libera uma fumaça preta e espessa como alcatrão. Se um dragão o respira, ele adormece por muitos dias. Os piratas podem então vender suas partes do corpo.

— Uma prática perversa — disse Purumé.

Niclays abanou a cabeça.

— O que isso tem a ver com o sono das flores?

— Se as autoridades acreditarem que minha criação pode ser usada para fins semelhantes, eles vão parar minha pesquisa. Eles podem até encerrar nossa prática.

Niclays estava sem palavras.

— É muito triste — disse Eizaru pesadamente. — Diga-nos, Niclays — algum documento médico Seiikinês foi traduzido em Mentendon? Talvez Purumé pudesse publicar suas descobertas lá.

Niclays suspirou.

— A menos que as coisas tenham mudado dramaticamente nos anos em que estive fora, eu duvido. Os panfletos mudam de mãos em alguns círculos, mas não são aprovados pela coroa. Virtudom não concorda com heresia, ou com o conhecimento dos hereges.

Purumé balançou a cabeça. Enquanto Niclays se servia de alguns camarões, um jovem apareceu na porta, orvalhado de calor.

— Sábio Doutor Roos — ele se curvou, ofegante. — Venho da honrada Governadora de Ginura.

Niclays se preparou. Ela deve ter mudado de ideia sobre deixá-lo ficar aqui.

— Ela me pede para informá-lo — disse o servo — que você será esperado no Castelo de Ginura para uma audiência quando isso agradar ao honrado Senhor da Guerra.

Niclays ergueu as sobrancelhas.

— O honrado Senhor da Guerra deseja *me* ver? Você tem certeza?

— Sim.

O criado saiu da sala.

— Então você será recebido na corte — Eizaru parecia divertido. — Esteja pronto. Dizem que é como um recife de flores do mar. Lindo, mas tudo que você tocar doerá.

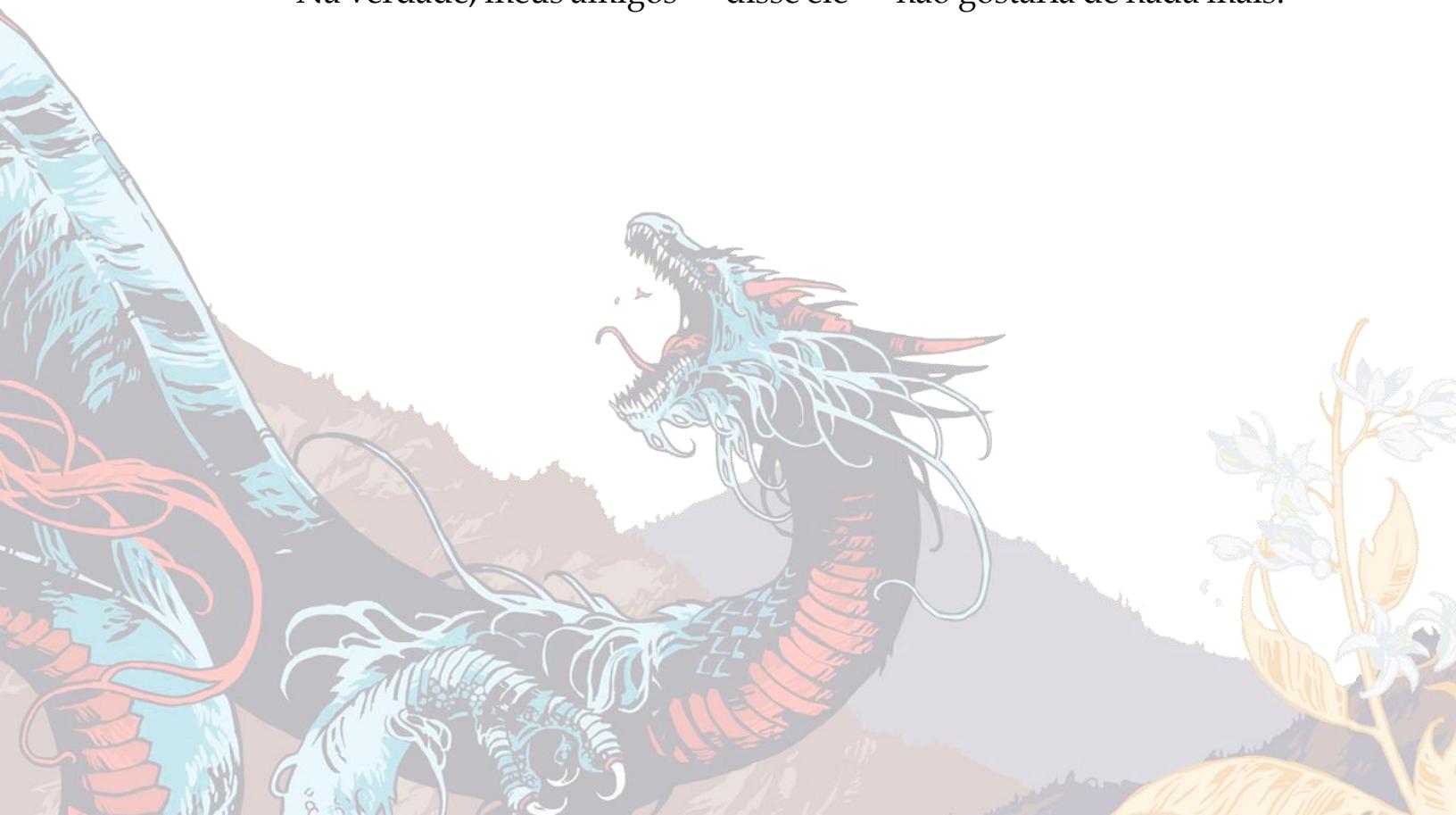
— Mal posso esperar — disse Niclays, mas sua testa franziu-se. — Eu me pergunto por que ele quer me ver.

— O honrado Senhor da Guerra gosta de ouvir os colonos Mentish. Às vezes, ele pedirá para ouvir uma música ou uma história de seu país. Ou ele pode querer saber que tipo de trabalho você está fazendo — disse Eizaru. — Não será nada com que se preocupar, Niclays, de verdade.

— E até então, você está livre — Purumé apontou, os olhos brilhando. — Deixe-nos mostrar-lhe a nossa cidade enquanto estiver fora de Orisima. Poderíamos visitar o teatro, falar sobre medicina, ver os dragões em voo... tudo o que você quis fazer desde que chegou.

Niclays poderia ter chorado de gratidão.

— Na verdade, meus amigos — disse ele — não gostaria de nada mais.



Capítulo 19

Oeste

Loth seguiu Donmata Marosa por mais uma passagem. A luz da tocha queimava seus olhos enquanto ele se movia entre as paredes suadas.

Dias depois de ele ter ouvido falar dela pela última vez, ela disse a ele para encontrá-la novamente em um solar escurecido. Agora eles estavam em um emaranhado de túneis atrás das paredes, onde um sistema inteligente de canos de cobre conduzia a água das fontes termais para os quartos.

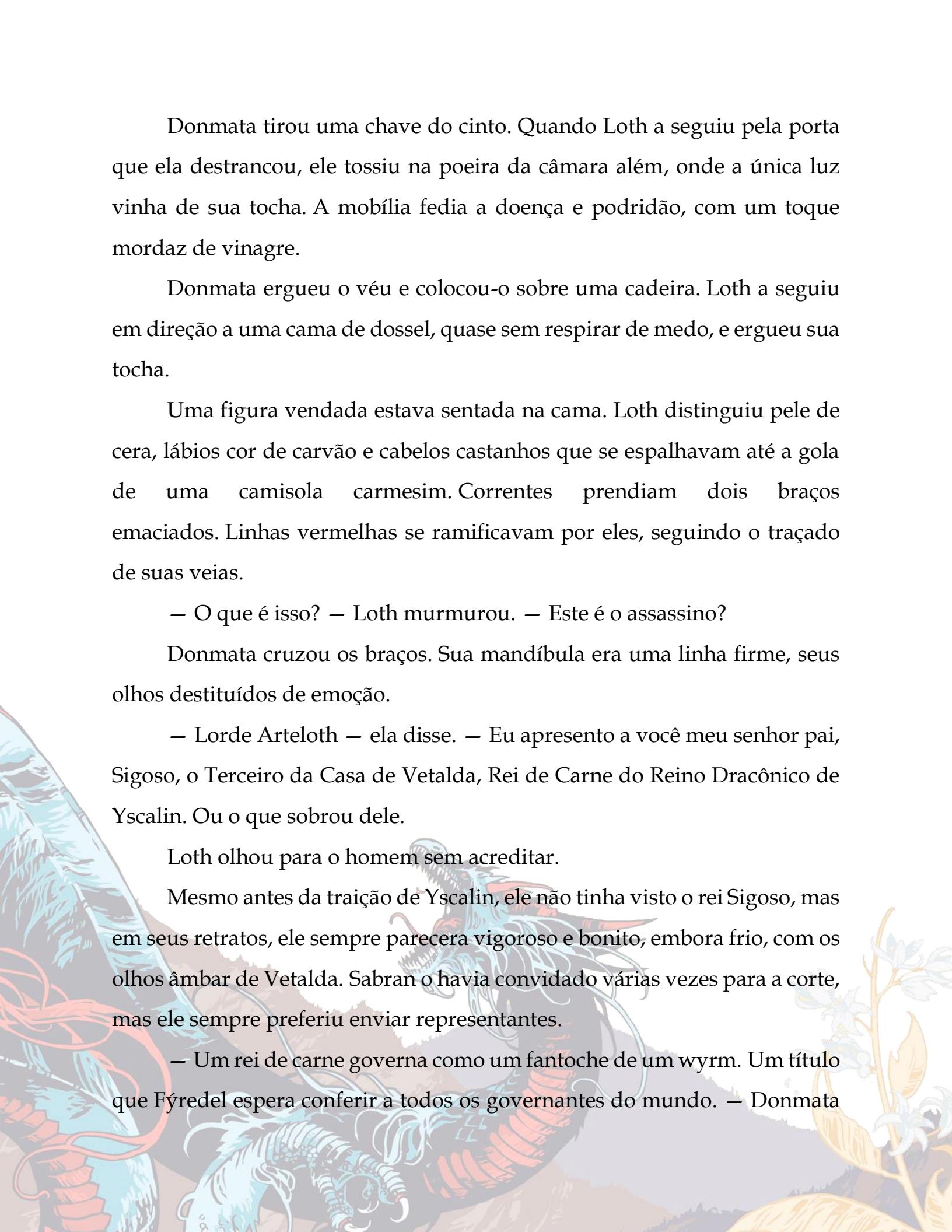
No final da passagem havia uma escada em espiral. Donmata começou a subir.

- Para onde você está me levando? — Loth disse rigidamente.
- Vamos encontrar aquele que planejou o assassinato da Rainha Rosarian.

Sua mão ficou úmida na tocha.

— Lamento, aliás — disse ela. — Por fazer você dançar com Priessa. Foi a única maneira de passar a mensagem.

- Será que ela não me daria na carruagem? — ele murmurou.
- Não. Ela foi revistada antes de deixar o palácio, e o cocheiro era um espião, lá para garantir que ela não pudesse fugir. Ninguém tem permissão para deixar Cársaro por muito tempo.



Donmata tirou uma chave do cinto. Quando Loth a seguiu pela porta que ela destrancou, ele tossiu na poeira da câmara além, onde a única luz vinha de sua tocha. A mobília fedia a doença e podridão, com um toque mordaz de vinagre.

Donmata ergueu o véu e colocou-o sobre uma cadeira. Loth a seguiu em direção a uma cama de dossel, quase sem respirar de medo, e ergueu sua tocha.

Uma figura vendada estava sentada na cama. Loth distinguiu pele de cera, lábios cor de carvão e cabelos castanhos que se espalhavam até a gola de uma camisola carmesim. Correntes prendiam dois braços emaciados. Linhas vermelhas se ramificavam por eles, seguindo o traçado de suas veias.

— O que é isso? — Loth murmurou. — Este é o assassino?

Donmata cruzou os braços. Sua mandíbula era uma linha firme, seus olhos destituídos de emoção.

— Lorde Arteloth — ela disse. — Eu apresento a você meu senhor pai, Sigoso, o Terceiro da Casa de Vetalda, Rei de Carne do Reino Dracônico de Yscalín. Ou o que sobrou dele.

Loth olhou para o homem sem acreditar.

Mesmo antes da traição de Yscalín, ele não tinha visto o rei Sigoso, mas em seus retratos, ele sempre parecera vigoroso e bonito, embora frio, com os olhos âmbar de Vetalda. Sabran o havia convidado várias vezes para a corte, mas ele sempre preferiu enviar representantes.

— Um rei de carne governa como um fantoche de um wyrm. Um título que Fýredel espera conferir a todos os governantes do mundo. — Donmata

contornou a cama. — Meu pai tem uma forma rara de praga Dracônica. Ela permite que Fýredel... comungue com ele, de alguma forma. Para ver e ouvir no palácio.

- Você quer dizer neste exato momento...
- Calma. Eu coloquei um sedativo em sua bebida da noite — disse ela. — Eu não posso fazer isso frequentemente, ou Fýredel fica desconfiado, mas evita que o wyrm o use. Por um tempinho.

Ao som da voz dela, Sigoso se mexeu.

- Eu não tinha ideia de que os wyrms poderiam fazer uma coisa dessas. — Loth engoliu em seco. — Controlar um corpo.
- Quando os Alto Ocidentais morrem, o fogo se apaga nos wyverns que os servem e na descendência que esses wyverns geraram. Talvez seja um tipo de conexão semelhante.

— Há quanto tempo ele está assim?

— Dois anos.

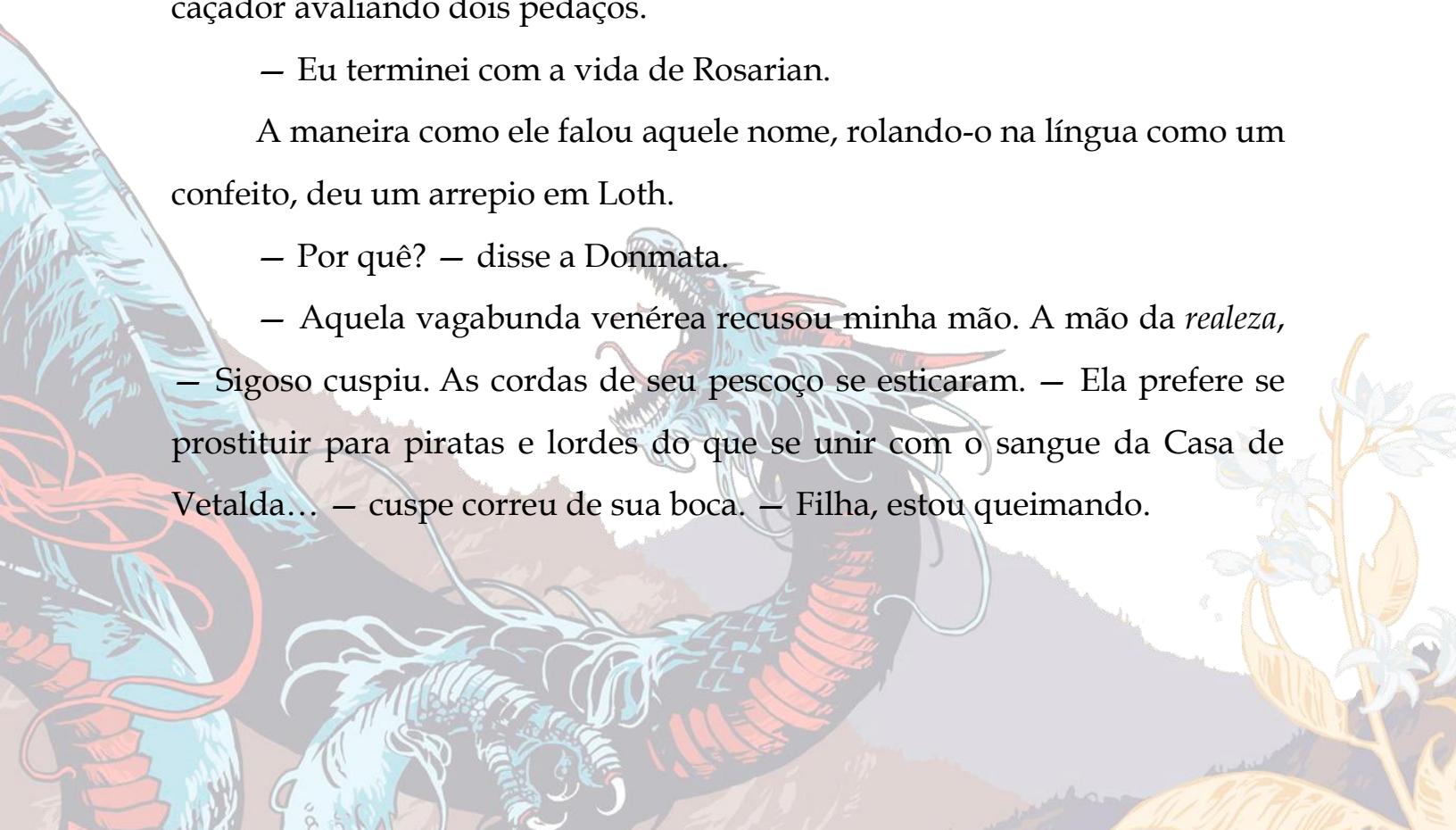
Ele adoeceu quando Yscalin traiu Virtudom.

- Como ele se *tornou* isso?
- Primeiro você deve ouvir a verdade — disse a Donmata. — Meu pai lembra o suficiente para lhe dizer.

— Marosa — Sigoso resmungou. — Marossssa.

Loth se encolheu ao ouvir sua voz. Era como se um nó de cascavéis se aninhasse em sua garganta.

- Onde você está, filha? — O rei perguntou muito suavemente. — Devo ir e encontrar você?



Sem expressão, Donmata voltou-se para ele e começou a retirar a venda. Embora ela usasse luvas de veludo que a cobriam até o cotovelo, Loth não conseguia respirar enquanto ela estava tão perto de seu pai, temendo que Sigoso pudesse morder o veludo ou tentar agarrar seu rosto. Quando a venda foi retirada, Sigoso mostrou os dentes. Seus olhos não eram mais topázio, mas cinzentos por completo. Cavidades de cinza fria.

— Espero que tenha dormido bem, pai — disse Donmata em Inysh.

— Sonhei com uma torre de relógio e uma mulher com um fogo dentro dela. Sonhei que ela era minha inimiga. — O Rei Sigoso olhou para Loth, flexionando os braços em suas correntes. — Quem é?

— Este é Lorde Arteloth Beck de Goldenbirch. Ele é nosso novo embaixador da Inys — Donmata forçou um sorriso. — Gostaria de saber se você se importaria de dizer a ele como a Rainha Rosarian morreu.

Sigoso respirou como um fole. Seu olhar disparou entre eles, um caçador avaliando dois pedaços.

— Eu terminei com a vida de Rosarian.

A maneira como ele falou aquele nome, rolando-o na língua como um confeito, deu um arrepio em Loth.

— Por quê? — disse a Donmata.

— Aquela vagabunda venérea recusou minha mão. A mão da *realeza*,

— Sigoso cuspiu. As cordas de seu pescoço se esticaram. — Ela prefere se prostituir para piratas e lordes do que se unir com o sangue da Casa de Vetalda... — cuspe correu de sua boca. — Filha, estou queimando.

Com um olhar para Loth, Donmata foi para sua mesa de cabeceira, onde um pano estava ao lado de uma tigela de água. Ela ensopou o pano e o colocou em sua testa.

— Mandei fazer um vestido para ela —, continuou Sigoso. — Um vestido de tal beleza que uma prostituta vaidosa como Rosarian nunca poderia resistir. Mandei misturá-lo com veneno de basilisco que comprei de um príncipe comerciante e enviei a Inys para ser escondido entre suas roupas.

Loth estava tremendo.

— Quem escondeu isso? — ele sussurrou. — Quem escondeu o vestido?

— Ele não vai falar com ninguém além de mim —, murmurou Donmata. — Pai, quem escondeu o vestido?

— Um amigo no palácio.

— No palácio — Loth ecoou. — Pelo Santo. Quem?

Donmata repetiu a pergunta. Sigoso riu, mas se fragmentou em uma tosse.

— O copeiro — disse ele.

Loth ficou olhando. A posição de copeiro estava extinta há séculos.

O vestido teria sido plantado no Guarda-Roupa Privado. A Senhora das Túnica na época era Dama Arbella Glenn, e ela nunca teria machucado sua rainha.

— Espero — disse Sigoso — que ainda restasse um pouco da prostituta para enterrar. O veneno do basilisco é tão forte. — Ele deu uma risada. — Até mesmo o osso cede antes de sua mordida.



Com isso, Loth desembainhou sua baselarda.

— Perdoe meu senhor pai. — Donmata olhou sem alma para o Rei morimbundo. — Eu diria que ele não é ele mesmo, mas acho que ele é tão ele mesmo quanto sempre foi.

Enojado, Loth deu um passo em direção à cama.

— O Cavaleiro da Coragem vira as costas para você, Sigoso Vetalda — , ele disse, com a voz trêmula. — A mão dela era dela para dar a quem ela desejasse. Amaldiçoado seja você até o Ventre de Fogo.

Sigoso sorriu.

— Eu estou lá — disse ele. — E é o paraíso.

O cinza em seus olhos cintilou. Manchas vermelhas acenderam-se dentro deles, como brasas.

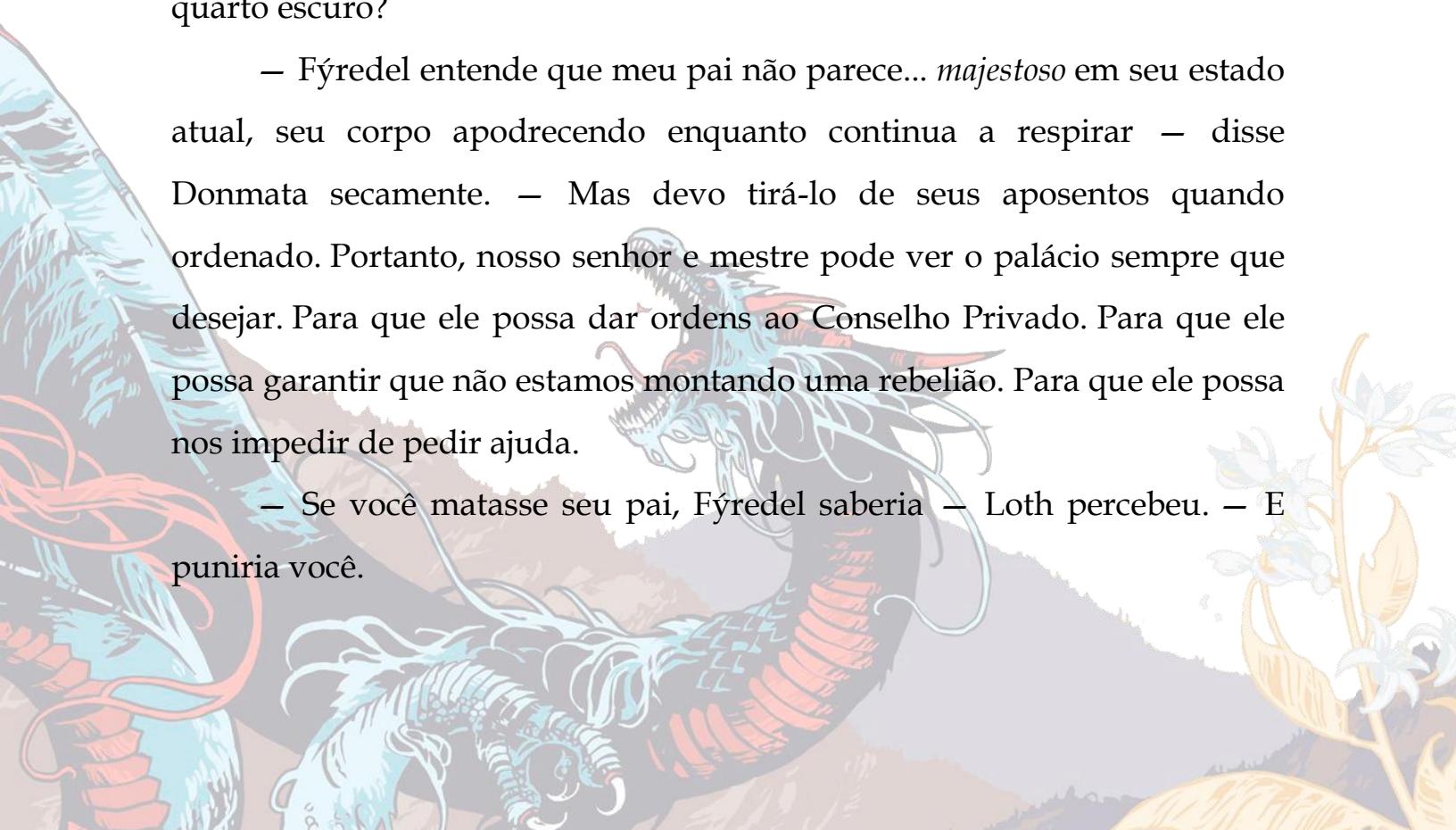
— Fýredel. — Donmata pegou uma xícara da mesa de cabeceira. — Pai, beba isso. Vai aliviar a dor.

Ela o pressionou contra seus lábios. Sem nunca tirar o olhar de Loth, Sigoso bebeu o que estava dentro. Superado pelo que tinha ouvido, Loth deixou Donmata conduzi-lo para fora.

Sua mãe, Dama Annes Beck, estava com a Rainha-Mãe quando ela morreu. Agora ele entendia por que nem ela nem Sabran jamais puderam dizer uma palavra a ele sobre o dia em que Rosarian foi amarrada naquele lindo vestido. Por quê Dama Arbella Glenn, que a amava como a sua própria filha, nunca mais disse uma palavra.



Loth afundou nos degraus. Enquanto ele tremia, ele percebeu Donmata atrás dele.



— Por que eu ouvi dele? — ele perguntou. — Por que não me contar você mesma?

— Para que você pudesse ver e ouvir a verdade — disse ela — e entregá-la a Sabran. E para que você acreditasse, e não saísse pensando que um mistério ainda reside em Yscalín.

Donmata sentou-se no degrau atrás dele, então suas cabeças estavam niveladas. Ela colocou um pacote embrulhado em seda em seu colo.

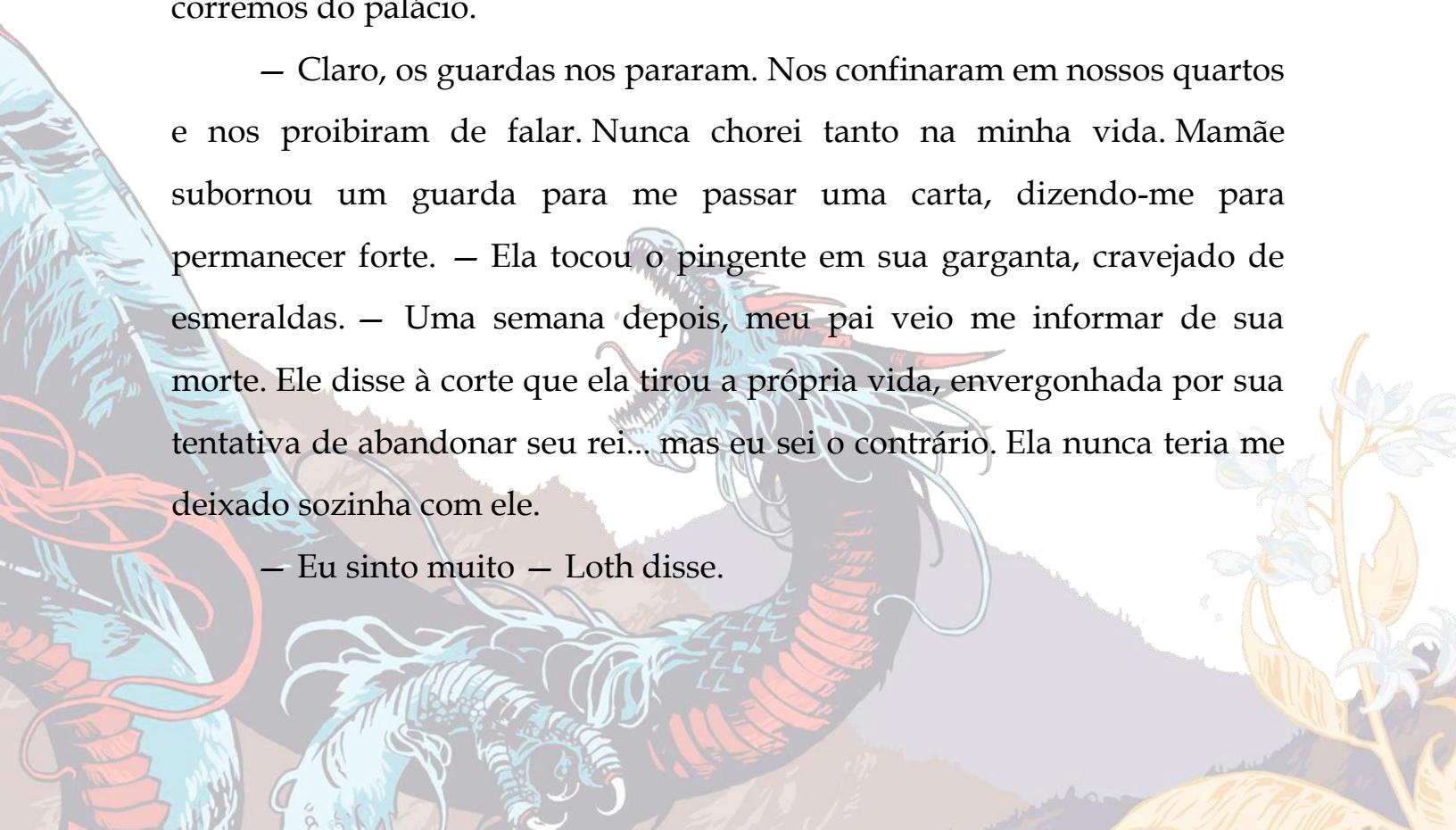
— Ele pode nos ouvir? — Loth perguntou a ela.

— Não. Ele dorme de novo. — Ela parecia cansada. — Rezo para Fýredel não perceber que eu o impedi. Ele pode pensar que meu pai está morrendo. O que eu acho que ele está. — Seu queixo se ergueu. — Não tenho dúvidas de que o wyrm pretende que eu o substitua. Seu fantoche para ser controlado.

— Fýredel não se importa em manter o rei assim, acorrentado em um quarto escuro?

— Fýredel entende que meu pai não parece... *majestoso* em seu estado atual, seu corpo apodrecendo enquanto continua a respirar — disse Donmata secamente. — Mas devo tirá-lo de seus aposentos quando ordenado. Portanto, nosso senhor e mestre pode ver o palácio sempre que desejar. Para que ele possa dar ordens ao Conselho Privado. Para que ele possa garantir que não estamos montando uma rebelião. Para que ele possa nos impedir de pedir ajuda.

— Se você matasse seu pai, Fýredel saberia — Loth percebeu. — E puniria você.



— A última vez que o desafiei, ele mandou colocar uma das minhas damas no Portão de Niunda. — Seu rosto se contraiu. — Eu tive que assistir enquanto seus basiliscos a bicavam em pedaços.

Eles ficaram em silêncio por um tempo.

— A Rainha Rosarian morreu quatorze anos atrás — Loth declarou. — Então... Sigoso não fez isso sob controle Dracônico.

— Nem todo mal vem de wyrms.

Donmata se virou para encará-lo na escada, de modo que suas costas ficaram contra a parede.

— Não me lembro muito do meu pai desde a minha infância. Apenas seu olhar frio — ela murmurou. — Quando eu tinha dezesseis anos, minha mãe foi ao meu quarto no meio da noite. O casamento deles sempre foi tenso, mas agora ela parecia com medo. E com raiva. Ela disse que íamos nos juntar ao irmão dela, o rei Jantar, em Rauca. Nós nos vestimos como servos e corremos do palácio.

— Claro, os guardas nos pararam. Nos confinaram em nossos quartos e nos proibiram de falar. Nunca chorei tanto na minha vida. Mamãe subornou um guarda para me passar uma carta, dizendo-me para permanecer forte. — Ela tocou o pingente em sua garganta, cravejado de esmeraldas. — Uma semana depois, meu pai veio me informar de sua morte. Ele disse à corte que ela tirou a própria vida, envergonhada por sua tentativa de abandonar seu rei... mas eu sei o contrário. Ela nunca teria me deixado sozinha com ele.

— Eu sinto muito — Loth disse.

— Não tanto quanto eu. — A repulsa apertou seu rosto. — Yscalín não merece isso, mas meu pai sim. Ele merece parecer tão corrupto por fora como sempre foi por dentro.

Sahar Taumargam e Rosarian Berethnet, ambos mortos pelas mãos do mesmo rei. Enquanto isso, Inys o considerava um amigo em Virtudom.

— Queria contar a verdade a Sabran. Queria pedir ajuda, tropas... mas este palácio é uma masmorra. O Conselho Privado caiu totalmente nas mãos de Fýredel, com medo de irritá-lo. Eles têm famílias na cidade que morreriam se alimentássemos sua ira.

Loth ergueu a manga até o rosto para enxugar o suor.

— Sabran era minha amiga. O príncipe Aubrecht foi meu prometido por um longo tempo — lembrou-lhe Donmata. — Eu sei que eles devem pensar mal de mim agora.

A culpa picou Loth.

— Perdoe-nos — ele murmurou. — Não deveríamos ter assumido...

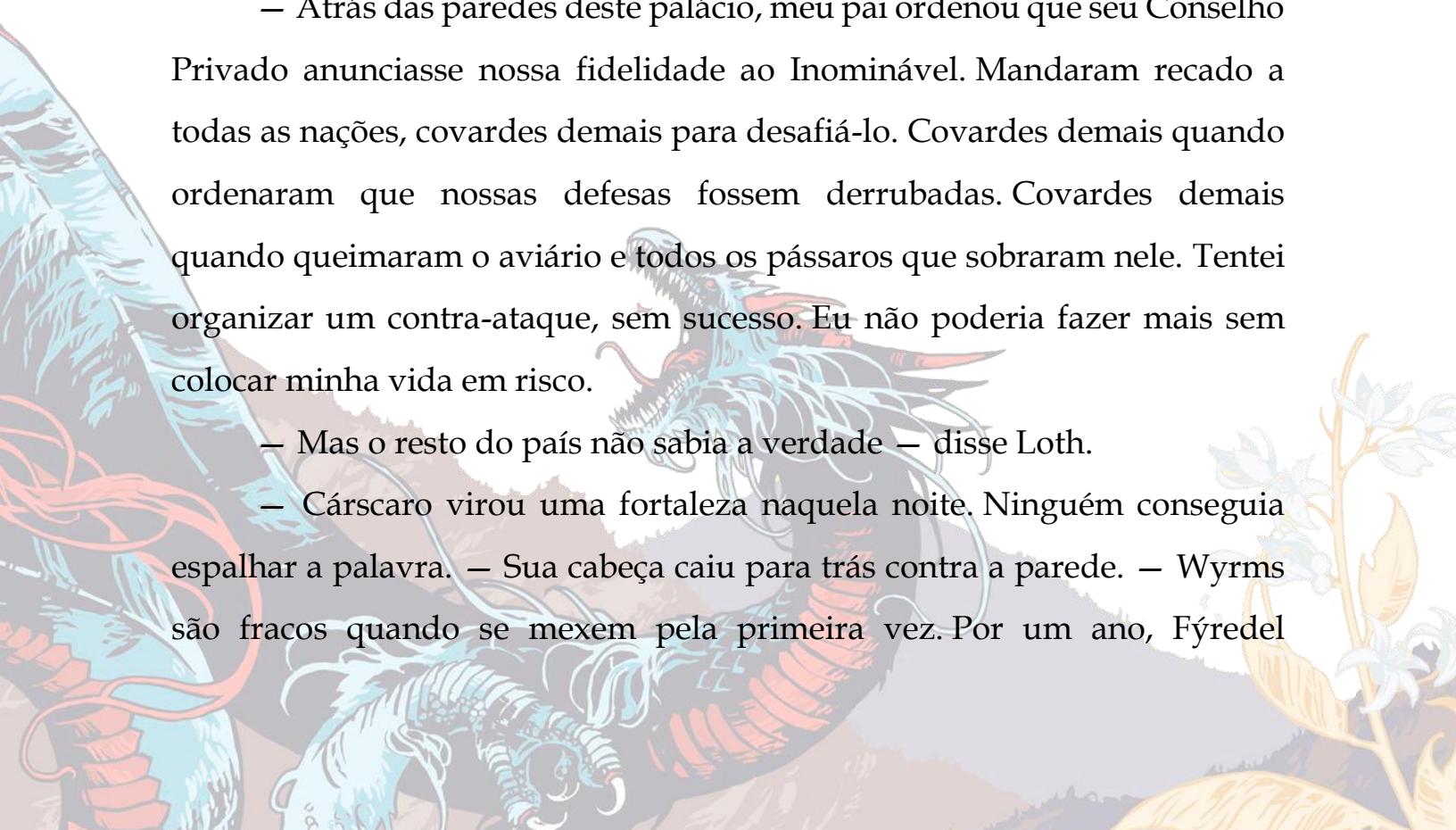
— Você nunca poderia saber que Fýredel estava acordado. Ou que estávamos sob sua asa.

— Diga-me como Cársaro caiu. Ajude-me a entender.

Donmata expirou pelo nariz.

— Dois anos atrás, houve um terremoto em Fusos — disse ela. — Fýredel acordou em uma câmara no Monte Fruma, onde foi dormir após o Século da Dor. Estábamos na porta dele. Maduros para a colheita.

— Os campos de lavanda queimaram primeiro. A fumaça negra sufocou o céu noturno. — Ela balançou a cabeça. — Aconteceu tudo muito rápido. Wyverns cercaram Cársaro antes que os guardas da cidade



pudessem alcançar as antigas defesas. Fýredel apareceu pela primeira vez em séculos. Ele disse que nos incendiaria se meu pai não fosse até ele para prestar homenagem.

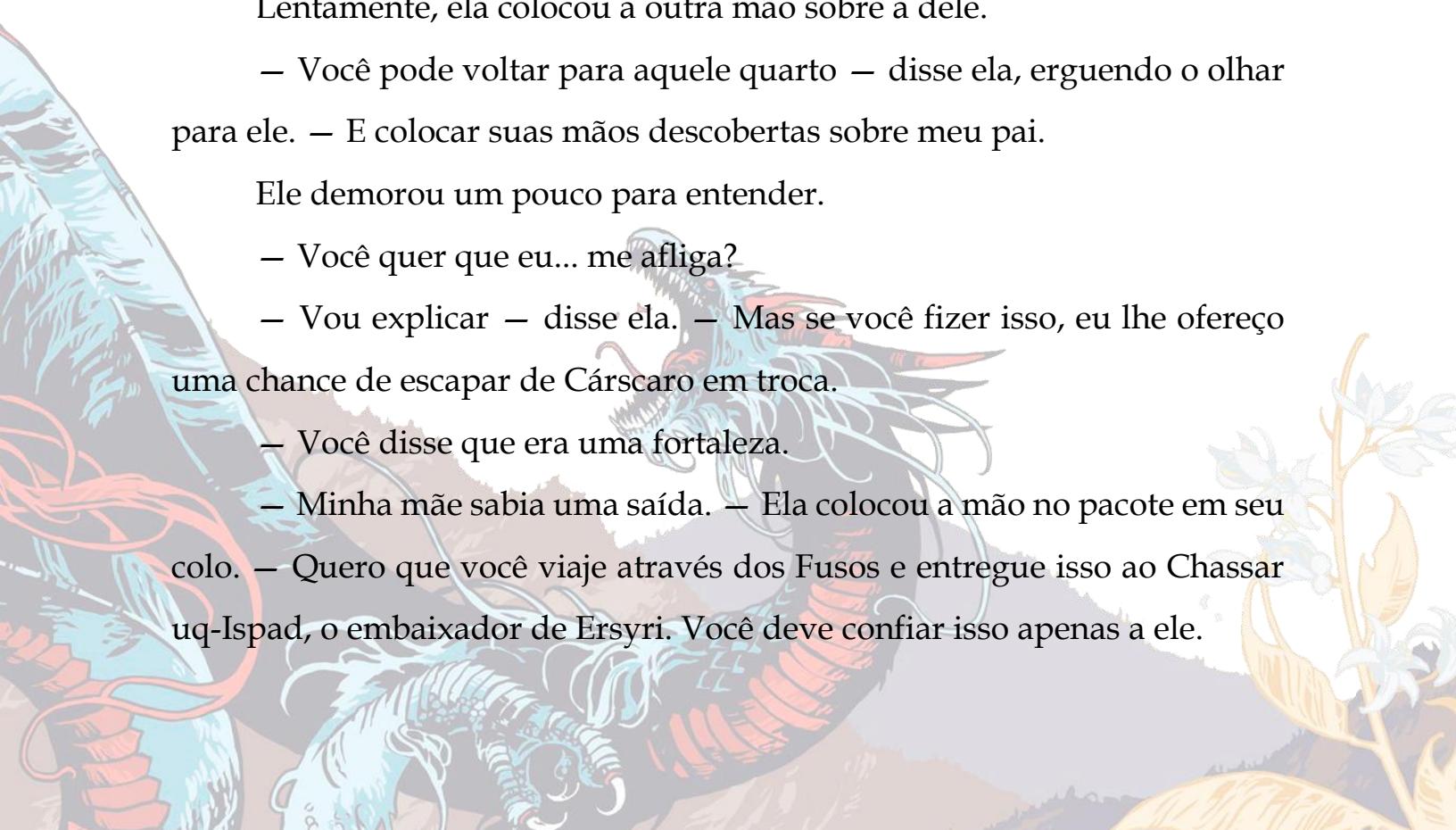
— E ele fez?

— Ele enviou um engodo no início, mas Fýredel percebeu o engano. Ele queimou o homem vivo, e meu pai foi forçado a sair — disse ela. — Fýredel o levou para as montanhas. Pelo resto da noite, Cársaro mergulhou no caos. As pessoas pensaram que um segundo Século da Dor havia começado — o que, de certa forma, começou. — Uma terrível tristeza escureceu seus olhos. — O pânico reinou. Milhares tentaram fugir, mas a única saída é pelo Portão de Niunda, e os wyverns o guardavam — sua boca se apertou. — Meu pai voltou de madrugada. O povo viu que seu rei estava vivo e ileso e não sabia o que pensar. Ele disse que eles seriam os primeiros a testemunhar a ascensão do mundo Dracônico, se obedecessem.

— Atrás das paredes deste palácio, meu pai ordenou que seu Conselho Privado anunciasse nossa fidelidade ao Inominável. Mandaram recado a todas as nações, covardes demais para desafiá-lo. Covardes demais quando ordenaram que nossas defesas fossem derrubadas. Covardes demais quando queimaram o aviário e todos os pássaros que sobraram nele. Tentei organizar um contra-ataque, sem sucesso. Eu não poderia fazer mais sem colocar minha vida em risco.

— Mas o resto do país não sabia a verdade — disse Loth.

— Cársaro virou uma fortaleza naquela noite. Ninguém conseguia espalhar a palavra. — Sua cabeça caiu para trás contra a parede. — Wyrms são fracos quando se mexem pela primeira vez. Por um ano, Fýredel



permaneceu sob o Monte Fruma, recuperando suas forças. Observei enquanto ele usava meu pai para transformar meu país na base de seu poder. Eu o observei destruir as Seis Virtudes. Eu assisti a praga despertar e se espalhar entre meu povo. E minha casa se tornou minha prisão.

Foi quando Arteloth Beck fez exatamente o que Gian Harlowe o advertiu para não fazer.

Ele pegou Marosa Vetalda pela mão.

Ela usava luvas de veludo. Ainda era um risco, mas ele o fez sem pensar duas vezes.

— Você é a própria personificação da coragem — disse ele. — E seus amigos em Virtudom falharam com você.

Donmata olhou para as mãos com uma fenda na testa. Loth se perguntou quando foi que ela foi tocada pela última vez.

— Diga-me como posso ajudá-la — disse ele.

Lentamente, ela colocou a outra mão sobre a dele.

— Você pode voltar para aquele quarto — disse ela, erguendo o olhar para ele. — E colocar suas mãos descobertas sobre meu pai.

Ele demorou um pouco para entender.

— Você quer que eu... me afliga?

— Vou explicar — disse ela. — Mas se você fizer isso, eu lhe ofereço uma chance de escapar de Cársaro em troca.

— Você disse que era uma fortaleza.

— Minha mãe sabia uma saída. — Ela colocou a mão no pacote em seu colo. — Quero que você viaje através dos Fusos e entregue isso ao Chassar uq-Ispad, o embaixador de Ersyri. Você deve confiar isso apenas a ele.

O homem que criou Ead e a apresentou à corte há oito anos. Donmata desembrulhou a seda. Dentro havia uma caixa de ferro, gravada com símbolos.

— Na primavera, uma mulher foi capturada perto de Perunta, tentando encontrar um navio que a levasse para Lasia. Os torturadores a mantiveram por dias, mas ela nunca falou. Quando meu pai pôs os olhos no manto vermelho que ela trazia consigo, Fýredel ficou furioso. Ele ordenou que ela passasse suas últimas horas em agonia.

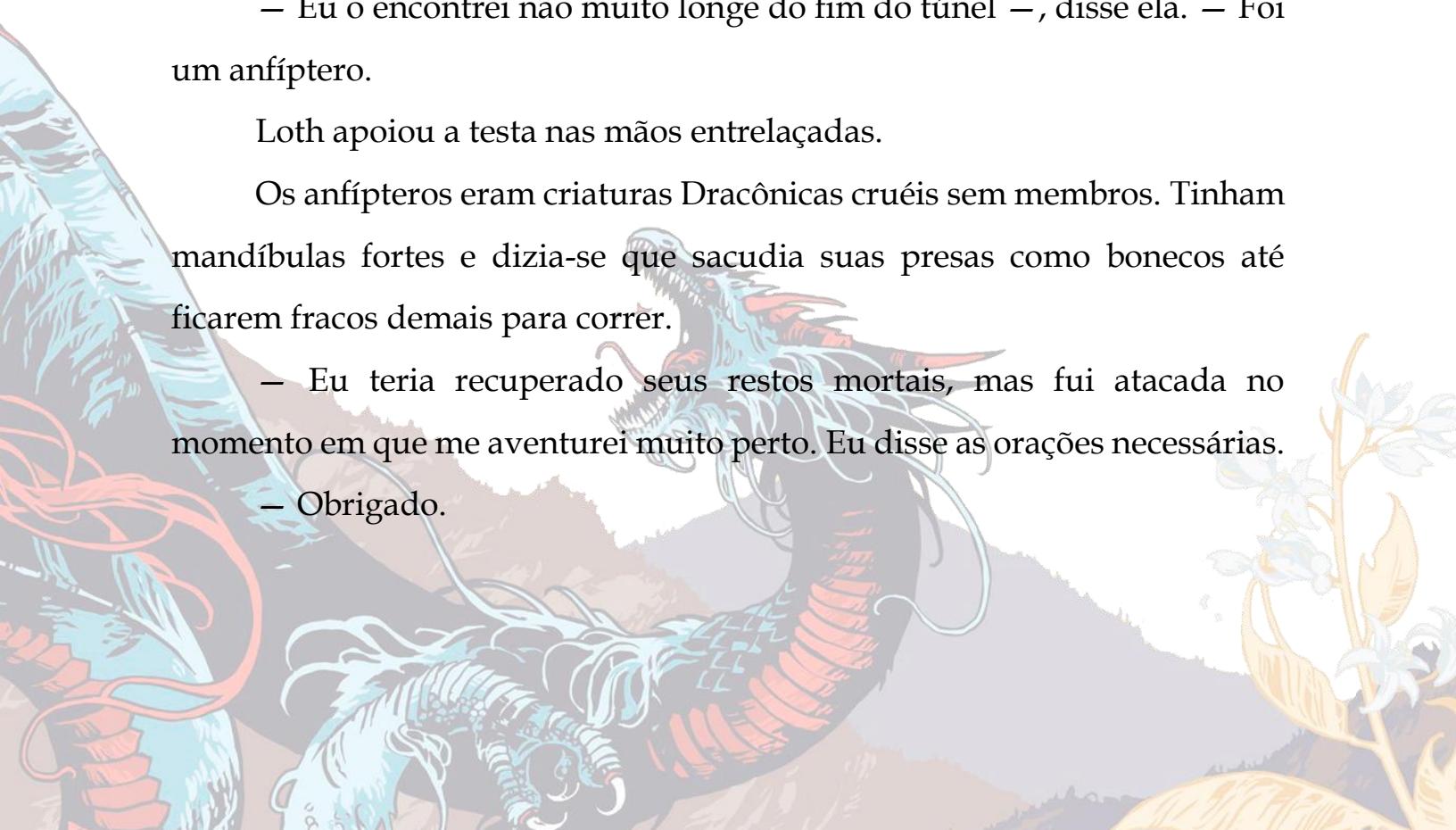
Loth não tinha certeza se aguentaria ouvir isso.

— Naquela noite, eu a procurei. — Donmata passou os dedos pela caixa. — Eu pensei que eles tinham arrancado a língua dela no começo, mas quando eu dei vinho a ela, ela me disse que seu nome era Jondu. Ela me disse que, se eu valorizasse a vida humana, levaria o objeto que ela carregava para o Chassar uq-Ispad. — Ela fez uma pausa. — Eu mesma matei Jondu. Disse a Fýredel que ela havia morrido por causa dos ferimentos. Melhor isso do que o portão.

— A caixa que havia sido retirada de Jondu estava trancada. Ninguém conseguiu abri-la e, por fim, perderam o interesse. Foi fácil para mim roubá-la. Tenho certeza de que é vital em nossa luta e que o Embaixador uq-Ispad saberá mais.

Ela traçou os padrões em sua tampa.

— Ele está provavelmente em Rumelabar. Para alcançar o Ersyr e evitar as fronteiras vigiadas, você deve cruzar os Fusos. A maneira mais segura de fazer isso sem o dano das criaturas Dracônicas que agora vivem lá é ficar afligido da doença, para que, quando sentirem seu cheiro, não



ataquem, — ela continuou. — Jondur jurou que o embaixador conhece a cura da peste. Se você chegar a tempo, você pode viver para contar a história.

Loth entendeu então.

— Você enviou o príncipe Wilstan para fazer isso — disse ele. — Ou tentou.

— Fiz tudo igual. Eu mostrei a ele o meu pai e o fiz ouvir de seus próprios lábios como Rosarian morreu. E então eu dei a ele a caixa. Mas Fynch estava esperando por sua oportunidade de fugir e voltar para sua filha com notícias deste lugar — disse ela. — Ele me garantiu que se infectou com a praga. Quando percebi que não, fui atrás dele com toda pressa. Ele havia abandonado a caixa no túnel secreto que leva às montanhas. Ele claramente nunca pretendeu honrar meu pedido... mas dificilmente posso culpá-lo por pensar que poderia voltar para Sabran.

— Onde ele está agora? — Loth perguntou baixinho.

— Eu o encontrei não muito longe do fim do túnel — , disse ela. — Foi um anfíptero.

Loth apoiou a testa nas mãos entrelaçadas.

Os anfípteros eram criaturas Dracônicas cruéis sem membros. Tinham mandíbulas fortes e dizia-se que sacudia suas presas como bonecos até ficarem fracos demais para correr.

— Eu teria recuperado seus restos mortais, mas fui atacada no momento em que me aventurei muito perto. Eu disse as orações necessárias.

— Obrigado.

— Apesar das aparências, ainda sou fiel ao Santo. E ele precisa de nós agora, Lorde Arteloth. — Donmata colocou a mão em seu antebraço. — Você vai fazer o que eu peço?

Ele engoliu em seco.

— E Lorde Kitston?

— Ele pode ficar aqui, e eu vou cuidar dele. Ou ele pode ir com você, mas deve estar afligido da doença também.

Mesmo o Cavaleiro da Sociedade não esperava que Kit fizesse isso por ele. Ele já tinha feito muito.

— Será que Fýredel verá através de mim? — Loth perguntou.

— Não. Você terá o tipo normal de praga —, disse ela. — Eu testei a teoria.

Ele optou por não perguntar como.

— Certamente há outros no palácio que são leais ao Santo —, disse ele. — Por que não enviar um de seus próprios servos?

— Confio apenas em Priessa, e seu desaparecimento soaria como um alarme. Eu iria eu mesma, mas não posso deixar meu povo sem um Vetalda sâo. Mesmo que eu seja impotente para salvá-los, devo ficar e fazer o que puder para minar Fýredel.

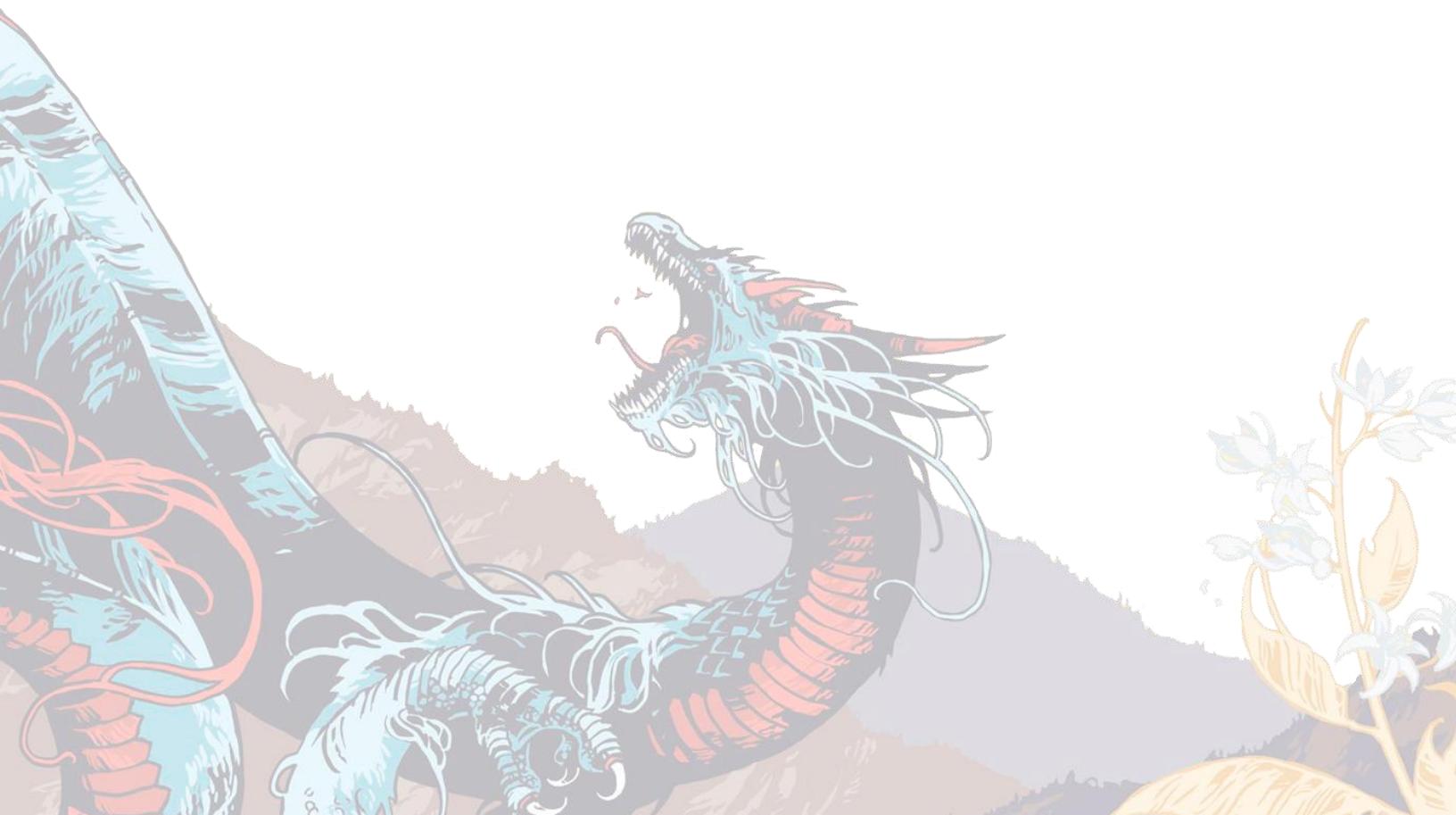
Ele havia julgado mal Donmata Marosa. Ela era uma verdadeira mulher de Virtudom, aprisionada na casca de uma casa que ela deve ter amado.

— É muito tarde para mim, meu senhor — ela disse. — Mas não para Virtudom. O que aconteceu aqui em Yscalin não deve acontecer em outro lugar.

Loth desviou o olhar daqueles olhos opala de fogo, para o broche patrono em seu gibão. Duas mãos unidas em afinidade. O mesmo cordão de dedos que enfeitava um anel de nó de amor.

Se a Cavaleira da Sociedade estivesse aqui, Loth sabia o que ela faria.

— Se você consentir — disse Donmata — eu o levarei de volta ao Rei de Carne e você porá as mãos sobre ele. Então eu vou mostrar a você o caminho para sair de Yscalín. — Ela se levantou. — Se recusar, aconselho-o a se preparar para uma vida longa a Cársaro, Lorde Arteloth Beck.



Capítulo 20

Leste

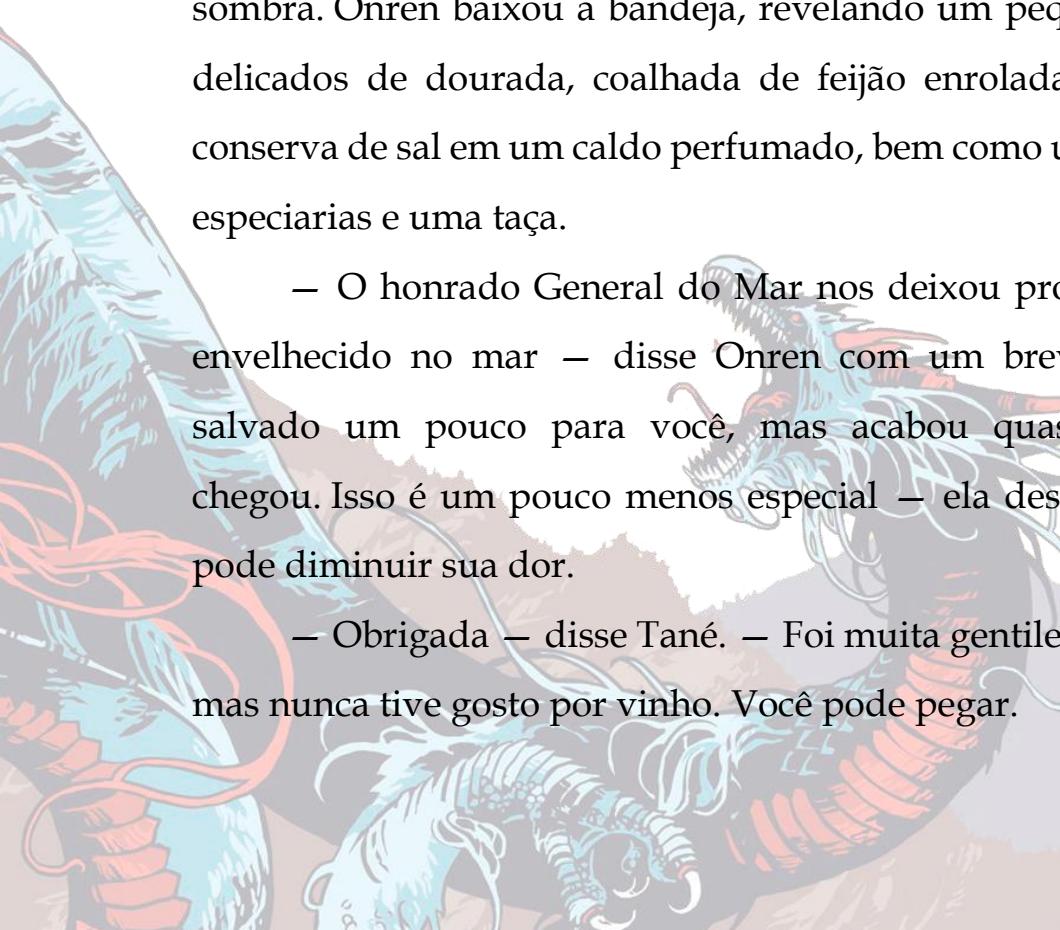
Enquanto os outros guardiões do mar celebravam o fim das provas no salão de banquetes, Tané estava exausta em seus aposentos. Ela não havia emergido desde sua luta com Turosa. Um cirurgião limpou e costurou seu ombro, mas o movimento a drenou, e o latejar era incessante.

Amanhã, ela iria descobrir se ela iria cavalgar.

Ela roeu a unha do dedo mínimo até sentir o gosto de sangue. Pensando em fazer algo menos doloroso com as mãos, ela encontrou seu exemplar de *Lembranças da Grande Dor*. O livro foi um presente de um de seus professores em seu aniversário de quinze anos. Já fazia algum tempo que ela o abriria, mas as ilustrações iriam distraí-la.

Perto da décima segunda hora, quando o canto dos grilos das árvores estava crescendo lá fora, ela ainda estava acordada, lendo.

Uma imagem retratava uma mulher Seiikinense com a doença vermelha. Suas mãos e olhos estavam vermelhos. Em outra página estavam os respiradores de fogo. Suas asas de morcego tinham assustado Tané quando ela tinha quinze anos e ainda a deixavam arrepiada. A próxima imagem mostrava o povo de Cabo Hisan parado na costa, assistindo a uma grande batalha. Os dragões se retorciam e se debatiam nas ondas. Suas



mandíbulas mordiam os demônios enquanto eles lançavam fogo sobre Seiiki.

A imagem final mostrava o cometa que viera na última noite da Grande Tristeza - a Luz de Kviriki - lançando meteoros no mar. Os demônios alados fugiram dele, enquanto os dragões de Seikii se ergueram das ondas, pintados em prata e azuis brilhantes como moedas.

Uma batida interrompeu suas reflexões. Tané pôs-se de pé dolorosamente. Quando ela abriu a porta, ela encontrou Onren, vestida com um robe verde escuro, cabelo enfeitado com flores salgadas. Ela estava segurando uma bandeja.

— Eu trouxe o jantar — ela disse.

Tané se afastou.

— Entre.

Ela voltou para sua cama. Suas velas estavam fracas, esticando cada sombra. Onren baixou a bandeja, revelando um pequeno banquete. Cortes delicados de dourada, coalhada de feijão enrolada em ovas e algas em conserva de sal em um caldo perfumado, bem como uma jarra de vinho com especiarias e uma taça.

— O honrado General do Mar nos deixou provar seu famoso vinho envelhecido no mar — disse Onren com um breve sorriso. — Eu teria salvado um pouco para você, mas acabou quase tão rápido quanto chegou. Isso é um pouco menos especial — ela despejou da jarra. — Mas pode diminuir sua dor.



— Obrigada — disse Tané. — Foi muita gentileza sua pensar em mim, mas nunca tive gosto por vinho. Você pode pegar.

— As provas acabaram, Tané. Você pode se soltar. Mas... eu acho que eu poderia tomar isso. — Onren se ajoelhou nas esteiras. — Sentimos sua falta no salão de banquetes.

— Eu estava cansada.

— Achei que você poderia dizer isso. Não quero insultá-la, mas parece que não dorme há anos. E você mereceu um descanso. — Ela pegou a taça. — Você se saiu bem contra Turosa. Talvez o bastardo finalmente tenha percebido que não está tão acima dos camponeses que despreza.

— Não somos camponeses agora. — Tané a estudou. — Você parece preocupada.

— Acho que perdi a chance de montar hoje. Kanperu luta tão bem quanto ele... — Ela tomou um gole de vinho. — Bem.

Então ela lutou com Kanperu. Tané foi levada ao cirurgião antes que pudesse ver os outros testes.

— Você se destacou em todos os outros dias — Tané a lembrou. — O honrado General do Mar nos julgará com justiça.

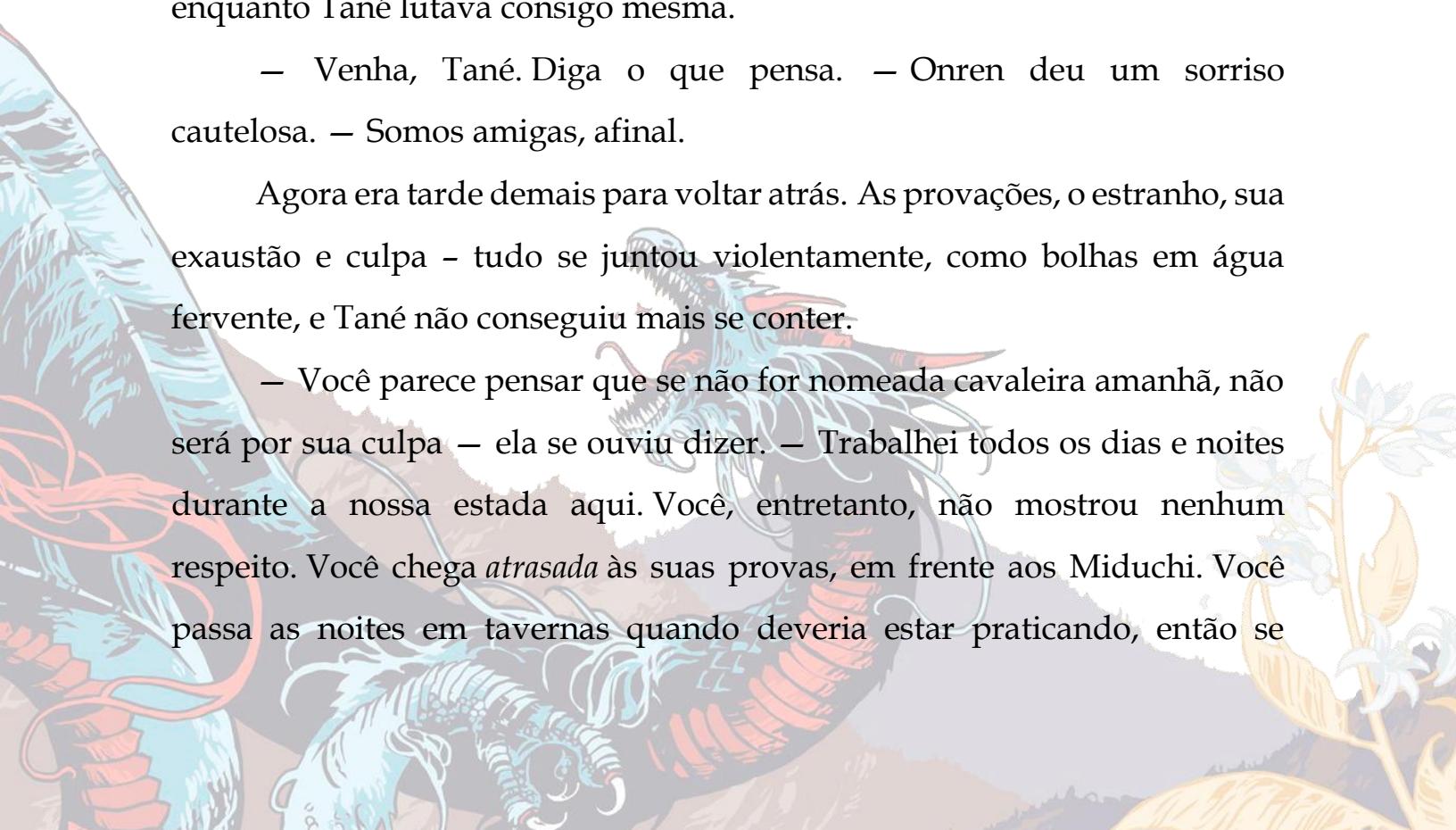
— Como você sabe?

— Ele é um cavaleiro.

— Turosa será um cavaleiro amanhã, mas ele passou anos perseguindo aqueles de nós que vieram de origem camponesa. Ouvi dizer que uma vez ele bateu em um servo por não se curvar o suficiente. Qualquer um de nós teria sido exilado das Casas de Aprendizagem por se comportar dessa maneira... mas o sangue ainda tem poder.

— Você não sabe que ele será um cavaleiro só por causa disso.

— Aposto tudo o que tenho de que ele será.



O silêncio caiu. Tané pegou a coalhada de feijão.

— Fui repreendida uma vez, quando tinha dezesseis anos, por tocar na cidade — disse Onren. — Por ser de má reputação, fui impedida de ter aulas e disseram-me que teria de reconquistar meu lugar na Casa Leste. Eu estava esfregando as casinhas pelo resto da temporada. Enquanto isso, Turosa pode quase matar um servo e ter uma espada na mão alguns dias depois.

— Nossos professores aprendizes tinham seus motivos. Eles entendem o verdadeiro significado da justiça.

— A razão deles é que ele é neto de um cavaleiro, e eu não. E essa será a razão deles amanhã, se eu for rejeitada em favor dele.

— Esse não será o motivo — Tané rebateu.

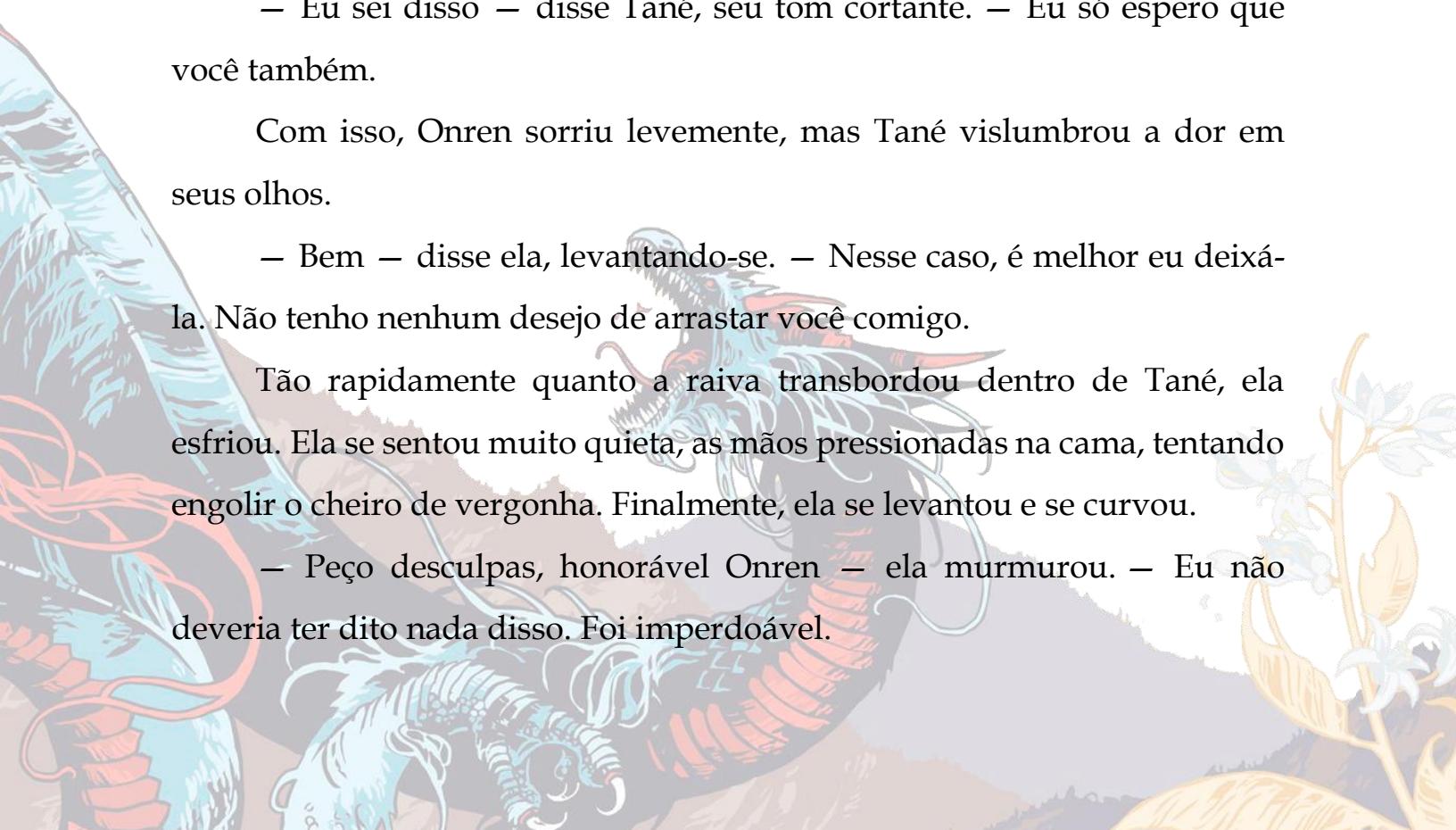
Escapou de sua língua antes que ela pudesse segurar, como um peixe escorregadio escapando de sua mão.

Onren ergueu as sobrancelhas. O silêncio pairou, um sino intocado, enquanto Tané lutava consigo mesma.

— Venha, Tané. Diga o que pensa. — Onren deu um sorriso cautelosa. — Somos amigas, afinal.

Agora era tarde demais para voltar atrás. As provações, o estranho, sua exaustão e culpa — tudo se juntou violentamente, como bolhas em água fervente, e Tané não conseguiu mais se conter.

— Você parece pensar que se não for nomeada cavaleira amanhã, não será por sua culpa — ela se ouviu dizer. — Trabalhei todos os dias e noites durante a nossa estada aqui. Você, entretanto, não mostrou nenhum respeito. Você chega *atrasada* às suas provas, em frente aos Miduchi. Você passa as noites em tavernas quando deveria estar praticando, então se



pergunta por que luta mal contra seu oponente. Talvez seja *esse* o motivo de você não se tornar uma cavaleira.

Onren não estava mais sorrindo.

— Então — ela disse secamente —, você acha que eu não mereço isso. Porque... Eu fui para a taverna. — Ela fez uma pausa. — Ou é porque eu fui para a taverna e ainda assim superei você no teste de faca?

Tané enrijeceu.

— Seus olhos estavam vermelhos naquela manhã. Eles ainda estão. Você ficou acordada a noite toda praticando.

— Claro que sim.

— E você se ressente de mim porque eu não o fiz. — Onren balançou a cabeça. — O equilíbrio é necessário em todas as coisas, Tané — isso não significa desrespeito. Esta posição é a chance de uma vida inteira, e não deve ser desperdiçada.

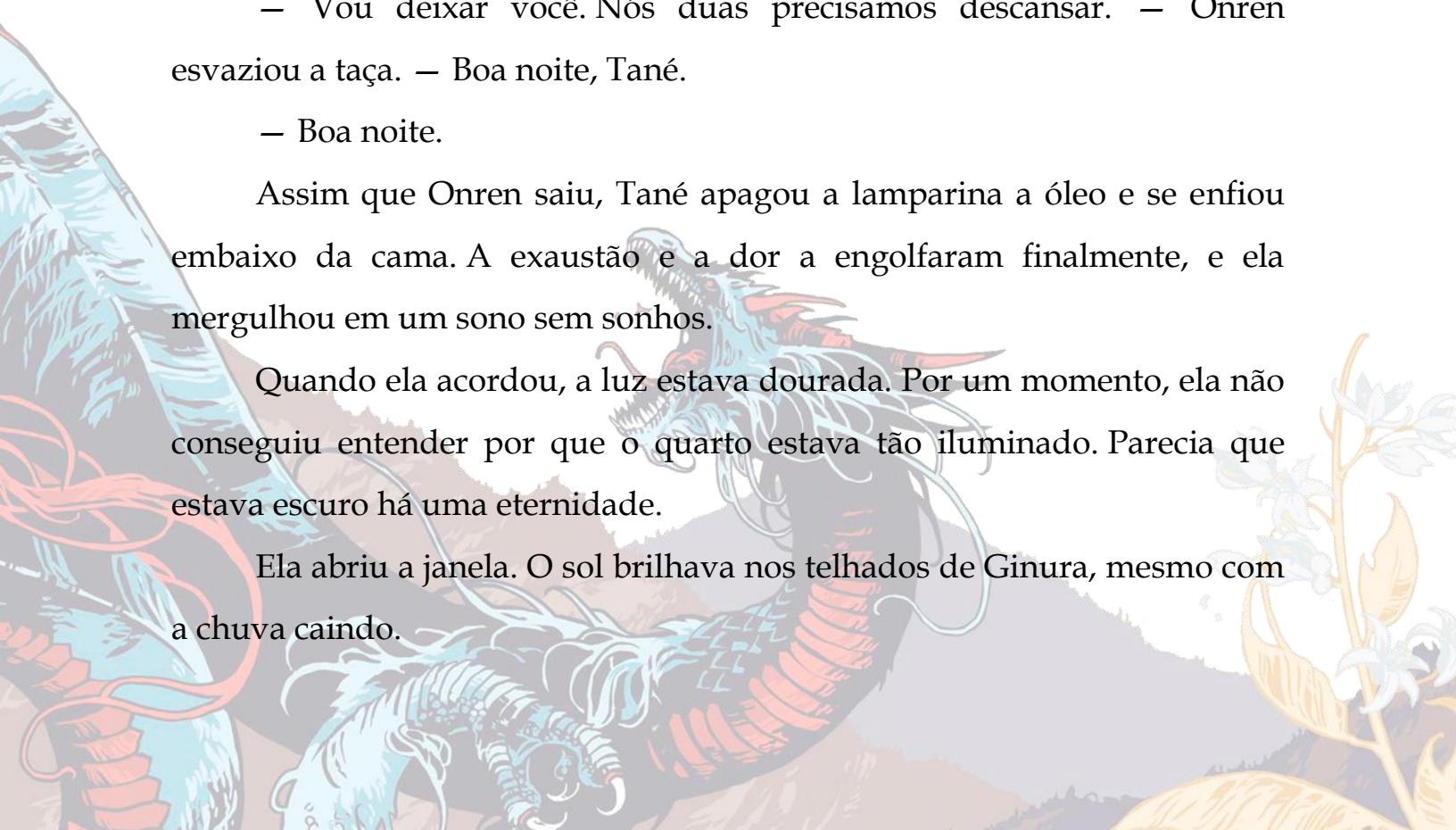
— Eu sei disso — disse Tané, seu tom cortante. — Eu só espero que você também.

Com isso, Onren sorriu levemente, mas Tané vislumbrou a dor em seus olhos.

— Bem — disse ela, levantando-se. — Nesse caso, é melhor eu deixá-la. Não tenho nenhum desejo de arrastar você comigo.

Tão rapidamente quanto a raiva transbordou dentro de Tané, ela esfriou. Ela se sentou muito quieta, as mãos pressionadas na cama, tentando engolir o cheiro de vergonha. Finalmente, ela se levantou e se curvou.

— Peço desculpas, honorável Onren — ela murmurou. — Eu não deveria ter dito nada disso. Foi imperdoável.



Após uma pausa, Onren suavizou.

— Perdoada. Verdadeiramente — ela suspirou. — Tenho me preocupado com você — Tané manteve o olhar abaixado. — Você sempre trabalhou duro, mas ao longo dessas provações, parece que você tem se punido, Tané. Por quê?

Quando ela falava assim, era como ter Susa de novo. Um rosto gentil e uma mente aberta. Por um momento, Tané sentiu-se tentada a contar tudo a Onren. Talvez ela entendesse.

— Não — ela disse finalmente. — Eu só tenho medo. E estou cansada.
— Ela afundou de volta na cama. — Eu estarei melhor amanhã. Quando eu souber meu destino.

Onren riu disso.

— Oh, Tané. Você faz parecer que a alternativa é a prisão.

Tané se encolheu, mas conseguiu sorrir.

— Vou deixar você. Nós duas precisamos descansar. — Onren esvaziou a taça. — Boa noite, Tané.

— Boa noite.

Assim que Onren saiu, Tané apagou a lamparina a óleo e se enfiou embaixo da cama. A exaustão e a dor a engolfaram finalmente, e ela mergulhou em um sono sem sonhos.

Quando ela acordou, a luz estava dourada. Por um momento, ela não conseguiu entender por que o quarto estava tão iluminado. Parecia que estava escuro há uma eternidade.

Ela abriu a janela. O sol brilhava nos telhados de Ginura, mesmo com a chuva caindo.

Um banho de sol. Um bom presságio.

Os criados viriam em breve com seu novo uniforme. Se o dragão nas costas da túnica fosse de prata, ela permaneceria uma guardiã do mar e serviria como líder na marinha.

Se fosse ouro, ela tinha sido escolhida por deus.

Ela caminhou pelo quarto e acendeu o incenso no santuário para uma última oração. Ela pediu perdão por sua falta de educação para com Onren e novamente pelo que fizera na noite anterior à cerimônia. Se o grande Kwiriki apenas a absolvesse, ela provaria sua devoção pelo resto de sua vida.

Os criados chegaram no final da tarde. Tané esperou de olhos fechados antes de se virar para encará-los.

A túnica era de seda d'água. Azul como safiras. E nas costas da túnica estava o emblema do dragão, bordado em fios de ouro.



Seus novos atendentes cortaram seu cabelo em um estilo militar. A cicatriz em sua bochecha parecia mais proeminente, e seu ombro doía, mas seus olhos estavam brilhantes como tinta fresca.

Quando o sol se afastou, ela saiu do palanquim e pisou na areia clara da baía de Ginura. A escolha sempre acontecia no final do dia, pois sua antiga vida terminava aqui. Ela calçava botas de couro novas com salto grosso, para melhor se agarrar aos estribos de uma sela.

Um arco-íris noturno queimava contra o roxo esfumaçado do céu, manchado no horizonte em intensidades de vermelho. As pessoas estavam se reunindo nos penhascos para observar este sinal peculiar do grande

Kwiriki e para observar os doze novos cavaleiros de dragão caminhando em direção à água.

Turosa estava entre eles. Assim como todos os outros parentes de condutores de dragões. Tané caminhava ao lado de Onren, que sorriu para ela. Ela ganhou um lugar no clã Miduchi.

A última vez que Tané esteve em uma praia, o estranho saiu da escuridão como uma maldição. No entanto, as marés dentro dela, que a empurravam para este dia desde o berço, estavam estranhamente calmas e paradas.

Dez dragões Seiikinenses esperavam no mar, ágeis e bonitos. O sol e o arco-íris iluminavam as ondas que batiam em seus corpos. Os dois guerreiros Lacustres, ao que parecia, ainda não haviam chegado.

Quando foi chamado, Kanperu fez uma reverência ao General do Mar, que ergueu um colar de pérolas Sundance em volta do pescoço. Ele entregou a Kanperu um elmo e uma sela acolchoada. Em seguida, o General do Mar concedeu-lhe uma máscara para manter os elementos fora de seu rosto e uma espada temperada com água salgada, sua bainha incrustada com madrepérola, feita pelo melhor ferreiro de Seiiki.

Kanperu passou as cordas do elmo em volta do pescoço, ergueu a sela sob o braço e entrou na água. Uma vez que estava até a cintura, ele estendeu a mão direita, a palma voltada para cima.

Um dragão cinza-azulado estendeu seu pescoço e o considerou com olhos de lua cheia. Quando ele inclinou a cabeça ainda mais, Kanperu enganchou os dedos em sua crina e subiu nele, atento às suas costas. Assim

que ele e a sela estavam no lugar, seu dragão soltou um rugido assustador e mergulhou no mar, encharcando todos na praia.

Onren se aproximou da costa em seguida, as bochechas cheias de seu sorriso. Ela apenas estendeu a mão por um momento antes do maior dos dragões – um Seiikinense desajeitado com uma juba negra, suas escamas como prata batida – veio deslizando em direção à praia. Onren ficou tensa no início, mas assim que ela fez contato, ela relaxou e subiu em seu pescoço como uma escada.

— A honorável Tané Miduchi — disse o General do Mar. — Passo à frente.

Onren baixou a máscara sobre o rosto. O dragão abaixou a cabeça e saiu nadando.

Tané fez uma reverência ao General do Mar e deixou-o prender as pérolas na base de seu pescoço, o sinal de que ela foi escolhida por deus. Ela pegou o elmo e a sela e, por fim, a espada na bainha. Já parecia parte de seu braço. Ela a prendeu na faixa e entrou no mar.

Quando a água salgada quente fluiu ao redor de suas panturrilhas, sua respiração ficou curta. Ela estendeu a mão. Cabeça baixa. Olhos fechados. Sua mão estava firme, mas o resto dela tremia.

Escama fria escovou seus dedos. Ela não ousou olhar. Ela deveria. Quando ela o fez, dois olhos, brilhantes como fogos de artifício, se voltaram para o rosto de um dragão Lacustre.

Capítulo 21

Oeste

Loth deixou seus aposentos no Palácio da Salvação pela última vez na calada da noite.

A praga Dracônica estava dentro dele. Um toque na testa do Rei de Carne, um formigamento em sua mão e uma ampulheta giraram em sua mente. Em breve, os grãos finos de sua sanidade começariam a escorrer entre seus dedos.

Pendurado em seu ombro, estava um saco de couro, cheio de suprimentos para a jornada pelas montanhas. Sua baselarda e espada estavam ao seu lado, escondidas sob uma capa de inverno.

Kit o seguiu descendo as escadas sinuosas.

- Espero que seja uma boa ideia, Arteloth — disse ele.
- É o oposto de uma boa ideia.
- A pirataria era a melhor opção.
- Inegavelmente.

Eles estavam entrando nas entradas de Cársaro. Donmata Marosa lhe dissera como acessar uma escada oculta do Santuário Privado, que diminuía à medida que desciam. Loth secou o suor frio da testa. Ele implorou a Kit para ficar para trás, mas seu amigo insistiu em ir com ele.

Uma eternidade se passou antes que suas botas atingissem o solo plano. Loth ergueu sua tocha.

Donmata Marosa esperava ao pé da escada, o rosto na sombra do capuz. Ela parou diante de uma grande rachadura na parede.

— O que é este lugar? — Loth perguntou.

— Uma rota de fuga esquecida. Para uso em cercos, suponho — , disse ela. — Era assim que mamãe e eu pretendíamos fugir.

— Por que você não a usou para espalhar a notícia?

— Eu tentei. — Ela abaixou o capuz. — Lorde Kitston. Você está afligido agora?

Kit fez uma reverência.

— Sim, Radiância. Eu acredito que estou suficientemente dominado pela praga.

— Bom. — Seu olhar se voltou para Loth. — Mandei uma das minhas damas. Isso foi antes de eu saber quantas criaturas Dracônicas havia nas montanhas.

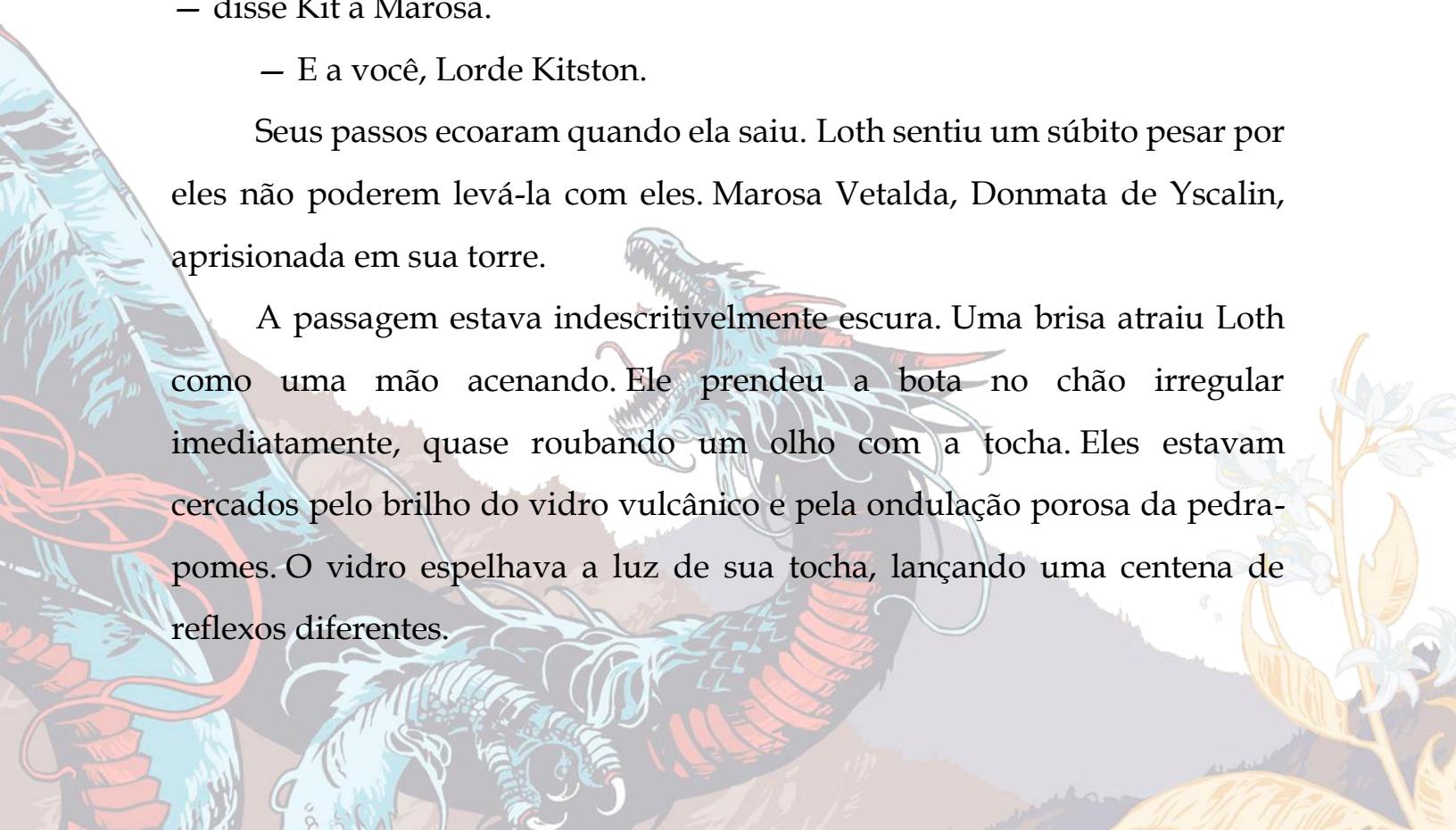
A inferência foi clara.

Donmata estendeu a mão para trás e estendeu os bastões de madeira combinando, cada um coberto por um gancho.

— Cajados de gelo. Eles irão ajudá-los a encontrar equilíbrio.

Eles os levaram. Para Loth, ela entregou outro saco, pesado com a caixa de ferro.

— Eu peço que você não abandone esta tarefa que estabeleci para você, Lorde Arteloth. — Seus olhos eram como joias à luz do fogo. — Eu confio que você fará isso por mim. E para Virtudom.



Com essas palavras, ela se afastou.

— Enviaremos ajuda. — Loth falou baixinho. — Mantenha seu pai vivo enquanto você puder. Se ele morrer, esconda-se de Fýredel. Quando esta tarefa estiver concluída, contaremos aos soberanos de Virtudom o que aconteceu aqui. Você não vai morrer sozinha neste lugar.

Por fim, Donmata Marosa sorriu um pouco. Como se ela tivesse esquecido como.

— Você tem um coração bom, Lorde Arteloth — disse ela. — Se você voltar para Inys, dê meus cumprimentos a Sabran e Aubrecht.

— Eu vou. — Ele se curvou para ela. — Adeus, Sua Radiância.

— Adeus, meu senhor.

Seus olhares se detiveram por uma canção de batimentos cardíacos. Loth abaixou a cabeça mais uma vez e entrou na passagem.

— Que o Cavaleiro da Coragem lhe traga alegria nestas horas sombrias — disse Kit a Marosa.

— E a você, Lorde Kitston.

Seus passos ecoaram quando ela saiu. Loth sentiu um súbito pesar por eles não poderem levá-la com eles. Marosa Vetalda, Donmata de Yscalin, aprisionada em sua torre.

A passagem estava indescritivelmente escura. Uma brisa atraiu Loth como uma mão acenando. Ele prendeu a bota no chão irregular imediatamente, quase roubando um olho com a tocha. Eles estavam cercados pelo brilho do vidro vulcânico e pela ondulação porosa da pedrapomes. O vidro espelhava a luz de sua tocha, lançando uma centena de reflexos diferentes.

Eles caminharam pelo que pareceram horas, às vezes virando uma esquina, mas de resto movendo-se em linha reta. Seus passos batiam ritmados.

Uma vez Kit tossiu e Loth ficou tenso.

— Shhh — ele disse. — Prefiro não acordar o que quer que more aqui.

— Um homem deve tossir quando necessário. E *nada* mora aqui.

— Diga-me que essas paredes não parecem ter sido entalhadas por um basilisco.

— Oh, pare de ser um covarde. Pense nisso como mais uma aventura.

— Eu nunca quis uma aventura — Loth disse cansado. — Nem mesmo uma. Neste momento, queria estar na Casa Briar com uma taça de vinho quente, preparando-me para levar minha rainha ao altar.

— E eu gostaria de acordar ao lado de Kate Withy, mas, infelizmente, não podemos ter tudo.

Loth sorriu.

— Estou feliz que você esteja aqui, Kit.

— Suponho que sim — disse Kit, com os olhos brilhando.

Este lugar fez Loth pensar no Inominável e em como ele havia rasgado a terra até encontrar seu caminho para o mundo superior. Sua mãe sempre lhe contava essa história quando ele era criança, usando diferentes vozes para assustá-lo e fazê-lo rir.

Ele deu outro passo. O chão sob os pés deu um estrondo vazio, como a barriga de um gigante.

Loth parou de repente, segurando a tocha. Sua chama gotejou quando outro vento frio soprou através do túnel.

— É um terremoto? — Kit murmurou. Quando Loth não respondeu, sua voz ficou tensa. — Loth, é um terremoto?

— Silêncio. Eu não sei.

Outro estrondo veio, mais alto desta vez, e a terra pareceu se inclinar. Loth perdeu o equilíbrio. Assim que se controlou, um tremor terrível começou, primeiro suave, como um arrepião de medo, depois cada vez mais violento, até que seus dentes bateram nas órbitas.

— É um terremoto — , gritou ele. — Corra. Kit, *corra*, cara. Corra!

A caixa de ferro bateu em suas costas. Eles dispararam pela escuridão, procurando desesperadamente por qualquer raio de luz do dia à frente. Era como se o próprio manto da terra estivesse em convulsão.

— Loth! — Kit, sua voz atravessou com terror. — A tocha- minha tocha está apagada!

Loth girou nos calcanhares, perdeu o fôlego e puxou a tocha. Seu amigo tinha ficado muito para trás.

— Kit! — Ele correu de volta. — De pé, cara, se apresse. Siga minha voz!

Um rangido. Como gelo fraco sob os pés. Pedras pequenas, como cascalho, salpicando suas costas. Ele jogou as mãos sobre a cabeça quando o teto do túnel desabou.

Por muito tempo, ele esperou morrer. O Cavaleiro da Coragem fugiu dele e ele choramingou como uma criança. A escuridão o cegou. Pedra quebrada. Vidro estilhaçado. Ele tossiu com uma poeira de gosto ruim.

E então, simplesmente assim, parou.

— Kit! — Loth berrou. — Kit!

Ofegante, ele pegou sua tocha – ainda acesa, milagrosamente – e a balançou em direção ao lugar onde tinha ouvido Kit chamando por ele. Pedra e vidro vulcânico enchiam o túnel.

— Kitston!

Ele não poderia estar morto. Ele não *deveria* estar morto. Loth empurrou a parede de destroços com toda sua força, jogou seu ombro contra ela uma e outra vez, golpeou-a com o bastão de gelo e bateu com os punhos até sangrar. Quando por fim cedeu, ele enfiou a mão nos escombros e puxou as pedras com as mãos nuas, e o ar ali embaixo era como mel pela metade, pegajoso em sua garganta...

Seus dedos se fecharam em torno de uma mão mole. Ele empurrou mais vidro para o lado, seus músculos tensos com o esforço.

E lá, finalmente, estava Kit. Lá estavam os olhos que Loth conhecia, suas risadas se foram. A boca, tão rápida para sorrir, que nunca mais voltaria a sorrir. Havia a placa em seu pescoço, gêmea daquela que ele dera a Loth em sua última festa de comunhão. O resto dele estava fora de vista. Tudo que Loth podia ver era o sangue que escorria entre as rochas.

Um soluço desesperado saiu dele. Suas bochechas estavam molhadas de suor e lágrimas, os nós dos dedos sangrando e sua boca tinha gosto de ferro.

— Perdoe-me — ele disse pesadamente. — Perdoe-me, Kitston Glade.

Capítulo 22

Oeste

O casamento de Sabran, a Nona, com Aubrecht, o Segundo, ocorreu quando o verão se transformou em outono. Era costume que os votos fossem feitos à meia-noite, durante a lua nova, pois era na hora mais sombria que a companhia era mais necessária.

E foi uma hora sombria. Nunca na história de Berethnet um casamento aconteceu tão cedo após um enterro.

O Grande Santuário da Casa Briar, como a maioria dos santuários, era redondo, inspirado nos escudos usados pelos primeiros cavaleiros de Inys. Depois do Século da Dor, quando seu telhado desabou, Rosarian a Segunda ordenou que vitrais vermelhos fossem colocados nos arcos em memória daqueles cujo sangue foi derramado.

Ao longo dos séculos, três árvores quebraram o chão e atingiram seus galhos na passarela. Suas folhas já queimavam com ouro e âmbar. Seiscentas pessoas se reuniram sob eles para a cerimônia, incluindo a Mais Virtuosa Ordem dos Santos.

Quando a Rainha de Inys apareceu nas portas voltadas para o sul, as testemunhas ficaram em silêncio. Seu cabelo estava penteado com um brilho de ébano, enfeitado com flores brancas. Um enchimento trançava seu

decote. Ela usava uma coroa de filigrana de ouro, incrustada com rubis que refletiam a luz de cada vela.

O coro começou a cantar, suas vozes vibrando altas e ricas. Sabran deu um passo e parou.

De sua posição entre os porta-velas, Ead observou a rainha enquanto ela permanecia ali, enraizada no local. Roslain, que iria levá-la, apertou seu braço.

— Sab — ela sussurrou.

Sabran se endireitou. Na escuridão do santuário, poucos seriam capazes de ver a postura rígida de seus ombros, ou o arrepio que poderia ter sido causado pelo frio.

Um momento depois, ela estava a caminho.

Seyton Combe observou sua abordagem de onde os Duques Espirituais e suas famílias estavam. A luz da vela revelou uma pitada de satisfação no canto de sua boca.

Ele havia enviado Loth para a morte por esta noite. Loth, quem deveria estar com Sabran. Era tradicional em Inys que os amigos mais próximos da noiva os conduzissem ao estado de companheirismo.

Perto dali, Igrain era impenetrável. Ead supôs que isso era uma vitória e uma derrota para ela. Ela queria uma herdeira, mas não por este pai. Também era a prova de que Sabran não era mais a garota angustiada que precisara de tanta orientação em sua menoridade.

O Príncipe Vermelho entrou do outro lado do santuário. Sua irmã mais velha era sua condutora. Ele usava uma capa para combinar com sua prometida, forrada com seda carmesim e arminho, e um gibão com fechos

de ouro. Como Sabran, ele usava luvas com punhos ostentosos, para melhor chamar a atenção durante a cerimônia. Um diadema de prata dourada declarava sua realeza.

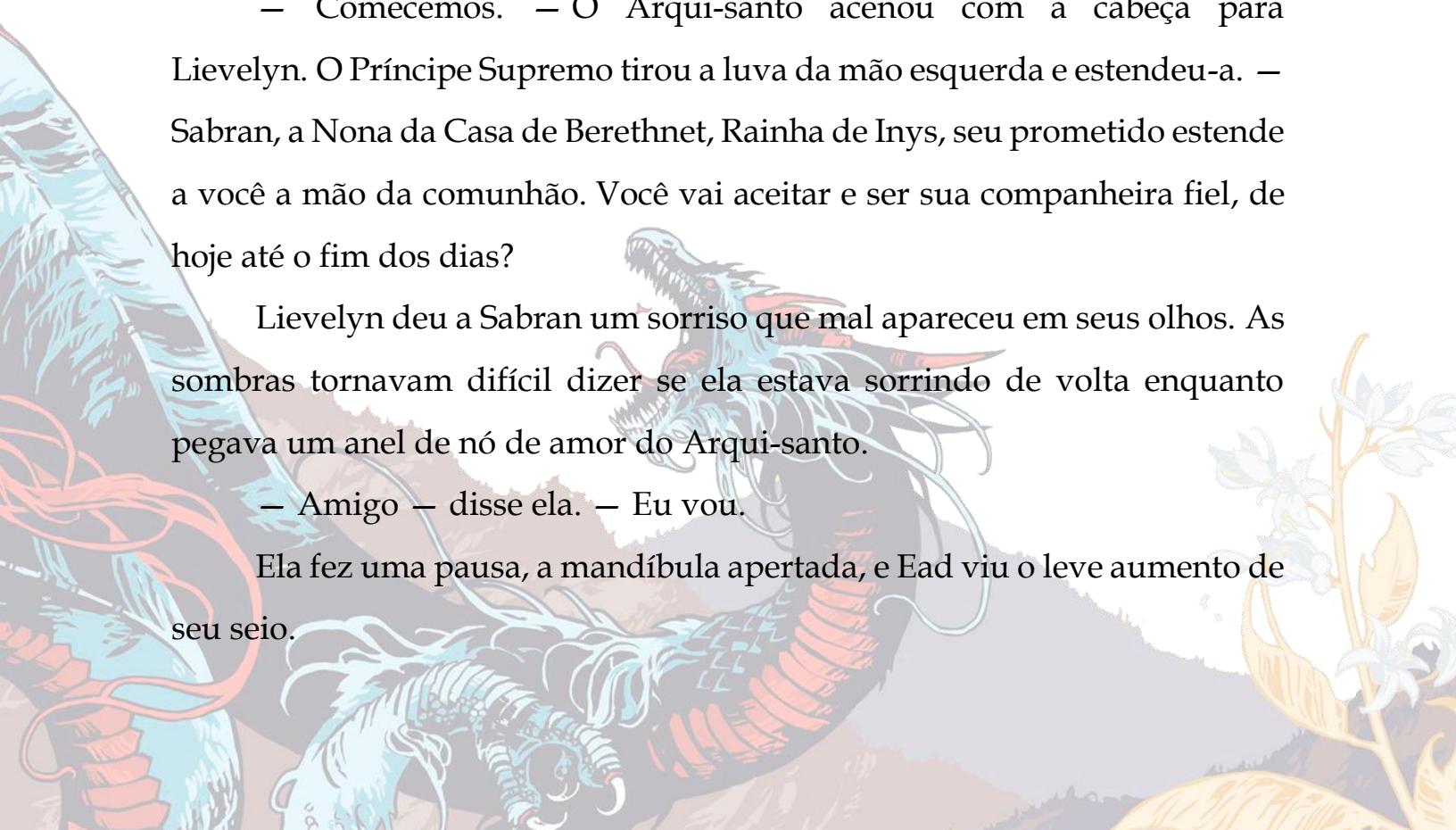
Sabran caminhou com postura em direção a ele. Seu vestido de casamento era algo para se ver. Carmesim profundo, como vinho cereja, e uma parte dianteira preta, rica em ouro e pérolas. Suas damas, incluindo Ead, eram seu inverso, seus vestidos pretos realçados por calças vermelhas.

A festa de casamento se reuniu no chefia do santuário, sob um baldaquino dourado que ficava em colunas ornamentadas. As testemunhas formaram um círculo em torno dele. Agora que Sabran estava acesa pelas velas do chefia, perto o suficiente de Lievelyn para que ele a visse claramente, ele engoliu em seco.

Sabran pegou Roslain pela mão, enquanto Lievelyn entrelaçou os dedos com sua irmã mais velha, e os quatro se ajoelharam em uma almofada. Todos os outros se espalharam. Enquanto ela apagava a vela, Ead viu Chassar na multidão.

O Arqui-santo de Inys tinha dedos finos, tão pálido que traçados de veias azuis podiam ser vistos em suas têmporas. A Espada Verdadeira foi estampada em prata na frente de sua túnica.

— Amigos — ele falou no silêncio. — Encontramo-nos esta noite, neste paraíso do mundo, para dar testemunho da união dessas duas almas no sagrado estado de companheirismo. Como a Donzela e o Santo, procuram se encontrar na alma e na carne para a preservação da Virtude. O companheirismo é um grande serviço, pois a própria Inys foi construída



sobre o amor entre Galian, um cavaleiro de Inysca, e Cleolind, uma mulher herege de Lasia.

Mal começara, e alguém já havia chamado a Mãe de herege. Ead trocou um breve olhar com Chassar do outro lado do corredor.

Depois de limpar a garganta, o Arqui-santo abriu um livro de orações com capa de prata e leu a história do Cavaleiro da Irmandade, que fora o primeiro a se juntar à Sagrada Comitiva. Ead ouviu apenas pela metade. Seu olhar estava fixo em Sabran, que estava perfeitamente imóvel. Lievelyn olhou para ela.

Quando a história terminou, Roslain e Ermuna, com seus deveres de condutoras completos, afastaram-se do casal real. Roslain foi ficar ao lado de seu companheiro, Lorde Calidor Stillwater, que a puxou para perto. Ela nunca desviou o olhar de Sabran, que por sua vez viu sua amiga deixá-la sob o baldaquino com um estranho.

— Comecemos. — O Arqui-santo acenou com a cabeça para Lievelyn. O Príncipe Supremo tirou a luva da mão esquerda e estendeu-a. — Sabran, a Nona da Casa de Berethnet, Rainha de Inys, seu prometido estende a você a mão da comunhão. Você vai aceitar e ser sua companheira fiel, de hoje até o fim dos dias?

Lievelyn deu a Sabran um sorriso que mal apareceu em seus olhos. As sombras tornavam difícil dizer se ela estava sorrindo de volta enquanto pegava um anel de nó de amor do Arqui-santo.

— Amigo — disse ela. — Eu vou.

Ela fez uma pausa, a mandíbula apertada, e Ead viu o leve aumento de seu seio.

— Aubrecht Lievelyn — ela continuou. — Eu tomo você agora como meu companheiro. — Ela deslizou o anel em seu dedo indicador. Ouro, reservado para soberanos. — Meu amigo, meu companheiro de cama, meu parceiro constante em todas as coisas. — Pausa. — Juro te amar com minha alma, te defender com minha espada e não dar meu favor a ninguém mais. Isso eu juro para você.

O Arqui-santo assentiu novamente. Agora foi Sabran quem tirou a luva esquerda.

— Aubrecht, o Segundo da Casa de Lievelyn, Grande Príncipe do Estado Livre de Mentendon — veio a exortação. — Sua noiva estende a você a mão da comunhão. Você vai aceitar e ser seu companheiro fiel, deste dia até o fim dos dias?

— Amigo — disse Lievelyn. — Eu vou.

Quando ele tirou o anel de Sabran do Arqui-santo, a mão dela deu um tremor quase invisível. Esta era sua última chance de desistir do casamento antes que fosse juridicamente vinculativo. Ead olhou para Roslain, cujos lábios se moviam um pouco, como se para encorajá-la. Ou em oração.

Sabran ergueu os olhos para Lievelyn e, por fim, fez um aceno sutil com a cabeça. Ele pegou a mão esquerda dela, tão delicadamente como se fosse uma borboleta, e colocou o anel. Ele brilhou em seu dedo.

— Sabran Berethnet — ele disse. — Eu tomo você agora como minha companheira. Minha amiga, minha companheira de cama, minha parceira constante em todas as coisas. Juro amar você com minha alma, defendê-la com minha espada e não dar meu favor a ninguém mais. — Ele apertou a mão dela. — Isso eu juro para você.

Houve um breve silêncio enquanto seus olhares se encontraram. Então o Arqui-santo abriu os braços como se fosse abraçar as testemunhas, estilhaçando o momento.

— Eu agora declaro essas duas almas unidas no estado sagrado de companheirismo aos olhos do Santo — ele gritou. — E através dele, Virtudom.

Vivas explodiram em todo o santuário. Esse som de alegria compartilhada parecia alto o suficiente para derrubar o telhado novamente. Enquanto ela batia palmas, Ead avaliou os Duques Espirituais à sua vista. Nelda Stillwater e Lemand Fynch pareciam satisfeitos. Crest se ergueu como um cetro, sua boca uma faixa sem lábios, mas bateu a ponta dos dedos na palma da mão em uma tentativa de aplauso. Atrás deles, o Falcão da Noite era todo sorrisos.

Os companheiros geralmente se beijavam depois de casados, mas para a realeza, tal exibição não era apropriada. Sabran, em vez disso, pegou o braço que Lievelyn ofereceu, e eles desceram juntos da plataforma. E Ead viu que, embora seu rosto estivesse contraído, a Rainha de Inys sorria para seu povo.

Ead trocou um olhar com Margret, que segurava Linora com os olhos marejados pelo cotovelo. Como fantasmas, as três se afastaram.

No Quarto de Dormir Real, elas organizaram a cama e verificaram cada canto para ver se havia perigo. Uma estatueta de bronze fundido do

Cavaleiro da Sociedade foi colocada sob a luz de chumbo. Ead acendeu as velas da lareira, fechou as cortinas e se ajoelhou para acender o fogo. O Arqui-santo havia insistido em muito calor. Um livro de orações estava na mesa de cabeceira, voltado para a história do Cavaleiro da Irmandade. Uma maçã vermelha estava em cima dela. Um símbolo de fertilidade, Linora disse a Ead enquanto trabalhavam.

— É uma velha tradição pagã — explicou ela. — Mas Cornelian, a Segunda, gostou tanto que pediu à Ordem dos Santos que a incluísse na consumação.

Ead enxugou a testa. O Arqui-santo claramente pretendia que uma herdeira fosse criada como um pedaço de pão.

— Devo buscar algo para eles beberem. — Margret tocou no braço de Ead e saiu. Linora encheu duas frigideiras de aquecimento com carvão, zumbindo, e as deslizou sob a colcha.

— Linora — disse Ead a ela. — Vá e participe das comemorações. Vou terminar aqui.

— Oh, você é boa, Ead.

Quando Linora foi embora, Ead certificou-se de que a luz principal estava presa. O Quarto de Dormir Real tinha sido trancado e guardado o dia todo, a chave mantida apenas por Roslain, mas ela não confiava em ninguém nesta corte.

Após um longo momento, durante o qual ela refletiu sobre se essa era uma decisão acertada, Ead tirou a rosa que ela havia cortado naquela tarde e a colocou atrás do travesseiro do lado direito da cama. A almofada bordada com o emblema Berethnet.

Deixe-a ter bons sonhos esta noite, pelo menos.

As proteções soaram com um passo que Ead reconheceu. Uma sombra apareceu na porta, e Roslain Crest inspecionou o quarto, com o queixo contraído.

Uma mecha de cabelo escapou de seu penteado em forma de coração. Ela olhou ao redor da câmara como se não fosse familiar para ela, e não onde ela dormiu ao lado de sua rainha em inúmeras ocasiões.

— Minha dama. — Ead fez uma reverência. — Você está bem?

— Sim. — Roslain deixou escapar um suspiro pelo nariz. — Sua Majestade pede sua presença, Ead.

Isso era inesperado.

— Certamente, apenas as Damas do Quarto de Dormir podem despila em...

— Como eu disse — Roslain interrompeu. — Ela pediu por você. E você parece ter completado suas funções aqui. — Com uma última olhada no quarto, ela voltou para o corredor, e Ead a seguiu. — Uma camareira não tem permissão para tocar na pessoa real, como você sabe, mas vou esquecer isso esta noite. Na medida do necessário.

— Claro.

A Câmara de Retirada, onde Sabran era lavada e vestida todos os dias, era uma sala quadrada com um teto de gesso ornamentado, o menor em seus aposentos reais. Suas cortinas estavam fechadas.

Sabran estava descalça ao lado do fogo, olhando para as chamas enquanto tirava os brincos. Seu vestido, sem dúvida, tinha sido trancado no

Guarda-Roupa Privado, deixando-a em suas vestes de baixo. Katryen estava removendo o rolo acolchoado da cintura.

Ead foi até a rainha e moveu seu cabelo de lado para alcançar sua nuca, onde seu colar ornamental estava preso.

— Ead — disse Sabran. — Você gostou da cerimônia?

— Sim, sua Majestade. Você estava magnífica.

— Eu ainda não estou?

Ela perguntou levemente, mas Ead percebeu um traço de dúvida em sua voz.

— Você está sempre linda, senhora. — Ead soltou o gancho e tirou as joias de sua garganta. — Mas aos meus olhos... nunca mais do que agora.

Sabran olhou para ela.

— Você acha — disse ela — que o Príncipe Aubrecht vai pensar assim?

— Sua Alteza Real é louco ou um tolo se não o fizer.

Seus olhares se separaram quando Roslain voltou para a câmara. Ela se aproximou de Sabran e começou a desamarrar o espartilho.

— Ead — disse ela. — A camisola.

— Sim, minha senhora.

Enquanto Ead encontrava uma panela para aquecer a roupa, Sabran ergueu os braços, permitindo que Roslain deslizasse a veste de baixo pela cabeça. As duas damas do Quarto de Dormir levaram a rainha à banheira, onde a limparam da cabeça aos pés. Enquanto ela alisava a camisola, Ead deu uma olhada rápida.

Privada de seus trajes, Sabran Berethnet não parecia a descendente de nenhum santo, falso ou verdadeiro. Ela era mortal. Ainda imponente, ainda graciosa, mas mais suave, de alguma forma.

Seu corpo era uma ampulheta. Quadris redondos, cintura fina e seios fartos, os mamilos aguçados. Pernas longas, fortes de cavalgar. Quando ela viu o crepúsculo entre elas, um calafrio cintilou através de Ead.

Ela voltou sua atenção para sua tarefa. Os Inysh tinham escrúpulos em relação à nudez. Há anos ela não via um corpo despido que não fosse o dela.

— Ros — disse Sabran. — Vai doer?

Roslain secou a pele com linho limpo.

— Pode um pouco, no início — ela disse. — Mas não por muito tempo. E não se Sua Alteza Real estiver... atento.

Sabran olhou para a sala sem parecervê-la. Ela girou seu anel de nó de amor.

— E se eu não conseguir conceber?

No silêncio que se seguiu a essa pergunta, um rato não poderia ter respirado sem ouvir.

— Sabran — disse Katryen gentilmente, pegando seu braço — é claro que você vai.

Ead ficou quieta. Parecia uma conversa apenas para íntimos, mas ninguém ordenou que ela fosse embora.

— Minha avó não conseguiu por muitos anos — Sabran murmurou. — Os Alto Ocidentais estão voando. Yscalín me traiu. Se Fýredel e Sigoso invadirem Inys e eu não tiver herdeira...

— Você terá uma herdeira. A rainha Jillian deu à luz uma linda filha, sua senhora mãe. E em breve, você também será mãe. — Roslain apoiou o queixo no ombro de Sabran. — Depois que terminar, fique quieta por um tempo e durma de costas.

Sabran se inclinou para ela.

— Eu gostaria que Loth estivesse aqui — ela disse. — Ele era para ser meu condutor. Eu prometi a ele. — Agora que o pó se foi, as marcas em forma de hematomas sob seus olhos nunca pareceram mais marcadas. — Agora ele está... perdido. Em algum lugar de Cársaro. E estou impotente para alcançá-lo.

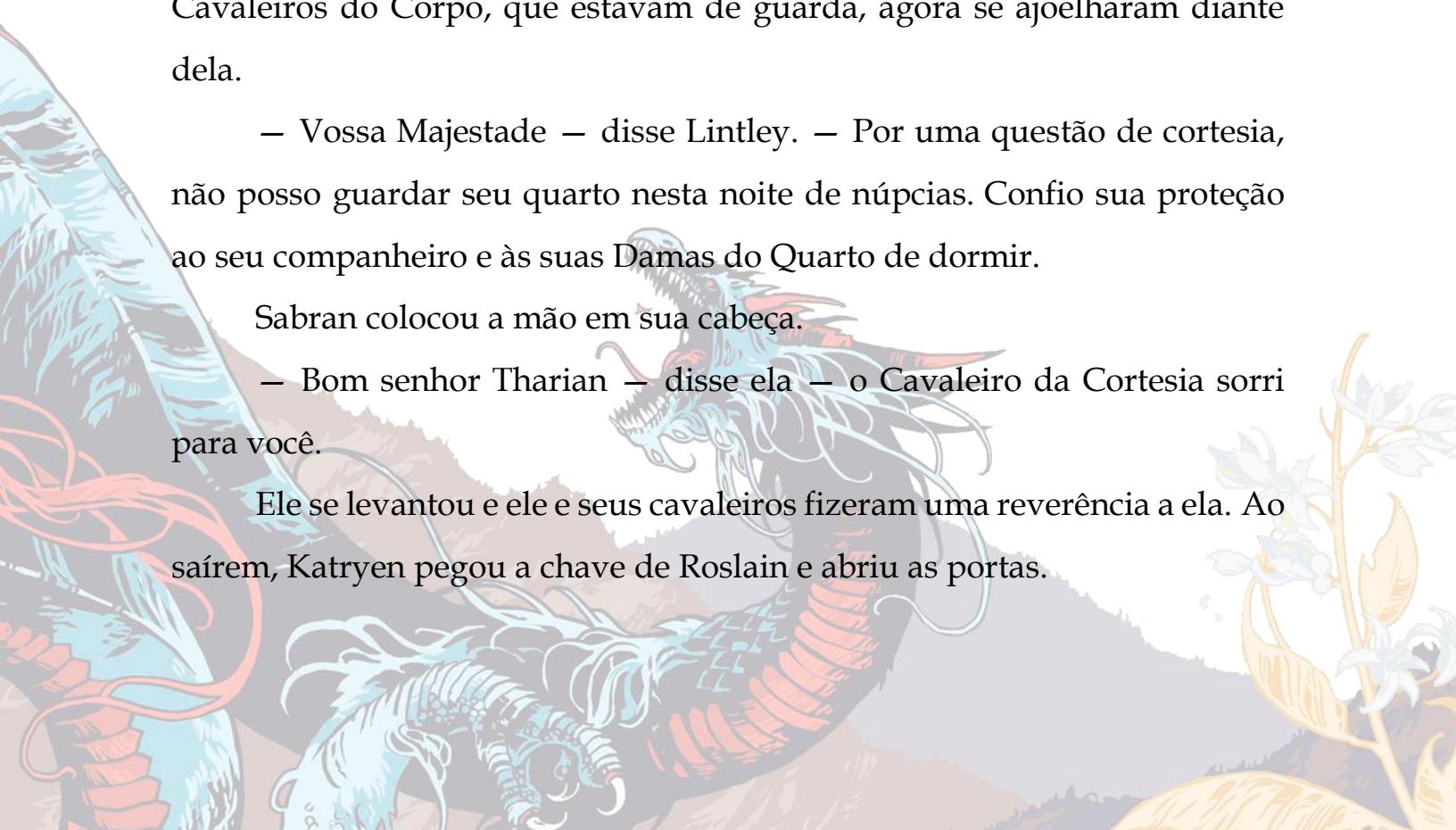
— Loth vai ficar bem. Tenho fé que ele voltará para casa em breve.
— Roslain a abraçou com mais força. — E quando o fizer, trará notícias de seu senhor pai.

— Outro rosto perdido. Loth e meu pai... e Bella também. Bella leal, que serviu a três rainhas. — Sabran fechou os olhos. — É um mau presságio que ela morreu tão perto deste dia. Na cama onde...

— Sabran — disse Roslain — esta é sua noite de núpcias. Você não deve ter esses pensamentos sombrios, ou eles vão contaminar a semente.

Ead esvaziou a frigideira de volta na lareira. Ela se perguntou se os Inysh sabiam alguma coisa útil sobre criação de crianças ou se seus médicos não lidavam com nada além de suposições.

À medida que a hora se aproximava, a rainha ficou em silêncio. Roslain sussurrou orientação em seu ouvido e Katryen penteava cada pétala de seu cabelo.



Elas a vestiram com a camisola e uma barra forrada de pele. Katryen tirou o cabelo da gola.

— Ead — disse Sabran enquanto elas encaravam a porta. — É assim que se faz no Ersyr?

Uma ruga apareceu em sua testa. O mesmo sulco que estava lá quando ela descreveu seu pesadelo. Ead descobriu-se querendo alisá-lo.

— Algo assim, senhora — disse ela.

Em algum lugar lá fora, um fogo de artifício assobiou para o céu. As comemorações estavam começando na cidade.

Elas tiraram Sabran da Câmara de Retirada. Ela estava tremendo, mas manteve a cabeça erguida.

Uma rainha não pode mostrar medo.

Quando as portas do Quarto de Dormir Real apareceram, Roslain e Katryen se aproximaram de sua soberana. Sir Tharian Lintley e dois de seus Cavaleiros do Corpo, que estavam de guarda, agora se ajoelharam diante dela.

— Vossa Majestade — disse Lintley. — Por uma questão de cortesia, não posso guardar seu quarto nesta noite de núpcias. Confio sua proteção ao seu companheiro e às suas Damas do Quarto de dormir.

Sabran colocou a mão em sua cabeça.

— Bom senhor Tharian — disse ela — o Cavaleiro da Cortesia sorri para você.

Ele se levantou e ele e seus cavaleiros fizeram uma reverência a ela. Ao saírem, Katryen pegou a chave de Roslain e abriu as portas.

Ao pé da cama, o Arqui-santo estava com um livro de orações nas mãos, murmurando. Aubrecht Lievelyn esperava na Câmara Interna. Sua camisola, com bordas pretas, caía aberta para mostrar suas clavículas.

— Sua Majestade — ele disse. À luz do fogo, seus olhos eram tinteiros.

Sabran deu apenas uma leve inclinação de cabeça.

— Vossa Alteza Real.

O Arqui-santo fez o sinal da espada.

— O Santo abençoa esta cama. Que dê o fruto de sua videira sem fim.

— Ele fechou seu livro de orações. — E agora é a hora dos amigos se retirarem, para que esses novos amigos possam se conhecer. Santo, dê-nos boa noite a todos, pois ele nos observa na escuridão.

— Ele nos observa na escuridão — ecoou. Ead não disse com os outros.

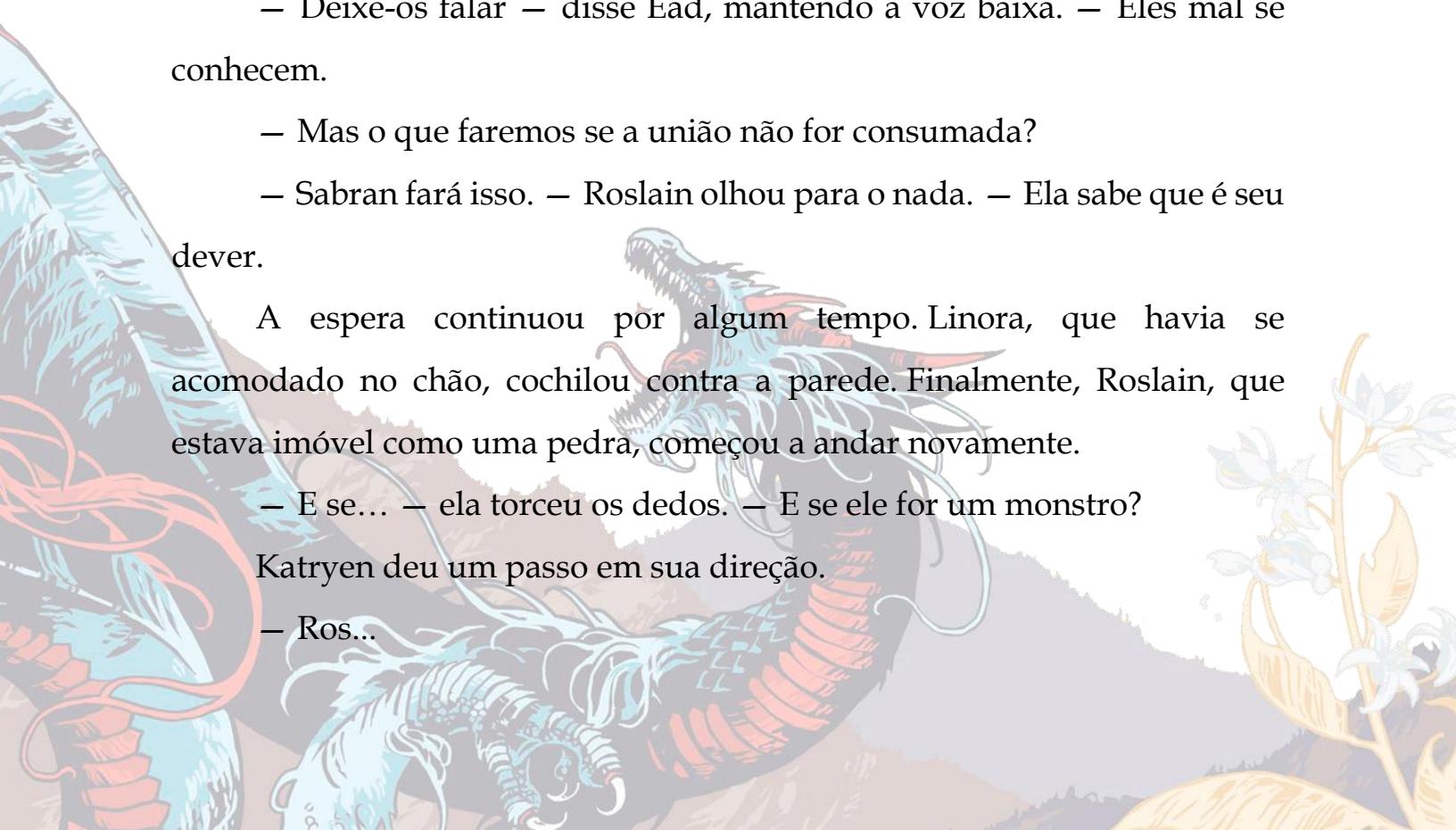
As damas e os cavalariços fizeram reverências. Quando Roslain se endireitou, Sabran sussurrou:

— Ros.

Roslain a olhou nos olhos. Fora da vista dos homens, ela agarrou Sabran com tanta força pela mão que os dois dedos empalideceram.

Katryen levou Roslain para fora. Enquanto Ead as seguia de volta pela porta, ela olhou para a rainha, e seus olhares se tocaram.

Pela primeira vez, ela viu Sabran Berethnet por quem ela era por trás da máscara: uma jovem e frágil mulher que carregava um legado de mil anos sobre os ombros. Uma rainha cujo poder era absoluto apenas enquanto ela pudesse gerar uma filha. A idiota em Ead queria pegá-la pela mão e levá-la para longe deste quarto, mas aquela idiota era covarde demais para agir. Ela deixou Sabran sozinha, como todos os outros fizeram.



Margret e Linora estavam esperando. As cinco se reuniram no escuro.

— Ela parecia bem? — Margret perguntou suavemente.

Roslain passou as mãos pela frente do vestido.

— Eu não sei. — Ela andava de um lado para o outro. — Pela primeira vez na minha vida, não sei dizer.

— É natural que ela fique nervosa. — Katryen falou em um sussurro. — Como você se sentiu com Cal?

— Aquilo foi diferente. Cal e eu fomos prometidos quando crianças. Ele não era um estranho — disse Roslain. — E o destino das nações não repousava sobre o fruto da nossa união.

Elas mantiveram sua vigília, ouvidos atentas para qualquer mudança no Quarto de Dormir Real. Quando um quarto de hora se passou, Katryen pressionou o ouvido contra as portas.

— Ele está falando sobre Brygstad.

— Deixe-os falar — disse Ead, mantendo a voz baixa. — Eles mal se conhecem.

— Mas o que faremos se a união não for consumada?

— Sabran fará isso. — Roslain olhou para o nada. — Ela sabe que é seu dever.

A espera continuou por algum tempo. Linora, que havia se acomodado no chão, cochilou contra a parede. Finalmente, Roslain, que estava imóvel como uma pedra, começou a andar novamente.

— E se... — ela torceu os dedos. — E se ele for um monstro?

Katryen deu um passo em sua direção.

— Ros...

— Sabe, minha senhora mãe me disse que Sabran a Oitava foi maltratada por seu companheiro. Ele bebia, se prostituía e dizia coisas cruéis a ela. Ela nunca contou a ninguém. Nem mesmo suas damas de companhia. Então, uma noite... — ela pressionou a mão espalmada em sua saia... — o vilão desprezível a *golpeou*. Rachou a maçã do rosto e quebrou o pulso...

— E ele foi executado por isso — Katryen a puxou para perto. — Ouça agora. Nada vai acontecer com Sab. Eu vi como Lievelyn é com suas irmãs. Ele tem o coração de um cordeiro.

— Ele pode ser a própria imagem de um cordeiro — disse Ead. — Mas os monstros costumam ter rostos suaves. Eles sabem como se mascarar.

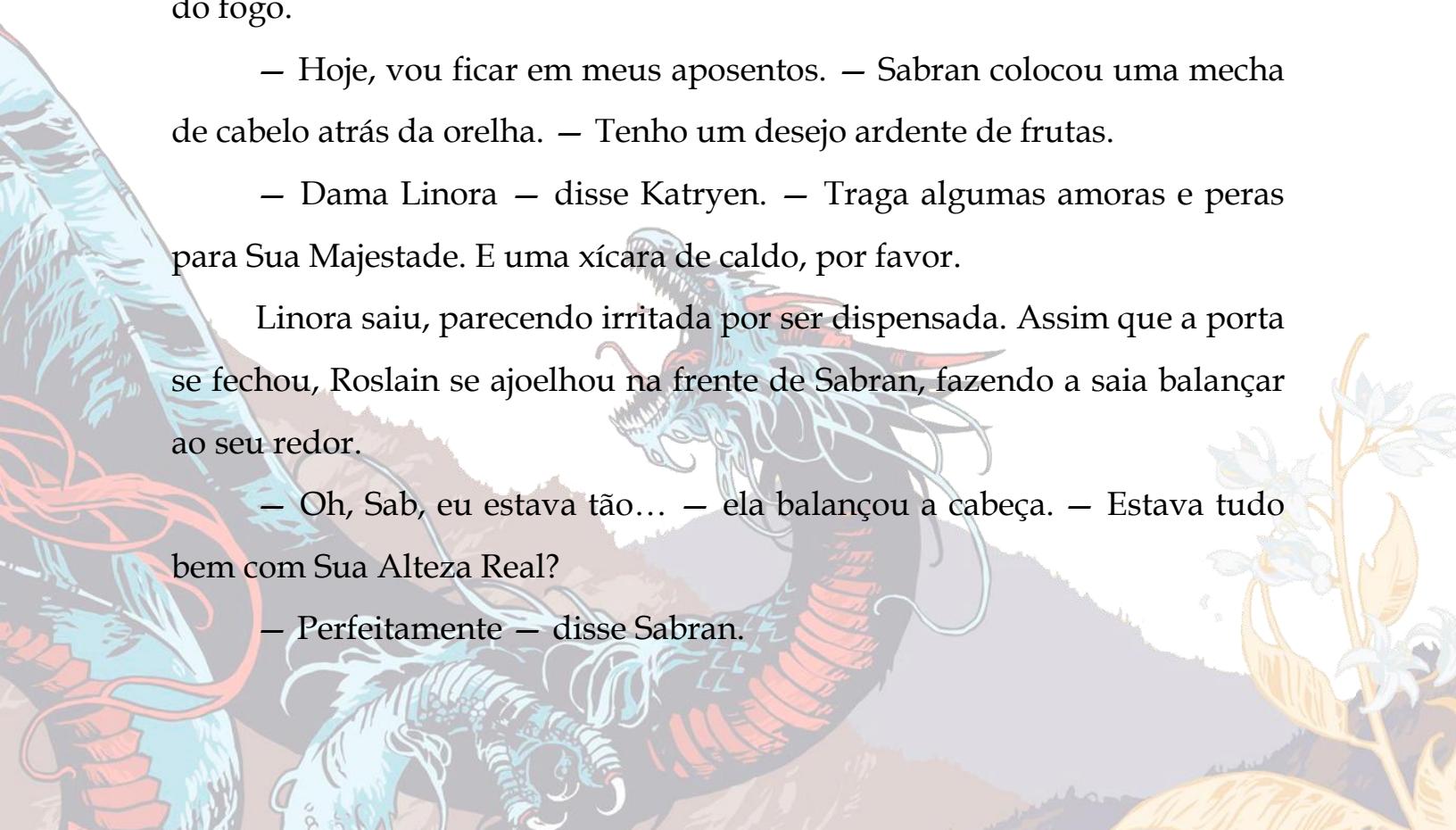
— Ela olhou as duas nos olhos. — Nós vamos vigiá-la. Vamos ouvir bem. Lembrem-se de por que usamos lâminas, além de joias.

Roslain sustentou seu olhar e lentamente assentiu. Um momento depois, Katryen também. Ead viu então que elas fariam qualquer coisa por Sabran. Elas tirariam uma vida ou entregariam a sua. Qualquer coisa.

Na virada da hora, algo mudou no Quarto de Dormir Real. Linora despertou e colocou a mão sobre a boca.

Ead se aproximou da porta. Por mais grossa que fosse, ela podia ouvir o suficiente para entender bem o que estava acontecendo lá dentro. Quando acabou, ela acenou com a cabeça para as Damas do Quarto de Dormir.

Sabran havia cumprido seu dever.



De manhã, Lievelyn deixou o Quarto de Dormir Real pouco depois das nove horas. Só quando a portinha se fechou atrás dele as damas de companhia puderam ir até a rainha.

Sabran estava deitada na cama, os lençóis recolhidos sobre os seios. Ela ou Lievelyn haviam aberto as cortinas, mas o céu estava nublado, oferecendo pouca luz.

Ela olhou por cima do ombro quando elas entraram. Roslain correu para o lado dela.

— Você está bem, Majestade?

— Sim. — Sabran parecia cansada. — Eu acredito que estou, Ros.

Roslain deu um beijo em sua mão.

Quando Sabran se levantou, Katryen apareceu imediatamente com um manto. Enquanto Ead caminhava em direção à cama com Margret e Linora, as duas Damas do Quarto de dormir guiaram Sabran até a cadeira ao lado do fogo.

— Hoje, vou ficar em meus aposentos. — Sabran colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Tenho um desejo ardente de frutas.

— Dama Linora — disse Katryen. — Traga algumas amoras e peras para Sua Majestade. E uma xícara de caldo, por favor.

Linora saiu, parecendo irritada por ser dispensada. Assim que a porta se fechou, Roslain se ajoelhou na frente de Sabran, fazendo a saia balançar ao seu redor.

— Oh, Sab, eu estava tão... — ela balançou a cabeça. — Estava tudo bem com Sua Alteza Real?

— Perfeitamente — disse Sabran.

— Verdadeiramente?

— Verdadeiramente. Pareceu estranho, mas Sua Alteza Real foi... atento. — Ela colocou a mão na barriga. — Será que já estou grávida?

Era improvável uma gravidez em uma noite, mas os Inysh sabiam pouco sobre o corpo e seu funcionamento.

— Você deve esperar até o horário normal de seu período — Roslain disse enquanto se levantava, sempre tolerante. — Se não der sangue, você está grávida.

— Não necessariamente — disse Ead. Quando Sabran e as duas Damas do Quarto de Dormir olharam para ela, ela fez uma reverência. — Às vezes o corpo é um trapaceiro, Majestade. Eles chamam de gravidez falsa.

— Margret acenou com a cabeça para isso. — É difícil ter certeza até que a criança ganhe vida.

— Mas é claro — acrescentou Katryen — que temos toda a fé que você ficará grávida em breve.

Sabran segurou os braços de sua cadeira.

— Então eu deveria me deitar com Aubrecht novamente — disse ela. — Até eu ter certeza.

— Uma criança virá quando for a hora certa. — Roslain deu um beijo em sua cabeça. — Por enquanto, você deve pensar apenas em tornar seu casamento feliz. Talvez você e o príncipe Aubrecht pudesse tirar um mês do mel. O Castelo de Glowán é adorável nesta época do ano.

— Não posso sair da capital — disse Sabran. — Não com um Alto Ocidental por perto.

— Não vamos falar de Alto Ocidentais. — Roslain alisou o cabelo. — Agora não.

Margret mostrou-se à altura da ocasião.

— Já que estamos procurando um novo assunto — disse ela, com um brilho provocante em seus olhos. — Você vai nos contar sobre *sua* noite de núpcias, Ros?

Katryen deu uma risadinha e Roslain sorriu um pouco quando Sabran lançou-lhe um olhar astuto.

Linora voltou com a fruta enquanto Roslain contava seu casamento com Lorde Calidor Stillwater. Quando a cama foi feita, todas foram para a Câmara de Retirada, onde Sabran se sentou ao lado da banheira. Ela ficou em silêncio enquanto Katryen colocava creme no cabelo e lhe dava água de rosa para enxaguar a boca. A seu pedido, Margret tocou o virginal.

— Senhora Duryan, — Katryen disse. — Ajude a enxaguar o cabelo de Sua Majestade, por favor. Devo ir ao lorde camarista.

— Claro.

Katryen pegou a cesta de vime e saiu. Ead, enquanto isso, juntou-se a Roslain na banheira.

Ela despejou água do jarro, lavando a espuma de cheiro doce. Enquanto ela pegava o linho, Sabran segurou seu pulso.

Ead ficou muito quieta. Uma camareira comum não tinha permissão para tocar na rainha e, dessa vez, Roslain não havia prometido negligenciar isso.

— A rosa cheirava bem, Senhora Duryan.

Sabran deslizou os dedos entre os dela. Pensando que ela queria dizer mais, Ead se abaixou para ouvir, mas, em vez disso, Sabran Berethnet a beijou na bochecha.

Seus lábios eram suaves como a penugem de cisne. Um arrepio passou por Ead, e ela lutou contra a necessidade de soltar todo o seu fôlego.

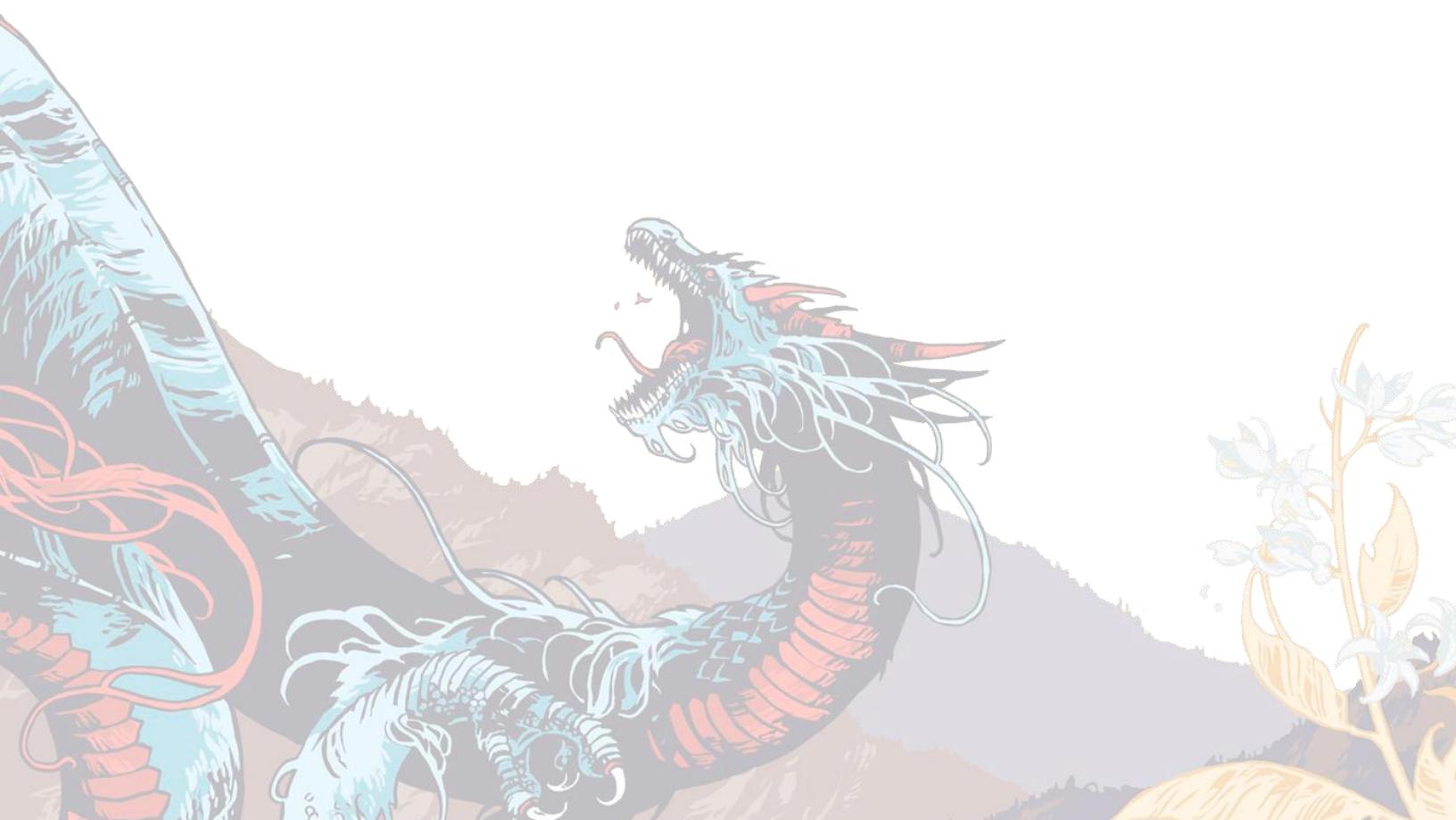
— Obrigada — disse Sabran. — Foi generoso.

Ead olhou para Roslain, que parecia chocada.

— Foi um prazer, senhora — disse ela.

Lá fora, o terreno estava envolto em névoa. A chuva escorregava pelas janelas nubladas da Câmara de Retirada. A rainha reclinou-se em seu assento como se fosse seu trono.

— Ros — disse ela. — Quando Kate voltar, peça-lhe que volte para o Lorde Camareiro. Ela vai dizer a ele que a Senhora Ead Duryan foi elevada à posição de Dama do Quarto de dormir.



Parte ii

Declare Que Não Ouso

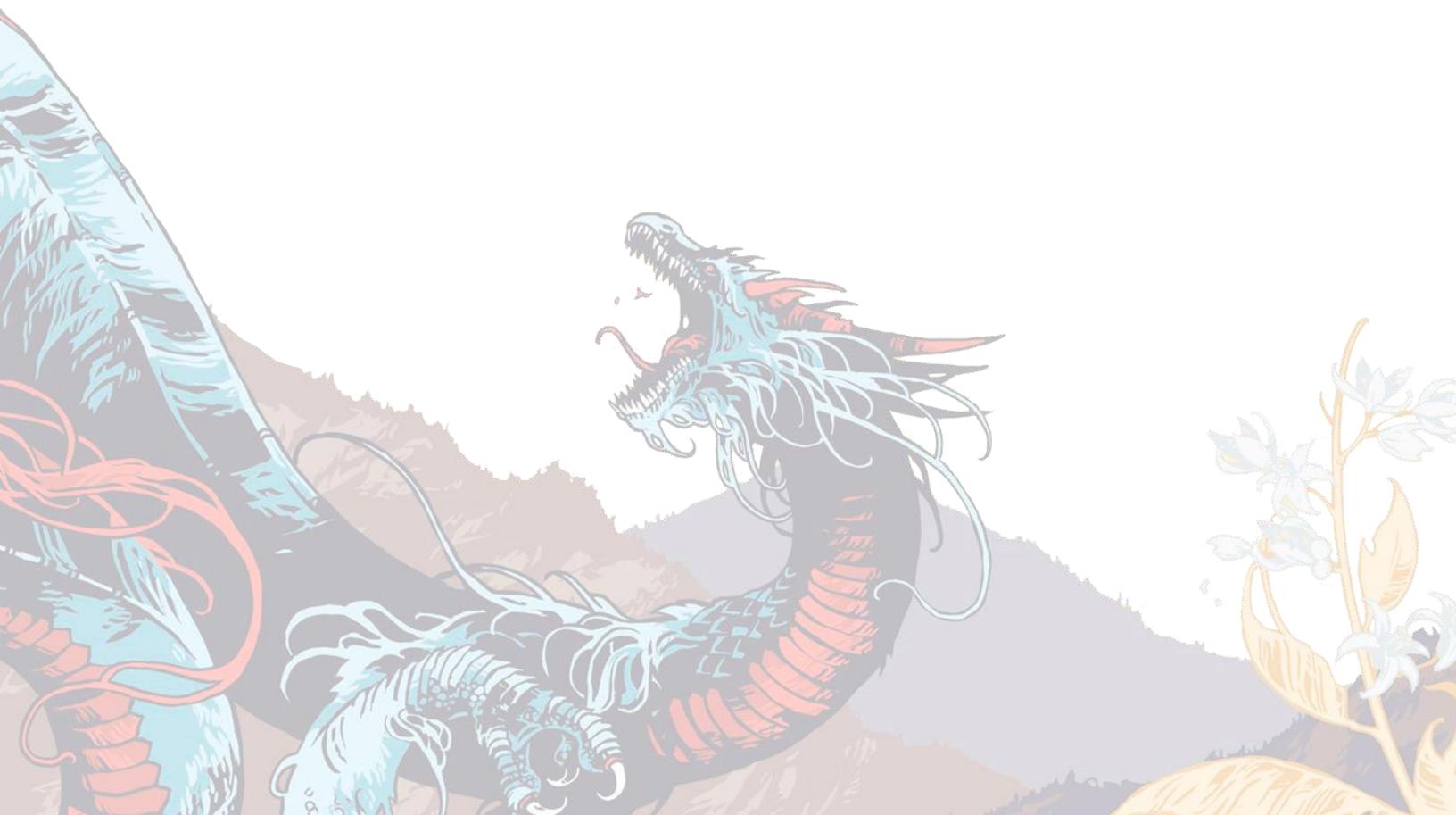
Considero o caminho que ela teve que ir,

Pense na armadilha faminta,

A rede que ela mesma havia tecido,

Ciente ou não...

— Marion Angus



Capítulo 23

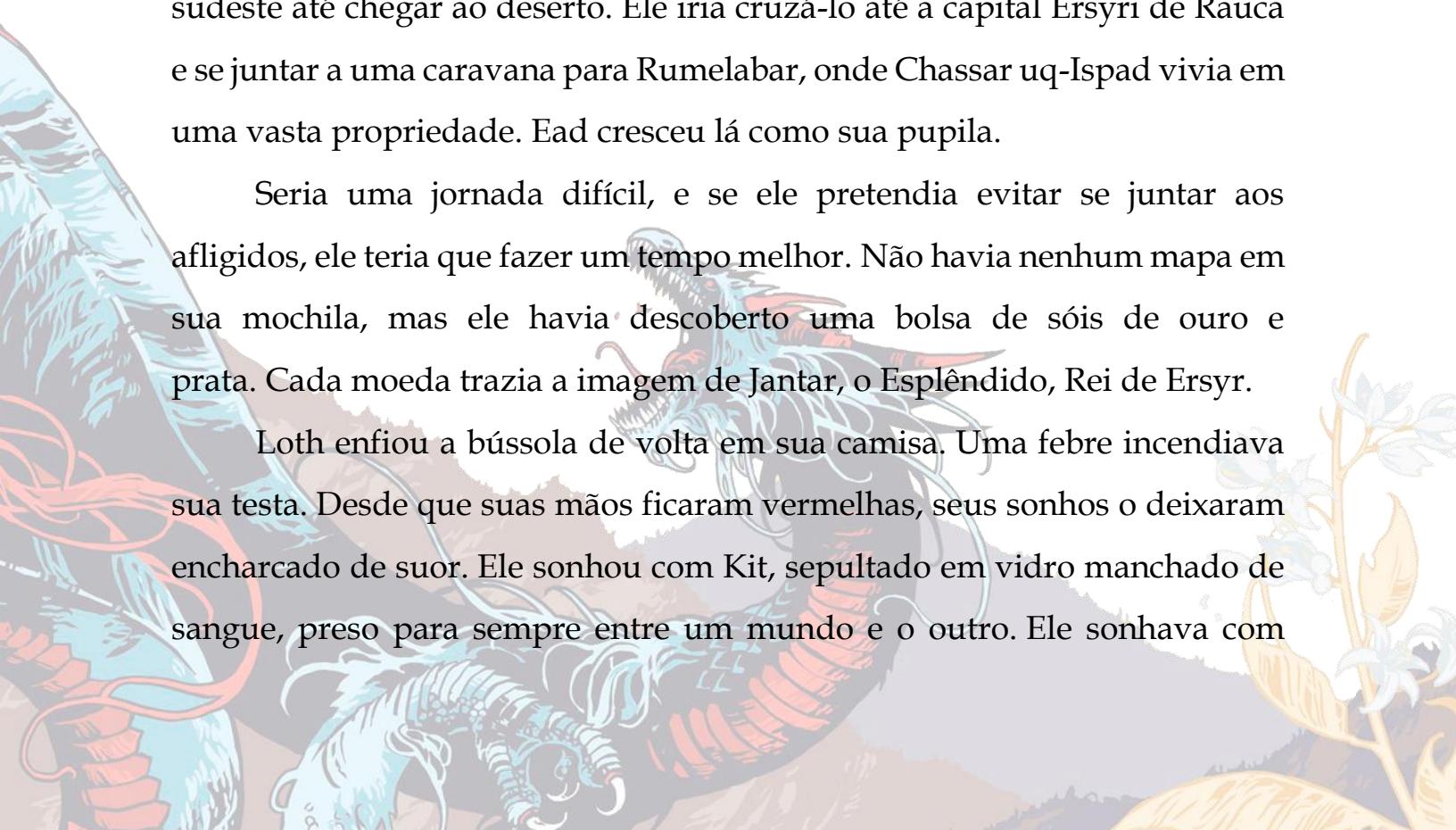
Sul

O gancho do bastão de gelo penetrou na neve e Lorde Arteloth Beck baixou a cabeça contra o vento que soprava através dos fusos. Sob as luvas, seus dedos estavam vermelhos como se ele os tivesse mergulhado na garança. Dobrada sobre seu ombro estava a carcaça de uma ovelha da montanha.

As lágrimas congelaram em seu rosto por dias, mas agora o frio havia entrado nele. Ele não conseguia pensar em Kit por muito tempo, quando cada passo era uma agonia. Uma misericórdia do Santo.

A noite havia caído. A neve engomada em sua barba. Ele cruzou um riacho de lava, que escorria de uma fenda na encosta da montanha, e rastejou para dentro da caverna, onde deslizou para dentro e para fora do sono. Quando teve forças, ele se obrigou a arrumar a lenha e os gravetos que reunira. Ele atingiu a pederneira e soprou, fazendo a chama crescer. Então, preparando seus nervos, ele começou a cortar a ovelha. Ao esfolar o primeiro animal na terceira noite, vomitou e ficou rouco de soluços. Agora suas mãos eram versadas nos movimentos de sobrevivência.

Uma vez feito isso, ele formou um cuspe. Ele temeu, a princípio, que os wyrms vissem seus fogos e voassem até ele como mariposas em uma vela, mas nunca o fizeram.



Ele limpou as mãos na neve fora da caverna, então amontoou mais sobre o sangue, abafando o cheiro. Em seu abrigo, ele atacou o carneiro e implorou ao Cavaleiro da Cortesia que desviasse o olhar. Depois de comer o máximo que pôde e tirar as partes comestíveis restantes, Loth enterrou a carcaça e embainhou as mãos com luvas novamente. A visão de seus dedos de pontas vermelhas o deixou enjoado.

A erupção já estava descendo por suas costas – pelo menos, ele pensou que estava. Ele não tinha como saber se a coceira era real ou sua imaginação. Donmata Marosa não lhe dissera exatamente quanto tempo tinha, sem dúvida para impedi-lo de contar os dias.

Gelado, ele voltou para o fogo e acomodou a cabeça na mochila. Ele iria descansar por algumas horas e atacar novamente.

Enquanto ele estava lá, envolto em sua capa, ele verificou a bússola pendurada em uma corda em seu pescoço. Donmata o instruiu a ir para o sudeste até chegar ao deserto. Ele iria cruzá-lo até a capital Ersyri de Rauca e se juntar a uma caravana para Rumelabar, onde Chassar uq-Ispad vivia em uma vasta propriedade. Ead cresceu lá como sua pupila.

Seria uma jornada difícil, e se ele pretendia evitar se juntar aos afligidos, ele teria que fazer um tempo melhor. Não havia nenhum mapa em sua mochila, mas ele havia descoberto uma bolsa de sóis de ouro e prata. Cada moeda trazia a imagem de Jantar, o Esplêndido, Rei de Ersyr.

Loth enfiou a bússola de volta em sua camisa. Uma febre incendiava sua testa. Desde que suas mãos ficaram vermelhas, seus sonhos o deixaram encharcado de suor. Ele sonhou com Kit, sepultado em vidro manchado de sangue, preso para sempre entre um mundo e o outro. Ele sonhava com

Sabran em seu parto, morrendo e ele sendo impotente para impedi-lo. E ele sonhava, inexplicavelmente, com Donmata Marosa dançando em Ascalon, antes de ser amarrada à sua torre, à mercê do fantoche que seu pai se tornara.

Ele percebeu um farfalhar na boca da caverna. Com as orelhas em pé, ficou imóvel e esperou.

Garras rasparam na pedra. O fogo tinha diminuído para um pó de brasas, mas havia luz suficiente para Loth ter um vislumbre da monstruosidade.

Plumagem de osso branco e pernas escamosas rosa. Três dedos em cada pé. Um pedaço de carne acima de um bico. Loth nunca tinha posto os olhos em algo tão horrível, tão *errado*. Ele chamou o Cavaleiro da Coragem, mas tudo o que encontrou foi um poço de pavor.

Era um basilisco.

Um som gutural estalou do fundo de sua garganta e a vime babou. Seus olhos eram duas bolhas de sangue em sua cabeça. Imóvel nas sombras, Loth observou sua asa rasgada e ensanguentada e a sujeira em sua plumagem. Um golpe de língua raspou sobre as lesões.

Tremendo com medo, Loth afrouxou a alça de sua mochila sobre o peito e segurou o bastão de gelo. Enquanto o basilisco lambia suas feridas, ele desembainhou a espada e rastejou em direção à entrada da caverna, agarrando-se à parede mais próxima.

O basilisco ergueu a cabeça. Ele soltou um grito ensurdecedor e se endireitou com as garras. Loth avançou e saltou com o rabo, e então correu como nunca, para fora da caverna e descendo as encostas, as botas batendo

forte no gelo. Em sua pressa cega, ele perdeu o equilíbrio e rolou, segurando sua mochila como se fosse a mão do próprio Santo.

Garras socaram seus ombros de cima. Ele gritou enquanto o chão desabava. Sua espada escorregou de suas mãos, mas ele se agarrou ao bastão com as pontas dos dedos.

O basilisco voou para o céu, sobre uma ravina. Seu corpo tombou em direção à asa quebrada. Loth chutou e se debateu até perceber, através dos vapores do pânico, que o basilisco era tudo o que o impedia de um mergulho fatal. Ele se deixou cair mole em suas garras, e a criatura cantou em triunfo.

O solo sólido se ergueu para saudá-lo. No momento em que as garras relaxaram, Loth jogou o ombro para fora e rolou. A colisão abalou todos os ossos de seu corpo.

A besta o havia levado ao topo de uma montanha baixa. Ofegante, Loth se levantou do chão e agarrou o bastão de gelo. Ele costumava caçar com Sabran a cavalo, mas não como a presa.

Uma cauda branca escamosa atingiu-o com força na barriga. Ele voou para trás e bateu a cabeça contra uma rocha, com a barriga cerrada em protesto, mas manteve a arma na mão.

Ele morreria aqui, se fosse preciso, mas ele levaria esse monstro com ele.

Doente com o golpe, ele estendeu o bastão. O basilisco bateu os pés, ergueu as penas de pelos e troyejou em sua direção. Loth arremessou o bastão de gelo como uma lança. O basilisco se moveu para evitá-lo, e sua única arma deslizou para a ravina.

Desta vez, o balanço de sua cauda quase jogou Loth no precipício. O basilisco avançou sobre ele com um estremecimento de cacarejos molhados. Garras raspavam no solo. Ele se amarrou em uma bola e cerrou os dentes com tanta força que sua mandíbula doeu. O calor embebeu em suas calças.

Um pé pesado bateu em suas costas. Um bico feriu sua capa. Ele tentou, enquanto um soluço o percorria, agarrar-se a um grão de alegria. A primeira lembrança que lhe ocorreu foi o dia em que Margret nasceu, e como ela era adorável, com seus olhos enormes e mãos minúsculas. Suas danças com Ead em todas as festas da comunhão. Caça do amanhecer ao anoitecer com Sabran. Sentado na Biblioteca Real com Kit, lendo seus poemas para ele.

Um novo som veio e o pé se foi. Loth abriu os olhos para ver o basilisco tropeçando como um gigante encharcado. Estava lutando contra outra criatura, peluda onde o basilisco tinha escamas e penas. A besta Dracônica bocejou, gritou e chicoteou o rabo, mas seus esforços foram em vão – o recém-chegado rasgou sua garganta.

O basilisco desabou. O sangue latejava de sua carcaça. Seu conquistador soltou um latido e o desviou para o cânion.

Agora que estava quieto, Loth podia ver o que era seu salvador. Ele tinha a forma de um mangusto, com uma curva de cauda, revestido de pelo marrom amieiro que empalidecia até o branco em torno das patas e do focinho, mas era *gigante*, grande como um urso do Norte. Suas costelas estavam escuras de sangue coagulado.

Um ichneumon. O arqui-inimigo natural dos wyrms. Eles eram os campeões de muitas lendas de Inysh, mas ele nunca sonhou que ainda existissem.

O Santo conheceu uma dessas criaturas na estrada para Inys de Lasia. Carregara a Donzela nas costas quando ela estava cansada demais para continuar.

O ichneumon lambeu os dentes para se limpar. Quando olhou para ele, mostrou os dentes novamente.

Seus olhos eram redondos e âmbar, como os de um lobo, rodeados por uma pele negra. Manchas brancas listradas no final de sua cauda. No momento, seu rosto estava coberto de tufo de penas ensanguentadas. Ele caminhou em direção a Loth, impossivelmente leve para seu tamanho, e cheirou sua capa.

Hesitante, Loth estendeu a mão. Assim que atingiu sua luva, o ichneumon rosou. Deve ter sentido o cheiro da peste nele, o cheiro de seu antigo inimigo. Loth ficou quieto quando o hálito quente umedeceu sua bochecha. Depois de algum tempo, o ichneumon dobrou as patas dianteiras e soltou um latido.

— O que é, amigo? — Loth perguntou. — O que você quer que eu faça?

Ele poderia jurar que suspirou. Empurrou a cabeça sob seu braço.

— Não. Eu estou com a praga. — Sua voz estava fraca de exaustão. — Não se aproxime.

Ocorreu-lhe que nunca tinha ouvido falar de um animal pegando a praga Dracônica. Calor exalava de sua pele, um calor suave e animal, não o fogo incandescente do fogo dos wyrms.

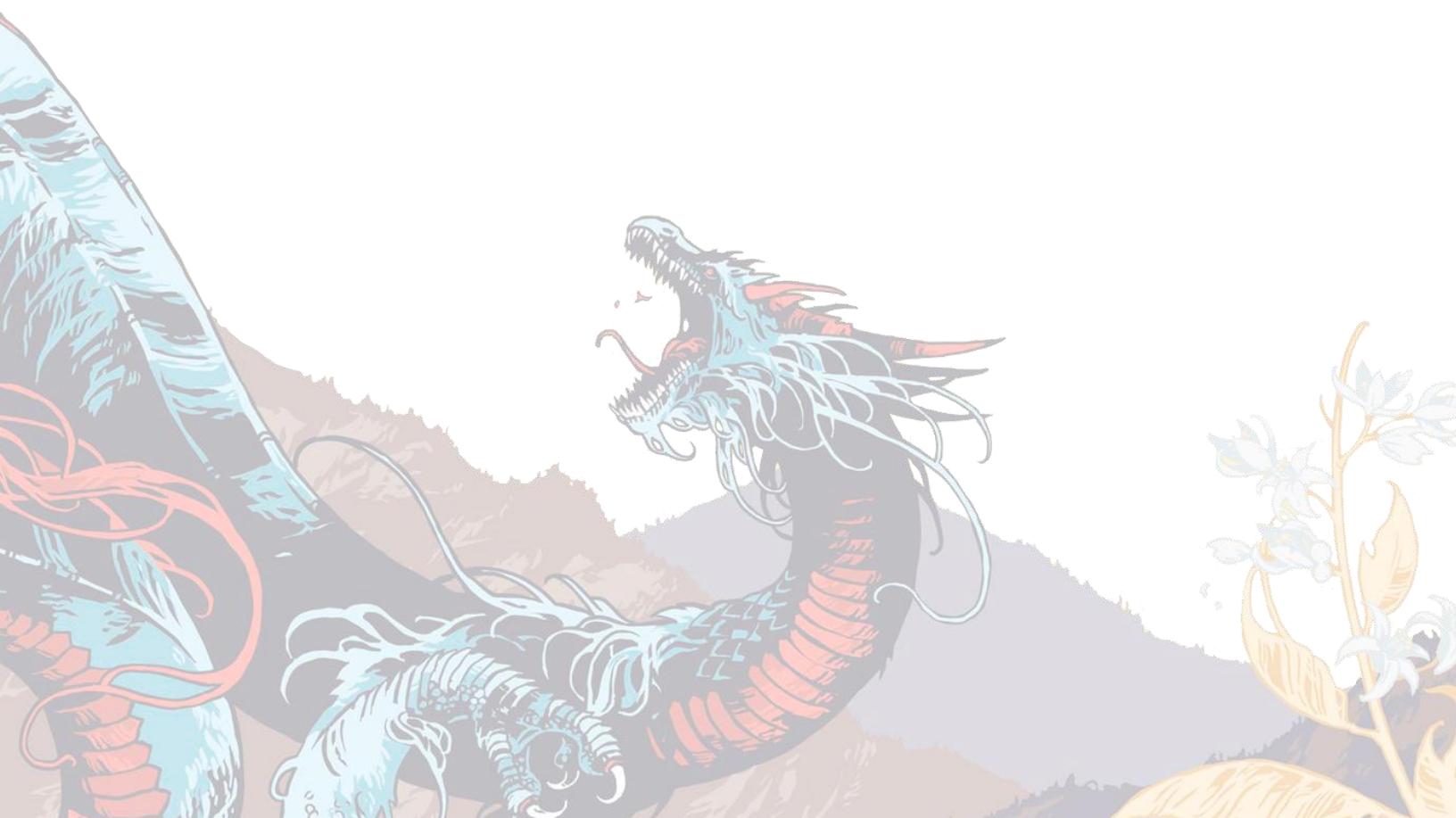
Sua força renascida, Loth colocou sua mochila nos ombros. Ele entrelaçou os dedos no pelo grosso e subiu no ichneumon.

— Eu iria para Rauca — disse ele. — Se você me mostrar o caminho.

O ichneumon latiu novamente e saltou montanha abaixo. Enquanto corria, com as patas rápidas como os ventos, Loth sussurrou uma prece de gratidão à Donzela e ao Santo. Ele sabia agora que eles o colocaram neste caminho, e ele pretendia segui-lo até o fim.

Ao amanhecer, o ichneumon parou em um penhasco de rocha. Loth sentiu o cheiro da terra queimada pelo sol e das especiarias das flores. Diante deles ficava o sopé empoeirado dos Fusos — e além deles, um deserto se espalhava até onde a vista alcançava, ouro em pó sob o sol. Quase poderia ser uma miragem no calor, mas ele sabia que era real.

Contra todas as probabilidades, ele olhava para o Deserto do Sonho Inquieto.



Capítulo 24

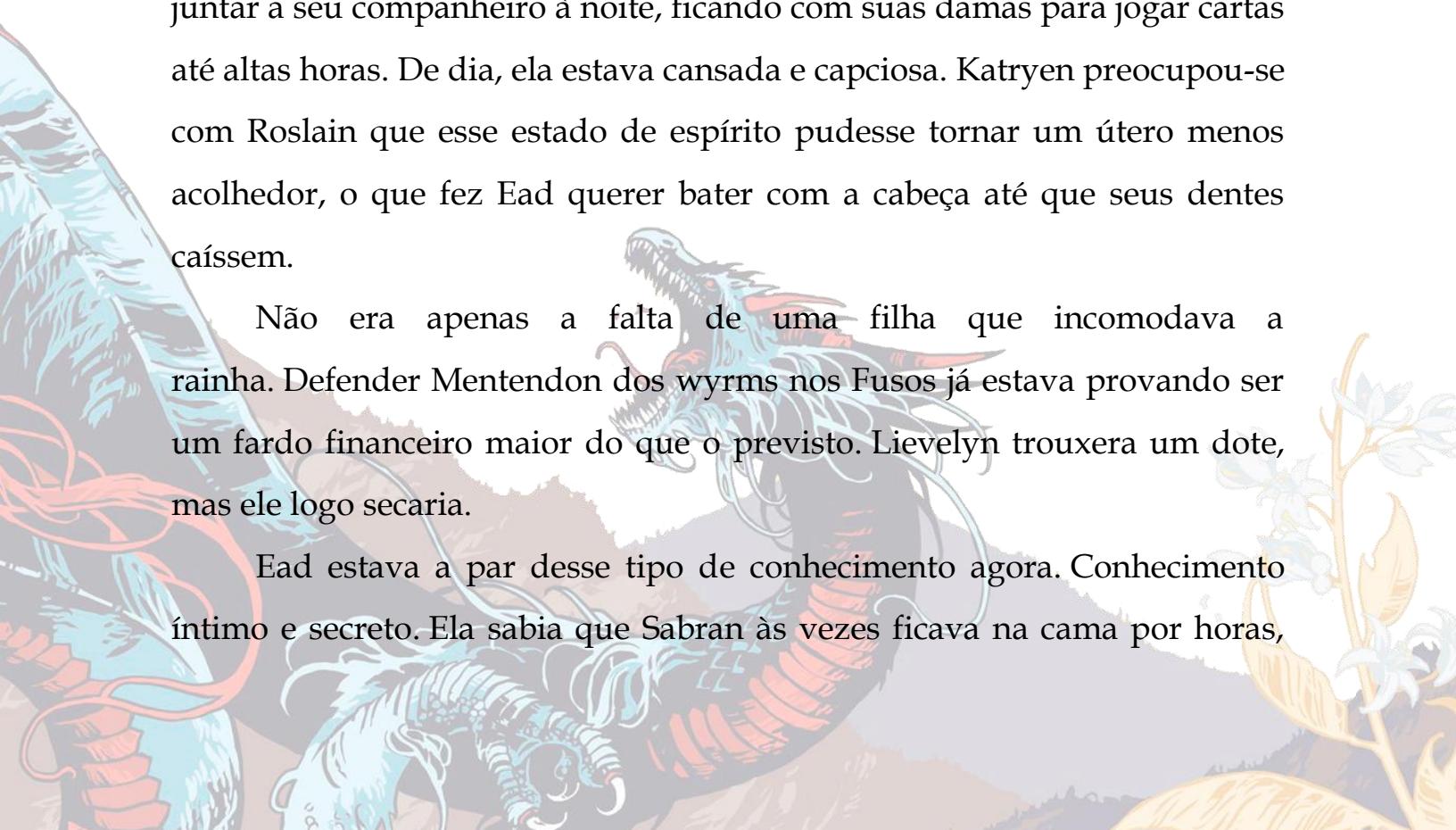
Oeste

O início do outono eraagridoce. Ead aguardava notícias de Chassar sobre se a Prioresa permitiria que ela ficasse em Inys por mais algum tempo, mas nenhuma mensagem veio.

À medida que os ventos sopravam mais frios e as modas do verão eram trocadas por vermelhos e marrons enfeitados com pele, a corte se apaixonou pelo príncipe consorte. Para surpresa de todos, ele e Sabran começaram a assistir peças de teatro na Câmara de Presença juntos. Esse tipo de entretenimento sempre ocorreria, mas a rainha não comparecia há vários anos, exceto para as celebrações de noivado. Ela chamaria seus tolos e riria de suas travessuras. Ela convidaria as damas de honra para dançar para ela. Às vezes ela pegava seu companheiro pela mão e eles sorriam um para o outro como se não houvesse mais ninguém no mundo.

Ead ficou perto de tudo isso. Hoje em dia, ela raramente estava longe da rainha.

Não muito depois do casamento, Sabran acordou com sangue nos lençóis. Isso a deixou com uma raiva que deixou Roslain torcendo as mãos e o resto da Casa Alta se encolhendo. Até o príncipe Aubrecht retirou-se durante o dia para caçar na Floresta Chesten.



Ead supôs que era de se esperar. Sabran era uma rainha, nascida com a expectativa de que o mundo tinha o dever de fornecer o que ela quisesse, *quando* ela quisesse, mas ela não podia comandar seu próprio útero para dar frutos.

— Acordei hoje com um grande desejo por cerejas — Sabran comentou com Ead uma manhã. — O que você acha que significa?

— As cerejas não estão mais na estação, senhora —, respondeu Ead. — Talvez você sinta falta da generosidade do verão.

A rainha se refreou, mas não disse mais nada. Ead continuou escovando sua capa.

Ela não permitiria que Sabran fizesse isso. Katryen e Roslain diziam a Sabran o que ela desejava ouvir, mas Ead estava decidida a lhe dizer o que ela precisava saber.

Sabran nunca foi uma mulher paciente. Ela logo ficou relutante em se juntar a seu companheiro à noite, ficando com suas damas para jogar cartas até altas horas. De dia, ela estava cansada e capciosa. Katryen preocupou-se com Roslain que esse estado de espírito pudesse tornar um útero menos acolhedor, o que fez Ead querer bater com a cabeça até que seus dentes caíssem.

Não era apenas a falta de uma filha que incomodava a rainha. Defender Mentendon dos wyrms nos Fusos já estava provando ser um fardo financeiro maior do que o previsto. Lievelyn trouxera um dote, mas ele logo secaria.

Ead estava a par desse tipo de conhecimento agora. Conhecimento íntimo e secreto. Ela sabia que Sabran às vezes ficava na cama por horas,



presa ali por uma tristeza que corria em sua linhagem. Ela sabia que tinha uma cicatriz na coxa esquerda, que ganhou quando ela caiu de uma árvore quando tinha doze anos. E ela sabia o quanto esperava por uma gravidez e a temia mais do que qualquer coisa.

Sabran poderia chamar a Casa Briar de seu ninho, mas no momento era mais uma gaiola. Rumores assombravam seus corredores e claustros. As próprias paredes pareciam prender a respiração.

A própria Ead não era estranha aos boatos. Ninguém conseguia parar de especular sobre o que uma convertida malvada fizera para se tornar uma Dama do Quarto de Dormir. Mesmo ela não tinha ideia de por quê Sabran a escolhera entre as muitas mulheres nobres da Casa Alta. Linora lançou-lhe muitos olhares amargos, mas Ead deu-lhe pouca atenção. Ela havia aguentado esses cortesãos tontos por oito anos.



Uma manhã, ela vestiu um de seus vestidos de outono e saiu para respirar antes que Sabran acordasse. Hoje em dia ela tinha que estar atenta para a cotovia se pretendia ficar algum tempo sozinha com seus pensamentos. Ela passava a maior parte de cada dia com Sabran, seu acesso à rainha quase ilimitado.

O amanhecer estava fresco, os claustros misericordiosamente silenciosos. O único som era o arrulho de um pombo da floresta. Ead enterrou-se na gola de pele de sua capa ao passar pela estátua de Glorian a Terceira, a rainha que conduziu Inys através do Século da Dor. Ele retratava ela cavalgando em uma armadura, barriga inchada com uma criança, a espada erguida em desafio.



Glorian chegou ao poder no dia em que Fýredel matou seus pais. A guerra foi inesperada, mas Glorian Coração de Armadura não se recusou. Ela se casou com o idoso duque de Córvgar e desposou sua filha por nascer com Haynrick Vatten de Mentendon, enquanto liderava a defesa de Inys. No dia em que sua filha nasceu, ela levou o bebê ao campo de batalha para mostrar a seus exércitos que havia esperança. Ead não conseguia decidir se isso era loucura ou coragem.

Havia outras histórias como a dela. Outras rainhas que fizeram grandes sacrifícios por Inys. Essas eram as mulheres cujo legado Sabran Berethnet carregava nos ombros.

Ead virou à direita por uma passagem e entrou em um caminho de cascalho ladeado por castanheiros-da-índia. No final, além das paredes do terreno do palácio, ficava a Floresta Chesten, tão antiga quanto a própria Inys.

Havia uma estufa no terreno, construída em ferro fundido e vidro. Uma toutinegra decolou do telhado quando Ead entrou em seu calor.

Lírios flutuavam em uma lagoa. Quando ela encontrou o açafrão de outono, ela se agachou e soltou uma tesoura de seu cinto. No Priorado, uma mulher tomava açafrão por dias antes de tentar engravidar.

— Senhora Duryan.



Ela ergueu os olhos, assustada. Aubrecht Lievelyn estava por perto, envolto em um manto avermelhado.

— Vossa Alteza Real. — Ela se levantou e fez uma reverência, colocando o açafrão em sua capa. — Me perdoe. Eu não vi você.

— Pelo contrário, lamento incomodá-la. Não achei que mais ninguém tivesse se levantado tão cedo.

— Nem sempre, mas gosto da luz antes do nascer do sol.

— Eu gosto do silêncio. Esta corte está muito ocupada.

— A vida na corte é tão diferente em Brygstad?

— Talvez não. Existem olhos e sussurros em cada corte, mas os sussurros aqui são... bem, não devo reclamar. — Ele ofereceu um sorriso amável. — Posso perguntar o que você está fazendo?

Seu instinto era desconfiar do interesse dele, mas Lievelyn nunca lhe pareceu do tipo conivente.

— Tenho certeza de que você sabe que Sua Majestade sofre de terrores noturnos — disse ela. — Eu estava procurando um pouco de lavanda para moer e colocar embaixo do travesseiro.

— Lavanda?

— Promove um sono tranquilo.

Ele assentiu.

— Você pode querer dar uma olhada no Jardim do Boticário —, disse ele. — Posso me juntar a você?

A oferta a surpreendeu, mas ela dificilmente poderia recusar.

— Sim, claro, Sua Alteza.

Eles deixaram a estufa no momento em que o ramo superior do sol alcançou o horizonte. Ead se perguntou se ela deveria tentar uma conversa, mas Lievelyn parecia contente em absorver a beleza congelada do terreno enquanto caminhavam lado a lado. Sua Guarda Real os seguiu à distância.

— É verdade que Sua Majestade não dorme bem — ele finalmente disse. — Seus deveres pesam sobre ela.

— Como o seu deve pesar sobre você.

— Ah, mas é mais fácil. É Sabran quem vai carregar nossa filha. Sabran, que dará a vida. — Erguendo outro sorriso, ele apontou para a Floresta Chesten. — Diga-me, Senhora Duryan. A Dama da Floresta já disse para andar entre aquelas árvores?

Um arrepió percorreu Ead.

— Essa é uma lenda muito antiga, Alteza. Confesso que estou surpresa por você ter ouvido falar disso.

— Um dos meus novos atendentes Inysh me contou. Perguntei se ele poderia me esclarecer sobre algumas das histórias e costumes do país. Temos nossos elfos da floresta, lobos vermelhos e outros semelhantes em Mentendon, é claro, mas uma bruxa que matava crianças parece uma história particularmente sangrenta.

— Inys já foi um país sangrento.

— De fato. Graças ao Santo já não é.

Ead olhou para a floresta.

— Que eu saiba, a Dama da Floresta nunca esteve aqui — disse ela. — Sua Floresta de Haith fica no norte, perto de Goldenbirch, onde o Santo nasceu. A única vez que alguém entra é para fazer peregrinação na primavera.

— Ah. — Ele deu uma risadinha. — Que alívio. Quase imaginei que poderia olhar pela janela uma manhã e vê-la parada ali.

— Não há nada a temer, Alteza.

Eles logo chegaram ao Jardim do Boticário. Ficava em um pátio perto da Grande Cozinha, onde as fornalhas estavam sendo acesas.

— Posso fazer a honra? — Lievelyn perguntou.

Ead entregou a ele sua tesoura.

— Claro.

— Obrigado.

Eles se ajoelharam ao lado da lavanda e Lievelyn tirou as luvas, com um sorriso infantil nos lábios. Talvez ele achasse exasperante ser capaz de fazer tão pouco com as próprias mãos. Seus subordinados da Câmara Interna deviam cuidar de tudo, desde servir sua comida até lavar seus cabelos.

— Sua Alteza Real — disse Ead. — Perdoe minha ignorância, mas quem governa Mentendon em sua ausência?

— Princesa Ermuna está atuando como substituta enquanto eu estou em Inys. Claro, espero que a Rainha Sabran e eu cheguemos a um acordo pelo qual poderei passar mais tempo em casa. Então eu posso ser consorte e governante. — Ele correu uma haste entre os dedos. — Minha irmã é uma força da natureza, mas temo por ela. Mentendon é um reino frágil, e a nossa é uma casa real jovem.

Ead observou seu rosto enquanto ele falava. Seu olhar estava em seu anel de nó de amor.

— Este também é um reino frágil, Alteza — disse ela.

— Como estou descobrindo.

Ele cortou a lavanda e passou para ela. Ead se levantou e tirou o pó de suas saias, mas Lievelyn parecia não ter pressa em partir.

— Eu sei que você nasceu no Ersyr — ele disse.

— Sim, Alteza. Sou uma parente distante de Chassar uq-Ispad, embaixador do Rei Jantar e da Rainha Saiyma, e cresci como sua pupila.

Foi a mentira que ela havia contado por oito anos, e veio facilmente.

— Ah —, disse Lievelyn. — Rumelabar, então.

— Sim.

Lievelyn calçou as luvas. Ele olhou por cima do ombro, para onde sua Guarda Real esperava na entrada do jardim.

— Senhora Duryan — disse ele, com mais suavidade. — Estou feliz por me encontrar com você esta manhã, pois gostaria de ter seu conselho sobre um assunto privado, se você fosse gentil o suficiente para dá-lo.

— Em que posição, Alteza?

— Como uma Senhora do Quarto de Dormir. — Ele pigarreou. — Gostaria de levar Sua Majestade às ruas, para dar esmolas ao povo de Ascalon, com o objetivo de fazer um progresso mais longo no verão. Sei que ela nunca fez uma visita formal a nenhuma de suas províncias. Antes de falar com ela... Gostaria de saber se você poderia saber por quê.

Um príncipe buscando seu conselho. Como as coisas mudaram.

— Sua Majestade não andou entre seu povo desde que foi coroada — disse Ead. — Por causa da... Rainha Rosarian.

Lievelyn franziu a testa com isso.

— Eu sei que a Rainha-Mãe foi cruelmente assassinada — disse ele. — Mas isso foi em seu próprio palácio, não nas ruas.

Ead considerou seu rosto sério. Havia algo nele que a compelia a ser honesta.

— Há pessoas teimosas em Ascalon, bêbadas do mesmo mal que contaminou Yscalin, que anseiam pelo retorno do Inominável — ela disse a ele. — Eles derrubariam a Casa de Berethnet para garantir isso. Algumas dessas pessoas conseguiram entrar no Palácio de Ascalon. Assassinos.

Lievelyn ficou quieto por um breve momento.

— Eu não sabia disso. — Ele parecia perturbado e Ead se perguntou sobre o que Sabran conversava com ele. — O quão perto eles chegaram dela?

— Perto. O último veio no verão, mas não tenho dúvidas de que seu mestre continua a conspirar contra Sua Majestade.

Sua mandíbula se firmou.

— Entendo — ele murmurou. — É claro que não desejo colocar Sua Majestade em perigo. E ainda, para o povo de Virtudom, ela é um farol de esperança. Agora que um Alto Ocidental voltou, eles *devem* ser lembrados de seu amor por eles, sua devoção por eles. Especialmente se ela for forçada a, digamos, aumentar os impostos para a criação de novos navios e armas.

Ele estava falando sério.

— Alteza — disse Ead. — Imploro, espere até ter uma filha antes de apresentar esta ideia a Sua Majestade. Uma princesa dará aos comuns todo o conforto e segurança de que precisam.

— Infelizmente, os filhos não podem ser chamados à existência apenas por desejarmos tanto por eles. Pode levar muito tempo antes que uma herdeira chegue, Senhora Duryan. — Lievelyn expirou pelo nariz. — Como seu companheiro, eu deveria conhecê-la melhor, mas minha noiva é o sangue do Santo. Que mortal pode conhecê-la?

— Você vai — disse Ead. — Eu nunca a vi olhar para ninguém do jeito que ela olha para você.

— Nem mesmo Lorde Arteloth Beck?

O nome a congelou.

— Alteza?

— Eu ouvi os rumores. Sussurros de um caso de amor — Lievelyn continuou, após uma hesitação. — Eu fiz minha oferta à Rainha Sabran, apesar deles... mas de vez em quando, me pergunto se... — ele pigarreou, parecendo envergonhado.

— Lorde Arteloth é muito querido por Sua Majestade — disse Ead. — Eles são amigos desde crianças e se amam como irmão e irmã. Isso é tudo.

— Ela não desviou o olhar dele. — Não importa em que boato você acredita.

Seu rosto se suavizou em um sorriso novamente.

— Sim, Alteza, — Ead disse suavemente. — Ele é.

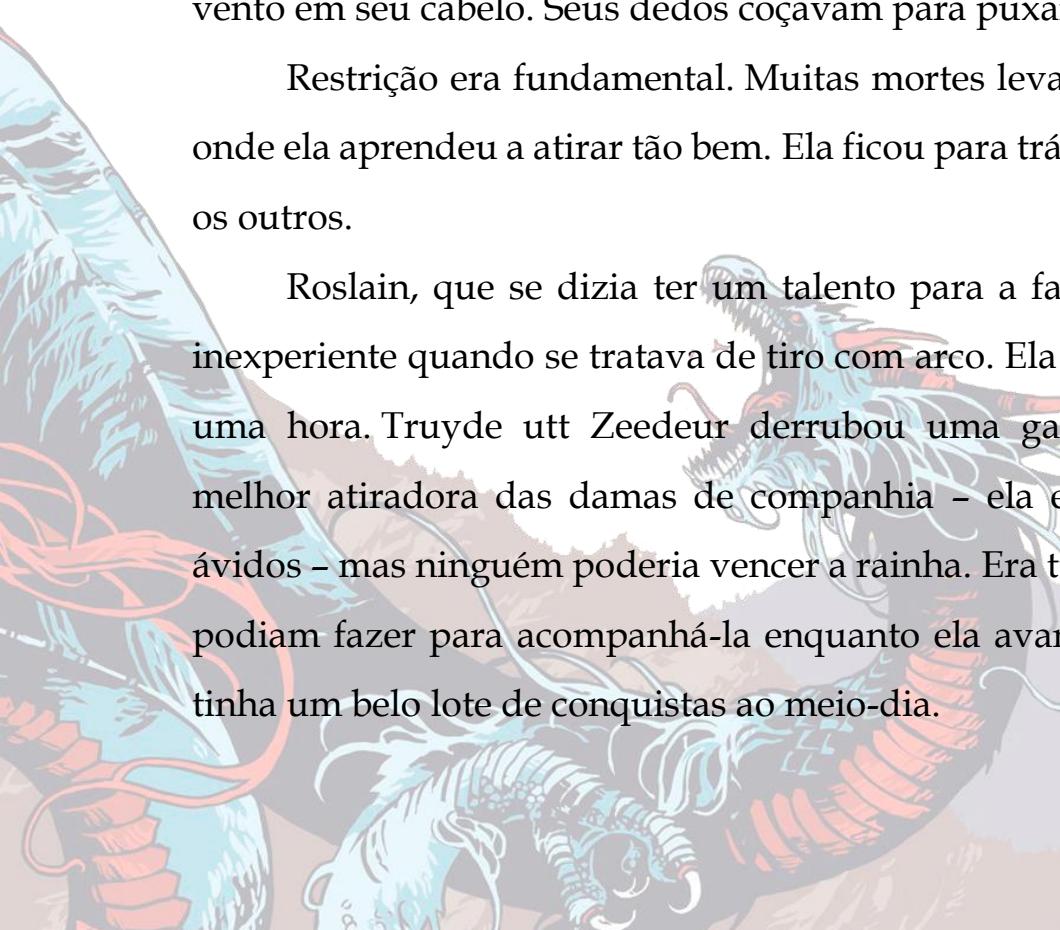
Houve um breve silêncio entre eles, salpicado pelo canto dos pássaros.

— Obrigado por seu conselho, Senhora Duryan. Foi generoso da sua parte dar. — Lievelyn tocou em seu broche de patrono, um espelho do dela. — Eu vejo porque Sua Majestade fala tão bem de você.

Ead fez uma reverência.

— Vocês é muito gentil, Sua Alteza Real. Assim como Sua Majestade. Com uma reverência cortês, ele se despediu.

Aubrecht Lievelyn não era um arganaz. Ele era ambicioso o suficiente para querer efetuar mudanças e possuía o que parecia ser uma predileção intrínseca dos Mentish por ideias perigosas. Ead rezou para que ele acatasse



seu conselho. Seria uma loucura Sabran se mostrar em público quando sua vida estava ameaçada.

Nos aposentos reais, Ead encontrou a rainha acordada e chamando para uma caçada. Como não tinha um cavalo veloz, Ead recebeu um corcel de alta linhagem do Estábulo Real.

Truyde utt Zeedeur, que assumira a posição de Ead como camarista comum, estaria entre o grupo de caça. Quando elas ficaram cara a cara, Ead ergueu as sobrancelhas. A garota se virou, sem expressão, e montou em seu cavalo castanho.

Ela deveria estar perdendo a esperança em seu amante. Se Sulyard tivesse escrito para ela, ela não pareceria tão mal-humorada.

Sabran se recusava a caçar com cães. Elas eram obrigadas a matar sua presa de forma limpa, ou nada. Enquanto o grupo cavalgava para a Floresta Chesten, Ead sentiu uma sede repentina por esta caçada. Ela saboreou o vento em seu cabelo. Seus dedos coçavam para puxar a corda do arco.

Restrição era fundamental. Muitas mortes levantariam a pergunta de onde ela aprendeu a atirar tão bem. Ela ficou para trás no início, observando os outros.



Roslain, que se dizia ter um talento para a falcoaria, era totalmente inexperiente quando se tratava de tiro com arco. Ela perdeu a paciência em uma hora. Truyde utt Zeedeur derrubou uma galinhola. Margret era a melhor atiradora das damas de companhia - ela e Loth eram caçadores ávidos - mas ninguém poderia vencer a rainha. Era tudo o que os batedores podiam fazer para acompanhá-la enquanto ela avançava pela floresta. Ela tinha um belo lote de conquistas ao meio-dia.

Quando ela avistou um cervo entre as árvores, Ead quase o deixou ir. Uma dama de companhia sensata permitiria que a rainha levasse o prêmio, mas talvez ela pudesse fazer *um* abate sem levantar suspeitas.

Sua flecha voou. O cervo desabou. Margret, sentada em seu cavalo castrado, foi a primeira a alcançá-lo.

— Sab! — ela gritou.

Ead seguiu a rainha a trote até a clareira. A flecha atingiu o cervo no olho.

Bem onde ela tinha apontado.

Truyde utt Zeedeur alcançou o cervo em seguida. Ela observou a carcaça com traços tensos.

— Parece que teremos carne de veado para o jantar. — Sabran estava com as bochechas rosadas de frio. — Tive a impressão de que você não tinha caçado com frequência, Ead.

Ead inclinou a cabeça.

— Alguns de nós têm habilidades inatas, Sua Majestade.

Sabran sorriu. Ead se viu sorrindo de volta.

— Vamos ver se você tem alguma outra *habilidade inata*. — Sabran girou sua montaria. — Venham, senhoras — teremos uma corrida de volta para Casa Briar. Uma bolsa para a vencedora.

Com aplausos, as mulheres esporearam seus cavalos atrás dela, deixando os cavalariços para recolher suas mortes.

Elas escaparam da floresta e trovejaram pela grama. Logo Ead estava pESCOÇO a pESCOÇO com a rainha, e elas estavam sem fôlego de tanto rir, nenhuma das duas conseguindo vencer a outra. Com os cabelos

desgrenhados pelo vento e os olhos brilhantes da caça, Sabran Berethnet parecia quase despreocupada – e pela primeira vez em anos, Ead sentiu que suas próprias preocupações eram retiradas de seus ombros. Como sementes de um relógio de dente-de-leão.



Sabran ficou de bom humor pelo resto do dia. À noite, ela permitiu que todas as damas de companhia se retirassesem para que ela pudesse cuidar de assuntos de Estado em sua Biblioteca Privada.

Ead herdou o alojamento duplo de Arbella Glenn, mais perto dos aposentos reais do que seus antigos aposentos. O alojamento era composto por dois quartos contíguos, com painéis de madeira e tapeçarias decoradas, e uma cama de dossel. As janelas do montante davam para o terreno.

Os criados já haviam acendido o fogo. Ead tirou seu traje de montaria e enxugou o suor com um pano.

Alguém bateu na porta às oito. Lá fora estava Tallys, a doce e jovem ajudante de cozinha.

— Jantar para você, Senhora Duryan. — Ela fez uma reverência. Não importa quantas vezes Ead disse a ela que era desnecessário, ela sempre insistia. — O pão está bom e quente. Eles dizem que uma terrível geada está a caminho.

— Obrigada, Tallys. — Ead pegou o prato de comida. — Diga-me, criança, como vão seus pais?

— As coisas não vão muito bem com minha mãe — admitiu Tallys. — Ela quebrou o braço e não pode trabalhar por um tempo, e o proprietário é muito duro. Envio todo o meu salário, mas... para um ajudante de cozinha, não é muito. — Ela se apressou em acrescentar: — Não reclamo, claro, senhora. Tenho muita sorte de trabalhar aqui. É apenas um mês difícil, só isso.

Ead enfiou a mão na bolsa.

— Aqui. — Ela entregou algumas moedas a Tallys. — Isso deve pagar o aluguel até o alto inverno.

Tallys ficou olhando para elas.

— Oh, Senhora Duryan, eu não poderia...

— Por favor. Tenho bastante guardado e pouca necessidade de gastá-las. Além disso, não somos ensinadas a praticar a generosidade?

Tallys assentiu, a boca tremendo.

— Obrigada — ela sussurrou.

Quando ela se foi, Ead jantou em sua mesa. Pão fresco, cerveja amanteigada e um caldo guarnecido com sálvia fresca.

Algo bateu na janela.

Uma águia de areia estava sentada do lado de fora, seus olhos amarelos fixos nela. Sua plumagem era do ouro de manteiga de amêndoas, as pontas das asas escurecendo até o castanho. Ead correu para a janela e a abriu.

— Sarsun.

Ele pulou para dentro e inclinou a cabeça. Ela alisou suas penas eriçadas com a ponta dos dedos.

— Já faz muito tempo, meu amigo — disse ela em Selinyi. — Vejo que você evitou o Falcão da Noite. — Ele chiou. — Silêncio. Você vai acabar no aviário com aquelas pombas idiotas.

Ele bateu com a cabeça na palma da mão dela. Ead sorriu e acariciou suas asas até esticar uma perna. Gentilmente, ela pegou o pergaminho preso a ele. Sarsun subiu em sua cama.

— Certamente, fique confortável.

Ele a ignorou, se exibindo.

O pergaminho não foi quebrado. Combe poderia interceptar qualquer coisa que chegasse por mensageiro ou pomba da rocha, mas Sarsun era inteligente o suficiente para evitá-lo. Ead leu a mensagem codificada.

A Prioresa concede-lhe permissão para permanecer em Inys até que a rainha dê à luz uma filha. Assim que a notícia do nascimento chegar até nós, irei até você.

Não discuta na próxima vez.

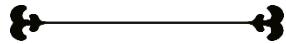
Chassar tinha conseguido.

A exaustão a envolveu novamente. Ela jogou a carta no fogo. Quando ela estava sob as cobertas, Sarsun enterrou-se na curva de seu braço como um filhote. Ead acariciou sua cabeça com um dedo.

Ler aquela mensagem a encheu de tristeza e alívio. Uma oportunidade de ir para casa se apresentou a ela em uma bandeja — mas aqui estava ela, por opção, no mesmo lugar que ela ansiava por anos escapar. Por outro lado, isso significava que seus anos na corte não seriam perdidos. Ela seria capaz de ver Sabran durante o nascimento de sua criança.

No final, não importava quanto tempo ela ficasse. Era seu destino carregar a capa vermelha. Nada iria alterar isso.

Ela pensou no toque frio de Sabran em sua mão. Quando ela dormia, ela sonhava com uma rosa vermelho-sangue contra seus lábios.



Ead estava vestida e a caminho dos aposentos reais ao amanhecer, pronta para a festa do início do outono. Sarsun havia decolado durante a noite. Ele tinha uma longa jornada pela frente.

Depois de passar pelos Cavaleiros do Corpo e entrar na Câmara Privada, Ead encontrou Sabran já acordada. A rainha estava vestida com um vestido de seda castanha com mangas de tecido de ouro, seu cabelo uma invenção de topázio e tranças.

— Majestade. — Ead fez uma reverência. — Eu não sabia que você tinha acordado.

— O canto dos pássaros me acordou. — Sabran pôs o livro de lado. — Venha. Sente-se comigo.

Ead se juntou a ela no assento.

— Estou satisfeita por você ter vindo — disse Sabran. — Eu tenho algo de natureza particular para lhe contar antes do banquete. — O sorriso dela denunciou. — Estou grávida.

Cautela foi o que veio primeiro a Ead.

— Tem certeza, Majestade?

— Mais do que certa. Já passei da hora certa para meus cursos. Finalmente.

— Senhora, isso é maravilhoso — disse Ead calorosamente. — Parabéns. Estou muito satisfeita por você e o Príncipe Aubrecht.

— Obrigada.

Quando Sabran olhou para sua barriga, seu sorriso vacilou. Ead observou o vinco aparecer em sua testa.

— Você não deve contar a ninguém ainda — disse a rainha, recuperando-se. — Mesmo Aubrecht não tem ideia. Apenas Meg, os Duques Espirituais e minhas Damas do Quarto de Dormir sabem de minha condição. Meus conselheiros concordaram que o anunciaremos quando eu começar a mostrar.

— Quando você vai contar a Sua Alteza Real?

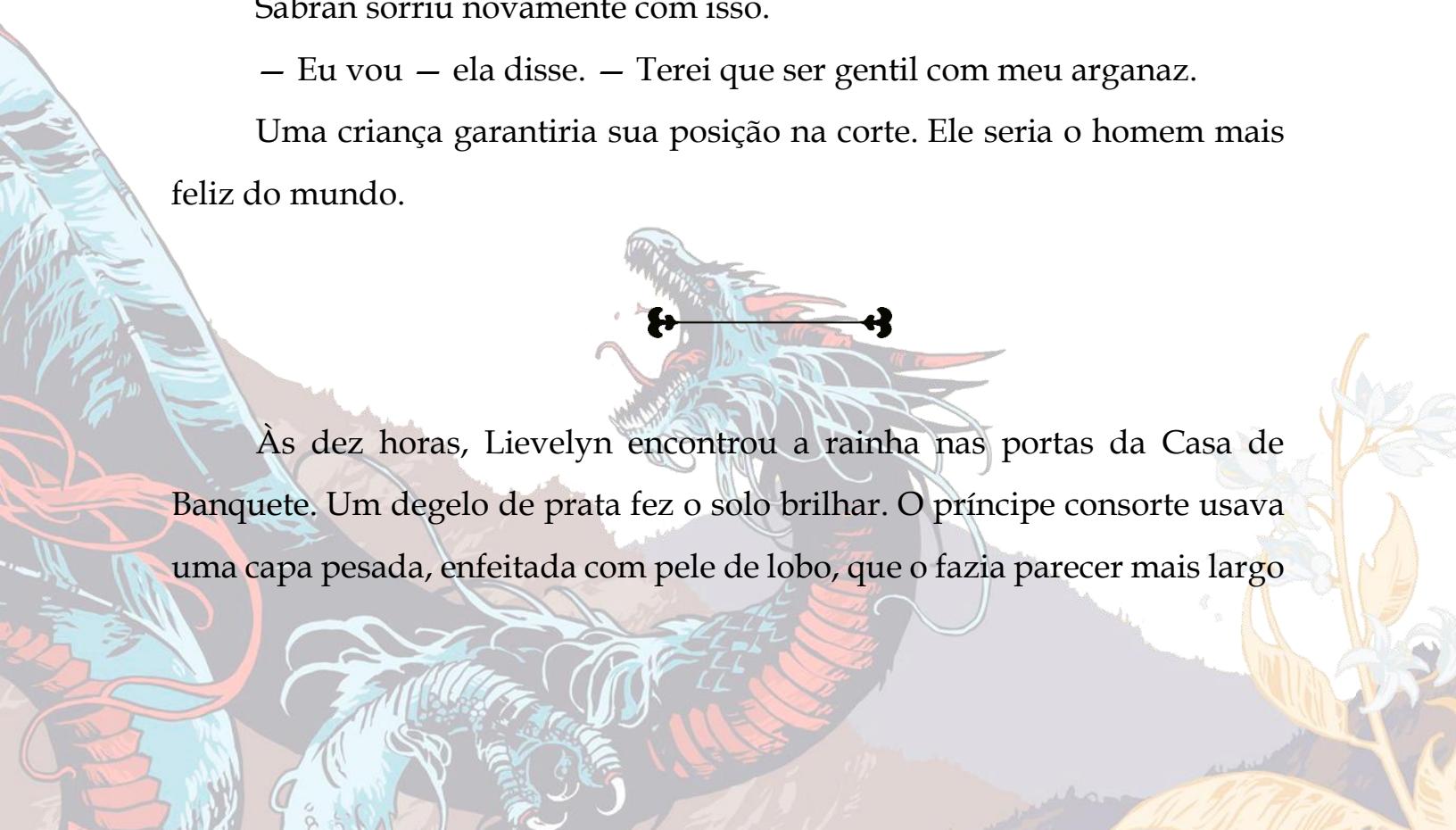
— Em breve. Pretendo surpreendê-lo.

— Certifique-se de que haja uma cadeira para ele por perto quando o fizer.

Sabran sorriu novamente com isso.

— Eu vou — ela disse. — Terei que ser gentil com meu arganaz.

Uma criança garantiria sua posição na corte. Ele seria o homem mais feliz do mundo.



Às dez horas, Lievelyn encontrou a rainha nas portas da Casa de Banquete. Um degelo de prata fez o solo brilhar. O príncipe consorte usava uma capa pesada, enfeitada com pele de lobo, que o fazia parecer mais largo

do que era. Ele fez uma reverência a Sabran, mas ali, à vista de todos eles, ela segurou sua nuca e o beijou.

Ead ficou repentinamente fria. Ela observou Lievelyn envolver os braços em volta de Sabran e puxá-la contra ele.

As damas de honra estavam todas sorridentes. Quando o casal finalmente se separou, Lievelyn sorriu e beijou Sabran na testa.

— Bom dia, Majestade — disse ele, e eles caminharam de braços dados, Sabran apoiando-se em seu companheiro, de modo que suas capas se misturavam como tinta.

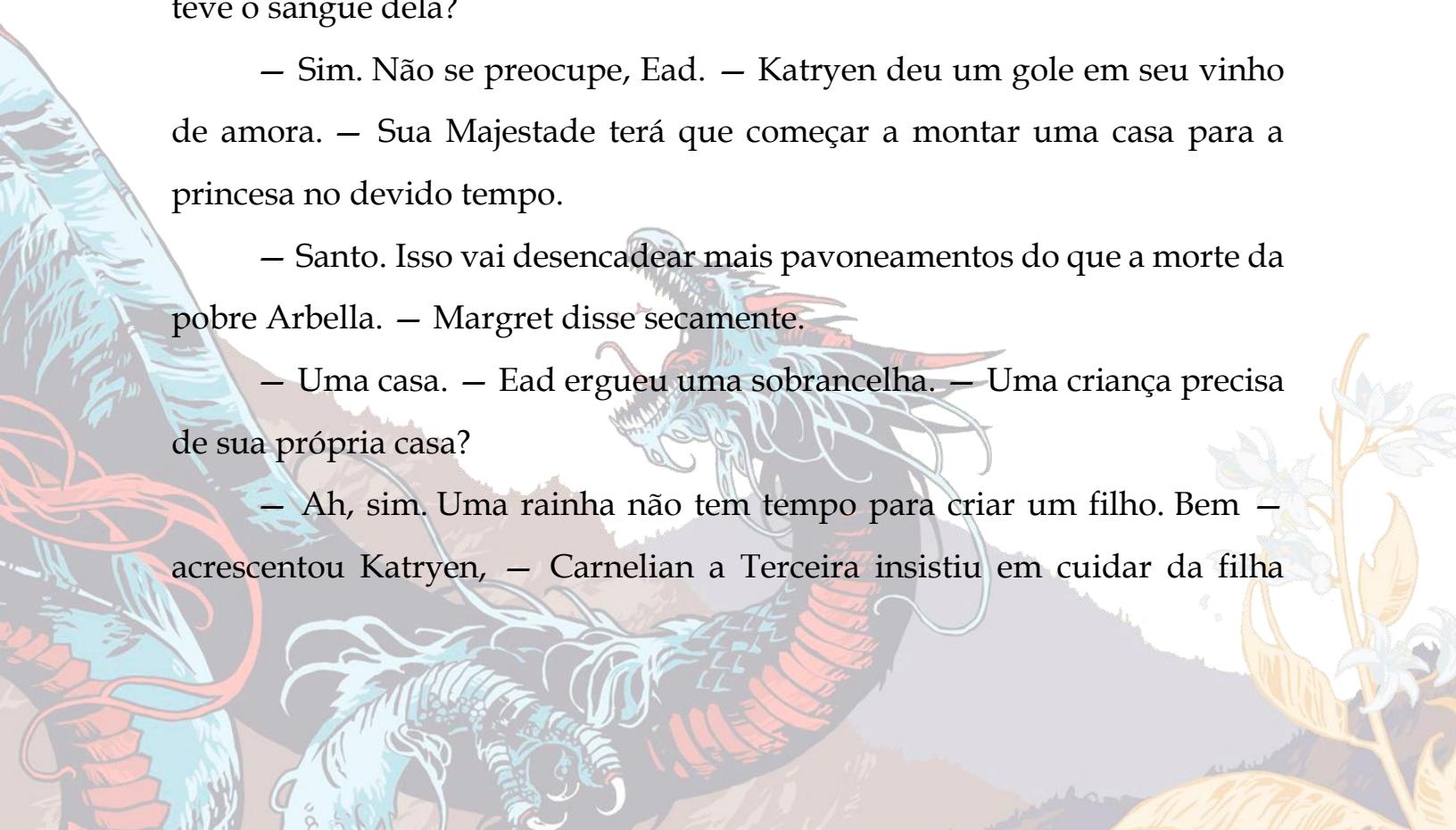
— Ead — disse Margret. — Você está bem?

Ead assentiu. A sensação em seu peito já havia diminuído, mas havia deixado uma sombra sem nome nela.

Quando Sabran e Lievelyn entraram na Casa de Banquete, uma multidão de cortesãos levantou-se para recebê-los. A realeza foi para a Mesa Principal com os Duques Espirituais, enquanto as damas de companhia se sentaram nos bancos. Ead nunca vira os Duques Espirituais tão satisfeitos. Igrain Crest estava sorrindo, e Seyton Combe, que normalmente escurecia todas as portas por onde entrava, parecia que mal conseguia parar de esfregar as mãos.

A festa do início do outono foi um evento extravagante. Vinho preto fluía, espesso, pesado e doce, e Lievelyn foi presenteado com um enorme bolo de frutas embebido em rum – seu favorito de infância – que havia sido recriado de acordo com uma receita Mentish famosa.

Nas mesas, a fartura da temporada enchia travessas de cobre dourado. Pavão branco com bico de folha de ouro, assado e embebido em



molho de mel e cebola, depois costurado de volta nas penas, para dar uma impressão de vida. As ameixas mergulhadas em água de rosas. Maçãs pela metade em uma gelatina carmesim. Torta de amora apimentada com crosta estriada e minúsculas tortinhas de veado. Ead e Margret fizeram ruídos de simpatia enquanto Katryen lamentava a perda de seu admirador secreto, cujas cartas de amor pararam de chegar.

— Sabran lhe contou as novidades? — Katryen perguntou em voz baixa. — Ela queria que vocês duas soubessem.

— Sim. Graças a Donzela por sua misericórdia —, disse Margret. — Eu estava começando a pensar que morreria de irritação se mais uma pessoa comentasse que Sua Majestade estava parecendo *muito bem* ultimamente.

Ead olhou para trás para se certificar de que ninguém estava escutando.

— Katryen — murmurou ela. — Você tem certeza de que Sabran não teve o sangue dela?

— Sim. Não se preocupe, Ead. — Katryen deu um gole em seu vinho de amora. — Sua Majestade terá que começar a montar uma casa para a princesa no devido tempo.

— Santo. Isso vai desencadear mais pavoneamentos do que a morte da pobre Arbella. — Margret disse secamente.

— Uma casa. — Ead ergueu uma sobrancelha. — Uma criança precisa de sua própria casa?

— Ah, sim. Uma rainha não tem tempo para criar um filho. Bem — acrescentou Katryen, — Carnelian a Terceira insistiu em cuidar da filha

sozinha, pensando bem, mas isso não é feito com frequência. A princesa vai precisar de enfermeiras leiteiras, governanta, tutores e assim por diante.

— Quantas pessoas estarão nesta casa?

— Duzentas ou mais.

Uma casa tão grande parecia excessiva. Então, novamente, tudo em Inys era excessivo.

— Diga-me — disse Ead, ainda curiosa. — O que aconteceria se Sua Majestade tivesse um filho?

Katryen inclinou a cabeça para isso.

— Suponho que não importaria — ela meditou. — Mas nunca aconteceu, não em toda a história da Berethnet. Claramente, o Santo pretendia que esta ilha fosse um reino de rainhas.

Quando os pratos foram finalmente limpos e a conversa começou, o mordomo bateu com o bastão no chão.

— Sua Majestade — ele chamou. — Rainha Sabran.

Lievelyn se levantou e estendeu a mão para sua companheira. Ela a pegou e se levantou, e a corte se levantou com ela.

— Povo da corte — disse ela. — Damos as boas-vindas à festa do início do outono. A época da colheita, amada sobretudo pelo Cavaleiro da Generosidade. Deste dia em diante, o inverno começa a se aproximar lentamente de Inys. É um tempo que os wyrms desprezam, pois é o calor que sustenta o fogo dentro deles.

Aplausos.

— Hoje —, continuou ela. — Anunciamos mais um motivo para comemorar. Este ano, para marcar a Festa da Generosidade, estaremos fazendo uma procissão em Ascalon.

Murmúrios soaram até o telhado. Seyton Combe engasgou com seu vinho quente.

— Durante esta visita — disse Sabran, com o olhar tenso de determinação — vamos rezar no Santuário de Nossa Senhora, dar esmolas aos pobres e confortar aqueles cujas casas e meios de subsistência foram danificados por Fýredel. Ao nos mostrarmos ao povo, vamos lembrá-los de que estamos unidos sob a Espada Verdadeira e que nenhum Alto Ocidental quebrará nossos espíritos.

Ead olhou para Lievelyn. Ele evitou os olhos dela.

Seu conselho não foi forte o suficiente. Ela deveria ter feito mais para martelar o perigo naquela cabeça de panela de cobre.

Ele era um tolo, e Sabran também. Tolos de coroas.

— Isso é tudo. — A rainha voltou para seu assento. — Agora, acredito que haja mais um prato.

Aplausos explodiram em toda a Casa de Banquete. Imediatamente, os servos chegaram com mais pratos, e toda a preocupação foi perdida para o banquete.

Ead não tocou em mais nada. Ela não era adivinha, mas qualquer pessoa com meia-inteligência poderia ver que isso terminaria em sangue.

Capítulo 25

Leste

Após sua chegada inglória a Ginura, Niclays Roos foi um convidado de honra na casa dos Moyaka. Até que o Senhor da Guerra se dignasse a vê-lo, ele estava livre para fazer o que quisesse, contanto que tivesse seus acompanhantes Seiikinenses. Felizmente, Eizaru e Purumé ficaram satisfeitos por cumprir esse papel.

Os três se juntaram a uma grande multidão nas ruas para o festival de Queda do Verão, que celebrava o início do outono. Muitos cidadãos Seiikinenses viajavam para Ginura para o que era comumente aceito como o mais espetacular dos festivais das quatro árvores. Os vendedores ambulantes grelhavam o peixe-espada em seus fogões, cozinhavam pedaços de abóbora doce no caldo e distribuíam vinho quente e chá para manter o frio sob controle. As pessoas faziam suas refeições ao ar livre, coroadas com as folhas douradas que sopravam dos galhos como sementes de bordo e, quando a última folha havia caído, viram outras brotar e brotar, vermelhas como o amanhecer, durante a noite.

Para Niclays, cada dia era uma nova vida. Seus amigos o levaram para passear pela praia. Eles apontaram para o Órfão Enlutado, a maior pilha vulcânica do Leste, que formava um único dente na boca da baía. Eles usaram uma luneta para observar o vinho do mar no mar.

E lentamente, *perigosamente*, Niclays se permitiu sonhar com um futuro nesta cidade. Talvez as autoridades Seiikinesas se esquecessem de que ele existia. Talvez, por ter se comportado tão bem, eles decidissem deixá-lo viver o resto de seu exílio além de Orisima. Era uma ponta de esperança e ele se agarrou a ela como um marinheiro se afogando em destroços.

Panaya enviou seus livros de Orisima com uma nota de Muste, que lhe disse que seus amigos do entreposto comercial o cumprimentaram calorosamente e esperavam que ele voltasse logo. Niclays poderia ter se sentido tocado se ele considerasse qualquer um deles amigo, ou se estivesse interessado em seus cumprimentos, calorosos ou não. Agora que tinha saboreado a liberdade, a ideia de regressar a Orisima, aos mesmos vinte rostos e à mesma rede de ruas, era insuportável.

O navio *Mentish Gadeltha* atracou no portão de desembarque, trazendo consigo uma pilha de cartas de casa. Niclays recebeu duas.

A primeira carta foi fechada com o selo da Casa de Lievelyn. Ele a abriu e leu as linhas de uma caligrafia elegante.

*De Brygstad, Estado Livre de Mentendon,
por meio da Autoridade Portuária de Ostendeur*

Final da primavera, 1005 DC

Senhor,

Percebi, pelos registros de meu falecido tio-avô, que você continua exilado em nosso posto comercial de Orisima e que solicitou clemência à Casa de Lievelyn. Tendo revisto seu caso, lamento concluir que não posso dar-lhe permissão para retornar a Mentendon. Sua conduta causou uma grande afronta à rainha

Sabran de Inys, e convidá-lo de volta a corte neste momento pode servir para fomentar o rancor dela.

Se você puder imaginar uma maneira de apazigar a rainha Sabran, terei o maior prazer em reconsiderar essa conclusão infeliz.

Seu servo,

*Aubrecht II, Grande Príncipe do Estado Livre de
Mentendon, Arquiduque de Brygstad, Defensor das Virtudes,
Protetor da Soberania de Mentendon, &c.*

Niclays esmagou a carta em suas mãos. Deveria haver alguma razão política para que o novo Príncipe Supremo tenha medo de provocar Sabran. Pelo menos ele foi cortês e estava disposto a voltar ao assunto se Niclays pudesse encontrar alguma maneira de apazigar Sua Acrimônia. Ou o próprio Lievelyn. Até ele poderia ser tentado pelo elixir da vida.

Ele abriu a segunda carta com o coração aos pulos. Esta foi escrita há mais de um ano.

*De Ascalon, Reino de Inys,
por meio da Zeedeur Custom House*

Início do verão, 1004 DC

Querido tio Niclays,

Perdoe-me por não escrever por algum tempo. Os deveres na Alta Casa me mantêm ocupada e raramente tenho permissão para ir a qualquer lugar sem um acompanhante. A corte de Inysh se preocupa mais profundamente com o tempo privado de suas jovens! Rezo para que chegue a Ostendeur antes do próximo carregamento para o leste.

Peço-lhe que me envie um recado de como se sai em Orisima. Nesse ínterim, estive me ocupando em lembrar os livros que você deixou para mim, que estão atualmente guardados na Casa Silk. Acredito ter uma teoria e estou certa de que o significado de certo objeto foi esquecido. Você escreverá com tudo o que sabe sobre a Placa de Rumelabar? Você tem uma resposta para seu enigma?

Com todo meu amor, Truyde

(Nota para a Alfândega de Zeedeur: eu agradeceria sua pressa em conferir isso à Autoridade Portuária Ostendeur. Atenciosamente, sua Marquesa.)

Niclays leu as palavras novamente, meio sorrindo, olhos ardentes.

Ele deveria ter recebido esta carta muito antes de Sulyard chegar. Ela poderia tê-lo avisado para esperar o menino, mas Lorde Seyton Combe, o espião mestre de Inys, teria visto através de qualquer código.

Ele havia enviado respostas às cartas anteriores, mas suspeitava que haviam sido destruídas. Os exilados não tinham permissão para escrever para casa. Mesmo se ele *tivesse* sido capaz de alcançá-la, ele não tinha boas notícias.

Naquela noite, Purumé e Eizaru o levaram ao rio para avistar garças voadoras noturnas. No dia seguinte, Niclays decidiu ficar em seu quarto e gelar o tornozelo. Enquanto cuidava de uma dor de cabeça induzida pela excitação, ele se pegou pensando em Sulyard.

Ele deveria sentir vergonha de se divertir enquanto o menino apodrecia na prisão, especialmente quando acreditava que Niclays estava terminando sua busca por ele. Uma busca baseada em um enigma não resolvido e na paixão perigosa que Truyde herdou de Jannart.

Paixão pela verdade. Uma charada que agora se recusava a deixar Niclays em paz. Ao meio-dia, ele pediu aos criados uma caixa para escrever e pintou as palavras, para que pudessevê-las na página.

*O que está abaixo deve ser equilibrado com o que está acima,
e nisso está a precisão do universo.*

*O fogo sobe da terra, a luz desce do céu.
Muito de um inflama o outro,
e nisso está a extinção do universo.*

Niclays lembrou-se do que aprendera sobre o enigma na universidade. Da Placa de Rumelabar, encontrada muitos séculos atrás nas montanhas de Sarras.

Os mineiros Ersyri descobriram um templo subterrâneo nessas montanhas. Estrelas haviam sido esculpidas em seu teto, árvores em chamas em seu chão. Um bloco de pedra celeste estava erguido em seu centro, e as palavras marcadas nela, escritas nas letras da primeira civilização do sul, cativaram mentes acadêmicas em todo o mundo.

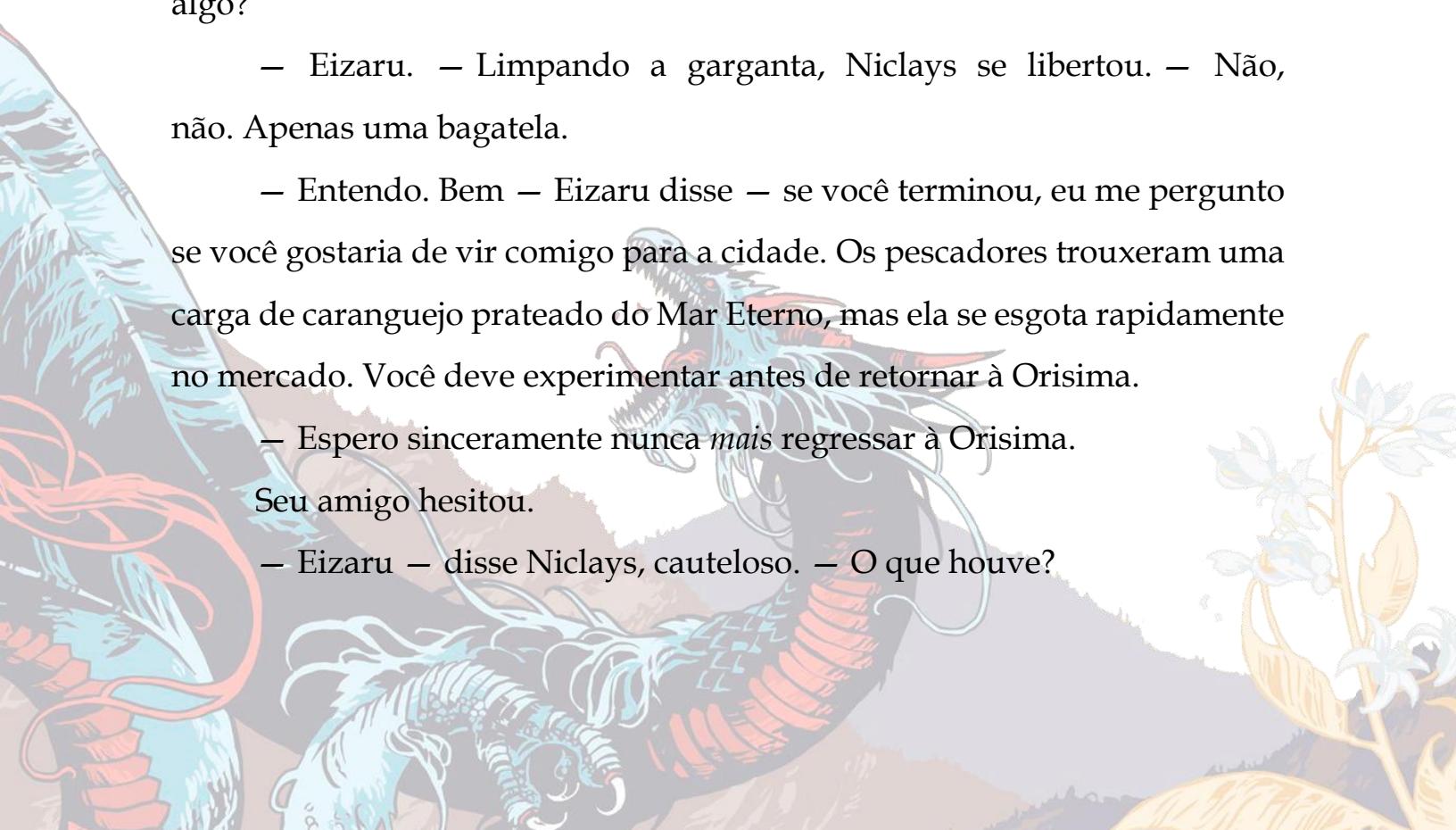
Niclays sublinhou uma parte do enigma e refletiu sobre seu significado.

O fogo sobe da terra.

Wyrms, talvez. Diz-se que o Inominável e seus seguidores vieram do Ventre de Fogo no centro do mundo.

Ele sublinhou novamente.

A luz desce do céu.



A chuva de meteoros. Aquela que acabou com a Século da Dor, enfraqueceu os wyrms e concedeu força aos dragões orientais.

Muito de um inflama o outro, e nisso está a extinção do universo.

Um aviso de disparidade. Essa teoria postulava o universo como jugo ao equilíbrio do fogo e da luz das estrelas, pesado em um conjunto de escadas cósmicas. Muito de qualquer um os levaria ao fim.

A extinção do universo.

O mais próximo que o mundo chegou do fim foi a chegada do Inominável e seus seguidores. Algum tipo de desequilíbrio no universo *criava* essas feras de fogo?

O sol batia forte na parte de trás de sua cabeça. Ele se pegou cochilando. Quando Eizaru o acordou, sua bochecha estava grudada no pergaminho e ele se sentia pesado como um saco de painço.

— Boa tarde meu amigo — Eizaru riu. — Você estava trabalhando em algo?

— Eizaru. — Limpando a garganta, Niclays se libertou. — Não, não. Apenas uma bagatela.

— Entendo. Bem — Eizaru disse — se você terminou, eu me pergunto se você gostaria de vir comigo para a cidade. Os pescadores trouxeram uma carga de caranguejo prateado do Mar Eterno, mas ela se esgota rapidamente no mercado. Você deve experimentar antes de retornar à Orisima.

— Espero sinceramente nunca *mais* regressar à Orisima.

Seu amigo hesitou.

— Eizaru — disse Niclays, cauteloso. — O que houve?

Eizaru enfiou a mão no manto com os lábios apertados, puxou-o e entregou-lhe um pergaminho. O selo foi quebrado, mas Niclays percebeu que pertencia ao Vice-rei de Orisima.

— Recebi isso hoje — disse Eizaru. — Depois de sua audiência com o honrado Senhor da Guerra, você deve retornar a Orisima. Um palanquim irá buscá-lo.

De repente, o pergaminho pesou mais do que uma pedra. Podia muito bem ter sido sua sentença de morte.

— Não se desespere, Niclays. — Eizaru colocou a mão em seu ombro. — A honrada Rainha Sabran cederá. Até então, Purumé e eu pediremos permissão para visitá-lo em Orisima.

Niclays precisou de todas as forças para engolir a decepção. Caiu como uma boca cheia de espinhos.

— Isso seria maravilhoso. — Ele esboçou um sorriso. — Vamos então. Acho que é melhor aproveitar a cidade enquanto posso.



Purumé estava absorvida em colocar um osso, então, assim que se vestiu, Niclays saiu sozinho com Eizaru para o mercado de peixes. O mar fustigava a cidade com um vento cortante, embaçando seus óculos, e em seu estado ictérico, os olhares que recebeu pareciam mais suspeitos do que nunca. Ao passarem por uma loja de roupões, a dona fez uma careta para ele.

— Portador da doença — ela cuspiu.

Niclays estava abatido demais para responder. Eizaru dirigiu um olhar severo para a mulher por cima dos óculos, e ela se virou.

No momento em que sua atenção foi desviada, Niclays pisou em uma bota.

Ele ouviu uma inspiração. Eizaru o agarrou a tempo de evitar sua queda, mas a jovem Seiikinense cujo pé ele esmagou não teve tanta sorte. Seu cotovelo bateu em um vaso, que se espatifou nas pedras do pavimento.

Maldição, ele era como um olifante numa casa de chá.

— Me perdoea, ilustre senhora — disse Niclays, e fez uma profunda reverência. — Eu não estava prestando atenção.

A comerciante olhou sombriamente para os cacos. Lentamente, a mulher se virou para encarar Niclays.

Cabelo preto estava enrolado em um nó no topo de sua cabeça. Ela usava calças pregueadas, uma túnica de seda azul profundo e um sobretudo de veludo. Uma bela espada pendurada ao lado dela. Quando viu o brilho da túnica, Niclays não conseguiu impedir que sua boca se abrisse. A menos que ele estivesse enganado, era seda da *água*. Nomeado erroneamente, não era seda, mas cabelo. A juba dos dragões, para ser mais preciso. Repelia umidade como óleo.

A mulher deu um passo em sua direção. Seu rosto era anguloso e marrom, os lábios rachados. Pérolas Sundance adornavam sua garganta.

Mas o que ficou gravado em sua memória, nos poucos momentos em que seus olhares se encontraram, foi a cicatriz. Ela chicoteava sua bochecha esquerda antes de se curvar em direção ao canto do olho.

Exatamente como um anzol.

— Forasteiro — ela murmurou.

Niclays percebeu que a multidão ao redor deles havia ficado quase em silêncio. A nunca formigou. Ele tinha a sensação de que acabara de cometer uma transgressão maior do que uma asneira.

— Honorável cidadão, o que este homem está fazendo em Ginura? — a mulher perguntou a Eizaru secamente. — Ele deveria estar em Orisima, com os outros colonos Mentish.

— Honrada Miduchi — Eizaru fez uma reverência. — Nós humildemente nos desculpamos por interromper seu dia. Este é o Sábio Doutor Roos, um anatomicista do Estado Livre de Mentendon. Ele está aqui para ver o todo honrado Senhor da Guerra.

A mulher cortou o olhar entre eles. Havia uma crueza em seus olhos que falava de noites agitadas.

— Qual é o seu nome? — ela perguntou a Eizaru.

— Moyaka Eizaru, honrosa Miduchi.

— Não perca este homem de vista, honorável Moyaka. Ele deve sempre ter uma escolta.

— Compreendo.

Ela lançou a Niclays um último olhar antes de se afastar. Quando ela se virou, ele avistou um dragão dourado nas costas de sua capa.

Ela tinha cabelos longos e escuros e uma cicatriz no topo da bochecha esquerda. Como um anzol.

Pelo Santo, tinha que ser ela.

Eizaru pagou a comerciante por sua perda e apressou Niclays em uma rua de paralelepípedos

— Quem era aquela, Eizaru? — Niclays perguntou em Mentish.

— A honrada Dama Tané. Ela é Miduchi. Cavaleira do grande Nayimathun das Neves Profundas. — Eizaru enxugou o pescoço com um pano. — Eu deveria ter me curvado ainda mais.

— Eu vou retribuir a você pelo vaso. Em, er, algum dia.

— São apenas algumas moedas, Niclays. O conhecimento que você me deu em Orisima vale muito mais.

Eizaru, decidiu Niclays, estava o mais perto que alguém poderia chegar de ser perfeito.

Os dois chegaram ao mercado de peixes bem a tempo. Caranguejos prateados derramavam-se das redes de trigo, brilhando como a armadura de aço dos cavaleiros. Niclays quase perdeu Eizaru na confusão que se seguiu, mas seu amigo emergiu triunfante, seus óculos tortos.

Estava quase anoitecendo quando eles voltaram para casa. Niclays fingiu outra dor de cabeça e retirou-se para o quarto, onde se sentou ao lado da lamparina e esfregou a testa.

Ele sempre se orgulhou de seu cérebro, mas ele tinha estado ocioso recentemente. Já era hora de colocá-lo para funcionar.

Tané Miduchi era, sem dúvida, a mulher que Sulyard vira na praia. Sua cicatriz a traiu. Ela trouxera um estranho para o Cabo Hisan naquela noite fatídica e o entregara a uma musicista, que agora adoecia na prisão. Ou estava sem cabeça.

O gato pulou em seu colo, ronronando. Niclays coçou distraidamente entre as orelhas.

O Grande Édito exigia que os ilhéus relatassem os invasores às autoridades sem demora. Miduchi deveria ter feito isso. Por que, em vez disso, ela alistou uma amiga para escondê-lo no entreposto comercial Mentish?

Quando percebeu, Niclays soltou um “ha!” que o gato saltou de seu colo com medo.

Os sinos.

Os sinos estavam tocando no dia seguinte, anunciando a cerimônia que abriria o caminho para Miduchi se tornar cavaleira de dragão. Se um forasteiro tivesse sido descoberto em Cabo Hisan na noite anterior, o porto teria sido fechado para garantir que não houvesse nenhum vestígio da doença vermelha. Miduchi havia escondido Sulyard em Orisima – isolado do resto da cidade – para não atrapalhar a cerimônia. Ela havia colocado sua ambição acima da lei.

Niclays avaliou suas opções.

Sulyard concordou em contar aos seus questionadores sobre a mulher com a cicatriz do anzol. Talvez ele tivesse, mas ninguém percebera quem era. Ou aceitara a palavra de um invasor. Niclays, no entanto, era protegido pela aliança entre Seiiki e Mentendon. Isso o protegeu contra o castigo antes, e poderia ajudá-lo agora.

Ele ainda poderia salvar Sulyard. Se ele pudesse reunir coragem para acusar Miduchi durante sua audiência com o Senhor da Guerra, diante de testemunhas, a Casa de Nadama teria que agir sobre isso, ou arriscaria dar a impressão de dispensar seus parceiros comerciais Mentish.

Niclays tinha certeza de que havia uma maneira de tirar vantagem disso. Se ele soubesse como.

Purumé voltou para casa ao anoitecer com os olhos injetados de sangue, e os criados prepararam o caranguejo prateado com verduras finas e arroz cozido no vapor com castanhas. A carne branca em flocos era deliciosa, mas Niclays estava muito concentrado em seus pensamentos para apreciá-la. Quando terminaram, Purumé retirou-se, enquanto Niclays ficou à mesa com Eizaru.

— Meu amigo — disse Niclays, — por favor, me perdoe se esta é uma pergunta ignorante.

— Somente homens ignorantes *não* fazem perguntas.

Niclays pigarreou.

— Esta cavaleira de dragão, Dama Tané — ele começou. — Pelo que eu posso dizer, os cavaleiros são quase tão estimados quanto os dragões. Isso está correto?

Seu amigo pensou por algum tempo.

— Eles não são deuses — disse ele. — Não há santuários em sua homenagem, mas são reverenciados. O honrado Senhor da Guerra é descendente de um cavaleiro que lutou na Grande Tristeza, como você sabe. Os dragões veem seus cavaleiros como iguais entre a humanidade, o que é a maior honra.

— Com isso em mente — disse Niclays, tentando parecer casual, — se você soubesse que um deles havia cometido um crime, o que você faria?

— Se eu soubesse, sem qualquer dúvida possível, que era verdade, eu relataria isso ao seu comandante, o honrado General do Mar, no Castelo de

Flor de Sal. — Eizaru inclinou a cabeça. — Por que você pergunta, meu amigo? Você acredita que um deles *tenha* cometido um crime?

Niclays sorriu para si mesmo.

— Não, Eizaru — disse ele. — Eu estava apenas especulando. — Ele mudou de assunto: — Ouvi dizer que o fosso ao redor do Castelo de Ginura está cheio de peixes com corpos como vidro. Que quando eles brilham à noite, você pode ver o caminho até seus ossos. Diga-me, isso é verdade?

Ele realmente adorava o início delicioso de uma boa ideia.



Tané encontrou um ponto de apoio e empurrou com toda a força, alcançando uma saliência. Abaixo dela, o mar batia contra um punhado de rochas.

Ela estava no meio da pilha vulcânica que se erguia do mar na foz da Baía de Ginura. Era chamado de Órfão Enlutado, pois ficava sozinho, como uma criança cujos pais naufragaram. Quando seus dedos tocaram a pedra, sua outra mão escorregou no musgo marinho.

Seu estômago embrulhou. Por um momento, ela pensou que iria cair e quebrar todos os ossos — então ela se empurrou para cima, segurou a saliência e agarrou-se a ela como uma craca. Com um último e tremendo esforço, ela subiu para a saliência acima e ficou lá, respirando com dificuldade. Tinha sido imprudente escalar sem as luvas, mas ela queria provar a si mesma que podia.

Sua mente sempre voltava para aquele Ment na rua, e para a maneira como ele a encarara. Como se ele a tivesse *reconhecido*. Era impossível, claro, ela nunca o tinha visto antes. Mas por que essa expressão de choque?

Ele era um homem grande. Largo nos ombros, largo no peito, barrigudo. Olhos como cravo-da-índia, encobertos pelo tempo, inseridos em um rosto pálido e de contornos ásperos. Cabelo grisalho com reflexos de cobre. Uma boca com uma história de riso gravada em torno dela. Óculos redondos.

Roos.

Finalmente, ela percebeu.

Roos. Um nome que Susa sussurrou para ela tão brevemente que quase foi levado pelo vento.

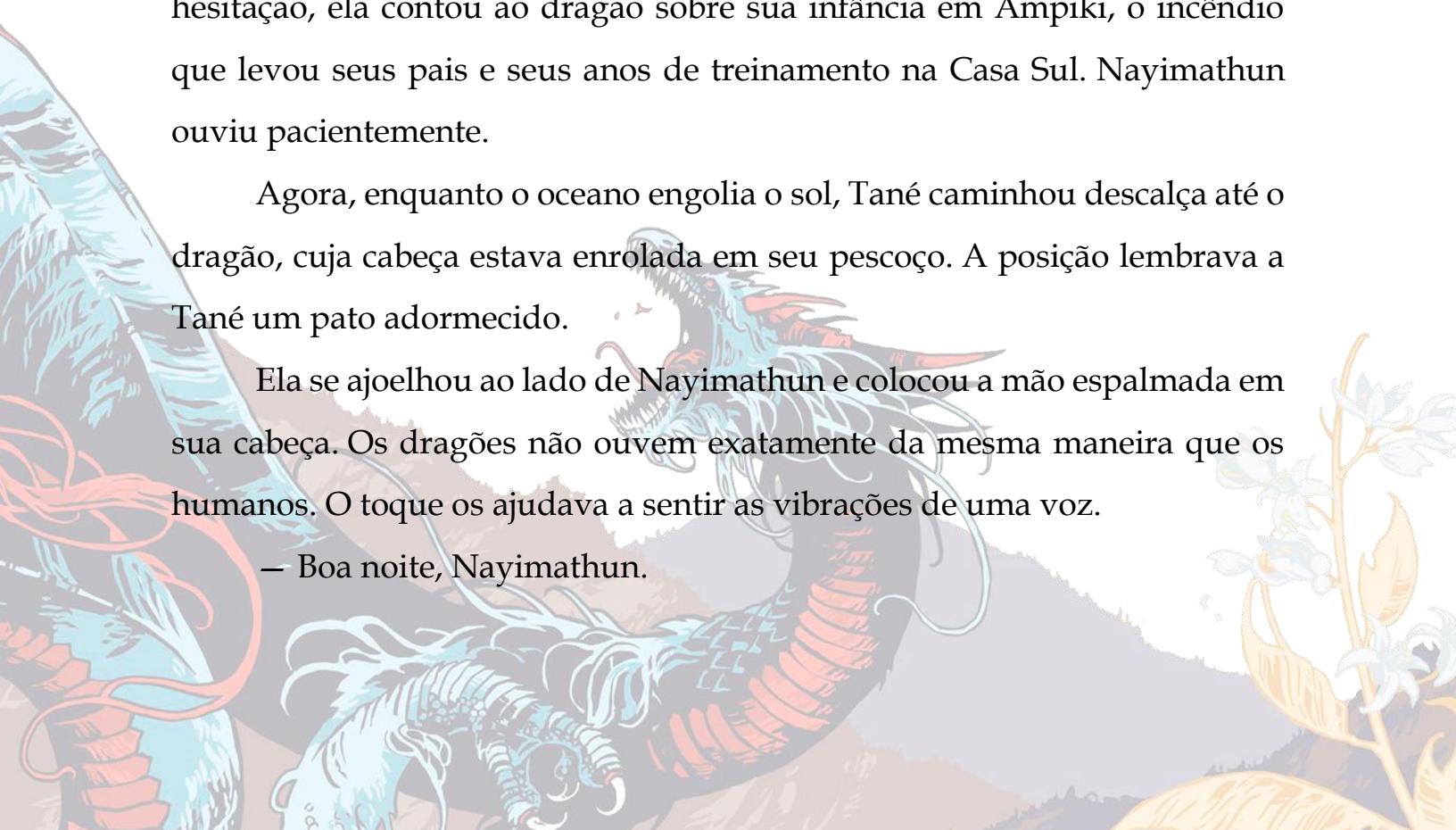
Foi ele quem escondeu o forasteiro.

Não havia motivo para ele estar em Ginura. Não, a menos que ele estivesse aqui para testemunhar sobre aquela noite. O pensamento bloqueou seu peito. Ela se lembrou de seu olhar perspicaz na rua, e isso a estremeceu.

Com a mandíbula cerrada, ela se esticou em direção ao próximo apoio para a mão. O que quer que Roos pensasse que sabia sobre ela ou Susa, ele não tinha provas. E o forasteiro já estaria morto.

Quando ela alcançou o topo, ela se levantou, as palmas das mãos ensanguentadas. As sedas d'água funcionavam como penas, uma sacudida rápida e elas estavam secas.

Ela podia ver Ginura inteira daqui. O castelo de Flor de Sal brilhava sob a última luz do sol.



O dragão esperava por ela em um abrigo natural. Seu verdadeiro nome era impossível para os humanos pronunciarem, então ela era conhecida por eles como Nayimathun. Chocada há muito tempo no Lago das Neves Profundas, ela agora carregava inúmeras cicatrizes da Grande Tristeza. Todas as noites, Tané subia até o abrigo e se sentava ao lado de seu dragão até o sol nascer. Era como ela sempre sonhou.

Falar foi difícil no começo. Nayimathun não queria ouvir falar de Tané usando o tipo de linguagem respeitosa que convém a um deus. Elas deveriam ser parentes, disse ela. Como irmãos. Qualquer outra coisa e elas não seriam capazes de voar juntas. Dragão e cavaleira tinham que compartilhar um coração.

Tané não sabia como lidar com essa regra. Durante toda a sua vida ela falou com os mais velhos com respeito, e agora um *deus* desejava que eles falassem como se fossem amigos mais próximos. Gradualmente, com hesitação, ela contou ao dragão sobre sua infância em Ampiki, o incêndio que levou seus pais e seus anos de treinamento na Casa Sul. Nayimathun ouviu pacientemente.

Agora, enquanto o oceano engolia o sol, Tané caminhou descalça até o dragão, cuja cabeça estava enrolada em seu pescoço. A posição lembrava a Tané um pato adormecido.

Ela se ajoelhou ao lado de Nayimathun e colocou a mão espalmada em sua cabeça. Os dragões não ouvem exatamente da mesma maneira que os humanos. O toque os ajudava a sentir as vibrações de uma voz.

— Boa noite, Nayimathun.

— Tané. — Nayimathun abriu um olho pela metade. — Sente-se comigo.

Sua voz era uma concha de guerra e canto de baleia e o estrondo distante de uma tempestade, tudo suavizado em palavras como vidro moldado pelo mar. Ouvir-lá deixava Tané sonolenta.

Ela se sentou e encostou-se nas escamas sempre úmidas de seu dragão. Elas estavam maravilhosamente frias.

Nayimathun fungou.

— Você está ferida.

O sangue ainda estava vazando de sua mão. Tané a fechou.

— Só um pouco — disse ela. — Saí com pressa e esqueci minhas luvas.

— Não há necessidade de pressa, pequena. A noite é uma criança.

— Uma respiração ruidosa passou pelo dragão, direto ao longo de seu corpo. — Achei que poderíamos falar sobre estrelas.

Tané olhou para o céu, onde pequenos olhos prateados estavam começando a espiar.

— Estrelas, Nayimathun?

— Sim. Eles ensinam a sabedoria das estrelas em suas Casas de Aprendizagem?

— Um pouco. Na Casa Sul, nossos professores nos disseram os nomes das constelações e como encontrar nosso caminho com elas. — Tané hesitou. — Na aldeia em que nasci, dizem que as estrelas são os espíritos das pessoas que fugiram do Inominável. Eles escalaram escadas e se esconderam nos céus para esperar o dia em que todo cuspidor de fogo morrerá no mar.

- Os aldeões podem ser mais sábios do que os estudiosos.
- Nayimathun olhou para ela. — Você é minha cavaleira agora, Tané. Você tem, portanto, direito ao conhecimento de minha espécie.

Nenhum de seus professores jamais lhe disse que isso iria acontecer.

- Seria uma honra recebê-lo — disse ela.

Nayimathun voltou seu olhar para o céu. Seus olhos ficaram mais brilhantes, como se fossem espelhos da lua.

- Luz das Estrelas — ela disse. — É o que nos deu origem. Todos os dragões do Oriente vieram primeiro dos céus.

Enquanto ela se sentava ao lado do dragão, Tané admirava seus chifres brilhantes, a franja de espinhos abaixo de sua mandíbula e sua coroa, azul como uma contusão recente. Esse era o órgão que permitia que ela voasse.

Nayimathun a viu olhando.

- Essa parte de mim marca o lugar onde meus ancestrais caíram das estrelas e bateram com a cabeça no fundo do mar — disse ela.

- Eu pensei... — Tané molhou os lábios. — Nayimathun, me perdoe, mas pensei que dragões viessem de ovos.

Ela sabia que sim. Ovos como vidro embaçado, lisos e úmidos, cada um com um brilho iridescente. Eles podiam ficar por séculos na água antes que um dragão se contorcesse como um ser minúsculo e frágil. Ainda assim, questionar um deus fez sua voz tremer.

- Agora, sim — Nayimathun disse. — Mas nem sempre foi assim.

- Ela levantou a cabeça para encarar o céu novamente. — Nossos ancestrais vieram do cometa que você chama de Luz de Kviriki, antes que houvesse

qualquer filho da carne. Choveu luz na água, e dessa água surgiram os dragões.

Tané olhou para ela.

— Mas, Nayimathun — disse ela. — Como pode um cometa fazer um dragão?

— Deixa uma substância. A luz das estrelas derretida que cai no mar e nos lagos. Quanto a como a substância se transformou em dragões, esse é um conhecimento que não posso. O cometa vem do plano celestial e ainda não o ocupei.

— Quando o cometa passa — Nayimathun continuou, — estamos com força total. Colocamos ovos, eles eclodem e recuperamos todos os presentes que outrora possuímos. Mas lentamente, nossa força enfraquece. E devemos aguardar a próxima vinda do cometa para devolvê-la.

— Não há outra maneira de recuperar sua força?

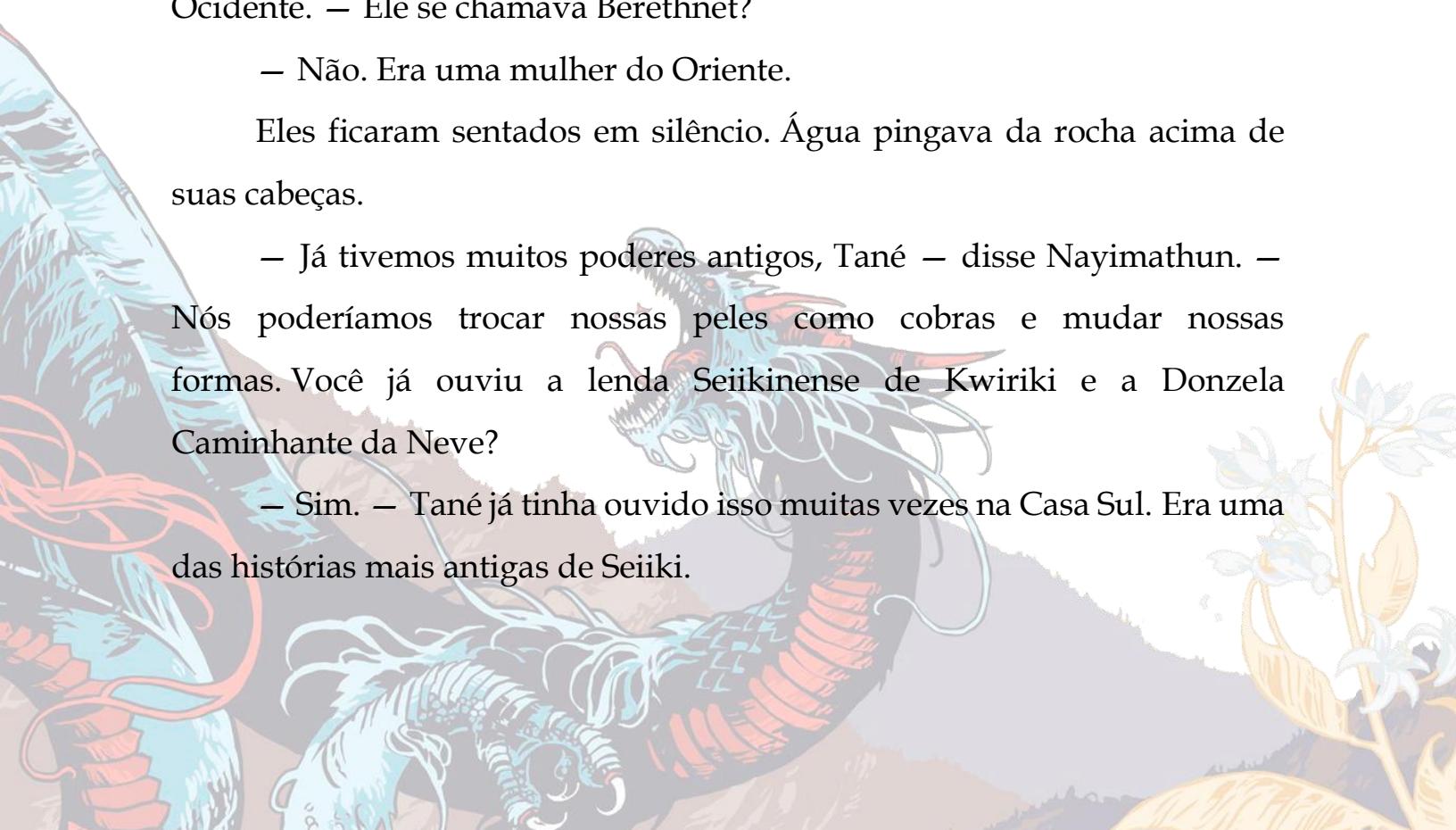
Nayimathun olhou para ela com aqueles olhos antigos. Tané se sentiu muito pequena sob seu olhar.

— Outros dragões podem não compartilhar isso com seus cavaleiros, Miduchi Tané — ela resmungou, —, mas eu te presentearei com outro pedaço de conhecimento.

— Obrigada.

Calafrios a percorreram. Certamente ninguém vivo era digno de tanta sabedoria de um deus.

— O cometa acabou com a Grande Tristeza, mas já veio a este mundo muitas vezes antes — disse Nayimathun. — Uma vez, muitas luas atrás, ele deixou para trás duas joias celestiais, cada uma infundida com seu



poder. Fragmentos sólidos de si mesmo. Com eles, nossos ancestrais podiam controlar as ondas. A presença deles nos permitiu manter nossas forças por mais tempo do que podíamos antes. Mas eles estão perdidos há quase mil anos.

Sentindo a tristeza no dragão, Tané acariciou suas escamas. Embora brilhassem como as escamas de um peixe, tinham cicatrizes rasgadas por dentes e chifres.

— Como esses objetos preciosos foram perdidos? — ela perguntou.

Nayimathun soltou o chocalho mais suave por entre os dentes.

— Quase mil anos atrás, um humano os usou para dobrar o mar sobre o Inominável — ela disse. — Foi assim que ele foi derrotado. Depois disso, as duas joias saíram da história, como se nunca tivessem existido.

Tané balançou a cabeça.

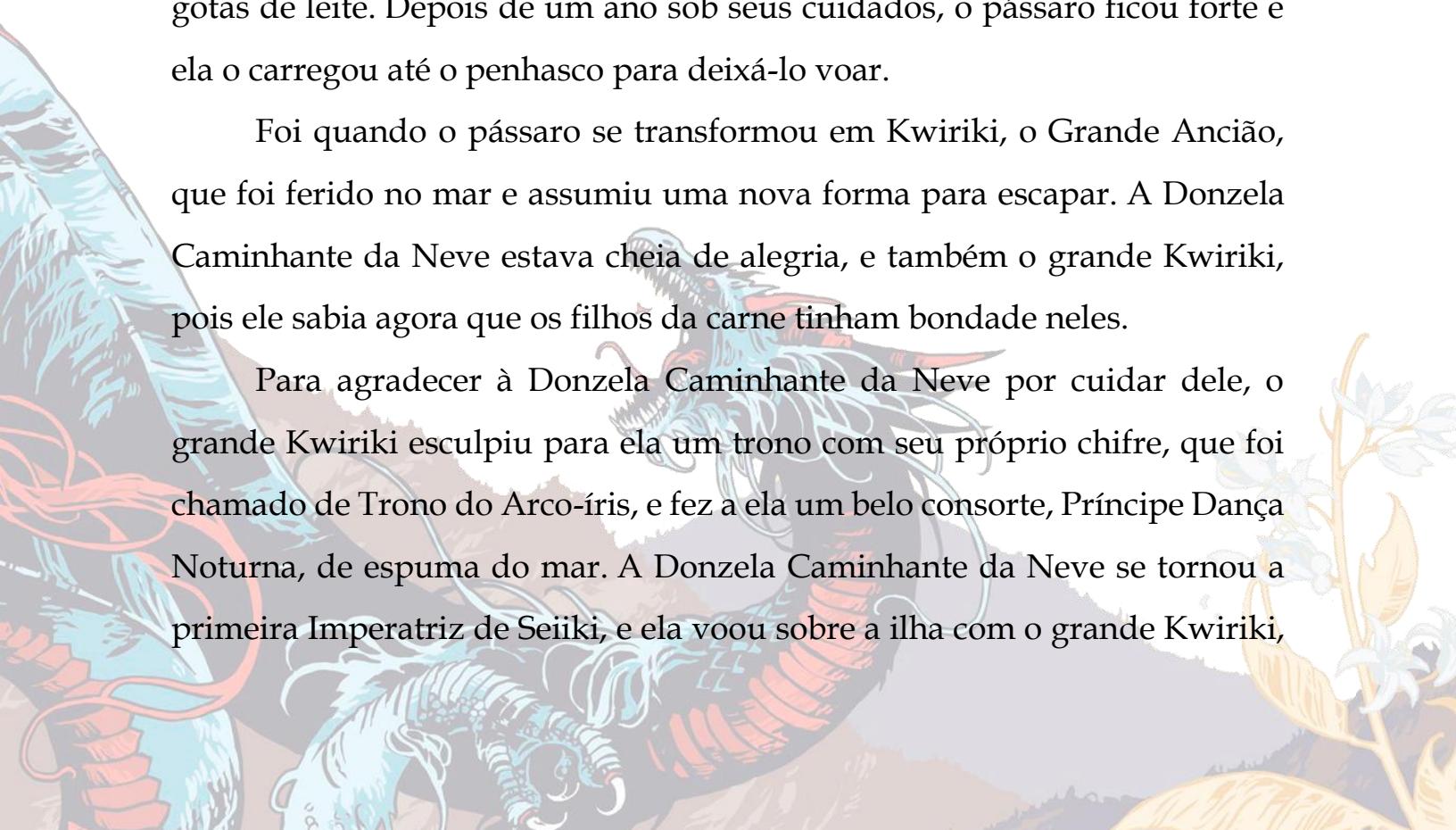
— Um humano — ela repetiu. Ela se lembrou das lendas do Ocidente. — Ele se chamava Berethnet?

— Não. Era uma mulher do Oriente.

Eles ficaram sentados em silêncio. Água pingava da rocha acima de suas cabeças.

— Já tivemos muitos poderes antigos, Tané — disse Nayimathun. — Nós poderíamos trocar nossas peles como cobras e mudar nossas formas. Você já ouviu a lenda Seiikinense de Kwiriki e a Donzela Caminhante da Neve?

— Sim. — Tané já tinha ouvido isso muitas vezes na Casa Sul. Era uma das histórias mais antigas de Seiiki.



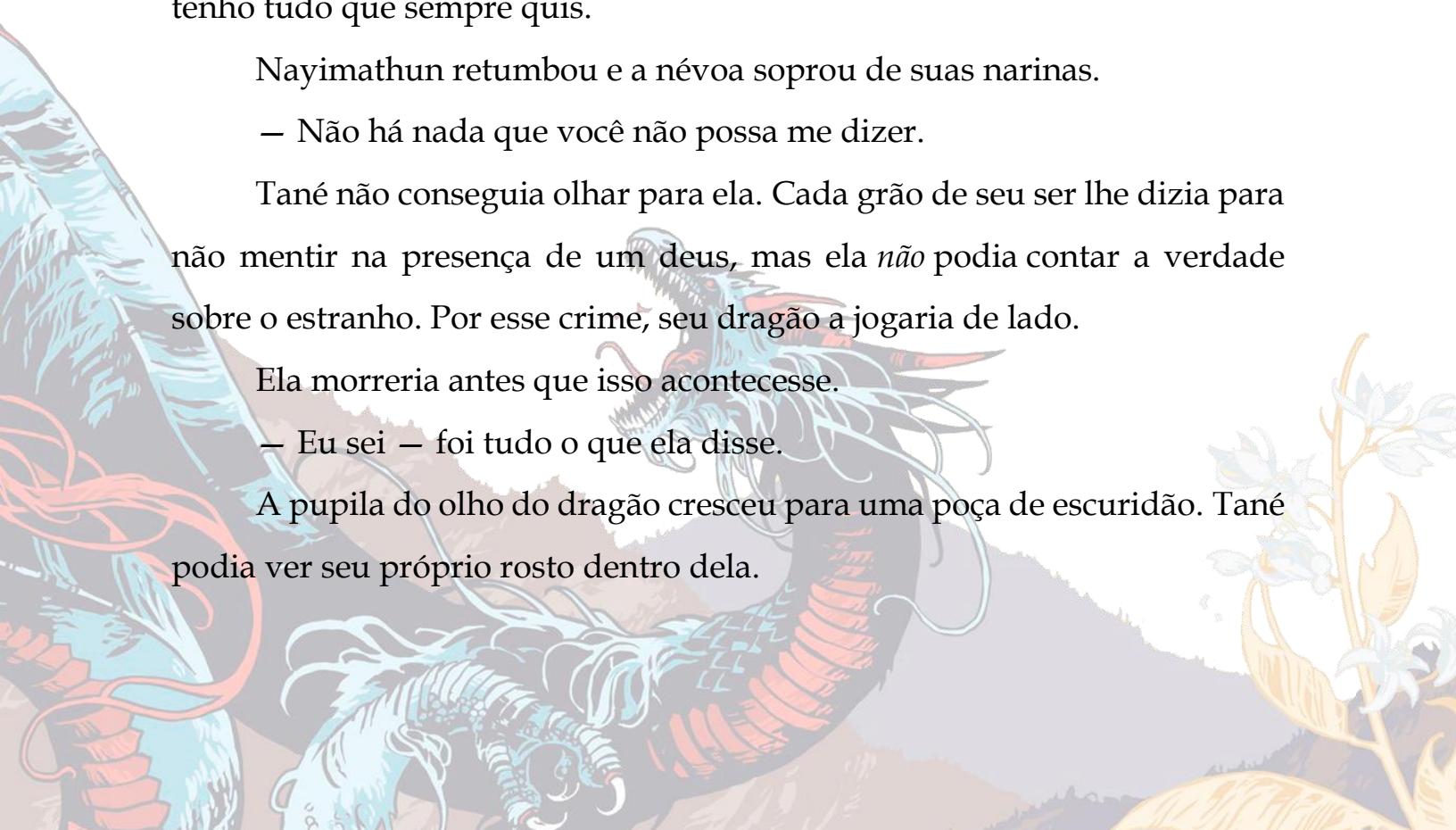
Há muito tempo, quando emergiram das ondas pela primeira vez, os dragões do mar de Sundance concordaram entre si em fazer amizade com os filhos da carne, cujas fogueiras tinham visto em uma praia próxima. Eles haviam trazido peixes dourados para mostrar suas boas intenções – mas os ilhéus, desconfiados e com medo, jogaram lanças nos dragões, e eles desapareceram tristemente nas profundezas do mar, para não serem vistos novamente por anos.

Uma jovem, porém, testemunhou a chegada dos dragões e lamentou sua ausência. Todos os dias ela vagava pela grande floresta e cantava sobre sua tristeza pelas belas criaturas que haviam vindo para a ilha por tão pouco tempo. Na história, ela não tinha nome, como muitas mulheres nas histórias antigas. Ela era apenas *a Donzela Caminhante da Neve*.

Em uma manhã amarga, a Donzela Caminhante da Neve encontrou um pássaro ferido em um riacho. Ela consertou sua asa e o alimentou com gotas de leite. Depois de um ano sob seus cuidados, o pássaro ficou forte e ela o carregou até o penhasco para deixá-lo voar.

Foi quando o pássaro se transformou em Kwiriki, o Grande Ancião, que foi ferido no mar e assumiu uma nova forma para escapar. A Donzela Caminhante da Neve estava cheia de alegria, e também o grande Kwiriki, pois ele sabia agora que os filhos da carne tinham bondade neles.

Para agradecer à Donzela Caminhante da Neve por cuidar dele, o grande Kwiriki esculpiu para ela um trono com seu próprio chifre, que foi chamado de Trono do Arco-íris, e fez a ela um belo consorte, Príncipe Dança Noturna, de espuma do mar. A Donzela Caminhante da Neve se tornou a primeira Imperatriz de Seiiki, e ela voou sobre a ilha com o grande Kwiriki,



ensinando o povo a amar os dragões e não mais machucá-los. Sua linhagem governou Seiiki até que eles morreram na Grande Tristeza, e o Primeiro Senhor da Guerra pegou em armas para vingá-los.

— A história é verdadeira. Kwiriki assumiu a forma de um pássaro. Com o tempo, poderíamos aprender a assumir muitas formas — disse Nayimathun. — Poderíamos mudar nosso tamanho, tecer ilusões, conceder sonhos... tanto era o nosso poder.

Mas não mais.

Tané ouviu o mar abaixo. Ela se imaginou como uma concha, carregando aquele rugido em sua barriga. Quando suas pálpebras ficaram mais pesadas, Nayimathun olhou para ela.

— Algo incomoda você.

Tané ficou tensa.

— Não — ela disse. — Só estava pensando em como estou feliz. Eu tenho tudo que sempre quis.

Nayimathun retumbou e a névoa soprou de suas narinas.

— Não há nada que você não possa me dizer.

Tané não conseguia olhar para ela. Cada grão de seu ser lhe dizia para não mentir na presença de um deus, mas ela *não* podia contar a verdade sobre o estranho. Por esse crime, seu dragão a jogaria de lado.

Ela morreria antes que isso acontecesse.

— Eu sei — foi tudo o que ela disse.

A pupila do olho do dragão cresceu para uma poça de escuridão. Tané podia ver seu próprio rosto dentro dela.

— Eu queria levar você de volta ao castelo — disse Nayimathun, — mas devo descansar esta noite.

— Compreendo.

Um rosnado baixo rolou por Nayimathun. Ela falou como se fosse para si mesma.

— Ele está se mexendo. A sombra pesa sobre o Ocidente.

— Quem está se mexendo?

O dragão fechou os olhos e baixou a cabeça para trás no pescoço.

— Fique comigo até o amanhecer, Tané.

— Claro.

Tané deitou-se de lado. Nayimathun se moveu para mais perto e enrolou-se em torno dela.

— Durma — ela disse. — As estrelas vão cuidar de nós.

Seu corpo bloqueou o vento. Enquanto Tané cochilava contra o dragão com que sempre sonhou, embalada pelos batimentos cardíacos, ela teve a curiosa sensação de que estava no útero novamente.

Ela também teve a sensação de que algo estava se fechando sobre ela. Como uma rede em volta de um peixe se contorcendo.



Capítulo 26

Oeste

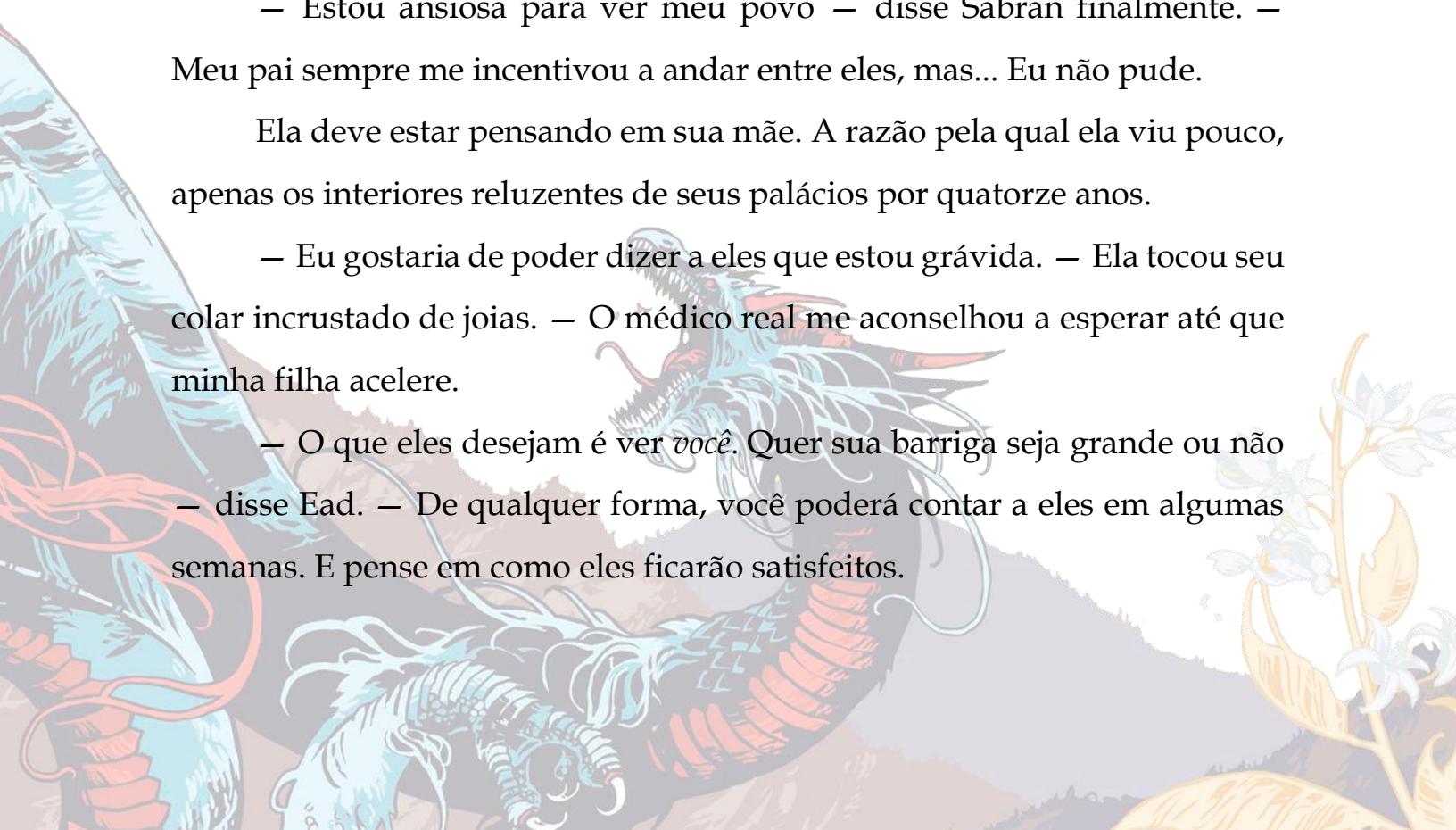
Notícias da procissão real para Ascalon se espalharam por Inys, da Baía de Balefire até os alcances enevoados de penhascos Caídos. Após quatorze longos anos, a Rainha Sabran se apresentaria ao povo da capital, e a capital se prepararia para recebê-la. Antes que Ead percebesse, o dia já havia chegado.

Enquanto se vestia, ela escondeu suas lâminas. Duas foram por baixo de suas saias, outra ela enfiou atrás do bordado em forma de V no busto, uma quarta em uma de suas botas. A adaga ornamental carregada por todas as Damas do Quarto de Dormir era a única que ela podia exibir.

Às cinco da tarde, ela se juntou a Katryen nos aposentos reais e foi com ela despertar Sabran e Roslain.

Para sua primeira aparição pública desde sua coroação, as damas de companhia tinham que deixar a rainha mais do que bonita. Elas tinham que torná-la divina. Ela estava vestida com veludo como a noite, um cinto de cornalina e uma estola de pele simples, fazendo-a se destacar contra o cetim de bronze enfeitado e as peles marrons ao seu redor. Dessa forma, ela invocaria memórias da Rainha Rosarian, que adorava usar azul.

Um broche em forma de espada estava preso ao corpete. Só ela, em toda Virtudom, tomava o próprio Santo como seu patrono.



Roslain, cujo cabelo estava adornado com cristais âmbar e vermelho, se encarregou de escolher as joias. Ead pegou um pente. Segurando Sabran pelo ombro, ela roçou os dentes pela cascata de cabelo preto até que cada mecha deslizasse entre seus dedos.

Sabran estava como um pilar. Seus olhos estavam feridos de insônia.

Ead suavizou sua escovação. Sabran inclinou a cabeça em seu toque. A cada passada do pente, sua postura perdia um pouco da tensão e o molde de sua mandíbula se suavizava. Enquanto ela trabalhava, Ead colocou as pontas dos dedos no lugar nu atrás da orelha de Sabran, mantendo-a imóvel.

— Você está muito bonita hoje, Ead — disse Sabran.

Foi a primeira vez que ela falou desde que se levantou.

— Sua Majestade é gentil em dizer isso. — Ead brincou com um nó teimoso. — Você está ansiosa para sua visita à cidade?

Sabran ficou algum tempo sem responder. Ead continuou penteando.

— Estou ansiosa para ver meu povo — disse Sabran finalmente. — Meu pai sempre me incentivou a andar entre eles, mas... Eu não pude.

Ela deve estar pensando em sua mãe. A razão pela qual ela viu pouco, apenas os interiores reluzentes de seus palácios por quatorze anos.

— Eu gostaria de poder dizer a eles que estou grávida. — Ela tocou seu colar incrustado de joias. — O médico real me aconselhou a esperar até que minha filha acelere.

— O que eles desejam é ver *você*. Quer sua barriga seja grande ou não — disse Ead. — De qualquer forma, você poderá contar a eles em algumas semanas. E pense em como eles ficarão satisfeitos.



A rainha estudou seu rosto. Então, inesperadamente, ela a pegou pela mão.

— Conte-me, Ead — disse ela — como é que você sempre sabe o que dizer para me consolar?

Antes que Ead pudesse responder, Roslain se aproximou. Ead se afastou e a mão de Sabran escorregou da dela, mas ela ainda sentia seu toque fantasma contra sua palma. Seus ossos finos. As vieiras de seus nós dos dedos.

Sabran deixou que suas damas a guiassem até a penteadeira. Katryen se encarregou de avermelhar seus lábios, enquanto Ead trançou seis mechas de seu cabelo e as enrolou em uma roseta na parte de trás de sua cabeça, deixando o resto solto e ondulando. Por último, veio uma coroa de prata.

Assim que ela estava pronta, a rainha se viu no vidro. Roslain endireitou a coroa.

— Só um último toque — disse ela, e colocou um colar em volta da garganta de Sabran. Safiras e pérolas, e um pingente em forma de cavalo-marinho. — Você se lembra.

— Claro. — Sabran traçou o pingente, sua expressão distante. — Minha mãe me deu.



Roslain colocou a mão em seu ombro.

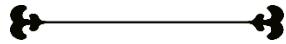
— Deixe-a ficar com você agora. Ela ficaria muito orgulhosa.

A Rainha de Inys estudou o vidro por mais um momento. Finalmente, ela recuperou o fôlego e se virou.

— Minhas senhoras — disse ela, com um sorriso fraco. — Como estou?

Katryen prendeu uma mecha de cabelo em sua coroa e acenou com a cabeça.

— Como o sangue do Santo, Sua Majestade.



Às dez horas, o céu estava cegando em seu azul. As damas de companhia escoltaram Sabran até os portões de Casa Briar, onde Aubrecht Lievelyn estava esperando em uma capa grande com os seis Duques Espirituais. Seyton Combe, como sempre, tinha um sorriso clemente nos lábios. Ead se coçava para limpá-lo.

Ele podia parecer satisfeito consigo mesmo, mas claramente não havia feito nenhum progresso na questão dos assassinos. Nem, para sua frustração, Ead. Por mais que quisesse investigar, seus deveres a deixavam com tão pouco tempo.

Se os assassinos voltassem a atacar, seria hoje.

Enquanto Sabran colocava a mão na carruagem real, Igrain Crest estendeu a mão para a neta.

— Roslain — ela disse, sorrindo. — Como você está adorável hoje, criança. A joia do meu mundo.

— Oh, Avó, você é muito generosa. — Roslain fez uma reverência e beijou-a na bochecha. — Tenha um bom dia.

— Esperemos mesmo que *seja* um bom dia, Dama Roslain — Senhor Ritshard Eller murmurou. — Não gosto da rainha caminhando entre os comuns.

— Tudo ficará bem — disse Combe. O colarinho de sua libré refletia a luz do sol. — Sua Majestade e Sua Alteza Real estão bem protegidos. Não estão, Sir Tharian?

— Hoje como nunca, Vossa Graça — disse Lintley, com uma reverência inteligente.

— Hm. — Eller não parecia convencido. — Muito bem, Sir Tharian.

Ead compartilhou um olhar com Roslain e Katryen. Enquanto eles se afastavam do palácio para o centro da cidade, ela olhou pela janela.

Ascalon era a primeira e única capital de Inys. Suas ruas de paralelepípedos eram o lar de milhares de pessoas de todos os cantos de Virtudom e além. Antes de Galian retornar a essas ilhas, elas eram uma colcha de retalhos de territórios em constante guerra, governados por um excesso de senhores e príncipes. Galian havia unido todos eles sob uma coroa. Sua coroa.

Dizem que a capital que ele construiu, em homenagem a sua espada, já fora um paraíso. Agora estava tão cheia de velhacaria e sujeira como qualquer outra cidade.

A maioria dos edifícios era de pedra. Depois do Século da Dor, quando o fogo atingiu Inys, uma lei foi aprovada para proibir telhados de palha. Apenas um punhado de casas de madeira, projetadas por Rosarian a Segunda, foi permitido permanecer, por sua beleza. Madeira escura, disposta em desenhos opulentos, formava um contraste marcante com o branco de seu enchimento.

As casas dos mais ricos eram realmente ricos. A ala da rainha ostentava cinquenta artesãos do ouro e o dobro de artesãos da prata. Rua Hend era

para oficinas, onde inventores desenvolviam novas armas para defender Inys. Na Ilha de Knells, Pounce Lane era para poetas e dramaturgos, Brazen Alley para livreiros. Produtos de outras partes do mundo eram vendidos no grande mercado de Werald. Cobre Lassiano brilhante e joias de cerâmica e ouro. Pinturas Mentish, marchetaria e cerâmica vidrada com sal. Vidro raro da velha Serene República de Carmentum. Queimadores de perfume e pedra celeste de Ersyr.

Nos bairros mais pobres que o grupo real visitaria hoje, como Kine End e Setts, a vida era menos bonita. Nesses bairros ficavam as ruínas, os bordéis – disfarçados de estalagens para evitar a Ordem dos Santos – e cervejarias onde ladrões contavam moedas roubadas.

Dezenas de milhares de Inysh estavam em força, esperando por um vislumbre de sua rainha. A visão deles causou inquietação em Ead. Não houve assassinos desde o casamento, mas ela tinha certeza de que a ameaça ainda não havia diminuído.

A procissão real parou em frente ao Santuário de Nossa Senhora, que se acreditava abrigar o túmulo de Cleolind. (Ead sabia que não.) Era a construção mais alta de Inys, mais alta ainda do que a Torre de Alabastro, feita de uma pedra clara que brilhava sob o sol.

Ead saiu da carroça para a luz. Já fazia muito tempo que ela caminhara pelas ruas de Ascalon, mas ela as conhecia bem. Antes de Chassar apresentá-la a Sabran, ela havia passado um mês aprendendo cada veia e nervo da cidade para que encontrasse seu caminho se precisasse fugir da corte.

Uma multidão se reuniu nos degraus do santuário, faminta pela atenção de sua soberana. Eles espalharam flores da rainha e lírios-joias sobre os paralelepípedos. Enquanto as damas de honra e os Extraordinários Conselheiros saíam de suas carruagens com Oliva Marchyn, Ead avaliou a multidão.

— Não estou vendendo Dama Truyde — disse ela a Katryen.

— Ela tem uma dor de cabeça. — Katryen franziu os lábios. — Um bom dia para isso.

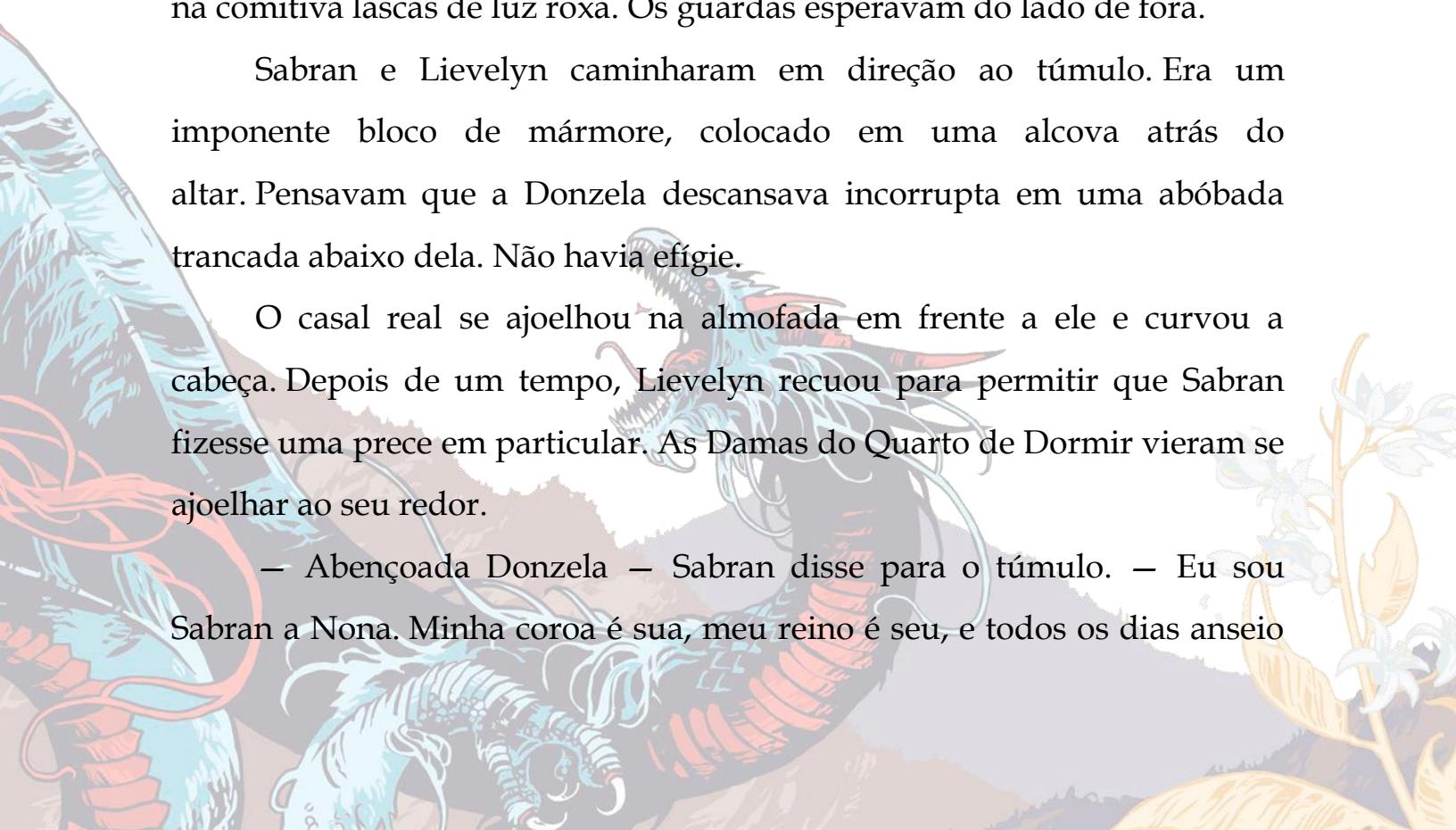
Margret veio ficar ao lado delas.

— Eu esperava muitas pessoas — disse ela, ofegante. — Mas, pelo Santo, acho que toda a cidade veio. — Ela acenou com a cabeça para o treinador real. — Aqui vamos nós.

Ead se preparou.

Quando Lievelyn apareceu, os Inysh comemoraram como se o próprio Santo tivesse voltado. Imperturbável, ele ergueu a mão em saudação antes de estendê-la a Sabran, que saltou com equilíbrio.

O rugido da multidão ficou tão alto, tão rápido, que pareceu a Ead transcender o som e atingir uma fisicalidade. Aquilo arrancou sua respiração e desferiu um golpe em seu interior. Ela sentiu Katryen estremecer de alegria ao lado dela e viu Margret olhar fixamente, enquanto os Inysh caíam de joelhos diante de sua rainha. Os chapéus foram removidos, as lágrimas foram derramadas e ela pensou que os gritos iriam erguer o Santuário de Nossa Senhora do chão. Sabran se erguia como alguém atingido por um raio. Ead a observou absorver tudo. Desde o dia em que foi coroada, ela se



escondeu em seus palácios. Ela havia esquecido o que era para seu povo. A personificação viva da esperança. Seu escudo e sua salvação.

Ela se recuperou rapidamente. Embora ela não tenha acenado, ela sorriu e deu as mãos a Lievelyn. Eles permaneceram lado a lado por um tempo e permitiram que seus súditos os adorassem.

O capitão Lintley foi o primeiro a caminhar, uma das mãos apoiada na espada com cabo côncavo. Os Cavaleiros do Corpo e cerca de trezentos guardas, postados ao longo da rota que tomariam, foram reunidos para proteger a rainha e o príncipe consorte em sua excursão pela cidade.

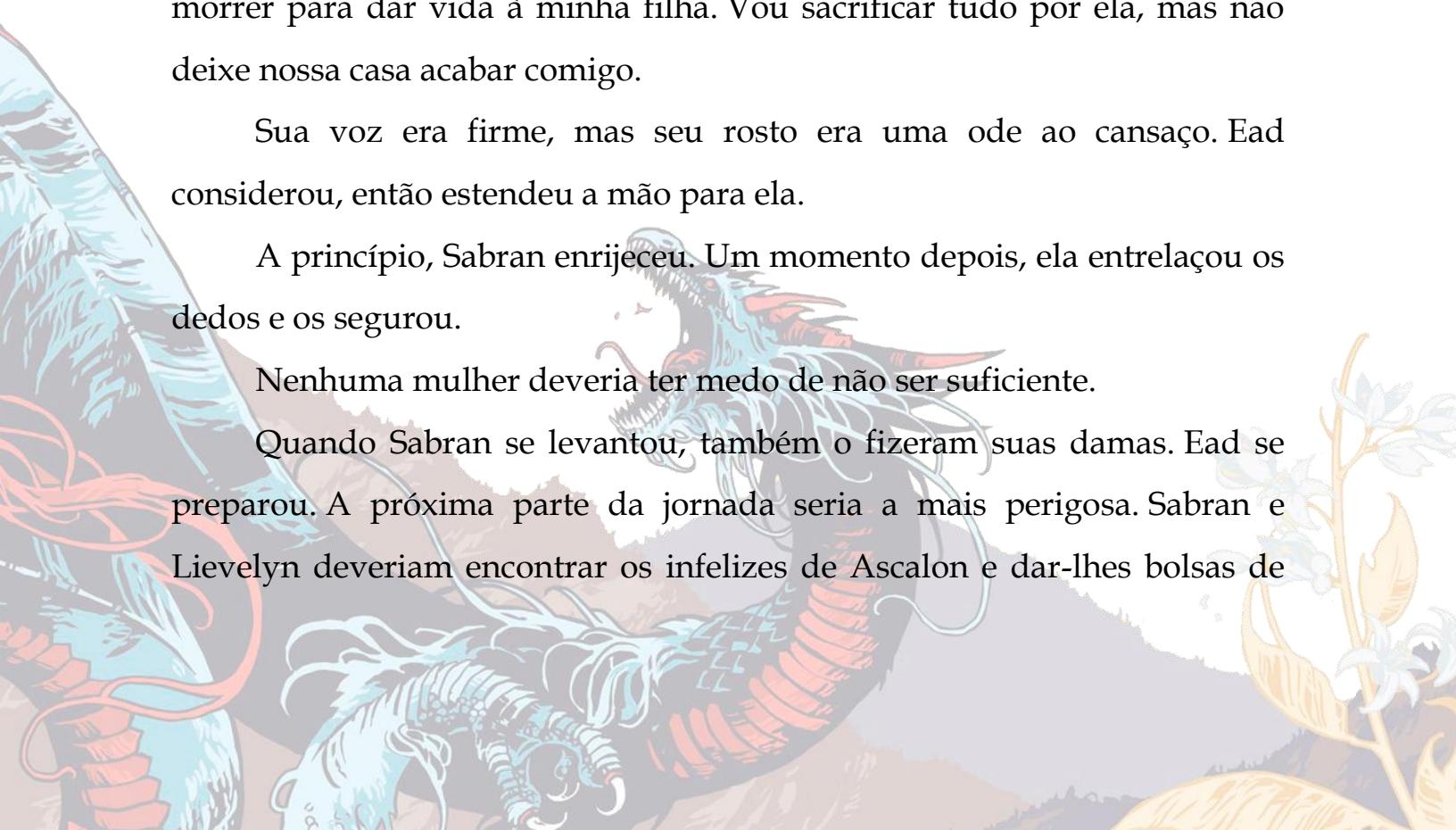
Enquanto ela seguia Sabran, Ead observava a multidão, seu olhar disparando de rosto a rosto, mão a mão. Nenhum bom assassino ignoraria uma oportunidade como essa.

O Santuário de Nossa Senhora era tão magnífico por dentro quanto por fora, com teto abobadado. As janelas do trevo se elevavam, espalhando na comitiva lascas de luz roxa. Os guardas esperavam do lado de fora.

Sabran e Lievelyn caminharam em direção ao túmulo. Era um imponente bloco de mármore, colocado em uma alcova atrás do altar. Pensavam que a Donzela descansava incorrupta em uma abóbada trancada abaixo dela. Não havia efígie.

O casal real se ajoelhou na almofada em frente a ele e curvou a cabeça. Depois de um tempo, Lievelyn recuou para permitir que Sabran fizesse uma prece em particular. As Damas do Quarto de Dormir vieram se ajoelhar ao seu redor.

— Abençoada Donzela — Sabran disse para o túmulo. — Eu sou Sabran a Nona. Minha coroa é sua, meu reino é seu, e todos os dias anseio



por trazer glória à Casa de Berethnet. Desejo possuir sua compaixão, sua coragem e sua paciência.

Ela fechou os olhos e sua voz se tornou o fantasma de uma respiração.

— Confesso — disse ela —, que não sou muito parecida com você. Tenho sido impaciente e arrogante. Por muito tempo eu abandonei meu dever para com este reino, recusando-me a presentear meu povo com uma princesa, e em vez disso procurei meios errôneos de prolongar minha própria vida.

Ead olhou para ela. A rainha tirou a luva com acabamento em pele e pousou a mão no mármore.

Ela estava orando para um túmulo vazio.

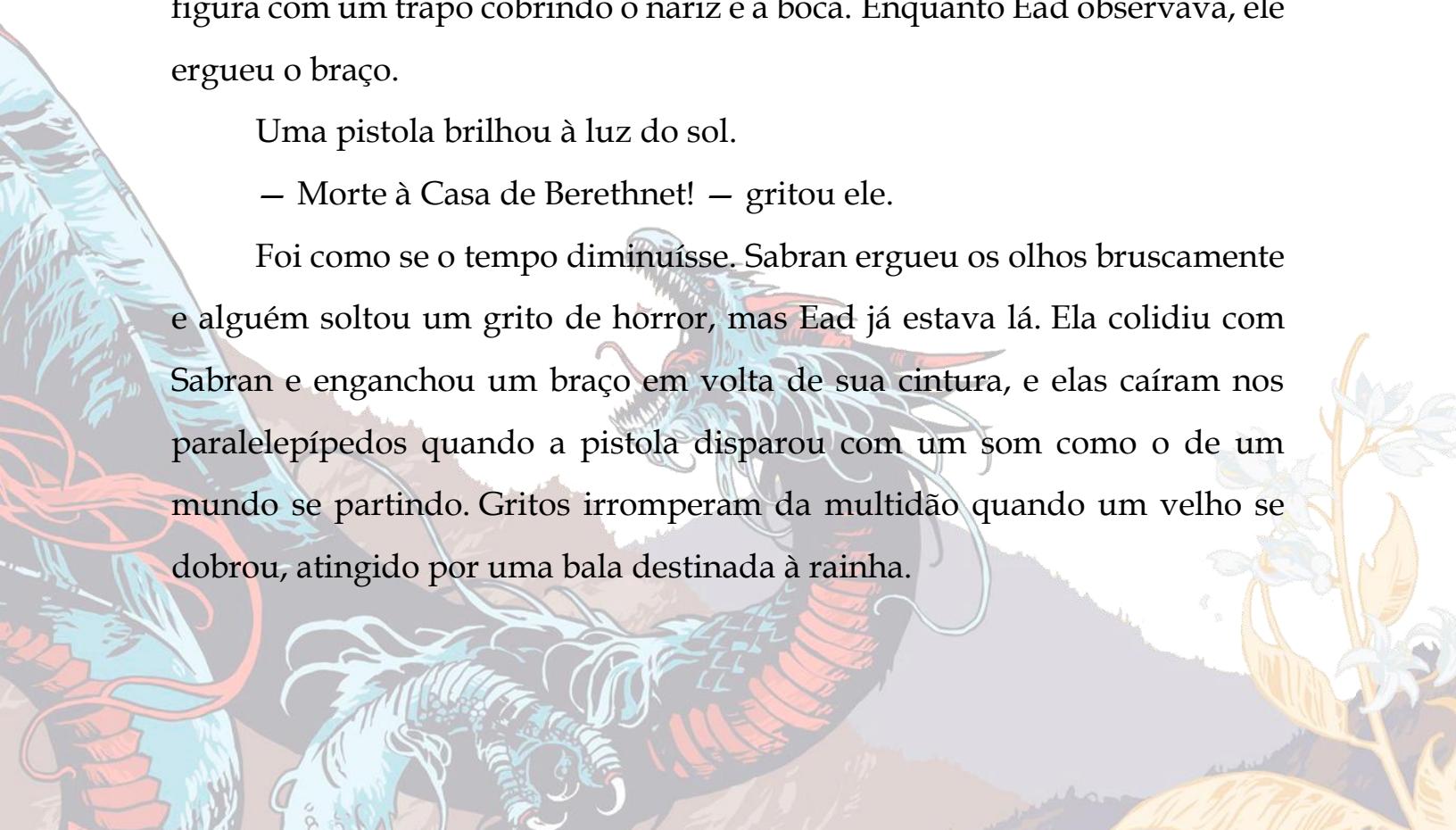
— Eu te peço isso, como sua descendente amorosa. Deixe-me levar minha filha a termo. Que ela seja saudável e vigorosa. Deixe-me dar esperança ao povo de Virtudom. Eu farei qualquer coisa por isso. Vou morrer para dar vida à minha filha. Vou sacrificar tudo por ela, mas não deixe nossa casa acabar comigo.

Sua voz era firme, mas seu rosto era uma ode ao cansaço. Ead considerou, então estendeu a mão para ela.

A princípio, Sabran enrijeceu. Um momento depois, ela entrelaçou os dedos e os segurou.

Nenhuma mulher deveria ter medo de não ser suficiente.

Quando Sabran se levantou, também o fizeram suas damas. Ead se preparou. A próxima parte da jornada seria a mais perigosa. Sabran e Lievelyn deveriam encontrar os infelizes de Ascalon e dar-lhes bolsas de



ouro. Enquanto desciam os degraus do santuário, Sabran ficou perto de seu companheiro.

A comitiva continuaria a pé daqui. Eles seguiram Berethnet Mile pela cidade, flanqueados por guardas da cidade. No meio do caminho, eles cruzaram a Praça Marian e um funileiro gritou:

— Faça nela uma criança ou volte para Mentendon! — Lievelyn permaneceu impassível, mas Sabran apertou a mandíbula. Enquanto o homem era arrastado pelos guardas, ela pegou Lievelyn pela mão.

Para chegar a Kine End, eles tiveram que passar pela ala de Sylvan-pelo-Rio, onde as ruas eram sombreadas por sempre-vivas, e o Teatro Cornelian pairava sobre as tendas. O barulho era estrondoso, o ar inebriante de excitação.

Quando Sabran parou para admirar um pedaço de pano, algo fez Ead olhar para a padaria do outro lado da rua. Agachado na varanda estava uma figura com um trapo cobrindo o nariz e a boca. Enquanto Ead observava, ele ergueu o braço.

Uma pistola brilhou à luz do sol.

— Morte à Casa de Berethnet! — gritou ele.

Foi como se o tempo diminuisse. Sabran ergueu os olhos bruscamente e alguém soltou um grito de horror, mas Ead já estava lá. Ela colidiu com Sabran e enganchou um braço em volta de sua cintura, e elas caíram nos paralelepípedos quando a pistola disparou com um som como o de um mundo se partindo. Gritos irromperam da multidão quando um velho se dobrou, atingido por uma bala destinada à rainha.

Ead pousou com força em seu quadril, enrolando-se em torno de Sabran, que a agarrou em retorno, um braço cruzado sobre sua barriga. Ead a pegou e a entregou a Lievelyn. Ele a empurrou para longe da direção do tiroteio.

— A rainha — berrou o capitão Lintley. — Todas as espadas para a rainha!

— Lá em cima. — Ead apontou. — Mate ele!

O atirador já havia corrido para a próxima varanda. Lintley mirou com sua besta, mas errou por um centímetro. Ele amaldiçoou e carregou outra.

Ead se colocou na frente de Sabran. Lievelyn desembainhou sua espada e protegeu suas costas. As outras damas de companhia se espalharam ao redor de sua rainha. Enquanto seu olhar sombreava o atirador, que agora estava pulando como um antílope entre os telhados, Ead ficou fria. Ela olhou para o outro lado da rua.

Eles não usavam viseiras. Não como os assassinos do palácio. Em vez disso, seus rostos estavam escondidos por máscaras contra a peste, do tipo que os médicos usavam para se proteger no Século da Dor. Quando o primeiro deles irrompeu da multidão e avançou contra o grupo real, Ead arremessou a adaga de seu cinto. Atingiu o atacante mais próximo na garganta.

A multidão se fragmentou. No caos, o próximo atacante estava de repente em cima deles.

— Foda-se a Casa de Berethnet — ele gritou para Sabran. Ele se chocou contra um dos Cavaleiros do Corpo, que o empurrou e apontou sua espada para ele. — Salve o Inominável!

— O Deus da Montanha! — A invocação foi feita por perto. — Seu reino virá!

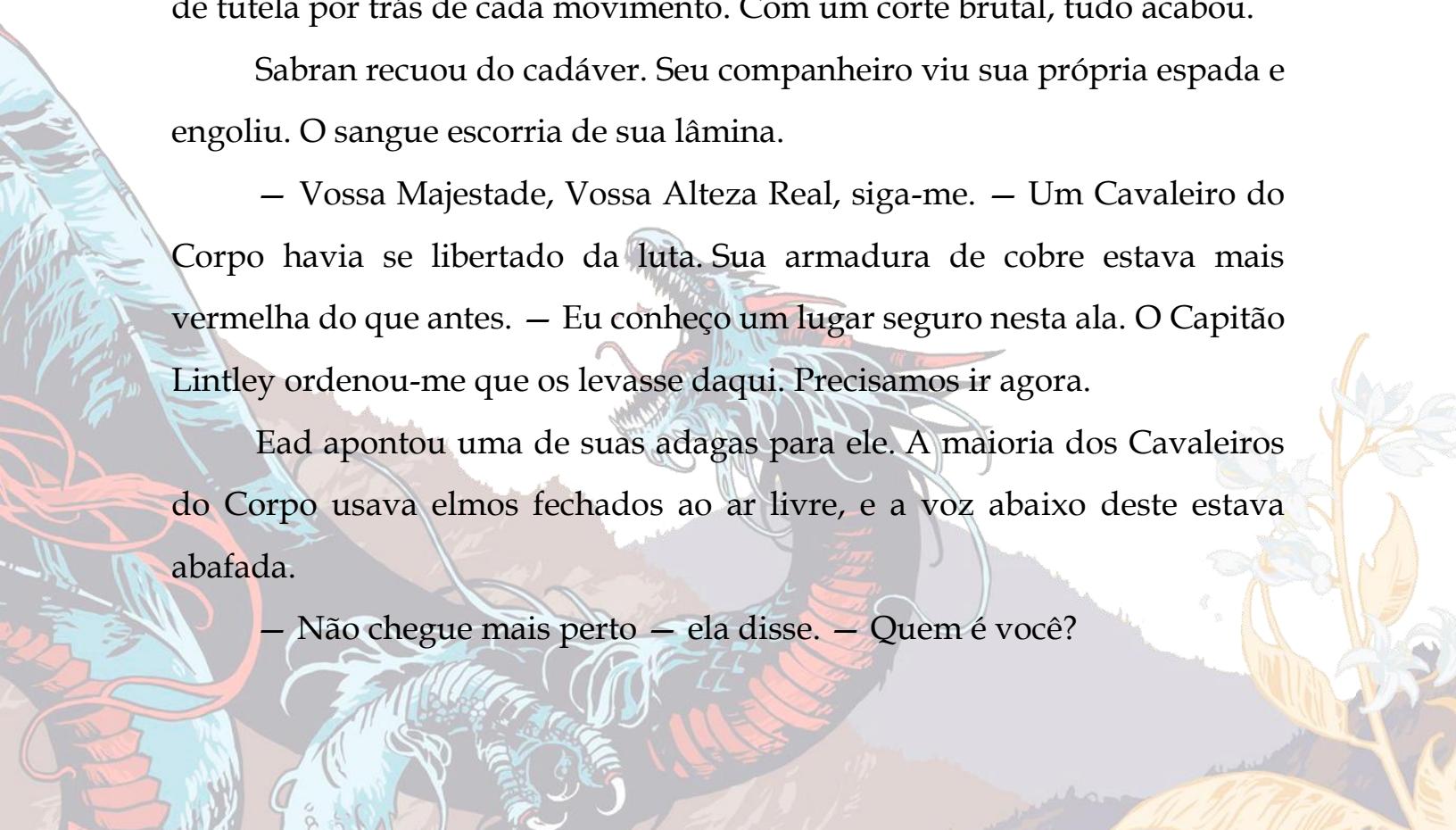
Condenadores. Em um piscar de olhos, Lintley trocou besta por espada e cortou a ameaça mais próxima. O galante cavaleiro se foi, substituído por um homem que havia sido escolhido a dedo para proteger a Rainha de Inys. A próxima atacante parou em seu caminho, e quando Lintley avançou sobre ela, ela se virou e fugiu. Um mosquete disparou e explodiu suas entradas nos paralelepípedos.

No caos, Ead procurou o Falcão da Noite, mas havia muito pânico, muitos corpos. Sabran estava enraizada no lugar, os punhos cerrados ao lado do corpo, não curvados.

Uma calma sobrenatural desceu sobre Ead. Ao sacar duas lâminas, ela se esqueceu de que as Damas do Quarto de Dormir não eram educadas em combate. Ela deixou cair o manto de sigilo que ela havia usado por todos esses anos. Tudo o que ela sabia era de seu dever. Manter Sabran viva.

A dança da guerra a estava chamando. Como da primeira vez, quando ela caçou um basilisco. Como o vento em chamas, ela disparou para a próxima onda de atacantes, girando suas lâminas, e eles caíram mortos ao seu redor.

Ela se puxou para trás. Lintley estava olhando para ela, o rosto manchado de sangue. Um grito fez sua cabeça virar. Linora. Ela gritou de terror, implorando, enquanto dois dos condenadores a derrubavam no chão. Ead e Lintley correram em sua direção ao mesmo tempo, mas uma adaga abriu sua garganta, espirrando sangue, e era tarde demais, ela estava perdida.



Ead tentou moderar seu choque, mas a bile escaldou seu estômago. Sabran olhou para sua senhora moribunda. Os Cavaleiros do Corpo cercavam sua rainha, mas eles estavam cercados, a ameaça em toda parte. Outra figura mascarada atacou a realeza, mas Roslain, com uma ferocidade que Ead nunca vira nela, enfiou a adaga em sua coxa. Um grito veio de trás da máscara.

— O Inominável vai subir — uma voz disse, ofegante. — Nós juramos nossa fidelidade. — O nevoeiro obscureceu os olhos. — Morte à Casa de Berethnet!

Roslain foi para sua garganta, mas ele bateu com o punho em sua cabeça, puxando-a de volta. Sabran gritou de raiva. Ead saiu da luta e correu em sua direção no momento em que o patife cortou Lievelyn com uma adaga, que ergueu a espada a tempo de aparar.

A luta que se seguiu foi curta e violenta. Lievelyn era o mais forte, anos de tutela por trás de cada movimento. Com um corte brutal, tudo acabou.

Sabran recuou do cadáver. Seu companheiro viu sua própria espada e engoliu. O sangue escorria de sua lâmina.

— Vossa Majestade, Vossa Alteza Real, siga-me. — Um Cavaleiro do Corpo havia se libertado da luta. Sua armadura de cobre estava mais vermelha do que antes. — Eu conheço um lugar seguro nesta ala. O Capitão Lintley ordenou-me que os levasse daqui. Precisamos ir agora.

Ead apontou uma de suas adagas para ele. A maioria dos Cavaleiros do Corpo usava elmos fechados ao ar livre, e a voz abaixo deste estava abafada.

— Não chegue mais perto — ela disse. — Quem é você?

- Sir Grance Lambren.
- Tire seu elmo.
- Paz, Senhora Duryan. Eu reconheço a voz dele — disse Lievelyn. —

Não é seguro para Sir Grance remover seu elmo.

— Ros... — Sabran esforçava-se para alcançar sua Dama Chefe. — Aubrecht, carregue-a, por favor.

Ead procurou por Margret e Katryen, mas elas não estavam em lugar nenhum. Linora jazia em seu lago de sangue, os olhos vidrados de morte.

Lievelyn pegou Roslain nos braços e seguiu Sir Grance Lambren, que estava empurrando Sabran para longe. Amaldiçoando Lievelyn por sua confiança, Ead correu atrás deles. Os outros Cavaleiros do Corpo se esforçaram para se juntar à rainha, mas foram esmagados.

Como alguém orquestrou tal enxame?

Ela alcançou Sabran e Lievelyn no momento em que Lambren os guiava por uma esquina, fora da vista de Berethnet Mile. Ele os levou por um jardim mortuário coberto de vegetação de um beco, até um santuário que havia caído em ruínas. Ele conduziu seus protegidos reais para dentro, mas quando Ead alcançou as portas, ele bloqueou seu caminho.

- Você deveria encontrar as outras damas, senhora.
 - Vou seguir a rainha, senhor — disse Ead — ou você não vai.
- Lambren não se mexeu. Ela apertou seu aperto em suas adagas.
- Ead — Sabran. — Ead, onde você está?

O cavaleiro ficou como uma estátua por mais um momento antes de se afastar. Assim que Ead passou, ele embainhou sua espada e trancou as

portas atrás deles. Quando ele removeu o elmo, Ead viu o rosto avermelhado de Sir Grance Lambren. Ele lançou a ela um olhar de intensa aversão.

O interior do santuário era tão selvagem quanto o cemitério. Ervas daninhas passaram pelas janelas quebradas. Roslain estava deitada no altar, imóvel, exceto pela ascensão e queda de seu peito. Sabran, que a havia coberto com sua própria capa, estava ao lado dela com compostura externa, segurando sua mão inerte.

Lievelyn andava de um lado para outro, com o rosto contraído.

— Essas pobres almas lá fora. Dama Linora... — O sangue manchava sua bochecha. — Sabran, devo voltar para a rua e ajudar o Capitão Lintley. Você fica com Sir Grance e a Senhora Duryan.

Imediatamente Sabran foi até ele.

— Não. — Ela agarrou seus cotovelos. — Eu ordeno que você fique.

— A minha espada é tão boa quanto qualquer outra, — Lievelyn disse a ela. — Minha Guarda Real...

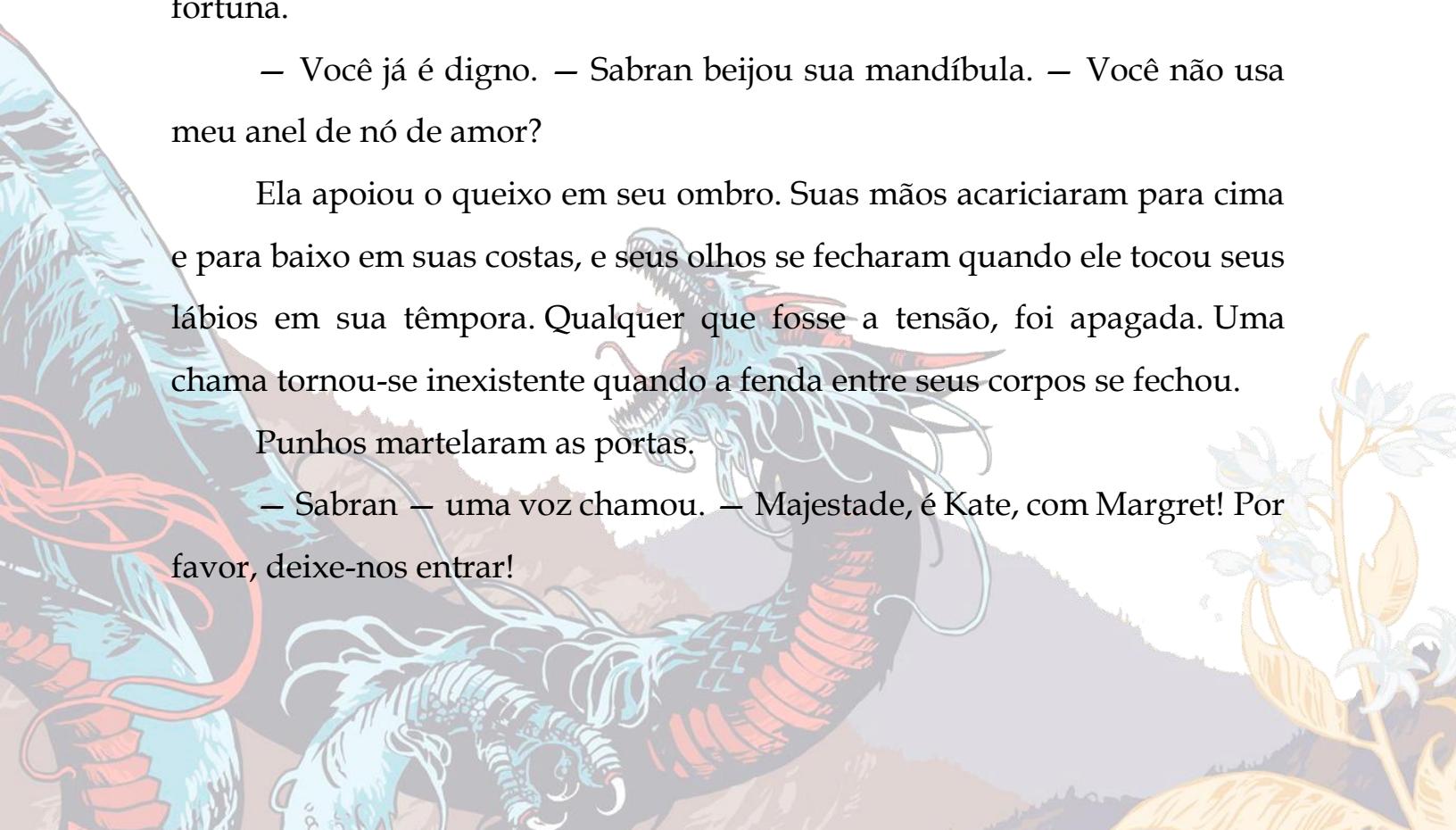
— Meus Cavaleiros do Corpo também estão lá fora — interrompeu Sabran. — Mas se morrermos, seu trabalho para nos proteger será em vão. Eles terão que pensar em nós tanto quanto em si mesmos.

Lievelyn segurou o rosto dela com as mãos.

— Doçura — disse ele. — irei ficar bem.

Pela primeira vez, Ead viu como estava profundamente apaixonado por Sabran e isso a abalou.

— Maldito seja, você é meu companheiro. Você compartilhou minha cama. Minha carne. Meu... meu coração — Sabran disparou para ele. Seu



rosto estava tenso, sua voz áspera. — E você não vai deixar nossa filha sem pai, Aubrecht Lievelyn. Você não vai nos deixar aqui para chorar por você.

Seu rosto se contraiu de uma expressão para outra. Esperança acendeu uma luz em seus olhos.

— É verdade?

Sustentando seu olhar, Sabran pegou sua mão e a guiou até sua barriga.

— É verdade — ela disse muito suavemente.

Lievelyn soltou um suspiro. Um sorriso apareceu em sua boca e ele acariciou sua bochecha com o polegar.

— Então eu sou o mais afortunado de todos os príncipes, — ele sussurrou. — E eu juro para você, nossa filha será a princesa mais amada que já existiu. — Expirando, ele juntou Sabran contra o peito. — Minha rainha. Minha bênção. Amarei vocês duas até ser digno de minha boa fortuna.

— Você já é digno. — Sabran beijou sua mandíbula. — Você não usa meu anel de nó de amor?

Ela apoiou o queixo em seu ombro. Suas mãos acariciaram para cima e para baixo em suas costas, e seus olhos se fecharam quando ele tocou seus lábios em sua têmpora. Qualquer que fosse a tensão, foi apagada. Uma chama tornou-se inexistente quando a fenda entre seus corpos se fechou.

Punhos martelaram as portas.

— Sabran — uma voz chamou. — Majestade, é Kate, com Margret! Por favor, deixe-nos entrar!

— Kate, Meg... — Sabran se afastou de Lievelyn imediatamente. — Deixe-as entrar — ela gritou para Lambren. — Apresse-se, Sir Grance.

Muito lentamente, Ead ouviu o truque. Não era Dama Katryen Withy por trás daquela porta. Era uma imitação. A zombaria de um mímico.

— Não — ela disse bruscamente. — Pare.

— Como você ousa revogar minhas ordens? — Sabran se virou para ela. — Quem te deu autoridade?

Ela estava vermelha de raiva, mas Ead manteve a calma.

— Majestade, não é Katryen...

— Eu acho que deveria conhecer a voz dela. — Sabran acenou com a cabeça para Lambren. — Deixe minhas damas entrarem. Agora.

Ele era um Cavaleiro do Corpo, então ele obedeceu.

Ead não perdeu tempo. Uma de suas adaga já estava cortando o ar quando Lambren destrancou as portas e alguém bateu no santuário. A intrusa evitou a morte rodopiante com um giro hábil, disparou uma pistola contra Lambren e a apontou para Ead.

Lambren desabou com um estrondo de armadura em pedra. A bala estava enterrada entre seus olhos.

— Não se mova, Ersyri, — uma voz disse. A pistola fumegou. — Abaixe essa adaga.

— Então você poderá matar a Rainha de Inys? — Ead permaneceu imóvel. — Eu preferiria que você mantivesse essa pistola no *meu* coração, mas suspeito que você só tem uma bala, caso contrário, todos nós estaríamos mortos.

A assassina não respondeu.

— Quem te mandou? — Sabran endireitou os ombros. — Quem conspira para acabar com a linhagem do Santo?

— O Copeiro não lhe deseja mal, Majestade, exceto quando você não dá ouvidos à razão. Exceto quando você conduz Inys por caminhos, que se não deve trilhar.

Copeiro.

— Caminhos — continuou a mulher, com a voz abafada pela máscara da peste. — Que levarão Inys ao pecado.

Quando a pistola disparou em direção à realeza, Ead jogou sua última adaga. Atingiu a assassina no coração no momento em que a pistola disparou.

Sabran estremeceu. Ead fechou o espaço entre elas e sentiu a umidade em seu corpete, doente de pavor, mas não havia sangue. O vestido ainda estava imaculado.

Atrás deles, Aubrecht Lievelyn se ajoelhou. Suas mãos estavam em seu gibão, onde a escuridão estava se espalhando.

— Sabran — ele murmurou.

Ela virou.

— Não — ela murmurou. — Aubrecht...

Ead observou, como se de uma grande distância, enquanto a Rainha de Inys corria para seu companheiro e o colocava no chão com ela, ofegando seu nome enquanto o sangue de seu coração empapava suas saias. Enquanto ela o abraçava e implorava para que ficasse com ela, mesmo enquanto ele se afastava. Quando ela se dobrou sobre ele, embalando sua cabeça. Enquanto ele ficava imóvel.

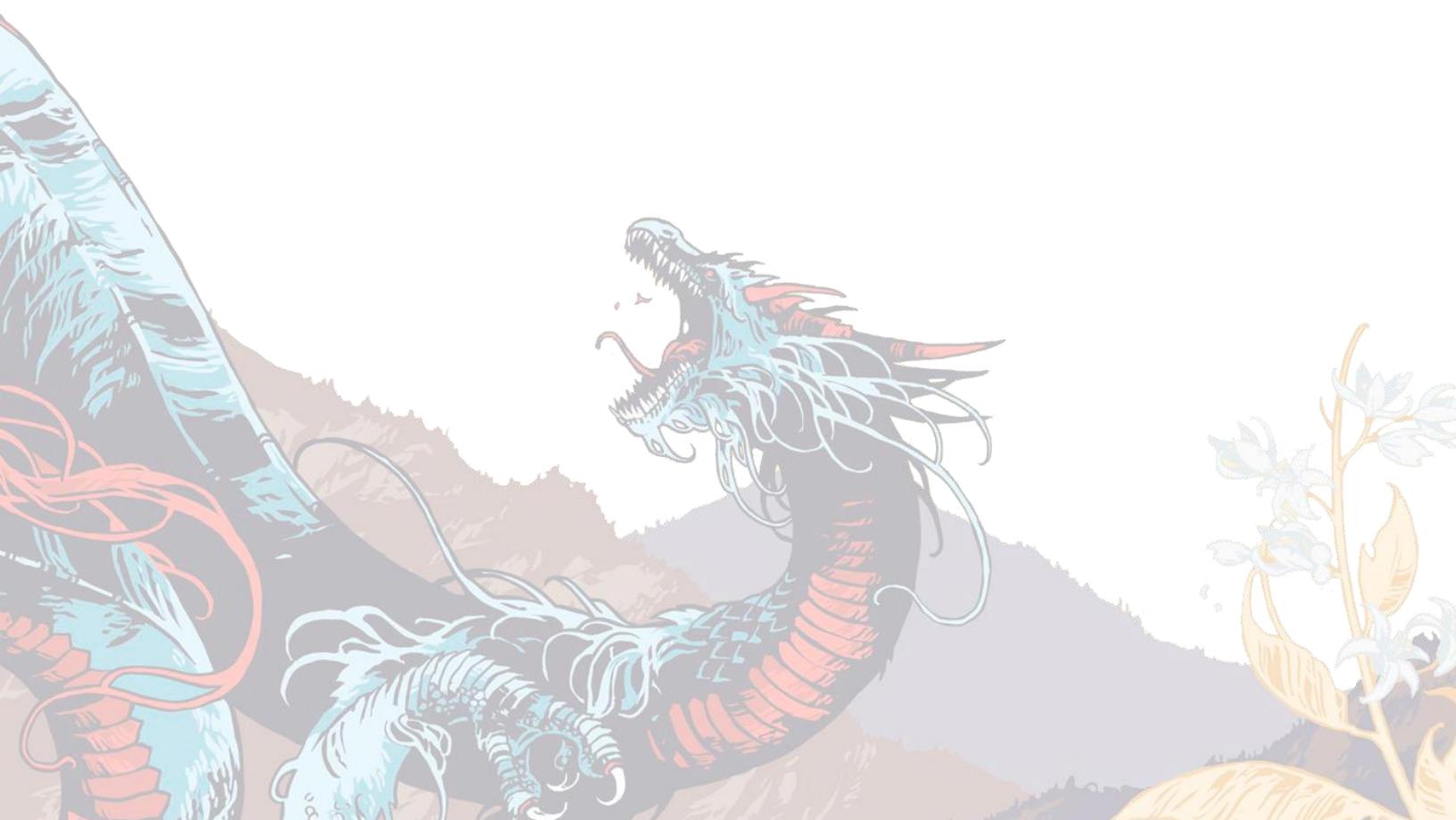
— Aubrecht. — Sabran ergueu os olhos, seus olhos transbordando. — Ead. Ead, ajude-o, por favor...

Ead não teve tempo de ir até ela. As portas se abriram novamente, e um segundo assassino tropeçou no santuário, ofegante. Imediatamente, Ead despiu o Lambren morto de sua espada e prendeu o assassino na parede.

— Tire sua máscara — ela rosnou. — Ou juro para você, vou tirar o rosto por baixo dela.

Duas mãos enluvadas revelaram um semblante pálido. Truyde utt Zeedeur olhou para o Grande Príncipe de Mentendon sem vida.

— Eu nunca quis que ele morresse — ela sussurrou. — Eu só queria ajudá-la, Sua Majestade. Eu só queria que você escutasse.



Capítulo 27

Leste

Niclays Roos estava *tramando*. E era um plano tão perigoso e inflexível que ele quase se perguntou se realmente o tinha inventado, eterno covarde que era.

Ele iria fazer o elixir e comprar seu caminho de volta para o Ocidente mesmo se isso o matasse. E poderia muito bem. Para escapar definitivamente de Orisima e dar um novo ar ao seu trabalho, ele precisava se arriscar. Ele precisava do que a lei Oriental negava a ele.

Ele precisava do sangue de um dragão, para ver como os deuses se renovavam.

E ele sabia exatamente por onde começar.

Os criados estavam ocupados na cozinha.

— Que ajuda podemos ser para o senhor, Doutor Roos? — perguntou uma criada quando Niclays apareceu na porta.

— Eu preciso enviar uma mensagem. — Antes que Niclays perdesse a partícula de coragem que ainda tinha, ele estendeu a carta. — Deve chegar à honrada Dama Tané no Castelo Flor de Sal antes do pôr do sol. Vocês irão levar essa carta para mim?

— Sim, Doutor Roos. Será feito.

— Não diga a eles quem a enviou. — Acrescentou ele calmamente. Ela parecia incerta, mas prometeu que não o faria. Ele entregou a ela dinheiro suficiente para pagar um mensageiro, e ela foi embora.

Tudo o que ele podia fazer agora era esperar.

Felizmente, esperar significava mais tempo para ler. Enquanto Eizaru estava no mercado e Purumé atendia os pacientes, Niclays sentou-se em seu quarto, o gato ronronando ao lado dele, e leu *O Preço do Ouro*, seu texto favorito sobre alquimia. Sua cópia estava bem gasta.

Quando ele passou para um novo capítulo naquela tarde, um pedaço de seda delicada esvoaçou.

Sua respiração ficou presa. Ele recuperou o fragmento do chão e o alisou antes que o gato pudesse despedaçá-lo. Passaram-se anos desde a última vez que se obrigou a olhar para o maior mistério de sua vida.

A maioria dos livros e documentos em sua posse pertenceram a Jannart, que legou metade de sua biblioteca a Niclays, bem como sua esfera armilar, um relógio de vela Lacustre e uma série de outras curiosidades. Havia muitos tomos lindos na coleção – manuscritos iluminados, folhetos raros, livros de orações em miniatura – mas nada havia obcecado Niclays mais do que esse minúsculo pedaço de seda. Não porque foi tocado com uma linguagem que ele não conseguia decifrar, e não porque era claramente muito antigo, mas porque, ao tentar desvendar seu segredo, Jannart perdeu a vida.

Aleidine, sua viúva, o dera a Truyde, que chorou por seu avô fixando-se em suas posses. A criança manteve o fragmento em um medalhão por um ano.

Pouco antes de Niclays partir para Inys, Truyde foi a sua casa em Brygstad. Ela usava uma pequena tiara, e seu cabelo – o cabelo de Jannart – estava enrolado em volta dos ombros.

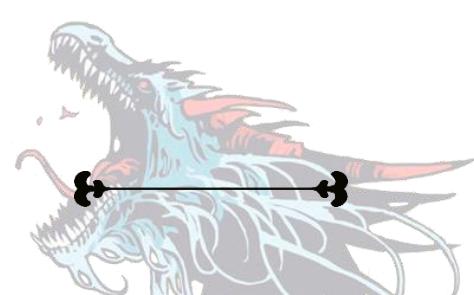
Tio Niclays, ela disse gravemente, eu sei que você vai embora logo. Meu senhor avô estava segurando este pedaço de papel quando morreu. Tentei descobrir o que diz, mas a escola mesquinha não me ensinou o suficiente. Ela o ofereceu com a mão enluvada. Papai disse que você é muito inteligente. Acho que você será capaz de descobrir o que essa escrita significa.

Isso pertence a você, criança ele havia dito, mesmo quando desejava pegá-lo. Sua avó deu a você.

Acho que era para você. Eu gostaria que você o tivesse. Apenas escreva para mim e me diga se você descobrir o que isso significa.

Ele nunca foi capaz de enviar-lhe boas notícias. Com base no roteiro e no material, o fragmento era certamente do antigo Oriente, mas foi tudo o que Jannart coletou dele no momento de sua morte. Anos se passaram, e Niclays ainda não sabia por que o segurava em seu leito de morte.

Ele o enrolou agora, com cuidado, e o encaixou no estojo ornamentado que Eizaru lhe dera. Ele enxugou os olhos, respirou fundo e abriu *O Preço do Ouro* mais uma vez.



Naquela noite, Niclays jantou com Eizaru e Purumé antes de fingir dormir. Ao cair da noite, ele saiu de seu quarto e colocou um chapéu que pertencia a Eizaru. Então ele se escondeu no escuro.

Ele conhecia o caminho para a praia. Evitando os sentinelas, ele passou correndo pelos mercados noturnos, cabeça baixa e bengala na mão.

Não havia pessoas para traer sua chegada à praia. Estava vazio de todos, exceto dela.

Tané Miduchi esperava ao lado de uma piscina de pedra. A aba de um elmo lançou seu rosto nas sombras. Niclays estava sentado à distância.

— Você me honra com sua presença, Dama Tané.

Demorou algum tempo até ela responder.

— Você fala Seiikinês.

— Claro.

— O que você quer?

— Um favor.

— Eu não devo favores a você. — Sua voz era fria e suave. — Eu poderia te matar aqui.

— Suspeitei que você pudesse me ameaçar, e é por isso que deixei um bilhete sobre o seu crime com Doutor Moyaka. — Mentira, mas ela não tinha como saber disso. — A casa dele está dormindo agora, mas se eu não voltar a queimar aquela nota, todos eles saberão o que você fez. Duvido que o General do Mar permita que você mantenha seu lugar entre os cavaleiros, você, que poderia ter deixado a doença vermelha entrar em Seiiki.

— Você julgou mal o que eu faria para manter aquele lugar.

Niclays deu uma risadinha.

— Você deixou um homem inocente e uma jovem para morrer na merda e na urina de uma prisão, tudo para que sua cerimônia especial fosse

como você queria — ele a lembrou. — Não, Dama Tané. Eu não te julguei mal. Eu sinto que te conheço muito bem.

Ela ficou quieta por algum tempo. Então:

— Você disse *jovem*.

Claro, ela não podia ter ideia.

— Duvido que você se importe com o pobre Sulyard — disse Niclays.

— Mas sua amiga do teatro também foi presa. Estremeço ao pensar no que eles podem ter feito para tentar tirar o seu nome dela.

— Você está mentindo.

Niclays observou seus lábios se comprimindo. Eles eram tudo o que ele podia ver de seu rosto.

— Eu ofereço a você uma pechincha justa — disse ele. — Vou sair daqui esta noite e não vou dizer nada sobre o seu envolvimento com Sulyard. Em troca do meu silêncio, você me trará sangue e escama de seu dragão.

Ela se movia como um pássaro voando. De repente, uma lâmina afiada foi pressionada contra sua garganta.

— Sangue — ela sussurrou. — E escama.

Sua mão tremia. O instinto gritou para que Niclays recuasse, mas ele se viu ancorado no lugar.

— Você quer que eu mutile um dragão. Desonrar a carne de um deus, — disse a cavaleira do dragão. Ele podia ver seus olhos agora, e eles cortavam mais fundo do que sua lâmina. — As autoridades farão pior para você do que decapitação. Você será queimado vivo. A água em você está muito poluída para limpar.

— Eu me pergunto se eles vão queimar *você* por seus crimes. Ajudar um invasor. Desprezo da proibição do mar. Colocar toda a Seiiki em risco.

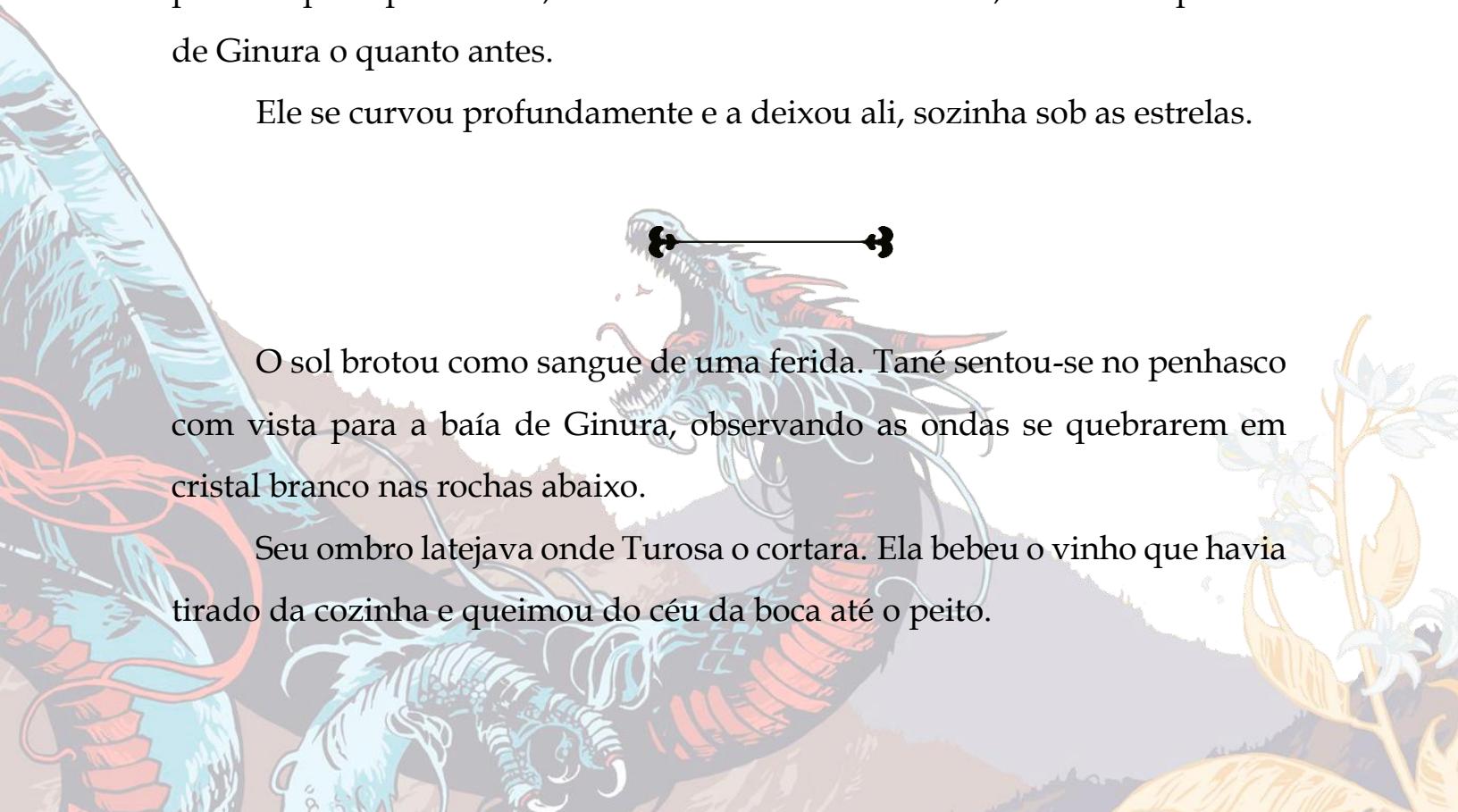
— Niclays rangeu os dentes quando a lâmina dela cravou em seu pescoço. — Sulyard vai confirmar o que eu digo. Ele se lembrava do seu rosto em detalhes, infelizmente, até aquela sua cicatriz. Ninguém ouviu, é claro, mas se eu juntar minha voz à dele...

Ela estava tremendo agora.

— Então — disse ela —, você está me ameaçando. — Ela retirou a lâmina. — Mas não para salvar Sulyard. Você usa o sofrimento dos outros para seu próprio ganho. Você é um servo do Inominável.

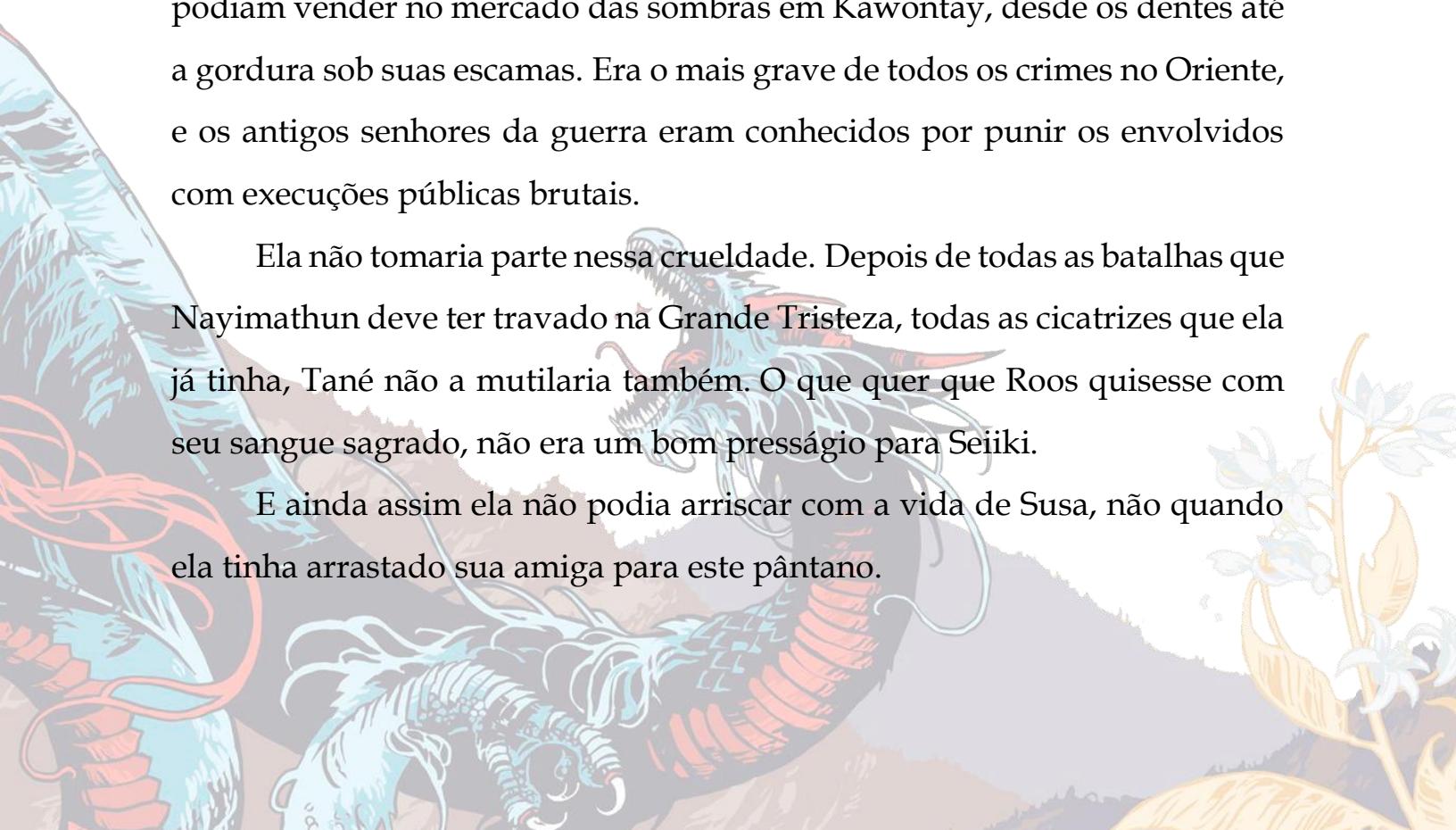
— Oh, nada tão emocionante quanto isso, Dama Tané. Apenas um velho solitário, tentando sair desta ilha para que eu possa morrer em meu próprio país. — O calor umedeceu seu colarinho. — Eu entendo que você pode precisar de algum tempo para obter o que eu preciso. Estarei nesta praia daqui a quatro dias, ao anoitecer. Se você não vier, aconselho que saia de Ginura o quanto antes.

Ele se curvou profundamente e a deixou ali, sozinha sob as estrelas.



O sol brotou como sangue de uma ferida. Tané sentou-se no penhasco com vista para a baía de Ginura, observando as ondas se quebrarem em cristal branco nas rochas abaixo.

Seu ombro latejava onde Turosa o cortara. Ela bebeu o vinho que havia tirado da cozinha e queimou do céu da boca até o peito.



Estas eram suas últimas horas como Dama Tané do Clã Miduchi. Poucos dias depois de receber seu novo nome, ela seria destituída dele.

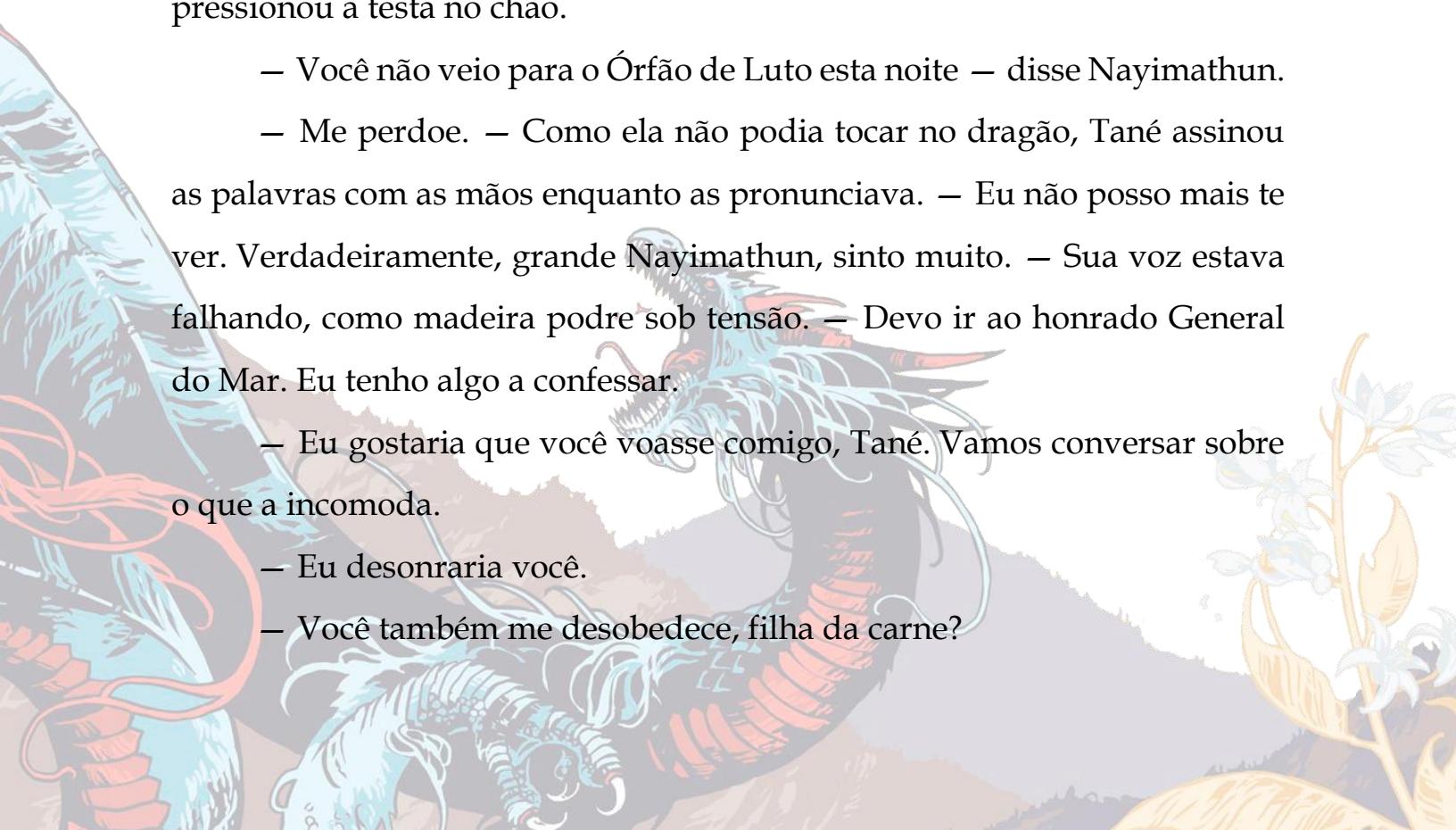
Tané traçou a cicatriz em sua bochecha, a cicatriz que a tornara memorável para Sulyard. A cicatriz de salvar Susa. Não era sua única cicatriz, ela tinha outra marca mais profunda no seu lado. Ela não tinha memória de ter recebido aquela.

Ela pensou em Susa, definhando na prisão. E então ela pensou no que Roos queria que ela fizesse, e seu estômago embrulhou como um peixe em terra firme.

Até mesmo desfigurar a imagem de um dragão era proibido sob pena de morte. Roubar o sangue e a armadura de um deus era mais do que um crime. Havia piratas que usavam nuvem de fogo para adormecer os dragões, transportá-los para navios de tesouro roubados e despojá-los de tudo o que podiam vender no mercado das sombras em Kawontay, desde os dentes até a gordura sob suas escamas. Era o mais grave de todos os crimes no Oriente, e os antigos senhores da guerra eram conhecidos por punir os envolvidos com execuções públicas brutais.

Ela não tomaria parte nessa crueldade. Depois de todas as batalhas que Nayimathun deve ter travado na Grande Tristeza, todas as cicatrizes que ela já tinha, Tané não a mutilaria também. O que quer que Roos quisesse com seu sangue sagrado, não era um bom presságio para Seiiki.

E ainda assim ela não podia arriscar com a vida de Susa, não quando ela tinha arrastado sua amiga para este pântano.



Tané passou os dedos pelo couro cabeludo, puxando os cabelos como às vezes fazia quando era mais jovem. Seus professores sempre batiam em suas mãos para impedi-la.

Não. Ela não faria o que Roos queria. Ela iria ao General do Mar e confessaria o que tinha feito. Isso custaria a ela Nayimathun e seu lugar entre os cavaleiros. Custaria tudo pelo que ela trabalhou desde criança, mas era o que ela merecia, e isso poderia salvar sua única amiga da espada.

— Tané.

Ela ergueu os olhos.

Nayimathun estava à deriva na beira do penhasco. Sua coroa pulsou com luz.

— Grande Nayimathun — Tané murmurou.

Nayimathun inclinou a cabeça. Seu corpo flutuava com o vento, como se ela fosse leve como papel. Tané colocou as mãos na frente dela e pressionou a testa no chão.

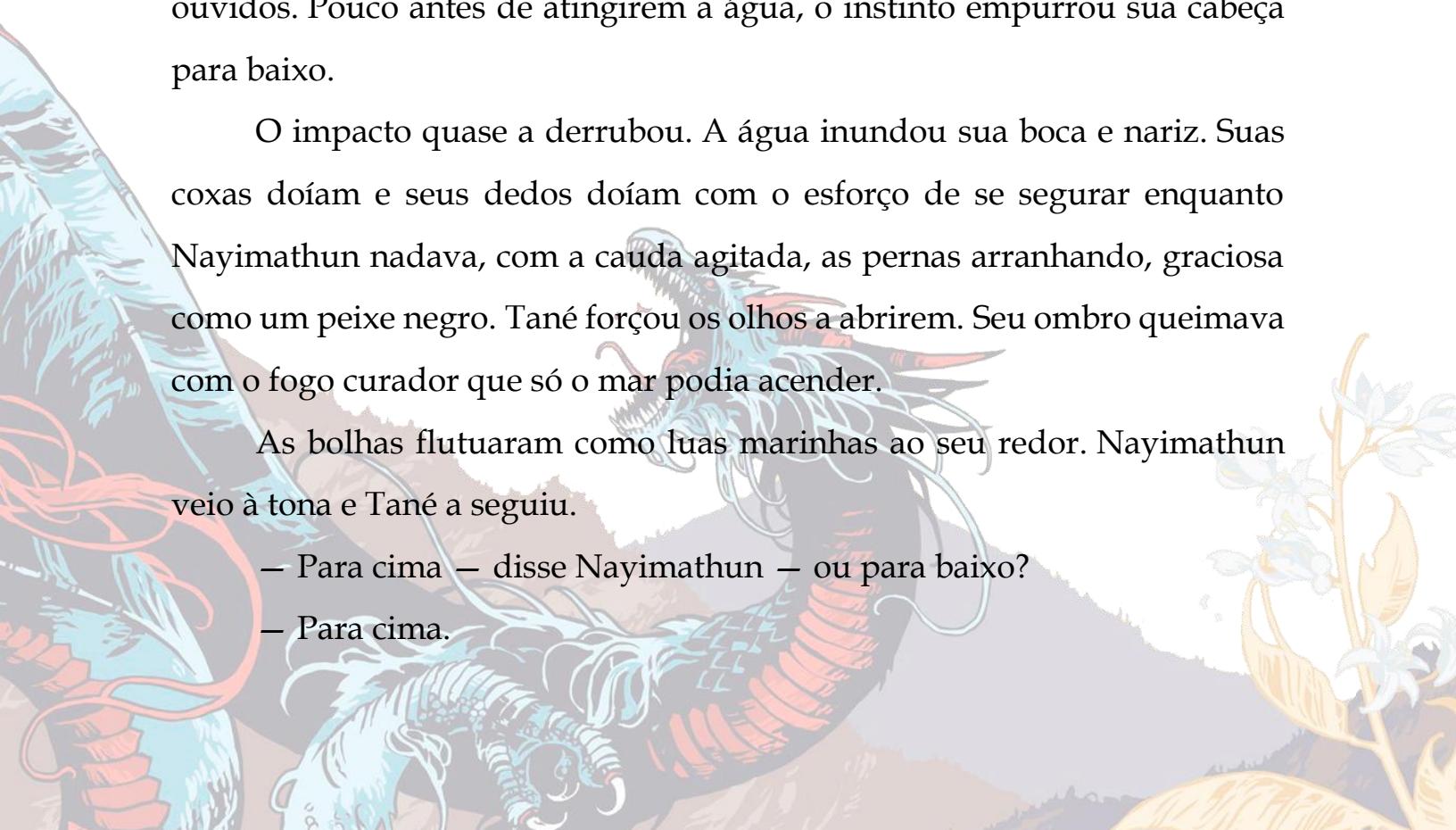
— Você não veio para o Órfão de Luto esta noite — disse Nayimathun.

— Me perdoe. — Como ela não podia tocar no dragão, Tané assinou as palavras com as mãos enquanto as pronunciava. — Eu não posso mais te ver. Verdadeiramente, grande Nayimathun, sinto muito. — Sua voz estava falhando, como madeira podre sob tensão. — Devo ir ao honrado General do Mar. Eu tenho algo a confessar.

— Eu gostaria que você voasse comigo, Tané. Vamos conversar sobre o que a incomoda.

— Eu desonraria você.

— Você também me desobedece, filha da carne?



Aqueles olhos eram anéis de fogo em chamas, e aquela boca cheia de dentes não convidava a discussão. Tané não poderia desobedecer a um deus. Seu corpo era um recipiente de água e toda a água era deles.

Era perigoso, mas possível, cavalgar nas costas de um dragão sem sela. Ela se levantou e deu um passo em direção à beira do penhasco. Calafrios percorreram seus lados quando Nayimathun abaixou a cabeça, permitindo que Tané agarrasse sua crina, colocasse uma bota em seu pescoço e sentasse montada nela. Nayimathun fluiu para longe do castelo... e mergulhou.

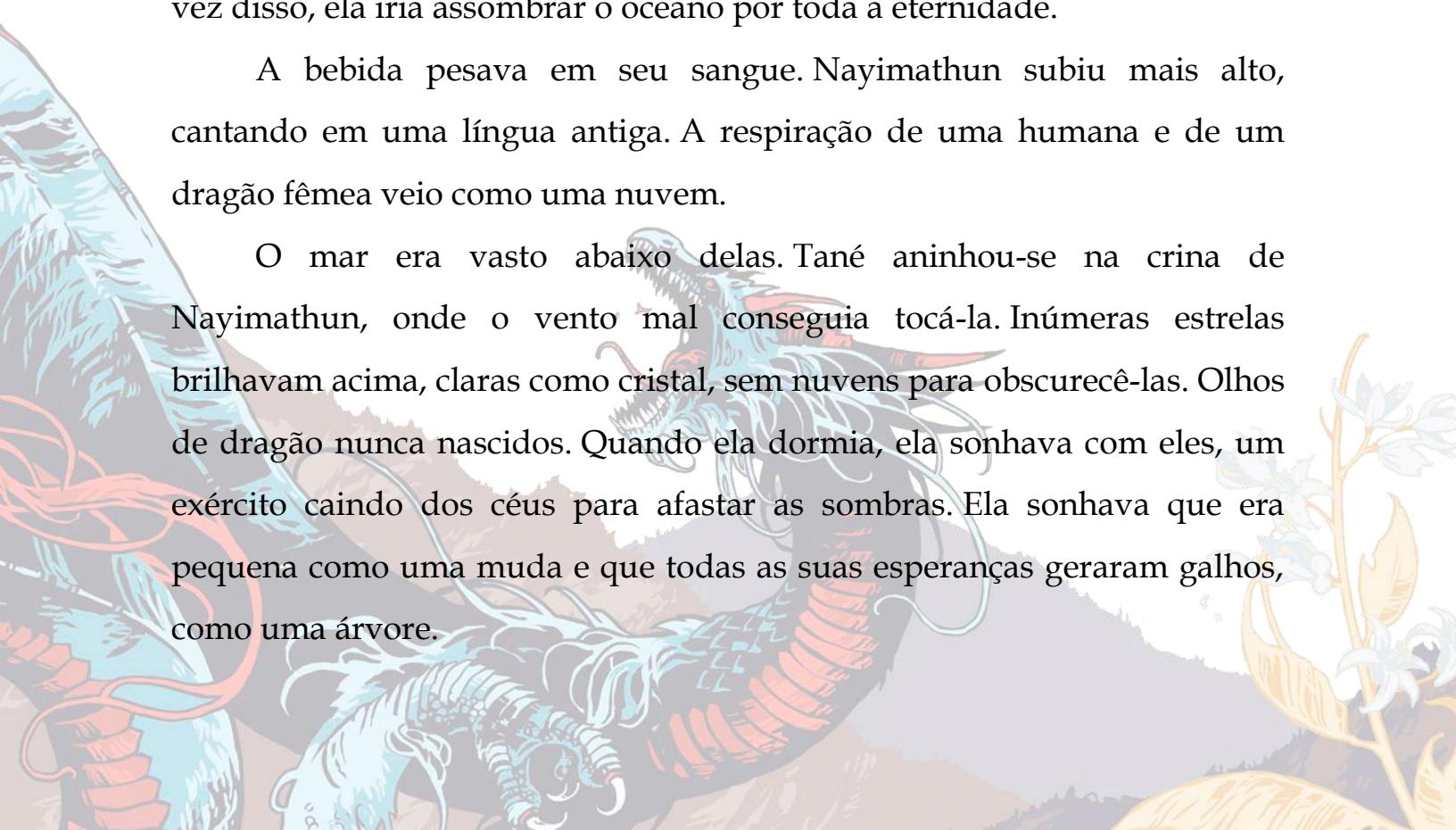
Uma emoção cantou através de Tané quando elas despencaram em direção ao mar. Ela não conseguia respirar de pavor e alegria. Era como se seu coração tivesse sido arrancado de sua boca, preso como um peixe em uma linha.

Uma coluna de pedras correu para encontrá-las. O vento rugia em seus ouvidos. Pouco antes de atingirem a água, o instinto empurrou sua cabeça para baixo.

O impacto quase a derrubou. A água inundou sua boca e nariz. Suas coxas doíam e seus dedos doíam com o esforço de se segurar enquanto Nayimathun nadava, com a cauda agitada, as pernas arranhando, graciosa como um peixe negro. Tané forçou os olhos a abrirem. Seu ombro queimava com o fogo curador que só o mar podia acender.

As bolhas flutuaram como luas marinhas ao seu redor. Nayimathun veio à tona e Tané a seguiu.

- Para cima — disse Nayimathun — ou para baixo?
- Para cima.



Escamas e músculos flexionados sob Tané. Ela apertou as mãos na crina escorregadia. Com um grande salto, Nayimathun estava bem alto sobre a baía, chovendo água sobre as ondas.

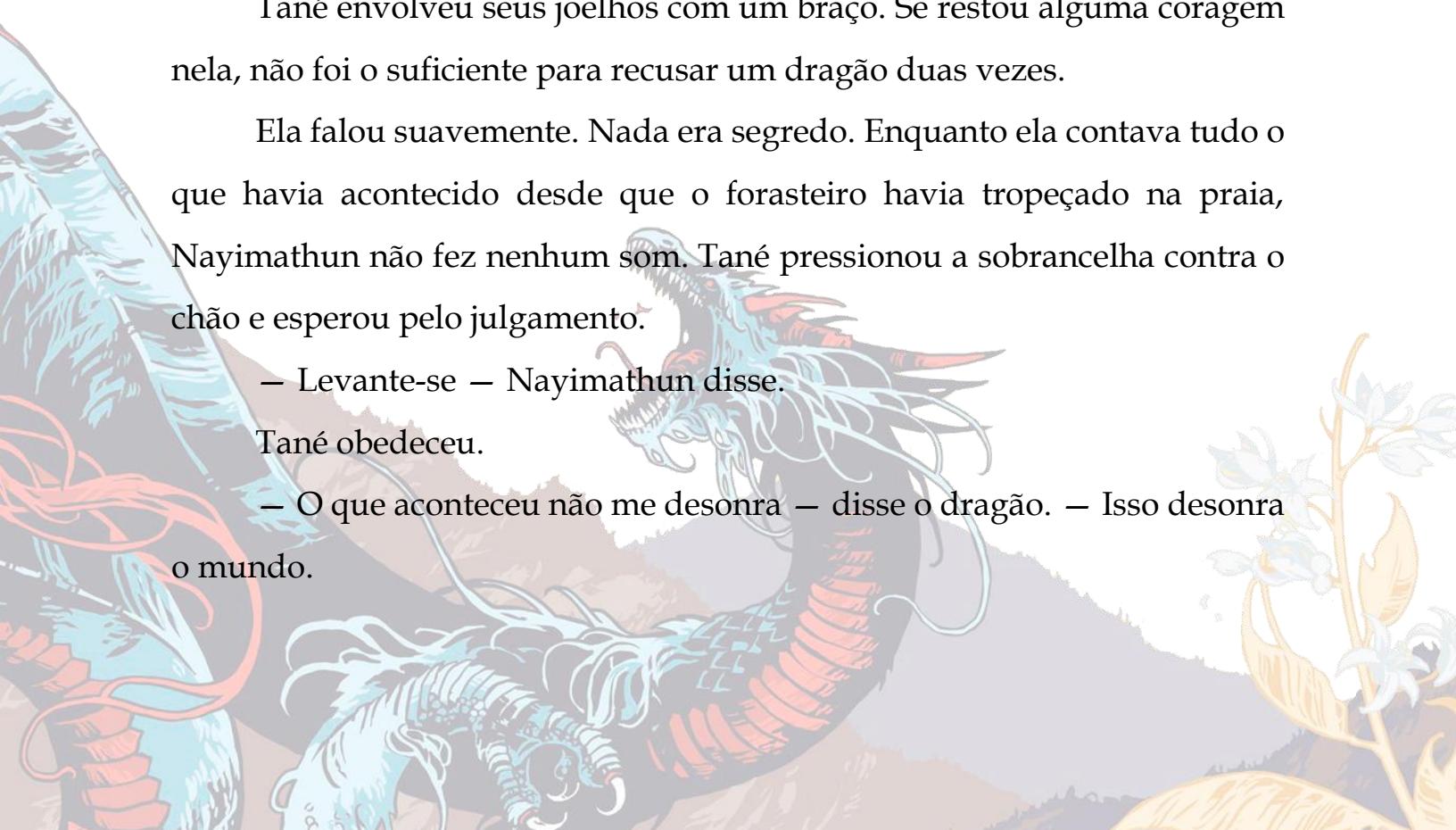
Tané se virou para ver por cima do ombro. Ginura já estava muito abaixo. Parecia uma pintura, real e irreal, um mundo flutuante à beira do mar. Ela se sentia viva, *verdadeiramente* viva, como se nunca tivesse respirado até agora. Aqui, ela não era mais Dama Tané do Clã Miduchi, ou qualquer outra pessoa. Ela estava sem rosto no crepúsculo. Um sopro de vento sobre o mar.

Era assim que sua morte seria. Tartarugas enfeitadas com joias viriam para escoltar seu espírito ao Palácio de Muitas Pérolas, e seu corpo seria entregue às ondas. Tudo o que restaria era espuma.

Pelo menos, era o que teria acontecido se ela não tivesse transgredido. Apenas os cavaleiros podiam descansar com seus dragões. Em vez disso, ela iria assombrar o oceano por toda a eternidade.

A bebida pesava em seu sangue. Nayimathun subiu mais alto, cantando em uma língua antiga. A respiração de uma humana e de um dragão fêmea veio como uma nuvem.

O mar era vasto abaixo delas. Tané aninhou-se na crina de Nayimathun, onde o vento mal conseguia tocá-la. Inúmeras estrelas brilhavam acima, claras como cristal, sem nuvens para obscurecê-las. Olhos de dragão nunca nascidos. Quando ela dormia, ela sonhava com eles, um exército caindo dos céus para afastar as sombras. Ela sonhava que era pequena como uma muda e que todas as suas esperanças geraram galhos, como uma árvore.



Ela se mexeu, quente e apática, com uma leve dor nas têmporas.

Levou algum tempo para acordar completamente, tão profundamente estava sonhando. Ao se lembrar de tudo, sua pele ficou fria novamente e ela percebeu que estava deitada sobre uma rocha.

Ela rolou sobre o quadril. Na escuridão, ela podia apenas ver a forma de seu dragão.

— Onde estamos, Nayimathun?

Escala assobiou na rocha.

— Em algum lugar — o dragão rugiu. — Em lugar nenhum.

Elas estavam em uma caverna de maré. Água lavada de fora. Onde quebrava contra a rocha, luzes pálidas floresciam e diminuíam, como a minúscula lula brilhante que às vezes tinha aparecido nas praias de Cabo Hisan.

— Diga-me — disse Nayimathun —, como você nos desonrou.

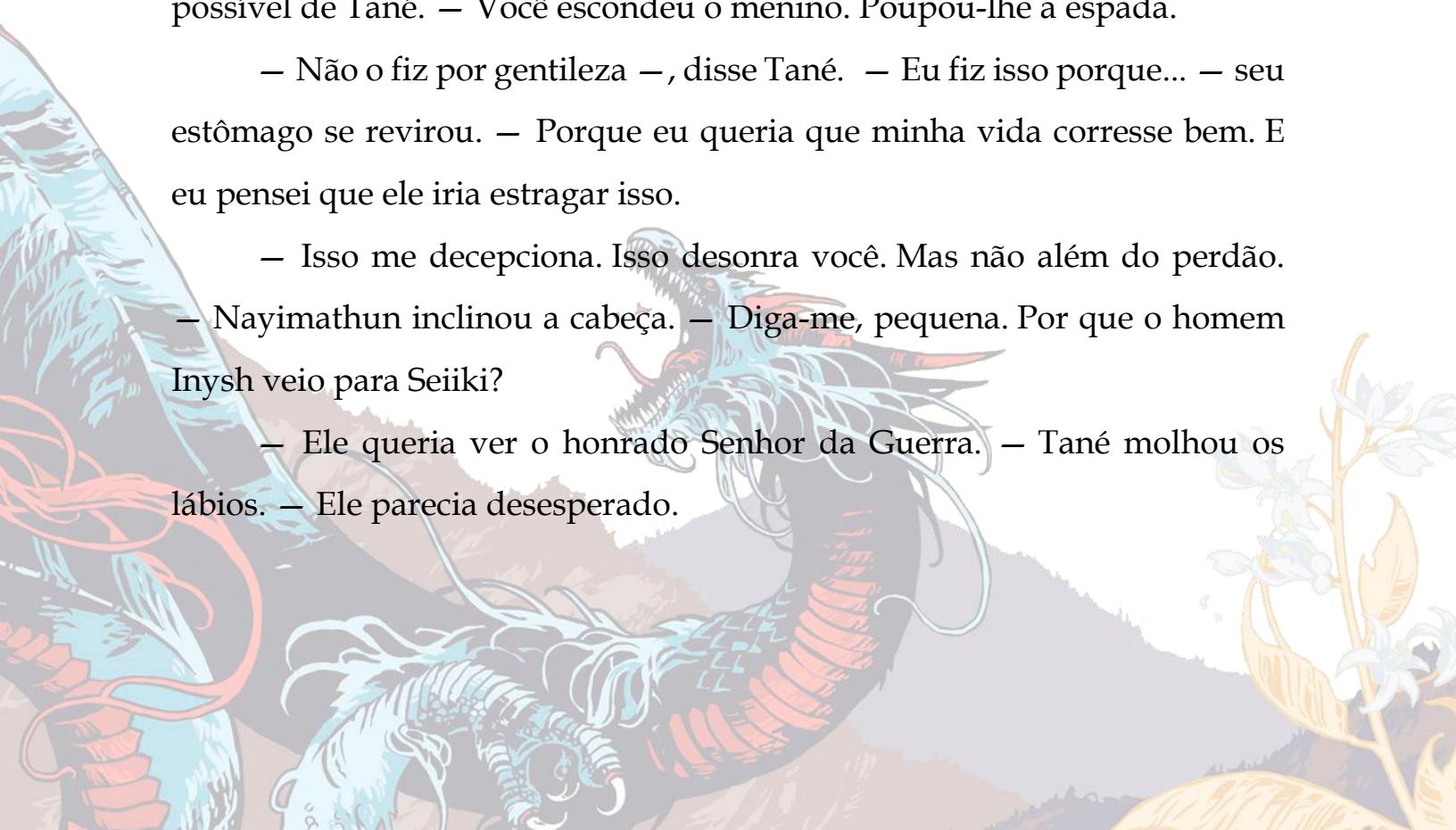
Tané envolveu seus joelhos com um braço. Se restou alguma coragem nela, não foi o suficiente para recusar um dragão duas vezes.

Ela falou suavemente. Nada era segredo. Enquanto ela contava tudo o que havia acontecido desde que o forasteiro havia tropeçado na praia, Nayimathun não fez nenhum som. Tané pressionou a sobrancelha contra o chão e esperou pelo julgamento.

— Levante-se — Nayimathun disse.

Tané obedeceu.

— O que aconteceu não me desonra — disse o dragão. — Isso desonra o mundo.



Tané abaixou a cabeça. Ela havia prometido a si mesma que não choraria novamente.

— Eu sei que não posso ser perdoada, grande Nayimathun. — Ela manteve o olhar nas botas, mas sua mandíbula tremia. — Irei ao honrado General do Mar pela manhã. Você pode escolher outro cavaleiro.

— Não, filha da carne. Você é minha cavaleira, jurou para mim antes do mar. E você está certa de que não pode ser perdoada — disse Nayimathun —, mas apenas porque não houve crime.

Tané olhou para ela.

— *Houve* um crime. — A voz dela tremeu. — Quebrei a reclusão. Eu escondi um estranho. Eu desobedeci ao Grande Édito.

— Não. — Um silvo ecoou pela caverna. — Oeste ou Leste, Norte ou Sul, não faz diferença para o fogo. A ameaça vem de baixo, não de longe.

— O dragão estava deitado no chão, então seus olhos estavam o mais perto possível de Tané. — Você escondeu o menino. Poupou-lhe a espada.

— Não o fiz por gentileza —, disse Tané. — Eu fiz isso porque... — seu estômago se revirou. — Porque eu queria que minha vida corresse bem. E eu pensei que ele iria estragar isso.

— Isso me decepciona. Isso desonra você. Mas não além do perdão. — Nayimathun inclinou a cabeça. — Diga-me, pequena. Por que o homem Inysh veio para Seiiki?

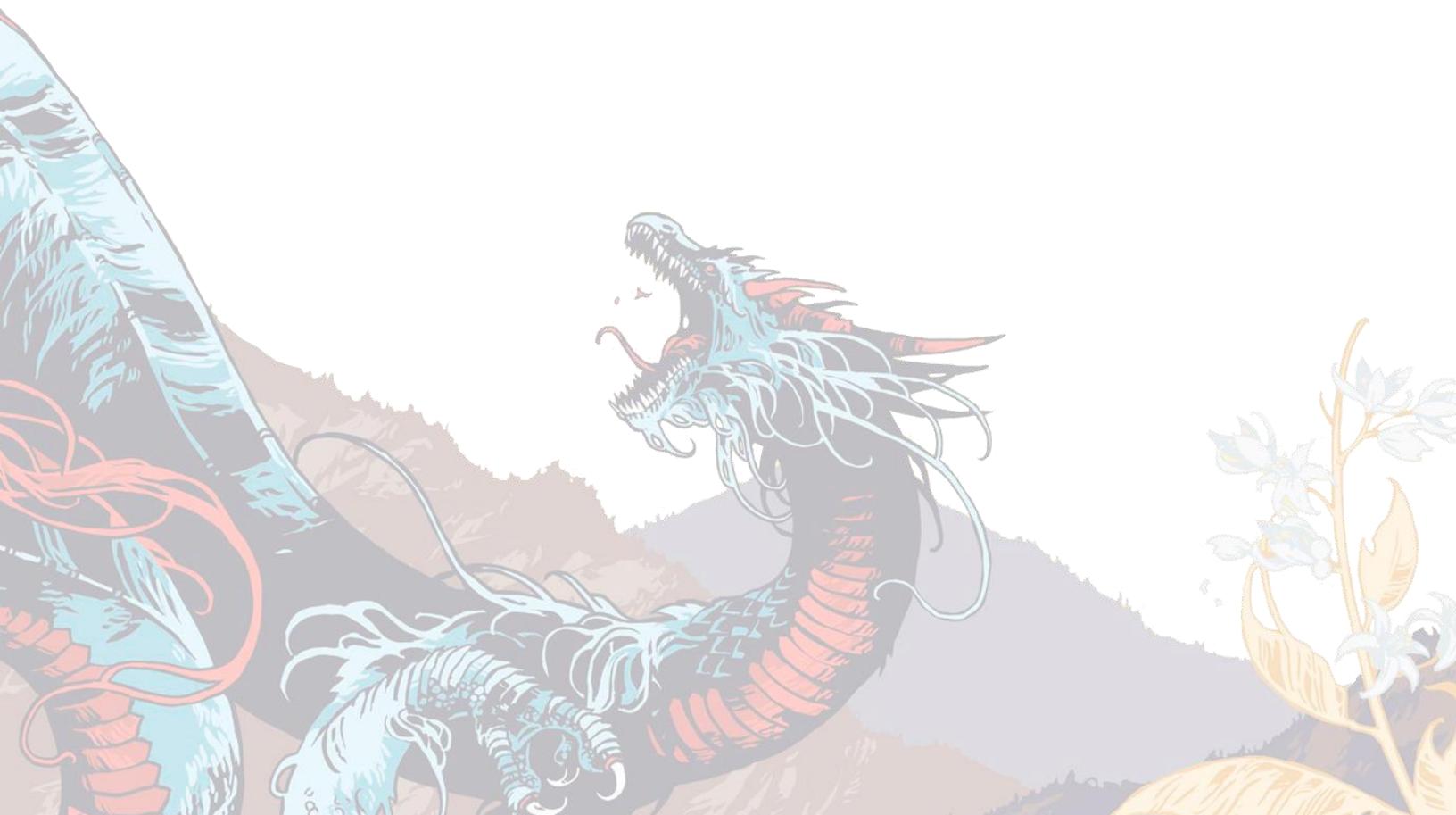
— Ele queria ver o honrado Senhor da Guerra. — Tané molhou os lábios. — Ele parecia desesperado.

— Então o Senhor da Guerra deve vê-lo. O Imperador dos Doze Lagos também deve ouvir suas palavras. — As penas em suas costas enrijeceram. — A terra vai tremer sob o mar. Ele se mexe.

Tané não ousou perguntar a quem ela se referia.

— O que devo fazer, Nayimathun?

— Essa não é a pergunta que você deve fazer. Você deve perguntar o que nós devemos fazer.



Capítulo 28

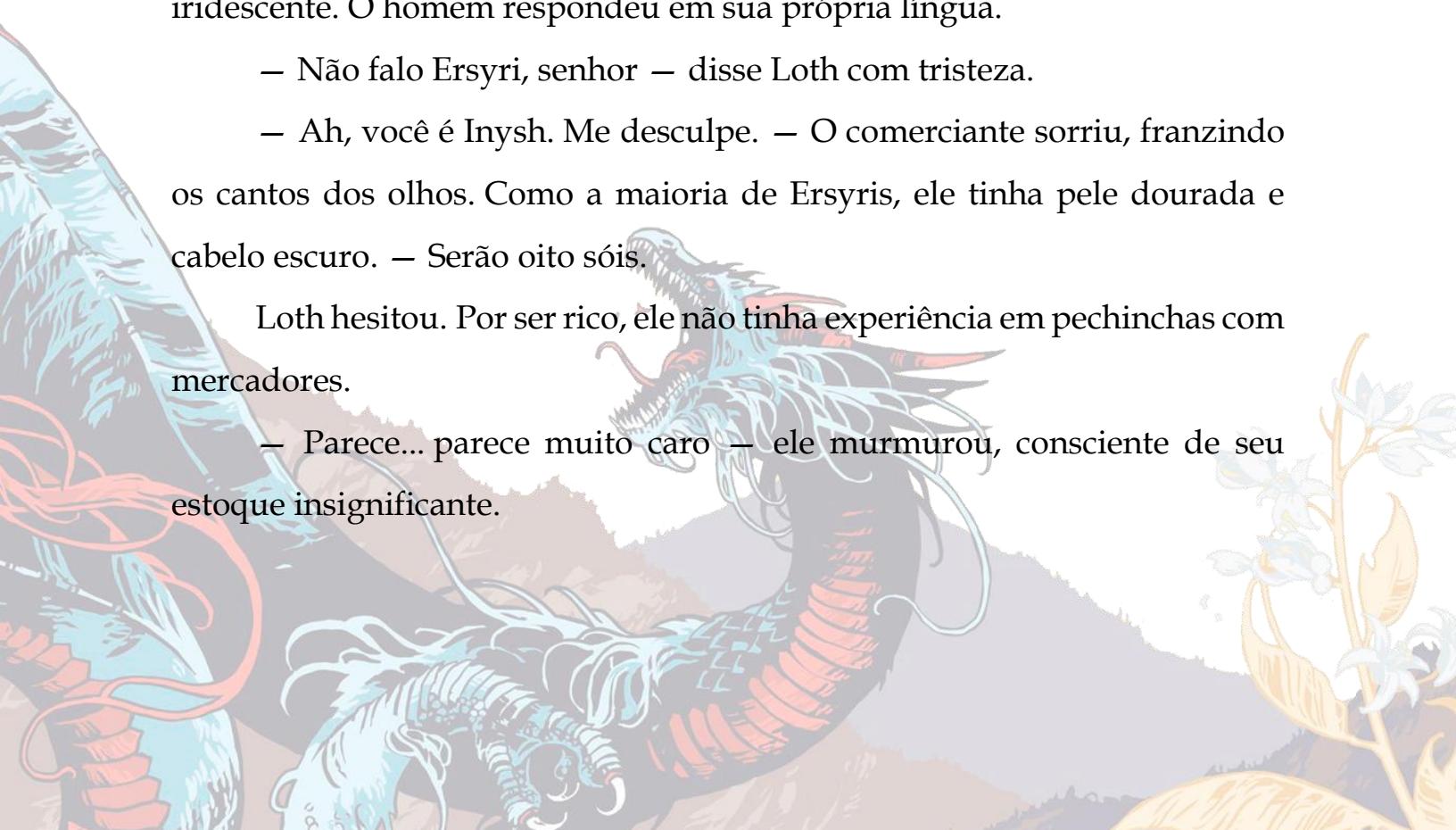
Sul

Rauca, capital de Ersyr, era o maior assentamento remanescente no sul. Enquanto ele abria caminho através de sua confusão de caminhos com paredes altas, Loth se viu à mercê de seus sentidos. Montes de especiarias de arco-íris, jardins de flores que perfumavam as ruas, cataventos altos acentuados com vinho azul – tudo era diferente de tudo que ele conhecia.

Na confusão da cidade, apenas olhares foram poupadados pelo ichneumon ao seu lado. Eles não deviam ser tão raros em Ersyr como eram mais ao norte. Ao contrário da criatura lendária, esta parecia não ser capaz de falar.

Loth se esgueirou por entre a multidão. Apesar do calor, ele havia se coberto até o pescoço com sua capa, mas ainda assim sentia pânico quando alguém se aproximava demais.

O Palácio de Marfim, sede da Casa de Taumargam, assomava sobre a cidade como um deus silencioso. Pombas esvoaçavam ao redor, levando mensagens entre as pessoas da cidade. Suas cúpulas brilhavam em ouro, prata e bronze, tão brilhantes quanto o sol que refletiam, e as paredes eram de um branco imaculado, janelas em arco recortadas como padrões em renda.



Foi para a Casa de Taumargam que Chassar uq-Ispad trabalhou como embaixador. Loth tentou ir em direção ao palácio, mas o ichneumon tinha outras ideias. Ele levou Loth a um mercado coberto, onde o ar era doce como pudim.

— Eu realmente não sei para onde você pensa que está indo — Loth disse, através dos lábios rachados. Ele tinha certeza de que o animal poderia entendê-lo. — Podemos parar para beber água, por favor, senhor?

Ele poderia muito bem ter segurado a língua por todo o bem que isso fez a ele. Quando passaram por um tesouro de frascos de sela, cada um cristalino com água, ele não aguentou mais. Ele tateou a bolsa de moedas de sua bolsa. O ichneumon olhou para ele e rosnou.

— Por favor. — Loth disse com cansaço.

O ichneumon bufou, mas sentou-se sobre as patas traseiras. Loth se virou para o comerciante e apontou para a menor garrafa, feita de vidro iridescente. O homem respondeu em sua própria língua.

— Não falo Ersyri, senhor — disse Loth com tristeza.

— Ah, você é Inysh. Me desculpe. — O comerciante sorriu, franzindo os cantos dos olhos. Como a maioria de Ersyris, ele tinha pele dourada e cabelo escuro. — Serão oito sóis.

Loth hesitou. Por ser rico, ele não tinha experiência em pechinchas com mercadores.

— Parece... parece muito caro — ele murmurou, consciente de seu estoque insignificante.

— Minha família é a melhor sopradora de vidro de Rauca. Eu dificilmente posso manchar nosso bom nome, meu amigo, por menosprezar minhas habilidades.

— Muito bem. — Loth enxugou a testa, quente demais para contestar. — Tenho visto pessoas usando panos sobre o rosto. Onde posso comprar um?

— Você veio sem um *pargh*- ora, você tem sorte de não ter sido cegado com a areia. — Com um estalo da língua, o comerciante sacudiu um quadrado de pano branco. — Aqui. Este será o meu presente para você.

— Você é muito gentil.

Loth estendeu a mão para pegar o pano. Ele estava com tanto medo de que a praga pudesse se infiltrar em sua luva que quase a deixou cair. Assim que o *pargh* cobriu tudo, exceto os olhos, ele deu ao homem um punhado de moedas de ouro de sua bolsa.

— O amanhecer brilha em você, amigo — disse o comerciante.

— E em você — Loth disse sem jeito. — Você já foi tão generoso, mas me pergunto se poderia me ajudar. Estou em Ersyr para encontrar Sua Excelência, Chassar uq-Ispad, que é um embaixador do Rei Jantar e da Rainha Saiyma. Ele poderia estar residindo no Palácio de Marfim?

— Ha. Você terá sorte se encontrá-lo. Sua Excelência está frequentemente no exterior — disse o comerciante, rindo. — Mas se ele estiver em qualquer lugar nesta época do ano, ele estará em sua propriedade em Rumelabar. — Ele entregou o frasco a Loth. — As caravanas partem do Lugar das Pombas ao amanhecer.

— Posso enviar uma carta de lá também?

— Claro.

— Obrigado. Bom dia para o senhor.

Loth se afastou e esvaziou o frasco em três longos goles. Ofegante, ele limpou a boca.

— O Lugar das Pombas — ele comentou com o ichneumon. — Como isso soa bonito. Você vai me levar lá, meu amigo?

O ichneumon o levou para o que devia ser o corredor central do mercado, onde as tendas ofereciam sacos de pétalas de rosa secas, tigelas de açúcar em pó e chá de safira recém saído da chaleira. No momento em que emergiram, o sol já havia mergulhado no horizonte e lamparinas de vitral estavam sendo acesas.

O Lugar das Pombas era impossível de perder. Sobreposta com azulejos quadrados rosa, era cercada por uma parede que conectava quatro pombais altos, em forma de colmeias. Loth logo percebeu que o mais próximo era a correspondência com destino ao Oeste. Ele entrou no favo de mel fresco, onde milhares de pombas brancas aninhadas em alcovas.

Em sua última noite em Cársaro, ele havia escrito uma carta para Margret. E ele teve uma ideia de como passar por Combe. Um guardião de pássaros o pegou agora, junto com suas moedas, e prometeu que seria enviado ao amanhecer.

Cansado até os ossos, Loth deixou o ichneumon conduzi-lo do pombal e empurrá-lo em direção a um prédio com as mesmas janelas de treliça do palácio. Embora a mulher Ersyri lá dentro não pudesse falar Inysh, eles de alguma forma se comunicaram, por meio de gestos fervorosos e sorrisos de quebrar o queixo, que ele queria ficar por uma noite.

O ichneumon permaneceu do lado de fora. Loth estendeu a mão para coçar entre suas orelhas.

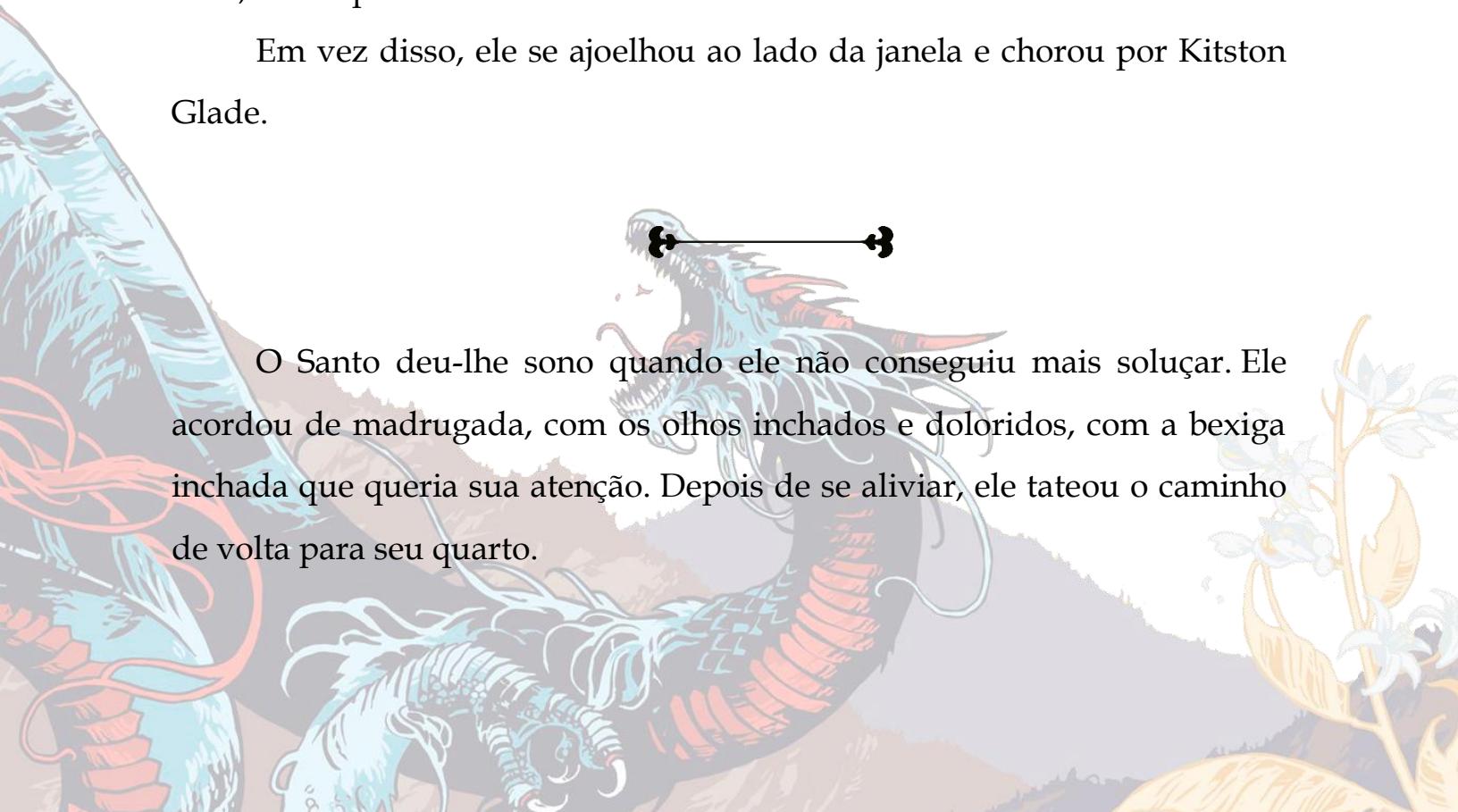
— Espere por mim, meu amigo — ele murmurou. — Eu valorizaria sua companhia em outro deserto.

Um latido curto foi sua única resposta. A última coisa que viu do ichneumon foi sua cauda desaparecendo em um beco.

Ao lado desse beco estava uma mulher. Ela estava encostada em um pilar, com os braços cruzados. Seu rosto estava escondido por uma máscara de bronze. Ela usava calças com forro, enfiadas nas botas com biqueira aberta e um casaco de brocado que ia até a coxa. Incomodado por seu olhar, Loth se virou e voltou para a pousada.

Ele encontrou uma pequena sala com vista para um pátio, onde árvores de limão doce cercavam uma lagoa. A tontura flutuou por ele com o cheiro enjoativo. Ele olhou para a cama desconhecida, cheia de almofadas e seda, e não queria nada além de dormir.

Em vez disso, ele se ajoelhou ao lado da janela e chorou por Kitston Glade.



O Santo deu-lhe sono quando ele não conseguiu mais soluçar. Ele acordou de madrugada, com os olhos inchados e doloridos, com a bexiga inchada que queria sua atenção. Depois de se aliviar, ele tateou o caminho de volta para seu quarto.

Pensar em Kit abriu seu peito. A dor era uma tragada nele, drenando todos os bons pensamentos.

Lá fora, as pombas foram se empoleirar. As cúpulas polidas do Palácio de Marfim absorviam as luzes e tremeluziam como velas. Acima deles, estrelas serpenteavam na escuridão.

Ele não estava mais no Ocidente. Esta era uma terra jurada não para Virtudom, mas para um falso profeta. Ead confessou ter achado os ensinamentos do Cantor do Amanhecer lindos quando criança, mas Loth estremeceu. Ele não conseguia imaginar como seria viver sem o conforto e a estrutura das Seis Virtudes. Ele estava feliz por ela ter se convertido quando foi à corte.

Uma brisa esfriou sua pele. Ele ansiava por um banho, mas temia que a praga envenenasse a água. Ele queimaria os lençóis quando se levantasse pela manhã e pagaria à estalajadeira pela perda dela.

O fogo coçou ao longo de suas costas. Suas mãos estavam ficando escamosas, e ele só podia usar luvas por um certo tempo sem levantar suspeitas. Ele rezou para que Chassar uq-Ispad tivesse de fato a cura.

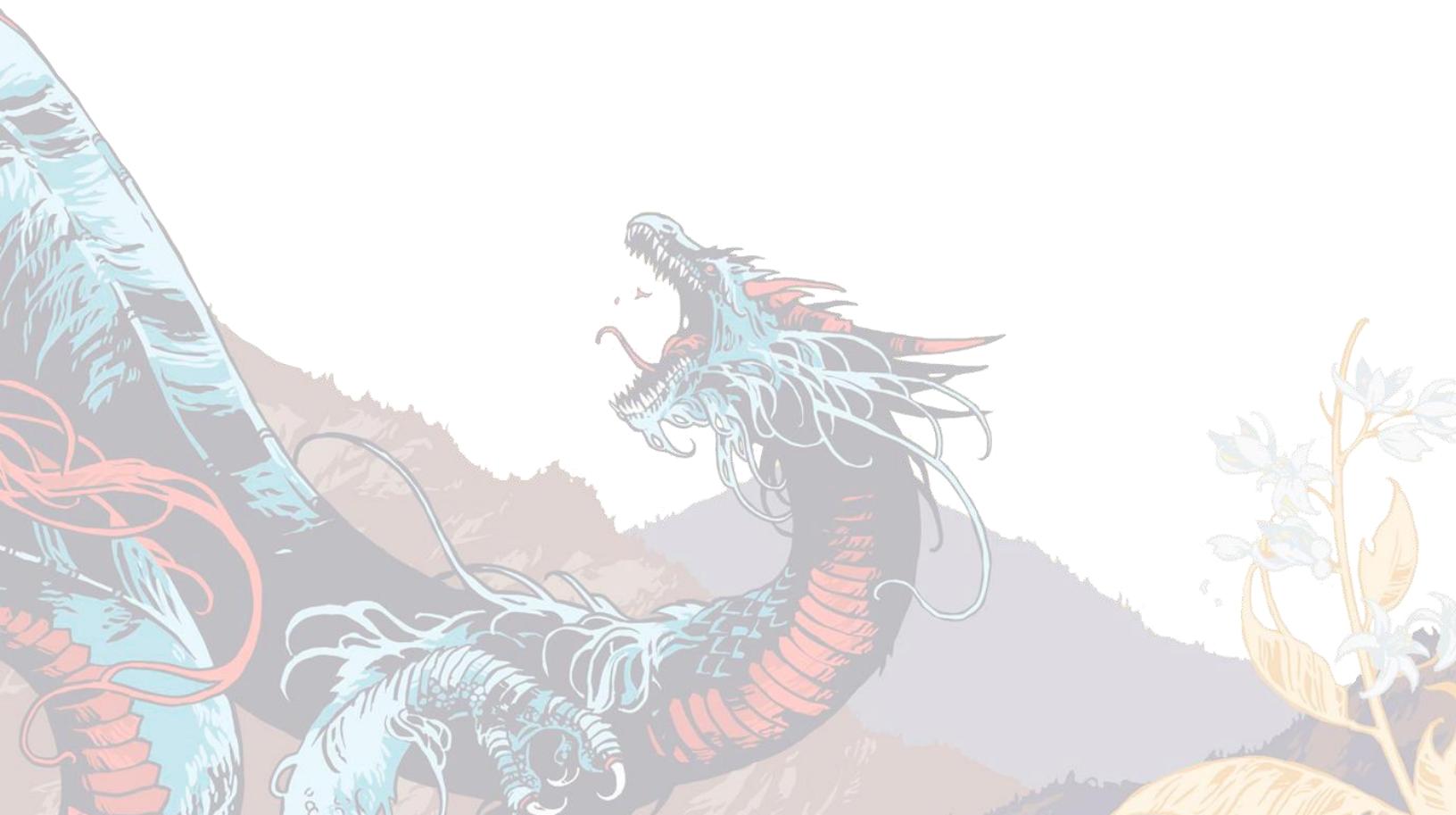
O Cavaleiro da Sociedade havia enviado o ichneumon para ele. Ele não deveria morrer assim.

Ele dormiu novamente, sem sonhos, até que ele estava acordado.

Seus membros tremiam incontrolavelmente. A febre rugia por ele, mas ele tinha certeza de que algo mais o fez se mexer. Ele procurou sua espada, apenas para lembrar que ela estava perdida.

— Quem é? — Ele sentiu o gosto de sal nos lábios. — Ead?

Uma sombra se moveu para o luar. Uma máscara de bronze pairava sobre ele, e então tudo ficou escuro.



Capítulo 29

Leste

A chuva estava caindo na capital novamente. Tané ajoelhou-se à mesa em seus aposentos privados no castelo Flor de Sal.

Após sua confissão, Nayimathun a entregou ao castelo, onde ela permaneceu. O dragão havia dito que ela voltaria a Cabo Hisan para Sulyard. Se ele tivesse a proteção de um deus, sua petição teria que ser ouvida na corte. Nayimathun também ordenaria que Susa fosse libertada imediatamente da prisão. Elas deveriam se encontrar na praia ao amanhecer e depois ir juntas ao General do Mar para lhe contar tudo.

Tané tentou comer o jantar, mas suas mãos tremiam. A maioria dos dragões foi chamada para ajudar a Guarda do Mar Superior no assentamento costeiro de Sidupi. A Frota do Olho de Tigre atacava com uma força de cem piratas, que saqueavam à vontade.

Ela pediu chá. Foi trazido a ela por um de seus assistentes pessoais, que agora ficava perto para servi-la quando ela precisava.

Seu quarto no quartel interno era mais bonito do que ela jamais sonhou que seria, com um teto de treliça em caixotões e esteiras cheirosas. Folhas de ouro brilhavam nas paredes ricamente pintadas, e a mais macia das camas estava esperando para abraçá-la.

No centro de toda essa elegância, ela não conseguia comer nem dormir.

Suas mãos tremiam quando ela terminou o chá. Se ela conseguisse dormir, Nayimathun estaria lá quando ela acordasse.

Tané deu um passo em direção à cama quando o chão mudou e um trovão rolou sob o castelo. Ela se lançou contra a parede. A força do terremoto derrubou suas pernas, espalhando-a sobre as esteiras.

A lamparina tremeluziu. Três de seus assistentes entraram correndo na câmara. Um deles se ajoelhou ao lado dela enquanto os outros a pegaram pelos cotovelos e a colocaram de pé. Ela engasgou quando colocou o peso no tornozelo esquerdo, e eles a levaram apressadamente para a cama.

- Dama Tané, você está ferida?
- Uma torção —, disse Tané. — Nada mais.
- Vamos trazer algo para a sua dor —, disse o atendente mais jovem. — Espere aqui, honrada Miduchi. — Os três recuaram.

Gritos distantes e confusos passaram pela janela aberta. Tremores de terra aconteciam em Seiiki, mas não aconteciam há muito tempo.

Os atendentes trouxeram para ela uma tigela de gelo. Tané embrulhou um pouco em um pano e pressionou contra seu tornozelo sensível. A queda acendeu a dor em seu ombro e no lado esquerdo, onde estava sua antiga cicatriz.

Quando o gelo estava quase derretido, ela apagou a lamparina e se deitou, tentando encontrar uma posição confortável. Seu lado doía como se um cavalo o tivesse chutado. Mesmo quando ela sucumbiu ao sono, ele estava latejando, como um segundo coração.

Uma batida a despertou. Por um momento, ela pensou que estava de volta à Casa Sul, atrasada para a aula.

— Dama Tané.

Não era a voz de nenhum de seus assistentes.

A dor em seu lado estava aumentando agora. Com os olhos turvos, ela se levantou, tentando não sacudir o tornozelo.

Seis soldados mascarados esperavam do lado de fora de seu quarto. Todos usavam as túnicas verdes do exército terrestre.

— Dama Tané — disse um deles com uma reverência —, perdoe-nos por incomodá-la, mas você deve vir conosco imediatamente.

Era incomum para qualquer soldado do exército terrestre colocar os pés no Castelo da Flor de Sal.

— É o meio da noite — Tané tentou parecer autoritária. — Quem me convoca, honorável soldado?

— A honrada Governadora de Ginura.

A oficial mais poderosa da região. Magistrada Chefe de Seiiki, responsável por administrar justiça aos de alto escalão.

Tané de repente percebeu cada gota de sangue em suas veias. Seu corpo parecia solto do solo e sua mente brilhava com possibilidades terríveis, a principal sendo que Roos já tinha ido para as autoridades. Talvez fosse melhor ir com calma, fingir-se de inocente. Se ela corresse agora, eles considerariam uma admissão de sua culpa.

Nayimathun estaria de volta em breve. O que quer que acontecesse, onde quer que ela fosse levada, seu dragão viria para ela.

— Muito bem.

O soldado relaxou sua postura.

— Obrigado, Dama Tané. Enviaremos seus servos para ajudá-la a se vestir.

Seus assistentes trouxeram seu uniforme. Eles ergueram a túnica até os ombros e amarraram uma faixa azul em sua cintura. Assim que ela se vestiu e eles viraram as costas para sair, ela tirou uma lâmina de debaixo do travesseiro e a enfiou na manga.

Os soldados a escoltaram pelo corredor. Cada vez que seu pé esquerdo tocava o chão, a dor subia por sua panturrilha. Eles a levaram através do castelo quase deserto, pela noite dentro.

Um palanquim esperava por ela no portão. Ela parou. Cada instinto dizia a ela para não entrar.

— Dama Tané — disse um dos soldados —, você não pode recusar esta convocação da honrada governadora.

O movimento chamou sua atenção. Onren estava voltando para o castelo com Kanperu. Vendo Tané, eles caminharam em sua direção.

— Como membro do clã Miduchi —, disse Tané ao soldado, encorajada — acredito que posso fazer o que quiser.

No fundo das órbitas de sua máscara, seu olhar cintilou.

Onren e Kanperu a alcançaram agora.

— Honorável Tané — disse o último — há algo errado?

Sua voz era áspera e sonora. Uma espada saiu de sua bainha. Diante de mais dois cavaleiros, os soldados mudaram de posição.

— Esses soldados desejam me levar ao Castelo de Lago Branco, honorável Kanperu — disse Tané. — Eles não podem me dizer por que fui convocada.

Kanperu olhou para o capitão com uma franja na testa. Ele era quase uma cabeça mais alto do que todos os soldados.

— Com que direito você convoca um cavaleiro de dragão sem aviso? — ele perguntou. — Dama Tané é uma escolhida por deus, mas você a tira deste castelo como se ela fosse uma ladra.

— O honrado General do Mar foi informado, Lorde Kanperu.

Onren ergueu as sobrancelhas.

— De fato — ela disse. — Terei certeza de confirmar isso com ele quando ele retornar.

Os soldados não disseram nada. Lançando-lhes um olhar severo, Onren puxou Tané de lado.

— Você não deve se preocupar — ela disse calmamente. — Será um assunto trivial. Ouvi dizer que a honrada Governadora gosta de tornar sua autoridade conhecida até mesmo para o clã Miduchi. — Ela fez uma pausa. — Tané, você não parece bem.

Tané engoliu em seco.

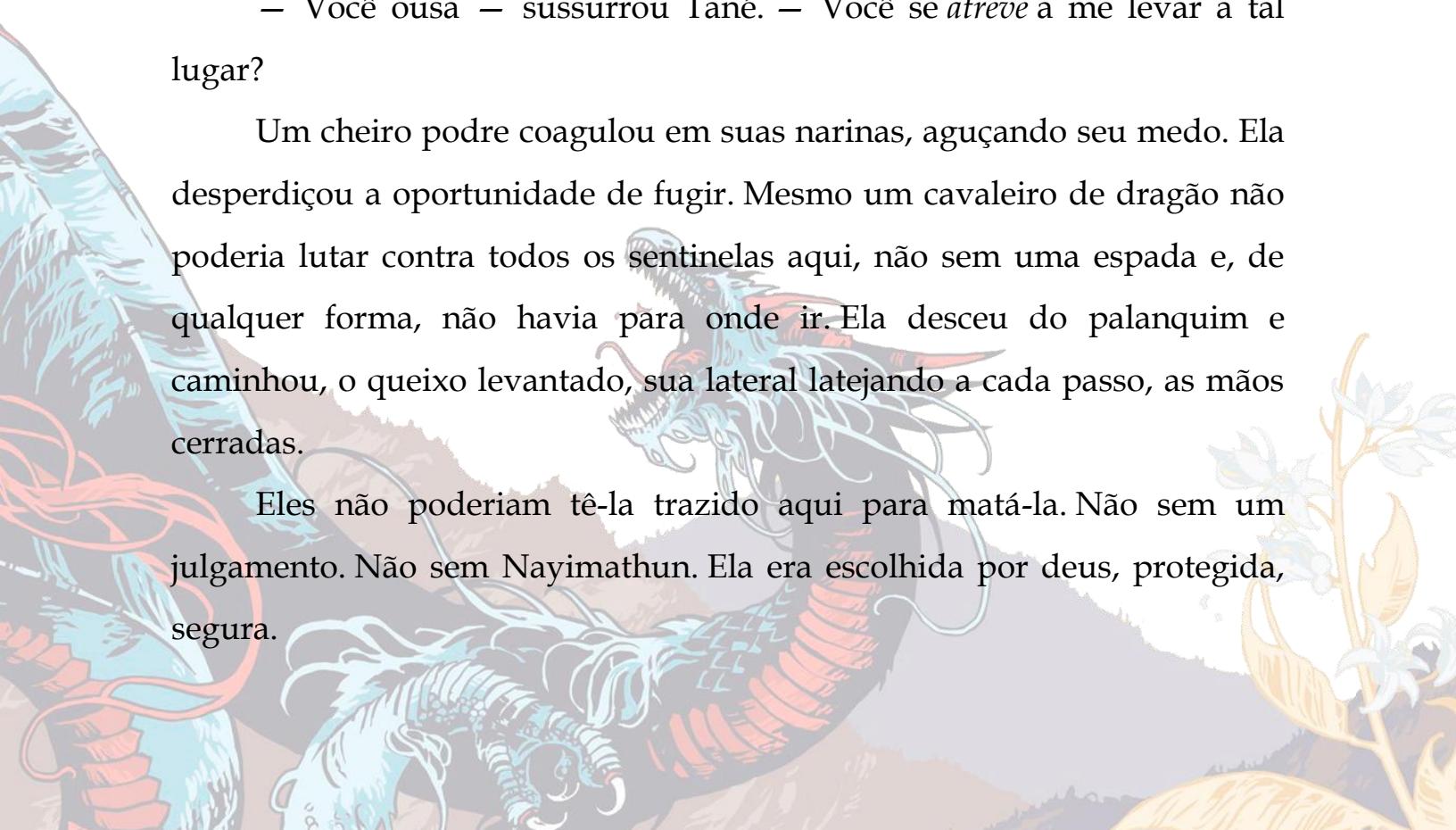
— Se eu não voltar dentro de uma hora — disse ela — você enviará uma mensagem a grande Nayimathun?

— Claro. — Onren sorriu. — Seja o que for, logo será resolvido. Te vejo amanhã.

Tané acenou com a cabeça e tentou sorrir de volta. Onren observou enquanto ela subia no palanquim, ao deixar os terrenos do castelo.

Ela era uma montadora de dragão. Não havia nada a temer.

Os soldados a carregaram pelas ruas, passando pelo mercado noturno e sob as árvores da estação. Risos rolavam de tabernas lotadas. Foi só



quando passaram pelo Teatro Imperial que Tané percebeu que não estavam indo para o Castelo de Lago Branco, onde morava a honrada Governadora de Ginura. Eles estavam indo para a periferia ao sul da cidade.

O medo apertou seu peito. Ela estendeu a mão para a porta do palanquim, mas estava trancada por fora.

— Este não é o caminho certo — disse ela. — Para onde você está me levando?

Sem resposta.

— Eu sou uma Miduchi. Eu sou a cavaleira da grande Nayimathun das Neves Profundas. — Sua voz falhou. — Como vocês ousam me tratar assim!

Tudo o que ela ouviu foram passos.

Quando o palanquim finalmente parou e ela viu onde eles estavam, seu estômago embrulhou. A porta destrancou e se abriu.

— Honrada Miduchi — disse um dos soldados. — Por favor, siga-me.

— Você ousa — sussurrou Tané. — Você se *atreve* a me levar a tal lugar?

Um cheiro podre coagulou em suas narinas, aguçando seu medo. Ela desperdiçou a oportunidade de fugir. Mesmo um cavaleiro de dragão não poderia lutar contra todos os sentinelas aqui, não sem uma espada e, de qualquer forma, não havia para onde ir. Ela desceu do palanquim e caminhou, o queixo levantado, sua lateral latejando a cada passo, as mãos cerradas.

Eles não poderiam tê-la trazido aqui para matá-la. Não sem um julgamento. Não sem Nayimathun. Ela era escolhida por deus, protegida, segura.

Enquanto os soldados a levavam em direção à Cadeia de Ginura, o zumbido dos insetos puxou seu olhar para cima. Três cabeças, inchadas pela decomposição, observavam a rua do portão acima.

Tané olhou para a mais fresca delas. A cabeleira esticada de sangue, a língua inchada de morte. Suas feições já haviam diminuído, mas ela o reconheceu. Sulyard. Ela tentou manter a compostura, mas sua espinha se contraiu e seu estômago se revirou e sua boca ficou seca como sal.

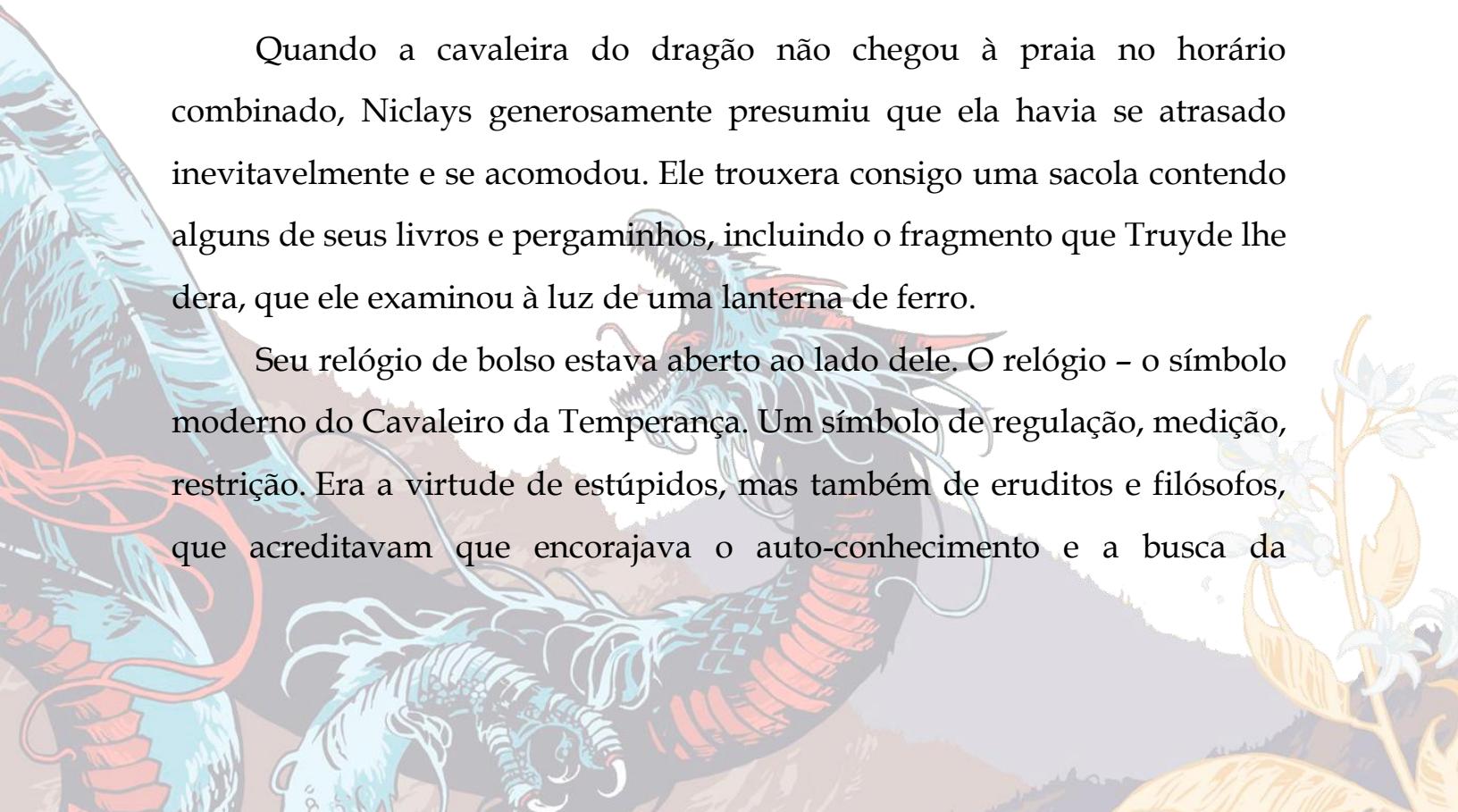
Ela tinha ouvido falar que longe, em Inys, de onde o fantasma da água viera, as pessoas se reuniam em público para testemunhar as execuções. Não era assim em Seiiki. A maior parte da cidade não sabia que no terreno da prisão, uma jovem de dezessete anos estava de joelhos perto de uma vala, com os braços amarrados nas costas, esperando o fim. Seus longos cabelos foram raspados.

Os soldados marcharam Tané em direção à prisioneira e a mantiveram no lugar. Um oficial falava, mas ela não conseguia ouvir por causa do barulho de sangue em seus ouvidos. A mulher ergueu os olhos ao ouvir passos e Tané desejou não tê-lo feito, pois a conhecia.

— Não — disse Tané, a voz embargada. — Não. Eu ordeno que você pare com isso!

Susa olhou para ela. A esperança correra em seus olhos, mas agora a dor a extinguia.

— Eu sou a escolhida de deus — Tané gritou para o carrasco. — Ela está sob minha proteção. O grande Nayimathun vai derrubar o céu sobre suas cabeças por isso! — Ele poderia muito bem ser feito de pedra. — Não foi ela. Fui eu. É *minha* culpa, meu crime...



Susa balançou a cabeça, os lábios tremendo. A chuva gotejava em seus cílios.

— Tané — disse ela com voz rouca — desvie o olhar.

— Susa...

Soluços coagularam em sua garganta. *Isso é um erro. Pare com isso.* As pontas dos dedos se cravaram em seus braços enquanto ela lutava, todo o seu autodomínio se foi, mais e mais mãos a agarrando. *Pare com isso.* Tudo o que ela podia ver era Susa como uma criança, coroada com flocos de neve, e seu sorriso quando Tané pegou sua mão.

O carrasco ergueu a espada. Quando a cabeça caiu na vala, Tané caiu de joelhos.

Sempre vou mantê-la segura.



Quando a cavaleira do dragão não chegou à praia no horário combinado, Niclays generosamente presumiu que ela havia se atrasado inevitavelmente e se acomodou. Ele trouxera consigo uma sacola contendo alguns de seus livros e pergaminhos, incluindo o fragmento que Truyde lhe dera, que ele examinou à luz de uma lanterna de ferro.

Seu relógio de bolso estava aberto ao lado dele. O relógio — o símbolo moderno do Cavaleiro da Temperança. Um símbolo de regulação, medição, restrição. Era a virtude de estúpidos, mas também de eruditos e filósofos, que acreditavam que encorajava o auto-conhecimento e a busca da

sabedoria. Certamente era a mais próxima das Seis Virtudes do pensamento racional.

Deveria ter sido sua virtude padroeira. Em vez disso, em seu décimo segundo aniversário, ele escolheu o Cavaleiro da Coragem.

Seu broche agora enferrujado em algum lugar em Brygstad. Ele o havia rasgado no dia em que foi exilado.

Uma hora se passou e depois outra. A verdade era indiscutível.

Dama Tané havia descoberto seu blefe.

A promessa do amanhecer estava no horizonte. Niclays fechou o relógio. Lá se foi sua chance de um retorno glorioso a Ostendeur com um elixir da vida recém-preparado.

Purumé e Eizaru ficariam horrorizados se soubessem o que ele pediu à cavaleira do dragão. Isso o tornava nada melhor do que um pirata, mas criar o maldito elixir era a única maneira de voltar para casa, seu único domínio potencial com as casas reais sobre o Abismo.

Ele suspirou. Para salvar Sulyard, ele precisava contar ao Senhor da Guerra sobre Tané Miduchi e seu crime contra Seiiki. Era o que ele teria feito imediatamente, se fosse um homem melhor.

Enquanto caminhava de volta para a praia, ele parou. Por um momento, ele pensou que as estrelas haviam sido apagadas. Quando ele olhou com mais atenção e viu a luz bruxuleante, ele congelou.

Algo estava descendo.

Algo vasto.

Ele se moveu como se estivesse afundando na água. Uma bandeira de um verde iridescente com cicatrizes. Um órgão em forma de bexiga



dominava sua cabeça, brilhando em um azul intenso. O mesmo brilho latejava sob suas escamas.

Um dragão Lacustre. Niclays observou avidamente enquanto ele pousava na areia, gracioso como um pássaro.

Uma grande rocha desgastada curvava-se como um ombro na areia. Ele recuou para trás, nunca tirando o olhar do dragão. Pela maneira como virou a cabeça, estava procurando por algo.

Niclays se agachou e apagou sua lamparina. Ele observou enquanto a criatura serpenteava em direção à costa, mais perto de seu esconderijo. A criatura falou.

— Tané.

Suas enormes patas dianteiras entraram no mar. Niclays estava quase perto o suficiente para tocar uma de suas escamas. A chave de seu trabalho, quase na ponta dos dedos. Ele ficou agachado sob a rocha, esticando o pescoço para olhar. Seus olhos eram cata-ventos.

— Tané, o menino está morto — dizia em Seiikinês. — E sua amiga também. — Ele mostrou seus dentes. — Tané, onde você está?

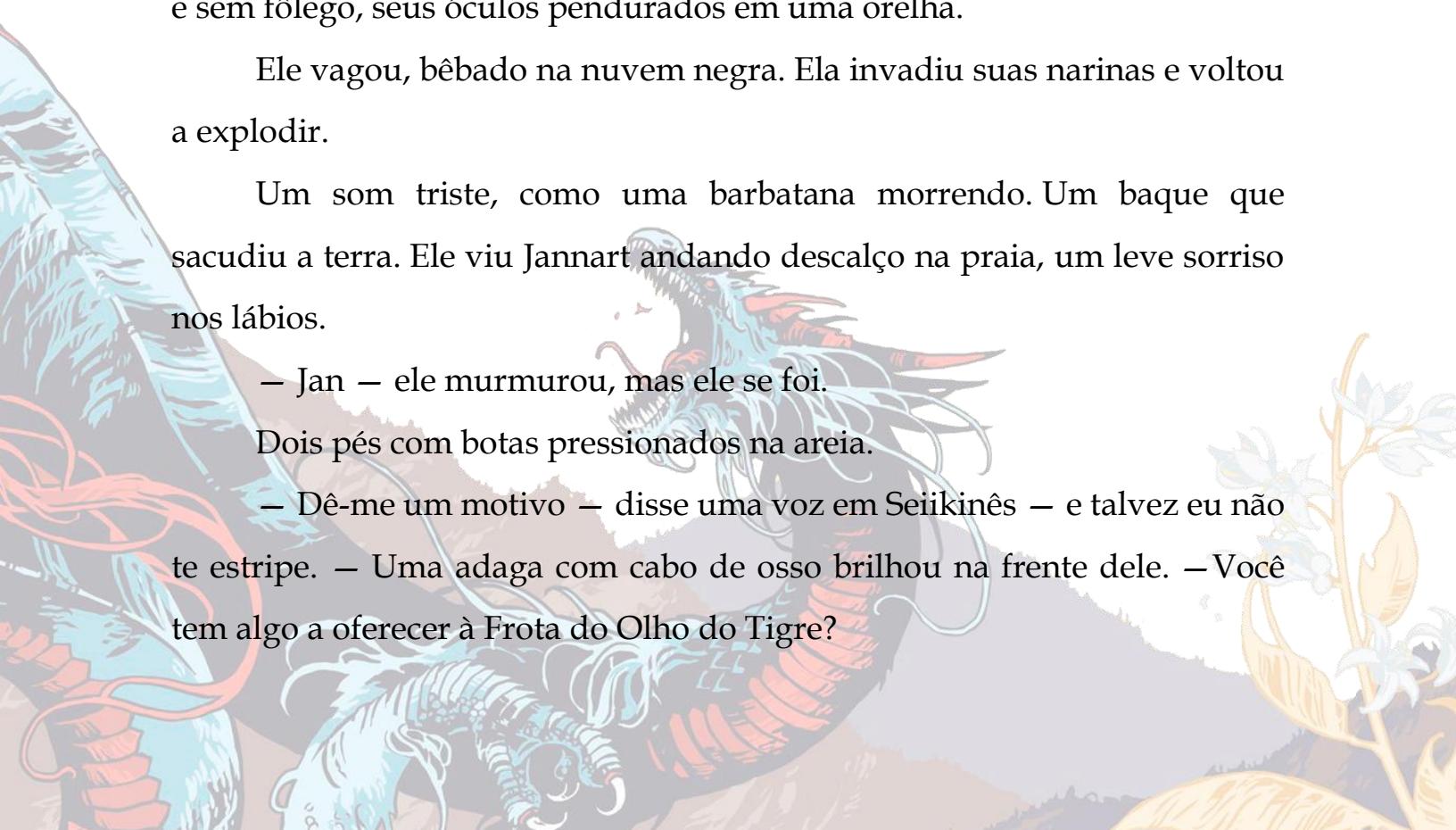
Então esta era sua besta. O dragão farejou, suas narinas dilatadas.



Foi quando uma lâmina gelou sua garganta e uma mão cobriu sua boca. Niclays fez um som abafado.

O dragão sacudiu a cabeça em direção à rocha.

Niclays estremeceu. Ele não ouviu nada de seu próprio corpo, nem seus batimentos cardíacos ou sua respiração, mas ele podia imaginar a espada em sua garganta em detalhes meticulosos. Uma lâmina curva. Uma



borda afiada o suficiente para derramar sua vida se ele se movesse uma fração de polegada.

Um *assobio* veio pela noite. Então outro.

E outro.

O dragão soltou um rosnado. A garra tocou contra a rocha, como espada sobre espada.

A fumaça preta consumiu a praia. O cheiro era acre, como cabelo queimado e enxofre. E pólvora. *Nuvem de Fogo*. De repente, Niclays foi colocado de pé – então tropeçou em meio às ondas de fumaça, sufocando-se com elas, puxado por uma figura envolta em um pano. A areia escorregou sob seus pés, enviando cada passo errado.

– Espere – ele ofegou para seu captor. – Espere, maldito...

Uma cauda saltou da fumaça e acertou-o com um golpe terrível no estômago. Ele foi jogado de volta na areia, onde ficou deitado, entorpecido e sem fôlego, seus óculos pendurados em uma orelha.

Ele vagou, bêbado na nuvem negra. Ela invadiu suas narinas e voltou a explodir.

Um som triste, como uma barbatana morrendo. Um baque que sacudiu a terra. Ele viu Jannart andando descalço na praia, um leve sorriso nos lábios.

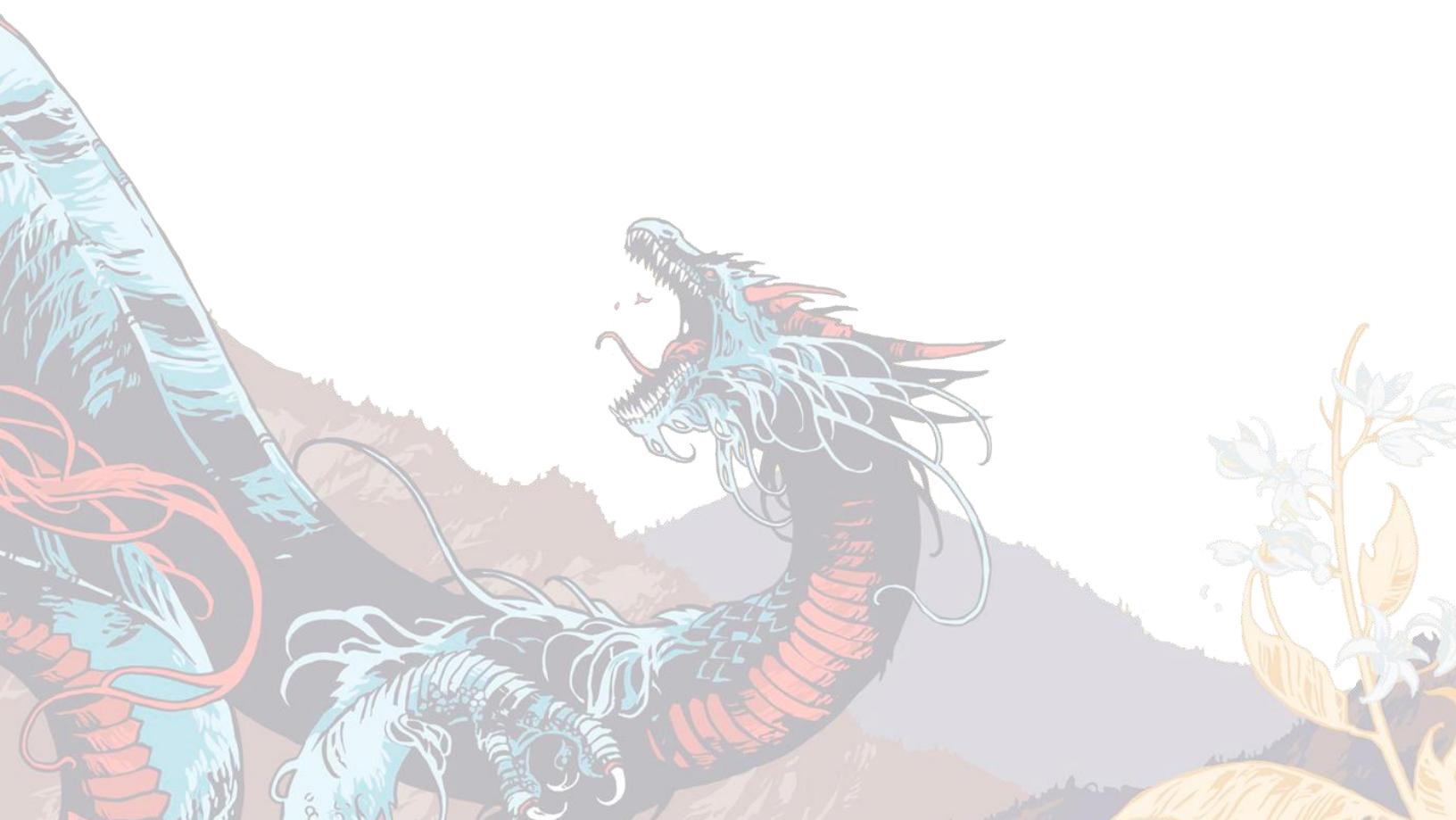
– Jan – ele murmurou, mas ele se foi.

Dois pés com botas pressionados na areia.

– Dê-me um motivo – disse uma voz em Seiikinês – e talvez eu não te estripe. – Uma adaga com cabo de osso brilhou na frente dele. – Você tem algo a oferecer à Frota do Olho do Tigre?

Ele tentou falar, mas sua língua parecia picada de abelha. *Alquimista*, ele queria dizer. *Eu sou um alquimista. Me poupe.*

Alguém ergueu sua bolsa. O tempo se estilhaçou enquanto mãos com cicatrizes vasculhavam seus livros e pergaminhos. Então o cabo da adaga acertou sua têmpora e uma onda escura varreu suas preocupações.



Capítulo 30

Oeste

Truyde utt Zeedeur foi presa na Torre Dearn. Sob a ameaça de tortura, ela confessou muitos crimes. Depois que a visita real foi anunciada, ela abordou uma companhia de teatro chamada Servos da Verdade, uma assim chamada trupe sem mestre, privada do patrocínio de um nobre e tratada como vagabunda pelas autoridades. Truyde havia prometido seu próprio patrocínio e dinheiro para suas famílias em troca de sua ajuda.

O ataque encenado tinha como objetivo convencer Sabran de que ela corria perigo mortal, tanto de Yscalin quanto do Inominável. Truyde pretendia usar isso como base para uma petição para que ela abrisse negociações com o Oriente.

Não foi preciso muita inteligência para juntar as peças do que aconteceu a seguir. Aqueles com verdadeiro ódio pela Casa de Berethnet se infiltraram na performance. Uma dessas – Bess Weald, cuja casa estava entulhada de panfletos escritos por condenadores – havia assassinado Lievelyn. Vários membros inocentes dos Servos da Verdade também foram mortos na luta, junto com vários guardas da cidade, dois dos Cavaleiros do Corpo e Linora Payling, cujos pais aflitos já tinham vindo atrás dela.

Truyde pode não ter pretendido matar ninguém, mas suas boas intenções foram em vão.

Ead já havia escrito para Chassar para lhe contar o que acontecera. A Prioresa não gostaria que Sabran e sua filha ainda não nascida estivessem tão perto da morte.

Casa Briar estava envolta no samito cinza do luto. Sabran fechou-se na Câmara Privada. Lievelyn foi colocado em estado de conservação no Santuário de Nossa Senhora até que um navio chegou para levá-lo para casa. Sua irmã Ermuna seria coroada, com a princesa Bedona como herdeira aparente.

Poucos dias depois de Lievelyn ter sido levado, Ead dirigiu-se aos aposentos reais. Normalmente, o início da manhã era tranquilo, mas ela não conseguia se livrar da tensão nas costas.

Tharian Lintley a viu tirar quatro vidas durante a emboscada. Ele deve ter percebido que ela foi treinada. Ela duvidava que alguém mais tivesse visto aquele confronto sangrento, e estava claro que Lintley não havia relatado sua afinidade por espadas, mas ela pretendia manter a cabeça baixa.

Mais fácil falar do que fazer quando era uma Senhora do Quarto de Dormir. Especialmente quando a rainha também a viu matar.

— Ead.

Ela se virou para ver Margret sem fôlego, que a segurou pelo braço.

— É Loth — sua amiga sussurrou. — Ele me enviou uma carta.

— O quê?

— Venha comigo, rápido.

Com o coração batendo forte, Ead a seguiu até uma sala não utilizada.

— Como Loth passou uma carta por Combe?

— Ele mandou para um dramaturgo que mamãe apóia. Ele conseguiu passar para mim durante a visita a Ascalon. — Margret retirou uma nota amassada de suas saias. — Veja.

Ead reconheceu sua escrita imediatamente. Seu coração inchou ao ver de novo.

Querida M, não posso dizer muito, temendo que esta nota seja interceptada. As coisas não são como parecem em Cársaro. Kit está morto e temo que Neve esteja em perigo. Cuidado com o Copeiro.

— Lorde Kitston está morto — murmurou Ead. — Como?

Margret engoliu em seco.

— Eu rezo para que ele esteja errado, mas... Kit faria qualquer coisa pelo meu irmão. — Ela tocou o carimbo de mão. — Ead, isso foi enviado do Lugar das Pombas.

— Rauca —, disse Ead, atordoada. — Ele deixou Cársaro.

— Ou *escapou*. Talvez tenha sido assim que Kit... — Margret apontou para a última linha. — Veja isso. Você não disse que a mulher que atirou em Lievelyn invocou um copeiro?

— Sim. — Ead leu a nota novamente. — Neve é Sabran, eu suponho.

— Sim. Loth costumava chamá-la de Princesa da Neve quando eram crianças — disse Margret. — Mas pela minha vida, não consigo entender essa teia de intriga. Não há nenhum copeiro oficial para a rainha.

— Loth foi enviado para encontrar o Príncipe Wilstan. Wilstan estava investigando a morte da Rainha Rosarian — Ead disse baixinho. — Talvez eles estejam conectados.

— Talvez — disse Margret. O suor escorria de sua testa. — Oh, Ead, eu quero tanto dizer a Sab que ele está vivo, mas Combe vai descobrir como eu consegui o bilhete. Temo fechar essa porta para Loth.

— Ela está de luto por Lievelyn. Não dê a ela uma falsa esperança de que seu amigo volte. — Ead apertou a mão dela. — Deixe o Copeiro comigo. Eu pretendo erradicá-lo.

Com uma respiração profunda, Margret assentiu.

— Outra carta do papai também. — Ela balançou a cabeça. — Mamãe diz que ele está ficando agitado. Ele vive dizendo que tem algo de extrema importância para transmitir ao herdeiro de Goldenbirch. A menos que Loth volte...

— Você acha que é a névoa da mente?

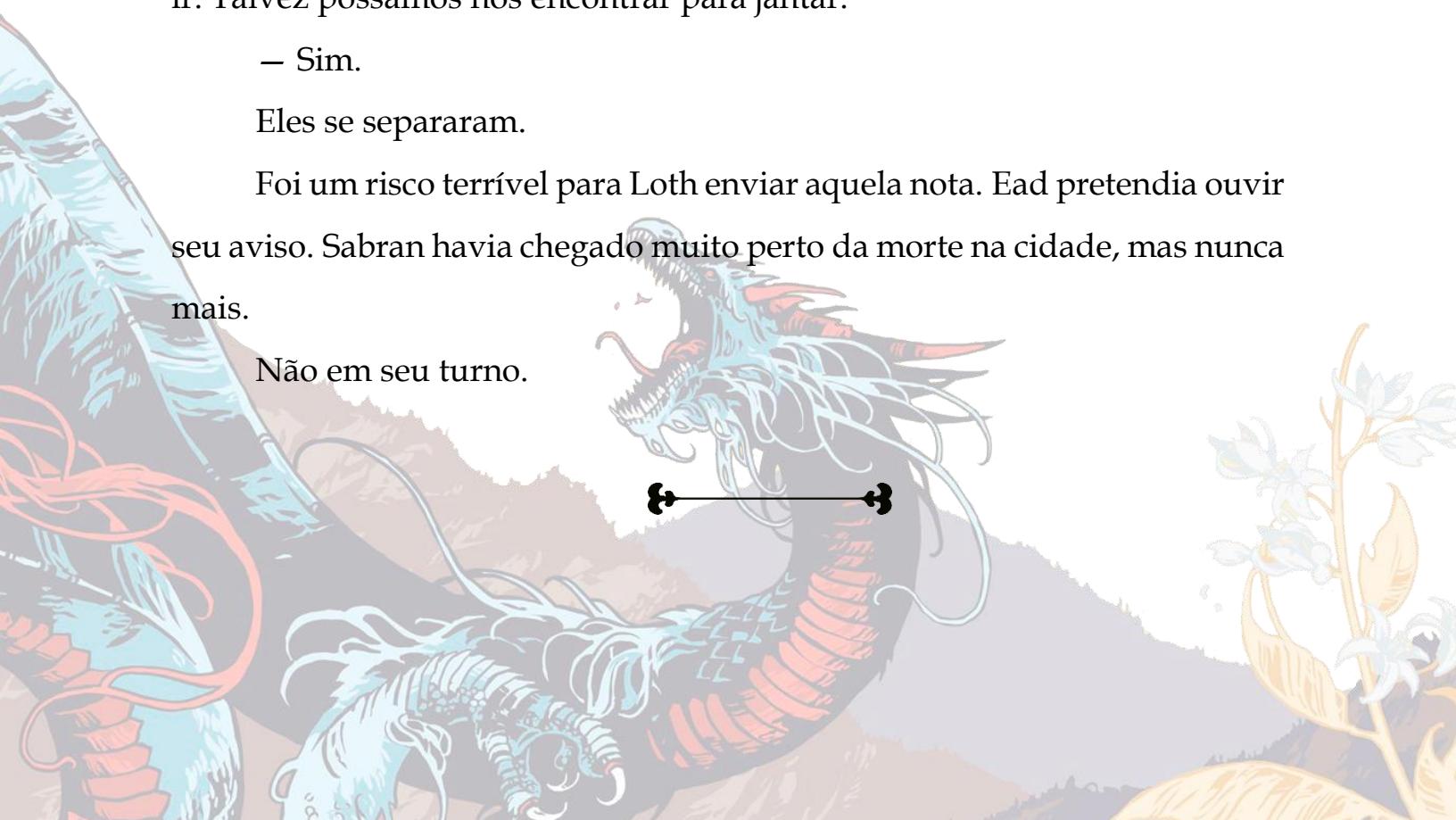
— Possivelmente. Mamãe diz que não devo ceder a isso. Voltarei em breve, mas ainda não. — Margret enfiou a carta nas saias. — Eu preciso ir. Talvez possamos nos encontrar para jantar.

— Sim.

Eles se separaram.

Foi um risco terrível para Loth enviar aquela nota. Ead pretendia ouvir seu aviso. Sabran havia chegado muito perto da morte na cidade, mas nunca mais.

Não em seu turno.



A gravidez estava deixando Sabran doente. Roslain estava de pé com a cotovia para segurar seu cabelo enquanto ela vomitava em um penico. Em algumas noites, Katryen dormia ao lado delas em uma cama de rodízio.

Ainda assim, apenas um punhado de pessoas sabia sobre a criança. Agora não era a hora, naqueles primeiros dias de luto.

A cada dia, a rainha emergia do Quarto de Dormir Real, onde passara a noite de núpcias, parecendo mais preocupada do que no dia anterior. A cada dia, as sombras abaixo de seus olhos pareciam mais sombrias. Nas raras ocasiões em que falava, ela era breve.

Então, quando ela falou uma noite sem ser persuadida, Katryen quase deixou cair o bordado.

— Ead — disse a Rainha de Inys, — você será minha companheira de cama esta noite.

Às nove horas, as Damas do Quarto de Dormir a despiram, mas pela primeira vez Ead também colocou a camisola. Roslain a puxou para o lado.

— Deve haver luz no quarto a noite toda — ela disse a ela. — Sabran terá medo se acordar na escuridão. Acho mais fácil manter uma vela acesa na mesa de cabeceira.

Ead assentiu.

— Eu manterei.

— Bom.

Roslain parecia querer dizer mais, mas se conteve. Uma vez que o Quarto de Dormir Real estava seguro, ela conduziu as outras damas de companhia para fora e trancou as portas.

Sabran estava reclinada na cama. Ead subiu ao lado dela e puxou a colcha sobre si mesma.

Por muito tempo, elas ficaram em silêncio. Katryen sabia como manter Sabran de bom humor, enquanto Roslain sabia como aconselhá-la. Ead se perguntou qual deveria ser o papel dela. Ouvir, talvez.

Ou dizer a verdade. Talvez fosse isso que Sabran mais valorizava.

Fazia anos que ela não dormia tão perto de outra pessoa. Ela estava muito ciente de Sabran. O piscar de cílios fuliginosos. O calor de seu corpo. A subida e descida de seu seio.

— Tenho tido muitos pesadelos ultimamente. — Sua voz quebrou o silêncio. — Seu remédio ajudou, mas o Doutor Bourn me disse que não devo tomar nada enquanto estiver grávida. Nem mesmo a água do sono.

— Não desejo contestar o Doutor Bourn — disse Ead. — Mas talvez você pudesse usar a água de rosas em uma pomada. Isso vai acalmar sua pele e ainda pode ajudar a afastar os pesadelos.

Assentindo, Sabran colocou a mão em sua barriga.

— Vou pedir amanhã. Talvez a sua presença mantenha os pesadelos afastados esta noite, Ead. Mesmo que as rosas não possam.

Seu cabelo estava solto, repartido como cortinas onde seus ombros apareciam.

— Eu nunca te agradeci. Por tudo o que você fez naquele beco, — ela disse. — Por mais que estivesse sofrendo, eu percebi como você lutou bem para me proteger. — Ela ergueu o queixo. — Foi você quem matou os outros assassinos? Você é o guardião da noite?

Sua expressão era impenetrável. Ead queria fazer o que ela decidira, dizer a verdade, mas o risco era muito grande. Se a notícia chegasse a Combe, ela seria forçada a sair da corte.

— Não, senhora — disse ela. — Talvez ele pudesse ter protegido o príncipe Aubrecht, o que eu não fiz.

— Não era seu dever proteger o príncipe — disse Sabran. Seu perfil era metade sombra e metade ouro. — É minha culpa que Aubrecht esteja morto. Você me disse para não abrir aquela porta.

— A assassina teria encontrado um caminho para ele, naquele dia ou outro — disse Ead. — Alguém pagou generosamente a Bess Weald para garantir que o príncipe Aubrecht morresse. Seu destino estava selado.

— Isso pode ser verdade, mas eu deveria ter escutado. Você nunca me enganou. Não posso pedir perdão a Aubrecht, mas... Irei pedir o seu, Ead Duryan.

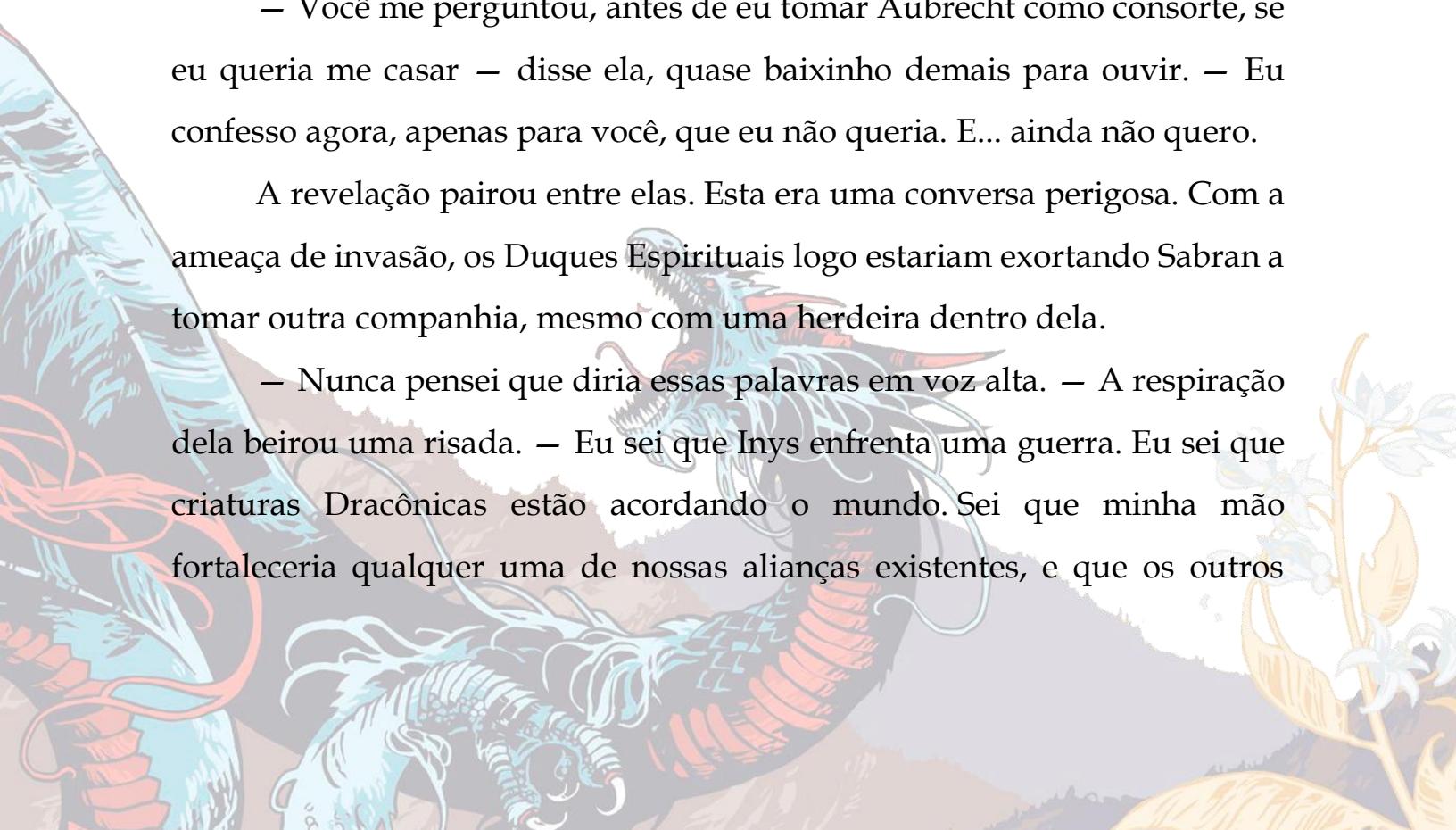
Foi preciso esforço para manter o olhar dela. Ela não tinha ideia do quanto Ead a *havia* enganado.

— Concedido — disse Ead.

Sabran soltou a respiração pelo nariz. Pela primeira vez em oito anos, Ead sentiu uma pontada de remorso pelas mentiras que havia contado.

— Truyde utt Zeedeur deve pagar o preço por sua traição, não importa sua juventude — declarou Sabran. — Por direito, devo exigir que a Alta Princesa Ermuna a condene à morte. Ou talvez você prefira que eu ofereça misericórdia, Ead, já que você acha seu sabor tão reconfortante.

— Você deve fazer o que quiser com ela.



Na verdade, Ead não queria que a garota morresse. Ela era uma tola perigosa, e sua estupidez causou uma série de mortes, mas ela tinha dezessete anos. Havia tempo para ela fazer as pazes.

Outro silêncio se passou antes que a rainha se virasse para encará-la. Tão perto, Ead podia ver os anéis escuros grossos que cercavam suas íris, escuros contra seu verde surpreendente.

— Ead — ela disse. — Não posso falar com Ros ou Kate sobre isso, mas vou falar com você. Eu sinto que você não vai pensar menos de mim. Que você vai... Compreender.

Ead entrelaçou seus dedos.

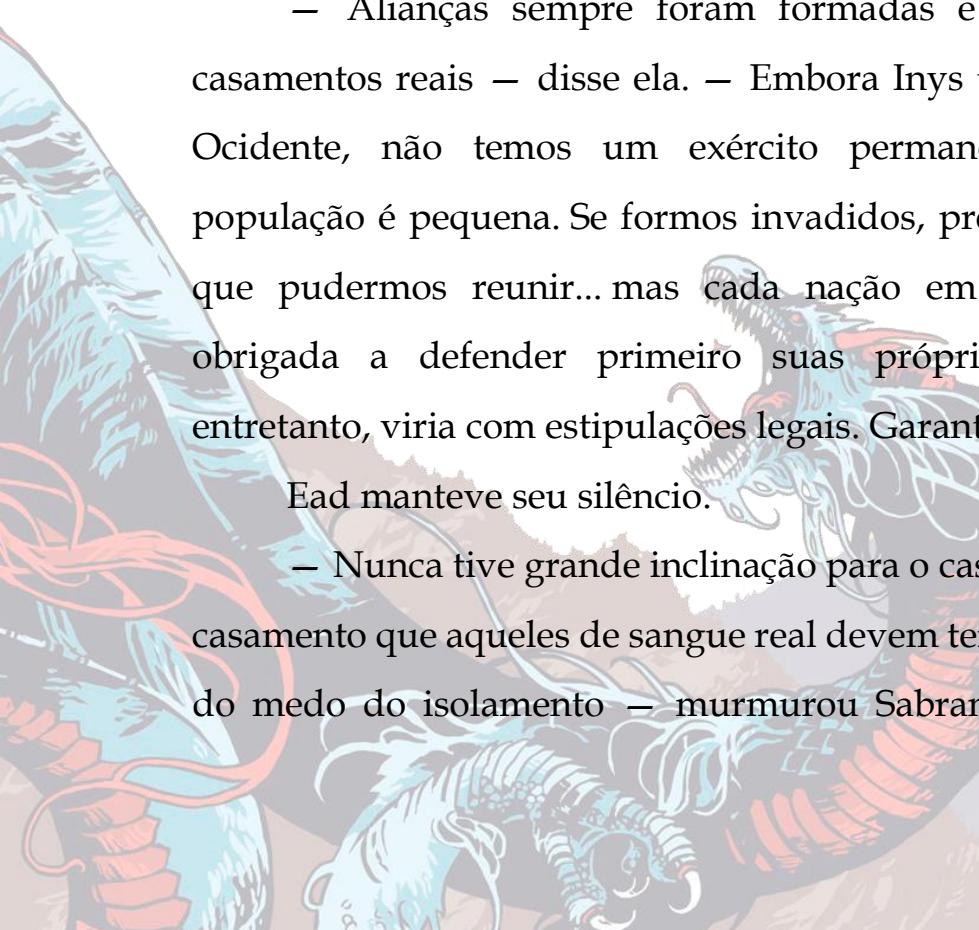
— Você sempre pode falar livremente comigo — disse ela.

Sabran se aproximou mais. Sua mão era fria e delicada, os dedos nus sem as joias. Ela havia enterrado seu anel de nó de amor nos Jardins Afundados para marcar um lugar para um memorial.

— Você me perguntou, antes de eu tomar Aubrecht como consorte, se eu queria me casar — disse ela, quase baixinho demais para ouvir. — Eu confesso agora, apenas para você, que eu não queria. E... ainda não quero.

A revelação pairou entre elas. Esta era uma conversa perigosa. Com a ameaça de invasão, os Duques Espirituais logo estariam exortando Sabran a tomar outra companhia, mesmo com uma herdeira dentro dela.

— Nunca pensei que diria essas palavras em voz alta. — A respiração dela beirou uma risada. — Eu sei que Inys enfrenta uma guerra. Eu sei que criaturas Dracônicas estão acordando o mundo. Sei que minha mão fortaleceria qualquer uma de nossas alianças existentes, e que os outros



países de Virtudom foram trazidos para o rebanho por meio da sagrada instituição da companhia.

Ead assentiu.

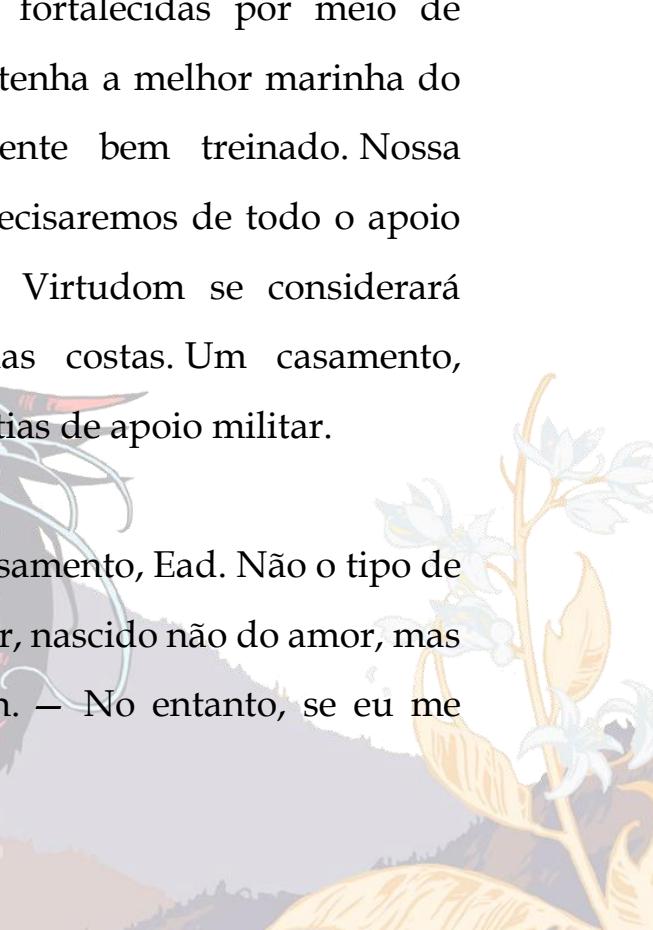
— Mas?

— Eu tenho medo.

— Por quê?

Sabran ficou imóvel por um tempo. Uma mão pousou em sua barriga, enquanto Ead segurava a outra.

— Aubrecht foi gentil comigo. Terno e bom, — ela finalmente disse, a voz baixa em sua garganta. — Mas quando ele estava dentro de mim, mesmo quando eu encontrava prazer nisso, parecia... — ela fechou os olhos. — Parecia que meu corpo não era totalmente meu. Ainda... ainda parece assim.

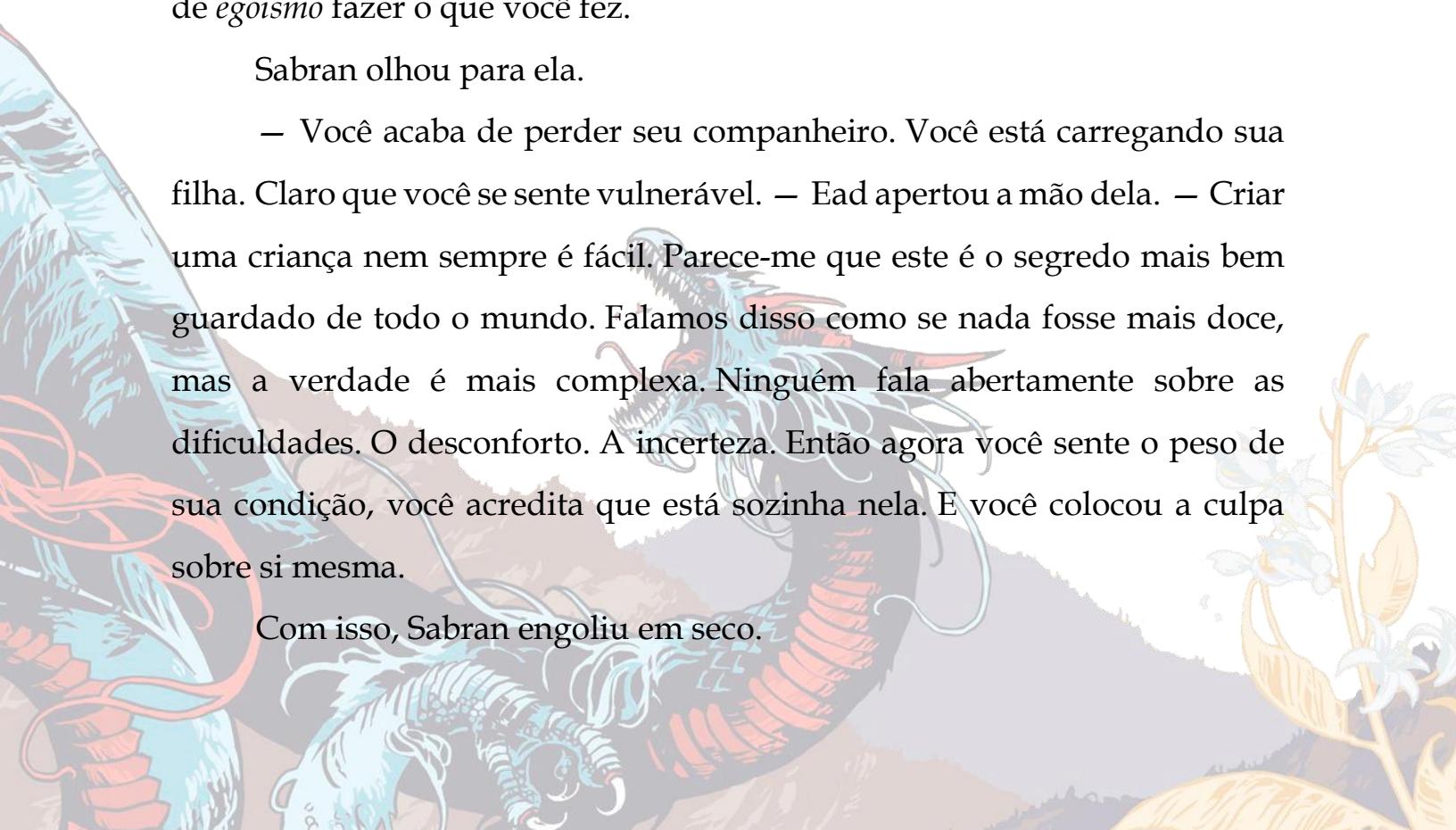


Seu olhar mergulhou na protuberância quase invisível, envolta pelo veludo de seda de sua camisola.

— Alianças sempre foram formadas e fortalecidas por meio de casamentos reais — disse ela. — Embora Inys tenha a melhor marinha do Ocidente, não temos um exército permanente bem treinado. Nossa população é pequena. Se formos invadidos, precisaremos de todo o apoio que pudermos reunir... mas cada nação em Virtudom se considerará obrigada a defender primeiro suas próprias costas. Um casamento, entretanto, viria com estipulações legais. Garantias de apoio militar.

Ead manteve seu silêncio.

— Nunca tive grande inclinação para o casamento, Ead. Não o tipo de casamento que aqueles de sangue real devem ter, nascido não do amor, mas do medo do isolamento — murmurou Sabran. — No entanto, se eu me



abster, o mundo vai se colocar em julgamento. Muito orgulhosa para casar meu país com outro. Egoísta demais para dar a minha filha um pai para amá-la, caso eu morresse. É assim que serei vista. Quem se levantaria em defesa de tal monarca?

— Aqueles que a chamam de Sabran, a Magnífica. Aqueles que a viram derrotar Fýredel.

— Eles logo esquecerão aquele feito quando os navios inimigos escurecerem o horizonte — disse Sabran. — Meu sangue não pode deter os exércitos de Yscalin. — Suas pálpebras estavam afundando. — Eu não espero que você diga nada para me confortar, Ead. Você me deixou desabafar, embora meus medos sejam egoístas. A Donzela me concedeu uma criança que implorei a ela, e tudo que posso fazer é... tremer.

Mesmo que um fogo rugisse na lareira, arrepios salpicaram sua pele.

— De onde eu venho — disse Ead — não chamaríamos de *egoísmo* fazer o que você fez.

Sabran olhou para ela.

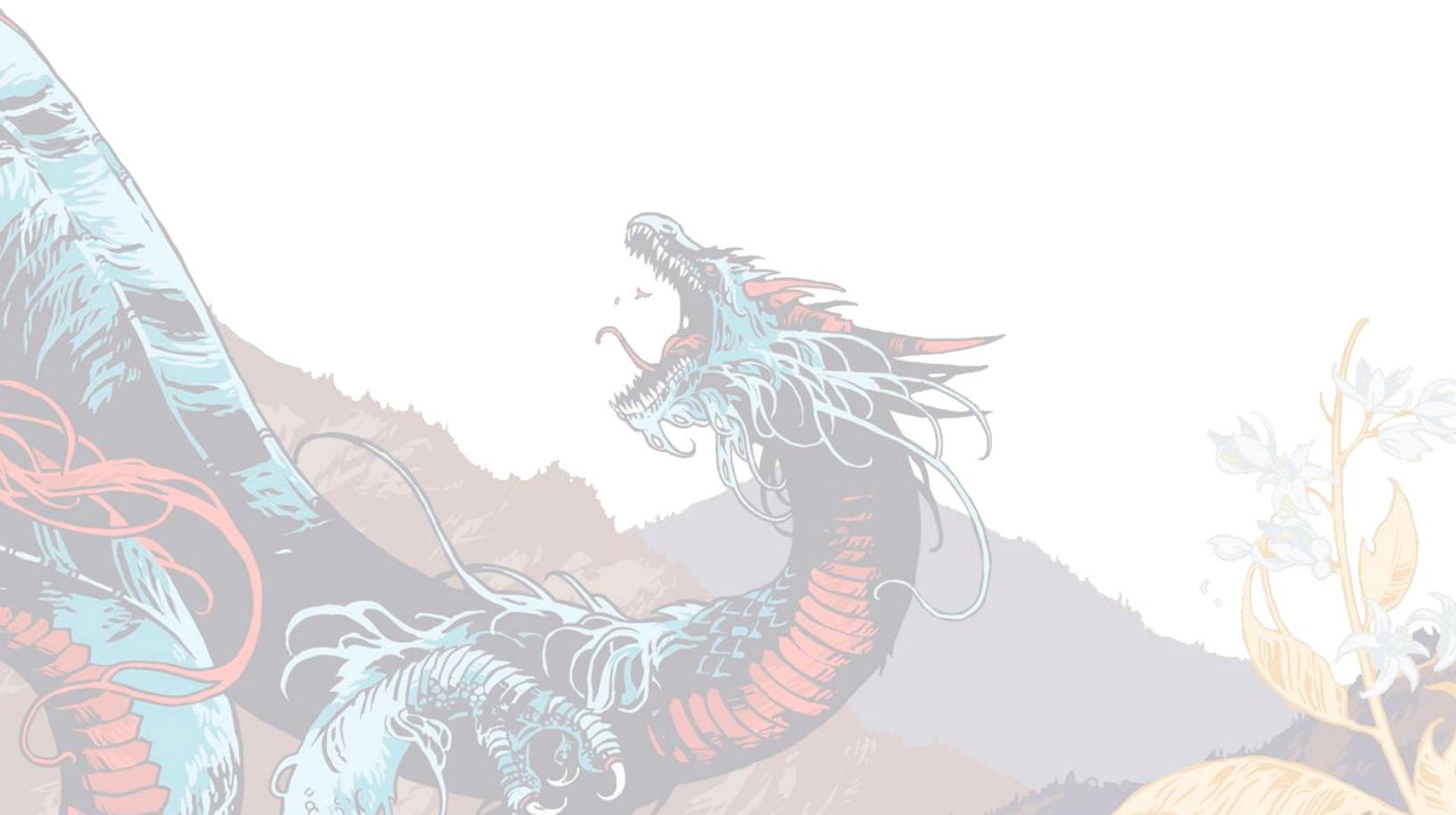
— Você acaba de perder seu companheiro. Você está carregando sua filha. Claro que você se sente vulnerável. — Ead apertou a mão dela. — Criar uma criança nem sempre é fácil. Parece-me que este é o segredo mais bem guardado de todo o mundo. Falamos disso como se nada fosse mais doce, mas a verdade é mais complexa. Ninguém fala abertamente sobre as dificuldades. O desconforto. A incerteza. Então agora você sente o peso de sua condição, você acredita que está sozinha nela. E você colocou a culpa sobre si mesma.

Com isso, Sabran engoliu em seco.

— Seu medo é natural. — Ead sustentou seu olhar. — Não deixe ninguém convencê-la do contrário.

Pela primeira vez desde a emboscada, a Rainha de Inys sorriu.

— Ead — disse ela —, não tenho certeza do que eu faria sem você.



Capítulo 31

Leste

O castelo de Lago Branco não recebeu o nome de um rio, mas do fosso de conchas que cercava seu terreno. Atrás dela estava a eterna Floresta do Pássaro Ferido e, além dela, o deserto e brutal Monte Tego. Um ano antes do Dia da Escolha, todos os aprendizes foram desafiados a subir até o topo daquele monte, onde se dizia que o espírito do grande Kwiriki descia para abençoar os dignos.

De todos os aprendizes da Casa Sul, somente Tané havia chegado ao cume. Semi-congelada, acometida pelo enjôo da montanha, ela havia se arrastado até a última encosta, vomitando sangue na neve.

Ela não era humana naquela hora final. Apenas uma lamparina de papel, fina e rasgada pelo vento, agarrada aos restos bruxuleantes de uma alma. No entanto, quando não havia mais o que subir, e ela olhou para cima e não viu nada além da terrível beleza do céu, ela encontrou forças para subir. E ela sabia que o grande Kwiriki estava com ela, *dentro* dela.

Nesse momento, aquele sentimento nunca pareceu tão distante. Ela era a lamparina esfarrapada novamente. Mal viva.

Ela não tinha certeza de quanto tempo eles a mantiveram na prisão. O tempo havia se tornado uma piscina sem fundo. Ela tinha se deitado com as mãos em concha sobre os ouvidos, então tudo que ela podia ouvir era o mar.

Então outras mãos a colocaram em um palanquim. Agora ela estava sendo escoltada por uma guarita, em uma sala com um teto alto e paredes pintadas com cenas da Grande Tristeza, e então para uma varanda coberta.

A Governadora de Ginura dispensou seus soldados. Ela se ergueu, seu olhar nítido de desgosto.

— Dama Tané — disse ela friamente.

Tané curvou-se e ajoelhou-se nas esteiras. O título já soava como algo de outra vida.

Lá fora, um pesaroso pássaro gritava. Seu piar, como uma criança grisalha, teria levado uma imperatriz à loucura. Tané se perguntou se isso a quebraria também, se ela ouvisse com atenção.

Ou talvez sua mente já estivesse perdida.

— Vários dias atrás — disse a governadora, — um prisioneiro incriminou você em um crime dos mais graves. Ele foi contrabandeadoo para Seiiki de Mentendon. De acordo com o Grande Édito, ele foi condenado à morte.

Uma cabeça no portão, o cabelo duro de sangue.

— O prisioneiro disse aos magistrados do Cabo Hisan que, quando chegou aqui, uma mulher o encontrou na praia. Ele descreveu a cicatriz embaixo de seu olho.

Tané pressionou as palmas das mãos úmidas nas coxas.

— Diga-me — continuou a governadora. — Por que uma aprendiz com um histórico impecável, que foi criada do nada, que teve a rara oportunidade de ser escolhida por Deus, arriscaria tudo — incluindo a segurança de cada cidadão desta ilha — fazendo isso.

Tané demorou muito para encontrar sua voz. Ela a havia deixado em uma vala manchada de sangue.

— Havia sussurros. Que aqueles que quebrassem a reclusão seriam recompensados. Apenas uma vez, eu queria ser destemida. Para arriscar.

— Ela não parecia nada com ela mesma. — Ele... saiu do mar.

— Por que você não denunciou às autoridades?

— Achei que a cerimônia não iria prosseguir. Achei que o porto seria fechado, os deuses afastados. Que eu nunca iria montar.

Como parecia covarde. Quão egoísta e sem sentido. Quando ela explicou a Nayimathun, seu dragão entendeu. Agora a vergonha era esmagadora.

— Ele parecia uma mensagem. Enviado dos deuses. — Ela mal conseguia falar. — Eu tive muita sorte. Durante toda a minha vida, o grande Kwiriki foi bom demais para mim. Todos os dias, espero que seu favor desapareça. Quando o estranho veio, eu sabia que era a hora. Mas eu não estava pronta. Eu precisei... cortar sua conexão comigo. Escondê-lo até que eu tivesse o que eu queria.

Tudo o que ela podia ver eram suas mãos, unhas roídas em carne viva, salpicadas de cicatrizes leves.

— A grande Kwiriki *tem* favorecido você, Dama Tané. — A governadora parecia quase com pena. — Se você tivesse feito uma escolha diferente naquela noite, esse favor ainda poderia ser seu.

O pássaro lá fora, *piava*. Uma criança que nunca poderia ser acalmada.

— Susa era inocente, honrada Governadora — disse Tané. — Eu a forcei a me ajudar.

— Não. Interrogamos o sentinelas que ela convenceu a deixá-la entrar em Orisima. Ela foi uma participante disposta. Leal a você acima de Seiiki.

— A Governadora apertou os lábios. — Estou ciente de que um dragão pediu clemência por ela. Infelizmente, a notícia chegou tarde demais.

— Nayimathun — sussurrou Tané. — Onde ela está?

— Isso me leva ao segundo assunto, ainda mais sério. Perto do amanhecer, um grupo de caçadores pousou na Baía de Ginura.

— Caçadores?

— A Frota do Olho de Tigre. A grande Nayimathun das Neves Profundas foi... roubada.

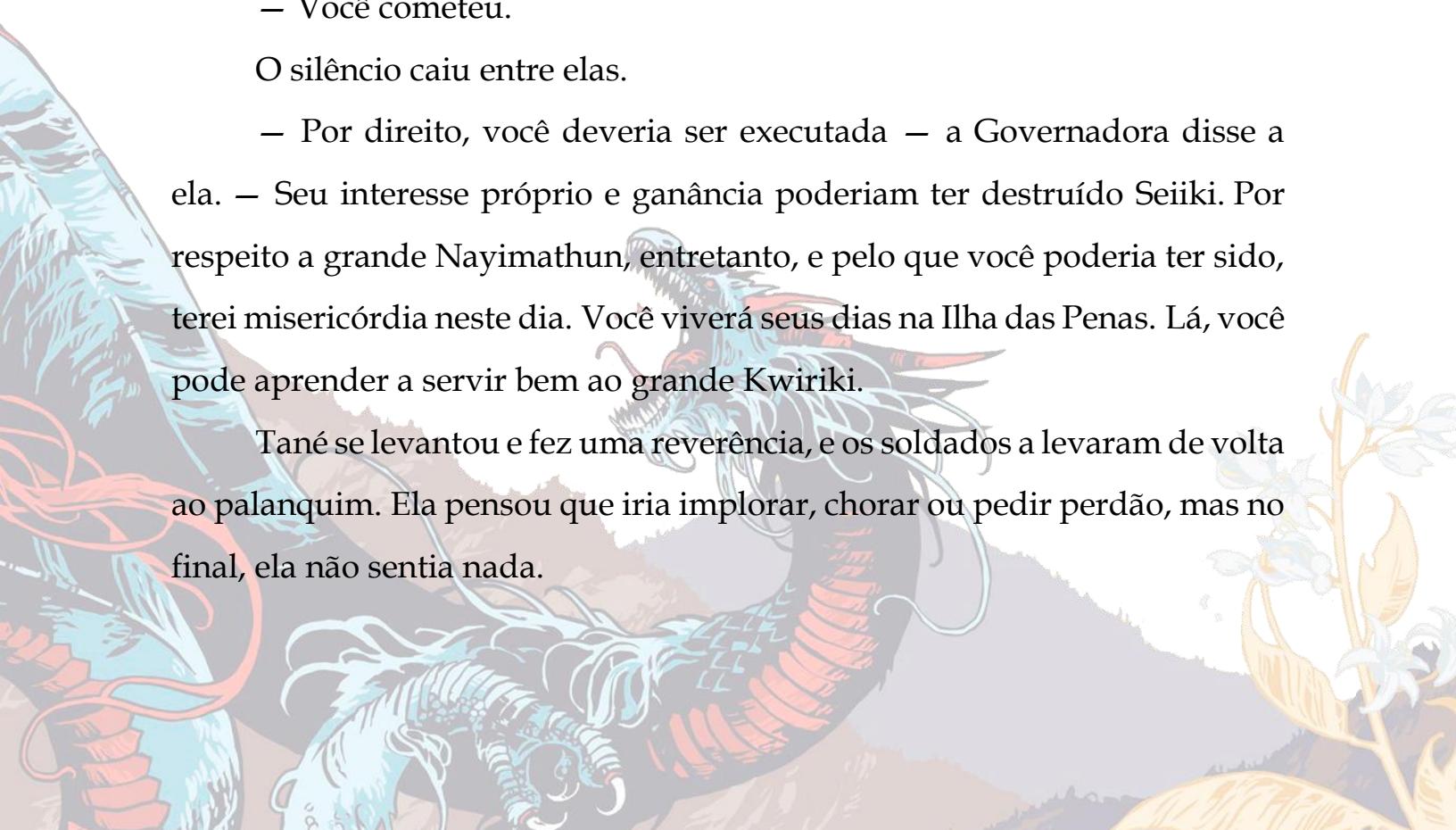
Todas as sensações foram drenadas de Tané. Suas mãos se fecharam em punhos.

— A Guarda do Mar Superior fará o possível para recuperá-la, mas é raro que nossos deuses sejam poupadados da carnificina que os espera em Kawontay. — A Governadora apertou a mandíbula por um momento. — É doloroso dizer isso, mas a grande Nayimathun provavelmente está fora de nosso alcance. — Tané tremeu.

Seu estômago era um veneno para ela. Ela tentou não imaginar o que Nayimathun devia estar sofrendo. A ideia era tão insuportável que sua visão turvou e seus lábios tremeram.

Ela estava condenada e não tinha mais nada nem ninguém a perder. Talvez, neste ato final, ela pudesse extrair parte da corrupção de Seiiki com ela.

— Há mais alguém envolvido — disse ela calmamente. — Roos. Um cirurgião de Orisima. Ele tentou me chantagear. Disse-me para trazer



escamas de dragão e sangue para seu trabalho. Ele não tem nada de moral ou bom nele. — O calor picou seus olhos. — Ele deve ter ajudado a tomar a grande Nayimathun. Não deixe que ele machuque outros dragões. Deixe que ele enfrente a justiça.

A Governadora a considerou por algum tempo.

— Roos foi relatado como desaparecido — disse ela finalmente. Tané ficou olhando. — Ele foi à praia ontem à noite, segundo os amigos. Achamos que ele pode ter escapado da ilha.

Se Roos estava com a Frota do Olho do Tigre, ele já estava morto. Um homem como ele logo cruzaria com a pessoa errada.

Isso não trouxe nenhum conforto a Tané. Seu inimigo se foi, mas também seu dragão. Sua amiga também. E assim foi o sonho que ela nunca mereceu.

— Eu cometí um erro. — Era tudo o que ela tinha. — Um erro terrível.

— Você cometeu.

O silêncio caiu entre elas.

— Por direito, você deveria ser executada — a Governadora disse a ela. — Seu interesse próprio e ganância poderiam ter destruído Seiiki. Por respeito a grande Nayimathun, entretanto, e pelo que você poderia ter sido, terei misericórdia neste dia. Você viverá seus dias na Ilha das Penas. Lá, você pode aprender a servir bem ao grande Kwiriki.

Tané se levantou e fez uma reverência, e os soldados a levaram de volta ao palanquim. Ela pensou que iria implorar, chorar ou pedir perdão, mas no final, ela não sentia nada.

Capítulo 32

Sul

O reflexo da água dançava em um teto arqueado. O ar estava frio, mas não tão frio a ponto de causar arrepios. Loth percebeu essas coisas logo depois de perceber que estava nu.

Ele estava deitado sobre um tapete tecido. À sua direita havia uma lagoa de quatro lados e à esquerda um recesso escavado na rocha, onde brilhava uma lamparina a óleo.

Uma dor súbita atingiu suas costas. Ele se virou de barriga para baixo e vomitou, e então tudo caiu em cima dele.

A chama de sangue.

Fora um pesadelo longínquo em Inys. Uma história ao lado da lareira para noites escuras. Agora ele sabia o que todo o mundo enfrentou no Século da Dor. Ele sabia por que o Oriente havia trancado suas portas.

Seu próprio sangue fervia em óleo. Ele gritou na escuridão de seu caldeirão, e a escuridão gritou de volta. Uma cepa se abriu em algum lugar dentro dele e um enxame de abelhas enfurecidas jorrou em seus órgãos, deixando-os em chamas. E enquanto seus ossos rachavam com o calor, enquanto as lágrimas derretiam por seu rosto, tudo o que ele desejava no mundo era estar morto.

Um lampejo de memória. Através da névoa carmesim, ele sabia que deveria alcançar o lago que tinha visto e apagar o fogo lá dentro. Ele começou a se levantar, movendo-se como se estivesse em uma cama de brasas, mas uma mão fria enfeitou sua testa.

— Não.

Uma voz falou, uma voz como a luz do sol.

— Quem é você?

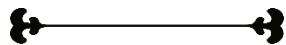
Seus lábios queimaram.

— Lorde Arteloth Beck — disse ele. — Por favor, fique longe. Eu estou com a praga.

— Onde você encontrou a caixa de ferro?

— Donmata Marosa. — Ele estremeceu. — Por favor...

O medo o fez soluçar, mas outra pessoa logo estava ao lado dele, levando uma jarra a seus lábios. Ele bebeu.

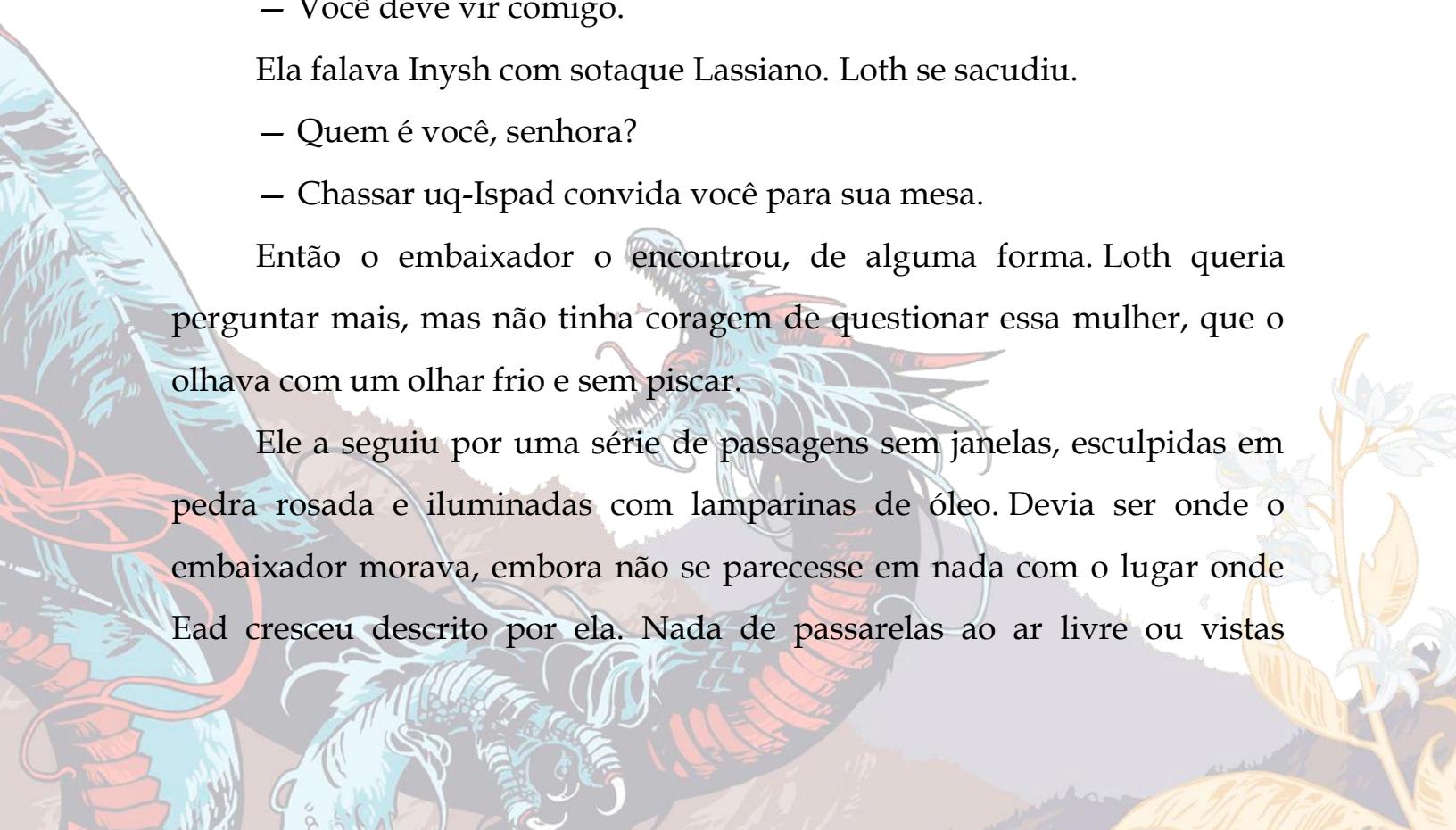


Quando ele acordou em seguida, ele estava em uma cama, embora ainda completamente nu, na mesma câmara subterrânea de antes.

Passou muito tempo antes que ele ousasse se mover. Não havia dor e o vermelho havia sumido de suas mãos.

Loth fez o sinal da espada sobre o peito. O Santo, em sua misericórdia, achou por bem poupar-lo.

Ele ficou imóvel por um tempo, ouvindo passos ou vozes. Por fim, ele ficou com as pernas trêmulas, tão fraco que sua cabeça girou. Seus



hematomas do basilisco estavam cobertos de pomada. Até a memória da agonia estava se esgotando, mas alguma boa alma o tratou e lhe deu sua hospitalidade, e ele pretendia estar apresentável quando a cumprimentasse.

Ele afundou na lagoa. O chão liso era uma bênção contra suas solas cansadas.

Ele não se lembrava de nada depois de sua chegada a Rauca. Uma vaga lembrança de um mercado voltou a ele, e uma sensação de estar em movimento, e então a pousada. Depois disso, um vazio.

Sua barba havia crescido muito para seu gosto, mas não havia sinal de navalha. Quando se recuperou, levantou-se e vestiu a camisola que havia sido deixada na mesa de cabeceira.

Ele se assustou quando a viu. Uma mulher com uma capa verde, segurando uma lamparina na palma da mão. Sua pele era de um marrom profundo, como seus olhos, e seu cabelo enrolado em volta do rosto.

— Você deve vir comigo.

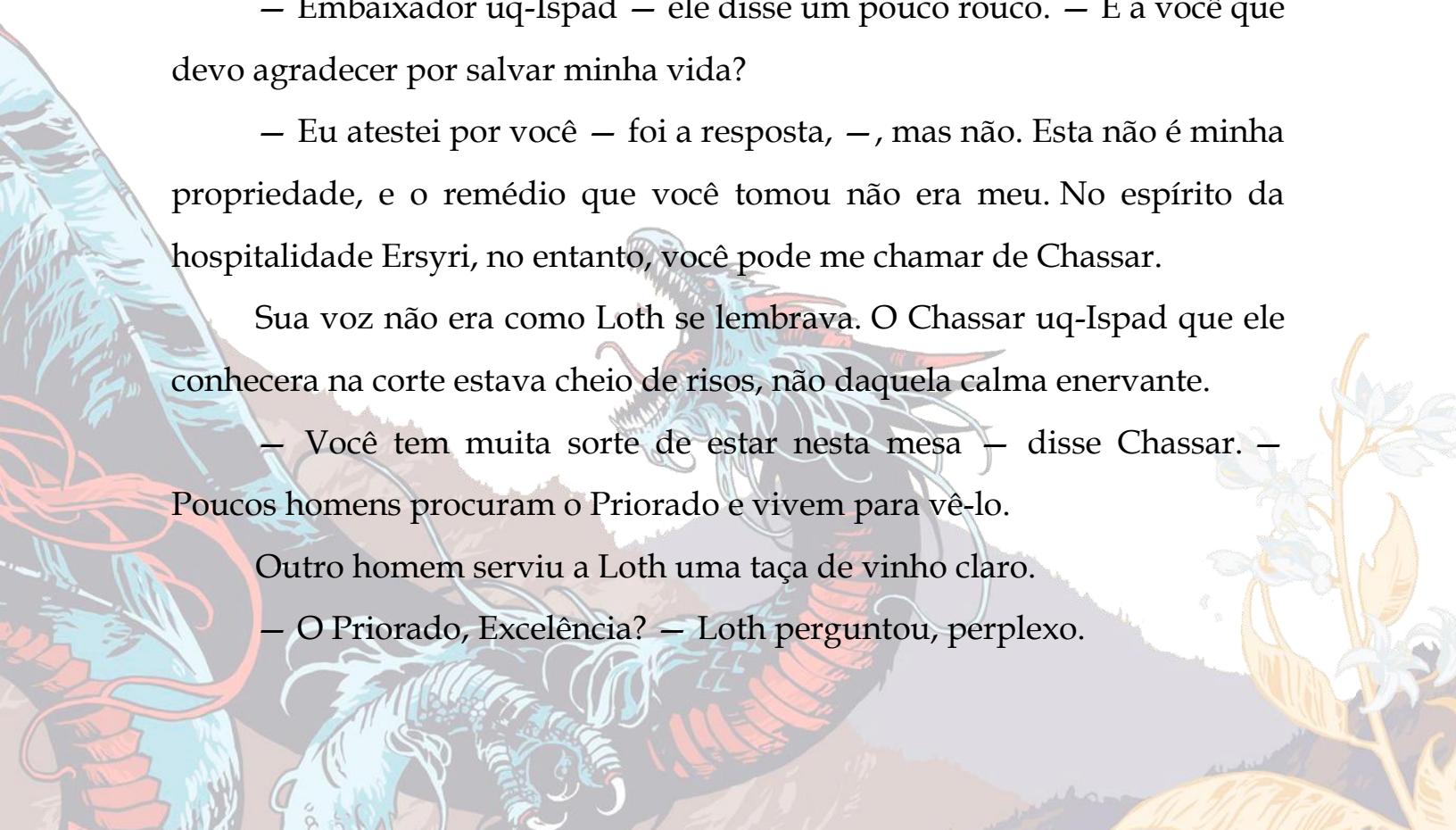
Ela falava Inysh com sotaque Lassiano. Loth se sacudiu.

— Quem é você, senhora?

— Chassar uq-Ispad convida você para sua mesa.

Então o embaixador o encontrou, de alguma forma. Loth queria perguntar mais, mas não tinha coragem de questionar essa mulher, que o olhava com um olhar frio e sem piscar.

Ele a seguiu por uma série de passagens sem janelas, esculpidas em pedra rosada e iluminadas com lamparinas de óleo. Devia ser onde o embaixador morava, embora não se parecesse em nada com o lugar onde Ead cresceu descrito por ela. Nada de passarelas ao ar livre ou vistas



impressionantes das montanhas Sarras. Apenas alcovas aqui e ali, cada uma emoldurando uma estatueta de bronze de uma mulher segurando uma espada e um orbe.

Sua guia parou do lado de fora de uma arcada, que estava pendurada com uma cortina translúcida.

— Por aqui — disse ela.

Ela se afastou, levando sua lamparina com ela.

A câmara além do véu era pequena, com um teto baixo. Um homem Ersyri alto estava sentado a uma mesa. Ele usava um envoltório de prata em volta da cabeça. Quando Loth entrou, ele olhou para cima.

Chassar uq-Ispad.

— Lorde Arteloth. — O embaixador apontou para outro assento. — Por favor, sente-se. Você deve estar muito cansado.

A mesa estava cheia de frutas. Loth se sentou na cadeira oposta.

— Embaixador uq-Ispad — ele disse um pouco rouco. — É a você que devo agradecer por salvar minha vida?

— Eu atestei por você — foi a resposta, —, mas não. Esta não é minha propriedade, e o remédio que você tomou não era meu. No espírito da hospitalidade Ersyri, no entanto, você pode me chamar de Chassar.

Sua voz não era como Loth se lembrava. O Chassar uq-Ispad que ele conhecera na corte estava cheio de risos, não daquela calma enervante.

— Você tem muita sorte de estar nesta mesa — disse Chassar. — Poucos homens procuram o Priorado e vivem para vê-lo.

Outro homem serviu a Loth uma taça de vinho claro.

— O Priorado, Excelência? — Loth perguntou, perplexo.

— Você está no Priorado da Laranjeira, Lorde Arteloth. Em Lasia.

Lasia. Certamente não.

— Eu estava em Rauca — disse ele, ainda mais perplexo. — Como isso é possível?

— O ichneumon. — Chassar serviu-se de uma bebida. — Eles são antigos aliados do Priorado.

Loth não sabia disso.

— Aralaq encontrou você nas montanhas. — Ele baixou a taça. — Ele chamou uma das irmãs para buscá-la.

O Priorado. As irmãs.

— Aralaq — Loth repetiu.

— O ichneumon.

Chassar deu um gole em sua bebida. Loth notou pela primeira vez que uma águia da areia estava empoleirada nas proximidades, com a cabeça inclinada. Ead elogiou essas aves de rapina por sua inteligência.

— Você parece confuso, Lorde Arteloth — disse Chassar levemente. — Eu vou explicar. Para fazer isso, primeiro devo lhe contar uma história.

Esta foi a saudação mais estranha do mundo.

— Você conhece a história da Donzela e do Santo. Você sabe como um cavaleiro resgatou uma princesa de um dragão e a levou para um reino do outro lado do mar. Você sabe que eles fundaram uma grande cidade e viveram felizes para sempre. — Ele sorriu. — Tudo o que você sabe é falso.

Estava tão quieto na sala que Loth ouviu a águia de areia agitar suas penas.

— Você é um seguidor do Cantor do Amanhecer, Sua Excelência —, ele finalmente disse. — Mas eu peço que você não blasfeme na minha frente.

— Os Berethnets são os blasfemadores. *Eles* são os mentirosos.

Loth ficou atordoado em silêncio. Ele sabia que Chassar uq-Ispad era um descrente, mas isso foi um choque.

— Quando o Inominável veio para o sul, para a cidade de Yikala — disse Chassar — o Alto Governante Selinu tentou aplacá-lo organizando uma loteria de vidas. Mesmo as crianças eram sacrificadas se sua sorte fosse sorteada. Sua única filha, a princesa Cleolind, jurou ao pai que poderia matar a fera, mas Selinu proibiu. Cleolind foi forçada a assistir enquanto seu povo sofria. Um dia, porém, ela foi escolhida como o sacrifício.

— É assim que o Santário diz — disse Loth.

— Fique em silêncio e aprenda alguma coisa. — Chassar escolheu uma fruta roxa da tigela. — No dia em que Cleolind deveria morrer, um cavaleiro ocidental cavalgava pela cidade. Ele carregava uma espada chamada Ascalon.

— Precisamente...

— Cale-se, ou corto a sua língua.

Loth fechou a boca.

— Este cavaleiro *galante* — Chassar disse, a voz embebida em desdém, —, prometeu matar o Inominável com sua espada encantada. Mas ele tinha duas condições. A primeira era que ele teria Cleolind como sua noiva, e ela voltaria para Inysca com ele como sua rainha consorte. A segunda era que seu povo se converteria às Seis Virtudes da Cavalaria — um código de

cavalaria que ele decidira transformar em religião, tendo ele mesmo como divindade. Uma fé inventada.

Ouvir o Santo descrito como um louco errante era demais para suportar. *Fé inventada*, de fato. As Seis Virtudes eram o código pelo qual todos os cavaleiros Inysh viviam naquela época. Loth abriu a boca, lembrou-se do aviso e fechou-a novamente.

— Apesar do medo — continuou Chassar —, o povo Lassiano não queria se converter a essa nova religião. Cleolind disse isso ao cavaleiro e recusou ambos os termos. No entanto, Galian estava tão dominado pela ganância e luxúria que lutou contra a besta mesmo assim.

Loth quase engasgou.

— Não havia luxúria em seu coração. Seu amor pela princesa Cleolind era casto.

— Tente não ser irritante, meu senhor. Galian, o Enganador, era um bruto. Um bruto egoísta e faminto de poder. Para ele, Lasia era um campo de onde colher uma noiva de sangue real e devotos adoradores de uma religião que ele havia fundado, tudo para seu próprio ganho. Ele se tornaria um deus e uniria Inysca sob sua coroa. — Chassar serviu mais vinho enquanto Loth fervia. — Claro, seu amado Santo caiu quase instantaneamente com um ferimento insignificante e mijou-se. E Cleolind, uma mulher de coragem, empunhou sua espada.

— Ela seguiu o Inominável nas profundezas da Bacia Lasian, onde ele havia feito seu covil. Poucos ousavam entrar na floresta, pois seu mar de árvores era vasto e desconhecido. Ela rastreou a besta até que ela se

encontrou em um grande vale. Crescendo neste vale havia uma laranjeira de altura impressionante e beleza incalculável.

— O Inominável estava enrolado como uma cobra em seu tronco. Eles lutaram pelo vale e, embora Cleolind fosse uma guerreira poderosa, a besta a incendiou. Em agonia, ela rastejou até a árvore. O Inominável cantou em triunfo, certo de sua vitória, e abriu a boca para queimá-la mais uma vez, mas enquanto ela estava sob os galhos, seu fogo não poderia tocá-la.

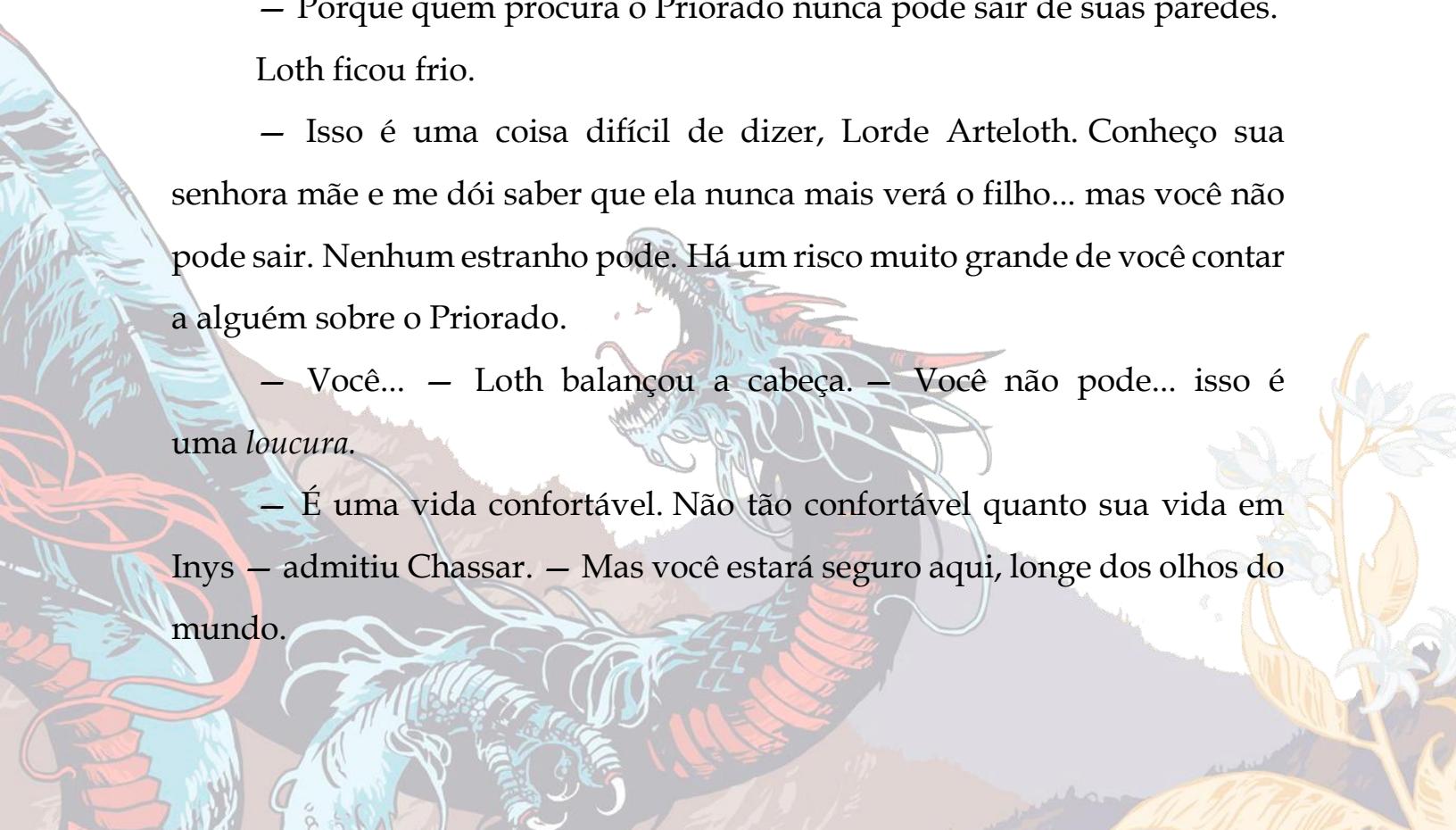
— Mesmo enquanto Cleolind se maravilhava com o milagre, a laranjeira deu seus frutos. Quando ela comeu, ela foi curada – não apenas curada, mas *mudada*. Ela podia ouvir os sussurros na terra. A dança do vento. Ela renasceu como uma chama viva. Ela lutou contra a besta mais uma vez e mergulhou Ascalon sob uma de suas escamas. Gravemente ferido, o Inominável deslizou para longe. Cleolind voltou em triunfo para Yikala e baniu Sir Galian Berethnet de sua terra, devolvendo sua espada para que ele nunca voltasse para pegá-la. Ele fugiu para as Ilhas de Inysca, onde contou uma versão falsa dos acontecimentos, e eles o coroaram Rei de...

Loth bateu com o punho. A águia de areia gritou em protesto.

— Eu não vou sentar em sua mesa e ouvir você manchar minha fé — Loth disse calmamente. — Cleolind foi *com* ele para Inys, e as rainhas Berethnet são suas descendentes.

— Cleolind jogou fora suas riquezas — disse Chassar, como se Loth não tivesse falado. — E viajou de volta para a Bacia Lasiana com suas servas. Lá, ela fundou o Priorado da Laranjeira, uma casa de mulheres abençoada com a chama sagrada. Uma casa, Lorde Arteloth, de magos.

Feitiçaria.



— O propósito do Priorado é matar wyrms e proteger o Sul do poder Dracônico. Sua líder é a Prioresa, aquela que é a mais querida da Mãe. E temo, Lorde Arteloth, que esta grande senhora acredice que você pode ter assassinado uma de suas filhas. — Quando Loth ficou sem expressão, Chassar se inclinou para frente, os olhos intensos. — Você estava de posse de uma caixa de ferro que foi mantida por uma mulher chamada Jondu.

— Eu não sou um assassino. Jondu foi capturada pelos Yscals —, Loth insistiu. — Antes de morrer, ela confiou a caixa à Donmata de Yscalin, que a deu para mim. — Ele tateou o encosto da cadeira e se levantou. — Ela me implorou para trazê-lo para você. Você a tem agora — ele disse desesperado. — Devo deixar este lugar.

— Então Jondu está morta. Sente-se, Lorde Arteloth — disse Chassar friamente. — Você vai ficar.

— Então você pode insultar minha fé ainda mais?

— Porque quem procura o Priorado nunca pode sair de suas paredes. Loth ficou frio.

— Isso é uma coisa difícil de dizer, Lorde Arteloth. Conheço sua senhora mãe e me dói saber que ela nunca mais verá o filho... mas você não pode sair. Nenhum estranho pode. Há um risco muito grande de você contar a alguém sobre o Priorado.

— Você... — Loth balançou a cabeça. — Você não pode... isso é uma *loucura*.

— É uma vida confortável. Não tão confortável quanto sua vida em Inys — admitiu Chassar. — Mas você estará seguro aqui, longe dos olhos do mundo.

— Eu sou o herdeiro de Goldenbirch. Sou amigo da Rainha Sabran a Nona. Não serei ridicularizado assim! — Suas costas bateram na parede. — Ead sempre disse que você era um homem de bom humor. Se isso é alguma brincadeira, Excelência, diga agora.

— Ah — Chassar suspirou. — Eadaz. Ela me contou sobre sua amizade.

Algo mudou dentro de Loth. E, lentamente, ele começou a entender.

Não Ead, mas *Eadaz*. A sensação da luz do sol. Seus segredos. Sua infância obscura. Mas não, *não* poderia ser verdade... Ead havia se convertido às Seis Virtudes. Ela orava no santuário duas vezes por dia. Ela não podia, não *podia* ser uma herege, uma praticante das artes proibidas.

— A mulher que você conheceu como Ead Duryan é uma mentira, Arteloth. Eu criei essa identidade para ela. Seu verdadeiro nome é Eadaz du Zāla uq-Nāra, e ela é uma irmã do Priorado. Eu a plantei em Inys, por ordem da última Prioresa, para proteger Sabran, a Nona.

— Não.

Ead, que compartilhava seu vinho e dançava com ele em todas as festas da comunhão desde os vinte e dois anos. Ead, a mulher que seu pai disse que ele deveria se casar.

Ead Duryan.

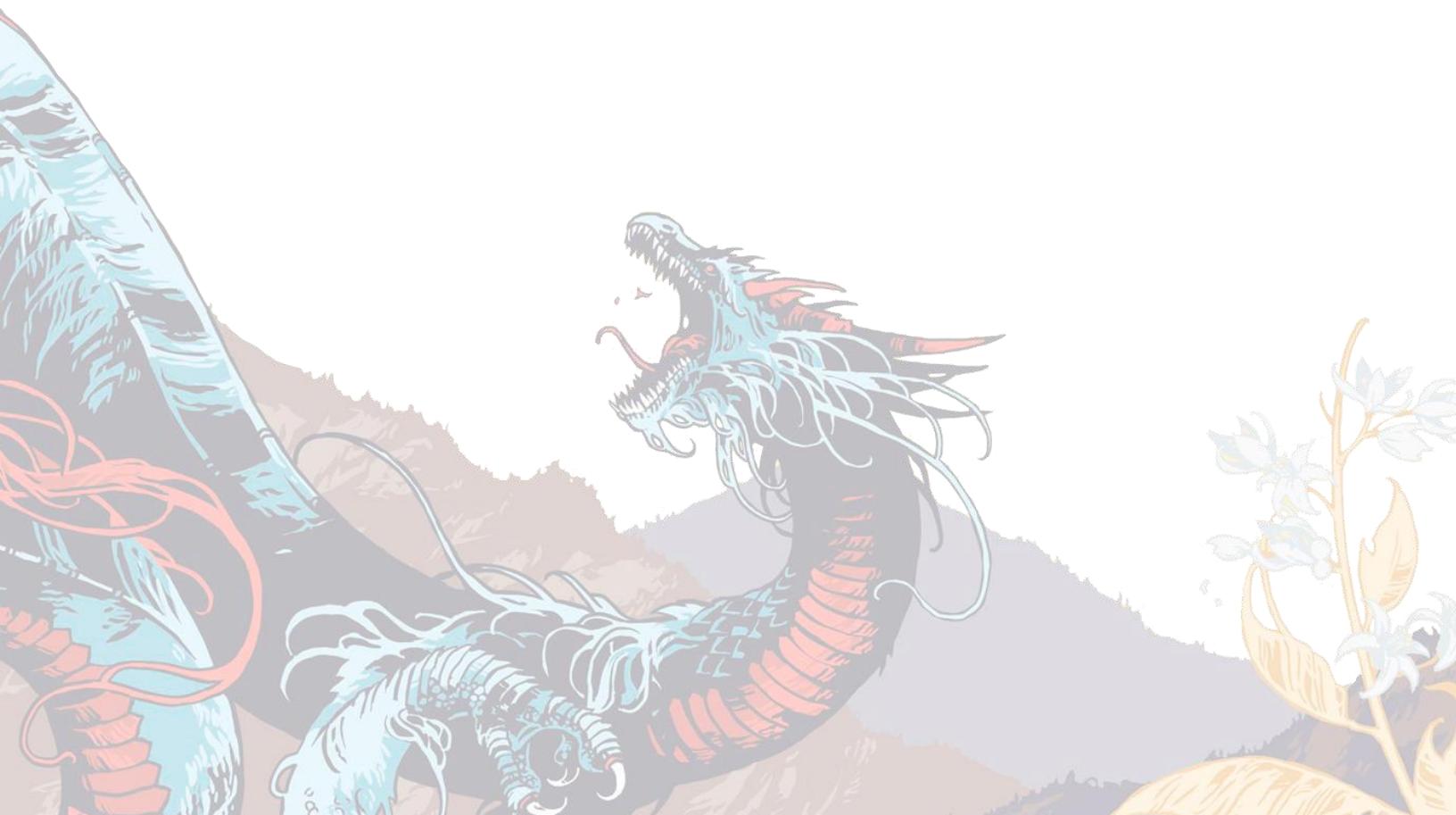
— Ela é uma maga. Uma das mais talentosas —, disse Chassar. — Ela vai voltar aqui assim que Sabran der à luz sua filha.

Cada palavra aprofundava a lâmina da traição. Ele não aguentou mais. Ele empurrou a cortina e tropeçou nas passagens, apenas para ficar

cara a cara com a mulher de verde. E ele viu, então, que ela não estava segurando uma lamparina.

Ela estava *segurando o fogo*.

— A Mãe está com você, Arteloth. — Ela sorriu para ele. — Durma.



Capítulo 33

Leste

Eles estavam acomodados no quarto mais alto do Palácio de Brygstad, onde costumavam passar a noite sozinhos quando o Príncipe Supremo estava fora. As paredes estavam cobertas de tapeçarias, a janela úmida do calor do fogo. Este era o lugar onde a realeza daria à luz. Abaixo de uma abóbada estrelada.

Em outras noites, eles fugiam para o Bairro Antigo, para um quarto que Jannart mantinha em uma pousada chamada Sol no Esplendor, que era conhecida por sua discrição. Ele abrigou muitos amantes que fugiam das leis do Cavaleiro da Sociedade. Alguns, como Jannart, estavam presos a casamentos que não haviam escolhido. Outros eram solteiros. Outros se apaixonaram por pessoas que estavam muito acima ou abaixo de sua posição. Todos amados de uma forma que os faria pagar um preço em Virtudom.

Naquele dia, Edvart partiu com metade da corte, sua filha e seu sobrinho para a residência de verão na Floresta Nupcial. Jannart havia prometido a Edvart que eles se juntariam a ele em breve para caçar o lendário Lobo Sangyn que perseguia o norte de Mentondon.

Niclays nunca teve certeza se Edvart sabia a verdade sobre seu relacionamento com Jannart. Talvez ele tenha fechado os olhos para isso. Se

o assunto se tornasse público, o Príncipe Supremo não teria escolha a não ser banir Jannart, seu amigo mais próximo, por quebrar seu voto ao Cavaleiro da Sociedade.

Uma tora desabou no fogo. Ao lado dele, Jannart estava examinando seus manuscritos, que estavam espalhados pelo tapete à sua frente. Nos últimos anos, ele abandonou sua arte para perseguir sua paixão pela história. Ele sempre tivera um problema com a perda calamitosa de conhecimento na Século da Dor - a queima de bibliotecas, a destruição de arquivos, a ruína irrevogável de edifícios antigos - e agora que seu filho, Oscarde, estava assumindo algumas funções no ducado, ele poderia finalmente se perder em tricotar os buracos da história juntos.

Niclays estava deitado nu na cama, olhando para as estrelas pintadas. Alguém havia feito um grande esforço para fazê-las refletir o verdadeiro céu.

— O que é?

Jannart nem precisou erguer os olhos para saber que algo estava errado. Niclays deu um suspiro.

— Um wyvern nos limites de nossa capital deve abafar até mesmo seu ânimo.

Três dias antes, dois homens se aventuraram em uma caverna a oeste de Brygstad e encontraram um wyvern adormecido. Era bem sabido que seres Dracônicos haviam encontrado lugares para dormir em todo o mundo após o Século da Dor, e que se você procurasse com atenção em qualquer país, poderia encontrar um.

No Estado Livre de Mentendon, a lei declarava que, se descobertos, esses animais deveriam ser deixados sozinhos sob pena de morte. Havia um medo onipresente de que acordar um pudesse acordar outros - mas esses homens se consideravam acima da lei. Bêbados de sonhos da cavalaria, eles sacaram suas espadas e tentaram matar a fera. Não muito satisfeito com o rude despertar, ela comeu seus atacantes e abriu caminho para fora da caverna em fúria. Apática demais de seu sono para cuspir fogo, ela ainda conseguiu espancar vários residentes de uma cidade próxima antes que alguma alma corajosa colocasse uma flecha em seu coração.

— Clay — disse Jannart —, foram dois garotos arrogantes fazendo papel de bobos. Ed vai garantir que isso não aconteça novamente.

— Talvez os Duques sejam ingênuos para essas coisas, mas existem tolos arrogantes em todo o mundo. — Niclays serviu-se de uma taça de vinho preto. — Havia uma mina abandonada não muito longe de Rozentun, você sabe. Corre o boato entre as crianças de que havia um basilisco ali que botou uma ninhada de ovos de ouro antes de dormir. Uma garota que eu conhecia quebrou as costas tentando pegá-los. Um menino se perdeu na escuridão. Ele nunca foi encontrado. Tolos arrogantes, ambos.

— Fico pasmo de que, depois de todos esses anos, ainda estou aprendendo coisas sobre a sua infância. — Jannart arqueou uma sobrancelha, a boca curvada. — Você já procurou os ovos de ouro?

Niclays bufou.

— A noção. Oh, eu fui na ponta dos pés até a entrada uma ou duas vezes, mas o amor da sua vida era um covarde abjeto mesmo quando menino. Temo demais a morte para buscá-la.

— Bem, eu só posso ser grato pela suavidade de sua coluna. Eu confesso também temer sua morte.

— Eu lembro a você que você é dois anos mais velho e que a aritmética da morte é contra você.

Jannart sorriu.

— Não falemos de morte quando ainda há muita vida a ser vivida.

Ele se levantou e Niclays bebeu da poderosa delineação de seu corpo, esculpido por anos de esgrima. Aos cinquenta anos, ele era tão impressionante quanto no dia em que se conheceram. Seu cabelo chegava à cintura e tinha escurecido com o tempo para uma rica granada, prateada na raiz. Niclays ainda não fazia ideia de como havia se apegado ao coração daquele homem por todos esses anos.

— Muito em breve, pretendo levá-lo para a Lagoa do Leite, e lá viveremos sem nome ou título. — Jannart subiu na cama, com as mãos de cada lado de Niclays, e o beijou. — Além disso, é provável que você morra antes de mim neste ritmo. Talvez se você parasse de me trair com o vinho de Ed... — Sua mão se esgueirou em direção ao copo.

— Você tem seus livros empoeirados. Eu tenho vinho. — Rindo, Niclays o segurou fora de alcance. — Nós concordamos.

— Entendo. — Jannart deu outro golpe meio brincalhão para ele. — E quando concordamos nisso?

— Hoje. Você devia estar dormindo.

Jannart desistiu e rolou na cama ao lado dele. Niclays tentou ignorar a onda de remorso.

Eles haviam discutido sobre sua fraqueza por vinho muitas vezes ao longo dos anos. Ele havia contido a bebida o suficiente para evitar que perdesse horas de memória, como costumava acontecer na juventude, mas suas mãos tremiam se ele ficava muito tempo sem uma taça. Jannart parecia muito cansado do assunto para lutar contra ele ultimamente. Doía a Niclays desapontar a única pessoa que o amava.

Vinho preto era seu conforto. Sua espessa doçura preenchia o vazio que se abria sempre que olhava para o dedo, vazio de um anel de nó de amor. Isso atenuava a dor de viver uma mentira.

— Você realmente acha que a Lagoa do Leite existe? — ele sussurrou.

Um lugar de folclore e canções de ninar. O refúgio dos amantes.

Jannart circulou o umbigo com um dedo.

— Sim — disse ele. — Reuni evidências suficientes para acreditar que existia antes do Século da Dor, pelo menos. Ed ouviu dizer que os descendentes remanescentes da família de Nerafriss sabem onde está, mas eles vão contar apenas aos dignos.

— Isso me exclui, então. É melhor você ir sozinho.

— Você não está fugindo de mim tão facilmente, Niclays Roos.

— Jannart moveu sua cabeça para mais perto, então seus narizes se roçaram. — Mesmo que nunca encontrarmos a Lagoa do Leite, podemos ir para outro lugar.

— Onde?

— Em algum outro lugar no Sul, talvez. Em qualquer lugar que o Cavaleiro da Sociedade não tenha influência — disse Jannart. — Existem

lugares não mapeados além do Portão de Ungulus. Talvez outros continentes.

— Não sou um explorador.
— Você poderia ser, Clay. Você pode ser qualquer coisa e nunca deve pensar o contrário. — Jannart rolou o polegar sobre a bochecha de Niclays. — Se eu tivesse me convencido de que não era um pecador, nunca teria beijado os lábios que ansiava por beijar. Os lábios de um homem com cabelo ouro rosado, cujo nascimento, pelas leis de um cavaleiro morto há muito tempo, o tornou indigno de meu amor.

Niclays tentou não olhar como um tolo para aqueles olhos cinzentos de Vatten. Mesmo agora, depois de todos esses anos, olhar para este homem tirava seu fôlego.

— E Aleidina? — ele disse.

Ele tentou parecer mais curioso do que azedo. Era difícil para Jannart, que havia passado décadas roubando entre companheiro e amante, com grande risco para sua posição na corte. Niclays não tinha esse cuidado. Ele nunca se casou e ninguém tentou forçá-lo.

— Ally vai ficar bem — disse Jannart, mesmo com a testa franzida. — Ela será a Duquesa viúva de Zeedeur, rica e poderosa por si mesma.

Jannart se importava com Aleidine. Mesmo que ele nunca a tivesse amado como companheiros amados, eles promoveram uma amizade íntima em seu casamento de trinta anos. Ela cuidava de seus negócios, carregou seu filho, dirigia o Ducado de Zeedeur ao seu lado, e durante tudo isso, ela o amou incondicionalmente.

Quando eles partissem, Niclays sabia que Jannart sentiria falta dela. Ele sentiria falta da família que eles haviam formado, mas aos seus olhos, ele havia dado a eles sua juventude. Agora ele queria viver seus últimos anos com o homem que amava.

Niclays pegou sua mão, a que trazia um anel de prata com um nó de amor.

— Vamos logo — ele disse levemente, para distraí-lo. — Me esconder assim está começando a me envelhecer.

— A idade se torna você, minha raposa dourada. — Jannart o beijou. — Nós iremos embora. Eu prometo.

— Quando?

— Quero passar mais alguns anos com Truyde. Então ela tem alguma memória de seu avô.

A criança tinha apenas cinco anos e já folheava com os punhos cerrados qualquer livro que Jannart colocasse à sua frente, o lábio inferior esticado em determinação. Ela tinha o cabelo dele.

— Mentirosa — disse Niclays. — Você quer garantir que ela continue seu legado de pintora, já que Oscarde não tem habilidade artística.

Jannart riu intensamente.

— Possivelmente.

Eles ficaram parados por um tempo, os dedos entrelaçados. A luz do sol lavou o quarto em ouro.

Eles estariam sozinhos em breve. Niclays disse a si mesmo que era verdade, como fazia todos os dias, ano após ano. Mais um ano, talvez dois,

até que Truyde ficasse um pouco mais velha. Então eles iriam deixar Virtudom para trás.

Quando Niclays se virou para olhá-lo, Jannart sorriu, aquele sorriso maroto que brincava com o canto de sua boca. Agora que ele estava mais velho, isso fazia sua bochecha enrugar de uma forma que de alguma forma só servia para torná-lo mais bonito. Niclays ergueu a cabeça para encontrar o beijo, e Jannart embalou seu rosto com as duas mãos como se estivesse emoldurando um de seus retratos. Niclays traçou uma linha na tela branca do estômago de Jannart, fazendo seu corpo arquear mais perto e acelerar. E embora se conhecessem de cor, a força desse abraço era nova.

Quando o crepúsculo caiu, eles se deitaram entrelaçados em frente ao fogo, os olhos pesados e escorregadios de suor. Jannart passou os dedos pelo cabelo de Niclays.

— Clay — ele murmurou. — Eu devo ir embora por um tempo.

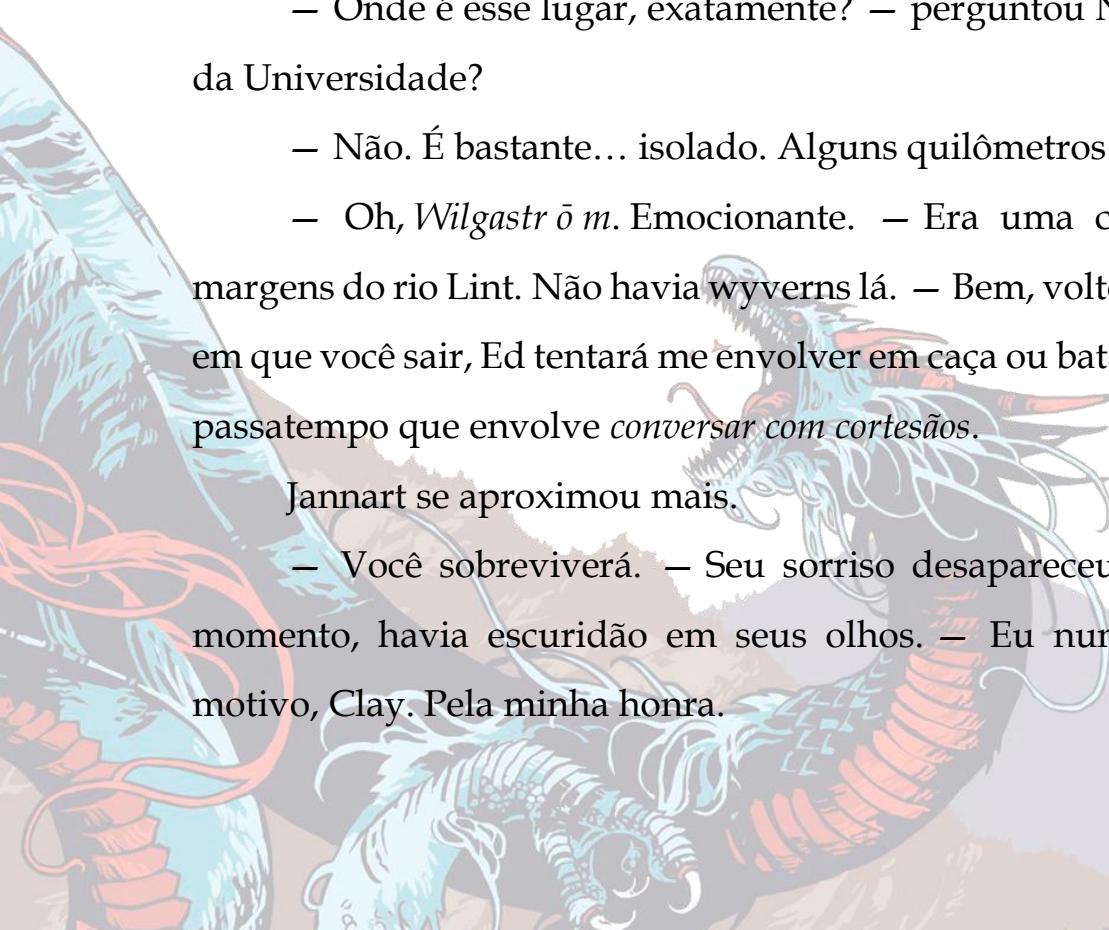
Niclays ergueu os olhos.

— O quê?

— Você se pergunta o que eu faço no meu escritório o dia todo — disse Jannart. — Há algumas semanas, herdei um fragmento de texto da minha tia, que foi Vice-rainha de Orisima durante quarenta anos.

Niclays suspirou. Uma vez que Jannart estava em busca de um mistério, ele era como um corvo em uma carcaça, levado por sua natureza a limpar cada osso. Assim como Niclays ansiava pela alquimia e pelo vinho, Jannart ansiava pela restauração do conhecimento.

— Conte-me mais — disse Niclays, o mais corajosamente que pôde.



— O fragmento tem muitos séculos. Quase tenho medo de lidar com isso, caso desmorone. De acordo com seu diário, minha tia recebeu de um homem que disse a ela para carregá-lo para longe do Oriente e nunca trazê-lo de volta.

— Que misterioso. — Niclays apoiou a cabeça nos braços. — O que isso tem a ver com a sua partida?

— Não consigo ler o texto. Devo ir à Universidade de Ostendeur para ver se alguém conhece a língua. Acho que é uma forma antiga de Seiikinense, mas algo sobre as palavras me parece estranho. Algumas são maiores, outras menores e estão espaçadas de uma maneira estranha. — Seu olhar estava distante. — Há uma mensagem oculta nisso, Clay. A intuição me diz que é um pedaço vital da história. Algo mais importante do que qualquer coisa que já estudei antes. Eu *devo* entender isso. Já ouvi falar de uma biblioteca que pode me ajudar nisso.

— Onde é esse lugar, exatamente? — perguntou Niclays. — Faz parte da Universidade?

— Não. É bastante... isolado. Alguns quilômetros de Wilgastr ô m.

— Oh, *Wilgastr ô m.* Emocionante. — Era uma cidade sonolenta às margens do rio Lint. Não havia wyverns lá. — Bem, volte logo. No momento em que você sair, Ed tentará me envolver em caça ou batalha ou algum outro passatempo que envolve *conversar com cortesãos*.

Jannart se aproximou mais.

— Você sobreviverá. — Seu sorriso desapareceu e, apenas por um momento, havia escuridão em seus olhos. — Eu nunca te deixaria sem motivo, Clay. Pela minha honra.

— Vou cobrar de você, Zeedeur.



Existia um reino entre o sonho e o despertar, e Niclays estava aprisionado nele. Enquanto ele se mexia, uma lágrima escorreu do canto do olho.

A chuva salpicava seu rosto. Ele estava em um barco a remo, balançando como uma criança em um berço. Vultos se agacharam ao redor dele, trocando palavras, e uma sede terrível queimava em sua garganta.

Memórias turvas nadavam no fundo de sua mente. Mãoz o arrastando. Comida sendo empurrada entre seus lábios, quase o sufocando. Um pano sobre o nariz e a boca.

Ele tateou à procura da lateral do barco e vomitou. Ao redor da embarcação havia ondas verdes, claras como o vidro da floresta.

— Santo... — Sua voz estava seca. — Água — disse ele em Seiikinês. — Por favor.

Ninguém respondeu.

Era o crepúsculo. Ou amanhecer. O céu estava cheio de nuvens, mas o sol havia deixado uma mancha de mel. Niclays piscou para afastar a chuva dos olhos e avistou as velas cor de fogo que pairavam sobre o barco, iluminadas por dezenas de lamparinas.

Um navio fantasma, envolto em névoa do mar. Um de seus captores deu-lhe um tapa na cabeça e latiu algo em Lacustrine.

— Tudo bem — murmurou Niclays. — Tudo certo.

Ele foi levantado pelas cordas que prendiam seus pulsos e forçado a uma escada com uma espada. A visão do navio desfez sua mandíbula e sacudiu o último cochilo dele.

Um galeão de nove mastros, seu casco coberto de ferro, pelo menos o dobro do comprimento de um Alto Ocidental. Niclays nunca tinha visto um navio tão colossal como este, nem mesmo nas águas de Inysh. Ele colocou os pés descalços nas ripas de madeira e subiu, perseguido por gritos e zombarias.

Ele estava entre piratas, sem dúvida. Pelo verde jade das ondas, este era provavelmente o mar de Sundance, que sangrava no Abismo, o oceano sombrio que separava o leste do oeste, o norte e o sul. Este era o mar que ele cruzou quando navegou em direção a Seiiki anos atrás.

Também seria o mar em que ele morreria. Os piratas não eram conhecidos por sua misericórdia ou pelo tratamento civil que dispensavam aos reféns. Era uma maravilha que ele tivesse chegado tão longe sem ter sua garganta cortada.

No topo, ele foi conduzido por suas cordas pelo convés. Ao seu redor estavam homens e mulheres orientais, com um punhado de sulistas espalhados entre eles. Vários dos piratas lançaram olhares suspeitos para Niclays, enquanto outros o ignoraram. Muitos tinham uma palavra Seiikinese tatuada em suas testas: *assassinato, roubo, incêndio criminoso, blasfêmia* – os crimes pelos quais foram punidos.

Niclays foi amarrado a um dos mastros, onde refletiu sobre a miséria de sua condição. Esse devia ser o maior navio que existia, o que significava que ele havia sido capturado pela Frota do Olho do Tigre: piratas que se

especializavam no comércio de mercado das sombras de pedaços tirados de dragões. Eles também, como todos os piratas, cometiam muitos outros crimes.

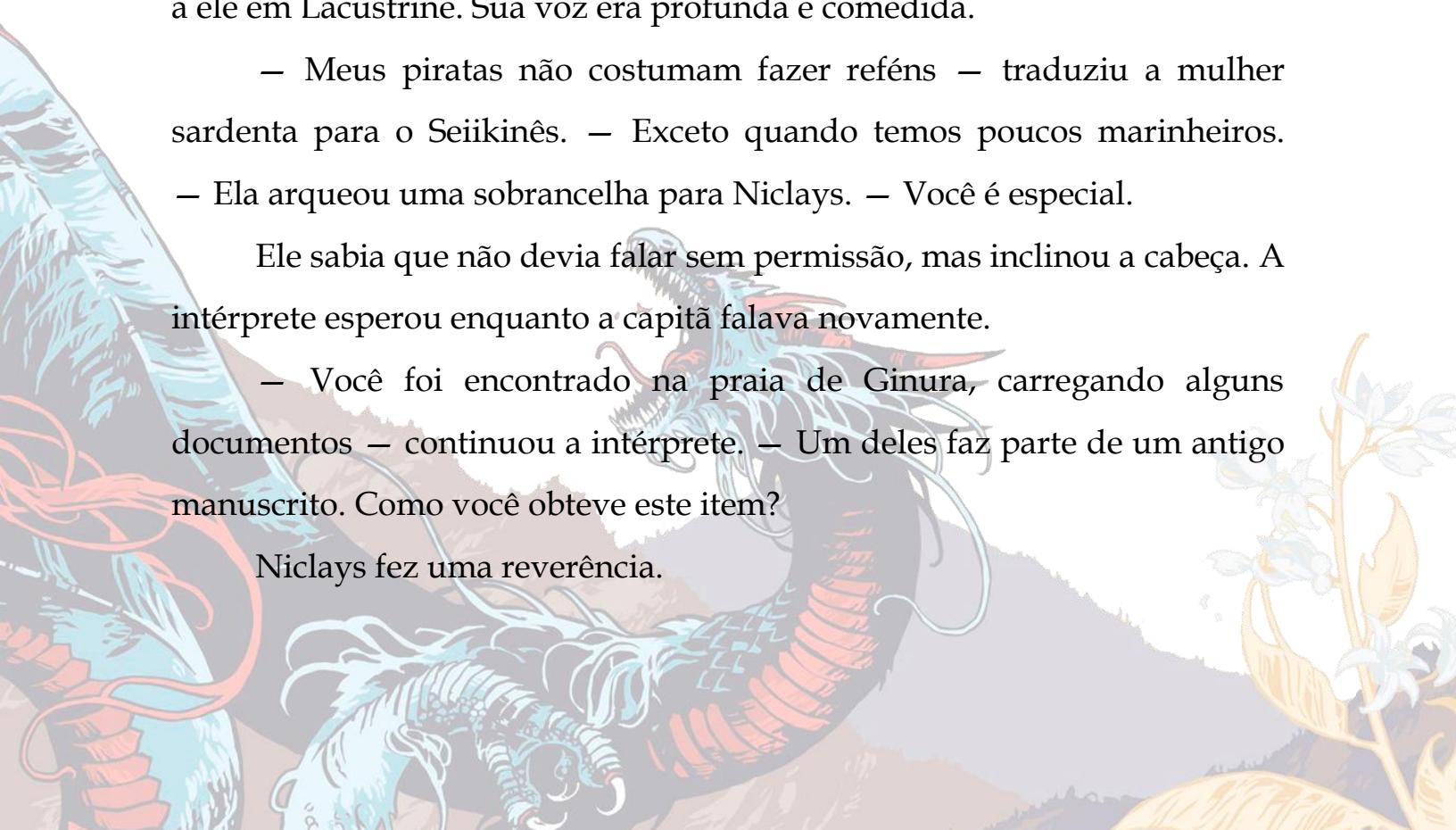
Eles haviam levado todos os seus pertences, incluindo o texto pelo qual Jannart morrera, o fragmento que nunca deveria ter voltado para o Oriente. Era o último pedaço dele que Niclays ainda possuía e, maldita seja, ele o havia perdido. O pensamento o fez querer chorar, mas ele tinha que convencer esses piratas de que eles precisavam de um homem velho. Soluçar de terror não era a maneira de atingir esse objetivo.

Pareceu meses antes de alguém se aproximar dele. Naquela hora, o sol estava nascendo.

Uma mulher Lacuste veio ficar diante dele. A tinta escurecia seus lábios. Sobre seu cabelo grisalho havia um cocar, dourado e pesado com ornamentos afiados como navalhas, cada um uma pequena obra de arte. Ao seu lado estava uma espada tão dourada e duas vezes mais afiada. As linhas gravadas em sua pele marrom falavam de muitos anos passados sob o sol.

Ela estava flanqueada por seis piratas, incluindo um gigante de bigode de um sujeito Sepuli, cujo peito nu estava tão coberto de tatuagens que não havia mais pele virgem nele. Tigres gigantes rasgavam dragões em seu torso, e o sangue girava em meio à espuma do mar até seus ombros. Uma pérola pousava bem sobre seu coração.

A líder – pois ela era inquestionavelmente a líder – usava um longo casaco de seda preta. O braço direito que faltava havia sido substituído por um substituto articulado de madeira, completo com um cotovelo, dedos e um polegar, equipado com uma gaiola sobre o ombro e presa com uma tira



de couro no peito. Niclays duvidava que fosse muito útil para ela no calor da batalha, mas era uma inovação notável, muito diferente de tudo que ele tinha visto no Ocidente.

A mulher olhou para Niclays e depois marchou de volta para a multidão de piratas, que se separaram para deixá-la passar. O gigante desenrolou as cordas e jogou Niclays em sua cabine, que estava decorada com espadas e bandeiras ensanguentadas.

Duas pessoas estavam no canto. Uma mulher atarracada com pele marrom sardenta e rugas ao redor da boca, e um homem magro, alto e pálido, que francamente parecia velho. Uma túnica de seda vermelha esfarrapada passava por seus joelhos.

A pirata se esparramou em um trono, aceitou um cachimbo de madeira e bronze do homem e inalou todos os vapores que havia dentro. Ela considerou Niclays através de uma névoa tingida de azul antes de se dirigir a ele em Lacustrine. Sua voz era profunda e comedida.

— Meus piratas não costumam fazer reféns — traduziu a mulher sardenta para o Seiikinês. — Exceto quando temos poucos marinheiros.
— Ela arqueou uma sobrancelha para Niclays. — Você é especial.

Ele sabia que não devia falar sem permissão, mas inclinou a cabeça. A intérprete esperou enquanto a capitã falava novamente.

— Você foi encontrado na praia de Ginura, carregando alguns documentos — continuou a intérprete. — Um deles faz parte de um antigo manuscrito. Como você obteve este item?

Niclays fez uma reverência.

— Honrada capitã — disse ele, dirigindo-se à mulher Lacustre. — Foi-me legado por um querido amigo após sua morte. Eu trouxe comigo quando vim para Seiiki do Estado Livre de Mentendon, na esperança de encontrar algum significado por trás dele.

Suas palavras foram devolvidas à mulher em Lacustrine.

— E você encontrou? — veio a resposta.

— Ainda não.

Seus olhos eram cacos de vidro vulcânico.

— Você tem esse item há uma década e o carrega consigo como um talismã, mas diz que não sabe nada sobre ele. Uma afirmação fascinante — disse a intérprete, depois que a capitã falou. — Talvez uma surra o inspire a dizer a verdade. Quando uma pessoa vomita sangue, muitas vezes segredos vazam com ela.

O suor encharcou suas costas.

— Por favor — disse ele — é a verdade. Tenha piedade.

Ela riu suavemente ao responder.

— Eu não me tornei a senhora de todos os piratas ao mostrar misericórdia aos ladrões mentirosos.

Senhora de todos os piratas.

Esta não era qualquer capitã pirata. Esta era a temível soberana do Mar de Sundance, a conquistadora de uma miríade de navios, uma senhora do caos com quarenta mil piratas sob seu comando. Esta era a Imperatriz Dourada, a inimiga da ordem, que se livrou da pobreza para construir sua própria nação sobre as ondas — uma nação além do domínio dos dragões.

— Honrada Imperatriz de Ouro. — Niclays prostrou-se. — Perdoe-me por não mostrar a você o respeito apropriado. Eu não sabia quem você era.

— Seus joelhos gritaram, mas ele manteve a testa contra o chão. — Deixe-me navegar com você. Vou dar-lhe minhas habilidades como anatomista, meu conhecimento, minha lealdade. Eu farei qualquer coisa que você pedir. Só poupe minha vida.

A Imperatriz Dourada pegou seu cachimbo novamente.

— Eu teria perguntado seu nome, se você tivesse provado a existência de sua espinha dorsal — foi sua resposta. — Mas agora você será chamado de Lua do Mar.

Os piratas na porta caíram na gargalhada. Niclays estremeceu. *Lua do mar* — o termo Seiikinês para um covarde. Uma geleia sem espinha nas garras da corrente.

— Você diz que é anatomista — disse a intérprete a Niclays, parando de vez em quando para ouvir a capitã. — Acontece que eu preciso de um cirurgião neste navio. Minha última se considerava uma envenenadora astuta. Ela queria vingança pela ruína de sua aldeia de merda, então ela jogou o bicho-da-seda dourado em meu vinho. — A Imperatriz Dourada deu um gole no cachimbo novamente e depois exalou uma nuvem de fumaça. — Ela aprendeu que a água salgada é igualmente mortal.

Niclays engoliu em seco.

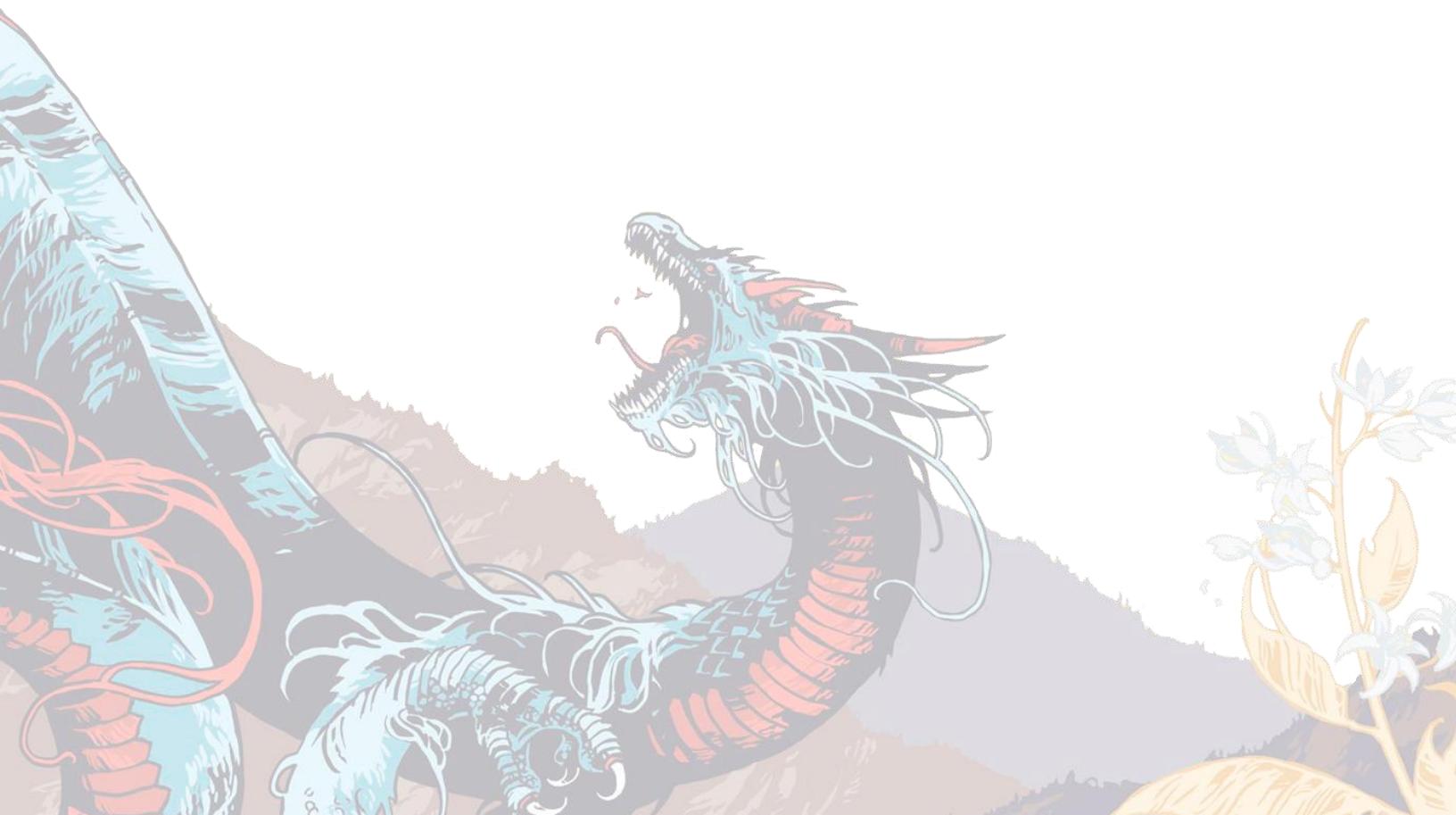
— Não gosto de desperdiçar o que posso usar. Prove sua habilidade — disse a Imperatriz Dourada — e podemos conversar novamente.

— Obrigado. — Sua voz dividida. — Obrigado, honrada capitã. Por sua misericórdia.

— Isso não é misericórdia, Lua do Mar. Isto é um negócio. — Ela reclinou-se na cadeira e voltou a falar. — Certifique-se de ser leal a mim — continuou o intérprete. — Não há uma segunda chance na Frota do Olho do Tigre.

— C-ompreendo. — Niclays reuniu coragem. — Honrada Imperatriz de Ouro, tenho mais uma pergunta a fazer, se me permite. — Ela olhou para ele. — Onde está o dragão que você tirou da praia?

— Abaixo do convés — veio a tradução. — Bêbado na Nuvem de Fogo. Mas não por muito. — Ela passou o olhar sobre ele. — Nós falaremos novamente em breve, Lua do Mar. Por enquanto, você tem sua primeira cirurgia para realizar.



Capítulo 34

Oeste

Quando foi formalmente proclamado que a rainha Sabran estava grávida, o povo de Inys cessou seu luto e festejou nas ruas. O príncipe Aubrecht estava morto, mas ao presentear-lhes a próxima governante de Virtudom, ele comprou para eles outra geração de segurança do Inominável.

Embora ela tradicionalmente ficasse em Casa Briar por metade do ano, ninguém resmungou quando Sabran decretou que a corte voltaria ao Palácio de Ascalon para o resto de sua gravidez. Todos os corredores da residência de inverno estavam entupidos de lembranças do príncipe consorte, e todos concordavam que era melhor para a Rainha Sabran ter uma visão nova.

Novos vestidos foram feitos para acomodar sua condição. A câmara de repouso foi ventilada pela primeira vez em décadas. O palácio era uma casa de borboletas onde se falava e, a cada refeição, os cortesãos erguiam suas taças para a rainha. A risada soava forte e alta como um sino.

Eles não viam o que as Damas do Quarto de Dormir viam. A doença que a atormentava o tempo todo. A exaustão implacável. A maneira como ela ficava acordada à noite, pouco à vontade com a mudança em seu corpo.

Agora, Roslain dissera às damas em particular, era o período mais perigoso da gravidez. Sabran não devia se esforçar. Ela não devia caçar, nem

dar passeios vigorosos, nem alimentar pensamentos infelizes. Todos teriam que trabalhar juntos para mantê-la calma e de bom humor.

A vida da criança tinha precedência sobre a da mãe, pois não havia evidências de que as mulheres da Casa de Berethnet pudessem conceber mais de uma vez. Não era de admirar que Sabran tivesse se retirado ultimamente. O berço era o único lugar onde sua autoridade divina não a protegeria, e agora a cada dia a aproximava mais disso.

Se ela precisasse de mais confirmação dos perigos que a cercavam, os Duques Espirituais achavam por bem lembrá-la diariamente.

— É vital decidirmos o nosso rumo. Yscalín pode organizar uma invasão a qualquer dia — disse Igrain Crest a ela certa manhã. — Nossas defesas costeiras foram reforçadas desde a chegada de Fýredel, de acordo com suas ordens, mas é necessário mais. Recebemos a notícia de que o Rei de Carne está construindo uma nova frota na Baía de Quarl. Cerca de cinquenta navios já foram construídos.

Passou-se um momento antes que Sabran falasse.

— Uma frota de invasão.

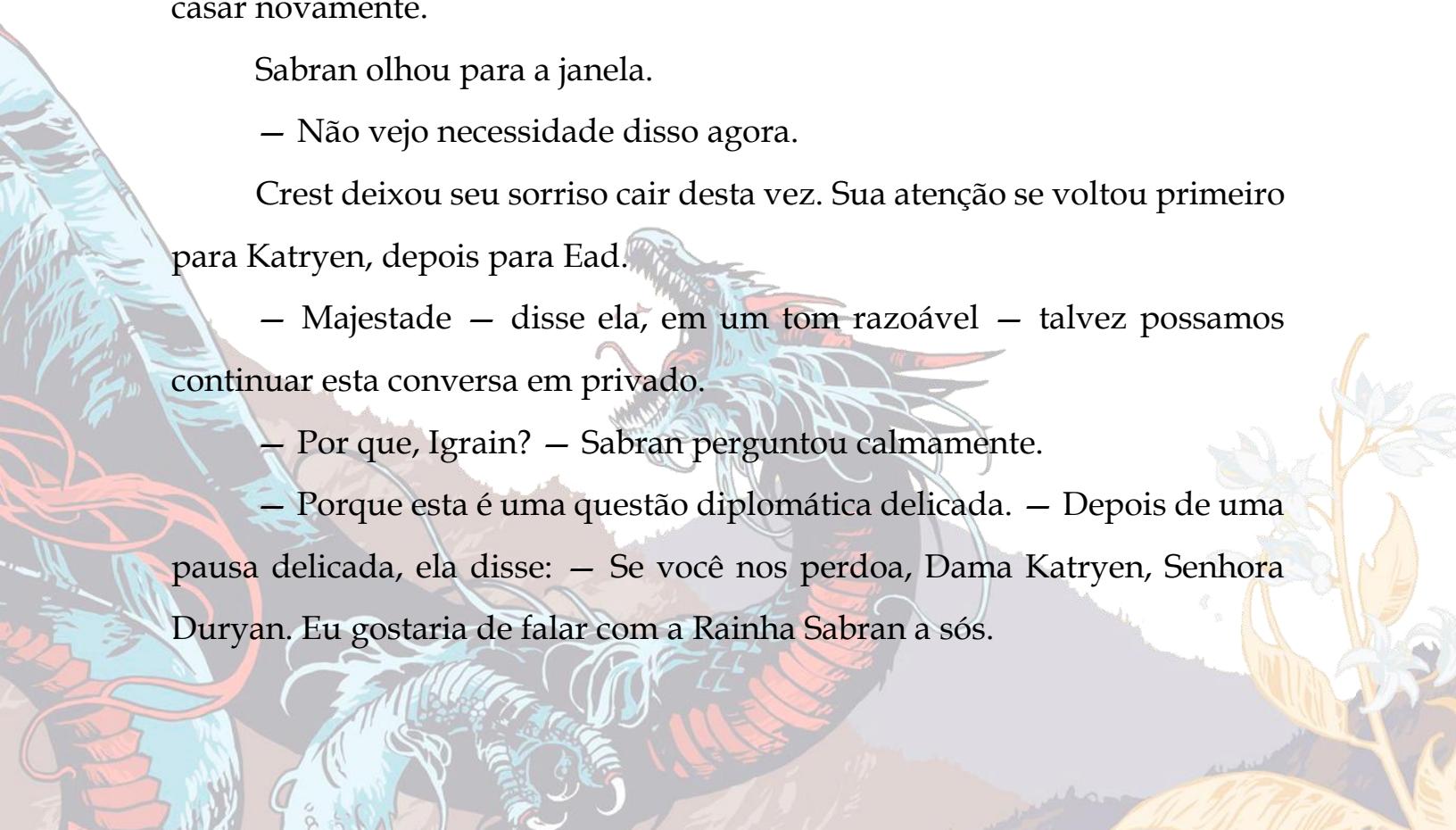
Havia ferraduras de sombra sob seus olhos.

— Temo que sim, Majestade — Crest disse, mais gentil. — Assim como seu primo, o Lorde Almirante.

A Duquesa da Justiça chegou enquanto Sabran estava fazendo o jejum. Ela estava em uma barra de luz do sol, que brilhava em seu broche de patrono.

— Iniciaremos negociações com Hróth imediatamente — disse ela. —

Os casacos-lobo vão causar medo em Sigoso. Para aumentar as chances de



ajuda, é claro, diremos que Vossa Majestade finalmente aceitou a oferta de longa data do Chefe de Askrdal. Assim que o Rei Raunus ouvir...

— Não haverá aceitação de Askrdal, — Sabran interrompeu. — O Rei Raunus é um soberano de Virtudom, e meu parente distante. Vamos ver quantas tropas ele *nos* oferece antes de fazermos qualquer oferta a ele.

Katryen respirou lentamente. Não era típico de Sabran interromper Crest.

Crest também parecia como se ela tivesse sido pega desprevenida. Mesmo assim, ela sorriu.

— Majestade — disse ela — entendo que isso deve ser difícil, dada a recente morte do Príncipe Aubrecht. Mas espero que você se lembre do que eu disse um dia antes de sua coroação. Assim como uma espada deve ser lubrificada, uma comunhão deve ser renovada. É melhor que você não seja uma parente distante de Raunus, mas uma próxima e querida. Você deve se casar novamente.

Sabran olhou para a janela.

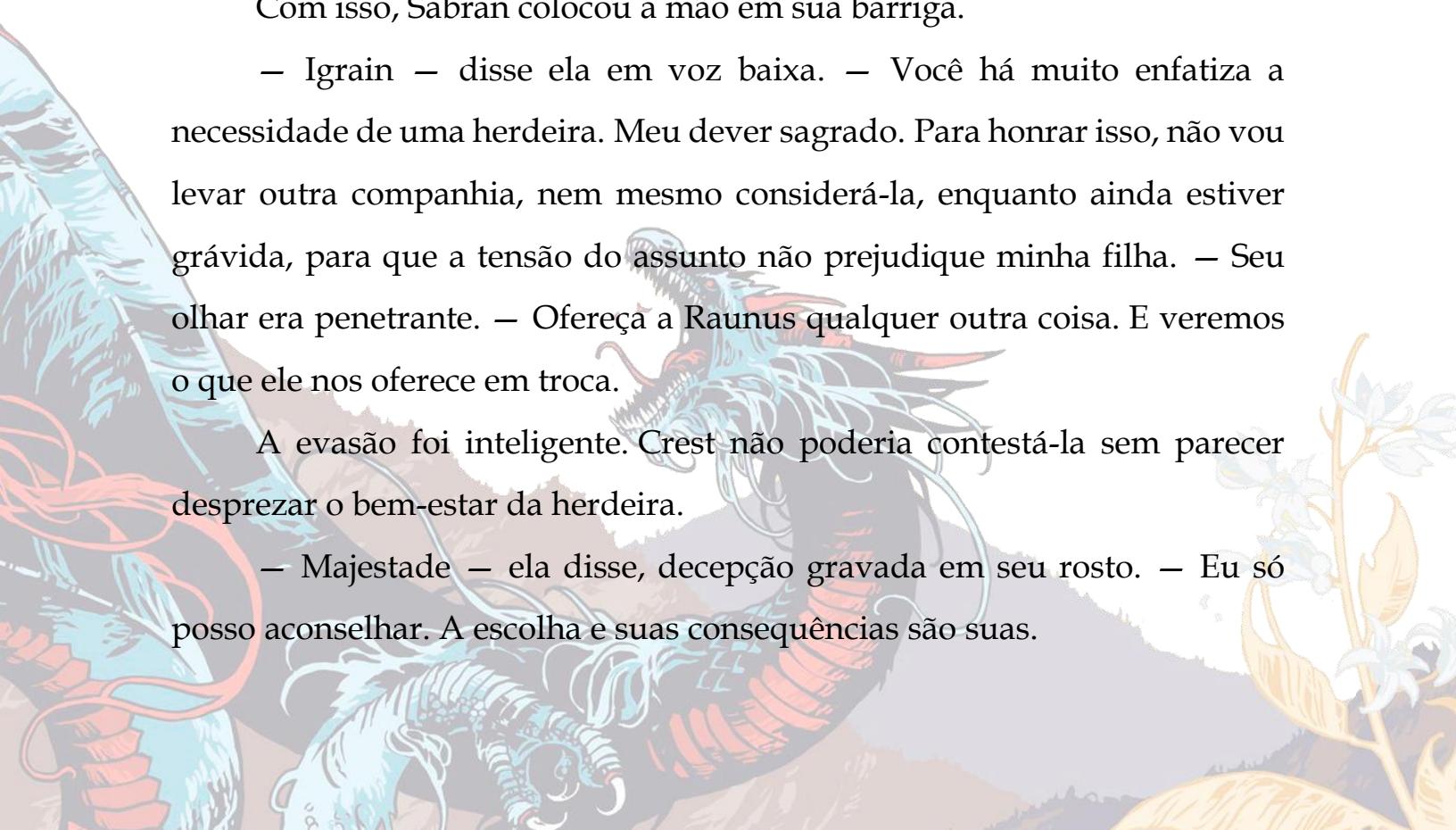
— Não vejo necessidade disso agora.

Crest deixou seu sorriso cair desta vez. Sua atenção se voltou primeiro para Katryen, depois para Ead.

— Majestade — disse ela, em um tom razoável — talvez possamos continuar esta conversa em privado.

— Por que, Igrain? — Sabran perguntou calmamente.

— Porque esta é uma questão diplomática delicada. — Depois de uma pausa delicada, ela disse: — Se você nos perdoa, Dama Katryen, Senhora Duryan. Eu gostaria de falar com a Rainha Sabran a sós.



Ead fez uma reverência e fez menção de sair, assim como Katryen, mas Sabran disse:

— Não. Ead, Kate, fiquem onde estão.

Depois de um momento, as duas voltaram aos seus lugares. Sabran endireitou-se na cadeira e pôs as mãos nos braços.

— Vossa Graça — ela disse a Crest —, tudo o que você deseja dizer sobre este assunto, você pode dizer na frente de minhas damas. Elas não estariam nesta câmara se eu não confiasse nelas absolutamente.

Ead trocou um olhar com Katryen.

Crest forçou outro sorriso.

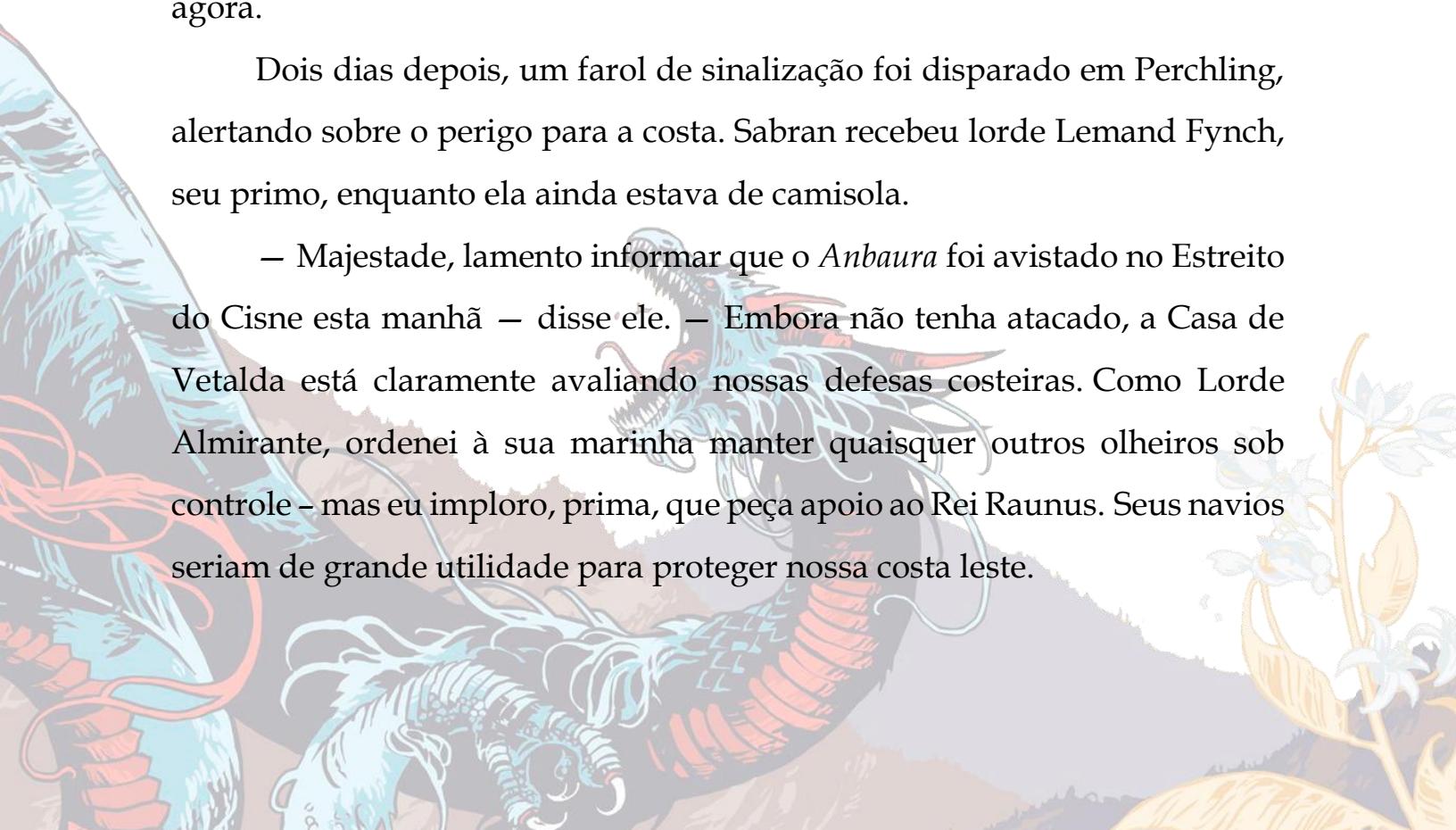
— Com relação ao Rei Raunus — ela continuou —, *devemos* ter a confirmação de que Sua Majestade se comprometerá com a defesa de Inys. Enviarei o Embaixador Sterbein a Elding imediatamente, mas isso fortaleceria sua mão se ele aceitasse este compromisso.

Com isso, Sabran colocou a mão em sua barriga.

— Igrain — disse ela em voz baixa. — Você há muito enfatiza a necessidade de uma herdeira. Meu dever sagrado. Para honrar isso, não vou levar outra companhia, nem mesmo considerá-la, enquanto ainda estiver grávida, para que a tensão do assunto não prejudique minha filha. — Seu olhar era penetrante. — Ofereça a Raunus qualquer outra coisa. E veremos o que ele nos oferece em troca.

A evasão foi inteligente. Crest não poderia contestá-la sem parecer desprezar o bem-estar da herdeira.

— Majestade — ela disse, decepção gravada em seu rosto. — Eu só posso aconselhar. A escolha e suas consequências são suas.



Ela fez uma reverência e saiu da Câmara Privada. Sabran olhou para ela, sem expressão.

— Ela empurra muito forte — ela disse suavemente, uma vez que as portas foram fechadas. — Eu nunca vi, quando era mais jovem. Eu a reverenciava muito para ver o quanto ela odeia ser negada.

— É apenas que Sua Graça acredita que ela sabe o que é melhor — disse Katryen. — E ela tem vontade de rivalizar com a sua.

— Minha vontade nem sempre foi o que é agora. Antes eu era como vidro derretido, mas ainda não tinha forma. Sinto que tomei uma forma que ela não gosta.

— Não seja boba. — Katryen sentou-se no braço de seu trono. — Deixe Sua Graça beber seu vinho azedo por alguns dias. Ela vai mudar de ideia, assim como fez depois que você escolheu o príncipe Aubrecht. — Ela deu a Sabran o mais gentil tapinha na barriga. — Você deve pensar apenas nisso agora.

Dois dias depois, um farol de sinalização foi disparado em Perchling, alertando sobre o perigo para a costa. Sabran recebeu lorde Lemand Fynch, seu primo, enquanto ela ainda estava de camisola.

— Majestade, lamento informar que o *Anbaura* foi avistado no Estreito do Cisne esta manhã — disse ele. — Embora não tenha atacado, a Casa de Vetalda está claramente avaliando nossas defesas costeiras. Como Lorde Almirante, ordenei à sua marinha manter quaisquer outros olheiros sob controle — mas eu imploro, prima, que peça apoio ao Rei Raunus. Seus navios seriam de grande utilidade para proteger nossa costa leste.

— O Embaixador Sterbein já está a caminho de Elding. Também solicitei queimadores infernais da Alta Princesa Ermuna em troca do apoio de Inysh em sua fronteira com Yscalin — disse Sabran. — Caso o Rei de Carne volte a falar em nossa costa, peço que você o lembre por que a marinha Inysh é conhecida como a maior do mundo.

— Sim, Majestade.

— Você também enviará mercenários para a baía de Quarl. Espero que sejam escolhidos a dedo por você e indiscutivelmente leais a Inys. — Seus olhos estavam duros como esmeraldas. — Eu quero a frota dele queimada.

Seu primo considerou isso.

— Uma incursão em território Dracônico pode incitar uma resposta armada.

— O Cavaleiro da Coragem nos convida a ir até o maior perigo no interesse de defender Virtudom, Vossa Graça. Não vejo razão para esperar pelo derramamento de sangue antes de defender esta ilha — disse Sabran. — Mande uma mensagem para Sigoso. Se ele quer dançar com o fogo, é ele quem vai queimar.

Fynch fez uma reverência.

— Majestade, isso será feito.

Ele marchou de volta para fora. Dois dos Cavaleiros do Corpo fecharam as portas atrás dele.

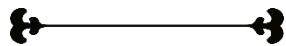
— Se Yscalin cortejar a guerra, farei o favor, mas devemos estar prontos — murmurou Sabran. — Se Raunus não estiver com um humor generoso, pode ser meu destino fazer este casamento com o chefe de Askrdal. Por Inys.

Casamento com um homem com idade suficiente para ser seu avô. Até Katryen, que tinha prática na cortesia, franziu o nariz em desgosto. Sabran cruzou os braços sobre a barriga.

— Venha. — Ead colocou a mão nas costas dela. — Vamos tomar ar enquanto a neve está intacta.

— Oh, *sim* — Katryen aproveitou a ocasião com prazer. — Podemos colher algumas ameixas e amoras. E você sabe, Sabran, Meg disse que viu um querido porco-espinho há alguns dias. Talvez possamos ajudar os servos a expulsar os pobrezinhos debaixo das fogueiras.

Sabran acenou com a cabeça, mas seu rosto era uma máscara. E Ead sabia que, em sua mente, ela estava presa sob uma fogueira própria, esperando que uma mão invisível acendesse os gravetos.



Não muito depois do anúncio, Ead se viu mais uma vez na Câmara Privada, bordando rosas em um gorro de bebê. Já que o perfume das rosas havia mantido seus pesadelos afastados, Sabran as queria em tudo que sua filha usaria nos primeiros dias de sua vida.

A rainha estava deitada em um sofá em sua camisola acolchoada. Ela havia perdido peso nos dias após a emboscada em Ascalon, tornando sua barriga impossível de não ser notada.

— Não sinto nada — disse ela. — Por que ela não se move?

— Isso é natural, Majestade. — Roslain estava beirando a ponta de um cobertor. Katryen trabalhou no outro. — Você pode não sentir ela crescer por algum tempo.

Sabran continuou explorando o pequeno círculo em sua barriga com os dedos.

— Eu acredito — disse ela — que tenho um nome para minha filha.

A Dama Chefe ergueu os olhos tão rapidamente que deve ter ficado com o pescoço torto. O cobertor foi esquecido quando ela e Katryen correram para se sentar um de cada lado de Sabran. Apenas Ead permaneceu onde estava.

— Esta é uma notícia maravilhosa, Sab. — Sorrindo, Katryen colocou a mão sobre a dela. — O que você escolheu?

Havia seis nomes históricos para as monarcas Berethnet, Sabran e Jillian sendo os mais populares.

— Sylvan. Vindo de Sylvan-pelo-Rio — disse a rainha —, onde seu senhor pai morreu.

Esse nome não era um deles.

Roslain e Katryen trocaram um olhar preocupado.

— Sabran — disse Roslain —, não é tradicional. Não acho que seu povo aceitaria isso.

— E eu não sou a rainha deles?

— A superstição não conhece governantes.

Sabran olhou friamente para a janela.

— Kate?

— Eu concordo, Sua Majestade. Que a criança não tenha a sombra da morte sobre sua cabeça.

— E você, Ead?

Ead queria apoiá-la. Ela deveria ter o direito de nomear sua própria filha como quisesse, mas os Inysh não gostavam de mudar.

— Concordo. — Ela enfiou a agulha no tecido. — Sylvan é um lindo nome, Majestade, mas pode servir para deixar sua filha melancólica. Melhor chamá-la em homenagem a uma de suas ancestrais reais.

Com isso, Sabran parecia exausta. Ela se virou de lado e pressionou a bochecha na almofada.

— Glorian, então.

Um grande nome, de fato. Desde a morte de Glorian Shieldheart, nunca foi concedido a qualquer princesa.

Katryen e Roslain emitiram sons de aprovação.

— Sua Alteza Real, Princesa Glorian, — Katryen disse, com o ar de um mordomo anunciando sua entrada. — Já combina com ela. Que esperança e coração isso dará aos seus súditos.

Roslain acenou com a cabeça sabiamente.

— Já é hora de ressuscitar um nome tão magnífico.

Sabran olhou para o teto como se fosse um abismo sem fundo.

Em um dia, as notícias chegaram à capital. As celebrações foram planejadas para o dia em que a princesa nasceria, e a Ordem dos Santos profetizou o poder de Glorian a Quarta, que conduziria Inys a uma Idade de Ouro.

Ead assistia a tudo com desapego cansado. Logo a Prioresa a chamaria para casa. Parte dela ansiava por estar entre suas irmãs, unida a elas em louvor à mãe. Outra parte não queria nada além de permanecer.

Ela tinha que esmagá-la.



Havia algo que Ead precisava fazer antes de ela partir. Uma noite, quando as outras senhoras estavam ocupadas e Sabran descansava, ela se dirigiu à Torre Dearn, onde Truyde utt Zeedeur permanecia aprisionada.

Os guardas estavam em alerta máximo, mas ela não precisava de nenhum acompanhante para entrar em lugares proibidos. Quando a torre do relógio bateu onze horas, ela alcançou o andar mais alto.

Vestida com nada além de uma anágua suja, a marquesa de Zeedeur era uma sombra da beleza que fora. Seus cachos estavam torcidos e pesados de graxa, e as maçãs do rosto tensas contra a pele. Uma corrente serpenteava entre seu tornozelo e a parede.

— Senhora Duryan. — Seu olhar estava tão intenso como sempre. — Você veio se vangloriar para mim?

Ela chorou quando viu seu príncipe morto. Parecia que sua dor havia esfriado.

— Isso não seria cortês — disse Ead. — E apenas o Cavaleiro da Justiça pode julgá-la.

— Você não conhece nenhum Santo, herege.

— Palavras ricas, traidora. — Ead pegou a palha encharcada de mijo. — Você não parece estar com medo.

— Por que eu deveria ter medo?

— Você é responsável pela morte do príncipe consorte. Isso é alta traição.

— Você descobrirá que estou protegida aqui, como cidadã Mentish — disse Truyde. — A Alta Princesa vai me julgar em Brygstad, mas estou confiante de que não serei executada. Afinal, sou *tão* jovem.

Seus lábios estavam partidos. Ead tirou um odre de seu corpete e Truyde, depois de um momento, bebeu.

— Vim perguntar — disse Ead — o que você pensou que iria conseguir. Truyde engoliu a cerveja.

— Você sabe. — Ela enxugou a boca. — Eu não vou te dizer de novo.

— Você queria que Sabran temesse por sua vida. Você queria que ela sentisse que havia muitas batalhas para ela lutar sozinha. Você imaginou que isso faria com que ela procurasse ajuda no Oriente — disse Ead. — Foi você também quem deixou os assassinos entrarem no Palácio de Ascalon?

— Assassinos?

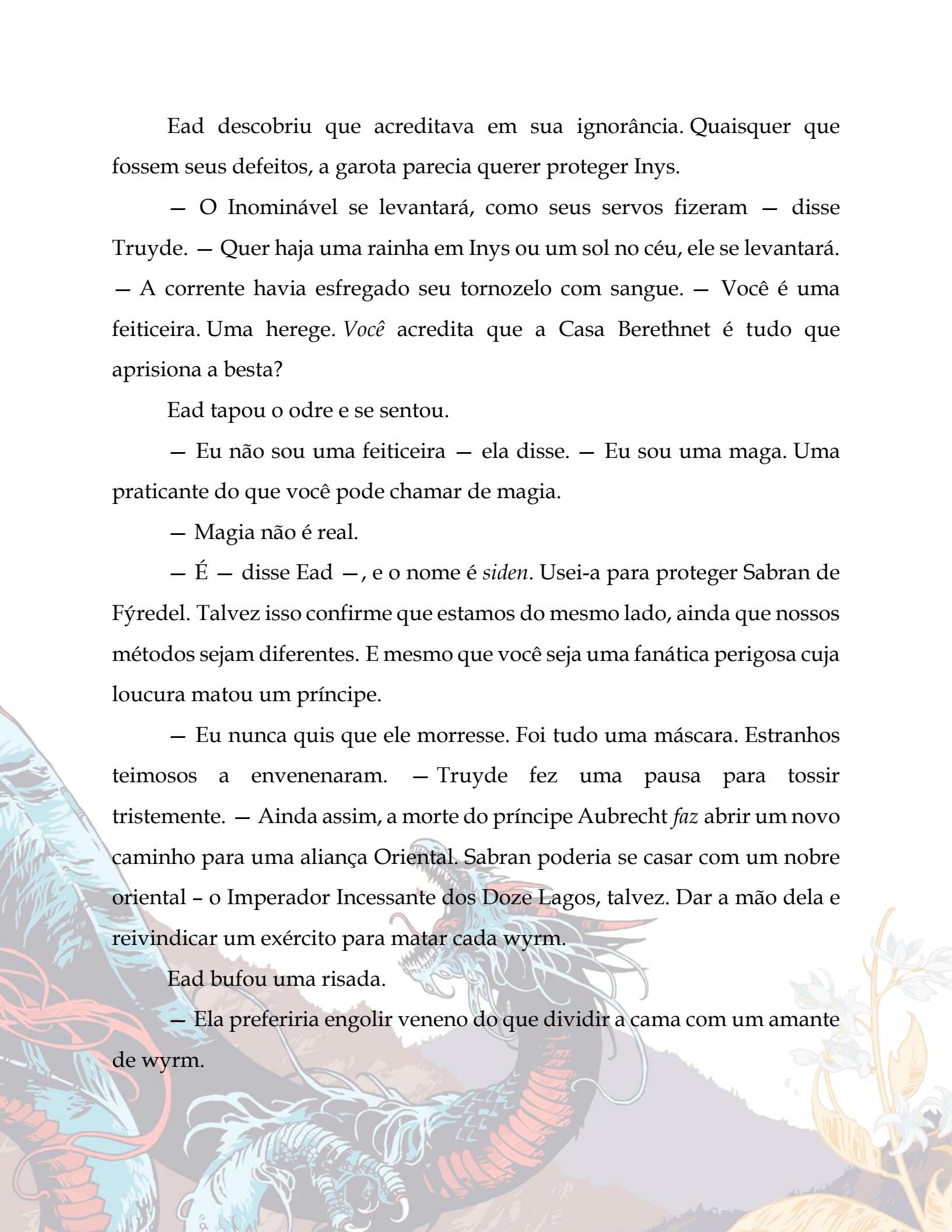
Como uma dama de honra, ela não teria sido informada.

— Alguém já tentou matá-la antes? — Truyde pressionou.

Ead assentiu.

— Você sabe a identidade deste Copeiro que a atiradora invocou?

— Não. Como eu disse ao Falcão da Noite. — Truyde desviou o olhar. — Ele diz que conseguirá um nome de mim, de uma forma ou de outra.



Ead descobriu que acreditava em sua ignorância. Quaisquer que fossem seus defeitos, a garota parecia querer proteger Inys.

— O Inominável se levantará, como seus servos fizeram — disse Truyde. — Quer haja uma rainha em Inys ou um sol no céu, ele se levantará.

— A corrente havia esfregado seu tornozelo com sangue. — Você é uma feiticeira. Uma herege. Você acredita que a Casa Berethnet é tudo que aprisiona a besta?

Ead tapou o odre e se sentou.

— Eu não sou uma feiticeira — ela disse. — Eu sou uma maga. Uma praticante do que você pode chamar de magia.

— Magia não é real.

— É — disse Ead —, e o nome é *siden*. Usei-a para proteger Sabran de Fýredel. Talvez isso confirme que estamos do mesmo lado, ainda que nossos métodos sejam diferentes. E mesmo que você seja uma fanática perigosa cuja loucura matou um príncipe.

— Eu nunca quis que ele morresse. Foi tudo uma máscara. Estranhos teimosos a envenenaram. — Truyde fez uma pausa para tossir tristemente. — Ainda assim, a morte do príncipe Aubrecht faz abrir um novo caminho para uma aliança Oriental. Sabran poderia se casar com um nobre oriental — o Imperador Incessante dos Doze Lagos, talvez. Dar a mão dela e reivindicar um exército para matar cada wyrm.

Ead bufou uma risada.

— Ela preferiria engolir veneno do que dividir a cama com um amante de wyrm.

— Espere até que o Inominável apareça em Inys. Espere até que seu povo veja que a Casa de Berethnet foi construída sobre uma mentira. Alguns deles já devem acreditar — Truyde ergueu as sobrancelhas. — Eles viram um Alto Ocidental. Eles vêem que Yscalin está encorajado. Sigoso sabe a verdade.

Ead estendeu o odre novamente.

— Você arriscou muito por essa... crença sua — disse ela enquanto Truyde engolia. — Deve haver mais do que mera suspeita. Diga-me o que plantou a semente.

Truyde se retirou e, por um longo tempo, Ead pensou que ela não responderia.

— Eu te direi — ela finalmente disse —, só porque eu sei que ninguém vai ouvir uma traidora. Talvez também plante uma semente em você. — Ela enrolou um braço em volta dos joelhos. — Você é de Rumelabar. Espero que você já tenha ouvido falar da antiga tábua de pedra celeste que foi desenterrada em suas minas.

— Eu sei disso — disse Ead. — Um objeto de interesse alquímico.

— Eu li sobre isso pela primeira vez na biblioteca de Niclays Roos, o amigo mais querido do meu avô. Quando ele foi banido, ele confiou a maioria de seus livros a mim — disse Truyde. — A Placa de Rumelabar fala de um equilíbrio entre fogo e luz das estrelas. Ninguém jamais foi capaz de interpretá-la. Alquimistas e estudiosos teorizaram que o equilíbrio é um símbolo do mundano e do místico, da raiva e temperança, da humanidade e da divindade, mas acho que as palavras devem ser interpretadas literalmente.

— Você *acha* — Ead sorriu. — E você é muito mais inteligente do que os alquimistas que se intrigam com isso há séculos?

— Talvez não — Truyde concedeu —, embora a história ostente muitos dos chamados estudosos de habilidades apenas medianas. Não, não é mais inteligente... mas mais disposta a correr riscos.

— Que risco você correu?

— Eu fui para Gulthaga.

A cidade que antes ficava na sombra da Montaña do Pavor, agora soterrada pelas cinzas.

— Meu avô nos disse que ia visitar Wilgastrōm — disse Truyde —, mas ele morreu de peste Dracônica, contraída em Gulthaga. Meu pai me disse a verdade quando eu tinha quinze anos. Eu mesma fui para a Cidade Enterrada. Para ver o que levou meu avô lá.

O mundo acreditava que o falecido Duque de Zeeleur morrera de varíola. Sem dúvida, a família recebeu ordens de defender a mentira para evitar o pânico.

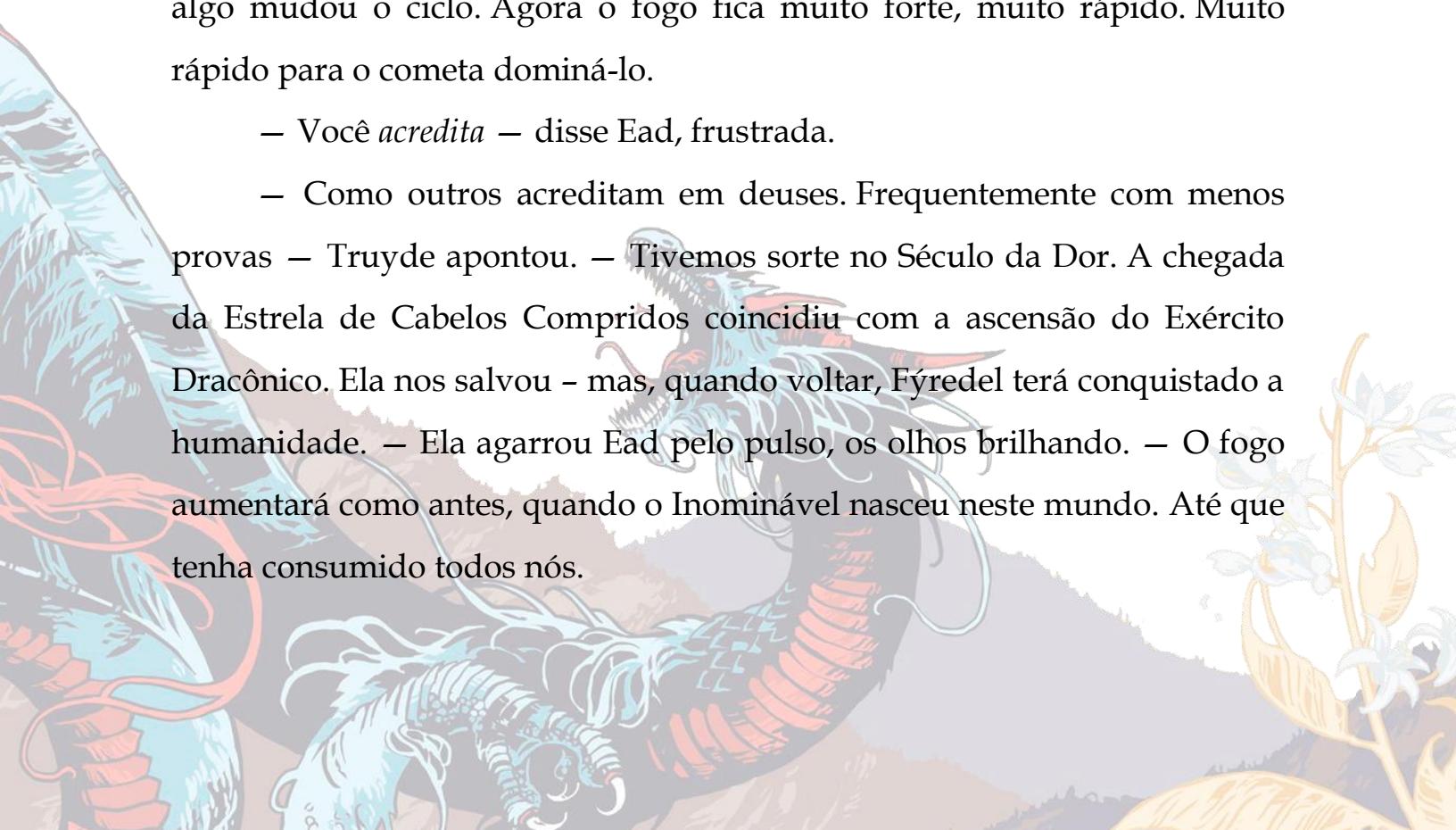
— Gulthaga nunca foi escavada, mas há um caminho através do tufo até as ruínas — disse Truyde. — Alguns textos antigos sobreviveram. Eu encontrei aqueles que meu avô estava estudando.

— Você foi para Gulthaga *sabendo* que a praga Dracônica estava lá. Você está louca, criança.

— É por isso que fui enviada para Inys. Para aprender a temperança, mas como você viu, Senhora Duryan, Temperança não é minha patrona.

— Truyde sorriu. — A minha é a coragem.

Ead esperou.



— A minha antepassada foi a Vice-rainha da Orisima. Em seus diários, eu descobri que o cometa que encerrou a Século da Dor, que veio na hora em que os wyrms caíram, também deu força aos dragões orientais. — Seus olhos estavam brilhantes. — Meu avô sabia um pouco da antiga língua de Gulthaga. Ele havia traduzido alguns dos escritos astronômicos. Eles revelaram que este cometa, a Estrela de Cabelos Compridos, causa uma queda de estrelas cada vez que passa.

— E o que *isso* tem a ver com qualquer outra coisa, diga-me por favor?

— Eu acho que se conecta a Placa de Rumelabar. Acho que o cometa deve manter o fogo sob o mundo sob controle — disse Truyde. — O fogo aumenta com o tempo, e então uma queda de estrelas o esfria. Antes que possa ficar forte demais.

— Ainda assim, está ficando forte agora. Onde está o seu cometa?

— Esse é o problema. Acredito que em algum momento da história algo mudou o ciclo. Agora o fogo fica muito forte, muito rápido. Muito rápido para o cometa dominá-lo.

— Você *acredita* — disse Ead, frustrada.

— Como outros acreditam em deuses. Frequentemente com menos provas — Truyde apontou. — Tivemos sorte no Século da Dor. A chegada da Estrela de Cabelos Compridos coincidiu com a ascensão do Exército Dracônico. Ela nos salvou — mas, quando voltar, Fýredel terá conquistado a humanidade. — Ela agarrou Ead pelo pulso, os olhos brilhando. — O fogo aumentará como antes, quando o Inominável nasceu neste mundo. Até que tenha consumido todos nós.

Seu rosto estava forrado de convicção, sua mandíbula apertada com isso.

— É *por isso* — ela terminou, com um ar de triunfo —, que eu acredito que ele vai voltar. E por quê eu acho que a Casa de Berethnet nada tem a ver com isso.

Elas se olharam por um longo momento. Ead puxou seu pulso.

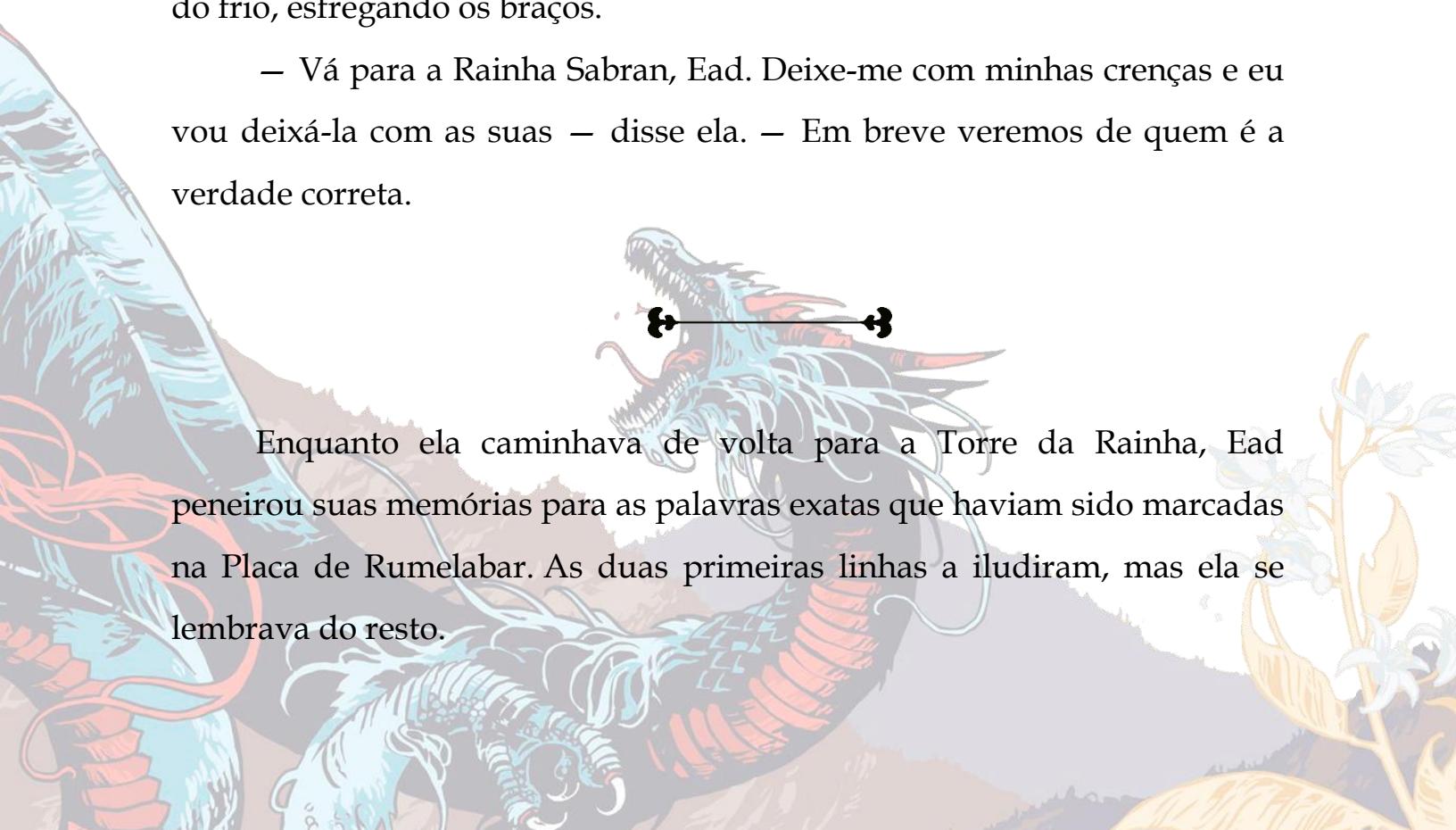
— Eu quero ter pena de você, criança — ela disse. — Mas eu sinto meu coração frio. Você pescou nas águas da história e organizou algumas peças fragmentadas em uma imagem que dá algum significado à morte de seu avô, mas sua determinação de torná-la verdade não significa que seja assim.

— É a *minha* verdade.

— Muitos morreram por sua verdade, Dama Truyde. Eu espero — disse Ead — que você possa viver com isso.

Uma corrente de ar estremeceu pela fenda da flecha. Truyde se afastou do frio, esfregando os braços.

— Vá para a Rainha Sabran, Ead. Deixe-me com minhas crenças e eu vou deixá-la com as suas — disse ela. — Em breve veremos de quem é a verdade correta.



Enquanto ela caminhava de volta para a Torre da Rainha, Ead peneirou suas memórias para as palavras exatas que haviam sido marcadas na Placa de Rumelabar. As duas primeiras linhas a iludiram, mas ela se lembrava do resto.

... O fogo sobe da terra, a luz desce do céu.

*Muito de um inflama o outro,
e nisso está a extinção do universo.*

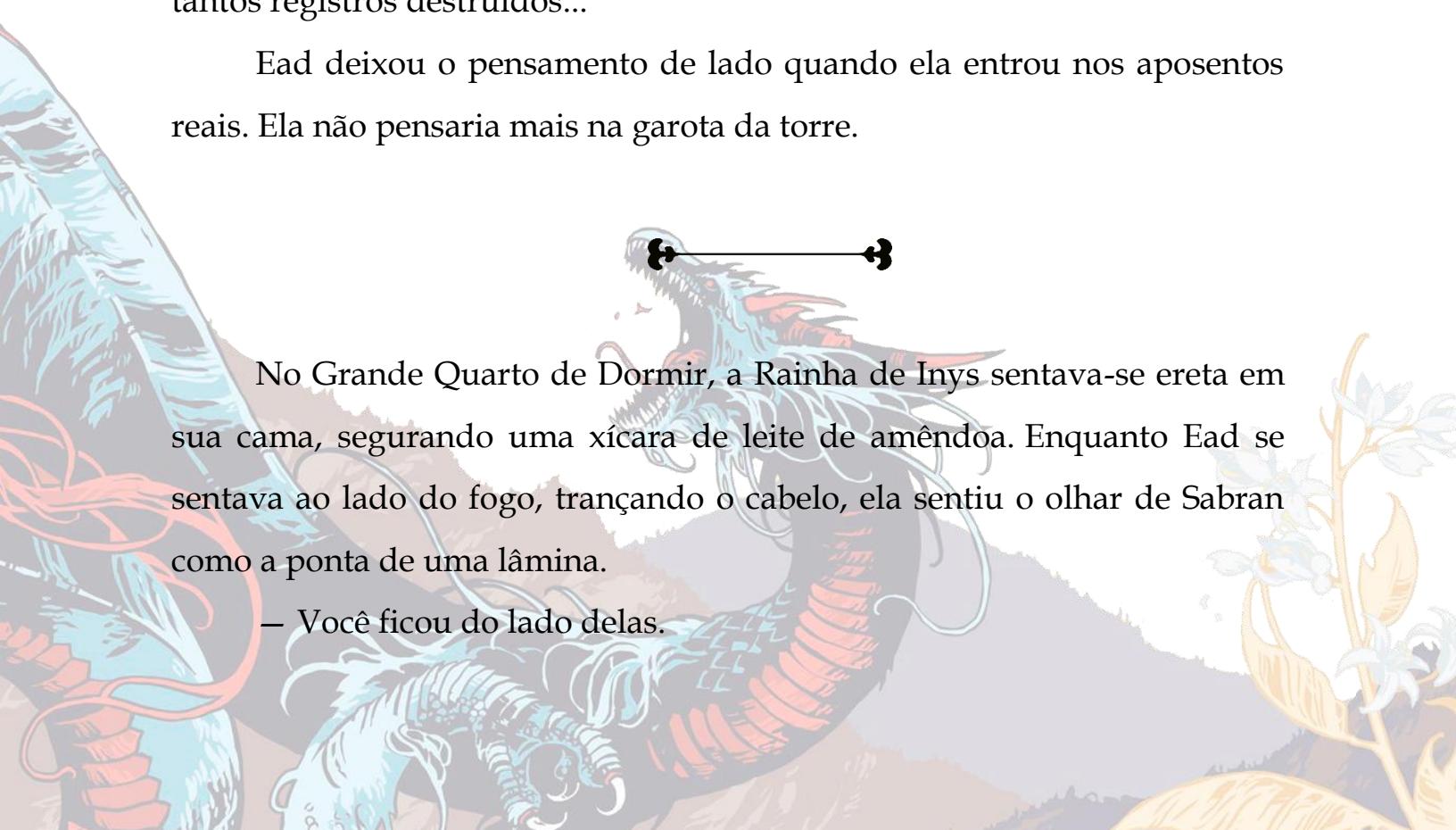
Um enigma. O tipo que alquimistas sem sentido de vida disputava por falta de algo mais útil para fazer. Entediada com sua existência privilegiada, a garota havia analisado seu próprio significado nas palavras.

E ainda assim Ead se descobriu pensando nisso. Afinal, o fogo fez subir através da terra os wyrms, e através da laranjeira. Os magos comeram de seus frutos, tornando-se vasos da chama.

Os Sulistas dos tempos antigos conheciam alguma verdade que havia desaparecido da história?

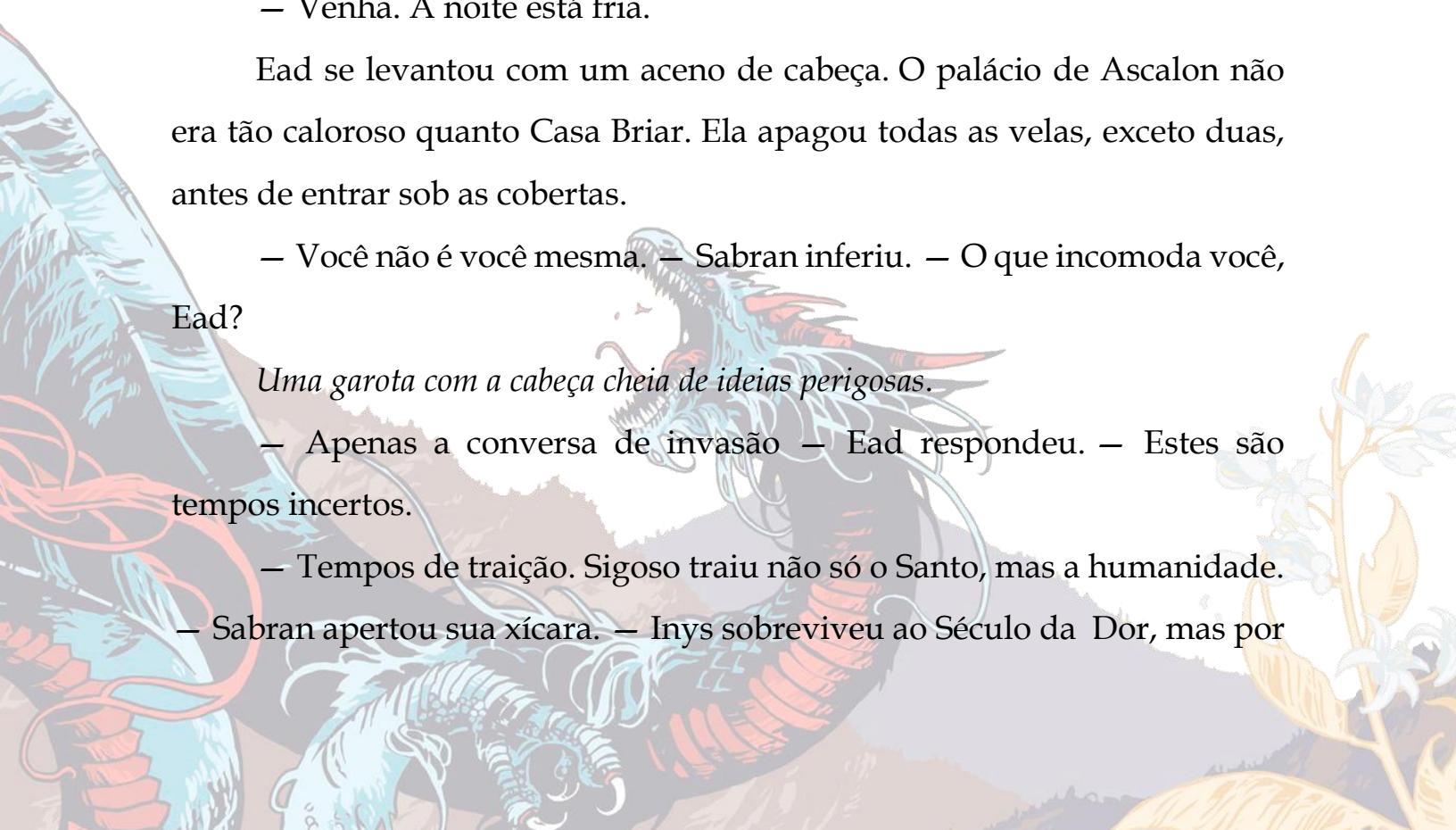
A incerteza lançava sombras em sua mente. Se houvesse *alguma* conexão entre a árvore e o cometa e o Inominável, certamente o Priorado saberia disso. Mas tanto conhecimento foi perdido ao longo dos séculos, tantos registros destruídos...

Ead deixou o pensamento de lado quando ela entrou nos aposentos reais. Ela não pensaria mais na garota da torre.



No Grande Quarto de Dormir, a Rainha de Inys sentava-se ereta em sua cama, segurando uma xícara de leite de amêndoas. Enquanto Ead se sentava ao lado do fogo, trançando o cabelo, ela sentiu o olhar de Sabran como a ponta de uma lâmina.

— Você ficou do lado delas.



Ead parou.

— Senhora?

— Você concordou com Ros e Kate sobre o nome.

Dias se passaram desde aquela discussão. Isso deve ter coagulado dentro dela desde então.

— Eu queria que minha filha carregasse alguma parte do pai dela — disse Sabran com amargura. — Pode ser sombrio, mas é o lugar onde estivemos juntos pela última vez. Onde ele descobriu que teríamos uma filha. Onde ele jurou que ela seria amada.

Remorso desceu pelas veias de Ead.

— Eu queria apoiá-la — ela disse. — Mas eu achei que Dama Roslain estava certa, sobre não quebrar a tradição. Eu ainda acho. — Ela amarrou a trança. — Perdoe-me, Majestade.

Com um suspiro, Sabran deu um tapinha na cama.

— Venha. A noite está fria.

Ead se levantou com um aceno de cabeça. O palácio de Ascalon não era tão caloroso quanto Casa Briar. Ela apagou todas as velas, exceto duas, antes de entrar sob as cobertas.

— Você não é você mesma. — Sabran inferiu. — O que incomoda você, Ead?

Uma garota com a cabeça cheia de ideias perigosas.

— Apenas a conversa de invasão — Ead respondeu. — Estes são tempos incertos.

— Tempos de traição. Sigoso traiu não só o Santo, mas a humanidade.

— Sabran apertou sua xícara. — Inys sobreviveu ao Século da Dor, mas por

pouco. Aldeias foram transformadas em cinzas, cidades incendiadas. Nossa população foi dizimada e, mesmo séculos depois, quaisquer exércitos que eu conseguir reunir não serão tão grandes quanto os que tínhamos antes. — Ela colocou a xícara de lado. — Não consigo pensar nisso agora. Eu devo... entregar Glorian. Mesmo se todos os três Alto Ocidentais liderarem suas forças ao meu reino, o Inominável não pode se juntar a eles.

A camisola estava puxada para trás, revelando a barriga, como se para deixar a criança respirar. Veias azuis traçavam seus lados.

— Eu orei para a Donzela, pedindo-lhe para encher meu útero.
— Sabran soltou a respiração. — Eu não consigo ser uma boa rainha. Nem uma boa mãe. Hoje, pela primeira vez, eu... quase me ressentí dela.

— A Donzela?

— Nunca. A Donzela faz o que deve. — Uma mão pálida pousou na saliência. — Eu me ressinto de... minha filha por nascer. Uma inocente.
— Sua voz tensa. — As pessoas já se voltam para ela como sua próxima rainha, Ead. Eles falam de sua beleza e magnificência. Eu não esperava isso. A rapidez disso. Depois que ela nasce, meu propósito está servido.

— Senhora — disse Ead suavemente —, isso não é verdade.

— Não é? — Sabran rodeou a barriga com a mão. — Glorian logo atingirá a maioridade, e espera-se que, mais cedo ou mais tarde, eu abdique em seu favor. Quando o mundo me considerar muito velha.

— Nem todas as rainhas Berethnet abdicaram. O trono é seu pelo tempo que desejar.

— É considerado um ato de ganância mantê-lo por muito tempo. Mesmo Glorian Shieldheart abdicou, apesar de sua popularidade.

— Talvez quando sua filha crescer, você esteja pronta para renunciar ao trono. Para levar uma vida mais tranquila.

— Possivelmente. Ou talvez não. Quer eu viva ou morra no parto, serei posta de lado. Como uma casca de ovo.

— Sabran.

Antes que ela percebesse, Ead estendeu a mão para tocar sua bochecha. Sabran olhou para ela.

— Haverá tolos e bajuladores — disse Ead —, que abandonarão seu lado para bajular uma recém-nascida. Deixe eles. Veja-os como eles são.

— Ela manteve o olhar de Sabran prisioneiro. — Eu disse a você que o medo é natural, mas você não deve permitir que ele te consuma. Não quando há tanto em jogo.

A pele contra sua palma era fria e suave como uma pétala. A respiração quente acariciou seu pulso.

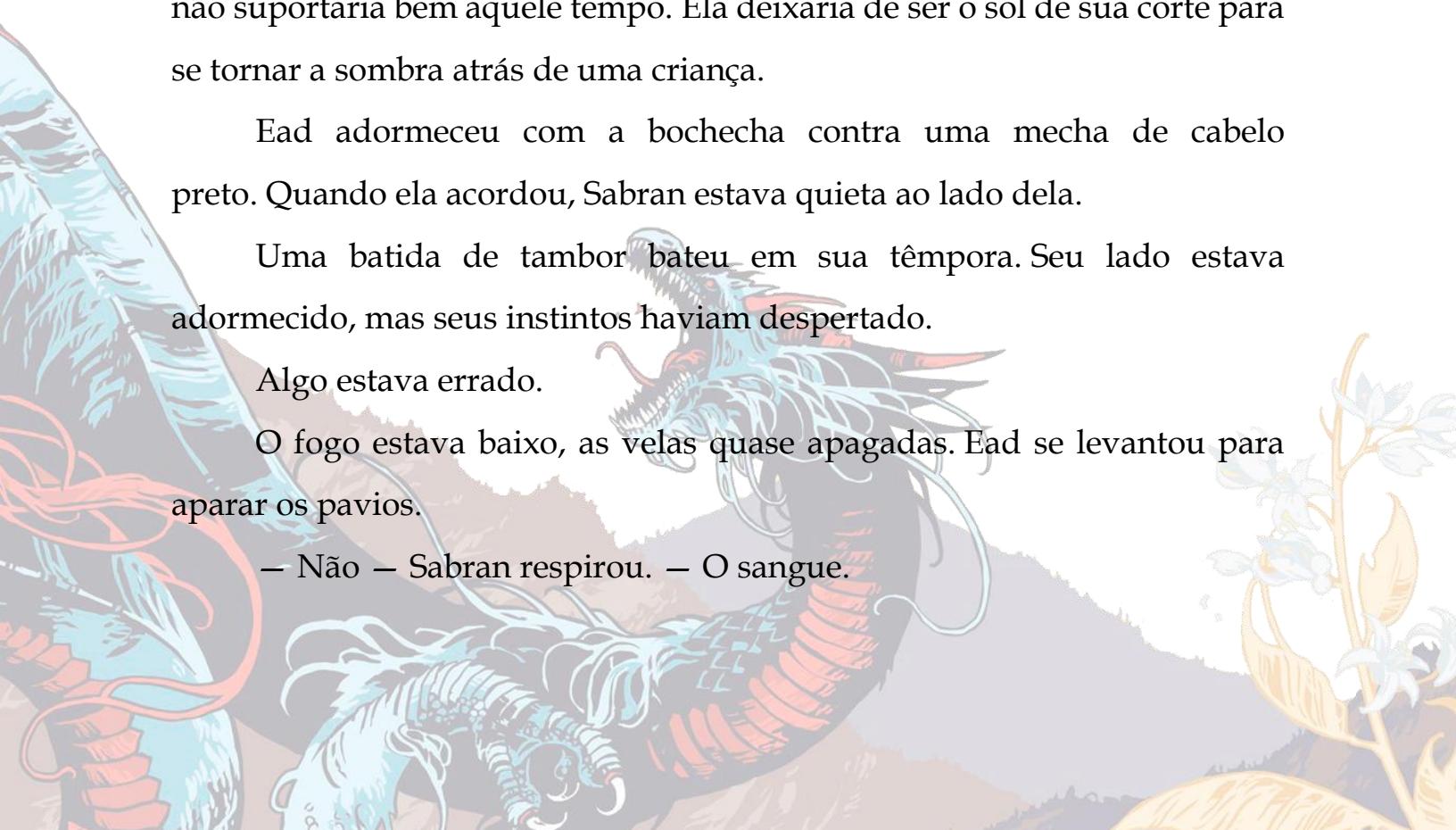
— Esteja ao meu lado para o nascimento. E para a frente — murmurou Sabran. — Você deve sempre ficar comigo, Ead Duryan.

Chassar estaria de volta para buscá-la em meio ano.

— Vou ficar com você o máximo que puder — disse Ead. Era tudo o que ela podia prometer.

Com um aceno de cabeça, Sabran se aproximou e apoiou a cabeça no ombro de Ead. Ead ficou imóvel, permitindo-se se acostumar com sua proximidade, com a forma dela.

Sua pele estava toda arrepiada. Ela podia cheirar a doçura leitosa de grisalho em seu cabelo, sentir o inchaço de sua barriga. Ead sentiu que ela empurraria a criança enquanto dormiam, então ela girou seus corpos até que



Sabran ficasse de costas para ela, e elas se encaixassem como conchas. Sabran pegou a mão de Ead e a envolveu na cintura. Ead puxou as cobertas sobre os ombros de ambas. Logo a rainha estava dormindo profundamente.

Seu aperto era suave, mas Ead ainda sentia um batimento cardíaco em seus dedos. Ela imaginou o que a Prioresa diria se pudessevê-la agora. Sem dúvida ela a desprezaria. Ela era uma irmã do Priorado, destinada a matar wyrms, e aqui estava ela, dando socorro a uma triste Berethnet.

Algo estava mudando nela. Uma sensação, pequena como um botão de rosa, estava abrindo suas pétalas.

Ela nunca teve a intenção de abrigar nada mais do que indiferença para com esta mulher. No entanto, ela sabia agora que, quando o Chassar voltasse, seria difícil ir. Sabran precisaria de uma amiga mais do que nunca. Roslain e Katryen estariam preocupadas com a recém-nascida e não falariam de nada além de cobertores, berços e amamentas por meses. Sabran não suportaria bem aquele tempo. Ela deixaria de ser o sol de sua corte para se tornar a sombra atrás de uma criança.

Ead adormeceu com a bochecha contra uma mecha de cabelo preto. Quando ela acordou, Sabran estava quieta ao lado dela.

Uma batida de tambor bateu em sua têmpora. Seu lado estava adormecido, mas seus instintos haviam despertado.

Algo estava errado.

O fogo estava baixo, as velas quase apagadas. Ead se levantou para aparar os pavios.

— Não — Sabran respondeu. — O sangue.

Pelo olhar torturado em seu rosto, ela estava sonhando. Sonhando, assim parecia, com a Dama da Floresta.

Kalyba não era uma maga comum. Pelo que a pequena Ead se lembrava dela, ela possuía dons desconhecidos do Priorado, incluindo a imortalidade. Talvez dar sonhos fosse outro. Mas por que Kalyba deveria se preocupar em atormentar a Rainha de Inys?

Ead voltou para Sabran e colocou a mão em sua testa. Ela estava encharcada. Sua camisola estava presa com firmeza e mechas de cabelo grudadas em seu rosto. Com o peito apertado, Ead sentiu sua testa em busca do calor de uma febre, mas sua pele estava gelada. Palavras incoerentes escapavam dela.

— Silêncio. — Ead alcançou a xícara e a levou aos lábios. — Beba, Sabran.

Sabran tomou um gole de leite e afundou-se nos travesseiros, retorcendo-se como um gatinho apanhado pela nuca. Como se ela estivesse tentando escapar de seu pesadelo. Ead se sentou ao lado dela e acariciou seu cabelo liso.

Talvez fosse porque Sabran estava com tanto frio que Ead percebeu imediatamente quando sua própria pele esquentou.

Uma criatura Dracônica estava próxima.

Ead se esforçou para manter a calma. Quando Sabran ficou imóvel, ela enxugou o suor e arrumou as roupas de cama de forma que apenas seu rosto ficasse exposto à noite. Ela não podia alertar ninguém, pois isso trairia seus dons.

Tudo o que ela podia fazer era esperar.

O primeiro aviso foram os gritos vindos das paredes do palácio. Imediatamente, Ead se levantou.

— Sabran, rapidamente. — Ela passou o braço em volta da rainha. — Você deve vir comigo agora.

Seus olhos piscaram abertos.

— Ead — disse ela. — O que é?

Ead a ajudou a colocar os chinelos e a camisola.

— Você deve ir para as adegas imediatamente.

A chave girou na porta. O Capitão Lintley apareceu, armado com sua besta.

— Majestade —, disse ele, com um arco rígido. — Há um bando de criaturas Dracônicas se aproximando, lideradas por um Alto Ocidental. Nossas forças estão prontas, mas você deve vir conosco agora, antes que eles rompam as paredes.

— Um bando — repetiu Sabran.

— Sim.

Ead a observou vacilar. Esta era a mulher que tinha saído ao encontro de Fýredel.

Não era de sua natureza se esconder.

— Vossa Majestade — Lintley pediu. — Por favor. Sua segurança é primordial.

Sabran acenou com a cabeça.

— Muito bem.

Ead envolveu a colcha mais pesada em volta dos ombros. Roslain apareceu na porta, seu rosto totalmente iluminado pela vela em sua mão.

— Sabran — disse ela. — Rápido, você deve se apressar...

Lançando um último olhar ilegível para Ead, Sabran foi escoltada por Lintley e Sir Gules Heath, que manteve uma mão reconfortante na parte inferior de suas costas. Ead esperou que eles abandonassem o Grande Quarto de Dormir antes de correr.

Em seus próprios aposentos, ela se trocou e vestiu uma capa com capuz antes de agarrar seu arco longo. Ela teria que mirar de verdade. Apenas certas partes de um Alto Ocidental podiam ser perfuradas.

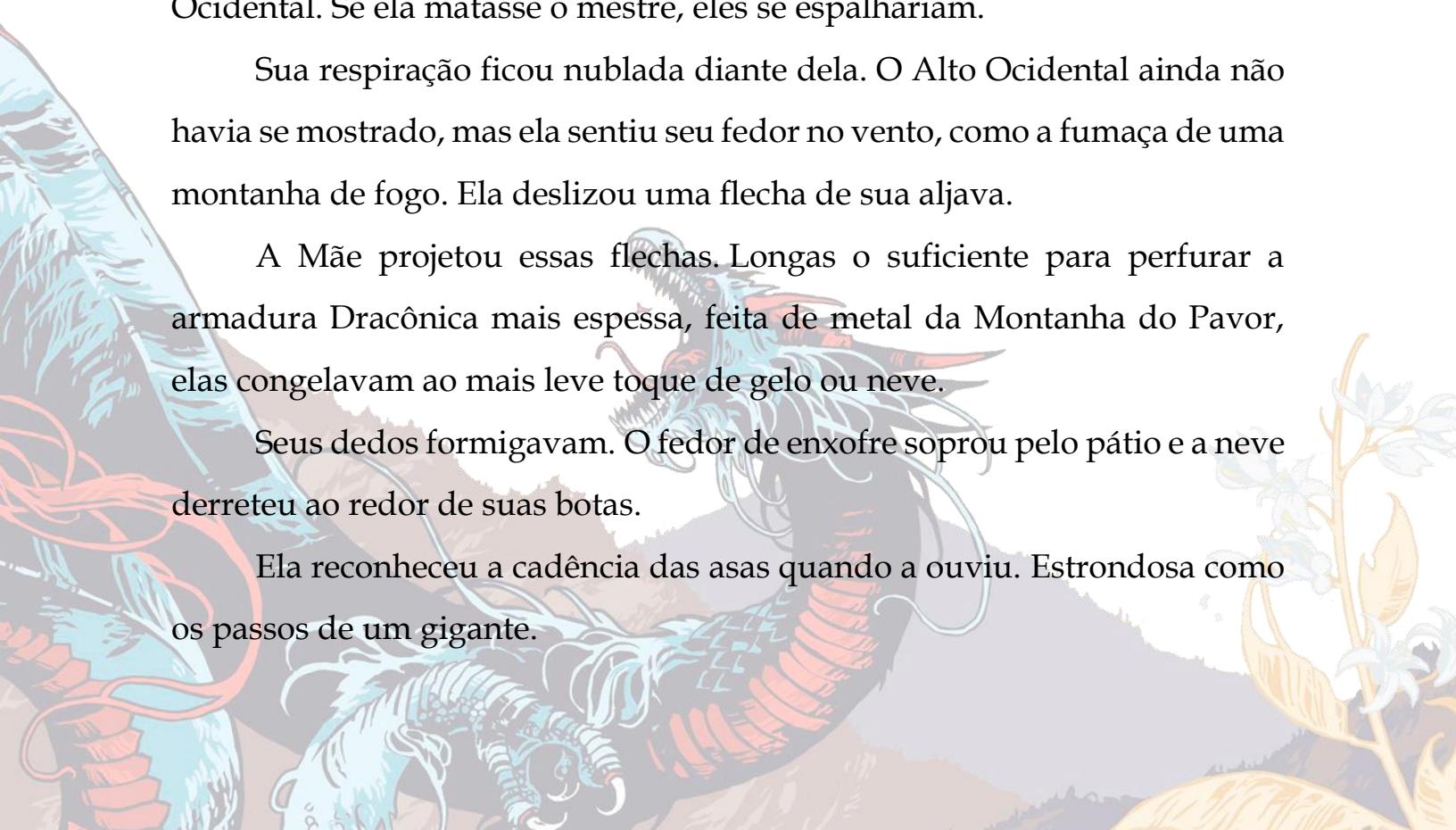
As flechas eram coisas vastas. Ela as pegou e embainhou o braço em uma braçadeira de couro. Fazia doze anos desde que ela lutara com um wyrm sem seu siden, mas ela, de todas as pessoas nesta cidade, tinha a maior chance de expulsar o Alto Ocidental.

Ela precisava de um ponto de vista. A Casa Cornelian, onde muitos dos cortesãos estavam hospedados, daria a ela uma visão clara.

Ela pegou a escada Florell, que ligava o terceiro andar à escada principal da Torre Rainha. Ela podia ouvir os Cavaleiros do Corpo descendo.

Ela apressou o passo. A escada espiralou com pressa embaixo dela. Logo ela emergiu no frio cortante da noite. Com pés rápidos, sem ser vista pelos guardas, ela contornou a borda do Jardim Sundial e, com um grande salto, agarrou-se a um arco cego no lado voltado para o norte da Casa Cornelian. Cada adorno nas paredes deu a ela um apoio para as mãos.

Um vento forte puxava seus cabelos enquanto ela subia. Seu corpo não era mais tão forte como tinha sido em Lasia, e ela não testava seus membros assim há meses. Tudo doía no momento em que se engatou no telhado.



Os Cavaleiros do Corpo e as damas de companhia emergiram da Torre da Rainha e se juntaram em um nó protetor em torno de Sabran e Heath. O grupo saiu do vestíbulo e atravessou o Jardim Sundial.

Quando eles estavam no meio do caminho, Ead avistou uma cena que seria impensável um ano atrás.

Wyverns vindo em direção ao Palácio de Ascalon, gritando como corvos em torno de uma carcaça.

Ela não tinha visto nada assim em todos os seus anos. Essas não eram criaturas de olhos turvos, que acordavam sacudindo-se em busca de gado. Esta era uma declaração de guerra. Não apenas esses wyverns eram ousados o suficiente para se mostrar na capital, mas eles estavam se *reunindo*. Quando o pavor ameaçou congelá-la, ela pensou em suas lições no Priorado.

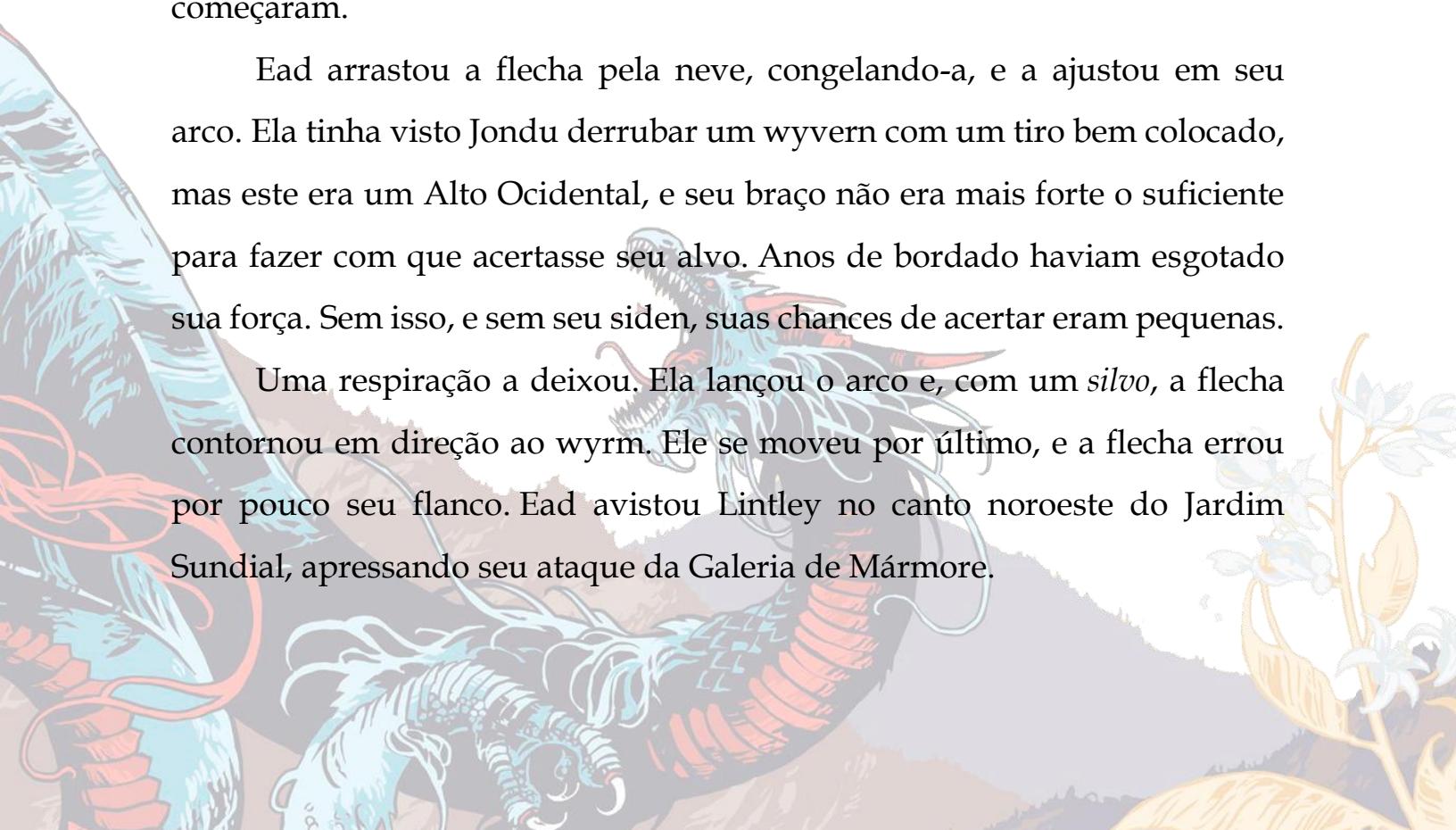
Wyverns só voariam nesses números se fossem unidos por um Alto Ocidental. Se ela matasse o mestre, eles se espalhariam.

Sua respiração ficou nublada diante dela. O Alto Ocidental ainda não havia se mostrado, mas ela sentiu seu fedor no vento, como a fumaça de uma montanha de fogo. Ela deslizou uma flecha de sua aljava.

A Mãe projetou essas flechas. Longas o suficiente para perfurar a armadura Dracônica mais espessa, feita de metal da Montanha do Pavor, elas congelavam ao mais leve toque de gelo ou neve.

Seus dedos formigavam. O fedor de enxofre soprou pelo pátio e a neve derreteu ao redor de suas botas.

Ela reconheceu a cadência das asas quando a ouviu. Estrondosa como os passos de um gigante.



A cada *golpe*, o chão tremia. Uma batida iminente.

O Alto Ocidental rasgou a noite. Quase tão grande quanto Fýredel, suas escamas eram pálidas como ossos. Ele caiu perto da torre do relógio e, com uma chicotada de sua cauda de quebrar os ossos, jogou um grupo de guardas do palácio para o outro lado do pátio. Mais atacaram com espadas e lanças. Com essa monstruosidade bloqueando o caminho, Lintley e os Cavaleiros do Corpo não conseguiam mais alcançar a entrada do porão.

Nos dias que se seguiram à chegada de Fýredel, várias armas nas paredes do Palácio de Ascalon foram colocadas em rodadas de madeira, permitindo que girassem. Os canhões lançavam pedras no intruso. Duas acertaram no flanco, outra na coxa – com força suficiente para quebrar o osso de um wyvern – mas só serviram para irritar o Alto Ocidental. Ele vasculhou as paredes com sua cauda pontiaguda, afastando os guardas que estavam tentando carregar um arpão. Seus gritos morreram tão rápido quanto começaram.

Ead arrastou a flecha pela neve, congelando-a, e a ajustou em seu arco. Ela tinha visto Jondur derrubar um wyvern com um tiro bem colocado, mas este era um Alto Ocidental, e seu braço não era mais forte o suficiente para fazer com que acertasse seu alvo. Anos de bordado haviam esgotado sua força. Sem isso, e sem seu siden, suas chances de acertar eram pequenas.

Uma respiração a deixou. Ela lançou o arco e, com um *silvo*, a flecha contornou em direção ao wyrm. Ele se moveu por último, e a flecha errou por pouco seu flanco. Ead avistou Lintley no canto noroeste do Jardim Sundial, apressando seu ataque da Galeria de Mármores.

Recuar para a Torre da Rainha agora levaria Sabran à visão total dos wyrm. Eles estavam presos. Se Ead pudesse distrair a fera, e se eles fossem rápidos, eles poderiam passar despercebidos e fazer uma fuga para o porão.

Outra flecha estava em sua mão um momento depois, encaixada e posicionada. Desta vez, ela a inclinou em direção a uma parte mais suave do rosto antes de soltar. Ela bateu em uma pálpebra escamosa.

A fenda da pupila se contraiu e o Alto Ocidental virou a cabeça para encará-la. Agora sua atenção era toda dela.

Ela congelou uma terceira flecha.

Depressa, Lintley.

— Wyrm — ela falou em Selinyi. — Eu sou Eadaz du Zāla uq-Nāra, uma serva de Cleolind. Eu carrego a chama sagrada. Deixe esta cidade intocada, ou eu verei você ser derrubado.

Os Cavaleiros do Corpo chegaram ao fim da Galeria de Mármore. O wyrm olhava para ela com olhos verdes como salgueiro. Ela nunca tinha visto aquela cor de olhos em uma coisa Dracônica.

— Maga — dizia na mesma língua — seu fogo acabou. O Deus da Montanha vem.

Sua voz agitou-se como uma pedra de moinho pelo palácio. Ead não vacilou.

— Pergunte a Fýredel se meu fogo acabou — ela respondeu.

O wyrm sibilou.

A maioria das criaturas Dracônicas era fácil de distrair. Essa não. Seu olhar se voltou para onde os Cavaleiros do Corpo surgiram. A armadura revestida de cobre refletia as chamas, atraindo sua atenção.

— Sabran.

Ead sentiu um arrepio nos ossos. O wyrm disse esse nome com suavidade. Com familiaridade.

Essa suavidade não durou. Com os dentes à mostra, a besta jogou a cabeça para trás e falou na língua Dracônica. Enquanto bolas de fogo choviam dos wyverns, os Cavaleiros do Corpo, aterrorizados, se dividiram. Metade recuou para a Galeria de Mármore, enquanto os outros correram para a Casa de Banquete. Lintley foi um dos últimos. Margret também. Heath também, sempre destemido. Ead podia vê-lo com o escudo erguido bem alto, embalando Sabran com o braço da espada. Ela estava curvada sobre a barriga.

O wyrm abriu suas mandíbulas. A Galeria de Mármore derreteu sob seu sopro de fogo, cozinhando os cavaleiros lá dentro.

Ead soltou a corda do arco. Com força punitiva, sua flecha cortou o espaço entre o ar e os wyrm.

Ela encontrou sua marca.

A dor de agonia foi ensurdecadora. Ela havia batido no lugar que Jondu lhe mostrara, a armadura flexível sob a asa. O sangue escorria por suas escamas e borbulhava em torno do cuspe de gelo.

Um olho verde queimou em Ead. Ela se sentiu gravada naquele olho. Em sua memória.

Então aconteceu. Enquanto decolava, sangrando e enfurecido, o wyrm balançou sua cauda espetada – e o vestíbulo da Torre Dearn, suas fundações já enfraquecidas por Fýredel, desabou no pátio. O mesmo aconteceu com as estátuas das Grandes Rainhas em cima dela. Ead olhou para baixo a tempo

de ver Heath ser atingido por um bloco de alvenaria e Sabran caindo de seus braços, antes que uma nuvem de poeira engolissem os dois.

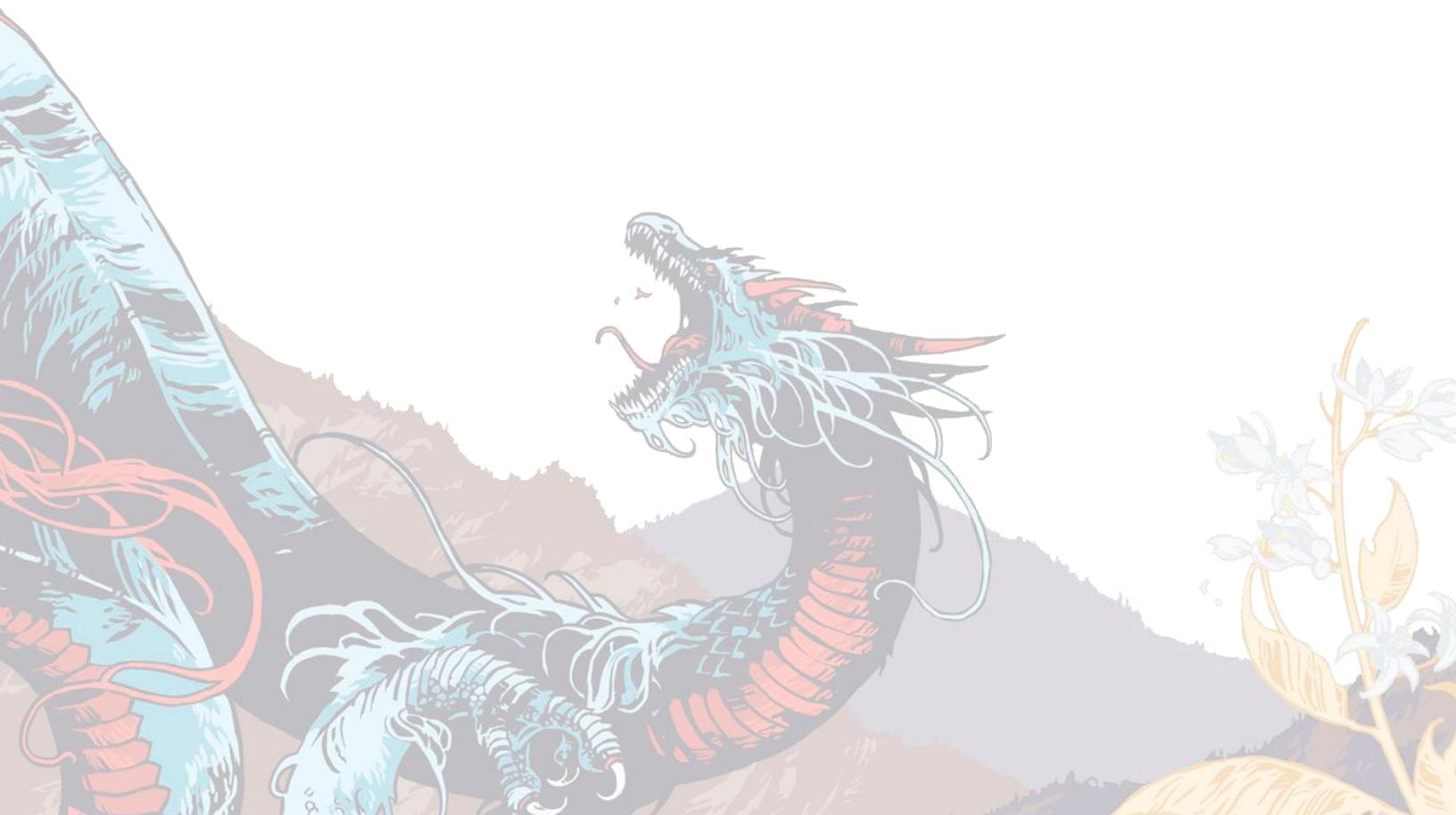
O silêncio foi uma respiração presa. Tocou com um segredo que não podia ser falado.

Ead caiu como uma sombra do telhado, e ela correu como nunca havia feito em sua vida.

Sabran.

Ela estava enrolada, como uma pena sacudida de um pássaro, pelo corpo de Sir Gules Heath. Olhos fechados. Ainda respirando. Apenas respirando. Ead envolveu a Rainha de Inys em seus braços e a recolheu enquanto a escuridão se infiltrava em sua camisola, surgindo entre suas coxas.

A cabeça de pedra de Glorian Shieldheart a observava sangrar.



Capítulo 35

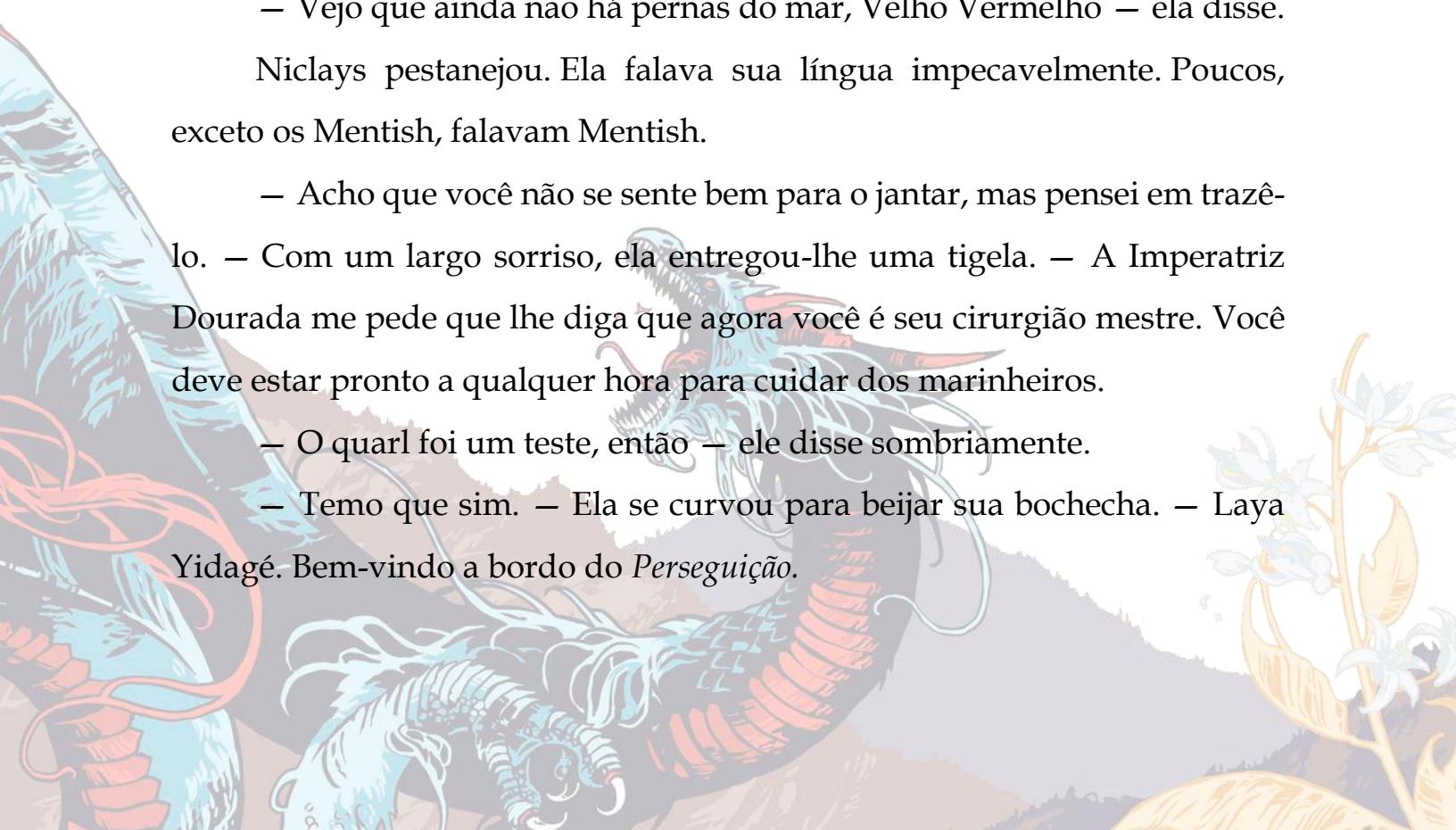
Leste

Considerando todas as coisas, sua primeira cirurgia a bordo do *Persegição* – a nau capitânia da Frota do Olho do Tigre – foi melhor do que Niclays havia previsto. Ele foi presenteado com um sujeito Lacustre que foi picado por um quarl babado e brilhante, raramente visto nessas águas. O pobre homem gritou de agonia enquanto sua perna assumia a aparência de couro cru.

Por um golpe de sorte, Eizaru uma vez disse a Niclays exatamente como acalmar uma picada dessa ferida. Niclays havia remendado os ingredientes e, vejam só, o pirata estava livre da dor, apesar de mutilado para o resto da vida. Ele voltaria a pilhar e matar em breve.

Tendo recebido a notícia de que os Seiikinenses haviam enviado a Guarda do Mar Superior para recuperar o dragão, a Imperatriz Dourada ordenou que a frota se espalhasse em todas as direções. O *Persegição* contornaria o Abismo antes de navegar para o Mar Insone e descarregar sua carga proibida na cidade sem lei de Kawontay. Os dragões orientais tinham medo do Abismo, demoravam para entrar nele.

Naquela noite, Niclays se pegou tremendo de frio no trecho de um metro do convés em que ele havia sido designado para dormir. Alguns



piratas o chutaram nas canelas ao passarem. Ele se perguntou vagamente se alguém já se sentiu pior do que ele neste momento.

Esta era sua vida agora. Ele deveria ter ficado grato por sua casinha em Orisima. De repente, ele sentia falta da lareira afundada e do gancho, a cama que deixou para arejar ao sol, as paredes escuras e os tapetes de tecido. Não tinha pertencido a ele, mas manteve um teto sobre sua cabeça.

Um par de pés calçados com botas apareceu à sua frente. Ele se encolheu, esperando outro chute.

— Deuses que choram. Olhe para o seu estado.

A intérprete estava de pé ao lado dele, com uma das mãos no quadril. Desta vez, ela usava um xale e luvas que o deixaram fraco de inveja. Uma nuvem de cabelo escuro, marmorizado com cinza, saltava em pequenos cachos ao redor de seu rosto. Uma faixa de seda os mantinha longe de seus olhos.

— Vejo que ainda não há pernas do mar, Velho Vermelho — ela disse.

Niclays pestanejou. Ela falava sua língua impecavelmente. Poucos, exceto os Mentish, falavam Mentish.

— Acho que você não se sente bem para o jantar, mas pensei em trazê-lo. — Com um largo sorriso, ela entregou-lhe uma tigela. — A Imperatriz Dourada me pede que lhe diga que agora você é seu cirurgião mestre. Você deve estar pronto a qualquer hora para cuidar dos marinheiros.

— O quarl foi um teste, então — ele disse sombriamente.

— Temo que sim. — Ela se curvou para beijar sua bochecha. — Laya Yidagé. Bem-vindo a bordo do *Perseguição*.

— Niclays Roos. Queria que eu pudesse saudá-la com mais dignidade, querida senhora. — Ele apertou os olhos para a comida. Arroz e pedaços de carne rosada. — Santo. Isso é enguia crua?

— Fique feliz que ainda não esteja se contorcendo. O último refém teve que arrancar a cabeça com uma mordida. Isso foi antes de *sua* cabeça cair, é claro. — Laya se espremeu ao lado dele. — Cure mais alguns piratas e você consegue eles cozidos. E um lugar um pouco mais hospitaleiro para dormir.

— Você percebe que é mais provável que eu mate um deles. Sou formado em anatomia, mas não sou um mestre cirurgião.

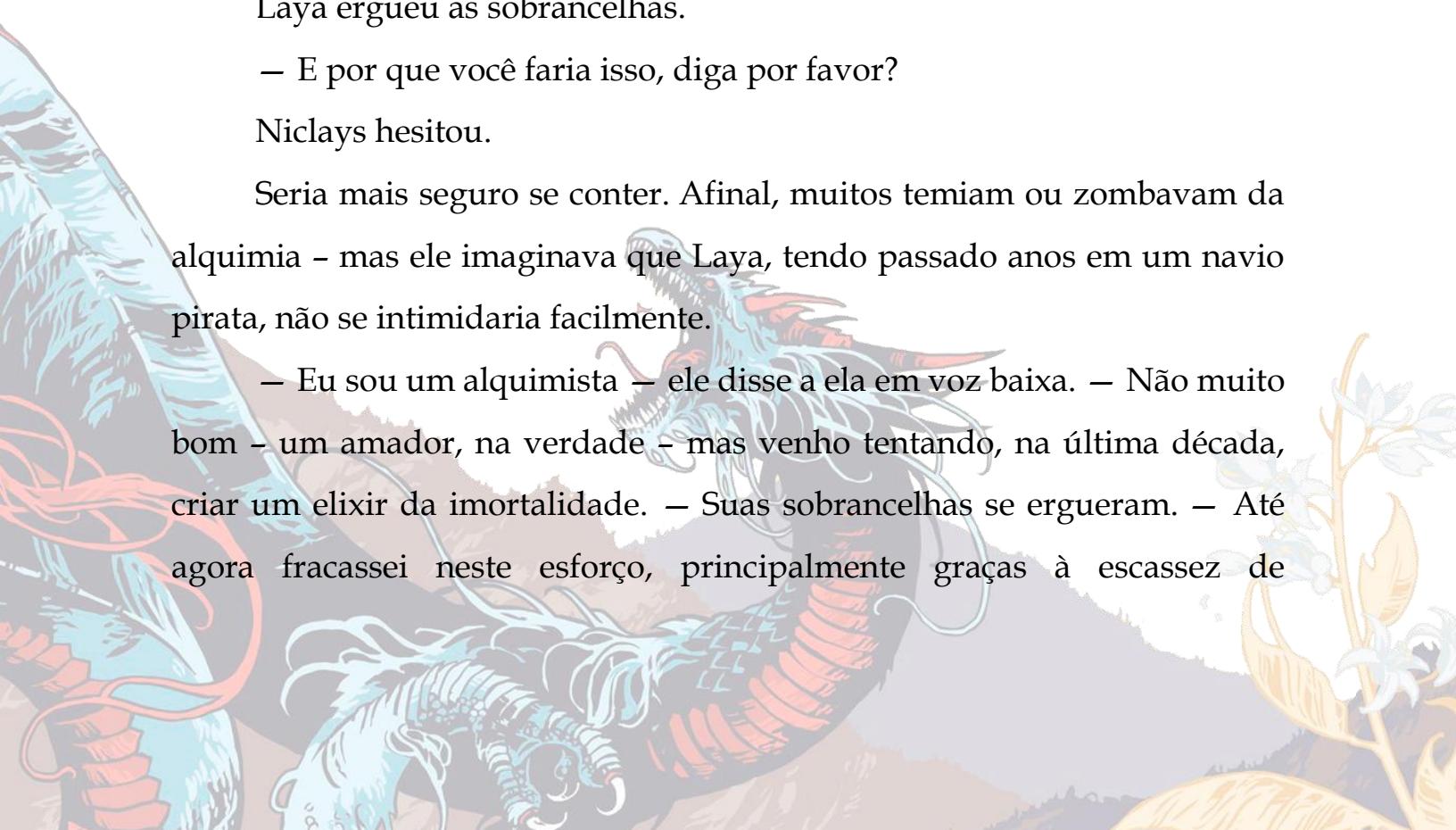
— Eu sugiro que você continue fingindo o contrário. — Ela jogou um pouco de sua capa ao redor dele. — Aqui. É quentinho.

— Obrigado. — Niclays puxou-a para perto e sorriu cansado para ela. — Eu imploro que você me distraia desta suposta refeição. Diga-me como você veio para velejar com a temida Imperatriz Dourada.

Enquanto ele separava os grãos limpos do arroz manchado de sangue, ela o fez.

Laya nasceu na bela cidade de Kumenga, famosa por suas academias, vinho do sol e águas límpidas. Quando criança, tinha sede de conhecimento do mundo, interesse alimentado por seu pai, um explorador, que lhe ensinou várias línguas.

— Um dia, ele partiu para o Oriente, determinado a ser o primeiro Sulista a pisar lá em séculos — disse ela. — Ele nunca mais voltou, claro. Ninguém volta. Anos depois, paguei aos piratas do Mar de Carmentum para me levarem além do Abismo para encontrá-lo. — A chuva escorria por sua bochecha. — Fomos bombardeados por um navio desta



frota. Todos foram mortos, mas implorei por minha vida em Lacustrine, o que surpreendeu o capitão. Ele me levou até a Imperatriz Dourada e eu me tornei sua intérprete. Era isso ou a espada.

— Há quanto tempo você trabalha para ela?

Ela suspirou.

— Demasiado longo tempo já.

— Você deve desejar voltar para o sul.

— Claro — ela disse —, mas eu seria uma tola se tentasse uma fuga. Não sou uma navegadora, Velho Vermelho, e o Abismo é amplo.

Ela tinha razão.

— Você acha, Senhora Yidagé...

— Laya.

— Laya. Você acha que a Imperatriz Dourada me permitiria ver o dragão abaixo do convés?

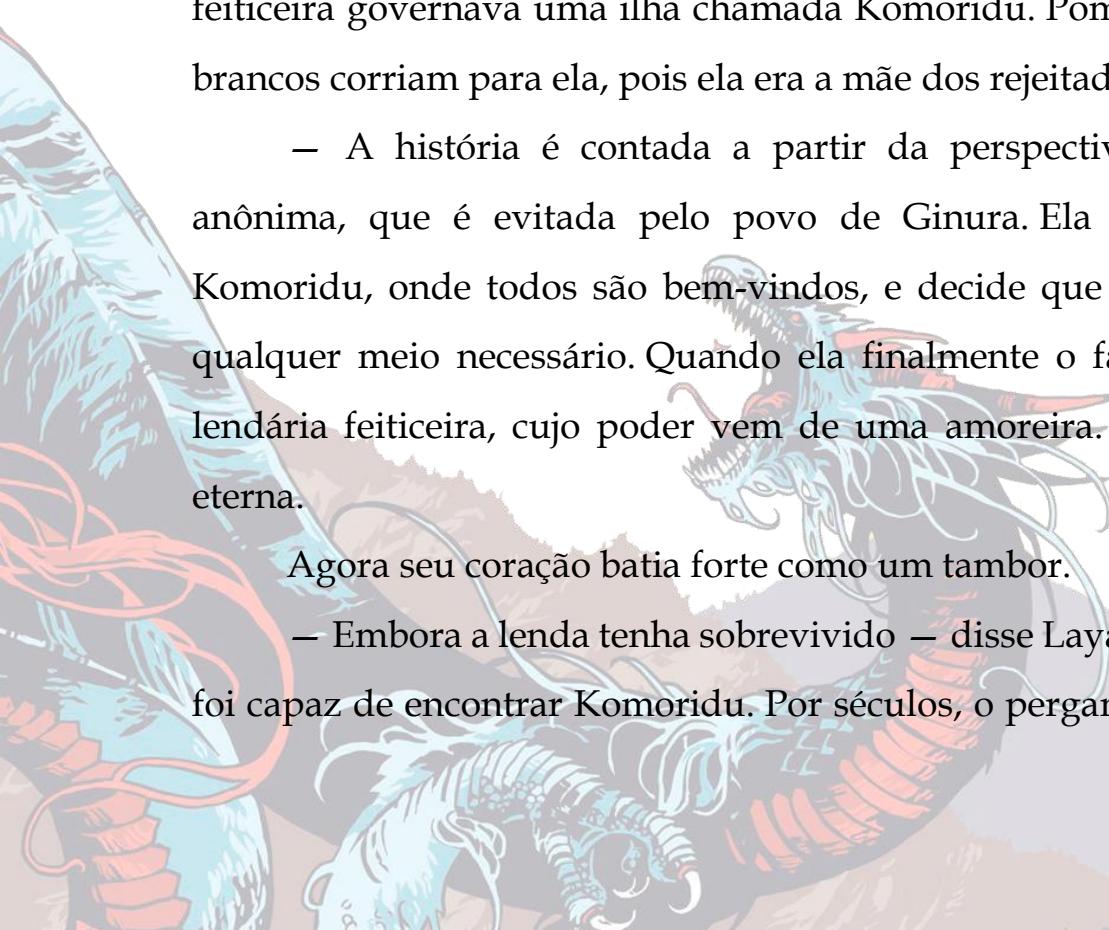
Laya ergueu as sobrancelhas.

— E por que você faria isso, diga por favor?

Niclays hesitou.

Seria mais seguro se conter. Afinal, muitos temiam ou zombavam da alquimia — mas ele imaginava que Laya, tendo passado anos em um navio pirata, não se intimidaria facilmente.

— Eu sou um alquimista — ele disse a ela em voz baixa. — Não muito bom — um amador, na verdade — mas venho tentando, na última década, criar um elixir da imortalidade. — Suas sobrancelhas se ergueram. — Até agora fracassei neste esforço, principalmente graças à escassez de



ingredientes decentes. Dado que os dragões podem viver por séculos, eu esperava... estudar o abaixo. Antes de chegarmos a Kawontay.

— Antes que cada parte de seu corpo seja vendida. — Laya concordou. — Normalmente, eu aconselharia você a não mencionar isso.

— Mas?

— A Imperatriz Dourada tem um grande interesse na imortalidade. Sua alquimia pode torná-la querida para você. — Ela se inclinou mais perto, de modo que sua respiração formou uma nuvem. — Há uma razão para este navio se chamar *Perseguição*, Niclays. Você já ouviu a história da amoreira?

Niclays franziu as sobrancelhas.

— A amoreira?

— É uma lenda pouco conhecida no Oriente. Mais mito do que história. — Laya se apoiou na amurada. — Séculos atrás, dizia-se que uma feiticeira governava uma ilha chamada Komoridu. Pombas pretas e corvos brancos corriam para ela, pois ela era a mãe dos rejeitados.

— A história é contada a partir da perspectiva de uma mulher anônima, que é evitada pelo povo de Ginura. Ela ouve sussurros de Komoridu, onde todos são bem-vindos, e decide que deve chegar lá por qualquer meio necessário. Quando ela finalmente o faz, ela vai visitar a lendária feiticeira, cujo poder vem de uma amoreira. Uma fonte de vida eterna.

Agora seu coração batia forte como um tambor.

— Embora a lenda tenha sobrevivido — disse Laya — ninguém jamais foi capaz de encontrar Komoridu. Por séculos, o pergaminho contendo sua

história foi mantido na Ilha das Penas. Alguém o roubou dos arquivos sagrados e o deu à Imperatriz Dourada... mas logo ficou claro que parte dele estava faltando. Uma parte que ela acredita ser vital.

Niclays estava tão ferido como se tivesse sido atingido por um raio.

Minha tia recebeu de um homem que disse a ela para carregá-lo para longe do Oriente e nunca levá-lo de volta.

— Sim. Você trouxe para ela. — Vendo sua expressão de espanto, Laya sorriu para ele. — A peça final do quebra-cabeça.

O quebra-cabeça.

Jannart.

Um som resmungou na barriga do navio. A *Perseguição* tremeu, manobrando Niclays contra Laya.

— É uma tempestade? — ele perguntou, sua voz um tom mais alta do que o normal.

— Shh.

O próximo som foi um eco do primeiro. Franzindo a testa, Laya se levantou. Niclays esfregou algumas sensações nas pernas e a seguiu. A Imperatriz Dourada estava no tombadilho.

Eles estavam no limiar do Abismo, o lugar onde até os dragões temiam ir, onde a água se aprofundava do verde ao negro. E nenhuma ondulação marcava a superfície.

Dentro deste mar impossível, cada estrela, cada constelação, cada dobra e espiral do cosmos estava refletida. Como se houvesse dois firmamentos e seu navio fosse um navio fantasma, à deriva entre os

mundos. O mar havia se transformado em vidro, então os céus poderiam finalmente olhar para si mesmos.

— Você já viu tal coisa? — Niclays murmurou.

Laya balançou a cabeça.

— Isso não é uma coisa natural.

Nem uma única onda quebrava contra a frota. Cada navio estava tão estável como se estivesse em terra. A tripulação do *Perseguição* permaneceu em silêncio inquieto, mas Niclays Roos estava tranquilo, fascinado pela visão do universo duplo. Um mundo equilibrado, como o descrito na Placa de Rumelabar.

O que está abaixo deve ser equilibrado com o que está acima, e nisso está a precisão do universo.

Palavras que ninguém vivo entendia. Palavras que fizeram Truyde enviar seu amante pelo mar com um pedido de ajuda que não seria ouvido. Um amante que agora devia estar morto.

Vozes gritavam em uma miríade de línguas. Niclays cambaleou para trás quando os respingos explodiram no convés, ensopando seu cabelo com água quente. Seu momento de calma se dissolveu.

Bolhas enxamearam ao redor do casco. Laya agarrou seu braço. Ela correu com ele até o mastro mais próximo e agarrou as cordas.

— Laya — ele a chamou — o que está acontecendo?

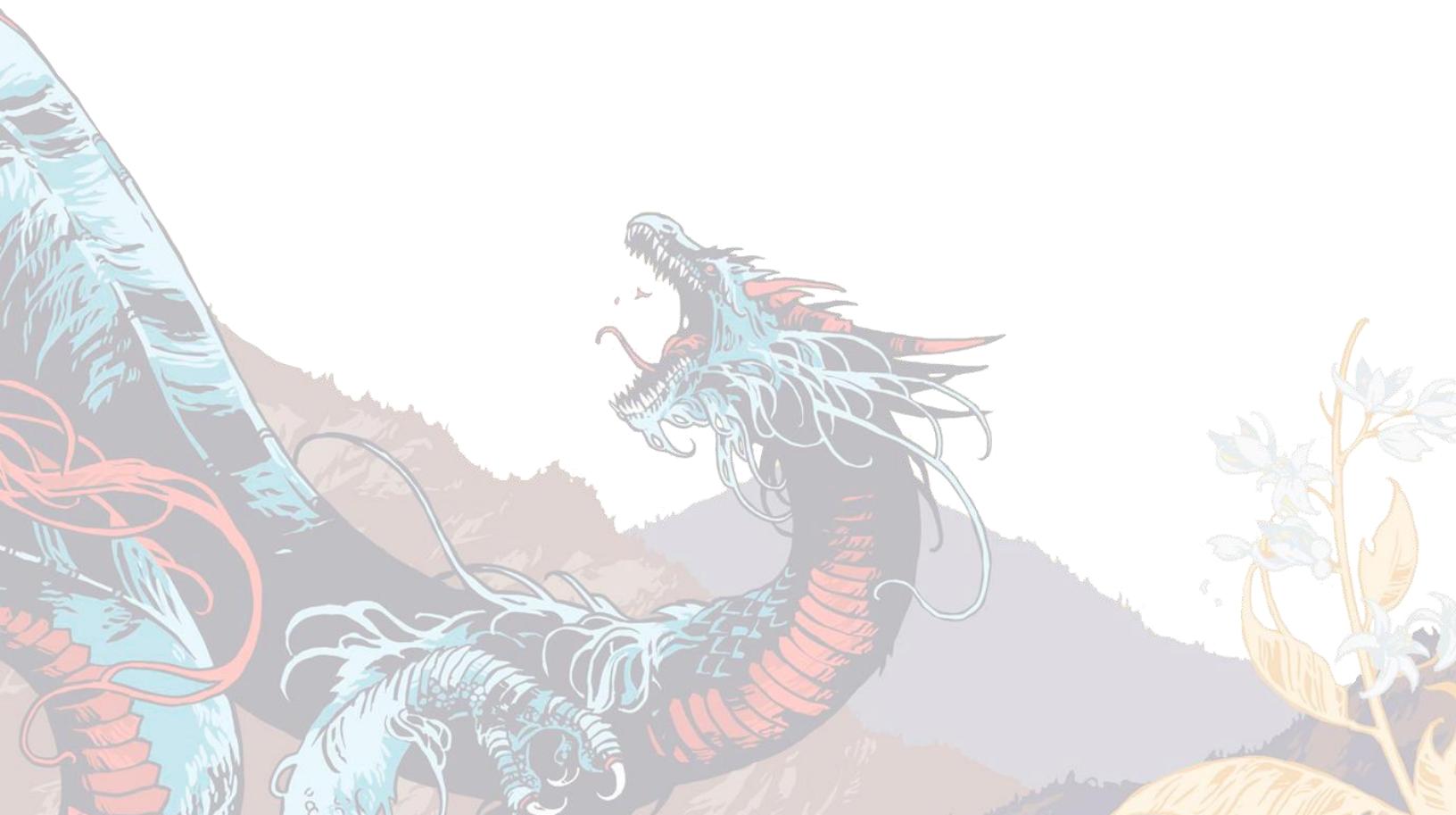
— Eu não sei. Se segure!

Niclays piscou para afastar a água salgada, ofegante. Ele gritou quando a água invadiu a frota, destruindo um barco a remo e varrendo

piratas do convés. Seus gritos foram perdidos para um som que ele pensou a princípio ser um trovão.

E então, quando o mar alcançou o topo da lateral do *Perseguição*, ele apareceu. Uma massa de escama incandescente. Niclays olhou incrédulo para a cauda que terminava em pontas cruéis, para as asas que poderiam ter feito uma ponte sobre o rio Bugen. Em meio ao rugido do mar e ao uivo do vento, um Alto Ocidental voava baixo sobre a frota e gritou em triunfo.

— MESTRE! — ele gritou. — EM BREVE. EM BREVE. EM BREVE.



Capítulo 36

Oeste

Os rouxinóis haviam se esquecido de cantar. Ead estava deitada de lado da cama, ouvindo Sabran respirar.

Frequentemente, desde que o wyrm havia chegado, ela se afogou em sonhos com o que acontecera naquela noite. Como ela havia levado Sabran ao médico real. A horrível farpa que ele tirou de sua barriga. O sangue. A forma envolta em pano que eles haviam levado. Sabran imóvel na cama, parecendo como se estivesse em seu esquife.

Uma brisa soprou pelo Grande Quarto de Dormir. Ead se virou.

Embora ela tivesse observado o Doutor Bourn e seus assistentes para garantir que primeiro fervessem tudo o que tocasse Sabran, não foi o suficiente. A inflamação havia criado raízes. A febre a devastou, e ela ficou à beira da morte por dias – mas ela lutou. Ela lutou por sua vida como Glorian Shieldheart.

No final, ela havia se arrancado da beira do túmulo, drenada de corpo e alma. Assim que a febre cedeu, o médico real concluiu que a farpa que havia arrancado dela viera do Alto Ocidental. Temendo que isso pudesse ter causado a ela a praga, ele mandou chamar uma especialista Mentish em anatomia Dracônica. O que ela havia concluído era indizível.

A Rainha de Inys não tinha a praga, mas ela nunca teria uma criança.



Outra corrente de ar entrou no quarto. Ead se levantou da cama e fechou a janela.

Estrelas pontilhavam o céu da meia-noite. Abaixo delas, Ascalon brilhava com a luz de uma tocha. Algumas de suas pessoas estariam acordadas agora, orando por proteção contra o que os comuns estavam chamando de Wyrm Branco.

Eles não carregavam o mesmo conhecimento que assombrava os Duques Espirituais e as Damas do Quarto de Dormir. Além do médico real, só eles sabiam o segredo mais perigoso do mundo.

A Casa de Berethnet terminaria com Sabran a Nona.

Ead aparou o pavio de uma das velas e acendeu-o novamente. Desde que o Wyrm Branco havia chegado, Sabran só tinha ficado com mais medo do escuro.

Fragmentos de evidências históricas do mundo todo concordam que houve cinco Alto Ocidentais. Havia semelhanças deles nas cavernas de Mentendon e os bestiários feitos após o Século da Dor.

De acordo com essa evidência, nenhum daqueles Alto Ocidentais tinha olhos verdes.

— Ead.



Ela olhou por cima do ombro. Sabran era uma silhueta atrás das cortinas transparentes ao redor de sua cama.

— Majestade — disse Ead.

— Abra a janela.

Ead colocou a vela sobre a lareira.

— Você vai pegar um resfriado.

— Posso ser estéril — Sabran grunhiu. — Mas até que eu dê o meu último suspiro, sou sua rainha. Faça como eu digo.

— Você ainda está se curando. Se você morrer de frio, o Secretário Principal terá minha cabeça.

— Maldita seja, cadela obstinada. Terei sua cabeça se *você* não fizer o que eu a mando.

— Certamente. Duvido que terei muito uso para ela, uma vez que se despediu do meu pescoço.

Sabran se virou para encará-la.

— Vou te matar. — As cordas em seu pescoço estavam tensas. — Eu desprezo todos vocês, corvos presunçosos. Tudo o que qualquer um de vocês pensa é no que você pode bicar de mim. Uma pensão, propriedades, uma herdeira... — sua voz falhou. — Malditos sejam todos vocês. Eu preferiria me jogar da Torre de Alabastro do que engolir outra colherada de sua pena.

— Basta — rebateu Ead. — Você não é uma criança. Cesse essa pirraça.

— Abra a janela.

— Venha e abra você mesma.

Sabran soltou uma risada pequena e sombria.

— Eu poderia queimar você por essa insolência.

— Se isso te tirar dessa cama, eu ficaria feliz em dançar na pira.

A torre do relógio soou uma vez. Estremecendo, Sabran caiu de volta nos travesseiros.

— Eu estava destinada a morrer no parto — ela sussurrou. — Eu deveria dar vida a Glorian. E render a minha própria.

Seus seios vazaram por dias após sua perda, e sua barriga ainda estava redonda. Mesmo enquanto ela tentava curar, seu próprio corpo continuava abrindo a ferida.

Ead acendeu mais duas velas. Ela tinha pena de Sabran, tanto que pensou que suas costelas se quebrariam com isso, mas não conseguia suportar seus acessos de ódio por si mesma. Soberanos Berethnet eram propensos ao que os Inysh chamavam de *concha de dor*, períodos de tristeza, com ou sem uma raiz discernível. Cornelian a Quinta era conhecida como a Pomba de Luto, e havia rumores na corte de que ela havia se suicidado entrando em um rio. Combe havia encarregado as Damas do Quarto de Dormir de garantir que Sabran não andasse pelo mesmo caminho.

Ser uma mariposa na janela da Câmara do Conselho esta noite. Alguns dos Duques Espirituais estariam argumentando que a verdade nunca deveria ser revelada. Acolchoamento sob os vestidos. Uma criança órfã de cabelos pretos e olhos de jade. Alguns membros do conselho poderiam contemplar essas noções, mas a maioria deles não toleraria a ideia de se curvar a ninguém além de uma Berethnet.

— Eu tinha certeza... — Sabran cerrou os punhos no cabelo. — Devo ser amada do Santo. Eu afastei Fýredel. Por que estou abandonada agora?

Ead reprimiu uma onda de culpa. Sua proteção alimentou a mentira.

— Senhora — disse ela —, você deve manter sua fé. Não adianta ficar pensando...

Outra risada triste a interrompeu.

— Você soa como Ros. Eu não preciso de outra Ros. — Sabran apertou as mãos. — Talvez eu deva pensar em coisas mais leves. Ros me diria isso. O



que devo pensar, Ead? Meu companheiro morto, meu útero estéril ou o conhecimento de que o Inominável está chegando?

Ead obrigou-se a ajoelhar-se e atiçar o fogo.

Sabran havia falado pouco por dias, mas o que ela disse foi para doer. Ela latiu para Roslain por ser muito quieta. Ela tinha zombado das damas de honra quando serviam suas refeições. Ela disse a uma pajem para sair de sua vista, reduzindo-a às lágrimas.

- Eu serei a última Berethnet. Eu sou a destruidora da minha casa.
- Ela agarrou os lençóis. — Isto é obra minha. Por rejeitar o berço por tanto tempo. Por tentar evitá-lo.

Sua cabeça caiu para frente.



Ead foi para a Rainha de Inys. Ela afastou a cortina de lado e sentou-se na beira da cama. Sabran estava meio sentada, encolhida sobre o abdômen machucado.

- Eu era egoísta. Eu queria... — Sabran suspirou pelo nariz. — Pedi a Niclays Roos que me fizesse um elixir, algo que preservasse minha juventude, para que eu nunca tivesse que engravidar. Quando ele não pôde — ela sussurrou —, eu o bani para o Leste.

— Sabran...

- Virei as costas ao Cavaleiro da Generosidade por tudo o que ele me deu. Fiquei ressentida por ter que dar apenas uma vez em troca.

- Pare com isso — disse Ead com firmeza. — Você tinha um grande fardo para carregar, e você o suportou bravamente.

- É um chamado divino. — Suas bochechas brilharam. — Mais de mil anos da mesma coisa. Trinta e seis mulheres da Casa de Berethnet tiveram

filhas em nome de Inys. Por que eu não poderia? — Ela pressionou a mão na barriga. — Por que isso teve que acontecer?

Com isso, Ead a pegou suavemente pelo queixo.

— E *não* é sua culpa — disse ela. — Lembre-se disso, Sabran. Nada disso está sob seus ombros.

Sabran se esquivou de seu toque.

— O Conselho de Virtudes tentará de tudo, mas meu povo não é tolo — disse ela. — A verdade aparecerá. Virtudom entrará em colapso sem sua fundação. A fé no Santo será destruída. Os santuários ficarão vazios.

A profecia tinha o tom da verdade. Até Ead sabia que o colapso de Virtudom causaria turbulência. Era parte do motivo pelo qual ela fora enviada para cá. Para preservar a ordem.

Ela falhou.

— Não tenho lugar na corte celestial — disse Sabran. — Quando eu estiver apodrecendo no solo, os Duques Espirituais, cujo sangue vem da Sagrada Comitiva, cada um reivindicará meu trono. — Uma risada sem humor escapou dela. — Talvez eles nem esperem que eu morra antes de começar a luta interna. Eles acreditaram no meu poder de manter o Inominável acorrentado, mas esse poder terminará agora com a minha morte.

— Então, certamente é do interesse deles mantê-la segura. — Ead tentou parecer tranquilizadora. — Para ganhar tempo para se preparar para sua chegada.

— Segura, talvez, mas não no trono. Alguns deles estarão se perguntando, neste exato momento, se devem agir imediatamente. Para

escolher um novo governante antes que Fýredel volte para nos destruir.

— Sabran narrou isso em tons vazios. — Todos estarão se perguntando se a história da minha divindade algum dia foi verdadeira. Tenho me perguntado a mesma coisa. — Sua mão deslizou de volta para sua barriga. — Eu mostrei que sou apenas carne.

Ead balançou a cabeça.

— Eles vão me pressionar para nomear um deles como meu sucessor. Mesmo se eu fizer isso, os outros podem desafiá-lo — disse Sabran. — Cada um dos nobres erguerá suas bandeiras para um dos requerentes. Inys vai se dividir. Enquanto estiver fraco, o Exército Dracônico retornará. E Yscalin está pronta para ajudá-lo. — Ela fechou os olhos. — Não consigo ver, Ead. Não consigo ver este reino cair.

Ela deve ter temido esse resultado desde o início.

— Ela era assim... delicada. Glorian — disse Sabran asperamente. — Como o rendilhado de uma folha. O frágil depois que o verde o deixou.

— Ela olhou para o nada. — Eles tentaram escondê-la de mim, mas eu vi.

Uma outra dama de companhia teria dito a ela que sua filha estava segura na corte celestial. Roslain teria pintado para ela a imagem de um bebê de cabelos negros envolto nos braços de Galian Berethnet, sorrindo para sempre em um castelo no céu.

Ead, não. Tal imagem não confortaria Sabran em sua dor. Ainda não.

Ela pegou uma mão gelada e a aqueceu entre as dela. Tremendo na vastidão da cama, Sabran parecia mais uma criança perdida do que uma rainha.

— Ead — disse ela. — Há uma bolsa de ouro no cofre. — Ela acenou com a cabeça para o baú em que suas joias estavam armazenadas. — Vá para a cidade. O mercado paralelo. Eles vendem um veneno chamado de viúva.

Ead perdeu o fôlego.

— Não seja tola — ela sussurrou.

— Você ousa chamar a última Berethnet de tola.

— Claro, quando você fala como uma.

— Eu lhe peço isso — disse Sabran —, não como sua rainha, mas como uma penitente. — Seu rosto estava tenso e sua mandíbula tremia. — Não posso viver sabendo que meu povo está condenado à morte pelo Inominável ou à guerra civil. Eu nunca poderia estar em paz comigo mesma. — Ela retirou a mão. — Achei que você fosse entender. Achei que você fosse me ajudar.

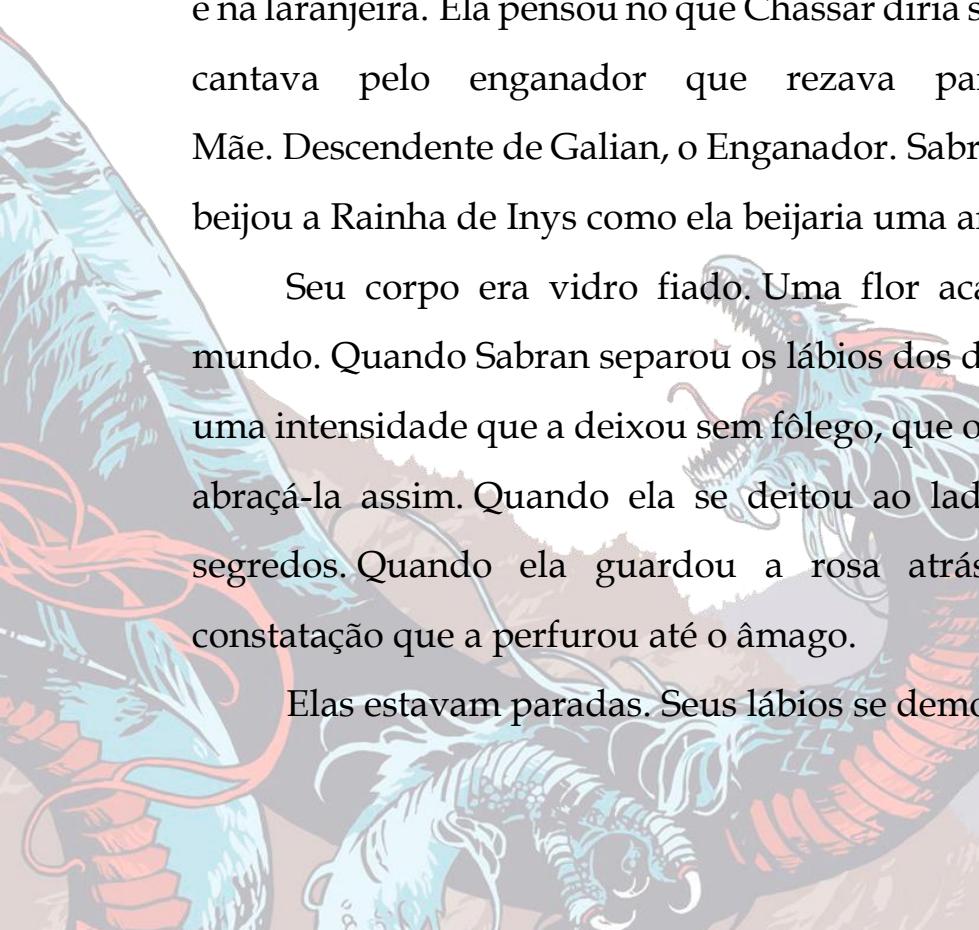
— Eu entendo mais do que você imagina. — Ead segurou sua bochecha. — Você tentou se transformar em pedra. Não tenha medo de descobrir que você não é. Rainha você pode ser, mas você é de carne e osso.

Sabran sorriu de uma maneira que partiu seu coração.

— Isso é ser uma rainha, Ead — disse ela. — Corpo e reino são um e o mesmo.

— Então você não pode matar o corpo para o reino. — Ead sustentou seu olhar. — Então, não, Sabran Berethnet. Não vou trazer veneno para você. Agora não. Nunca.

As palavras vieram de um lugar que ela tentou bloquear. O lugar onde uma rosa cresceu.



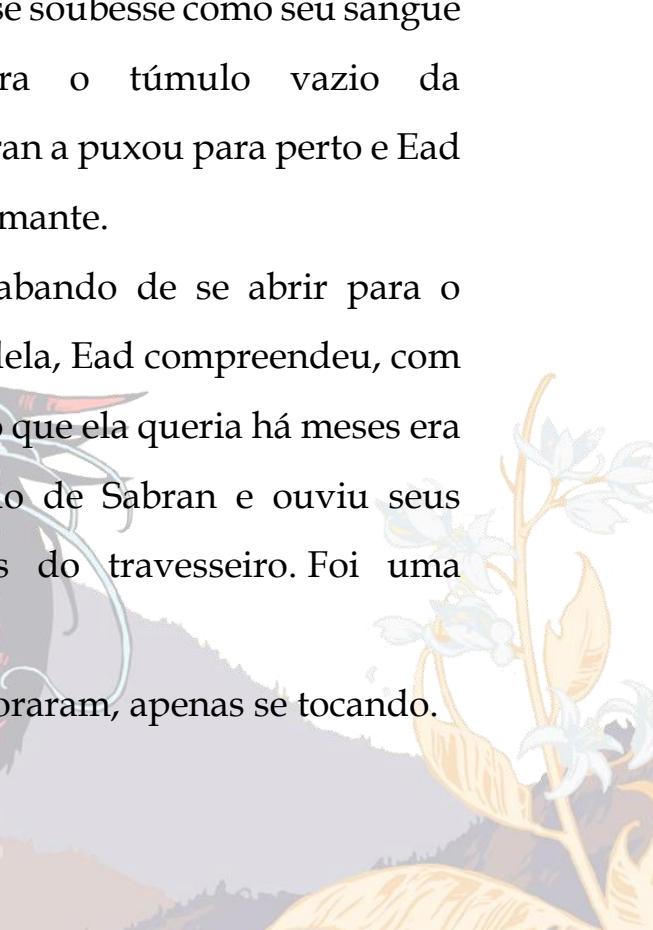
Sabran olhou para ela com uma expressão que Ead nunca vira. Toda a melancolia desapareceu, deixando-a curiosa e decidida. Ead podia ver cada lasca verde em seus olhos, cada chicotada, as velas presas dentro de suas pupilas. A luz do fogo dançava em seu ombro. Enquanto Ead a perseguia com a ponta dos dedos, Sabran se inclinou para seu toque.

— Ead — disse ela —, fique comigo.

Sua voz era quase muito suave para ouvir, mas Ead sentiu cada palavra em sua própria pele. Seus lábios estavam próximos agora, uma respiração distante. Ead não ousou se mover por medo de que ela quebrasse este momento. Sua pele estava sensível, doendo ao sentir Sabran pressionada contra ela.

Sabran emoldurou seu rosto entre as mãos. Em seu olhar havia uma pergunta e seu medo da resposta.

Enquanto o cabelo preto roçava sua clavícula, Ead pensou na Prioresa e na laranjeira. Ela pensou no que Chassar diria se soubesse como seu sangue cantava pelo enganador que rezava para o túmulo vazio da Mãe. Descendente de Galian, o Enganador. Sabran a puxou para perto e Ead beijou a Rainha de Inys como ela beijaria uma amante.



Seu corpo era vidro fiado. Uma flor acabando de se abrir para o mundo. Quando Sabran separou os lábios dos dela, Ead comprehendeu, com uma intensidade que a deixou sem fôlego, que o que ela queria há meses era abraçá-la assim. Quando ela se deitou ao lado de Sabran e ouviu seus segredos. Quando ela guardou a rosa atrás do travesseiro. Foi uma constatação que a perfurou até o âmago.

Elas estavam paradas. Seus lábios se demoraram, apenas se tocando.

Seu coração estava muito rápido, muito cheio. A princípio, ela não ousou respirar, mesmo o menor movimento poderia separá-las, mas então Sabran a abraçou, a voz embargada ao pronunciar seu nome. Ead sentiu a vibração de um coração contra o seu. Macio e rápido como uma borboleta.

Ela estava perdida, encontrada e vagando, tudo de uma vez. À beira de um sonho, mas de alguma forma nunca mais acordada. Seus dedos mapearam Sabran, traçados em sua pele por instinto. Eles seguiram a cicatriz por sua coxa, percorreram seu cabelo, traçaram abaixo de seus seios inchados.

Sabran recuou para olhar para ela. Ead teve um vislumbre de seu rosto à luz da vela – sobrancelha lisa, olhos escuros e resolutos – antes de se encontrarem novamente, e o beijo foi quente, novo e criador de mundos, o brilho do nascimento de uma estrela em seus lábios. Eles eram favos de mel de lugares secretos, frágeis e intrincados. Ead estremeceu quando a noite deu as boas-vindas a sua pele.

Ela sentiu um arrepião em Sabran. A camisola escorregou de seu ombro, mais longe, até ficar em volta de seus quadris, para que Ead pudesse traçar o caminho de sua coluna e cruzar as mãos no arco em suas costas. Ela beijou seu pescoço e o lugar nu atrás de sua orelha, e Sabran soprou seu nome, a cabeça inclinada para trás para expor o oco de sua garganta. O luar a encheu como leite.

O silêncio do Grande Quarto de Dormir era vasto. Vasto como a noite e todas as suas estrelas. Ead ouviu cada farfalhar de seda, cada toque de mão na pele dos lençóis. Suas respirações foram silenciadas, presas em antecipação a uma batida na porta, uma chave na fechadura e uma tocha

para revelar sua união. Acenderia uma chama de escândalo, e o fogo aumentaria até queimar as duas.

Mas Ead chamou o fogo de amigo, ela mergulharia na fornalha por Sabran Berethnet, por apenas uma noite com ela. Deixem eles venham com suas espadas e tochas.

Deixe que venham.



Mais tarde, elas se deitaram à luz da lua de sangue. Pela primeira vez em muitos anos, a Rainha de Inys dormia sem uma vela.

Ead olhou para o dossel. Ela sabia de uma coisa agora, e apagou todo o resto de sua mente.

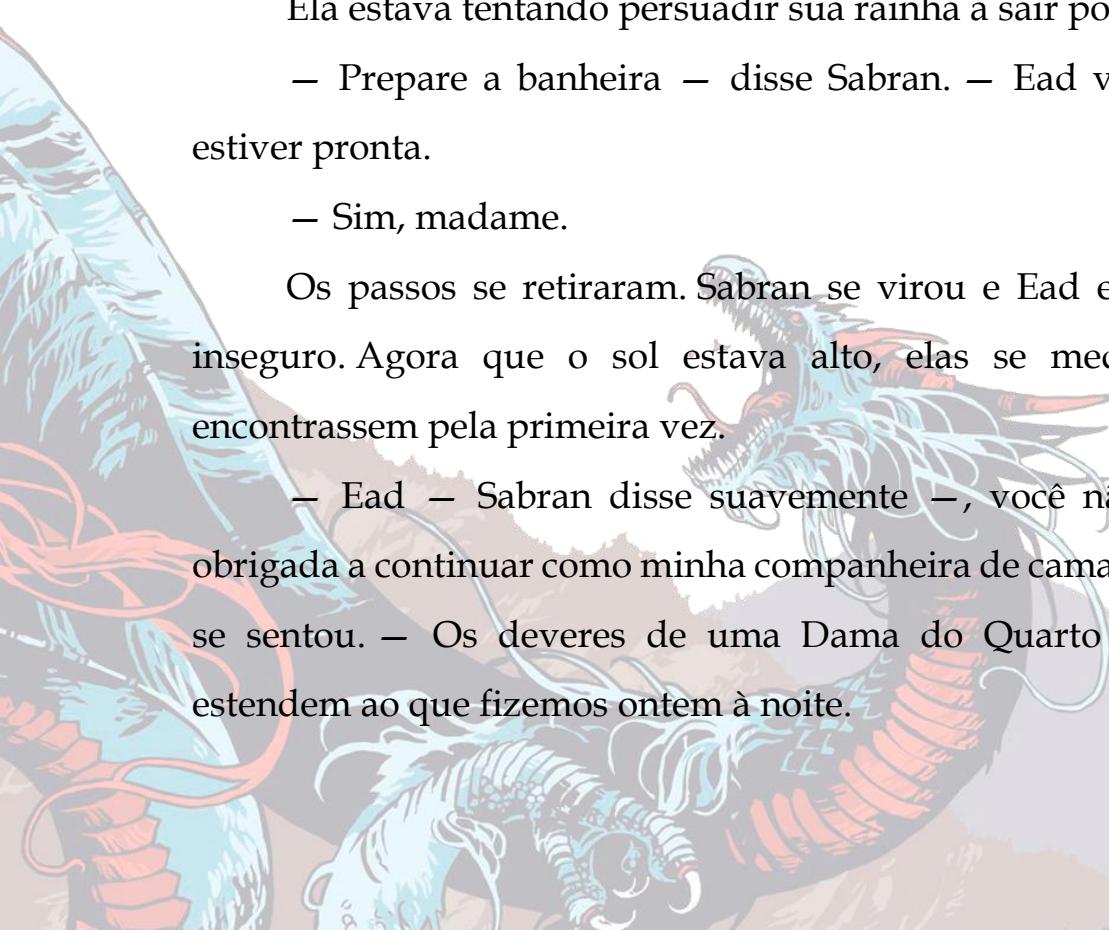
O que quer que o Priorado desejasse, ela não poderia abandonar Sabran.

Enquanto ela se agitava nas profundezas do sono, Ead respirou seu perfume. Creme e lilases, misturados com o cravo de seu pomander. Ela se imaginou roubando-a para a Lagoa do Leite, aquela terra lendária, onde seu nome nunca a encontraria.

Nunca poderia encontrar.



Uma luz oblíqua brilhava através do Grande Quarto de Dormir. Gradualmente, Ead tornou-se consciente de si mesma e de



Sabran. Cabelo preto pendurado no travesseiro. Pele com pele. A luz do sol ainda não havia atingido a cama, mas ela se sentia tão quente como se tivesse chegado.

Ela não se arrependeu. Confusão, sim, e pássaros em seu ventre, mas nenhuma vontade de voltar no tempo.

Uma batida veio então, e foi como se uma nuvem tivesse passado sobre o sol.

— Sua Majestade.

Katryen.

Sabran ergueu a cabeça. Ela olhou primeiro para Ead, os olhos pesados, depois para as portas.

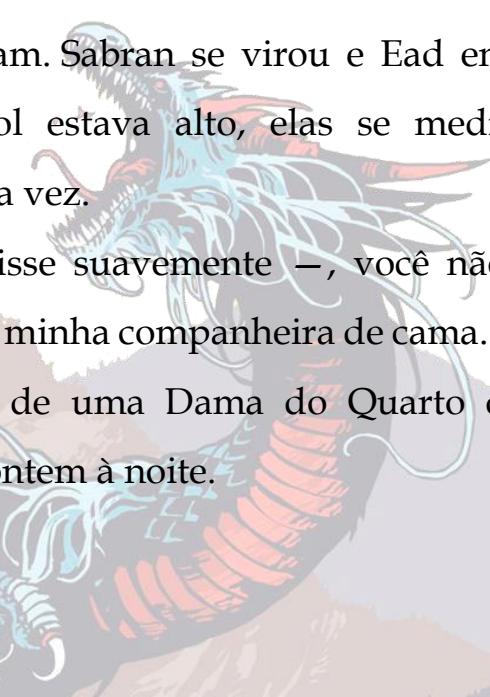
— O que é, Kate? — sua voz estava carregada de sono.

— Eu me perguntei se você gostaria de tomar um banho esta manhã. A noite estava fria.

Ela estava tentando persuadir sua rainha a sair por dois dias.

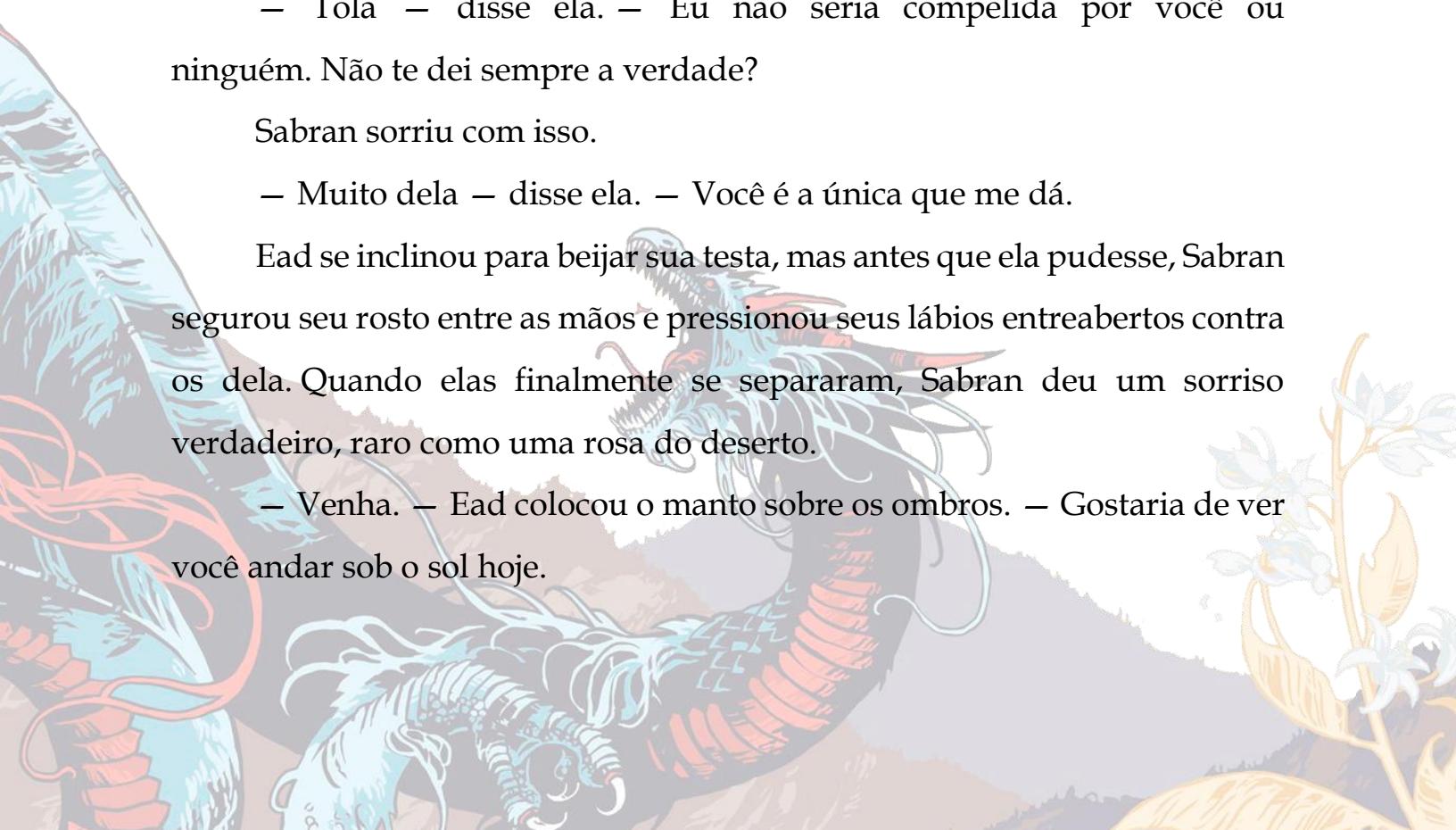
— Prepare a banheira — disse Sabran. — Ead vai bater quando eu estiver pronta.

— Sim, madame.



Os passos se retiraram. Sabran se virou e Ead encontrou seu olhar inseguro. Agora que o sol estava alto, elas se mediram, como se se encontrassem pela primeira vez.

— Ead — Sabran disse suavemente —, você não precisa se sentir obrigada a continuar como minha companheira de cama. — Lentamente, ela se sentou. — Os deveres de uma Dama do Quarto de Dormir não se estendem ao que fizemos ontem à noite.



Ead ergueu as sobrancelhas.

— Você acha que eu fiz isso por obrigação?

Sabran encolheu os joelhos contra o peito e desviou o olhar. Irritada, Ead saiu da cama.

— Você está errada — disse ela — Sua Majestade. — Ela vestiu a camisola e retirou um manto da cadeira. — Você deveria se levantar. Kate está esperando.

Sabran olhou para a janela. O sol desviou seus olhos para o verde pálido do berilo.

— É quase impossível para uma rainha dizer o que vem de deferência e o que vem de coração. — Esses olhos procuraram os dela. — Diga-me a verdade, Ead. Foi sua própria escolha se deitar comigo ontem à noite, ou você se sentiu compelida por causa da minha posição?

Seu cabelo estava emaranhado sobre os ombros. Ead suavizou.

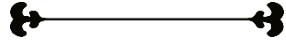
— Tola — disse ela. — Eu não seria compelida por você ou ninguém. Não te dei sempre a verdade?

Sabran sorriu com isso.

— Muito dela — disse ela. — Você é a única que me dá.

Ead se inclinou para beijar sua testa, mas antes que ela pudesse, Sabran segurou seu rosto entre as mãos e pressionou seus lábios entreabertos contra os dela. Quando elas finalmente se separaram, Sabran deu um sorriso verdadeiro, raro como uma rosa do deserto.

— Venha. — Ead colocou o manto sobre os ombros. — Gostaria de ver você andar sob o sol hoje.



A vida na corte agitou-se novamente naquela manhã. Sabran convocou os Duques Espirituais à sua Câmara Privada. Ela iria mostrar a eles que, embora estivesse machucada no corpo e no espírito, ela estava muito viva. Ela arranjaria o recrutamento de novos soldados, contrataria mercenários e aumentaria seu financiamento para inventores na esperança de que eles pudessem criar armas melhores. Quando os Alto Ocidentais voltassem, Inys morderia de volta.

Pelo que Ead sabia, os Duques Espirituais ainda não haviam abordado o assunto de um sucessor, mas era apenas uma questão de tempo. Eles estariam olhando para o futuro agora, para a guerra com Yscalin e os dois Alto Ocidentais que estavam prontos para despertar e unir o Exército Dracônico. Não havia herdeira e nenhuma chance de uma. O Inominável estava chegando.

Ead voltou para suas funções. Mas as noites eram para Sabran. Seu segredo era como vinho nela. Quando elas estavam atrás das cortinas da cama, todo o resto era esquecido.



Na Câmara Privada, Sabran tocou o virginal. Ela estava fraca demais para fazer muito mais, e havia pouco mais com que ocupar seu tempo. O Doutor Bourn disse que ela não estaria em condições de caçar por pelo menos um ano.

Ead estava sentada perto, ouvindo. Roslain e Katryen estavam em silêncio ao lado dela, absortas em bordados. Elas estavam fazendo favores costurados com as iniciais reais, para serem distribuídas na cidade para tranquilizar o povo.

— Majestade.

Cabeças viraram. Sir Marke Birchen, um dos Cavaleiros do Corpo, estava na porta com sua armadura de cobre.

— Boa noite, Sir Marke — disse Sabran.

— A Duquesa da Coragem solicitou uma audiência, Majestade. Ela tem documentos oficiais que exigem sua assinatura.

— Claro.

Sabran se levantou. Ao fazer isso, ela oscilou perigosamente e pegou a borda do virginal.

— Majestade... — Sir Marke avançou em sua direção, mas Ead, a mais próxima, já a havia firmado. Roslain e Katryen correram para se juntar a elas.

— Sabran, você não está bem? — Roslain sentiu sua testa. — Deixe-me buscar o Doutor Bourn.

— Paz — Sabran colocou a mão no diafragma e respirou fundo. — Senhoras, deixe-me em paz para assinar estes papéis para Sua Graça, mas estejam de volta às onze para me ajudar a me despir.

Roslain apertou os lábios.

— Vou trazer o Doutor Bourn quando voltar — disse ela. — Apenas deixe ele olhar você, Sab, por favor.

Sabran acenou com a cabeça. Quando todos eles saíram, Ead olhou para trás e seus olhares se tocaram.

Na maioria dos dias, a Câmara de Presença ficava lotada de cortesãos, todos esperando que Sabran aparecesse para que pudessem fazer uma petição. Agora tudo estava silencioso, como desde que Sabran fora para seus aposentos. Roslain foi fazer uma visita à avó, enquanto Katryen voltava aos seus aposentos para o jantar. Ainda sem fome e sem nada para distraí-la de sua preocupação com Sabran, Ead encontrou uma mesa na Biblioteca Real.

À medida que a escuridão invadiu, ela considerou, pela primeira vez em dias, o que fazer.

Ela precisava contar a verdade a Chassar. Se Sabran estivesse certa sobre o que aconteceria em seguida em Inys, Ead precisava permanecer aqui para protegê-la, e ela precisava explicar a Chassar pessoalmente. Depois de muita deliberação, ela acendeu uma vela, mergulhou a pena e escreveu:

*De Ascalon, Reino de Inys,
por meio da Alfândega Zeedeur
Final do outono, 1005 DC
Vossa Excelência,*

Já se passou muito tempo desde a última vez que tive notícias suas. Sem dúvida você está preocupado com seu trabalho diligente para o Rei Jantar e a Rainha Saiyma. Você visitará Inys novamente em breve?

*Sua amiga e mais humilde pupila,
Ead Duryan*

Ela o endereçou ao Embaixador uq-Ispad. Uma pergunta cortês de sua pupila.

O escritório do Mestre dos Correios ficava adjacente à biblioteca. Ead o encontrou deserto. Ela encaixou a carta em uma caixa para classificar, junto com moedas suficientes para serem enviadas por pássaros. Se Combe considerasse isso livre de palavras suspeitas, um pássaro levaria a carta para Zeedeur, outro para o Escritório de Cartas em Brygstad. Em seguida, ele iria para o Lugar das Pombas e, finalmente, com um mensageiro através do deserto.

Chassar receberia sua convocação no alto inverno. A Prioresa não ficaria satisfeita quando ouvisse seu pedido, mas assim que conhecesse o perigo, ela entenderia.

Já estava escuro quando Ead deixou a Biblioteca Real, no momento em que Sir Tharian Lintley estava entrando.

— Senhora Duryan. — Ele abaixou a cabeça. — Boa noite. Eu esperava encontrar você aqui.

— Capitão Lintley. — Ead devolveu o gesto. — Como você está?

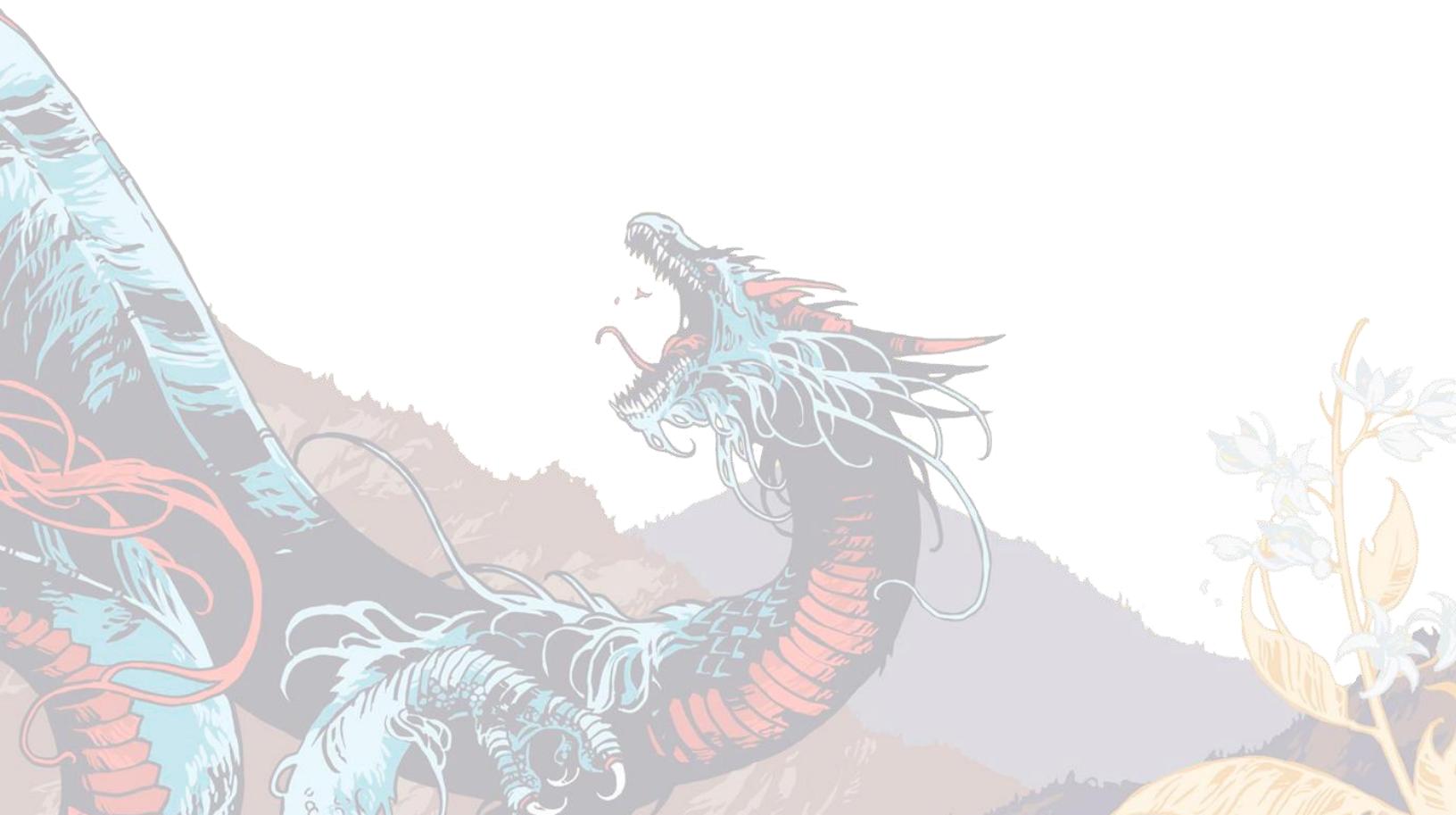
— Bem o suficiente — disse ele, mas havia uma marca de preocupação entre suas sobrancelhas. — Perdoe-me por incomodá-la, Ead, mas Lorde Seyton Combe pediu que eu a levasse até ele.

— Lorde Seyton. — Seu coração disparou. — Sua Majestade me pediu para voltar aos aposentos reais às onze.

— Sua Majestade já se retirou para esta noite. Pedidos do Doutor Bourn. — Lintley lançou-lhe um olhar pesaroso. — E... bem, não acho que tenha sido um pedido.

Claro. O Falcão da Noite não fazia pedidos.

— Muito bem — disse Ead, e forçou um sorriso. — Lidere.



Capítulo 37

Oeste

O Secretário Principal mantinha um escritório bem organizado no andar abaixo da Câmara do Conselho. Seu *covil*, alguns o chamavam, embora a sala fosse quase decepcionante em sua mundanidade. Muito longe do esplendor que Combe deve desfrutar em sua casa ancestral, o Castelo de Strathurn.

O corredor que levava a ele estava forrado de retentores. Todos eles usavam o broche do Cavaleiro da Cortesia, com as asas que os marcavam como servos de sua linhagem.

— Senhora Ead Duryan, Sua Graça. — Lintley fez uma reverência. — Uma Senhora do Quarto de Dormir.

Ead fez uma reverência.

— Obrigado, Sir Tharian. — Combe estava escrevendo em uma mesa. — Isso é tudo.

Lintley fechou a porta atrás dele. Combe olhou para Ead e tirou os óculos.

O silêncio continuou até que uma tora se desfez no fogo.

— Senhora Duryan — disse Combe. — Lamento informá-la de que a rainha Sabran não precisa mais de seus serviços como Senhora do Quarto de

Dormir. O Lorde Chamberlain a dispensou formalmente da Casa Alta e revogou seus privilégios associados.

Seu pescoço se arrepiou.

— Vossa Graça — disse ela —, eu não sabia que havia ofendido Sua Majestade.

Combe esboçou um sorriso.

— Realmente, Senhora Duryan, — ele disse. — Eu te vejo. Como você é inteligente e como você me detesta. Você sabe por que está aqui. — Como ela não disse nada, ele continuou: — Esta tarde, recebi um relatório. Que você estava em... um estado inapropriado de nudez ontem à noite no Quarto de Dormir Real. Assim como Sua Majestade.

Mesmo quando a sensação foi drenada de suas pernas, Ead manteve a compostura.

— Quem relatou isso? — ela perguntou.

— Tenho olhos em todas as divisões. Até os aposentos reais —, disse Combe. — Um dos Cavaleiros do Corpo, dedicado como é à Sua Majestade, mesmo assim se reporta a mim.

Ead fechou os olhos. Ela estava tão embriagada com Sabran que sua cautela falhou.

— Diga-me, Combe — disse ela —, o que pode importar agora para você o que acontece na cama dela?

— Porque a cama dela é a estabilidade deste reino. Ou a destruição dessa estabilidade. A cama dela, Senhora Duryan, é tudo o que existe entre Inys e o caos.

Ead o olhou fixamente.

— Sua Majestade deve se casar novamente. Para dar a impressão de que ela está tentando conceber a herdeira que salvará Inys —, continuou Combe. — Isso poderia lhe dar muitos mais anos no trono. Como tal, ela não pode se dar ao luxo de ter amantes em suas damas de companhia.

— Suponho que você convocou Lorde Arteloth assim — disse Ead. — Na calada da noite, enquanto Sabran dormia.

— Não pessoalmente. Tenho a sorte de ter uma afinidade leal de retentores, que agem em meu nome. Ainda assim — Combe adicionou ironicamente —, relatórios de meus arranjos noturnos floresceram. Estou ciente do meu nome na corte.

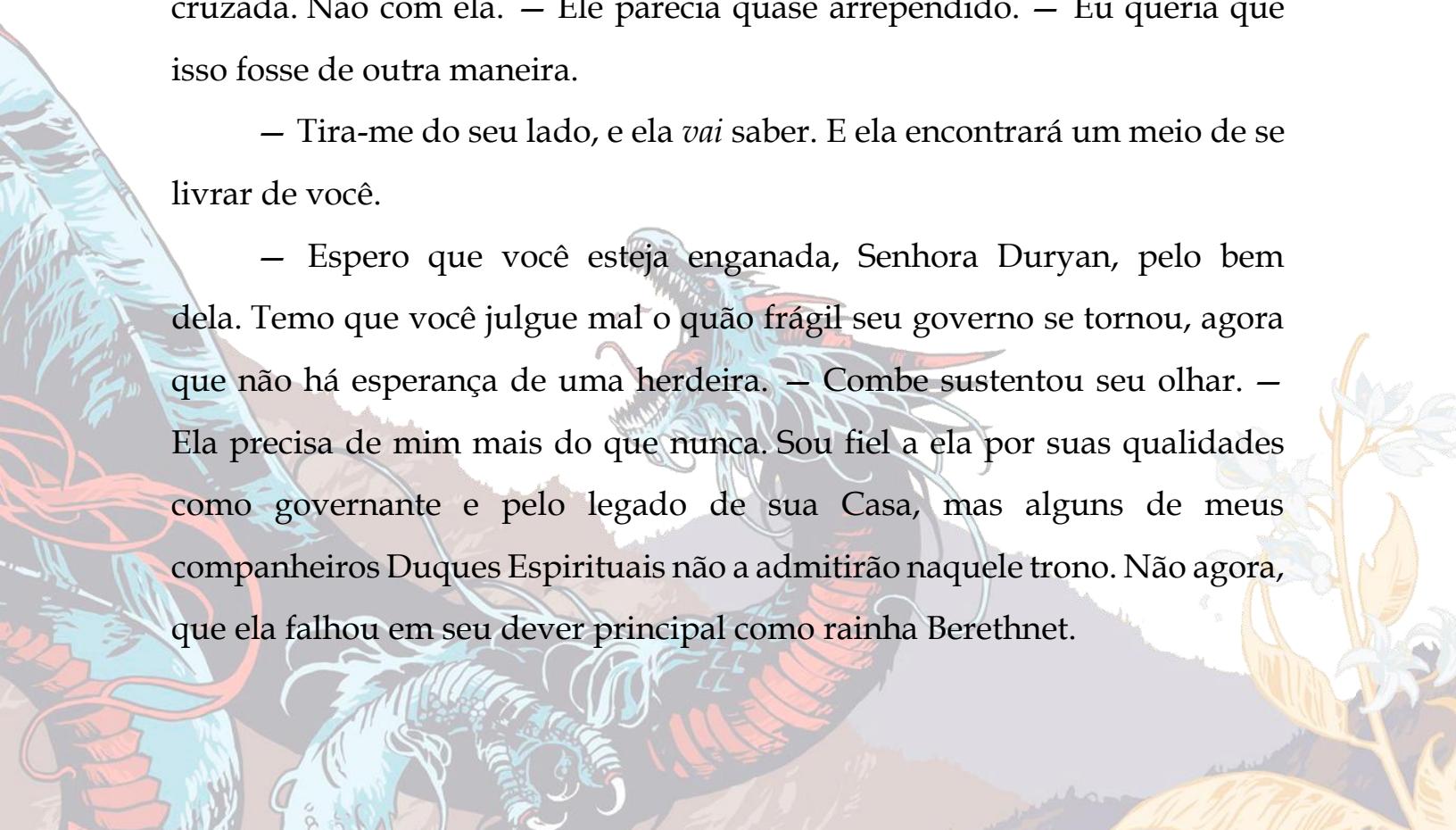
— Combina com você.

A lareira tremeluziu à sua direita, lançando o outro lado de seu rosto nas sombras.

— Livrei a corte de várias pessoas em meus anos como Secretário Principal. Minha predecessora pagaria aqueles que ela queria que se fossem, mas não sou tão perdulário. Prefiro aproveitar meus exílios. Eles se tornam meus intelectuais e, se fornecerem o que preciso, posso convidá-los para casa. Em circunstâncias que beneficiam a todos nós. — Combe apertou seus dedos grossos. — E assim minha teia sussurra para mim.

— Sua teia já sussurrou mentiras antes. Conheci Sabran em corpo — disse Ead —, mas Loth nunca o fez.

Mesmo enquanto falava, ela começou a calcular sua saída. Ela precisava falar com Sabran.



— Lorde Arteloth *era* diferente — Combe admitiu. — Um homem virtuoso. Leal a Sua Majestade. Pela primeira vez, fiquei magoado com o que tinha que fazer.

— Perdoe-me se eu achar que você não merece minha compaixão.

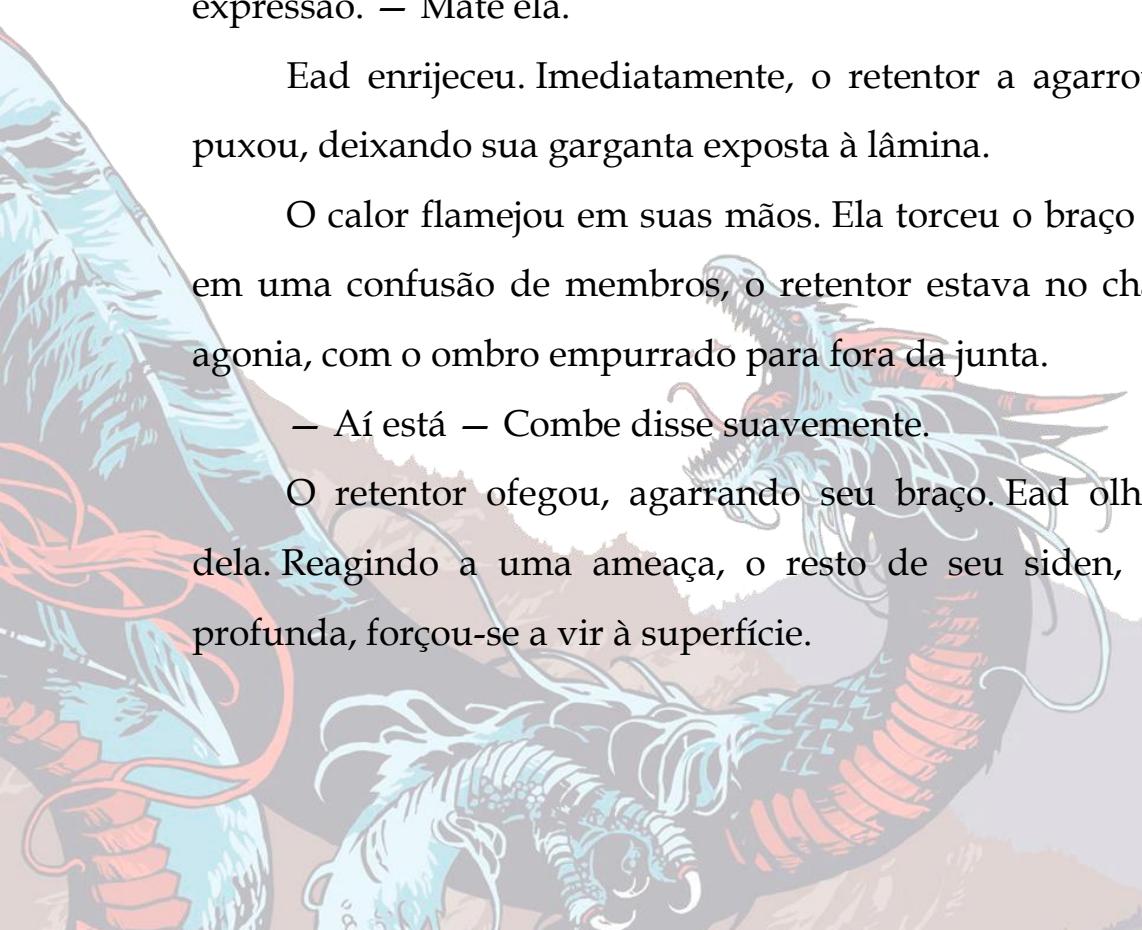
— Oh, não espero compaixão, senhora. Nós, que somos a adaga oculta da coroa — os mestres-tortas, os caçadores de ratos, os espiões e os algozes — não a recebemos com frequência.

— E ainda assim — Ead disse. —, você é um descendente do Cavaleiro da Cortesia. Isso parece estranho em você.

— De jeito nenhum. É o meu trabalho nas sombras que permite que a cortesia se mantenha na corte. — Combe a observou por alguns momentos. — Eu quis dizer o que disse a você no baile. Você tinha um amigo em mim. Admirei a maneira como você ascendeu sem pisar nos outros e como você se comportou... mas você cruzou uma linha que não pode ser cruzada. Não com ela. — Ele parecia quase arrependido. — Eu queria que isso fosse de outra maneira.

— Tira-me do seu lado, e ela *vai* saber. E ela encontrará um meio de se livrar de você.

— Espero que você esteja enganada, Senhora Duryan, pelo bem dela. Temo que você julgue mal o quanto frágil seu governo se tornou, agora que não há esperança de uma herdeira. — Combe sustentou seu olhar. — Ela precisa de mim mais do que nunca. Sou fiel a ela por suas qualidades como governante e pelo legado de sua Casa, mas alguns de meus companheiros Duques Espirituais não a admitirão naquele trono. Não agora, que ela falhou em seu dever principal como rainha Berethnet.



Ead manteve sua expressão cuidadosamente em branco, mas batidas frenéticas batiam em seu peito.

— Quem?

— Oh, eu tenho minhas suspeitas sobre quem vai agir primeiro. Pretendo ser seu escudo nos dias que virão — disse Combe. — Você, infelizmente, não faz parte dos meus planos. Você os ameaça.

Talvez nem esperem que eu morra antes de começar a luta interna.

— Falden — disse Combe, mais alto —, você poderia entrar? — A porta se abriu e um de seus criados entrou. — Se você fizer a gentileza de levar a Senhora Duryan para a carruagem.

— Sim, Sua Graça.

O homem segurou Ead pelo ombro. Enquanto a conduzia em direção à porta, Combe disse:

— Espere, Mestre Falden. Eu mudei de ideia. — Seu rosto estava sem expressão. — Mate ela.



Ead enrijceu. Imediatamente, o retentor a agarrou pelos cabelos e puxou, deixando sua garganta exposta à lâmina.

O calor flamejou em suas mãos. Ela torceu o braço que a segurava e, em uma confusão de membros, o retentor estava no chão e chorando de agonia, com o ombro empurrado para fora da junta.

— Aí está — Combe disse suavemente.

O retentor ofegou, agarrando seu braço. Ead olhou para as mãos dela. Reagindo a uma ameaça, o resto de seu siden, sua reserva mais profunda, forçou-se a vir à superfície.

— Dama Truyde espalhou rumores de sua feitiçaria há algum tempo.
— Combe percebeu o brilho com a ponta dos dedos. — Eu os ignorei, é claro. O despeito ciumento de uma jovem cortesã, nada mais. Então eu ouvi falar de sua... habilidade *curiosa* com lâminas durante a emboscada.

— Aprendi sozinha a proteger a Rainha Sabran — disse Ead, aparentemente calma, mas seu sangue martelava.

— Sim, eu percebo — Combe suspirou pelo nariz. — Você é o observador da noite.

Ela havia revelado sua verdadeira natureza. Não poderia haver retorno disso.

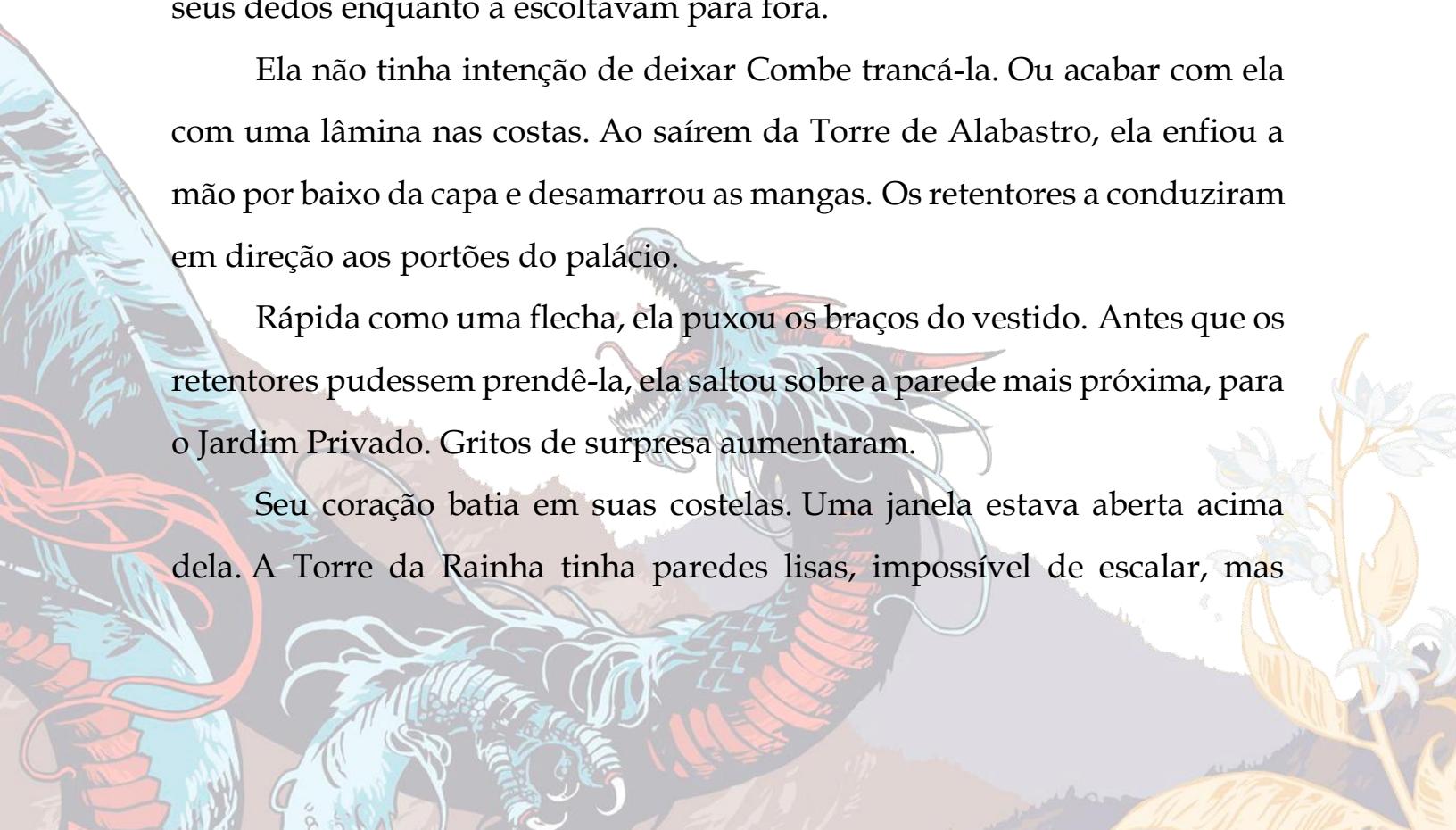
— Eu não acredito em feitiçaria, Senhora Duryan. Talvez seja a alquimia em suas mãos. O que eu acredito é que você nunca veio aqui com o desejo de servir à Rainha Sabran, como você afirmou. É mais provável que o Embaixador uq-Ispad a tenha colocado aqui como uma espiã. Razão ainda maior para eu mandar você para longe da corte.

Ead deu um passo em sua direção. O Falcão da Noite não se moveu nem se encolheu.

— Eu tenho me perguntado — Ead disse, sua voz baixa —, se você é o Copeiro. Se você planejou que aqueles assassinos viesssem... para assustá-la e fazê-la se casar com Lievelyn. Se é por isso que você quer se livrar de mim. Sua protetora. Afinal, o que é um copeiro senão um servo de confiança da coroa, que a qualquer momento poderia envenenar o vinho?

Combe deu um sorriso pesado.

— Como seria fácil para você colocar a culpa por todos os males na minha porta — ele murmurou. — O Copeiro está próximo, Senhora



Duryan. Não duvido disso. Mas eu sou apenas o Falcão da Noite. — Ele recostou-se. — Uma carruagem está esperando nos portões do palácio.

— E para onde isso vai me levar?

— Em algum lugar onde eu possa ficar de olho em você. Até eu ver onde as peças caem — disse ele. — Você conhece o maior segredo de Virtudom. Um meneio de sua língua pode deixar Inys de joelhos.

— Então você vai me silenciar com o encarceramento. — Ead fez uma pausa. — Ou você pretende se livrar de mim de forma mais permanente?

O canto de sua boca se contraiu.

— Você me magoa. O assassinato não é cortês.

Ele a manteria em algum lugar onde nem Sabran nem o Priorado pudesse encontrá-la. Ela não poderia entrar naquela carruagem, ou ela nunca veria a luz do dia novamente.

Desta vez, muitos pares de mãos estavam sobre ela. A luz diminuiu de seus dedos enquanto a escoltavam para fora.

Ela não tinha intenção de deixar Combe trancá-la. Ou acabar com ela com uma lâmina nas costas. Ao saírem da Torre de Alabastro, ela enfiou a mão por baixo da capa e desamarrou as mangas. Os retentores a conduziram em direção aos portões do palácio.

Rápida como uma flecha, ela puxou os braços do vestido. Antes que os retentores pudesse prendê-la, ela saltou sobre a parede mais próxima, para o Jardim Privado. Gritos de surpresa aumentaram.

Seu coração batia em suas costelas. Uma janela estava aberta acima dela. A Torre da Rainha tinha paredes lisas, impossível de escalar, mas



trepadeiras serpenteavam por ela, grossas o suficiente para suportar seu peso. Ead enganchou o pé em uma videira com nós.

O vento soprou seus cabelos sobre os olhos enquanto ela subia. As videiras rangeram sombriamente. Uma trepadeira esguia se partiu entre seus dedos e sua barriga se contraiu, mas ela agarrou um novo apoio para a mão e continuou. Finalmente, ela deslizou pela janela aberta, caindo em silêncio.

Para os corredores desertos. Subiu as escadas para os aposentos reais. Do lado de fora da escura Câmara de Presença, havia uma linha de lacaios armados em tabardos pretos. Cada tabardo era bordado com as taças gêmeas da Duquesa da Justiça.

- Eu desejo ver a rainha, — Ead disse sem fôlego. — Agora.
- Sua Majestade está na cama, Senhora Duryan, e o serviço noturno começou. — Uma mulher respondeu.
- Dama Roslain, então.
- As portas do Grande Quarto de Dormir estão trancadas — foi a resposta curta — e não serão destrancadas até de manhã.
- Eu *preciso* ver a rainha, — Ead interrompeu, frustrada. — É um assunto da maior importância.



Os retentores trocaram olhares. Finalmente, um deles, visivelmente irritado, pegou uma vela e caminhou para a escuridão.

Com o coração batendo forte, Ead prendeu a respiração. Ela mal sabia o que diria a Sabran. Só que ela precisava deixá-la ciente do que Combe estava fazendo.

A Roslain de olhos turvos apareceu em sua camisola. Fios de cabelo escaparam de sua trança.

— Ead — disse ela, com a voz tensa de impaciência — o que diabos é o problema?

— Eu preciso ver Sabran.

Com os lábios apertados, Roslain puxou-a de lado.

— Sua Majestade está com febre. — Ela parecia sombria. — O Doutor Bourn diz que o repouso na cama resolverá o problema, mas minha avó colocou seus retentores aqui para proteção adicional até que ela esteja bem. Vou ficar para cuidar dela.

— Você deve contar a ela. — Ead agarrou seu braço. — Roslain, Combe está me mandando para o exílio. Você precisa...

— Senhora Duryan!

Roslain se encolheu. Lacaios vestindo o livro alado estavam no final do corredor, liderados por dois Cavaleiros do Corpo.

— Agarrem-na — gritou Sir Marke Birchen. — Ead Duryan, você está presa. Pare de uma vez!

Ead abriu a porta mais próxima e correu para a noite.

— Ead — Roslain gritou atrás dela, horrorizada. — Sir Marke, qual é o significado disso?

Uma fileira de sacadas levou Ead a outra porta aberta. Ela correu cegamente pelos corredores até que ela bateu a porta da Cozinha Privada, onde Tallys, a ajudante de cozinha, estava agachado em um canto, comendo uma torta de creme. Quando Ead entrou, ela engasgou.

— Senhora Duryan. — Ela parecia apavorada. — Senhora, eu estava apenas...

Ead levou um dedo aos lábios.

— Tallys — disse ela — há uma saída?

A ajudante de cozinha acenou com a cabeça imediatamente. Ela pegou Ead pela mão e a conduziu até uma pequena porta, escondida atrás de uma cortina.

— Por aqui. A Escadaria dos Servos — ela sussurrou. — Você está partindo para sempre?

— Por enquanto — disse Ead.

— Por quê?

— Eu não posso te dizer, criança. — Ead a olhou bem nos olhos. — Não diga a ninguém que você me viu. Jure por sua honra como senhora, Tallys.

Tallys engoliu em seco.

— Eu juro.

Passos lá fora. Ead passou pela porta e Tallys trancou-a atrás dela.

Ela desceu correndo a escada adiante. Se ela fosse deixar o palácio, ela precisaria de um cavalo e um disfarce. Havia uma pessoa que poderia dar a ela.

Em seus aposentos, Margret Beck estava sentada em sua camisola. Ela olhou para cima com um suspiro quando Ead entrou.

— Qual é o significado disso... — Ela se levantou. — Ead?

Ead fechou a porta atrás dela.

— Meg, não tenho tempo. Eu devo...

Quase assim que as palavras saíram de sua boca, uma batida metálica veio, o som de nós dos dedos revestidos em uma manopla.

— Dama Margret. — Batida. — Dama Margret, esta é Dame Joan Dale, dos Cavaleiros do Corpo. — Outra batida. — Minha senhora, venho em um assunto urgente. Abra a porta.

Margret acenou para Ead em direção a sua cama desarrumada. Ead empurrou-se para baixo e deixou a saia cair atrás dela. Ela ouviu Margret atravessar as lajes.

— Perdoe-me, Dame Joan. Eu estava dormindo. — Sua voz era lenta e rouca. — Algo está acontecendo?

— Dama Margret, o Secretário Principal ordenou a prisão da Senhora Ead Duryan. Você viu ela?

— Ead? — Margret sentou-se na cama, como se estivesse atordoada. — Isto é impossível. Com base em quê?

Ela era uma atriz consumada. Sua voz vacilou na encruzilhada entre choque e descrença.

— Não tenho liberdade para falar mais com você sobre o assunto.
— Pés blindados cruzaram a sala. — Se você vir a Senhora Duryan, toque o alarme imediatamente.
— Claro.

A Cavaleira do Corpo saiu, fechando a porta atrás dela. Margret deslizou o ferrolho e fechou as cortinas antes de puxar Ead de debaixo da cama.

— Ead — ela sussurrou — o que diabos você fez?
— Eu me aproximei demais de Sabran. Assim como Loth.

— Não. — Margret olhou para ela. — Você costumava agir com tanto *cuidado* nesta corte, Ead...

— Eu sei. Me perdoe. — Ela apagou as velas e deu uma olhada entre as cortinas. Guardas e escudeiros armados estavam por todo o terreno. — Meg, eu preciso de sua ajuda. Devo voltar para Ersyr ou Combe me matará.

— Ele não ousaria.

— Ele não pode me deixar sair do palácio viva. Não sabendo... — Ead a encarou novamente. — Você vai ouvir coisas sobre mim, coisas que vão fazer você duvidar de mim, mas você deve saber que eu amo a rainha. E tenho certeza de que ela está em grave perigo.

— Do Copeiro?

— E seus próprios Duques Espirituais. Acho que pretendem agir contra ela — disse Ead. — Combe tem alguma parte nisso, tenho certeza. Você *deve* cuidar de Sabran, Meg. Fique perto dela.

Margret examinou seu rosto.

— Até você voltar?

Ead encontrou seu olhar expectante. Qualquer promessa que ela fizesse a Margret agora, ela poderia não ser capaz de manter.

— Até eu voltar — ela finalmente disse.

Isso pareceu deixar Margret nervosa. Com a mandíbula travada, ela foi até sua prensa e jogou sobre a cama uma capa de lã, uma camisa com babados e uma ánagua.

— Você não vai longe com toda essa elegância — disse ela. — Sorte que temos a mesma altura.

Ead tirou a roupa e vestiu as roupas novas, agradecendo à Mãe por Margret Beck. Assim que a capa foi fechada e o capuz levantado, Margret a conduziu até a porta.

— Lá embaixo tem uma pintura de Dama Brilda Glade. Há uma escada para a guarita atrás dela. De lá, você pode circular pelo Jardim Privado até os estabulos. Pegue Valor.

Esse cavalo era seu orgulho e alegria.

— Meg — disse Ead, segurando suas mãos. — Eles saberão que você me ajudou.

— Que assim seja. — Ela pressionou uma bolsa de seda em Ead. — Aqui. O suficiente para comprar uma passagem para Zeedeur.

— Vou me lembrar dessa gentileza, Margret.

Margret a abraçou com tanta força que Ead não conseguia respirar.

— Eu sei que há pouca chance disso — disse ela com voz rouca —, mas se você encontrar Loth na estrada...

— Eu sei.

— Eu te amo como minha própria irmã, Ead Duryan. Nós *nos* encontraremos novamente. — Ela deu um beijo na bochecha. — Que o Santo vá com você.

— Não conheço nenhum santo — disse Ead honestamente, e viu a confusão de sua amiga —, mas aceito sua bênção, Meg.

Ela saiu da câmara e correu pelos corredores, evitando os guardas. Quando ela encontrou o retrato, ela desceu a escada adiante e saiu em uma passagem com uma janela no final. Ela saltou através dele e para dentro da noite.

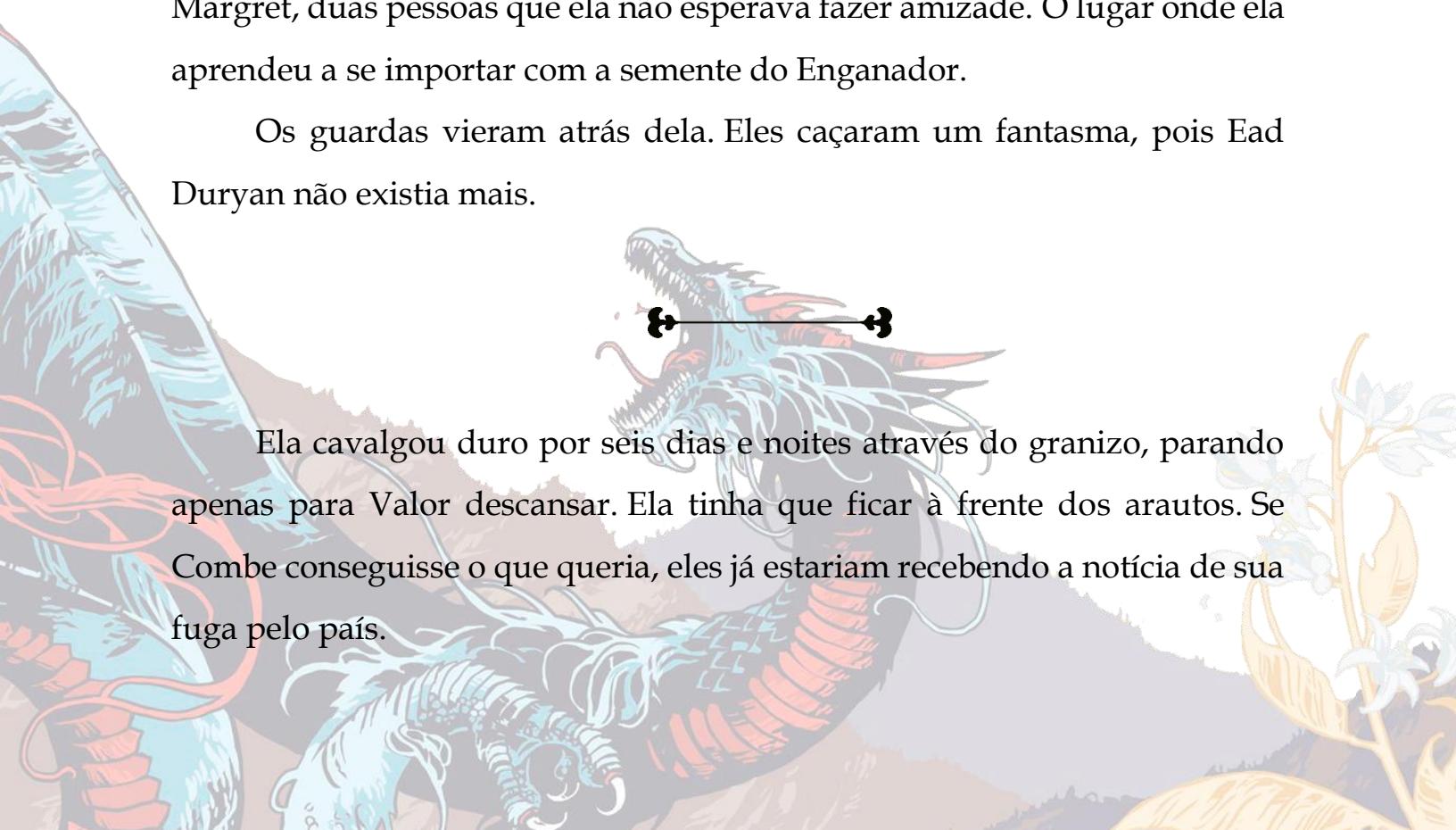
Dentro das Estrebarias Reais, tudo estava escuro. Valor, um presente de seu pai para Margret em seu vigésimo aniversário, era a inveja de todos os cavaleiros da corte. Ele enchia a baia com 1,80 metros. Ead colocou a mão enluvada em seu pelo sangrento.

Valor bufou enquanto o selava. Se o boato fosse verdade, ele poderia ultrapassar até os cavalos de Sabran.

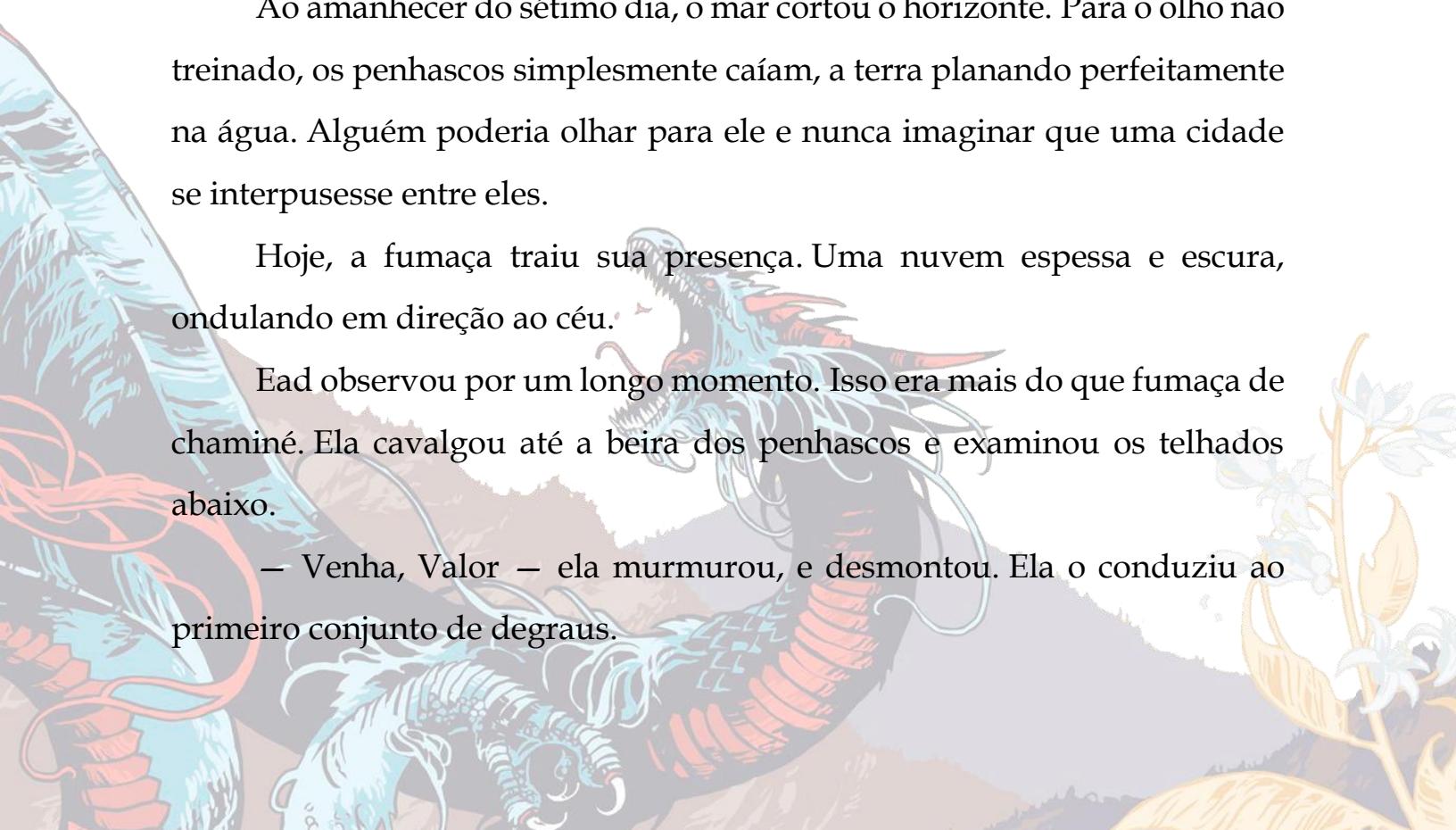
Ead prendeu a bota no estribo, montou e puxou as rédeas. Imediatamente, Valor girou para fora de sua baia e avançou pelas portas abertas. Eles haviam passado pelos portões do Palácio de Ascalon antes que Ead ouvisse o grito, e então não havia como segurá-la. Flechas choveram em seu rastro. Valor soltou um relincho, mas ela sussurrou para ele em Selinyi, incitando-o.

Enquanto os arqueiros se retiravam, Ead olhou para trás, para o lugar que fora sua prisão e casa por oito anos. O lugar onde ela conheceu Loth e Margret, duas pessoas que ela não esperava fazer amizade. O lugar onde ela aprendeu a se importar com a semente do Enganador.

Os guardas vieram atrás dela. Eles caçaram um fantasma, pois Ead Duryan não existia mais.



Ela cavalgou duro por seis dias e noites através do granizo, parando apenas para Valor descansar. Ela tinha que ficar à frente dos arautos. Se Combe conseguisse o que queria, eles já estariam recebendo a notícia de sua fuga pelo país.



Em vez de pegar a Passagem Sul, ela atravessou caminhos e campos rurais. A neve começou novamente no quarto dia. Sua jornada a levou através do condado generoso de Downs, onde Lorde e Dama Honeybrook tinham seu assento em Dulcet Court, até a cidade de Crow Coppice. Ela regou Valor e encheu seu odre antes de retornar para a estrada sob o manto da escuridão.

Ela se concentrou em qualquer coisa, menos em Sabran, mas até a mais rápida cavalgada deixava espaço para pensamentos predadores. Agora que estava doente, ela estava ainda mais vulnerável do que antes.

Enquanto Ead incitava o cavalo a atravessar uma fazenda, ela condenou sua própria loucura. A corte Inysh amoleceu seu coração.

Ela não podia contar à Prioresa como tinha sido com Sabran. Até mesmo o Chassar poderia não entender. Ela mal se entendia. Tudo o que ela sabia era que não poderia deixar Sabran à mercê dos Duques Espirituais.

Ao amanhecer do sétimo dia, o mar cortou o horizonte. Para o olho não treinado, os penhascos simplesmente caíam, a terra planando perfeitamente na água. Alguém poderia olhar para ele e nunca imaginar que uma cidade se interpusesse entre eles.

Hoje, a fumaça traiu sua presença. Uma nuvem espessa e escura, ondulando em direção ao céu.

Ead observou por um longo momento. Isso era mais do que fumaça de chaminé. Ela cavalcou até a beira dos penhascos e examinou os telhados abaixo.

— Venha, Valor — ela murmurou, e desmontou. Ela o conduziu ao primeiro conjunto de degraus.

Perchling estava uma bagunça. Paralelepípedos respingados de sangue. Ossos carbonizados e carne derretida, oleosa ao vento. Os vivos choravam pelos restos mortais de seus entes queridos ou ficaram confusos. Ninguém prestou atenção em Ead.

Uma mulher de cabelos escuros estava sentada fora dos restos de uma padaria.

— Você aí — disse Ead a ela. — O que aconteceu aqui?

A mulher estava tremendo.

— Eles vieram à noite. Servos dos Alto Ocidentais — sussurrou ela. — As máquinas de guerra os expulsaram, mas não antes disso. — Uma lágrima escorreu por sua mandíbula. — Haverá outro Século da Dor antes do fim do ano.

— Não se eu tiver algo a dizer sobre isso — disse Ead, baixinho demais para ela ouvir.

Ela levou Valor escada abaixo para a praia. Catapultas e outras artilharias estavam destruídas na areia. Cadáveres fumegantes estavam espalhados aqui e ali — soldados e wyrms, emaranhados em batalha eterna, mesmo na morte. Basiliscos e outras criaturas estavam espalhadas em contorções grotescas, línguas penduradas, olhos bicados por gaivotas. Ead caminhou ao lado do capão.

— Silêncio — ela disse quando ele relinchou. — Calma, Valor. Os mortos fizeram suas camas sobre esta areia.

Pela aparência das coisas, todas as criaturas Dracônicas envolvidas neste ataque foram mortas, ou pelas máquinas de guerra ou pela espada. Sabran saberia disso em breve. Sorte para ela que sua marinha

estivesse estacionada em portos em toda Inys, ou toda a frota poderia ter sido queimada.

Ead cruzou a praia. O vento soprou em seu capuz, esfriando o suor em sua testa. Perchling normalmente estaria cheia de navios, mas cada um deles foi incendiado. Aqueles que estavam intactos precisariam de trabalho antes de poder navegar. Apenas um barco a remo parecia intocado.

— Perdida, não é?

Uma lâmina estava em sua mão antes que ela percebesse, e ela girou, pronta para atirar. Uma mulher ergueu as mãos.

— Calma — ela usava um chapéu de aba larga. — Calma.

— Quem é você, Yscal?

— Estina Melaugo. Do Rosa Eterna. — A mulher ergueu uma sobrancelha. — Você está um pouco atrasada para embarcar em um navio.

— Sim, eu vejo. O barco é seu, eu presumo.

— Ele é.

— Você vai me levar? — Ead embainhou sua lâmina. — Eu procuro passagem para Zeedeur.

Melaugo a olhou de cima a baixo.

— Como te chamo?

— Meg.

— Meg. — Seu sorriso dizia que ela sabia muito bem que era um pseudônimo. — Pela sua capa imunda, eu diria que você tem cavalgado duro por alguns dias. Não dormiu muito, também, pela sua aparência.

— Você cavalgaria rápido se o Falcão da Noite quisesse sua cabeça.

Melaugo sorriu, mostrando uma pequena lacuna entre os dentes da frente.

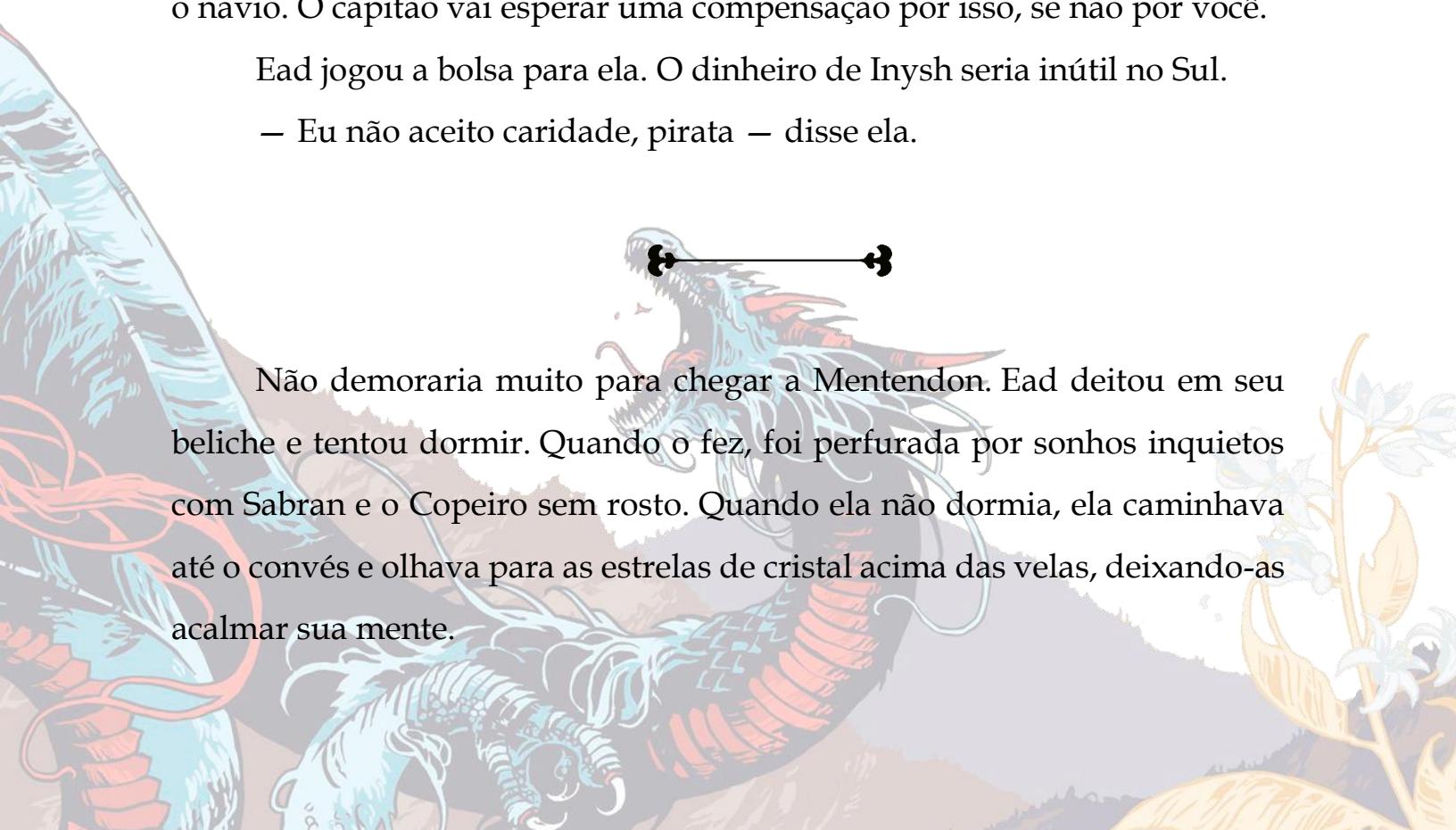
— Outra inimiga do Falcão da Noite. Ele deveria começar a nos pagar.
— O que você quer dizer?
— Oh, nada. — Melaugo apontou para o horizonte. — O navio está lá fora. Eu normalmente esperaria moedas como uma passagem segura, mas talvez, com tantos wyrms no céu, todos devêssemos ser mais gentis uns com os outros.

— Palavras suaves para uma pirata.
— A pirataria foi mais uma necessidade do que uma escolha para mim, Meg. — Melaugo olhou para Valor. — Você não pode levar esse cavalo.

— O cavalo — disse Ead —, vai aonde eu for.
— Não me faça deixar você para trás, Meg. — Quando Ead manteve a mão em Valor, Melaugo cruzou os braços e suspirou. — Teremos que trazer o navio. O capitão vai esperar uma compensação por isso, se não por você.

Ead jogou a bolsa para ela. O dinheiro de Inysh seria inútil no Sul.

— Eu não aceito caridade, pirata — disse ela.



Não demoraria muito para chegar a Mentendon. Ead deitou em seu beliche e tentou dormir. Quando o fez, foi perfurada por sonhos inquietos com Sabran e o Copeiro sem rosto. Quando ela não dormia, ela caminhava até o convés e olhava para as estrelas de cristal acima das velas, deixando-as acalmar sua mente.

O capitão, Gian Harlowe, saiu de sua cabine para fumar seu cachimbo. Esse era o homem que amava a Rainha-Mãe, segundo os boatos. Olhos escuros, boca severa, marcas de bexiga na testa e nas bochechas. Ele parecia ter sido esculpido pelo vento do mar.

Seus olhares se encontraram através do navio e Harlowe assentiu. Ead devolveu o gesto.

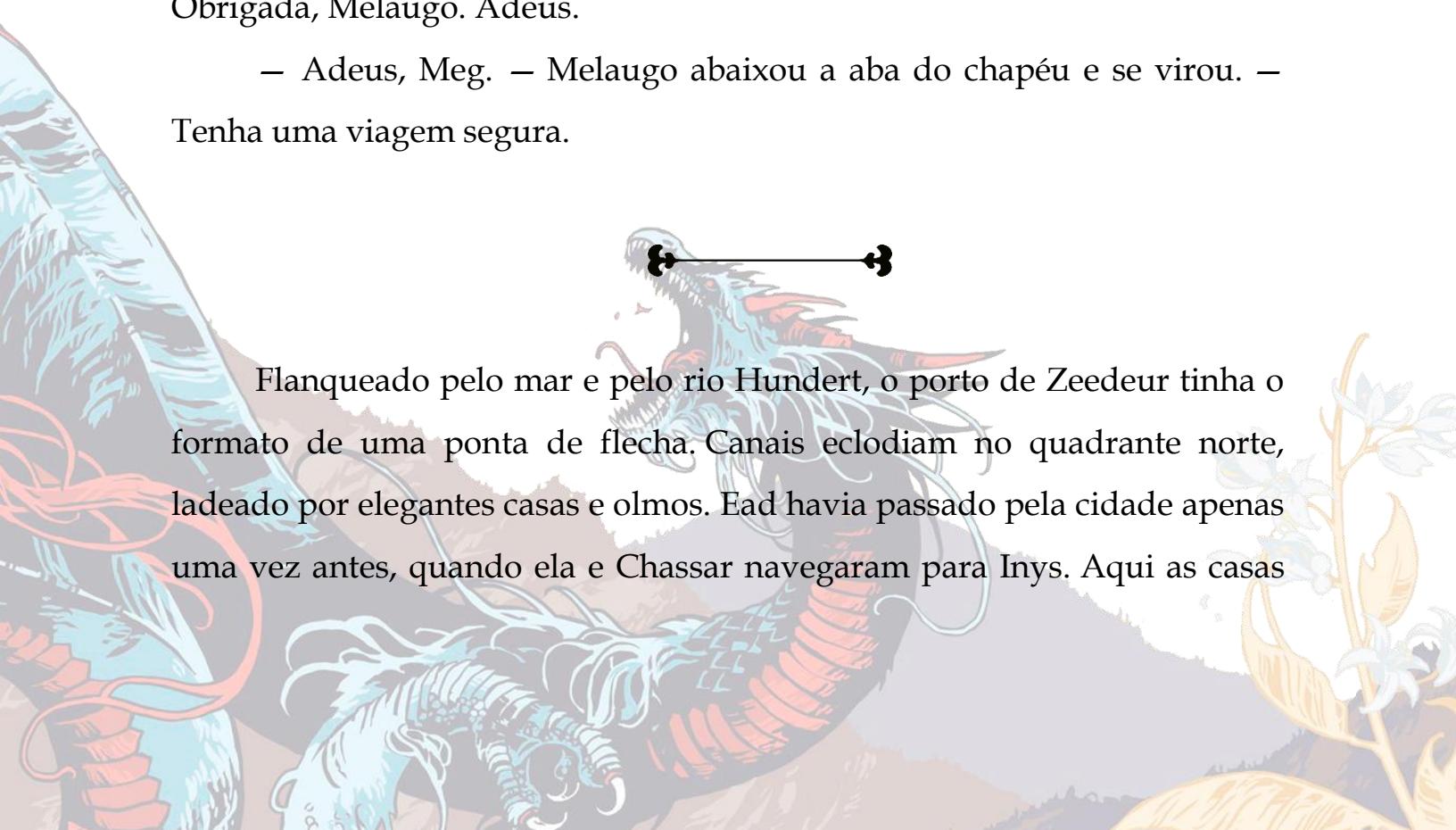
À primeira luz, o céu era uma mancha de cinzas e Zeedeur estava no horizonte. Foi aqui que Truyde passou a infância, onde ela concebeu pela primeira vez suas ideias perigosas. Foi aqui que a morte de Aubrecht Lievelyn foi escrita nas estrelas.

Estina Melaugo juntou-se a Ead na proa.

— Tenha cuidado lá fora — disse ela. — É uma jornada difícil daqui até Ersyr, e há wyrms nessas montanhas.

— Não temo nenhum wyrm. — Ead acenou com a cabeça para ela. — Obrigada, Melaugo. Adeus.

— Adeus, Meg. — Melaugo abaixou a aba do chapéu e se virou. — Tenha uma viagem segura.



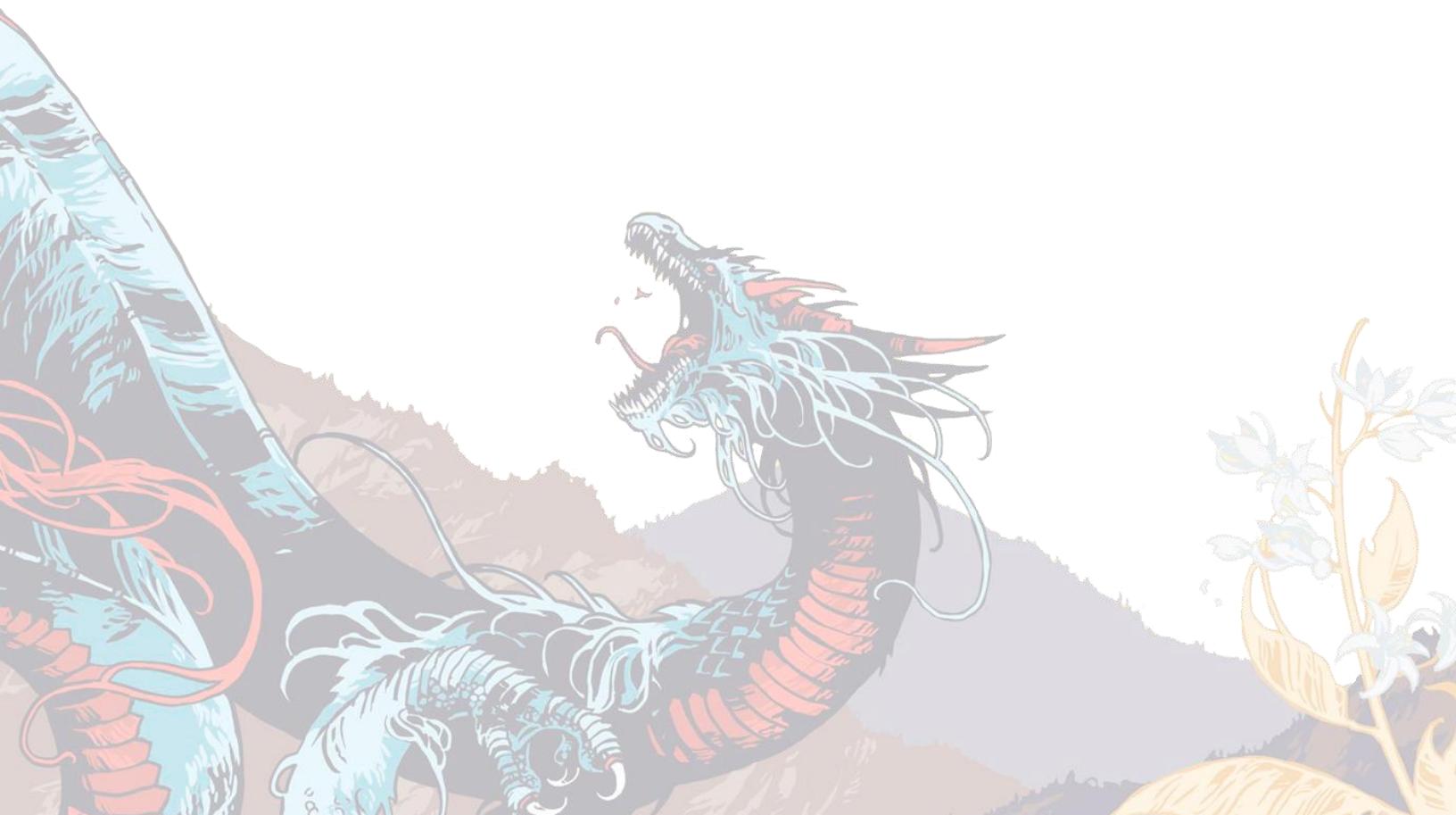
Flanqueado pelo mar e pelo rio Hundert, o porto de Zeedeur tinha o formato de uma ponta de flecha. Canais eclodiam no quadrante norte, ladeado por elegantes casas e olmos. Ead havia passado pela cidade apenas uma vez antes, quando ela e Chassar navegaram para Inys. Aqui as casas

eram construídas no estilo Mentish tradicional, com empenas de sino. O pináculo torto do Porto Santuário alcançava o coração da cidade.

Era o último santuário que ela veria por algum tempo.

Ela montou em Valor e o empurrou além dos mercados e vendedores de livros, em direção à estrada do sal que a levaria à capital. Em alguns dias, ela estaria em Brygstad, e então estaria a caminho de Ersyr – longe da corte que ela enganou por tanto tempo. Do oeste.

E de Sabran.

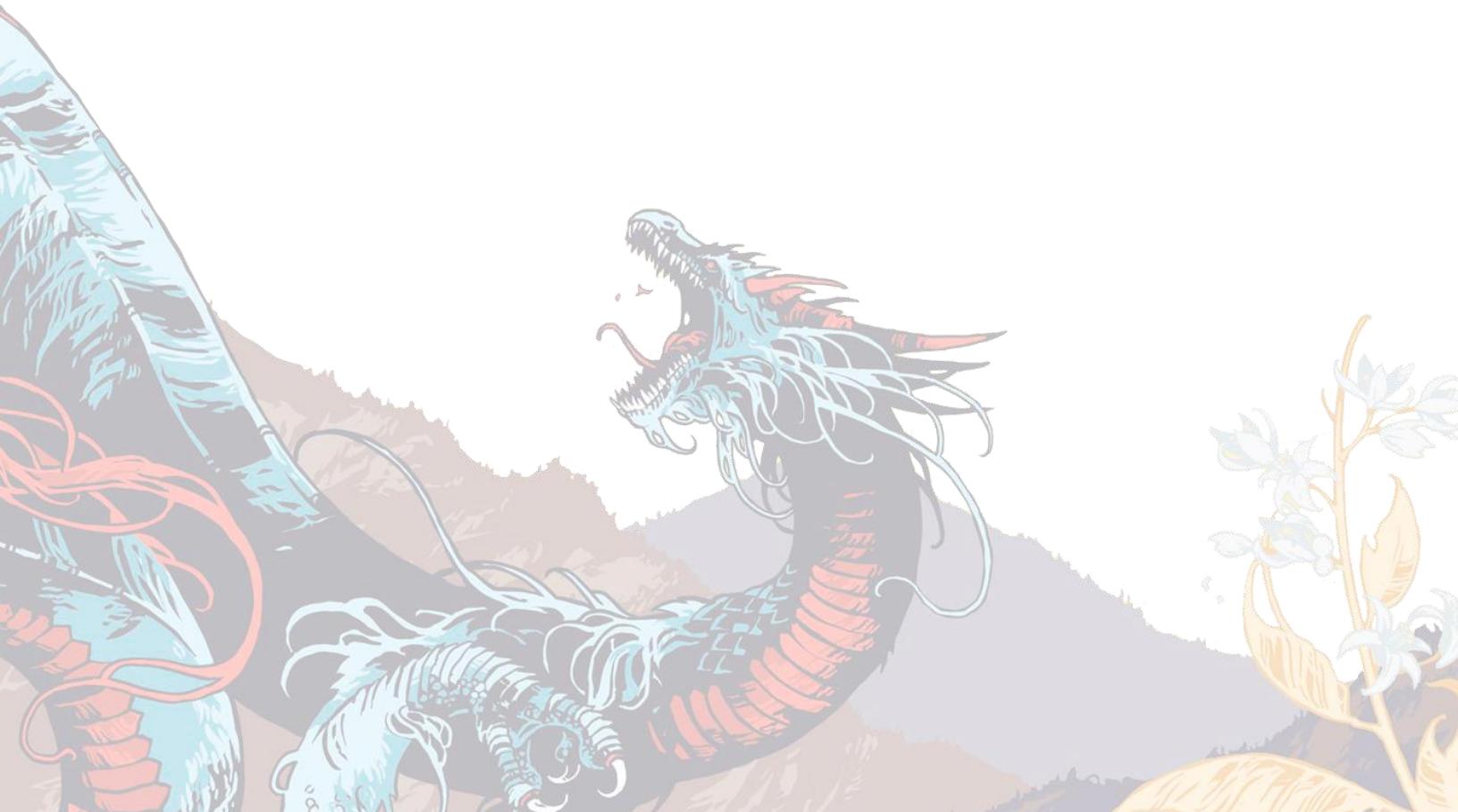


Parte iii

Uma Bruxa Para Viver

Mirrados estão todos os loureiros de nossa terra;
meteoro causam medo às estrelas fixas.

— William Shakespeare



Capítulo 38

Leste

Um sino tocava a plenos pulmões todas as manhãs ao raiar do dia. Ao ouvir isso, os estudiosos da Ilha das Penas dobravam suas roupas de cama e iam para o balneário. Depois de se lavarem, comeriam juntos e, então, antes que os anciãos acordassem, teriam uma hora para oração e reflexão. Essa hora era sua hora favorita do dia.

Ela se ajoelhou diante da imagem do grande Kwiriki. A água escorria pelas paredes da caverna subterrânea e pingava em uma lagoa. Apenas uma lamparina protegia a escuridão.

Esta estátua do Grande Ancião não era como aquelas que ela orava para antes em Seiiki. Esta o mostrava com partes de algumas das formas que ele havia assumido em sua vida: os chifres de um veado, as garras de um pássaro e a cauda de uma cobra.

Demorou algum tempo antes de Tane tomar conhecimento das batidas de uma perna de ferro sobre a rocha. Ela se levantou para ver o sábio Ancião Vara parado na entrada da gruta.

— Estudiosa Tané. — Ele inclinou a cabeça. — Perdoe-me por perturbar sua reflexão.

Ela se curvou em troca.

O Ancião Vara era considerado pela maioria dos residentes da Casa Vane como um tipo excêntrico. Um homem magro com pele marrom desgastada e pegadas de corvo ao redor dos olhos, ele sempre tinha um sorriso e uma palavra gentil para ela. Seu principal dever era proteger e gerenciar o repositório, mas ele também agia como um curandeiro quando surgia a necessidade.

— Eu ficaria honrado se você se juntasse a mim no repositório esta manhã — disse ele. — Outra pessoa cuidará de suas tarefas. E, por favor — acrescentou ele —, leve o seu tempo.

Tané hesitou.

— Não tenho permissão para entrar no repositório.

— Bem, você tem hoje.

Ele se foi antes que ela pudesse responder. Lentamente, ela se ajoelhou novamente.

Esta caverna era o único lugar onde ela podia se esquecer. Era uma das grutas de favo de mel atrás de uma cachoeira, compartilhada entre os estudiosos de Seiiki deste lado da ilha.

Ela espalhou o incenso e fez uma reverência para a estátua. Seus olhos de joia brilhavam para ela.

No topo da escada, ela emergiu para a luz do dia. O céu era amarelo de seda crua. Ela caminhou descalça pelas pedras.

A Ilha das Penas, solitária e acidentada, ficava longe de qualquer lugar. Suas íngremes faces de penhascos e a sempre presente cobertura de nuvens representavam uma frente imponente para qualquer navio que ousasse se aproximar. Cobras descansavam em suas praias pedregosas. Era

o lar de pessoas de todo o Oriente – e dos ossos do grande Kviriki, que se dizia ter se deitado para descansar no fundo da ravina que dividia a ilha, que era chamada de Caminho do Ancião. Também era dito que seus ossos mantinham a ilha envolta em névoa, pois um dragão continuava a atrair água muito depois de sua morte. Era por isso que Seiiki era tão enevoada.

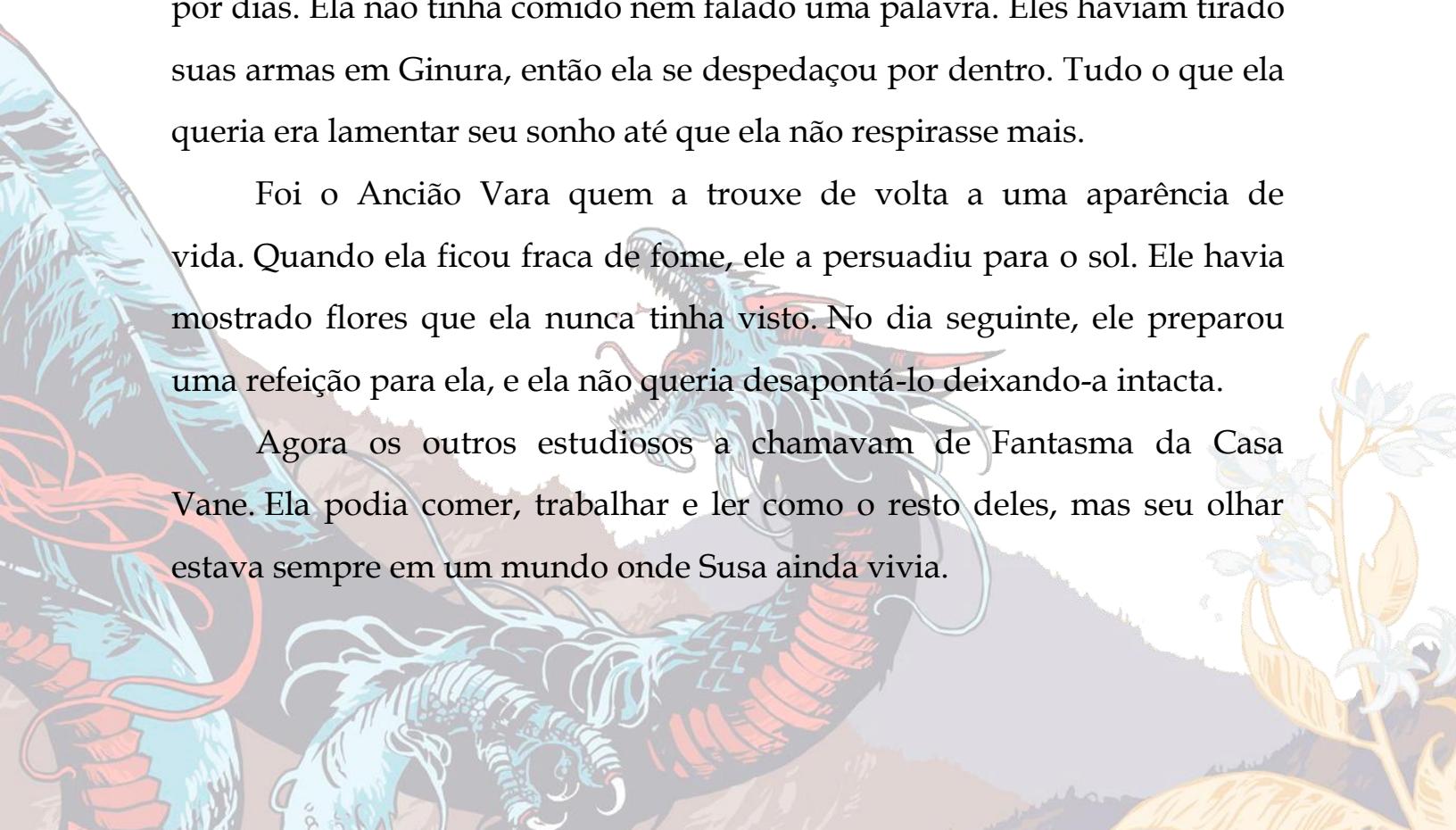
Seiiki.

A Casa Windward ficava no cabo Quill ao norte, enquanto a Casa Vane, a menor – onde Tané fora colocada – ficava no alto de um vulcão morto há muito tempo, cercado por uma floresta. Havia cavernas de gelo logo atrás dela, onde a lava fluía. Para passar entre os eremitérios, era preciso atravessar uma ponte frágil sobre a ravina.

Não havia outros assentamentos. Os estudiosos estavam sozinhos na vastidão do mar.

O eremitério era uma caixa-quebra-cabeça de conhecimento. Cada nova sabedoria era conquistada com a compreensão da última. Escondida em seus corredores, Tané aprendera primeiro sobre fogo e água. O fogo, o elemento dos demônios alados, exigia alimentação constante. Era o elemento de guerra, ganância e vingança – sempre com fome, nunca satisfeito.

A água não precisava de carvão ou isca para existir. Ela poderia se moldar a qualquer espaço. Alimentava a carne e a terra e não pedia nada em troca. Era por isso que os dragões do Oriente, senhores da chuva e do lago e do mar, sempre triunfariam sobre os respiradores de fogo. Quando o oceano engolisse o mundo e a humanidade fosse arrastada, eles ainda permaneceriam.



Um falcão-peixe arrebatava um peixe do rio. Um vento frio soprava entre as árvores. O Dragão do Outono logo voltaria ao seu sono, e o Dragão do Inverno acordaria no décimo segundo lago.

Ao pisar na passarela coberta que levava de volta ao eremitério, Tané enrolou o capuz de pano sobre o cabelo, que ela havia cortado antes de deixar Ginura, de modo que roçava sua clavícula. Miduchi Tané tinha cabelo comprido. O fantasma em que ela se tornou, não.

Depois de refletir, ela costumava varrer o chão, ajudar a colher frutas da floresta, limpar as folhas das sepulturas ou alimentar as galinhas. Não havia servos na Ilha das Penas, então os estudiosos compartilhavam os deveres servis, com os jovens e fortes assumindo a maioria. Estranho que o Ancião Vara tenha pedido a ela que fosse ao repositório, onde os documentos mais importantes eram guardados.

Quando ela chegou na Ilha das Penas, ela foi para seu quarto e ficou lá por dias. Ela não tinha comido nem falado uma palavra. Eles haviam tirado suas armas em Ginura, então ela se despedaçou por dentro. Tudo o que ela queria era lamentar seu sonho até que ela não respirasse mais.

Foi o Ancião Vara quem a trouxe de volta a uma aparência de vida. Quando ela ficou fraca de fome, ele a persuadiu para o sol. Ele havia mostrado flores que ela nunca tinha visto. No dia seguinte, ele preparou uma refeição para ela, e ela não queria desapontá-lo deixando-a intacta.

Agora os outros estudiosos a chamavam de Fantasma da Casa Vane. Ela podia comer, trabalhar e ler como o resto deles, mas seu olhar estava sempre em um mundo onde Susa ainda vivia.

Tané saiu da passarela e foi para o depósito. Normalmente, apenas os mais velhos tinham permissão para entrar. Quando ela se aproximou de seus degraus, a Ilha das Penas retumbou. Ela caiu no chão e cobriu a cabeça. Quando o tremor de terra sacudiu o eremitério, ela sibilou por entre os dentes de dor repentina.

O nó em seu lado era uma ponta de lâmina. Dor fria – a mordida de gelo contra a pele nua, congelamento em suas entradas. Lágrimas saltaram em seus olhos enquanto ondas de agonia passavam por ela.

Ela deve ter perdido a consciência. Uma voz gentil a chamou de volta.

— Tané. — Mão secas como papel seguravam seus braços. — Estudiosa Tané, você pode falar?

Sim, ela tentou dizer, mas não saiu nada.

O tremor de terra havia parado. A dor não. O Ancião Vara a pegou em seus braços ossudos. Envergonhou-se de ser erguida como uma criança, mas a dor era maior do que ela podia suportar.

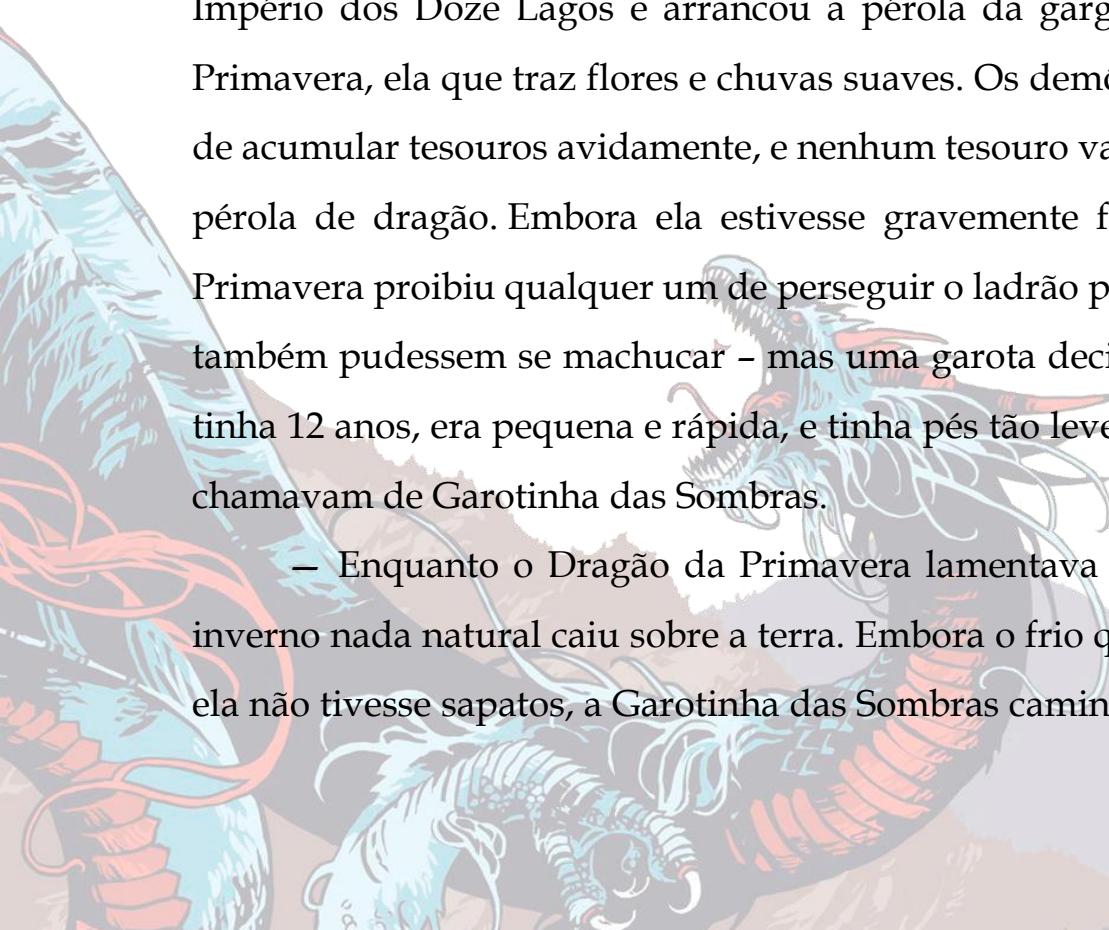
Ele a levou para o pátio atrás do depósito e a colocou em um banco de pedra ao lado do lago de peixes. Uma chaleira esperava em sua borda.

— Eu ia levar você para um passeio nos penhascos hoje — disse ele. — Mas vejo agora que você precisa descansar. Outra hora. — Ele serviu chá para os dois. — Você está com dor?

Sua caixa torácica parecia cheia de gelo.

— Uma lesão antiga. Não é nada, Ancião Vara. — Sua voz estava rouca. — Essas sacudidelas acontecem com tanta frequência agora.

— Sim. É como se o mundo quisesse mudar de forma, como os dragões de outrora.



Ela pensou em suas conversas com a grande Nayimathun. Enquanto ela tentava controlar a respiração, o Ancião Vara se sentou ao lado dela.

— Tenho medo de tremores de terra — confessou. — Quando eu ainda morava em Seiiki, minha mãe e eu nos amontoávamos em nossa casinha em Basai quando o chão tremia e contávamos histórias um para o outro para manter nossas mentes longe disso.

Tané tentou sorrir.

— Não me lembro se minha mãe fez o mesmo.

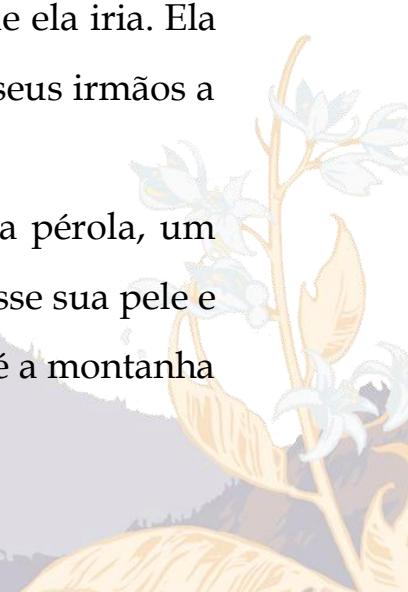
Enquanto ela falava, o chão estremeceu novamente.

— Bem — disse o Ancião Vara —, talvez eu pudesse lhe contar uma. De acordo com a tradição.

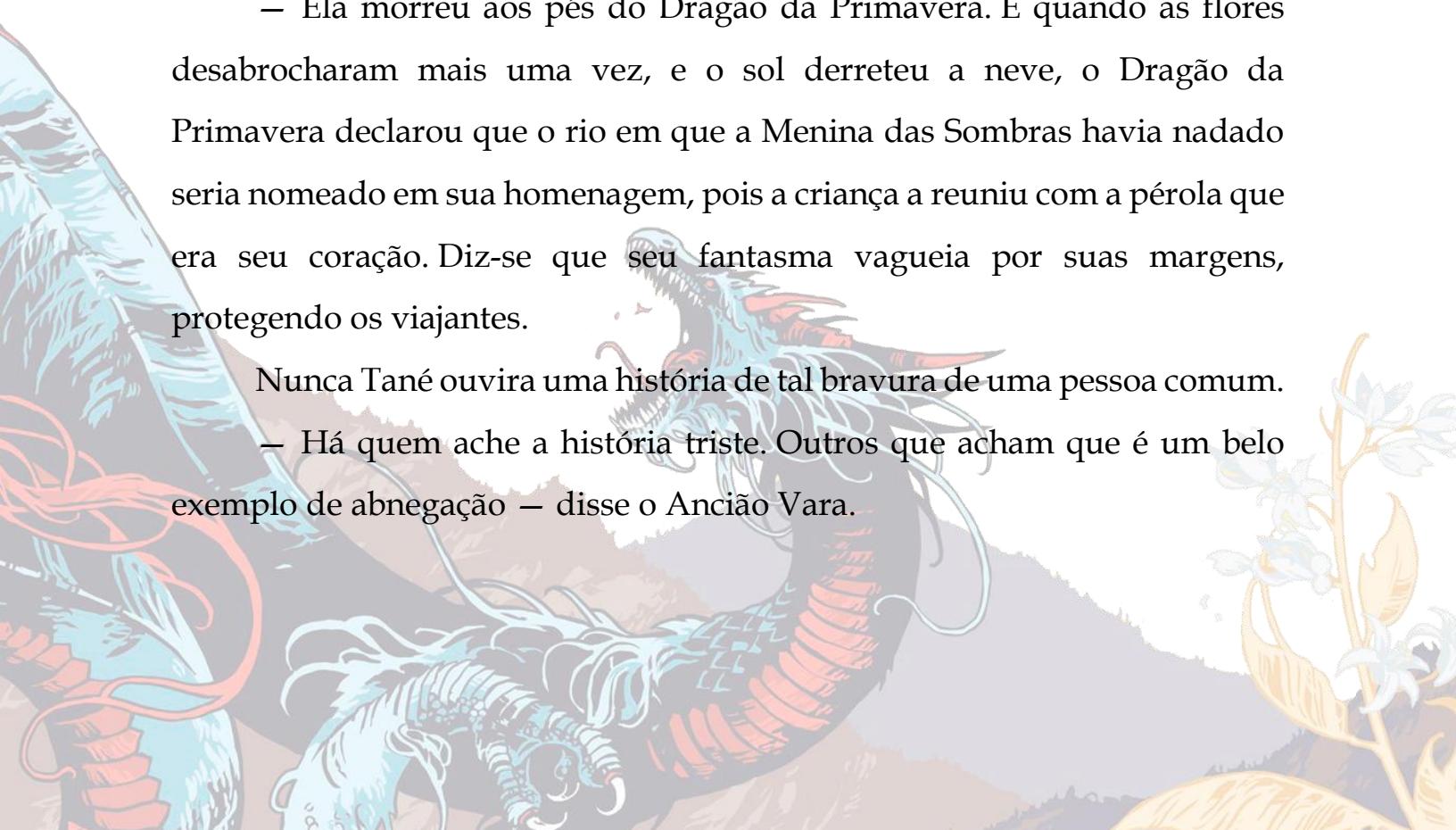
— Claro.

Ele entregou a ela uma xícara fumegante. Tané aceitou em silêncio.

— Antes da Grande Tristeza, um respirador de fogo voou para o Império dos Doze Lagos e arrancou a pérola da garganta do Dragão da Primavera, ela que traz flores e chuvas suaves. Os demônios alados gostam de acumular tesouros avidamente, e nenhum tesouro vale mais do que uma pérola de dragão. Embora ela estivesse gravemente ferida, o Dragão da Primavera proibiu qualquer um de perseguir o ladrão por medo de que eles também pudessem se machucar — mas uma garota decidiu que ela iria. Ela tinha 12 anos, era pequena e rápida, e tinha pés tão leves que seus irmãos a chamavam de Garotinha das Sombras.



— Enquanto o Dragão da Primavera lamentava por sua pérola, um inverno nada natural caiu sobre a terra. Embora o frio queimasse sua pele e ela não tivesse sapatos, a Garotinha das Sombras caminhou até a montanha



onde o respirador de fogo havia enterrado seu tesouro. Enquanto a fera estava fora caçando, ela entrou furtivamente em sua caverna e pegou de volta a pérola do Dragão da Primavera.

Teria sido um grande tesouro para carregar. A menor pérola de dragão era tão grande quanto um crânio humano.

— O respirador de fogo voltou assim que ela colocou as mãos sobre a pérola. Enfurecido, ele estalou as mandíbulas para a ladra que ousou entrar em seu covil e arrancou um pedaço de carne de sua coxa. A garota mergulhou no rio e a corrente a levou para longe da caverna. Ela escapou com a pérola — mas quando se puxou para fora da água, não conseguiu encontrar ninguém que lhe suturasse a ferida, pois o sangue fazia as pessoas temerem que ela tivesse a doença vermelha.

Tané observou o Ancião Vara através de tentáculos de vapor.

— O que aconteceu com ela?

— Ela morreu aos pés do Dragão da Primavera. E quando as flores desabrocharam mais uma vez, e o sol derreteu a neve, o Dragão da Primavera declarou que o rio em que a Menina das Sombras havia nadado seria nomeado em sua homenagem, pois a criança a reuniu com a pérola que era seu coração. Diz-se que seu fantasma vagueia por suas margens, protegendo os viajantes.

Nunca Tané ouvira uma história de tal bravura de uma pessoa comum.

— Há quem ache a história triste. Outros que acham que é um belo exemplo de abnegação — disse o Ancião Vara.

Outro choque percorreu o solo e dentro de Tané algo gritou em resposta. Ela tentou manter a dor longe do rosto, mas o Ancião Vara era muito perspicaz.

— Tané — disse ele —, posso ver este antigo ferimento?

Tané levantou a túnica apenas o suficiente para ele ver a cicatriz. À luz do dia, parecia mais proeminente do que o normal.

— Posso? — Ancião Vara perguntou. Quando ela assentiu, ele tocou com um dedo e franziu a testa. — Há um inchaço por baixo.

Era duro como uma pedra.

— Minha professora disse que aconteceu quando eu era criança — disse Tané. — Antes de ir para as Casas de Aprendizagem.

— Você nunca viu um médico, então, para ver se algo poderia ser feito?

Ela balançou a cabeça e cobriu a cicatriz.

— Acho que devemos abrir o seu lado, Tané — disse o Ancião Vara com decisão. — Deixe-me chamar o médico Seiikinês que nos atende. A maioria dos inchaços desse tipo são inofensivos, mas ocasionalmente podem corroer o corpo por dentro. Não queremos que você morra desnecessariamente, criança, como a menina das sombras.

— Ela não morreu desnecessariamente — disse Tané, com o olhar vazio. — Com seu último suspiro, ela restaurou a alegria de um dragão e, ao fazer isso, restaurou o mundo. Existe algo mais honroso a se fazer na vida?

Capítulo 39

Sul

Uma caravana de quarenta almas serpenteava pelo deserto. Na luz fraca do pôr-do-sol, a areia brilhava.

Montada em um camelo, Eadaz uq-Nāra observava o céu aprofundar a vermelho. Sua pele tinha bronzeado a um marrom profundo e seu cabelo, cortado na altura dos ombros, estava coberto por um *pargh* branco.

A caravana a qual ela se juntou no Lugar das Pombas estava agora na parte norte de Burlah - o trecho de deserto que se estendia em direção a Rumelabar. O Burlah era o domínio das tribos Nuram. A caravana já havia cruzado com alguns de seus mercadores, que compartilharam seus suprimentos e avisaram que os wyrms estavam se aventurando além das montanhas, sem dúvida encorajados por rumores de que outro Alto Ocidental tinha sido avistado no leste.

Ead parou na Cidade Enterrada a caminho de Rauca. A Montanha do Pavor, o local de nascimento dos wyrms, tinha sido tão terrível quanto ela se lembrava, projetando-se como uma espada quebrada no céu. Uma ou duas vezes, enquanto caminhava entre pilares desmoronados, ela vislumbrou o distante tremular de asas em seu cume. Wyverns migrando para o berço da vida.

À sombra da montanha estavam os restos da outrora grande cidade de Gulthaga. O pouco que restou na superfície desmentia a estrutura abaixo. Em algum lugar lá dentro, Jannart utt Zeedeur encontrou seu fim na busca pelo conhecimento.

Ead havia considerado segui-lo, para ver se ela poderia descobrir mais sobre esta Estrela de Cabelos Compridos, o cometa que equilibrava o mundo. Ela vasculhou as ruínas em busca da rota que ele usara para cavar sob as cinzas petrificadas. Depois de horas de procura, ela esteve perto de desistir quando viu um túnel, apenas largo o suficiente para rastejar para dentro. Ele foi sufocado por uma queda de pedra.

Não haveria muito sentido em explorar. Afinal, ela não conhecia nenhum Gulthagiano - mas a profecia de Truyde era um verme em seu ouvido.

Ela tinha pensado que seu retorno ao Sul iria trazer vida de volta para ela. Na verdade, seu primeiro passo para o Deserto do Sonho Inquieto parecia um renascimento. Tendo deixado Valor a salvo na passagem de Harmur, ela caminhou sozinha pelas areias até Rauca. Ver a cidade novamente restaurou suas forças, mas ela logo foi varrida pelos ventos que sopravam de Burlah.

Sua pele havia esquecido o toque do deserto. Tudo o que ela era agora era outra viajante empoeirada, e sua memória era uma miragem. Alguns dias ela quase acreditou que nunca havia usado sedas finas e joias na corte da rainha ocidental. Que ela nunca tinha sido Ead Duryan.

Um escorpião passou correndo por seu camelo. Os outros viajantes cantavam para passar o tempo. Ead ouviu em silêncio. Já fazia uma vida desde que ela ouvira alguém cantar em Ersyri.

*Um pássaro canoro empoleirado em um cipreste,
E, solitário, clamou por um companheiro para se casar.*

— *Dance, dance — cantavam — , nas dunas esta noite.*

— *Venha, venha, meu amor, e nós dois levantaremos vôo.*

Rumelabar ainda estava longe. A caravana levaria semanas para alcançar Burlah no inverno, quando as noites amargas podiam matar tão rapidamente quanto o sol. Ela se perguntou se Chassar recebera a notícia de sua partida de Inys, o que teria ramificações diplomáticas para Ersyr.

— Acamparemos com os Nuram — disse o mestre da caravana. — Uma tempestade se aproxima.

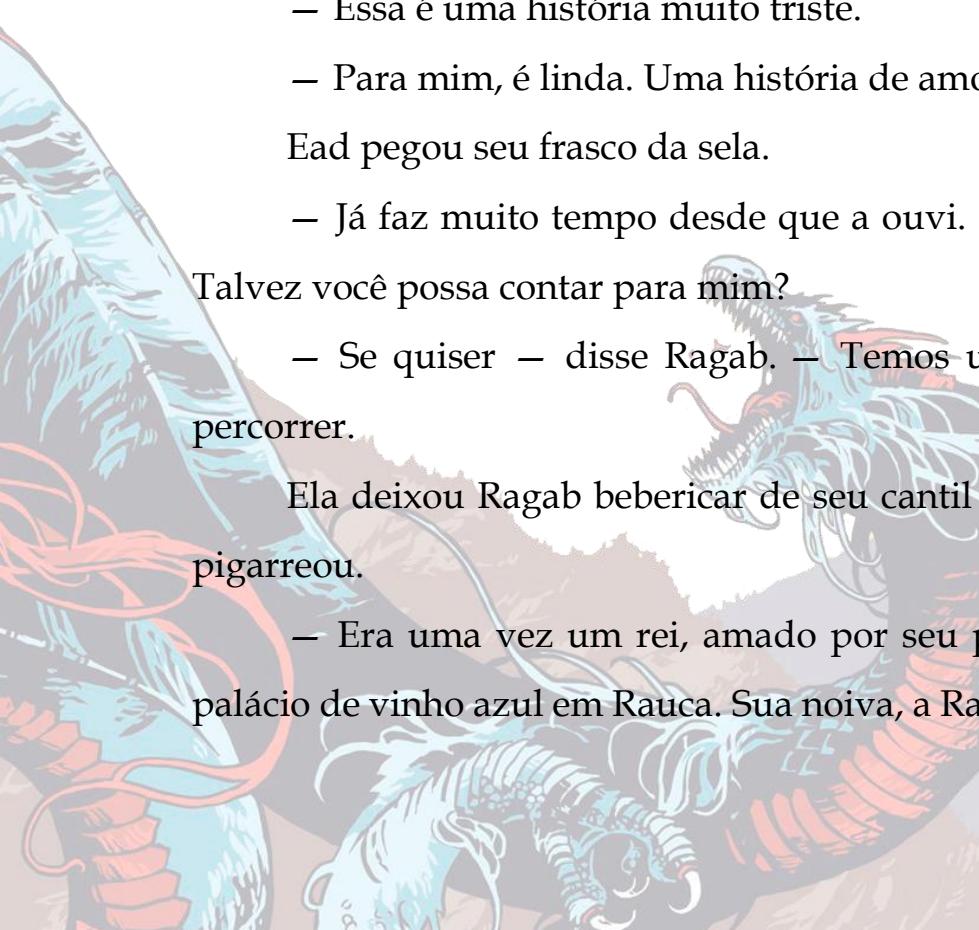
A mensagem foi passada ao longo da linha. Ead segurou as rédeas com mais força em frustração. Ela não tinha tempo a perder enquanto uma tempestade soprava do Burlah.

— Eadaz.

Ela se virou na sela. Outro camelo acompanhava o dela. Ragab era um mensageiro grisalho, indo para o sul com uma bolsa de correspondência.

— Uma tempestade de areia — ele disse, sua voz profunda cansada. — Acho que essa jornada nunca vai acabar.

Ead gostava de cavalgar com Ragab, que estava cheio de histórias interessantes de suas viagens e afirmava ter feito a travessia quase cem vezes. Ele havia sobrevivido a um ataque de um basilisco em sua aldeia, que



matou sua família, cegou-o de um olho e deixou-o cicatrizado. Os outros viajantes olhavam para ele com pena.

Eles olhavam para Ead com pena também. Ela os tinha ouvido sussurrar que ela era um espírito errante no corpo de uma mulher, presa entre os mundos. Apenas Ragab ousou chegar perto.

— Eu tinha esquecido como Burlah é severo — disse Ead. — Que desolação.

— Você já cruzou antes?

— Duas vezes.

— Quando você tiver feito a travessia tantas vezes quanto eu, você verá beleza naquela desolação. Embora de todos os nossos desertos em Ersyr —, disse ele —, o que eu mais gosto será sempre o Deserto do Sonho Inquieto. Minha história favorita, quando criança, era a de como ele recebeu seu nome.

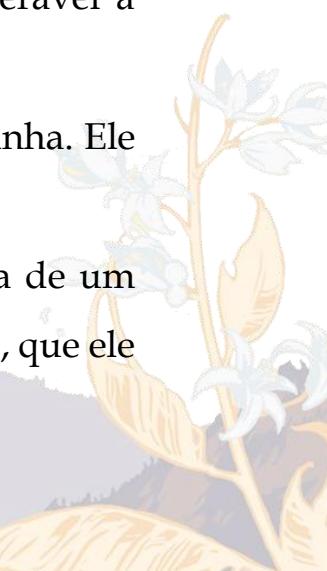
— Essa é uma história muito triste.

— Para mim, é linda. Uma história de amor.

Ead pegou seu frasco da sela.

— Já faz muito tempo desde que a ouvi. — Ela removeu a tampa. — Talvez você possa contar para mim?

— Se quiser — disse Ragab. — Temos um caminho considerável a percorrer.



Ela deixou Ragab bebericar de seu cantil antes de beber sozinha. Ele pigarreou.

— Era uma vez um rei, amado por seu povo. Ele governava de um palácio de vinho azul em Rauca. Sua noiva, a Rainha das Borboletas, que ele

amava mais do que tudo no mundo, morrera jovem, e ele lamentava profundamente por ela. Seus oficiais governaram em seu lugar enquanto ele caía em uma prisão que ele mesmo criou, cercado por riquezas que ele desprezava. Nenhuma jóia ou moeda poderia comprar a mulher que ele havia perdido. E então ele se tornou conhecido como o Rei Melancólico.

— Uma noite, ele se levantou da cama pela primeira vez em um ano para ver a lua vermelha. Quando ele olhou para baixo de sua janela — ora, ele não podia acreditar em seus olhos. Lá estava sua rainha, nos jardins do palácio, vestida com as mesmas roupas que vestia no dia em que ele se casou com ela, chamando-o para se juntar a ela nas areias. Seus olhos estavam rindo e ela segurava a rosa que ele lhe dera quando se conheceram. Pensando estar em um sonho, o rei saiu do palácio, atravessou a cidade e foi para o deserto — sem comida ou água, sem manto, nem mesmo com sapatos. Ele caminhou e caminhou, seguindo a sombra ao longe. Mesmo enquanto o frio cobria sua pele, mesmo enquanto ele ficava fraco com a sede e ghouls seguiam seus passos, ele disse a si mesmo, *eu estou apenas sonhando. Estou apenas sonhando.* Ele caminhou atrás de seu amor, sabendo que iria alcançá-la, e que iria passar mais uma noite com ela — apenas mais uma, em seu sonho, pelo menos — antes de acordar em sua cama sozinho.

Ead se lembrou da próxima parte da história. Um arrepio percorreu seu corpo.

— É claro — disse Ragab — que o Rei Melancólico não estava sonhando, mas seguindo uma miragem. O deserto pregou uma peça nele. Ele morreu lá, e seus ossos se perderam na areia. E o deserto ganhou

seu nome. — Ele deu um tapinha em seu camelo quando bufou. — O amor e o medo fazem coisas estranhas às nossas almas. Os sonhos que eles trazem, aqueles sonhos que nos deixam encharcados em água salgada e sem fôlego, como se pudéssemos morrer — esses, chamamos de sonhos inquietos. E apenas o cheiro de uma rosa pode evitá-los.

A história deixou Ead arrepiada ao se lembrar de outra rosa, enfiada atrás de um travesseiro.

A caravana chegou ao acampamento no momento em que a tempestade de areia atingiu o horizonte. Os viajantes foram levados às pressas para uma tenda central, onde Ead se sentou com Ragab nas almofadas, e os Nuram, que gostavam de convidados, compartilharam seu queijo e pão salgado. Eles também passaram um cachimbo d'água, que Ead recusou. Ragab, no entanto, ficou muito satisfeito em aceitá-lo.

— Nenhum de nós vai dormir bem esta noite. — Ele soprou uma pluma perfumada. — Assim que a tempestade passar, devemos chegar ao Oásis de Gaudaya em três dias, pelas minhas contas. Então, a longa estrada está à nossa frente.

Ead olhou para a lua.

— Quanto tempo duram essas tempestades? — ela perguntou a Ragab. Ragab balançou a cabeça.

— Difícil de dizer. Pode demorar minutos ou uma hora ou mais.

Ead cortou ao meio uma rodada de pão achatado com os dedos enquanto uma mulher Nuram servia um doce chá rosa para os dois. Até o deserto conspirava contra ela. Ela ardia para deixar a caravana e cavalgar o tempo que fosse necessário para chegar a Chassar — mas não era o Rei

Melancólico. O medo não a faria perder os sentidos. Ela não era orgulhosa o suficiente para pensar que poderia cruzar Burlah sozinha.

Enquanto os outros viajantes ouviam a história do Ladrão de Vinho Azul de Drayasta, ela bateu a areia das roupas e mastigou um galho macio para limpar os dentes, então encontrou um lugar para dormir atrás de uma cortina.

Os Nuram costumavam dormir sob as estrelas, mas agora, com uma tempestade de areia rugindo no alto, eles se fechavam em suas tendas. Gradualmente, os nômades e seus convidados começaram a se aposentar e as lamparinas a óleo foram apagadas.

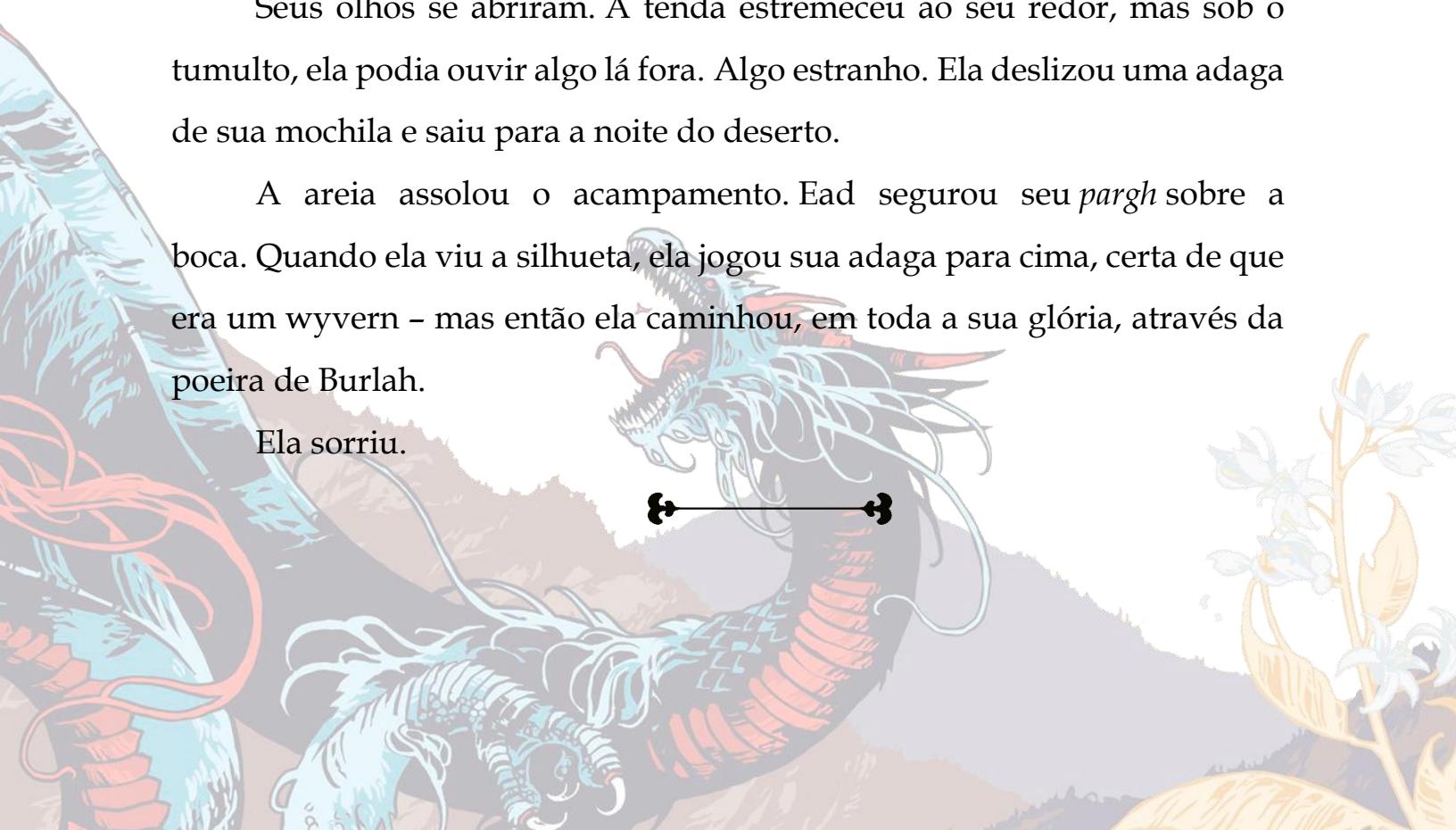
Ead se cobriu com um cobertor trançado. A escuridão a envolveu e ela voltou a sonhar com Sabran, a carne doendo com a lembrança de seu toque. Então a Mãe teve misericórdia e ela caiu em um sono sem sonhos.

Um baque a acordou.

Seus olhos se abriram. A tenda estremeceu ao seu redor, mas sob o tumulto, ela podia ouvir algo lá fora. Algo estranho. Ela deslizou uma adaga de sua mochila e saiu para a noite do deserto.

A areia assolou o acampamento. Ead segurou seu *pargh* sobre a boca. Quando ela viu a silhueta, ela jogou sua adaga para cima, certa de que era um wyvern - mas então ela caminhou, em toda a sua glória, através da poeira de Burlah.

Ela sorriu.



Parspa era a última *hawiz* conhecida. Brancos, exceto por suas asas com pontas de bronze, os pássaros poderiam crescer tão grandes quanto wyverns, que se reproduziram com eles para criar a basilisco. Chassar, que gostava de pássaros, encontrou Parspa quando ela ainda estava em seu ovo e a trouxe para o Priorado. Agora ela respondia apenas a ele. Ead recolheu seus pertences e subiu no pássaro, e logo elas deixaram o acampamento para trás.

Elas estavam fugindo do sol nascente. Ead sabia que elas estavam se aproximando quando o cedro salgado tocou a areia, e então, de repente, elas estavam sobre o Domínio de Lasia.

Seu local de nascimento era uma terra de desertos vermelhos e picos accidentados, de cavernas escondidas e cachoeiras trovejantes, de praias douradas espumadas pelas ondas do mar de Halassa. Na maior parte, era um país seco, como Ersyr – mas vastos rios corriam por Lasia, e a vegetação se apegava a eles. Olhando para as planícies abaixo dela, Ead sentiu a saudade de casa finalmente desaparecer. Não importa o quanto do mundo ela visse, ela sempre acreditaria que este era o lugar mais bonito.

Logo Parspa estava voando sobre as ruínas de Yikala. Ead e Jondú haviam ido lá vasculhar muitas vezes quando crianças, ávidas por quinquilharias dos dias da Mãe.

Parspa se inclinou em direção à Bacia Lasian. Era esta vasta e antiga floresta, escoida pelo rio Minara, que encobria o Priorado. Quando o sol nasceu, Parspa estava acima das árvores, sua sombra pairando sobre a copa fechada.

O pássaro finalmente desceu, pousando em uma das poucas clareiras da floresta. Ead escorregou de suas costas.

— Obrigada, minha amiga — disse ela em Selinyi. — Eu sei o caminho a partir daqui.

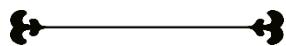
Parspa decolou sem fazer barulho.

Ead caminhou entre as árvores, sentindo-se tão pequena quanto uma de suas folhas. Cipós subiam em seus troncos. Seus pés exaustos lembravam do caminho, mesmo que sua mente o tivesse perdido. A boca da caverna estava em algum lugar próximo, guardada por proteções poderosas, escondidas na folhagem mais densa. Isso a levaria para o fundo do solo, para o labirinto de corredores secretos.

Um sussurro em seu sangue. Ela se virou. Uma mulher estava em uma poça de luz do sol, sua barriga inchada com uma criança.

— Nairuj — disse Ead.

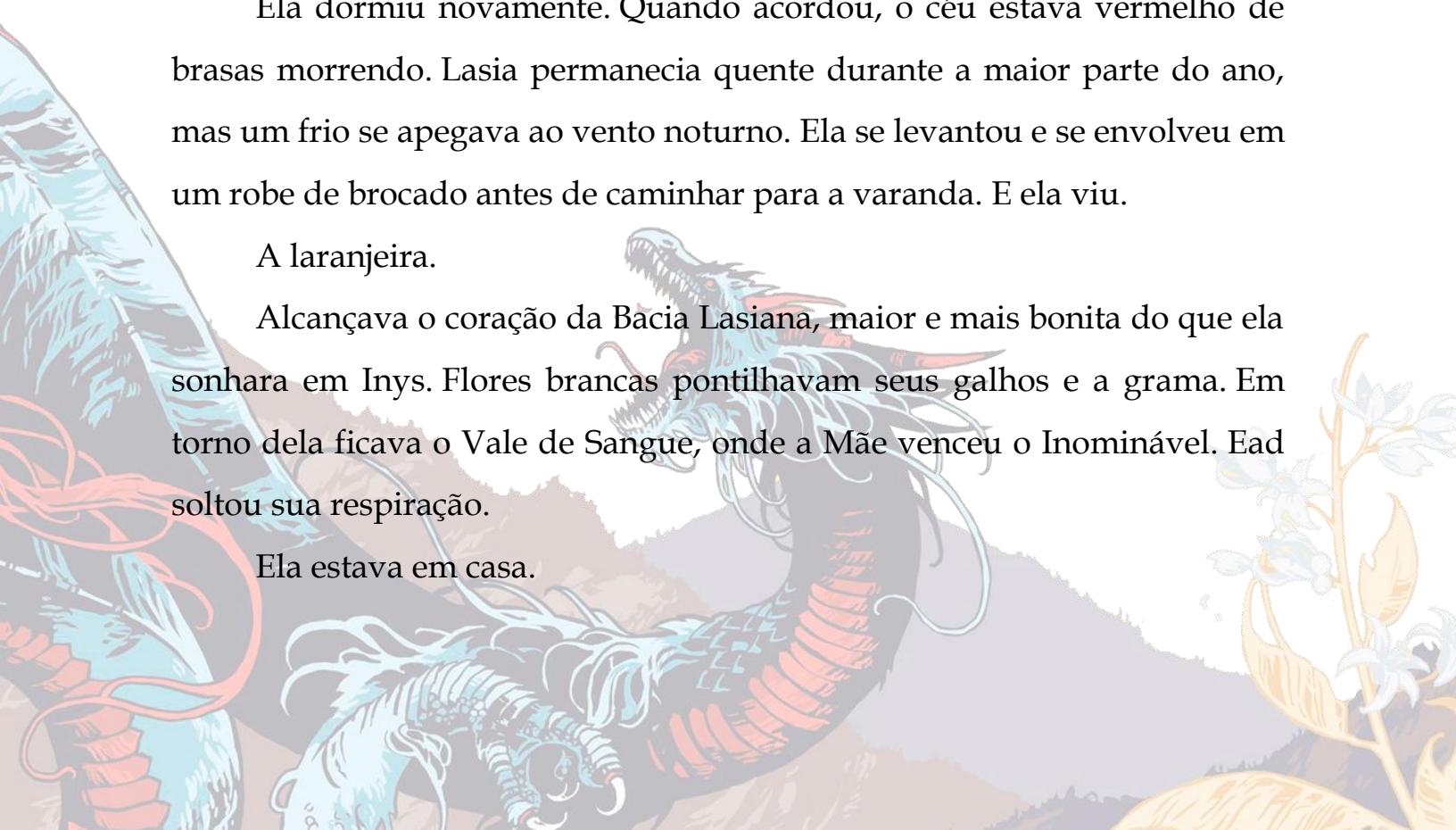
— Eadaz — respondeu a mulher. — Bem-vinda ao lar.



A luz estilhaçou através das janelas de treliça em arco. Ead percebeu que ela estava na cama, a cabeça apoiada em almofadas de seda. As solas dos pés estavam pegando fogo depois de tantos dias na estrada.

Um rugido abafado a fez se sentar. Respirando com dificuldade, ela procurou por uma arma.

— Eadaz. — Mão calejada envolveu as dela, assustando-a. — Eadaz, fique quieta.



Ela olhou para o rosto barbudo diante dela. Olhos escuros que se curvavam nos cantos, como os dela.

— Chassar — ela sussurrou. — Chassar. Estou...?

— Sim. — Ele sorriu. — Você está em casa, amada.

Ela pressionou o rosto contra o peito dele. Suas vestes ensoparam a umidade de seus cílios.

— Você percorreu um longo caminho. — Sua mão se moveu sobre o cabelo com crosta de areia. — Se você tivesse escrito antes de deixar Ascalon, eu poderia ter enviado Parspa muito antes.

Ead agarrou seu braço.

— Não tive tempo. Chassar — disse ela — tenho que lhe contar. Sabran está em perigo- os Duques Espirituais, acho que eles pretendem lutar por seu trono...

— Nada em Inys importa agora. A Prioresa falará com você em breve.

Ela dormiu novamente. Quando acordou, o céu estava vermelho de brasas morrendo. Lasia permanecia quente durante a maior parte do ano, mas um frio se apegava ao vento noturno. Ela se levantou e se envolveu em um robe de brocado antes de caminhar para a varanda. E ela viu.

A laranjeira.

Alcançava o coração da Bacia Lasiana, maior e mais bonita do que ela sonhara em Inys. Flores brancas pontilhavam seus galhos e a grama. Em torno dela ficava o Vale de Sangue, onde a Mãe venceu o Inominável. Ead soltou sua respiração.

Ela estava em casa.

As câmaras subterrâneas chegavam ao fim neste vale. Apenas essas salas - os solários - tinham o privilégio de olhar por cima. A Prioresa a honrou permitindo que ela descansasse em uma. Geralmente eram reservadas para orações e partos.

Três mil pés de água ininterrupta trovejavam do alto. Esse foi o rugido que ela ouviu. Siyāti uq-Nāra chamava as quedas de Lamento de Galian para zombar de sua covardia. Bem abaixo dela, o rio Minara cortava o vale, alimentando as raízes da árvore.

Seu olhar percorreu o labirinto de ramos. A fruta estava aninhada aqui e ali, rutilante no ramo. A visão secou sua boca. Nenhuma água poderia saciar a sede que latejava dentro dela.

Quando ela voltou para seu quarto, ela parou e pressionou sua sobrancelha contra a fria pedra rosa da porta.

Casa.

Um rosnado baixo levantou os cabelos de sua nuca. Ela se virou para ver um ichneumon adulto na porta.

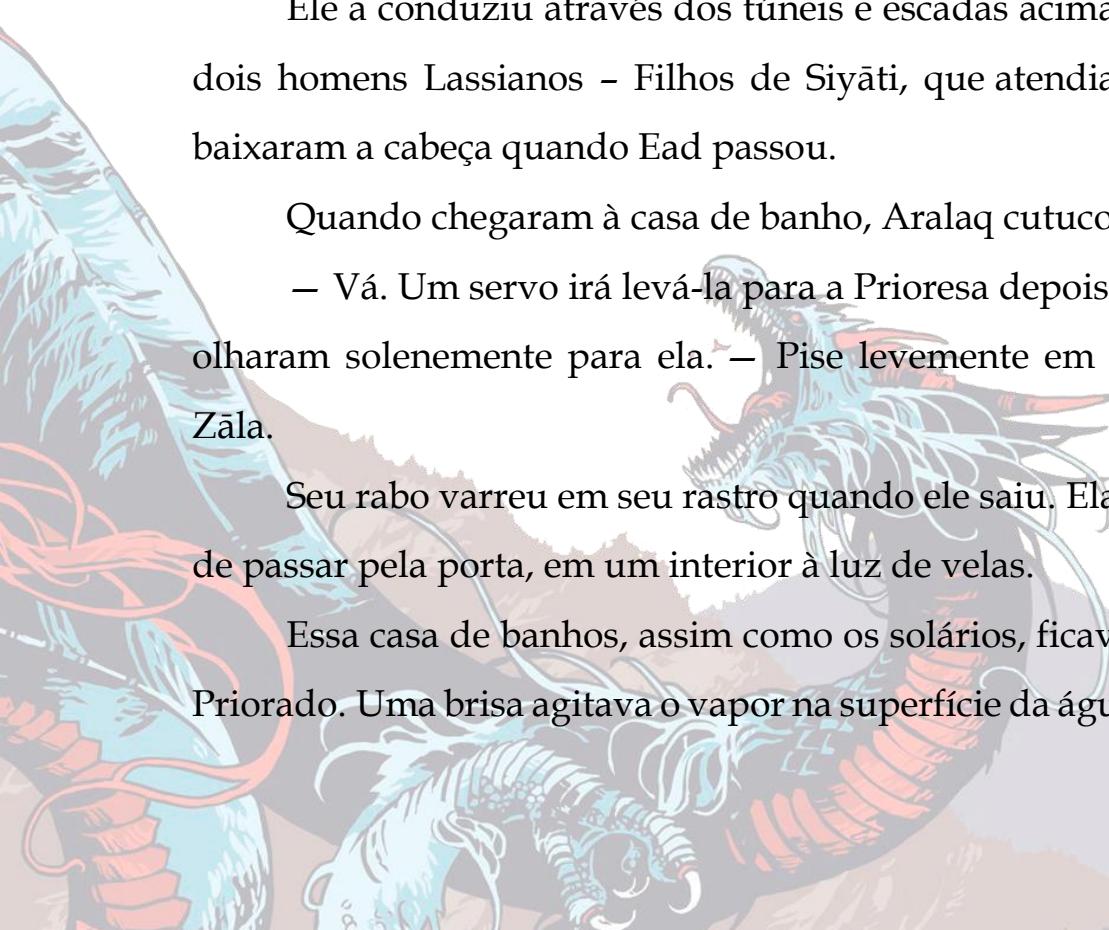
— Aralaq?

— Eadaz. — A voz dele era baixa e pedregosa. — Você era um cachorrinho quando te vi pela última vez.

Ela não conseguia acreditar no tamanho dele. Antes ele era pequeno o suficiente para caber em seu colo. Agora era enorme e tinha o peito largo, uma cabeça mais alta do que ela.

— Você também. — Seu rosto se suavizou em um sorriso. — Você esteve me protegendo o dia todo?

— Três dias.



O sorriso desapareceu.

— Três — ela murmurou. — Devo estar mais exausta do que pensei.

— Você morou por muito tempo longe da laranjeira.

Aralaq caminhou até ela e farejou sua mão. Ead riu enquanto passava a língua em seu rosto. Ela se lembrava dele como um pacote de pelo rangendo, todo olhos e fungadelas, tropeçando em sua longa cauda.

Uma das irmãs o encontrou órfão em Ersyr e o trouxe para o Priorado, onde ela e Jondu foram encarregadas de cuidar dele. Elas o alimentaram com leite e restos de carne de cobra.

— Você deveria tomar banho. — Aralaq lambeu os dedos dela. — Você cheira a camelo.

Ead resmungou.

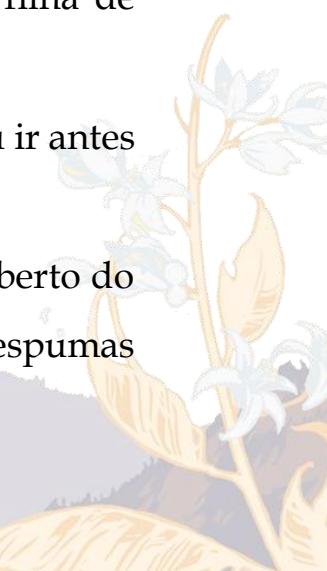
— Obrigada. Você tem um certo aroma pungente, você sabe.

Ela pegou a lamparina a óleo da cabeceira e o seguiu.

Ele a conduziu através dos túneis e escadas acima. Eles passaram por dois homens Lassianos — Filhos de Siyāti, que atendiam as irmãs. Ambos baixaram a cabeça quando Ead passou.

Quando chegaram à casa de banho, Aralaq cutucou seu quadril.

— Vá. Um servo irá levá-la para a Prioresa depois. — Olhos dourados olharam solenemente para ela. — Pise levemente em torno dela, filha de Zāla.



Seu rabo varreu em seu rastro quando ele saiu. Ela o observou ir antes de passar pela porta, em um interior à luz de velas.

Essa casa de banhos, assim como os solários, ficava do lado aberto do Priorado. Uma brisa agitava o vapor na superfície da água, como as espumas

das ondas do mar. Ead largou a lamparina a óleo e tirou o manto antes de descer na água. A cada passo, ela carregava a areia, a sujeira e o suor, deixando-a elegante e nova.

Ela usou sabão de cinzas para lavar a pele. Depois de tirar a areia do cabelo, ela deixou o calor acalmar seus ossos cansados da viagem.

Pise levemente.

Ichneumons não davam avisos levianos. A Prioresa gostaria de saber por que ela insistira tanto em ficar em Inys.

Você deve sempre ficar comigo, Ead Duryan.

— Irmã.

Ela virou a cabeça. Um dos Filhos de Siyāti estava na porta.

— A Prioresa convida você para jantar com ela — disse ele. — Suas vestes esperam por você.

— Obrigada.

Em seu quarto, ela demorou a se vestir. As roupas que haviam sido deixadas para ela não eram formais, mas eram adequadas à sua nova posição como postulante. Uma iniciada quando ela partiu para Inys, ela agora tinha concluído uma tarefa importante para o Priorado, tornando-a elegível para ser nomeada Donzela Vermelha. Só a Prioresa poderia decidir se ela era digna dessa honra.

Primeiro, um mantelete de seda marinha, que brilhava como ouro fiado e a cobria até o umbigo. Em seguida, vinha uma saia branca bordada. Uma faixa de vidro circundava um pulso — o pulso de sua mão em espada — e fios de pérolas de madeira pendurados em seu pescoço. Ela deixou o cabelo solto e úmido.

Essa nova Prioresa não a via desde os dezessete anos. Enquanto ela servia um pouco de vinho para se acalmar, ela avistou seu reflexo na superfície de sua faca de comer.

Lábios carnudos. Olhos como mel de carvalho, sobrancelhas baixas e retas acima deles. Seu nariz era fino na ponta, largo no final. Tudo isso ela reconheceu. No entanto, agora ela viu, pela primeira vez, como a feminilidade a mudou. Havia evidenciado suas maçãs do rosto e eliminado os ciclos da juventude. Também havia uma magreza nela, do tipo de fome que só os guerreiros do Priorado entendiam.

Ela parecia com as mulheres que ela desejava ser quando estava crescendo. Como se ela fosse feita de pedra.

— Você está pronta, irmã?

O homem estava de volta. Ead alisou sua saia.

— Sim, — ela disse. — Leve-me até ela.



Quando Cleolind Onjenyu fundou o Priorado da Laranjeira, ela abandonou sua vida como princesa do Sul e desapareceu com suas servas no Vale do Sangue. Elas haviam nomeado seu refúgio em desafio a Galian. Na época de sua chegada, os cavaleiros das Ilhas de Inysca haviam feito seus votos em prédios chamados priorados. Galian planejava fundar o primeiro priorado do sul em Yikala.

Devo fundar um priorado de um tipo diferente, disse Cleolind, e nenhum cavaleiro covarde crescerá em meu jardim.

A própria Mãe fora a primeira Prioresa. A segunda foi Siyāti uq-Nāra, de quem muitos dos irmãos e irmãs do Priorado, inclusive Ead, reivindicaram descendência. Após a morte de cada Prioresa, a próxima seria escolhida pelas Donzelas Vermelhas.

A Prioresa estava sentada à mesa com Chassar. Ao ver Ead, ela se levantou e a pegou pelas mãos.

— Filha amada. — Ela deu um beijo na bochecha. — Bem-vinda de volta a Lasia.

Ead devolveu o gesto.

— Que a chama da Mãe a sustente, Prioresa.

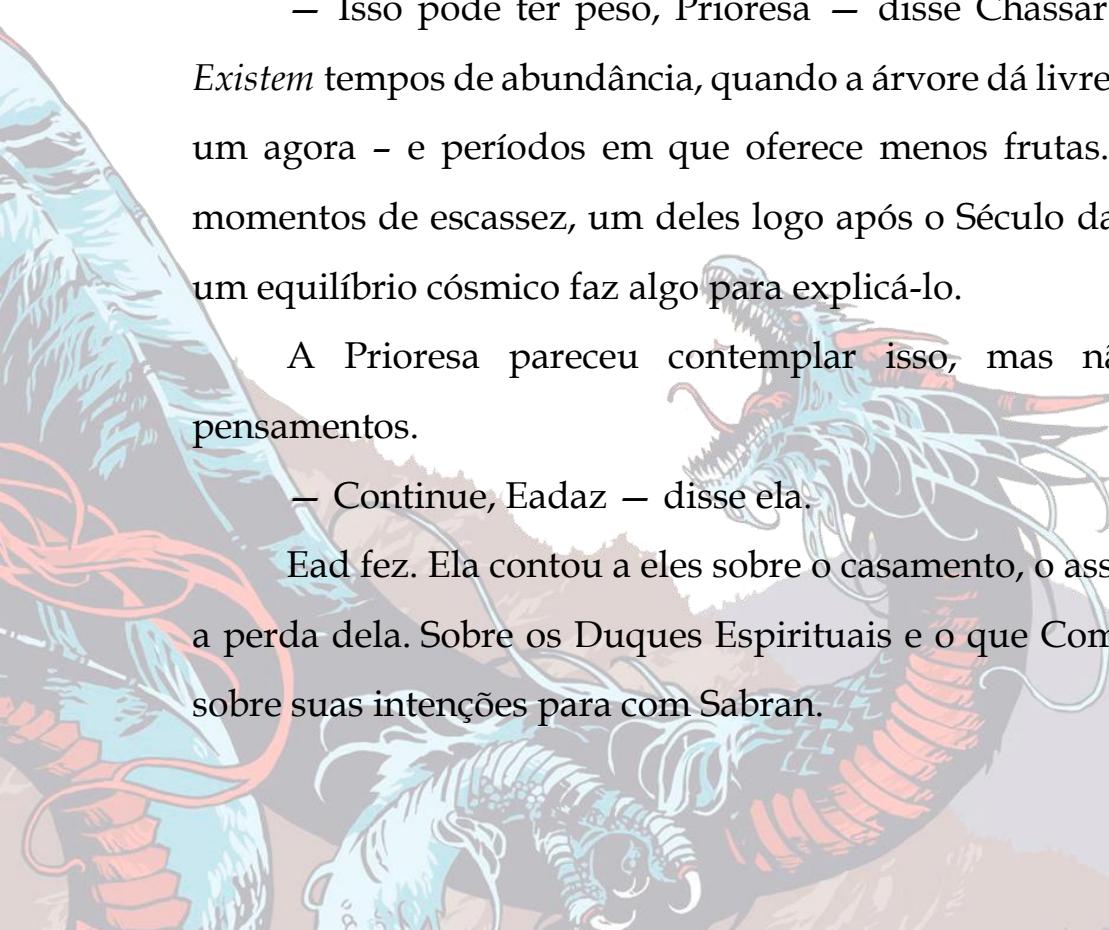
— E a você.

Olhos castanhos a observaram, notando as mudanças, antes que a mulher mais velha voltasse para seu assento.

Mita Yedanya, ex-*munguna* – a suposta herdeira – deveria agora estar em sua quinta década. Ela era construída como uma espada larga, larga nos ombros e longa no corpo. Como Ead, ela era descendente de Lasian e Ersyri, sua pele como areia banhada pelo mar. Cabelo preto, agora com fios de prata, estava perfurado com um alfinete de madeira.

Sarsun chiou uma saudação de seu poleiro. Chassar estava no meio de uma mistura de yogush e cordeiro assado. Ele parou para sorrir para ela. Ead sentou-se ao lado dele, e um filho de Siyāti colocou uma tigela de ensopado de amendoim diante dela.

Pratos de comida circulavam a mesa. Queijo branco, tâmaras com mel, maçãs de palma e damascos, pão sírio quente coroado com grão de bico triturado, arroz com cebola e tomate ameixa, peixe seco ao sol, amêijoas



fumegantes, banana-da-terra vermelha picada e temperada. Sabores que ela desejou por quase uma década.

— Uma menina nos deixou e uma mulher voltou — disse a Prioresa enquanto o filho de Siyāti servia Ead toda a comida que ele podia colocar em seu prato. — Não quero apressá-la, mas devemos saber as circunstâncias em que você deixou Inys. Chassar me disse que você foi exilada.

— Eu fugi para escapar da prisão.

— O que aconteceu, filha?

Ead serviu-se de uma jarra de vinho de tamareira, dando-se alguns momentos para pensar.

Ela começou com Truyde utt Zeedeur e seu caso com o escudeiro. Ela contou a eles sobre Triam Sulyard e sua travessia para o Leste. Ela contou a eles sobre a Placa de Rumelabar e a teoria que Truyde havia tirado dela. Uma história de equilíbrio cósmico — de fogo e estrelas.

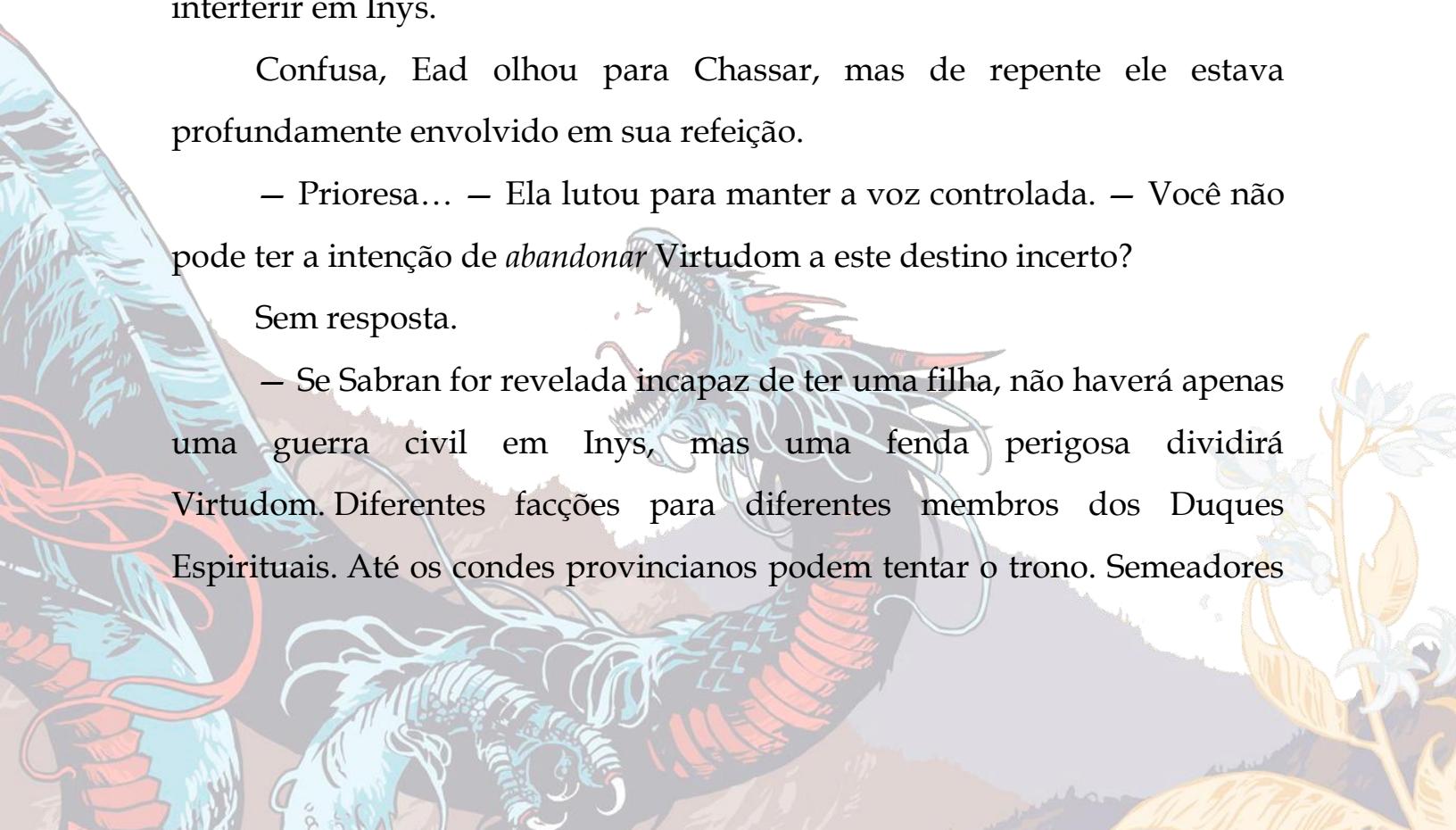
— Isso pode ter peso, Prioresa — disse Chassar pensativamente. — *Existem* tempos de abundância, quando a árvore dá livremente — estamos em um agora — e períodos em que oferece menos frutas. Houve dois desses momentos de escassez, um deles logo após o Século da Dor. Esta teoria de um equilíbrio cósmico faz algo para explicá-lo.



A Prioresa pareceu contemplar isso, mas não expressou seus pensamentos.

— Continue, Eadaz — disse ela.

Ead fez. Ela contou a eles sobre o casamento, o assassinato, a criança e a perda dela. Sobre os Duques Espirituais e o que Combe havia insinuado sobre suas intenções para com Sabran.



Ela deixou algumas coisas de fora, é claro.

— Agora ela não consegue conceber, sua legitimidade está ameaçada. Pelo menos uma pessoa no palácio, este Copeiro, tem tentado assassiná-la, ou pelo menos assustá-la, — Ead concluiu. — Devemos enviar mais irmãs, ou acredito que os Duques Espirituais se moverão em direção ao trono. Agora eles sabem seu segredo, ela está à mercê deles. Eles poderiam usá-lo para chantageá-la. Ou simplesmente usurpar ela.

— Guerra civil. — A Prioresa franziu os lábios. — Eu disse a nossa última Prioresa que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde, mas ela não me ouvia. — Ela cortou uma fatia de melão. — Não vamos mais nos intrometer nos assuntos de Inysh.

Ead tinha certeza de que ela devia ter ouvido mal.

— Prioresa — disse ela —, posso perguntar o que você quer dizer?

— Quero dizer exatamente o que eu disse. Que o Priorado não vai mais interferir em Inys.

Confusa, Ead olhou para Chassar, mas de repente ele estava profundamente envolvido em sua refeição.

— Prioresa... — Ela lutou para manter a voz controlada. — Você não pode ter a intenção de *abandonar* Virtudom a este destino incerto?

Sem resposta.

— Se Sabran for revelada incapaz de ter uma filha, não haverá apenas uma guerra civil em Inys, mas uma fenda perigosa dividirá Virtudom. Diferentes facções para diferentes membros dos Duques Espirituais. Até os condes provincianos podem tentar o trono. Semeadores

da desgraça vaguearão pelas cidades. E em meio a esse caos, Fýredel tomará o poder.

A Prioresa mergulhou os dedos em um prato com água, lavando o suco do melão.

— Eadaz — ela disse — o Priorado da Laranjeira é a vanguarda contra os wyrm. Tem sido assim há mil anos. — Ela olhou Ead nos olhos. — Ele *não* existe para segurar monarquias falhando. Ou para interferir em guerras estrangeiras. Não somos políticos, guarda-costas ou mercenários. Somos vasos da chama sagrada.

Ead esperou.

— Como disse Chassar, há registros que indicam períodos de escassez no Priorado. Se nossos estudiosos acertaram, haverá outro em breve. Provavelmente estaremos em guerra com o Exército Dracônico até e durante todo esse período. Talvez com o próprio Inominável — continuou a Prioresa. — Devemos estar prontos para a luta mais cruel desde o Século da Dor. Consequentemente, devemos concentrar nossos esforços no Sul e conservar os recursos sempre que possível. Nós *devemos* resistir à tempestade.

— Claro, mas...

— Portanto — a Prioresa cortou-a —, não vou mandar *nenhuma* irmã para as garras de uma guerra civil em Virtudom, para salvar uma rainha que quase caiu. Nem vou arriscar que elas sejam executadas por heresia. Não quando elas poderiam estar caçando os wyrms. Ou apoiando nossos velhos amigos nas cortes do Sul.

— Prioresa — disse Ead, frustrada. — Certamente o propósito do Priorado é proteger a humanidade.

— Ao derrotar o mal Dracônico neste mundo.

— Se pretendemos derrotar esse mal, deve haver estabilidade no mundo. O Priorado é o primeiro escudo contra os wyrms, mas não podemos vencer sozinhos — enfatizou Ead. — Virtudom tem grande força militar e naval. A única maneira de mantê-lo coeso e evitar que se destrua por dentro é manter Sabran Berethnet viva e no tro...

— Já basta.

Ead não disse mais nada. Houve um silêncio na sala que pareceu durar horas.

— Você é obstinada, Eadaz. Como Zalá era — disse a Prioresa, com mais suavidade. — Eu respeitei nossa última Prioresa em sua decisão de colocá-la em Inys. Ela acreditava que era o que a Mãe queria... mas eu acredito no contrário. É hora de se preparar. É hora de olhar para os nossos e se preparar para a guerra. — Ela balançou a cabeça. — Não terei você repetindo orações repugnantes em Ascalon por mais uma temporada.

— Então foi tudo para nada. Anos trocando lençóis — disse Ead asperamente —, por nada.

O olhar que a Prioresa deu a ela gelou sua alma. Chassar pigarreou.

— Mais vinho, Prioresa?

Ela deu um leve aceno de cabeça em retorno, e ele serviu.

— Não foi à toa. — A Prioresa o deteve quando sua taça estava quase cheia. — Minha predecessora acreditava que a afirmação Berethnet podia ser verdadeira e que a possibilidade tornava suas rainhas dignas de proteção,

mas seja ou não, você nos disse que Sabran é agora a última da linhagem. Virtudom *vai* cair, seja agora ou no futuro próximo, quando sua esterilidade for exposta.

- E o Priorado não fará *nenhuma* tentativa de suavizar essa queda.
- Ead não tinha estômago para isso. — Você quer nos deixar ficar parados e assistir enquanto metade do mundo desce ao caos.
- Não cabe a nós mudar o curso natural da história. — A Prioresa pegou sua taça. — Devemos olhar para o Sul agora, Eadaz. Para o nosso propósito.

Ead ficou rígida em sua cadeira.

Ela pensou em Loth e Margret. Crianças inocentes como Tallys. Sabran, sozinha e enlutada em sua torre. Tudo perdido.

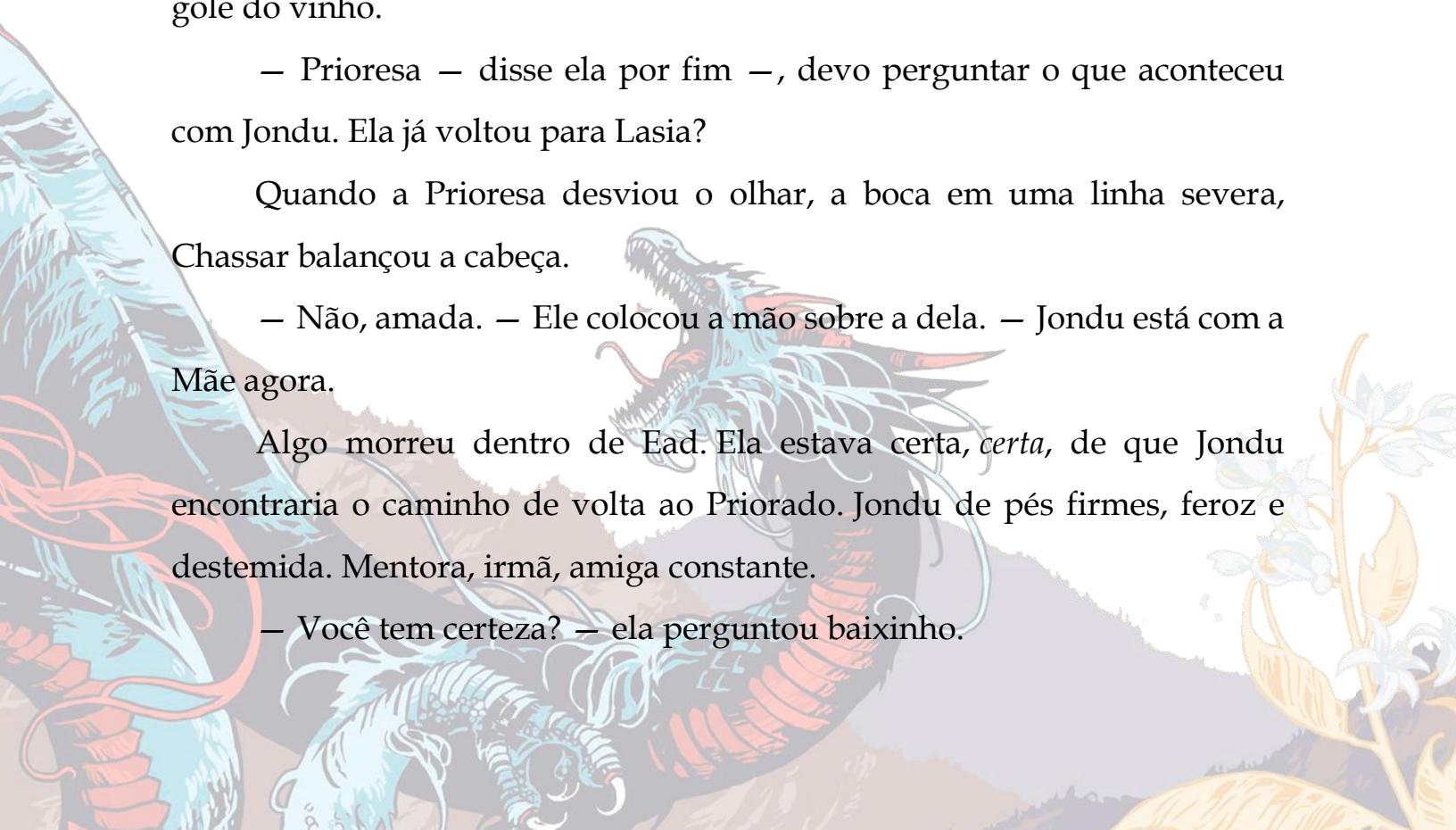
A última Prioresa não teria tolerado essa indiferença. Ela sempre acreditou que a Mãe queria que o Priorado protegesse e apoiasse a humanidade em todos os cantos do mundo.

— Fýredel agora está acordado — disse a Prioresa, enquanto Ead trancava o queixo. — Seus irmãos, Valeysa e Orsul, também foram avistados — a primeira no leste, o último aqui no Sul. Você nos contou sobre esta Wyrm Branca, que devemos assumir que é um novo poder, em parceria com os outros. Devemos despachar todos os quatro para apagar a chama do Exército Dracônico.

Chassar concordou.

— Onde no Sul está Orsul? — Ead perguntou, quando ela conseguiu falar sem uma explosão.

— Ele foi visto pela última vez perto do Portão de Ungulus.



A Prioresa enxugou o canto da boca com linho. Um filho de Siyāti pegou o prato dela.

— Eadaz — disse ela —, você concluiu uma tarefa de importância para o Priorado. É hora, filha, de você pegar o manto de uma Donzela Vermelha. Não tenho dúvidas de que você será uma de nossas melhores guerreiras.

Mita Yedanya era uma mulher direta, viva em tudo. Ela entregou a Ead seu sonho como se fosse um pedaço de fruta em uma bandeja. Seus anos em Inys tinham o único propósito de trazê-la para mais perto daquele manto.

No entanto, o momento da oferta foi proposital, e ficou preso em sua garganta. A Prioresa estava usando isso para conciliá-la. Como se ela fosse uma criança que se distraia com uma bugiganga.

— Obrigado — disse Ead. — Eu estou honrada.

Ead e Chassar comeram em silêncio por um tempo, e Ead tomou um gole do vinho.

— Prioresa — disse ela por fim —, devo perguntar o que aconteceu com Jondu. Ela já voltou para Lasia?

Quando a Prioresa desviou o olhar, a boca em uma linha severa, Chassar balançou a cabeça.

— Não, amada. — Ele colocou a mão sobre a dela. — Jondu está com a Mãe agora.

Algo morreu dentro de Ead. Ela estava certa, *certa*, de que Jondu encontraria o caminho de volta ao Priorado. Jondu de pés firmes, feroz e destemida. Mentora, irmã, amiga constante.

— Você tem certeza? — ela perguntou baixinho.

— Sim.

A dor floresceu fortemente em seu diafragma. Ela fechou os olhos, imaginou aquela dor como uma vela e a apagou.

Mais tarde. Ela deixaria a dor queimar quando houvesse espaço para respirar.

— Ela não morreu em vão — continuou Chassar. — Ela partiu para encontrar a espada de Galian, o Enganador. Ela não encontrou Ascalon em Inys — mas encontrou outra coisa.

Sarsun bateu uma garra em seu poleiro. Entorpecida com a notícia, Ead olhou estupidamente para o objeto ao lado dele.

Uma caixa.

— Não sabemos como abri-la — admitiu Chassar enquanto Ead se levantava. — Um enigma se interpõe entre nós e seu segredo.

Lentamente, Ead se aproximou da caixa e passou o dedo pelas ranhuras em sua superfície. O que o olho não instruído veria como mera decoração, ela sabia ser Selinyi, aquela língua antiga do Sul, as letras se enrolavam e se entrelaçavam para dificultar a leitura.

uma chave sem fechadura ou costura

para elevar o mar em tempos de conflito

fechou-se em nuvens de sal e vapor

abre com uma lâmina de ouro

— Presumo que você já tenha experimentado todas as lâminas do Priorado — disse Ead.

— Claro.

— Talvez se refira a Ascalon, então.

— Foi dito que Ascalon tinha uma lâmina de prata. — Chassar suspirou. — Os Filhos de Siyāti estão procurando nos arquivos uma resposta.

— Devemos rezar para que a encontrem — disse a Prioresa. — Se Jondu estava disposta a morrer para colocar esta caixa em nossa posse, ela deve ter sentido que poderíamos abri-la. Dedicada até o fim. — Ela olhou para Ead novamente. — Por enquanto, Eadaz, você deve sair e comer da árvore. Depois de oito anos, sei que seu fogo acabou. — Ela fez uma pausa. — Você gostaria que uma de suas irmãs fosse com você?

— Não — disse Ead. — Eu irei sozinha.



O entardecer se transformou em noite. Quando as estrelas estavam queimando sobre o Vale de Sangue, Ead começou a descida.

Mil passos a levaram até o sopé do vale. Seus pés descalços afundaram na grama e na argila. Ela parou por um momento, para respirar na noite, antes de deixar seu robe cair.

Flores brancas espalharam-se pelo vale. A laranjeira apareceu, seus galhos se espalharam como mãos abertas. Cada passo que ela deu em direção a ela queimava sua garganta. Ela cruzou meio mundo para voltar aqui, para a fonte de seu poder.

A noite parecia envolvê-la enquanto ela caía de joelhos. Quando seus dedos afundaram na terra, as lágrimas de alívio transbordaram, e cada respiração veio como o arrastar de uma lâmina em sua garganta. Ela se

esqueceu de todos que ela já conheceu. Havia apenas a árvore. A doadora de fogo. Era seu único propósito, sua razão de viver. E a chamava, depois de oito anos, prometendo a chama sagrada.

Em algum lugar próximo, a Prioresa, ou uma das Donzelas Vermelhas, estaria assistindo. Elas precisavam ver que ela ainda era digna dessa posição. Somente a árvore poderia decidir quem era digno.

Ead ergueu as palmas das mãos e esperou, como a safra espera pela chuva.

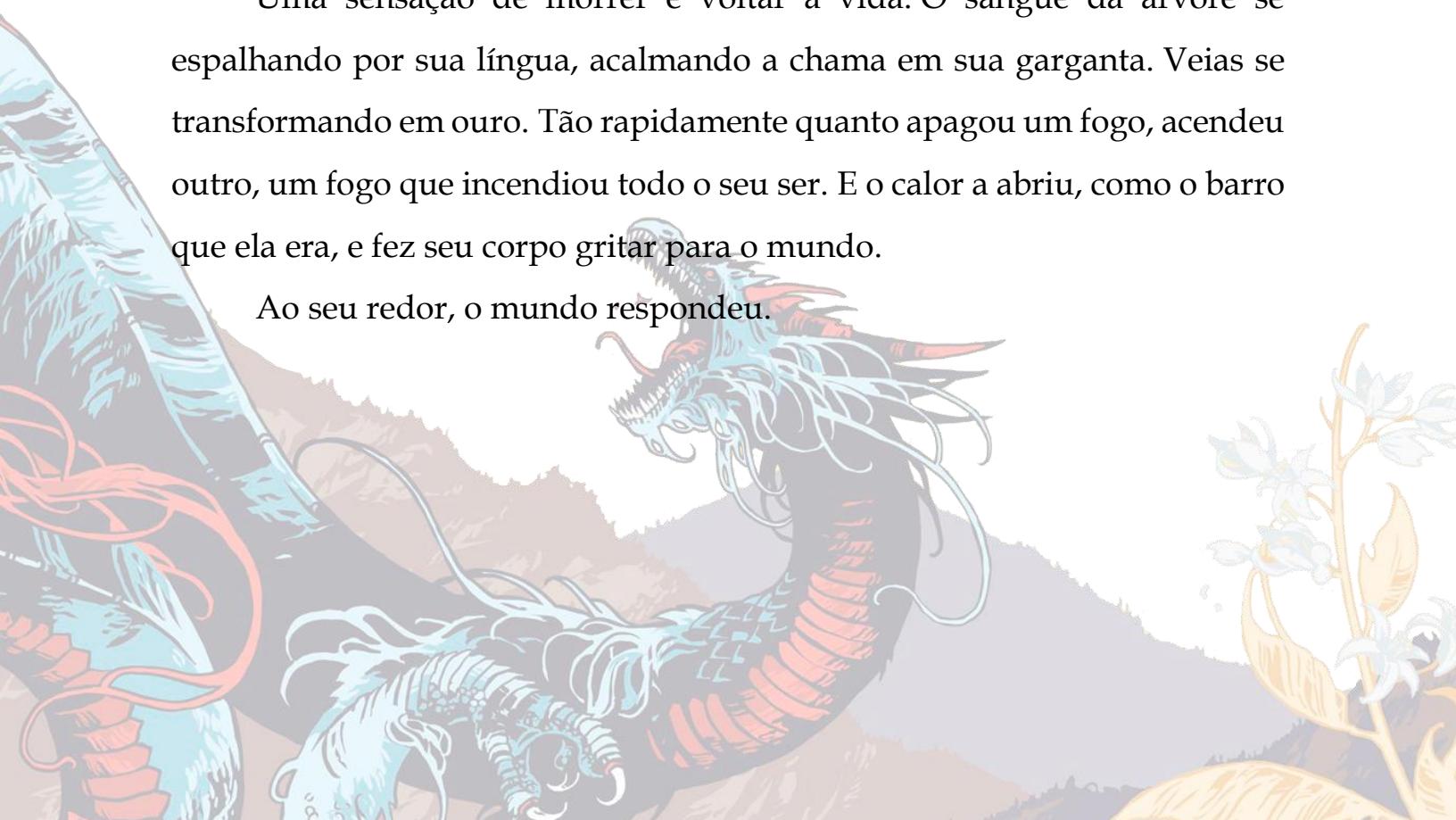
Encha-me com seu fogo novamente. Ela guardou a oração em seu coração. Deixe-me atendê-la.

A noite ficou muito quieta. E então – lentamente, como se estivesse afundando na água – uma fruta dourada caiu do alto.

Ela a pegou com as duas mãos. Com um soluço ofegante, ela afundou os dentes.

Uma sensação de morrer e voltar à vida. O sangue da árvore se espalhando por sua língua, acalmando a chama em sua garganta. Veias se transformando em ouro. Tão rapidamente quanto apagou um fogo, acendeu outro, um fogo que incendiou todo o seu ser. E o calor a abriu, como o barro que ela era, e fez seu corpo gritar para o mundo.

Ao seu redor, o mundo respondeu.



Capítulo 40

Leste

A chuva caía sobre o mar de Sundance. Era meio-dia, mas a Frota do Olho do Tigre mantinha suas luzes acesas.

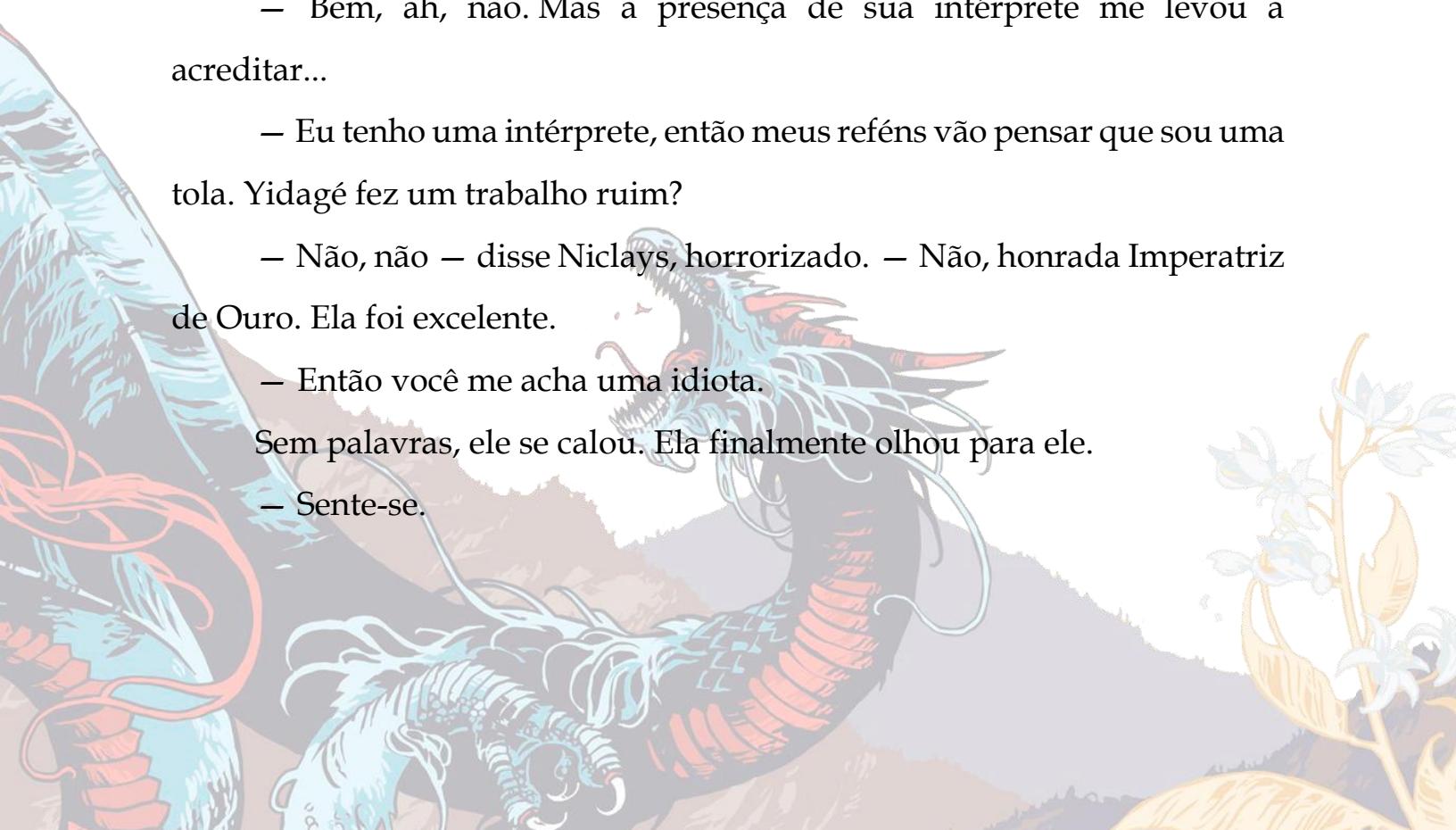
Laya Yidagé cruzou o *Perseguição*. Enquanto a seguia, tremendo em seu manto encharcado, Niclays não pôde deixar de olhar para o céu confuso, como fazia todos os dias durante semanas.

Valeysa, a Angustiada, estava acordada. A visão dela acima dos navios, cantando e infernal, ficaria gravada em sua mente para sempre.

Ele tinha visto pinturas suficientes para reconhecê-la. Com escamas de espinhos laranja e dourado queimados, ela era uma brasa viva, tão brilhante como se tivesse acabado de ser vomitada da Montanha do Pavor.

Agora ela estava de volta e, a qualquer momento, poderia reaparecer e reduzir o *Perseguição* a cinzas. Poderia, pelo menos, ser mais rápida do que qualquer morte horrível que os piratas inventariam para ele se tivesse a infelicidade de irritá-los. Ele estava no navio do tesouro há semanas e até então não tinha conseguido ter sua língua cortada ou uma mão decepada, mas ele vivia na expectativa.

Seu olhar disparou para o horizonte. Três navios de ferro Seiikinenses os perseguiram por dias, mas assim como a Imperatriz Dourada havia previsto, eles não se aproximaram o suficiente para lutar. Agora



o *Perseguição* estava se movendo para o Leste novamente, em direção a Kawontay, onde os piratas venderiam o dragão Lacustrine. Niclays gostaria de saber o que fariam com ele.

A chuva salpicava seus óculos. Ele os esfregou em vão e correu atrás de Laya.

A Imperatriz Dourada convocou os dois para sua cabine, onde um fogão compensava o frio. Ela estava na cabeceira da mesa, vestindo um casaco acolchoado e um chapéu de pele de lontra.

— Lua do Mar — disse ela —, sente-se.

Niclays mal tinha aberto a boca desde que Valeysa o apavorou profundamente, mas agora ele se pegou deixando escapar:

— Você fala Seiikinês, honrada capitã?

— Claro que falo Seiikinense porra. — Seu olhar estava na mesa, onde um mapa detalhado do Oriente foi pintado. — Você me acha uma idiota?

— Bem, ah, não. Mas a presença de sua intérprete me levou a acreditar...

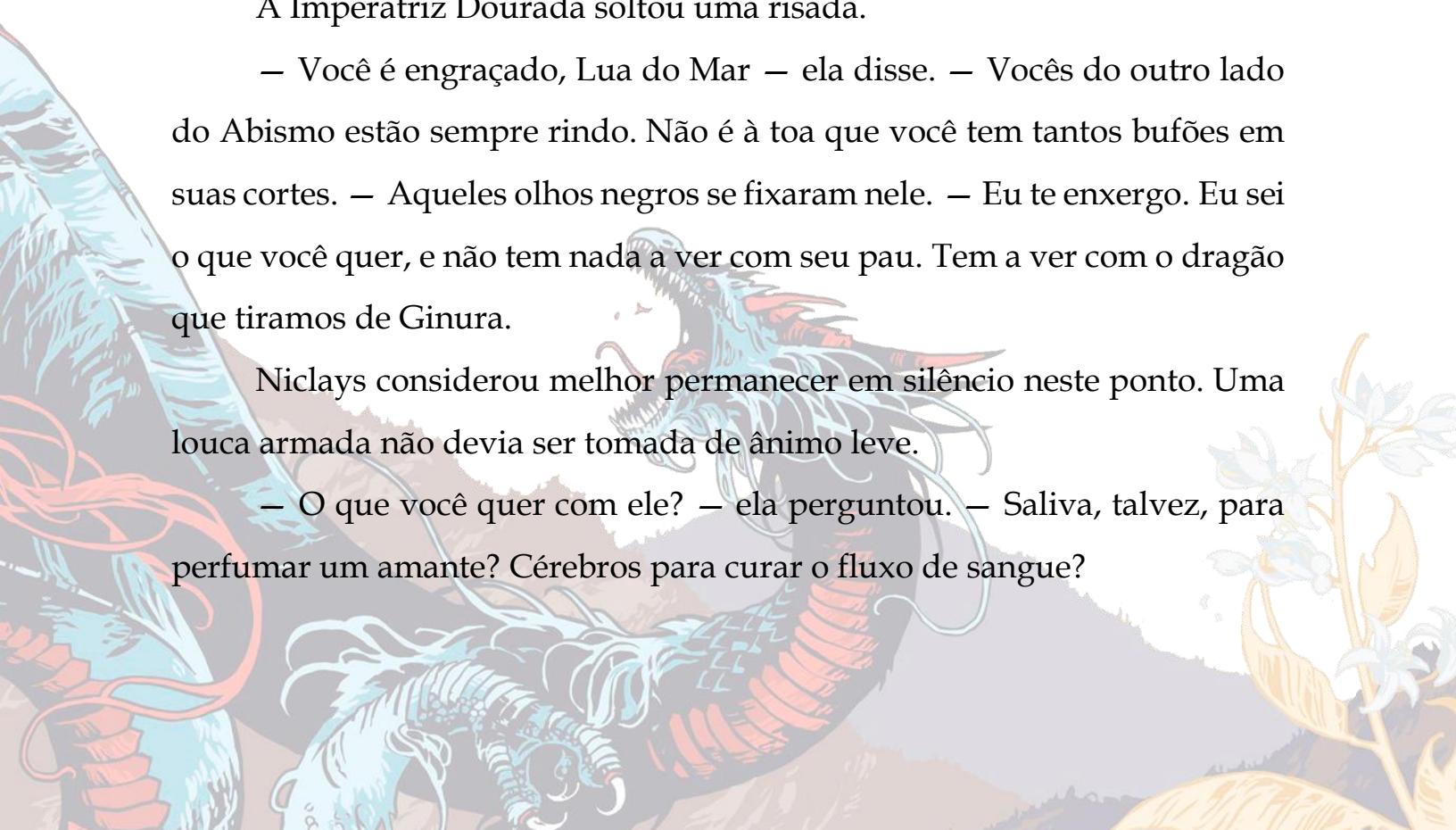
— Eu tenho uma intérprete, então meus reféns vão pensar que sou uma tola. Yidagé fez um trabalho ruim?

— Não, não — disse Niclays, horrorizado. — Não, honrada Imperatriz de Ouro. Ela foi excelente.

— Então você me acha uma idiota.

Sem palavras, ele se calou. Ela finalmente olhou para ele.

— Sente-se.



Ele sentou. Olhando para ele, a Imperatriz Dourada tirou uma faca de comer de seu cinto e passou a ponta sob suas unhas de centímetros de comprimento, cada uma delas pintada de preto.

— Passei trinta anos em alto mar — disse ela. — Já lidei com muitos tipos de pessoas, de pescadores a Vice-reis. Eu descobri quem eu preciso torturar, quem eu preciso matar e quem vai contar seus segredos, ou compartilhar suas riquezas, sem derramamento de sangue. — Ela girou a faca em sua mão. — Antes de ser feita refém de piratas, eu era dona de um bordel em Xothu. Sei mais sobre as pessoas do que elas próprias. Eu conheço mulheres. Eu também conheço os homens, desde suas mentes até seus pênis. E eu sei como julgá-los quase à primeira vista.

Niclays engoliu em seco.

— Se pudéssemos deixar os paus fora disso. — Ele ofereceu um sorriso tenso. — Por mais velho que seja, ainda estou apegado ao meu.

A Imperatriz Dourada soltou uma risada.

— Você é engraçado, Lua do Mar — ela disse. — Vocês do outro lado do Abismo estão sempre rindo. Não é à toa que você tem tantos bufões em suas cortes. — Aqueles olhos negros se fixaram nele. — Eu te enxergo. Eu sei o que você quer, e não tem nada a ver com seu pau. Tem a ver com o dragão que tiramos de Ginura.

Niclays considerou melhor permanecer em silêncio neste ponto. Uma louca armada não devia ser tomada de ânimo leve.

— O que você quer com ele? — ela perguntou. — Saliva, talvez, para perfumar um amante? Cérebros para curar o fluxo de sangue?

— Qualquer coisa. — Niclays pigarreou. — Eu sou um alquimista, você vê, honrada Imperatriz de Ouro.

— Um alquimista.

Seu tom era mordaz.

— Sim — disse Niclays, com grande sentimento. — Um mestre do método. Estudei a arte na universidade.

— Tive a impressão de que você havia estudado anatomia. Foi por isso que te dei um posto. Deixei você viver.

— Oh, *sim* — disse ele apressadamente. — *Sou* um anatomista, um excelente, garanto, um gigante da minha área, mas também busquei a alquimia por paixão pelo assunto. Há muitos anos busco o segredo da vida eterna. Embora eu ainda não tenha sido capaz de preparar um elixir, acredito que os dragões Orientais poderiam me ajudar. Seus corpos envelhecem ao longo de milhares de anos, e se eu pudesse recriar isso...

Ele parou, esperando o julgamento dela. Ela nunca tirou o olhar dele.

— Então — ela disse —, você deseja me persuadir de que seu cérebro não é tão macio quanto sua coluna. Sem dúvida, seria mais simples para mim cortar o topo do seu crânio e ver por mim mesma.

Niclays não ousou responder.

— Acho que poderíamos chegar a um acordo, Lua do Mar. Talvez você seja o tipo de homem que sabe fazer negócios. — A Imperatriz Dourada enfiou a mão no casaco. — Você disse que este item foi legado a você por um amigo. Conte-me mais sobre ele.

Ela puxou um pedaço familiar de escrita. Em sua mão enluvada estava o último pedaço de Jannart.

— Eu quero saber — disse ela — , quem deu isso a você. — Quando ele ficou em silêncio, ela o aproximou do fogão. — Me responda.

— O amor da minha vida — disse Niclays, com o coração disparado. — Jannart, Duque de Zeedeur.

— Você sabe o que é isso?

— Não. Só que ele legou para mim.

— Por quê?

— Quem dera eu soubesse.

A Imperatriz Dourada estreitou os olhos.

— Por favor — disse Niclays com voz rouca. — Esse fragmento de escrita é tudo o que me resta dele. Tudo o que resta.

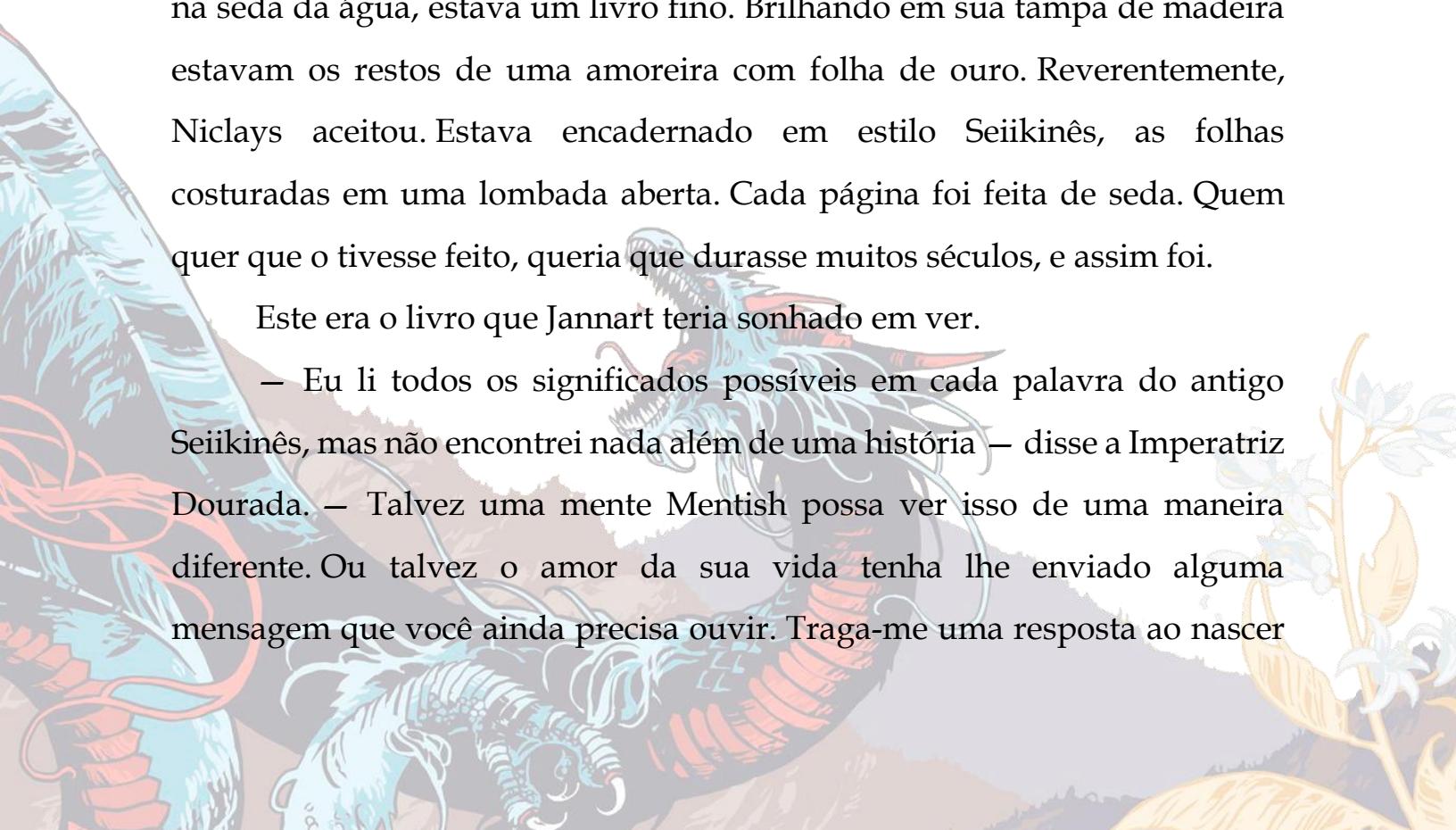
O canto de sua boca se ergueu. Ela colocou o fragmento na mesa. A gentileza com que ela lidou com ele fez Niclays perceber que ela nunca teria posto fogo nele.

Tolo, ele pensou. Nunca mostre sua fraqueza.

— Este escrito — , disse a Imperatriz Dourada — , faz parte de um texto Oriental de muito tempo atrás. Fala de uma fonte de vida eterna. Uma amoreira. — Ela deu um tapinha. — Há muitos anos que procuro esta peça que faltava. Eu esperava que contivesse instruções, mas não fornece a localização desta árvore. Tudo o que faz é completar a história.

— Não é apenas... uma lenda, toda honrada Imperatriz de Ouro?

— Todas as lendas contêm verdade. Eu deveria saber — ela disse. — Alguns dizem que eu comi o coração de um tigre e isso me deixou louca. Alguns dizem que sou uma fantasma da água. O que é verdade é que eu desprezo os chamados deuses do Oriente. Todos os boatos que me cercam



derivam disso. — Ela bateu um dedo no texto. — Duvido que a amoreira tenha crescido no seio do mundo, como afirma a história. O que *não* tenho dúvidas é que esconde o segredo da vida eterna. Então você vê, você não precisará danificar um dragão.

Niclays não conseguia entender isso. Jannart havia herdado a chave da alquimia.

A Imperatriz Dourada o considerou. Ele percebeu pela primeira vez que havia entalhes ao longo de seu braço de madeira. Ela acenou para Laya, que havia recuperado uma caixa de madeira dourada debaixo do trono.

— Aqui está a minha oferta. Se você puder resolver este quebra-cabeça e nos encontrar o caminho para a amoreira — a Imperatriz Dourada disse — eu vou deixar você beber o elixir da vida com ele. Você vai compartilhar nossos despojos.

Laya trouxe a caixa para Niclays e levantou a tampa. Dentro, aninhado na seda da água, estava um livro fino. Brilhando em sua tampa de madeira estavam os restos de uma amoreira com folha de ouro. Reverentemente, Niclays aceitou. Estava encadernado em estilo Seiikinês, as folhas costuradas em uma lombada aberta. Cada página foi feita de seda. Quem quer que o tivesse feito, queria que durasse muitos séculos, e assim foi.

Este era o livro que Jannart teria sonhado em ver.

— Eu li todos os significados possíveis em cada palavra do antigo Seiikinês, mas não encontrei nada além de uma história — disse a Imperatriz Dourada. — Talvez uma mente Mentish possa ver isso de uma maneira diferente. Ou talvez o amor da sua vida tenha lhe enviado alguma mensagem que você ainda precisa ouvir. Traga-me uma resposta ao nascer

do sol em três dias, ou talvez descubra que estou cansada do meu novo cirurgião. E quando me canso das coisas, elas não duram muito neste mundo.

Com o estômago embrulhado, Niclays correu os polegares pelo livro.

— Sim, toda honrada Imperatriz de Ouro — ele sussurrou.

Laya o levou embora.

Lá fora, o ar estava tenso e frio.

— Bem — disse Niclays pesadamente —, suspeito que este será um de nossos últimos encontros, Laya.

Ela franziu o cenho.

— Você está perdendo as esperanças, Niclays?

— Não vou resolver esse mistério em *três dias*, Laya. Mesmo se eu tivesse trezentos, não poderia.

Laya o segurou pelos ombros e a força de seu aperto o deteve.

— Esse Jannart, o homem que você amava — disse ela, olhando-o bem nos olhos. — Você acha que ele gostaria que você desistisse ou continuasse?

— Eu não *quero* continuar! Você não entende? Ninguém neste mundo entende, maldito seja? Ninguém mais está assombrado? — Um estremecimento de ira entrou em sua voz. — Tudo que eu fiz, tudo que eu fui, tudo que sou, é por causa dele. Ele era alguém antes de mim. Eu não sou ninguém sem ele. Cansei de viver sem ele ao meu lado. Ele me deixou por aquele livro e, pelo Santo, eu me ressinto dele por isso. Eu me ressinto dele a cada minuto de cada dia. — Sua voz falhou. — Vocês, Lassianos, acreditam na vida após a morte, não é?

Laya o estudou.

— Alguns de nós, sim. O Pomar das Divindades — disse ela. — Ele pode estar esperando por você lá, ou na Grande Mesa do Santo. Ou talvez ele não esteja em lugar nenhum. O que quer que tenha acontecido com ele, *você* ainda está aqui. E você está aqui por um motivo. — Ela segurou a palma da mão calejada em sua bochecha. — Você tem um fantasma, Niclays. Não se torne um fantasma você mesmo.

Quantos anos se passaram desde que alguém tocou seu rosto ou olhou para ele com simpatia?

— Boa noite — disse ele. — E obrigado, Laya.

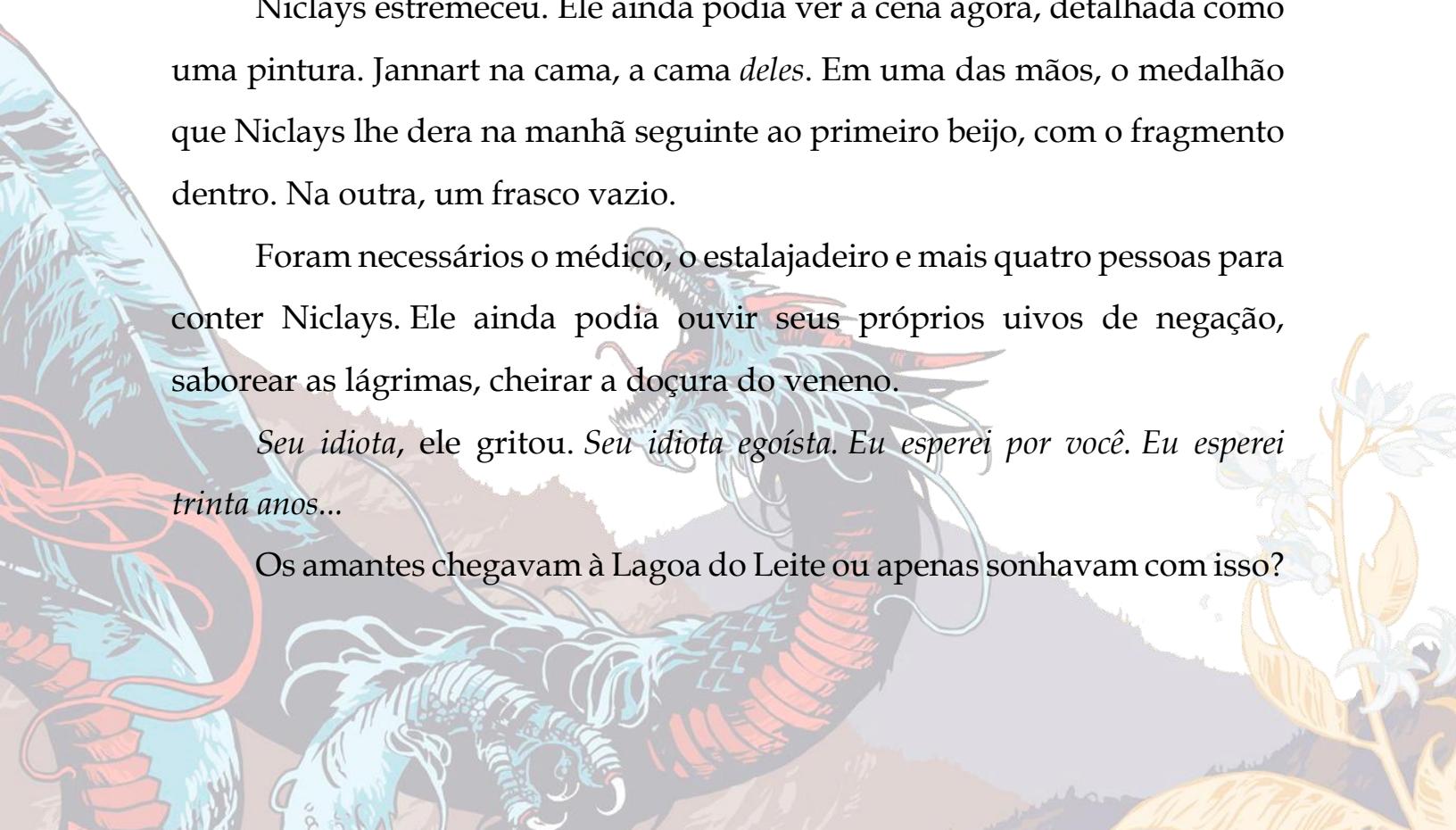
Ele a deixou.

Em seu trecho de chão, ele se deitou de lado e pressionou um punho sobre a boca. Ele havia fugido de Mentendon. Ele havia fugido do Ocidente. Não importava o quão longe ele corresse, seu fantasma ainda o seguia.

Era tarde demais. Ele estava louco de tristeza. Ele estava louco há anos. Ele havia perdido a cabeça na noite em que encontrou Jannart morto no Sol em Esplendor, a pousada que tinha sido seu ninho de amor.

Fazia uma semana que Jannart deveria retornar de sua viagem, mas ninguém o tinha visto. Incapaz de encontrá-lo na corte, e com a palavra de Aleidine de que ele não estava em Zeedeur, Niclays fora para o único outro lugar onde poderia estar.

O cheiro de vinagre o atingiu primeiro. Um médico com uma máscara contra a peste estava fora da sala, pintando asas vermelhas na porta. E quando Niclays passou por ela e entrou no quarto deles, lá estava Jannart,



deitado como se estivesse dormindo, as mãos vermelhas cruzadas sobre o peito.

Jannart mentiu para todos. A biblioteca onde ele esperava encontrar respostas não era em Wilgaström, mas em Gulthaga, a cidade arrasada com a erupção da Montanha do Pavor. Sem dúvida ele pensava que as ruínas estariam seguras, mas ele devia saber que havia um risco. Enganou sua família e o homem que amava. Tudo para que ele pudesse costurar um único buraco na história.

Um wyvern estava dormindo nos corredores há muito mortos de Gulthaga. Uma mordida foi o suficiente.

Não havia cura. Jannart sabia disso e queria partir antes que seu sangue começasse a queimar e sua alma fosse queimada. E então ele foi ao mercado das sombras disfarçado e obteve um veneno chamado pó da eternidade. Deu uma morte tranquila.

Niclays estremeceu. Ele ainda podia ver a cena agora, detalhada como uma pintura. Jannart na cama, a cama *deles*. Em uma das mãos, o medalhão que Niclays lhe dera na manhã seguinte ao primeiro beijo, com o fragmento dentro. Na outra, um frasco vazio.

Foram necessários o médico, o estalajadeiro e mais quatro pessoas para conter Niclays. Ele ainda podia ouvir seus próprios uivos de negação, saborear as lágrimas, cheirar a doçura do veneno.

Seu idiota, ele gritou. Seu idiota egoísta. Eu esperei por você. Eu esperei trinta anos...

Os amantes chegavam à Lagoa do Leite ou apenas sonhavam com isso?

Ele agarrou a cabeça entre as mãos. Com a morte de Jannart, ele perdeu metade de si mesmo. A parte dele pela qual valia a pena viver. Ele fechou os olhos, a cabeça doendo, o peito arfando - e quando caiu em um cochilo intermitente, sonhou com o quarto no topo do palácio de Brygstad.

Há uma mensagem oculta nisso, Clay.

Ele sentiu o gosto de vinho preto na língua.

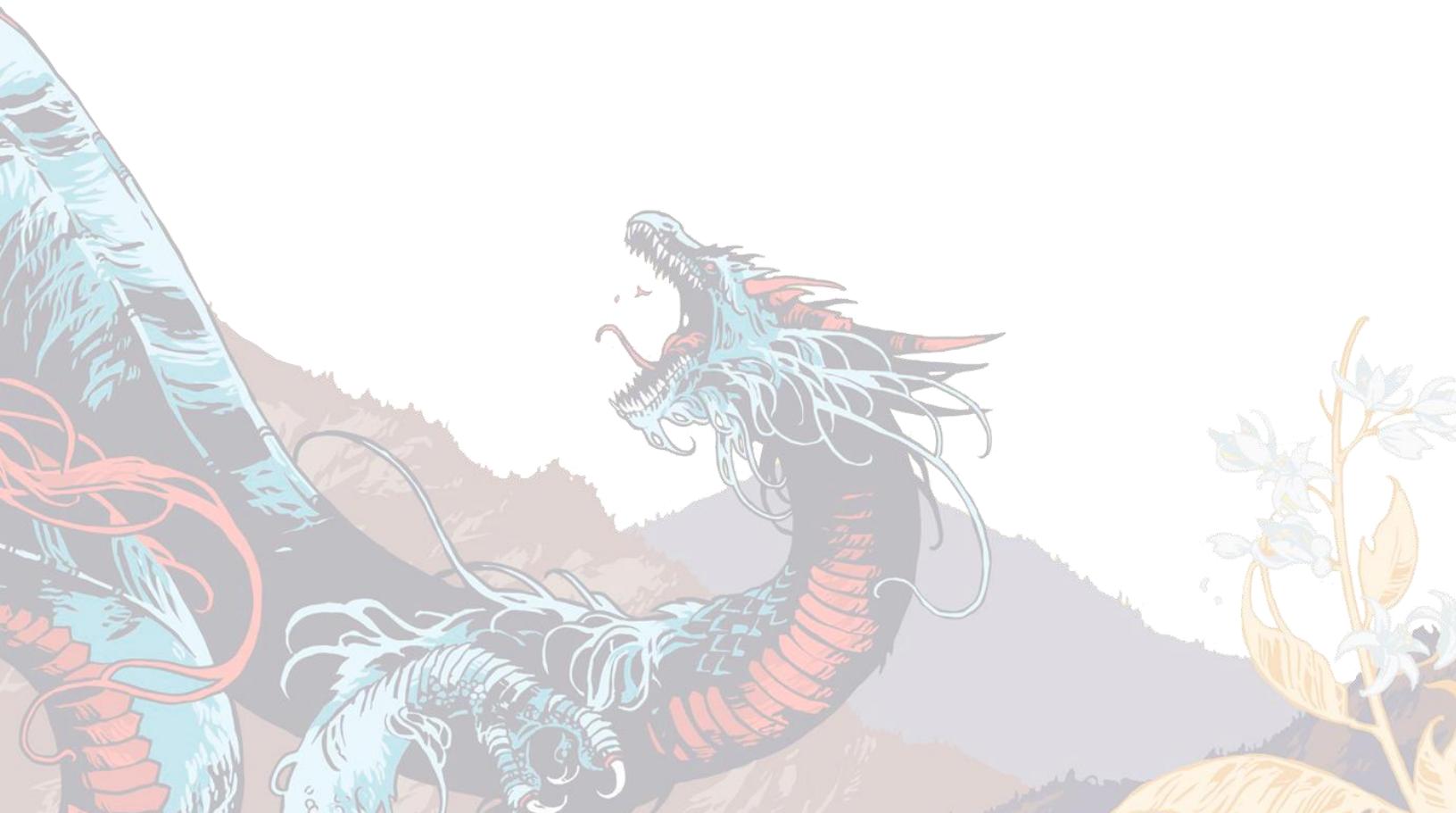
A intuição me diz que é um pedaço vital da história.

Ele sentiu o calor do fogo em sua pele. Ele viu as estrelas, ricamente pintadas em suas constelações, tão reais como se seu ninho de amor se abrisse para o céu.

Algo sobre as letras me parece estranho. Algumas são maiores, outras menores e estão espaçadas de uma maneira estranha.

Seus olhos se abriram.

— Jan — ele respirou. — Oh, Jan. Sua raposa dourada que ainda tem sua astúcia.



Capítulo 41

Sul

Ead estava deitada em seu ninho, coberta de suor. Seu sangue corria quente e rápido.

Isso já havia acontecido antes. A febre. Uma névoa esteve ao seu redor por oito anos, amortecendo seus sentidos, e agora o sol a havia queimado. Cada sopro de vento era como um golpe largo de um dedo em sua pele.

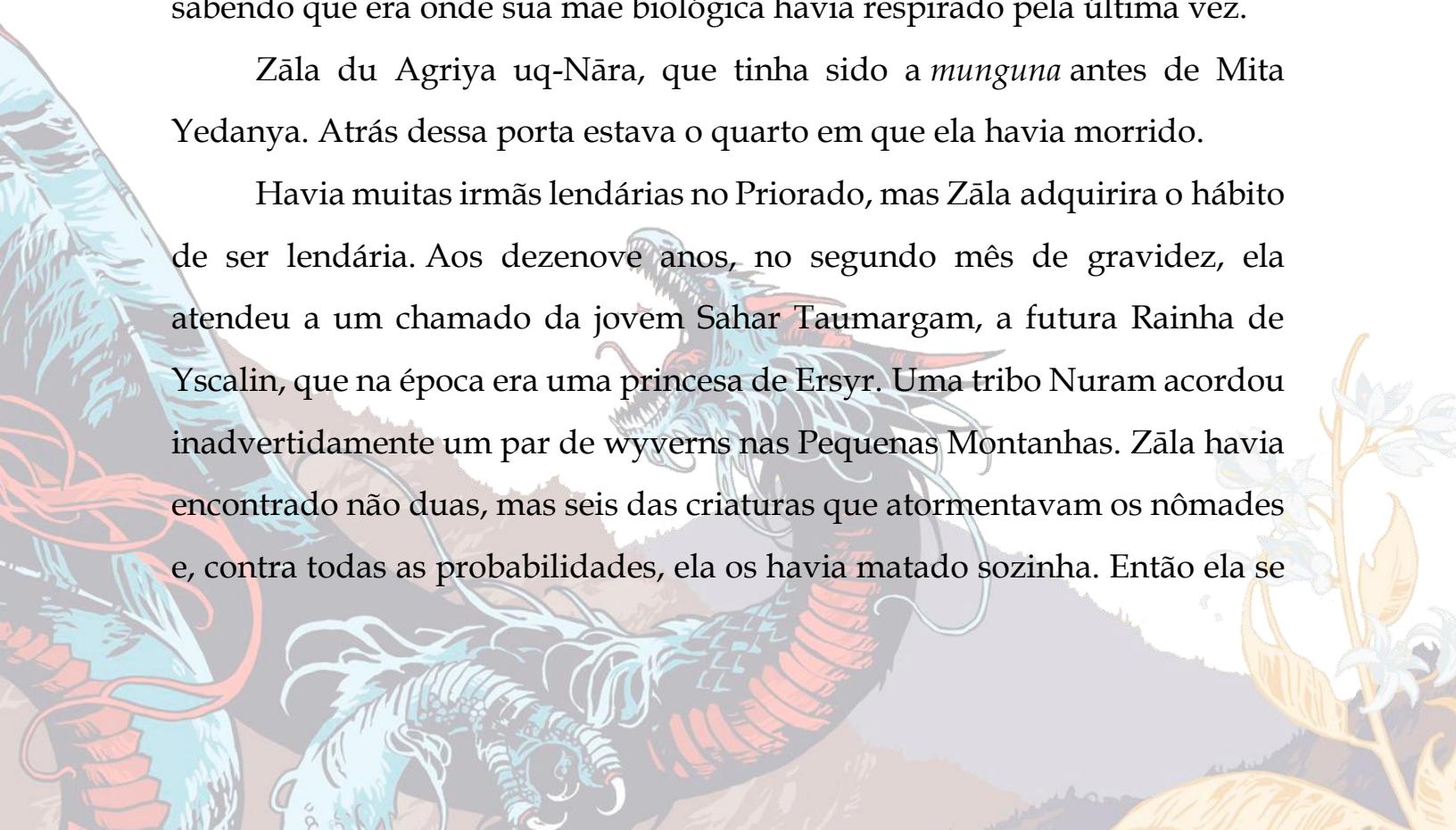
O som da cachoeira era cristalino. Ela podia ouvir os chamados de guias de mel e pássaros solares e mímicos na floresta. Ela podia sentir o cheiro de ichneumons e orquídeas brancas e o perfume da laranjeira.

Ela sentia falta de Sabran. Com sua pele tão tenra, a memória dela era uma tortura. Ela deslizou a mão entre as pernas e imaginou um toque frio em seu corpo, lábios sedosos, a docura do vinho. Seus quadris levantaram uma vez antes de afundar na cama.

Depois, ela ficou quieta, queimando.

Já deveria ser quase amanhecer. Outro dia em que Sabran estava sozinha em Inys, rodeada por lobos. Margret só seria capaz de mantê-la segura até certo ponto. Ela era perspicaz, mas não guerreira.

Devia haver uma maneira de convencer a Prioresa a defender o trono de Inysh.



Os servos deixaram um prato de frutas e uma faca em sua mesa de cabeceira. Por um tempo, ela comeria comida suficiente para três homens adultos. Ela pegou uma romã da bandeja.

Ao cortar a flor, sua mão escorregou, atrapalhada pela febre. A lâmina cortou o outro pulso e o sangue jorrou do ferimento. Uma gota vazou até seu cotovelo.

Ead olhou para ela por um longo tempo, pensando. Então encolheu os ombros em um robe e acendeu uma lamparina a óleo com um estalar de dedos.

Uma ideia estava tomando forma.

Os corredores estavam silenciosos esta noite. A caminho da sala de jantar, ela parou repentinamente ao lado de uma das portas.

Ela se lembrava de ter corrido por essas passagens com Jondu, carregando um Aralaq que guinchava. Como ela temia aquele corredor, sabendo que era onde sua mãe biológica havia respirado pela última vez.

Zāla du Agriya uq-Nāra, que tinha sido a *munguna* antes de Mita Yedanya. Atrás dessa porta estava o quarto em que ela havia morrido.

Havia muitas irmãs lendárias no Priorado, mas Zāla adquirira o hábito de ser lendária. Aos dezenove anos, no segundo mês de gravidez, ela atendeu a um chamado da jovem Sahar Taumargam, a futura Rainha de Yscalín, que na época era uma princesa de Ersyr. Uma tribo Nuram acordou inadvertidamente um par de wyverns nas Pequenas Montanhas. Zāla havia encontrado não duas, mas seis das criaturas que assombravam os nômades e, contra todas as probabilidades, ela os havia matado sozinha. Então ela se

sacudiu e cavalcou todo o caminho até o mercado em Zirin para satisfazer seu desejo por doce de rosa.

Ead nasceu meio ano depois, muito cedo. *Você era pequena o suficiente para embalar em uma das mãos*, Chassar uma vez disse a ela, rindo, *mas seu grito poderia ter derrubado montanhas, amada*. As irmãs não deviam se envolver profundamente com os filhos, pois o Priorado era uma família, mas Zāla costumava colocar doces de mel para Ead e abraçá-la quando ninguém estava olhando.

Minha Ead, ela sussurrou, e respirou o cheiro de bebê de sua cabeça. *Minha estrela da noite. Se o sol queimar amanhã, sua chama iluminaria o mundo.*

A memória fez Ead desejar ser segurada. Ela tinha seis anos quando Zāla morreu em sua cama.

Ela colocou a mão na porta e seguiu em frente. *Que sua chama ascenda para iluminar a árvore.*

A sala de jantar estava escura e silenciosa. Apenas Sarsun estava lá, com a cabeça apoiada no peito. Quando ela pôs os pés no chão, ele acordou bruscamente.

— Shh.

Sarsun bagunçou suas penas.

Ead colocou a lamparina a óleo ao lado de seu poleiro. Como se sentisse sua intenção, ele desceu para examinar a caixa de enigmas. Ead pegou a faca. Quando ela ergueu a lâmina até a pele, Sarsun soltou um pequeno pio. Ela cortou a palma da mão, fundo o suficiente para o sangue fluir generosamente, e colocou a mão na tampa da caixa.

fechou-se em nuvens de sal e vapor – abre-se com uma faca dourada.

— Siyāti uq-Nāra uma vez disse que o sangue de uma maga era dourado, você vê — ela disse a Sarsun. — Para possuir uma lâmina de ouro, devo tirar sangue com ela.

Ela nunca teria acreditado que um pássaro pudesse parecer cético até que viu seu rosto.

— Eu sei. Não é dourado *de verdade*.

Sarsun baixou a cabeça.

As letras gravadas foram preenchendo gradualmente, como se fossem incrustadas com rubi. Ead esperou. Quando o sangue chegou ao fim da palavra final, a caixa de enigmas se dividiu ao meio. Ead se encolheu e Sarsun voltou para seu poleiro quando a caixa se abriu como uma flor que desabrocha à noite.

Nela estava uma chave.

Ead a tirou de sua cama de cetim. Tinha o mesmo comprimento de seu dedo indicador, com um arco em forma de flor com cinco pétalas. Uma flor de laranjeira. O símbolo do Priorado.

— Criatura sem fé — disse ela a Sarsun.

Ele bicou sua manga e voou para a porta, onde se sentou e olhou para ela.

— Sim?

Ele lançou-lhe um olhar de olhos redondos e depois voou.

Ead o acompanhou até uma porta estreita, descendo um lance de degraus sinuosos. Ela tinha uma memória caliginosa deste lugar. Alguém a trouxe aqui quando ela era muito pequena.

Quando ela alcançou a base da escada, ela se viu em uma sala abobadada e sem luz.

A Mãe estava diante dela.

Ead ergueu sua lamparina em direção à efígie. Esta não era a lenda da donzela desmaiada de Inysh. Esta era a Mãe como ela havia sido em vida. Cabelo tosado perto de seu crânio, um machado em uma mão e uma espada na outra. Seu vestido foi feito para a batalha, tecido no estilo preferido pelos guerreiros da Casa de Onjenyu. Guardiã, lutadora e líder nata – essa era a verdadeira Cleolind de Lasia, filha de Selinu, o Guardião do Juramento. Entre seus pés estava uma estatueta de Washtu, a deusa do fogo.

Cleolind nunca havia sido sepultada no Santuário de Nossa Senhora. Seus ossos dormiam aqui, em seu próprio país amado, em um caixão de pedra sob a estátua. A maioria das efígies estava deitada de costas, mas não esta. Ead estendeu a mão para tocar a espada antes que ela olhasse para Sarsun.

— Bem?

Ele inclinou a cabeça. Ead abaixou a lamparina, procurando pelo o quê ela deveria encontrar.

O caixão foi erguido em um estrado. Na frente desse estrado havia um buraco de fechadura com uma ranhura quadrada ao redor. Com um olhar para Sarsun, que bateu com a garra, Ead se ajoelhou e deslizou a chave no lugar.

Quando girou, o suor umedeceu sua nuca. Ela respirou fundo e puxou a chave.

Um compartimento deslizou para fora do caixão. Dentro havia outra caixa de ferro. Ead girou o fecho de flor de laranjeira e o abriu.

Uma joia estava diante dela. Sua superfície era branca como pérola, ou névoa presa em uma gota de vidro.

Sarsun chiou. Ao lado da joia havia um pergaminho do tamanho de seu dedo mínimo, mas Ead mal o viu. Em transe com a luz que dançava na joia, ela estendeu a mão para pegá-la entre os dedos.

Assim que ela tocou sua superfície, um grito saltou de seus lábios. Sarsun soltou um grito próprio quando Ead desabou diante da Mãe, seus dedos presos à joia como uma língua no gelo. A última coisa que ela ouviu foi o farfalhar de suas asas.



— Aqui, amada.

Chassar entregou a Ead um copo de leite de noz. Aralaq estava deitado em sua cama, a cabeça apoiada nas patas dianteiras.

A joia estava sobre a mesa. Ninguém a havia tocado desde que Chassar, alertado por Sarsun e achando-a sem sentidos, a carregou de volta para o solário. Seus dedos só a soltaram quando ela acordou.

Agora ela segurava a tradução do pergaminho que estava na caixa. O selo já havia sido quebrado. Escrita em papel quebradiço com um brilho estranho, os estudiosos consideraram a mensagem como sendo o antigo Seiikinês, intercalada com a palavra estranha em Selinyi.

Salve a honorável Siyāti, amada irmã da honrada e erudita Cleolind.

Neste terceiro dia da primavera do vigésimo ano do reinado da honrada Imperatriz Mokwo, eu e Cleolind amarraremos o Inominável com duas jóias sagradas. Não poderíamos destruí-lo, pois seu coração de fogo não foi trespassado pela espada. Ele será sustentado por mil anos e não mais um nascer do sol.

Envio a você com tristeza os restos mortais de nossa querida amiga e esta joia minguante para guardar até que ele volte. Você encontrará a outra em Komoridu e eu incluo um mapa estelar para conduzir seus descendentes até lá. Eles devem usar espada e joias contra ele. As joias irão se apegar ao mago que as tocar e somente a morte pode mudar o portador.

Oro para que nossos filhos, daqui a séculos, assumam o fardo com o coração disposto.

Eu sou,

Neporo, Rainha de Komoridu

— Todos esses anos, a advertência estava com a Mãe. A verdade estava bem debaixo de nossos pés — disse a Prioresa, a voz fraca. — Por que uma irmã no passado se esforçou tanto para esconder isso? Por que ela escondeu a chave da tumba e a enterrou em *Inys*, de todos os lugares?

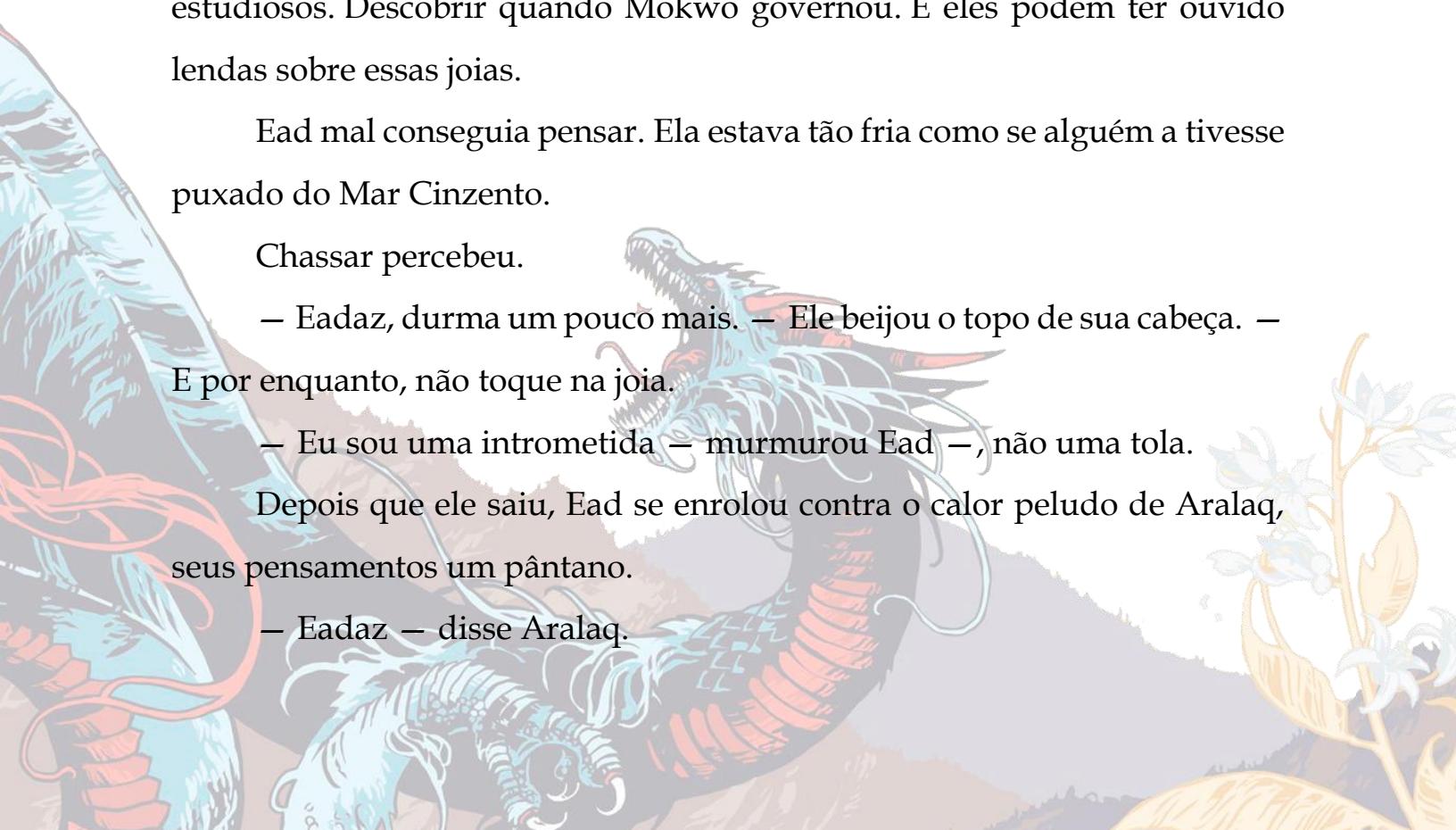
— Talvez para protegê-la — disse Chassar. — De Kalyba.

O silêncio ressoou.

— Não fale esse nome — disse a Prioresa muito suavemente. — Não aqui, Chassar.

Chassar baixou a cabeça em contrição.

— Tenho certeza — disse ele —, de que uma irmã teria deixado mais para nós, mas teria ficado nos arquivos. Antes do dilúvio.



A Prioresa andava de um lado para o outro com sua camisola vermelha.

— Não havia nenhum mapa estelar na caixa. — Ela passou a mão pelo colar de ouro. — E ainda... descobrimos muito com esta mensagem. Se pudermos acreditar nesta Neporo de Komoridu, a Mãe falhou em perfurar o coração do Inominável. Em seus anos perdidos, ela o danificou o suficiente para de alguma forma *prendê-lo*, mas não foi o suficiente para impedi-lo de se levantar novamente.

Ele será sustentado por mil anos e não mais um nascer do sol.

Sua ausência nunca teve nada a ver com Sabran.

— O Inominável vai voltar — disse a Prioresa, quase para si mesma — , mas podemos determinar um dia exato a partir desta nota. Mil anos a partir do terceiro dia da primavera no vigésimo ano da Imperatriz Mokwo de Seiiki... — Ela se dirigiu para a porta. — Devo mandar buscar nossos estudiosos. Descobrir quando Mokwo governou. E eles podem ter ouvido lendas sobre essas joias.

Ead mal conseguia pensar. Ela estava tão fria como se alguém a tivesse puxado do Mar Cinzento.

Chassar percebeu.

— Eadaz, durma um pouco mais. — Ele beijou o topo de sua cabeça. — E por enquanto, não toque na joia.

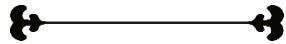
— Eu sou uma intrometida — murmurou Ead — , não uma tola.

Depois que ele saiu, Ead se enrolou contra o calor peludo de Aralaq, seus pensamentos um pântano.

— Eadaz — disse Aralaq.

— Sim?

— Não siga pássaros estúpidos em lugares escuros novamente.



Ela sonhou com Jondu em um quarto escuro. A ouviu gritar enquanto uma garra em brasa rasgava sua carne. Aralaq a acordou com o focinho.

— Você estava sonhando — ele rugiu.

Lágrimas molharam suas bochechas. Ele se aninhou nela, e ela se aconchegou em seu pelo.

Dizia-se que o rei de Yscalin tinha uma câmara de tortura nas entradas de seu palácio. Jondu teria morrido ali. Enquanto isso, Ead estivera na brilhante corte de Inys, com um salário e se enfeitando com roupas elegantes. Ela carregaria essa dor até o fim de seus dias.

A joia havia parado de brilhar. Ela manteve um olhar cauteloso nela enquanto bebia o chá de safira que havia sido deixado para ela.

A Prioresa entrou varrendo o solário.

— Não temos *nada* sobre essa Neporo de Komoridu nos arquivos — disse ela, sem cerimônia. — Ou esta joia. Seja o que for, não é o nosso tipo de magia. — Ela parou perto da cama. — É algo... desconhecido. Perigoso.

Ead baixou a xícara.

— Você não vai gostar de ouvir isso, Prioresa — disse ela. — Mas Kalyba deve saber.

Mais uma vez, o nome endureceu a Prioresa. A posição de sua mandíbula traiu seu desagrado.

— A Bruxa do Inysca forjou Ascalon. Um objeto imbuído de poder. Esta joia pode ser outra de suas criações — disse Ead. — Kalyba andou por este mundo muito antes de a Mãe respirar pela primeira vez.

— Ela andou. E então ela caminhou pelos corredores do Priorado. Ela matou sua mãe biológica.

— No entanto, ela sabe muito que nós não sabemos.

— Uma década em Inys confundiu seus sentidos? — A Prioresa disse secamente. — A bruxa não é confiável.

— O Inominável pode estar chegando. Nossso propósito, como irmãs do Priorado, é proteger o mundo dele. Se devemos tratar com inimigos menores para fazer isso, que assim seja.

A Prioresa olhou para ela.

— Eu te disse, Eadaz — ela disse. — Nossso propósito agora é proteger o Sul. Não é o mundo.

— Então, deixe-me proteger o Sul.

Com um suspiro pelo nariz, a Prioresa pousou as mãos na balaustrada.

— Há outro motivo pelo qual devemos abordar Kalyba — disse Ead. — Sabran sonhou muitas vezes com o Caramanchão da Eternidade. Ela não sabia o que era, é claro, mas me disse que tinha visto um portal de flores de sabra e um lugar terrível além. Eu gostaria de saber por que assombraria uma rainha Inysh.

A Prioresa ficou muito tempo junto à janela, dura como uma torre.

— Você não precisa convidar Kalyba aqui — disse Ead. — Deixe-me ir até ela. Eu posso levar Aralaq.

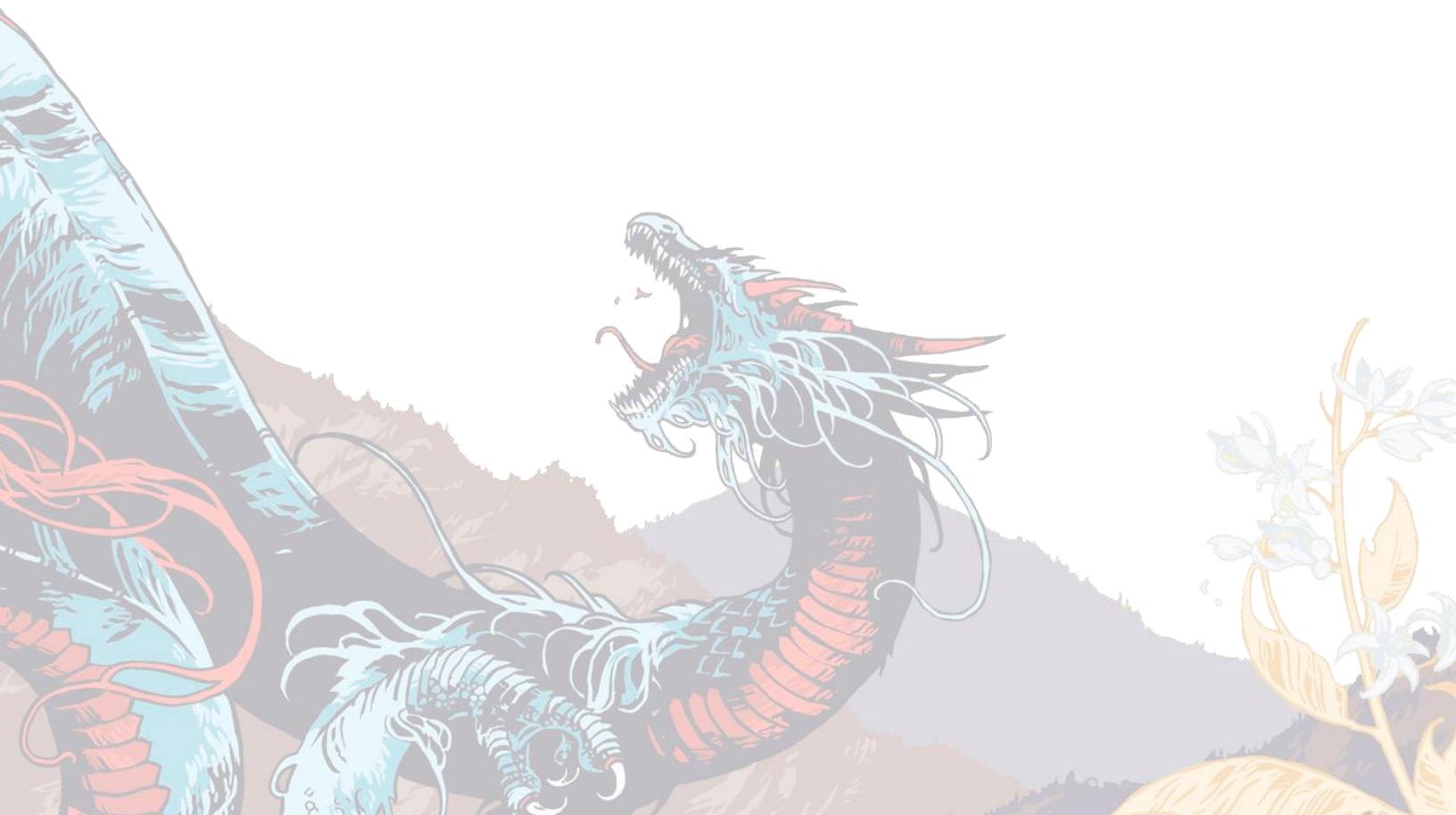
A Prioresa franziu os lábios.

— Vá, então. — ela disse. — Mas eu duvido que ela possa ou vá lhe contar algo. O banimento a deixou amargurada. — Ela usou um pedaço de pano para pegar a joia. — Vou manter isso aqui.

Ead sentiu uma sensação inesperada de mal-estar.

— Posso precisar de seu poder — disse ela. — Kalyba é uma maga mais forte do que eu jamais serei.

— Não. Não vou arriscar que isso caia em sua posse. — A Prioresa guardou a joia em uma bolsa ao lado. — Você terá armas. Kalyba é poderosa, ninguém pode negar, mas ela não come da árvore há anos. Tenho fé que você vencerá, Eadaz uq-Nāra.



Capítulo 42

Leste

O suor tremia na ponta do nariz. Enquanto Niclays molhava o pincel e colocava a mão em concha por baixo, não querendo derramar tinta em sua obra-prima, Laya trouxe uma xícara de caldo para a mesa.

- Odeio interromper, Velho Vermelho, mas você não come há horas
- disse Laya. — Se você cair de nariz no chão, seu pequeno gráfico será destruído antes que a capitã possa cuspir nele.
- Este *pequeno gráfico*, Laya, é a chave para a imortalidade.
- Parece uma loucura para mim.
- Todos os alquimistas têm loucura em seu sangue. É por isso, querida senhora, que fazemos as coisas.

Ele ficou curvado sobre a mesa pelo que pareceu uma vida inteira, copiando as letras grandes e pequenas de *O Conto de Komoridu* em um rolo gigante de seda, ignorando aquelas de tamanho médio. Se fosse um esforço infrutífero, ele provavelmente estaria no fundo do mar ao amanhecer.

Assim que se lembrou da abóbada estrelada no palácio de Brygstad, ele soube. Primeiro, ele tentou organizar os caracteres de tamanhos estranhos em um círculo, como os astrônomos Mentish faziam, mas apenas o absurdo saiu. Com um pouco de persuasão, Padar, o navegador Sepuli, entregou seus próprios mapas estelares, que eram retangulares. Niclays

continuara, a partir desse ponto, a traduzir cada página de texto para uma vidraça que havia esboçado na seda, mantendo-as na ordem em que apareciam no livro.

Assim que os painéis estivessem cheios de letras grandes e pequenas, ele tinha certeza de que formariam um mapa de parte do céu. Ele suspeitava que o tamanho da letra era uma medida do brilho da estrela correspondente, sendo as maiores as mais brilhantes.

Em algum lugar abaixo, o dragão começou a se debater como um peixe na praia novamente, balançando o navio.

— Maldita criatura. — Niclays marcou a posição da próxima letra. — Não vai ficar quieto?

— Deve sentir faltar ser adorado.

Laya puxou a seda para ele. Enquanto ele trabalhava, ela examinou seu rosto.

— Niclays — ela murmurou — como Jannart morreu?

Sua garganta se encheu da dor habitual, mas era mais fácil engolir quando ele tinha algo com que ocupar sua mente.

— Peste — disse ele.

— Eu sinto muito.

— Não tanto quanto eu.

Ele nunca tinha falado com ninguém sobre Jannart. Como ele poderia, se ninguém sabia o quão próximos eles eram? Mesmo agora, isso fez seu interior vibrar, mas Laya não fazia parte de nenhuma corte em Virtudom, e ele descobriu que já confiava nela. Ela guardaria seus segredos.

— Você teria gostado dele. E ele teria gostado de você. — Sua voz estava rouca. — Jannart adorava idiomas. Antigos e mortos, especialmente. Ele era apaixonado pelo conhecimento.

Ela sorriu.

— Todos vocês, Ments, não são um pouco apaixonados pelo conhecimento, Niclays?

— Para o desgosto de nossos primos em Virtudom. Eles muitas vezes se perguntam como podemos questionar os fundamentos de nossa religião adotada, mesmo que seu alicerce seja uma única linhagem de sangue sem grande excepcionalidade, o que dificilmente parece sensato...

A porta se abriu de repente, deixando entrar uma rajada de vento. Eles correram para prender as páginas quando a Imperatriz Dourada entrou, sombreada por Padar, cujo rosto e peito estavam pingando sangue, e Ghonra, que se autodenominava Princesa do Mar de Sundance e capitã do *Corvo Branco*. Laya havia assegurado a Niclays que sua rara beleza acompanhava uma igualmente rara sede de sangue. A tatuagem em sua testa era um quebra-cabeça que eles ainda precisavam resolver; simplesmente dizia *amor*.

Niclays manteve a cabeça baixa enquanto ela passava. A Imperatriz Dourada serviu-se de uma taça de vinho.

— Espero que você esteja quase terminando, Lua do Mar.

— Sim, toda honrada Imperatriz Dourada — disse Niclays brilhantemente. — Em breve saberei o paradeiro da árvore.

Ele se concentrou o melhor que pôde com Padar e Ghonra respirando em seu pescoço. Depois de transferir a última das letras, soprou levemente

na tinta. A Imperatriz Dourada trouxe sua taça de vinho para a mesa (Niclays orou muito para que ela não entornasse) e estudou sua criação.

— O que é isso?

Ele se curvou para ela.

— Honrada Imperatriz Dourada — disse ele —, acredito que essas letras de *O Conto de Komoridu* representam as estrelas, nosso meio de navegação mais antigo. Se elas puderem ser comparadas a um mapa estelar existente, acho que elas a levarão à amoreira.

Ela o estudou por baixo da testa de seu cocar. Suas contas lançavam sombras em sua testa.

— Yidagé — disse a Imperatriz Dourada a Laya. — Você conhece o antigo Seiikinês?

— Sim, honrada capitã.

— Leia.

— Não acho que devam ser lidos como palavras — disse Niclays — mas como...

— Você *acha*, Lua do Mar, — disse a Imperatriz Dourada. — Os pensadores me entediam. Agora, leia, Yidagé.

Niclays segurou a língua. Laya passou o dedo sobre cada uma das palavras.

— Niclays. — Uma linha vincou sua sobrancelha. — Acho que *devem* ser lidos como palavras. Há uma mensagem aqui.

Seus nervos evaporaram.

— Há sim? — Ele empurrou os óculos no nariz. — Bem, o que diz?

— *O Caminho dos Párias* — Laya leu em voz alta —, *começa na nona hora da noite. A... joia ascendente...* — Ela apertou os olhos. — Sim, a joia ascendente é plantada no solo de Komoridu. Sob o olho do Pombo, vá para o sul e para a Estrela dos Sonhos, e olhe abaixo do... — Quando ela alcançou o último caractere do painel final, ela soltou um suspiro. — Oh. Estas são as letras da amoreira.

— Os mapas estelares — disse Niclays, sem fôlego. — Esses padrões podem ser combinados com o céu?

A Imperatriz Dourada olhou para Padar, que espalhou seus próprios mapas estelares no chão. Depois de estudá-los por um tempo, ele pegou o pincel ainda úmido e juntou algumas das letras na seda. Niclays estremeceu ao primeiro golpe, então percebeu o que estava se formando.

Constelações.

Seu coração batia forte como um machado na madeira. Quando Padar terminou, ele largou o pincel e considerou.

— Você entende, Padar? — A Imperatriz Dourada perguntou.

— Eu entendo. — Lentamente, ele acenou com a cabeça. — Sim. Cada painel mostra o céu em uma época diferente do ano.

— E esta. — Niclays apontou para o último painel. — Como você chama essa constelação?

A Imperatriz Dourada trocou um olhar com seu navegador, cuja boca se contraiu.

— Os Seiikinenses — disse ela. — Chamam-na de Pomba. As letras da amoreira formam seu olho.

Sob o olho da Pomba, vá para o sul e para a Estrela dos Sonhos, e olhe abaixo da amoreira.

— Sim. — Padar contornou a mesa. — O livro nos deu um ponto fixo. Uma vez que as estrelas se movem a cada noite, devemos começar nosso curso apenas quando estivermos diretamente sob os olhos da Pomba, na nona hora da noite, em determinada época do ano.

Niclays mal conseguia ficar parado.

— Qual é?

— O fim do inverno. Depois disso, devemos navegar entre a Estrela do Sonho e a Estrela do Sul.

Um silêncio caiu, tenso com antecipação, e a Imperatriz Dourada sorriu. Niclays sentiu distintamente seus joelhos vacilarem, de exaustão ou de súbita descarga de dias de medo.

Do túmulo, Jannart havia mostrado a estrela de que precisavam como ponto de navegação. Sem ele, a Imperatriz Dourada nunca teria sabido como chegar ao local.

Houve aquele lampejo de dúvida novamente. Talvez ele nunca devesse ter mostrado a ela. Alguém fizera o possível para ocultar esse conhecimento do Oriente e ele o entregara aos bandidos.

— Yidagé, você falou de uma joia. — Ghonra tinha um brilho nos olhos. — Uma joia em ascensão.

Laya balançou a cabeça.

— Uma descrição poética de uma semente, imagino. Uma pedra que se transforma em uma árvore.

— Ou tesouro — Padar disse. Ele trocou um olhar faminto com Ghonra. — Tesouro enterrado.

— Padar — a Imperatriz Dourada disse —, diga à tripulação para se preparar para a caça de suas vidas. Partimos para Kawontay para reabastecer nossas provisões e depois navegamos em direção à amoreira. Ghonra, informe as tripulações da *Pomba Negra* e do *Corvo Branco*. Temos uma longa jornada pela frente.

Os dois partiram imediatamente.

— Está... — Niclays pigarreou. — Você está satisfeita com esta solução, honrada capitã?

— Por enquanto — disse a Imperatriz Dourada. — Mas se nada aguardar no final deste caminho, saberei quem nos enganou.

— Não tenho intenção de enganar você.

— Espero que não.

Ela enfiou a mão embaixo da mesa e o presenteou com um pedaço do que parecia madeira de cedro, formando uma bengala.

— Toda a minha tripulação carrega armas. Esta arma será sua — disse ela. — Use bem.

Ele tirou dela. Era leve, mas ele sentiu que poderia desferir um golpe devastador.

— Obrigado — ele disse, e se curvou. — Honrada capitã.

— A vida eterna o aguarda —, disse ela. — Mas se você ainda deseja ver o dragão e reivindicar qualquer parte dele, pode ir agora. Talvez possa nos dizer algo mais sobre a joia em *O Conto de Komoridu*, ou a ilha —, disse ela. — Yidagé, leve-o.

Eles deixaram a cabine. No momento em que a porta se fechou atrás deles, Laya agarrou Niclays pelo pescoço e o abraçou. O nariz dele bateu no ombro dela e as contas dela cravaram em seu peito, mas de repente ele estava rindo tanto quanto ela, rindo até que ele ofegou.

Lágrimas escorreram por seu rosto. Ele estava bêbado de alívio, mas também de alegria por resolver um quebra-cabeça. Em todos os seus anos em Orisima, ele nunca havia encontrado a chave do elixir, e agora havia desenterrado o caminho para ele. Ele havia terminado o que Jannart havia começado.

Seu coração estava inchando no peito. Laya segurou a cabeça dele entre as mãos e sorriu de uma forma que levantou seu espírito.

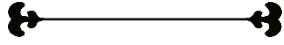
— Você — ela disse —, é um gênio, Lua do Mar. Brilhante, simplesmente brilhante!

Os piratas estavam em todos os conveses. Padar rugia suas ordens para eles em Lacustrine. As estrelas brilhavam em um céu claro, acenando para o horizonte.

— Não sou um gênio — admitiu Niclays, com os joelhos fracos. — Apenas louco. E sortudo. — Ele deu um tapinha no braço dela. — Obrigado, Laya. Por sua ajuda e sua crença. Talvez nós dois comeremos o fruto da imortalidade.

O cuidado invadiu seus olhos.

— Possivelmente. — Guardando o sorriso, ela colocou a mão entre os ombros dele e o guiou através da confusão de piratas. — Venha. É hora de você reivindicar sua recompensa.



Na parte mais profunda do *Perseguição*, um dragão Lacustre foi acorrentado do focinho até a ponta da cauda. Niclays o achou magnífico quando o viu pela primeira vez na praia. Agora parecia quase fraco.

Laya esperava nas sombras com ele.

— Tenho de voltar — disse ela. — Você vai ficar bem?

Ele se apoiou em sua nova bengala.

— Claro. A besta está amarrada. — Sua boca estava seca. — Pode ir.

Ela deu ao dragão uma última olhada antes de enfiar a mão no casaco. De dentro, ela puxou uma adaga, revestida de couro.

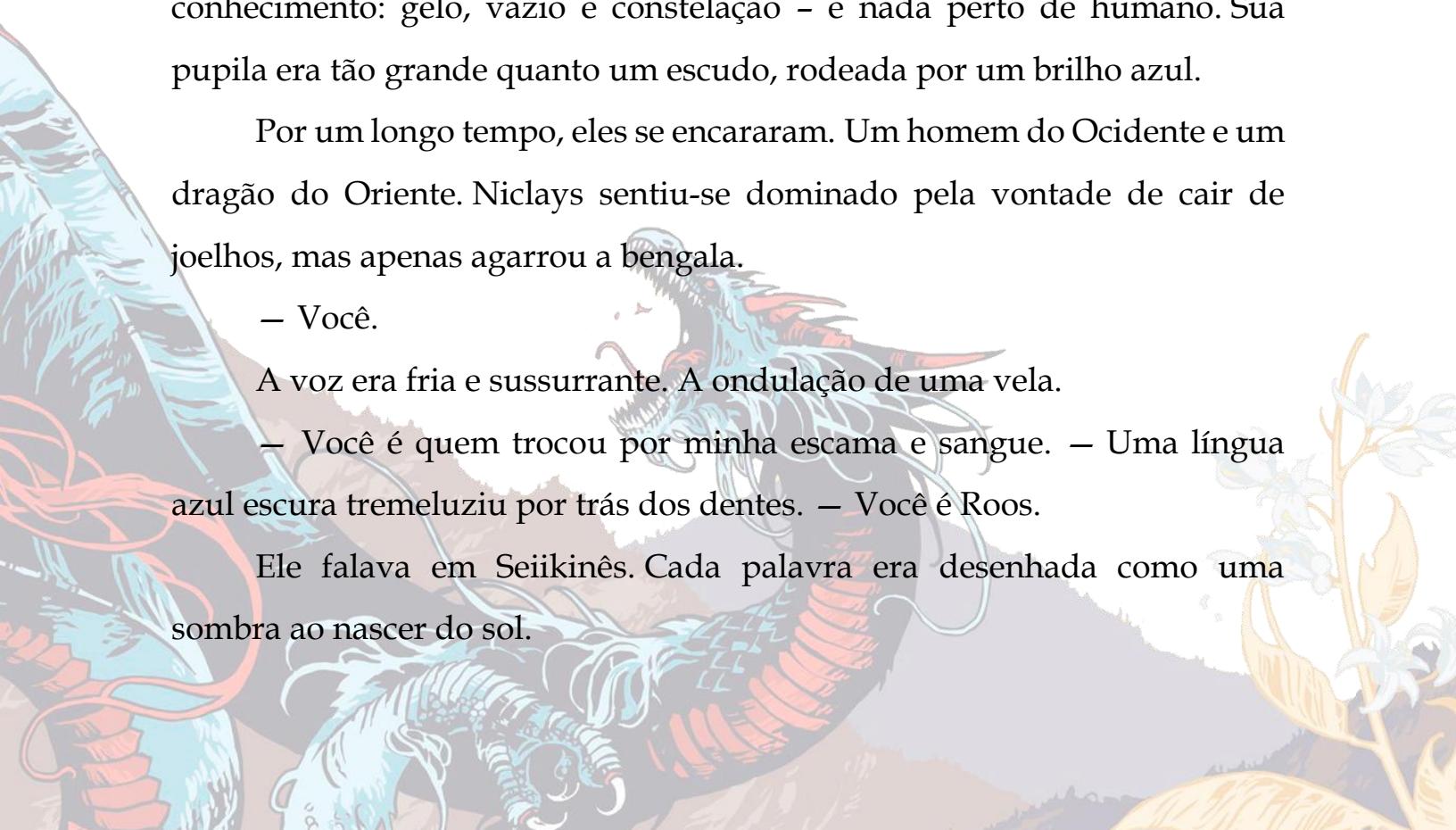
— Presente meu. — Ela a segurou pela lâmina. — Apenas por via das dúvidas.

Niclays pegou. Ele tinha uma espada em Mentendon, mas a única vez que usou uma arma foi nas aulas de esgrima com Edvart, que sempre o desarmava em segundos. Antes que ele pudesse agradecê-la, Laya estava subindo os degraus de volta.

O dragão parecia adormecido. Uma juba emaranhada fluía em torno de seus chifres. Seu rosto era mais largo do que as cabeças serpentinas dos wyrms, e mais vistoso, com babados decorativos.

Nayimathun, Laya o havia chamado. Um nome sem origem clara.

Niclays caminhou em direção à besta, mantendo-se longe de sua cabeça. Sua mandíbula inferior estava frouxa durante o sono, mostrando dentes do comprimento de um antebraço.



A coroa em sua cabeça estava dormente. Panaya lhe contara sobre isso na noite em que vira um dragão pela primeira vez. Quando iluminava, aquela cúpula estava chamando o plano celestial, elevando o dragão em direção às estrelas. Ao contrário dos wyrms, os dragões não precisavam de asas para voar.

Ele havia tentado racionalizar isso por semanas. Meses. Talvez a coroa fosse uma espécie de ímã, atraída por partículas no ar ou pelos núcleos de mundos distantes. Talvez os dragões tivessem ossos ocos, o que os deixava cavalgar o vento. Esse era o alquimista nele, teorizando. No entanto, ele sabia em suas entradas que, a menos que pudesse abrir um dragão, para vê-lo pelas lentes de um anatomista, ele permaneceria inexplicável. Magia, para todos os efeitos e propósitos.

Mesmo enquanto ele estudava a besta, seu olho se abriu e, apesar de tudo, Niclays recuou. No olho dessa criatura estava um cosmos de conhecimento: gelo, vazio e constelação – e nada perto de humano. Sua pupila era tão grande quanto um escudo, rodeada por um brilho azul.

Por um longo tempo, eles se encararam. Um homem do Ocidente e um dragão do Oriente. Niclays sentiu-se dominado pela vontade de cair de joelhos, mas apenas agarrou a bengala.

— Você.

A voz era fria e sussurrante. A ondulação de uma vela.

— Você é quem trocou por minha escama e sangue. — Uma língua azul escura tremeluziu por trás dos dentes. — Você é Roos.

Ele falava em Seiikinês. Cada palavra era desenhada como uma sombra ao nascer do sol.

— Eu sou — confirmou Niclays. — E você é a grande Nayimathun. Ou talvez — acrescentou ele — não tão grande.

Nayimathun observou sua boca enquanto ele falava. Em terra, Panaya lhe disse, dragões ouvem como humanos ouvem debaixo d'água.

— Aquele que usa as correntes é mil vezes maior do que aquele que as empunha — disse Nayimathun. — Correntes são covardia. — Um estrondo encheu o casco cavernoso. — Onde está Tané?

— Seiiki, eu suponho. Eu mal conheço a garota.

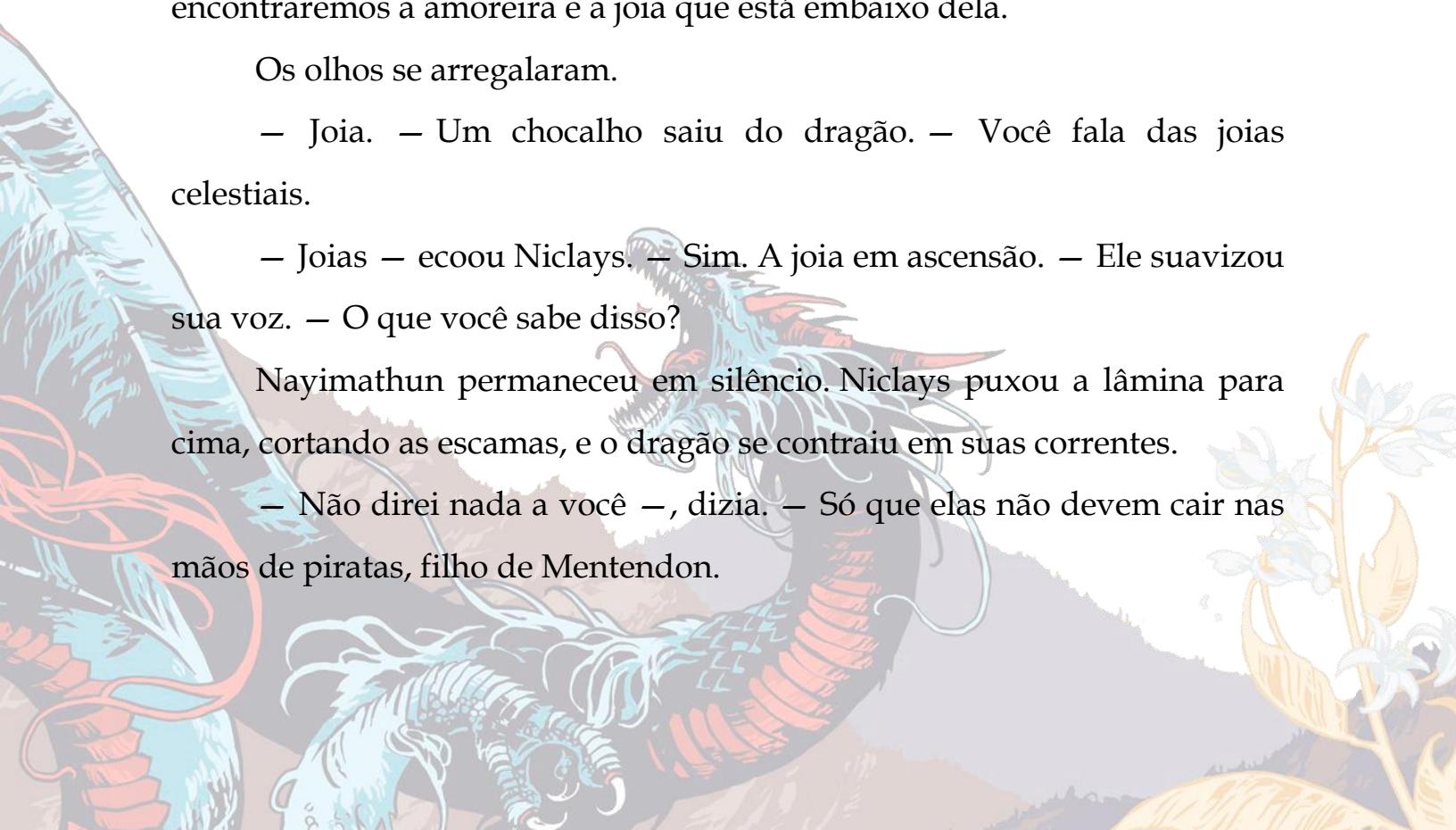
— Você a conhecia o suficiente para ameaçá-la. Para tentar manipulá-la para seu próprio ganho.

— Este é um mundo cruel, besta. Eu simplesmente negociei — disse Niclays. — Eu precisava de seu sangue e escamas para realizar meu trabalho, para desvendar o segredo de sua imortalidade. Eu queria que os humanos tivessem uma chance de sobreviver em um mundo governado por gigantes.

— Nós tentamos defendê-los na Grande Tristeza. — O olho se fechou por um momento, escurecendo o ambiente. — Muitos de vocês morreram. Mas nós tentamos.

— Talvez sua espécie não seja tão violenta quanto o Exército Dracônico — disse Niclays. — Mas você ainda se certifica de que os humanos adorem sua imagem e implorem pela chuva que aumenta as colheitas. Como se o homem não fosse maravilha o bastante para ser adulado.

O dragão bufou nuvem pelas narinas.



Niclays decidiu então. Que mesmo que suas ferramentas alquímicas fossem perdidas, e mesmo que ele estivesse a caminho de uma fonte de vida eterna, ele pegaria o que há muito lhe foi negado.

Ele largou o cajado e mostrou a adaga que Laya lhe dera. O cabo era de verniz e a lâmina serrilhada de um lado. Ele percorreu com o olhar a riqueza das escamas. Quando ele encontrou um pedaço de escama sem marcas, ele colocou a mão sobre ele.

O dragão era liso e frio como um peixe. Niclays usou a adaga para erguer a escama, expondo o brilho da carne prateada por baixo.

— Você não foi feito para viver pela eternidade.

Niclays lançou um olhar fulminante para sua cabeça.

— Como alquimista, devo discordar — disse ele. — Eu acredito na possibilidade, você vê. Mesmo que eu não consiga encontrar o elixir da vida em seu corpo, a Imperatriz Dourada está a caminho da ilha de Komoridu. Lá encontraremos a amoreira e a joia que está embaixo dela.

Os olhos se arregalaram.

— Joia. — Um chocalho saiu do dragão. — Você fala das joias celestiais.

— Joias — ecoou Niclays. — Sim. A joia em ascensão. — Ele suavizou sua voz. — O que você sabe disso?

Nayimathun permaneceu em silêncio. Niclays puxou a lâmina para cima, cortando as escamas, e o dragão se contraiu em suas correntes.

— Não direi nada a você —, dizia. — Só que elas não devem cair nas mãos de piratas, filho de Mentendon.

Segundo seu diário, minha tia o recebeu de um homem que lhe disse para levá-lo para longe do Oriente e nunca mais trazê-lo. As palavras de Jannart continuavam voltando para ele, circulando em sua cabeça como um topo de chicote. Nunca o leve de volta.

— Eu não espero que você pare sua perseguição. É tarde demais para isso — disse o dragão. — Mas não deixe a joia cair nas mãos daqueles que a usariam para destruir o pouco que resta do mundo. A água em você ficou estagnada, Roos, mas não está além da limpeza.

Niclays continuou segurando a adaga, tremendo.

Estagnada.

O dragão falava a verdade. Tudo ao seu redor havia parado. Sua vida havia parado, como um relógio na água, quando Sabran Berethnet o mandou para Orisima. Ele não conseguiu resolver um mistério desde então. Não o mistério da vida eterna. Não por quê Jannart morreu.

Ele era um alquimista, o destruidor de mistérios. E ele não ficaria estagnado novamente.

— Chega disso — ele sibilou, e cortou.



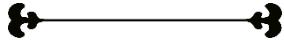
Capítulo 43

Sul

O armeiro forneceu a Ead um arco de osso simples, uma espada de ferro, um machado gravado com orações Selinyi e uma fina adaga com cabo de madeira. Em vez do manto verde-oliva de sua infância, ela agora vestia o branco de uma postulante, um sinal de que estava se transformando em mulher. Chassar, que viera com Sarsun para se despedir dela, pôs as mãos nos ombros dela.

- Zāla ficaria muito orgulhosa em vê-lo — disse ele. — Em breve, a capa vermelha será sua.
- Se eu voltar viva.
- Você irá. Kalyba é uma criatura terrível, mas não tão forte quanto era. Ela não come da laranjeira há vinte anos e, portanto, não terá sobrado siden.
- Ela tem outra magia.
- Eu confio em você para conquistar, amada. Ou voltar se o risco se tornar muito grande. — Ele deu um tapinha no ichneumon ao lado dela. — Certifique-se de devolvê-la inteira para mim, Aralaq.
- Não sou um pássaro estúpido — disse Aralaq. — Ichneumons não levam as irmãzinhas ao perigo.

Sarsun grasnou indignado.



Quando ela foi banida, Kalyba fugiu para uma parte da floresta que ela chama de Caramanchão da Eternidade. Dizia-se que ela havia colocado um feitiço nela que enganava os olhos. Ninguém sabia como ela criava suas ilusões.

Já estava anoitecendo quando Ead saiu com Aralaq do Vale do Sangue, de volta para a floresta. Ichneumons podiam correr mais rápido do que cavalos, mais rápido ainda do que os leopardos caçadores que viveram em Lasia. Ead manteve a cabeça baixa enquanto ele batia em cipós, escorregava sob as raízes e saltava sobre os muitos riachos que se ramificavam em Minara.

Ele se cansou pouco antes do amanhecer, e eles acamparam em uma caverna atrás de uma cachoeira. Aralaq desapareceu para caçar, enquanto Ead se refrescava no riacho abaixo. Ao subir de volta para a caverna, ela se lembrou da época em que Kalyba estivera no Priorado.

Ead se lembrava de Kalyba como uma ruiva com olhos escuros sem fundo. Ela havia chegado ao Priorado quando Ead tinha dois anos, alegando ter visitado várias vezes antes em seus muitos séculos de existência – pois ela também sustentava que era imortal. Seu siden havia sido concedido a ela não pela laranjeira, mas por um espinheiro que outrora existira na ilha Inysh de Nurtha.

A Prioresa deu-lhe as boas-vindas. As irmãs se referiam a ela como a Irmã Espinheiro ou Historiadora, dependendo se acreditavam em sua

história. A maioria mantinha distância, pois Kalyba tinha dons perturbadores. Presentes não concedidos a ela por árvore nenhuma.

Uma vez, Kalyba encontrou Ead e Jondu enquanto elas brincavam sob o sol, e sorriu para elas de uma forma que fez Ead confiar totalmente nela. *O que vocês se tornariam, irmãzinhas*, ela perguntou a elas, *se pudessem se tornar qualquer coisa?*

Um pássaro, Jondu tinha respondido, *para que eu pudesse ir a qualquer lugar.*

Eu também, dissera Ead, porque ela sempre fizera como Jondu. *Eu poderia derrubar os wyrms para a Mãe, mesmo enquanto eles voam.*

Observe, Kalyba havia dito.

Era aí que a memória se turvava, mas Ead tinha certeza de que Kalyba havia alongado seus próprios dedos em penas. Certamente ela havia feito algo que encantou Ead e Jondu, o suficiente para elas acreditarem que Kalyba devia ser a mais sagrada das servas.

Os motivos de seu banimento nunca foram claros, mas corria o boato de que foi ela quem envenenou Zāla enquanto dormia. Talvez tenha sido quando a Prioresa percebeu que ela era a Dama da Floresta, o terror da lenda Inysh, famosa por sua sede de sangue.

Enquanto Ead secava sua espada, Aralaq veio pela cachoeira. Ele deu a ela um olhar azedo.

— Você é uma tola por fazer esta viagem. A Bruxa do Inysca fará de você seu jantar.

— Pelo que ouvi, Kalyba gosta de brincar com sua presa. — Ela poliu a lâmina de sua capa. — Além disso, a bruxa não é nada senão curiosa. Ela vai querer saber por que eu fui até ela.

— Ela vai te contar mentiras.

— Ou ela vai se gabar de seu conhecimento. Ela tem o suficiente.

— Com um longo suspiro de sofrimento, ela alcançou seu arco. — Acho que devo caçar um pouco de jantar.

Aralaq rosnou antes de voltar para a cachoeira e Ead sorriu. Ele conseguiria algo para ela. Os Ichneumons tinham uma tendência à lealdade, embora fossem rudes.

Ela recolheu os pequenos gravetos que conseguiu encontrar na vegetação rasteira e fez uma fogueira na caverna. Quando Aralaq voltou pela segunda vez, ele jogou no chão um peixe salpicado.

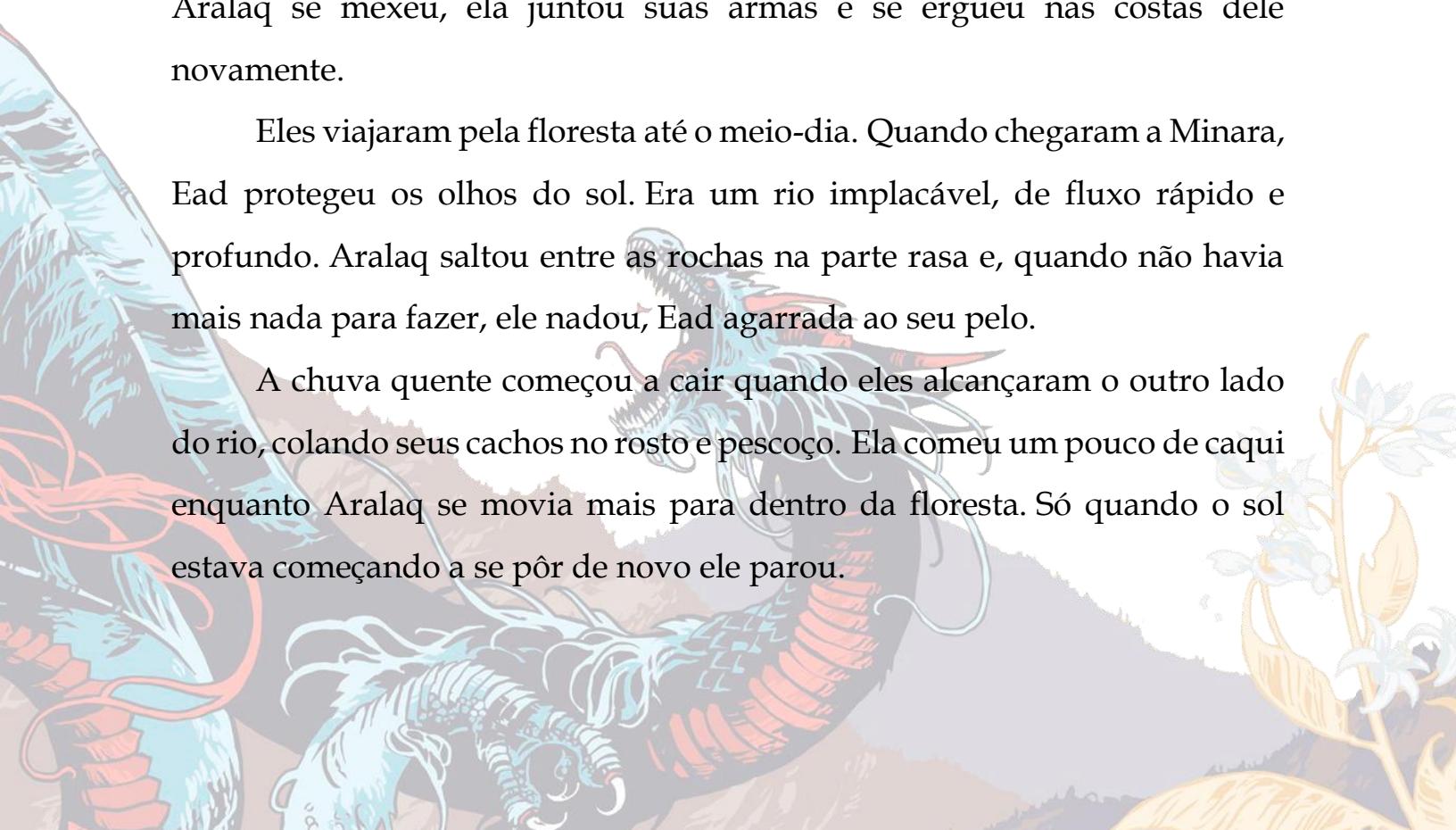
— Isso é só porque você me alimentou quando eu era um cachorrinho — ele disse, e se enrolou na escuridão.

— Obrigada, Aralaq.

Ele deixou escapar um som descontente.

Ead embrulhou o peixe em folha de bananeira e colocou-o sobre o fogo. Enquanto cozinhava, seus pensamentos foram atraídos de volta para Inys, levados para lá como se pelo vento sul.

Sabran estaria dormindo agora, com Roslain ou Katryen ao lado dela. Febre, talvez. Ou talvez ela tivesse se recuperado. Ela poderia já ter escolhido outra Dama do Quarto de Dormir, ou melhor, terem escolhido uma para ela. Agora que os Duques Espirituais estavam rondando o trono,



quase certamente seria outra mulher de uma de suas famílias, para melhor espiá-la.

O que disseram à Rainha de Inys sobre Ead? Que ela era uma feiticeira e uma traidora, sem dúvida. Se Sabran tinha acreditado, em seu coração, era uma questão diferente. Ela não iria querer aceitar – mas como ela poderia desafiar os Duques Espirituais quando eles sabiam seu segredo; quando eles poderiam destruí-la com uma palavra?

Sabran ainda confiava nela? Ela dificilmente merecia isso. Elas haviam compartilhado uma cama, compartilhado seus corpos, mas Ead nunca havia lhe contado a verdade sobre quem ela era. Sabran nunca tinha conhecido seu nome verdadeiro.

Aralaq iria acordar em breve. Ela se deitou ao lado dele, perto o suficiente da cachoeira para que os respingos resfriassem sua pele, e tentou descansar um pouco. Enfrentar Kalyba exigiria todo o seu juízo. Quando Aralaq se mexeu, ela juntou suas armas e se ergueu nas costas dele novamente.

Eles viajaram pela floresta até o meio-dia. Quando chegaram a Minara, Ead protegeu os olhos do sol. Era um rio implacável, de fluxo rápido e profundo. Aralaq saltou entre as rochas na parte rasa e, quando não havia mais nada para fazer, ele nadou, Ead agarrada ao seu pelo.

A chuva quente começou a cair quando eles alcançaram o outro lado do rio, colando seus cachos no rosto e pescoço. Ela comeu um pouco de caqui enquanto Aralaq se movia mais para dentro da floresta. Só quando o sol estava começando a se pôr de novo ele parou.

— O Carramanchão está perto. — Ele fungou. — Se você não voltar depois de uma hora, irei atrás de você.

— Muito bem.

Ead escorregou de suas costas.

— Lembre-se, Eadaz — disse Aralaq. — Tudo o que você vê neste lugar é uma ilusão.

— Eu sei. — Ela embainhou o braço em uma braçadeira. — Te vejo em breve.

Aralaq resmungou seu desagrado. Machado na mão, Ead entrou na névoa.

Um arco torcido de galhos, entrelaçado com flores, formava a porta. Flores da cor de nuvens de tempestade.

Eu sonho com um caramanchão sombreado em uma floresta, onde a luz do sol salpica a grama. A entrada é um portal de flores roxas – flores sabra, eu acho.

Ead levantou a mão e, pela primeira vez em anos, ela conjurou fogo mágico. Ele dançou de seus dedos e incendiou as flores, revelando os espinhos sob a ilusão.

Ela fechou as mãos. A chama azul do fogo mágico desfaria um encantamento se ele queimasse por tempo suficiente, mas ela teria que usá-lo com moderação se quisesse conservar força suficiente para se defender. Com um último olhar para Aralaq, ela abriu caminho pelos espinhos com seu machado e saiu ilesa na clareira além.

Ela estava no Pomar das Divindades. Quando ela deu um passo à frente, um cheiro soprava do verde, tão espesso e enjoativo que ela quase

podia rolar na língua. A luz dourada salpicou a grama com profundidade suficiente para ela afundar até os tornozelos.

As árvores se pressionavam juntas aqui. Vozes ecoavam além delas – próximas e distantes ao mesmo tempo, dançando ao som do murmúrio da água.

Elas estavam lá ou isso era parte do encantamento?

*Min mayde of strore, I knut thu smal,
as lutil as mus in gul mede.
With thu in soyle, corn grewath tal.
In thu I hafde blowende sede.*

Uma grande piscina alimentada por uma nascente apareceu. Ead se viu caminhando em sua direção. A cada passo, as vozes nas árvores aumentavam e sua cabeça girava como um vento redondo. A língua em que cantavam estava impregnada de coisas desconhecidas, mas algumas das palavras eram, sem dúvida, uma forma antiga de Inysh. Mais antiga que as eras. Tão antiga quanto as florestas.

*In soyle I soweth mayde of strore
boute in belga bearn wil nat slepe.
Min wer is ut in wuda frore –
he huntath dama, nat for me.*

Sua mão estava escorregadia no machado. As vozes falavam do ritual desde o alvorecer de uma era morta há muito tempo. Enquanto ela observava o cruzamento de galhos acima dela, Ead se forçou a imaginá-los encharcados de sangue e as vozes atraindo-a para uma armadilha.

No final do caminho, encontro uma grande pedra e estendo a mão para tocá-la com uma mão que acho que não é minha. Ead se virou. Lá estava ela, uma laje de pedra quase tão alta quanto ela, guardando a entrada de uma caverna. A rocha se quebra em duas, e por dentro –

— Olá.

Ead ergueu os olhos. Um garotinho estava sentado em um galho acima dela.

— Olá — disse ele novamente em Selinyi. Sua voz era alta e doce. — Você está aqui para brincar comigo?

— Estou aqui para ver a Dama da Floresta — disse Ead. — Você vai buscá-la para mim, criança?

O menino deu uma risada musical. Um piscar e ele estava lá. No próximo, ele não estava em lugar nenhum.

Algo fez Ead olhar para a água. O suor formigava em sua nuca enquanto ela observava qualquer ondulação em sua superfície.

Ela respirou fundo quando a água fez nascer uma cabeça. Uma mulher emergiu, com olhos verdes e nua.

— Eadaz du Zāla uq-Nāra. — Kalyba entrou na clareira. — Faz muito tempo.

A Bruxa do Inysca. A Dama da Floresta. Sua voz era tão profunda e clara quanto sua água, com uma inflexão estranha. Como uma pessoa do Norte de Inysh, mas não exatamente.

— Kalyba — disse Ead.

— A última vez que te vi, você não tinha mais do que seis anos. Agora você é uma mulher — observou Kalyba. — Como os anos passam. Esquece-se, quando os anos não deixam marcas na carne.

Ead se lembrava bem do rosto dela agora, com as maçãs do rosto salientes e o lábio superior carnudo. Sua pele era bronzeada, seus membros longos e bem torneados. O cabelo castanho avermelhado enrolado em ondas sobre os seios. Qualquer um que olhasse para ela poderia jurar que ela não passava de vinte e cinco. Linda, mas marcada pelo mesmo vazio que Ead tinha visto em seu próprio reflexo.

— Minha última visita foi uma de suas irmãs, que veio levar minha cabeça para Mita Yedanya como punição por um crime que nunca cometí. Suponho que você esteja aqui para fazer o mesmo — Kalyba ruminou. — Eu a advertiria contra tentar, mas as irmãs do Priorado se tornaram arrogantes nos anos em que estive fora.

— Eu não estou aqui para machucar você.

— Por que você vem até mim, então, doce maga?

— Aprender.

Kalyba permaneceu imóvel e sem expressão. A água escorria por sua barriga e coxas.

— Acabei de voltar de Inys — disse Ead. — A última Prioresa me enviou lá para servir sua rainha. Enquanto eu estava em Ascalon, ouvi falar do grande poder da Dama da Floresta.

— Dama da Floresta. — Kalyba fechou os olhos e respirou fundo, como se o nome tivesse um cheiro forte. — Oh, já se passou *muito* tempo desde que me chamaram por esse nome.

— Você é temida e reverenciada em Inys, mesmo agora.

— Sem dúvida. Estranho, já que raramente ia a floresta, mesmo quando criança — disse a bruxa. — Os aldeões não colocariam os pés ali por medo de mim, mas passei a maior parte dos meus anos longe de onde nasci. Demorou muito para perceber que minha casa era com o espinheiro.

— As pessoas temem a floresta por sua causa. Apenas uma estrada passa por ela, e aqueles que a percorrem falam de velas e gritos de cadáveres. Remanescentes de sua magia, eles dizem.

Kalyba sorriu levemente.

— Mita Yedanya me chamou de volta para Lasia, mas eu preferiria prometer minha lâmina a uma maga maior. — Ead deu um passo em sua direção. — Venho me oferecer como sua aluna, senhora. Para aprender toda a verdade da magia.

Sua voz soou maravilhada até mesmo para seus próprios ouvidos. Se ela conseguiu enganar a corte Inysh por quase uma década, também conseguiria enganar uma bruxa.

— Estou lisonjeada — disse Kalyba. — Mas certamente sua Prioresa pode lhe contar a verdade.

— Mita Yedanya não é como suas predecessoras. Ela olha para dentro — disse Ead. — Eu não.

Essa parte, pelo menos, era verdade.

— Uma irmã que vê além de seu próprio nariz. Devo dizer que é raro como mel de prata — disse Kalyba. — Você não tem medo das histórias que contam de mim em minha terra natal, Eadaz uq-Nāra? Lá sou eu uma ladra de crianças, uma bruxa, uma assassina. Monstro dos contos antigos.

— Contos para assustar crianças rebeldes. Não temo o que não entendo.

— E o que o faz pensar que é *digna* do poder que exerce ao longo dos tempos?

— Senhora, eu não sou. — Ead disse. — Mas com sua orientação, talvez eu pudesse. Se você me honrar com o seu conhecimento.

Kalyba a considerou por algum tempo, como um lobo considerando o cordeiro.

— Diga-me — disse ela — como está Sabran?

Ead quase estremeceu com a maneira íntima como a bruxa disse aquele nome, como se ela falasse de uma amiga próxima.

— A Rainha de Inys está se saindo bem — respondeu ela.

— Você pede a verdade, mas seus próprios lábios mentem.

Ead encontrou seu olhar. Seu rosto era uma escultura, suas gravuras muito antigas para traduzir.

— A Rainha de Inys está em perigo — ela admitiu.

— Melhor. — Kalyba inclinou a cabeça. — Se sua oferta for sincera, você me fará a gentileza de entregar suas armas. Quando eu morava em

Inysca, era considerado um grave insulto os convidados trazerem armas para a soleira de um salão. — Seu olhar vagou para o arco de espinhos. — Muito menos sobre isso.

— Me perdoe. Não desejo insultá-la.

Kalyba a observou sem expressão. Com a sensação de que estava assinando sua própria sentença de morte, Ead se despojou de suas armas e as colocou na grama.

— Pronto. Agora você depositou sua confiança em mim — disse Kalyba quase gentilmente. — E, em troca, não vou prejudicá-la.

— Muito obrigado, senhora.

Elas ficaram uma de frente para a outra por um tempo, com metade da clareira entre elas.

Não havia motivo para Kalyba contar nada a ela. Ead sabia disso, e a bruxa também.

— Você diz que deseja a verdade, mas a verdade é uma trama com muitos fios — disse Kalyba. — Você sabe que eu sou uma maga. Uma de fogo, como você, ou eu *era*, antes que a antiga Prioresa me negasse o fruto da laranjeira. Tudo porque Mita Yedanya disse a ela que eu envenenei sua mãe biológica. — Ela sorriu. — Como se eu fosse rebaixar-me ao veneno.

Portanto, Mita foi pessoalmente responsável pelo banimento. A última Prioresa tinha sido uma mulher gentil, mas facilmente influenciada por aqueles ao seu redor, incluindo sua *munguna*.

— Eu sou uma Primeiro Sangue. Fui a primeira e a última a comer do espinheiro, e ele me garantiu a vida eterna. Mas é claro — disse Kalyba — você não veio por curiosidade sobre meu siden, pois siden é familiar para

você. Você deseja saber a fonte de meu *outro* poder – aquele que nenhuma irmã entende. O poder do sonho e da ilusão. O poder de Ascalon, meu *hildistérron*.

Estrela da guerra. Um termo poético para a espada. Ead já tinha visto isso antes, nos livros de orações – mas agora isso puxou uma corda nela, e a compreensão veio como uma nota musical.

O fogo sobe da terra, a luz desce do céu.

Luz do céu.

Hildistérron.

E *Ascalon*. Outro nome da antiga língua das ilhas de Inysca. Uma corrupção de *astra* – outra palavra para *estrela* – e *lun*, para força. Loth havia dito isso a ela.

Estrela forte.

– Quando eu estava em Inys... Lembrei-me do texto da Placa de Rumelabar. Falava de um equilíbrio entre o fogo e a luz das estrelas.

– Mesmo enquanto Ead falava, sua mente deu uma explicação que parecia mais sólida no momento. – As árvores solitárias concedem fogo aos magos. Eu me perguntei se o seu poder – seu *outro* poder – vem do céu. Da Estrela de Cabelos Compridos.

Kalyba não tinha um rosto que levasse ao choque, mas Ead o viu. Um brilho em seu olhar.

– Bom. Oh, *muito* bom. – Uma pequena gargalhada escapou dela. – Achava que seu nome havia se perdido no tempo. Como uma maga ouviu falar da Estrela de Cabelos Compridos?

– Eu fui para Gulthaga.

Truyde utt Zeedeur havia falado essas palavras. A garota agiu como uma idiota, mas seu instinto estava certo.

- Inteligente e corajosa, para se aventurar na Cidade Enterrada.
- Kalyba a olhou. — Seria agradável ter companhia em meu Carramanchão, já que me foi negada a irmandade do Priorado. E já que você já tem a maior parte da verdade... Não vejo mal nenhum em lhe contar o resto.
- Eu valorizaria o conhecimento.
- Sem dúvida. Claro — Kalyba meditou —, para entender meu poder, você teria que saber toda a verdade sobre siden, e os dois ramos da magia, e Mita tem tão pouco entendimento dessas coisas. Ela mantém as filhas no escuro, envoltas no conforto de livros surrados. Todos vocês estão mergulhadas na ignorância. Meu conhecimento — conhecimento *verdadeiro* — é uma coisa valiosa.

Este era o próximo movimento em um jogo.

— Pode-se dizer que não tem preço — concordou Ead.

— Eu paguei um preço por ele. Assim como você.

Por fim, Kalyba se aproximou. A água gotejou de seu cabelo enquanto ela contornava Ead.

— Vou aceitar um beijo — ela sussurrou em seu ouvido. Ead permaneceu enraizada no lugar. — Estou sozinha há tantos anos. Um beijo seu, doce Eadaz, e meu conhecimento é seu.

Um cheiro metálico pairava em sua pele. Por um momento súbito e estranho, Ead sentiu algo em seu sangue — algo vital — cantar em resposta a esse cheiro.

— Senhora — Ead murmurou. — Como vou saber que o que você diz é a verdade?

— Você pede o mesmo de Mita Yedanya, ou ela recebe sua confiança incondicional? — Não recebendo resposta, Kalyba disse: — Dou-lhe minha palavra de que falarei a verdade. Quando eu era jovem, uma palavra era um juramento. Já se passaram muitos anos desde então, mas eu ainda respeito os costumes antigos.

Não havia escolha a não ser arriscar. Endurecendo-se, Ead se inclinou para perto dela e deu um beijo em sua bochecha.

— Pronto — disse Kalyba. Sua respiração estava gelada. — O preço está pago.

Ead recuou tão rápido quanto ela ousou. Ela reprimiu um pensamento repentino em Sabran.

— Existem dois ramos da magia — começou Kalyba. A luz do sol destacava fios de ouro em seu cabelo e delineava cada gota d'água. — As irmãs do Priorado, como você sabe, são praticantes da magia *siden* — magia terrena. Ela vem do âmago do mundo e é canalizada através da árvore. Aqueles que comem de seus frutos podem exercer sua magia. Antes, havia pelo menos três árvores solitárias — a laranjeira, o espinheiro e a amoreira — mas agora, que eu saiba, apenas uma permanece.

— Mas *siden*, querida Eadaz, tem um oposto natural. Magia sideral, ou *sterren* — o poder das estrelas. Esse tipo de magia é fria e indescritível, graciosa e escorregadia. Permite ao portador lançar ilusões, controlar a água... até mesmo para mudar sua forma. É muito mais difícil de dominar.

Ead não precisava mais fingir seu olhar de curiosidade.

— Quando a Estrela de Cabelos Compridos passa, ela deixa para trás um líquido prateado. Eu chamo de *podridão estelar* — disse Kalyba. — É na podridão estelar que o sterren vive, assim como é na fruta que vive o siden.

— Deve ser raro.

— Indizivelmente raro. Não houve uma chuva de meteoros desde o fim do Século da Dor - e entenda, Eadaz, que a chuva *foi* o fim do Século da Dor. Não foi coincidência que veio quando os wyrms caíram. Os Orientais acreditam que o cometa foi enviado por seu deus dragão, Kwiriki. — Kalyba sorriu. — A chuva fechou uma era em que o siden era mais forte, e forçou os wyrms, que são feitos dele, a dormirem.

— E então, Sterren era o mais forte — disse Ead.

— Por um tempo — Kalyba confirmou. — Há um equilíbrio entre os dois ramos da magia. Eles mantêm um ao outro sob controle. Quando um aumenta, o outro diminui. O Século de Fogo será seguido por um Século de Luz das Estrelas. No momento, siden é muito mais forte e sterren é uma sombra de si mesmo. Mas quando vier uma chuva de meteoros... então Sterren vai queimar brilhante novamente.

O mundo ridicularizou os alquimistas por sua fascinação pela Placa de Rumelabar, mas por séculos eles estiveram contando a verdade.

E era verdade. Ead sentiu no revestimento de sua barriga, nas cordas de seu coração. Ela não teria acreditado apenas em Kalyba, mas sua explicação formou o fio que mantinha as contas juntas. A Estrela de Cabelos Compridos. A Placa de Rumelabar. A queda dos wyrms no Século da Dor. Os estranhos dons da mulher que agora estava diante dela.

Tudo isso conectado. Tudo isso derivado de uma verdade: fogo de baixo, luz de cima. Um universo construído sobre essa dualidade.

— A Placa e Rumelabar fala desse equilíbrio — disse Ead. — Mas também o que acontece quando o equilíbrio é instável.

— *Muito de um inflama o outro, e nisso está a extinção do universo* — recitou Kalyba. — Um aviso terrível. Agora, o quê — ou quem — é a extinção do universo?

Ead balançou a cabeça. Ela sabia a resposta muito bem, mas era melhor bancar a idiota. Isso manteria a bruxa fora de guarda.

— Oh, Eadaz, você estava indo tão bem. Mesmo assim — disse Kalyba.

— Você é jovem. Eu não devo ser uma juíza muito dura.

Ela se virou. Enquanto ela se movia, sua mão veio para o lado direito. Era tão suave e sem marcas quanto o resto dela, mas seu andar traía a dor nela.

— Você está ferida, senhora? — Ead perguntou.

Kalyba não respondeu.

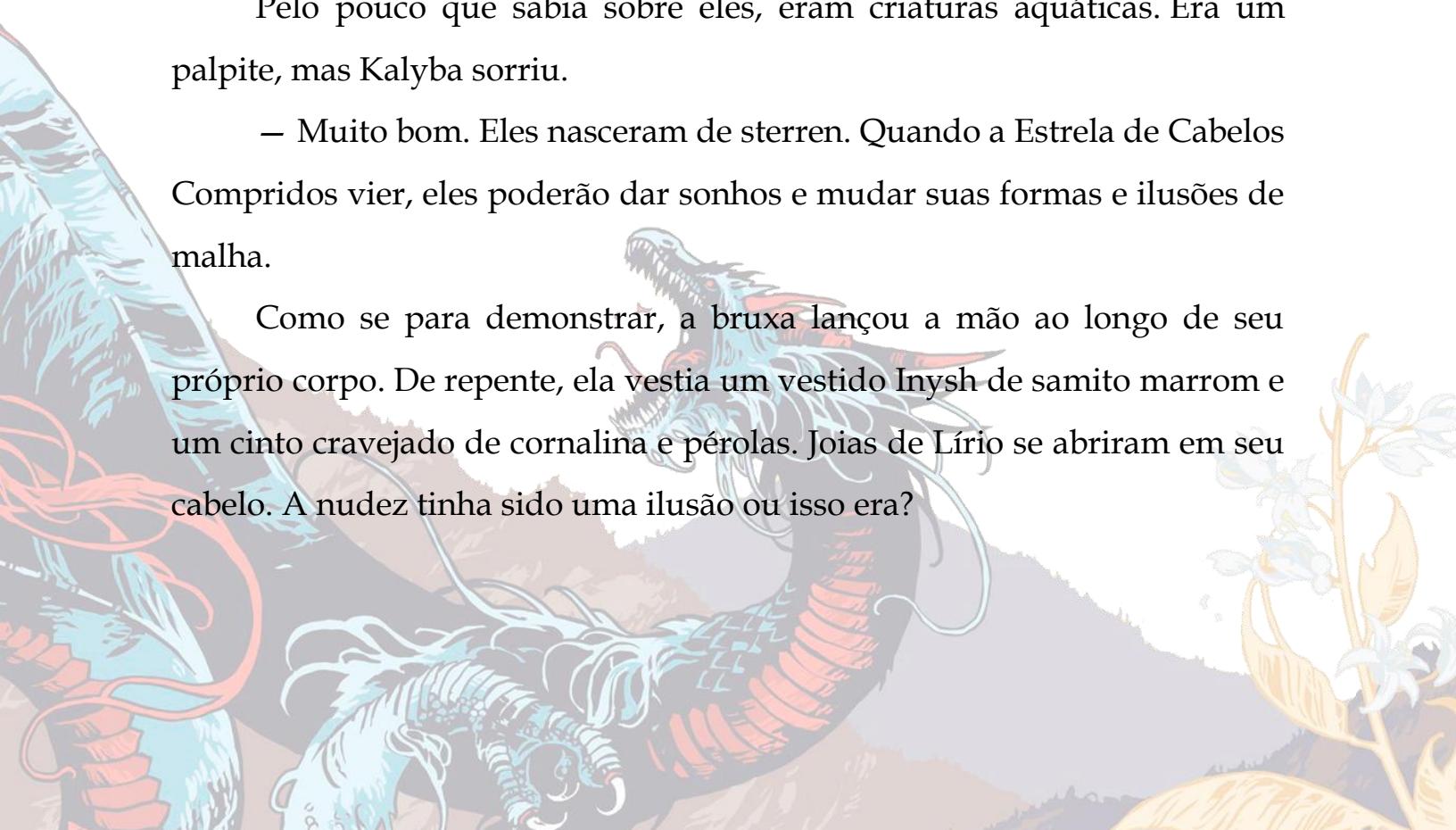
— Há muito tempo, a dualidade cósmica estava... chateada — foi tudo o que ela disse. Ead pensou ter visto algo terrível naqueles olhos. Uma sombra de ódio. — Sterren ficou muito forte no mundo e, em troca, o fogo sob nossos pés forjou uma abominação. Uma *criação errônea* de siden.

A extinção do universo.

— O Inominável — disse Ead.

— E seus seguidores. Eles são filhos do desequilíbrio. Do caos.

— Kalyba sentou-se em uma pedra. — Sucessivas Prioresas há muito viram a conexão entre a árvore e os wyrms, mas negaram para si mesmas e para



suas filhas. Magos puderam até criar chamas Dracônicas durante o Século do Fogo, como esta... mas, claro, você está proibida de usá-la.

Todas as irmãs sabiam que tinham potencial para fazer fogo wyrm, mas não foi ensinado.

— Suas ilusões vêm de sterren — murmurou Ead —, então siden as queima.

— Siden e Sterren podem destruir-se mutuamente em determinadas circunstâncias — reconheceu Kalyba. — Mas também se *atraem*. Ambas as formas de magia são atraídas para si mesmas acima de tudo, mas também para seus opositos. — Seus olhos escuros brilharam com interesse. — Agora, minha solucionadora de quebra-cabeças. Se a laranjeira é o canal natural do siden, quais são os canais naturais do sterren?

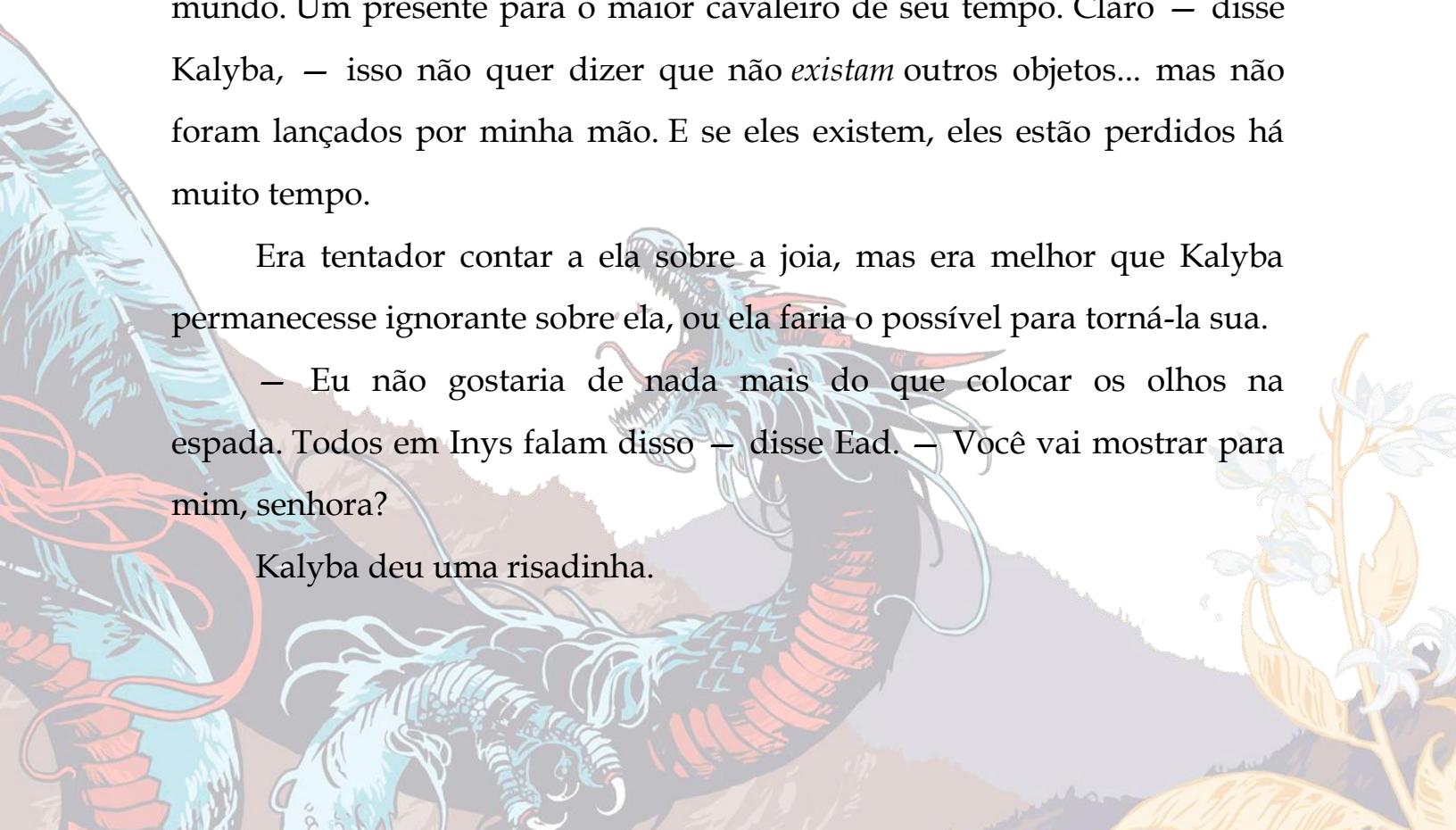
Ead pensou nisso.

— Os dragões do Oriente, talvez.

Pelo pouco que sabia sobre eles, eram criaturas aquáticas. Era um palpite, mas Kalyba sorriu.

— Muito bom. Eles nasceram de sterren. Quando a Estrela de Cabelos Compridos vier, eles poderão dar sonhos e mudar suas formas e ilusões de malha.

Como se para demonstrar, a bruxa lançou a mão ao longo de seu próprio corpo. De repente, ela vestia um vestido Inysh de samito marrom e um cinto cravejado de cornalina e pérolas. Joias de Lírio se abriram em seu cabelo. A nudez tinha sido uma ilusão ou isso era?



— Há muito tempo, usei meu fogo para remodelar a podridão estelar que reuni. — Kalyba passou os dedos pelos cabelos. — Para criar a arma mais notável já feita.

— Ascalon.

— Uma espada de sterren, forjada com siden. Uma união perfeita. Foi quando eu vi a espada que eu fiz com as lágrimas de um cometa que eu soube que não era apenas uma maga. — Sua boca se encolheu. — O Priorado me chama de *bruxa* por causa dos meus presentes, mas eu prefiro *feiticeira*. Isso soa muito bem.

Ead havia descoberto mais do que ela esperava, mas ela viera perguntar sobre a joia.

— Senhora — ela disse —, seus dons são realmente milagrosos. Você já forjou algo mais com Sterren?

— Nunca. Eu queria que Ascalon fosse diferente de tudo neste mundo. Um presente para o maior cavaleiro de seu tempo. Claro — disse Kalyba, — isso não quer dizer que não *existam* outros objetos... mas não foram lançados por minha mão. E se eles existem, eles estão perdidos há muito tempo.

Era tentador contar a ela sobre a joia, mas era melhor que Kalyba permanecesse ignorante sobre ela, ou ela faria o possível para torná-la sua.

— Eu não gostaria de nada mais do que colocar os olhos na espada. Todos em Inys falam disso — disse Ead. — Você vai mostrar para mim, senhora?

Kalyba deu uma risadinha.

— Se eu tivesse, seria muito feliz. Eu procurei por Ascalon por séculos, mas Galian a escondeu bem.

— Ele não deixou nenhuma pista sobre seu paradeiro?

— Só que ele pretendia deixá-la nas mãos daqueles que morreriam para mantê-la longe de mim. — Seu sorriso desapareceu. — As Rainhas de Inys também a buscaram, visto que é sagrado para elas... mas elas não vão encontrar. Se eu não puder, ninguém o fará.

Que Kalyba forjou Ascalon para Galian Berethnet era de conhecimento comum no Priorado. Era parte do motivo pelo qual muitas irmãs desconfiavam dela. Os dois nasceram na mesma época e viveram na aldeia de Goldenbirch ou em seus arredores, mas, além desses poucos fatos, ninguém entendia a natureza de seu relacionamento.

— A rainha Sabran sonhou com este Caramanchão da Eternidade — disse Ead. — Enquanto eu era sua dama de companhia, ela me contou isso. Só você pode tecer sonhos, senhora. Foi você quem os enviou para ela?

— Esse conhecimento — disse Kalyba —, exigirá um preço mais alto.

Com isso, a bruxa escorregou da pedra. Nua mais uma vez, ela tombou de lado, e a rocha embaixo dela se transformou em um canteiro de flores. Elas cheiravam a creme e mel.

— Venha até mim. — Ela alisou as pétalas com a mão. — Venha, deite-se comigo em meu Carramanchão, e cantarei para você o sonho.

— Senhora — disse Ead. — Não desejo nada mais do que agradá-la e provar minha lealdade, mas meu coração pertence a outra pessoa.

— O segredo da tecelagem de sonhos certamente deve valer o preço de uma noite. Passaram-se séculos desde que senti o toque suave de uma

amante. — Kalyba passou um dedo pelo próprio abdômen, parando tímido onde suas coxas se encontravam. — Mas... Eu admiro a lealdade. Então, vou aceitar outro presente seu. Em troca do meu conhecimento das estrelas e *seus* dons.

— Qualquer coisa.

— Vinte anos eles me mantiveram longe da laranjeira. Assim que uma maga experimenta o fogo, ela queima para sempre. A fome me devora por dentro. Eu gostaria muito da minha chama de volta. — Kalyba sustentou seu olhar. — Traga-me a fruta e você será minha herdeira. Jure para mim, Eadaz du Zāla uq-Nāra. Jure que você vai me trazer o que eu desejo.

— Senhora — disse Ead —, juro pela Mãe.



— E ela não disse nada sobre as joias — disse a Prioresa. — Só que ela não as fez.

Ead estava em seu solário, de frente para ela.

— Sim, Prioresa — disse ela. — Ascalon é sua única criação. Achei melhor não mencionar as joias, por medo de que ela as perseguisse.

— Bom.

Chassar estava carrancudo. A Prioresa colocou as mãos na balaustrada e seu anel brilhando ao sol.

— Dois fios de magia. Nunca ouvi nada parecido. — Ela respirou fundo. — Não gosto disso. A bruxa é uma mentirosa por natureza. Há uma razão pela qual a chamaram de Historiadora.

— Ela pode embelezar a verdade — disse Chassar. — Mas, por mais sanguinária e fria que seja, nunca me pareceu uma mentirosa. Em sua época em Inysca, havia punições brutais por quebra de juramento.

— Você esquece, Chassar, que ela mentiu sobre Zāla. Ela alegou que nunca a envenenou, mas apenas um estranho teria assassinado uma irmã.

Chassar baixou o olhar.

— As joias devem ser sterren — disse Ead. — Mesmo que Kalyba não as tenha feito. Se elas não são nosso tipo de magia, devem ser o outro. — A Prioresa assentiu lentamente. — Eu jurei a ela que iria levar a fruta para ela. Ela me perseguirá quando eu não a levar?

— Duvido que ela desperdice sua magia em uma caçada. Em qualquer caso, você está protegida aqui. — A Prioresa observou o sol descer. — Não conte nada disso a suas irmãs. Nossa próxima linha de investigação é... Neporo.

— Uma Oriental — disse Ead calmamente. — Certamente isso mostra que a Mãe estava interessada no mundo além do Sul.

— Estou cansada desse assunto, Eadaz.

Ead mordeu a língua. Chassar lançou-lhe um olhar de advertência.

— Se Neporo falava a verdade, então para derrotar nosso inimigo, precisaremos de Ascalon e das joias. — A Prioresa esfregou a têmpora. — Deixe-me, Eadaz. Eu devo... considerar nosso curso.

Ead inclinou a cabeça e saiu.

Em seu solário, Ead encontrou Aralaq cochilando aos pés de sua cama, cansado da viagem. Ela se sentou na cama ao lado dele e acariciou suas orelhas de seda. Elas se contraíram em seu sono.

Sua mente era um cadiño de estrelas e fogo. O Inominável voltaria, e o Priorado tinha apenas um dos três instrumentos necessários para destruí-lo. A cada hora que passava, o perigo aumentava em Virtudom e Sabran corria um risco maior. Enquanto isso, Sigoso Vetalda estava construindo sua frota de invasão na Baía de Quarl. Um oeste dividido não estaria pronto para o Rei de Carne.

Ead se aproximou de Aralaq e fechou os olhos. De alguma forma, ela tinha que encontrar uma maneira de ajudá-la.

— Eadaz.

Ela ergueu os olhos.

Uma mulher estava parada na porta. Cachos apertados envolviam seu rosto marrom e caíam em olhos castanhos.

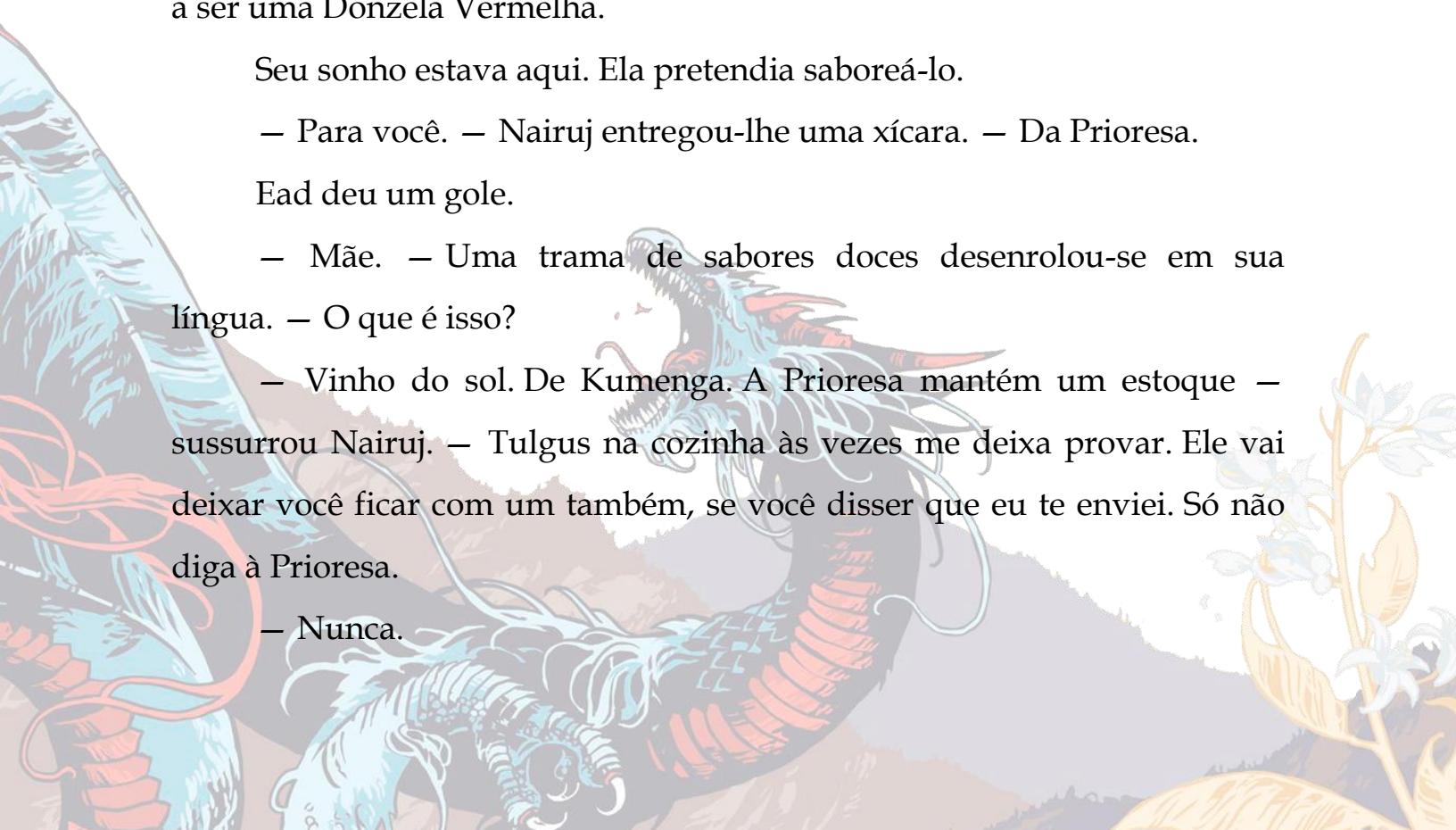
— Nairuj — disse Ead, levantando-se.

Elas haviam sido rivais quando eram crianças. Nairuj sempre havia competido com Jondu pela atenção da Prioresa, o que Ead, amando Jondu como sua irmã mais velha, levava muito a sério. Agora, porém, Ead pegou Nairuj pelas mãos e beijou-a na bochecha.

— É bom ver você — disse Ead. — Você honra o manto.

— E você honrou a todos nós protegendo Sabran por tanto tempo. Confesso que ri ao ver você enviada para aquela corte ridícula quando eu era jovem e tola — disse Nairuj, com um sorriso irônico. — Mas entendo agora que todos nós trabalhamos de maneiras diferentes para a Mãe.

— Vejo que você a está servindo enquanto falamos. — Ead devolveu o sorriso. — Você deve estar perto do seu tempo.



— A qualquer momento. — Nairuj colocou a mão em sua barriga. — Eu vim para prepará-la para sua iniciação nas Donzelas Vermelhas.

Ead sentiu seu sorriso crescendo.

— Esta noite?

— Sim. Esta noite. — Nairuj deu uma risadinha. — Você pensou que depois de banir Fýredel, você não seria ascendida imediatamente quando voltasse?

Ela guiou Ead até uma cadeira. Um menino entrou e colocou uma bandeja antes de se retirar.

Ead cruzou as mãos no colo. Seu coração tinha asas de um bando de pássaros.

Por uma noite, ela deixaria de lado o que aprendera com Kalyba. Ela esqueceria tudo o que aconteceu fora dessas paredes. Desde que ela tinha idade suficiente para entender quem ela era, ela sabia que estava destinada a ser uma Donzela Vermelha.

Seu sonho estava aqui. Ela pretendia saboreá-lo.

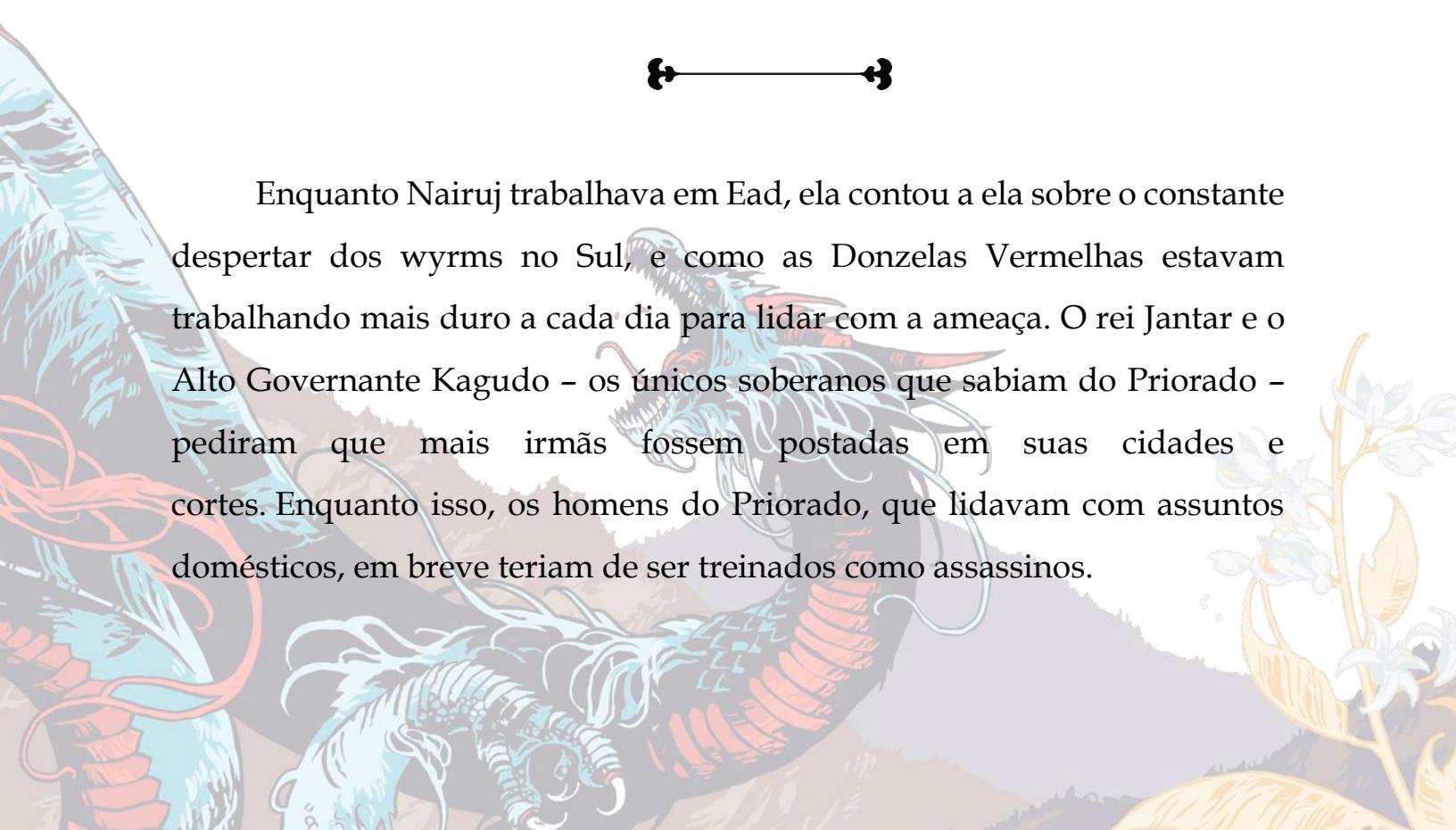
— Para você. — Nairuj entregou-lhe uma xícara. — Da Prioresa.

Ead deu um gole.

— Mãe. — Uma trama de sabores doces desenrolou-se em sua língua. — O que é isso?

— Vinho do sol. De Kumenga. A Prioresa mantém um estoque — sussurrou Nairuj. — Tulgus na cozinha às vezes me deixa provar. Ele vai deixar você ficar com um também, se você disser que eu te enviei. Só não diga à Prioresa.

— Nunca.



Ead bebeu novamente. Tinha um gosto requintado. Nairuj tirou um pente de madeira da bandeja.

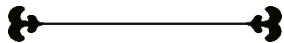
— Eadaz — disse ela —, gostaria de lhe dar minhas condolências. Por Jondu. Tínhamos nossas diferenças, mas eu a respeitava muito.

— Obrigada — disse Ead suavemente. Ela balançou a cabeça para limpar a tristeza. — Venha, então, Nairuj. Conte-me tudo o que aconteceu nos últimos oito anos.

— Eu vou — disse Nairuj, batendo o pente contra a palma da mão —, se você me prometer todos os segredos da corte Inysh. — Ela pegou uma tigela de óleo. — Ouvi dizer que a vida lá é como andar sobre brasas. Que os cortesãos pulam uns sobre os outros para chegar perto da Rainha. Que há mais intriga na corte de Sabran a Nona do que pedra celeste em Rumelabar.

Ead olhou para a janela. As estrelas estavam aparecendo.

— Sinceramente — disse ela —, você não tem ideia.



Enquanto Nairuj trabalhava em Ead, ela contou a ela sobre o constante despertar dos wyrms no Sul, e como as Donzelas Vermelhas estavam trabalhando mais duro a cada dia para lidar com a ameaça. O rei Jantar e o Alto Governante Kagudo — os únicos soberanos que sabiam do Priorado — pediram que mais irmãs fossem postadas em suas cidades e cortes. Enquanto isso, os homens do Priorado, que lidavam com assuntos domésticos, em breve teriam de ser treinados como assassinos.

Em troca, Ead contou a ela as facetas mais absurdas de Inys. As mesquinhas inimizades entre cortesãos, amantes e poetas. Seu tempo como dama de honra sob Oliva Marchyn. Os charlatães que distribuíam esterco por causa da febre e sanguessugas por causa da dor de cabeça. Os dezoito pratos apresentados a Sabran todas as manhãs, dos quais ela comia um.

— E Sabran. Ela é tão caprichosa quanto dizem? — Nairuj perguntou. — Ouvi dizer que, em uma manhã, ela pode estar tão jubilosa como um desfile, tão triste como um lamento e tão zangada como um gato selvagem.

Ead não respondeu por um longo tempo.

— Isso é verdade — ela finalmente disse.

Uma rosa atrás de um travesseiro. Mão no virginal. A risada dela enquanto elas corriam atrás da caçada.

— Suponho que se espere um pequeno capricho de uma mulher nascida para se sentar em tal trono, a tal preço. — Nairuj deu um tapinha em sua barriga. — Isso é pesado o suficiente sem o destino das nações empoleiradas em cima dele.

A hora da cerimônia se aproximava. Ead deixou Nairuj e três outras irmãs ajudá-la a vestir suas vestes. Depois que seu cabelo foi arrumado, elas a adornaram com uma tiara de flores de laranjeira. Elas deslizaram pulseiras de vidro e ouro por seus braços. Finalmente, Nairuj a segurou pelos ombros.

— Pronta?

Ead assentiu. Ela esteve pronta toda a sua vida.

— Eu invejo você — disse Nairuj. — A tarefa que a Prioresa lhe dará a seguir...

— Tarefa. — Ead olhou para ela. — Que tarefa?

Nairuj agitou uma mão.

— Não devo dizer mais nada. Você saberá em breve. — Ela pegou Ead pelo braço. — Venha.



Elas a levaram ao túmulo da Mãe. A câmara mortuária fora iluminada com cento e vinte velas, o número de pessoas que foram sacrificadas por sorteio ao Inominável antes de Cleolind terminar com o domínio do sangue.

A Prioresa estava esperando em frente à estátua. Todas as irmãs não postadas em outro lugar estavam aqui para ver a filha de Zāla assumir seu lugar como uma Donzela Vermelha.

As cerimônias eram assuntos sucintos no Priorado. Cleolind não queria a pompa e a circunstância das cortes para suas servas. Intimidade era o que importava. O encontro de irmãs em apoio e elogio umas às outras. Na escuridão semelhante a um útero da câmara, com a Mãe olhando para todos eles, Ead se sentiu mais perto dela do que nunca.

Chassar estava à esquerda da Prioresa. Ele parecia tão orgulhoso como se fosse seu pai biológico.

Ead se ajoelhou.

— Eadaz du Zāla uq-Nāra — disse a Prioresa. Sua voz ecoou. — Você serviu a Mãe fielmente e sem questionar. Nós te damos as boas-vindas, como nossa irmã e amiga, às fileiras das Donzelas Vermelhas.

— Eu sou Eadaz du Zāla uq-Nāra — disse Ead. — Eu me comprometo novamente à Mãe, como fiz uma vez quando era criança.

— Que ela mantenha sua lâmina afiada e seu manto vermelho de sangue — disseram as irmãs juntas. — E que o Inominável tema sua luz.

Era tradição a mãe biológica presentear uma irmã com seu manto. Na ausência de Zāla, foi Chassar que pendurou ao redor de seus ombros. Ele o prendeu com um broche no oco de sua garganta, e quando ele segurou sua bochecha, Ead devolveu o sorriso.

Ela estendeu a mão direita. A Prioresa colocou seu anel de prata encimado por uma flor de pedra-do-sol de cinco pétalas. O anel que ela se imaginou usando a vida inteira.

— Que você saia pelo mundo — disse a Prioresa — e fique contra o fogo implacável. Agora e sempre.

Ead puxou o brocado perto de sua pele. A riqueza do vermelho era impossível de fabricar. Apenas sangue Dracônico poderia manchá-lo assim.

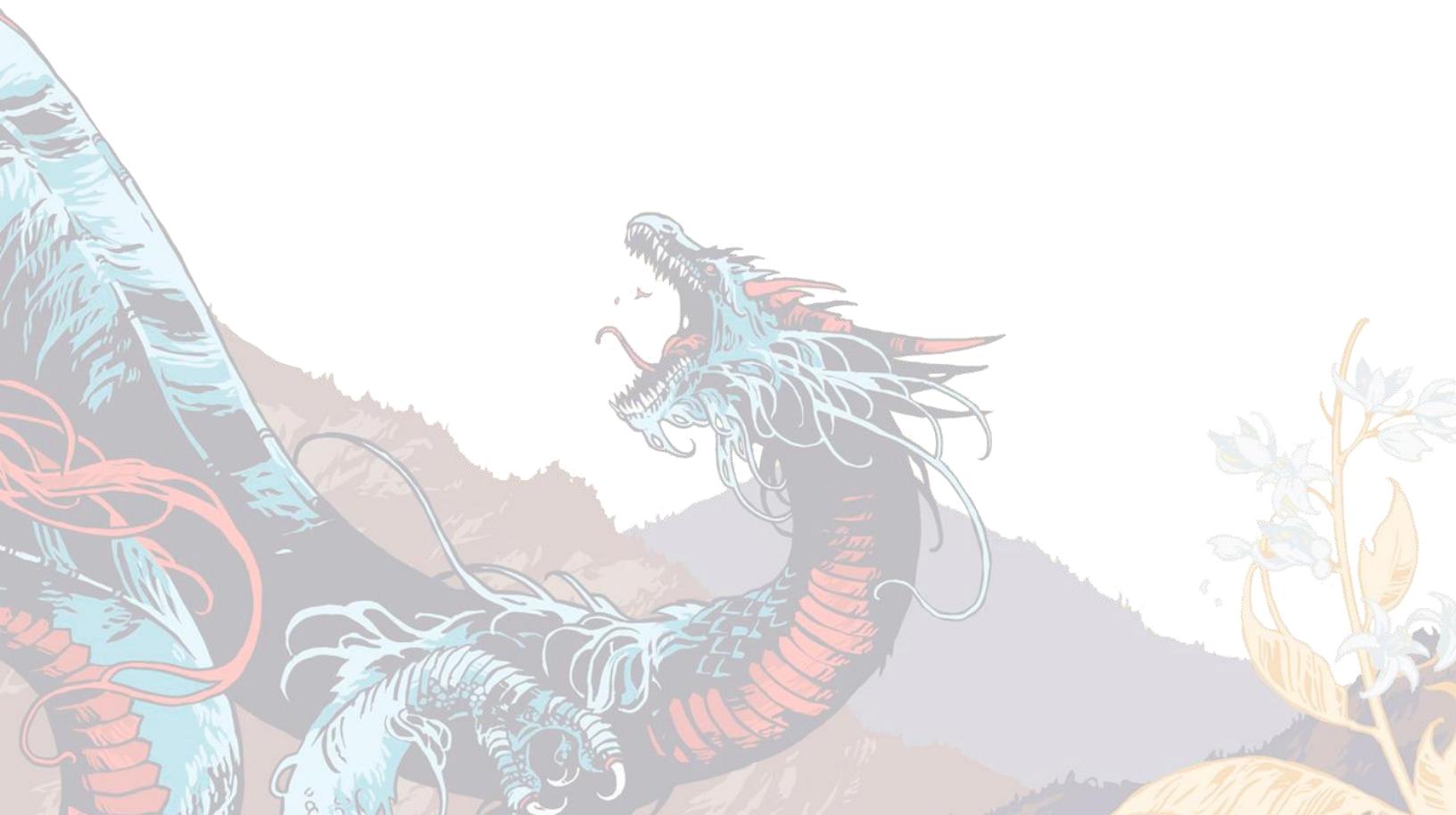
A Prioresa estendeu as duas mãos, com as palmas para cima, e sorriu. Ead os pegou e se levantou, e aplausos ecoaram na câmara mortuária. Enquanto a Prioresa a virava para encarar suas irmãs, apresentando-a a elas como uma Donzela Vermelha, Ead por acaso olhou para os Filhos de Siyāti. E ali, de pé entre eles, estava um homem cujo rosto era familiar.

Ele era mais alto do que ela. Membros longos e poderosos. Pele profundamente negra. Quando ele ergueu a cabeça, suas feições estavam expostas à luz das velas.

Ela não podia estar vendo isso. Kalyba havia confundido seus sentidos. Ele estava morto. Ele estava perdido. Ele não poderia estar aqui.

E ainda sim, ele estava.

Loth.



Capítulo 44

Sul

Ead.

Ela estava olhando para ele como se fosse um fantasma.

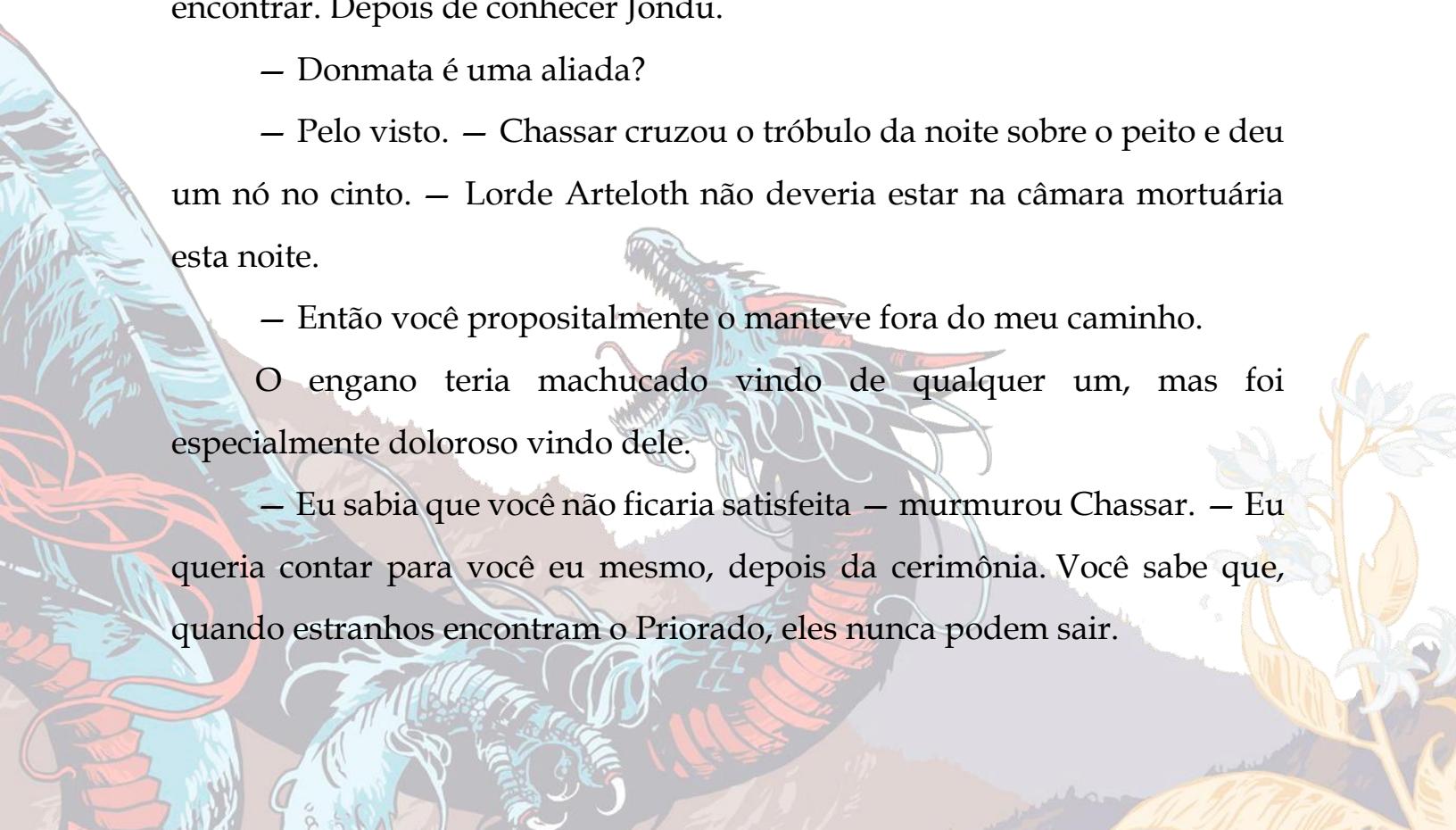
Por meses, ele havia caminhado por esses corredores meio dormindo. Ele suspeitava que eles estavam colocando algo em sua comida, para fazê-lo esquecer o homem que ele tinha sido. Ele tinha começado a se esquecer dos detalhes do rosto dela, sua amiga de longa data.

Agora lá estava ela, com uma capa vermelha, o cabelo cheio de flores. E ela parecia... inteira, e cheia, e nova. Como se ela tivesse passado muito tempo sem água e agora estivesse em flor.

Ead mudou seu olhar. Como se ela nunca o tivesse visto. A Prioresa – a chefe desta seita – guiou-a para fora da câmara. A traição o feriu ao vê-la pela primeira vez, mas ele soube, desde aquele instante de olhos arregalados e lábios entreabertos, que ela estava tão surpresa em vê-lo quanto ele em vê-la.

Não importa o que ela fosse, ela ainda era Ead Duryan, ainda era sua amiga. De alguma forma, ele tinha que alcançá-la.

Antes que fosse tarde demais para lembrar.



Chassar estava na cama quando Ead o encontrou lendo à luz de velas, óculos na ponte do nariz. Ele olhou para cima quando ela entrou em seu quarto como uma tempestade.

— O que Lorde Arteloth está fazendo aqui? — Ela não fez nenhum esforço para manter a voz baixa.

Suas grandes sobrancelhas franziram.

— Eadaz — disse ele. — Acalme-se.

Sarsun, que estava cochilando, soltou um grasnido indignado.

— O Falcão Noturno enviou Loth para Cársaro — Ead disse friamente. — Por que ele está aqui?

Chassar soltou um longo suspiro.

— Foi ele quem nos trouxe a caixa de enigmas. Foi dado a ele pela Donmata Marosa. — Ele tirou os óculos. — Ela disse a ele para me encontrar. Depois de conhecer Jondú.

— Donmata é uma aliada?

— Pelo visto. — Chassar cruzou o tróbulo da noite sobre o peito e deu um nó no cinto. — Lorde Arteloth não deveria estar na câmara mortuária esta noite.

— Então você propositalmente o manteve fora do meu caminho.

O engano teria machucado vindo de qualquer um, mas foi especialmente doloroso vindo dele.

— Eu sabia que você não ficaria satisfeita — murmurou Chassar. — Eu queria contar para você eu mesmo, depois da cerimônia. Você sabe que, quando estranhos encontram o Priorado, eles nunca podem sair.

— Ele tem uma família. Não podemos simplesmente...

— Nós podemos. Pelo Priorado. — Lentamente, Chassar se levantou da cama. — Se o deixarmos ir, ele contará tudo a Sabran.

— Você não precisa temer isso. O Falcão da Noite nunca vai deixar Loth retornar à corte — Ead disse.

— Eadaz, me escute. Arteloth Beck é um seguidor do Enganador. Talvez ele tenha sido bom com você, mas nunca poderá *entendê-la*. Em seguida, você vai me dizer que se importa com Sabran Bereth...

— E se eu fizesse?

Chassar examinou seu rosto. Sua boca era uma fissura nas profundezas de sua barba.

— Você ouviu a blasfêmia dos Inysh — disse ele. — Você sabe o que eles fizeram pela memória da Mãe.

— Você me disse para chegar perto dela. É de se admirar que eu tenha feito isso? — Ead atirou de volta. — Você me deixou sozinha naquela corte por quase uma década. Eu era uma estranha. Uma convertida. Se eu não tivesse encontrado pessoas em quem me agarrar, para tornar a espera suportável...

— Eu sei. E vou lamentar por isso pelo resto dos meus dias. — Ele colocou uma mão carinhosa em seu ombro. — Você está cansada. E com raiva. Podemos falar novamente pela manhã.

Ela queria retrucar, mas aquele era Chassar, que ajudara os Filhos de Siyāti a criá-la, que a fizera gargalhar quando era pequena, que cuidara dela quando Zāla morrerá.

— Nairuj me disse que a Prioresa me dará outra tarefa em breve — disse Ead. — Eu quero saber o que é.

Chassar pressionou um dedo entre os olhos e esfregou. Ela ficou parada, esperando.

— Você protegeu Sabran de Fýredel quase nove anos depois de deixar Lasia. Esse vínculo profundo com a árvore — que pode atravessar o tempo e a distância — é uma coisa rara. Muito rara. — Ele afundou de volta na cama. — A Prioresa pretende tirar proveito disso. Ela pretende enviar você para as terras além do Portão de Ungulus.

Seu coração bateu forte.

— Para qual propósito?

— Uma irmã nos trouxe rumores de Drayasta. Um grupo de piratas está alegando que Valeysa botou um ovo em algum lugar de Eria durante o Século da Dor — disse Chassar. — A Prioresa quer que você o encontre e o destrua. Antes que possa eclodir.

— Ungulus. — Ead não conseguia mais sentir a maior parte de seu corpo. — Posso ficar fora por anos.

— Sim.

O Portão de Ungulus era o limite do mundo conhecido. Além dele, o continente sul era desconhecido. Os poucos exploradores que se aventuraram ali falaram de um deserto sem fim, que se chamava Eria — cintilantes salinas, sol brutal e nem uma gota d'água. Se algum deles conseguiu chegar ao outro lado, nunca mais voltou para contar a história.

— Sempre houve histórias circulando em Drayasta. — Ead caminhou lentamente em direção à varanda. — Pela Mãe, o que eu fiz para merecer *mais* exílio?

— Esta é uma missão de verdadeira urgência — disse Chassar. — Mas sinto que ela a escolheu para isso não apenas por causa de sua resistência, mas porque essa tarefa faria voltar sua atenção para o Sul.

— Você quer dizer que minha lealdade está em questão.

— Não — disse Chassar, mais gentil. — Ela simplesmente acredita que você pode se beneficiar desta jornada. Isso lhe dará a chance de se lembrar do seu propósito e se limpar de impurezas.

A Prioresa a queria o mais longe possível de Virtudom para que ela não pudesse ver a turbulência que logo estouraria ali. Ela esperava que, quando Ead voltasse, ela não acreditasse mais que qualquer lugar que não fosse o Sul importava.

— Há uma outra escolha.

Ead olhou por cima do ombro.

— Diga logo.

— Você poderia oferecer a ela um filho. — Chassar sustentou seu olhar. — Devemos ter mais guerreiros para o Priorado. A Prioresa acredita que qualquer filho seu herdará seu vínculo com a árvore. Faça isso, e ela pode enviar Nairuj para o sul, assim que tiver dado à luz.

Sua mandíbula doía com o esforço necessário para conter uma risada triste.

— Para mim — disse ela —, isso não é escolha.

Ela saiu do quarto.

— Eadaz — Chassar gritou atrás dela, mas ela não olhou para trás. —

Onde você vai?

— Vê-la.

— Não. — Ele estava no corredor e na frente dela em instantes. — Eadaz, olhe para mim. A decisão está tomada. Lute com ela, e ela só estenderá seu tempo fora.

— Não sou uma criança que precisa ser mandada embora para pensar no que fiz de errado. Eu sou...

— O que está acontecendo?

Ead se virou. A Prioresa, resplandecente em seda cor de ameixa, parou na entrada do corredor.

— Prioresa. — Ead foi até ela. — Eu imploro que não me envie nesta tarefa além de Ungulus.

— Já está resolvido. Há muito suspeitamos que os Alto Ocidentais têm um ninho — disse a prioresa. — A irmã que vai destruí-lo deve sobreviver sem os frutos. Tenho confiança de que você fará isso por mim, filha. Que você vai servir a Mãe mais uma vez.

— Não é assim que eu deveria servir a Mãe.

— Você não aceitará nada além de eu permitir que você volte para Inys. Você tem seu coração posto nisso. Você deve passar pelo Portão de Ungulus para se lembrar de quem você é.

— Eu sei muito bem quem eu sou — retrucou Ead. — O que não sei é por que, nos anos em que estive ausente, esta nossa casa se tornou incapaz de ver além de seu próprio nariz.

Ela sabia pelo silêncio que se seguiu que tinha ido longe demais.

A Prioresa olhou para ela por um longo tempo, tão parada que poderia muito bem ter sido fundida em bronze.

— Se você pedir para evitar seu dever de novo — disse ela por fim —, não terei escolha a não ser pegar de volta seu manto.

Ead não conseguia falar. Uma frieza a percorreu.

A Prioresa se trancou em seu solário. Chassar lançou um olhar pesaroso para Ead antes de se afastar, deixando-a de pé e tremendo.

Uma sociedade tão velha e tão secreta precisava de um manuseio cuidadoso. Ela, Eadaz du Zāla uq-Nāra, agora sabia como era ser manuseada.

Sua jornada de volta ao quarto foi uma mancha. Ela caminhou até sua varanda e viu o Vale de Sangue mais uma vez. A laranjeira estava linda como sempre. Temente à alma em sua perfeição.

A Prioresa não impediria a queda de Inys. Uma vez que a guerra civil dividisse Virtudom por dentro, seria uma presa fácil para o Rei de Carne e o Exército Dracônico. Ead não tinha estômago para isso.

O vinho do sol ainda estava em sua mesa de cabeceira. Ela bebeu o que restava, tentando acalmar os tremores de raiva. Depois de esvaziar a taça, ela se viu olhando para ela. E quando ela o revirou em suas mãos, algo despertou em sua memória.

As taças gêmeas. O antigo símbolo do Cavaleiro da Justiça. E sua linhagem.

Crest.

Descendente do Cavaleiro da Justiça. Ela que pesava as taças da culpa e da inocência, do apoio e da oposição, da virtude e do vício. Um servidor de confiança da coroa.

Copeiro.

Igrain Crest, que sempre desaprovou Aubrecht Lievelyn. Cujos lacaios haviam assumido o controle da Torre da Rainha mesmo quando Ead fugia dela, aparentemente para proteger Sabran.

Ead agarrou a balaustrada. Loth havia enviado um aviso de Cársaro. *Cuidado com o copeiro.* Ele estava investigando o desaparecimento do Príncipe Wilstan, que por sua vez suspeitava do envolvimento de Vetalda no assassinato da Rainha Rosarian.

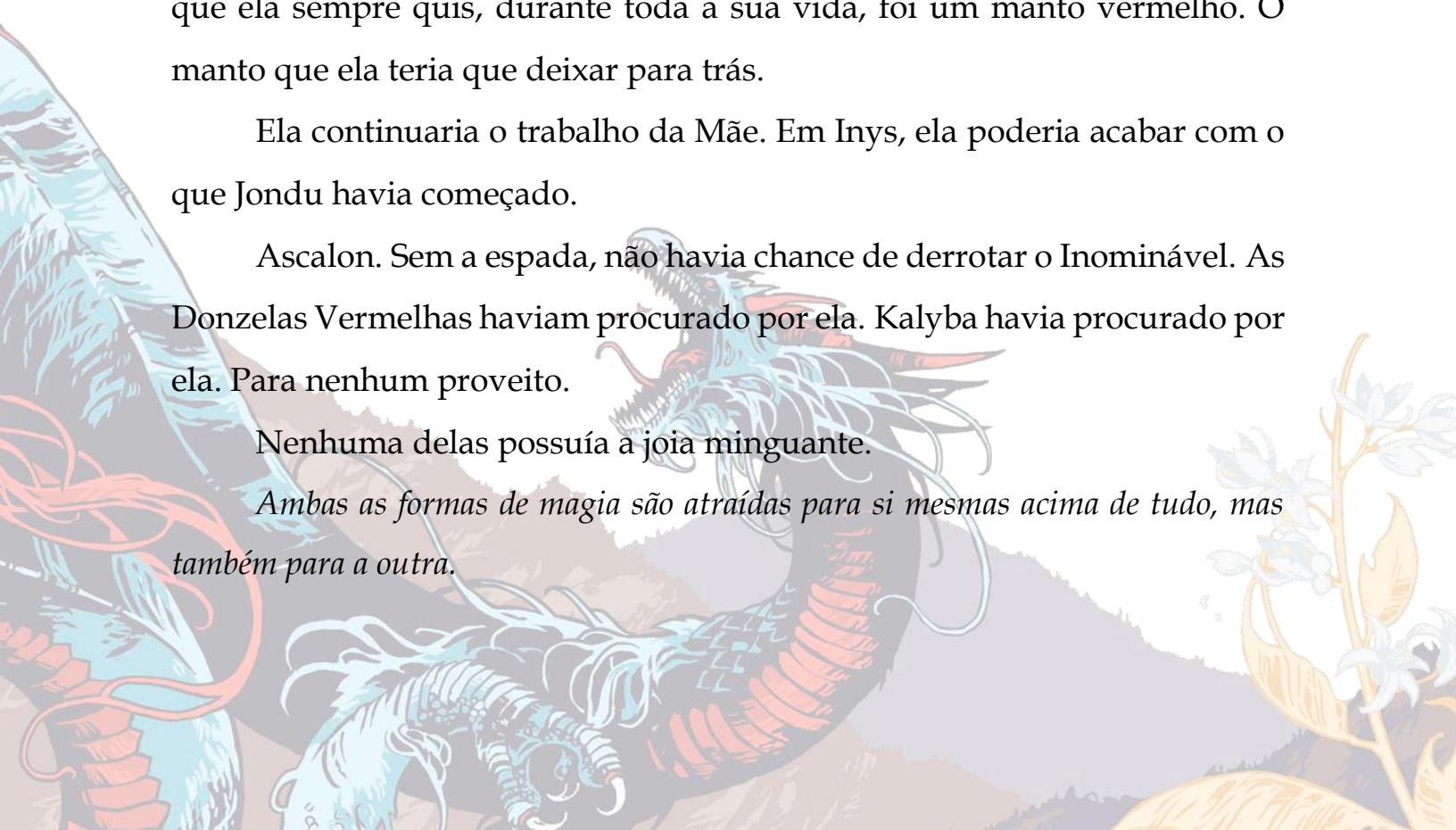
Será que Crest providenciou para que Rosarian Berethnet morresse antes do tempo, deixando uma jovem no comando de Inys?

Uma rainha que precisava de um protetor antes de atingir a maioridade. Uma jovem princesa que Crest havia se apresentado para moldar...

Mesmo enquanto ela considerava isso, Ead sabia que seu instinto parecia verdadeiro. Ela tinha ficado tão cega por seu ódio por Combe, tão determinada a torná-lo responsável por tudo o que acontecera em Inys, que ela perdeu o que estava bem diante de seus olhos.

Como seria fácil, dissera Combe, para você colocar a culpa de todos os males na minha porta.

Se fosse Crest, Roslain poderia estar nisso. Talvez sua lealdade a Sabran tivesse desaparecido, junto com a criança. Toda a família Crest poderia estar conspirando para usurpar ela.



E eles tinham a Torre da Rainha.

Ead caminhou no escuro. Apesar do calor úmido da Bacia Lasian, ela estava com tanto frio que seu queixo tremia.

Se ela voltasse para Inys, seria um anátema para o Priorado. Seu nome não dito, sua vida perdida.

Se ela *não* voltasse para Inys, ela estaria abandonando toda Virtudom. Isso parecia a Ead uma traição a tudo o que ela sabia ser certo e a tudo que o Priorado representava. Ela era leal à Mãe, não a Mita Yedanya.

Ela tinha que seguir a chama em seu coração. A chama que a árvore deu a ela.

A percepção do que ela tinha que fazer entalhou as peças de sua alma. Ela sentiu o gosto de sal nos lábios. As lágrimas correram até o queixo e caíram em gotas gordas.

Este lugar era onde ela havia nascido. Era onde ela pertencia. Tudo o que ela sempre quis, durante toda a sua vida, foi um manto vermelho. O manto que ela teria que deixar para trás.

Ela continuaria o trabalho da Mãe. Em Inys, ela poderia acabar com o que Jondú havia começado.

Ascalon. Sem a espada, não havia chance de derrotar o Inominável. As Donzelas Vermelhas haviam procurado por ela. Kalyba havia procurado por ela. Para nenhum proveito.

Nenhuma delas possuía a joia minguante.

Ambas as formas de magia são atraídas para si mesmas acima de tudo, mas também para a outra.

A joia tinha que ser estéril. Ascalon poderia responder a isso, e a lâmina, por sua vez, responderia apenas a ela.

Ead olhou para a árvore, a garganta doendo. Ela caiu de joelhos e rezou para que essa fosse a decisão certa.



Aralaq a encontrou lá pela manhã, quando o sol brilhava no céu azul-pérola.

— Eadaz.

Ela virou a cabeça para olhar para ele, crua e sem sono. Sua língua lixou sua bochecha.

— Meu amigo — disse ela —, preciso da sua ajuda. — Ela segurou o rosto dele entre as mãos. — Você se lembra de como eu te alimentei, quando você era um filhote? Como eu cuidei de você?

Seus olhos âmbar pareciam captar a luz do sol.

— Sim — disse ele.

Claro que ele se lembrava. Os Ichneumons não se esqueciam da primeira mão a alimentá-los.

— Há um homem aqui, entre os Filhos de Siyāti. Seu nome é Arteloth.

— Sim. Eu o trouxe aqui.

— Você estava certo em salvá-lo. — Ela engoliu a espessura em sua garganta. — Eu preciso que você o tire do Priorado, para a entrada da caverna na floresta, após o pôr do sol.

Ele a estudou.

— Você está saindo.

— Eu devo.

Suas narinas estreitas dilataram-se.

— Eles vão seguir.

— É por isso que preciso da sua ajuda. — Ela acariciou suas orelhas. — Você deve descobrir onde a Prioresa mantém a joia branca do meu quarto.

— Você é uma tola. — Ele cutucou a testa dela com o nariz. — Sem a árvore, você murchará. Todas as irmãs murcham.

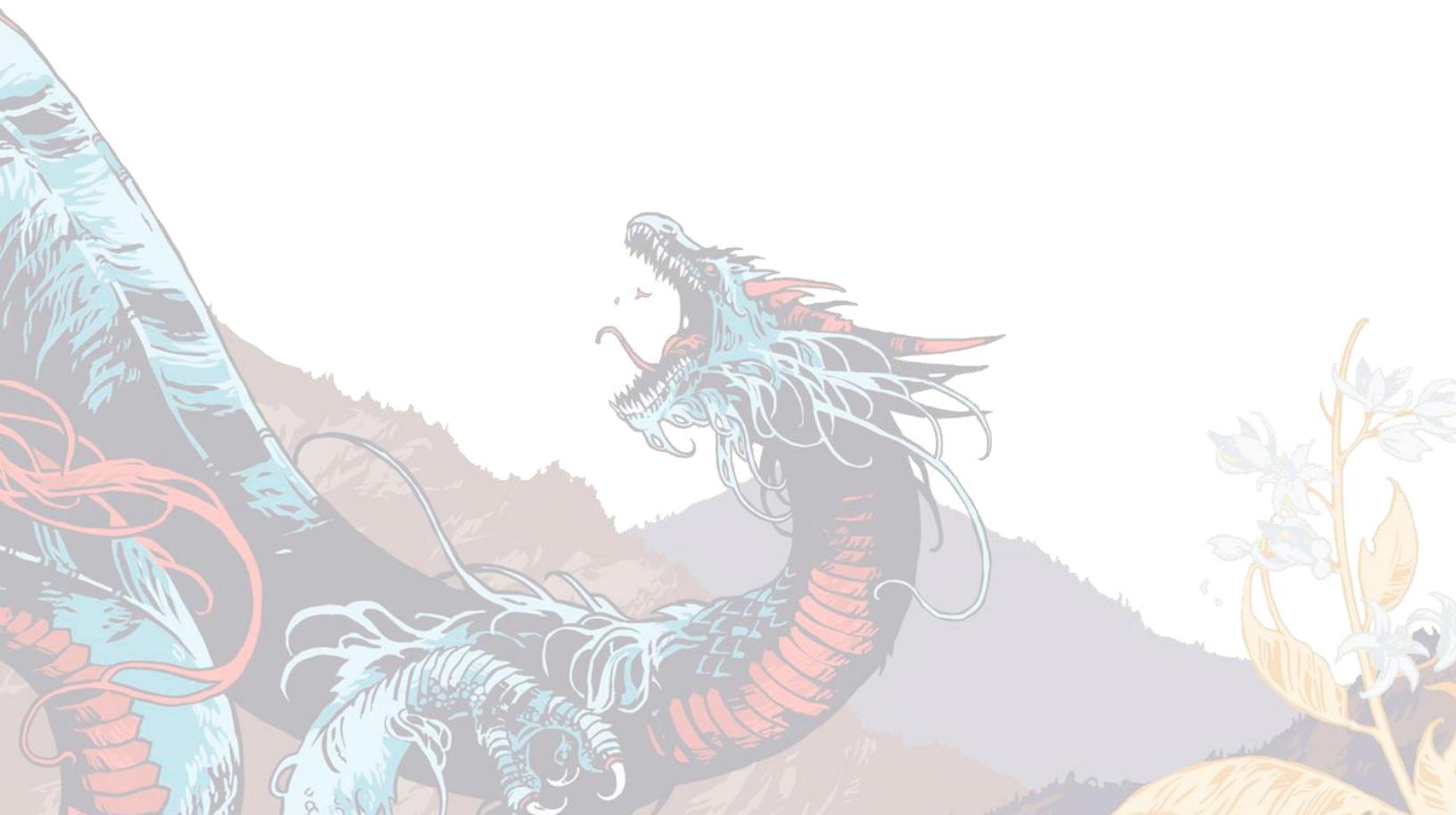
— Então eu vou definhar. Melhor fazer isso do que não fazer nada.

Um bufo escapou dele.

— Mita tem a joia consigo — ele resmungou. — Ela tem cheiro dele. Do mar.

Ead fechou os olhos.

— Vou encontrar um jeito — disse ela.



Capítulo 45

Leste

As praias da Ilha das Penas foram inundadas pela água do mar. Tané havia passado horas com o Ancião Vara enquanto a ilha estremecia, tornando impossível de ler.

O Ancião Vara conseguia, é claro. O mundo poderia acabar e ele encontraria uma maneira de continuar lendo.

Depois das águas, um silêncio terrível caiu. Todos os pássaros da floresta perderam a voz. Foi quando os estudiosos começaram a examinar os danos causados pelo terremoto. A maioria deles saiu ilesa, mas dois homens foram atirados do penhasco. O mar não havia devolvido seus corpos – mas outro corpo apareceu um dia depois.

O corpo de um dragão.

Tané fora com o Ancião Vara ao pôr do sol para ver o deus sem vida. Os degraus eram duros em sua perna de ferro e haviam demorado muito para chegar à praia, mas ele estava decidido a ir e Tané não saíra de seu lado.

Eles haviam encontrado um jovem dragão Seiikinense retorcido na areia, sua mandíbula frouxa na morte. Os pássaros já haviam bicado o brilho de suas escamas e a névoa se agarrava a seus ossos. Tané estremeceu com a

visão e, eventualmente, quando ela não pôde mais suportar, ela se virou de dor.

Ela nunca tinha visto a carcaça de um dragão. Era a coisa mais terrível que ela já vira. A princípio eles pensaram que a pequena fêmea tinha sido massacrada em Kawontay e os restos mortais abandonados ao mar – Tané pensara em Nayimathun e adoecera – mas o corpo estava inteiro, com todas as suas escamas, dentes e garras.

Os deuses não podiam se afogar. Eles eram um com a água. Finalmente, os anciãos concluíram que este dragão foi fervido.

Fervido vivo pelo próprio mar.

Nada era mais anormal. Nenhum presságio poderia ser mais sinistro.

Mesmo se todos os estudiosos tivessem combinado suas forças, eles não seriam capazes de mover o dragão fêmea. Ela seria deixada para se decompor até a inexistência. Eventualmente, tudo o que restaria seria osso iridescente.

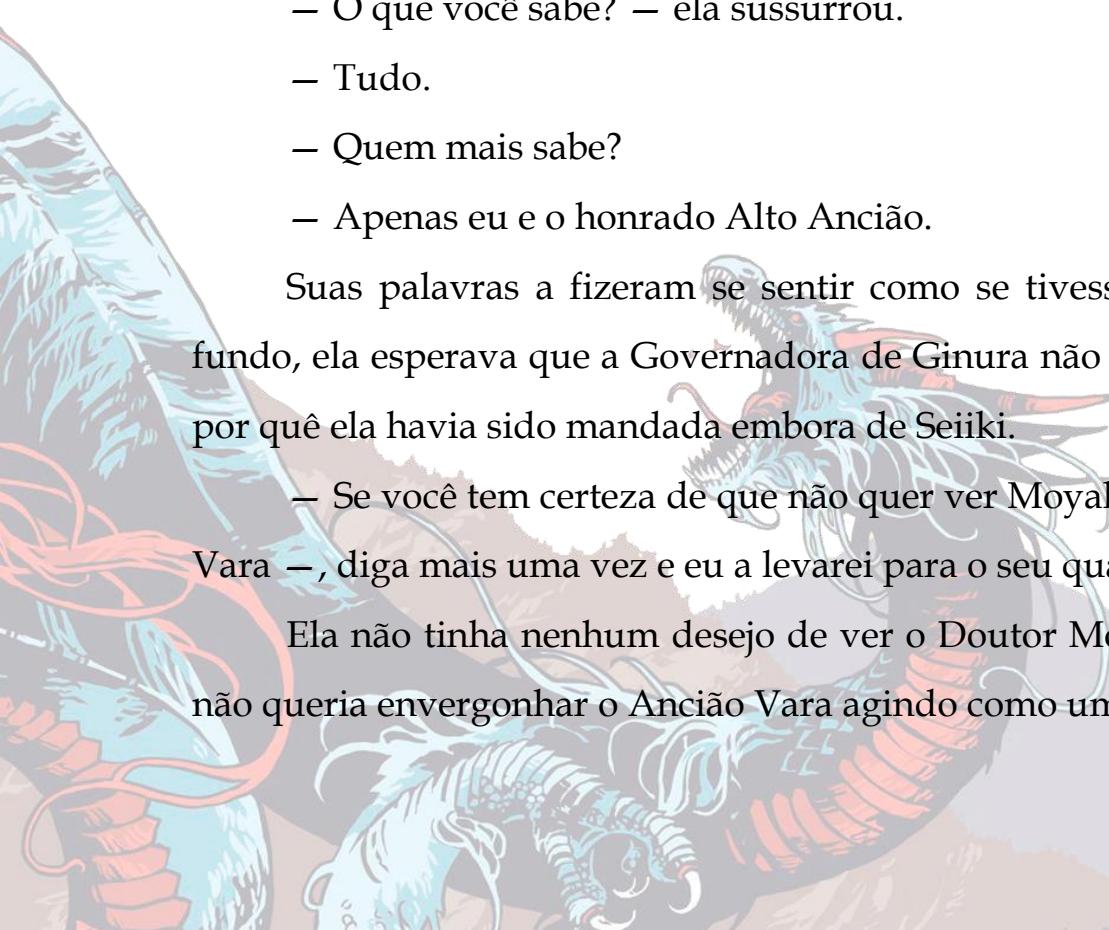


O cirurgião chegou enquanto Tané varria as folhas com três outros acadêmicos, que trabalhavam em silêncio. Alguns tremiam de lágrimas. O dragão morto deixou todos em estado de choque.

— Estudosa Tané — disse o Ancião Vara.

Ela caminhou atrás dele como uma sombra, nos corredores.

— A cirurgiã finalmente chegou. Achei que pudesse examinar o seu lado — disse ele. — Moyaka pratica a medicina Seiikinense e Mentish.



Tané parou de repente.

Moyaka. Ela conhecia esse nome.

O Ancião Vara se virou para encará-la com uma sobrancelha enrugada.

— Estudiosa Tané, você parece angustiada.

— Eu não quero ver esse médico. Por favor, Ancião Vara. Moyaka... —

Ela se sentiu mal. — Moyaka conhece alguém que me ameaçou. Quem ameaçou meu dragão.

Ela podia ver Roos novamente, na praia. Seu sorriso insensível quando disse a ela que ela deveria mutilar seu dragão ou perderia tudo. Moyaka tinha deixado aquele monstro ficar em sua casa.

— Eu sei que seus últimos dias em Seiiki foram infelizes, Tané. — O Ancião Vara falou gentilmente. — Eu também sei como é difícil deixar o passado para trás. Mas na Ilha das Penas, você *deve* deixar ir.

Tané olhou para seu rosto enrugado.

— O que você sabe? — ela sussurrou.

— Tudo.

— Quem mais sabe?

— Apenas eu e o honrado Alto Ancião.

Suas palavras a fizeram se sentir como se tivesse sido despida. No fundo, ela esperava que a Governadora de Ginura não contasse a ninguém por quê ela havia sido mandada embora de Seiiki.

— Se você tem certeza de que não quer ver Moyaka — disse o Ancião Vara —, diga mais uma vez e eu a levarei para o seu quarto.

Ela não tinha nenhum desejo de ver o Doutor Moyaka, mas também não queria envergonhar o Ancião Vara agindo como uma criança.

— Verei ele — disse.

— Ela — ele corrigiu.

Uma mulher robusta de Seiiki esperava por eles na sala de cura, onde uma fonte de água borbulhava. Tané nunca a tinha visto antes, mas ela era claramente parente do Doutor Moyaka que ela conheceu em Ginura.

— Bom dia, ilustre estudiosa. — A mulher fez uma reverência. — Eu entendo que você tem uma lesão do seu lado.

— Uma velha — explicou o Ancião Vara, quando Tané apenas se curvou em resposta. — É um inchaço que ela tem desde a infância.

— Entendo. — A Doutora Moyaka deu um tapinha nas esteiras, onde um cobertor e um encosto de cabeça haviam sido colocados. — Abra sua túnica, por favor, ilustre estudiosa, e deite-se.

Tané obedeceu às instruções.

— Diga-me, Purumé — disse o Ancião Vara a médica — houve mais ataques em Seiiki pela Frota do Olho de Tigre?

— Não desde a noite em que eles vieram a Ginura, que eu saiba — Moyaka respondeu pesadamente. — Mas eles vão voltar em breve. A Imperatriz Dourada é encorajada.

Tané precisou de toda a sua força de vontade para não se encolher com seu toque. O caroço ainda estava sensível.

— Ah, aqui está. — Moyaka traçou a forma do caroço. — Quantos anos você tem, ilustre estudiosa?

— Vinte — disse Tané suavemente.

— E você teve isso toda a sua vida?

— Desde criança. Meu professor disse que minha costela quebrou uma vez.

— Alguma vez dói?

— Às vezes.

— Hm. — Moyaka a examinou com a ponta dos dedos. — Pela sensação, é mais provável que seja uma espora de osso, nada para se preocupar, mas eu gostaria de fazer uma pequena incisão. Só pra ter certeza.

— Ela abriu um estojo de couro. — Você vai precisar de algo para a dor?

A velha Tané teria recusado, mas tudo o que ela queria desde que chegara aqui era não sentir nada. Para se esquecer de si mesma.

Um dos alunos mais jovens trouxe gelo das cavernas, embrulhado em lã para mantê-lo frio. Moyaka preparou a droga e Tané a bebeu através de um cachimbo. A fumaça esfregou sua garganta em carne viva. Quando atingiu seu peito, soprou um doce e escuro conforto em seu sangue, e seu corpo era metade pena e metade pedra, afundando conforme seus pensamentos se iluminavam.

O peso de sua vergonha evaporou. Pela primeira vez em semanas, ela respirou com facilidade.

Moyaka segurou o gelo ao seu lado. Uma vez que Tané não podia mais sentir muito ali, a médica escolheu um instrumento, lavou-o em água fervente e deslizou sua ponta sob o caroço.

Uma dor distante registrada. A sombra da dor. Tané pressionou as palmas das mãos no chão.

— Você está bem, criança? — Ancião Vara perguntou.

Havia três dele. Tané acenou com a cabeça, e o mundo parecia acenar com ela. Moyaka abriu a incisão.

— Isso é... — Ela piscou. — Estranho. Muito estranho.

Tané tentou levantar a cabeça, mas seu pescoço estava fraco como uma folha de grama. O Ancião Vara colocou a mão em seu ombro.

— O que é, Purumé?

— Não posso ter certeza até removê-lo — foi a resposta intrigada. — Mas... bem, quase se parece com uma...

Sua descoberta foi interrompida por um estrondo de fora.

— Outra sacudida — disse o Ancião Vara. Sua voz parecia tão distante.

— Aquilo não pareceu um tremor de terra. — Moyaka enrijceu. — Grande Kwiriki, salve-nos...

Um brilho irrompeu pela janela. O chão tremeu e alguém gritou *fogo*. Momentos depois, a mesma voz soltou um grito de arrepiar a espinha antes de ser cortada bruscamente.

— Cuspidores de fogo. — O Ancião Vara já estava de pé. — Tané, rápido. Devemos nos abrigar na ravina.

Cuspidores de fogo. Mas nenhum cuspidor de fogo foi visto no Oriente por séculos...

Ele puxou o braço dela ao redor de seus ombros ossudos e a ergueu do colchonete. Tané cambaleou. Sua mente estava confusa, mas ela manteve o bom senso de se mover. Sem sapatos e entorpecida, ela foi com o Ancião Vara e a Doutora Moyaka pelos corredores e para o refeitório, onde ele abriu a porta do pátio. Outros estudiosos estavam indo para a floresta.

Os cheiros de chuva e fogo se misturaram ao seu redor. O Ancião Vara apontou para a ponte.

— Atravesse. Há uma caverna do outro lado, espere por mim dentro dela e desceremos juntos — disse o Ancião Vara. — Doutora Moyaka e eu devemos cuidar para que ninguém seja deixado para trás. — Ele deu um empurrão nela. — Vá, Tané. Rápido!

— E mantenha a pressão sobre o ferimento — disse a Doutora Moyaka atrás dela.

Tudo se movia como se fosse através da água. Tané começou a correr desajeitadamente, mas parecia que estava nadando.

A ponte estava à vista da Casa Vane. Ela estava se aproximando quando uma sombra voou acima dela. O calor flamejou contra suas costas. Ela tentou ir mais rápido, mas a exaustão a fez tropeçar e, a cada passo, a incisão gotejava mais sangue. A dor bateu na armadura acolchoada que a droga a envolveu.

A ponte cruzava a ravina perto das Cataratas de Kviriki. Um ancião já estava pastoreando um grupo de estudiosos sobre ele. Tané tropeçou atrás deles, uma mão pressionada ao lado do corpo.

Abaixo da ponte havia uma queda fatal no Caminho do Ancião. As copas das árvores erguiam-se de uma tigela de névoa.

Outra sombra caiu de cima. Ela tentou gritar um aviso para os outros estudiosos, mas sua língua era um pedaço de pano em sua boca. Uma bola de fogo atingiu o telhado da ponte. Segundos depois, uma cauda pontiaguda transformou-a em uma explosão de estilhaços. A madeira gemeu e se partiu sob os pés. Tané quase caiu quando parou de correr para ela. Impotente, ela

observou enquanto a estrutura tremia, um buraco aberto rasgado em seu meio. Um terceiro cuspidor de fogo quebrou um dos pilares que o ancoravam. Silhuetas sem rosto gritaram enquanto escorregavam da borda e despencavam.

A chama rasgou carne e madeira igualmente. Outra seção da ponte desmoronou, como um tronco que ficava em chamas por muito tempo. O vento uivava na esteira das asas.

Não havia escolha. Ela teria que pular. Tané correu para a ponte, os olhos ardendo na fumaça, enquanto os cupidores de fogo se viravam para um segundo ataque.

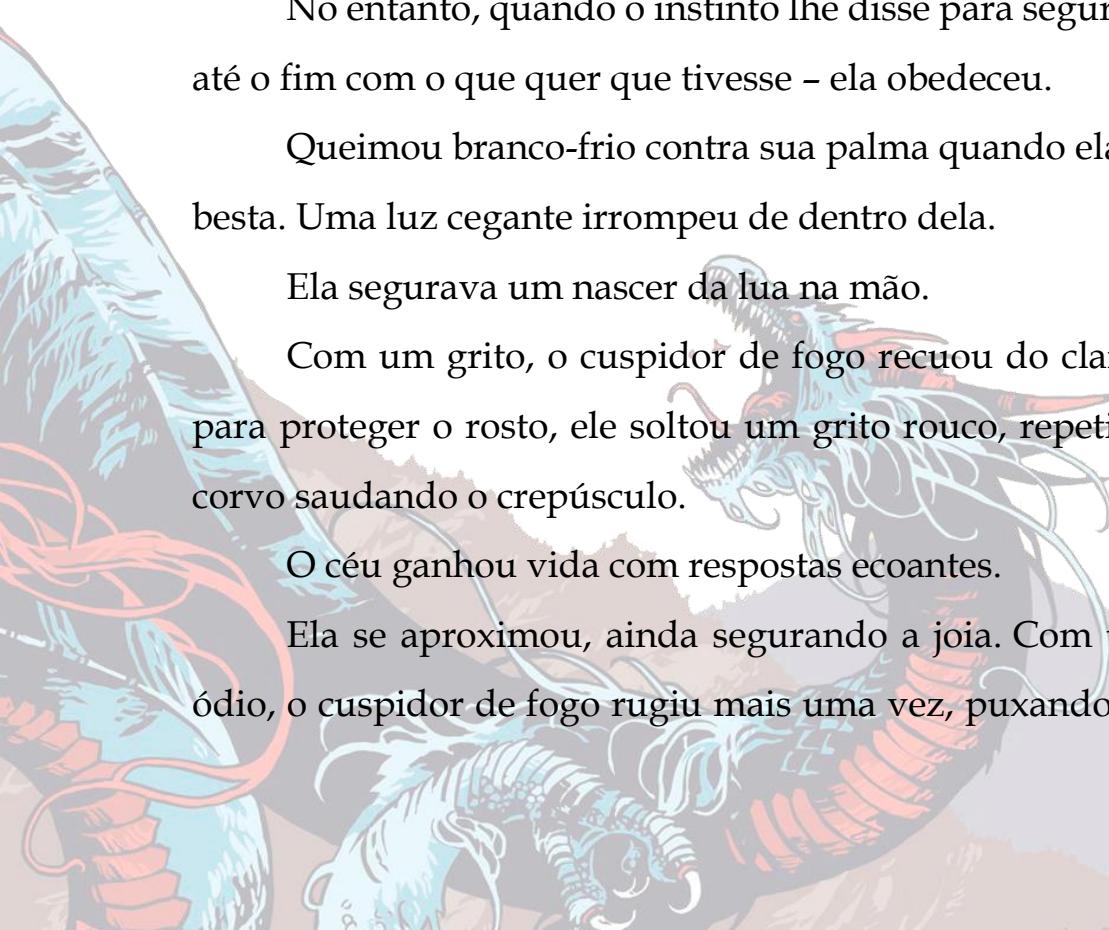
Antes que ela pudesse alcançar a abertura, seus joelhos dobraram. Ela rolou para amortecer a queda e sua pele se rasgou como papel molhado. Soluçando de agonia, ela estendeu a mão para o lado – e o caroço, a coisa que ela carregou por anos, escorregou da costura estourada em seu corpo. Estremecendo, ela olhou para ele.

Uma joia. Lisa com seu sangue, e não maior que uma castanha. Uma estrela aprisionada em uma pedra.

Não havia tempo para ficar confusa. Mais cupidores de fogo estavam se reunindo. Fraca de dor, Tané fechou a mão em torno da joia. Enquanto ela lutava para atravessar a ponte, mais tonta a cada momento, algo se espatifou no telhado e pousou na frente dela.

Ela se viu cara a cara com um pesadelo.

Parecia e cheirava a restos de uma erupção vulcânica. Carvões acesos onde deveria haver olhos. Escamas pretas como cinzas. O vapor assobiava onde a chuva pontilhava sua pele. Duas pernas musculosas suportavam a



maior parte de seu peso, e as juntas de suas asas terminavam em ganchos cruéis – e aquelas *asas*. As asas de um morcego. Uma cauda de lagarto chicoteava atrás. Mesmo com a cabeça baixa, ele se erguia sobre ela, os dentes à mostra e manchados de sangue.

Tané estremeceu sob seu olhar. Ela não tinha espada ou alabarda. Nem mesmo uma adaga para arrancar o olho. Uma vez ela poderia ter orado, mas nenhum deus daria ouvidos a uma cavaleira em desgraça.

O cuspidor de fogo rosou um desafio. A luz queimava sua garganta e Tané percebeu que estava prestes a morrer. O Ancião Vara encontraria suas ruínas fumegantes e seria o fim de tudo.

Ela não temia a morte. Os Cavaleiros do Dragão se colocam em perigo mortal todos os dias, e desde que ela era uma criança, ela sabia dos riscos que enfrentaria ao se juntar ao Clã Miduchi. Uma hora atrás, ela poderia até ter abraçado esse fim. Melhor do que a podridão estourada da vergonha.

No entanto, quando o instinto lhe disse para segurar a joia – para lutar até o fim com o que quer que tivesse – ela obedeceu.

Queimou branco-frio contra sua palma quando ela a empurrou para a besta. Uma luz cegante irrompeu de dentro dela.

Ela segurava um nascer da lua na mão.

Com um grito, o cuspidor de fogo recuou do clarão. Erguendo a asa para proteger o rosto, ele soltou um grito rouco, repetidamente, como um corvo saudando o crepúsculo.

O céu ganhou vida com respostas ecoantes.

Ela se aproximou, ainda segurando a joia. Com um último olhar de ódio, o cuspidor de fogo rugiu mais uma vez, puxando a asa do rosto para

trás e se atirando para o céu. Quando ele desviou em direção ao mar, seus parentes desviaram atrás dele e desapareceram na noite.

O outro lado da ponte desmoronou na ravina, lançando uma nuvem de cinzas. Seus olhos se encheram de lágrimas. Fraca de dor, ela se arrastou de volta para a Casa Vane. Metade de sua túnica estava vermelha.

Ela enterrou a joia no solo do pátio. Fosse o que fosse, ela tinha que mantê-la escondida. Como ela fez durante toda a sua vida.

O telhado da sala de cura foi escavado. Ela procurou o estojo de Moyaka nos tapetes molhados e o encontrou virado para cima no canto. Perto do fundo havia um rolo de barbante e uma agulha torta.

O cachimbo da droga foi quebrado. Quando ela tirou a mão do ferimento, o sangue jorrou.

Com dedos desajeitados, ela enfiou a linha na agulha. Ela limpou o corte o melhor que pôde, mas a sujeira grudou nas bordas. Tocá-la fez a escuridão embaçar sua visão. Com a cabeça girando e a boca seca, ela tateou novamente no caso de estranhezas e encontrou uma garrafa âmbar.

O pior ainda estava por vir. Ela tinha que ficar acordada, só mais um pouco. Nayimathun e Susa sofreram por causa dela. Agora era a vez dela.

A agulha perfurou sua pele.



Capítulo 46

Sul

As cozinhas ficavam atrás da cachoeira, logo abaixo dos solários. Quando criança, Ead adorava entrar sorrateiramente com Jondu e roubar doces de rosa de Tulgus, o cozinheiro-chefe.

A copa estava salpicada de sol e sempre cheirava a especiarias. Os servos estavam preparando arroz perolado, cebolinha, e frango em uma marinada de limão para o jantar.

Ela encontrou Loth arrumando um prato de frutas com Tulgus. Suas pálpebras pareciam pesadas.

Raiz de Sonhos. Eles devem estar tentando fazê-lo esquecer.

— Boa tarde, irmã — disse o cozinheiro de cabelos brancos.

Ead sorriu, tentando não olhar para Loth.

— Você se lembra de mim, Tulgus?

— Sim, irmã. — Ele devolveu o sorriso. — Eu certamente me lembro de quanto da minha comida você roubou.

Seus olhos eram do amarelo claro de óleo de amendoim. Talvez tenha sido ele quem dera os olhos a Nairuj.

— Eu cresci desde então. Agora eu peço por ela. — Ead baixou a voz e se aproximou. — Nairuj disse que você poderia me deixar provar um pouco do vinho do sol da Prioresa.

— Hm. — Tulgus enxugou as mãos manchadas de fígado em um pano. — Um copo pequeno. Considere um presente de volta ao lar dos Filhos de Siyāti. Mandarei levar para o seu quarto.

— Obrigado.

Loth estava olhando para ela como se fosse uma estranha. Ead usou todas as suas forças para não encontrar seu olhar.

Enquanto caminhava de volta para a porta, ela avistou as urnas onde ervas e especiarias eram armazenadas. Vendo que Tulgus estava preocupado, Ead encontrou o frasco de que precisava, pegou uma pitada generosa do pó dentro e jogou-o em uma bolsa.

Ela pegou um bolo de mel de uma bandeja antes de sair. Levaria muito tempo antes que ela provasse outro.

Pelo resto do dia, ela fez como qualquer boa Donzela Vermelha faria quando ela estava prestes a ser enviada em uma longa viagem. Ela praticava arco e flecha sob os olhos vigilantes das Donzelas Prateadas. Cada uma de suas flechas encontrou seu alvo. Entre cada vez que disparava uma flecha, Ead fez questão de parecer calma, sem pressa em encaixar suas flechas. Uma gota de suor poderia denunciá-la.

Quando ela alcançou seu solário, ela o encontrou vazio de seus alforjes e armas. Aralaq deve tê-los levado.

Uma sensação de frio tomou conta dela. Era isso.

O ponto sem retorno.

Ela respirou fundo e sua coluna se transformou em ferro. A Mãe não teria assistido enquanto o mundo queimava. Esmagando as últimas brasas

de dúvida, Ead mudou para seu trobe e assumiu sua posição na cama, onde ela fingia ler. Lá fora, a luz do dia se retirou.

Loth e Aralaq estariam esperando por ela agora. Quando já estava totalmente escuro e alguém bateu em sua porta, ela gritou:

— Entre.

Um dos homens entrou, trazendo um prato. Nela havia duas taças e uma jarra.

— Tulgus disse que você gostaria de provar o vinho do sol, irmã — disse ele.

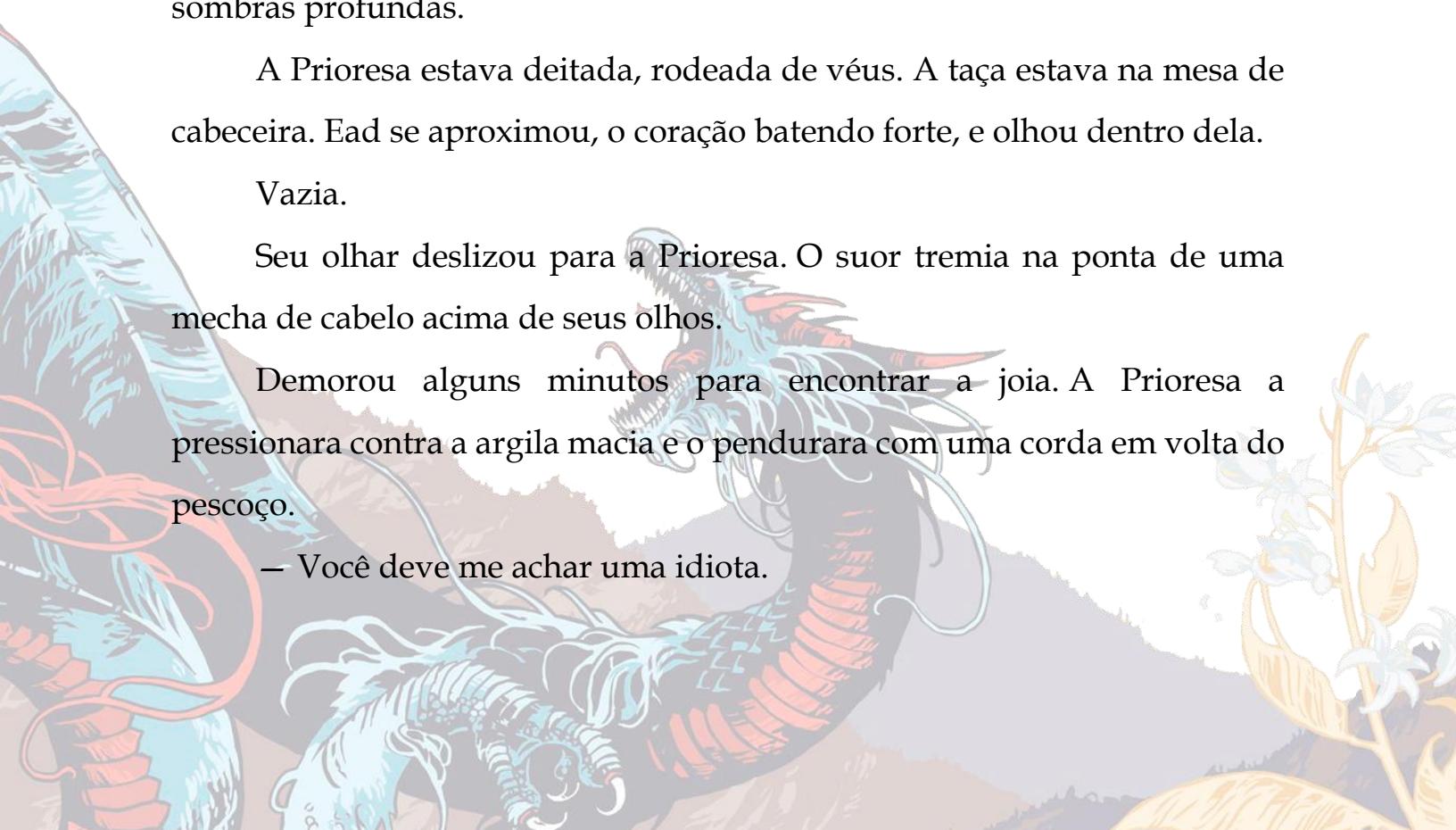
— Sim. — Ela apontou para a mesa de cabeceira. — Deixe isso aqui. E abra as portas, se quiser.

Quando ele pousou a bandeja, Ead manteve sua expressão limpa e folheou outra página de seu livro. Enquanto ele se arrastava em direção às portas da varanda, ela tirou a bolsa de Raiz de Sonhos da manga e a esvaziou em uma das taças. No momento em que o homem se virou, ela tinha a outra taça na mão e a bolsa não estava em lugar nenhum. Ele pegou a bandeja e saiu.

O vento soprou pelo solário e apagou a lamparina. Ead vestiu suas roupas de viagem e botas, ainda com areia de Burlah. A Prioresa já estaria bebendo o vinho drogado.

Ela pegou a única adaga que ainda não tinha embalado e a embainhou em sua coxa. Quando ela teve certeza de que não havia ninguém do lado de fora, ela puxou o capuz sobre os olhos e tornou-se uma com a escuridão.

A Prioresa dormia na soleira mais alta do Priorado, perto do topo da cachoeira, onde ela podia ver o amanhecer sobre o Vale do Sangue. Ead



parou na entrada em arco da passagem. Duas Donzelas Vermelhas guardavam a porta.

O que ela faria a seguir era uma coisa delicada. Uma habilidade antiga, não mais ensinada no Priorado. *Velas*, Jondu tinha chamado. Acender a menor chama imaginável dentro de um corpo vivo, apenas o suficiente para causar a perda de respiração. Exigia uma agilidade de toque.

Com a mais leve torção de seus dedos, ela acendeu uma vela em cada uma das mulheres.

Já fazia muito tempo desde que uma irmã se voltou contra suas companheiras. As gêmeas não estavam preparadas para sentir o calor seco em suas gargantas. A fumaça saiu de suas bocas e narizes e disparou tentáculos negros em suas mentes, sufocando seus sentidos. Enquanto elas afundavam, Ead passou em silêncio e ouviu na porta. Tudo estava quieto.

Lá dentro, a luz da lua fazia agulhas através das janelas. Ela ficou nas sombras profundas.

A Prioresa estava deitada, rodeada de véus. A taça estava na mesa de cabeceira. Ead se aproximou, o coração batendo forte, e olhou dentro dela.

Vazia.

Seu olhar deslizou para a Prioresa. O suor tremia na ponta de uma mecha de cabelo acima de seus olhos.

Demorou alguns minutos para encontrar a joia. A Prioresa a pressionara contra a argila macia e o pendurara com uma corda em volta do pescoço.

— Você deve me achar uma idiota.

Um arrepio percorreu Ead em seu estômago, como uma lança lançada. A Prioresa se virou de costas.

— Senti, de alguma forma, que não deveria beber o vinho esta noite. Uma premonição da Mãe. — Sua mão fechou em torno da joia. — Eu suponho que essa... rebelião em você não é tudo culpa sua. Era inevitável que Inys envenenasse você.

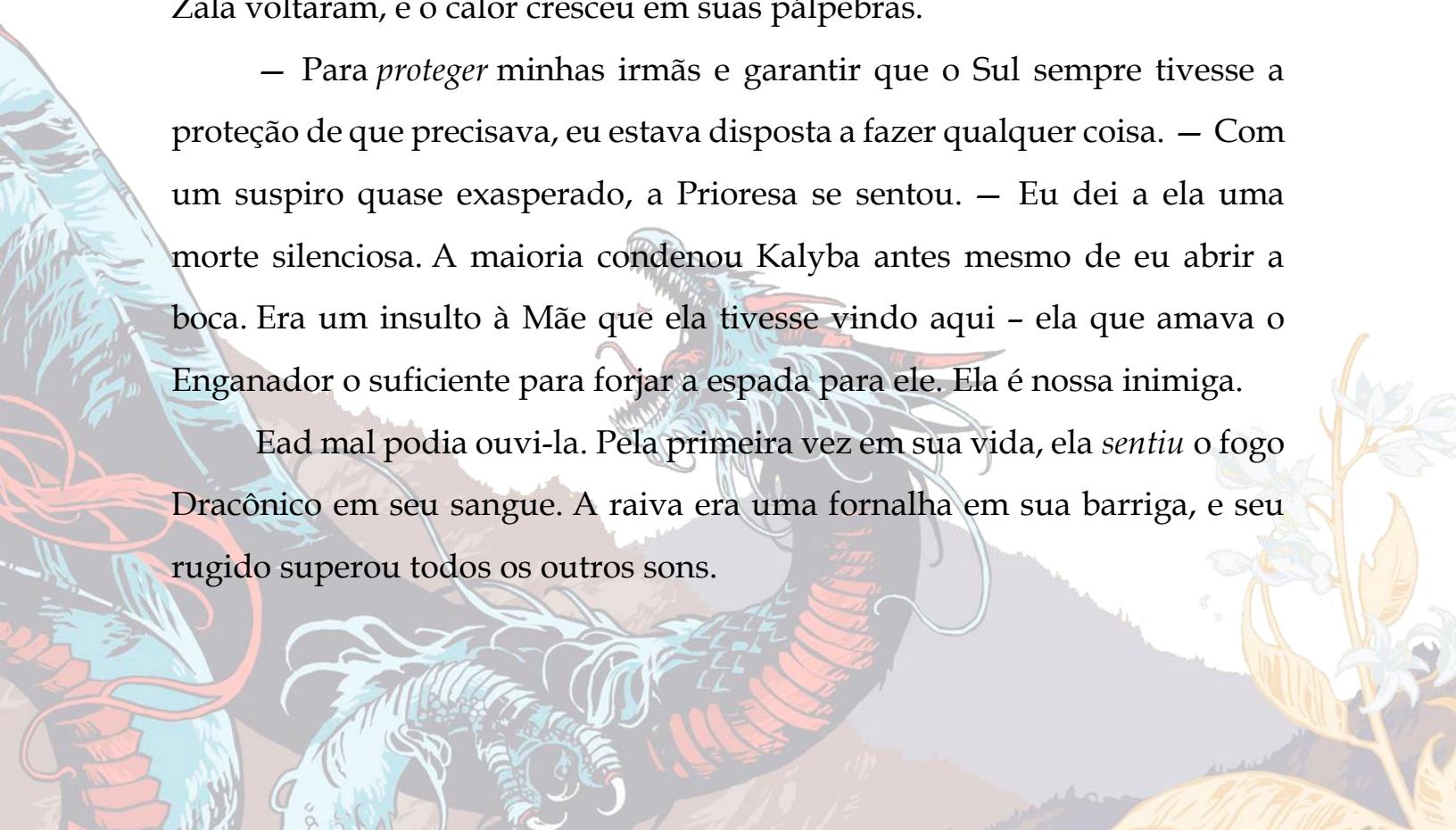
Ead não ousou se mover.

— Você quer voltar lá. Para proteger a enganadora — disse a Prioresa. — Sua mãe biológica se move em você. Zāla também acreditava que devemos ampliar nossos recursos limitados para proteger toda a humanidade. Ela estava sempre sussurrando no ouvido da velha Prioresa, dizendo-lhe que devíamos proteger todos os soberanos em cada corte — até mesmo no Oriente, onde eles adoram os wyrms do mar. Onde eles os idolatram como *deuses*. Exatamente como o Inominável gostaria que fizéssemos com ele. Ah, sim... Zāla teria feito com que os protegêssemos também.

Algo em seu tom parecia errado para Ead. O ódio nele.

— A Mãe amava o Sul. É o Sul que ela procurou proteger do Inominável — ela continuou. — E é o Sul que jurei proteger em seu nome. Zāla teria nos feito abrir nossos braços para o mundo e, ao fazê-lo, expor nossas barrigas à espada.

Tudo porque Mita Yedanya disse a ela que envenenei sua mãe biológica. Kalyba exibia um sorriso zombeteiro. Como se eu fosse rebaixar-me ao veneno.



Mita baniu a bruxa e nunca permitiu que ela voltasse. Afinal, uma estranha era um bode expiatório fácil.

— Não foi a bruxa que matou Zāla. — Ead fechou a mão em torno de sua lâmina, e isso a deixou nervosa. — Foi *você*.

Ela estava fria até os ossos. A Prioresa ergueu as sobrancelhas.

— O que você quer dizer com isso, Eadaz?

— Você odiava que Zāla buscava defender o mundo além do Sul. Odiava sua influência. Você sabia que só iria se intensificar quando ela fosse nomeada Prioresa. — O arrepio apertou sua pele. — Para controlar o Priorado... você tinha que se livrar dela.

— Eu fiz isso pela Mãe.

A confissão foi tão direta quanto o resto dela.

— Assassina — sussurrou Ead. — Você assassinou uma *irmã*.

Doces de mel. Abraços calorosos. Todas as suas vagas memórias de Zāla voltaram, e o calor cresceu em suas pálpebras.

— Para *proteger* minhas irmãs e garantir que o Sul sempre tivesse a proteção de que precisava, eu estava disposta a fazer qualquer coisa. — Com um suspiro quase exasperado, a Prioresa se sentou. — Eu dei a ela uma morte silenciosa. A maioria condenou Kalyba antes mesmo de eu abrir a boca. Era um insulto à Mãe que ela tivesse vindo aqui — ela que amava o Enganador o suficiente para forjar a espada para ele. Ela é nossa inimiga.

Ead mal podia ouvi-la. Pela primeira vez em sua vida, ela *sentiu* o fogo Dracônico em seu sangue. A raiva era uma fornalha em sua barriga, e seu rugido superou todos os outros sons.

— A joia. Dê para mim e eu partirei em paz. — Sua voz estava distante de seus próprios ouvidos. — Eu posso usá-la para encontrar Ascalon. Deixe-me terminar o que Jondu começou e proteger a integridade de Virtudom, e não direi uma palavra de sua ofensa.

— Alguém empunhará a joia — foi a resposta. — Mas não será você.

O movimento foi tão rápido quanto uma mordida de víbora, rápido demais para evitar. O calor branco açoitou sua pele. Ead cambaleou para trás, uma mão sob a garganta, onde o sangue jorrava espesso e rápido.

A Prioresa cortou os restos do véu. A lâmina em sua mão estava manchada de vermelho.

— Só a morte pode mudar o portador. — Ead olhou para o sangue em seus dedos. — Você pretende matar a mãe biológica e a criança?

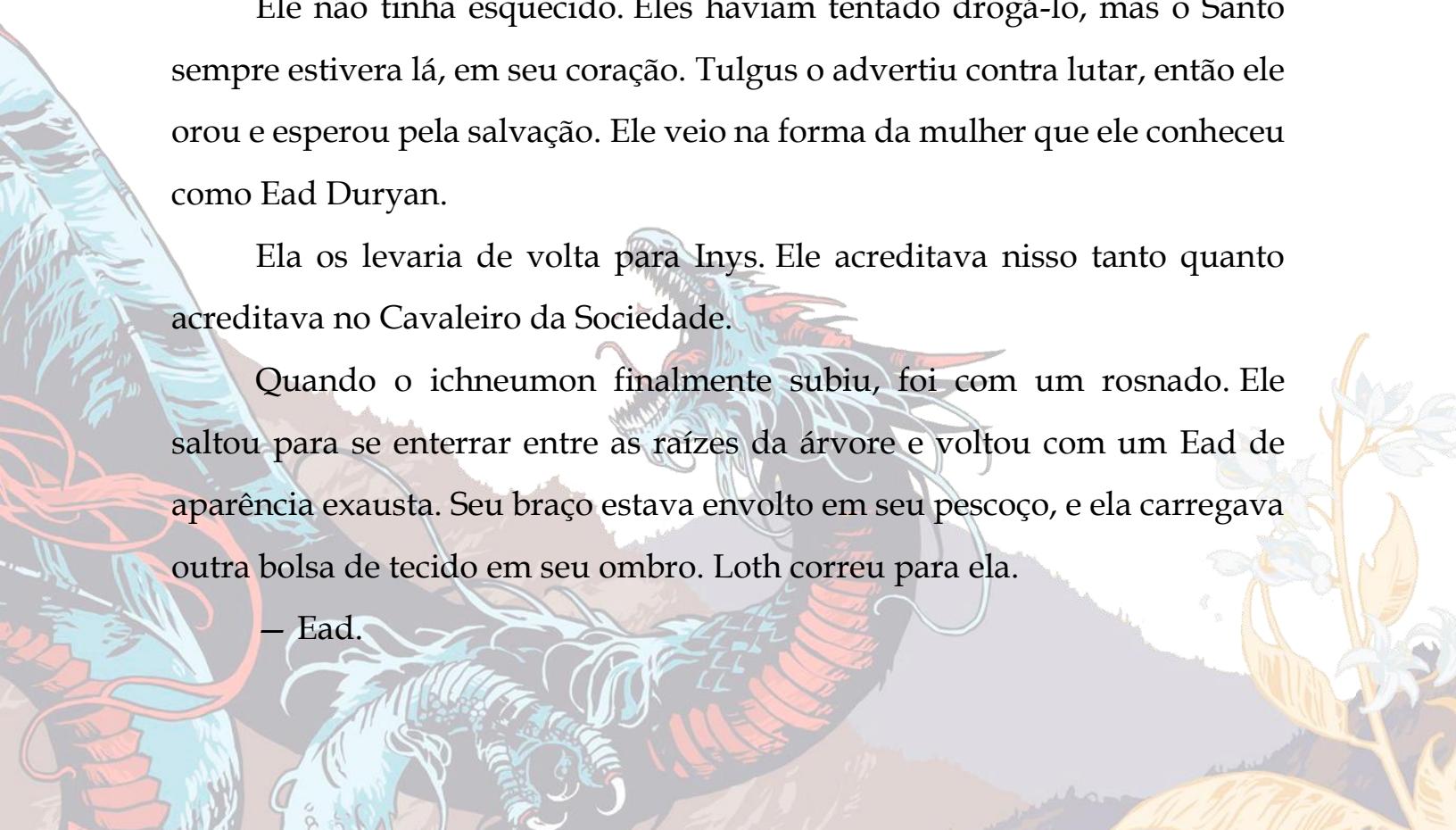
— Não verei um presente da Mãe nas mãos de alguém que a abandonaria de boa vontade — disse Mita calmamente. — A joia permanecerá sob seus ossos até que o Inominável ameace o povo do Sul. Ela *não* será usada para proteger uma enganadora Ocidental.

Ela ergueu a lâmina em um movimento fluido, como uma nota musical crescente.

— Não, Eadaz — disse ela. — Não vai dar certo.

Ead olhou dentro daqueles olhos decididos. Seus dedos se curvaram ao redor do cabo de sua lâmina.

— Nós duas servimos à Mãe, Mita — disse ela. — Vamos ver qual de nós ela favorece.



Pouca luz da lua atingia o solo na Bacia Lasian, tão densa era a copa das árvores. Loth caminhou pelo crepúsculo, enxugando o suor das mãos na camisa, tremendo como se estivesse com febre.

O ichneumon o levou por um labirinto de passagens antes de emergir aqui. Loth só havia entendido que estava sendo resgatado quando eles respiravam o ar quente da floresta. A bebida que eles estavam lhe dando estava finalmente passando.

Agora o ichneumon estava enrolado em uma rocha próxima, os olhos fixos na entrada da caverna. Loth havia se dobrado na sela que trouxeram para fora. Sacos de tecido e frascos foram presos a ele e a sela.

— Onde ela está?

Ele foi ignorado. Loth enxugou o lábio superior com uma das mãos e murmurou uma prece ao Cavaleiro da Coragem.

Ele não tinha esquecido. Eles haviam tentado drogá-lo, mas o Santo sempre estivera lá, em seu coração. Tulgus o advertiu contra lutar, então ele orou e esperou pela salvação. Ele veio na forma da mulher que ele conheceu como Ead Duryan.

Ela os levaria de volta para Inys. Ele acreditava nisso tanto quanto acreditava no Cavaleiro da Sociedade.

Quando o ichneumon finalmente subiu, foi com um rosnado. Ele saltou para se enterrar entre as raízes da árvore e voltou com um Ead de aparência exausta. Seu braço estava envolto em seu pescoço, e ela carregava outra bolsa de tecido em seu ombro. Loth correu para ela.

— Ead.

Ela estava encharcada de sangue e suor, seu cabelo caía densamente em volta dos ombros.

— Loth — disse ela. — Devemos partir agora.

— Levante-a para cima de mim, homem de Inys.

A voz profunda assustou Loth até a morte. Quando ele viu de onde tinha vindo, ele ficou boquiaberto.

— Você consegue *falar* — ele balbuciou.

— Sim — disse o ichneumon. Os olhos de lobo voltaram direto para Ead. — Você está sangrando.

— Vai parar. Nós devemos ir.

— As irmãs do Priorado virão buscá-la em breve. Os cavalos são lentos. E estúpidos. Você não pode ultrapassar um ichneumon sem andar em um.

Ela pressionou o rosto contra o pelo.

— Eles vão massacrar você se formos pegos. Fique aqui, Aralaq. Por favor.

— Não. — Suas orelhas se encolheram. — Eu vou aonde você vai.

O ichneumon dobrou as patas dianteiras. Ead olhou para Loth.

— Loth — ela murmurou. — Você ainda confia em mim?

Ele engoliu em seco.

— Não sei se confio na mulher que você é — admitiu. — Mas confio na mulher que conheci.

— Então venha comigo — disse ela, segurando seu rosto. — E se eu perder a consciência, continue cavalgando para o noroeste para Córvgar.

— Seus dedos deixaram sangue em seu rosto. — Faça o que fizer, Loth, não os deixe levar isso. Mesmo se você tiver que me deixar para trás.

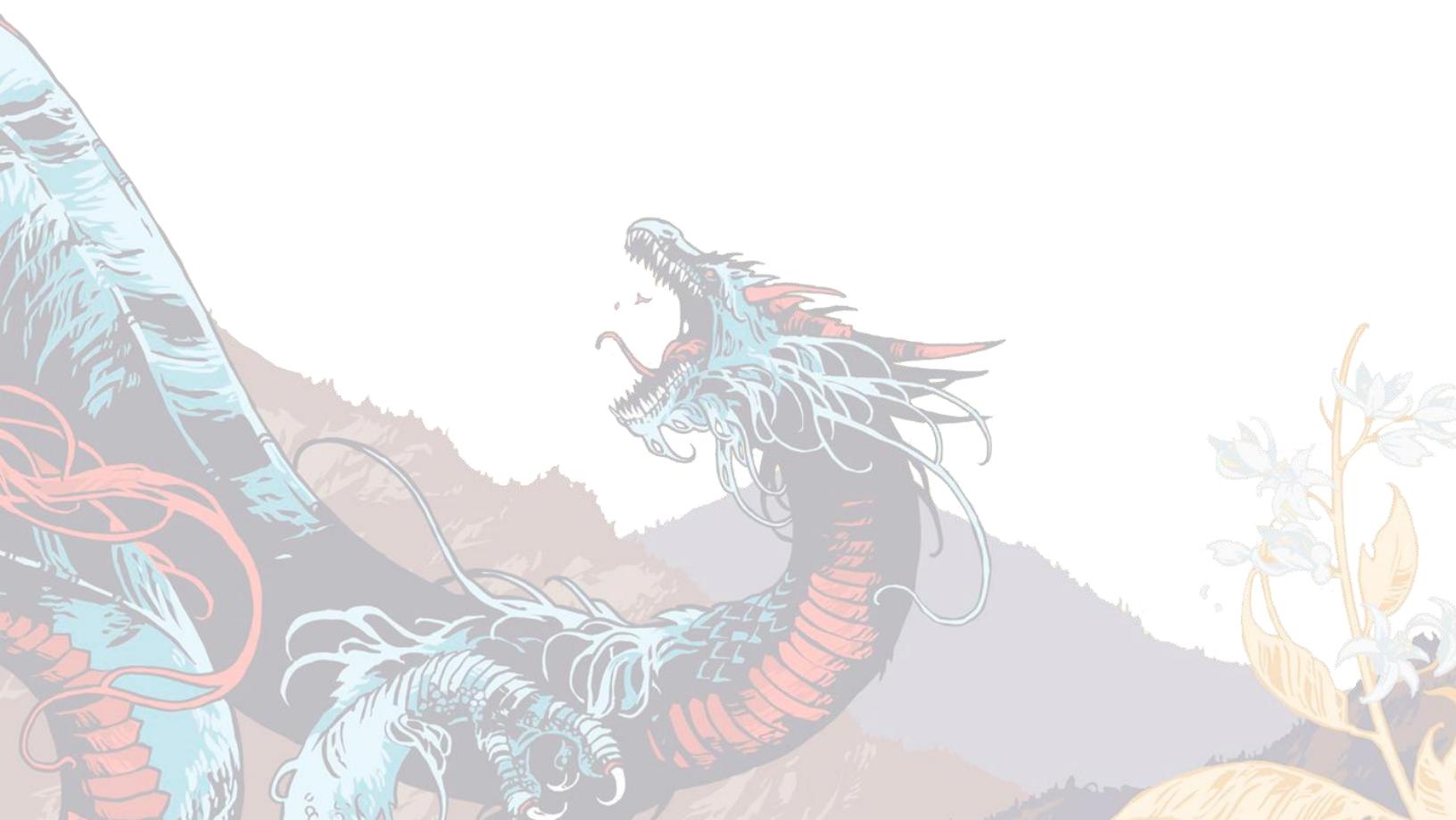
Sua mão estava cerrada em torno de algo no final de uma corda. Uma pedra preciosa redonda e branca, comprimida em argila.

— O que é isso? — ele murmurou.

Ela balançou a cabeça.

Reunindo sua força, Loth a içou para a sela. Ele se lançou, passou um braço sobre ela e pressionou as costas dela contra seu peito, segurando o ichneumon com a outra mão.

— Segure-se em mim — ele disse contra seu ouvido. — Vou nos proteger até Córvgar. Como você me protegeu.



Capítulo 47

Sul

Aralaq correu muito pela floresta. Loth achava que conhecera sua rapidez nos Fusos, mas tudo o que pôde fazer foi se segurar enquanto o ichneumon saltava sobre raízes retorcidas, riachos e entre árvores, ágil como uma pedra caindo na água.

Ele cochilou enquanto Aralaq os levava mais ao norte, longe da espessura da floresta. Seus sonhos o levaram primeiro àquele túnel maldito em Yscalin, onde Kit ainda deveria estar – depois, de volta à sala de mapas da propriedade, onde seu tutor estava contando a ele sobre a história do Domínio de Lasia, e Margret estava sentada ao lado ele. Ela sempre foi uma estudante diligente, ansiosa para aprender sobre suas antigas raízes no Sul.

Ele havia perdido a esperança de ver sua irmã novamente. Agora, talvez, houvesse uma chance.

O nascer e o cair do sol. O bater de patas contra a terra. Quando o ichneumon parou, Loth finalmente acordou.

Ele esfregou a areia dos olhos. Um lago se estendia por uma extensão empoeirada de terra, uma faixa de safira sob o céu. Olifantes aquáticos banhavam-se em suas águas rasas. Além do lago, ficavam os grandes picos

rochosos que protegiam Nzene, todo marrom-avermelhado do barro cozido. A montanha Dinduru, a maior, era quase perfeita em sua simetria.

Ao meio-dia, eles estavam no sopé. Aralaq escalou um caminho até o pico mais próximo. Quando eles estavam altos o suficiente para fazer suas coxas tremerem, Loth arriscou um olhar para baixo.

Nzene estava diante deles. A capital Lassiana ficava no berço da Lâmina Divina, cercada por altos muros de arenito. As montanhas – mais altas e retas do que qualquer outra no mundo conhecido – cortavam suas ruas com sombras. Uma estrada imensa se estendia além dela, sem dúvida uma rota comercial para Ersyr.

Palmeiras e árvores de zimbro ladeavam as ruas que brilhavam à luz do sol. Loth avistou a Biblioteca Dourada de Nzene, construída em arenito retirado das ruínas de Yikala, conectada por uma passarela ao Templo do Sonhador. Elevando-se sobre tudo isso estava o Palácio do Grande Onjenyu, onde o Alto Governante Kagudo e sua família residiam, situado bem acima das casas em um promontório. O rio Lase bifurcava-se em torno de seu pomar sagrado.

Aralaq farejou um abrigo sob uma saliência de rocha, profundo o suficiente para protegê-los dos elementos.

— Por que estamos parando? — Loth enxugou o suor do rosto. — Ead nos disse para continuar cavalgando para Córvguar.

Aralaq dobrou as patas dianteiras para que Loth pudesse desmontar.

— A lâmina com a qual ela foi cortada estava misturada com uma secreção da sanguessuga de gelo. Isso impede que o sangue coagule — disse ele. — Haverá uma cura em Nzene.

Loth ergueu Ead da sela.

— Quanto tempo você vai demorar?

O ichneumon não respondeu. Ele lambeu Ead uma vez na testa antes de desaparecer.



Quando Ead se levantou de seu mundo de sombras, já era pôr do sol. Sua cabeça era um caldeirão agitado três vezes. Ela estava vagamente ciente de que estava em uma caverna, mas não se lembrava de ter chegado lá.

Sua mão se encolheu em sua clavícula. Sentindo a joia minguante, ela respirou novamente.

Recuperá-la tinha custado a ela. Ela se lembrou do aço da lâmina e da picada de qualquer sujeira nela, enquanto pegava a joia de Mita. O fogo brotou de seus dedos, deixando a cama em chamas, antes que ela rolasse sobre a balaustrada e estivesse em céu aberto.

Ela caiu como um gato e pousou em uma saliência fora da cozinha. Felizmente, estava vazia, deixando sua rota de fuga livre. Ainda assim, ela mal tinha chegado a Aralaq e Loth antes que suas forças acabassem.

Mita merecia uma morte cruel pelo que fez a Zāla, mas Ead não a entregaria. Ela não se rebaixaria assassinando uma irmã.

Uma língua quente lambeu um cacho de sua testa. Ela se viu quase cara a cara com Aralaq.

— Onde? — disse ela com voz rouca.

— A Lâmina Divina.

Não. Ela se sentou, reprimindo um gemido quando seu diafragma latejou.

— Você parou. — Sua voz tensa. — Seus malditos idiotas. As Donzelas Vermelhas...

— Era isso ou deixá-la sangrar até a morte. — Aralaq passou o cataplasma em sua barriga. — Você não nos disse que a Prioresa cobriu sua lâmina com a sanguessuga de gelo.

— Eu não fazia ideia.

Ela deveria ter esperado por isso. A Prioresa a queria morta, mas ela não poderia fazer isso sozinha sem levantar suspeitas. Melhor retardá-la com a perda de sangue, então dizer às Donzelas Vermelhas que sua irmã recém-retornada era uma traidora e ordenar que a matassem por isso. Suas próprias mãos estariam limpas.

Ead ergueu o cataplasma. O ferimento doía, mas o purê de flores de sabra retirou o veneno dele.

— Aralaq — disse ela, deslizando para a língua Inysh, —, você sabe a rapidez com que as Donzelas Vermelhas caçam. — Ter Loth ali fez a linguagem saltar para sua língua. — Você não deveria parar para nada.

— O Alto Governante Kagudo mantém um estoque do remédio. Ichneumons não deixam irmãzinhas morrerem.

Ead se forçou a respirar, para ficar calma. Era improvável que as Donzelas Vermelhas estivessem procurando na Lâmina Divina ainda.

— Devemos seguir em frente logo — Aralaq disse, olhando para Loth. — Vou verificar se é seguro.

O silêncio brotou depois que ele saiu.

— Você está com raiva, Loth? — Ead finalmente perguntou.

Ele olhou para a capital. Tochas foram acesas nas ruas de Nzene, fazendo-as brilhar como brasas sob elas.

— Eu deveria estar — ele murmurou. — Você mentiu sobre tanto. Seu nome. Seu motivo para vir para Inys. Sua conversão.

— Nossas religiões estão interligadas. Ambas se opõem ao Inominável.

— Você nunca acreditou no Santo. Bem — ele se corrigiu —, você *acreditou*. Mas acha que ele era um bruto e um covarde que tentou pressionar um país a aceitar sua religião.

— E exigiu se casar com a Princesa Cleolind antes de matar o monstro, sim.

— Como você pode *dizer* uma coisa dessas, Ead, quando você estava no santuário e orava para ele?

— Eu fiz isso para sobreviver. — Quando ele ainda se recusou a olhar para ela, ela disse: — Eu confesso que sou o que você chamaría de feiticeira, mas nenhuma magia é má. Ela é o que o portador faz dela.

Ele arriscou um olhar carrancudo para ela.

— O que você pode fazer?

— Eu posso afastar o fogo dos wyrms. Sou imune à praga Dracônica. Posso criar barreiras de proteção. Minhas feridas cicatrizam rapidamente. Posso me mover entre as sombras. Posso fazer o metal cantar a morte como nenhum cavaleiro jamais poderia.

— Você pode fazer fogo sozinha?

— Sim. — Ela abriu a palma da mão e uma chama ganhou vida. — Fogo natural. — Novamente, e a chama floresceu prata. — Fogo mágico, para desfazer encantamentos. — Mais uma vez, e estava vermelho, tão quente que fez Loth suar. — Fogo de Wyrm.

Loth fez o sinal da espada. Ead fechou a mão dela, extinguindo a heresia.

— Loth — ela disse —, nós devemos decidir agora se podemos ser amigos. Nós dois precisamos ser amigos de Sabran se este mundo quiser sobreviver.

— O que você quer dizer?

— Há muito que você não sabe. — De fato, um eufemismo. — Sabran concebeu uma filha com Aubrecht Lievelyn, o Grande Príncipe de Mentendon. Ele foi morto. Eu vou te contar tudo mais tarde — ela adicionou, quando ele olhou. — Não muito depois, um Alto Ocidental veio ao Palácio Ascalon. A Wyrm Branca, eles a chamam. — Ela fez uma pausa. — Sabran teve um aborto espontâneo.

— Santo — ele disse. — Sab... — Seu rosto estava tenso de tristeza. — Lamento não estar lá.

— Eu gostaria que você tivesse estado. — Ead observou seu rosto. — Não haverá nenhuma outra criança, Loth. A linhagem Berethnet chegou ao fim. Wyrms estão se levantando, Yscalín praticamente declarou guerra, e o Inominável se levantaré novamente, em breve. Eu estou certa disso.

Loth estava começando a parecer que iria vomitar.

— O Inominável.

— Sim. Ele virá — disse Ead. — Embora não por causa de Sabran. Não tem nada a ver com ela. Se houver uma rainha em Inys ou um sol no céu, ele se levantará.

O suor pontilhava sua testa.

— Acho que conheço uma maneira de derrotar o Inominável, mas primeiro devemos proteger Virtudom. Se cair em uma guerra civil, o Exército Dracônico e o Rei de Carne acabarão com isso. — Ead pressionou o cataplasma contra sua barriga. — Certos membros dos Duques Espirituais abusaram de seu poder por anos. Agora que sabem que ela não terá herdeira, acredito que vão tentar controlar Sabran, ou mesmo usurpar-la.

— Pelo Santo — Loth murmurou.

— Você avisou Meg sobre o Copeiro. Sabe quem é?

— Não. Tudo o que consegui de Sigoso foi essa frase.

— No começo eu pensei que era o Falcão da Noite — Ead admitiu. —

Mas agora estou quase certa de que é Igrain Crest. As taças gêmeas são seu emblema.

— Dama Igrain. Mas Sab a ama — Loth disse, visivelmente atordoado. — Além disso, qualquer um que tenha o Cavaleiro da Justiça como patrono usa as taças — e o Copeiro conspirou com o Rei Sigoso para assassinar a Rainha Rosarian. Por que Crest faria tal coisa?

— Não sei — disse Ead com franqueza. — Mas ela recomendou que Sabran se casasse com o chefe de Askrdal. Sabran escolheu Lievelyn ao invés, e então Lievelyn foi morto. Quanto aos assassinos...

— Foi você quem os matou?

— Sim — disse Ead, imersa em pensamentos. — Mas eu me perguntei se eles alguma vez quiseram matar. Talvez Crest sempre planejou que eles fossem pegos. Cada invasão teria deixado Sabran mais apavorada. Sua punição por resistir ao chamado do berço foi o medo quase constante da morte.

— E a Rainha Mãe?

— Há muito se diz na corte que a Rainha Rosarian levou Gian Harlowe para sua cama enquanto ela era casada com o príncipe Wilstan — disse Ead. — A infidelidade é contra os ensinamentos do Cavaleiro da Irmandade. Talvez Crest goste de suas rainhas... obedientes.

Com isso, Loth cerrou a mandíbula.

— Então você quer que tomemos uma posição contra Crest — disse ele. — Para proteger Sabran.

— Sim. E então tomar uma posição contra um inimigo muito mais antigo. — Ead olhou em direção à entrada da caverna. — Ascalon pode estar em Inys. Se pudermos encontrá-la, podemos usá-la para enfraquecer o Inominável.

Um pássaro piou de algum lugar acima de seu abrigo. Loth passou a ela um frasco de sela.

— Ead — disse ele. — Você não acredita nas Seis Virtudes. — Ele a olhou nos olhos. — Por que arriscar tudo por Sabran?

Ela bebeu.

Era uma pergunta que ela deveria ter se feito há muito tempo. Seus sentimentos vieram como uma flor em uma árvore. Um botão, formando-se suavemente — e assim mesmo, uma flor eterna.

— Eu percebi — disse ela, após um período de silêncio — , que ela tinha ouvido uma história desde o dia em que nasceu. Ela não havia sido ensinada de outra maneira. E, no entanto, vi que, apesar de tudo, alguma parte dela se fez sozinha. Esta parte, pequena como parecia a princípio, foi forjada no fogo de suas próprias forças e resistiu à sua jaula. E eu entendi... que esta parte era feita de aço. Essa parte era quem ela realmente era. — Ela sustentou seu olhar. — Ela será a rainha de que Inys precisa nos dias que estão por vir.

Loth se moveu para se sentar ao lado dela. Quando ele tocou seu cotovelo, ela olhou para ele.

— Estou feliz por termos nos encontrado novamente, Ead Duryan.
— Ele fez uma pausa. — Eadaz uq-Nāra.

Ead descansou a cabeça em seu ombro. Com um suspiro, ele passou um braço ao redor dela.

Aralaq voltou então, assustando os dois.

— O grande pássaro está voando — disse ele. — As Donzelas Vermelhas se aproximam.

Loth se levantou imediatamente. Uma estranha calma tomou conta de Ead quando ela pegou seu arco e aljava.

— Aralaq, cruzamos as terras áridas para Yscalin. Não pararemos — disse ela — , até chegarmos a Córvgar.

Loth montou. Ela entregou-lhe a capa e, quando subiu, ele envolveu os dois com ela.

Aralaq escorregou e abriu caminho até o sopé da montanha e saiu de sua sombra para ver o lago. Parspa estava circulando em silêncio acima.

Estava escuro o suficiente para cobrir sua fuga. Eles se moveram atrás da Lâmina Divina. Quando não havia mais onde se esconder, Aralaq saiu correndo das montanhas.

As terras áridas de Lasia, onde a cidade de Jotenya existiu, se estendiam pelo norte do país. Durante o Século da Dor, a terra foi desnudada pelo fogo, mas novas gramas a reclamavam, e as árvores com folhas de asas, bem espaçadas, ressurgiram das cinzas.

O terreno começou a mudar. Aralaq ganhou velocidade, até que suas patas voavam sobre a grama amarela. Ead agarrou-se a seu pelo. Sua barriga ainda doía, mas ela tinha que ficar alerta, estar pronta. Os outros ichneumons já teriam percebido o cheiro deles.

As estrelas giravam em espiral e tremeluziam acima deles, brasas no céu como carvão. Diferente daquelas que salpicavam o céu noturno em Inys.

Mais árvores brotaram da terra. Seus olhos estavam secos com o ataque do vento. Atrás dela, Loth estava tremendo. Ead puxou a capa com mais força ao redor de ambos, cobrindo as mãos, e se permitiu imaginar o navio que os levaria de Córvgar.

Uma flecha passou por Aralaq, errando-o por pouco. Ead se virou para ver o que eles estavam enfrentando.

Havia seis cavaleiras. Chamas vermelhas, cada uma montada em um ichneumon. O branco pertencia a Nairuj.

Aralaq rosnou e se empurrou mais rápido. Era isso. Reunindo sua força, Ead se livrou da capa, agarrou Loth pelo ombro e se jogou atrás dele, de forma que suas costas ficassem contra as dele.

Sua melhor chance era ferir os ichneumons. Aralaq era rápido mesmo entre sua própria espécie, mas o branco o ultrapassava. Ao encaixar uma flecha, ela se lembrou de uma Nairuj mais jovem gabando-se de como sua montaria poderia cruzar rapidamente a Bacia Lasian.

Primeiro, ela se permitiu se ajustar a Aralaq. Quando ela soube a cadência de seus passos, ela ergueu o arco. Loth alcançou atrás dele e agarrou seus quadris, como se ele tivesse medo que ela fosse cair.

Sua flecha cortou a grama, reta e verdadeira. No último momento, o ichneumon branco saltou sobre ele. Seu segundo tiro deu errado quando Aralaq tirou a carcaça de um cão selvagem.

Eles não podiam fugir disso. Nem podiam parar e lutar. Ela poderia levar duas magas, talvez três, mas não seis Donzelas Vermelhas, não com seu ferimento. Loth seria muito lento e os outros ichneumons fariam carne de Aralaq. Ao puxar a corda do arco pela terceira vez, ela enviou uma prece à Mãe.

A flecha perfurou a pata dianteira de um ichneumon. Ele desabou, levando sua cavaleira com ele.

Restavam cinco. Ela estava se preparando para atirar novamente quando uma flecha acertou sua perna. Um grito estrangulado saiu dela.

— Ead!

A qualquer momento, outra flecha poderia manchar Aralaq. E isso seria o fim para todos eles.

Nairuj estava estimulando seu ichneumon. Ela estava perto o suficiente agora para Ead ver seus olhos ocre e a linha dura de sua boca. Aqueles olhos não tinham ódio neles. Apenas resolução pura e fria. A

aparência de uma caçadora em sua presa. Ela ergueu o arco e apontou a flecha para Aralaq.

Foi quando o fogo atingiu as terras abrasadoras.

A erupção de luz quase cegou Ead. As árvores mais próximas pegaram fogo. Ela olhou para cima, procurando por sua origem, enquanto Loth soltava um grito sem palavras. Sombras disparavam acima deles – sombras aladas com caudas em forma de chicote.

Wyverns. Eles devem ter se desviado das Pequenas Montanhas, famintos por carne após séculos de sono. Em instantes, Ead atirou uma flecha no olho do mais próximo. Com um guincho de gelar a alma, ele caiu de cabeça na grama, errando por pouco as Donzelas Vermelhas, que se separaram em torno dele.

Três delas se reuniram contra os wyverns, enquanto Nairuj e outra continuaram sua perseguição. Quando uma fera esquelética se abaixou e se lançou contra eles, Aralaq tropeçou. Ead se contorceu, o coração batendo forte em sua garganta, temendo uma mordida. Uma flecha atingiu seu flanco.

— Você consegue. — Ela falou com ele em Selinyi. — Aralaq, continue correndo. Continue...

Outro wyvern caiu de cima e se chocou contra um leque na frente deles. Quando caiu, as raízes arrancadas gemendo em protesto, Aralaq desviou-se do caminho e passou por ele. Ead sentiu o cheiro de enxofre na carne da criatura quando soltou um longo estalo de morte.

Uma das cavaleiras estava se aproximando. Seu ichneumon era preto, seus dentes pareciam lâminas.

Todos eles viram o wyvern um momento tarde demais. O fogo choveu de cima e consumiu a Donzela Vermelha, deixando seu manto em chamas. Ela rolou para o chão para sufocá-lo. O fogo agitou a grama e alcançou Aralaq. Ead estendeu a mão.

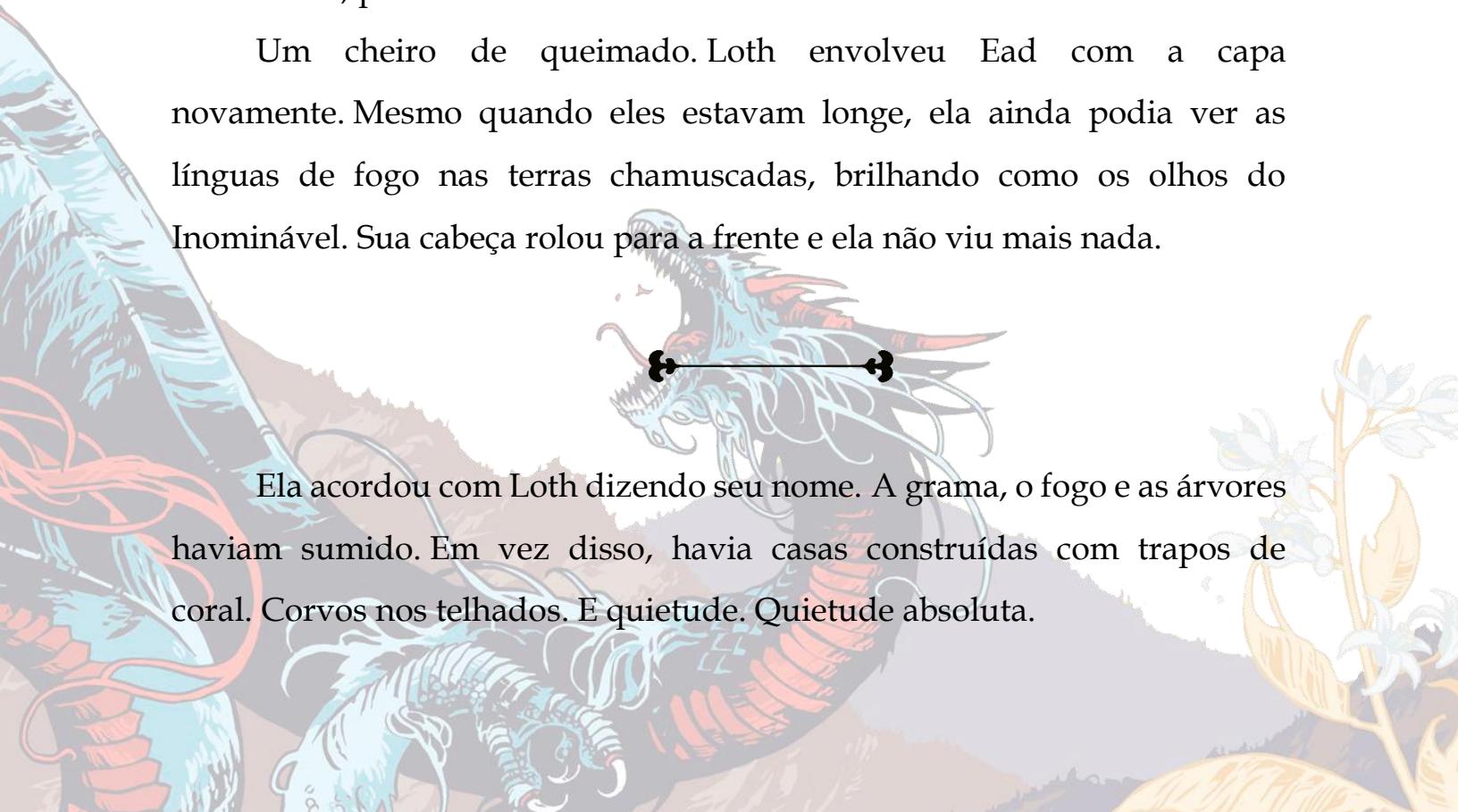
Sua proteção desviou o calor como um escudo fazia uma maça. Loth gritou quando as chamas o agarraram. O wyvern se desviou com um grito, engolindo o fogo. As Donzelas Vermelhas estavam no caos, caçadas e atormentadas, rodeadas pelas criaturas. Ead se virou, procurando Nairuj.

O ichneumon branco estava ferido. Um wyvern estava caindo sobre Nairuj, suas mandíbulas vermelhas com o sangue de sua montaria. Sem hesitar, Ead encaixou sua última flecha na corda do arco.

Ela atingiu o wyvern no coração.

Loth a puxou de volta para a sela. Ead avistou Nairuj olhando para eles, com um braço sobre a barriga, antes que Aralaq os levasse para longe das árvores, para a escuridão.

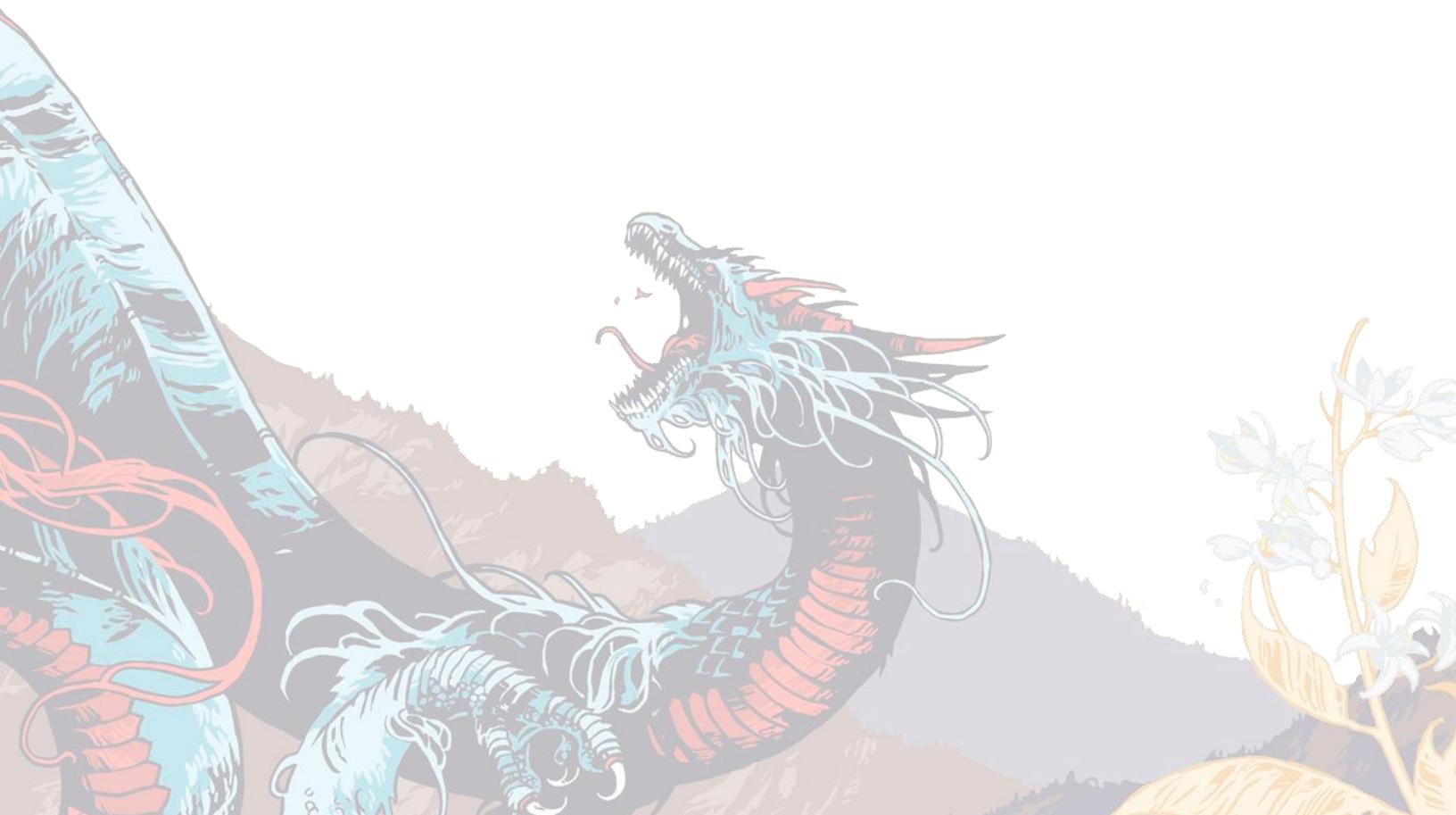
Um cheiro de queimado. Loth envolveu Ead com a capa novamente. Mesmo quando eles estavam longe, ela ainda podia ver as línguas de fogo nas terras chamuscadas, brilhando como os olhos do Inominável. Sua cabeça rolou para a frente e ela não viu mais nada.



Ela acordou com Loth dizendo seu nome. A grama, o fogo e as árvores haviam sumido. Em vez disso, havia casas construídas com trapos de coral. Corvos nos telhados. E quietude. Quietude absoluta.

Esta era uma cidade que havia enterrado mais do que almas vivas. Um navio com velas descoloridas e uma figura de proa em forma de ave marinha em voo esperava no porto – um porto silencioso na orla do oeste. O amanhecer tingia o céu com uma sombra delicada de rosa, e as águas pretas e salgadas se estendiam diante deles.

Córvugar.



Capítulo 48

Leste

As árvores da Ilha das Penas finalmente pararam de queimar. A chuva caía em grandes gotas para extinguir seus galhos, que formavam uma fumaça amarela doentia. A menina das sombras saiu de seu exílio e afundou as mãos na terra.

O cometa acabou com a Grande Tristeza, mas já veio a este mundo muitas vezes antes. Uma vez, muitas luas atrás, ele deixou para trás duas joias celestiais, cada uma infundida com seu poder. Fragmentos sólidos de si mesmo.

Ela ergueu a joia que estava em seu corpo, a joia que ela protegeu e nutriu com seu corpo, e a chuva a lavou. Lama e água pingavam em seus pés.

Com elas, nossos ancestrais podiam controlar as ondas. A presença delas nos permitiu manter nossas forças por mais tempo do que podíamos antes.

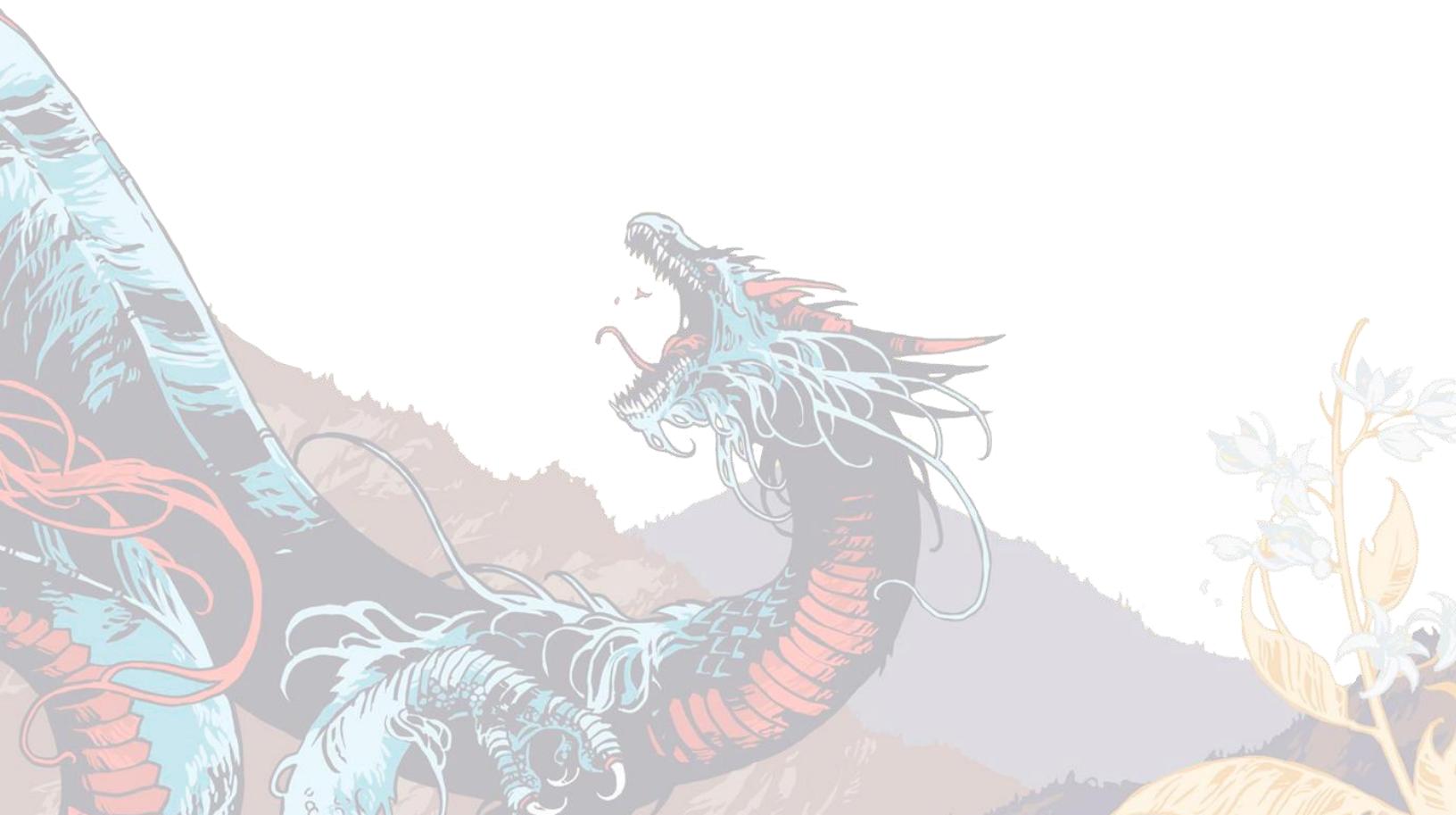
A joia brilhou em suas mãos. Era de um azul tão escuro quanto o Abismo, como seu coração.

Elas estão perdidas há quase mil anos.

Não perdidas. Escondidas.

Tané segurou a joia contra o peito. No olho da tempestade, onde promessas inquebráveis foram seladas aos deuses em tempos antigos, ela fez uma promessa.

Que mesmo que demorasse até o dia de sua morte, ela iria encontrar Nayimathun, libertá-la do cativeiro e dar-lhe esta joia como presente. Mesmo que demorasse uma vida inteira, ela reuniria o dragão com o que havia sido roubado.

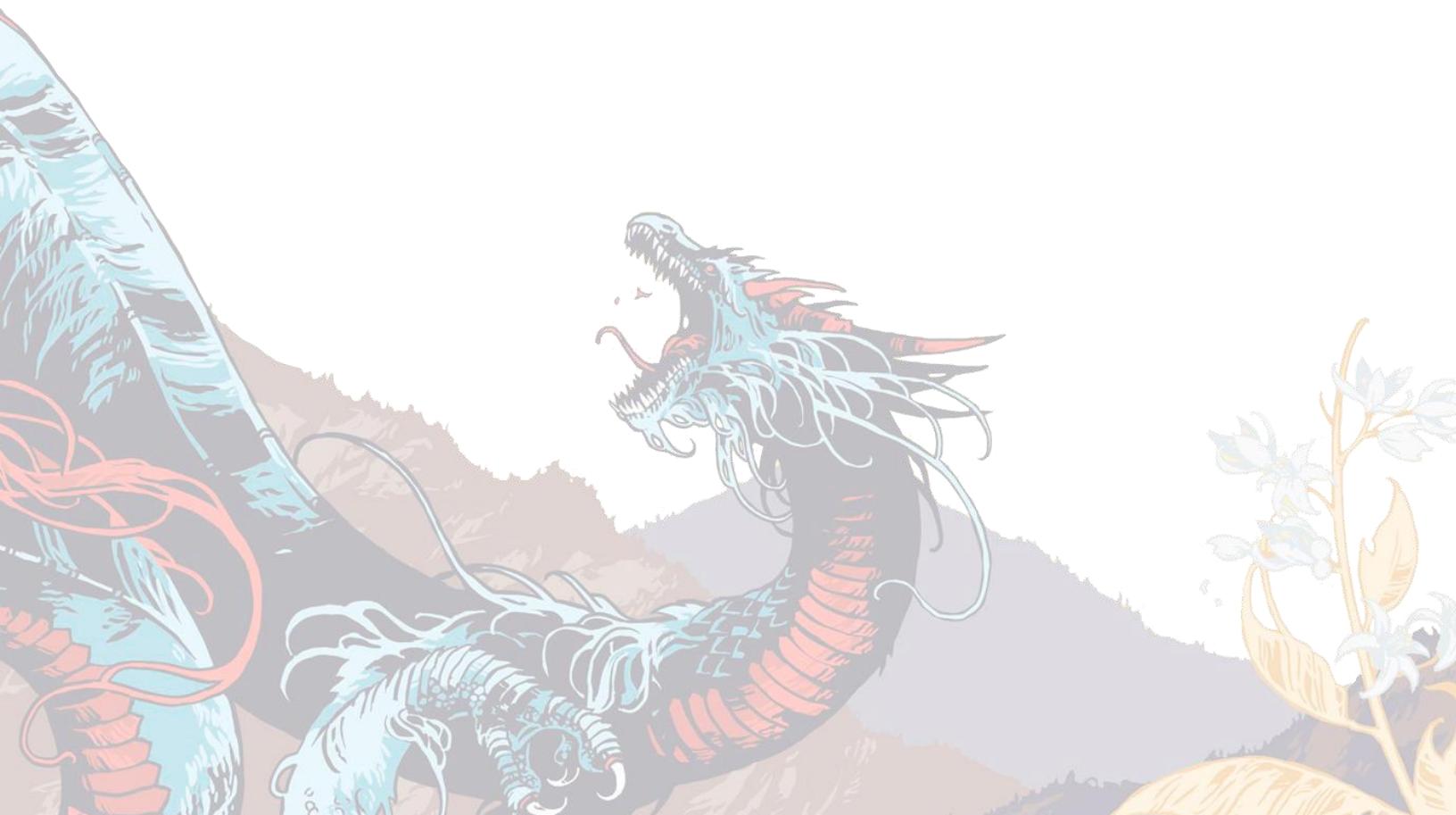


Parte iv

Teu É O Reinado

Por que você não inala
essências de lua e estrelas,
Com seus textos espirituais de ouro?

— Lu Qingzi



Capítulo 49

Oeste

Loth estava no convés do *Pássaro da Verdade*. Seu coração estava pesado enquanto observava Inys se aproximar.

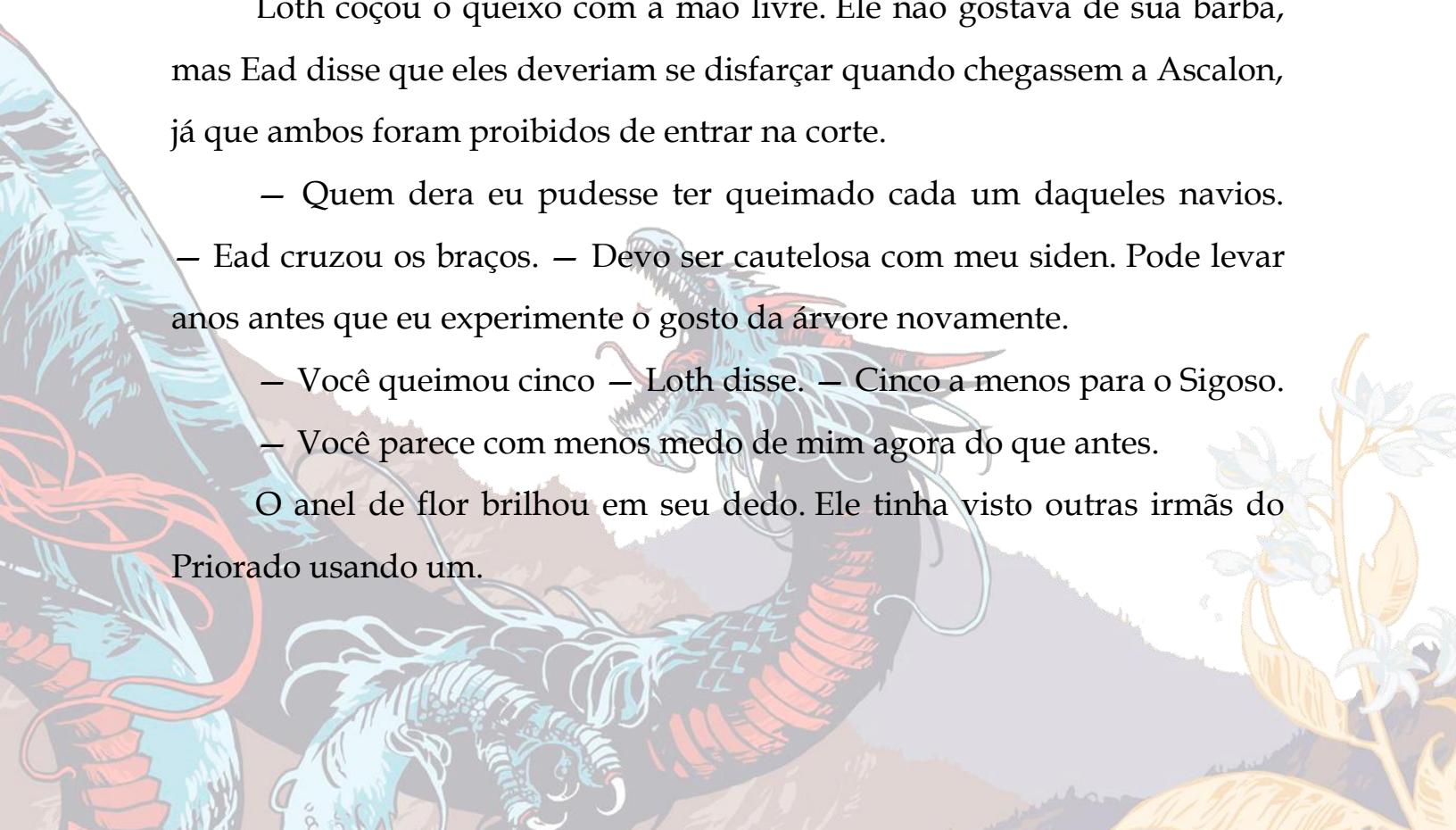
Melancolia. Essa foi a primeira palavra que lhe veio à mente quando viu sua costa desolada. Parecia que nunca tinha visto o toque do sol, ou ouvido uma canção alegre. Eles estavam navegando em direção a Albatroz, o assentamento mais a oeste de Inys, que já fora o centro do comércio com Yscalin. Se cavalgassem duro, descansassem o mínimo possível e não encontrassem bandidos, eles poderiam chegar a Ascalon em uma semana.

Ead mantinha vigilância ao lado dele. Ela já parecia um pouco menos viva do que em Lasia.

O *Pássaro da Verdade* havia passado pela baía de Quarl a caminho de Inys. Navios ancorados o guardavam, mas, através de uma luneta, eles avistaram o braço naval incipiente do Exército Dracônico.

O Rei Sigoso logo estaria pronto para invadir. E Inys precisaria estar pronta para repeli-lo.

Ead não disse nada com a visão. Apenas virou a mão aberta em direção aos cinco navios ancorados - e o fogo, nascido do nada, rugiu em seus mastros. Ela o viu devorar todos eles sem expressão, uma luz laranja piscando em seus olhos.



Loth foi sacudido de volta ao presente quando uma forte rajada de vento o fez se encolher ainda mais em sua capa.

— Inys. — Sua respiração ficou branca e espessa. — Nunca pensei em vê-la novamente.

Ead colocou a mão em seu braço.

— Meg nunca desistiu de você — disse ela. — Nem Sabran.

Depois de um momento, ele cobriu a mão dela com a dele.

Uma parede havia se colocado entre eles no início de sua jornada. Loth ficava pouco à vontade perto dela, e Ead o deixara meditar. Lentamente, porém, seu antigo calor voltou. Em sua miserável cabine no *Pássaro da Verdade*, eles compartilharam suas histórias dos últimos meses.

Eles haviam evitado mais conversa sobre religião. Provavelmente nunca concordariam sobre o assunto. Por enquanto, porém, eles tinham o mesmo desejo de ver Virtudom sobreviver.

Loth coçou o queixo com a mão livre. Ele não gostava de sua barba, mas Ead disse que eles deveriam se disfarçar quando chegassem a Ascalon, já que ambos foram proibidos de entrar na corte.

— Quem dera eu pudesse ter queimado cada um daqueles navios.

— Ead cruzou os braços. — Devo ser cautelosa com meu siden. Pode levar anos antes que eu experimente o gosto da árvore novamente.

— Você queimou cinco — Loth disse. — Cinco a menos para o Sigoso.

— Você parece com menos medo de mim agora do que antes.

O anel de flor brilhou em seu dedo. Ele tinha visto outras irmãs do Priorado usando um.

— Todos nós temos sombras dentro de nós — disse ele. — Eu aceito as suas. — Ele colocou a mão sobre o anel dela. — E eu espero que você também aceite as minhas.

Com um sorriso cansado, ela enroscou os dedos nos dele.

— Com prazer.

O cheiro de peixe e algas podres logo se espalhou pelo vento. O *Pássaro da Verdade* atracou com alguns problemas no porto, e seus passageiros cansados decantaram para o cais. Loth estendeu o braço para ajudar Ead. Ela mancou por apenas alguns dias, embora a flecha tivesse atravessado sua coxa. Loth vira cavaleiros errantes chorarem por feridas menores.

Aralaq deixaria o navio assim que todos tivessem partido. Ead iria chamá-lo quando fosse a hora certa.

Eles desceram o cais em direção às casas. Quando Loth viu os sacos de doces balançando em suas portas, ele parou. Ead estava olhando para eles também.

— O que você acha que tem neles? — ela perguntou.

— Flores e frutos secos de espinheiro. Uma tradição muito antes da Fundação de Ascalon. Para afastar qualquer mal que possa contaminar a casa. — Loth molhou os lábios. — Eu nunca os vi pendurados em minha vida.

Lama grudava em suas botas enquanto eles avançavam. Logo, todas as moradias pelas quais passaram tinham um saco de doces do lado de fora.

— Você disse que esses métodos eram antigos — refletiu Ead. — Qual era a religião de Inys antes das Seis Virtudes?

— Não havia religião oficial, mas pelo pouco que os registros nos dizem, os comuns viam o espinheiro como uma árvore sagrada.

Ead se retraiu em um silêncio taciturno. Eles escalaram uma parede de pedra, para os paralelepípedos da rua principal.

O único estábulo no assentamento rendeu dois cavalos doentes. Eles cavalgavam lado a lado. A chuva batia em suas costas enquanto eles passavam por campos meio congelados e rebanhos de ovelhas encharcados. Enquanto ainda estavam na província dos Pântanos, onde os bandidos eram raros, eles decidiram continuar cavalgando durante a noite. Ao amanhecer, Loth estava com dores de ficar na sela, mas acordado.

À frente dele, Ead segurava seu cavalo a meio galope. Seu corpo parecia feito de impaciência.

Loth se perguntou se ela estava certa. Se Igrain Crest estivesse manipulando a corte Inysh por trás do trono. Esmagando Sabran até o último nervo. Fazendo-a com medo de dormir no escuro. Tomando um ente querido por cada um de seus pecados. O pensamento atiçou um fogo em seu estômago. Sabran sempre olhou para Crest primeiro durante sua menoridade e confiava nela.

Ele esposeou seu cavalo para alcançar Ead. Eles passaram por uma aldeia arrasada pelo fogo, onde um santuário tossia jorros de fumaça. Os pobres tolos construíram suas casas com telhados de palha.

— Wyrms — Loth murmurou.

Ead escovou seu cabelo bagunçado pelo vento.

— Sem dúvida, os Alto Ocidentais estão ordenando a seus servos que intimidem Sabran. Eles devem estar esperando por seu mestre antes de atacar de verdade. Desta vez, o Inominável liderará seus próprios exércitos.

Ao pôr-do-sol, encontraram uma pequena estalagem úmida ao lado do rio Catkin. A essa altura, Loth estava tão cansado que mal conseguia se manter sentado na sela. Eles colocaram os cavalos no estábulo e seguiram para o corredor, tremendo e ensopados até os ossos.

Ead manteve o capuz levantado e foi ver o estalajadeiro. Loth ficou tentado a ficar no corredor por causa do fogo crepitante, mas havia um risco muito grande de que fossem reconhecidos.

Quando Ead conseguiu uma vela e uma chave, Loth as pegou e subiu as escadas. O quarto que lhes foi atribuído era apertado e ventoso, mas era melhor do que a cabine esquálida do *Pássaro da Verdade*.

Ead entrou com o jantar. Sua sobrancelha estava franzida.

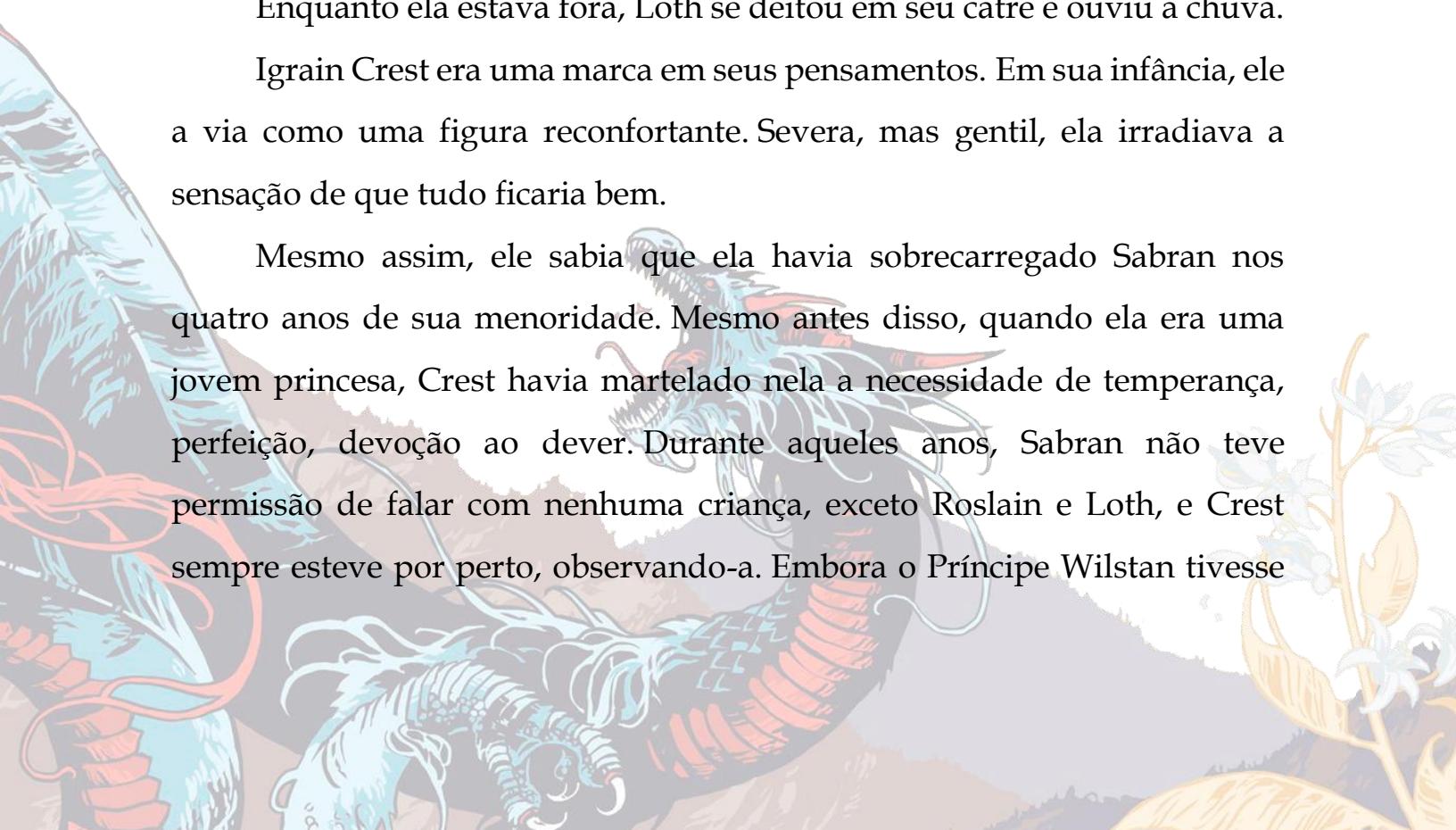
— O que é? — Loth perguntou.

— Eu ouvi algumas conversas lá embaixo. Sabran não foi vista desde sua aparição pública com Lievelyn — disse ela. — Pelo que as pessoas sabem, ela ainda está grávida... mas a escassez de notícias, juntamente com as incursões dracônicas, deixou seus súditos inquietos.

— Você disse que ela estava grávida quando abortou. Se ela ainda estivesse grávida, ela poderia ter tomado seu quarto para o repouso agora

— Loth apontou. — Uma desculpa perfeita para a ausência dela.

— Sim. Talvez ela até tenha conspirado com ela, mas não acho que os traidores dentro dos Duques Espirituais pretendam deixá-la continuar a



governar. — Ead largou o jantar e pendurou sua capa para secar em uma cadeira. — Sabran previu isso. Ela está em perigo mortal, Loth.

— Ela ainda é a descendente viva do Santo. O povo não se unirá a nenhum dos Duques Espirituais enquanto ela viver.

— Oh, acho que sim. Se eles soubessem que ela não pode dar a eles uma herdeira, os comuns acreditariam que Sabran é responsável pela vinda do Inominável. — Ead se sentou à mesa. — Aquela cicatriz em sua barriga, e o que ela representa, iria tirar sua legitimidade aos olhos de muitos.

— Ela *ainda* é uma Berethnet.

— E a última de sua linhagem.

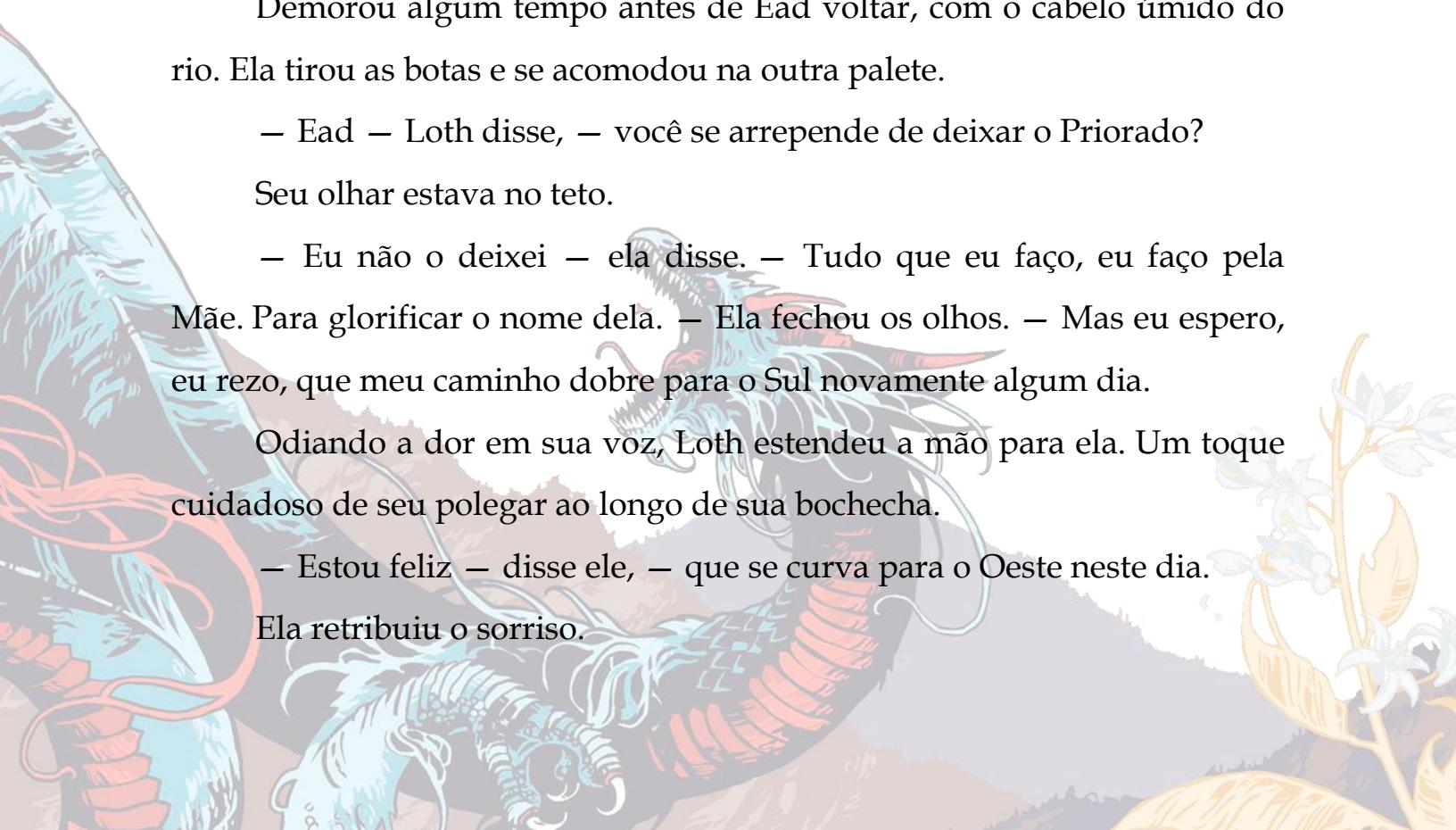
O estalajadeiro havia fornecido a eles duas tigelas de caldo cartilaginoso e um pedaço de pão velho. Loth engoliu sua parte e continuou com cerveja.

— Vou me lavar — disse Ead.

Enquanto ela estava fora, Loth se deitou em seu catre e ouviu a chuva.

Igrain Crest era uma marca em seus pensamentos. Em sua infância, ele a via como uma figura reconfortante. Severa, mas gentil, ela irradiava a sensação de que tudo ficaria bem.

Mesmo assim, ele sabia que ela havia sobrecarregado Sabran nos quatro anos de sua menoridade. Mesmo antes disso, quando ela era uma jovem princesa, Crest havia martelado nela a necessidade de temperança, perfeição, devoção ao dever. Durante aqueles anos, Sabran não teve permissão de falar com nenhuma criança, exceto Roslain e Loth, e Crest sempre esteve por perto, observando-a. Embora o Príncipe Wilstan tivesse



sido o Protetor do Reino, ele estivera em muito luto para criar sua filha. Crest havia se encarregado disso.

E houve um incidente. Antes que a Rainha-Mãe morresse.

Ele se lembrou de uma tarde gelada. Sabran, de 12 anos, na orla da Floresta Chesten, fazendo uma bola de neve nas mãos enluvadas, as bochechas rosadas. Ambos rindo até doer. Depois, eles escalararam um dos carvalhos cobertos de neve e se amontoaram em um galho com nós, para grande consternação dos Cavaleiros do Corpo.

Eles haviam escalado quase até o topo daquela árvore. Tão alto que eles puderam ver a Casa Briar. E lá estava a Rainha Rosarian em uma janela, visivelmente furiosa, uma carta em seu punho.

Com ela estava Igrain Crest, as mãos atrás das costas. Rosarian saiu furiosa. A única razão pela qual Loth se lembrava tão claramente era porque Sabran havia caído daquela árvore um momento depois.

Demorou algum tempo antes de Ead voltar, com o cabelo úmido do rio. Ela tirou as botas e se acomodou na outra palete.

— Ead — Loth disse, — você se arrepende de deixar o Priorado?

Seu olhar estava no teto.

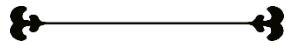
— Eu não o deixei — ela disse. — Tudo que eu faço, eu faço pela Mãe. Para glorificar o nome dela. — Ela fechou os olhos. — Mas eu espero, eu rezo, que meu caminho dobre para o Sul novamente algum dia.

Odiando a dor em sua voz, Loth estendeu a mão para ela. Um toque cuidadoso de seu polegar ao longo de sua bochecha.

— Estou feliz — disse ele, — que se curva para o Oeste neste dia.

Ela retribuiu o sorriso.

— Loth — disse ela, — senti sua falta.



Eles estavam cavalgando novamente antes do sol nascer pela manhã, e cavalgaram por dias. Uma tempestade de neve soprou, diminuindo a velocidade de seus cavalos, e uma noite bandidos se lançaram sobre eles, exigindo todas as suas moedas. Sozinho, Loth teria sido dominado, mas Ead lutou tanto que eles recuaram.

Não havia mais tempo para dormir. Ead estava em sua sela novamente antes que os bandidos estivessem fora de vista; era tudo que Loth podia fazer para acompanhá-la. Eles viraram para o nordeste no Bosque dos Corvos e galoparam pela Passagem Sul, mantendo a cabeça baixa enquanto se juntavam às carroças, cavalos de carga e carruagens que se moviam em direção a Ascalon. E finalmente, à luz da coruja, eles chegaram.

Loth diminuiu a velocidade de seu cavalo. As torres de Ascalon eram negras contra o céu noturno. Mesmo na chuva, esta cidade era o farol de seu coração.

Eles seguiram para Berethnet Mile. A neve recente era um pano de fundo, ainda sem pisar. No final, ao longe, assomavam os portões de ferro forjado do Palácio de Ascalon. Mesmo no crepúsculo, Loth pôde ver os danos à Torre Dearn. Ele quase não acreditava que Fýredel estivesse em cima dele.

Ele podia sentir o cheiro do rio Limber. Os sinos do Santuário de Nossa Senhora tocavam.

— Quero passar pelo palácio — disse Ead. — Para ver se há aumento das defesas. — Loth assentiu.

Cada ala da cidade começava em sua portaria. A ala da rainha, a mais próxima do palácio, tinha a mais impressionante, alta e dourada, esculpida com imagens de rainhas do passado. À medida que se aproximavam, a rua, geralmente movimentada ao anoitecer, quando as pessoas se aglomeravam nas orações, estava silenciosa.

A neve embaixo da guarita estava manchada de escuridão. Quando Loth ergueu os olhos, a sensação deixou seu rosto. Bem acima deles, duas cabeças decepadas foram montadas em lanças.

Uma estava irreconhecível. Pouco mais que uma caveira. A outra tinha sido alcatroada e parboilizada, mas as feições caíram com a decomposição. Orelhas e nariz vazando podridão. Moscas na pele pálida.

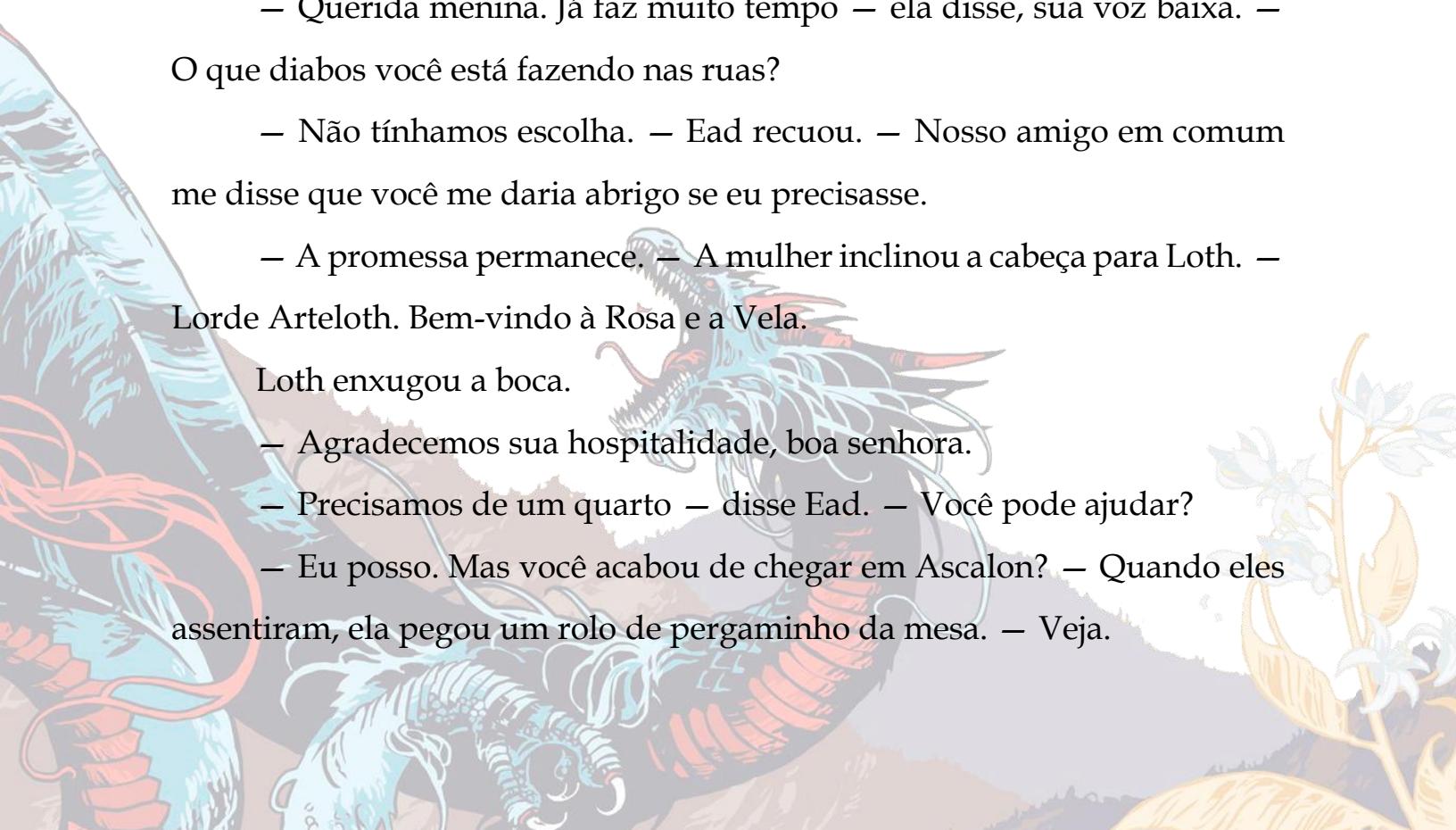
Ele poderia não tê-la reconhecido se não fosse pelo cabelo. Longo e vermelho, escorrendo como sangue.

— Truyde — sussurrou Ead.

Loth não conseguia desviar o olhar da cabeça. A partir desse cabelo balançando, grotescamente animado.

Certa vez, ele, Sabran e Roslain se reuniram junto ao fogo na Câmara Privada e ouviram Arbella Glenn contar a eles sobre Sabran a Quinta, a única tirana da Casa de Berethnet, que adornava todos os remates dos portões do palácio com as cabeças daqueles que a desagravavam. Nenhuma rainha se atreveu a despertar seu fantasma fazendo isso de novo.

— Rápido — Ead virou seu cavalo. — Me siga.



Eles cavalgaram para a ala do Cais Sul, onde mercadores de seda e fabricantes de roupas reinavam. Eles logo chegaram à Rosa e Vela, uma das melhores pousadas da cidade, onde entregaram seus cavalos a um cavalariço. Loth parou para vomitar. O vômito fervilhava em sua barriga.

— Loth. — Ead o conduziu para dentro. — Rápido. Eu conheço a stalajadeira aqui. Estaremos seguros.

Loth não se lembrava mais do que era para estar seguro. O fedor de podridão estava gravado em sua garganta.

Um atendente os conduziu para dentro e bateu na porta. Uma mulher de rosto avermelhado em um gibão quadrado atendeu. Quando ela viu Ead, suas sobrancelhas se ergueram.

— Bem — disse ela, recuperando-se, — você devia entrar.

Ela os conduziu para seus aposentos. Assim que a porta foi fechada, ela abraçou Ead.

— Querida menina. Já faz muito tempo — ela disse, sua voz baixa. — O que diabos você está fazendo nas ruas?

— Não tínhamos escolha. — Ead recuou. — Nossa amigo em comum me disse que você me daria abrigo se eu precisasse.

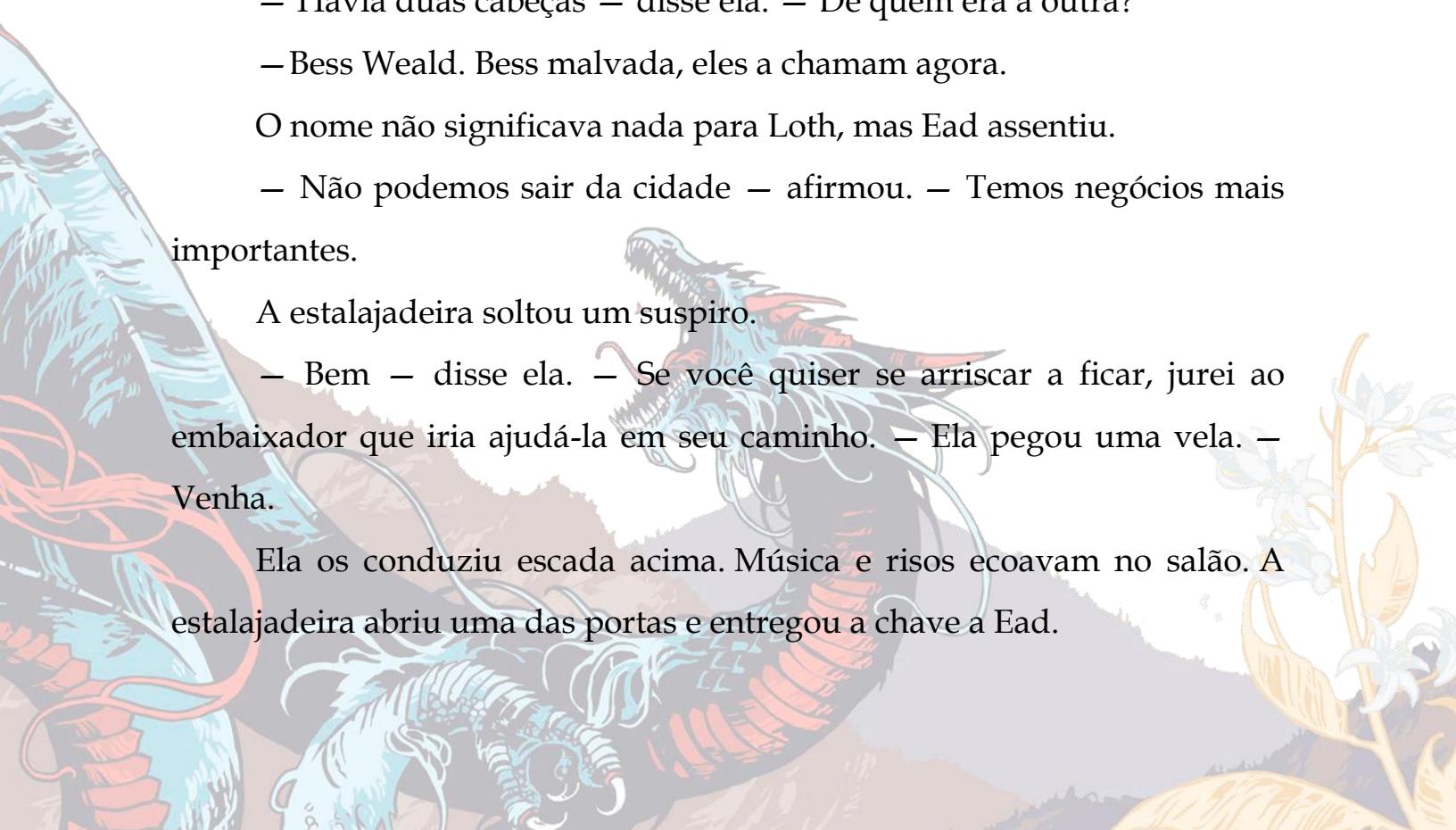
— A promessa permanece. — A mulher inclinou a cabeça para Loth. — Lorde Arteloth. Bem-vindo à Rosa e a Vela.

Loth enxugou a boca.

— Agradecemos sua hospitalidade, boa senhora.

— Precisamos de um quarto — disse Ead. — Você pode ajudar?

— Eu posso. Mas você acabou de chegar em Ascalon? — Quando eles assentiram, ela pegou um rolo de pergaminho da mesa. — Veja.



Ead o desvendou. Loth leu por cima do ombro dela.

Em nome da RAINHA SABRAN, Sua Graça, a DUQUESA DA JUSTIÇA, oferece uma recompensa de dezoito mil coroas pela captura de Ead Duryan, uma Sulista de origem humilde disfarçada de dama, procurada viva por feitiçaria, heresia e alta traição contra SUA MAJESTADE. Cabelo preto encaracolado, olhos castanhos escuros. Relate qualquer avistamento imediatamente a um guarda municipal.

— Os arautos leram seu nome e descrição todos os dias — disse a stalajadeira. — Eu confio naqueles que você conheceu no quintal, mas você não deve falar com mais ninguém. E saia desta cidade assim que puder.

— Ela estremeceu. — Algo não está certo no palácio. Eles disseram que aquela criança era uma traidora, mas não posso pensar que a Rainha Sabran executaria alguém tão jovem.

Ead devolveu o aviso.

— Havia duas cabeças — disse ela. — De quem era a outra?

— Bess Weald. Bess malvada, eles a chamam agora.

O nome não significava nada para Loth, mas Ead assentiu.

— Não podemos sair da cidade — afirmou. — Temos negócios mais importantes.

A stalajadeira soltou um suspiro.

— Bem — disse ela. — Se você quiser se arriscar a ficar, jurei ao embaixador que iria ajudá-la em seu caminho. — Ela pegou uma vela. — Venha.

Ela os conduziu escada acima. Música e risos ecoavam no salão. A stalajadeira abriu uma das portas e entregou a chave a Ead.

— Vou mandar trazer seus pertences.

— Obrigada. Não vou esquecer isso, e nem Sua Excelência, — Ead disse a ela. — Também vamos precisar de roupas. E armas, se você conseguir.

— Claro.

Loth pegou a vela da estalajadeira antes de se juntar a Ead, que trancou a porta. O quarto ostentava uma cama, uma lareira acesa e uma banheira de cobre, cheia e fumegante.

— Bess Weald foi a comerciante que atirou em Lievelyn. — Ead engoliu em seco. — É a Crest.

— Por que ela teria assassinado Dama Truyde?

— Para silenciá-la. Apenas Truyde, Sabran e eu sabíamos que Bess Weald trabalhava para alguém chamado Copeiro. E Combe — ela acrescentou, depois de um momento. — Crest está cobrindo seu rastro. Minha cabeça estaria lá também, mais cedo ou mais tarde, se eu não tivesse saído da corte. — Ela caminhou pelo quarto. — Crest não poderia ter executado Truyde sem o conhecimento de Sabran. Certamente as ordens de morte devem ter uma assinatura real.

— Não. A assinatura de quem detém o Ducado de Justiça também é válida em uma sentença de morte — disse Loth. — Mas apenas se o soberano for incapaz de assinar com sua própria mão.

A implicação caiu sobre os dois, carregada de presságio.

— Precisamos entrar no palácio. Hoje à noite — Ead disse, frustração crescendo em sua voz. — Devo falar com alguém. Em outra ala.

— Ead, não. Esta *cidade* inteira está procurando...

— Eu sei como escapar de me descobrirem. — Ead colocou o capuz de volta. — Tranque a porta atrás de mim. Quando eu voltar, faremos um plano. — Ela fez uma pausa para beijar sua bochecha ao sair. — Não temas por mim, meu amigo.

E ela se foi.

Loth se despiu e afundou na banheira de cobre. Tudo o que ele conseguia pensar era nas cabeças colocadas na casa do portão. A promessa de uma Inys que ele não conseguia reconhecer. Uma Inys sem sua rainha.

Ele lutou contra o sono o máximo que pôde, mas os dias de cavalgada no frio cobraram seu preço. Quando caiu na cama, sonhou não com cabeças decepadas, mas com Donmata Marosa. Ela veio até ele nua, com os olhos cheios de cinzas, e seu beijo tinha gosto de absinto. *Você me deixou*, ela respirou. *Você me deixou para morrer. Assim como você deixou seu amigo.*

Quando uma batida finalmente veio, ele acordou de repente.

— Loth.

Ele tateou em busca do ferrolho. Ead estava lá fora. Ele se afastou para deixá-la entrar no quarto.

— Eu consegui entrar — disse ela. — Nós iremos com o povo da água.

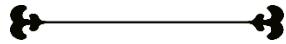
Eles tripulavam as barcaças e os paradeiros que cruzavam o rio Limber todos os dias, levando pessoas e mercadorias de um lado para o outro.

— Presumo que você tenha mais amigos entre eles.

— Um — ela confirmou. — Um carregamento de vinho está sendo levado para a Escada Privada para a Festa do Alto Inverno. Ele concordou que podemos nos juntar ao povo da água. Isso nos levará para dentro.

— E quando vamos?

- Pretendo encontrar Sabran. — Ead olhou para ele. — Se você preferir ficar aqui, irei sozinha.
- Não — Loth disse. — Nós vamos juntos.



Eles partiram vestidos como mercadores, armados até o queixo sob as capas. Logo eles entraram na ala da Ponte-sobre-Fiswich e desceram as escadas da balça na Praça Golfinho. A escada estava espremida ao lado de uma taverna, a Grey Grimalkin, onde o povo da água bebia depois de um longo dia no Limber.

A taverna ficava de frente para a parede leste do Palácio de Ascalon. Loth seguiu Ead. Suas botas de montaria esmagaram as conchas na margem do rio.

Ele nunca tinha posto os pés nesta parte da cidade. Ponte-sobre-Fiswich tinha fama de velhaca.

Ead se aproximou de um dos homens do lado de fora da taverna.

— Meu amigo — ela disse. — Bomvê-lo.

— Senhora. — O homem estava sujo como um rato, mas tinha olhos afiados. — Você ainda deseja se juntar a nós?

— Se você nos aceitar.

— Eu disse que aceitaria. — Ele olhou para a taverna. — Espere na barcaça. Preciso pescar alguns dos outros de seus copos.

Perto dali, a barcaça em questão estava sendo carregada com barris de vinho. Loth caminhou até a beira do rio e observou as velas ganhando vida

nas janelas da Torre de Alabastro. Ele só podia ver o topo da Torre da Rainha. Os aposentos reais, sombrios.

— Diga-me —, ele murmurou para Ead, — o que o Embaixador uq-Ispad faz para tornar seus amigos tão agradáveis?

— Ele paga uma pensão à estalajadeira. Quanto a este homem, Chassar cobriu suas dívidas de jogo — disse ela. — Ele os chama de Amigos do Priorado.

O companheiro aquático conduziu seus associados da taverna. Quando o resto do vinho foi carregado na barcaça, Loth e Ead entraram e encontraram um lugar em um banco.

Ead puxou um capuz e enfiou cada cacho dentro. Cada companheiro aquático agarrou um remo e remou.

Limber era amplo e de fluxo rápido. Demorou algum tempo para chegar ao patamar.

A Escada Privada levava a uma poterna na parede do palácio, projetada para ser uma maneira discreta de a família real sair. Sabran nunca usou sua barcaça de prazer, mas sua mãe sempre estivera no rio, acenando para as pessoas, deslizando os dedos na água. Loth se pegou imaginando se a rainha Rosarian alguma vez havia usado a escada para escapar em encontros amorosos com Gian Harlowe.

Ele não tinha mais certeza se deveria dar crédito a esse boato. Todas as suas crenças foram feridas e danificadas. Talvez nada do que ele tivesse pensado sobre esta corte fosse verdade.

Ou talvez fosse um teste de fé.

Eles seguiram o povo da água escada acima. Do outro lado da parede, Loth teve seu primeiro vislumbre dos três cavaleiros errantes que bloqueavam seu caminho. Ead puxou Loth para uma alcova à esquerda e eles se agacharam atrás do poço.

— Boa noite a todos vocês — disse um dos cavaleiros errantes. — Vocês têm o vinho?

— Sim, senhores. — O companheiro chefe d'água tirou o chapéu. — Sessenta barris.

— Leve-os para a Grande Cozinha. Mas primeiro, seus companheiros precisarão nos mostrar seus rostos. Todos vocês, abaixem seus capuzes e removam seus chapéus.

O povo da água obedeceu.

— Bom. Sigam seu caminho — disse o cavaleiro errante.

Os barris foram devidamente carregados escada acima. Ead rastejou em direção à entrada da alcova, apenas para se retirar.

Um dos cavaleiros errantes estava descendo a escada. Quando ele enfiou a tocha no esconderijo, uma voz disse:

— O que é isso? — A chama se aproximou. — Estamos desafiando o Cavaleiro da Sociedade aqui?

Então o cavaleiro errante viu Loth, e ele viu Ead, e sob a sombra lançada por seu elmo, Loth viu sua boca escancarada para soar o alarme.

Foi quando uma lâmina cortou sua garganta. Quando o sangue jorrou, Ead o jogou no poço.

Três batimentos cardíacos e ele atingiu o fundo.

Capítulo 50

Oeste

Ela esperava não matar ninguém no palácio. Se tivesse havido mais tempo, Ead poderia ter acendido o homem.

Ela recuperou a tocha e a deixou cair no poço. Ela limpou o sangue da lâmina.

— Encontre Meg e se esconda em seus aposentos — ela disse calmamente. — Eu quero explorar o palácio.

Loth estava olhando para ela como se ela fosse uma estranha. Ela o empurrou escada acima.

— Rápido. Eles vão procurar em todos os lugares quando encontrarem o corpo.

Ele foi.

Ead o seguiu antes de se afastar. Ela cruzou o pátio com a macieira e encostou as costas na parede caiada da Grande Cozinha. Ela esperou até que um destacamento de guardas tivesse passado antes de entrar na passagem que levava ao Santuário Real.

Mais dois cavaleiros errantes, ambos com sobretudos pretos e armados com guerrilheiros, estavam do lado de fora de suas portas.

Ela acendeu os dois. Se a Mãe quisesse, eles acordariam confusos demais para relatar o que havia acontecido. Lá dentro, ela se escondeu atrás

de um pilar e olhou para a escuridão. Como sempre, muitos cortesãos se reuniam para orações. Vozes ecoavam no teto abobadado.

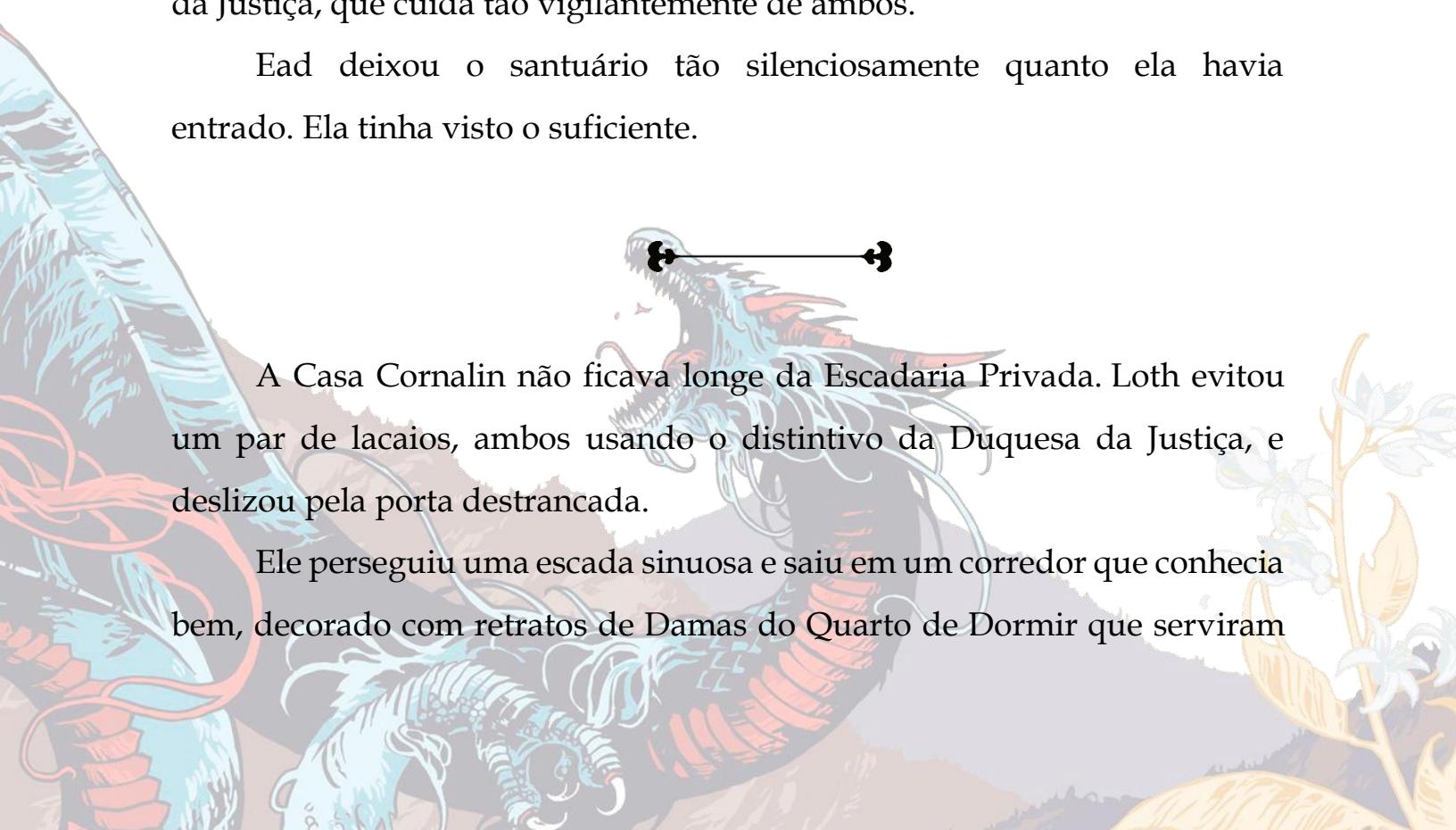
Sabran não estava em lugar nenhum. Nem Margret.

Ead notou como os adoradores estavam sentados. Normalmente, eles se amontoavam nos bancos em espírito de companheirismo. Esta noite, no entanto, havia uma facção bem definida. Lacaios com libré completa. Preto e vermelho, as taças gêmeas bordadas em seus tabardos.

Antigamente, você teria visto os retentores de Combe desfilando em seu uniforme, Margret lhe dissera, como se sua primeira lealdade não fosse para com a rainha.

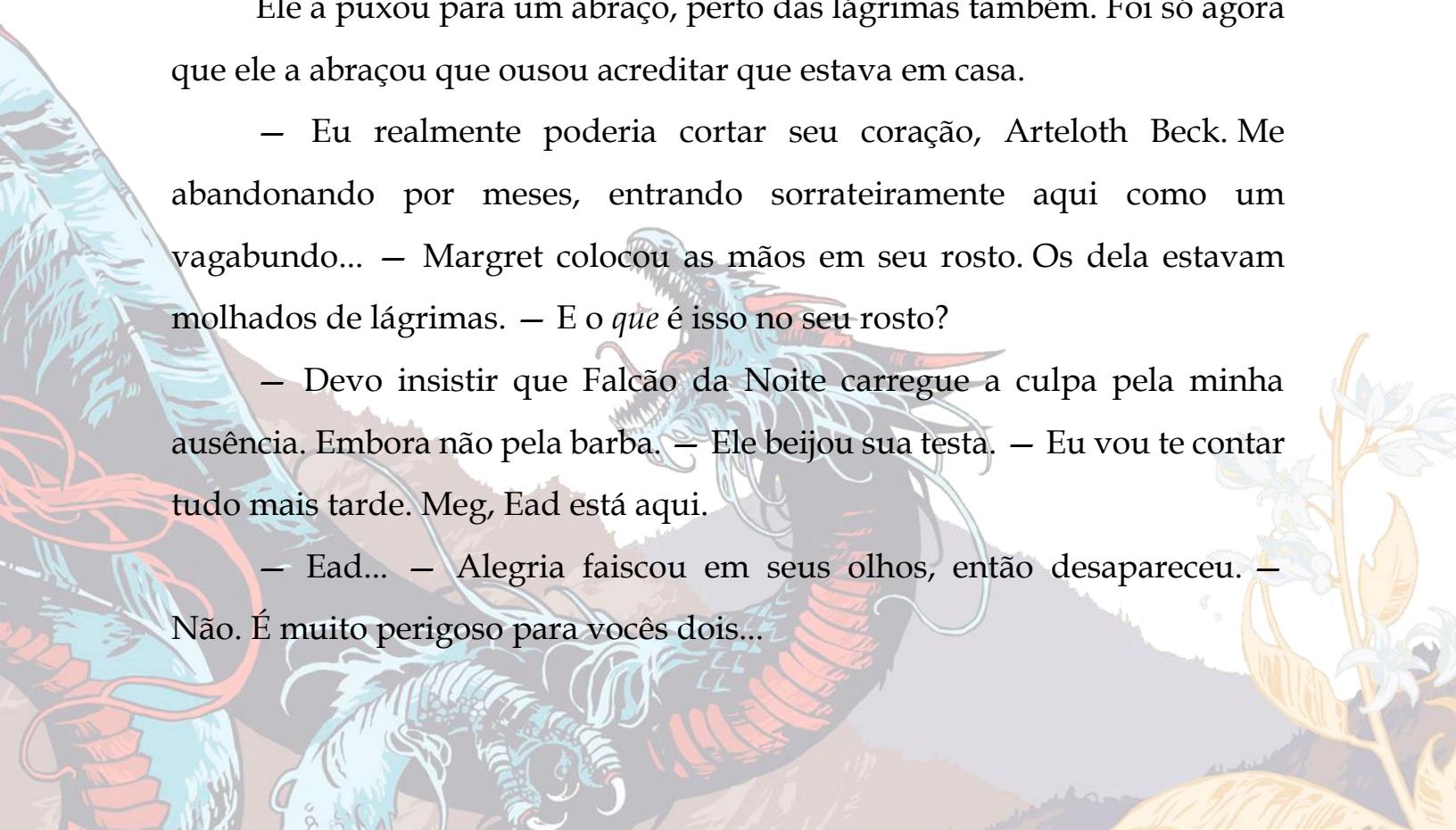
— Agora — disse o Arqui-santo, assim que o hino terminou. — Oremos ao Cavaleiro da Generosidade por Sua Majestade, que prefere orar em reclusão neste momento tão sagrado. Oremos pela princesa em seu ventre, que um dia será nossa rainha. E agradecemos a Sua Graça, a Duquesa da Justiça, que cuida tão vigilantemente de ambos.

Ead deixou o santuário tão silenciosamente quanto ela havia entrado. Ela tinha visto o suficiente.



A Casa Cornalin não ficava longe da Escadaria Privada. Loth evitou um par de lacaios, ambos usando o distintivo da Duquesa da Justiça, e deslizou pela porta destrancada.

Ele perseguiu uma escada sinuosa e saiu em um corredor que conhecia bem, decorado com retratos de Damas do Quarto de Dormir que serviram



sob rainhas há muito mortas. Uma nova imagem de uma jovem Dama Arbella Glenn apareceu em uma extremidade.

Quando ele alcançou a porta certa, ele ouviu. Silêncio interior. Ele girou a maçaneta e entrou.

Velas iluminavam o quarto. Sua irmã estava curvada sobre um livro. Ao som da porta se abrindo, ela se levantou assustada.

— Nome de *cortesia*... — Ela agarrou sua adaga da mesa de cabeceira, com os olhos arregalados. — Vá embora, patife, ou arrancarei seu coração. O que te manda para a minha porta?

— Dever fraterno. — Ele abaixou o capuz. — E um medo terrível de sua ira se eu ficasse longe por mais um momento.

A adaga caiu de sua mão e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela correu para ele e lançou os braços ao redor de seu pescoço.

— Loth. — Seu corpo se agitou com soluços. — Loth...

Ele a puxou para um abraço, perto das lágrimas também. Foi só agora que ele a abraçou que ousou acreditar que estava em casa.

— Eu realmente poderia cortar seu coração, Arteloth Beck. Me abandonando por meses, entrando sorrateiramente aqui como um vagabundo... — Margret colocou as mãos em seu rosto. Os dela estavam molhados de lágrimas. — E o *que* é isso no seu rosto?

— Devo insistir que Falcão da Noite carregue a culpa pela minha ausência. Embora não pela barba. — Ele beijou sua testa. — Eu vou te contar tudo mais tarde. Meg, Ead está aqui.

— Ead... — Alegria faiscou em seus olhos, então desapareceu. — Não. É muito perigoso para vocês dois...

— Onde está Sab?

— Nos aposentos reais, eu suponho. — Margret agarrou seu ombro com uma das mãos e usou a outra para enxugar os olhos. — Dizem que ela está em confinamento por causa da gravidez. Apenas Roslain tem permissão para atendê-la, e os retentores de Crest guardam sua porta.

— Onde está Combe em tudo isso?

— O Falcão da Noite levantou vôo alguns dias atrás. Stillwater e Fynch também. Não tenho ideia se foi por vontade própria.

— E os outros Duques Espirituais?

— Eles parecem estar ajudando Crest. — Ela olhou para a janela. — Você viu que não há luz lá em cima?

Loth assentiu, entendendo bem a importância.

— Sabran não consegue dormir na escuridão.

— Sim. — Margret fez menção de fechar as cortinas. — A ideia de que ela poderia dar à luz sua filha naquele quarto triste...

— Meg.

Ela virou.

— Não haverá Princesa Glorian — Loth disse suavemente. — Sab não está grávida. E não ficará grávida de novo.

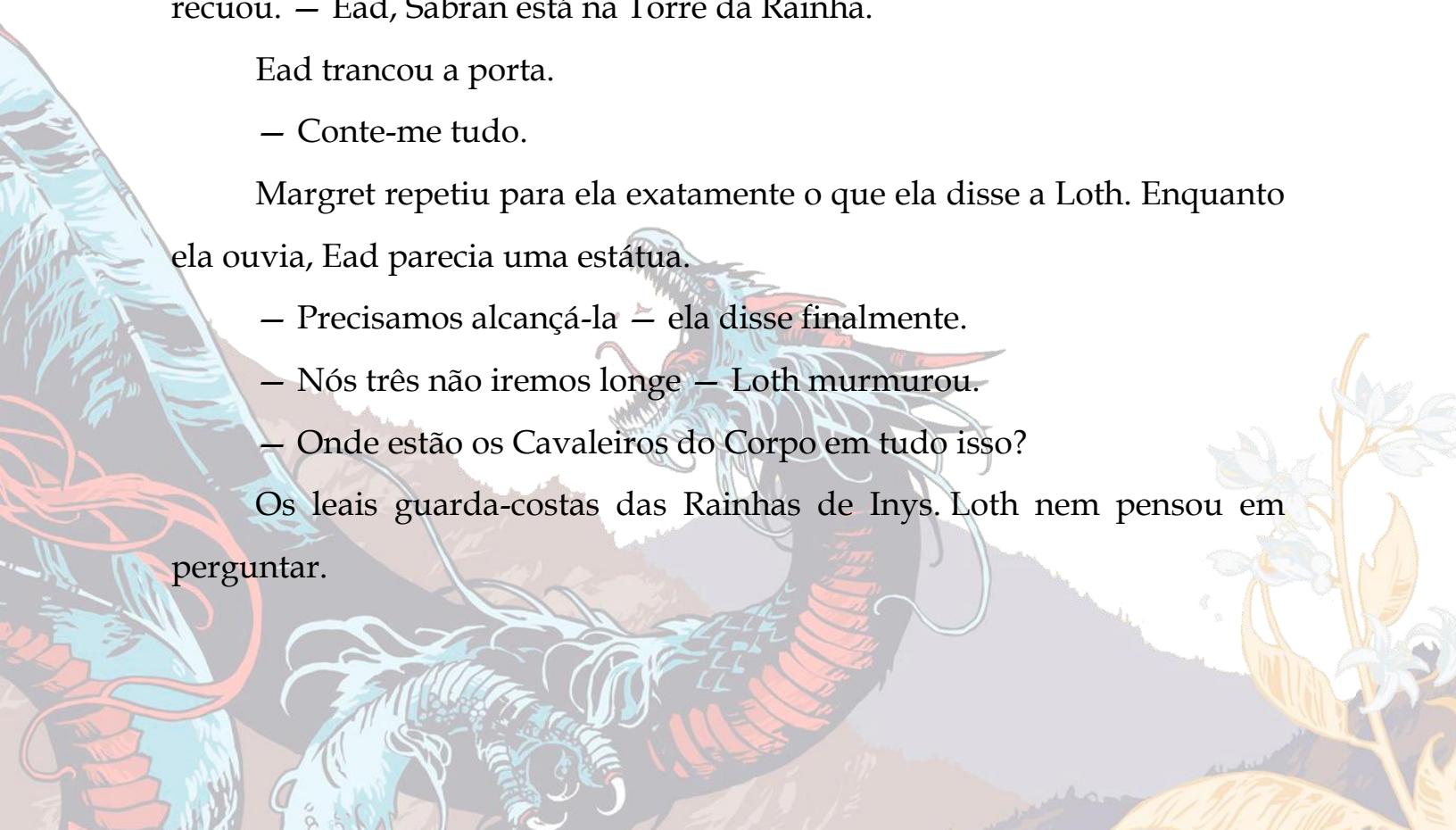
Margret estava muito quieta.

— Como? — ela finalmente perguntou.

— A barriga dela foi... perfurada. Quando a Wyrm Branca veio.

Sua irmã lutou em busca de sua compostura.

— Agora tudo isso começa a fazer sentido. — Ela sentou. — Crest não quer esperar até que Sabran morra para assumir o trono.



A respiração dela tremeu. Loth veio se sentar ao lado dela, dando-lhe tempo para absorver tudo.

— O Inominável retornará. — Margret se recompôs. — Suponho que tudo o que podemos fazer agora é nos preparar para isso.

— E não podemos fazer isso se Inys estiver dividida — disse uma nova voz.

Loth se levantou com sua espada desembainhada para ver Ead na porta. Margret deixou escapar um som sem palavras de alívio e foi até ela. Elas se abraçaram como irmãs.

— Eu devo estar sonhando — Margret disse em seu ombro. — Você voltou.

— Você me disse que nos encontrariámos novamente. — Ead a abraçou. — Eu não queria fazer de você uma mentirosa.

— Você tem muito o que explicar. Mas isso pode esperar. — Margret recuou. — Ead, Sabran está na Torre da Rainha.

Ead trancou a porta.

— Conte-me tudo.

Margret repetiu para ela exatamente o que ela disse a Loth. Enquanto ela ouvia, Ead parecia uma estátua.

— Precisamos alcançá-la — ela disse finalmente.

— Nós três não iremos longe — Loth murmurou.

— Onde estão os Cavaleiros do Corpo em tudo isso?

Os leais guarda-costas das Rainhas de Inys. Loth nem pensou em perguntar.

— Não vejo o Capitão Lintley há uma semana — disse Margret. — Alguns dos outros estão de guarda do lado de fora da Torre Rainha.

— Não é seu dever proteger Sua Majestade? — Ead perguntou.

— Eles não têm nenhuma razão para suspeitar que a Duquesa da Justiça está fazendo mal a ela. Eles acham que Sab está descansando.

— Então precisamos que eles saibam que Sabran está sendo mantida contra sua vontade. Os Cavaleiros do Corpo são formidáveis. Mesmo com metade deles do nosso lado, poderíamos acabar com a insurreição — disse Ead. — Devíamos tentar encontrar Lintley. Talvez eles o tenham colocado na casa da guarda.

— Poderíamos seguir a rota secreta que mostrei a você — disse Margret.

Ead foi para a porta.

— Bom.

— Espera. — Margret estendeu a mão para Loth. — Empreste-me uma arma, irmão, ou serei tão útil quanto uma fogueira em uma casa de gelo.

Ele rendeu sua adaga sem reclamar.

Margret pegou uma vela e abriu caminho pelo corredor. Ela os levou diante de um retrato de uma mulher e, quando arrastou um lado da parede, uma passagem foi revelada. Ead subiu nela e deu uma mão a Margret. Loth fechou o retrato atrás deles.

Uma corrente de ar apagou a vela, deixando-os na escuridão. Tudo que Loth conseguia ouvir era a respiração deles. Então Ead estalou os dedos e uma chama azul-prateada saltou como uma faísca de um cortador de

fogo. Loth trocou um olhar com sua irmã enquanto Ead o colocava em sua palma.

— Nem todo fogo deve ser temido — disse Ead.

Margret pareceu se preparar.

— É melhor você fazer Crest temê-la ao amanhecer.

Eles seguiram um lance de escadas até chegarem a uma saída. Ead a empurrou apenas uma fresta.

— Tudo limpo — ela murmurou. — Meg, qual porta?

— A mais próxima — disse Margret imediatamente. Quando Loth ergueu as sobrancelhas para ela, ela pisou no pé dele.

Ead entrou na passagem não iluminada e tentou abrir a porta, sem sucesso.

— Capitão Lintley? — ela disse, a voz suave. Quando não houve resposta, ela bateu. — Sir Tharian.

Uma pausa, então:

— Quem vem aí?

— Tharian. — Margret juntou-se a Ead na porta. — Tharian, é a Meg.

— Meg... — Um xingamento abafado. — Margret, você deve ir embora. Crest me prendeu.

Ela estalou a língua.

— Isso soa como uma razão para te tirar daqui, idiota, para não ir embora.

Loth olhou para o corredor. Se alguém abrisse a porta da guarita, não teria onde se esconder.

Ead se ajoelhou ao lado da porta. Quando ela flexionou os dedos, o fogo flutuou para pendurar ao lado dela como uma vela cadáver. Ela estudou o buraco da fechadura e usou a outra mão para deslizar um grampo de cabelo de seus cachos e colocá-lo na fechadura. Quando clicou, Margret abriu a porta, com cuidado para não deixar as dobradiças rangerem.

Dentro de seu quarto, Sir Tharian Lintley estava de camisa e calça. Cada vela na sala tinha queimado até virar um toco. Ele foi direto para Margret e segurou sua bochecha com uma das mãos.

— Margret, você não devia... — Vendo Loth, ele se assustou e se curvou à sua maneira militar. — Santo. Lorde Arteloth, não fazia ideia de que havia retornado. E... — Sua postura mudou. — Senhora Duryan.

— Capitão Lintley. — Ead ainda segurava sua chama. — Devo esperar que você tente me prender?

Lintley engoliu em seco.

— Eu me perguntei se você seria a própria Dama da Floresta — disse ele. — Os retentores do Secretário Principal contaram histórias de sua feitiçaria.

— Paz. — Margret tocou seu braço. — Eu ainda não entendo, mas Ead é minha amiga. Ela voltou com grande risco de vida para nos ajudar. E ela trouxe Loth de volta para mim.

Um olhar dela foi o suficiente para suavizar Lintley.

— Combe ordenou que prendêssemos você naquela noite — disse ele a Ead. — Ele está aliado a Crest?

— Isso eu não sei. Sua moral é questionável, com certeza, mas ele pode não ser o verdadeiro inimigo. — Ead fechou a porta. — Suspeitamos que Sua

Majestade está sendo mantida contra sua vontade. E que não temos muito tempo para alcançá-la.

— Eu já tentei. — Lintley parecia que toda esperança o havia abandonado. — E eu serei banido por isso.

— O que aconteceu?

— Dizia-se que você estava aliada ao Rei Sigoso e havia retornado para ele, mas foi logo depois que Lorde Arteloth desapareceu, eu senti uma tentativa deliberada de tornar Sua Majestade vulnerável.

— Continue — disse Ead.

— Sua Majestade não havia emergido da Torre Rainha desde que a Wyrn Branca chegou, e não havia luz de sua janela. Dame Joan Dale e eu exigimos entrar no Grande Quarto de Dormir para nos certificarmos de que ela estava bem. Crest nos despojou de nossa armadura por desobediência — ele disse amargamente. — Agora estou confinado aqui.

— E os outros Cavaleiros do Corpo? — Margret perguntou.

— Três também estão aqui por protestar.

— Não por muito tempo — disse Ead. — Quantos retentores enfrentaríamos, se fizéssemos nossa jogada esta noite?

— Dos trinta e seis retentores que Crest tem na corte, acho que cerca de metade estão armados. Ela também tem vários cavaleiros errantes.

Os Cavaleiros do Corpo estavam entre os melhores guerreiros de Inys, escolhidos a dedo por sua habilidade. Eles poderiam derrotar uma multidão de servos.

— Você acha que os outros ainda são leais? — Ead perguntou.

— Absolutamente. Sua primeira lealdade é sempre a Sua Majestade.

— Bom — ela respondeu. — Reúna-os e vá atrás de Crest. Assim que ela for presa, seus retentores deporão as armas.

Eles saíram furtivamente do quarto. Ead quebrou as fechaduras de três outras portas e Lintley sussurrou o plano para seus soldados. Logo eles estavam com Dame Joan Dale, Dame Suzan Thatch e Sir Marke Birchen.

— Não há muitos guardas fora do arsenal. — Ead ofereceu a Lintley uma de suas próprias lâminas. — Recupere suas armas, mas eu aconselharia contra armaduras. Isso o deixará lento. E barulhento.

Lintley pegou a lâmina.

— O que você vai fazer?

— Vou encontrar Sua Majestade.

— Ela será cercada por lacaios a serviço de Crest — reiterou Lintley. — Eles estavam posicionados em quase todos os andares da Torre Rainha da última vez que estive lá.

— Eu posso lidar com eles.

Lintley balançou a cabeça.

— Não posso dizer se você perdeu o juízo, Ead, ou se é o Cavaleiro da Coragem retornado.

— Deixe-me ir com você — Loth disse a ela. — Eu posso ajudar.

— Se você acha que um punhado de traidores vai me manter longe dela — foi sua resposta imediata, — você está redondamente enganado.

— Então, mais suave, — Eu posso fazer isso sozinha.

A convicção em suas palavras o pegou de surpresa. Ele a tinha visto derrubar um wyvern. Ela poderia lidar com alguns retentores.

— Então irei com você, Sir Tharian — disse ele.

Lintley assentiu.

— Seria uma honra lutar ao seu lado, Lorde Arteloth.

— Eu irei com você também — disse Margret. — Se você me quiser.

— Eu quero, Dama Margret — Lintley sorriu. — Eu quero você.

Seus olhares se mantiveram por um momento a mais do que o necessário. Loth pigarreou, fazendo Lintley desviar o olhar.

— Eu ainda digo que você será presa antes de chegar às portas. — Um dos Cavaleiros do Corpo disse sombriamente para Ead.

— Você fala como se fosse uma certeza. — Ead ficou de braços cruzados. — Se algum de vocês deseja voltar, diga agora. Não podemos nos permitir covardia.

— Nós numeramos o mesmo que o Santo e sua Sagrada Comitiva — disse Margret com firmeza. — Se os sete deles conseguiram fundar uma religião, então eu sinceramente espero que nós sete possamos derrotar alguns patifes de leite.



Ead subiu a escada de trepadeiras até a Torre Rainha, como havia feito antes. Quando ela estava perto da Cozinha Privada, ela empurrou a parede e agarrou o parapeito da janela. Enfraquecidas por sua última escalada, as trepadeiras se soltaram sob sua bota e caíram na estufa lá embaixo.

Ela se puxou e se agachou. Em algum lugar abaixo, um sino começou a tocar. Eles devem ter encontrado o corpo no poço.

Para Lintley, o alarme era uma boa notícia. Ele e seus Cavaleiros do Corpo poderiam aproveitar a distração para recuperar suas espadas do arsenal. Para Ead, no entanto, as perspectivas eram sombrias. Essa comoção levantaria todos os funcionários da Torre da Rainha da cama.

Apenas mais alguns cômodos ficavam entre ela e Sabran.

A Galeria do Sangue Real estava vazia. Ela passou pelos retratos das mulheres da Casa de Berethnet. Olhos verdes pintados pareciam segui-la enquanto ela se aproximava da escada. Havia diferenças entre as rainhas – uma ondulação no cabelo, uma covinha, uma mandíbula bem definida – mas cada uma delas se parecia tanto com as outras, todas poderiam ser irmãs.

Seu lado vibrou, e ela podia ouvir até o próximo andar. Passos se aproximavam. No momento em que um grupo de lacaios vestidos de verde desceu a escada como um furacão, ela estava pressionada contra uma tapeçaria, fora de vista.

O sino os havia afastado dos aposentos reais. Esta era sua chance de alcançar Sabran.

No andar de cima ficava o corredor em que ela havia vivido como Senhora do Quarto de Dormir. Ead parou quando ouviu uma voz lá embaixo.

— Para a Torre Rainha! — Era Lintley. — Cavaleiros do Corpo! Todas as espadas para a rainha!

Eles foram vistos, e muito cedo. Ead correu para a janela e olhou para baixo.

Com seus sentidos de navalha, ela podia ver cada detalhe do confronto. No Jardim Sundial, os retentores do escudo estavam travando

espadas com os Cavaleiros do Corpo armados. Ela viu Loth, espada brilhando em sua mão. Margret estava de costas para ele.

A chama clamava por liberação. Pela primeira vez desde que ela era uma criança, Ead conjurou um punhado de fogo Dracônico, vermelho como o sol da manhã, e o lançou no Jardim Sundial, no meio dos traidores. O pânico reinou. Os retentores se viraram descontroladamente, procurando pela fonte do fogo, sem dúvida pensando que um wyrm estava acima. Aproveitando o momento, Loth golpeou seu adversário com o cotovelo. Ead viu seu rosto endurecer, sua garganta flexionar e seu punho cerrar.

— Povo da corte — gritou ele, — ouçam-me!

A comoção já havia despertado o palácio. Janelas estavam se abrindo em todos os edifícios.

— Eu sou Lorde Arteloth Beck, que foi banido de Inys por lealdade à coroa. — Loth caminhou até o meio do Jardim Sundial enquanto berrava sobre o clangor de lâminas. — Igrain Crest se voltou contra nossa rainha. Ela permite que seus lacaios usem suas cores e carreguem armas. Ela cospe no Cavaleiro da Sociedade permitindo que seus servos lutem como cães de caça na corte. Estas são ações traidoras!

Ele parecia um homem renascido.

— Exorto-o, em comunhão e fé, a erguerem-se por Sua Majestade — gritou ele. — Ajude-nos a chegar à Torre da Rainha e garantir a segurança dela!

Gritos de indignação subiram das janelas.

— Você. O que você está fazendo aqui?

Ead se virou. Mais doze retentores apareceram.

— É ela — um deles latiu, e eles correram em sua direção. — Ead Duryan, entregue suas armas!

Ela não podia acender todos eles.

Teria que ser sangue.

Duas espadas já estavam em suas mãos. Ela saltou alto e pousou, como um gato, no meio deles, cortando dedos e tendões, derramando entradas como uma macaquinha derramando ouro. A morte veio para eles como um vento do deserto.

Suas lâminas estavam tão vermelhas quanto a capa que ela havia renegado. E quando o morto jazia a seus pés, ela olhou para cima, sentindo o gosto de ferro, as mãos enluvadas pela umidade.

Dama Igrain Crest estava no final do corredor, flanqueada por dois cavaleiros errantes.

— Chega, Sua Graça. — Ead embainhou suas lâminas. — Basta.

Crestt não parecia abalada pela carnificina.

— Senhora Duryan — ela disse, as sobrancelhas levantadas. — Sangue, minha querida, nunca é o caminho a seguir.

— Palavras belas —, respondeu Ead, — de alguém cujas mãos estão encharcadas.

Crest não vacilou.

— Há quanto tempo você se vê como a juíza das rainhas? — Ead deu um passo em sua direção. — Há quanto tempo você as pune por se desviarem de qualquer caminho que você considerou virtuoso?

— Você está delirando, Senhora Duryan.

— O assassinato é contra os ensinamentos de seu ancestral. E ainda... você julgou as Berethnets e as considerou deficientes. A rainha Rosarian teve um amante fora do leito conjugal e, aos seus olhos, ela estava manchada. — Ead fez uma pausa. — Rosarian está morta por sua causa.

Foi uma flecha disparada no escuro, direcionada a pouco mais do que o instinto. E ainda assim Crest sorriu.

E Ead sabia.

— Rainha Rosarian — disse a Duquesa da Justiça, — foi removida por Sigoso Vetalda.

— Com sua aprovação. Sua ajuda de dentro. Ele foi o bode expiatório e a arma, mas você foi a instigadora — disse Ead. — Suponho que quando tudo correu bem, você entendeu seu poder. Você esperava transformar a filha em uma rainha mais obediente do que a mãe. Tentou fazer Sabran depender de seus conselhos e fazê-la amar você como uma segunda mãe.

— Ela refletiu aquele pequeno sorriso. — Mas, claro, Sabran desenvolveu uma vontade própria.

— Eu sou a herdeira de Dame Lorain Crest, a Cavaleira da Justiça.

— Crest falou em um tom medido. — Ela que garantiu que o grande duelo da vida fosse conduzido com justiça, que pesou as taças da culpa e da inocência, que puniu os indignos e que providenciou para que os justos sempre triunfassem sobre os pecadores. Aquela que foi a mais querida da Santa, cujo legado vivi para defender.

Seus olhos agora ardiam de fervor.

— Sabran Berethnet — ela disse suavemente, — destruiu a casa. Ela é estéril. Nascida bastarda. Nenhuma herdeira verdadeira de Galian Berethnet. Um Crest deve usar a coroa, para glorificar o Santo.

— O Santo não toleraria tiranos no trono de Inys — disse uma voz atrás de Ead.

Sir Tharian Lintley apareceu em seu ombro com nove dos Cavaleiros do Corpo. Eles cercaram Crest e seus protetores.

— Igrain Crest —, disse Lintley — você está presa sob suspeita de alta traição. Você irá conosco para a Torre Dearn.

— Você não pode fazer uma prisão sem um mandado de Sua Majestade — disse Crest. — Ou de mim mesma. — Ela olhou para frente, como se todos eles estivessem abaixo dela. — Quem é você para desembainhar suas espadas sobre o sangue sagrado?

Lintley não dignificou a pergunta com uma réplica.

— Vá — disse ele a Ead. — Vá para Sua Majestade.

Ead não precisava de incentivo. Ela lançou um último olhar para Crest e dirigiu-se ao final do corredor.

— Podemos ter uma transição pacífica agora, ou uma guerra quando a verdade for revelada — Crest gritou atrás dela. — E será, Senhora Duryan. Os justos sempre triunfarão... No final.

Mandíbula cerrada, Ead se afastou.

Assim que ela estava fora de vista, ela começou a correr. O sangue gotejava em seu rastro enquanto ela seguia o caminho que ela havia feito inúmeras vezes.

Ela correu para a Câmara de Presença. Tudo estava frio e escuro. Ela dobrou uma esquina e lá estavam as portas do Grande Quarto de Dormir. As portas pelas quais ela havia passado tantas vezes para encontrar a Rainha de Inys.

Algo se moveu na escuridão. Ead parou abruptamente. Sua chama lançou uma luz nauseante sobre a figura encolhida perto das portas. Olhos como vidro cobalto e uma cortina de cabelos escuros.

Roslain.

— Se afaste. — Uma adaga brilhou em suas mãos. — Eu vou cortar sua garganta se você tocar nela, Avó, eu juro...

— Sou eu, Roslain. Ead.

A Dama Chefe do Quarto de Dormir finalmente viu além da luz.

— Ead. — Ela manteve a adaga erguida, respirando com dificuldade. — Eu descartei os rumores sobre sua feitiçaria... mas talvez *você* seja a Dama da Floresta.

— Uma bruxa mais humilde do que ela, garanto-lhe.

Ead se agachou ao lado de Roslain e alcançou sua mão direita, fazendo-a estremecer. Três de seus dedos estavam dobrados em um ângulo grotesco, uma lasca de osso projetando-se acima de seu anel de nó de amor.

— Sua avó fez isso? — Ead perguntou a ela calmamente. — Ou você está aliada a ela?

Roslain soltou uma risada amarga.

— Santo, Ead.

— Você foi criada na sombra de uma rainha. Talvez você tenha começado a se ressentir dela.

— Eu não estou em sua sombra. Eu *sou* sua sombra. E isso — Roslain rosnou, — tem sido meu *privilégio*.

Ead a estudou, mas não havia engano naquele rosto manchado de lágrimas.

— Vá até ela, mas fique em guarda — Roslain sussurrou. — Se minha avó voltar...

— Sua avó está presa.

Com isso, Roslain deixou escapar um soluço sem fôlego. Ead apertou seu ombro. Então ela se levantou e, pela primeira vez em uma era, ela enfrentou as portas do Grande Quarto de Dormir. Cada tendão de seu ser era uma corda de harpa esticada.

Lá dentro, a escuridão era sinistra. A chama se soltou de sua mão para flutuar como uma luz fantasma e, por sua luz bruxuleante pálida, Ead divisou uma figura aos pés da cama.

— Sabran.

A figura se mexeu.

— Deixe-me — ela murmurou. — Estou orando.

Ead já estava ao lado de Sabran, levantando sua cabeça. Membros trêmulos recuaram dela.

— Sabran. — A voz dela tremeu. — Sabran, olhe para mim.

Quando Sabran ergueu o olhar, Ead respirou fundo. Magra e apática, enrolada na mortalha de seu próprio cabelo, Sabran Berethnet parecia mais uma carcaça do que uma rainha. Seus olhos, antes límpidos, pouco olhavam, e o cheiro de dias sem lavar grudava em sua camisola.

— Ead. — Dedos chegaram ao rosto dela. Ead pressionou a mão gelada em sua bochecha. — Não. Você é outro sonho. Você veio aqui para me atormentar. — Sabran se virou. — Me deixe em paz.

Ead olhou para ela. Então ela riu pela primeira vez em semanas, uma risada que veio do fundo de sua barriga.

— Maldita seja, sua idiota intransigente. — Ela quase engasgou com a risada. — Eu cruzei o Sul e o Oeste para voltar para você, Sabran Berethnet, e você me recompensa assim?

Sabran olhou para ela por mais um momento, seu rosto se iluminando e de repente começou a chorar.

— Ead — ela disse, sua voz embargada, e Ead a apertou, envolvendo seus braços ao redor dela tanto quanto ela podia. Sabran se enrolou como um gatinho contra ela.

Não havia nada dela. Ead puxou a colcha da cama e envolveu-a com ela. As explicações poderiam vir mais tarde. A vingança também. Por enquanto, tudo que ela queria era que ela estivesse segura e aquecida.

— Ela matou Truyde utt Zeedeur. — Sabran tremia tanto que mal conseguia falar. — Ela aprisionou meus Cavaleiros do Corpo. Igrain. Eu tentei... eu tentei...

— Silêncio. — Ead deu um beijo em sua testa. — Eu estou aqui. Loth está aqui. Tudo ficará bem.

Capítulo 51

Leste

Passava pouco do amanhecer e no pátio da Casa Vane, o Ancião Vara estava passando óleo em sua perna de ferro. Tané se aproximou dele. O frio deixou seus nós dos dedos rosa.

— Bom dia, Ancião Vara. — Ela pousou uma bandeja. — Achei que você gostaria de quebrar seu jejum.

— Tané. — Seu sorriso estava cansado. — Como você é gentil. Meus velhos ossos ficariam gratos pelo calor.

Ela se sentou ao lado dele.

— Precisa de óleo muitas vezes? — ela perguntou.

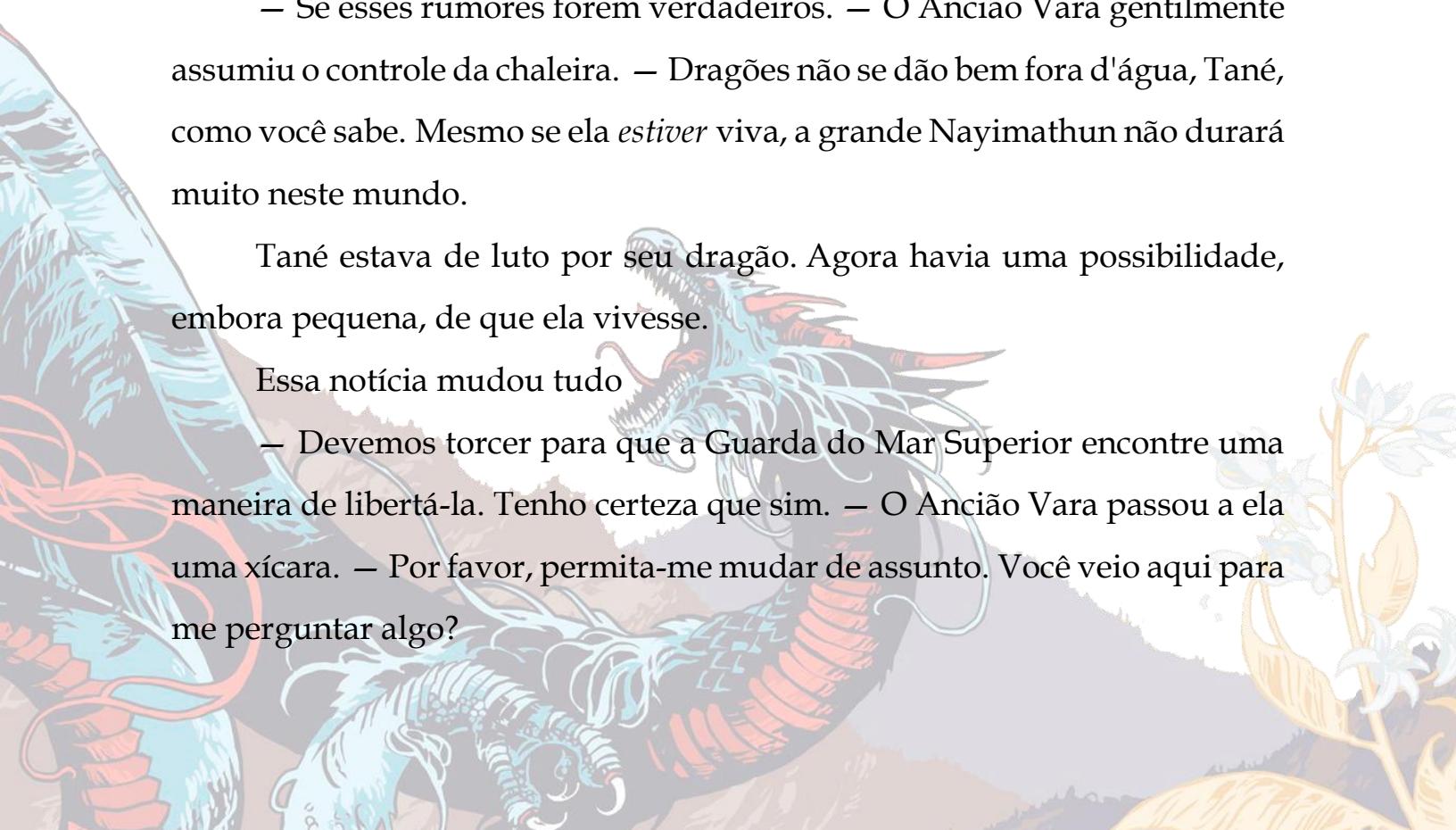
— Uma vez por dia em condições úmidas ou a ferrugem começa a se instalar. — O Ancião Vara deu um tapinha no membro. — Já que o ferreiro que o fez para mim agora está morto, eu preferiria não arriscar perdê-la.

Tané havia se acostumado a ler suas expressões. Desde o ataque, o medo fixou residência permanente nos corredores da Ilha das Penas, mas a preocupação gravada em seu rosto era recente.

— Há algo errado?

Ancião Vara olhou para ela.

— A Doutora Moyaka me escreveu assim que chegou a Seiki — , disse ele. — A Guarda do Mar Superior suspeita que a Frota do Olho do Tigre está



mantendo um dragão como refém. Parece que eles pretendem mantê-lo vivo... para garantir a passagem segura por quaisquer águas que desejarem. Uma nova tática sinistra, para manter nossos deuses como alavaca.

Tané se obrigou a servir o chá. O ódio fechou sua garganta.

— Há um boato de que a Imperatriz Dourada está em busca da lendária amoreira — continuou o Ancião Vara. — Na ilha perdida de Komoridu.

— Você sabe mais alguma coisa sobre o dragão? — Tané pressionou. — Você sabe o nome dele?

— Tané, me dói dizer a você, mas... — O Ancião Vara suspirou. — É a grande Nayimathun.

Tané engoliu em seco, a garganta doendo.

— Ela ainda está viva?

— Se esses rumores forem verdadeiros. — O Ancião Vara gentilmente assumiu o controle da chaleira. — Dragões não se dão bem fora d'água, Tané, como você sabe. Mesmo se ela *estiver* viva, a grande Nayimathun não durará muito neste mundo.

Tané estava de luto por seu dragão. Agora havia uma possibilidade, embora pequena, de que ela vivesse.

Essa notícia mudou tudo

— Devemos torcer para que a Guarda do Mar Superior encontre uma maneira de libertá-la. Tenho certeza que sim. — O Ancião Vara passou a ela uma xícara. — Por favor, permita-me mudar de assunto. Você veio aqui para me perguntar algo?

Com dificuldade, Tané empurrou Nayimathun para o fundo de sua mente, mas seu mundo estava girando.

— Eu estava me perguntando — ela se obrigou a dizer, — se eu poderia pedir sua permissão para olhar o repositório. Eu gostaria de ler sobre as joias celestiais.

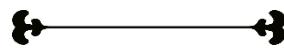
O Ancião Vara franziu a testa.

— Esse é um conhecimento secreto, de fato. Achei que apenas os mais velhos soubessem disso.

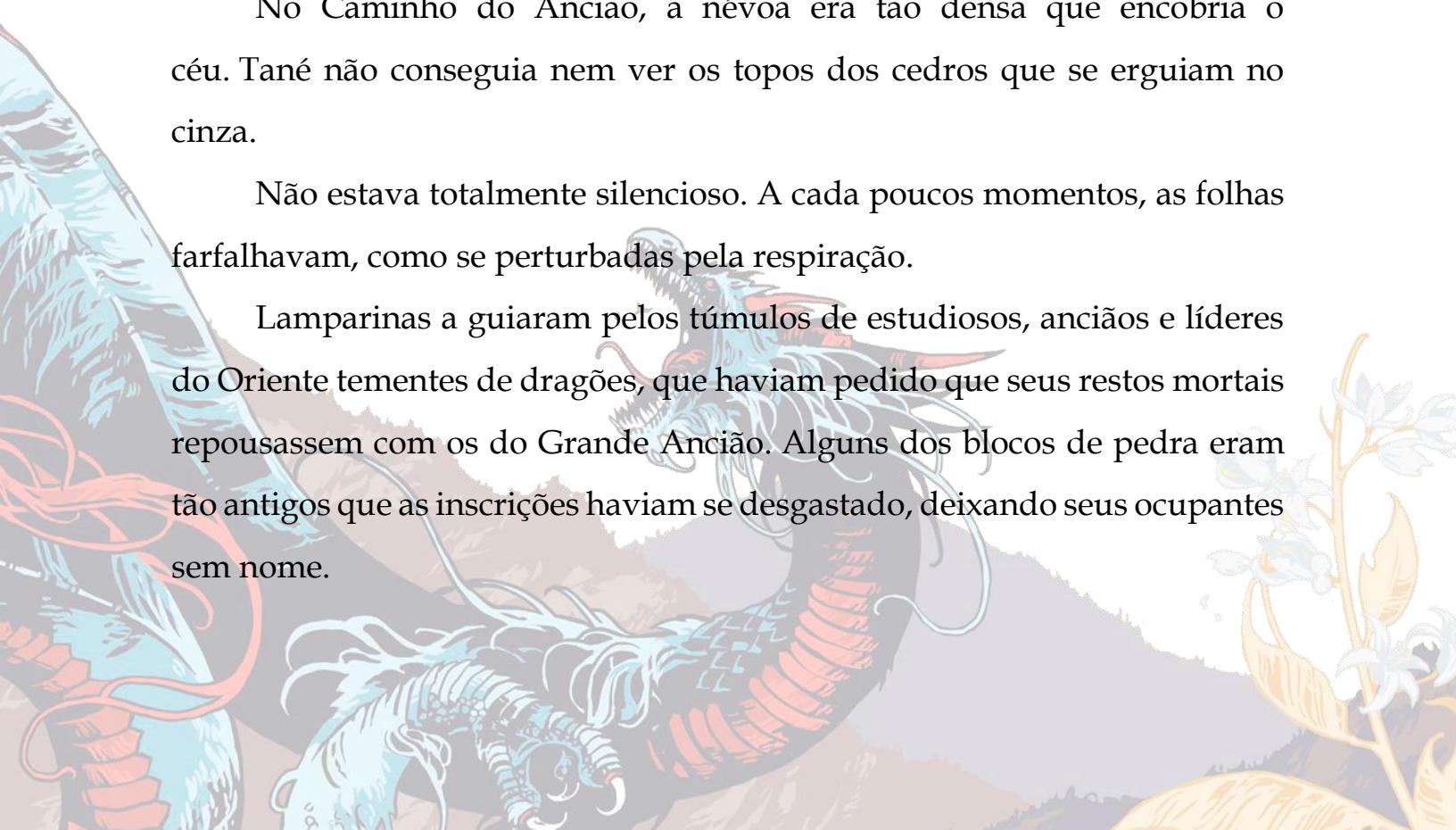
— A grande Nayimathun me contou.

— Ah. — Ele considerou. — Bem, se você deseja, é claro. Há poucos registros das joias celestiais, que às vezes eram chamadas de *joias da maré* ou *joias dos desejos*, mas você pode examinar o pouco que existe. — Ele apontou para o norte. — Você precisará de documentos do reinado da muito honrada Imperatriz Mokwo, que estão armazenados na Casa Barlavento. Vou enviar-lhe uma carta para lhe conceder acesso.

— Obrigada, Ancião Vara.



Tané se vestiu com roupas quentes para a viagem. Um casaco acolchoado sobre o uniforme, uma faixa em volta da cabeça e do rosto e as botas forradas de pele que ela ganhou no inverno. Junto com um pergaminho endereçado à Alta Anciã da Casa Barlavento, o Ancião Vara também deu a ela uma bolsa de comida.



Seria uma longa jornada, especialmente no frio. Ela teria que descer até o Caminho do Ancião, escalar as rochas do outro lado e caminhar no calor de Casa Barlavento. Tufos de neve começaram a cair quando ela partiu.

A única maneira de descer deste lado era usar as rochas escarpadas ao lado das Cataratas de Kviriki. Enquanto ela descia, seu coração batia tão forte que ela se sentia mal. Neste exato momento, Nayimathun poderia estar lutando por sua vida na barriga de um açougueiro.

E certamente uma joia celestial, se é que *era* isso que foi costurado em Tané, como um padrão em um pano...

Certamente isso poderia libertar um dragão.

Era quase meio-dia quando ela alcançou o sopé da ravina, onde um portal de madeira flutuante marcava a entrada do lugar mais sagrado do Leste. Tané lavou as mãos na água salgada e entrou em um caminho pavimentado com pedras.

No Caminho do Ancião, a névoa era tão densa que encobria o céu. Tané não conseguia nem ver os topo dos cedros que se erguiam no cinza.

Não estava totalmente silencioso. A cada poucos momentos, as folhas farfalhavam, como se perturbadas pela respiração.

Lamparinas a guiaram pelos túmulos de estudiosos, anciões e líderes do Oriente tementes de dragões, que haviam pedido que seus restos mortais repousassem com os do Grande Ancião. Alguns dos blocos de pedra eram tão antigos que as inscrições haviam se desgastado, deixando seus ocupantes sem nome.

O Ancião Vara disse a ela para não pensar no passado. Caminhando aqui, no entanto, ela não pôde deixar de pensar em Susa. Os corpos dos executados eram deixados para apodrecer, os ossos descartados.

Uma cabeça em uma vala, um corpo aberto. A escuridão manchava as bordas de sua visão.

Demorou grande parte do dia para cruzar o cemitério e escalar a face da rocha em sua extremidade. No momento em que ela avistou o cabo Quill – o braço estendido da ilha – o céu tinha escurecido para um roxo, e a única luz era uma costura dourada no horizonte.

As ameixas pendiam como pequenos sóis no pátio da frente da Casa Barlavento, que dava para o cabo. Tané foi saudada na soleira por um homem Lacustre com a cabeça raspada, proclamando seu papel de cantor de ossos. Esses estudiosos passariam a maior parte de seus dias no Caminho do Ancião, cuidando dos túmulos dos fiéis e cantando louvores aos ossos do grande Kwiriki.

— Honorável estudiosa — Ele se curvou, e Tané também. — Benvinda a Casa Barlavento.

— Obrigada, erudito cantor de ossos.

Ela tirou as botas e as guardou. O cantor de ossos a conduziu ao interior mal iluminado do eremitério, onde um fogão a carvão mantinha o frio sob controle.

— Agora — disse ele —, o que podemos fazer por você?

— Receba uma mensagem do Ancião Vara. — Ela a estendeu. — Ele pede que você me permita acessar seu repositório.

Com as sobrancelhas levantadas, o jovem o pegou.

— Devemos respeitar os desejos do Ancião Vara — disse ele. — Mas você deve estar cansada depois de sua jornada. Gostaria de visitar o repositório agora ou esperar nos aposentos de hóspedes até de manhã?

— Agora — disse Tané. — Se você estiver disposto a me levar.



— Até onde sabemos, a Ilha das Penas foi o único lugar no Leste que permaneceu intocada durante a Grande Tristeza — disse o cantor de ossos enquanto caminhavam. — Muitos documentos antigos foram enviados aqui para protegê-los do infortúnio. Infelizmente, desde que os cuspidores de fogo acordaram e descobriram nosso paradeiro, esses documentos agora estão em perigo.

— Algo se perdeu no ataque?

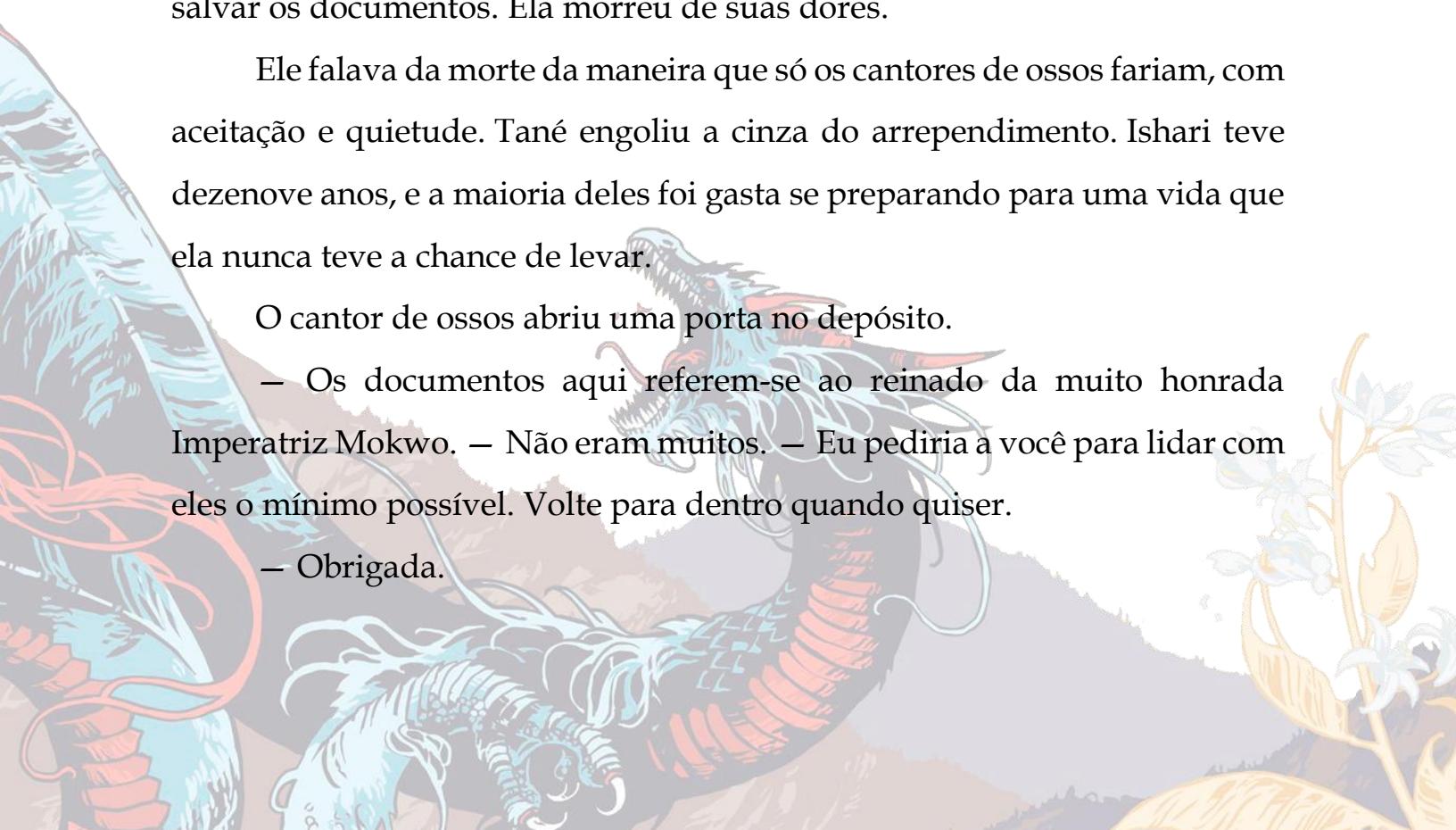
— Um punhado — disse ele. — Organizamos nossos arquivos por reinados. Você sabe de quem você procura?

— A muito honrada Imperatriz Mokwo.

— Ah sim. Uma figura misteriosa. Dizia-se que ela tinha ambições de trazer todo o Oriente sob o domínio do Trono do Arco-Íris. Que seu rosto era tão lindo que toda borboleta chorava de inveja. — Seu sorriso apareceu em suas bochechas. — Quando a história falha em lançar luz sobre a verdade, o mito cria a sua própria.

Tané o seguiu escada abaixo, em um túnel.

O repositório erguia-se como um sentinelas em uma caverna atrás do eremitério. Estátuas de Altos Eruditos do passado enchiam nichos nas



paredes e incontáveis gotas de luz azul pendiam do teto, como fios de seda de aranha.

— Não corremos o risco de pegar fogo aqui —, disse o cantor de ossos. — Felizmente, a caverna tem suas próprias luzes.

Tané ficou fascinada.

— O que elas são?

— Gotas de lua. Ovos da mosca leve. — Ele virou o repositório. — Todos os nossos documentos são tratados com óleo de crina de dragão e deixados para secar nas cavernas de gelo. A estudiosa Ishari estava tratando com óleo algumas de nossas mais novas adições ao repositório quando os respiradores de fogo chegaram.

— Estudiosa Ishari — Tané ecoou. Seu estômago deu um nó. — Era ela... no eremitério?

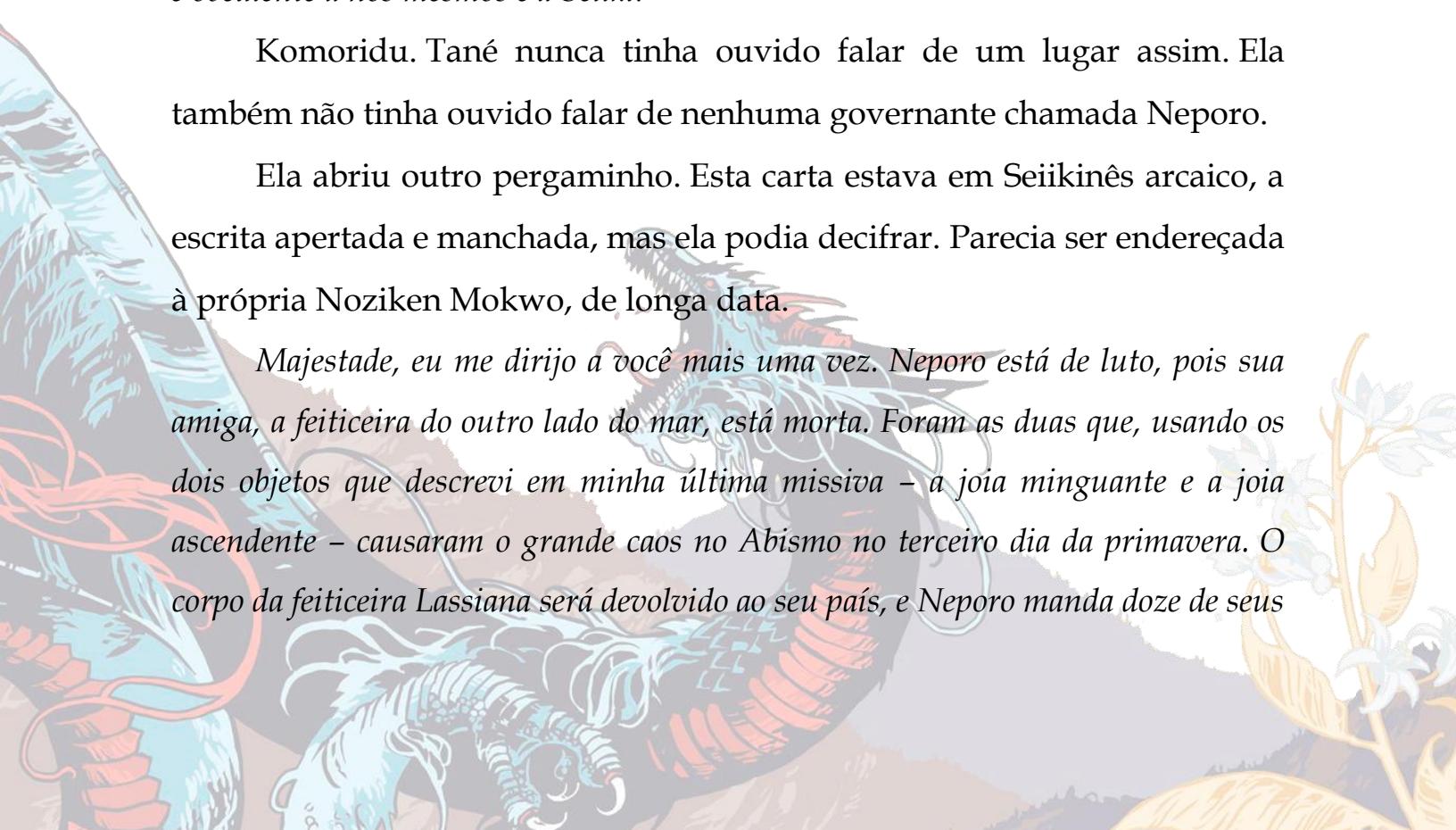
— Infelizmente, a estudiosa foi ferida no ataque enquanto tentava salvar os documentos. Ela morreu de suas dores.

Ele falava da morte da maneira que só os cantores de ossos fariam, com aceitação e quietude. Tané engoliu a cinza do arrependimento. Ishari teve dezenove anos, e a maioria deles foi gasta se preparando para uma vida que ela nunca teve a chance de levar.

O cantor de ossos abriu uma porta no depósito.

— Os documentos aqui referem-se ao reinado da muito honrada Imperatriz Mokwo. — Não eram muitos. — Eu pediria a você para lidar com eles o mínimo possível. Volte para dentro quando quiser.

— Obrigada.



Ele se curvou e a deixou. No brilho azul calmo, Tané avaliou os pergaminhos. Ao piscar das gotas de lua, ela desvendou o primeiro pergaminho e começou a ler, tentando muito não pensar em Ishari.

Era uma carta de um diplomata da Cidade das Mil Flores. Tané era fluente em Lacustre, mas essa era uma antiga escrita clerical. Traduzir fez suas têmporas doerem.

Dirigimo-nos aqui a Neporo, autoproclamada Rainha de Komoridu, cujo nome ouvimos pela primeira vez, para lhe agradecer o envio de uma embaixada com homenagem. Embora recebamos de bom grado sua deferência, sua reivindicação inesperada de uma terra no Mar Eterno causou alguns insultos a nossa vizinha Seiiki, a cujo povo estamos ligados em louvor à raça dos dragões. Lamentamos não poder reconhecê-la como Rainha Regente enquanto a Casa de Noziken discute o assunto. Concedemos a você o título de Senhora de Komoridu, Amiga de Lacustre. Esperamos que você governe seu povo em paz e se esforce para ser dedicada e obediente a nós mesmos e a Seiiki.

Komoridu. Tané nunca tinha ouvido falar de um lugar assim. Ela também não tinha ouvido falar de nenhuma governante chamada Neporo.

Ela abriu outro pergaminho. Esta carta estava em Seiikinês arcaico, a escrita apertada e manchada, mas ela podia decifrar. Parecia ser endereçada à própria Noziken Mokwo, de longa data.

Majestade, eu me dirijo a você mais uma vez. Neporo está de luto, pois sua amiga, a feiticeira do outro lado do mar, está morta. Foram as duas que, usando os dois objetos que descrevi em minha última missiva – a joia minguante e a joia ascendente – causaram o grande caos no Abismo no terceiro dia da primavera. O corpo da feiticeira Lassiana será devolvido ao seu país, e Neporo manda doze de seus

súditos acompanhá-lo, junto com a joia branca que a feiticeira costumava usar em seu peito. Desde Sua Augustez, o grande Kwiriki em sua misericórdia nos arranjou esta oportunidade, vou me esforçar para fazer o que você manda.

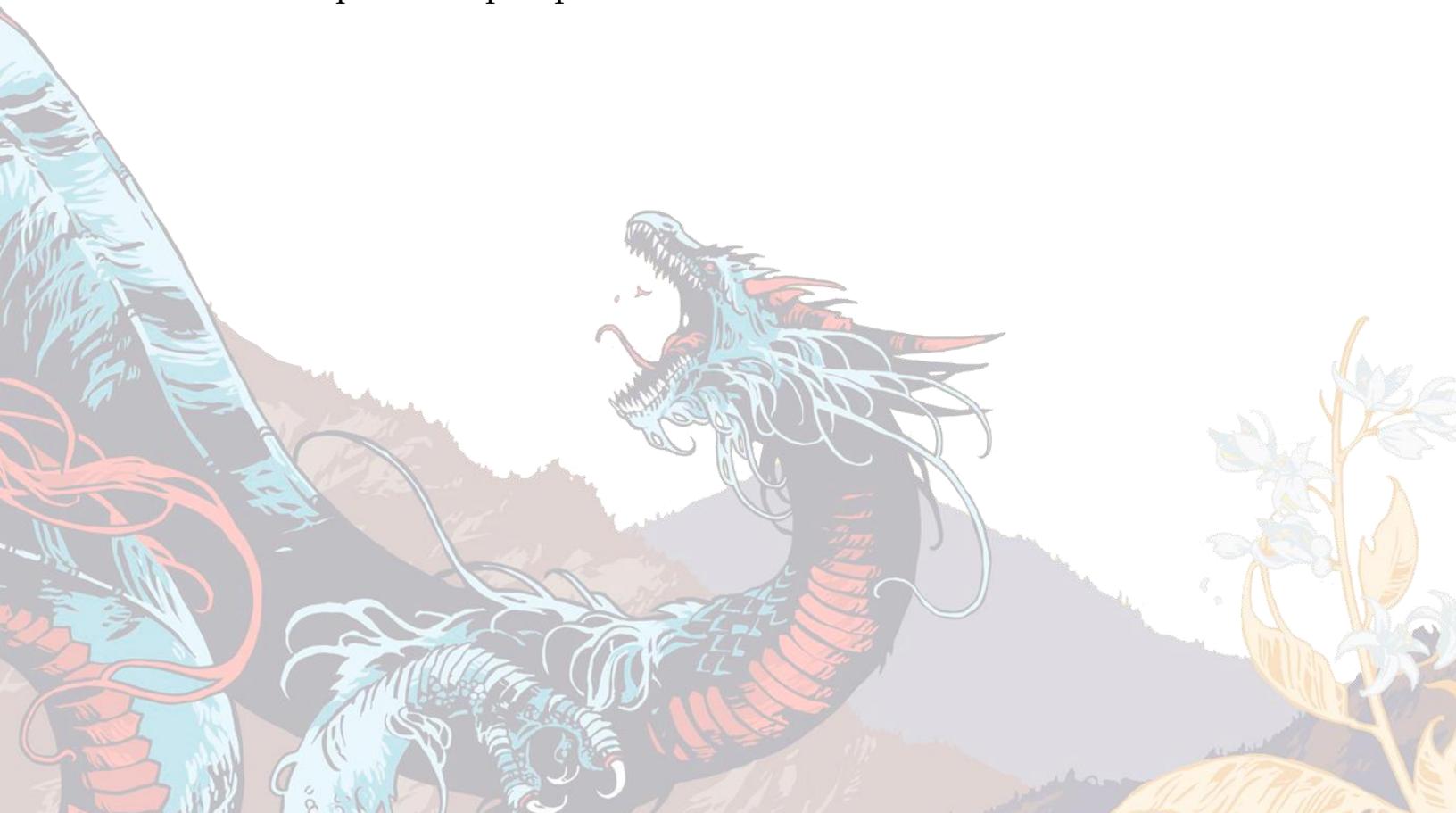
Os outros documentos eram todos registros da corte. Tané vasculhou-os até que a linha entre as sobrancelhas parecesse gravada com uma lâmina.

Ela quase adormeceu no brilho da caverna, revisando cada documento novamente, procurando por qualquer coisa que ela pudesse ter perdido, verificando suas traduções. Com os olhos pesados, ela acabou tropeçando nos aposentos dos hóspedes, onde uma refeição e um roupão de dormir foram deixados para ela. Ela ficou deitada na cama por um longo tempo, olhando para o escuro.

Era hora de descobrir o que ela havia escondido. Para destravar qualquer poder que estivesse dentro dela.

O grande caos no Abismo.

Mas que caos e por quê?



Capítulo 52

Oeste

— Se um de vocês não falar —, disse a Rainha de Inys — ficaremos aqui por muito tempo.

Loth trocou um olhar com Ead. Ela estava sentada do outro lado da mesa, vestindo uma camisa e calça cor de marfim, o cabelo meio puxado para trás do rosto.

Eles estavam na Câmara do Conselho no topo da Torre de Alabastro. Uma luz amanteigada brilhava pelas janelas. Com apenas um pouco de ajuda para se banhar e se vestir, a rainha se recompôs com tanto vigor quanto qualquer guerreiro.

Libertar Sabran foi a primeira vitória da noite. A notícia de que a Duquesa da Justiça havia sido presa por alta traição fez com que a maioria de seus lacaios entregassem as armas. Os Cavaleiros do Corpo, com a ajuda dos guardas do palácio, trabalharam até o amanhecer para desarraigá-lo último dos traidores e impedi-los de fugir do palácio.

Nelda Stillwater, Lemand Fynch e o Falcão da Noite chegaram à corte não muito depois, cada um com uma afinidade de lacaios a reboque. Eles alegaram que viriam para libertar a rainha de Crest, mas Sabran ordenou que todos fossem trancados até que ela pudesse desvendar a verdade.

Ead juntou as peças do que aconteceu. Na noite em que foi forçada a deixar Inys, Sabran ficou febril. Ela pareceu se recuperar alguns dias depois, apenas para desmaiar. Crest havia aparentemente assumido o controle de seus cuidados, mas por semanas, atrás das portas do Grande Quarto de Dormir, ela pressionou sua rainha a assinar um documento chamado Juramento de Renúncia. Sua assinatura nele renderia o trono de Inys à família Crest desde a secagem da tinta até o fim dos tempos. Crest a havia ameaçado com a exposição de sua esterilidade, ou morte, se ela recusasse.

Sabran permaneceu desafiadora. Mesmo quando ela estava muito fraca para se alimentar. Mesmo quando Crest a trancou na escuridão.

— Vejo que não vou precisar trazer ninguém para arrancar suas línguas — disse Sabran. — Vocês parecem a ter engolido.

Ead estava bebendo uma caneca de cerveja. Esta foi a primeira vez em horas que ela esteve a mais de trinta centímetros de Sabran.

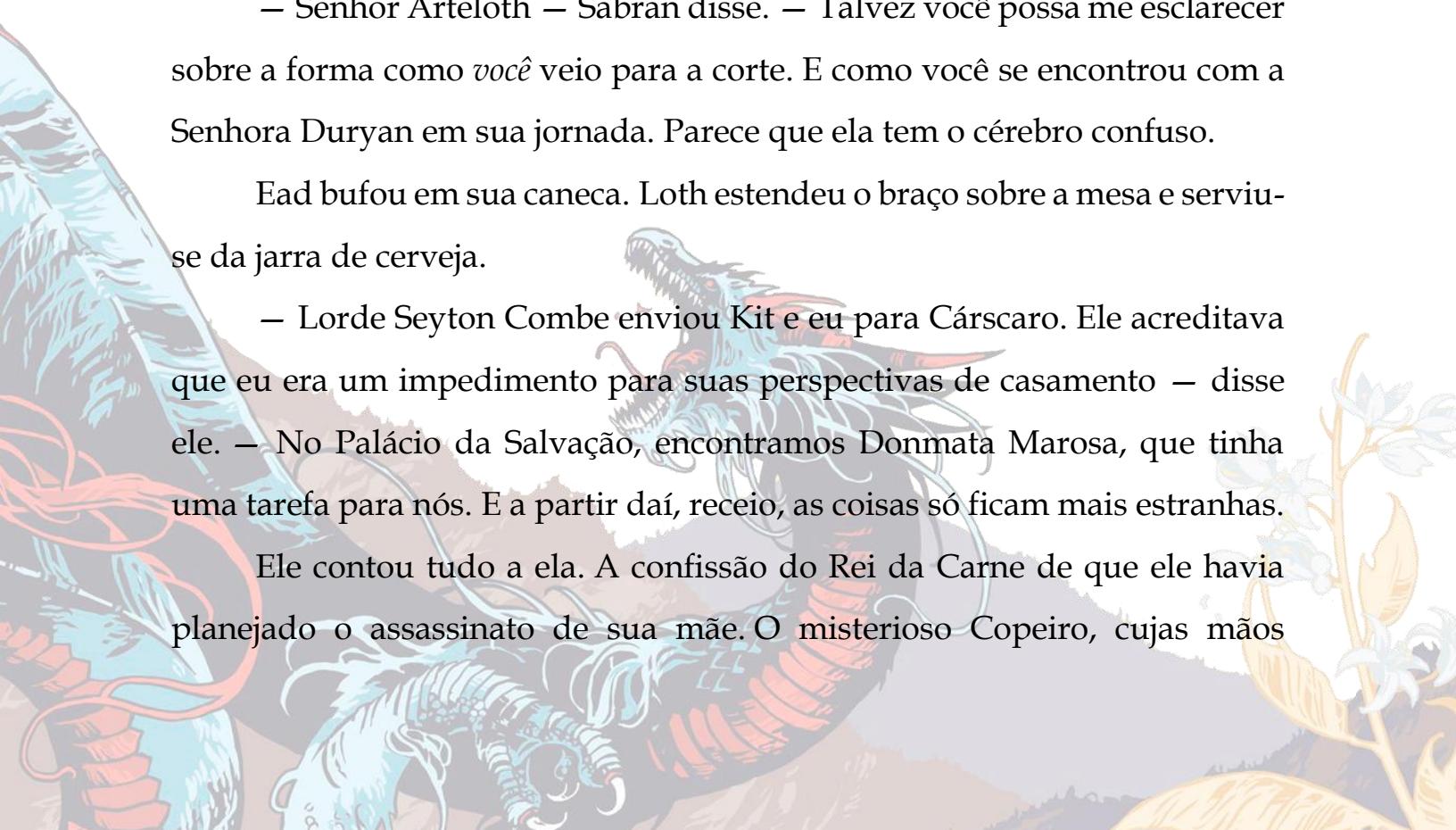
— Por onde devemos começar? — ela disse calmamente.

— Você pode começar, Senhora Duryan, confessando quem você é. Eles me disseram que você era uma bruxa — disse Sabran. — Que você abandonou minha corte para jurar ao Rei da Carne.

— E você acreditou nesse absurdo.

— Eu não tinha ideia no que acreditar. Agora, quando você voltou para mim, você está encharcada de sangue e deixou uma pilha de corpos mais alta do que um cavalo atrás de você. Você não é uma dama de companhia.

Ead esfregou sua têmpora com um dedo. Finalmente, ela olhou Sabran diretamente no rosto.



— Meu nome — disse ela — é Eadaz du Zāla uq-Nāra. — Embora sua voz fosse firme, seus olhos traíam um conflito interno. — E fui trazida a você pelo Chassar uq-Ispad como guarda-costas.

— E o que fez Sua Excelênciia acreditar que você estava em melhor posição para me proteger do que meus Cavaleiros do Corpo?

— Eu sou uma maga. Uma praticante de um ramo da magia chamado siden. Sua fonte é a mesma laranjeira em Lasia que protegeu Cleolind Onjenyu quando ela derrotou o Inominável.

— Uma laranjeira encantada. — Sabran soltou uma gargalhada. — Em seguida, você vai me dizer que as peras podem cantar.

— A Rainha de Inys zomba do que ela não entende?

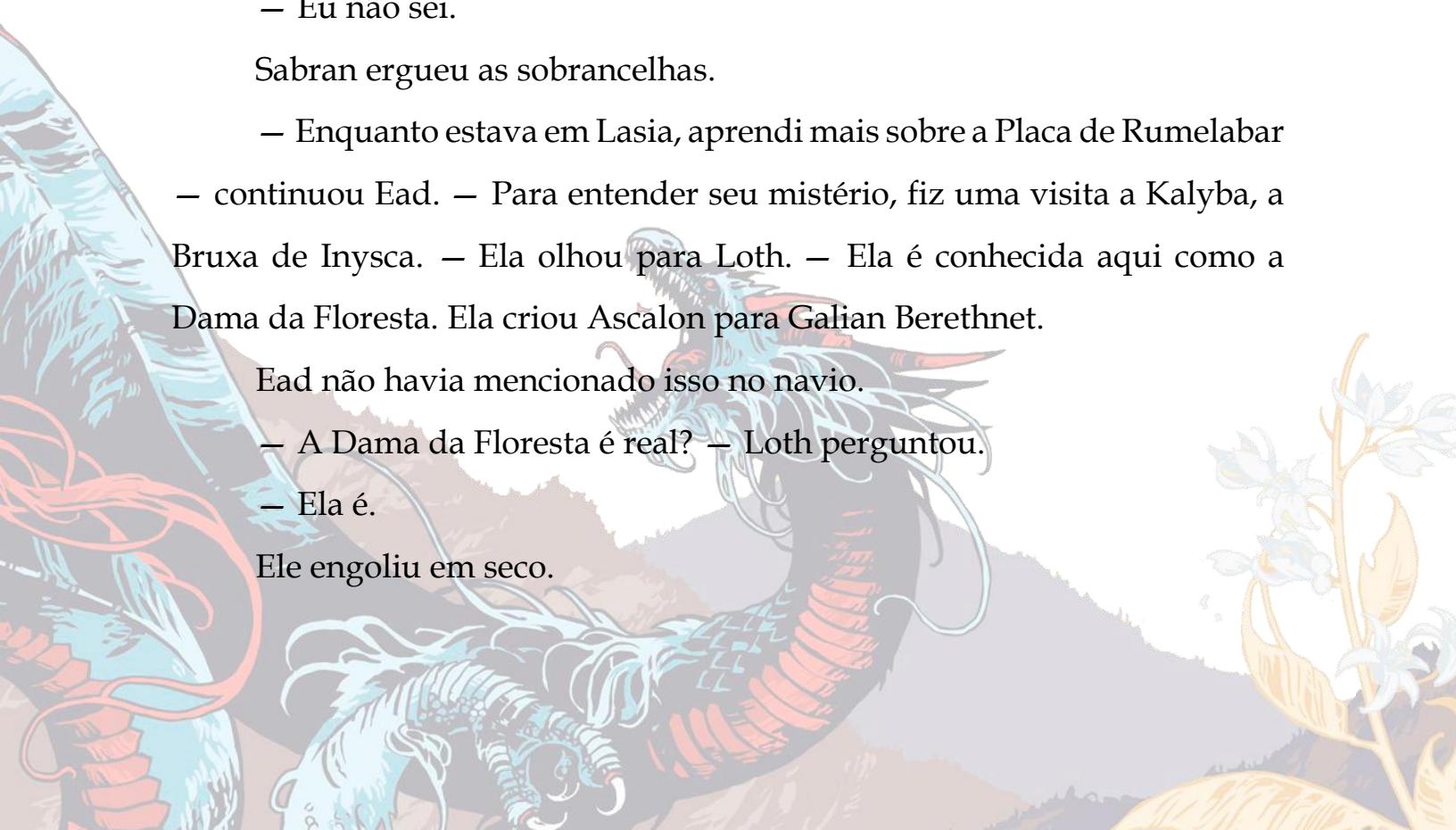
Loth olhou de uma para a outra. Ead raramente falava com Sabran na última vez em que estivera na corte. Agora, parecia, ela poderia incitar a soberana impunemente.

— Senhor Arteloth — Sabran disse. — Talvez você possa me esclarecer sobre a forma como *você* veio para a corte. E como você se encontrou com a Senhora Duryan em sua jornada. Parece que ela tem o cérebro confuso.

Ead bufou em sua caneca. Loth estendeu o braço sobre a mesa e serviu-se da jarra de cerveja.

— Lorde Seyton Combe enviou Kit e eu para Cársaro. Ele acreditava que eu era um impedimento para suas perspectivas de casamento — disse ele. — No Palácio da Salvação, encontramos Donmata Marosa, que tinha uma tarefa para nós. E a partir daí, receio, as coisas só ficam mais estranhas.

Ele contou tudo a ela. A confissão do Rei da Carne de que ele havia planejado o assassinato de sua mãe. O misterioso Copeiro, cujas mãos



também estavam ensanguentadas naquele ato. Ele contou a ela sobre a morte de Kit e a caixa de ferro que ele havia levado pelo deserto, sobre sua prisão no Priorado e a ousada fuga de volta para Inys no *Pássaro da Verdade*.

Ead entrou na conversa aqui e ali. Ela enriqueceu e ampliou a história, contando a Sabran sobre seu banimento e sua visita à cidade em ruínas de Gulthaga. Sobre a Estrela de Cabelos Compridos e a Placa de Rumelabar. Ela se aprofundou sobre a fundação do Priorado da Laranjeira e suas crenças, e a razão pela qual ela havia sido enviada para Inys. Sabran não se moveu nem uma vez enquanto ouvia.

Apenas o piscar de seu olhar traiu seus pensamentos sobre cada revelação.

— Se Sabran, a Primeira, não nasceu de Cleolind —, disse ela por fim, — e não estou dizendo que acredito, Ead, quem *era* a mãe dela? Quem foi a primeira Rainha de Inys?

— Eu não sei.

Sabran ergueu as sobrancelhas.

— Enquanto estava em Lasia, aprendi mais sobre a Placa de Rumelabar — continuou Ead. — Para entender seu mistério, fiz uma visita a Kalyba, a Bruxa de Inysca. — Ela olhou para Loth. — Ela é conhecida aqui como a Dama da Floresta. Ela criou Ascalon para Galian Berethnet.

Ead não havia mencionado isso no navio.

— A Dama da Floresta é real? — Loth perguntou.

— Ela é.

Ele engoliu em seco.

— E você afirma que *ela* fez a Espada Verdadeira — disse Sabran. — O terror da Floresta de Haith.

— A mesma — disse Ead, destemida. — Ascalon foi forjada com magia siden e sideral — sterren — que vem de uma substância deixada para trás pela Estrela de Cabelos Compridos. Foram esses dois ramos de poder que a Placa de Rumelabar descreve. Quando um aumenta, o outro diminui.

Sabran estava usando a mesma máscara de indiferença que costumava usar na Câmara de Presença.

— Para recapitular —, disse ela tensa, — você acredita que meu ancestral — o abençoado Santo — era um covarde sedento de poder, que tentou pressionar um país a aceitar sua religião, empunhou uma espada concedida a ele por uma bruxa, e nunca derrotou o Inominável.

— E roubou o reconhecimento por este último da Princesa Cleolind, sim.

— Você acha que eu sou a semente de um homem assim.

— Lindas rosas cresceram de sementes torcidas.

— O que você fez por mim não lhe dá o direito de blasfemar na minha presença.

— Então, você gostaria que seu novo Conselho de Virtudes lhe dissesse apenas o que você deseja ouvir. — Ead ergueu sua caneca. — Muito bem, Majestade. Loth pode ser o Duque da Lisonja e eu serei a Duquesa do Engano.

— Basta — latiu Sabran.

— Paz — Loth interrompeu. — Por favor. — Nenhum deles falou. — Não podemos brigar. Devemos estar unidos agora. Por causa... — Sua boca estava seca. — Por causa do que está por vir.

— E o que *está* por vir?

Loth tentou dizer, mas as palavras fugiram dele. Ele deu a Ead um olhar derrotado.

— Sabran — disse Ead baixinho. — O Inominável vai voltar.

Por um longo tempo, Sabran pareceu se retirar para seu próprio mundo. Lentamente, ela se levantou, caminhou em direção à varanda e parou nela, iluminada pelo sol.

— É verdade — disse Ead finalmente. — Uma carta de uma mulher chamada Neporo ao Priorado me convenceu. Cleolind ficou ao seu lado para aprisionar o Inominável, mas apenas por mil anos. E esses mil anos estão muito próximos do fim.

Sabran colocou as mãos na balaustrada. Uma brisa atingiu alguns fios de seu cabelo.

— Então —, ela disse — é como meu ancestral disse. Que quando a Casa de Berethnet terminar... o Inominável retornará.

— Não tem nada a ver com você — disse Ead. — Ou seus ancestrais. Muito provavelmente Galian fez a pretensão de consolidar seu poder recém-descoberto e de se tornar um deus aos olhos de seu povo. Ele alimentou seus descendentes até as mandíbulas de sua mentira.

Sabran não disse nada.

Loth queria confortá-la, mas nada poderia suavizar notícias como essas.

— O Inominável foi preso no terceiro dia da primavera, durante o vigésimo ano do reinado de Mokwo, Imperatriz de Seiiki — disse Ead. — Mas não sei quando Mokwo governou. Você deve pedir à Alta Princesa Ermuna para encontrar a data. Ela é a Arquiduquesa de Ostendeur, onde os documentos do Oriente são armazenados. — Quando Sabran continuou em silêncio, Ead suspirou. — Eu sei que isso é uma heresia para você. Mas se você ama a mulher que conhece como Donzela, se você tem algum respeito pela memória de Cleolind Onjenyu, então você fará isso.

Sabran ergueu o queixo.

— E se descobrirmos a data? O que então?

Ead enfiou a mão sob a gola e retirou a joia pálida que ela havia tirado do Priorado.

— Esta é a joia. É uma de um par. — Ela a colocou na mesa. — É feita de sterren. Sua irmã provavelmente está no Oriente. A carta dizia que precisamos das duas.

Sabran olhou para ela por cima do ombro.

O sol brilhava na joia minguante. Estar perto dela dava a Loth uma sensação de tranquilidade fria — quase o oposto do que ele sempre sentia por Ead. Ela era a chama viva do sol. Isso era a luz das estrelas.

— Depois que Cleolind feriu o Inominável, ela parece ter viajado para o Leste — disse Ead. — Lá ela conheceu Neporo de Komoridu, e juntas elas prenderam o Inominável no Abismo. — Ela bateu na joia. — Devemos repetir o que foi feito mil anos atrás, mas devemos terminar desta vez. E para fazer isso, também precisamos de Ascalon.

Sabran voltou seu olhar para o horizonte.

— Cada rainha Berethnet procurou pela Espada Verdadeira, sem sucesso.

— Nenhuma delas tinha uma joia que chamaria por ela. — Ead o pendurou em seu pescoço novamente. — Kalyba me disse que Galian pretendia deixar Ascalon nas mãos daqueles que morreriam para mantê-la escondida. Sabemos que ele tinha uma comitiva leal, mas alguém vem à mente?

— Edrig de Arondine — Loth disse imediatamente. — O Santo buscou por ele antes que ele mesmo se tornasse um cavaleiro. O via como um pai.

— Onde ele morou?

Loth sorriu.

— Na verdade — disse ele — ele é um dos fundadores da família Beck. Ead ergueu as sobrancelhas.

— Goldenbirch — ela disse. — Talvez eu comece minha busca lá — com você e Meg, se você me fizer companhia. Seu pai quer falar com ela, de qualquer maneira.

— Você realmente acha que poderia estar em Goldenbirch?

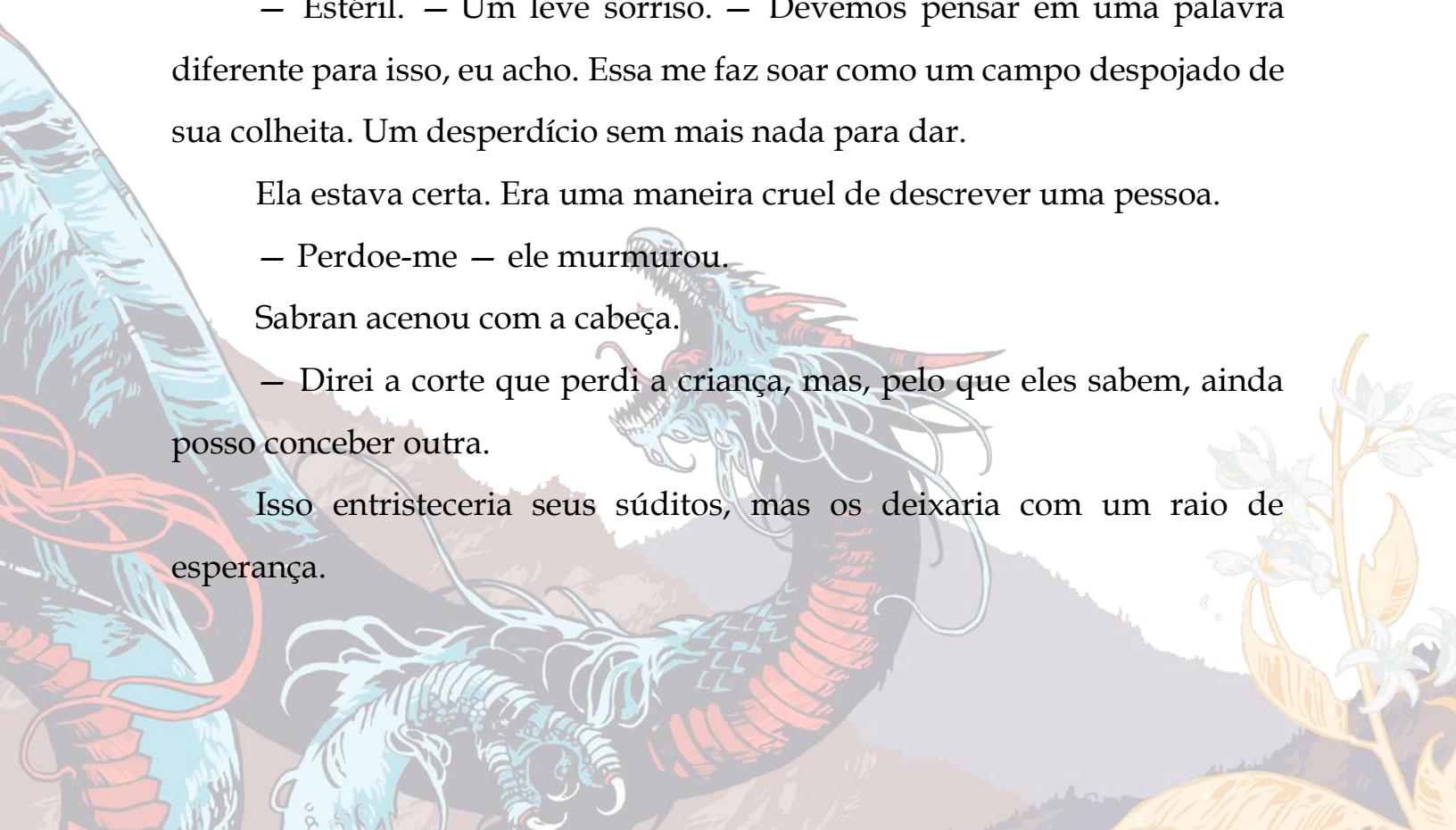
— É um lugar tão bom quanto qualquer outro para começar.

Loth pensou na noite anterior.

— Um de nós deveria ficar —, disse ele. — Meg pode ir com você.

Por fim, Sabran se virou para encará-los novamente.

— Quer esta lenda seja verdadeira ou não —, disse ela — não tenho escolha a não ser confiar em você, Ead. — Seu rosto endureceu. — Nossa inimigo mútuo se levantará. Ambas as nossas religiões o confirmam. Quero



dizer que devemos ficar contra ele. Pretendo levar Inys à vitória, como Glorian Shieldheart fez.

— Eu acredito que você pode — disse Ead.

Sabran voltou para seu assento.

— Como não há navios indo para o norte esta noite — disse ela — gostaria que você comparecesse à Festa do Alto Inverno. Você também, Loth.

Loth franziu a testa.

— A festa ainda vai continuar?

— Acho que há mais necessidade do que nunca. Os arranjos devem estar no lugar.

— As pessoas verão que você não está grávida. — Loth hesitou. — Você vai dizer a elas que você é estéril?

Sabran baixou o olhar para a barriga.

— Estéril. — Um leve sorriso. — Devemos pensar em uma palavra diferente para isso, eu acho. Essa me faz soar como um campo despojado de sua colheita. Um desperdício sem mais nada para dar.

Ela estava certa. Era uma maneira cruel de descrever uma pessoa.

— Perdoe-me — ele murmurou.

Sabran acenou com a cabeça.

— Direi a corte que perdi a criança, mas, pelo que eles sabem, ainda posso conceber outra.

Isso entristeceria seus súditos, mas os deixaria com um raio de esperança.

— Ead —, disse Sabran — gostaria de torná-la um membro dos Cavaleiros Bacharel.

— Não quero títulos.

— Você vai aceitar, ou você estará em muito perigo para permanecer na corte. Crest disse a todos que você era uma bruxa. Esta posição dissipará qualquer dúvida de que acredito que você seja leal.

— Eu concordo — Loth disse.

Ead ofereceu o mais básico aceno de reconhecimento.

— Dame eu sou, então — ela disse, após uma pausa.

O silêncio se abriu por muito tempo entre os três. Aliados agora, mas pareciam estar sentados em um vidro naquele momento, um vidro quebrado em falhas de religião e herança.

— Eu irei contar a Margret sobre nossa jornada — disse Ead, e se levantou. — Ah, e Sabran, não vou mais usar as roupas da corte. Já cansei de tentar protegê-la usando anágua.

Ela saiu sem esperar ser dispensada. Sabran olhou para ela com uma expressão estranha.

— Você está bem? — Loth disse a ela baixinho.

— Agora você está de volta.

Os dois sorriram e Sabran cobriu a mão dele com a dela. Frias, como sempre, as unhas tingidas de lilases. Ele a provocava sobre isso quando eram crianças. *Princesa da Neve*.

— Ainda não lhe agradeci por tudo o que fez para me libertar — disse ela. — Eu entendo que foi você quem levantou a corte em minha defesa.

Ele apertou a mão dela.

— Você é minha rainha. E minha amiga.

— Quando soube que você tinha ido embora, pensei que iria enlouquecer... Eu sabia que você nunca teria ido por conta própria, mas não tinha provas. Eu era impotente em minha própria corte.

— Eu sei.

Ela apertou a mão dele mais uma vez.

— Por enquanto — , disse ela — estou confiando a você os deveres do Ducado de Justiça. Você decidirá se Combe, Fynch e Stillwater realmente retornariam para me ajudar.

— Esta é uma obrigação grave. Destinada a alguém com sangue sagrado — Loth disse. — Certamente um dos Condes Provinciais propriamente ditos seria melhor.

— Eu confio apenas em você. — Sabran empurrou uma folha de pergaminho sobre a mesa. — Aqui está o Juramento de Renúncia pressionado sobre mim por Crest. Com minha assinatura, este documento teria cedido o trono para sua família.

Loth leu. Sua garganta secou quando ele pegou o selo de cera, impressionado com as taças gêmeas.

— A febre e a dor me deixaram muito fraca para entender muito do que estava acontecendo comigo. Eu estava focada em sobreviver — disse Sabran. — Uma vez, entretanto, eu ouvi Crest discutindo com Roslain, dizendo que o Juramento de Renúncia a faria rainha algum dia, e sua filha depois disso, e que ela era uma ingrata por resistir. E Ros... Ros disse que ela morreria antes de tomar o trono de mim.

Loth sorriu. Ele não teria esperado nada menos de Roslain.

— Na noite anterior à sua chegada — continuou Sabran — acordei sem conseguir respirar. Crest tinha um travesseiro sobre meu rosto. Ela continuou sussurrando que eu não tinha valor, como minha mãe antes de mim. Que a linhagem foi envenenada. Que até as Berethnets devem atender ao apelo da justiça. — Sua mão deslizou para a boca. — Ros quebrou os dedos dela a arrancando de mim.

Tanto sofrimento, tudo em vão.

— Crest deve morrer — concluiu Sabran. — Por não terem agido contra ela, mandarei Eller e Withy confinados em seus castelos para aguardar meu prazer. Vou tirar seus ducados em favor de seus herdeiros.

— Seu rosto se fechou. — Eu te digo isso. Sangue sagrado ou não, verei Crest queimar pelo que ela fez.

Antes, Loth teria protestado contra uma punição tão brutal, mas Crest não merecia piedade.

— Por um tempo, quase acreditei que *deveria* ceder o trono. Crest queria o melhor para o reino. — Sabran ergueu o queixo. — Mas devemos estar unidos em face da ameaça Dracônica. Eu me segurarei ao meu trono e veremos o que resulta disso.

Ela parecia mais uma rainha do que nunca.

— Loth, — ela acrescentou, mais calma. — Você estava com Ead nesse... Priorado da Laranjeira. Você viu a verdade sobre ela. — Ela sustentou seu olhar. — Você ainda confia nela?

Loth serviu um pouco mais de cerveja para os dois.

— O Priorado me fez questionar os fundamentos de nosso mundo — ele admitiu. — Mas em tudo isso, confiei em Ead. Ela salvou minha vida,

com grande risco para ela. — Ele entregou a ela uma caneca. — Ela quer mantê-la viva, Sab. Eu acredito que ela quer isso mais do que tudo.

Algo mudou em seu rosto.

— Devo escrever para Ermuna. Seus aposentos esperam por você —, disse ela — mas não se atrasse para o banquete. — Quando ela olhou para ele, ele viu um brilho da velha Sabran em seus olhos. — Bem-vindo de volta à corte, Lorde Arteloth.



No andar mais alto da Torre Dearn, na cela onde Truyde utt Zeedeur passara seus últimos dias, Igrain Crest estava orando. Apenas uma fenda lançava luz em sua prisão. Quando Loth entrou, ela não ergueu a cabeça baixa, nem soltou as mãos.

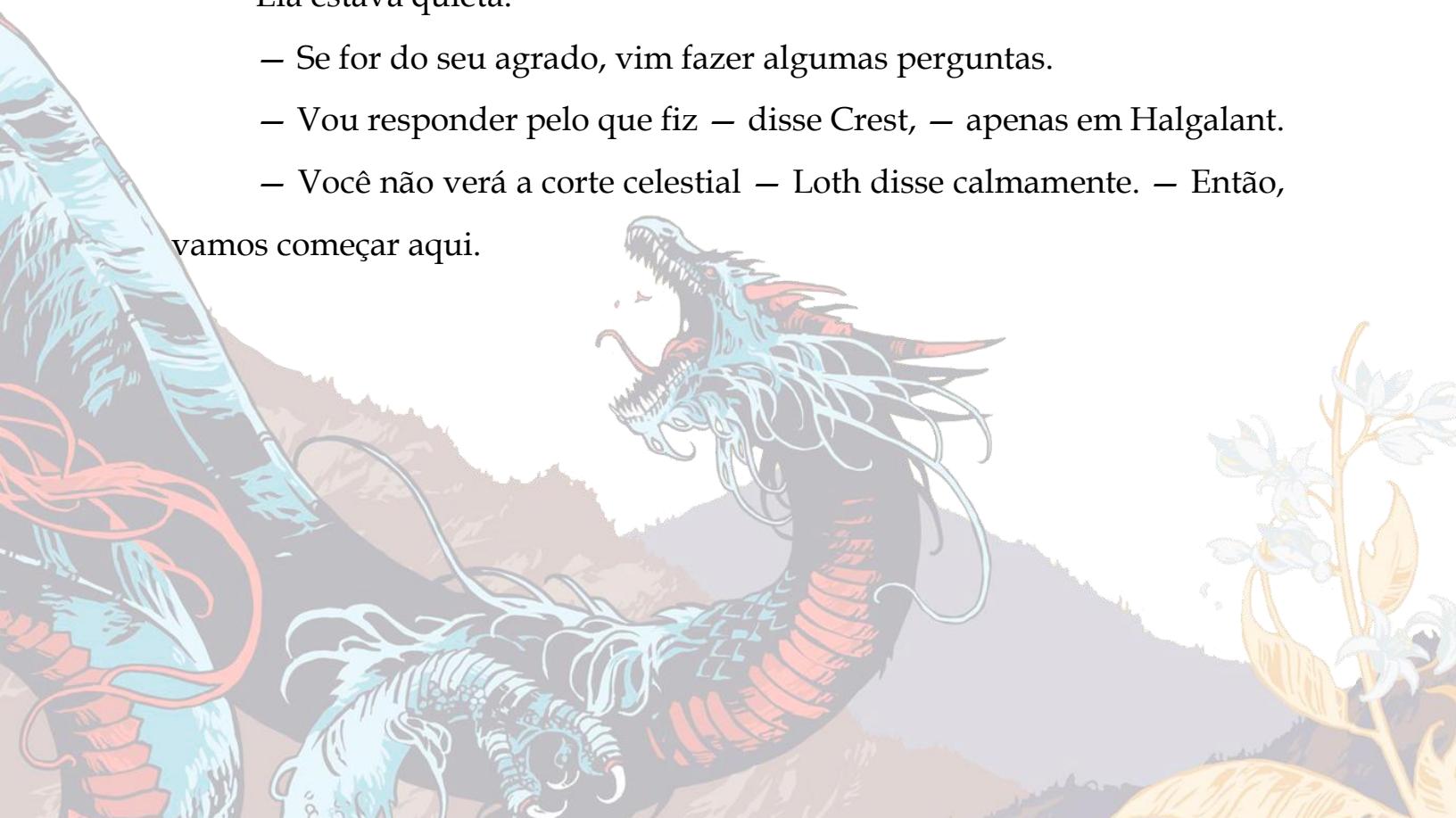
— Dama Igrain — disse Loth.

Ela estava quieta.

— Se for do seu agrado, vim fazer algumas perguntas.

— Vou responder pelo que fiz — disse Crest, — apenas em Halgalant.

— Você não verá a corte celestial — Loth disse calmamente. — Então, vamos começar aqui.



Capítulo 53

Oeste

A Festa do Alto Inverno começava às seis da tarde na Casa de Banquete do Palácio Ascalon. Como sempre, seria seguida por música e dança na Câmara de Presença.

Enquanto os sinos badalavam na torre do relógio, Ead estudou seu reflexo. Seu vestido era de seda azul pálido, coberto de pérolas, o babado feito de renda branca recortada.

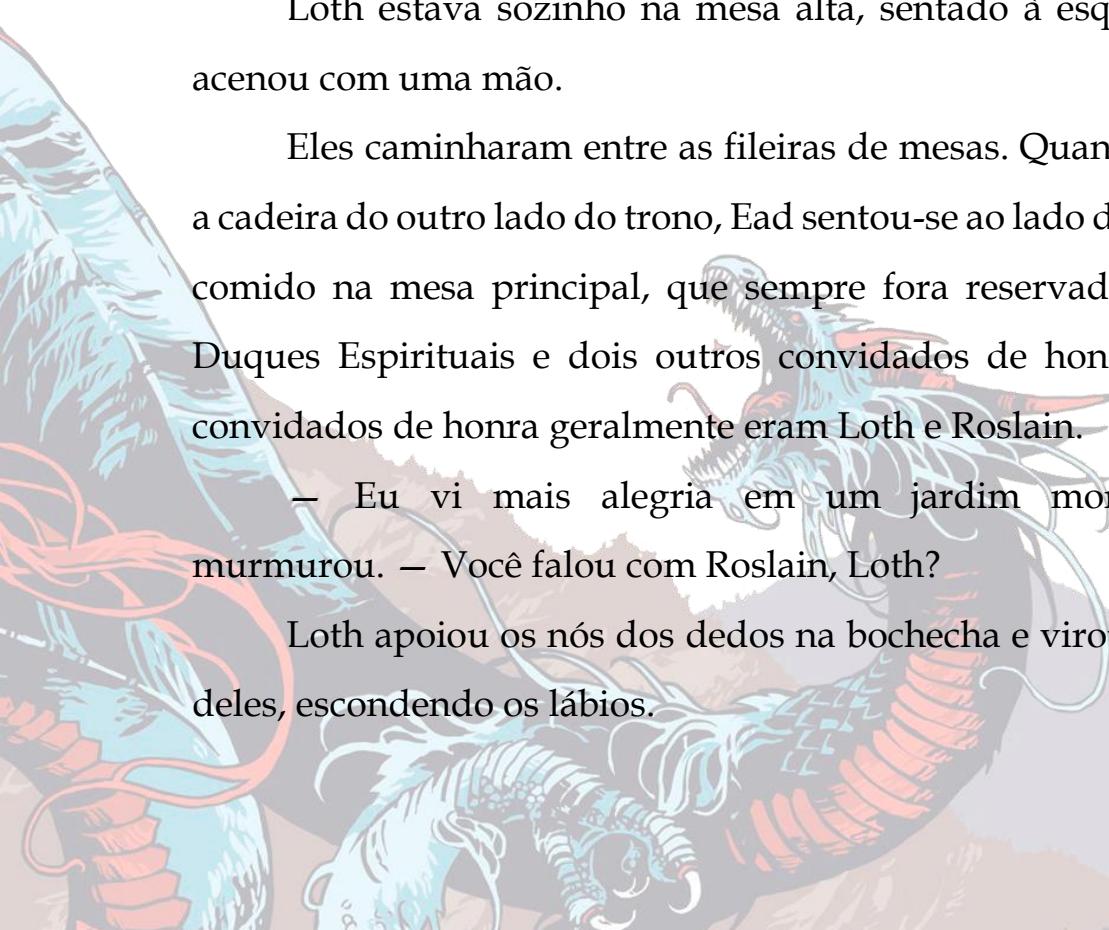
Por mais uma noite, ela se vestiria como uma cortesã. Suas irmãs iriam considerá-la ainda mais uma traidora quando descobrissem que ela aceitara um título da Rainha de Inys. Se ela quisesse sobreviver aqui, entretanto, parecia que ela não tinha outra escolha.

Uma batida na porta e Margret entrou. Ela usava cetim marfim e um cinto de prata, e seu adorno estava cravejado de pedras da lua.

— Acabei de vir de Sabran — disse ela. — Eu serei uma Senhora do Quarto de dormir. — Ela pousou a vela. — Achei que você não gostaria de ir para a Casa de Banquete sozinha.

— Você achou corretamente. Como sempre. — Ead encontrou seu olhar no espelho. — Meg, o que Loth contou a você sobre mim?

— Tudo. — Margret a agarrou pelos ombros. — Você sabe que tomo o Cavaleiro da Coragem como meu patrono. Há coragem, penso eu, em ter a



mente aberta e pensar por si mesmo. Se você é uma bruxa, então talvez as bruxas não sejam tão perversas, afinal. — Seu rosto ficou sério. — Agora, uma pergunta. Você prefere que eu chame você de Eadaz?

— Não. Mas obrigada por perguntar. — Ead ficou tocada. — Você pode me chamar de Ead, como eu te chamo de Meg.

— Muito bem. — Margret ligou seu braço ao dela. — Então deixe-me apresentá-la à corte, Ead.

A neve havia caído densa em cada saliência e degrau. Cortesãos emergiam de todo o palácio, atraídos pela luz das janelas da Casa do Banquete. Assim que entraram, o mordomo falou:

— Dama Margret Beck e a Senhora Ead Duryan.

Seu antigo nome. Seu nome falso.

A Casa de Banquete ficou quase em silêncio. Centenas de olhos se voltaram para a bruxa. Margret apertou o braço com mais força.

Loth estava sozinho na mesa alta, sentado à esquerda do trono. Ele acenou com uma mão.

Eles caminharam entre as fileiras de mesas. Quando Margret foi para a cadeira do outro lado do trono, Ead sentou-se ao lado dela. Ela nunca havia comido na mesa principal, que sempre fora reservada para a rainha, os Duques Espirituais e dois outros convidados de honra. Antigamente, os convidados de honra geralmente eram Loth e Roslain.

— Eu vi mais alegria em um jardim mortífero — Margret sussurrou. — Você falou com Roslain, Loth?



Loth apoiou os nós dos dedos na bochecha e virou o rosto na direção deles, escondendo os lábios.

— Sim — ele disse. — Depois que o cuidador de ossos veio cuidar da mão dela. — Ele manteve a voz baixa. — Parece que seu instinto estava certo, Ead. Crest acredita ser a juíza das rainhas.

Ead não sentia prazer nisso.

— Não tenho certeza de quando a loucura dela começou —, Loth continuou — mas quando a Rainha Rosarian ainda estava viva, uma de suas damas relatou a Crest que ela havia tomado o Capitão Gian Harlowe como amante. Crest viu Rosarian como... uma meretriz, imprópria para ser rainha. Ela a puniu de várias maneiras. Então decidiu que ela estava além da reforma.

Ead podia ver em seu rosto que ele estava lutando para engolir isso. Ele havia acreditado por muito tempo no delicado artifício da corte. Agora, as folhas artisticamente colocadas tinham explodido, revelando as mandíbulas brilhantes da armadilha.

— Ela avisou a rainha Rosarian —, Loth continuou, sobrancelha franzida — mas o caso com Harlowe continuou. Mesmo... — Ele olhou para as portas. — Mesmo depois que Sab nasceu.

Margret ergueu as sobrancelhas.

— Então Sabran pode ser filha *dele*?

— Se Crest fala a verdade. E eu acho sim. Depois que ela começou a falar, ela parecia quase desesperada para me contar todos os detalhes de seu... empreendimento.

Outro segredo a ser mantido. Outra rachadura no trono de mármore.

— Assim que Sab teve idade suficiente para ter seus próprios filhos —, Loth disse — Crest procurou a ajuda do Rei Sigoso. Ela sabia que ele estava

insultado por Rosarian ter recusado sua mão, então juntos eles conspiraram para matá-la, com Crest esperando que a culpa fosse transferida para Yscalín.

— E Crest ainda se considerava piedosa? — Margret bufou. — Depois de assassinar uma Berethnet?

— A piedade pode transformar os famintos por poder em monstros — , disse Ead. — Eles podem distorcer qualquer ensino para justificar suas ações.

Ela tinha visto isso antes. Mita acreditava que estava servindo à Mãe quando executou Zāla.

— Crest então esperou — Loth disse. — Esperou para ver se Sabran se tornaria mais devota do que sua mãe. Quando Sab resistiu ao parto, Crest sentiu uma rebelião. Ela subornou as pessoas para entrarem na Torre da Rainha com lâminas para assustá-la. Ead, é exatamente como você suspeitava. Os assassinos deveriam ter sido pegos. Crest prometeu que suas famílias seriam compensadas.

— E ela se infiltrou no plano de Truyde para matar Lievelyn?
— Margret perguntou, e Loth assentiu. — Mas *por quê*?

— Lievelyn negociava com Seiki. Essa foi a razão que ela me deu. Ela também o considerava um fardo para Inys — mas, na verdade, acho que ela não suportava que Sabran rejeitasse sua escolha de companheiro. Que ela estava sendo influenciada por alguém diferente dela.

— Sab parecia ouvir Lievelyn — Margret concedeu. — Ela saiu de seu palácio pela primeira vez em quatorze anos porque ele pediu a ela.

— Perfeitamente. Um pecador arrogante com muito poder. Depois de cumprir seu propósito e Sabran engravidar, ele teve que morrer. — Loth balançou a cabeça. — Quando o médico lhe disse que Sabran não voltaria a conceber, isso provou a Crest, de uma vez por todas, que ela era de semente contaminada e que a Casa de Berethnet não servia mais ao Santo. Ela decidiu que o trono deveria passar, finalmente, para os únicos descendentes dignos da Santa Comitiva. Para sua própria herdeira.

— Essa confissão deve ser suficiente para condenar Crest — disse Ead. Loth parecia terrivelmente satisfeito.

— Eu acredito que sim.

Naquele momento, o mordomo bateu com o bastão nas tábuas do assoalho.

— Sua Majestade, Rainha Sabran!

O salão ficou em silêncio enquanto se levantava. Quando Sabran apareceu à luz das velas, com os Cavaleiros do Corpo vestidos de prata atrás dela, houve uma inspiração compartilhada.

Ead nunca a tinha visto parecer tão esplendidamente sozinha. Normalmente ela ia à Casa de Banquete com suas damas, ou com Seyton Combe ou alguma outra pessoa importante.

Ela não usava pó no rosto. Sem joias, apenas seu anel de coroação. Seu vestido era de veludo preto, as mangas e a parte da frente cinza luto. Era claro para qualquer pessoa sensata que ela não estava grávida.

Murmúrios de confusão ecoaram pelo corredor. Era tradicional uma rainha segurar sua filha enfaixada, a primeira vez que ela apareceu em público após seu confinamento.

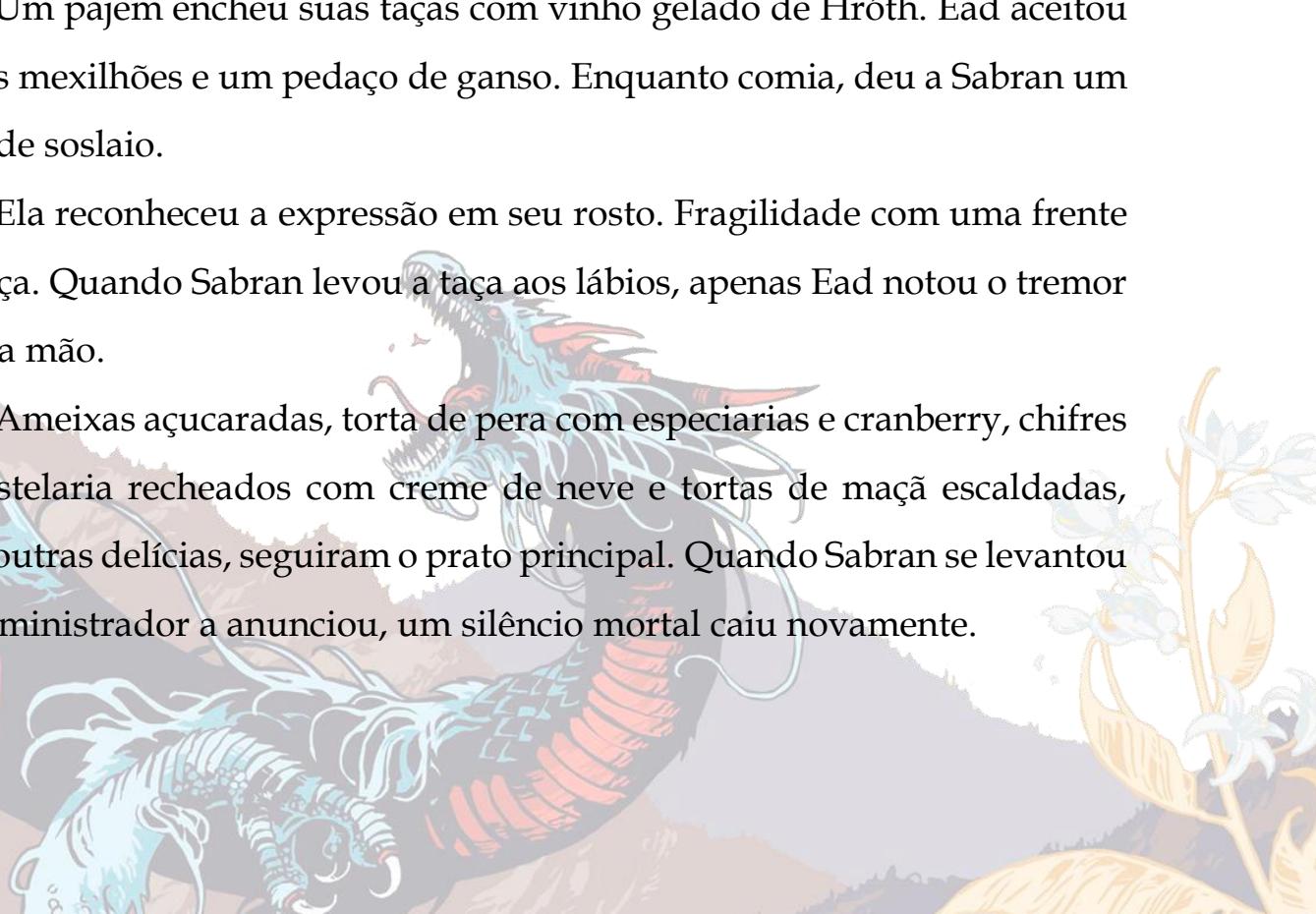


Loth se levantou para deixar Sabran assumir o trono. Ela se abaixou, observada por sua corte.

— Senhora Lidden —, ela disse, sua voz estentórea — você não vai cantar para nós?

Os Cavaleiros do Corpo tomaram seus lugares atrás da mesa alta. Lintley nunca tirou a mão da espada. Os músicos da corte começaram a tocar e Jillet Lidden cantou.

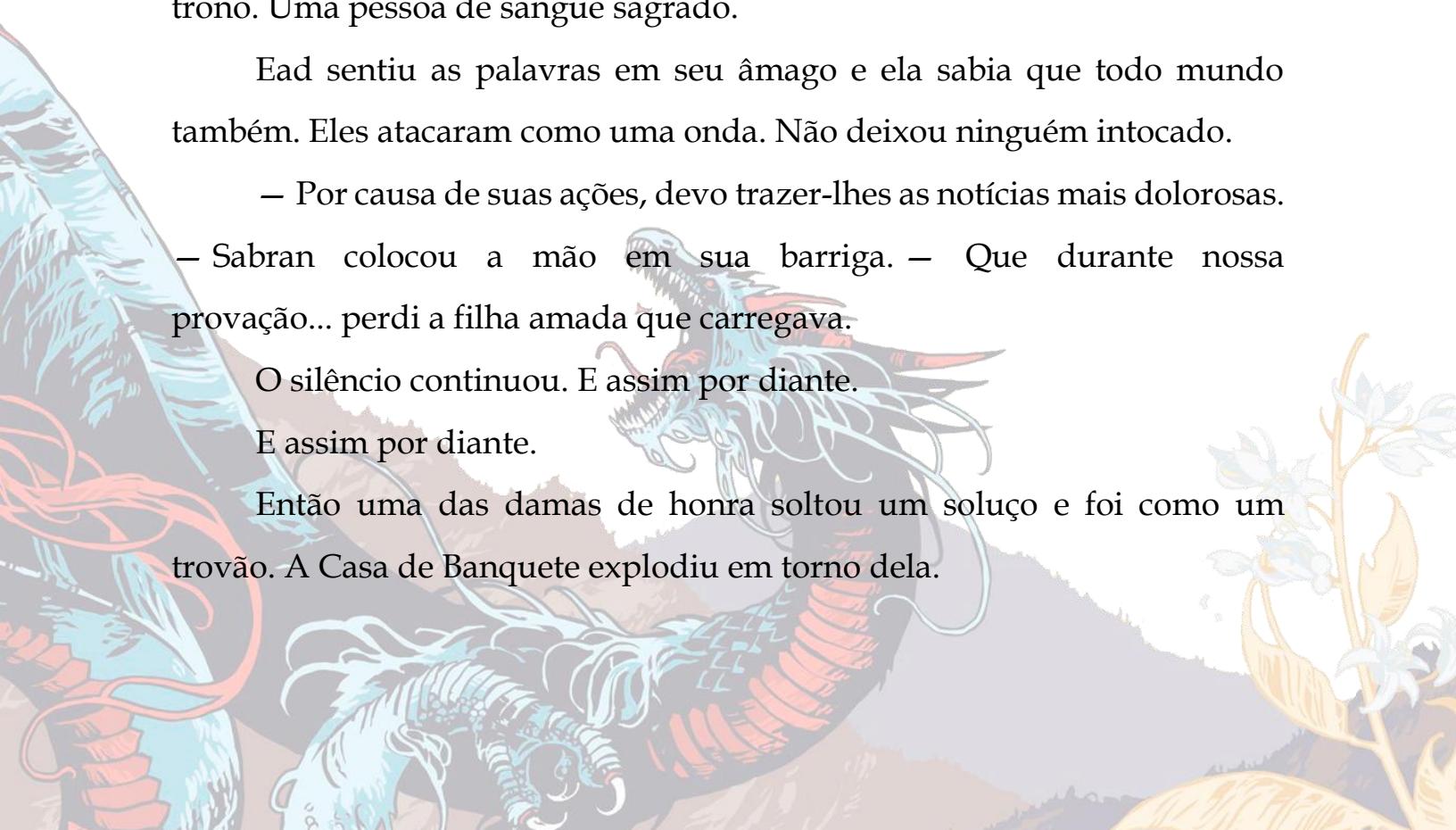
Pratos de prata com comida foram trazidos da Grande Cozinha e colocados nas mesas, exibindo tudo o que Inys tinha a oferecer no alto inverno. Torta de cisne, galinhola e ganso assado, veado assado em um rico molho de cravo, burbot polvilhado com flocos de neve de amêndoas e folha de prata, repolho branco e pastinaca com mel, mexilhões fervendo em manteiga e vinagre de vinho tinto. A conversa voltou para o corredor, mas ninguém parecia capaz de desviar os olhos da rainha.



Um pajem encheu suas taças com vinho gelado de Hróth. Ead aceitou alguns mexilhões e um pedaço de ganso. Enquanto comia, deu a Sabran um olhar de soslaio.

Ela reconheceu a expressão em seu rosto. Fragilidade com uma frente de força. Quando Sabran levou a taça aos lábios, apenas Ead notou o tremor em sua mão.

Ameixas açucaradas, torta de pera com especiarias e cranberry, chifres de pastelaria recheados com creme de neve e tortas de maçã escaldadas, entre outras delícias, seguiram o prato principal. Quando Sabran se levantou e o administrador a anunciou, um silêncio mortal caiu novamente.



Sabran ficou algum tempo sem falar. Ela ficou ereta, com as mãos cruzadas na barriga.

— Bom povo — disse ela por fim. — Sabemos que as coisas na corte têm sido inquietantes nos últimos dias e que minha ausência deve ter incomodado vocês. — De alguma forma, apesar do tom baixo de sua voz, ela conseguiu se fazer ouvir. — Algumas pessoas nesta corte conspiraram, ultimamente, para quebrar o espírito de companheirismo que sempre uniu o povo de Virtudom.

Seu rosto era uma porta trancada. A corte esperava por revelação.

— Será um grande choque para vocês que, durante minha recente doença, fui confinada na Torre da Rainha por um de meus próprios conselheiros, que estava tentando usurpar nossa autoridade concedida por Santo. — Murmúrios tremeluziram pelo corredor. — Esta conselheira aproveitou nossa ausência para perseguir sua própria ambição de roubar o trono. Uma pessoa de sangue sagrado.

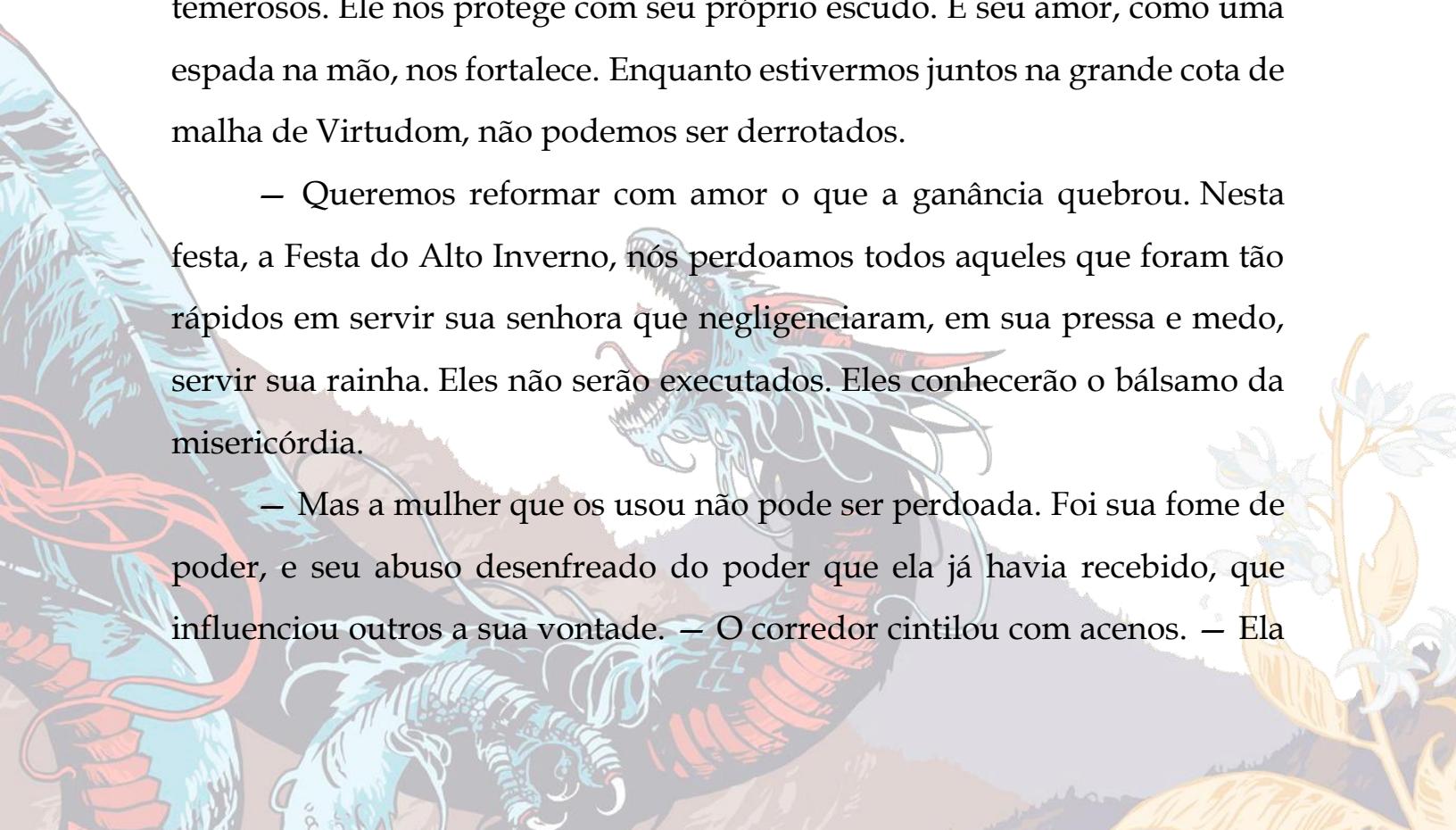
Ead sentiu as palavras em seu âmago e ela sabia que todo mundo também. Eles atacaram como uma onda. Não deixou ninguém intocado.

— Por causa de suas ações, devo trazer-lhes as notícias mais dolorosas. — Sabran colocou a mão em sua barriga. — Que durante nossa provação... perdi a filha amada que carregava.

O silêncio continuou. E assim por diante.

E assim por diante.

Então uma das damas de honra soltou um soluço e foi como um trovão. A Casa de Banquete explodiu em torno dela.



Sabran permaneceu imóvel e sem expressão. O salão ressoou com pedidos para que os perpetradores pagassem. O mordomo bateu com o bastão, gritando em vão por ordem, até que Sabran ergueu a mão.

Imediatamente, a turbulência cessou.

— Estes são tempos incertos — disse Sabran. — E não podemos nos dar ao luxo de ceder à dor. Uma sombra caiu sobre nosso reino. Mais criaturas Dracônicas estão acordando, e suas asas trouxeram um vento de medo. Vemos esse medo em todos os seus rostos. Nós vimos isso até em nosso próprio.

Ead observou a multidão. As palavras estavam chegando até eles. Ao oferecer a eles um vislumbre de vulnerabilidade — uma bela rachadura em sua armadura — Sabran mostrou que estava entre eles.

— Mas é nesses tempos que devemos olhar mais do que nunca para o Santo para nos guiar — disse Sabran. — Ele abre os braços para os temerosos. Ele nos protege com seu próprio escudo. E seu amor, como uma espada na mão, nos fortalece. Enquanto estivermos juntos na grande cota de malha de Virtudom, não podemos ser derrotados.

— Queremos reformar com amor o que a ganância quebrou. Nesta festa, a Festa do Alto Inverno, nós perdoamos todos aqueles que foram tão rápidos em servir sua senhora que negligenciaram, em sua pressa e medo, servir sua rainha. Eles não serão executados. Eles conhecerão o bálsamo da misericórdia.

— Mas a mulher que os usou não pode ser perdoada. Foi sua fome de poder, e seu abuso desenfreado do poder que ela já havia recebido, que influenciou outros a sua vontade. — O corredor cintilou com acenos. — Ela

desonrou seu sangue sagrado. Ela desprezou sua virtude padroeira – pois Igrain Crest não conhecia justiça em sua hipocrisia e malícia.

Esse nome enviou uma onda de inquietação ao longo das mesas.

– Por suas ações, Crest envergonhou não apenas o Cavaleiro da Justiça, mas o Santo abençoado e seus descendentes. Portanto, esperamos que ela seja considerada culpada de alta traição. – Sabran fez o sinal da espada e a corte a espelhou. – Todos os Duques Espirituais estão sendo questionados. É nossa esperança fervorosa que o resto seja provado inocente, mas devemos nos curvar às evidências.

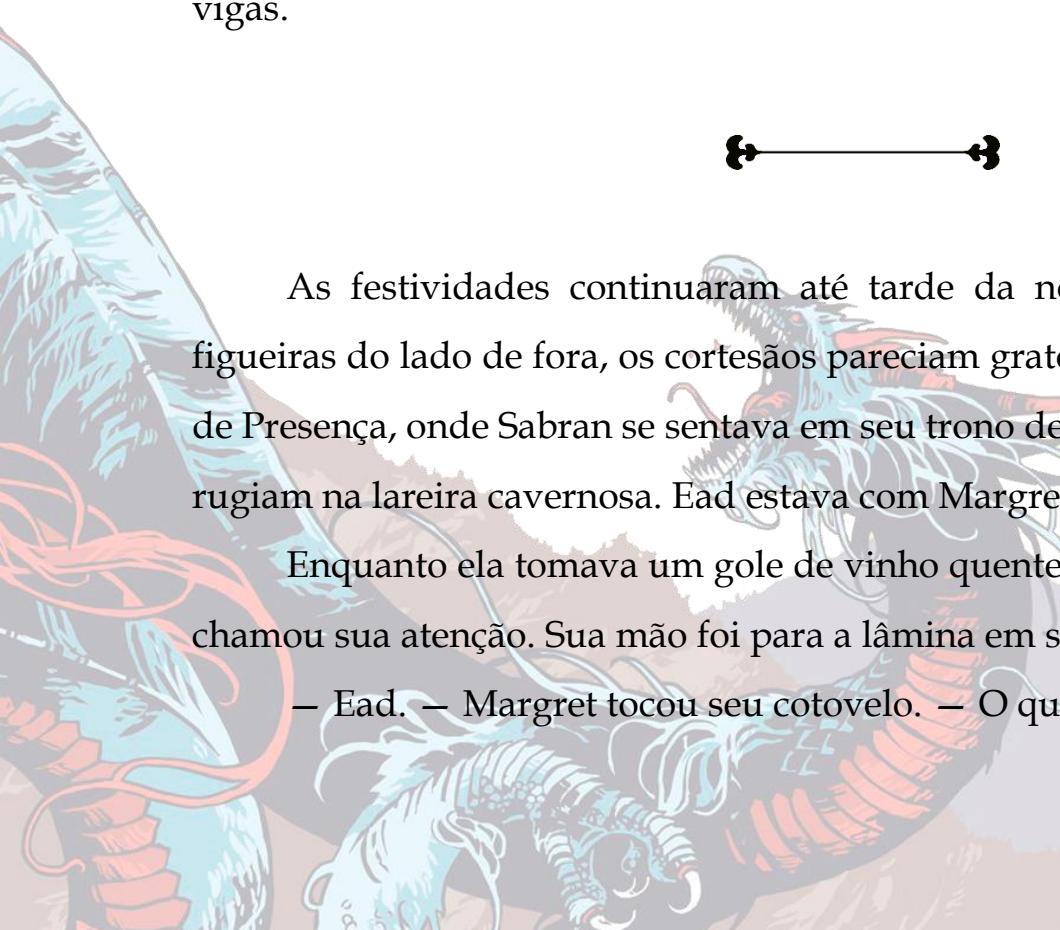
Cada uma de suas palavras foi o salto de uma pedra em um lago, formando ondas de emoção. A Rainha de Inys não podia lançar ilusões, mas sua voz e comportamento naquela noite a haviam transformado em uma feiticeira.

– Nos erguemos aqui no amor. Na esperança. E em desafio. Desafiando aqueles que teriam tentado nos desviar de nossos valores. Desafiando o ódio Dracônico. Levantamo-nos para enfrentar os ventos do medo e, pelo Santo, vamos devolvê-los aos nossos inimigos. – Ela atravessou o estrado e todos os olhos a seguiram. – Ainda não temos uma herdeira, pois nossa filha está nos braços do Santo, mas sua rainha está bem viva. E entraremos em qualquer batalha por vocês, como Glorian Shieldheart cavalgou por seu povo. Venha o que vier.

Agora houve estrondos de acordo. Acenos e gritos da *Rainha Sabran*.

– Nós iremos provar para o mundo inteiro – ela continuou – que nenhum wyrm intimidará o povo de Virtudom!

– Virtudom – vozes ecoaram. – Virtudom!



Eles estavam todos de pé agora. Olhos brilhando no frenesi da veneração. Taças erguidas em punhos tensos.

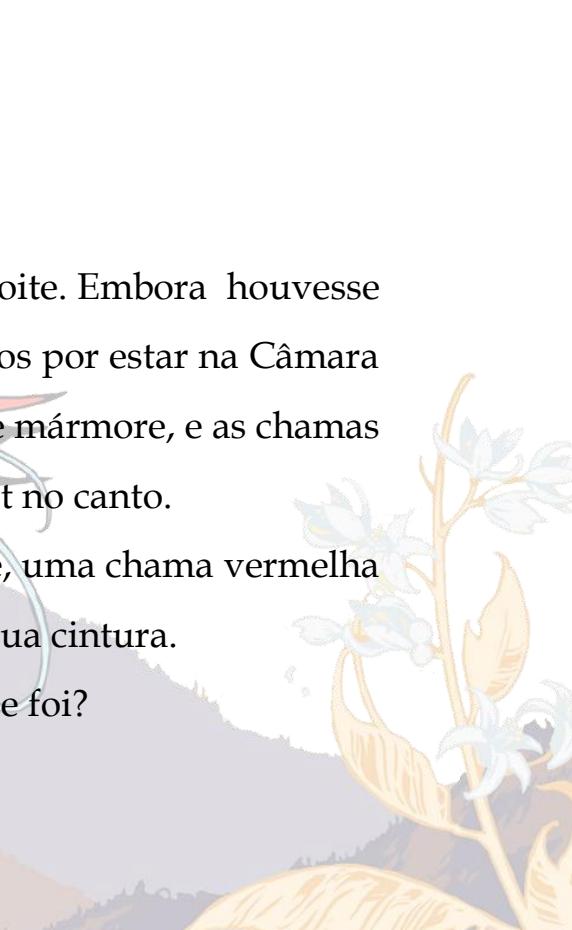
Ela os havia conduzido das profundezas do terror ao cume da adoração.

Sabran tinha a língua dourada.

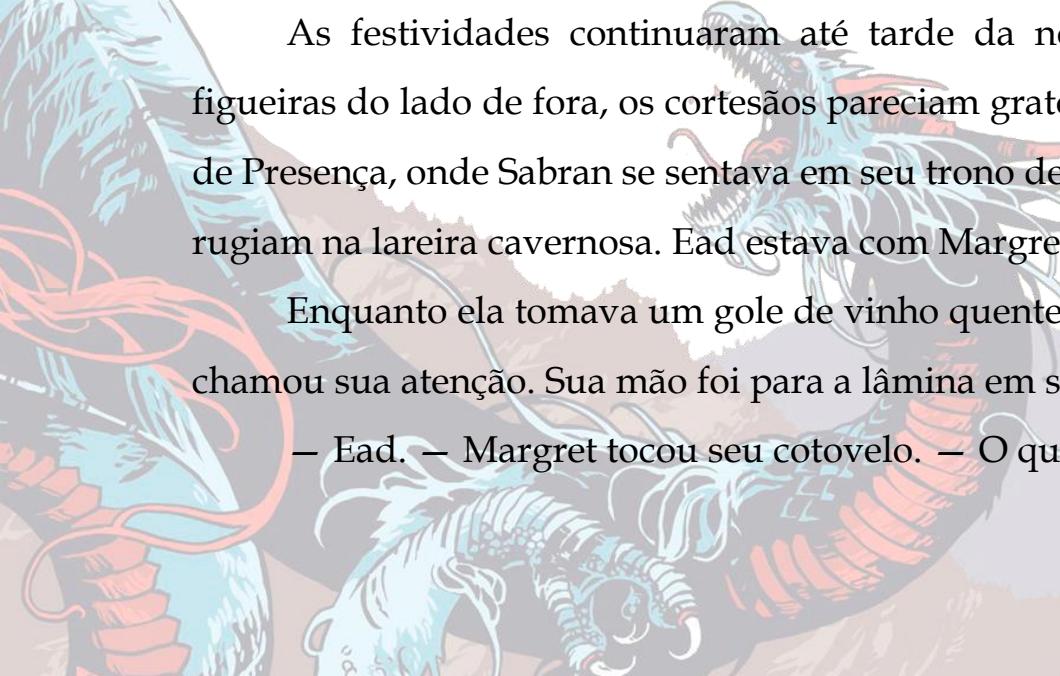
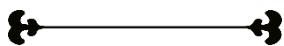
— Agora, no mesmo desafio que este reino professou por mil anos —, ela gritou — nós celebramos a Festa do Alto Inverno — e nos preparamos para a primavera, a estação da mudança. A estação da docura. A temporada de generosidade. E o que ele dá, não vamos acumular, mas dar em troca para vocês. — Ela pegou sua taça da mesa e a empurrou bem alto. — Por Virtudom!

— VIRTUDOM! — A corte rugiu de volta.

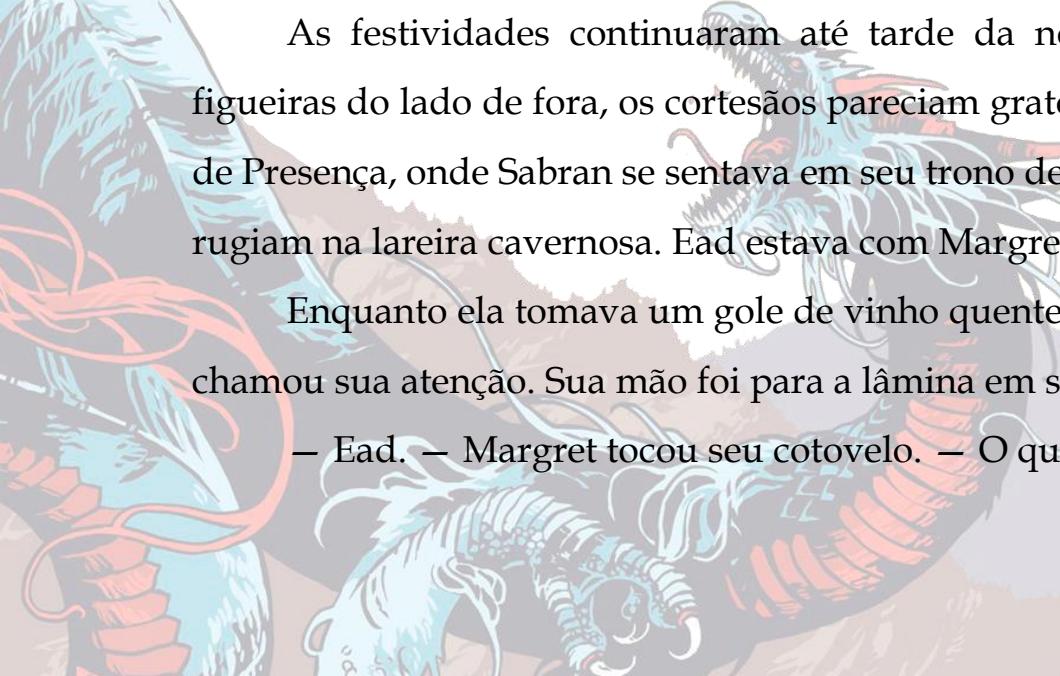
— VIRTUDOM! VIRTUDOM!



Suas vozes encheram o salão como uma canção, elevando-se até as vigas.



As festividades continuaram até tarde da noite. Embora houvesse figueiras do lado de fora, os cortesãos pareciam gratos por estar na Câmara de Presença, onde Sabran se sentava em seu trono de mármore, e as chamas rugiam na lareira cavernosa. Ead estava com Margret no canto.



Enquanto ela tomava um gole de vinho quente, uma chama vermelha chamou sua atenção. Sua mão foi para a lâmina em sua cintura.

— Ead. — Margret tocou seu cotovelo. — O que foi?

Cabelo vermelho. O cabelo ruivo do embaixador Mentish, não uma capa, mas Ead não relaxou. Suas irmãs deviam estar aguardando, mas viriam.

- Nada. Perdoe-me — disse Ead. — O que você estava dizendo?
- Diga-me qual é o problema.
- Não é nada que você queira se intrometer, Meg.
- Eu não estava me intrometendo. Bem, talvez — Margret admitiu. —

É preciso ser um pouco intrometida na corte, ou não temos o que falar.

Ead sorriu.

- Você está pronta para nossa jornada para Goldenbirch amanhã?
- Sim. Nosso navio parte ao amanhecer. — Margret fez uma pausa antes de acrescentar: — Ead, eu não acho que você foi capaz de trazer Valor para casa.

Havia esperança em seus olhos.

- Ele está com uma família Ersyri em que confio, em uma propriedade em Harmur Pass — disse Ead. — Não pude levá-lo para o deserto. Você o terá de volta, eu prometo.

- Obrigada.

Alguém parou ao lado de Margret e tocou em seu ombro. Katryen Withy, usando um vestido de seda da cor de nuvens. Pérolas incrustadas em prata aninhadas em sua grinalda de cabelo.

- Kate. — Margret a abraçou. — Kate, como vai você?
- Já estive pior. — Katryen a beijou na bochecha antes de se virar para Ead. — Oh, Ead. Estou muito feliz por você estar de volta.

— Katryen. — Ead olhou para ela. Um hematoma estava desaparecendo sob seu olho e sua mandíbula estava inchada. — O que aconteceu com você?

— Eu tentei chegar até Sabran. — Ela tocou a marca com cuidado. — Crest tinha me trancado em meus aposentos. O guarda dela fez isso quando eu resisti.

Margret balançou a cabeça.

— Se aquela tirana tivesse se sentado no trono...

— Graças à Donzela ela não vai.

Sabran, que estava em uma conversa profunda com Loth, agora se levantou, e o salão ficou em silêncio. Era hora de recompensar aqueles que se provaram mais fiéis à rainha.

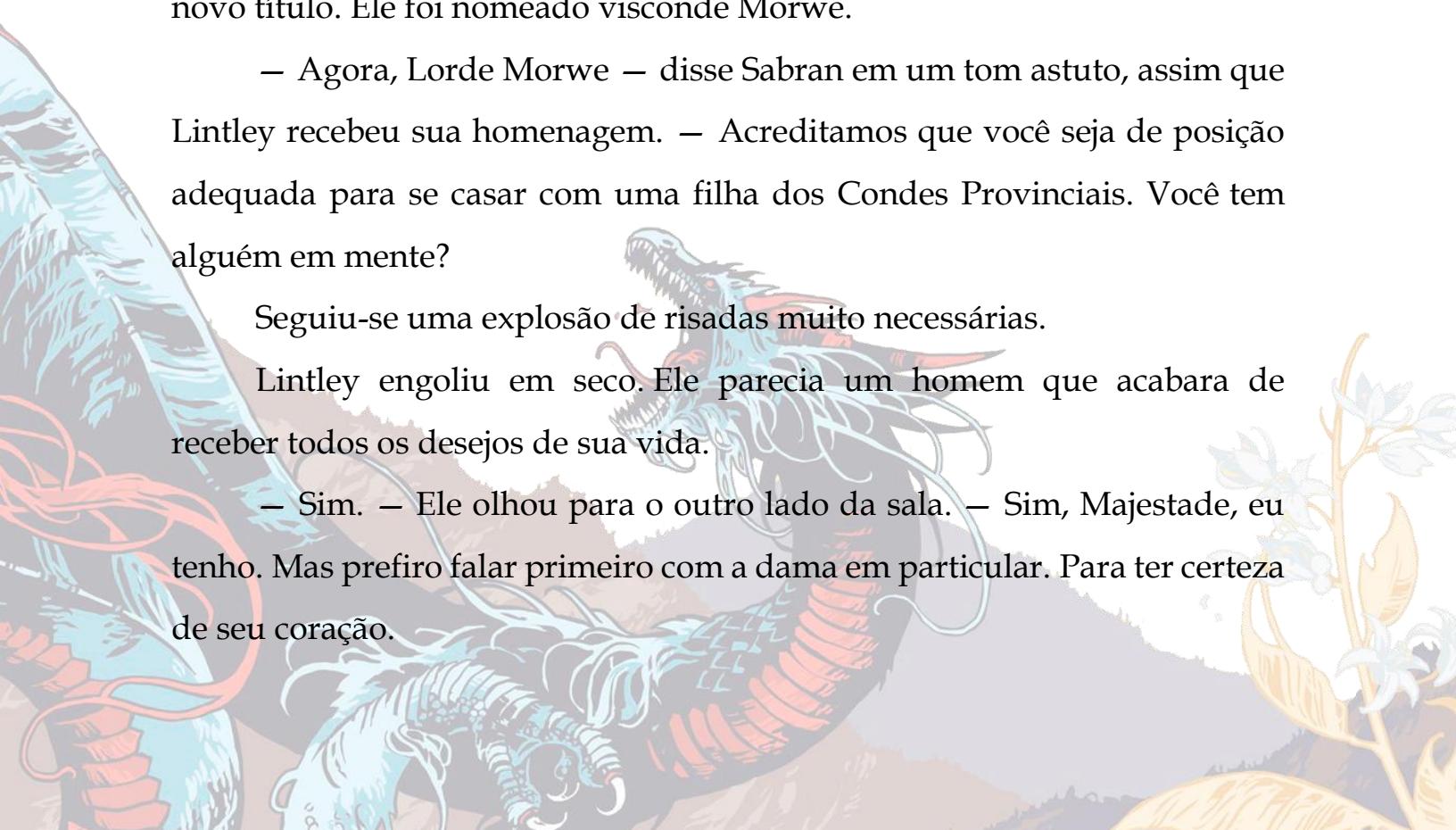
A cerimônia não foi menos impressionante por sua brevidade. Primeiro, Margret foi formalmente nomeada Dama Chefe do Quarto de Dormir, enquanto os Cavaleiros de Dormir foram elogiados por sua lealdade incessante à coroa. Outros que se juntaram a eles receberam terras e joias, e então:

— Senhora Ead Duryan.

Ead se afastou da multidão. Sussurros e olhares seguiram seus passos.

— Pela graça das Seis Virtudes — leu o mordomo, — foi do agrado de Sua Majestade chamá-la dama Eadaz uq-Nāra, Viscondessa Nurtha. Membra do Conselho de Virtudes.

A Câmara de Presença vibrou com murmúrios. Viscondessa era um título honorário em Inys, usado para elevar uma mulher que não fosse de



sangue nobre ou sagrado. Nunca fora concedido a alguém que não fosse súdito de Inysh.

Sabran pegou a espada cerimonial de Loth. Ead ficou quieta quando a parte plana da lâmina tocou cada um de seus ombros. Este segundo título serviria apenas para aprofundar sua traição aos olhos de suas irmãs, mas ela poderia usá-lo se a protegesse por tempo suficiente para encontrar Ascalon.

— Levante-se — disse Sabran. — Minha dama.

Ead se levantou e a olhou nos olhos.

— Obrigada. — Sua reverência foi breve. — Sua Majestade.

Ela tirou a patente das cartas do administrador. As pessoas sussurraram *minha senhora* quando ela voltou para Margret.

Ela não era mais a Senhora Duryan.

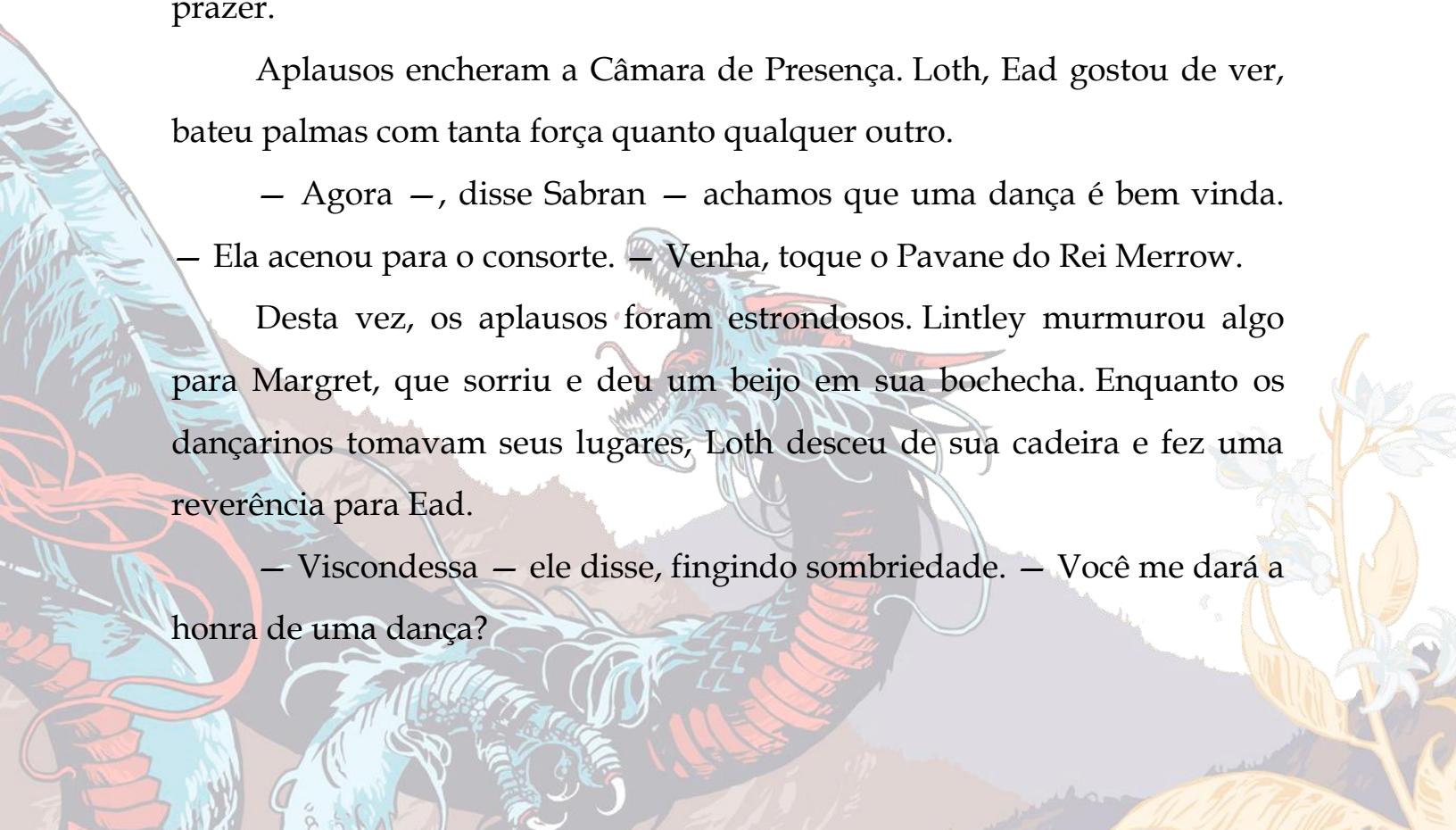
Havia uma última honra a ser concedida. Por sua coragem, Sir Tharian Lintley, que era um plebeu de sangue tanto quanto Ead, também recebeu um novo título. Ele foi nomeado visconde Morwe.

— Agora, Lorde Morwe — disse Sabran em um tom astuto, assim que Lintley recebeu sua homenagem. — Acreditamos que você seja de posição adequada para se casar com uma filha dos Condes Provinciais. Você tem alguém em mente?

Seguiu-se uma explosão de risadas muito necessárias.

Lintley engoliu em seco. Ele parecia um homem que acabara de receber todos os desejos de sua vida.

— Sim. — Ele olhou para o outro lado da sala. — Sim, Majestade, eu tenho. Mas prefiro falar primeiro com a dama em particular. Para ter certeza de seu coração.



Margret, que estava observando com os lábios franzidos, ergueu uma sobrancelha.

— Já falou por tempo suficiente, Sir Tharian! — gritou ela. — Agora é hora de ação.

Mais risadas. Lintley riu, assim como ela. A luz das velas dançavam em seus olhos. Ela cruzou o salão e pegou sua mão estendida.

— Vossa Majestade —, disse Lintley — peço sua permissão, e a do Cavaleiro da Sociedade, para tomar esta mulher como minha companheira nos dias por vir. — A maneira como ele olhava para ela, ela poderia ter sido o nascer do sol depois de anos de noite. — Para que eu possa amá-la como ela sempre mereceu.

Margret olhou para o trono. Sua garganta balançou, mas Sabran já havia inclinado a cabeça.

— Você tem nossa permissão — disse ela. — Nós lhe damos com prazer.

Aplausos encheram a Câmara de Presença. Loth, Ead gostou de ver, bateu palmas com tanta força quanto qualquer outro.

— Agora —, disse Sabran — achamos que uma dança é bem vindia.

— Ela acenou para o consorte. — Venha, toque o Pavane do Rei Merrow.

Desta vez, os aplausos foram estrondosos. Lintley murmurou algo para Margret, que sorriu e deu um beijo em sua bochecha. Enquanto os dançarinos tomavam seus lugares, Loth desceu de sua cadeira e fez uma reverência para Ead.

— Viscondessa — ele disse, fingindo sombriedade. — Você me dará a honra de uma dança?

— Eu darei, meu senhor. — Ead colocou a mão sobre a dele e a levou para o meio do salão. — O que você achou desse compromisso? — Ela perguntou a ele, vendo-o olhar para Margret.

— Muito bom. Lintley é um bom homem.

O Pavane do Rei Merrow era calmo no início. Tudo começava como o oceano em um dia tranquilo, tornando-se tumultuado conforme a música aumentava. Era uma dança complexa, mas Ead e Loth eram experientes nisso.

— Meus pais terão ouvido a notícia quando você chegar a Goldenbirch —, Loth disse enquanto saltavam com os outros casais. — Mamãe ficará ainda mais irritada por eu não estar prometido.

— Acho que ela ficará muito aliviada por você estar vivo para se importar — disse Ead. — Além disso, você pode preferir nunca se casar.

— Como conde de Goldenbirch, isso seria esperado de mim. E eu sempre desejei companhia. — Loth olhou para ela. — Mas e você?

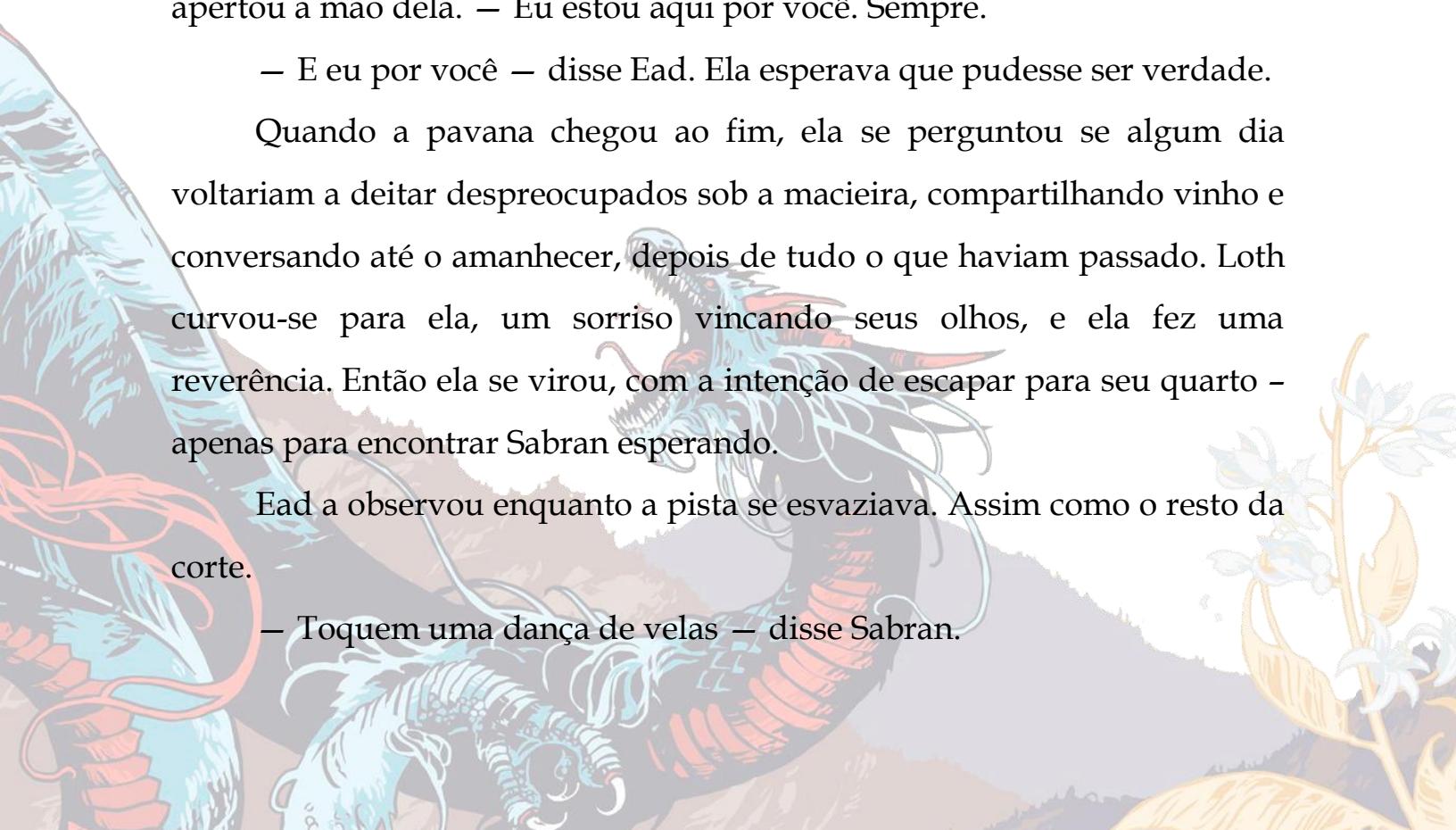
— Eu. — Ead deslizou para a direita e ele o seguiu. — Eu algum dia teria uma companhia, você quer dizer?

— Você não pode ir para casa. Talvez você possa... fazer uma vida aqui. Com alguém. — Seu olhar era suave. — A menos que você já tenha feito isso.

Seu peito se apertou.

A dança os separou por um momento enquanto formavam um redemoinho com os outros pares. Quando eles se encontraram novamente, Loth disse:

— Crest me contou. Suponho que ela ouviu isso do Falcão da Noite.



Dizer isso em voz alta seria perigoso. Ele sabia disso.

— Espero que você não tenha escondido isso de mim porque pensou que eu iria julgá-la — Loth murmurou. Os dois se viraram no local. — Você é minha amiga mais querida. Eu quero que você seja feliz.

— Mesmo que envergonhe o Cavaleiro da Sociedade. — Ead ergueu as sobrancelhas. — Não somos casadas.

— Eu teria acreditado nisso antes — ele admitiu. — Agora vejo que há coisas mais importantes.

Ead sorriu.

— Você realmente mudou. — Eles se deram as mãos novamente enquanto o pavano crescia mais rápido. — Eu não queria sobrecarregar você com preocupações por nós duas. Você se importa muito.

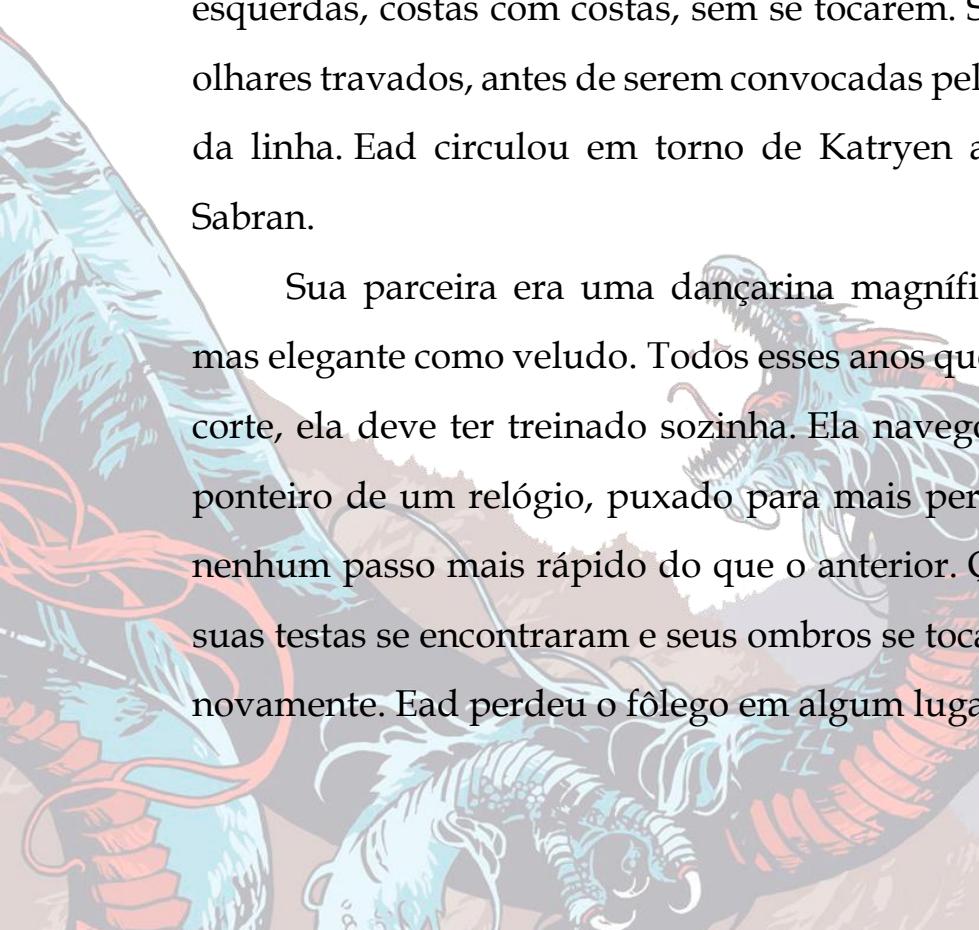
— É o meu jeito —, disse ele — mas seria um fardo maior saber que minha amiga sentiu que não poderia abrir seu coração para mim. — Ele apertou a mão dela. — Eu estou aqui por você. Sempre.

— E eu por você — disse Ead. Ela esperava que pudesse ser verdade.

Quando a pavana chegou ao fim, ela se perguntou se algum dia voltariam a deitar desocupados sob a macieira, compartilhando vinho e conversando até o amanhecer, depois de tudo o que haviam passado. Loth curvou-se para ela, um sorriso vincando seus olhos, e ela fez uma reverência. Então ela se virou, com a intenção de escapar para seu quarto — apenas para encontrar Sabran esperando.

Ead a observou enquanto a pista se esvaziava. Assim como o resto da corte.

— Toquem uma dança de velas — disse Sabran.



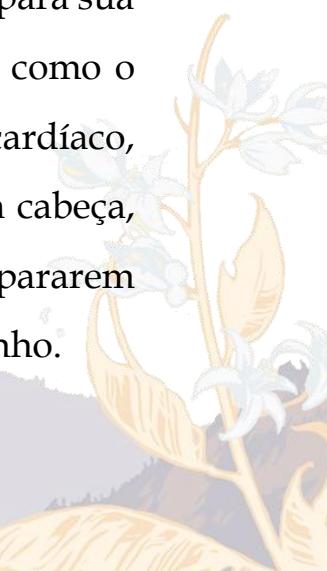
Desta vez, houve suspiros de alegria dos cortesãos. A rainha não dançou em público nenhuma vez enquanto Ead morava na corte. Loth havia confidenciado a ela, há muito tempo, que Sabran havia parado de dançar no dia em que sua mãe morreu.

Muitos cortesãos nunca teriam testemunhado essa dança, mas alguns dos servos mais velhos, que devem ter visto a rainha Rosarian participando, começaram a arrancar as velas dos palitos. Logo os outros servos seguiram o exemplo. Uma vela foi dada a Sabran, outra a Ead. Loth, que estava perto o suficiente para ser pego no caso, ofereceu a mão a Katryen.

O consorte de instrumentos começou a tocar uma melodia dolorida e Jillet Lidden começou a cantar. Três homens juntaram suas vozes às dela.

Ead fez uma reverência para Sabran, que a imitou. Mesmo essa pequena ação fez sua vela piscar.

O círculo começou. Elas seguravam as velas com as mãos direitas e as esquerdas, costas com costas, sem se tocarem. Seis rotações em torno de si, olhares travados, antes de serem convocadas pela música para lados opostos da linha. Ead circulou em torno de Katryen antes que ela voltasse para Sabran.



Sua parceira era uma dançarina magnífica. Cada passo era preciso, mas elegante como veludo. Todos esses anos que ela nunca dançou para sua corte, ela deve ter treinado sozinha. Ela navegou ao redor de Ead como o ponteiro de um relógio, puxado para mais perto pelo batimento cardíaco, nenhum passo mais rápido do que o anterior. Quando Ead virou a cabeça, suas testas se encontraram e seus ombros se tocaram, antes de se separarem novamente. Ead perdeu o fôlego em algum lugar ao longo do caminho.

Nunca estiveram tão perto em público. O cheiro dela, o calor de curta duração, era uma tortura que ninguém mais podia ver. Ead circulou ao redor de Loth antes de se reunir com Sabran, e seu sangue estava tão alto quanto a música, mais alto.

Durou o que pareceu uma eternidade. Ela estava perdida em um sonho de vozes assombradas, na cadência da flauta, da harpa e do oboé, e em Sabran, meio oculta pela sombra.

Ela mal percebeu quando a música terminou. Tudo o que ela podia ouvir era o tambor em seu peito. Houve um silêncio arrebatador antes que a corte explodisse em aplausos. Sabran colocou a mão em concha em volta da vela e a apagou.

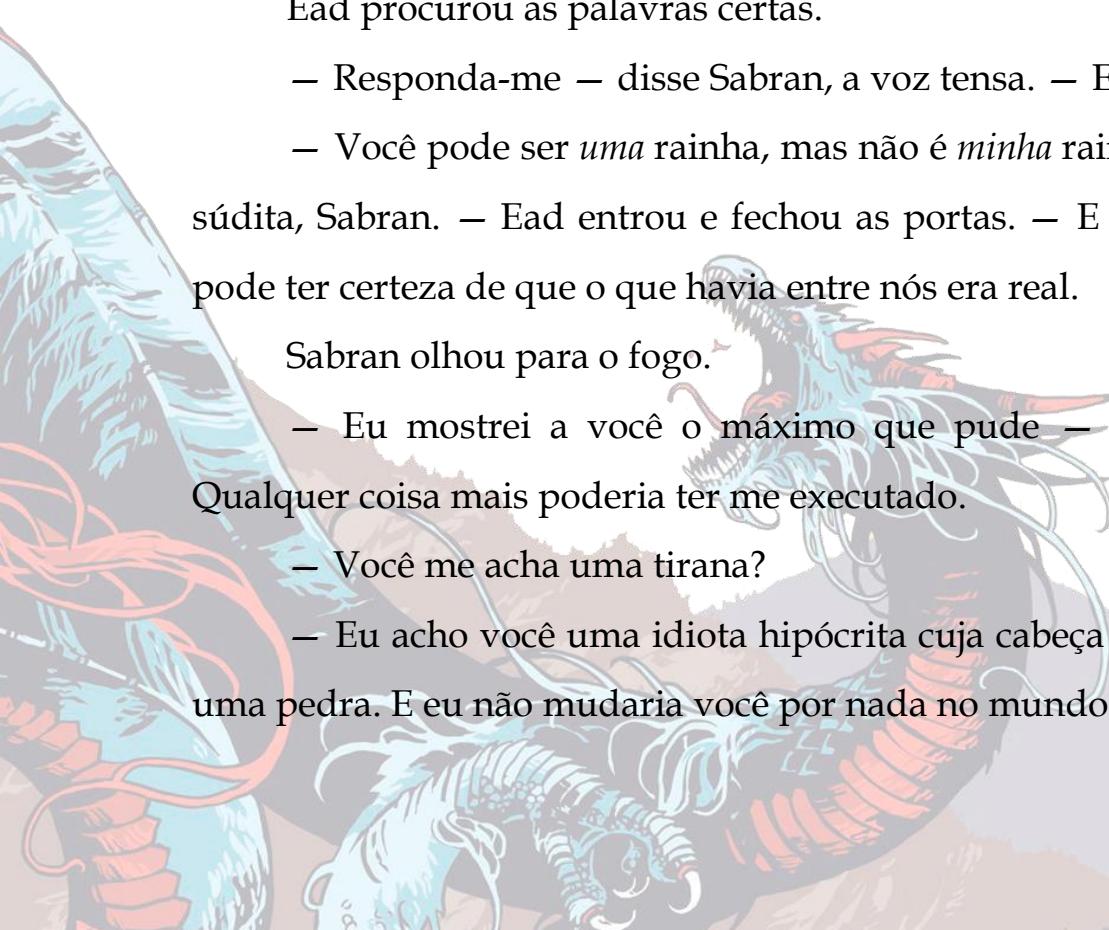
— Irei me retirar para a noite. — Uma dama de honra pegou sua vela. — Eu convido o resto de vocês para ficar e aproveitar as festividades. Boa noite.

— Boa noite, Sua Majestade. — A corte respondeu, curvando-se e fazendo uma reverência enquanto sua rainha se afastava. Na porta da Câmara Privada, Sabran olhou por cima do ombro para Ead.

Esse olhar foi um chamado. Ead apagou sua vela e a entregou a um criado.

Seu espartilho parecia mais apertado. Uma doce dor floresceu em sua barriga. Ela ficou um pouco na multidão, observando Loth e Margret dançarem com uma galharda, antes de deixar a Câmara de Presença. Os Cavaleiros do Corpo ficaram de lado para ela passar.

A Câmara Privada estava escura e fria. Ead passou por ela, lembrando-se da música do virginal, e abriu as portas do Grande Quarto de Dormir.



Sabran esperava ao lado do fogo. Ela não usava nada agora, exceto seu espartilho rígido e camisola.

— Não se engane —, disse ela — estou furiosa com você.

Ead estava na soleira.

— Eu compartilhei todos os meus segredos com você, Ead. — Sua voz mal estava lá. — Você me viu como a noite. Como meu eu mais verdadeiro.

— Ela fez uma pausa. — Foi você quem afastou Fýredel.

— Sim.

Sabran fechou os olhos.

— Nada na minha vida era real. Mesmo as tentativas de *tirar* minha vida foram encenadas, destinadas a influenciar e me manipular. Mas você, Ead, eu acreditava que você era diferente. Chamei Combe de mentiroso quando ele me disse que você não era o que parecia. Agora me pergunto se tudo entre nós foi parte do seu ato. Sua *tarefa*.

Ead procurou as palavras certas.

— Responda-me — disse Sabran, a voz tensa. — Eu sou sua rainha.

— Você pode ser *uma* rainha, mas não é *minha* rainha. Eu não sou sua súdita, Sabran. — Ead entrou e fechou as portas. — E é por isso que você pode ter certeza de que o que havia entre nós era real.

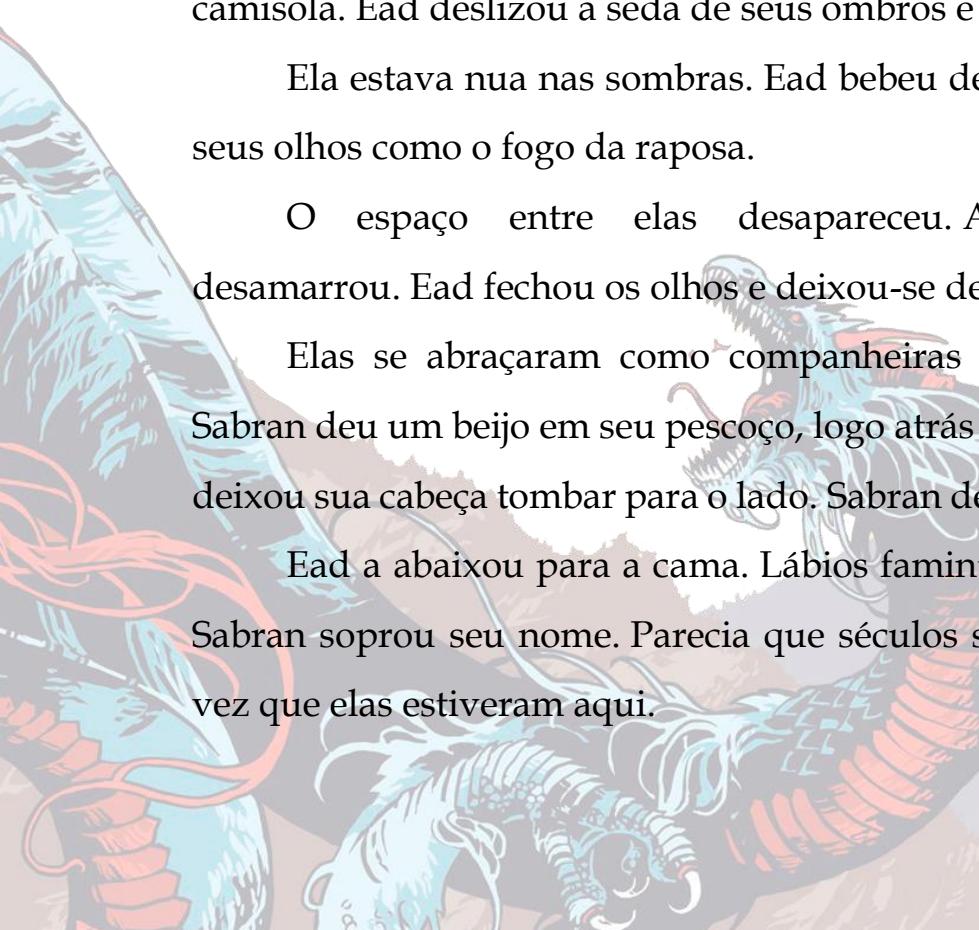
Sabran olhou para o fogo.



— Eu mostrei a você o máximo que pude — Ead disse a ela. — Qualquer coisa mais poderia ter me executado.

— Você me acha uma tirana?

— Eu acho você uma idiota hipócrita cuja cabeça é mais dura do que uma pedra. E eu não mudaria você por nada no mundo.



Sabran finalmente olhou para ela.

— Diga-me, Eadaz uq-Nāra — disse ela suavemente. — Sou uma idiota ainda maior por ainda querer você?

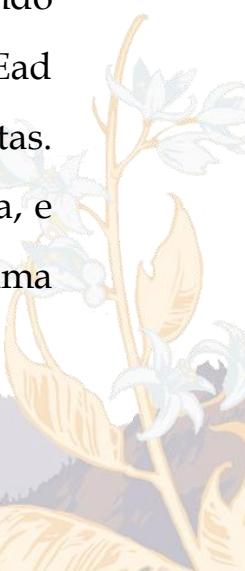
Ead cruzou o espaço entre elas.

— Não mais tola do que eu — disse ela. — Por amar você como amo.

Ela estendeu a mão para Sabran, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Sabran olhou em seus olhos.

Elas ficaram cara a cara, mal se tocando. Por fim, Sabran pegou Ead pelas mãos e colocou-as em sua cintura. Ead deslizou-as para frente e começou a desamarrar seu espartilho.

Sabran a observou. Ead queria que esta fosse outra dança da vela, para saborear a longa escalada de sua intimidade, mas ela precisava muito dela. Seus dedos se enlaçaram sob os laços e os puxaram pelos ganchos, um após o outro, e por fim o espartilho se abriu e caiu, deixando Sabran com sua camisola. Ead deslizou a seda de seus ombros e a segurou pelos quadris.

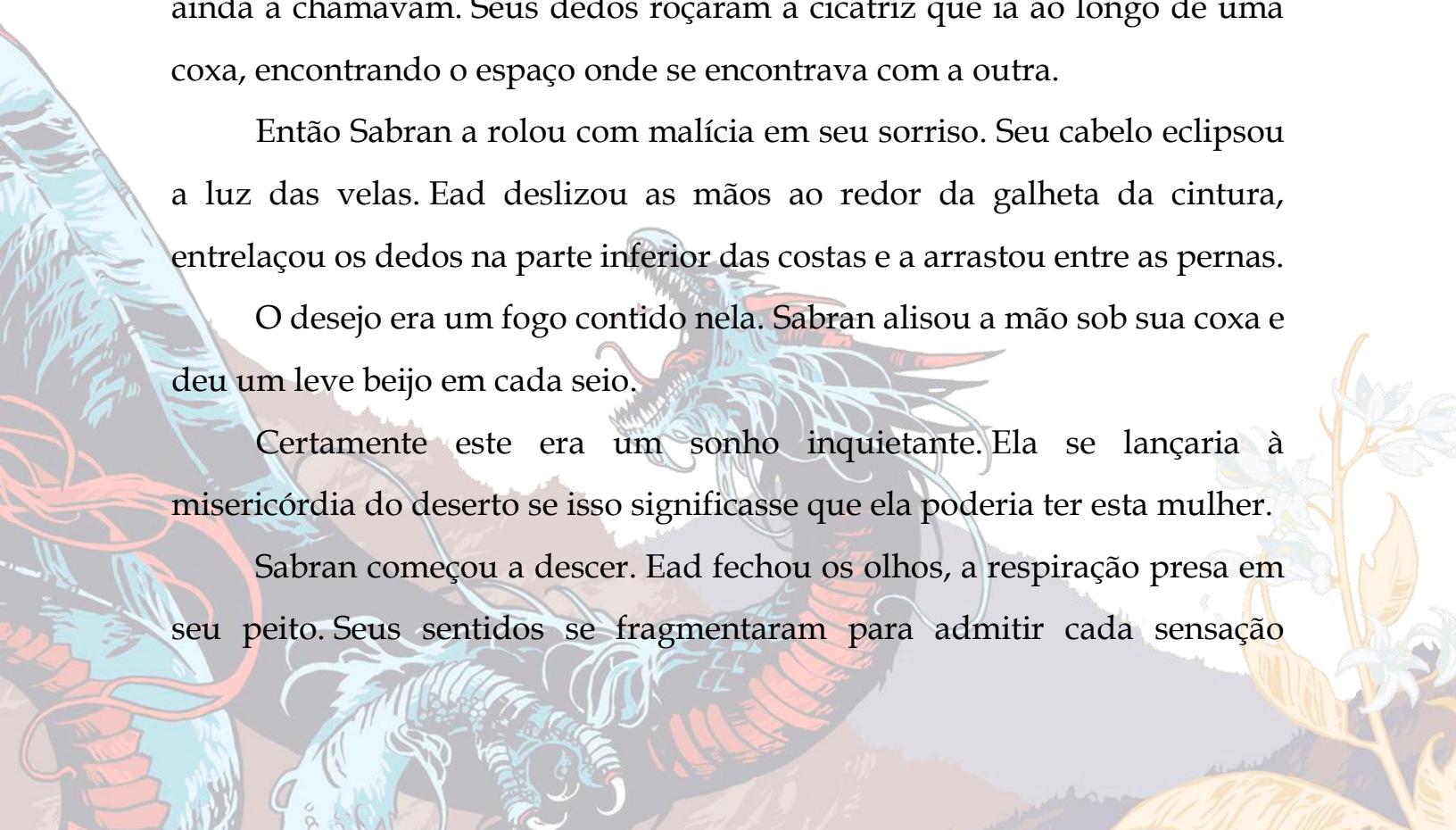


Ela estava nua nas sombras. Ead bebeu de seus membros, seu cabelo, seus olhos como o fogo da raposa.

O espaço entre elas desapareceu. Agora foi Sabran quem desamarrou. Ead fechou os olhos e deixou-se despir.

Elas se abraçaram como companheiras na primeira noite. Quando Sabran deu um beijo em seu pescoço, logo atrás da curva de sua orelha, Ead deixou sua cabeça tombar para o lado. Sabran deslizou as mãos pelas costas.

Ead a abaixou para a cama. Lábios famintos vieram contra os dela, e Sabran soprou seu nome. Parecia que séculos se passaram desde a última vez que elas estiveram aqui.



Elas se entrelaçaram entre as peles e os lençóis, sem fôlego e ferozes. Ead estremeceu de ansiedade enquanto reprendia cada detalhe da mulher que havia deixado para trás. As maçãs do rosto e o nariz empinado. Sua sobrancelha lisa. A coluna de sua garganta e o pequeno cálice em sua base. As covinhas se afundando nas costas, como as impressões das pontas dos dedos. Sabran abriu os lábios com os dela e Ead a beijou como se este fosse seu último ato na terra. Como se esse abraço pudesse manter o Inominável à distância.

Suas línguas dançavam da mesma forma que seus quadris. Ead abaixou a cabeça e tocou com os lábios cada clavícula de corte fino, os botões de rosa na ponta dos seios. Ela beijou a barriga, onde os hematomas finalmente desapareceram. O único vestígio da verdade era uma fenda abaixo do umbigo.

Sabran embalou seu rosto. Ead olhou nos olhos que a assombravam e ainda a chamavam. Seus dedos roçaram a cicatriz que ia ao longo de uma coxa, encontrando o espaço onde se encontrava com a outra.

Então Sabran a rolou com malícia em seu sorriso. Seu cabelo eclipsou a luz das velas. Ead deslizou as mãos ao redor da galheta da cintura, entrelaçou os dedos na parte inferior das costas e a arrastou entre as pernas.

O desejo era um fogo contido nela. Sabran alisou a mão sob sua coxa e deu um leve beijo em cada seio.

Certamente este era um sonho inquietante. Ela se lançaria à misericórdia do deserto se isso significasse que ela poderia ter esta mulher.

Sabran começou a descer. Ead fechou os olhos, a respiração presa em seu peito. Seus sentidos se fragmentaram para admitir cada sensação

luminosa. Pele aquecida pelo fogo. Creme e cravo. Quando um dedo roçou seu umbigo, ela estava tensa, tremendo e vidrada de suor. Quando seus quadris se ergueram em boas-vindas, lábios suaves traçaram a curva de sua coxa.

Cada tendão dela era uma corda de um virginal, doendo pelo golpe do músico. Seus sentidos estavam tensos em torno de centros cada vez menores, tensos com o tom de Sabran Berethnet, e cada toque vibrava em seus ossos.

— Eu não sou sua *rainha* —, Sabran sussurrou sobre sua pele — mas eu sou sua. — Ead passou os dedos pela escuridão de seu cabelo. — E você descobrirá que também posso ser generosa.



Elas dormiam apenas quando tinham membros muito pesados e saciados para manter a exaustão sob controle. Em algum momento da madrugada, elas acordaram com o barulho da chuva batendo na janela e se procuraram novamente, corpos ecoando a luz das brasas.

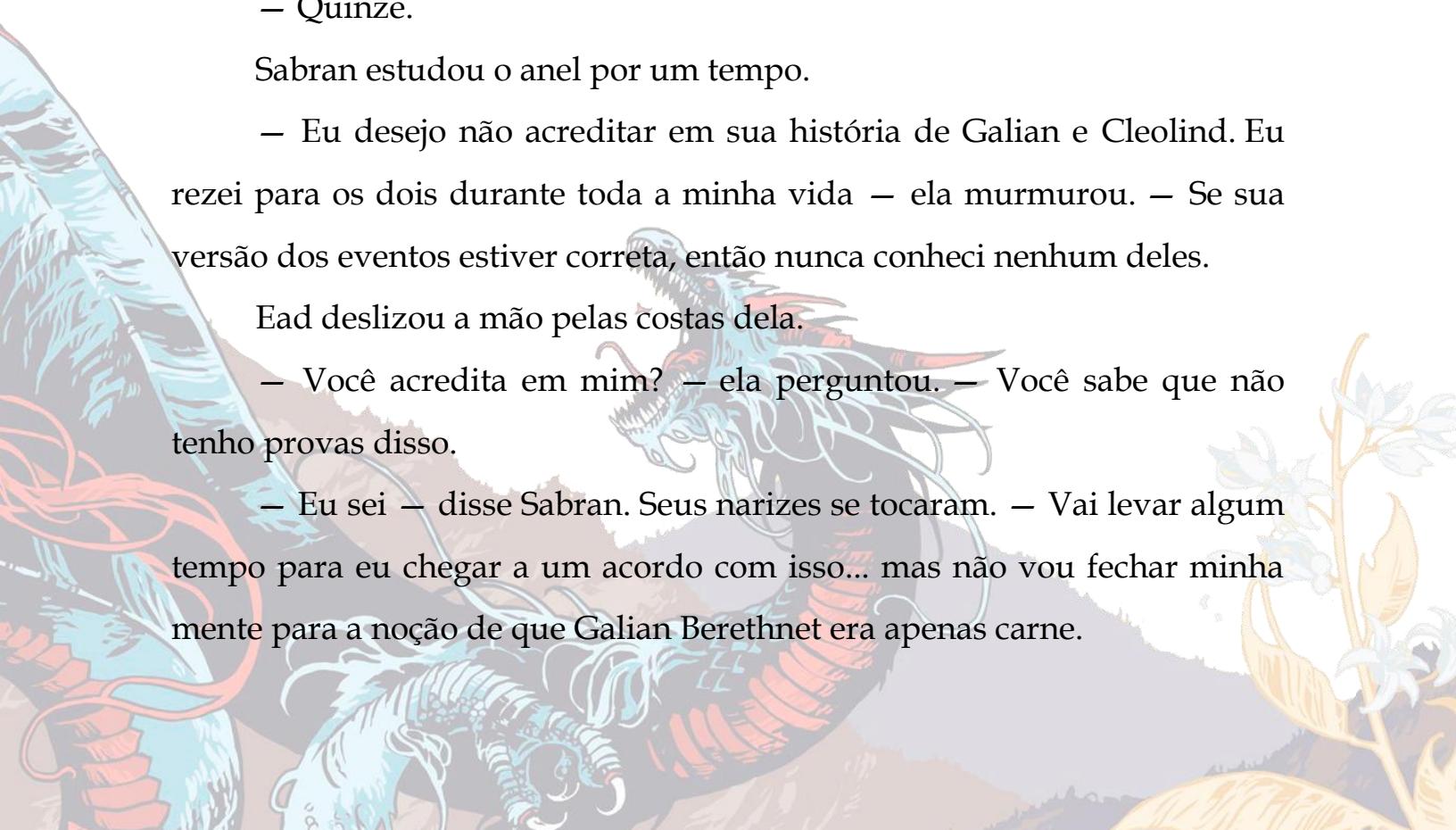
Depois, elas ficaram entrelaçadas sob as cobertas.

— Você deve permanecer como minha Senhora do Quarto de Dormir — murmurou Sabran. — Por isso. Por nós.

Ead olhou para a pedra ornamentada no teto.

— Posso fazer o papel de Dama Nurtha — disse ela. — Mas sempre será um papel.

— Eu sei. — Sabran olhou para a escuridão. — Eu me apaixonei por um papel que você desempenhou.



Ead tentou não deixar que as palavras encontrassem seu coração, mas Sabran tinha um jeito de sempre alcançá-lo.

Chassar moldou Ead Duryan, e ela a habitou tão completamente que todos caíram no ato. Pela primeira vez, ela entendeu a profundidade da traição e confusão que Sabran devia estar sentindo.

Sabran pegou Ead pela mão e traçou a parte de baixo de seu dedo. Aquele que segurava seu anel de pedra-do-sol.

— Você não usava isso antes.

Ead estava perto de adormecer.

— É o símbolo do Priorado — disse ela. — O anel de uma assassina.

— Você matou uma criatura Dracônica, então.

— Muito tempo atrás. Com minha irmã Jondú. Matamos um wyvern que havia acordado em Lâmina Divina.

— Quantos anos você tinha?

— Quinze.

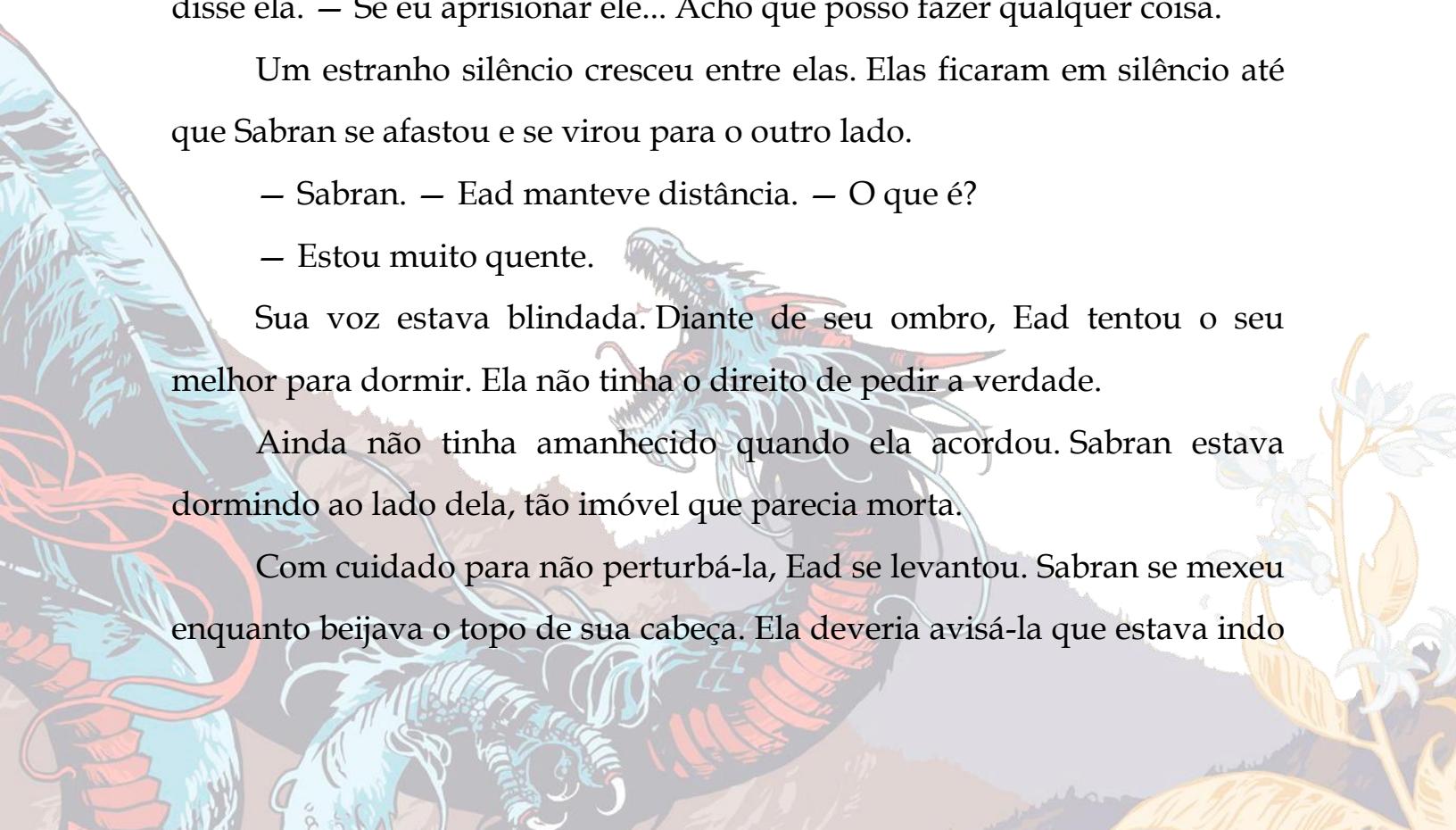
Sabran estudou o anel por um tempo.

— Eu desejo não acreditar em sua história de Galian e Cleolind. Eu rezei para os dois durante toda a minha vida — ela murmurou. — Se sua versão dos eventos estiver correta, então nunca conheci nenhum deles.

Ead deslizou a mão pelas costas dela.

— Você acredita em mim? — ela perguntou. — Você sabe que não tenho provas disso.

— Eu sei — disse Sabran. Seus narizes se tocaram. — Vai levar algum tempo para eu chegar a um acordo com isso... mas não vou fechar minha mente para a noção de que Galian Berethnet era apenas carne.



Sua respiração ficou mais suave. Por um tempo, Ead pensou que ela havia voltado a dormir. Então Sabran disse:

— Temo a guerra que Fýredel anseia. — Ela entrelaçou seus dedos. — E a sombra do Inominável.

Ead apenas acariciou seu cabelo com uma das mãos.

— Vou me dirigir ao meu povo em breve. Eles devem saber que eu ficarei contra o Exército Dracônico e que existe um plano para acabar com a ameaça de uma vez por todas. Se você conseguir encontrar a Espada Verdadeira, vou mostrá-la a eles. Para levantar seu ânimo. — Sabran ergueu os olhos. — Sua ambição é derrotar o Inominável. Se você for bem-sucedida, o que você fará?

Ead deixou suas pálpebras caírem. Era uma pergunta que ela tentara ao máximo não fazer a si mesma.

— O Priorado foi fundado para manter o Inominável à distância — disse ela. — Se eu aprisionar ele... Acho que posso fazer qualquer coisa.

Um estranho silêncio cresceu entre elas. Elas ficaram em silêncio até que Sabran se afastou e se virou para o outro lado.

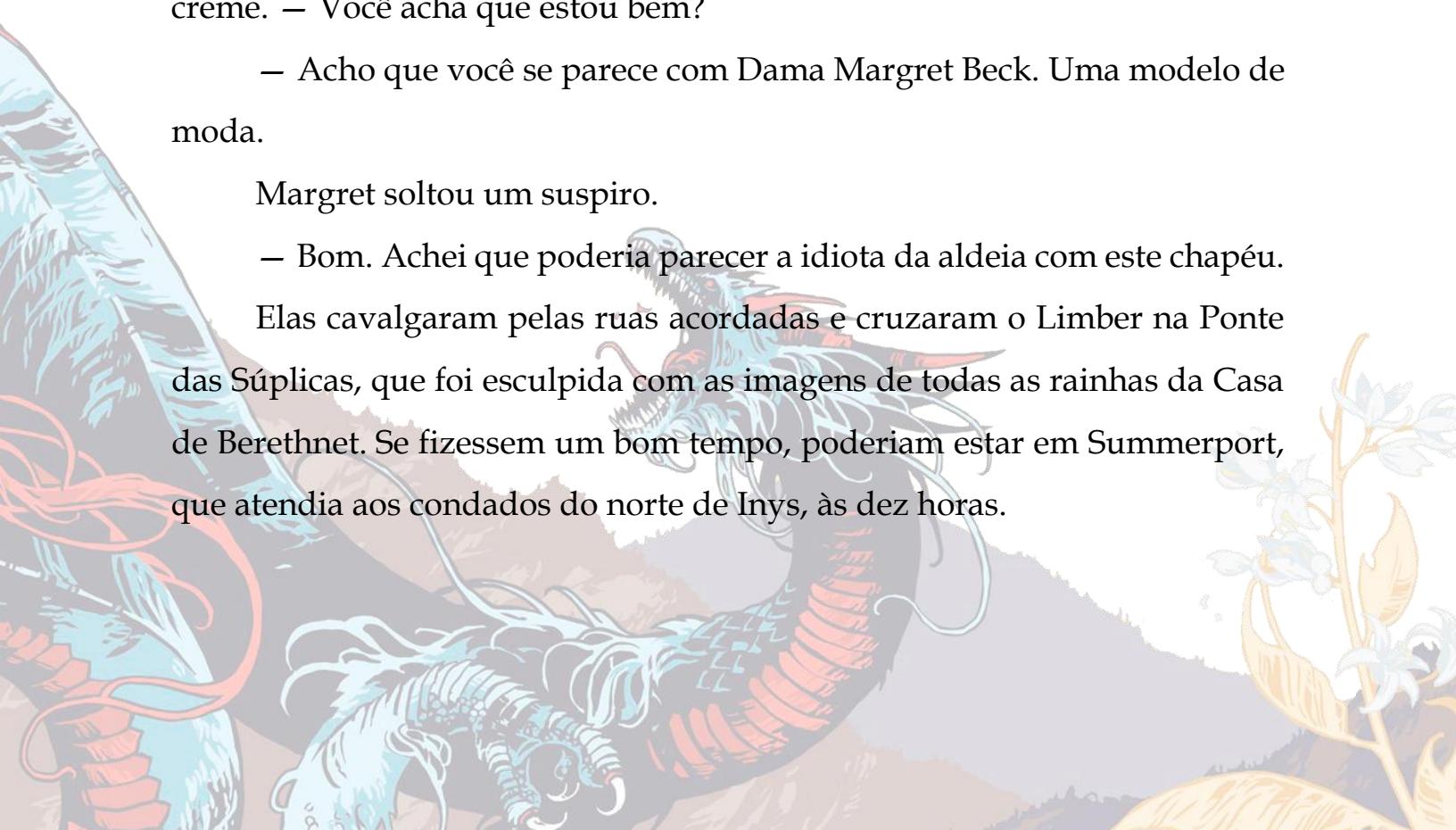
— Sabran. — Ead manteve distância. — O que é?

— Estou muito quente.

Sua voz estava blindada. Diante de seu ombro, Ead tentou o seu melhor para dormir. Ela não tinha o direito de pedir a verdade.

Ainda não tinha amanhecido quando ela acordou. Sabran estava dormindo ao lado dela, tão imóvel que parecia morta.

Com cuidado para não perturbá-la, Ead se levantou. Sabran se mexeu enquanto bejava o topo de sua cabeça. Ela deveria avisá-la que estava indo



embora, mas mesmo dormindo ela parecia cansada. Pelo menos agora ela estava segura, cercada por pessoas que a amavam.

Ead deixou o Grande Quarto de Dormir e voltou para seus aposentos, onde se lavou e se vestiu. Margret já estava nos estábulos com um traje de montaria e um chapéu enfeitado com uma pena de avestruz, selando um palafrém de olhos sonolentos. Quando ela sorriu, Ead a abraçou.

— Estou muito feliz por você, Meg Beck. — Ela beijou sua bochecha. — A futura Viscondessa Morwe.

— Eu gostaria que ele não precisasse ser Visconde Morwe para ser considerado digno de mim, mas as coisas são como são. — Margret se retirou e agarrou as mãos dela. — Ead, você será minha condutora?

— Seria uma honra. E agora você pode dar a boa notícia aos seus pais. Margret suspirou. Seu pai às vezes não conhecia os filhos.

— Sim. Mamãe ficará radiante. — Ela alisou a frente de sua jaqueta creme. — Você acha que estou bem?

— Acho que você se parece com Dama Margret Beck. Uma modelo de moda.

Margret soltou um suspiro.

— Bom. Achei que poderia parecer a idiota da aldeia com este chapéu. Elas cavalgaram pelas ruas accordadas e cruzaram o Limber na Ponte das Súplicas, que foi esculpida com as imagens de todas as rainhas da Casa de Berethnet. Se fizessem um bom tempo, poderiam estar em Summerport, que atendia aos condados do norte de Inys, às dez horas.

— Sua dança com Sab na noite passada fez com que as línguas se mexessem. — Margret olhou para ela. — O boato é que vocês duas são amantes.

— O que você diria se isso fosse verdade?

— Eu diria que você e ela podem fazer o que quiserem.

Ela podia confiar em Margret. A Mãe sabia que seria bom ter alguém com quem conversar sobre seus sentimentos por Sabran, mas algo a fazia querer manter isso em segredo, para manter suas horas roubadas.

— Os rumores não são novidade na corte — foi tudo o que ela disse. — Venha, conte-me seus planos para o casamento. Eu acho que você ficaria muito bem em amarelo. O que você me diz?



O terreno do Palácio Ascalon estava envolto em névoa matinal. Uma pancada de chuva caiu e congelou durante a noite, transformando os caminhos em vidro fosco e cobrindo cada peitoril da janela com pingentes de gelo.

Loth estava diante das ruínas da Galeria de Mármore, onde ele e Sabran frequentemente se sentavam e conversavam por horas. Havia uma beleza assustadora na maneira como a pedra caiu no chão como cera.

Nenhum fogo natural poderia tê-lo derretido. Apenas algo vomitado pelo Montanha do Pavor

— Foi aqui que perdi minha filha.

Ele olhou por cima do ombro. Sabran estava por perto, o rosto queimado de frio sob um chapéu de pele. Seus Cavaleiros do Corpo esperavam à distância, todos com a armadura prateada do inverno.

— Eu a chamei de Glorian. O maior nome da minha linhagem. Cada uma de suas três portadoras foram grandes rainhas. — Seu olhar estava no passado. — Muitas vezes me pergunto como ela seria. Se o nome dela fosse um fardo, ou se ela se tornaria ainda mais ilustre do que as outras.

— Eu acho que ela teria sido tão destemida e virtuosa quanto sua mãe. Sabran esboçou um sorriso cansado.

— Você teria gostado de Aubrecht. — Ela veio ficar ao lado dele. — Ele era gentil e honrado. Gostaria de você.

— Lamento nunca o ter conhecido — disse Loth.

Eles viram o sol nascer. Em algum lugar do terreno, uma cotovia começou a chiar.

— Eu orei esta manhã por Lorde Kitston. — Sabran apoiou a cabeça em seu ombro e ele a puxou para perto. — Ead não acredita que Halgalant nos espera após a morte. Talvez ela esteja certa — mas ainda confio, e sempre confiarei, que existe uma vida além desta. E espero que ele tenha encontrado.

— Devo confiar nisso também. — Loth pensou no túnel. Essa tumba solitária. — Obrigado, Sab. Verdadeiramente.

— Sei que a morte dele ainda deve machucar você, com razão — disse Sabran. — Mas não deve permitir que isso atrapalhe seu julgamento.

— Eu sei disso. — Ele respirou fundo. — Devo visitar Combe.

— Muito bem. Estarei na Biblioteca Privada, cuidando de assuntos de estado negligenciados.

— Um dia revigorante pela frente, então.

— De fato. — Com outro sorriso cansado, Sabran voltou para a Torre da Rainha. — Bom dia para você, Lorde Arteloth.

— Bom dia, Sua Majestade.

Apesar de tudo, era bom estar de volta à corte.

Na Torre Dearn, Lorde Seyton Combe estava enrolado em um cobertor, lendo um livro de orações com os olhos vermelhos. Ele estava tremendo, e não era de se admirar.

— Lorde Arteloth — disse o Falcão da Noite, quando o carcereiro deixou Loth entrar. — Que bomvê-lo de volta à corte.

— Eu gostaria de poder ter um sentimento tão caloroso por você, Sua Graça.

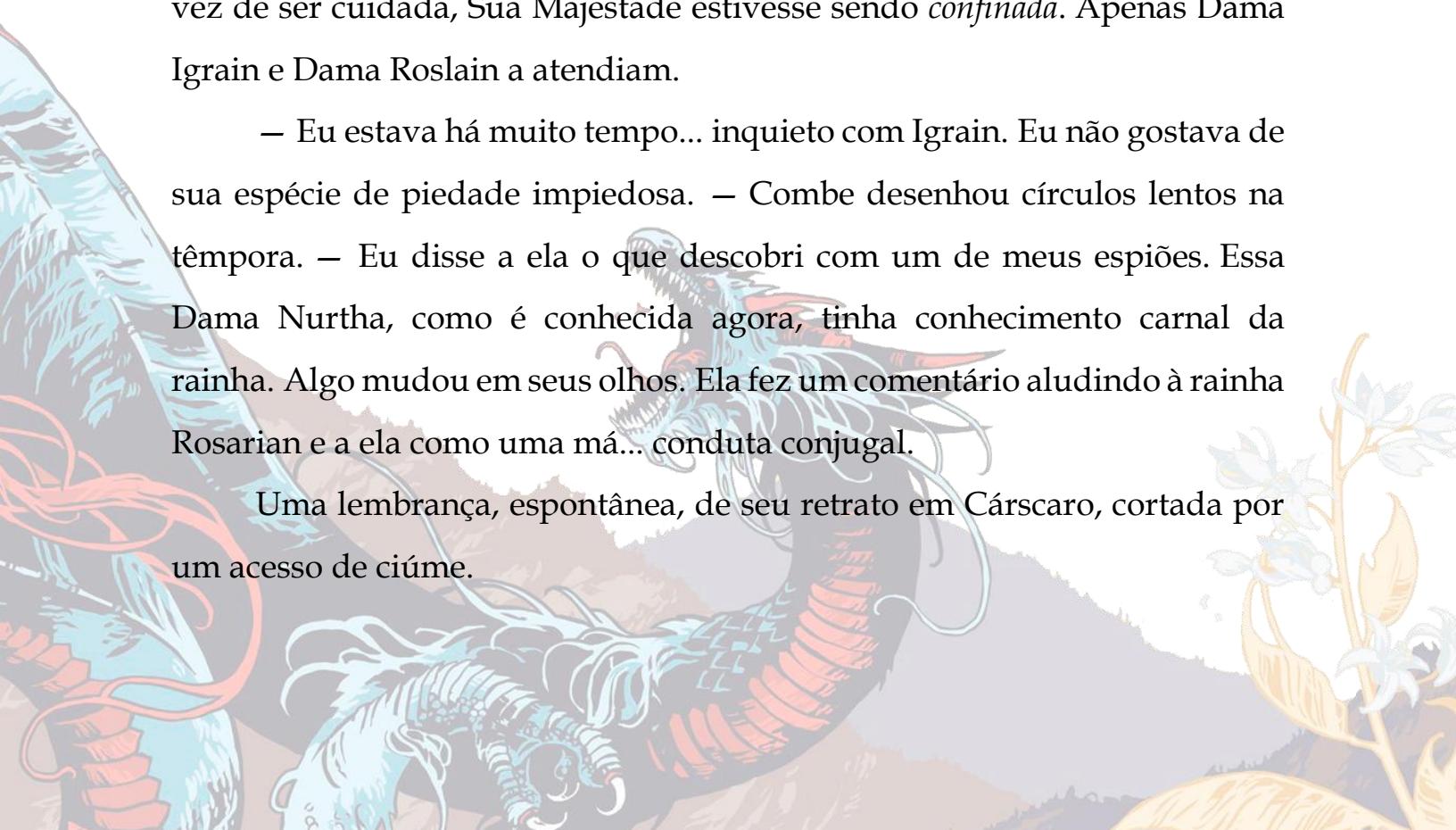
— Oh, eu não espero nenhum calor, meu senhor. Tive bons motivos para te mandar embora, mas você não vai gostar deles.

Mantendo seu rosto limpo de emoção, Loth se sentou.

— Por enquanto, a rainha Sabran confiou a mim a investigação da tentativa de usurpação de seu trono — disse ele. — Gostaria de ouvir tudo o que você sabe sobre Crest.

Combe recostou-se. Loth sempre achou esses olhos enervantes.

— Quando a rainha Sabran ficou confinada ao leito doente —, Combe começou — não tive motivo, a princípio, para suspeitar que algo estava errado com seus cuidados. Ela concordou em ficar na Torre da Rainha para esconder seu aborto, e Dama Roslain estava disposta a ficar com ela durante



sua doença. Então, não muito depois que a Senhora Duryan deixou a capital...

— Fugiu — Loth corrigiu. — Temendo por sua vida. Banir amigos da rainha é um hábito seu, Vossa Graça.

— Eu tenho o hábito de protegê-la, meu senhor.

— Você falhou.

Com isso, Combe deu um longo suspiro.

— Sim. — Ele esfregou as sombras sob seus olhos. — Sim, meu senhor, eu falhei.

Loth sentiu, para sua exasperação, uma centelha de simpatia.

— Continue — disse ele.

Um momento se passou antes de Combe o fazer.

— O Doutor Bourn veio falar comigo — contou ele. — Ele tinha recebido ordens de sair da Torre Rainha. Ele confessou seu medo de que, em vez de ser cuidada, Sua Majestade estivesse sendo *confinada*. Apenas Dama Igrain e Dama Roslain a atendiam.

— Eu estava há muito tempo... inquieto com Igrain. Eu não gostava de sua espécie de piedade impiedosa. — Combe desenhou círculos lentos na têmpora. — Eu disse a ela o que descobri com um de meus espiões. Essa Dama Nurtha, como é conhecida agora, tinha conhecimento carnal da rainha. Algo mudou em seus olhos. Ela fez um comentário aludindo à rainha Rosarian e a ela como uma má... conduta conjugal.

Uma lembrança, espontânea, de seu retrato em Cársaro, cortada por um acesso de ciúme.

— Comecei a encaixar as peças e não gostei da imagem que formavam — disse Combe. — Senti que Igrain estava embriagada de poder com sua própria virtude patronal. E que ela estava conspirando para substituir sua rainha por outra pessoa.

— Roslain.

Combe assentiu.

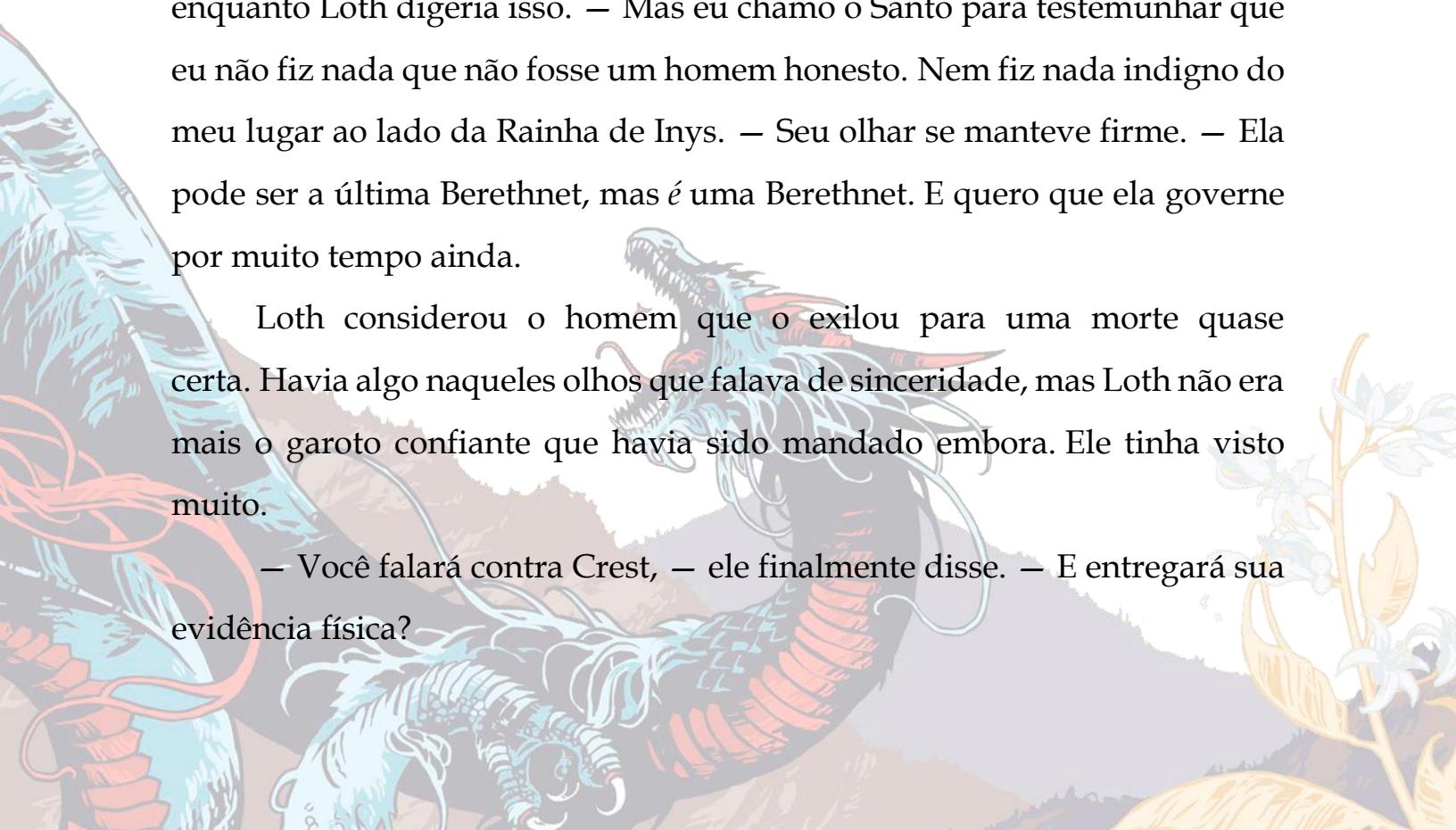
— A futura chefe da família Crest. Quando tentei entrar nos aposentos reais, fui barrado por lacaios, que me disseram que a rainha não estava bem para visitas. Fui embora sem hesitar, mas naquela noite, eu, ah, preendi a secretária de Igrain.

— A Duquesa é uma mulher inteligente. Ela sabia que não devia guardar nada em seu próprio escritório, mas sua secretária, sob pressão, entregou documentos relativos a suas finanças. — Um sorriso sombrio. — Encontrei estipêndios recorrentes do Ducado de Askrdal. Um grande pagamento de Cársaro, pago após a morte da Rainha-Mãe. Pano fino e joias para suborno. Um número significativo de coroas foi transferido de seus cofres para os de um comerciante chamado Tam Atkin. Descobri que ele é o meio-irmão de Bess Weald, que atirou em Lievelyn.

— Uma conspiração que está se formando há mais de uma década —, disse Loth. — E você não viu nada disso. — O canto de sua boca se encolheu. — Um falcão tem olhos penetrantes. Talvez eles devam chamá-lo de Toupeira Noturna. Focando cegamente no escuro.

Combe deu uma risadinha sem graça, mas se transformou em tosse.

— Eu teria merecido — ele murmurou. — Você vê, Lorde Arteloth, enquanto meus olhos estão em toda parte, eu os fechei para aqueles de



sangue sagrado. Eu *presumi* a lealdade dos outros Duques Espirituais. E então, eu não observei.

Ele estava tremendo mais do que nunca.

— Eu tinha provas contra Igrain — continuou Combe. — Mas tive de agir com cuidado. Ela ocupou a Torre da Rainha, você entende, e qualquer movimento precipitado contra ela poderia ter colocado Sua Majestade em perigo. Conversei com Dama Nelda e Lorde Lemand e decidimos que a melhor opção seria ir para nossas propriedades, voltar com nossos séquitos e apagar a centelha da usurpação. Sorte, meu senhor, que você chegou primeiro, ou poderia ter havido muito mais derramamento de sangue.

Houve uma pausa enquanto Loth pensava no assunto. Por mais que ele não gostasse do homem, aquilo soava verdadeiro.

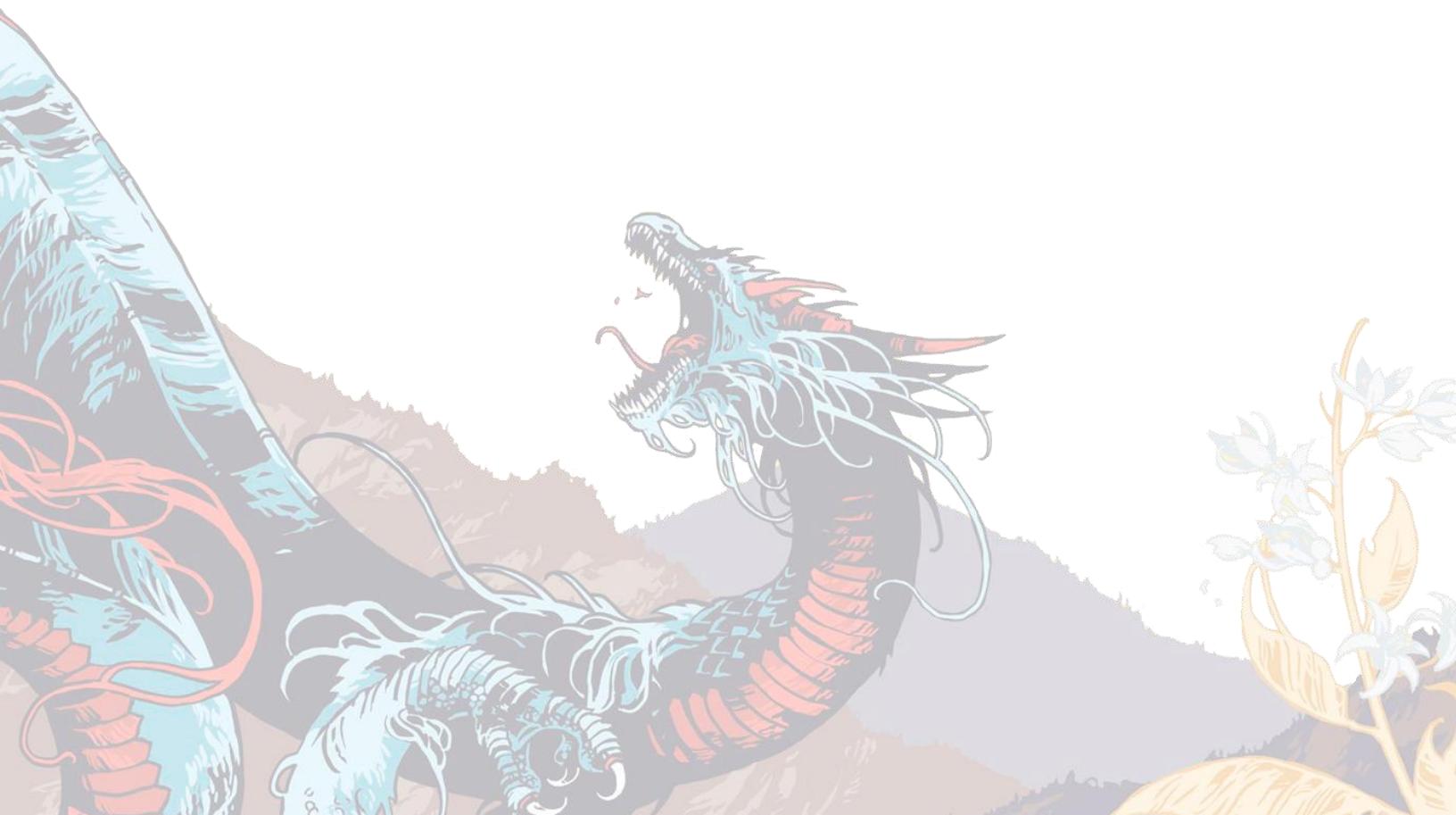
— Eu entendo que Igrain buscou o poder assim que eu bani Dama Nurtha, então posso parecer cúmplice de seus crimes —, Combe disse enquanto Loth digeria isso. — Mas eu chamo o Santo para testemunhar que eu não fiz nada que não fosse um homem honesto. Nem fiz nada indigno do meu lugar ao lado da Rainha de Inys. — Seu olhar se manteve firme. — Ela pode ser a última Berethnet, mas é uma Berethnet. E quero que ela governe por muito tempo ainda.

Loth considerou o homem que o exilou para uma morte quase certa. Havia algo naqueles olhos que falava de sinceridade, mas Loth não era mais o garoto confiante que havia sido mandado embora. Ele tinha visto muito.

— Você falará contra Crest, — ele finalmente disse. — E entregará sua evidência física?

— Eu vou.
— E você vai enviar uma quantia em dinheiro para o Conde e a Condessa de Honeybrook? — Loth perguntou. — Pela perda de seu único herdeiro, Kitston Glade. Seu filho amado. — Sua garganta se fechou. — E o amigo mais gentil que já existiu.

— Eu vou. Claro. — Combe inclinou a cabeça. — Que o Cavaleiro da Justiça guie sua mão, meu senhor. Eu rezo para que você seja mais gentil do que sua antecessora.



Capítulo 54

Leste

O mar de Sundance era tão cristalino que o pôr do sol o transformava em um rubi puro. Niclays Roos estava na proa do *Perseguição*, observando as ondas se encontrarem e aumentarem.

Era bom estar em movimento. O *Perseguição* havia atracado por semanas na cidade em ruínas de Kawontay, onde mercadores e piratas que desafiavam a proibição do mar construíram um próspero mercado paralelo. A tripulação carregou o navio com provisões e água doce suficientes para uma viagem de volta, e pólvora e outras munições suficientes para arrasar uma cidade.

No final, eles não venderam Nayimathun. A Imperatriz Dourada decidiu mantê-la como vantagem contra a Guarda do Mar Superior.

Niclays pressionou a mão sobre a túnica, onde um frasco de sangue e a escama que ele esculpiu da criatura estavam escondidos. Todas as noites, ele tirava a escama para examiná-la, mas tudo de que conseguia se lembrar, quando seus dedos traçavam sua superfície, era a maneira como o dragão o olhou enquanto ele separava a armadura de sua carne.

Um farfalhar puxou seu olhar para cima. O *Perseguição* estava navegando com as velas vermelhas de um navio da peste, comprado para ajudar em sua passagem pelo Mar de Sundance. No entanto, ele permaneceu

o navio mais reconhecível no Oriente, e logo atraiu o olhar vingativo de Seiiki. Quando a Guarda do Mar Superior e seus cavaleiros de dragão vieram ao seu encontro, a Imperatriz Dourada enviou um barco a remos com um aviso. Ela estriparia a grande Nayimathun como um peixe se uma polegada de seu navio fosse prejudicada, ou se ela pegasse algum deles o seguindo. Como prova de que ela ainda tinha o dragão, ela havia enviado um de seus dentes.

Cada dragão e navio haviam caído para trás. Eles dificilmente poderiam ter agido de outra forma. Ainda assim, era provável que estivessem perseguindo à distância.

— Áí está você.

Niclays se virou. Laya Yidagé veio ficar ao lado dele.

— Você parecia pensativo — disse ela.

— Os alquimistas devem parecer pensativos, querida senhora.

Pelo menos eles estavam se movendo. A cada estrela sob a qual navegavam, eles se aproximavam do fim.

— Eu fiz uma visita ao dragão. — Laya puxou seu xale para mais perto. — Eu acho que está morrendo.

— Não foi alimentado?

— Suas escamas estão secando. A tripulação joga baldes de água do mar nele, mas precisa ser imerso.

O vento soprava em todo o navio. Niclays mal percebeu seu açoite. Sua capa era pesada o suficiente para que ele ficasse confortável como um urso em sua pele. A Imperatriz Dourada deu a ele essas roupas depois de chamá-

lo de Mestre das Receitas, um título dado aos alquimistas da corte no Império dos Doze Lagos.

— Niclays — disse Laya baixinho — acho que você e eu devemos fazer um plano.

— Por quê?

— Porque se não houver uma amoreira no final deste caminho, a Imperatriz Dourada terá a sua cabeça.

Niclays engoliu em seco.

— E se houver?

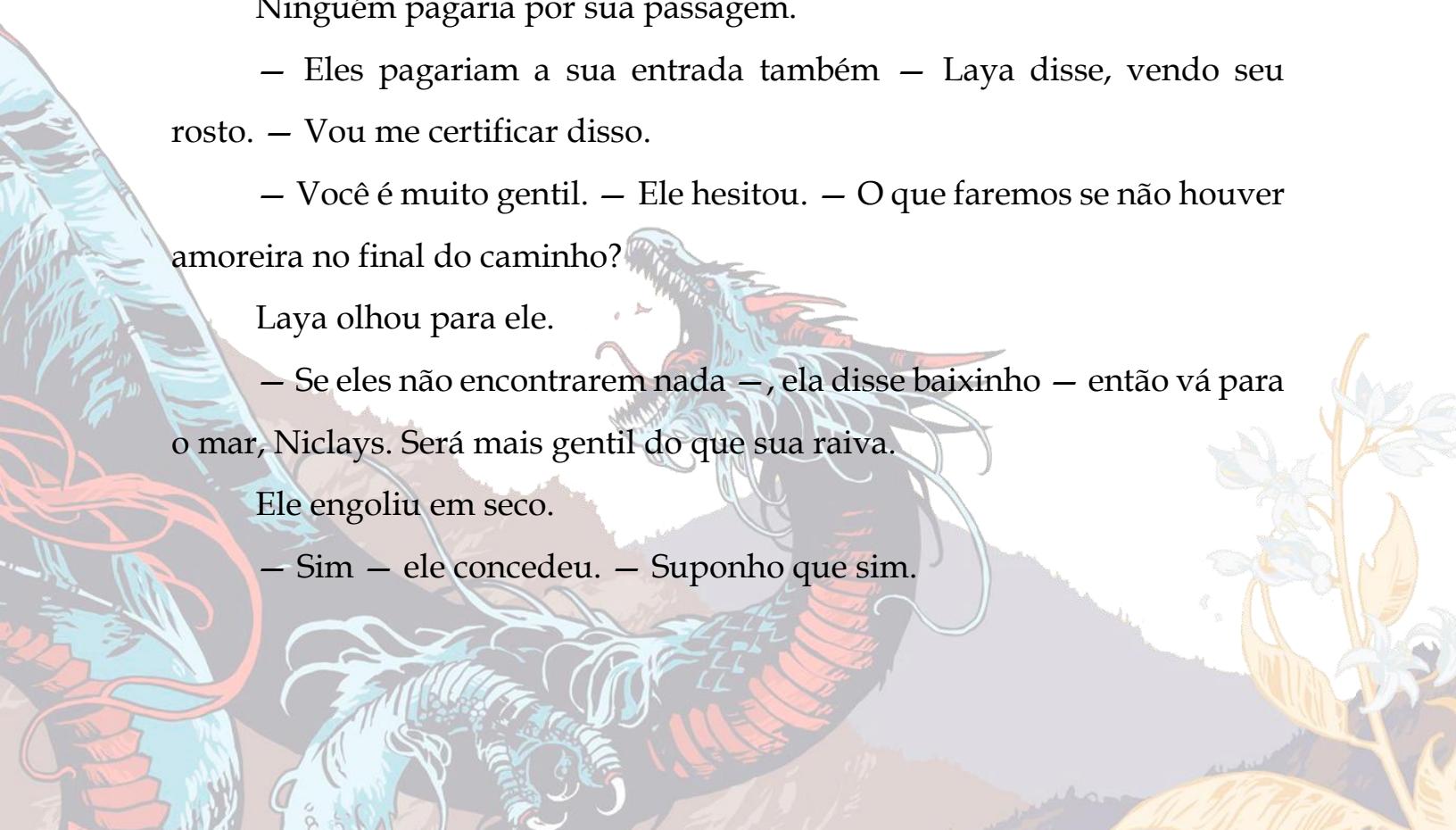
— Bem, então talvez você não morra. Mas já estou farta desta frota. Vivi como uma velha de sal, mas não tenho intenção de morrer. — Ela olhou para ele. — Eu quero ir para casa. Você?

A palavra fez Niclays hesitar.

Casa não foi lugar nenhum por tanto tempo. Seu nome era Roos, em homenagem a Rozentun — uma cidade adormecida com vista para o estreito de Vatten, onde ninguém se lembraria dele. Só sobrou sua mãe, e ela o desprezava.

Truyde poderia se importar se ele vivia ou morria, ele supôs. Ele se perguntou como ela se sairia. Ela ainda estava agitando por uma aliança com o Oriente, ou silenciosamente lamentando seu amante?

Por muito tempo, seu lar fora na corte Mentish, onde gozava de favores reais, onde se apaixonou, mas Edyart estava morto, sua casa dissolvida, sua memória confinada a estátuas e retratos. Niclays não tinha lugar lá agora. Quanto ao tempo que passou em Inys, não foi nada menos que calamitoso.



No final das contas, sua casa sempre fora Jannart.

— Jan morreu por isso. — Ele molhou os lábios. — Pela árvore. Não posso ir embora sem saber seu segredo.

— Você é Mestre das Receitas. Sem dúvida, você terá tempo para estudar a árvore da vida — murmurou Laya. — Se encontrarmos o elixir, suspeito que a Imperatriz Dourada nos levará para o norte, para a Cidade das Mil Flores. Ela tentará vendê-la para a Casa de Lakseng em troca do fim da proibição do mar. Podemos fugir para a cidade e de lá podemos fugir a pé para Kawontay. Você pode levar algumas amostras do elixir com você.

— A pé. — Niclays soltou uma risada silenciosa. — No caso improvável de sobrevivermos a *essa* jornada, o que faríamos a partir daí?

— Existem contrabandistas Ersyri em Kawontay que operam no Mar de Carmentum. Devemos ser capazes de persuadi-los a nos levar através do Abismo. Minha família iria pagá-los.

Ninguém pagaria por sua passagem.

— Eles pagariam a sua entrada também — Laya disse, vendo seu rosto. — Vou me certificar disso.

— Você é muito gentil. — Ele hesitou. — O que faremos se não houver amoreira no final do caminho?

Laya olhou para ele.

— Se eles não encontrarem nada — , ela disse baixinho — então vá para o mar, Niclays. Será mais gentil do que sua raiva.

Ele engoliu em seco.

— Sim — ele concedeu. — Suponho que sim.

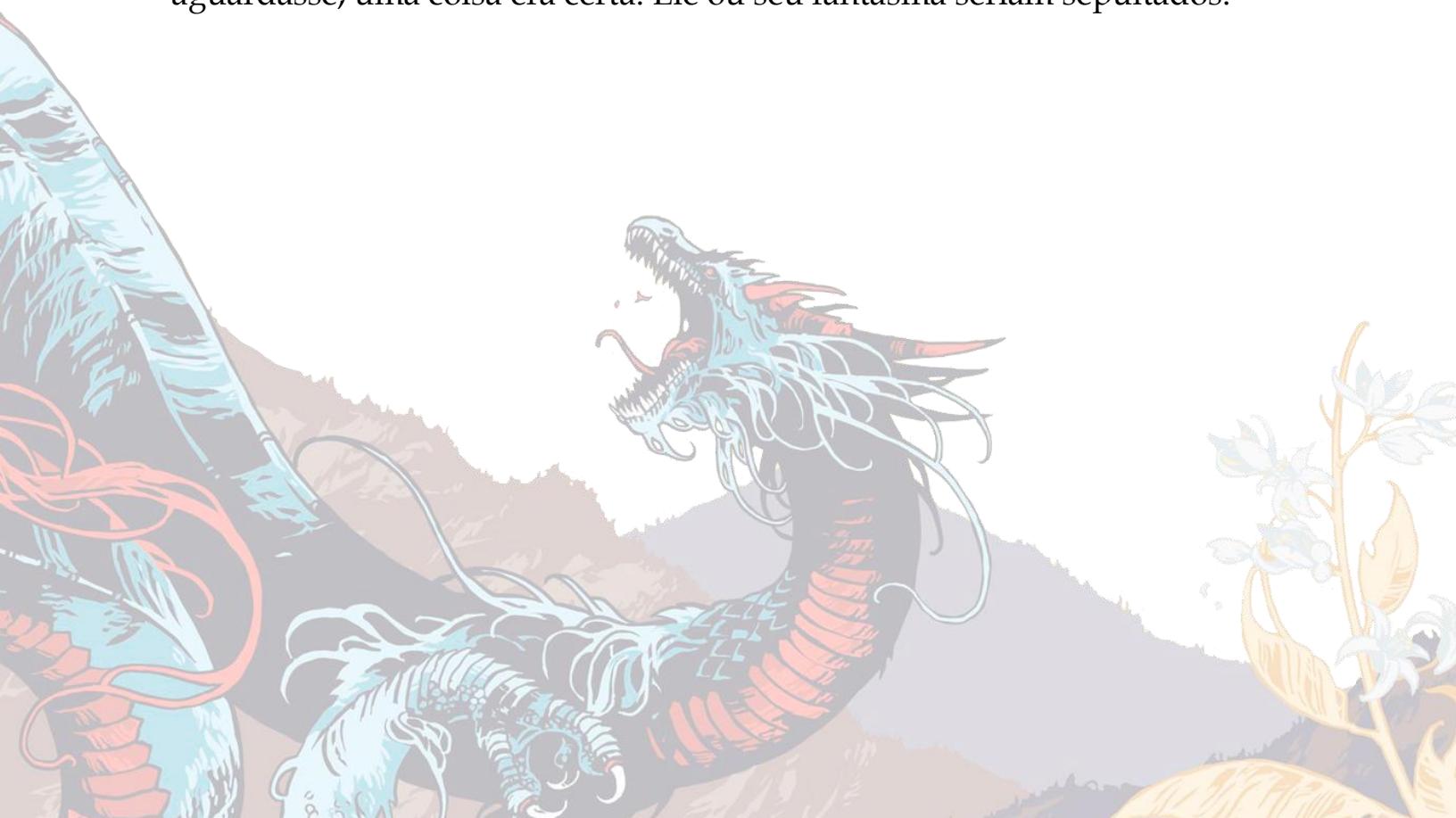
— Nós vamos encontrar algo — ela disse, gentilmente. — Jannart acreditava na lenda. Acho que ele está zelando por você, Niclays. E que ele vai te levar para casa.

Casa.

Ele poderia dar o elixir a qualquer governante que desejasse, e eles lhe concederiam proteção contra Sabran. Brygstad era onde ele mais desejava ir. Ele poderia alugar um sótão no bairro antigo e pagar as contas ensinando alquimia para novatos. Ele podia encontrar um pouco de prazer em suas bibliotecas e nas palestras em seus corredores universitários. Se não lá, então Hróth.

E ele encontraria Truyde. Ele seria um avô para ela e deixaria Jannart orgulhoso.

Quando o *Perseguição* atingiu águas mais profundas, Niclays ficou ao lado de Laya, e eles viram as estrelas surgirem. O que quer que os aguardasse, uma coisa era certa. Ele ou seu fantasma seriam sepultados.



Capítulo 55

Oeste

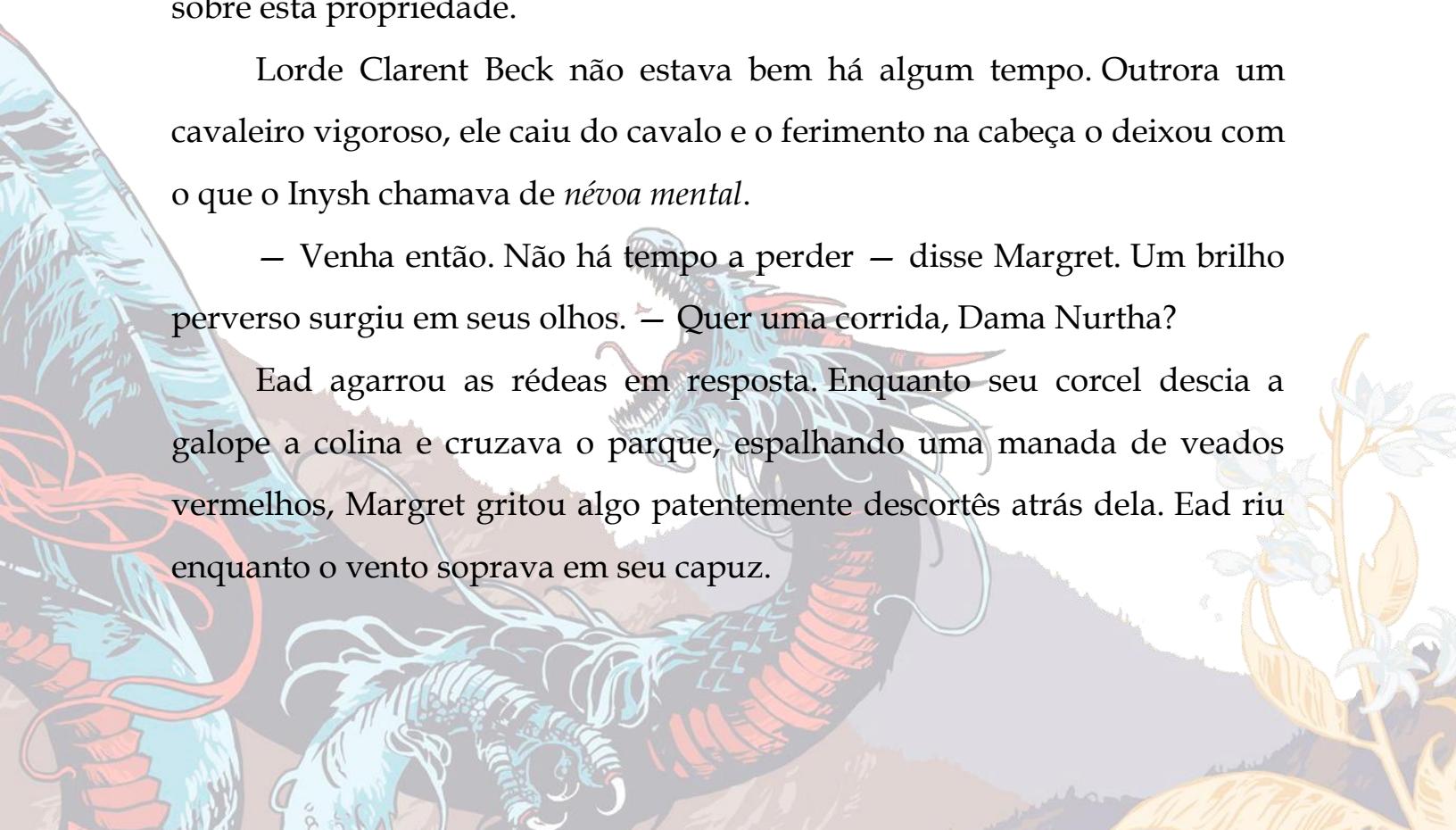
O *Flor de Ascalon*, um navio de passageiros que servia na costa leste de Inys, atracou na antiga cidade comercial de Caliburn do Mar ao meio-dia. Ead e Margret começaram sua jornada através do Leas, seguindo o rio congelado Lissom.

A neve caíra durante a noite no norte e caía sobre os campos como creme alisado com uma faca. Enquanto cavalgavam, os comuns tiraram os chapéus e saudaram Margret, que sorriu e acenou para eles. Ela teria sido uma excelente Condessa de Goldenbirch, se fosse a filha mais velha.

Elas se afastaram do rio e atravessaram a neve até os joelhos. Não havia trabalhadores nos campos no alto inverno, quando a terra estava fria demais para arar, mas Ead manteve o capuz erguido mesmo assim.

A família Beck tinha sua sede em uma grande casa prodígio chamada Serinhall. Ficava cerca de um quilômetro de Goldenbirch, onde Galian Berethnet nascera. A própria aldeia estava em ruínas, mas permaneceu um local de peregrinação em Virtudom. Ficava à sombra da Floresta de Haith, que separava Leas dos Lagos.

Depois de horas de cavalgada que deixaram seus rostos queimados pelo vento, Margret diminuiu a velocidade de seu cavalo no topo de uma colina. Ead olhava através de um trecho branco do parque. Serinhall erguia-



se diante delas, desolado e magnífico, ostentando grandes janelas salientes e altos telhados abobadados.

— Bem, aqui estamos — anunciou Margret. — Você quer ir direto para Goldenbirch?

— Ainda não — disse Ead. — Se Galian escondeu Ascalon nesta província, eu acho que ele teria contado a seus guardiões. Era seu bem mais valioso. O símbolo da Casa de Berethnet.

— E você acha que minha família manteve isso em segredo de suas rainhas todos esses séculos?

— Possivelmente.

Franzindo a testa, Margret disse:

— O Santo veio a Serinhall uma vez, no ano em que a princesa Sabran nasceu. Se havia alguma evidência de que ele *deixou* a espada, então Papai saberia. Ele tornou o trabalho de sua vida saber tudo o que há para saber sobre esta propriedade.

Lorde Clarent Beck não estava bem há algum tempo. Outrora um cavaleiro vigoroso, ele caiu do cavalo e o ferimento na cabeça o deixou com o que o Inysh chamava de *névoa mental*.

— Venha então. Não há tempo a perder — disse Margret. Um brilho perverso surgiu em seus olhos. — Quer uma corrida, Dama Nurtha?

Ead agarrou as rédeas em resposta. Enquanto seu corcel descia a galope a colina e cruzava o parque, espalhando uma manada de veados vermelhos, Margret gritou algo patentemente descortês atrás dela. Ead riu enquanto o vento soprava em seu capuz.

Ela acabou de chegar antes de Margret ao portão. Servos com o emblema da família Beck estavam limpando a neve.

— Dama Margret! — Um junco de um homem com uma barba pontuda curvou-se para ela. — Bem-vinda ao lar, minha senhora.

— Bom dia para você, Mestre Brooke. — Margret desmontou. — Esta é Eadaz uq-Nāra, Viscondesa Nurtha. Você poderia nos levar até a Condessa?

— É claro, é claro. — Vendo Ead, o sujeito curvou-se novamente. — Dama Nurtha. Bem-vinda a Serinhall.

Ead se forçou a acenar com a cabeça, mas este título nunca cairia facilmente sobre ela.

Ela entregou as rédeas de seu cavalo a outro servo. Margret caminhou com ela pelas portas abertas da casa.

No salão de entrada havia um retrato do tamanho da parede. Um homem com pele de ébano e olhos sérios, vestindo o gibão e as meias apertadas que estiveram na moda em Inys há vários séculos.

— Lorde Rothurt Beck — disse Margret quando eles passaram. — Uma figura em uma das tragédias de Inys. Cornelian a Terceira se apaixonou por Lorde Rothurt, mas ele já estava casado. E esta — Margret apontou para outro retrato — é Margret Ironside, minha homônima. Ela liderou nossas forças durante a Rebelião da Casa Gorse.

Ead ergueu as sobrancelhas.

— Lorde Morwe está se casando com uma linhagem nobre, de fato.

— Sim. Tenha pena do homem — disse Margret, cansada. — Mamãe nunca vai deixá-lo esquecer.

Mestre Brooke os conduziu por um verdadeiro labirinto de corredores com painéis de madeira e grandes portas de carvalho. Todo esse espaço para duas pessoas e seus empregados.

Dama Annes Beck estava lendo na grande câmara quando eles entraram. Já uma mulher alta, ela usava um acessório que aumentava vários centímetros a sua estatura. Sua pele marrom não tinha rugas, mas fios de cinza ondulavam pelas espirais de seu cabelo.

— O que é, Mestre Brooke? — Ela olhou para cima e tirou os óculos. — Santo! Margret!

Margret fez uma reverência.

— Ainda não sou uma santa, mamãe, mas me dê um tempo.

— Oh, minha filha.

Dama Annes correu de braços abertos para a filha. Ao contrário de seus filhos, ela tinha um sotaque sulista.

— Eu soube apenas esta manhã sobre seu noivado com Lorde Morwe — disse ela, abraçando Margret. — Eu deveria sacudir você por aceitar sem pedir nossa permissão, mas já que a rainha Sabran deu a dela... — Ela sorriu. — Oh, ele encontrou um esplendor raro em você, minha querida.

— Obrigada mãe...

— Agora, eu já encomendei o melhor cetim para o seu vestido. Um belo azul rico ficaria muito bem em você. Meu comerciante favorito em Greensward está enviando o tecido de Kantmarkt. Você vai usar um cocar de coração, é claro, com pérolas brancas e safiras, e *deve* se casar no Santuário de Caliburn do Mar, como eu. Não há lugar mais adorável.

— Bem, mamãe, parece que você tem meu casamento sob controle.

— Margret a beijou na bochecha. — Mamãe, você se lembra da Senhora Duryan. Agora ela é Dame Eadaz uq-Nāra, Viscondessa Nurtha. E minha querida amiga. Ead, deixe-me apresentar minha mãe, a Condessa de Goldenbirch.

Ead fez uma reverência. Ela havia se encontrado com Dama Annes uma ou duas vezes na corte, quando a Condessa fora ver seus filhos, mas não por tempo suficiente para que qualquer uma delas tivesse deixado uma impressão.

— Dame Eadaz — disse Dama Annes com certa rigidez. — Há menos de quatro dias, os arautos disseram que você era procurada por heresia.

— Esses arautos foram pagos por traidores, minha senhora — disse Ead. — Sua Majestade não dá crédito às suas palavras.

— Hm. — Dama Annes a examinou. — Clarent sempre pensou que você se casaria com meu filho, sabe. Espero que não tenha havido conduta imprópria entre vocês, embora talvez agora você *seja* uma consorte adequada para o futuro Conde de Goldenbirch. — Antes que Ead pudesse imaginar uma resposta, a Condessa bateu palmas. — Brooke! Prepare a refeição da noite.

— Sim, minha senhora. — Veio uma resposta distante.

— Mamãe — protestou Margret — não podemos ficar para o jantar. Precisamos conversar com você sobre...

— Não seja boba, Margret. Você precisará de um pouco de enchimento se quiser dar um herdeiro a Lorde Morwe.

Margret parecia prestes a morrer de vergonha. Dama Annes saiu apressada.

Elas foram deixadas sozinhas na grande câmara. Ead foi até a janela saliente que dava para o parque de veados.

— Esta é uma bela casa — disse ela.

— Sim. Eu sinto terrivelmente sua falta. — Margret passou os dedos pelo virginal. — Sinto muito pela mamãe. Ela é... sincera, mas ela tem boas intenções.

— As mães costumam ser.

— Sim. — Margret sorriu. — Venha. Devemos nós trocar.

Ela conduziu Ead por mais corredores e subiu um lance de escadas até um quarto de hóspedes na ala leste. Ead tirou suas roupas de montaria. Enquanto ela lavava o rosto na bacia, algo chamou sua atenção pela janela. Quando ela o alcançou, não havia nada lá.

Ela estava ficando nervosa. Suas irmãs viriam atrás dela mais cedo ou mais tarde, fosse para silenciá-la ou forçá-la a voltar para Lasia.

Sacudindo-se, ela verificou se suas lâminas estavam ao alcance e se preparou para o jantar. Margret encontrou-se com ela do lado de fora e as duas seguiram para a sala de visitas, onde Dama Annes já estava sentada. Seus servos primeiros encheram seus copos com perada — uma especialidade desta província — antes de trazerem um guisado de caça rico e pão com uma crosta espessa.

— Agora, digam-me, vocês duas, como está a corte. — Dama Annes disse. — Fiquei muito triste em saber que a rainha Sabran perdeu sua filha.

Sua mão vagou para seu próprio diafragma. Ead sabia que ela abortou uma menina antes de ter Margret.

— Sua Majestade está bem agora, mamãe — disse Margret. — Agora que aqueles que a usurparam foram detidos.

— Usurparam ela — a condessa repetiu. — Quem foi?

— Crest.

Dama Annes olhou fixamente.

— Igrain. — Lentamente, ela largou a faca de comer. — Santo, não posso acreditar.

— Mamãe — disse Margret gentilmente. — Ela também está por trás da morte da rainha Rosarian. Ela conspirou com Sigoso Vetalda.

Com isso, Dama Annes respirou fundo. Uma gama de emoções cruzou seu rosto.

— Eu sabia que Sigoso guardaria rancor dela. Ele foi implacável em sua busca. — Sua voz estava tingida de amargura. — Eu também sabia que Rosarian e Igrain não se davam bem, por motivos que é melhor não dizer. Mas para Igrain ter *assassinado* sua rainha, e de tal forma...

Ead se perguntou se Annes Beck, como ex-Dama do Quarto de Dormir, sabia sobre o caso entre Rosarian e Harlowe. Sabia, talvez, que a princesa era uma bastarda.

— Sinto muito, mamãe. — Margret segurou a mão dela. — Crest nunca mais fará mal a ninguém.

Dama Annes conseguiu acenar com a cabeça.

— Pelo menos podemos fechar essa porta agora. — Ela enxugou os olhos. — Só lamento que Arbella não tenha vivido para ouvir isso. Ela sempre se culpou.

Elas comeram em silêncio por um breve momento.

— Como está Lorde Goldenbirch, minha senhora? — Ead perguntou.

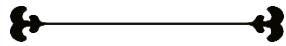
— Temo que Clarent esteja o mesmo. Às vezes ele está no presente, às vezes no passado e às vezes em lugar nenhum.

— Ele ainda está perguntando por mim, mamãe? — Margret disse.

— Sim. Todos os dias — Dama Annes disse, parecendo cansada. — Suba e o veja, o que acha?

Margret olhou para Ead do outro lado da mesa.

— Sim, mamãe — , disse ela. — Claro que eu vou.



Dama Annes se orgulhava de ser anfitriã. Isso significava que Ead e Margret ainda estavam à mesa de jantar cerca de duas horas depois.

Uma lareira larga secava suas roupas. Alimentos que esquentavam os ossos continuavam a jorrar das cozinhas. A conversa voltou-se para as núpcias iminentes, e Dama Annes logo começou a aconselhar a filha sobre sua noite de núpcias.

— Você deve *esperar* ficar desapontada, querida, pois o ato muitas vezes fica terrivelmente aquém da promessa. — Durante todo o tempo, Margret exibia o sorriso dolorido que Ead a vira usar muitas vezes na corte.

— Mamãe —, disse ela, quando finalmente conseguiu falar — eu estava contando a Ead a lenda da família. Que o Santo tenha visitado Serinhall.

Dama Annes engoliu a boca cheia.

— Uma historiadora, não é, Dame Eadaz?

— Eu tenho um interesse, minha senhora.

— Bem — disse a Condessa. — De acordo com os registros, Serinhall hospedou o Santo por três dias, logo após a morte da rainha Cleolind no parto. Nossa família era amiga de longa data e aliada do rei Galian. Alguns dizem que por um tempo ele confiava apenas neles, mesmo acima de sua Comitiva Sagrada.

Enquanto torta de coalhada, maçãs assadas e leite doce eram entregues perfeitamente, Ead trocou um olhar com Margret.



Quando a refeição finalmente acabou, Dama Annes as libertou de sua presença. Margret conduziu Ead escada acima, uma vela na mão.

— Santo — ela disse. — Sinto muito, Ead. Ela está esperando um de nós se casar há anos para que ela possa planejar tudo, e Loth a desapontou bastante nesse aspecto.

— Não importa. Ela se preocupa muito com você.

Quando chegaram às portas elaboradamente esculpidas da ala norte, Margret parou.

— E se... — Ela torceu um anel em seu dedo médio. — E se Papai não se lembrar de mim?

Ead colocou a mão nas costas dela.

— Ele chamou por você.

Com isso, Margret respirou fundo. Ela entregou a vela a Ead e abriu as portas.

O quarto além estava abafado. Lorde Clarent Beck cochilava em uma poltrona, uma colcha sobre os ombros. Apenas o branco de seu cabelo e uma ou duas linhas o distinguiam de Loth, tal era sua semelhança com seu filho. Suas pernas murcharam desde a última vez que Ead o viu.

— Quem é? — Ele se mexeu. — Annes?

Margret foi até ele e segurou seu rosto com as mãos.

— Papai — ela disse. — Papai, é Margret.

Seus olhos se abriram.

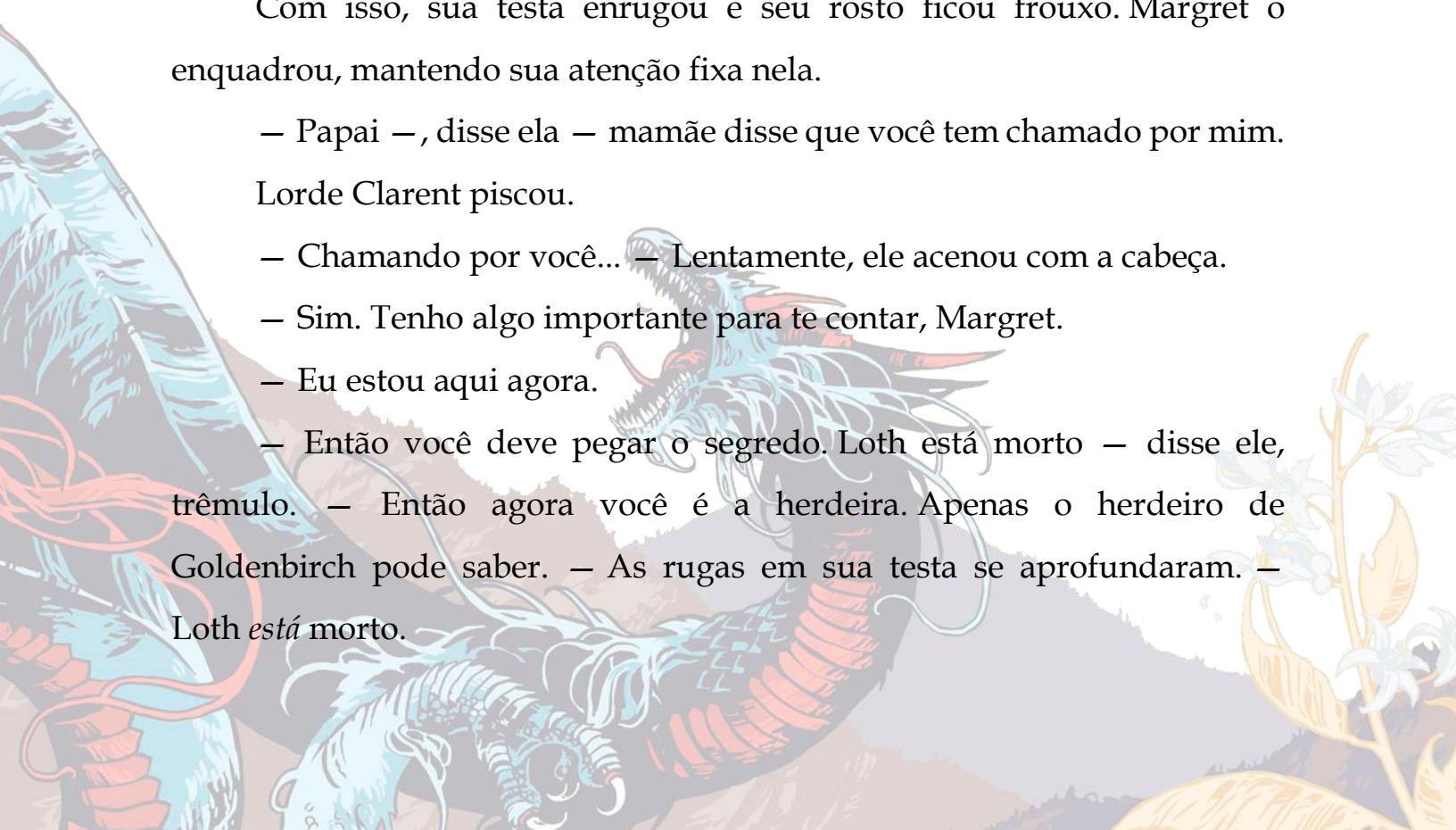
— Meg. — Sua mão veio para o braço dela. — Margret. Essa é realmente você?

— Sim. — Uma risada grossa escapou dela. — Sim, Papai, estou aqui. Lamento ter deixado você por tanto tempo. — Ela beijou sua mão. — Me perdoe.

Ele ergueu o queixo dela com um dedo.

— Margret —, disse ele — você é minha filha. Eu te perdoei por todos os seus pecados no primeiro dia de sua vida.

Margret passou os braços ao redor dele e pressionou o rosto na curva de seu pescoço. Lorde Clarent acariciou seu cabelo com uma mão firme, sua



expressão era de extrema serenidade. Ead nunca soube quem era seu pai biológico, mas de repente ela desejou saber.

— Papai —, disse Margret, recuando — você se lembra de Ead?

Olhos escuros de pálpebras pesadas observaram Ead. Eles eram tão gentis quanto ela se lembrava deles.

— Ead —, ele disse um pouco rouco. — Minha palavra. Ead Duryan.

— Ele estendeu a mão e Ead beijou seu anel de sinete. — Que bom ver você, criança. Você já se casou com meu filho?

Ela se perguntou se ele sabia que Loth havia sido exilado.

— Não, meu senhor — ela disse suavemente. — Loth e eu não nos amamos desse jeito.

— Eu sabia que era bom demais para ser verdade. — Lorde Clarent deu uma risadinha. — Eu esperava vê-lo casado, mas temo que nunca o verei.

Com isso, sua testa enrugou e seu rosto ficou frouxo. Margret o enquadrou, mantendo sua atenção fixa nela.

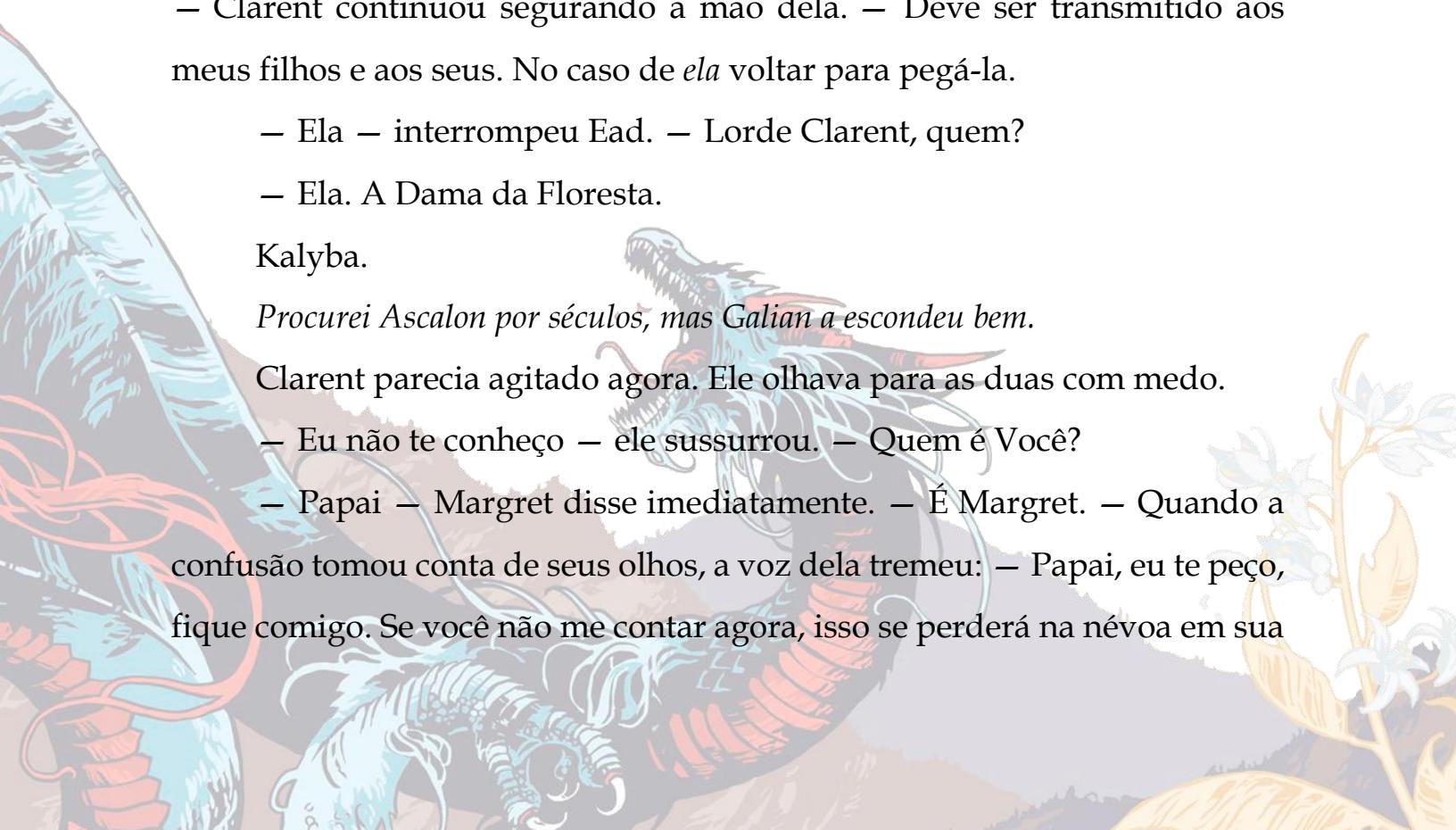
— Papai —, disse ela — mamãe disse que você tem chamado por mim. Lorde Clarent piscou.

— Chamando por você... — Lentamente, ele acenou com a cabeça.

— Sim. Tenho algo importante para te contar, Margret.

— Eu estou aqui agora.

— Então você deve pegar o segredo. Loth está morto — disse ele, trêmulo. — Então agora você é a herdeira. Apenas o herdeiro de Goldenbirch pode saber. — As rugas em sua testa se aprofundaram. — Loth *está* morto.



Ele deveria continuar esquecendo que Loth voltou. Margret olhou para Ead antes de olhar para ele, os polegares circulando suas bochechas.

Elas precisavam dele para acreditar que Loth estava morto. Era a única maneira de descobrirem onde a espada estava escondida.

— Ele está... dado como morto, Papai — disse Margret calmamente. — Eu sou a herdeira.

Seu rosto se enrugou entre as mãos dela. Ead sabia o quanto devia estar doendo a Margret contar a ele uma mentira tão dolorosa, mas convocar Loth de Ascalon levaria dias que poderiam não levar.

— Se Loth está morto, então... então você deve pegá-la, Margret. — Clarent disse, os olhos úmidos. — *Hildistérron*.

A palavra atingiu Ead no estômago.

— *Hildistérron* — Margret murmurou. — Ascalon.

— Quando me tornei Conde de Goldenbirch, sua avó me contou. — Clarent continuou segurando a mão dela. — Deve ser transmitido aos meus filhos e aos seus. No caso de *ela* voltar para pegá-la.

— Ela — interrompeu Ead. — Lorde Clarent, quem?

— Ela. A Dama da Floresta.

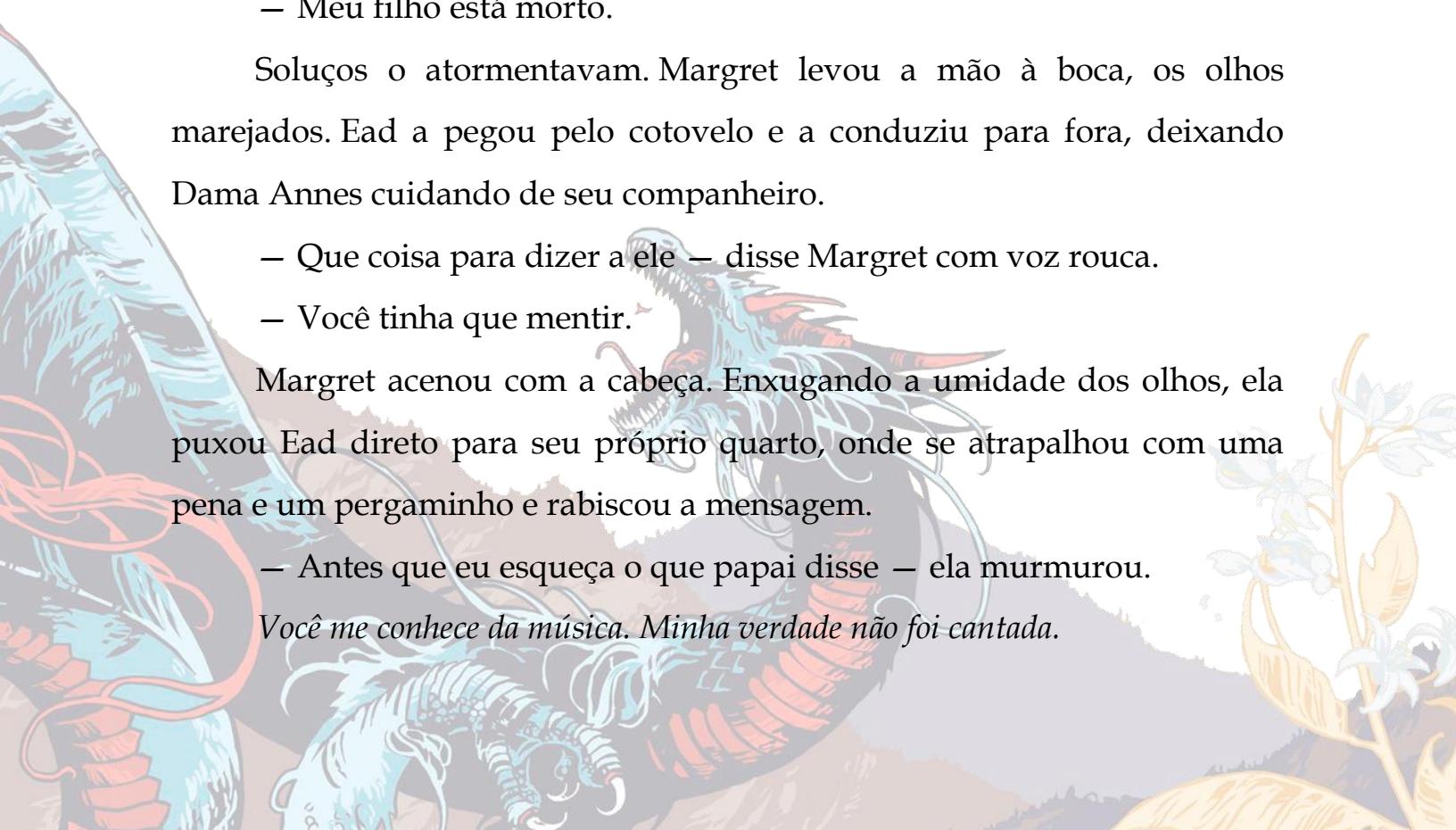
Kalyba.

Procurei Ascalon por séculos, mas Galian a escondeu bem.

Clarent parecia agitado agora. Ele olhava para as duas com medo.

— Eu não te conheço — ele sussurrou. — Quem é Você?

— Papai — Margret disse imediatamente. — É Margret. — Quando a confusão tomou conta de seus olhos, a voz dela tremeu: — Papai, eu te peço, fique comigo. Se você não me contar agora, isso se perderá na névoa em sua



mente. — Ela apertou as mãos dele. — Por favor. Diga-me onde Ascalon está escondida.

Ele se agarrou a ela como se ela fosse a personificação de sua memória. Margret ficou imóvel enquanto ele se inclinava em sua direção, e seus lábios rachados tocavam sua orelha. Ead observou com o coração acelerado enquanto eles se moviam.

Naquele momento, a porta se abriu e Dama Annes entrou na sala.

— É hora de dormir, Clarent — disse ela. — Margret, ele deve descansar agora.

Clarent aninhou a cabeça nas mãos.

— Meu filho. — Seus ombros se ergueram com soluços. — Meu filho está morto.

Dama Annes deu um passo à frente, franzindo a testa.

— Não, Clarent, são boas notícias. Loth está de volta...

— Meu filho está morto.

Soluços o atormentavam. Margret levou a mão à boca, os olhos marejados. Ead a pegou pelo cotovelo e a conduziu para fora, deixando Dama Annes cuidando de seu companheiro.

— Que coisa para dizer a ele — disse Margret com voz rouca.

— Você tinha que mentir.

Margret acenou com a cabeça. Enxugando a umidade dos olhos, ela puxou Ead direto para seu próprio quarto, onde se atrapalhou com uma pena e um pergaminho e rabiscou a mensagem.

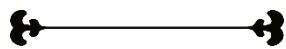
— Antes que eu esqueça o que papai disse — ela sussurrou.

Você me conhece da música. Minha verdade não foi cantada.

*Eu minto onde a luz das estrelas não pode ver.
Fui forjada no fogo e de um cometa torcido.
Estou sobre as folhas e debaixo da árvore,
Meus adoradores peludos, suas ofertas de esterco.
Apague o fogo, quebre pedras e me liberte.*

— Outro *enigma* miserável. — Talvez fosse a tensão das últimas semanas, mas Ead se sentia tão exausta e frustrada que um pensamento beliscava o limite esgarçado de sua sanidade. — Qua a Mãe *amaldiçoe* esses antigos e seus enigmas. Não temos tempo para...

— Eu sei exatamente o que significa. — Margret já estava enfiando o pergaminho no corpete. — E eu sei onde Ascalon está. Me siga.



Margret deixou recado ao administrador que iam dar um passeio noturno e que Dama Annes não deveria esperar por elas. Ela também pediu uma pá para cada uma. O cavaliço as trouxe, junto com os dois cavalos mais velozes dos estábulos e uma lamparina de sela cada.

Vestidas com suas capas pesadas, elas galoparam para longe de Serinhall. Tudo o que Margret disse a Ead foi que elas estavam indo para Goldenbirch. Para chegar lá, era preciso pegar a velha estrada de cadáveres. Estava amontoado de neve, mas Margret conhecia o caminho.

Nos dias dos reis, os corpos foram levados de Goldenbirch e outras aldeias neste caminho para a agora destruída cidade de Arondine para sepultamento. Durante a primavera, os peregrinos caminhavam aqui à luz

de velas, descalços e cantando. No final, eles colocariam ofertas no local onde Berethnet Hearth estivera.

Elas cavalgaram sob carvalhos tortos, através de pastagens, passando por um círculo permanente desde o amanhecer de Inys.

— Margret —, chamou Ead — o que significa o enigma?

Margret diminuiu a velocidade de seu cavalo para um meio-galope.

— Eu me lembrei assim que Papai sussurrou as palavras. Eu tinha apenas seis anos, mas me lembro.

Ead abaixou a cabeça sob um galho pesado de neve.

— Por favor, me esclareça.

— Loth e eu crescemos separados, como você sabe — ele morava na corte com mamãe desde muito jovem e eu morava aqui com papai —, mas Loth voltava para casa na primavera para peregrinar. Eu odiava quando ele tinha que voltar. Um ano, eu estava tão zangada com ele por me deixar que jurei não falar com ele nunca mais. Para me acalmar, ele prometeu que passaríamos todo o último dia de sua estadia juntos, e eu o fiz prometer que faríamos *tudo que* eu quisesse. Então —, ela disse — declarei que faríamos uma visita a Floresta de Haith.

— Corajosa, de fato, para uma criança do norte.

Margret bufou.

— Mais como tola. Ainda assim, Loth tinha feito a promessa, e mesmo aos doze anos, ele era muito corajoso para quebrá-la. Ao amanhecer, saímos de nossas camas e seguimos esta mesma estrada para Goldenbirch. Então, pela primeira vez em nossas vidas, continuamos caminhando, até chegarmos a Floresta dos Espinhos, casa da Dama da Floresta.

— Paramos bem na beira das árvores. Elas eram como gigantes sem rosto para uma garotinha, mas eu achava tudo emocionante. Segurei Loth pela mão e ficamos parados tremendo na sombra da floresta de feno, imaginando se a bruxa viria nos roubar, esfolar e mastigar nossos ossos no momento em que puséssemos os pés nela. Finalmente, perdi a paciência e dei um empurrão bastante firme em Loth.

Ead reprimiu um sorriso.

— Que grito ele soltou —, lembrou Margret. — Ainda assim, quando ele não foi arrastado para um fim sangrento, nós dois ficamos ousados como pavões, e logo estávamos colhendo frutas e outras diversões. Finalmente, ao anoitecer, decidimos voltar para casa. Foi quando Loth viu um pequeno vazio. Ele disse que não era nada além de um buraco de coelho. Achei que deveria ser um buraco de wyrm, e que eu poderia matar qualquer wyvern que estivesse escondido nele.

— Bem, Loth riu muito disso e me fez engatinhar para dentro. Era muito pequeno —, disse Margret. — Tive que cavar com as mãos. De cabeça, eu rastejei para dentro com uma vela... e no início, era apenas terra. Mas quando tentei me virar, escorreguei e tropecei, e me vi em um túnel grande o suficiente para ficar em pé.

— De alguma forma, minha vela permaneceu acesa, então ousei me aventurar um pouco mais longe. Estava claro que o túnel não tinha sido feito por coelhos. Não me lembro o quão longe fui. Só que meu terror estava crescendo a cada momento. Finalmente, quando pensei que iria me molhar bastante, corri de volta e corri para fora e disse a Loth que não havia nada lá.

— A neve ficou presa em seus cílios. — Eu pensei que tinha tropeçado na

morada da Dama da Floresta, e que se eu contasse a alguém, ela viria para me roubar de volta. Durante anos, tive pesadelos com aquele túnel. Pesadelos de ser drenada de meu sangue ou enterrada viva.

Era raro que Margret parecesse com medo. Mesmo agora, dezoito anos depois, isso a tocou.

— Acho que esqueci, no fim —, disse ela — mas quando papai falou comigo... Lembrei-me. *Estou sobre as folhas e sob as árvores, meus adoradores peludos, suas oferendas de esterco.*

— Coelhos —, murmurou Ead. — Kalyba me disse que raramente ia à Floresta de Haith, mas Galian pode ter ido. Ou talvez tenham sido seus ancestrais que lhe contaram sobre o túnel.

Margret acenou com a cabeça, sua mandíbula apertada.

Elas seguiram em frente.

A escuridão já havia caído quando as ruínas de Goldenbirch apareceram.

Neste lugar sagrado, o berço de Virtudom, o silêncio era absoluto. A neve flutuava como cinzas. Enquanto seus cavalos trotavam por ruínas que permaneceram intocadas por séculos, Ead quase acreditou que o mundo havia acabado, e ela e Margret eram as últimas pessoas vivas. Elas haviam voltado no tempo, a uma época em que Inys era conhecida como as Ilhas de Inysca.

Margret parou seu cavalo e desmontou.

— Foi aqui que nasceu Galian Berethnet. — Ela se agachou para tirar um pouco da neve. — Onde uma jovem costureira deu à luz um filho, e sua testa estava marcada com cinzas de espinheiro.

Suas mãos enluvadas revelaram uma placa de mármore, cravada profundamente na terra.

AQUI ESTAVA BETHNET HEARTH

LOCAL DE NASCIMENTO DO REI GALIAN DE INYS

AQUELE QUE É SÃO SOBRE TODA A VIRTUDOM

— Ouvi dizer que Galian não tinha vestígios terrestres —, lembrou Ead. — Isso é incomum?

— Sim —, admitiu Margret. — Muito. Os Inyscans deveriam ter preservado os restos mortais de um rei. A menos que...

— A menos que?

— A menos que ele tenha morrido de uma forma que seus retentores quisessem esconder. — Margret subiu de volta na sela. — Ninguém sabe como o Santo morreu. Os livros dizem apenas que ele se juntou à Rainha Cleolind nos céus e construiu Halgalant lá, como ele construiu Ascalon aqui.

Ela fez o sinal da espada sobre a laje antes de esporearem os cavalos.

A Floresta de Haith era o próprio terror no Norte. Quando apareceu, Ead entendeu por quê. Antes de o Inominável ensinar os Inyscans a temer a luz do fogo, esta floresta os ensinou a temer o escuro. A maior parte de suas árvores eram antigas madeiras gigantes, comprimidas perto o suficiente para formar uma cortina negra. Olhar para ela era sufocante.

Elas cavalgaram até lá a trote e amarraram os cavalos.

— Você consegue encontrar o buraco do coelho? — Ead manteve a voz baixa. Ela sabia que elas estavam sozinhas, mas este lugar a perturbava.

— Eu imagino que sim. — Margret retirou a lamparina e as ferramentas da sela. — Apenas fique perto de mim.

A floresta além consumia toda a luz. Ead recuperou uma das lamparinas de sela antes que ela entrelaçasse os dedos e, juntas, deram o primeiro passo na floresta.

A neve rangia sob suas botas de montaria. A copa era densa - as madeiras gigantes nunca perdião o pelo de agulhas - mas a neve tinha sido pesada o suficiente para deixar uma cobertura profunda.

Enquanto caminhavam, Ead se viu tomada por uma profunda sensação de desolação. Tanto podia ser o frio quanto a escuridão que consumia tudo, mas a lareira de Serinhall agora parecia tão distante quanto Burlah. Ela colocou o queixo bem fundo na gola de pele de sua capa. Margret ficava quieta de vez em quando, como se quisesse ouvir. Quando um galho se partiu, até Ead ficou tensa. Sob sua camisa, a joia estava ficando mais fria.

- Costumava haver lobos aqui -, disse Margret - mas eles foram caçados até a extinção.

Nem que só para manter Margret ocupada, Ead perguntou:

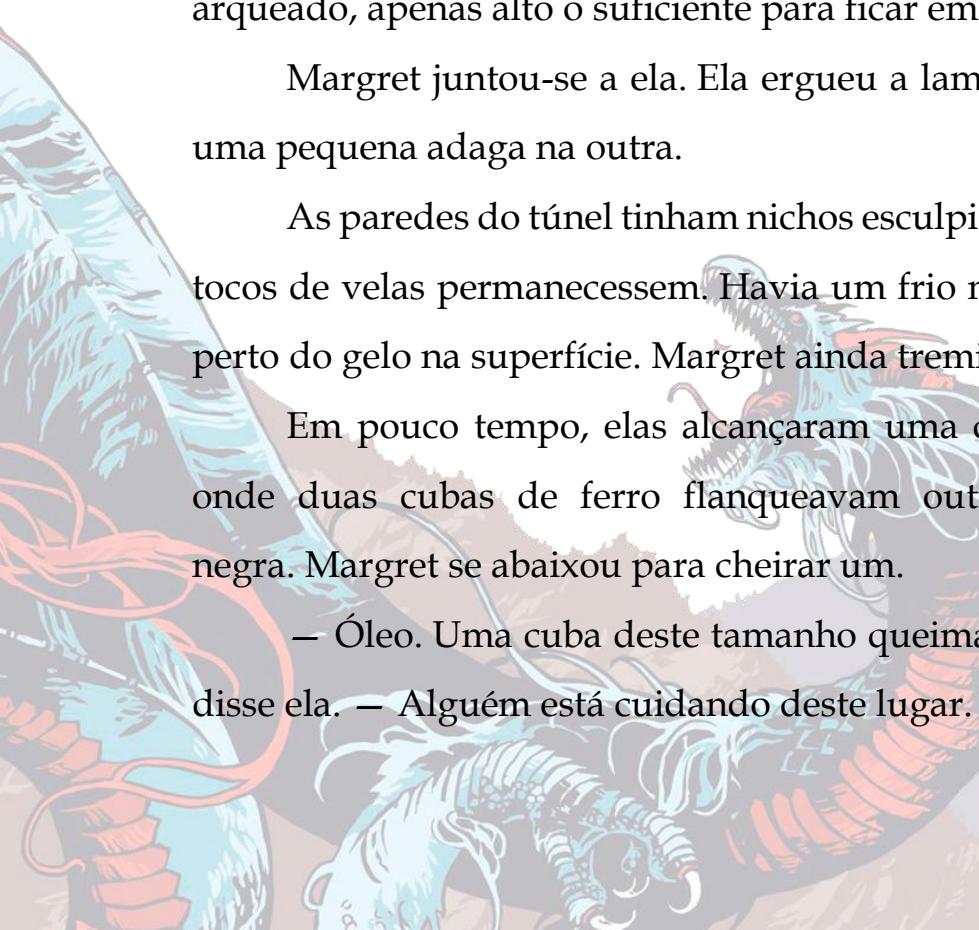
- Por que é chamado de Floresta de Haith?

- Achamos que *haith* era a palavra que os Inyscans usavam nos velhos tempos para a adoração da natureza. Espinhos, especialmente.

Elas caminharam pela neve por uma eternidade sem falar. Loth e Margret eram crianças corajosas.

- É aqui. - Margret se aproximou de um monte de neve ao pé de um carvalho nodoso. - Ajude-me, Ead.

Ead se agachou ao lado dela com uma das pás, e elas cavaram. Por um tempo, pareceu que Margret havia se lembrado mal - mas, de repente, suas pás quebraram a neve em um buraco.



Ead desalojou a neve de suas bordas. O buraco do cone agora era pequeno demais até para uma criança. Elas cavaram com as espadas e as mãos até que ficasse grande o suficiente para entrarem. Margret olhava nervosamente para a abertura.

— Eu irei primeiro. — Ead ofereceu. Ela chutou terra solta do buraco e deslizou para dentro, deixando a lamparina na entrada.

O interior mal tinha largura suficiente para um coelho bem alimentado, quanto mais para uma mulher. Ead acendeu seu fogo mágico e empurrou-se para frente de barriga. Ela rastejou até o túnel, exatamente como Margret havia prometido, simplesmente caiu para longe, em um poço de escuridão. Incapaz de se virar, Ead não teve escolha a não ser entrar de cabeça.

A queda foi curta e dolorosa. Enquanto ela se endireitava, seu fogo mágico acendeu, revelando um túnel com paredes de arenito e um teto arqueado, apenas alto o suficiente para ficar em pé.

Margret juntou-se a ela. Ela ergueu a lamparina em uma das mãos e uma pequena adaga na outra.

As paredes do túnel tinham nichos esculpidos nelas, embora apenas os tocos de velas permanecessem. Havia um frio nesta toca secreta, mas nada perto do gelo na superfície. Margret ainda tremia nas faixas de sua capa.



Em pouco tempo, elas alcançaram uma câmara com um teto baixo, onde duas cubas de ferro flanqueavam outra laje, cortada em pedra negra. Margret se abaixou para cheirar um.

— Óleo. Uma cuba deste tamanho queimaria por uma temporada —, disse ela. — Alguém está cuidando deste lugar.

— Lembre-me de quanto tempo atrás seu pai sofreu a queda — disse Ead.

— Três anos.

— Antes disso, ele alguma vez foi para a Floresta de Haith?

— Sim, frequentemente. Como a Floresta de Haith fica em nossa província, ele às vezes caminhava com seus servos por ela, para se certificar de que tudo estava bem. Às vezes, ele até ia sozinho. Eu achava que isso o tornava o homem mais corajoso do mundo.

À luz de seu fogo mágico, Ead leu a inscrição na laje.

EU SOU A LUZ DO FOGO E DA ESTRELA
O QUE EU BEBER VAI AFOGAR

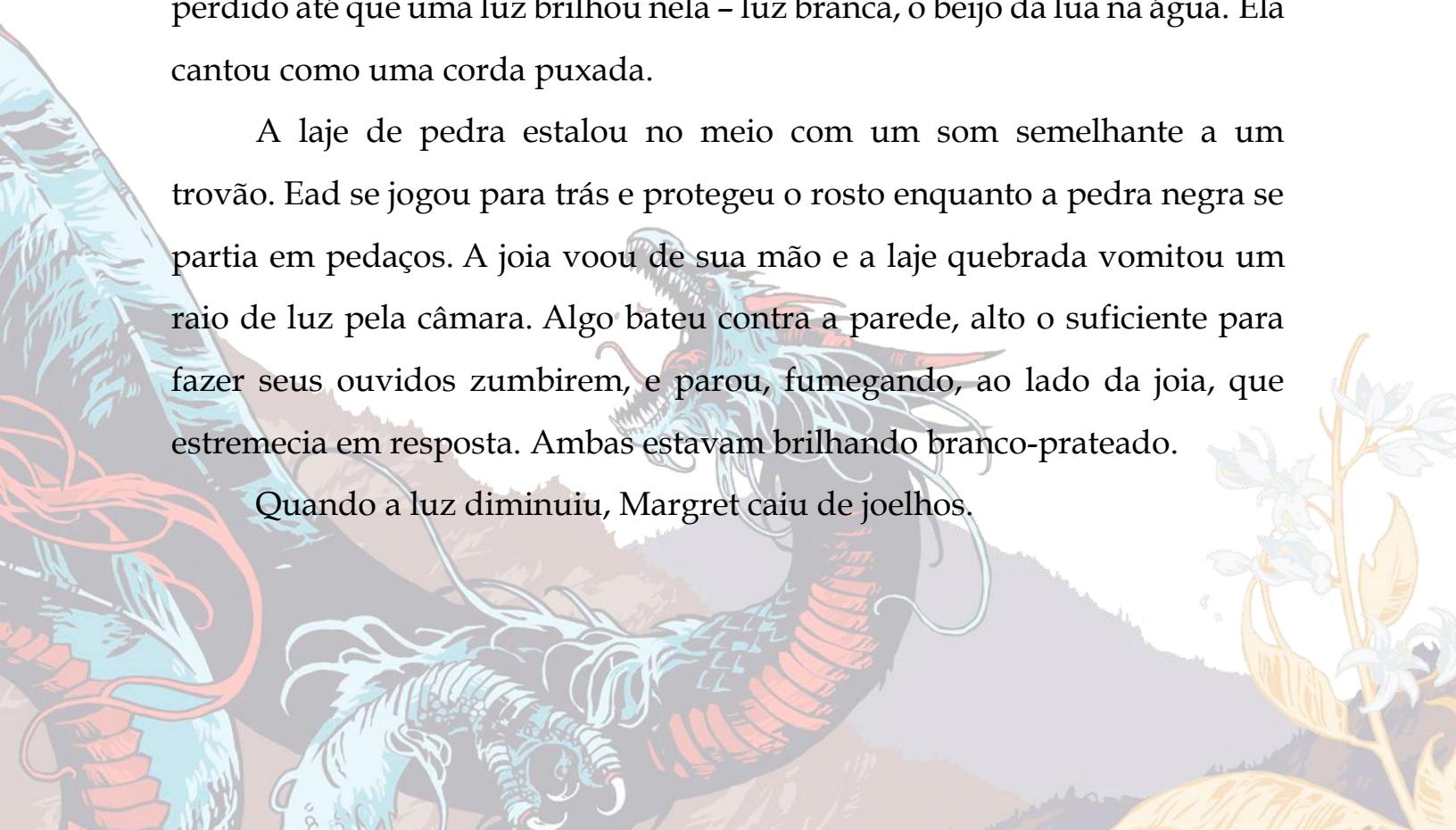
— Meg, Loth explicou minha magia para você, não foi?

— Se entendi direito, é uma magia de fogo —, disse Margret — e é atraída, de alguma forma, pela magia da luz das estrelas, mas não tanto quanto a magia da luz das estrelas atrai a si mesma. Eu entendi certo?

— Exatamente. Galian devia saber que a espada seria puxada por sterren e que Kalyba tinha um estoque dela. Ele não queria que ela ouvisse aquele chamado. Quem quer que enterrou Ascalon a cercou de fogo. Imagino que nos primeiros séculos, quem quer que fosse o Guardião de Leas foi encarregado de manter a entrada aberta e os braseiros acesos.

— Você acha que Papai estava fazendo isso. — Margret balançou a cabeça lentamente. — Mas quando ele caiu...

— O segredo foi quase perdido.



As duas olharam para a laje. Pesada demais para ser levantada com as mãos.

— Vou cavalgar de volta para Serinhall e buscar um grande martelo — disse Margret.

— Espera.

Ead tirou a joia minguante de seu pescoço. Estava fria como gelo em sua mão.

— Ela sente Ascalon — disse. — Mas a atração não é suficiente para arrastá-la da pedra. — Ela pensou. — Ascalon é da luz das estrelas, mas foi moldada com fogo. Uma união de ambos.

Ela ergueu seu fogo mágico.

— E responde ao que é mais parecido com ela mesmo — disse Margret, entendendo.

A língua de fogo lambeu a joia. Ead temeu que seu instinto estivesse perdido até que uma luz brilhou nela — luz branca, o beijo da lua na água. Ela cantou como uma corda puxada.

A laje de pedra estalou no meio com um som semelhante a um trovão. Ead se jogou para trás e protegeu o rosto enquanto a pedra negra se partia em pedaços. A joia voou de sua mão e a laje quebrada vomitou um raio de luz pela câmara. Algo bateu contra a parede, alto o suficiente para fazer seus ouvidos zumbirem, e parou, fumegando, ao lado da joia, que estremecia em resposta. Ambas estavam brilhando branco-prateado.

Quando a luz diminuiu, Margret caiu de joelhos.

Uma espada magnífica estava diante delas. Cada centímetro dela – punho, proteção cruzada, lâmina – era de uma prata limpa e brilhante, com um brilho de espelho.

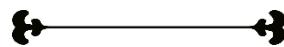
Fui forjada no fogo e de um cometa torcido.

Ascalon. Feita de nenhum metal terreno. Criada por Kalyba, empunhada por Cleolind Onjenyu, que sangrou o Inominável. Uma espada longa de dois gumes. Do punho à ponta, era tão alta quanto Loth.

— Ascalon —, disse Margret com voz rouca, seus olhos se abriram com reverência. — A Espada Verdadeira.

Ead fechou a mão em torno do cabo. O poder retumbou dentro de sua lâmina. Estremeceu com seu toque, prata atraída por seu sangue dourado. Enquanto ela se levantava, ela a ergueu com ela, sem palavras de admiração. Era leve como o ar, fria ao toque. Uma lasca da Estrela de Cabelos Compridos.

Mãe, faça-me digna. Ela pressionou os lábios na lâmina fria. *Vou terminar tudo o que você começou.*



Elas saíram do buraco do coelho e refizeram seus passos através do bosque de feno. A essa altura, o céu estava coberto de estrelas. Ascalon, sem bainha, parecia beber sua luz. Na câmara, parecia quase aço, mas agora não havia como duvidar de suas origens celestiais.

Nada brilhava assim durante a noite. Teriam de descansar em Serinhall e partir para Caliburn do Mar ao amanhecer. A ideia de outra

viagem pesava sobre Ead. Mesmo com a espada na mão, a Floresta de Haith feria seus rastejadores em volta do coração e espremia o calor dela.

— Saudação, quem está aí?

Ead ergueu os olhos. Margret parou ao lado dela e estava segurando sua lamparina.

— Eu sou Dama Margret Beck, filha do Conde e da Condessa de Goldenbirch, e estas são as terras de Beck. Não devo tolerar nenhuma maldade no Floresta de Haith. — Margret parecia firme, mas Ead conhecia sua voz bem o suficiente para ouvir o medo nela. — Venha e mostre-se.

Agora Ead viu. Uma figura estava parada entre as árvores, seus traços obscurecidos pela escuridão opressiva da floresta. Uma batida de tambor depois, ela se fundiu na sombra, como se nunca tivesse estado lá.

— Você viu aquilo?

— Eu vi — disse Ead.

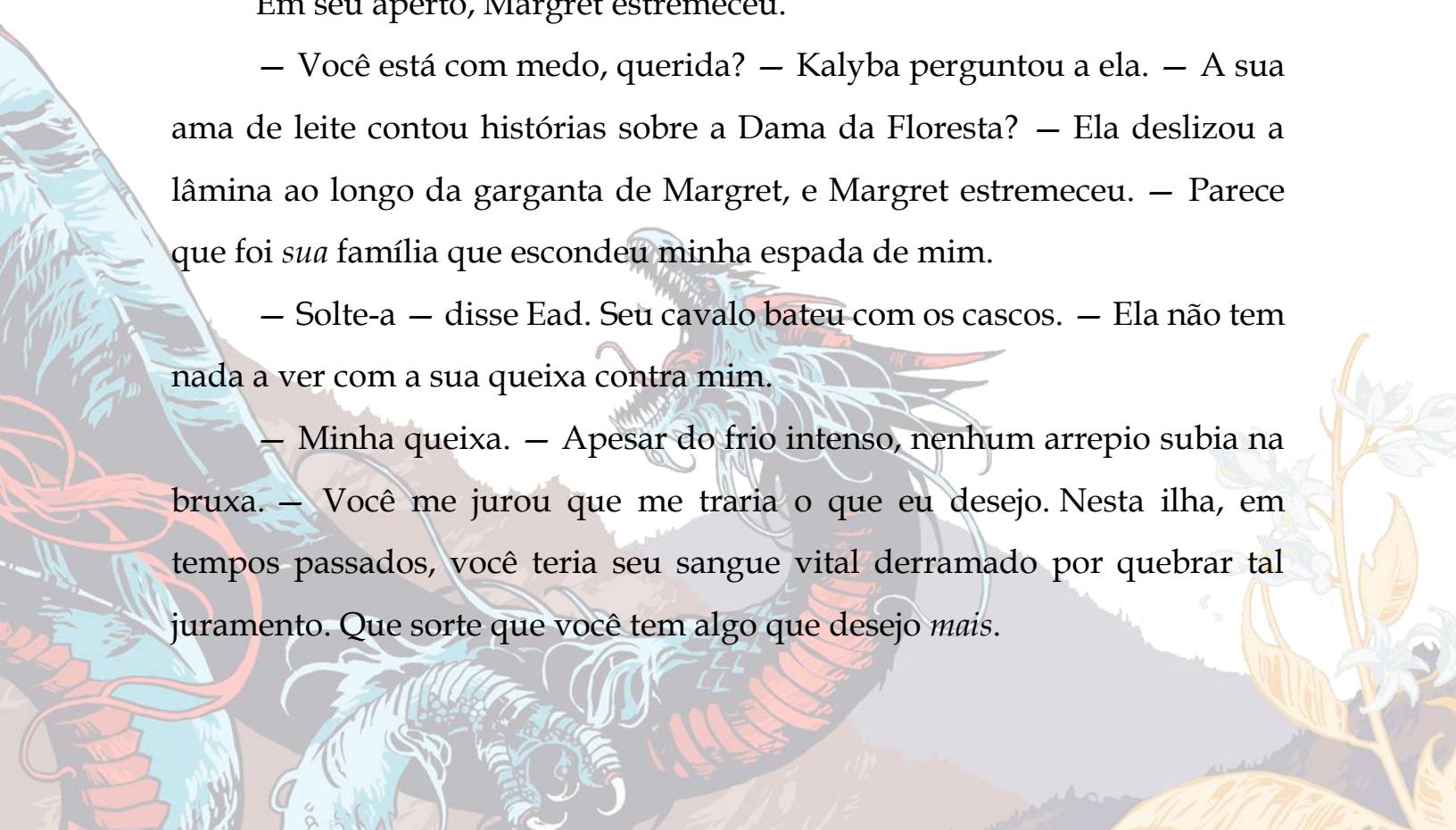
Um sussurro de vento perturbou as árvores.

Elas voltaram para seus cavalos, movendo-se rapidamente agora. Ead colocou Ascalon na sela.

A lua do lobo estava alta sobre Goldenbirch. Sua luz brilhava na neve enquanto elas cavalgavam de volta para a estrada dos cadáveres. Elas tinham acabado de passar por uma das pedras do caixão que marcava quando Ead ouviu um grito agudo de Margret. Ela puxou as rédeas, virando o cavalo.

— Meg!

Sua respiração ficou presa em sua garganta. O outro cavalo estava longe de ser visto.



E Margret estava parada, uma lâmina em sua garganta, nos braços da Bruxa de Inysca.

Esse tipo de magia é fria e indescritível, graciosa e escorregadia. Permite ao portador lançar ilusões, controlar a água... até mesmo para mudar sua forma...

— Kalyba — disse Ead.

A bruxa estava descalça. Ela usava um vestido diáfano, branco como a neve, que se juntava em sua cintura.

— Olá, Eadaz.

Ead estava tensa como uma corda de arco.

— Você me seguiu desde Lasia?

— Eu segui. Eu vi você fugir do Priorado e vi você partir com o senhor Inysh no navio de Córvgar — disse Kalyba, sem expressão. — Eu sabia então que você não tinha planos de voltar para o meu Carramanchão. Não há planos para honrar seu juramento.

Em seu aperto, Margret estremeceu.

— Você está com medo, querida? — Kalyba perguntou a ela. — A sua ama de leite contou histórias sobre a Dama da Floresta? — Ela deslizou a lâmina ao longo da garganta de Margret, e Margret estremeceu. — Parece que foi *sua* família que escondeu minha espada de mim.

— Solte-a — disse Ead. Seu cavalo bateu com os cascos. — Ela não tem nada a ver com a sua queixa contra mim.

— Minha queixa. — Apesar do frio intenso, nenhum arrepio subia na bruxa. — Você me jurou que me traria o que eu desejo. Nesta ilha, em tempos passados, você teria seu sangue vital derramado por quebrar tal juramento. Que sorte que você tem algo que deseja *mais*.

Ascalon estava incandescente novamente. Escondida sob a camisa e a capa, estava a joia minguante.

— Estava aqui o tempo todo. Na Floresta de Haith. — Kalyba observou Ascalon. — Minha espada, colocada para descansar na sujeira e na escuridão. Mesmo se ela não tivesse sido enterrada muito fundo para que eu pudesse ouvi-la chamando, eu teria que rastejar até ela de barriga como uma víbora. Galian zomba de mim até na morte.

Margret fechou os olhos. Seus lábios se moveram em uma oração silenciosa.

— Suponho que ele fez isso um pouco antes de ir para Nurtha. Até o fim dele. — Kalyba ergueu o olhar. — Passe para mim agora, Eadaz, e seu juramento será cumprido. Você terá me dado o que eu desejo.

— Kalyba — , disse Ead — eu sei que quebrei meu juramento a você. Eu vou pagar por isso. Mas eu preciso de Ascalon. Vou usá-la para matar o Inominável, o que Cleolind não fez. Isso apagará o fogo dentro dele.

— Sim, vai — , disse Kalyba — mas você não vai usá-la, Eadaz.

A bruxa jogou Margret na neve. Imediatamente, Margret começou a agarrar os próprios braços e vomitou como se houvesse água no peito.

— Ead... — ela engasgou. — Ead, os espinhos...

— O que você está fazendo com ela? — Ead desmontou em um instante. — Deixe-a em paz.

— Apenas uma ilusão — disse Kalyba, andando ao redor de Margret. — Ainda assim, suponho que os mortais tendem a sofrer nas garras dos meus encantos. Às vezes, seus corações desistem de medo. — Ela

estendeu a mão. — Esta é sua última chance de me dar a espada, Eadaz. Não deixe Dama Margret Beck pagar o preço por seu juramento quebrado.

Ead manteve sua posição. Ela não desistiria da espada. Ela também não tinha intenção de deixar Margret morrer por isso.

A laranjeira não lhe deu seus frutos à toa.

Ela virou as palmas das mãos para fora. Magia de fogo queimou de suas mãos e consumiu Margret e a bruxa, queimando a ilusão.

Kalyba soltou um grito de cortar a alma e seu corpo se contorceu. Todas as mechas ruivas foram cozidas em seu couro cabeludo. A carne derreteu de seus membros e esfriou novamente em linhas pálidas. O cabelo preto correu e ondulou até a cintura.

Horrorizada, Ead forçou suas mãos a fecharem. Quando as chamas diminuíram, Margret estava de quatro, uma das mãos na garganta, os olhos injetados de sangue.

E Sabran Berethnet estava ao lado dela.

Ead olhou para as palmas das mãos, depois de volta para Kalyba, que também era Sabran. Margret se afastou.

— *Sabran?* — Ela tossiu.

Kalyba abriu os olhos. Verde como o salgueiro.

— Como? — Ead engasgou. — Como você tem o rosto dela? — Ela sacou uma de suas lâminas. — Responda-me, bruxa.

Ela não conseguia desviar o olhar. Kalyba era Sabran, até a inclinação do nariz e a curvatura dos lábios. Nenhuma cicatriz na coxa ou na barriga, e havia uma marca que Sabran não tinha no lado direito, debaixo do braço — mas fora isso, elas poderiam ser gêmeas.

— Seus rostos são suas coroas. E a minha é a verdade. — A voz daqueles lábios pertencia à bruxa. — Você disse que queria descobrir, Eadaz, naquele dia em meu Carramanchão. Você vê diante de você o maior segredo de Virtudom.

— Você — sussurrou Ead.

Quem foi a primeira Rainha de Inys?

— Isso não é um encantamento. — Com o coração batendo forte, Ead ergueu a lâmina. — Esta é a sua verdadeira forma.

Margret levantou-se com dificuldade e apressou-se em ficar atrás de Ead, a adaga da cinta estendida novamente.

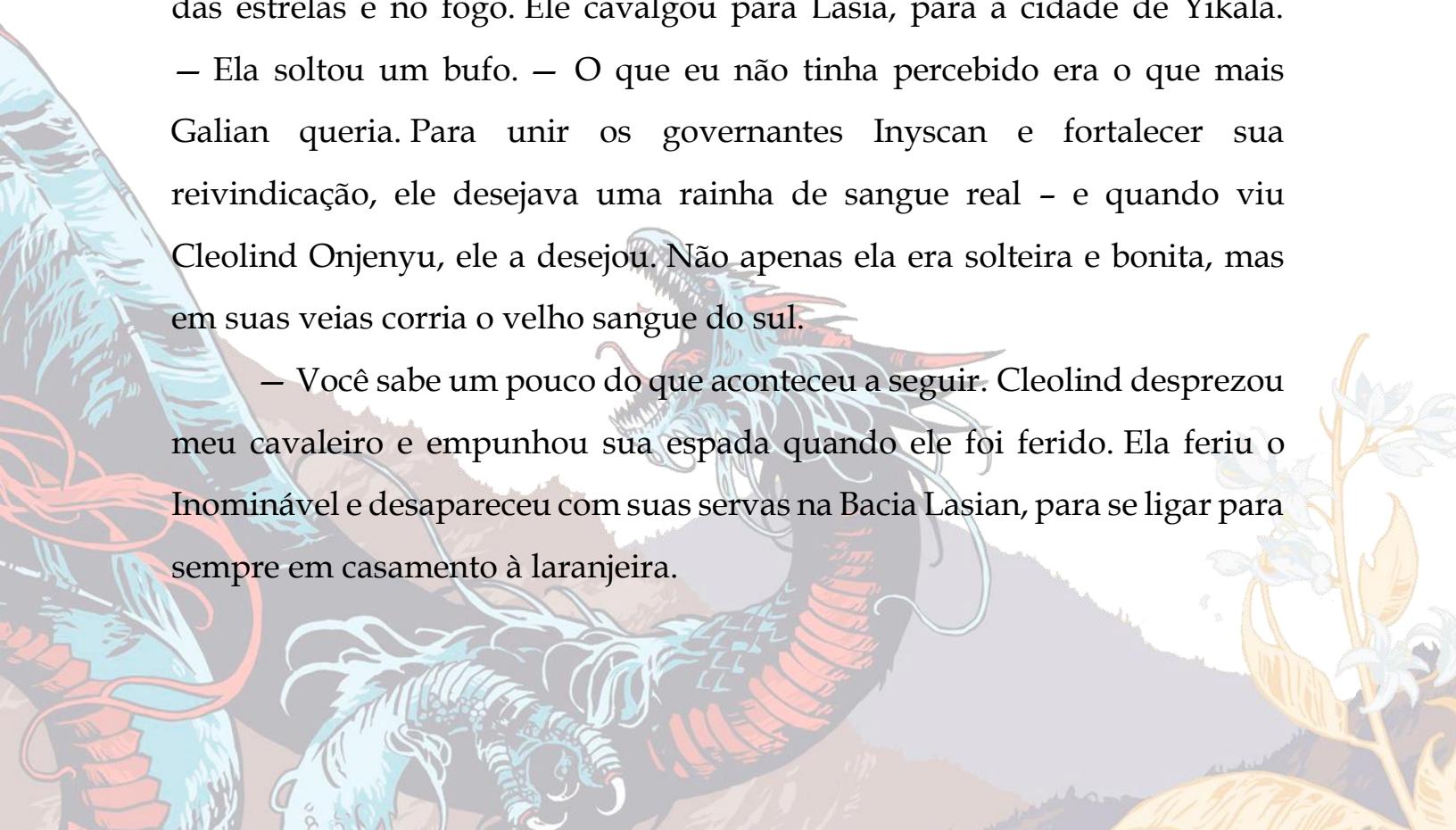
— A verdade que você desejava. Verdade que você recebeu —, disse Kalyba, ignorando as lâminas. — Sim, Eadaz. Esta é a minha verdadeira forma. Minha primeira forma. A forma que eu usava antes de dominar o sterren. — Ela apertou as mãos no diafragma, fazendo-a parecer, se possível, ainda mais com Sabran. — Eu nunca tive a intenção de revelar. Já que você viu, no entanto... Eu vou te contar minha história.

Ead manteve o olhar fixo nela, a lâmina apontada para sua garganta. Kalyba virou as costas, então ela encarou a lua.

— Galian era meu filho.

Não era o que Ead esperava ouvir.

— Não uma criança nascida do meu ventre. Eu o roubei de Goldenbirch quando ele era bebê. Na época, eu pensei que o sangue de inocentes poderia me ajudar a desbloquear uma magia mais profunda, mas ele era um bebê tão encantador, com seus olhos de centáurea... Confesso que cedi ao sentimento e o criei como meu em Nurtha, no oco do espinheiro.



Margret estava tão perto que Ead podia senti-la estremecer.

— Quando ele tinha vinte e cinco anos, ele deixou meu lado para se tornar um cavaleiro a serviço de Edrig de Arondine. Nove anos depois, o Inominável emergiu da Montanha do Pavor

— Fazia muitos anos que não via Galian. Mas quando ele soube da praga e do Inominável espalhando terror em Lasia, ele me procurou novamente, implorando por minha ajuda. Seu sonho, você vê, era unir os reis e príncipes guerreiros de Inys sob uma coroa e governar um país de acordo com as Seis Virtudes da Cavalaria. Para fazer isso, ele tinha que ganhar o respeito deles com uma grande ação. Ele queria matar o Inominável, e para fazer isso, ele precisaria da minha magia. Como uma tola, dei a ele, pois a essa altura eu não o amava como uma mãe. Eu o amava como companheiros se amam. Em troca, ele jurou que seria só meu.

— Cegada pelo amor, eu dei a ele Ascalon, a espada que forjei na luz das estrelas e no fogo. Ele cavalgou para Lasia, para a cidade de Yikala.

— Ela soltou um bufo. — O que eu não tinha percebido era o que mais Galian queria. Para unir os governantes Inyscan e fortalecer sua reivindicação, ele desejava uma rainha de sangue real – e quando viu Cleolind Onjenyu, ele a desejou. Não apenas ela era solteira e bonita, mas em suas veias corria o velho sangue do sul.

— Você sabe um pouco do que aconteceu a seguir. Cleolind desprezou meu cavaleiro e empunhou sua espada quando ele foi ferido. Ela feriu o Inominável e desapareceu com suas servas na Bacia Lasian, para se ligar para sempre em casamento à laranjeira.

— Eu esperava que Galian me procurasse, mas ele quebrou sua promessa e meu coração. Eu estava doente de amor e, ah, fiquei furiosa.

— Ela se virou. — Galian começou sua jornada para casa sem glória ou uma noiva. Eu segui.

— Você não parece o tipo de pessoa que se ressentir de ser rejeitada — disse Ead.

— O coração é uma coisa cruel. Seu controle sobre o meu foi firme.

— A bruxa caminhou ao redor delas. — Galian foi esmagado por seu fracasso, perdido no ódio e na raiva. Eu não sabia então como mudar minha forma. O que eu conhecia bem eram sonhos e trapaça. — Seus olhos se fecharam. — Eu saí das árvores, na frente do cavalo dele. Seus olhos vidrados. Ele sorriu... e me chamou de Cleolind.

Ead não conseguiu desviar o olhar dela.

— Como?

— Eu não posso te contar os mistérios das estrelas, Eadaz. Tudo o que você precisa saber é que sterren me deu uma base em sua mente. Por meio de um encantamento, fiz com que ele acreditasse que eu era a princesa que o havia rejeitado. Meio em sonho, sua memória turva, ele não conseguia se lembrar de como Cleolind era, ou que ela o tinha banido, ou que eu havia existido. Seu desejo o tornou maleável. Ele precisava de uma rainha e lá estava eu. Eu o fiz desejar por mim, como ele tinha por Cleolind no dia em que a viu. — Um sorriso tocou seus lábios. — Ele me levoou de volta às Ilhas de Inysca. Lá ele me fez sua rainha e eu o levei para minha cama.

— Ele era como seu filho — disse Ead. O nojo se enrolou em sua barriga. — Você o criou.

— O amor é complexo, Eadaz.

Margret levou a mão à boca.

— Logo eu estava grávida — sussurrou Kalyba. Suas mãos foram para sua barriga. — O parto de minha filha exigiu muito de minhas forças. Perdi muito sangue. Finalmente, enquanto eu estava acometida de febre puerperal, perto da morte, não consegui mais segurar Galian. Com os olhos claros, ele me jogou nas masmorras. — A voz dela ficou sombria. — Ele tinha a espada. Eu estava fraca. Um amigo me ajudou a escapar... mas eu tive que deixar minha Sabran. Minha princesinha.

Sabran, a Primeira, a primeira rainha reinante de Inys.

Todos os fragmentos espalhados da verdade estavam se alinhando, explicando o que o Priorado nunca havia entendido.

O próprio Enganador foi enganado.

— Galian destruiu todas as minhas semelhanças que haviam sido pintadas ou esculpidas e proibiu mais de ser criado pelo resto do tempo. Então ele foi para Nurtha, onde eu o criei, e se enforcou em meu espinheiro. Ou o que sobrou dele. — Com isso, a bruxa agarrou seus próprios braços. — Ele garantiu que sua vergonha iria com ele para o túmulo.

Ead ficou em silêncio, nauseada.

— Eu assisti uma casa de rainhas subir em seu lugar. Grandes rainhas, cujos nomes eram conhecidos em todo o mundo. Todas elas tinham muito de mim e nada dele. Uma filha para cada, sempre de olhos verdes. Uma consequência inesperada do sterren, eu suponho.

Era uma história quase estranha demais para acreditar. E ainda assim o fogo mágico não havia queimado aquele rosto.

Magia de fogo nunca mentia.

— Você se pergunta por que Sabran sonha com meu Carramanchão?

— Kalyba perguntou a Ead. — Se você não vai acreditar na verdade dos meus lábios, acredite nos dela. Meu primeiro sangue vive dentro dela.

— Você a atormentou — disse Ead, a voz rouca. — Se tudo isso for verdade, se todas as rainhas Berethnet são suas descendentes diretas, por que você a faria sonhar com sangue?

— Eu dei a ela os sonhos do parto para que ela soubesse o quanto eu sofri ao dar à luz à sua ancestral. E eu dei a ela sonhos do Inominável, e de mim, para que ela conhecesse seu destino.

— E qual é o destino dela?

— O que eu fiz para ela.

A bruxa se virou para elas então, e seu rosto se quebrou. Sua pele se dividiu em escamas e seus olhos se tornaram serpenteantes. O verde sangrou no branco e queimou. Uma língua bifurcada passou entre seus dentes.

Quando a última peça do quebra-cabeça se encaixou, as próprias fundações do mundo pareceram tremer sob Ead. Ela estava no palácio novamente, embalando Sabran, o sangue escorregadio nas mãos.

— A Wyrm Branca — ela sussurrou. — Aquela noite. Foi você. *Você* é o sexto Alto Ocidental.

Kalyba voltou à sua verdadeira forma, em forma de Sabran mais uma vez, um leve sorriso nos lábios.

— Por quê? — Ead perguntou, atordoada. — Por que você destruiria a Casa de Berethnet quando a fez? Tudo isso tem sido um jogo para você — uma elaborada vingança contra Galian?

— Eu não destruí a Casa de Berethnet — disse Kalyba. — Não. Naquela noite, na noite em que ataquei Sabran e sua filha por nascer, eu a salvei. Ao terminar a linhagem, ganhei a confiança de Fýredel, que me recomendará ao Inominável. — Não havia diversão ou alegria nela agora. — Ele vai ascender, Eadaz. Ninguém pode detê-lo. Mesmo se você mergulhar Ascalon em seu coração, mesmo se a Estrela de Cabelos Compridos retornar, ele sempre se levantará de novo. O desequilíbrio no universo — o desequilíbrio que o criou — sempre existirá. Isso nunca pode ser corrigido.

Ead apertou seu aperto em sua espada. A joia estava gelada contra seu coração.

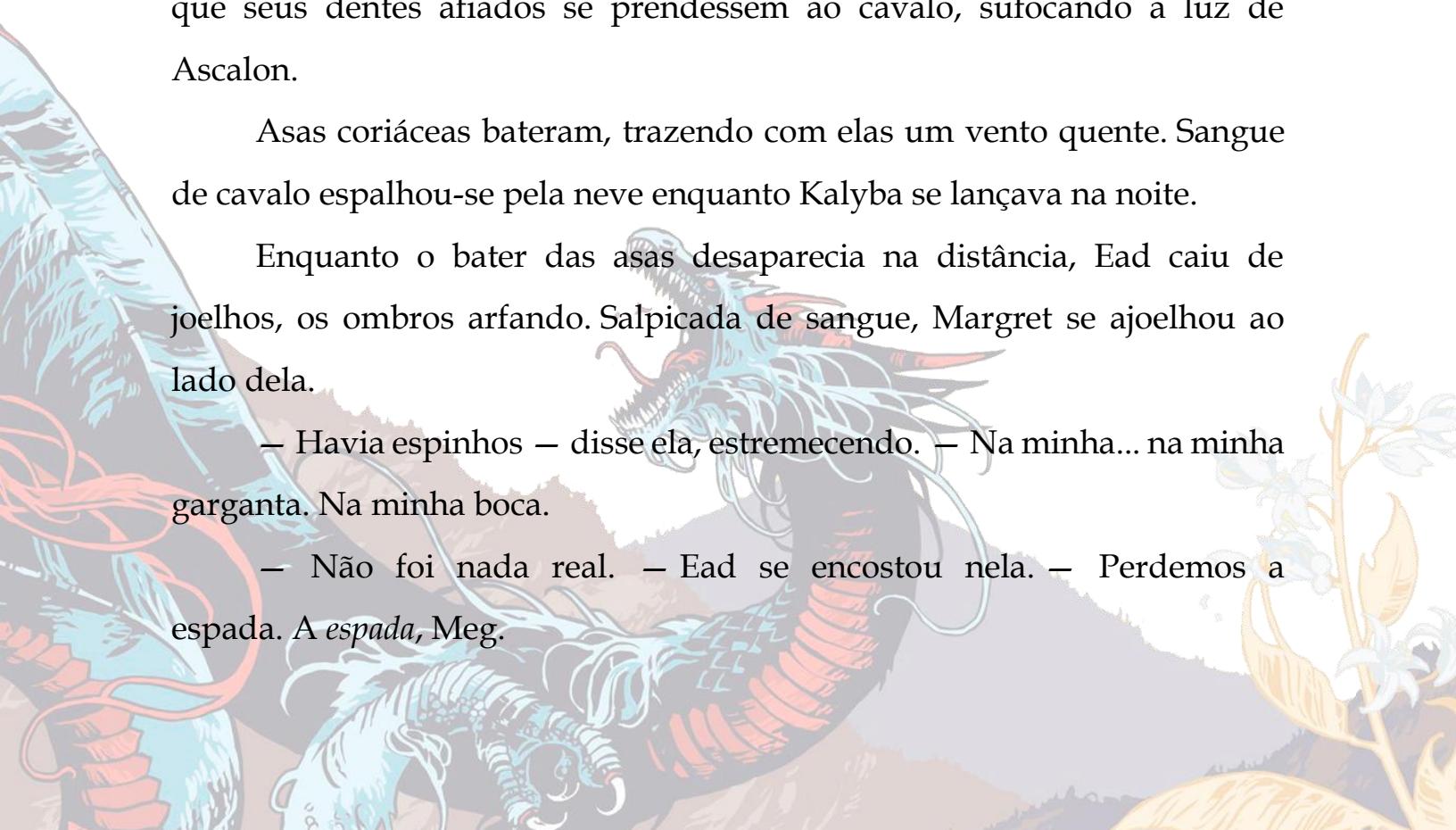
— O Inominável vai me deixar ser sua Rainha de Carne nos dias que virão — disse Kalyba. — Vou dar-lhe Sabran de presente e ocupar o lugar dela no trono de Inys. O trono que Galian tirou de mim. Ninguém saberá a diferença. Direi ao povo que *sou* Sabran e que o Inominável, em sua misericórdia, me permitiu manter minha coroa.

— Não — disse Ead calmamente.

Kalyba estendeu a mão mais uma vez. Margret colocou a dela em Ascalon, ainda afivelada na sela.

— Dê-me a espada — disse Kalyba — e seu juramento será cumprido.

— Seu olhar se voltou para Margret. — Ou talvez *você* a devolva, criança, para desfazer o mal que sua família me fez ao escondê-la.



Margret enfrentou a Dama da Floresta, seu medo de infância, e manteve a mão em Ascalon.

— Meus ancestrais foram corajosos em mantê-la longe de você — disse ela — e por *nada* vou dar a você.

Ead olhou para Kalyba. Ela que enganou Galian, o Enganador. A Wyrm Branca. Ancestral de Sabran. Se ela pegasse a espada, não haveria vitória.

— Muito bem — disse Kalyba. — Se tivermos de fazer isso da maneira mais difícil, que seja.

Diante de seus olhos, ela começou a mudar.

O membro se esticou e dobrou sobre si mesmo. Sua coluna se alongava com rachaduras como tiros de arma de fogo, e sua pele estava esticada entre novos ossos. Em alguns instantes, ela era grande como uma casa, e a Wyrm Branca estava diante delas, imponente e terrível. Ead agarrou Margret antes que seus dentes afiados se prendessem ao cavalo, sufocando a luz de Ascalon.

Asas coriáceas bateram, trazendo com elas um vento quente. Sangue de cavalo espalhou-se pela neve enquanto Kalyba se lançava na noite.

Enquanto o bater das asas desaparecia na distância, Ead caiu de joelhos, os ombros arfando. Salpicada de sangue, Margret se ajoelhou ao lado dela.

— Havia espinhos — disse ela, estremecendo. — Na minha... na minha garganta. Na minha boca.

— Não foi nada real. — Ead se encostou nela. — Perdemos a espada. A *espada*, Meg.

Suas mãos queimaram, mas ela as manteve fechadas. Ela precisaria de todo o seu siden para a luta que estava por vir.

— Não pode ser verdade. — Margret engoliu em seco. — Tudo o que ela disse sobre o Santo. O rosto que ela usava era falso.

— Eu o revelei com magia de fogo — Ead murmurou. — Magia de fogo é uma revelação. Diz apenas a verdade.

Em algum lugar entre as árvores, uma coruja soltou um grito assustador. Quando Margret se encolheu, pavor em seu olhar, Ead agarrou sua mão e apertou-a.

— Sem a Espada Verdadeira, não podemos matar o Inominável. E a menos que possamos encontrar a segunda joia, não podemos amarrá-lo — disse ela. — Mas podemos ser capazes de levantar um exército suficiente para levá-lo para longe.

— Como? — A voz de Margret estava desolada. — Quem pode nos ajudar agora?

Ead se levantou, puxando Margret com ela, e elas pararam na neve manchada de vermelho sob a lua.

— Devo falar com Sabran — disse ela. — É hora de abrir uma nova porta.



Capítulo 56

Oeste

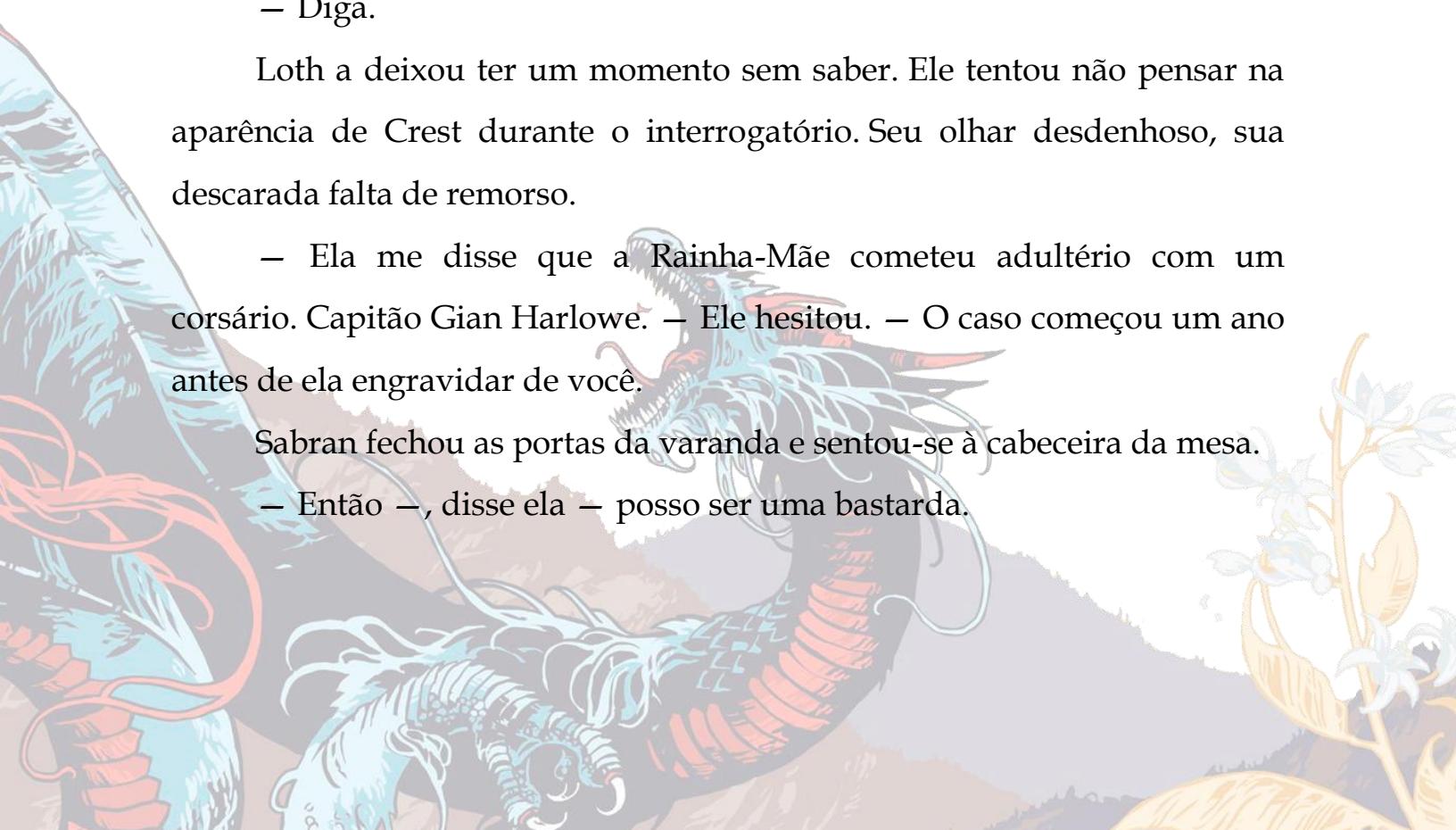
Loth passou a manhã escrevendo para o Conselho de Virtudes, contando-lhes sobre a ameaça iminente e chamando-os para Ascalon. Foi um processo exaustivo, mas como Seyton Combe fora libertado e assumido a construção de um caso contra Igrain Crest, parte do fardo estava fora de seus ombros.

Sabran juntou-se a ele à tarde. Uma pomba de pedra pousou em seu antebraço, arrulhando. Suas penas malhadas o identificaram como vinda de Mentendon.

— Recebi uma resposta da Alta Princesa Ermuna. Ela exige justiça pela execução ilegal de Dama Truyde. — Ela colocou a carta na mesa. — Ela também diz que o Doutor Niclays Roos foi sequestrado por piratas e me culpa por ter negado seu perdão por tanto tempo.

Loth desdobrou a carta. Tinha sido selada com o cisne da Casa de Lievelyn.

- A única justiça que posso oferecer por Truyde é Igrain Crest.
- Sabran destrancou as portas da varanda. — Quanto a Roos... Eu deveria ter cedido há muito tempo.
- Roos era um vigarista — disse Loth. — Ele merecia punição.
- Não tão extrema.



Ele sentiu que não havia nada que pudesse dizer para detê-la. De sua parte, Loth nunca gostou do alquimista.

— Felizmente — disse Sabran — Ermuna concordou, dada a urgência do meu pedido, que a Biblioteca de Ostendeur fosse vasculhada em busca de conhecimento sobre o reinado da Imperatriz Mokwo. Ela enviou um de seus servos para encontrar os registros e enviará outro pássaro rapidamente quando os tiver.

— Bom.

Sabran ergueu o braço. A pomba da rocha pulou dela e voou para longe.

— Sab.

Ela olhou para ele.

— Crest me disse algo — Loth disse. — Sobre... por que ela providenciou para que sua mãe morresse.

— Diga.

Loth a deixou ter um momento sem saber. Ele tentou não pensar na aparência de Crest durante o interrogatório. Seu olhar desdenhoso, sua descarada falta de remorso.

— Ela me disse que a Rainha-Mãe cometeu adultério com um corsário. Capitão Gian Harlowe. — Ele hesitou. — O caso começou um ano antes de ela engravidar de você.

Sabran fechou as portas da varanda e sentou-se à cabeceira da mesa.

— Então —, disse ela — posso ser uma bastarda.

— Crest achava que sim. Foi por isso que ela teve um papel tão importante na sua educação. Ela queria moldá-la em uma rainha mais virtuosa.

— Uma rainha mais *obediente*. Um fantoche — disse Sabran secamente — para ser manipulada.

— O príncipe Wilstan pode ter sido seu pai. — Loth colocou a mão sobre a dela. — O caso com Harlowe pode nem ter existido. Crest claramente não está em seu juízo perfeito.

Sabran balançou a cabeça.

— Parte de mim sempre soube. Mamãe e papai eram amorosos em público, mas frios em particular. — Ela apertou a mão dele. — Obrigada por me dizer, Loth.

— Sim.

Ela alcançou em silêncio sua pena de cisne. Loth amassou a rigidez do pescoço e continuou seu trabalho.

Era tranquilo ficar sozinho com ela. Ele se viu olhando para sua amiga de infância, pensando.

Sabran tinha se apaixonado por Lievelyn e se voltado para Ead em busca de conforto após sua morte? Ou seu casamento com Lievelyn fora de conveniência, e Ead era a raiz de seu coração? Talvez a verdade estivesse em algum lugar no meio.

— Eu tenho uma ideia — Sabran disse. — Fazer Roslain a nova Duquesa da Justiça. Ela é a herdeira aparente.

— Isso é sábio? — Quando ela apenas continuou a escrever, Loth disse:
— Sou amigo de Roslain há muitos anos. Eu conheço sua devoção por você, mas podemos ter certeza de que sua parte nisso foi inocente?

— Combe está tão convencido quanto pode estar de que ela agiu apenas para salvar minha vida. Seus dedos quebrados são evidência de sua lealdade. — Ela mergulhou a pena no tinteiro novamente. — A avó dela vai perder a cabeça. Ead pode ter aconselhado por misericórdia no passado, mas muito disso me torna uma tola.

Passos se aproximaram de fora da câmara. Sabran ficou tensa ao ouvir o choque de partizans.

— Quem vem? — ela chamou.
— Dama Stillwater, Vossa Majestade. — Foi a resposta.

Ela relaxou um pouco.

— Mande-a entrar.

Dama Nelda Stillwater entrou na Câmara do Conselho, usando a corrente de rubi de seu escritório.

— Vossa Graça — disse Sabran.
— Majestade. Lorde Arteloth. — A Duquesa da Coragem fez uma reverência. — Acabei de ser libertada da Torre Dearn. Eu queria vir pessoalmente para lhe contar sobre minha raiva por uma colega Duquesa se levantar contra você. — Seu rosto estava tenso. — Você sempre teve minha lealdade.

Sabran deu um aceno cortês.

— Agradeço a você, Nelda, e estou muito feliz em ver você liberada.

— Em nome de meu filho e minha neta, também devo implorar misericórdia para Dama Roslain. Ela nunca disse uma palavra de traição contra você na minha presença, e eu não posso pensar que ela alguma vez quis te machucar.

— Esteja certa de que Dama Roslain será julgada com justiça.

Loth concordou com a cabeça. A pequena Elain, que tinha apenas cinco anos, deveria estar preocupada com a mãe.

— Obrigada, Majestade, — Stillwater disse. — Eu confio no seu veredicto. Lorde Seyton também me pediu para lhe dizer que Dama Margret e Dame Eadaz chegaram a Summerport ao meio-dia.

— Avise que elas devem ir à Câmara do Conselho assim que chegarem ao palácio.

Stillwater fez uma reverência novamente e voltou pelas portas.

— Parece que Lorde Seyton já retornou ao seu papel como seu industrioso espião mestre. — Loth disse.

— De fato. — Sabran pegou sua pena novamente. — Você tem certeza de que ele não tinha noção dessa trama?

— *Certeza* é uma palavra perigosa, — Loth disse — mas estou tão certo quanto posso estar de que tudo o que ele faz, ele faz pela coroa — e pela rainha que a usa. Estranhamente, eu confio nele.

— Mesmo que ele tenha mandado você embora. Mesmo que não fosse por ele, Lorde Kitston ainda estaria vivo. — Sabran captou seu olhar. — Eu ainda poderia privá-lo de seus títulos, Loth. Apenas diga a palavra.

— O Cavaleiro da Coragem ensina misericórdia e perdão —, Loth disse calmamente. — Eu escolho prestar atenção.

Com um pequeno aceno de cabeça, Sabran voltou à carta dela e Loth voltou à sua.

Já era fim da tarde quando um distúrbio bem abaixo da torre o fez levantar a cabeça. Ele foi até a varanda e se inclinou sobre a balaustrada. No pátio, pelo menos cinquenta pessoas, pequenas como formigas daqui, se reuniram no Jardim Sundial, com mais se juntando a elas.

— Eu acredito que Ead está de volta. — Ele sorriu. — Com um presente.

— Presente?

Ele já estava na metade do caminho para fora da Câmara do Conselho. Sabran estava ao seu lado em instantes, perseguida por seus Cavaleiros do Corpo.

— Loth —, disse ela, meio rindo — que presente?

— Você vai ver.

Lá fora, o sol estava forte e sem calor, e Margret e Ead estavam no centro de uma comoção. Elas flanqueavam Aralaq, que estava entre os curiosos com uma espécie de cansaço digno. Quando Sabran apareceu, Ead fez uma reverência e a corte seguiu o exemplo.

— Majestade.

Sabran ergueu as sobrancelhas.

— Dama Nurtha.

Ead se endireitou, sorrindo.

— Senhora — disse ela — encontramos esta nobre criatura em Goldenbirch, no local do lar Berethnet. — Ela colocou a mão no ichneumon. — Este é Aralaq, um descendente do próprio ichneumon que

carregou a Rainha Cleolind para Inys. Ele veio para oferecer sua lealdade a Vossa Majestade.

Aralaq avaliou a rainha com seus olhos enormes e negros. Sabran percebeu o milagre diante dela.

— Você é muito bem-vindo aqui, Aralaq. — Ela abaixou a cabeça. — Como seus ancestrais eram antes de você.

Aralaq curvou-se para a rainha em troca, seu nariz quase tocando a grama. Loth observou como os rostos mudaram. Para o povo da corte, essa era mais uma confirmação de que Sabran era divina.

— Vou protegê-la como faria com meu próprio filhote, Sabran de Inys — resmungou Aralaq. — Pois você é o sangue do Rei Galian, a perdição do Inominável. Eu juro minha fidelidade a você.

Quando Aralaq esfregou o nariz na palma da mão dela, os cortesãos olharam em reverência para sua rainha e esta criatura lendária. Sabran acariciou-lhe as orelhas e sorriu como raramente fazia desde que era uma menina.

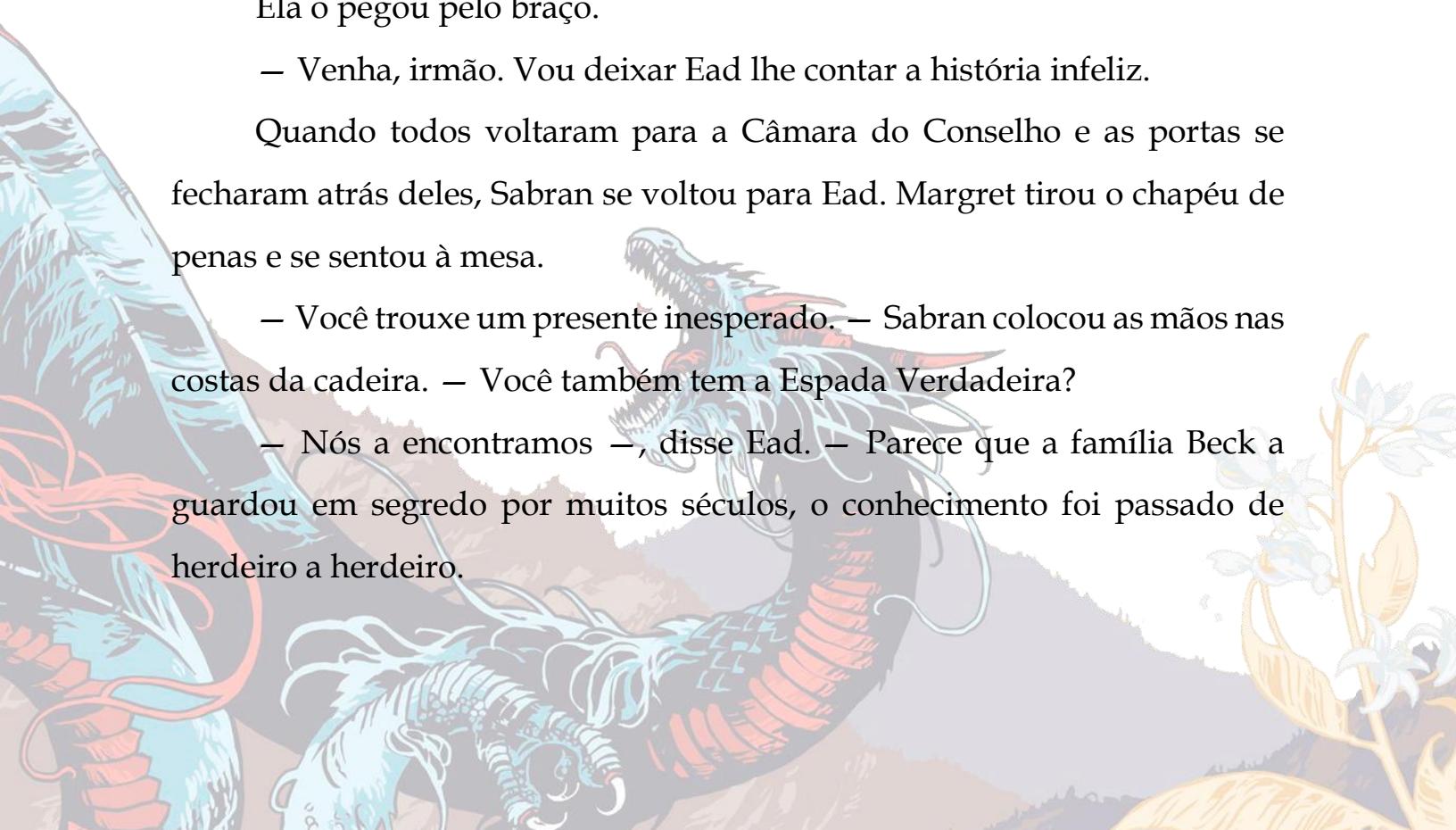
— Mestre Wood —, disse ela, e o escudeiro com espinhas em questão se curvou — providencie para que Aralaq seja tratado como nosso irmão em Virtudom.

— Sim, Majestade —, disse Wood. O nó em sua garganta balançou. — Posso perguntar, ah, o que Sir Aralaq come?

— Wyrm — Aralaq disse.

Sabran riu.

— Estamos um pouco com falta de wyrm aqui, mas temos muitas víboras. Consulte o cozinheiro, Mestre Wood.



Aralaq lambeu suas costeletas. Wood parecia enjoado. Sabran voltou para a sombra da Torre de Alabastro. Ead falou com o ichneumon, que a cutucou com o nariz, antes que ela o seguisse.

Loth abraçou sua irmã.

— Como estavam nossos pais? — ele perguntou.

Margret suspirou.

— Papai está morrendo. Mamãe está satisfeita por eu me casar com Lorde Morwe. Você deve ir até eles assim que puder.

— Você encontrou Ascalon?

— Sim — ela disse, mas sem alegria. — Loth, você se lembra daquele buraco de coelho que eu caí quando era criança?

Ele se empenhou em lembrar.

— Não aquele jogo idiota que jogávamos quando crianças. Na Floresta de Haith — ele disse. — E daí?

Ela o pegou pelo braço.

— Venha, irmão. Vou deixar Ead lhe contar a história infeliz.

Quando todos voltaram para a Câmara do Conselho e as portas se fecharam atrás deles, Sabran se voltou para Ead. Margret tirou o chapéu de penas e se sentou à mesa.

— Você trouxe um presente inesperado. — Sabran colocou as mãos nas costas da cadeira. — Você também tem a Espada Verdadeira?

— Nós a encontramos —, disse Ead. — Parece que a família Beck a guardou em segredo por muitos séculos, o conhecimento foi passado de herdeiro a herdeiro.

— Isso é um absurdo —, Loth disse. — Papai nunca teria escondido isso de suas rainhas.

— Ele estava guardando para quando eles mais precisassem, Loth. Ele teria lhe contado sobre isso antes de você herdar a propriedade.

Loth foi atingido por um raio. Removendo sua capa, Ead se sentou.

— Encontramos Ascalon em um buraco de coelho no Floresta de Haith —, disse ela. — Kalyba apareceu. Ela me seguiu desde Lasia.

— A Dama da Floresta — disse Sabran.

— Sim. Ela tirou a espada de nós.

Sabran apertou a mandíbula. Loth observou sua irmã e Ead. Havia algo estranho em suas expressões.

Elas estavam escondendo algo.

— Suponho que enviar mercenários atrás de um metamorfo seria um exercício de futilidade. — Sabran afundou na cadeira. — Se Ascalon se perdeu para nós e não há garantia de que encontraremos a segunda joia, então devemos... preparar-nos para nos defender. Um segundo Século da Dor começará no instante em que o Inominável se levantar. Eu invocarei o sagrado chamado às armas, então o Rei Raunus e a Alta Princesa Ermuna estarão prontos para lutar.

Seu tom era uniforme, mas seus olhos estavam assombrados. Ela tinha mais tempo para se preparar do que Glorian Shieldheart, que tinha dezesseis anos e estava de cama com febre quando o primeiro Século da Dor começou, mas poderia levar apenas semanas. Ou dias.

Ou horas.

— Você precisará de mais do que Virtudom para estar pronta, Sabran — disse Ead. — Você vai precisar de Lasia. Você precisará de Ersyr. Você vai precisar de todos neste mundo que possam levantar uma espada.

— Outros soberanos não tratarão com Virtudom.

— Então você deve fazer um gesto de amor e respeito que tem por eles — disse Ead — retirando a longa proclamação de que todas as outras religiões são heresias. Mudar a lei para permitir que aqueles com valores diferentes vivam em paz em seus reinos.

— É uma tradição de mil anos —, disse Sabran secamente. — O próprio Santo escreveu que todas as outras religiões eram falsas.

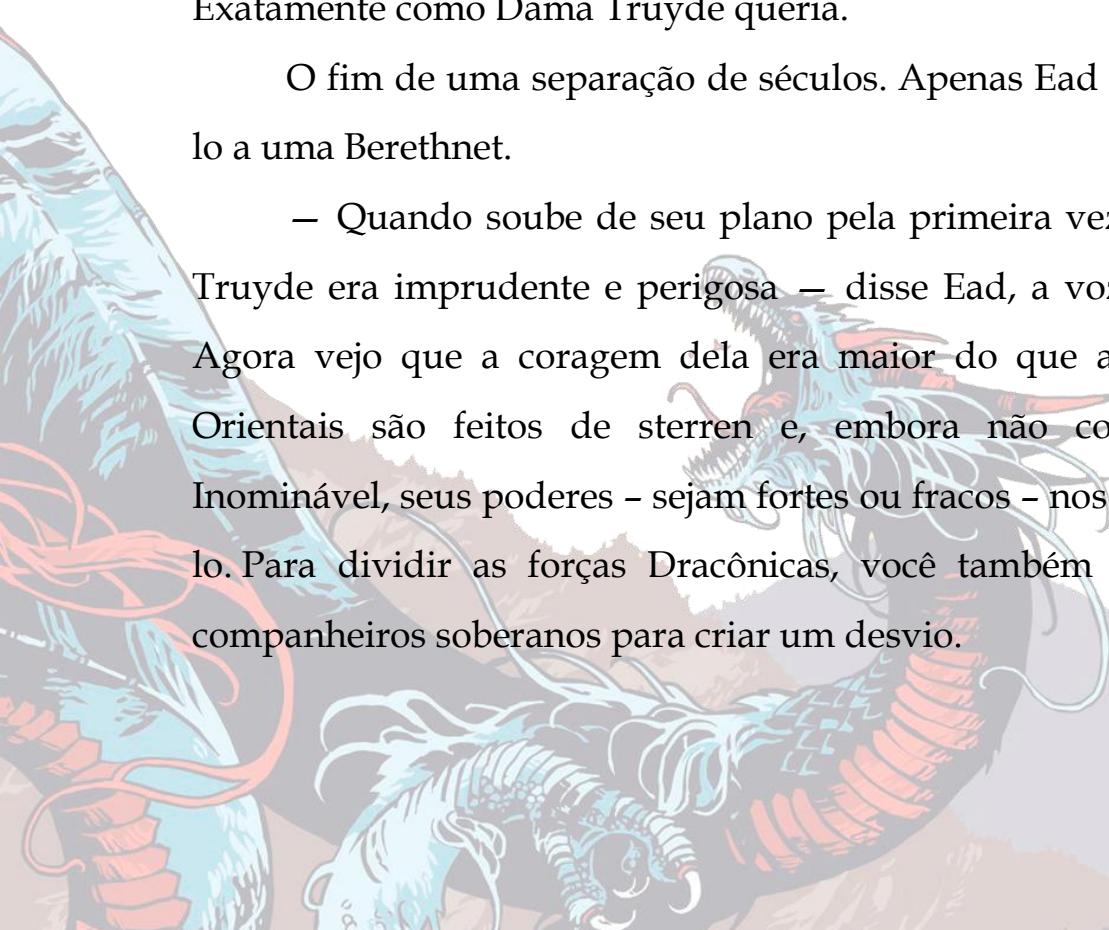
— Só porque algo sempre foi feito não significa que *deva* ser feito.

— Concordo. — Loth tinha falado antes que ele percebesse. As três mulheres olharam para ele, Margret com as sobrancelhas levantadas. — Acho que ajudaria —, ele admitiu, embora sua fé gemesse em protesto. — Durante minha... *aventura*, aprendi o que era ser herege. Parecia que minha própria existência estava sendo atacada. Se Inys pudesse ser a primeira a parar de usar a palavra, acho que teria prestado um serviço muito bom a este mundo.

Depois de um momento, Sabran assentiu.

— Vou submeter isso ao Conselho das Virtudes —, disse ela. — Mas mesmo que os governantes do Sul se juntem a nós, não consigo ver se isso nos fará muito bem. Yscalin tem o maior exército permanente do mundo, e ele estará contra nós. A humanidade não tem força para resistir ao fogo agora.

— Então a humanidade precisará de ajuda — disse Ead.



Loth balançou a cabeça, perdido.

— Diga-me —, Ead continuou, sem explicar. — Você teve notícias da Alta Princesa Ermuna?

— Sim —, disse Sabran. — Ela terá um encontro para mim em breve.

— Bom. O Inominável se levantará do Abismo naquele dia, e mesmo se *não* unirmos a espada e as joias, ainda devemos estar lá para afastá-lo enquanto ele ainda está fraco de seu sono.

Loth franziu a testa.

— Para onde? E como?

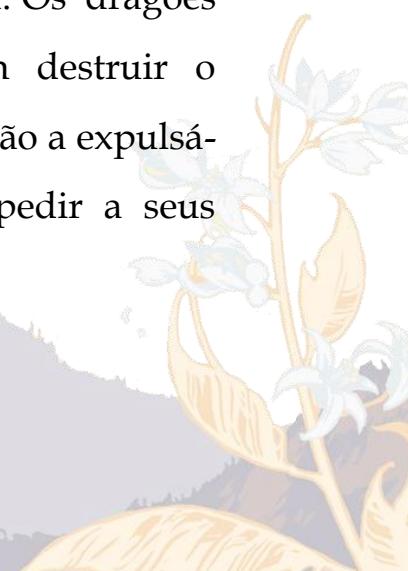
— Do outro lado do Mar Halassa, ou além do Portão de Ungulus. Se o mal deve existir, que não esteja em nosso seio. — Ela olhou Sabran nos olhos. — Não podemos realizar nenhum desses planos sozinhos.

Sabran recostou-se.

— Você quer que invoquemos o Oriente — ela conjecturou. — Exatamente como Dama Truyde queria.

O fim de uma separação de séculos. Apenas Ead teria ousado propô-lo a uma Berethnet.

— Quando soube de seu plano pela primeira vez, pensei que Dama Truyde era imprudente e perigosa — disse Ead, a voz cheia de pesar. — Agora vejo que a coragem dela era maior do que a nossa. Os dragões Orientais são feitos de sterren e, embora não consigam destruir o Inominável, seus poderes — sejam fortes ou fracos — nos ajudarão a expulsá-lo. Para dividir as forças Dracônicas, você também pode pedir a seus companheiros soberanos para criar um desvio.



— Eles podem muito bem ajudar —, Loth interrompeu — mas os Orientais nunca negociarão conosco.

— Seiiki negocia com Mentendon. E os Orientais podem ajudar Inys se você lhes fizer uma oferta que eles não possam recusar.

— Diga-me, Ead. — Sabran parecia impassível. — O que devo oferecer aos hereges do Oriente?

— A primeira aliança com Virtudom na história.

A Câmara do Conselho ficou em silêncio como uma cripta.

— Não — Loth disse com firmeza. — Isso é demais. Ninguém vai aceitar isso. Nem o Conselho de Virtudes, nem o povo, nem eu.

— Você acaba de defender que todos nós paremos de pensar uns nos outros como hereges. — Margret cruzou os braços. — Você bateu com a cabeça sem que eu percebesse nos últimos minutos, irmão?

— Eu quis dizer as pessoas *deste* lado do Abismo. Os Orientais veneram wyrms. Não é a mesma coisa, Meg.

— Os dragões Orientais não são nossos inimigos, Loth. Eu costumava acreditar que sim —, disse Ead — mas não entendia a dualidade sobre a qual nosso mundo é construído. Eles são de natureza oposta a coisas infernais como Fýredel.

Loth bufou.

— Você começa a soar como um alquimista. Você já conheceu um wrym Oriental?

— Não. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Você já?

— Não preciso conhecê-los para saber que forçaram o Oriente a adorá-los. Não vou me ajoelhar no altar da heresia.

— Eles não podem forçar a adoração — ponderou Margret. — Talvez eles compartilhem um respeito mútuo com os Orientais.

— Você está se ouvindo, Margret? — Loth disse, chocado. — Eles são *wyrms*.

— O Oriente também teme o Inominável — disse Ead. — Cada uma de nossas religiões concorda que ele é o inimigo.

— E o inimigo do inimigo é um amigo em potencial — concordou Margret.

Loth mordeu a língua. Se os fundamentos de sua fé fossem atingidos mais uma vez, eles poderiam desabar.

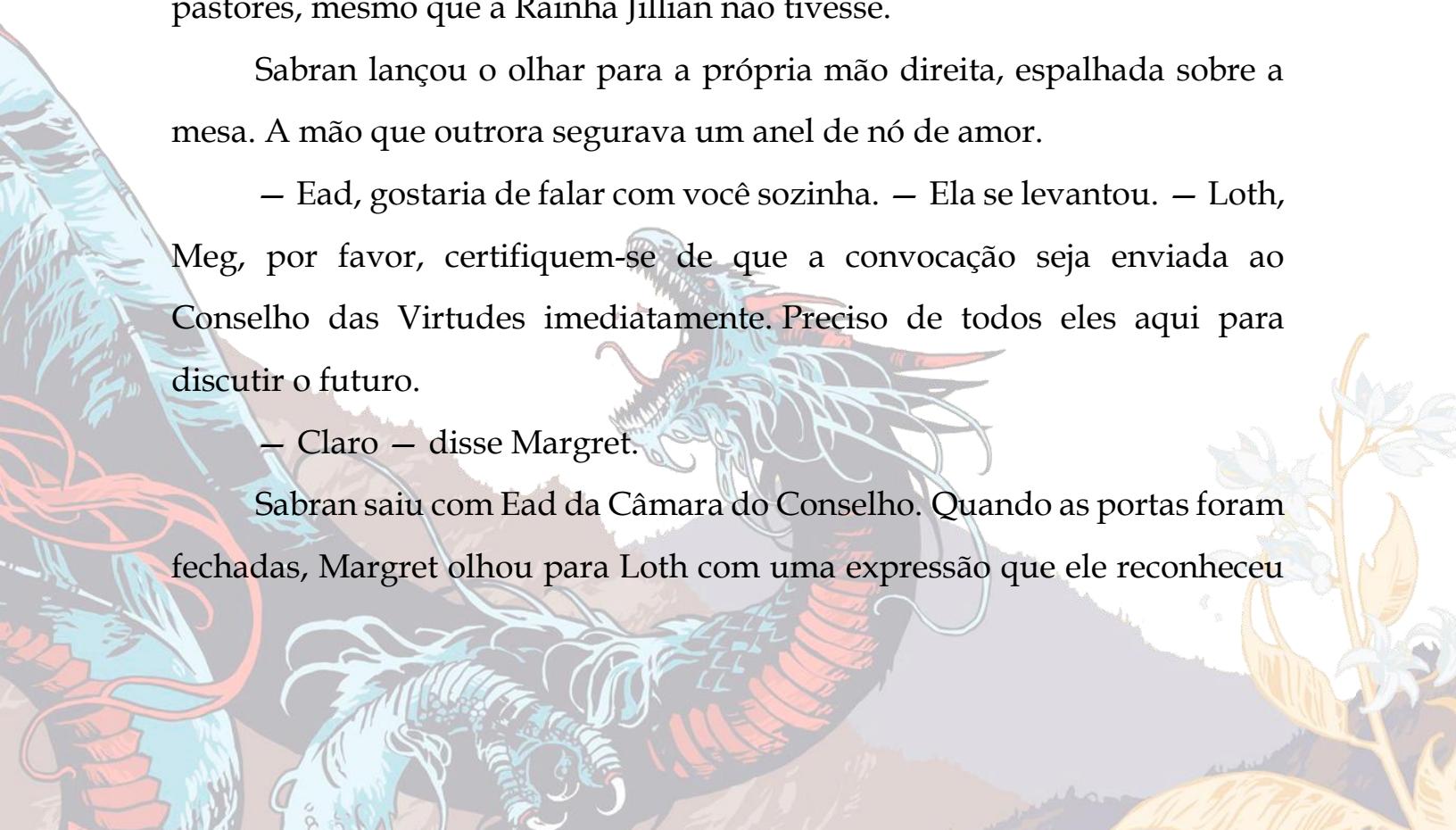
— Você não sabe o que está perguntando, Ead. — Quando Sabran falou, sua voz parecia muito pesada para ser levantada. — Mantivemos nossa distância do Oriente por causa de sua heresia, sim — mas, no meu entendimento, os Orientais fecharam a porta primeiro, por medo da praga. Não serei capaz de persuadi-los a se juntar a nós sem fazer uma oferta muito generosa em troca.

— O banimento do Inominável irá beneficiar todos nós —, disse Ead. — O Oriente não escapou do Século da Dor e não escapará disso.

— Mas seu povo pode ganhar tempo para se preparar enquanto colocamos nossas cabeças no quarteirão. — Sabran apontou.

Um pássaro pousou do lado de fora. Loth olhou para a varanda, esperando ver uma pomba de pedra com uma carta. Um corvo olhava para ele.

— Eu disse a você que mesmo os países de Virtudom não viriam em ajuda de Inys se suas próprias costas estivessem sob ataque —, disse Sabran,



preocupada demais com Ead para notar o pássaro. — Você pareceu surpresa.

— Eu estava.

— Você não deveria ter estado. Minha avó uma vez disse que quando um lobo chega à aldeia, um pastor olha primeiro para seu próprio rebanho. O lobo dá sangue aos dentes de outras ovelhas, e o pastor sabe que um dia isso acontecerá com os dele, mas ele se agarra à esperança de poder mantê-lo fora. Até que o lobo esteja em sua porta.

Loth pensou que isso soava como algo que a rainha Jillian teria dito. Ela havia defendido alianças mais firmes com o resto do mundo.

— É assim —, concluiu Sabran. — É assim que a humanidade existe desde o Século da Dor.

— Se os governantes Orientais tiverem um pouco de inteligência entre eles, verão a necessidade de cooperação —, afirmou Ead. — Eu tenho fé nos pastores, mesmo que a Rainha Jillian não tivesse.

Sabran lançou o olhar para a própria mão direita, espalhada sobre a mesa. A mão que outrora segurava um anel de nó de amor.

— Ead, gostaria de falar com você sozinha. — Ela se levantou. — Loth, Meg, por favor, certifiquem-se de que a convocação seja enviada ao Conselho das Virtudes imediatamente. Preciso de todos eles aqui para discutir o futuro.

— Claro — disse Margret.

Sabran saiu com Ead da Câmara do Conselho. Quando as portas foram fechadas, Margret olhou para Loth com uma expressão que ele reconheceu

de suas aulas de música. Ela lidava com ele sempre que ele tocava a nota errada.

— Espero que você não pretenda argumentar contra esse plano.

— Ead é louca só de insinuá-lo —, Loth murmurou. — Uma aliança com o Oriente é um remédio para o infortúnio.

O corvo decolou novamente.

— Eu não sei. — Margret pegou uma pena e tinta. — Talvez seus dragões não sejam nada como wyrms. Hoje em dia me sinto na obrigação de questionar tudo que já conheci.

— Não devemos *questionar*, Meg. A fé é um ato de confiança no Santo.

— E você não está questionando a sua?

— Claro que estou. — Ele esfregou a testa com uma das mãos. — E todos os dias temo ser amaldiçoado por isso. Que eu não terei lugar em Halgalant.

— Loth, você sabe como eu te amo, mas o sentido em sua cabeça poderia caber em um dedal.

Loth franziu os lábios.

— E você, suponho, é conhecadora do mundo.

— Eu nasci com conhecimento do mundo.

Ela puxou um rolo de pergaminho em sua direção. Loth perguntou:

— O que mais aconteceu em Goldenbirch?

Com o sorriso sumindo, Margret disse:

— Eu vou te contar amanhã. E eu recomendo que você tenha uma boa e longa noite de sono antes de ouvir, Loth, porque sua fé será testada mais

uma vez. — Ela acenou com a cabeça para a pilha de cartas. — Seja rápido, irmão. Devo levar isso ao Mestre dos Postos.

Ele fez o que lhe foi pedido. Às vezes ele se perguntava por que o Santo não havia feito de Margret a filha mais velha.



A noite havia caído sobre Ascalon. Metade dos Cavaleiros do Corpo seguiu Ead e Sabran até o Jardim Privado, mas a rainha ordenou que esperassem do lado de fora do portão.

Apenas as estrelas podiam vê-las na escuridão coberta de neve. Ead se lembrava de passear com Sabran por esses caminhos no alto verão. A primeira vez que ela havia caminhado sozinha com ela.

Sabran, descendente de Kalyba. Kalyba, a fundadora da Casa de Berethnet.

Isso a assombrava no caminho de volta de Caliburn do Mar. Isso a havia assombrado enquanto cavalgavam para encontrar Aralaq. O segredo que dividiu o Priorado durante séculos.

Bêbado de encantamento, Galian Berethnet se deitou com uma mulher que tinha visto como mãe e a engravidou. Ele havia construído sua religião como um muro em torno de sua vergonha. E para salvar seu legado, ele não viu escolha a não ser santificar a mentira.

A tensão emanou de Sabran como o calor de uma chama aberta. Quando chegaram à fonte, com seus riachos de água congelada, elas se encararam.

— Você percebe o que uma nova aliança pode acarretar.

Ead esperou que ela terminasse.

— O Oriente já terá armas e dinheiro. Posso acrescentar a isso — disse Sabran. — Mas lembre-se do que lhe disse. Alianças sempre foram formadas por meio do casamento.

— As alianças devem ter sido feitas sem casamento no passado.

— Essa aliança é diferente. Teria que unir duas regiões que estão distantes há séculos. Tricote dois corpos e tricote dois reinos. É por isso que nós, membros da realeza, nos casamos — não por amor, mas para construir nossas casas. É assim que o mundo é.

— Não precisa ser assim. Tente, Sabran — insistiu Ead. — Mude a forma como as coisas são.

— Você fala como se nada fosse mais fácil. — Sabran balançou a cabeça. — Como se o costume e a tradição não tivessem influência no mundo. Eles são o que moldam o mundo.

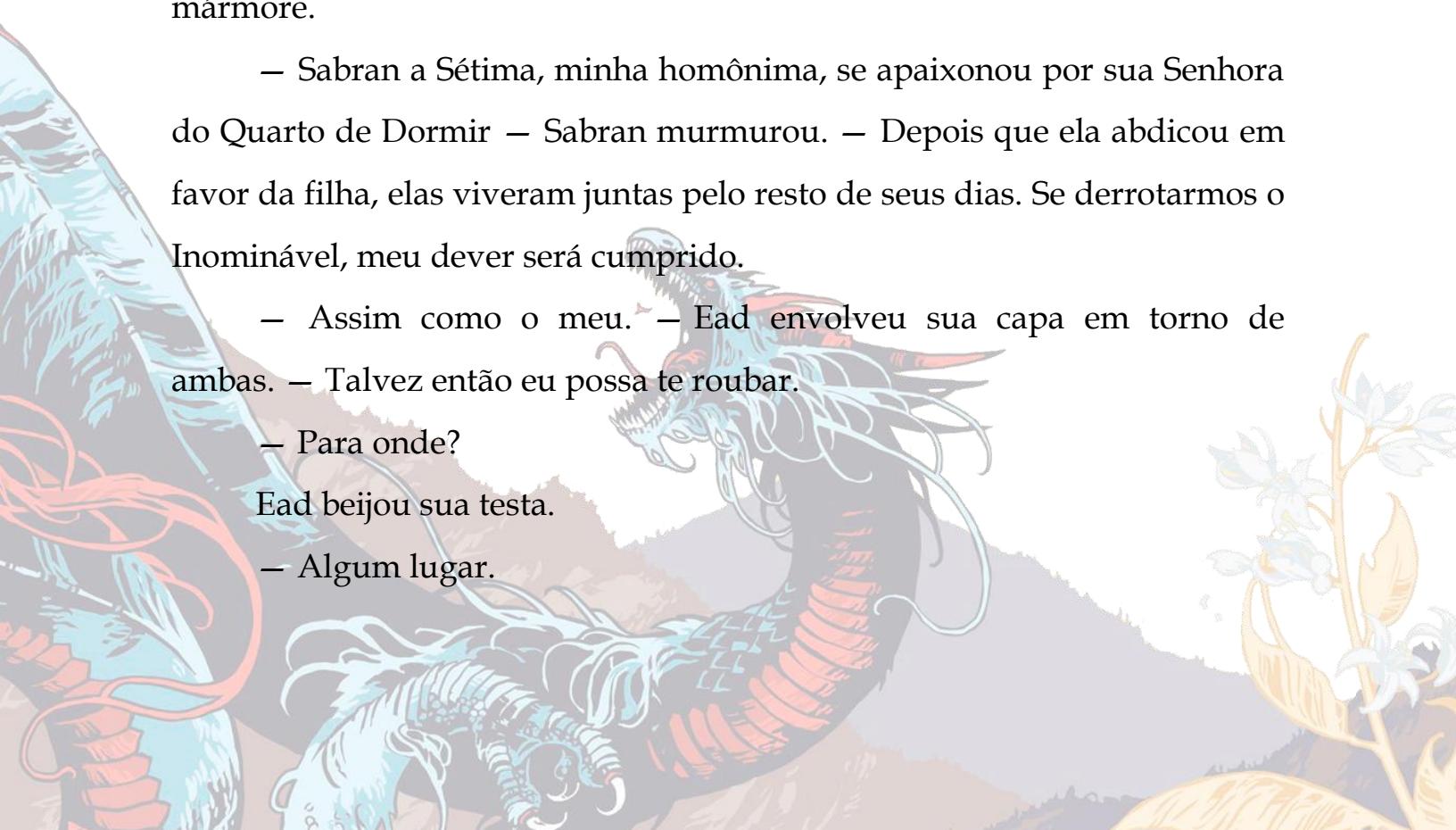
— É assim tão fácil. Um ano atrás, você não teria acreditado que pudesse amar alguém que considerava herege. — Ead não desviou o olhar. — Não é assim?

Sabran respirou uma névoa branca entre elas.

— Sim, — ela disse. — É assim.

Flocos de neve congelaram seus cílios e ficaram presos em seus cabelos. Ela havia saído furiosamente sem capa e agora segurava os próprios braços para se aquecer.

— Vou tentar —, concluiu ela. — Eu vou... apresentar isso apenas como uma aliança militar. Estou decidida a reinar sem consorte, como



sempre desejei. Não é mais meu dever casar-me e conceber uma filha. Mas se for o costume no Oriente, como geralmente é aqui...

— Pode não ser o costume. — Ead fez uma pausa. — Mas se for... talvez você deva reconsiderar sua determinação de permanecer solteira.

Sabran estudou seu rosto. Mesmo com a garganta doendo, Ead não desviou o olhar.

— Por que você fala assim? — Sabran disse baixinho. — Para começar, você sabe que nunca quis me casar e não estou inclinada a fazê-lo novamente. Tirando isso, é você que eu quero. Ninguém mais.

— Mas enquanto você governa, você nunca pode ser vista estando comigo. Eu sou uma herege, e...

— Pare. — Sabran a abraçou então. — Pare com isso.

Ead a puxou para perto, inspirou-a. Elas afundaram em um banco de mármore.

— Sabran a Sétima, minha homônima, se apaixonou por sua Senhora do Quarto de Dormir — Sabran murmurou. — Depois que ela abdicou em favor da filha, elas viveram juntas pelo resto de seus dias. Se derrotarmos o Inominável, meu dever será cumprido.

— Assim como o meu. — Ead envolveu sua capa em torno de ambas. — Talvez então eu possa te roubar.

— Para onde?

Ead beijou sua testa.

— Algum lugar.

Outro sonho tolo, mas, apenas por um momento, ela se permitiu habitá-lo. Uma vida com Sabran ao seu lado.

— Você e Meg esconderam algo de mim — disse Sabran. — O que aconteceu em Goldenbirch?

Demorou algum tempo até que Ead pudesse responder.

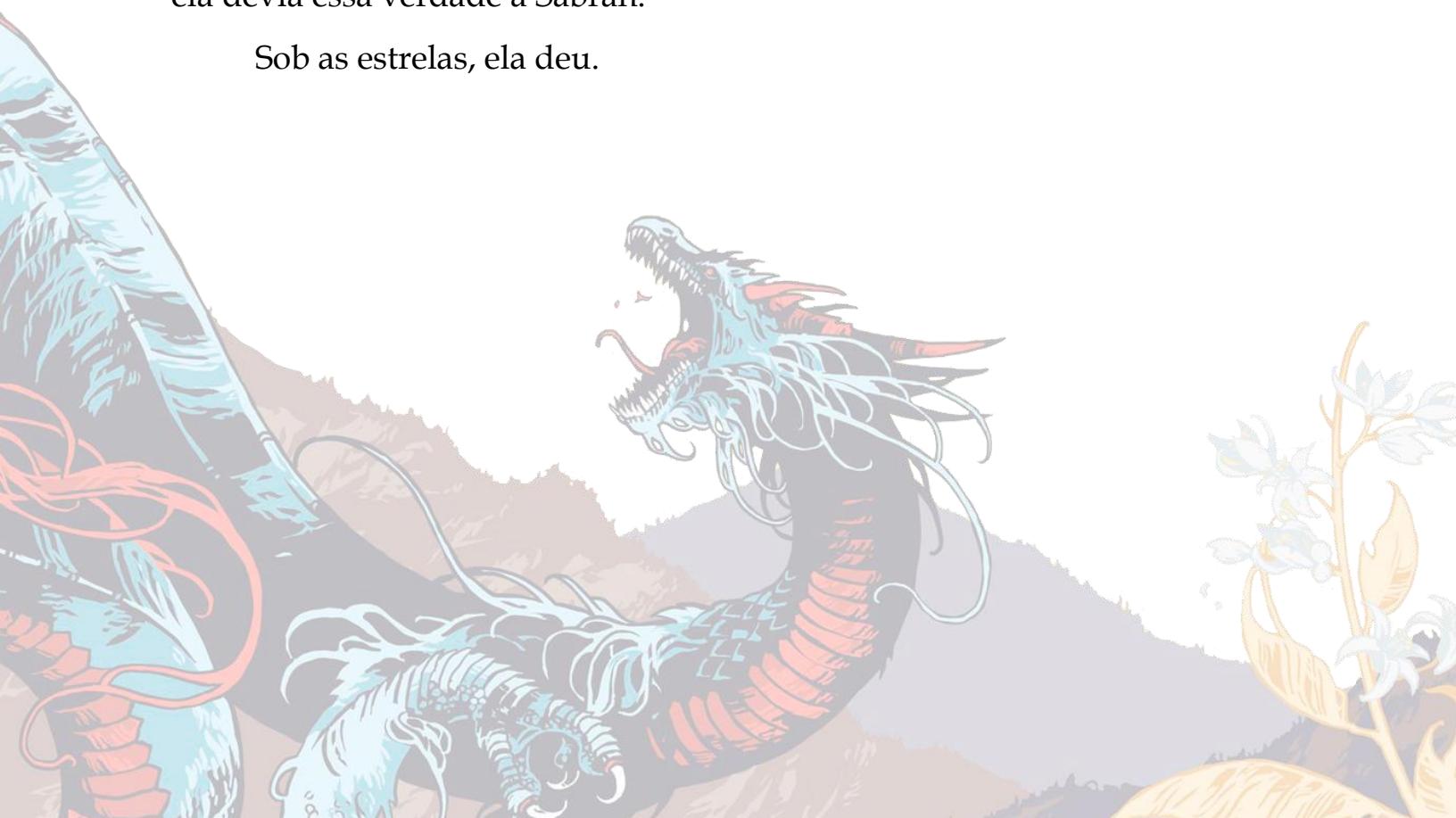
— Você me perguntou uma vez se eu sabia quem era a primeira rainha de Inys, se não Cleolind.

Sabran ergueu os olhos para ela.

— Minha mãe sempre dizia que era melhor receber más notícias no inverno, quando já estava escuro. Assim, pode-se curar na primavera —, disse ela, enquanto Ead procurava as palavras. — E eu devo estar no meu melhor nesta primavera em particular.

Diante daqueles olhos — os olhos da bruxa — Ead sabia que ela não poderia reter a revelação por mais tempo. Depois de oito anos de mentiras, ela devia essa verdade a Sabran.

Sob as estrelas, ela deu.



Capítulo 57

Oeste

Em um subsolo no Palácio de Ascalon, uma assassina de sangue sagrado aguardava execução. Sabran, que nunca mostrara sede de sangue em todos os anos em que Loth a conhecia, decidiu que ela queria o escudo desenhado e esquartejado, mas os outros Duques Espirituais aconselharam que seu povo acharia isso perturbador em um momento tão frágil. Melhor ser silenciosa e rápida.

Depois de uma noite andando sozinha pelo terreno, Sabran cedeu. O Copeiro enfrentaria o machado, e ela a enfrentaria em particular, com apenas um punhado de testemunhas.

Crest não mostrou remorso ao olhar para aqueles que tinham vindo paravê-la morrer. Roslain estava de pé a um lado da sala, um chapéu de luto sobre o cabelo. Loth sabia que ela não estava sofrendo com a avó, mas com a traição que manchou o nome de sua família.

Lorde Calidor Stillwater manteve uma mão reconfortante em sua cintura. Ele havia cavalgado do Castelo Cordain, a residência ancestral da família Crest, para estar com sua companheira em sua hora de luto.

Loth ficou perto deles, de braço dado com Margret. Sabran estava por perto, usando o colar que sua mãe lhe dera em seu aniversário de doze

anos. Não era costume a realeza assistir às execuções, mas Sabran achava que seria covarde fazer o contrário.

Um andaime baixo foi erguido e coberto com um pano escuro. Quando o relógio bateu dez, Crest ergueu o rosto para a luz.

— Não peço misericórdia e não peço desculpas —, disse ela. — Aubrecht Lievelyn era um pecador e sanguessuga. Rosarian Berethnet era uma prostituta e Sabran Berethnet é uma bastarda que nunca terá uma filha. — Ela travou o olhar com Sabran. — Ao contrário dela, eu não falhei em meu dever. Eu servi punição justamente. Vou de boa vontade para Halgalant, onde o Santo me receberá.

Sabran não reagiu à provocação, mas seu rosto estava totalmente frio.

Uma prima de Roslain, também com um chapéu de luto, despiu Crest de sua capa e anel de sinete e amarrou a venda sobre os olhos. O carrasco estava parado, uma mão no cabo do machado.

Igrain Crest ajoelhou-se diante do bloco, com as costas retas, e fez o sinal da espada em sua testa.

— Em nome do Santo —, disse ela — eu morro.

Com essas palavras, ela abaixou o pescoço no buraco. Loth pensou mais uma vez na rainha Rosarian e em como sua morte não tinha sido tão misericordiosa.

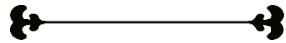
O carrasco ergueu o machado. Quando caiu, o mesmo aconteceu com a cabeça do Copeiro.

Ninguém fez nenhum som. Um criado ergueu a cabeça pelos cabelos e estendeu-a para que todos vissem. O sangue sagrado da Cavaleira da Justiça escorreu pelo quarteirão e um servo o coletou em uma taça. Quando o corpo

foi envolto e removido do cadafalso, a prima Crest foi até Roslain, que se afastou de seu companheiro.

O anel de sinete geralmente seria colocado na mão direita, mas o arrumador de ossos o tinha imobilizado. Em vez disso, Roslain estendeu a mão esquerda e sua prima colocou o anel.

— Aqui está Sua Graça, Dama Roslain Crest, Duquesa da Justiça —, disse o administrador. — Que ela seja correta em sua conduta, agora e sempre.



Igrain Crest estava morta. Nunca mais a sombra do Copeiro escureceria o Reino de Inys.

Sabran estava sentada em sua cadeira favorita na Câmara Privada. Um relógio com lamparina tiquetaqueando na lareira.

Ela mal havia dito uma palavra desde que Ead lhe contara sobre Kalyba. Assim que a história terminou, ela pediu para entrar, e elas passaram o resto da noite lacradas atrás das cortinas de sua cama. Ead a segurou em silêncio enquanto ela olhava para o dossel.

Agora ela parecia fixada em suas próprias mãos. Ead observou-a empurrar os nós dos dedos, enrolar as pontas dos polegares nos dedos e esfregar o rubi polido no anel de coroação.

— Sabran —, disse Ead — não há nada do poder dela em você.

Sabran apertou a mandíbula.

— Se eu tiver o sangue dela, então posso empunhar a joia minguante — , disse ela. — Algo dela vive em mim.

— Sem a podridão estelar, ou um fruto da laranjeira, você não pode usar nenhum dos dois ramos da magia. Você não é uma maga — , disse Ead — e não está prestes a se transformar em um wyrm.

Sabran continuou a arranhar a pele com as unhas. Ead estendeu a mão para cobrir sua mão.

— O que você está pensando?

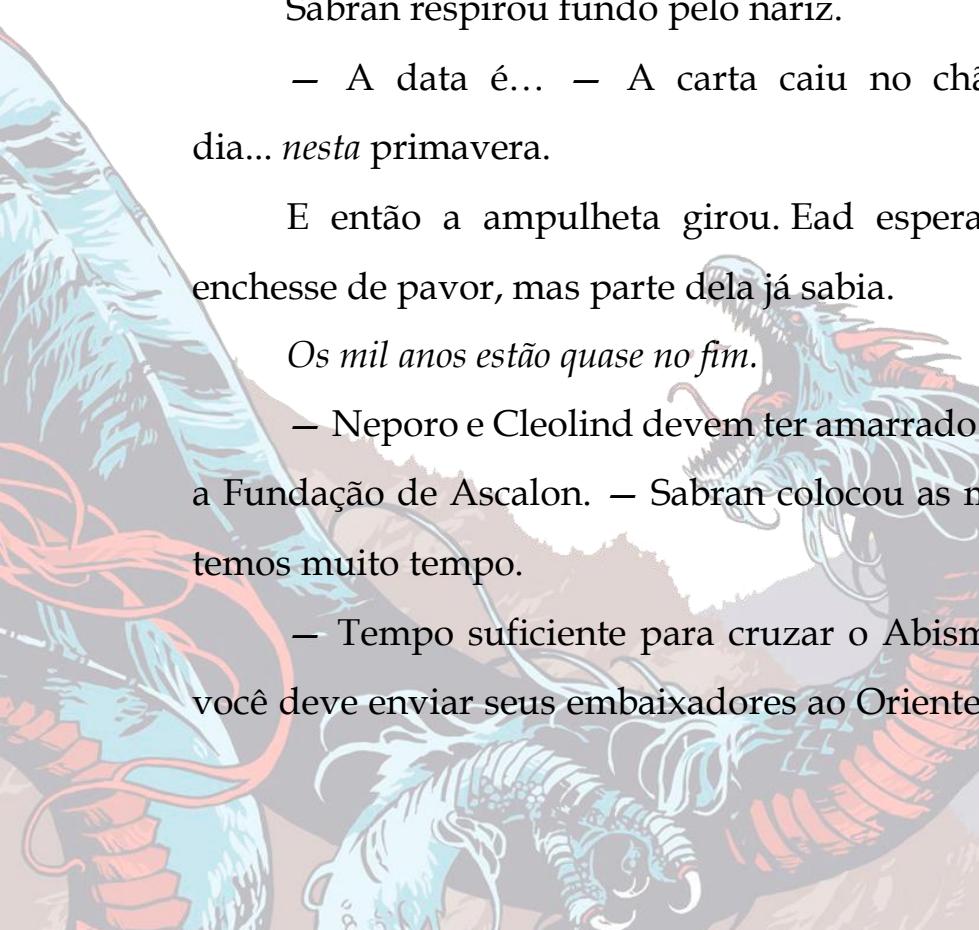
— Que provavelmente sou uma bastarda. Que sou descendente de um mentiroso e da Dama da Floresta — a mesma mulher que tirou minha filha de mim — e que nenhuma boa casa poderia ser construída sobre esse fundamento. — Seu cabelo era uma cortina entre eles. — Que tudo o que sou é mentira.

— A Casa de Berethnet fez muitas coisas boas. Sua origem não tem relação com isso. — Ead continuou segurando a mão dela. — Quanto ao seu status de bastarda, significa que seu pai está vivo. Isso não é bom?

— Eu não conheço Gian Harlowe. Meu pai, para todos os efeitos, era lorde Wilstan Fynch — disse Sabran baixinho — E ele está morto. Como minha mãe, Aubrecht e os outros.

O aflio a tinha em seu torno. Ead tentou amassar um pouco de calor em sua mão, sem sucesso.

— Ainda não entendo por que ela colocou a farpa em mim. — Sabran acariciou sua barriga com a outra mão. — Se ela fala a verdade, então ela amou sua filha, Sabran a Primeira. Eu sou o sangue dela. — A própria farpa



havia desaparecido. Segundo o médico que a havia tomado, tudo o que restou foi uma mecha de cabelo.

— Kalyba está divorciada de sua humanidade agora. Você é o sangue dela, mas a afinidade não é forte o suficiente para ela te amar. Tudo que ela quer é o seu trono —, disse Ead. — Podemos nunca entendê-la. O que importa é que ela está aliada ao Inominável, e isso a torna nossa inimiga.

Alguém bateu na porta. Um Cavaleiro do Corpo entrou em sua armadura prateada.

— Majestade —, ela disse, curvando-se — um pássaro acabou de chegar de Brygstad. Uma mensagem urgente de Sua Alteza Real, Alta Princesa Ermuna da Casa de Lievelyn.

Ela entregou-lhe a carta e saiu. Sabran quebrou o selo e se virou para a janela enquanto lia.

— O que ela diz? — Ead perguntou.

Sabran respirou fundo pelo nariz.

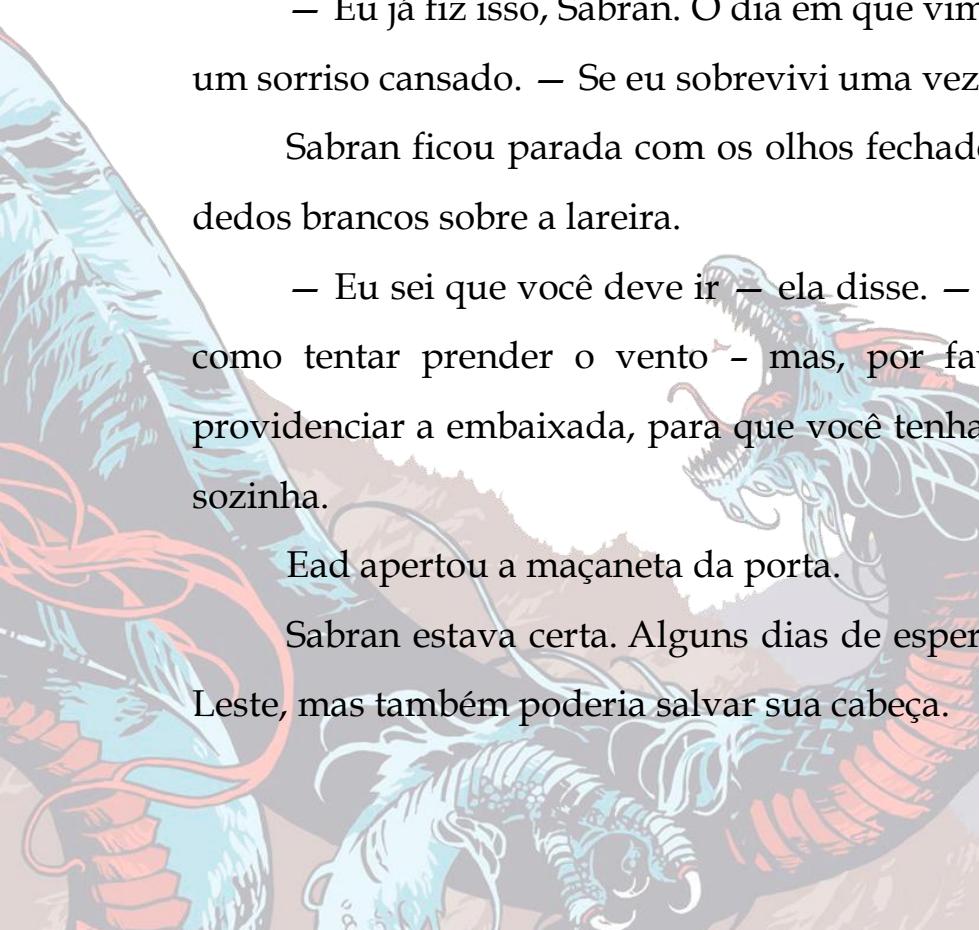
— A data é... — A carta caiu no chão. — A data é o terceiro dia... *nesta* primavera.

E então a ampulheta girou. Ead esperava que o conhecimento a enchesse de pavor, mas parte dela já sabia.

Os mil anos estão quase no fim.

— Neporo e Cleolind devem ter amarrado o Inominável seis anos após a Fundação de Ascalon. — Sabran colocou as mãos sobre a lareira. — Não temos muito tempo.

— Tempo suficiente para cruzar o Abismo —, disse Ead. — Sabran, você deve enviar seus embaixadores ao Oriente com toda pressa para fazer



a aliança, e devo ir com eles. Para encontrar a outra joia. Pelo menos então poderíamos amarrá-lo novamente.

— Você não pode correr cegamente sobre o Abismo — , disse Sabran, ficando tensa. — Devo escrever aos governantes Orientais primeiro. Os Seiikinenses e o Lacustrines executarão qualquer forasteiro que ponha os pés em suas costas. Devo pedir a permissão deles para conseguir uma embaixada especial.

— Não há tempo para isso. Levará semanas para um despacho chegar lá. — Ead foi para a porta. — Eu irei em um navio rápido e...

— Você não se importa com sua própria vida? — Sabran disse calorosamente. Ead parou. — Passei *semanas* acreditando que você estava morta quando você deixou Ascalon. Agora você quer atravessar o mar sem proteção, sem armadura, para um lugar onde você pode enfrentar a morte ou a prisão.

— Eu já fiz isso, Sabran. O dia em que vim para Inys. — Ead deu a ela um sorriso cansado. — Se eu sobrevivi uma vez, posso novamente.

Sabran ficou parada com os olhos fechados, as mãos com os nós dos dedos brancos sobre a lareira.

— Eu sei que você deve ir — ela disse. — Pedir que você ficasse seria como tentar prender o vento — mas, por favor, Ead, espere. Deixe-me providenciar a embaixada, para que você tenha força em números. Não vá sozinha.

Ead apertou a maçaneta da porta.

Sabran estava certa. Alguns dias de espera seriam tempo perdido no Leste, mas também poderia salvar sua cabeça.





Ela se virou e disse:

— Eu vou ficar.

Com isso, Sabran atravessou o quarto com os olhos arregalados e a abraçou. Ead deu um beijo em sua têmpora e a segurou.

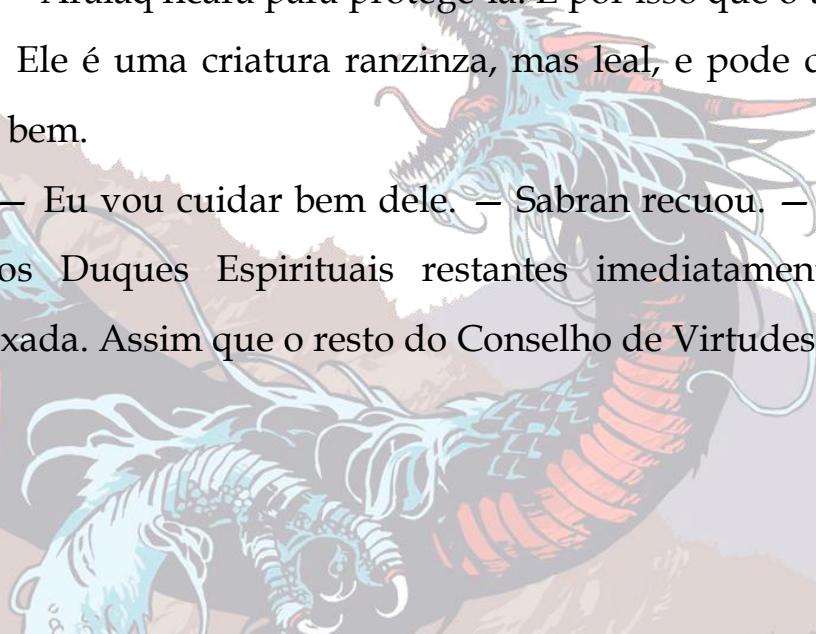
Sabran recebeu uma mão cruel. Sua Senhora do Quarto de Dormir morrera enquanto ela dormia, seu companheiro em seus braços, sua mãe diante de seus olhos. Sua filha nunca respirou fundo. Seu pai – se é que ele tinha sido seu pai – morrera em Yscalin, fora de seu alcance. A perda a perseguiu por toda a vida. Não é de admirar que ela estivesse segurando com tanta força.

— Você se lembra do primeiro dia em que caminhamos juntas? Você me contou sobre o Pássaro do Amor e como ele sempre conhece a música de seu parceiro, mesmo que eles estejam separados há muito tempo — Ead sussurrou para ela. — Meu coração conhece sua música, assim como o seu conhece a minha. E eu sempre voltarei para você.

— Vou cobrar isso de você, Eadaz uq-Nāra.

Ead tentou memorizar seu peso, seu cheiro, o tenor preciso de sua voz. Para prendê-la em sua memória.

— Aralaq ficará para protegê-la. É por isso que o trouxe aqui —, disse ela. — Ele é uma criatura ranzinza, mas leal, e pode destruir um wyvern muito bem.



— Eu vou cuidar bem dele, — Sabran recuou. — Devo me encontrar com os Duques Espirituais restantes imediatamente para discutir a embaixada. Assim que o resto do Conselho de Virtudes chegar, vou colocar

essa... Proposta Oriental para eles. Se eu mostrar a eles a joia minguante e explicar o significado da data, tenho certeza de que eles votarão a meu favor.

— Eles lutarão até o fim —, disse Ead — mas você tem a língua de ouro.

Sabran acenou com a cabeça duramente com determinação. Ead a deixou olhando para a cidade.

Ela desceu um lance de escadas e entrou na galeria aberta abaixo do Solário Real, onde doze pequenas varandas derramavam flores de inverno. Enquanto ela caminhava em direção à porta de seu próprio quarto, ela ouviu passos atrás dela, suaves como o feltro.

Silenciosamente, ela se virou. Uma Donzela Vermelha apareceu em um raio de sol. Em seus lábios havia uma zarabatana entalhada em madeira.

O dardo havia perfurado sua camisa antes que Ead pudesse respirar. A morte se espalhou com sua mordida.

O chão encontrou seus joelhos com uma força de quebrar os ossos. Ela levou a mão trêmula à barriga e sentiu o dardo fino nela. Sua assassina a pegou e abaixou.

— Perdoe-me, Eadaz.

— Nairuj — Ead tossiu.

Ela sabia que esse dia chegaria. Uma irmã do Priorado poderia evitar suas proteções.

O vidro derretido estava se fixando em suas veias. Seus músculos contraíram ao redor do dardo, rejeitando o veneno.

— Você teve o filho — ela conseguiu dizer.

Olhos ocre olharam para ela.

— Uma garota —, disse Nairuj, após uma hesitação. — Eu não queria isso, irmã, mas a Prioresa ordena que você seja silenciada. — Ead sentiu Nairuj torcer o anel de seu dedo, o anel que tinha sido seu sonho. — Onde está a joia, a joia branca?

Ead não conseguia responder. Os sentidos já estavam escorrendo dela. Ela teve a curiosa sensação de que suas costelas estavam desaparecendo. Enquanto Nairuj tateava em busca da joia em sua garganta, Ead agarrou o dardo em sua barriga e o removeu.

Ela estava tão fria. Todo o fogo dentro dela estava se apagando, deixando cinzas em seu rastro.

— Inominável está... — Até mesmo respirar era uma agonia. — Primavera. O terceiro dia da primavera.

— O que é isso?

Sabran. O medo forçou sua voz.

Nairuj se moveu como uma flecha. Ead observou com os olhos marejados enquanto sua irmã passava uma tira de seda sobre a boca e saltou sobre a balaustrada mais próxima.

Passos ecoaram pelo corredor.

— Ead... — Sabran a envolveu em seus braços, ofegando. — Ead! — Suas feições estavam sangrando juntas. — Olhe para mim. Olhe para mim, Ead, por favor. E me diga o que ela fez com você. Diga-me qual veneno...

Ead tentou falar. Para dizer o nome dela, só mais uma vez. Para dizer que sentia muito por quebrar sua promessa.

Eu sempre voltarei para você.

A escuridão se fechou em torno dela como um casulo. Ela pensou na laranjeira. *Você não. Ead. Por favor.* A voz estava sumindo. *Por favor, não me deixe aqui sozinha.* Ela pensou em como tinha sido entre elas, desde a dança da vela até o primeiro toque de seus lábios.

Então ela não pensou em nada.

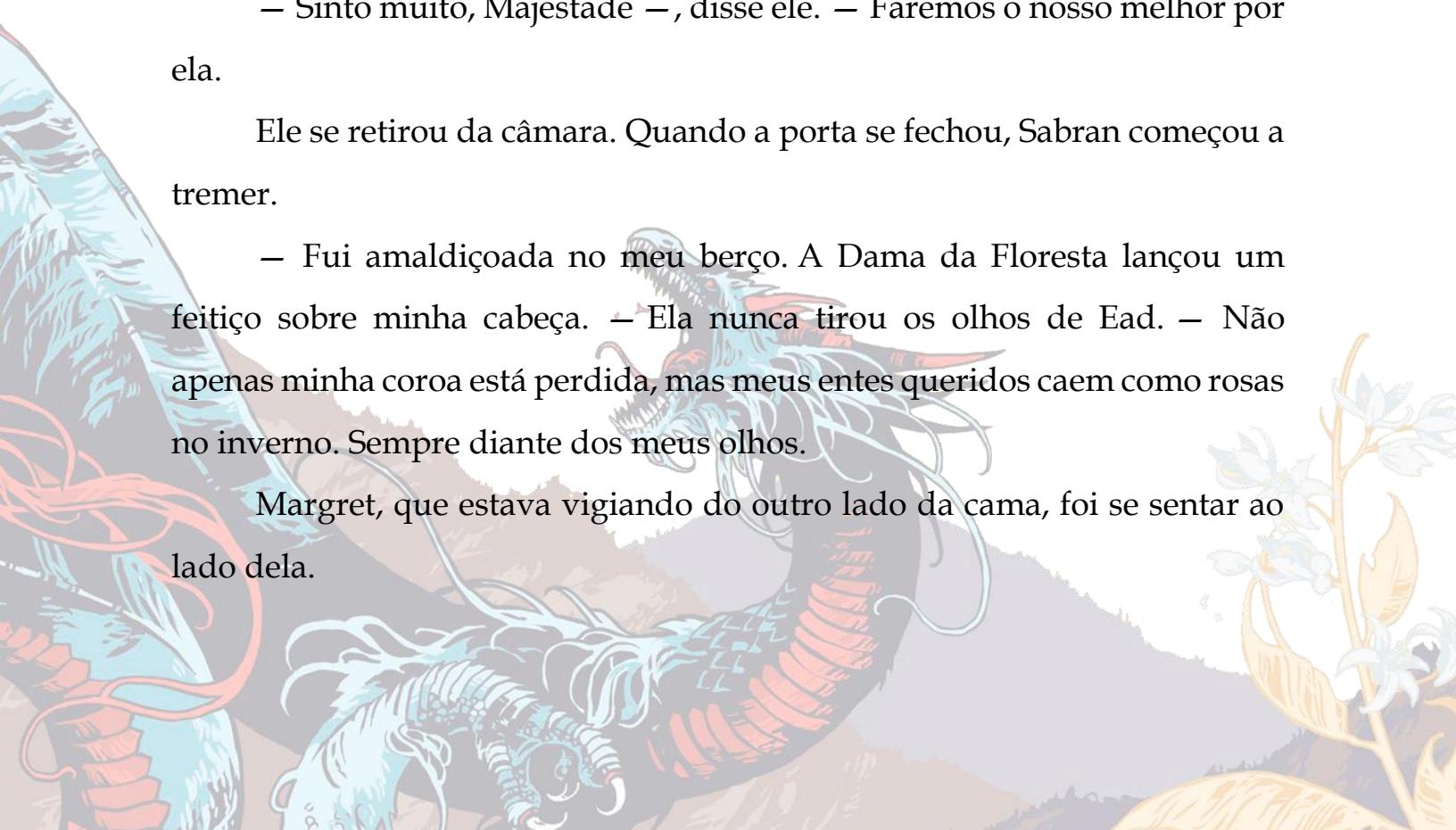


O sol estava se pondo sobre Ascalon. Loth olhava pela janela para a Torre de Alabastro à luz de velas, onde o Conselho das Virtudes estava debatendo a Proposta Oriental.

Ead estava deitada em sua cama. Seus lábios estavam tão negros quanto seu cabelo, seu espartilho se desfez para revelar um buraco de alfinete em sua barriga.

Sabran não saiu do seu lado. Ela estava olhando para Ead como se desviar o olhar fosse quebrar seu frágil controle sobre a vida. Lá fora, Aralaq estava rondando no Jardim Privado. Foi preciso muita bajulação para convencê-lo a sair por tempo suficiente para que o Médico Real examinasse Ead e, mesmo assim, ele estalou os maxilares quando o homem tentou tocá-la.

O Doutor Bourn movia-se como o ponteiro de um relógio em torno do leito da doente. Ele mediu o batimento cardíaco dela, sentiu sua testa e estudou a ferida. Quando ele finalmente tirou os óculos, Sabran ergueu a cabeça.



— Dama Nurtha foi envenenada — , disse ele. — Mas não sei dizer pelo quê. Os sintomas são como nenhum que eu já vi.

— A irmã cruel — Loth disse. — Esse é o seu nome.

Era para causar a morte. Mais uma vez, Ead desafiou seu destino. O médico real franziu a testa com isso.

— Nunca ouvi falar de tal veneno, meu senhor. Eu não sei como purificá-lo dela. — Ele olhou para Ead. — Majestade, parece-me que Dama Nurtha dorme profundamente. Talvez ela possa ser acordada disso. Talvez não. Tudo o que podemos fazer é tentar mantê-la viva pelo maior tempo possível. E orar por ela.

— Você a acordará — sussurrou Sabran. — Você encontrará uma maneira. Se ela morrer...

Sua voz falhou e ela segurou a cabeça entre as mãos. O médico real fez uma reverência.

— Sinto muito, Majestade — , disse ele. — Faremos o nosso melhor por ela.

Ele se retirou da câmara. Quando a porta se fechou, Sabran começou a tremer.

— Fui amaldiçoada no meu berço. A Dama da Floresta lançou um feitiço sobre minha cabeça. — Ela nunca tirou os olhos de Ead. — Não apenas minha coroa está perdida, mas meus entes queridos caem como rosas no inverno. Sempre diante dos meus olhos.

Margret, que estava vigiando do outro lado da cama, foi se sentar ao lado dela.

— Não pense essas coisas. Você não está amaldiçoada, Sab — , ela disse gentilmente, mas com firmeza. — Ead não está morta, e não vamos chorar por ela. Vamos lutar por ela e por tudo em que ela acredita. — Ela olhou para Ead. — Mas vou lhe dizer uma coisa: não vou me casar com Tharian até que ela acorde. Se ela pensa que essa tolice a tirará de me entregar, ela está redondamente enganada.

Loth ocupou o lugar que Margret havia deixado. Ele levou as mãos postas aos lábios.

Mesmo quando ela estava sangrando em Lasia, Ead nunca pareceu tão vulnerável. Toda a vida e calor haviam fugido dela.

— Eu irei para o Leste. — Sua voz estava rouca. — Não importa o que o Conselho das Virtudes decida, devo atravessar o Abismo como seu representante, Sabran. Para intermediar uma aliança. Para procurar a outra joia.

Sabran ficou em silêncio por um longo tempo. Lá fora, Aralaq soltou um uivo arrepiante.

— Eu quero que você vá primeiro ao Imperador Incessante, Dranghien Lakseng — , disse Sabran. — Ele não é casado e, consequentemente, temos mais a lhe oferecer. Se ele for convencido a se juntar a nós, ele pode persuadir o Senhor da Guerra de Seiiki.

Loth a observou, comovido.

— Enviarei com você uma comitiva de duzentas pessoas. Se você deseja alcançar o Imperador Incessante, você deve exibir o poder do Reino de Inys. — Ela encontrou seu olhar. — Você vai pedir a ele que nos encontre no Abismo com seus dragões no terceiro dia da primavera. Não haverá

tempo para você voltar ou debater os termos em Inys. Espero que você sele esta aliança levando em consideração nossos interesses, para alcançar o resultado que desejamos.

— Eu vou, eu juro.

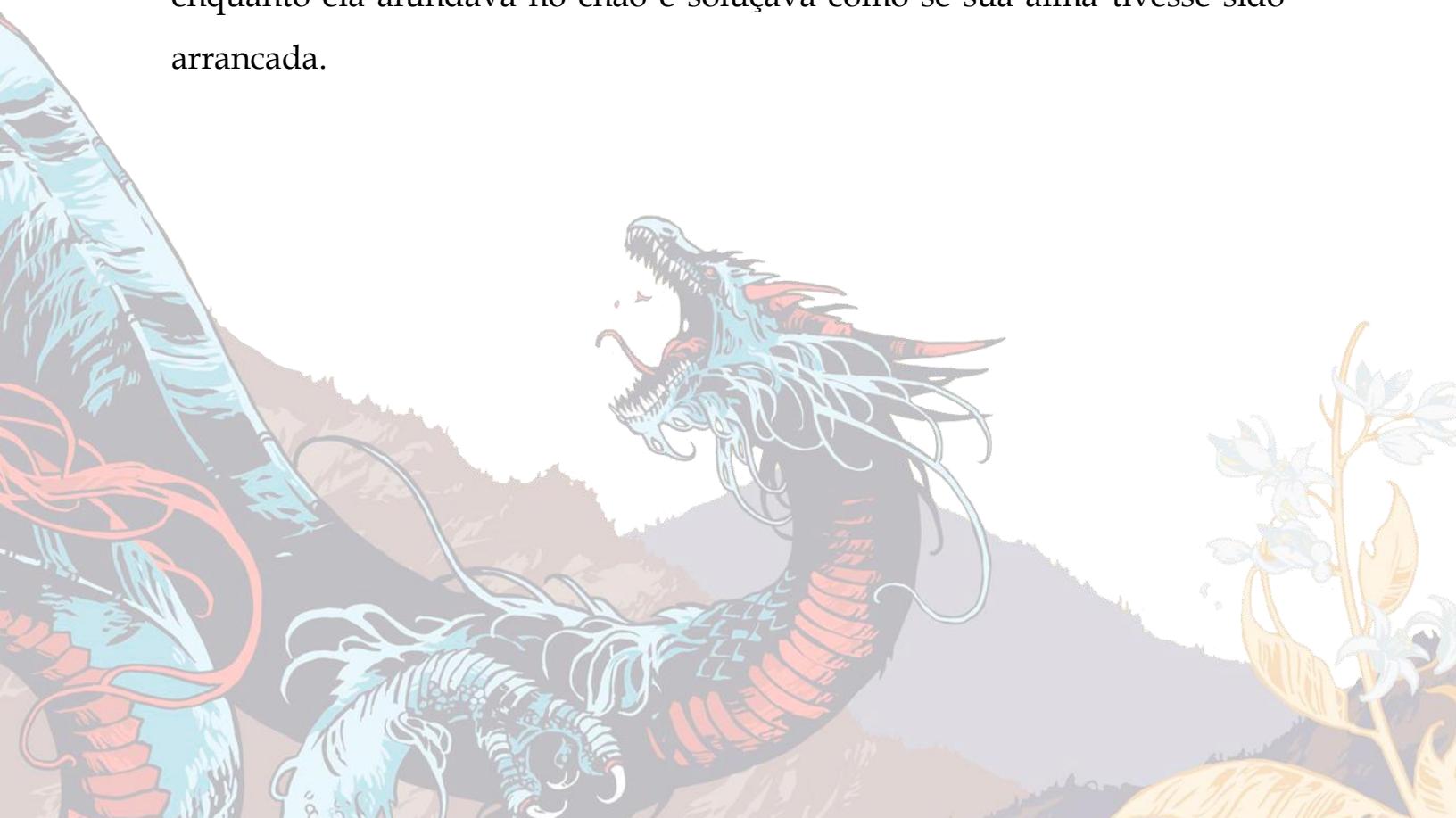
Pareceu a Loth que este quarto já era como uma cripta. Afastando o pensamento, ele foi até Ead e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. Ele não se permitiria pensar que isso era uma despedida.

Com dignidade, Sabran levantou-se da cadeira.

— Você prometeu que voltaria para mim —, disse ela a Ead. — Rainhas não esquecem as promessas feitas, Eadaz uq-Nāra.

Sua postura era rígida. Loth a pegou pelo braço e a guiou ternamente para fora da câmara, deixando Margret em vigília.

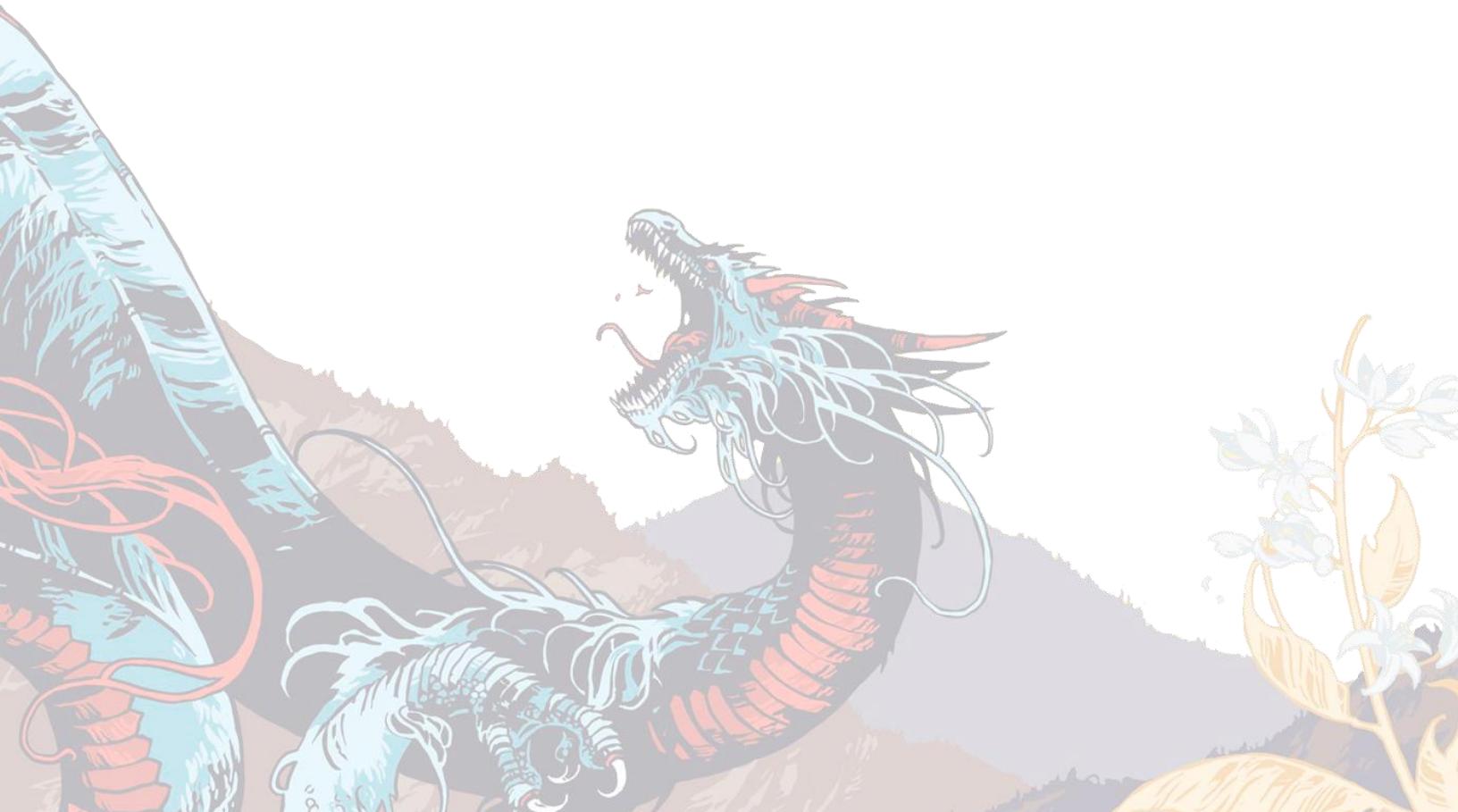
Ele caminhou ao lado de sua rainha. Quando chegaram ao fim do corredor, Sabran finalmente cedeu. Loth a envolveu em seus braços enquanto ela afundava no chão e soluçava como se sua alma tivesse sido arrancada.



Parte v

Aqui Estão Os Dragões

Cuja palavra ele seguiu carinhosamente
Que ele ousou esta viagem perigosa,
Por esses mares furiosos?
— Anônimo, de *O Man'yōshū*



Capítulo 58

Oeste

O *Elegante* já navegava havia dias, mas parecia séculos. Loth havia perdido a conta de quanto tempo exatamente fazia. Tudo o que sabia era que queria sair deste navio e ir para terra firme.

Sabran havia defendido com grande espírito a chamada Proposta Oriental. Durante esse tempo, o Conselho de Virtudes não dormiu. Sua principal preocupação era como o povo Inysh poderia responder a uma aliança com hereges e wyrms, que ia contra tudo que eles conheciam.

Depois de horas de debate sobre como isso poderia ser justificado de uma perspectiva religiosa, várias consultas com o Colégio de Santos e fortes argumentos a favor e contra, Sabran moveu o voto a seu favor. A embaixada partiu em um dia.

O plano, por mais desesperado que fosse, começou a tomar forma. Para aumentar suas chances de vitória no Abismo, eles teriam que dividir o Exército Dracônico. Sabran invocou o sagrado chamado às armas e escreveu aos soberanos de Virtudom e do Sul, pedindo-lhes que ajudassem Inys no cerco e na recuperação de Cársaro no segundo dia da primavera. Um ataque à única fortaleza Dracônica poderia obrigar Fýredel e seus subordinados a permanecerem em Yscalin para defendê-la.

Seria perigoso. Muitos morreriam. Era possível que *todos* morressem – mas não havia outra escolha. Ou eles destruiriam o Inominável na hora em que ele se levantasse, ou esperavam que ele aniquilasse o mundo. Loth preferiria morrer com uma espada na mão.

Sua mãe ficou perturbada ao vê-lo partir novamente, mas pelo menos ele foi capaz de dizer adeus desta vez. Ela e Margret o enviaram para Perchling, assim como Sabran, que lhe deu seu anel de coroação para mostrar ao Imperador Incessante. Estava pendurado em uma corrente em seu pescoço.

Sua determinação era algo para se ver. Estava claro que ela temia essa aliança, mas Sabran faria qualquer coisa por seus súditos. E ele sentiu que essa era a maneira dela de honrar Ead.

Ead. Cada vez que ele acordava, ele pensava que ela estava lá, na estrada com ele.

Uma batida na porta. Loth abriu os olhos.

– Sim?

A camareira entrou e fez uma reverência.

– Lorde Arteloth –, ela disse, – estamos à vista do outro navio. Você está pronto para partir?

– Nós alcançamos a Fossa da Casa do Osso?

– Sim, meu senhor.

Ele alcançou suas botas. O próximo navio o levaria ao Império dos Doze Lagos.

– Claro – ele disse. – Um momento. Vou acompanhá-la no convés.

A mulher curvou-se novamente e recuou. Loth pegou sua capa e sua bolsa.

Seus guarda-costas estavam esperando fora de sua cabine. Em vez da armadura completa, os Cavaleiros do Corpo que Sabran lhe emprestara usavam apenas cota de malha por baixo das sobrecasacas, que tinham o brasão com o emblema real de Inys. Eles seguiram Loth enquanto ele subia para o convés.

O céu estava salgado de estrelas. Loth tentou não olhar muito para a água enquanto caminhava até a proa do *Elegante*, onde a capitã estava parada com os braços musculosos cruzados.

O Abismo era o lar de muitas coisas que outros mares não eram. Ele tinha ouvido falar de seringas com agulhas no lugar dos dentes, de peixes que brilhavam como velas, de baleias que podiam engolir um navio inteiro. À distância, Loth podia distinguir a forma volumosa de um navio de guerra, piscando com as luzes. Quando eles estavam perto o suficiente para ver sua bandeira e flâmula, ele ergueu as sobrancelhas.

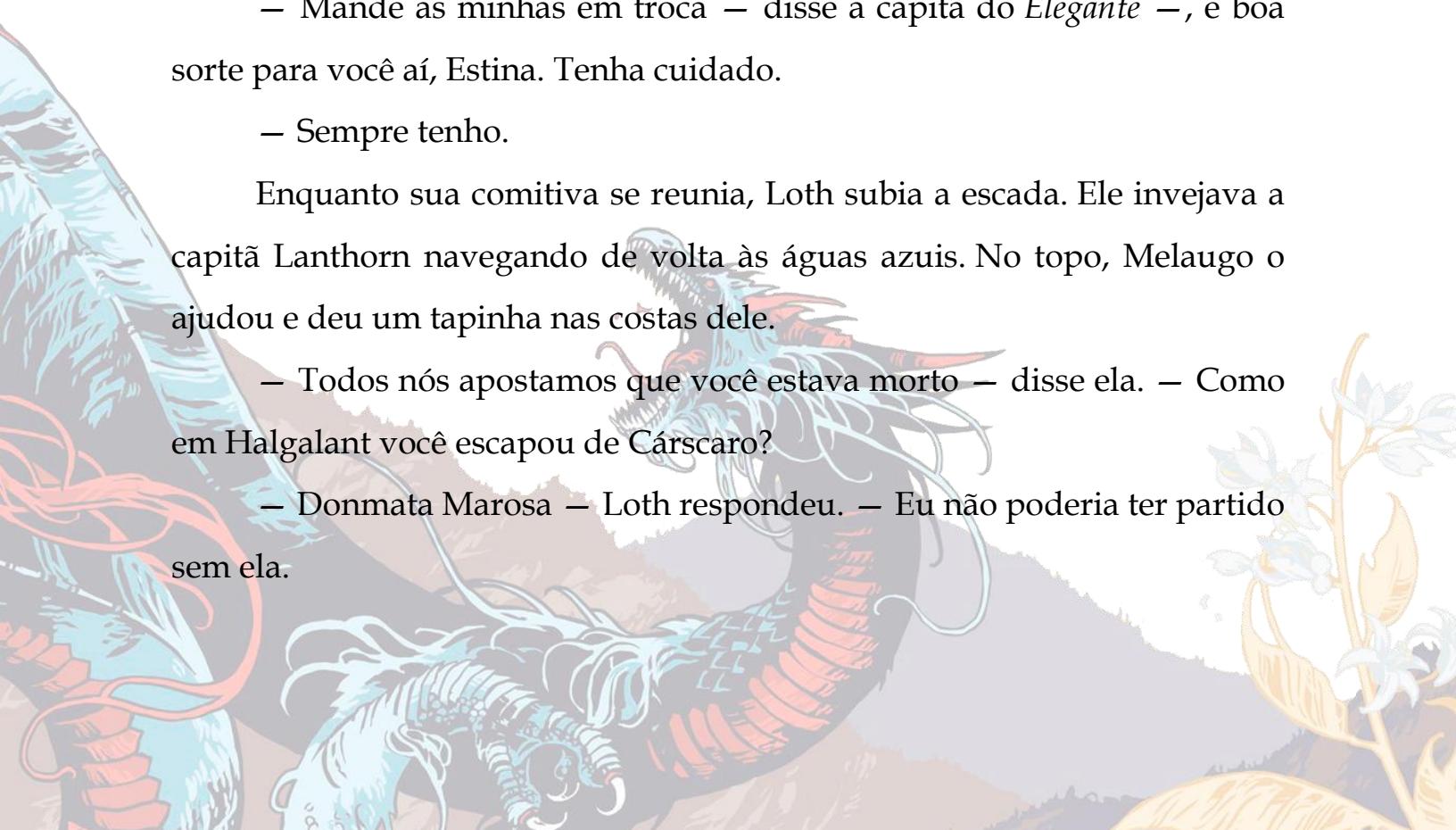
— O *Rosa Eterna*.

— O mesmíssimo — disse a capitã. Ela era uma mulher Inysh de pele rosada e estatura elevada. — O capitão Harlowe conhece as águas orientais. Ele verá você bem daqui.

— Harlowe — disse um dos Cavaleiros do Corpo. — Ele não é um pirata?

— Corsário.

O cavaleiro bufou.



O *Elegante* se aproximou do *Rosa Eterna*. Nenhum navio poderia lançar âncora no Abismo, então as tripulações começaram a amarrar os navios. Eles vagaram na escuridão sem fim.

— Foda-me, se não é Arteloth Beck. — Estina Melaugo bateu as mãos para o lado e sorriu para ele. — Achei que não veríamos você de novo, meu senhor.

— Boa noite para você, Senhora Melaugo — Loth chamou, satisfeito em ver um rosto que ele conhecia. — Gostaria que nos encontrássemos em um lugar mais hospitaleiro.

Melaugo estalou a língua.

— O homem entra em Yscalín, mas tem medo do Abismo. Enxugue os olhos e traga seu traseiro nobre para cima aqui, senhor. — Ela largou uma escada de corda e inclinou a aba do chapéu. — Obrigada, capitã Lanthorn. Harlowe manda lembranças.

— Mande as minhas em troca — disse a capitã do *Elegante* —, e boa sorte para você aí, Estina. Tenha cuidado.

— Sempre tenho.

Enquanto sua comitiva se reunia, Loth subia a escada. Ele invejava a capitã Lanthorn navegando de volta às águas azuis. No topo, Melaugo o ajudou e deu um tapinha nas costas dele.

— Todos nós apostamos que você estava morto — disse ela. — Como em Halgalant você escapou de Cársaro?

— Donmata Marosa — Loth respondeu. — Eu não poderia ter partido sem ela.

Sua garganta doeu ao pensar nela. Ela poderia ser a Rainha de Carne de Yscalín, os olhos cheios de cinzas.

— Marosa. — Melaugo arqueou uma sobrancelha escura. — Bem, não era isso que eu esperava que você dissesse. Devo ouvir essa história, mas o capitão Harlowe quer ver você primeiro. — Ela assobiou para os corsários enquanto os cavaleiros puxavam a si próprios e suas armaduras pesadas sobre a amurada. — Faça o pessoal de Lorde Arteloth subir aquela escada e entrar em suas cabines. E façam com um sorriso no rosto, agora!

A tripulação obedeceu sem questionar. Alguns deles até inclinaram suas cabeças para Loth enquanto ajudavam os membros da embaixada de Inysh a subir até o *Rosa Eterna*.

Melaugo o conduziu pelo convés. No interior à luz de velas de sua cabine, Gian Harlowe examinava um mapa com Gautfred Plume — o intendente — e uma mulher pálida com cabelos prateados.

— Ah. Lorde Arteloth. — Seu tom era um pouco mais caloroso do que no último encontro. — Bem vindo de volta. Sente-se. — Ele apontou para uma cadeira. — Esta é minha nova cartógrafa, Hafrid de Elding.

A nortista colocou a mão em seu peito em saudação.

— Alegria e saúde para você, Lorde Arteloth.

Loth se sentou.

— E para você, senhora.

Harlowe ergueu os olhos. Ele usava um colete com fechos de ouro.

— Diga-me — , disse ele — o que acha do Abismo, meu senhor?

— Não é do meu agrado.

— Hm. Eu o chamaria de covarde, mas essas águas perturbam os marinheiros mais duros – e, em qualquer caso, ninguém pode chamá-lo de covarde quando você caminhou com tanta ousadia para sua ruína. — Sua expressão vacilou. — Não vou perguntar como você escapou de Cársaro. O que quer que um homem faça para sobreviver é problema dele. E não vou perguntar o que aconteceu com seu amigo.

Loth não disse nada, mas seu estômago se revirou. Harlowe acenou para que ele se aproximasse do mapa.

— Pensei em mostrar a você para onde estamos indo, para que você possa contar ao seu pessoal, caso eles gritem com você sobre a travessia.

Harlowe se inclinou sobre o mapa, que mostrava os três continentes conhecidos do mundo e as constelações de ilhas que os cercavam. Ele bateu um dedo de nós grossos no lado direito.

— Estamos indo para a Cidade das Mil Flores. Para chegar lá, atravessaremos as águas ao sul do Abismo para pegar os ventos do oeste, que reduzirão uma ou duas semanas de nossa jornada. Devemos estar no Mar de Sundance dentro de três a quatro semanas. — Ele coçou o queixo. — A viagem será mais difícil a partir daí. Precisamos evitar a marinha Seiikinense, que vê o *Rosa* como um navio inimigo – e os wyrms que foram avistados no Leste, liderados por Valeysa.

Loth vira o suficiente de Fýredel para saber que ele não queria encontrar um de seus irmãos.

— Nosso objetivo é um porto fechado na costa sudoeste do Império dos Doze Lagos. — Harlowe indicou o local. — Havia várias fábricas lá, onde a Casa de Lakseng conduzia o comércio antes da proibição do mar. Isso

foi antes do Século da Dor, é claro. Chegar a esse porto deve enviar uma mensagem potente ao imperador.

— Que desejamos reabrir uma porta fechada — Loth terminou. — O que você sabe sobre o Imperador Incessante?

— Quase nada. Lakseng mora em um palácio murado, sai para a procissão do verão e é um pouco mais brando com invasores do que os senhores do sal de Seiiki.

— Por quê?

— Porque Seiiki é uma nação insular. Uma vez que a peste Dracônica colocou seus dentes nela, ela se espalhou como um incêndio. Quase destruiu sua população. Os Lacustrine tinham mais espaço para fugir dela.

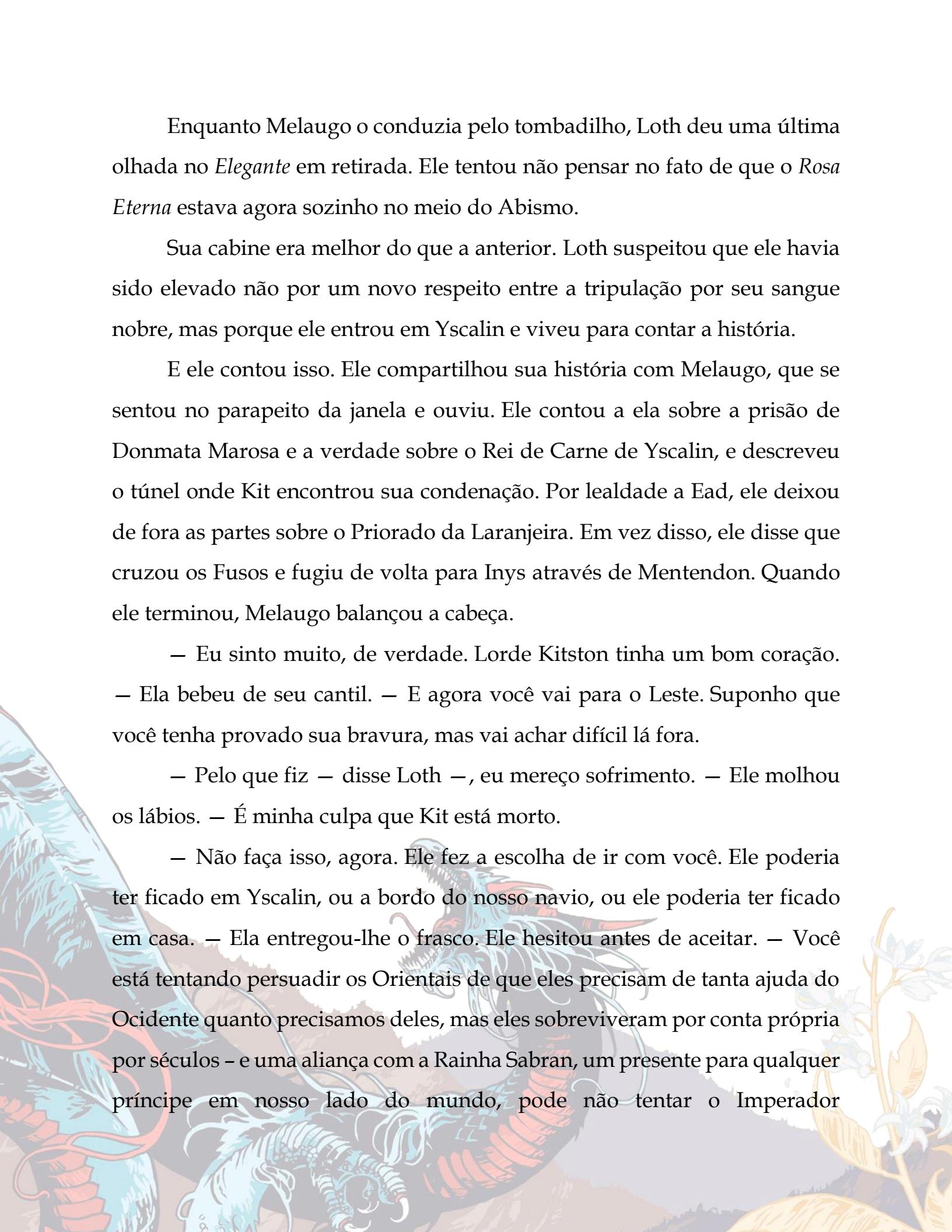
— Harlowe prendeu Loth em seu olhar fixo. — Apenas certifique-se de que o Imperador Incessante está apto para as mãos da Rainha Sabran, meu senhor. Ela merece um príncipe que a ame muito.

Um músculo começou em sua bochecha enquanto ele falava. Ele abaixou a cabeça de volta para o mapa, a mandíbula cerrada, e acenou para seu cartógrafo.

— Farei tudo o que puder pela rainha Sabran, capitão Harlowe — disse Loth calmamente. — Por minha honra.

Harlowe grunhiu.

— Há uma cabine pronta para você. Se algo bater contra o navio, tente não se mijar. Vai ser uma barbatana. — Ele acenou para a porta. — Vá, Estina. Ponha um pouco de bebida no homem.



Enquanto Melaugo o conduzia pelo tombadilho, Loth deu uma última olhada no *Elegante* em retirada. Ele tentou não pensar no fato de que o *Rosa Eterna* estava agora sozinho no meio do Abismo.

Sua cabine era melhor do que a anterior. Loth suspeitou que ele havia sido elevado não por um novo respeito entre a tripulação por seu sangue nobre, mas porque ele entrou em Yscalin e viveu para contar a história.

E ele contou isso. Ele compartilhou sua história com Melaugo, que se sentou no parapeito da janela e ouviu. Ele contou a ela sobre a prisão de Donmata Marosa e a verdade sobre o Rei de Carne de Yscalin, e descreveu o túnel onde Kit encontrou sua condenação. Por lealdade a Ead, ele deixou de fora as partes sobre o Priorado da Laranjeira. Em vez disso, ele disse que cruzou os Fusos e fugiu de volta para Inys através de Mentendon. Quando ele terminou, Melaugo balançou a cabeça.

— Eu sinto muito, de verdade. Lorde Kitston tinha um bom coração.
— Ela bebeu de seu cantil. — E agora você vai para o Leste. Suponho que você tenha provado sua bravura, mas vai achar difícil lá fora.

— Pelo que fiz — disse Loth —, eu mereço sofrimento. — Ele molhou os lábios. — É minha culpa que Kit está morto.

— Não faça isso, agora. Ele fez a escolha de ir com você. Ele poderia ter ficado em Yscalin, ou a bordo do nosso navio, ou ele poderia ter ficado em casa. — Ela entregou-lhe o frasco. Ele hesitou antes de aceitar. — Você está tentando persuadir os Orientais de que eles precisam de tanta ajuda do Ocidente quanto precisamos deles, mas eles sobreviveram por conta própria por séculos — e uma aliança com a Rainha Sabran, um presente para qualquer príncipe em nosso lado do mundo, pode não tentar o Imperador

Incessante. Ela é realeza para nós, mas uma blasfema para ele. A religião dela é baseada no ódio aos dragões, enquanto a dele é baseada na adoração por eles.

— Não as raças de fogo. — Loth cheirou o frasco. — Os Orientais não os adoram.

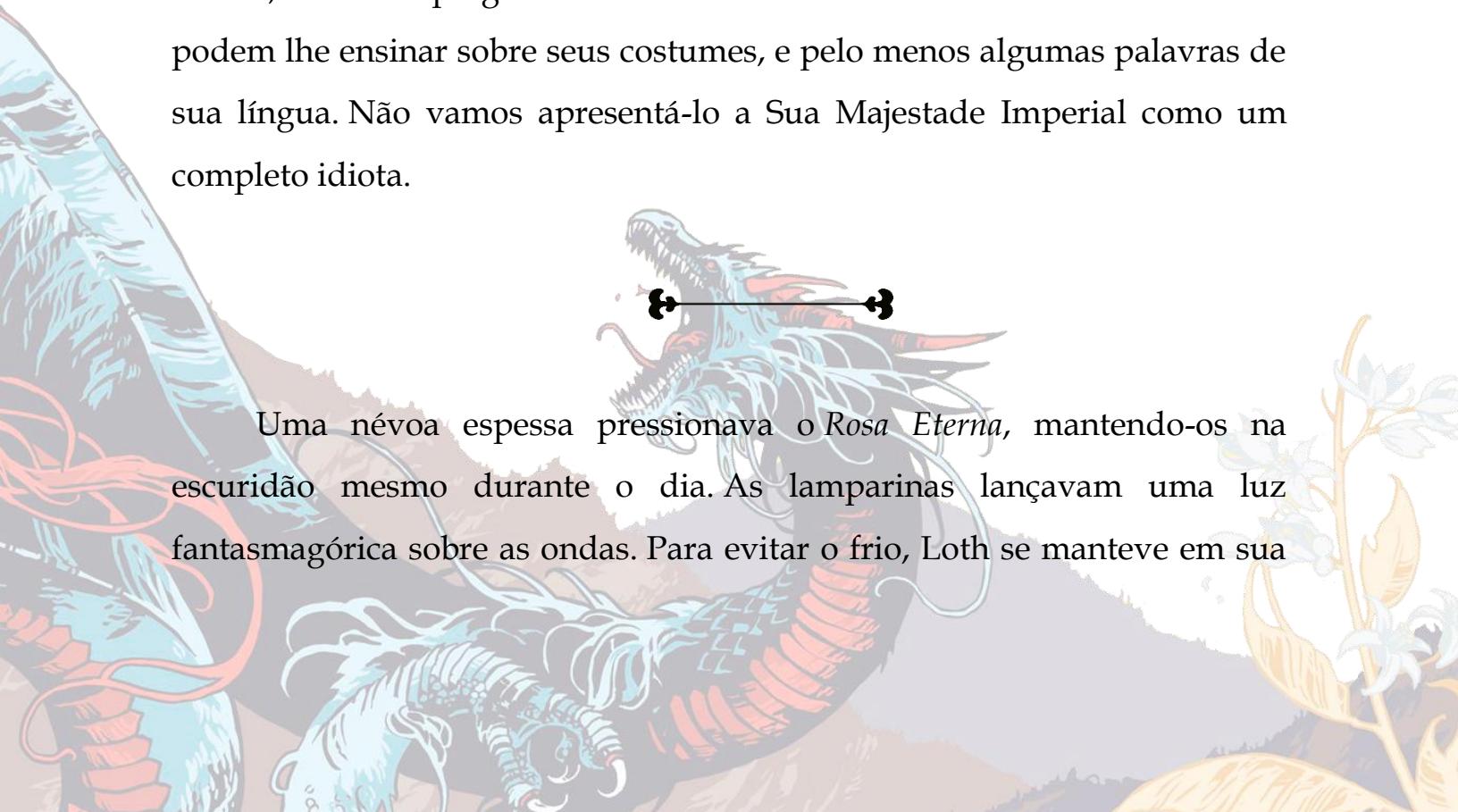
— Não. Eles temem o Inominável e sua laia como nós — Melaugo concedeu —, mas a Rainha Sabran ainda pode ter que sacrificar alguns princípios se ela pretende continuar com isso.

Loth bebeu e imediatamente sufocou o líquido ardente pelo nariz. Melaugo riu.

— Tente de novo — disse ela. — Desce mais fácil da segunda vez.

Ele tentou novamente. Ainda parecia tirar o forro de suas bochechas, mas o aqueceu até a barriga.

— Pode ficar. Você precisará disso no Abismo — ela disse. — O dever chama, mas vou perguntar a um de nossos marinheiros Lacustres se eles podem lhe ensinar sobre seus costumes, e pelo menos algumas palavras de sua língua. Não vamos apresentá-lo a Sua Majestade Imperial como um completo idiota.



Uma névoa espessa pressionava o *Rosa Eterna*, mantendo-os na escuridão mesmo durante o dia. As lamparinas lançavam uma luz fantasmagórica sobre as ondas. Para evitar o frio, Loth se manteve em sua

cabine, onde um artilheiro Lacustre chamado Thim foi encarregado de ensiná-lo sobre o Império dos Doze Lagos.

Thim tinha dezoito anos e parecia ter reservas infinitas de paciência. Ele ensinou a Loth sobre seu país natal, que foi dividido em doze regiões, cada uma das quais abrigando um dos Grandes Lagos. Era um vasto domínio que terminava nos Senhores da Noite Caída – montanhas que fechavam o caminho para o resto do continente, a maior entre elas, a impiedosa Brhazat. Thim disse a Loth que muitos Orientais tentaram escapar da Grande Tristeza cruzando as montanhas Senhores da Noite Caída, incluindo a última Rainha de Sepul, mas nenhum retornou. Corpos congelados há muito tempo ainda estavam na neve.

O Imperador Incessante dos Doze Lagos era o atual chefe da Casa de Lakseng e foi criado por sua avó, a Grande Imperatriz viúva. Thim disse a Loth a maneira correta de se curvar, como se dirigir a ele e como se comportar em sua presença.

Ele aprendeu que Dranghien Lakseng, embora não fosse um deus, estava perto disso aos olhos de seu povo. Sua casa alegava descendência do primeiro humano a encontrar um dragão depois que ele caiu do plano celestial. Havia rumores entre os comuns (que a Casa de Lakseng não confirma ou nega) de que alguns governantes da dinastia eram dragões em forma humana. O certo era que sempre que um governante Lacustre estava à beira da morte, o Dragão Imperial escolheria um sucessor entre seus herdeiros legítimos.

Loth enervava o fato de a corte ter um Dragão Imperial. Que estranho ser supervisionado por wyrms.

— Essa palavra é proibida — disse Thim gravemente quando a usou uma vez. — Chamamos nossos dragões por seus nomes próprios, e as feras aladas do oeste, *cuspidores de fogo*.

Loth tomou nota. Sua vida poderia depender do que ele aprendeu agora.

Quando Thim estava ocupado em outro lugar, Loth passava horas jogando cartas com os Cavaleiros do Corpo e às vezes, nas raras horas em que ela estava em liberdade, Melaugo. Ela o vencia todas as vezes. Quando a noite caía, ele tentava dormir — mas uma vez se aventurou sozinho no convés, chamado de seu beliche por uma canção assustadora.

As lamparinas foram apagadas, mas as estrelas estavam quase brilhantes o suficiente para ver. Harlowe estava fumando um cachimbo na proa, onde Loth se juntou a ele.

— Boa noite, capitão...

— Silêncio. — Harlowe era uma estátua. — Ouça.

A música flutuava sobre as ondas negras. Um arrepiô percorreu Loth.

— O que é isso?

— Sereias.

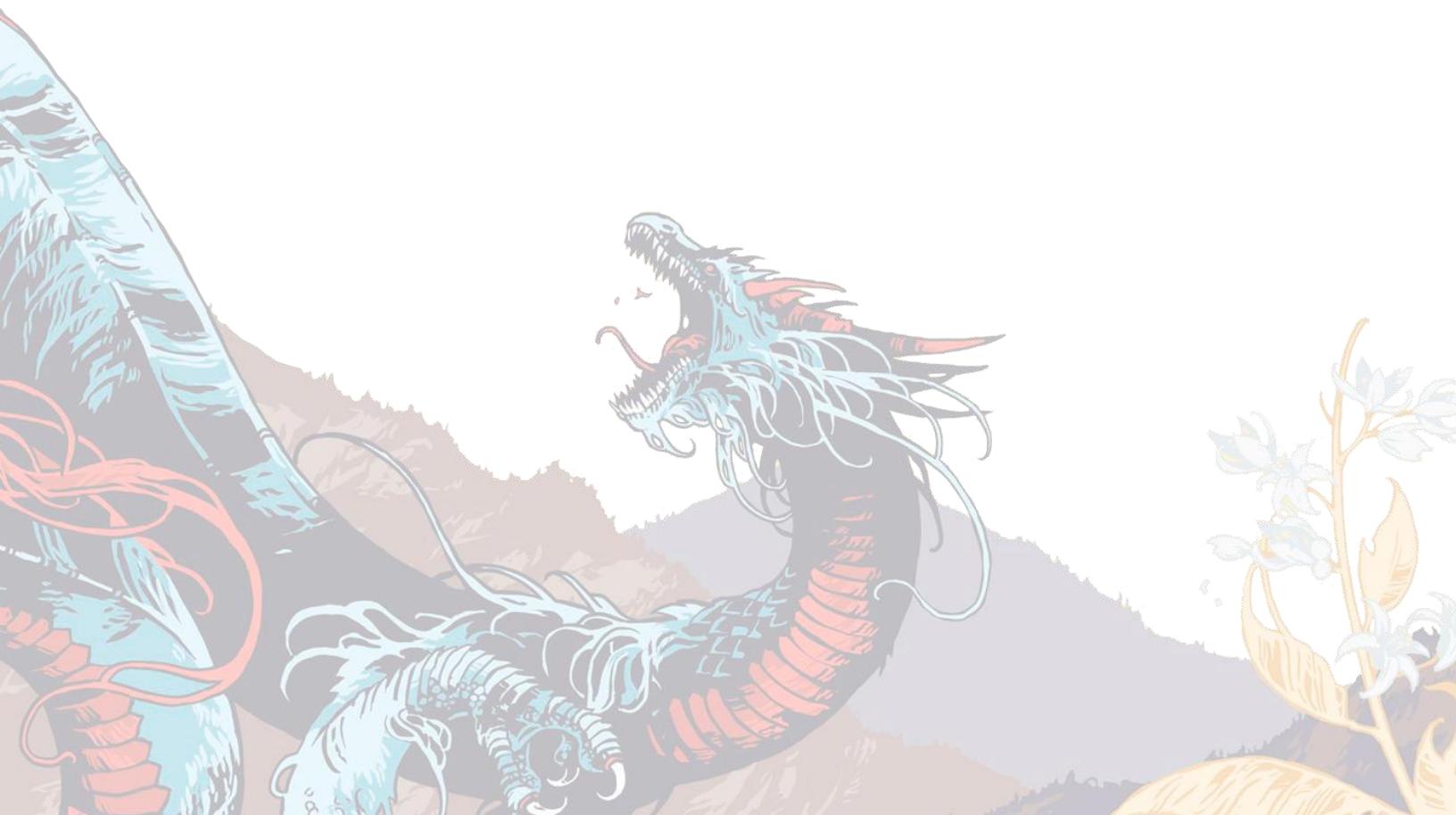
— Elas não vão nos atrair para a morte?

— Apenas nas histórias. — A fumaça saiu de sua boca. — Observe o mar. É o mar que elas chamam.

No início, tudo que Loth viu foi o vazio. Então, uma flor de luz desabrochou na água, iluminando sua superfície. De repente, ele podia ver peixes, dezenas de milhares deles, cada um com o brilho do arco-íris.

Ele tinha ouvido contos sobre as luzes do céu de Hróth. Nunca pensou em vê-los debaixo d'água.

— Veja, meu senhor — murmurou Harlowe. A luz emplumada em seus olhos. — Você pode encontrar beleza em qualquer lugar.



Capítulo 59

Leste

O *Rosa Eterna* gemia enquanto as ondas se erguiam sob ele. A tempestade havia soprado uma semana depois que eles cruzaram as águas do mar de Sundance e não cedeu desde então.

A água atingia o casco com uma força de bater os dentes. O vento uivava e o trovão retumbava, afogando os foles da tripulação enquanto eles lutavam contra a tempestade. Em sua cabine, Loth orou baixinho ao Santo, olhos fechados, tentando acalmar seus acessos de vômito. Quando a próxima onda veio, a lamparina acima dele estalou e se apagou.

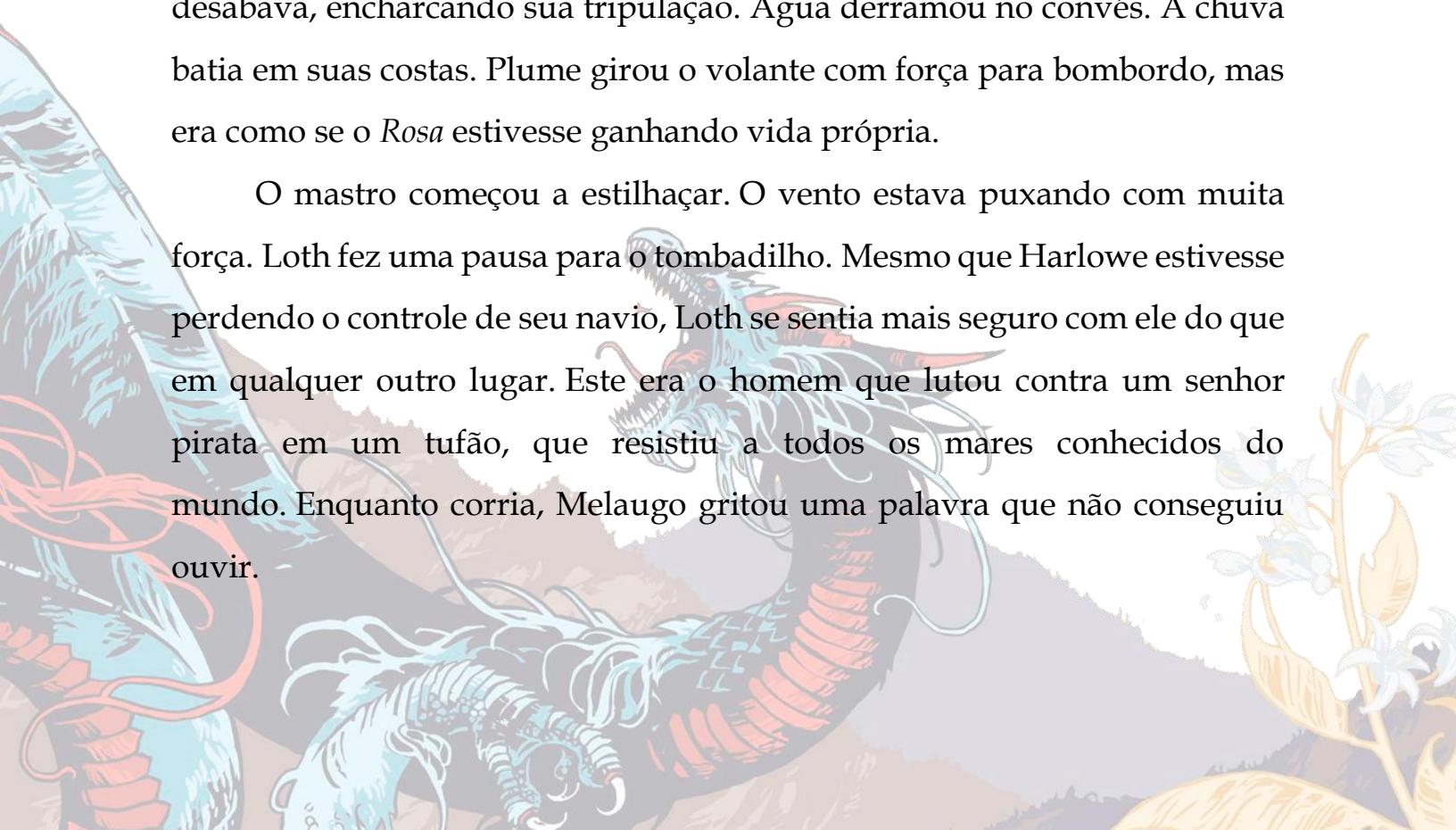
Ele não aguentou mais. Se morresse esta noite, não seria aqui. Ele fechou sua capa, seus dedos escorregando no fecho, e abriu caminho através da porta.

— Meu senhor, o capitão disse para ficar em nossas cabines. — Um de seus guarda-costas gritou atrás dele.

— O Cavaleiro da Coragem nos diz para olharmos a morte nos olhos — respondeu ele. — Eu pretendo obedecer.

Ele parecia mais ousado do que se sentia.

Quando ele emergiu no convés, ele podia sentir o cheiro da tempestade. O vento rugiu em seus olhos. Suas botas escorregaram nas



pranchas enquanto ele cambaleava em direção a um dos mastros e o abraçava, já ensopado até os ossos. O relâmpago estilhaçou no alto e o cegou.

— Volte para sua cabine, senhor — gritou Melaugo. Tinta preta escorria de seus olhos. — Você quer morrer aqui?

Harlowe estava no tombadilho com o queixo cerrado. Plume estava ao volante. Quando o *Rosa* atingiu o pico de uma onda montanhosa, os marinheiros gritaram. Um dos esfregadores do convés foi lançado para o lado, seu grito se perdeu em um trovão, enquanto outro escorregou pelo convés. As velas ondulavam e sacudiam, distorcendo a imagem de Ascalon.

Loth pressionou sua bochecha contra o mastro. Este navio parecia sólido enquanto eles cruzavam o Abismo; agora ele sentia seu vazio. Ele havia sobrevivido à peste, vislumbrado a morte no olho de um basilisco, mas parecia que seria nas águas do Oriente que ele morreria.

As ondas atingiam o *Rosa Eterna* de todos os lados enquanto ela desabava, encharcando sua tripulação. Água derramou no convés. A chuva batia em suas costas. Plume girou o volante com força para bombordo, mas era como se o *Rosa* estivesse ganhando vida própria.

O mastro começou a estilhaçar. O vento estava puxando com muita força. Loth fez uma pausa para o tombadilho. Mesmo que Harlowe estivesse perdendo o controle de seu navio, Loth se sentia mais seguro com ele do que em qualquer outro lugar. Este era o homem que lutou contra um senhor pirata em um tufão, que resistiu a todos os mares conhecidos do mundo. Enquanto corria, Melaugo gritou uma palavra que não conseguiu ouvir.

A onda rebelde quebrou contra o navio e tirou seus pés de debaixo dele. Sua boca e narinas inundaram. Ele estava com água até os cotovelos. Plume forçou a roda contra ele, mas de repente o *Rosa* estava quase de lado, e o mastro mais alto contornou o mar. Enquanto ele deslizava pelo convés, em direção às ondas, Loth lutou para se segurar e encontrou o braço musculoso do carpinteiro, que estava agarrado às cordas com a ponta dos dedos.

O *Rosa* se endireitou. O carpinteiro soltou Loth, deixando-o tossir água.

— Obrigado. — Loth engasgou. O carpinteiro acenou para ele, ofegante.

— Terra — veio um grito distante. — Terra!

Harlowe ergueu os olhos. Loth piscou o mar e a chuva de seus olhos enquanto o relâmpago brilhava novamente. Através de uma mancha aquosa, ele viu o capitão abrir sua luneta e apertar os olhos.

— Hafrid — ele berrou —, o que é aquilo?

A cartógrafa protegeu o rosto da chuva.

— Não deveria haver nada tão ao sul.

— E ainda assim. — Harlowe fechou a luneta. — Mestre Plume, levemos para aquela ilha.

— Se for habitada, eles vão nos colocar todos na espada! — Plume gritou de volta.

— Então o *Rosa* viverá e nós morreremos mais rápido do que aqui — Harlowe latiu para seu contramestre. Seus olhos foram iluminados por uma tempestade. — Estina, reúna a tripulação!

A contramestre pegou um cachimbo de uma corrente de latão em seu pescoço e prendeu-o entre os dentes. Um trinado agudo cavalgou o vento. Loth se agarrou à amurada, a água pingando em seus cílios, enquanto Melaugo dava ordens aos piratas. Eles dançaram ao som do apito, escalando as cordas e puxando as cordas enquanto o navio zunia sob eles. Era o caos aos olhos de Loth – mas logo, a ilha estava à vista, se aproximando a cada momento. Muito perto. Mais assobios e os cursos foram retomados.

O *Rosa Eterna* não diminuiu a velocidade.

Harlowe estreitou os olhos. Seu navio continuou abrindo caminho em direção à ilha, mais rápido do que nunca.

— Isso não é natural. A maré não deve ser forte o suficiente para nos atrair. — Seu rosto se contraiu. — Ele vai encalhar.

Enquanto Loth enxugava a chuva de sua testa, um lampejo veio do fundo da ilha. Brilhante como um espelho refletindo o sol.

— O que diabos é isso? — Plume semicerrou os olhos quando a luz da lua apareceu novamente. — Está vendo, capitão?

— Sim.

— Alguém deve estar nos sinalizando. — Melaugo se agarrou a uma corda pingando. — Capitão?

Harlowe manteve as mãos na balaustrada, o olhar na ilha. Dentes de relâmpago pintavam suas alturas.

— Capitão! — gritou o líder. — Dezessete braças pela marca. Estamos cercados por recifes.

Melaugo foi para o lado e olhou.

— Eu vejo. A Donzela nos salve, está em todo lugar. — Ela segurou a aba do chapéu. — Capitão, é quase como se ela conhecesse o caminho. Ela está perdendo tudo pela pele de suas cracas.

Harlowe desafiou a ilha, sua expressão rígida. Loth procurou em seu rosto qualquer sinal de esperança.

— Cancele a última ordem — ordenou Harlowe. — Vamos abaixar todas as âncoras e apagar todas as velas.

— Não podemos parar agora! — Plume gritou para ele.

— Nós podemos tentar. Se o *Rosa* encalhar, ele está acabado. E isso eu não posso permitir.

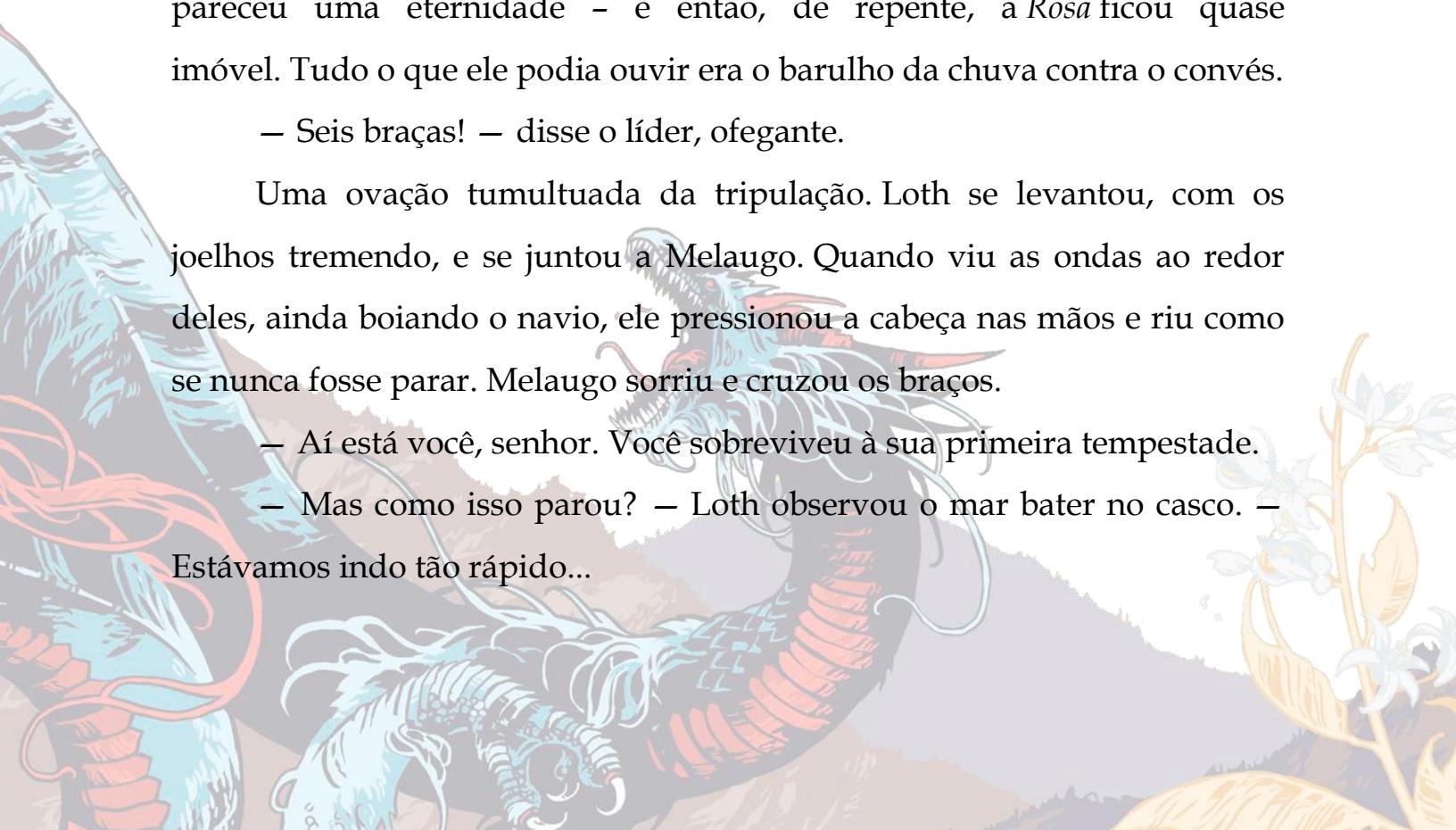
— Podemos evitá-la. Arriscar a tempestade...

— Mesmo se pudéssemos de alguma forma dar a volta neste recife, seremos levados mais para o sul e estaremos no mar calmo quando terminar

— Harlowe latiu. — Você gostaria de morrer assim, Mestre Plume?

Melaugo trocou um olhar frustrado com Plume antes de retransmitir o comando para a tripulação. A corda foi puxada, as velas arrumadas. Os marinheiros se agarraram aos pátios acima, botas plantadas em cordas, e puxaram a lona com as mãos nuas. Um deles foi chicoteado e jogado no convés. Osso estilhaçado. O sangue se misturou à água do mar. Com uma calma que desmentia o caos ao seu redor, Harlowe desceu e pegou o mastro de seu contramestre.

Loth segurou firme. Tudo o que ele sentia era o sal. Tudo o que ele podia sentir era a queimadura em seus olhos. Quando a primeira âncora do *Rosa* se prendeu ao fundo do mar, a guinada pareceu destroçar seus órgãos.



A tripulação largou a segunda âncora, depois a terceira. Mesmo assim, eles não diminuíram a velocidade. O líder fez a contagem regressiva das braças. Loth se preparou enquanto três âncoras eram rebocadas em vão no navio.

O trovão explodiu. Relâmpago reluziu. A âncora final mergulhou sob as ondas, mas a areia estava muito perto agora, muito perto para evitar. Harlowe continuou segurando o mastro, os nós dos dedos tensos.

Era o recife ou a praia. E Loth sabia, pelo olhar em seus olhos, que Harlowe não arriscaria a destruição do *Rosa* conduzindo-o para os dentes do recife.

Melaugo deixou escapar um assobio. A tripulação abandonou seu trabalho e se dedicou ao que pôde.

O navio de guerra estremeceu embaixo deles. Loth cerrou os dentes, esperando sentir o casco sendo despedaçado. O terremoto durou o que pareceu uma eternidade – e então, de repente, a *Rosa* ficou quase imóvel. Tudo o que ele podia ouvir era o barulho da chuva contra o convés.

— Seis braças! — disse o líder, ofegante.

Uma ovação tumultuada da tripulação. Loth se levantou, com os joelhos tremendo, e se juntou a Melaugo. Quando viu as ondas ao redor deles, ainda boiando o navio, ele pressionou a cabeça nas mãos e riu como se nunca fosse parar. Melaugo sorriu e cruzou os braços.

— Aí está você, senhor. Você sobreviveu à sua primeira tempestade.

— Mas como isso parou? — Loth observou o mar bater no casco. —

Estávamos indo tão rápido...

— Eu mesma não dou a mínima. Vamos apenas chamar de milagre do seu Santo, se você quiser.

Apenas Harlowe parecia relutante em se alegrar. Ele olhou para a ilha com um tremor no queixo.

— Capitão. — Melaugo percebeu. — O que é?

Seu olhar permaneceu na ilha.

— Sou marinheiro há muitos anos — disse ele. — Nunca senti um navio se mover como o *Rosa* acabou de fazer. Como se um deus o tivesse tirado da tempestade.

Melaugo parecia não saber o que dizer. Ela bateu com o chapéu encharcado no cabelo.

— Encontrem pólvora seca e reúnam alguns olheiros — disse Harlowe. — Assim que limparmos o corpo do Mestre Lark, precisaremos de água doce e comida. Vou levar uma pequena comitiva à terra. Todos os outros, incluindo aqueles da comitiva de Inysh, devem ficar e ajudar a consertar o navio.

— Eu gostaria de ir com você. Se me permite — Loth interrompeu. — Perdoe-me, capitão Harlowe, mas depois dessa experiência, perdi minhas pernas do mar. Eu me sentiria mais útil em terra.

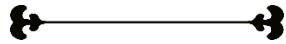
— Entendo. — Harlowe o olhou de cima a baixo. — Você sabe como caçar, Lorde Arteloth?

— De fato. Costumava caçar em Inys.

— Na corte, eu suponho. E imagino que foi com um arco.

— Sim.

— Bem, não temos arcos aqui, infelizmente — disse Harlowe. — Mas vamos ensiná-lo a usar uma pistola. — Ele deu um tapinha no ombro de Loth ao passar. — Eu ainda vou fazer de você um pirata.



O *Rosa Eterna* foi deixado ancorado e com todas as velas enroladas, mas o vento ainda a balançava perigosamente. Loth subiu em um barco a remo com dois dos Cavaleiros do Corpo, que se recusaram a carregar pistolas. Suas espadas eram tudo de que precisavam em uma luta.

Loth segurava sua própria pistola com mão firme. Melaugo havia mostrado a ele como preparar e disparar.

A chuva agitava o mar ao redor dos barcos. Eles remaram sob um arco natural, em direção a uma praia que se inclinava em contrafortes íngremes. À medida que se aproximavam da costa, Harlowe ergueu sua luneta.

— Pessoas — ele murmurou. — Na praia.

Ele falou com um dos artilheiros em outro idioma. A mulher pegou a luneta dele e olhou através dela.

— Esta pode ser a Ilha das Penas, um lugar sagrado, lar dos documentos mais valiosos do Oriente — traduziu Harlowe. — Apenas acadêmicos podem pisar aqui, e eles não estarão bem armados.

— Eles ainda estão sujeitos à lei oriental. — Melaugo engatilhou sua pistola. — Não somos corsários para eles, Harlowe. Somos piratas dominados pela praga. Como todo mundo nessas águas.

— Eles podem não aderir à proibição do mar. — Harlowe olhou para sua contramestre. — Você tem alguma ideia melhor, Estina?

O artilheiro sinalizou para ela abaixar a arma. Melaugo franziu os lábios, mas obedeceu.

Três pessoas esperavam por eles na praia. Dois homens e uma mulher em túnicas de vermelho escuro, que os observavam com expressões cautelosas.

Atrás deles estava o que Loth pensou, a princípio, ser os destroços de um navio. Então ele viu que era o esqueleto de uma fera enorme.

Ficava perto da extensão da praia. O que quer que tenha morrido aqui era maior do que uma barbatana. Agora estava limpo, os ossos iridescentes ao luar.

Loth saiu do barco a remo e ajudou os outros marinheiros a empurrá-lo na areia, sacudindo a água de seus olhos. Harlowe se aproximou dos estranhos e fez uma reverência. Eles retribuíram o gesto. Ele falou com eles por algum tempo antes de retornar ao grupo de reconhecimento.

— Os estudiosos da Ilha das Penas nos ofereceram abrigo enquanto a tempestade continuar e nos permitiram coletar água. Eles só têm lugar para quarenta de nós em sua casa, mas vão deixar o resto da tripulação dormir em seus depósitos vazios! — Gritou Harlowe contra o vento. — Tudo isso com a condição de que não tragamos armas para a ilha e que não toquemos em nenhum de seus moradores. Eles temem que possamos carregar a praga.

— Um pouco tarde na frente de armas — disse Melaugo.

— Não gosto disso, Harlowe — disse um dos Cavaleiros do Corpo. — Eu digo que devemos ficar no Rosa.

— E eu digo o contrário.

— Por quê?

Harlowe voltou aqueles olhos frios para ele com o mais leve toque de desprezo. Com a tempestade ao redor dele, ele parecia um deus caótico do mar.

— Eu pretendia renovar nossos suprimentos em Kawontay — disse ele —, mas agora que a tempestade nos tirou do curso, estaremos sem comida antes de chegarmos lá. A maior parte da água está contaminada. — Ele tirou duas facas de caça de suas bainhas. — A tripulação não vai dormir naquele mar, e eu preciso deles no seu melhor. Haverá um esqueleto de tripulação de guarda, é claro, e se alguém mais quiser permanecer no *Rosa*, não vou impedi-los. Vamos ver quanto tempo eles levam para decidir que não vale a pena beber a própria urina.

Harlowe se aproximou dos estranhos novamente e colocou as facas e sua pistola na areia a seus pés. Melaugo estalou a língua antes de esvaziar as roupas de uma série de lâminas. Os Cavaleiros do Corpo baixaram suas espadas da mesma maneira que um pai faz um recém-nascido. Loth cedeu suas lâminas e a pistola. Os estudiosos os observaram em silêncio. Quando todos foram desarmados, um dos homens se afastou e o grupo de olheiros o seguiu.

A Ilha das Penas assomava acima deles. O relâmpago expôs os precipícios escarpados, exuberantemente verdes, de altura impressionante. O estudioso os conduziu da praia, sob outro arco, para onde uma escada havia sido entalhada na face de um penhasco. Loth esticou o pescoço para vê-lo sumir de vista.

Eles estiveram naquela escada por muito tempo. O vento rugia em seus lados. A chuva ensopava suas botas, tornando cada passo perigoso. Quando chegaram ao topo, os joelhos de Loth estavam prontos para se dobrar.

O estudioso os conduziu sobre a grama e sob as árvores gotejantes, até um caminho forrado de lamparinas. Uma casa os esperava, erguida do solo sobre uma plataforma, com paredes brancas e telhado de telhas, sustentada por pilares de madeira. Era como nenhuma habitação que Loth já tinha visto. O estudioso abriu as portas e tirou os sapatos antes de entrar. Os recém-chegados fizeram o mesmo. Loth seguiu Harlowe para o interior fresco do edifício.

As paredes não tinham adornos. Em vez de tapetes, havia esteiras cheirosas. Uma lareira afundada estava cercada por almofadas quadradas. O estudioso falou novamente com Harlowe.

— É aqui que vamos ficar. Os armazéns estão próximos. — Harlowe olhou para a sala. — Assim que a tempestade diminuir, verei se consigo persuadir os estudiosos a nos venderem painço. O suficiente para nos levar a Kawontay.

— Não podemos dar a eles nada em troca — Loth apontou. — Eles podem precisar do painço para si próprios.

— Você nunca será um marinheiro se pensar assim, meu senhor.

— Não quero ser marinheiro.

— Claro que não.

A escuridão estava no auge. Tané observava o navio Inysh pelas janelas abertas da sala de cura.

— Eles irão embora em alguns dias — o Ancião Vara estava murmurando para os outros Anciões. — Esta tempestade vai acabar em breve.

— Vara, eles vão esvaziar nossos depósitos — disse o honrado Alto Ancião, em voz baixa e zangada. — Eles chegam às centenas. Podemos sobreviver com os frutos da ilha por um tempo, mas se eles pegarem o arroz e o painço...

— Eles são piratas — outro ancião interrompeu. — Eles podem não ser da Frota do Olho do Tigre, mas existem apenas piratas nestas águas. É claro que eles levarão nossa comida, à força, se necessário.

— Eles não são piratas — disse o Ancião Vara. — O capitão deles diz que eles vêm da Rainha Sabran de Inys. Eles estão destinados ao Império dos Doze Lagos. Acho que, pelo bem da paz, seria melhor ajudá-los em seu caminho.

— Arriscando a vida de nossos protegidos — sibilou o mesmo ancião. — E se eles carregarem a doença vermelha?

Tané mal ouvia a discussão. Seu olhar estava no mar agitado pela tempestade.

A joia azul estava quieta em sua prisão. Ela a mantinha em uma caixa de laca à prova d'água em sua faixa, sempre ao alcance.

— Você é um absoluto idiota — o Alto Ancião latiu, chamando sua atenção de volta para a sala. — Você deveria ter recusado abrigo a eles. Esta é uma terra sagrada.

— Devemos mostrar a eles um pouco de compaixão, Ancião...

— Tente pregar *compaixão* às pessoas que perderam suas vidas, suas famílias, quando a doença vermelha chegou às costas do Leste. — O mais velho fungou. — Arrisque o seu pescoço.

Ele saiu da sala, dando a Tané um breve aceno de cabeça ao passar. Os outros anciões o seguiram. O Ancião Vara beliscou a ponta do nariz.

— Nós temos alguma arma nesta ilha? — Tané perguntou a ele.

— Um punhado sob o chão do refeitório, para usar se a ilha for ameaçada por invasores. Os mais velhos, nesse caso, protegeriam os arquivos enquanto os estudiosos mais jovens lutavam.

— Devemos mantê-las por perto. A maioria dos estudiosos é treinada no uso da espada — disse Tané. — Se esses piratas tentarem nos roubar, devemos estar prontos.

— Não quero causar pânico entre os alunos, criança. Os forasteiros permanecerão na vila do penhasco. Estamos muito altos para eles aqui.

— Ele sorriu para ela. — Você foi uma grande ajuda para mim hoje, mas a noite é velha. Você mereceu o seu descanso.

— Eu não estou cansada.

— Seu rosto me diz o contrário.

Era verdade que havia suor frio em sua testa e aquela sombra circundava seus olhos. Ela se curvou e saiu da sala de cura.

Os corredores da casa estavam vazios. A maioria dos estudiosos nada sabia sobre os piratas e dormia sem preocupações no mundo. Tané manteve a mão ao seu lado, perto da caixa.

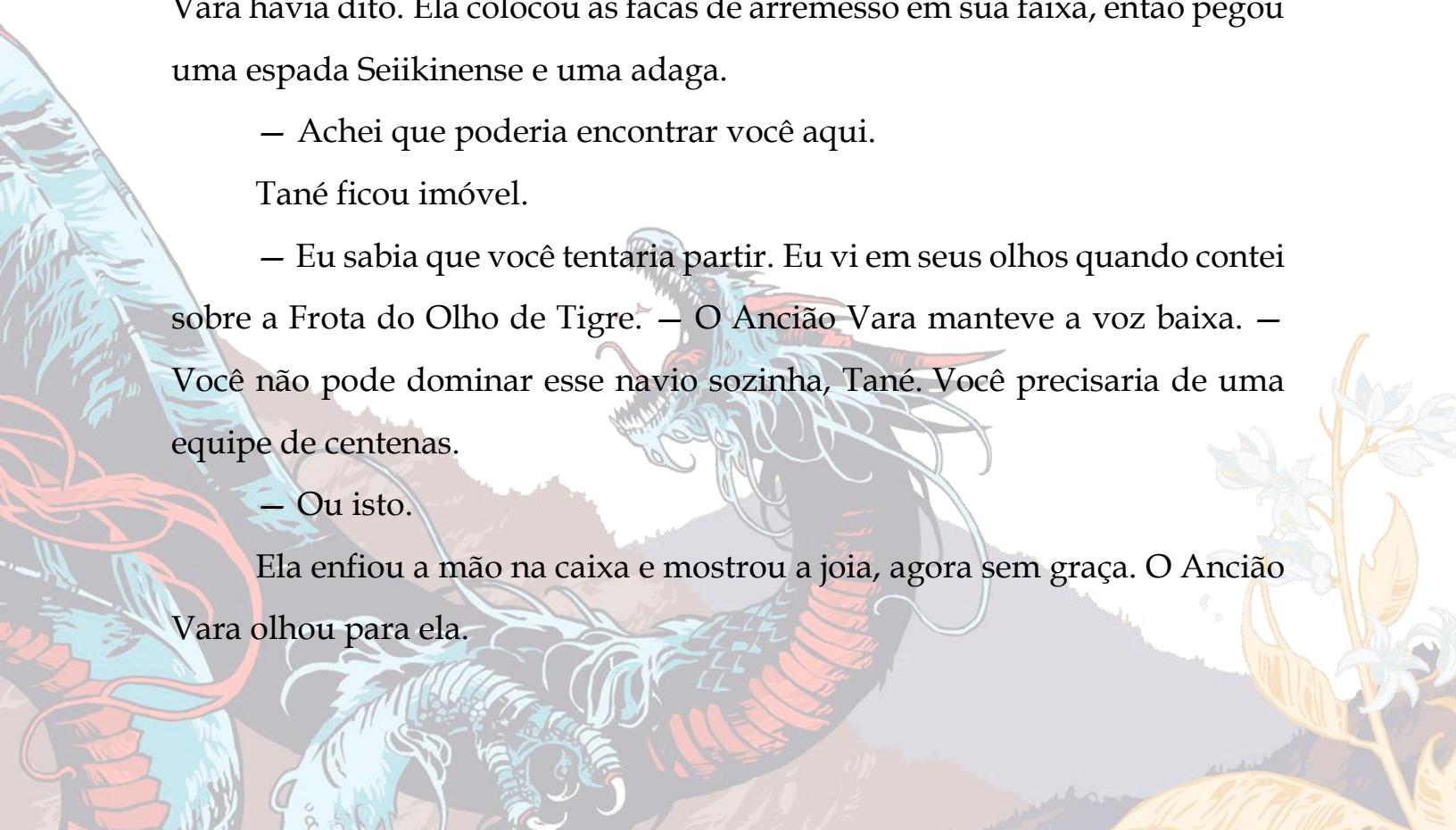
Não demorou muito para entender como seu tesouro funcionava. Todos os dias, antes da reflexão e depois do jantar, ela subia ao topo do vulcão adormecido, onde a água da chuva se acumulava na cratera e se sintonizava com as vibrações da joia. Ela encontrou um instinto, enterrado profundamente, que lhe mostrasse como querer essas vibrações para fora – como se ela tivesse feito isso há muito tempo, e seu corpo estivesse se lembrando.

No início, ela usou a joia para criar ondulações. Em seguida, ela dobrou uma borboleta de papel oleado e a fez deslizar para longe dela. Então, sob o manto da escuridão, ela começou a esgueirar-se para a praia.

Ela levou dias para atrair nas ondas. As marés foram fixadas em seus caminhos.

Tané vira uma mulher em Cabo Hisan bordando uma túnica uma vez. A agulha mergulhando para dentro e para fora, puxando a linha atrás dela, as cores florescendo na seda. Inspirada pela memória, Tané imaginou o poder da joia como uma agulha, a água como o fio e ela mesma como uma mestra do mar. *Lentamente*, as ondas se inclinaram em sua direção e se enrolaram em suas pernas.

Finalmente, uma noite, com a joia brilhante como um relâmpago em suas mãos, ela arrastou o mar para a praia até que não houvesse areia. Isso tinha mistificado os estudiosos antes de desaparecer.



Esse esforço a deixou quase sem sentidos. Mas ela sabia agora o que ela e a joia podiam fazer.

Quando ela viu o navio ocidental, em apuros pela tempestade, ela correu direto para os penhascos. O grande Kwiriki havia lhe enviado uma oportunidade, e ela estava pronta, finalmente, para aproveitá-la.

O mar respondeu de boa vontade desta vez. Embora o navio tivesse lutado contra isso, ela conseguiu guiá-lo além do recife de coral. Agora estava quase desprotegido na parte rasa.

Era hora de escapar. Ela havia definhado por muito tempo neste lugar. E ela sabia exatamente para onde iria. Para a ilha da amoreira, para onde a Imperatriz Dourada se dirigia com Nayimathun na barriga de seu navio.

Tané pendurou sua cabaça de água doce na faixa e foi para o refeitório vazio. As armas estavam escondidas sob uma tábua do chão, como o Ancião Vara havia dito. Ela colocou as facas de arremesso em sua faixa, então pegou uma espada Seiikinense e uma adaga.

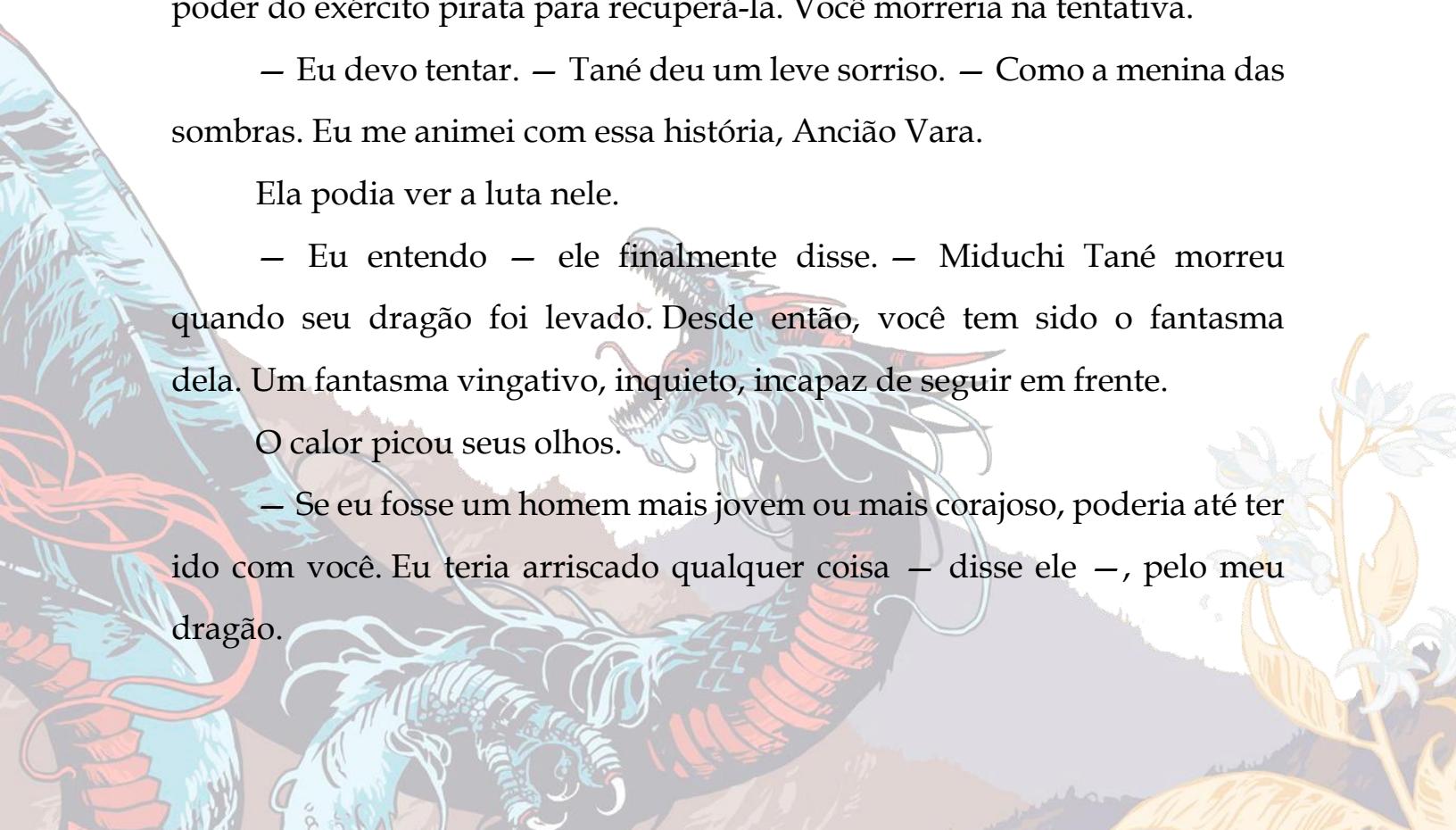
— Achei que poderia encontrar você aqui.

Tané ficou imóvel.

— Eu sabia que você tentaria partir. Eu vi em seus olhos quando contei sobre a Frota do Olho de Tigre. — O Ancião Vara manteve a voz baixa. — Você não pode dominar esse navio sozinha, Tané. Você precisaria de uma equipe de centenas.

— Ou isto.

Ela enfiou a mão na caixa e mostrou a joia, agora sem graça. O Ancião Vara olhou para ela.



— A joia nascente de Neporo. — Seu olhar era reverente. — Em todos os meus anos, nunca pensei...

Ele não conseguiu terminar.

— Foi costurada na minha lateral — disse Tané calmamente. — Tive isso dentro de mim durante toda a minha vida.

— À luz do grande Kviriki. Durante séculos, a Ilha das Penas guardou o mapa estelar de Komoridu, o local de descanso da joia em ascensão — ele murmurou. — Parece que nunca existiu.

— Você sabe onde fica a ilha, Ancião Vara? — Tané se levantou. — Eu pretendia pesquisar os mares até encontrar a Imperatriz Dourada, mas terei mais chance se eu souber para onde ela está indo.

— Tané — disse o Ancião Vara —, você não deve ir lá. Mesmo se você encontrasse a Frota do Olho do Tigre, não há certeza de que a grande Nayimathun ainda esteja viva. E se ela estiver, você não pode enfrentar o poder do exército pirata para recuperá-la. Você morreria na tentativa.

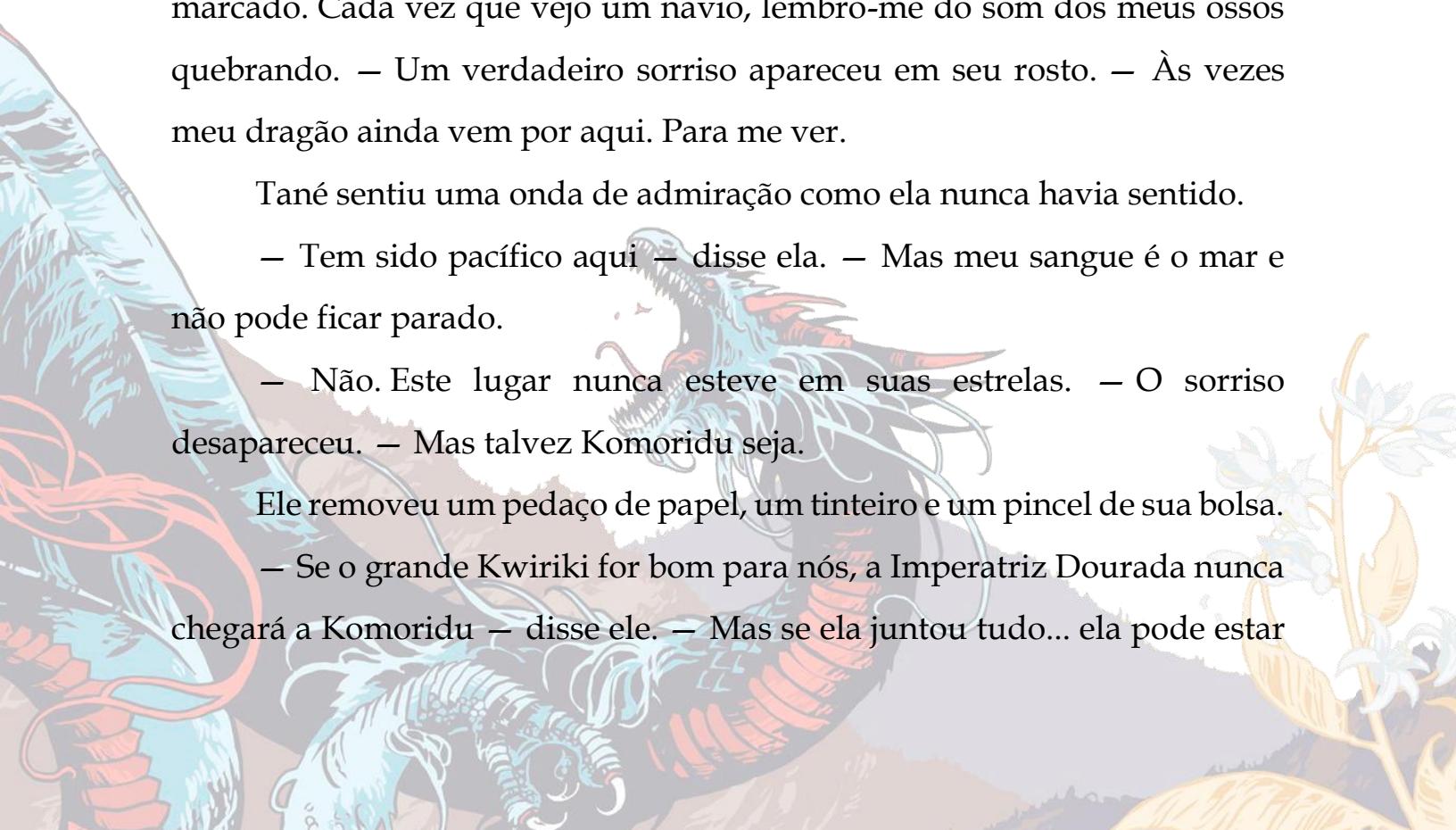
— Eu devo tentar. — Tané deu um leve sorriso. — Como a menina das sombras. Eu me animei com essa história, Ancião Vara.

Ela podia ver a luta nele.

— Eu entendo — ele finalmente disse. — Miduchi Tané morreu quando seu dragão foi levado. Desde então, você tem sido o fantasma dela. Um fantasma vingativo, inquieto, incapaz de seguir em frente.

O calor picou seus olhos.

— Se eu fosse um homem mais jovem ou mais corajoso, poderia até ter ido com você. Eu teria arriscado qualquer coisa — disse ele —, pelo meu dragão.



Tané olhou para ele.

— Você era um cavaleiro — disse ela.

— Você saberia meu nome. Muitos anos atrás, eu era chamado de Príncipe Driftwood.

Um dos maiores cavaleiros de dragão que já existiram. Filho de um cortesão Seiakinês e um pirata de uma terra distante, ele foi deixado na porta da Casa Sul e finalmente ascendeu ao posto de Guarda do Mar Superior. Uma noite, ele caiu da sela em batalha, quebrando a perna, e a Frota do Olho do Tigre o tomou como refém.

Eles haviam feito um troféu de sua perna naquela noite. Diz a lenda que o atiraram ao mar para os peixe-sangue, mas ele sobreviveu até o amanhecer, quando um navio amigo o encontrou.

— Agora você sabe — disse o Ancião Vara. — Alguns cavaleiros continuam depois dessas lesões, mas a memória disso me deixou marcado. Cada vez que vejo um navio, lembro-me do som dos meus ossos quebrando. — Um verdadeiro sorriso apareceu em seu rosto. — Às vezes meu dragão ainda vem por aqui. Para me ver.

Tané sentiu uma onda de admiração como ela nunca havia sentido.

— Tem sido pacífico aqui — disse ela. — Mas meu sangue é o mar e não pode ficar parado.

— Não. Este lugar nunca esteve em suas estrelas. — O sorriso desapareceu. — Mas talvez Komoridu seja.

Ele removeu um pedaço de papel, um tinteiro e um pincel de sua bolsa.

— Se o grande Kviriki for bom para nós, a Imperatriz Dourada nunca chegará a Komoridu — disse ele. — Mas se ela juntou tudo... ela pode estar

quase lá. — Ele escreveu as instruções. — Você deve navegar para o leste, para a constelação do Pombo. Na nona hora da noite, certifique-se de que seu navio está diretamente sob a estrela que representa seu olho e vire para o sudeste. Navegue para o ponto médio entre a Estrela do Sul e a Estrela dos Sonhos.

Tané guardou a joia.

— Por quanto tempo?

— O gráfico não dizia, mas nessa direção, você encontrará Komoridu. Siga essas duas estrelas, não importa para onde no céu elas vaguem. Com a joia, você pode conseguir alcançar o *Perseguição*.

— Você vai me deixar ficar com a joia.

— Foi dada a você. — Ele entregou a ela as instruções. — Para onde você irá, Tané, depois de encontrar a grande Nayimathun?

Ela ainda não havia pensado tão longe. Se seu dragão estivesse viva, ela a libertaria dos piratas e a levaria para o Império dos Doze Lagos. Do contrário, ela se asseguraria de vingá-la.

Depois disso, ela não sabia o que faria. Apenas para que ela pudesse ficar em paz.

O Ancião Vara parecia saber, pelo rosto dela, que ela não poderia lhe responder.

— Vou mandar você embora com minha bênção, Tané, se você me prometer uma coisa — ele murmurou. — Que um dia, você vai se perdoar. Você está na primavera de sua vida, criança, e tem muito a aprender sobre este mundo. Não se negue o privilégio de viver.

Sua mandíbula tremeu.

— Obrigada. Por tudo. — Ela fez uma reverência. — Estou honrada por ter sido aluna do Príncipe Driftwood.

Ele devolveu a reverência.

— Estou honrado por ter sido seu professor, Tané. — Com isso, ele a conduziu em direção às portas. — Vá agora. Antes que alguém te pegue.



A tempestade ainda assolava a ilha, embora o trovão estivesse mais distante agora. A chuva encharcou Tané enquanto ela balançava ao longo das pontes de corda e seguia para os degraus escondidos.

A aldeia estava em silêncio. Ela se agachou atrás de uma árvore caída e observou qualquer movimento. Havia uma luz bruxuleante em uma das casas antigas. Um sino de vento soou do lado de fora.

Havia dois vigias. Ocupados demais resmungando e fumando para a verem. Ela passou pelos prédios e correu sobre a grama, em direção à escada de pedra que a levaria à praia.

Os passos voaram sob suas botas. Quando ela chegou ao fundo, ela enfrentou o mar.

Barcos a remo foram puxados para a areia. Haveria mais vigias no navio, mas ela poderia lutar contra eles. Se ela tivesse que derramar sangue, que fosse. Ela já havia perdido sua honra, seu nome e seu dragão. Não havia mais nada a perder.

Tané se virou e olhou mais uma vez para a Ilha das Penas, seu lugar de exílio. Mais uma casa que ela ganhou e perdeu. Ela deveria estar destinada a ser sem raízes, como uma semente lançada ao vento.

Ela correu e mergulhou sob as ondas. A tempestade agitou o mar, mas ela sabia como sobreviver à sua ira.

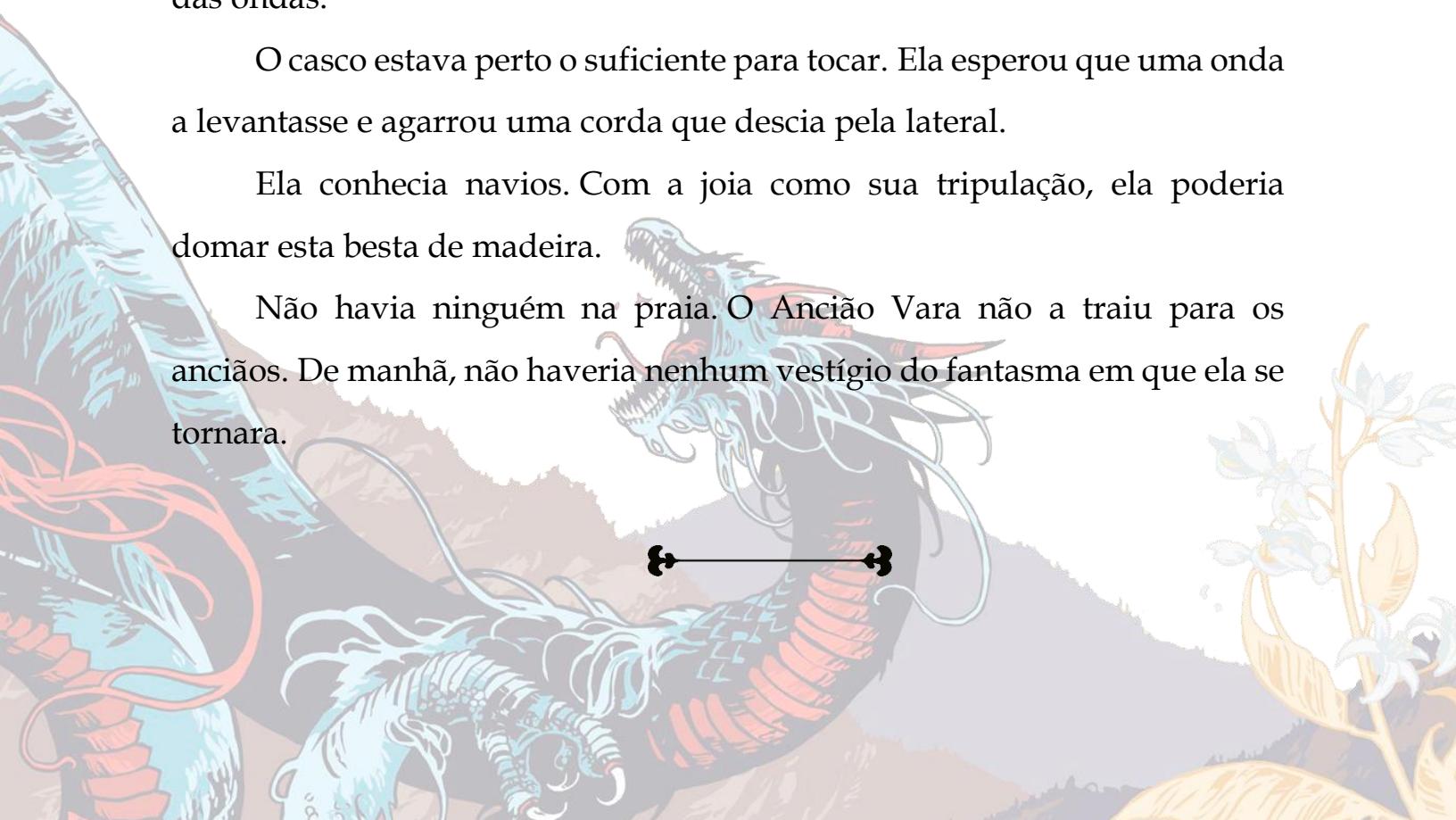
Seu coração estava ressuscitando dos mortos. Ela havia usado uma armadura para sobreviver ao exílio, tão espessa que quase se esquecera de como sentir. Agora ela saboreava o abraço quente da água salgada, seu sabor em sua boca, a sensação de que poderia ser arrebatada se colocasse uma mão ou um pé errado.

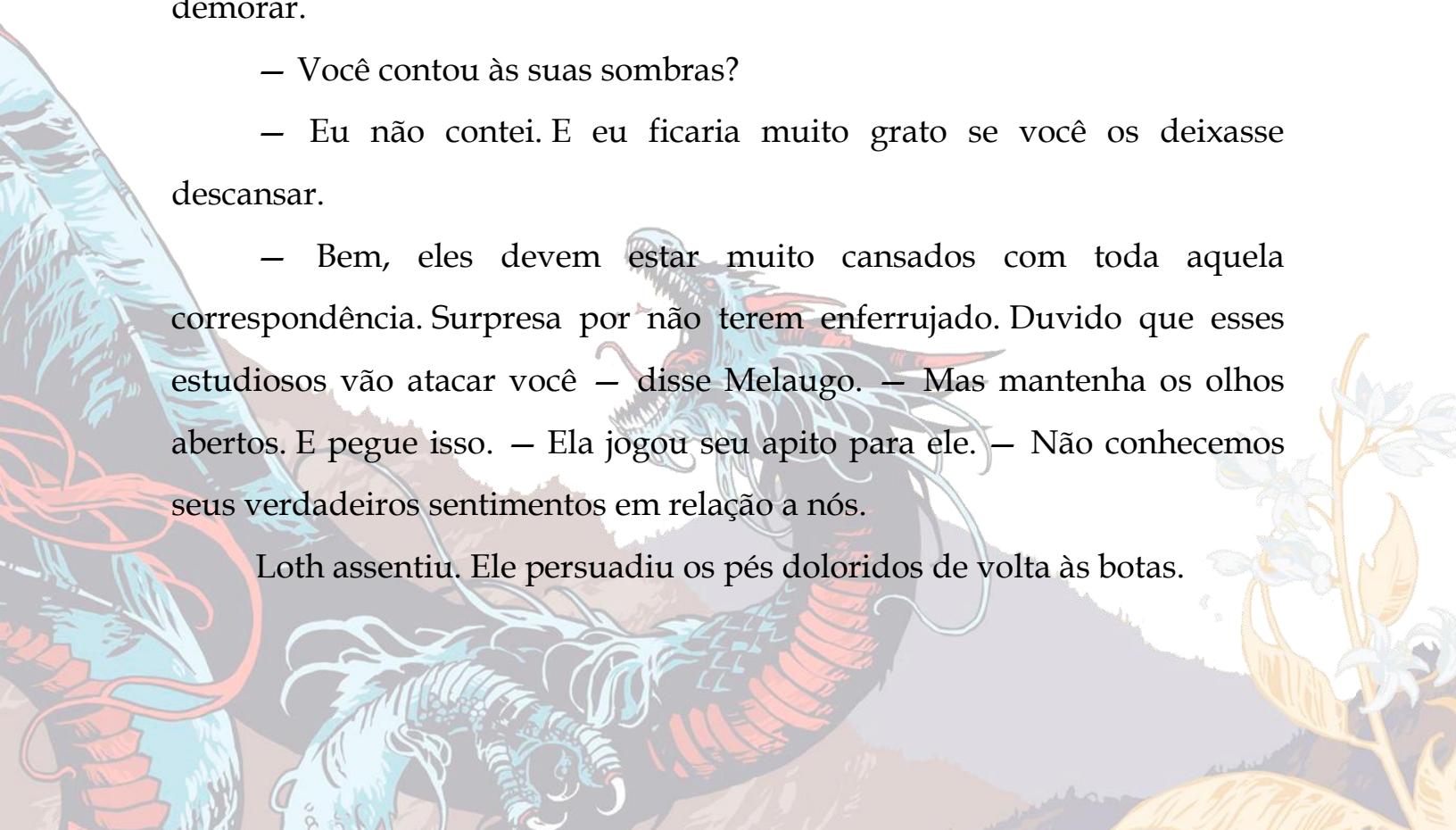
Quando ela voltou a respirar, ela considerou o navio. As velas foram arrumadas. Uma bandeira branca chicoteada na popa, brasonada com uma espada e uma coroa. Essa era a bandeira de Inys, a nação mais rica do Ocidente. Outra grande respiração, e ela estava de volta, nas profundezas das ondas.

O casco estava perto o suficiente para tocar. Ela esperou que uma onda a levantasse e agarrou uma corda que descia pela lateral.

Ela conhecia navios. Com a joia como sua tripulação, ela poderia domar esta besta de madeira.

Não havia ninguém na praia. O Ancião Vara não a traiu para os anciãos. De manhã, não haveria nenhum vestígio do fantasma em que ela se tornara.





Foram os sinos de vento que mantiveram Loth acordado. Eles não pararam de tocar a noite toda. Além disso, ele estava com frio e incrustado de sal, cercado pelo cheiro e roncos de piratas sujos. Harlowe disse a todos para dormir um pouco antes de buscarem água doce.

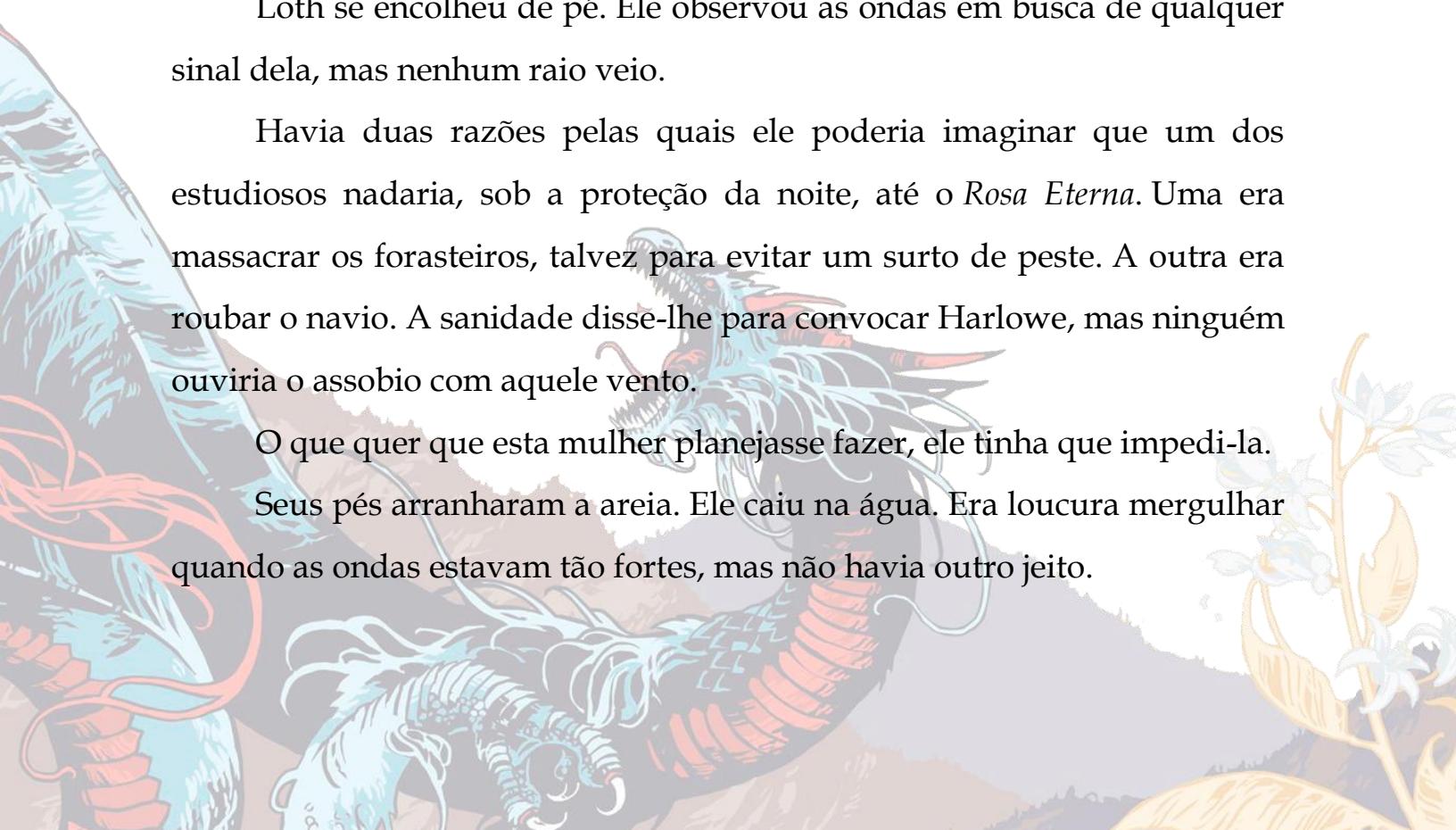
O próprio capitão mantinha vigília junto à lareira. Loth observou as chamas dançarem em seu rosto. Eles trouxeram a tatuagem branca que serpenteava em torno de seu antebraço e brilhava no medalhão que ele estava estudando.

Loth se sentou e vestiu sua camisa. Harlowe olhou para ele, mas não disse nada ao sair.

Ainda estava chovendo lá fora. Melaugo, que estava de guarda, o olhou de cima a baixo.

- Passeio à meia-noite?
- Receio que o sono me escapa. — Loth abotoou a camisa. — Não vou demorar.
- Você contou às suas sombras?
- Eu não contei. E eu ficaria muito grato se você os deixasse descansar.
- Bem, eles devem estar muito cansados com toda aquela correspondência. Surpresa por não terem enferrujado. Duvido que esses estudiosos vão atacar você — disse Melaugo. — Mas mantenha os olhos abertos. E pegue isso. — Ela jogou seu apito para ele. — Não conhecemos seus verdadeiros sentimentos em relação a nós.

Loth assentiu. Ele persuadiu os pés doloridos de volta às botas.



Ele caminhou sob a copa das árvores, seguindo as poucas lamparinas que ainda tremeluziam, e subiu novamente a escada para a praia. Seus passos nunca foram tão pesados. Quando ele finalmente chegou ao fundo, ele encontrou um abrigo natural e se plantou na areia, desejando ter se lembrado de sua capa.

Se as tempestades continuassem, eles poderiam ficar isolados nesta ilha abandonada pelo Santo por semanas, e o tempo estava se esgotando. Ele não poderia falhar com Sabran agora. O relâmpago estilhaçou a escuridão mais uma vez enquanto ele imaginava a queda de Inys – o resultado certo de seu fracasso.

Foi quando ele viu a mulher.

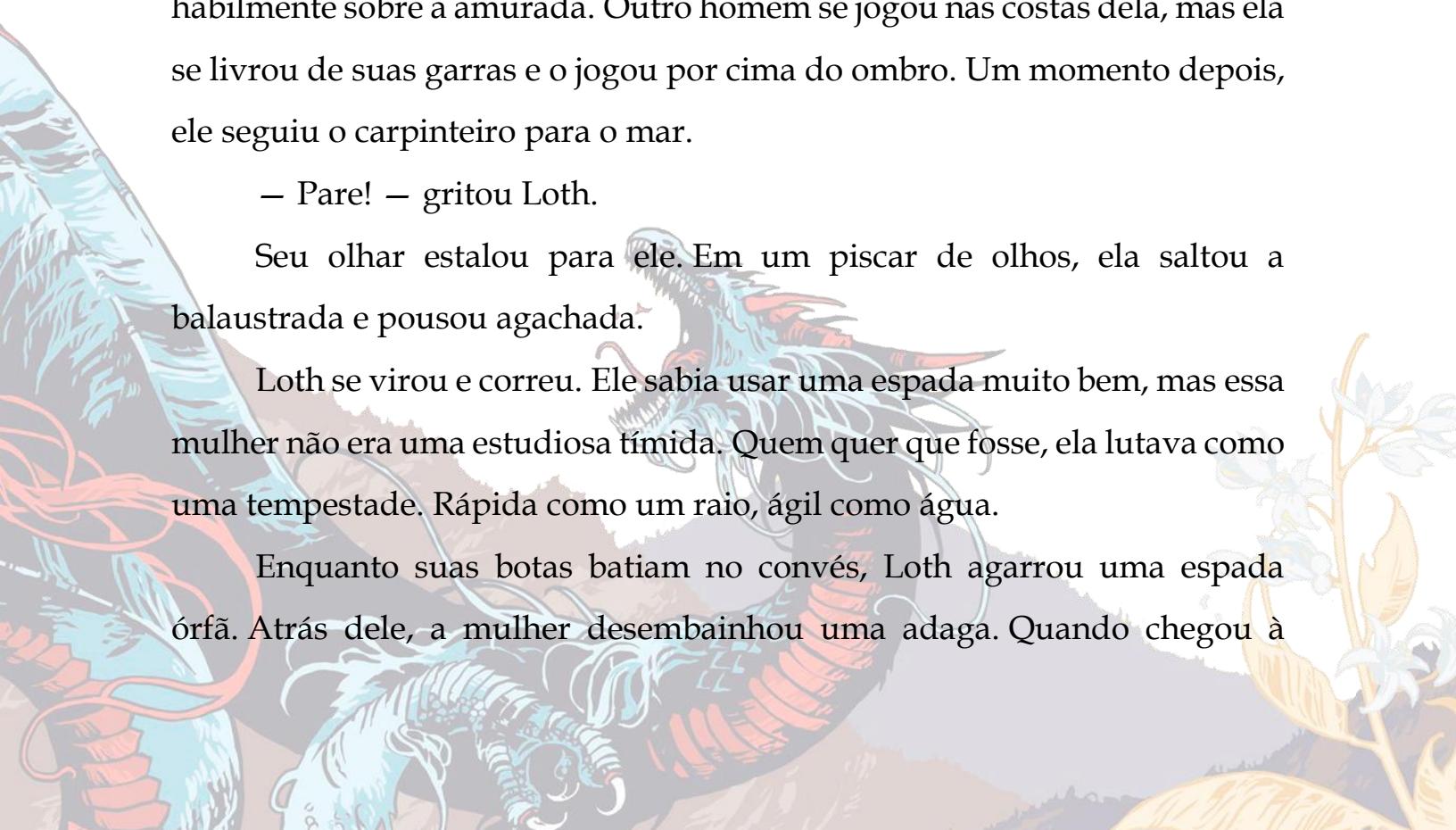
Ela estava no meio da praia. No instante em que ela foi iluminada, ele viu uma túnica de seda escura e uma espada curva ao lado dela. Um mergulho suave a levou ao mar.

Loth se encolheu de pé. Ele observou as ondas em busca de qualquer sinal dela, mas nenhum raio veio.

Havia duas razões pelas quais ele poderia imaginar que um dos estudiosos nadaria, sob a proteção da noite, até o *Rosa Eterna*. Uma era massacrar os forasteiros, talvez para evitar um surto de peste. A outra era roubar o navio. A sanidade disse-lhe para convocar Harlowe, mas ninguém ouviria o assobio com aquele vento.

O que quer que esta mulher planejasse fazer, ele tinha que impedi-la.

Seus pés arranharam a areia. Ele caiu na água. Era loucura mergulhar quando as ondas estavam tão fortes, mas não havia outro jeito.



Ele nadou sob o arco. Quando eram crianças, ele e Margret às vezes remavam no lago Elsand, mas os nobres tinham pouca necessidade de nadar. Em qualquer outra noite, ele poderia ter ficado muito assustado para tentar.

Uma onda caiu sobre sua cabeça, empurrando-o profundamente sob a superfície. Ele chutou forte e quebrou a superfície, engasgando.

Gritos se ergueram do convés do *Rosa Eterna*. Um apito estridente. Suas mãos encontraram a corda, depois as ripas de madeira que serviam de escada.

Thim foi amassado pelo mastro. A mulher de seda vermelha estava no tombadilho. Sua espada colidiu com a do carpinteiro. Cabelo preto chicoteado em torno de seu rosto.

Loth vacilou, suas mãos vazias segurando o ar. Três defesas e um golpe, e o carpinteiro tropeçou, com sangue na túnica. A mulher o chutou habilmente sobre a amurada. Outro homem se jogou nas costas dela, mas ela se livrou de suas garras e o jogou por cima do ombro. Um momento depois, ele seguiu o carpinteiro para o mar.

— Pare! — gritou Loth.

Seu olhar estalou para ele. Em um piscar de olhos, ela saltou a balaustrada e pousou agachada.

Loth se virou e correu. Ele sabia usar uma espada muito bem, mas essa mulher não era uma estudiosa tímida. Quem quer que fosse, ela lutava como uma tempestade. Rápida como um raio, ágil como água.

Enquanto suas botas batiam no convés, Loth agarrou uma espada órfã. Atrás dele, a mulher desembainhou uma adaga. Quando chegou à

proa, Loth escalou a amurada, os dentes cerrados, as mãos escorregadias por causa da água da chuva. Ele iria pular antes que ela o alcançasse.

Algo atingiu a base de seu crânio. Ele desabou no convés, pesado como um saco de grãos.

Mãos o seguraram e o viraram de costas. A mulher colocou a adaga em sua garganta. Enquanto ela fazia isso, ele avistou o que estava em sua outra mão.

Era idêntica em formato ao que Ead possuía, e brilhava da mesma maneira não natural. Como o luar no mar.

— A outra joia — ele sussurrou, e tocou-a com um dedo. — Como como você pode ter isso?

Seus olhos se estreitaram. Ela olhou para a joia e depois para ele. Então ela olhou para cima, em direção aos sons de gritos na praia, e uma máscara de resolução caiu sobre suas feições.

Essa era a última coisa que Loth se lembrava. Seu rosto e sua cicatriz tênue, em forma de anzol.



Capítulo 60

Leste

No Mar Interminável, mais a leste do que a maioria dos navios ousava navegar, e na nona hora da noite, o *Perseguição* flutuou sob o conjunto de estrelas que os Seiikinenses haviam batizado de Pomba.

Padar, o navegador deles, manteve-se fiel à sua palavra. Para ele, os corpos celestes eram peças no tabuleiro do céu. Não importava como e para onde eles se moviam, ele sabia uma maneira de lê-los. Apesar do giro, ele sabia bem onde a estrela estaria a essa hora e como chegar lá. No convés ao lado dele, Niclays Roos esperava.

Jan, ele pensou, estou quase lá.

Laya Yidagé estava com os braços cruzados ao lado dele. Sob a sombra de seu capuz, sua mandíbula estava rígida.

A Estrela do Sul brilhou. Observada por sua tripulação, a Imperatriz Dourada girou o mastro e, à medida que as velas prendiam o vento, o *Perseguição* começou a girar.

— Avante! — ela chamou, e seus piratas pegaram o grito. Niclays sentiu sua alegria ampliada em seu próprio coração.

Avante de fato, para onde os mapas terminavam. Para a amoreira e as maravilhas incontáveis.

Capítulo 61

Leste

Quando ele acordou, o frio estava forte e o céu estava com a púrpura doentia do crepúsculo, lançando tudo nas sombras. Loth demorou um momento para perceber que estava preso.

Os respingos umedeciam seu rosto. Sua cabeça latejava horrivelmente e seus sentidos eram uma lama.

Ele piscou para afastar a exaustão. À luz fraca das lamparinas, ele distinguiu uma figura ao leme do *Rosa Eterna*.

— Capitão Harlowe?

Sem resposta. Quando sua visão se aguçou, ele viu que era a mulher da Ilha das Penas. *Não*.

Eles não tinham tempo para sair do curso. Ele lutou contra suas restrições, mas havia corda suficiente ao redor dele para pendurar um gigante. Ao lado dele, Thim também estava amarrado ao mastro. Loth o cutucou com o ombro.

— Thim — ele sussurrou.

O artilheiro não respondeu. Um hematoma estava se formando em sua têmpora.

Loth virou a cabeça e observou sua captora. Ela tinha cerca de vinte anos, talvez um pouco mais jovem, com constituição esguia. Cabelo preto curto emoldurava um rosto bronzeado e queimado pelo vento.

— Quem é você? — Loth a chamou. Sua garganta queimou de sede. — Por que você pegou este navio?

Ela o ignorou.

— Espero que você perceba que cometeu um ato de *pirataria*, senhora

— Loth cuspiu. — Volte imediatamente, ou devo interpretar isso como uma declaração de guerra contra a Rainha Sabran de Inys.

Nada.

Quem quer que fosse essa vagabunda silenciosa, ela tinha a outra joia. O destino a colocou em seu caminho.

Uma caixa do comprimento de uma mão, pintada com flores, pendurada em uma faixa em seu quadril. Deve ser onde ela a guardava.

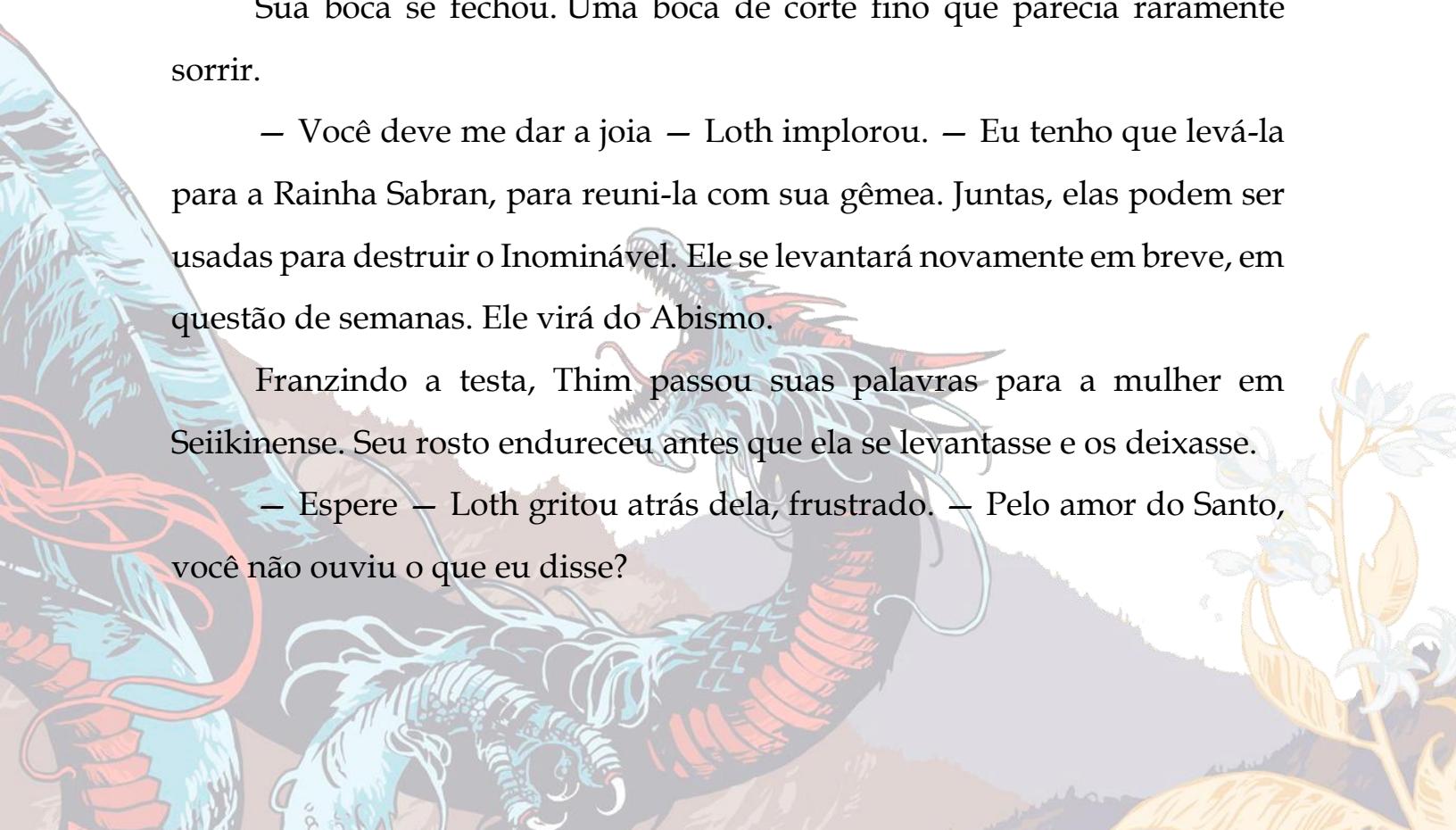
Loth cochilou por um tempo. A sede e a exaustão o puxavam, e um lado de sua cabeça latejava. Em algum momento da noite, ele piscou acordado e encontrou uma cabaça em seus lábios. Ele bebeu sem questionar.

Thim também estava alerta. A mulher o deixou beber e falou com ele em uma língua estrangeira.

— Thim — Loth murmurou —, você a entende?

O outro homem estava com os olhos turvos.

— Sim, meu senhor. Ela é Seiikinense — ele disse lentamente. — Ela pergunta como você sabe sobre a joia.



Ela ficou agachada na frente deles, observando seus rostos. No brilho da lamparina que ela trouxera com ela, Loth podia ver a cicatriz em sua bochecha.

— Diga a ela que sei onde está sua irmã gêmea — disse ele. Ele olhou a mulher nos olhos enquanto Thim traduzia, e ela respondeu.

— Ela diz que se isso for verdade — disse Thim — você será capaz de dizer a ela de que cor é.

— Branca.

Quando Thim transmitiu as palavras a ela, ela se inclinou na direção de Loth e segurou sua garganta.

— Onde? — ela perguntou.

Então ela falava um pouco de Inysh. Sua voz era tão fria quanto sua expressão de ferro.

— Inys — disse ele.

Sua boca se fechou. Uma boca de corte fino que parecia raramente sorrir.

— Você deve me dar a joia — Loth implorou. — Eu tenho que levá-la para a Rainha Sabran, para reuni-la com sua gêmea. Juntas, elas podem ser usadas para destruir o Inominável. Ele se levantará novamente em breve, em questão de semanas. Ele virá do Abismo.

Franzindo a testa, Thim passou suas palavras para a mulher em Seiikinense. Seu rosto endureceu antes que ela se levantasse e os deixasse.

— Espere — Loth gritou atrás dela, frustrado. — Pelo amor do Santo, você não ouviu o que eu disse?

— Não devemos provocá-la, Lord Arteloth — advertiu Thim. — O resto da tripulação poderia ficar preso na Ilha das Penas por semanas, até meses, sem um navio. Agora somos os únicos que podem aceitar a proposta da Rainha Sabran a Sua Majestade Imperial.

Ele estava certo. O plano deles estava à mercê desta pirata. Loth afundou em suas amarras.

Thim inclinou a cabeça para trás e apertou os olhos. Loth demorou um pouco para perceber que estava lendo as estrelas.

— Impossível — murmurou Thim. — Não podemos ter chegado a este extremo leste em tão pouco tempo.

Loth observou a mulher. Uma de suas mãos estava no mastro. A outra agora segurava uma pedra escura. Pela primeira vez, ele percebeu o rugido ininterrupto da água contra o navio.

Ela estava usando a joia para impulsionar o *Rosa*.

— Meu senhor — disse Thim baixinho —, acho que sei para onde estamos indo.

— Conte-me.

— Ouvimos um boato no mar de que a Imperatriz Dourada, líder da Frota do Olho do Tigre, estava navegando para o leste em busca do elixir da vida. Seu navio, o *Perseguição*, deixou Kawontay há não muito tempo. Eles estavam indo para o Mar Eterno.

— Qual é a Frota do Olho de Tigre?

— A maior frota pirata que existe. Eles roubam e matam dragões quando podem. — Thim olhou para a mulher. — Se ela está perseguindo a

Imperatriz Dourada, e eu não consigo imaginar por que outro motivo estariámos neste extremo leste, então nós dois somos homens mortos.

Loth olhou para ela.

- Ela parece uma lutadora muito boa.
- Uma lutadora não consegue vencer centenas de piratas, e nem mesmo a *Rosa* tem chance contra o *Perseguição*. É uma fortaleza no mar.
- Thim engoliu em seco. — Podemos levar o navio de volta.
- Como?
- Bem, quando ela for embora, meu senhor. Um navio de guerra precisa de uma vasta tripulação, mas... Suponho que não temos escolha a não ser tentar.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. Tudo que Loth podia ouvir era o barulho das ondas.

- Visto que não temos nada melhor a fazer a não ser esperar, talvez possamos jogar um jogo. — Ele ofereceu ao artilheiro um sorriso cansado. — Você é bom em charadas, Thim?



As estrelas queimavam como uma série de velas. Tané mantinha o olhar neles enquanto dirigia o navio Inysh, usando o vento oeste e também a joia para impulsioná-lo.

O senhor Inysh e o artilheiro Lacustrine finalmente dormiram. Por um quarto de hora, o primeiro tinha se esforçado para resolver o mais fácil dos enigmas, fazendo Tané ranger os dentes de irritação.

*Eu fecho pela manhã, eu abro à noite,
E quando estou aberto, seus olhos me deliciam.
Estou pálido como a lua e vivo apenas à sua luz
Pois quando o sol nascer, eis que parti.*

Pelo menos agora ele tinha parado de tagarelar sobre como era inteligente, e ela podia pensar. Se ela cronometrasse isso direito, ela estaria sob os olhos da Pomba esta noite.

Usar a joia havia deixado um fino brilho de suor frio nela. Ela respirou lenta e profundamente. Embora nunca tenha drenado suas forças por muito tempo, ela sentiu que a joia estava atraindo algo dentro dela. Ela era a corda, e a joia era o arco, e somente juntas eles poderiam fazer o oceano cantar.

— Loth.

Assustada, Tané olhou para o convés. O homem Inysh estava acordado mais uma vez.

— Loth — ele repetiu, e bateu em seu próprio peito.

Tané olhou de volta para as estrelas.

Na Casa Sul, ela aprendeu um pouco de todas as línguas do mundo conhecido. Ela conhecia Inysh muito bem, mas preferia que os estranhos pensassem o contrário, induzindo-os a acreditar que podiam falar livremente.

— Posso perguntar seu nome? — o homem Inysh disse.

Grande Kviriki, afunde esse idiota. Ainda assim, ele sabia sobre a joia em declínio, essa era razão suficiente para mantê-lo vivo.

— Tané — disse ela finalmente.

— Tané.

Ele disse isso suavemente. Ela o olhou fixamente.

Embora ele não pudesse ter mais de trinta anos, e embora agora parecesse como se um sorriso nunca tivesse se afastado de seu rosto, já havia linhas de riso em torno de seus lábios carnudos. Sua pele era do mesmo marrom profundo que seus olhos, que eram grandes e cheios de calor. Seu nariz era largo, sua mandíbula forte e com a barba por fazer, e seu cabelo preto estufado em cachos pequenos e apertados.

Ela tinha a sensação de que ele era gentil.

Imediatamente, ela afastou o pensamento. Ele veio de uma terra que cuspiu em seus deuses.

— Se você me soltar — Loth disse —, talvez eu possa ajudá-la. Você terá que parar em um ou dois dias. Para dormir.

— Você julgou mal quanto tempo eu posso durar sem dormir.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você fala Inysh.

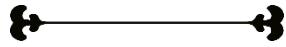
— O suficiente.

O Ocidental parecia prestes a falar de novo, mas pareceu pensar melhor. Ele se encostou no artilheiro e fechou os olhos.

Ela teria que questioná-lo mais cedo ou mais tarde. Se ele soubesse onde estava a outra joia, ela teria que ser devolvida aos dragões, mas primeiro, ela precisava chegar a Nayimathun.

Quando Loth finalmente cochilou, Tané avaliou as estrelas e girou o leme. A joia era como gelo em sua mão. Se ela continuasse assim, logo estaria em Komoridu.

Ela bebeu um pouco de sua cabaça e piscou para tirar os olhos secos.
Tudo o que ela precisava fazer era ficar acordada.



O Mar Sem Fim era de um requintado azul safira que quase se tornava violeta quando o sol se punha. Não havia pássaros no céu, e um vazio até onde a vista alcançava.

Era esse vazio que preocupava Niclays. A lendária ilha de Komoridu ainda não havia se mostrado.

Ele tomou um gole de sua garrafa de vinho rosado. Os piratas foram generosos esta noite. Sua líder havia deixado claro para eles que se eles encontrassem as riquezas do mundo, eles deveriam isso ao Mestre das Receitas.

E se eles não conseguissem encontrar nada, todos saberiam quem era o culpado.

A morte nunca teve muito poder sobre ele. Ele pensava nela como uma velha amiga que um dia iria bater novamente em sua porta.

Durante anos, ele procurou fazer o elixir da imortalidade com o espírito de descoberta. Ele nunca teve a intenção de beber. Afinal, a morte acabaria com a dor da tristeza ou o reuniria com Jannart em qualquer vida após a morte que se mostrasse a certa. Cada dia, cada passo, cada tique do relógio o levava para mais perto dessa possibilidade dourada. Ele estava cansado de ter meia alma.

No entanto, agora que a morte se aproximava, ele a temia. Suas mãos tremiam enquanto ele bebia mais vinho. Ocorreu-lhe brevemente que deveria parar de beber, para manter o juízo sobre ele, mas mesmo sóbrio, ele nunca seria capaz de lutar contra um pirata. Melhor estar entorpecido.

O navio continuou avançando na água. A noite pintou a escuridão acima. Logo ele ficou sem vinho. Ele jogou o frasco no mar e o observou balançar para longe.

— Niclays.

Laya estava correndo escada acima, agarrando o xale ao redor do corpo. Ela o pegou pelo braço.

— Eles viram alguma coisa em frente — disse ela, os olhos brilhantes de pavor ou excitação. — Os vigias.

— Que tipo de coisa?

— Terra.

Niclays olhou sem acreditar. Sem fôlego, ele a seguiu até a proa do navio, onde a Imperatriz Dourada estava com Padar.

— Você está com sorte, Roos — disse a primeira.

Ela entregou a ele sua luneta. Niclays apertou os olhos.

Uma ilha. Inquestionavelmente. Uma pequena, quase certamente desabitada, mas ainda assim uma ilha. Ele expirou ao devolver a luneta.

— Estou feliz em ver isso, toda honrada Imperatriz de Ouro — ele disse francamente.

Ela contemplou a ilha com a intenção de uma caçadora. Quando ela se virou para um de seus oficiais, Niclays olhou para os entalhes em seu braço de madeira.

— Ela está sinalizando para a *Pomba Negra* circundar a ilha — murmurou Laya. — A Guarda do Mar Superior ainda pode estar atrás de nós. Ou rumores podem ter alcançado outro navio pirata de nossa missão.

— Certamente nenhum capitão pirata seria tolo o suficiente para confrontar um navio como este.

— O mundo está cheio de idiotas, Niclays. E eles nunca são mais tolos do que quando cheiram a vida eterna.

Sabran poderia atestar isso.

Jannart também.

Niclays bateu com os dedos na amurada. Conforme a ilha se aproximava, sua boca ficou seca como cinzas.

— Venha, Roos — disse a Imperatriz Dourada. Sua voz era suave como veludo. — Você deve compartilhar os primeiros despojos. Afinal, você nos trouxe aqui.

Ele não ousou discutir.

Quando eles estavam ancorados, a Imperatriz Dourada se dirigiu a seus piratas. Esta ilha, ela disse a eles, era o lar de uma generosidade que destruiria seus problemas. O elixir os tornaria todo-poderosos. Eles seriam mestres do mar. Seu povo rugiu e bateu os pés até que Niclays ficou frágil de medo. Eles poderiam estar triunfantes agora, mas uma cheirada de fracasso, um sussurro de que tinham vindo até aqui para nada, e sua alegria se transformaria em uma ira assassina.

Um barco foi preparado para o grupo de reconhecimento. Laya e Niclays juntaram-se aos vinte membros da tripulação, incluindo a Imperatriz Dourada, que colocaria os pés na ilha antes de qualquer outra

pessoa, e Ghonra, sua herdeira. Embora Niclays achasse que ela nunca precisaria de uma herdeira se eles encontrassem o elixir.

O barco a remo saiu da sombra do *Perseguição*. Logo ficou claro para Niclays que o que eles podiam ver da ilha era apenas o auge dela. Muito do resto foi reclamado pelo mar.

Quando não puderam ir mais longe, deixaram dois deles com o barco e vadearam o resto do caminho. Niclays pisou em terra firme e torceu a água de sua camisa.

Este lugar poderia ser seu túmulo. Ele tinha se imaginado sendo dobrado na sujeira de Orisima. Em vez disso, seus ossos ficariam em uma ilha oculta na vastidão de um mar distante.

A embriaguez o fez lento. Quando Ghonra olhou por cima do ombro e arqueou uma sobrancelha para ele, ele respirou fundo e marchou atrás dela, subindo um monte de rocha escorregadia.

Seus passos os levaram para a escuridão de uma floresta. O único indício de civilização era a ponte de pedra que usaram para cruzar um riacho. Ele delineou um lance de degraus marcado na rocha. A Imperatriz Dourada foi a primeira a pisar.

Eles subiram a escada pelo que pareceram horas. Ela serpenteava entre infinitos bordos e abetos.

Não havia moradias aqui. Nenhum guardião da amoreira. Apenas a natureza, autorizada a seguir seu curso por séculos. Vespas zumbiam e pássaros cantavam. Um cervo saltou em seu caminho e de volta ao crepúsculo, assustando metade dos piratas e fazendo-os desembainhar as espadas.

Niclays ofegou. O suor encharcava sua camisa. Ele enxugou a testa inutilmente enquanto riachos escorriam por sua testa. Já fazia muito tempo que ele não se esforçava assim.

— Niclays — disse Laya baixinho. — Você está bem?

— Morrendo — ele rangeu. — Pela graça da Donzela, vou expirar antes de chegarmos ao topo.

Ele só percebeu que eles pararam quando ele caminhou de cabeça para Ghonra, que o empurrou para trás com uma cotovelada pontuda no estômago. Com as pernas tremendo, Niclays ergueu os olhos e viu uma árvore. Uma amoreira velha e retorcida, maior do que qualquer árvore que ele já tivesse visto.

Niclays olhou para a gigante caída. A sensação sangrou de suas pernas. Seus lábios começaram a tremer e seus olhos ficaram quentes.

Ele estava aqui. No final do Caminho dos Párias. Era isso que Jannart queria ver, o segredo pelo qual ele morrera. Niclays estava de pé na realização de seu sonho.

Seu sonho infiel.

A amoreira não dava flores ou frutos. Parecia quase grotesca em sua massa, esticada além de suas proporções naturais, como um corpo puxado sobre uma grade. Seu tronco era grosso como uma barbatana. Na morte, seus galhos alcançavam as estrelas, como se elas pudessesem estender as mãos de prata e ajudá-la a se levantar novamente.

A Imperatriz Dourada caminhava lentamente entre seus membros mortos. Laya pegou Niclays pelo braço. Ele a sentiu estremecer e se viu pressionando a mão sobre a dela.

— Yidagé, Roos — chamou a Imperatriz Dourada —, venham aqui.

Laya fechou os olhos.

— Está tudo bem — Niclays manteve a voz baixa. — Ela não vai machucar você, Laya. Você é muito útil para ela.

— Não tenho nenhum desejo de vê-la machucar você.

— Estou profundamente magoado com a pouca fé que você tem em minha capacidade para a batalha, Senhora Yidagé. — Ele ergueu a bengala com um sorriso fraco. — Eu posso derrubar todos eles com isso, você não acha?

Ela sufocou uma risada.

— Há palavras gravadas aqui — disse a Imperatriz Dourada a Laya, quando eles estavam perto. — Traduza-as.

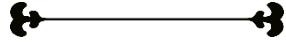
Seu rosto não traiu nada. Laya largou Niclays, passou por cima de um galho e se agachou ao lado do tronco. Um dos piratas entregou-lhe uma tocha e ela a segurou cuidadosamente na direção da árvore. As chamas lançaram luz sobre uma cascata de palavras esculpidas.

— Perdoe-me, honrada Imperatriz de Ouro, mas não posso traduzir isso. Pedaços disso são familiares, mas muitos não são — disse Laya. — Temo que esteja além do meu conhecimento.

— Talvez eu possa.

Niclays olhou por cima do ombro. O erudito Seiikinês, aquele que nunca esteve longe da Imperatriz Dourada, colocou a mão atrofiada no tronco como se fosse os restos mortais de um velho amigo.

— A tocha, por favor — disse ele. — Isso não vai demorar muito.



Não havia luar para trair o navio ocidental. Do alto de seu leme, Tané observou os piratas desembarcarem.

O *Rosa Eterna* estava ancorado onde os piratas não podiam ver. Depois que ela virou o navio para sudeste no momento certo, eles navegaram até que sua luneta revelou uma ilha.

O Ancião Vara acreditava que a joia ascendente viera daqui. Talvez este lugar contivesse o segredo de por que estivera no lado dela - ou talvez não. O que importava era Nayimathun.

O vento soprava fios de cabelo em seu rosto. Ela conhecia esses navios de seus dias na Casa Sul, onde aprendera a identificar os navios mais notórios da Frota do Olho de Tigre. Ambos carregavam as velas vermelhas da doença. O *Pomba Negra*, que tinha metade do comprimento do *Perseguição*, estava circulando a ilha com suas portas de armas abertas.

Tané desceu para o convés. Ela havia libertado seus dois cativos para que pudesse ajudá-la.

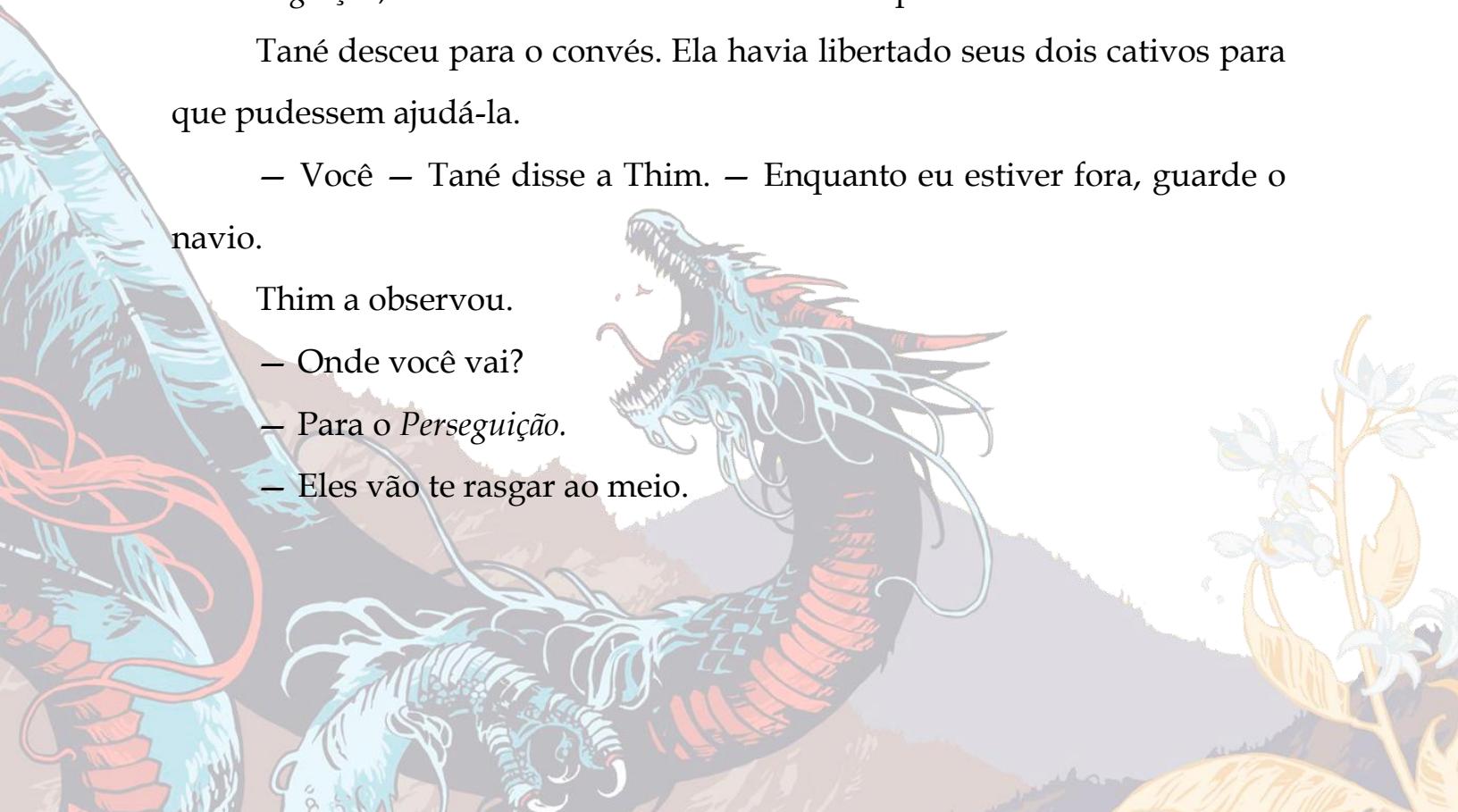
— Você — Tané disse a Thim. — Enquanto eu estiver fora, guarde o navio.

Thim a observou.

— Onde você vai?

— Para o *Perseguição*.

— Eles vão te rasgar ao meio.



— Ajude-me a sobreviver, e cuidarei para que você chegue inteiro ao Império dos Doze Lagos. Me traia e eu vou deixar você aqui para morrer — , disse Tané. — A escolha é sua.

— Quem é você? — Thim perguntou, carrancudo. — Você luta melhor do que qualquer soldado. Nenhum membro da tripulação teve chance contra você. Por que você foi convocada para as fileiras dos estudiosos, e não os Miduchi?

Tané entregou-lhe a luneta.

— Se eles virem você — foi tudo o que ela disse — , dispare um dos canhões como um aviso.

Mas Thim havia percebido. Ela viu a deferência subir em seus olhos.

— Você *era* Miduchi. — Thim estudou seu rosto. — Por que você foi banida?

— Quem eu sou e quem eu era não é da sua conta. — Ela acenou com a cabeça para Loth. — Você. Venha comigo.

— No mar? — Loth olhou para ela. — Vamos congelar.

— Não se continuarmos nos movendo.

— O que você pretende fazer naquele navio?

— Libertar uma prisioneira.

Tané se preparou antes de descer pela lateral do navio, tremendo de frio. Então ela se soltou.

Seu corpo mergulhou na escuridão. O frio tirou sua respiração, bolhas explodindo de seus lábios.

Foi pior do que ela esperava. Ela havia nadado todos os dias em Seiiki, em qualquer estação, mas o mar de Sundance nunca tinha sido tão

frio. Quando ela voltou à superfície, sua respiração veio em baforadas brancas. Atrás dela, Loth fez sons sem palavras de desconforto. Ele estava na parte inferior das ripas.

— Basta pular — Tané forçou. — Vai a-acabar mais cedo.

Loth fechou os olhos com força e seu rosto assumiu a paciência de um homem que se condenava à morte antes de partir. Ele afundou e voltou à superfície em um instante, ofegante.

— Santo... — Seus dentes batiam. — Está c-congelante.

— Então você precisa se apressar — disse Tané, e nadou.

As lamparinas do *Perseguição* foram apagadas. O navio era tão alto que Tané tinha pouco medo dos vigias. Eles nunca veriam duas cabeças na água escura. Afinal, esses galeões do tesouro de nove mastros eram maiores do que qualquer outro navio do mundo. Mais do que grande o suficiente para conter um dragão.

O movimento era difícil. O frio endureceu suas juntas. Tané respirou fundo e voltou a ficar abaixo das ondas. Quando ela apareceu ao lado do *Perseguição*, Loth estava logo atrás, tremendo incontrolavelmente. Ela pretendia rastejar pelas portas de armas, mas elas estavam fechadas e não havia apoios de mão óbvios.

A âncora. Era a única ligação entre a água e o convés. Ela nadou ao lado do casco até chegar à popa.

Água salgada misturada com suor quando ela se ergueu do mar e escalou. Ela podia ouvir Loth lutando por trás dela. Cada centímetro de progresso parecia duramente conquistado. Cada membro estava lutando para lembrar sua força.

Perto do topo, ela perdeu o controle.

Aconteceu muito rápido para ela respirar, quanto mais gritar. Num momento ela estava se levantando; no próximo, caindo, então ela bateu em algo quente e sólido. Ela olhou para baixo para ver Loth abaixado dela. O pé dela pousou em seu ombro.

Ela poderia dizer que ele estava se esforçando para segurar os dois, mas ele sorriu. Tané desviou o olhar e continuou subindo.

Seus braços tremiam quando ela alcançou a escultura desfigurada do grande Dragão Imperial na popa do navio. Ela contornou-o, puxou-se para o lado e pousou, com os pés leves, no convés. A Imperatriz Dourada estaria na ilha, mas ela teria deixado guardas para trás.

Mantendo-se abaixada, Tané torceu a água gelada de sua túnica. Loth se agachou ao lado dela. Ela só podia distinguir as silhuetas das centenas de piratas deixados a bordo.

O *Perseguição* era uma cidade sem lei no mar. Como todos os navios piratas, ele absorvia canalhas de várias partes do mundo. Nessa escuridão, desde que ninguém os impedisse, eles poderiam se misturar. Três lances de escada os levariam ao convés mais baixo do navio.

Ela se endireitou e saiu de seu esconderijo. Loth a seguiu, mantendo a cabeça baixa.

Piratas os cercaram. Tané mal conseguia ver os rostos deles. Ela ouviu tensões de suas conversas.

- ... estripar o velho se ele nos traiu.
- Ele não é idiota. Que propósito haveria em...?

— Ele é mentiroso. O Seiikinense o teria mantido confinado como um pássaro canoro em Orisima — disse uma mulher. — Talvez ele aceitasse a morte ao invés da prisão. Como o resto de nós.

Roos.

Não havia outro Ment sobre o qual eles pudessem estar falando.

As pontas dos dedos dela ficaram quentes. Ela coçou para envolver as mãos ao redor de sua garganta.

Não era culpa de Roos ela ter sido enviada para a Ilha das Penas. Apenas ela era culpada por isso. No entanto, ele a chantageou. Ele ousara pedir a ela que machucasse Nayimathun. Agora ele estava ajudando os piratas que pegavam e matavam dragões. Por todas essas coisas, ele merecia a morte.

Ela tentou reprimir o desejo por isso. Não poderia haver distrações aqui.

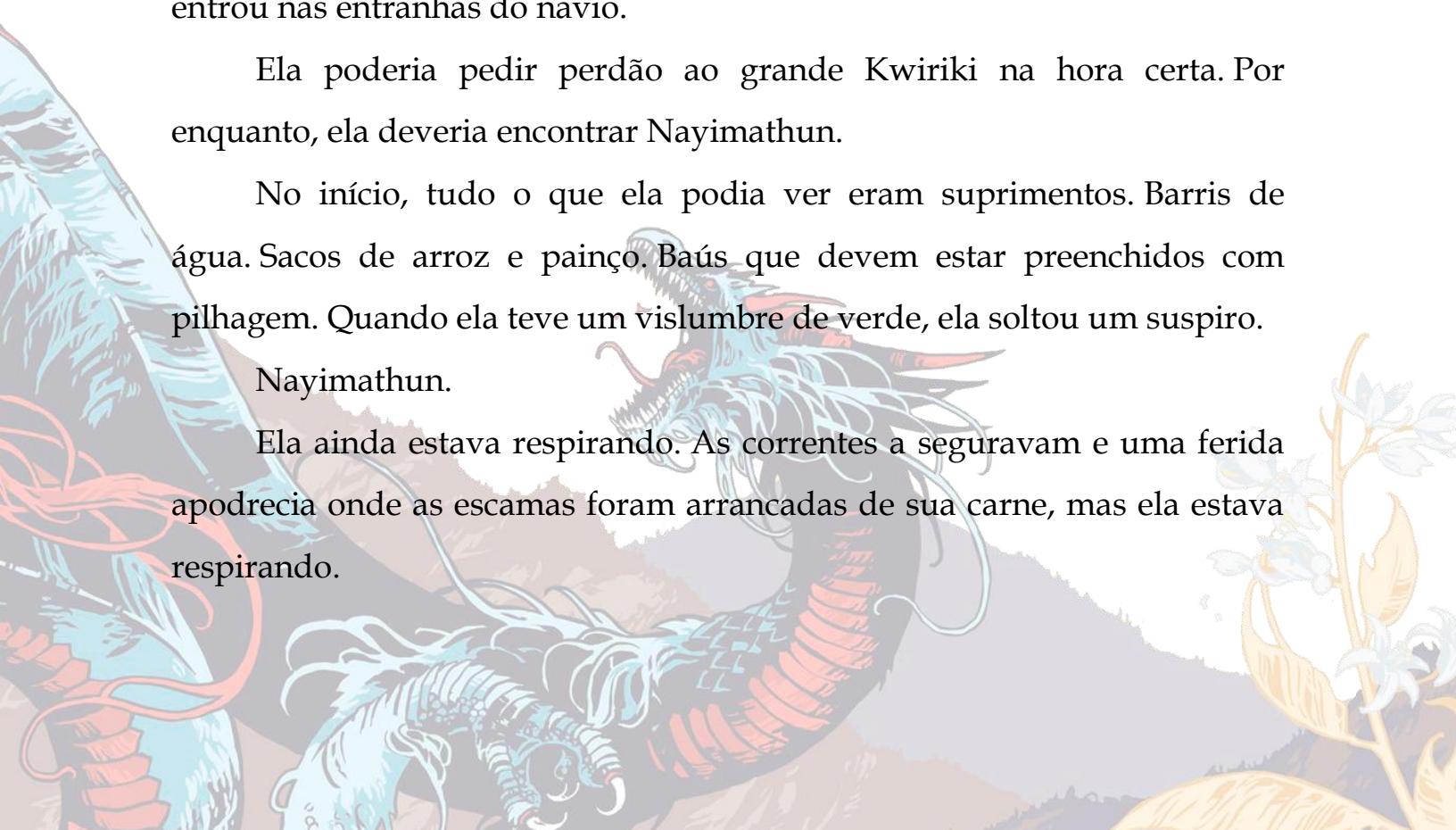
Eles escorregaram para a escada que os levaria ao casco. Na parte inferior, uma lamparina piscou. Sua chama revelou dois piratas com cicatrizes, ambos armados com pistolas e espadas. Tané caminhou em direção a eles.

— Quem está aí? — Um deles perguntou asperamente.

Um grito atrairia uma multidão de piratas de cima. Ela teria que matá-los, e em silêncio.

Como água.

Sua adaga deslizou pelas sombras, direto em um coração batendo. Antes que o outro guarda pudesse reagir, ela havia cortado sua garganta. O olhar dele era diferente de tudo que Tané já tinha visto. O



choque. A compreensão de sua mortalidade. A redução de seu ser à umidade em seu pescoço. Um som sem palavras saiu borbulhando de seus lábios, e ele caiu aos pés dela.

O gosto de ferro encheu sua boca. Ela viu o sangue latejar dele, negro à luz da lamparina.

— Tané — disse Loth.

Sua pele estava tão fria quanto a espada em sua mão.

— Tané. — Sua voz estava rouca. — Por favor. Devemos nos apressar.

Dois cadáveres estavam diante dela. Seu estômago embrulhou e a escuridão a atingiu como uma nuvem de moscas.

Ela tinha matado. Não do jeito que ela matou Susa. Desta vez, ela tirou a vida com as próprias mãos.

Tonta, ela levantou a cabeça. Loth removeu a lamparina que pendia acima dos corpos e a estendeu para ela. Ela a pegou, com a mão instável, e entrou nas entradas do navio.

Ela poderia pedir perdão ao grande Kviriki na hora certa. Por enquanto, ela deveria encontrar Nayimathun.

No início, tudo o que ela podia ver eram suprimentos. Barris de água. Sacos de arroz e painço. Baús que devem estar preenchidos com pilhagem. Quando ela teve um vislumbre de verde, ela soltou um suspiro.

Nayimathun.

Ela ainda estava respirando. As correntes a seguravam e uma ferida apodrecia onde as escamas foram arrancadas de sua carne, mas ela estava respirando.

Loth desenhou um sinal em seu peito. Ele parecia ter visto sua própria condenação.

Tané caiu de joelhos diante do deus que um dia fora seu parente, abandonando sua espada e lamparina.

— Nayimathun.

Sem resposta. Tané tentou engolir o nó em sua garganta. Seus olhos ficaram marejados quando ela percebeu o dano que as correntes haviam causado.

Uma lágrima correu para sua mandíbula. Ela ferveu de ódio. Ninguém com alma poderia fazer isso com um ser vivo. Ninguém com um pingo de vergonha poderia tratar um deus dessa maneira. Os dragões sacrificaram muito para proteger os mortais que compartilhavam seu mundo. Em troca, os mortais deram apenas malícia e ganância.

Nayimathun continuava respirando. Tané passou a mão pelo focinho, onde as escamas estavam secas como osso. Foi indescritivelmente cruel da parte deles tê-la mantido fora da água por tanto tempo.

— Grande Nayimathun — ela sussurrou. — Por favor. Sou eu. É Tané. Deixe-me te levar para casa.

Um olho aberto. O azul era fraco, como o último brilho de uma estrela morta há muito tempo.

— Tané.

Ela nunca tinha realmente acreditado que ouviria aquela voz novamente.

— Sim. — Outra lágrima escorreu por sua bochecha. — Sim, grande Nayimathun. Eu estou aqui.

— Você veio — disse Nayimathun. Sua respiração estava difícil. — Você não deveria ter vindo.

— Eu deveria ter vindo antes. — Tané abaixou a cabeça. — Me perdoe. Por deixá-los levar você.

— Alguém te pegou primeiro — o dragão rosnou. Um dente estava faltando em sua mandíbula. — Você está ferida.

— Este não é o meu sangue. — Com as mãos trêmulas, Tané abriu a caixa na cintura e tirou a joia. — Eu encontrei uma das joias de que você falou, Nayimathun. Foi costurada na minha lateral. — Ela a estendeu para que o dragão pudesse ver. — Este Ocidental afirma que conhece aquele que tem sua irmã gêmea.

Nayimathun olhou por um longo tempo para a joia, depois para Loth, que tremia em suas botas.

— Podemos falar sobre isso quando estivermos em um lugar seguro — disse ela. — Mas ao encontrar essas joias, você nos deu uma maneira de lutar contra o Inominável. Por isso, Tané, todo dragão que respira está em dívida com você. — Uma luz fraca ondulou por suas escamas. — Ainda sou forte o suficiente para romper o casco, mas devo estar livre. Você vai precisar da chave das minhas correntes.

— Diga-me quem está com ela.

O dragão fechou os olhos novamente.

— A Imperatriz Dourada — ela disse.

Capítulo 62

Leste

O estudioso estava cercado por tochas acesas. Pareceu a Niclays como se ele estivesse circulando a amoreira por horas, lendo à luz do fogo. Durante esse tempo, quase nenhuma palavra foi trocada entre os piratas.

Quando o acadêmico finalmente se endireitou, todas as cabeças se levantaram. A Imperatriz Dourada estava sentada perto, afiando sua espada com uma mão enquanto seu braço de madeira pesava no lugar. Cada raspagem da pedra de amolar na lâmina cortava Niclays até o sabugo.

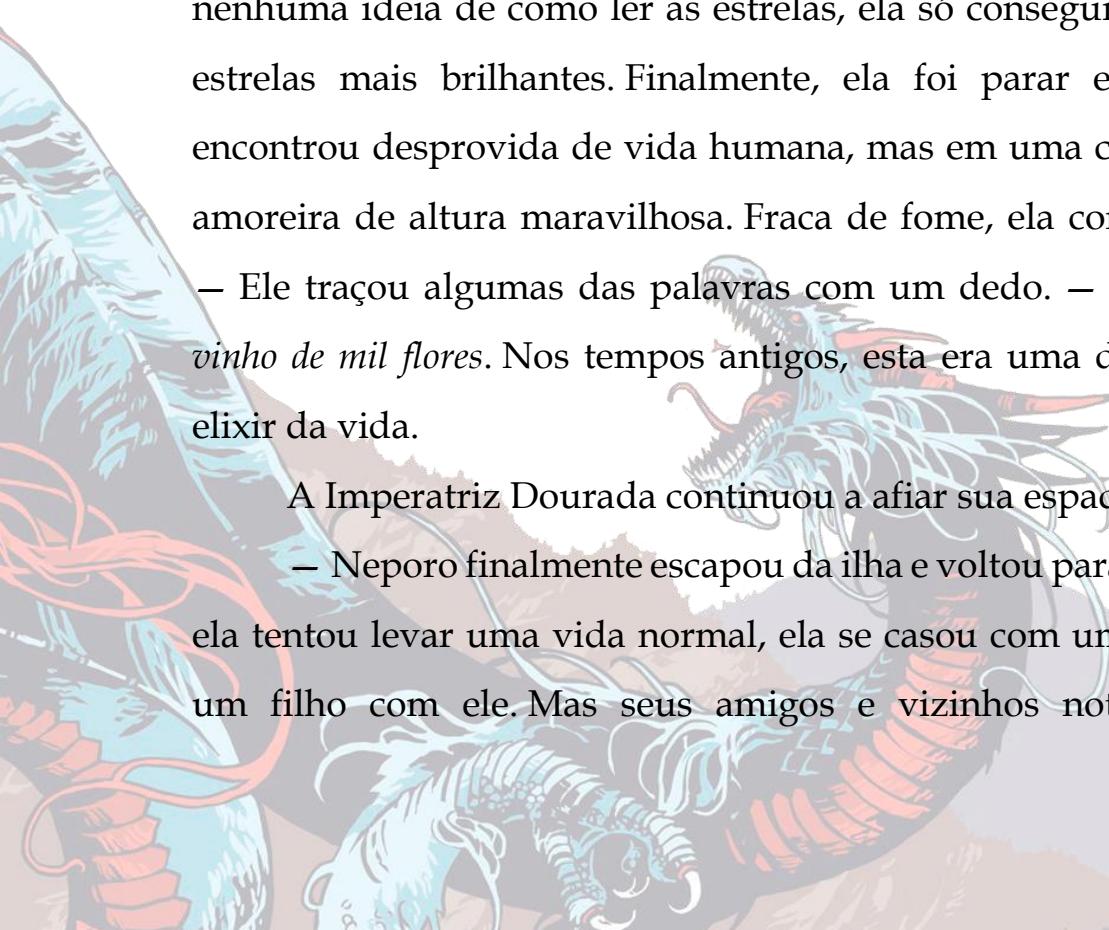
— Acabei — disse o estudioso.
— Bom. — A Imperatriz Dourada não se dignou a erguer os olhos. — Conte-nos o que você aprendeu.

Tentando não respirar muito forte, Niclays enfiou a mão na capa para pegar o lenço e enxugou a testa.

— Isso está em uma escrita antiga de Seiiki — disse o estudioso. — Conta a história de uma mulher chamada Neporo. Ela viveu há mais de mil anos nesta ilha. Komoridu.

— Estamos todos ansiosos para ouvir isso — disse a Imperatriz Dourada.

O estudioso ergueu os olhos para a amoreira. Algo em sua expressão ainda não agradava a Niclays.



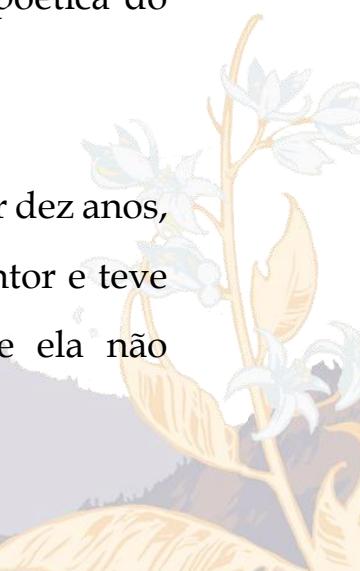
— Neporo morava na vila de pescadores de Ampiki. Ela ganhava uma vida miserável como mergulhadora de pérolas, mas apesar de seu trabalho, e de seus pais, sua família tinha tão pouco para viver que em alguns dias eles não tinham escolha a não ser comer folhas e terra do chão da floresta.

Foi por isso que Niclays nunca entendeu a obsessão de Jannart. A história era miserável.

— Quando a irmã mais nova morreu, Neporo decidiu acabar com o sofrimento. Ela mergulharia em busca de raras pérolas douradas no Mar Eterno, onde outros mergulhadores de pérolas não ousariam ir. A água era muito fria, muito agitada, mas Neporo não viu outra escolha. Ela remou seu pequeno barco de Ampiki, para o mar aberto. Enquanto ela mergulhava, um grande tufão explodiu seu barco, deixando-a encalhada entre as ondas implacáveis.

— De alguma forma, ela manteve a cabeça acima da água. Sem nenhuma ideia de como ler as estrelas, ela só conseguia nadar para ver as estrelas mais brilhantes. Finalmente, ela foi parar em uma ilha. Ela a encontrou desprovida de vida humana, mas em uma clareira, ela viu uma amoreira de altura maravilhosa. Fraca de fome, ela comeu de seus frutos.

— Ele traçou algumas das palavras com um dedo. — Neporo *bebeu com o vinho de mil flores*. Nos tempos antigos, esta era uma descrição poética do elixir da vida.



A Imperatriz Dourada continuou a afiar sua espada.

— Neporo finalmente escapou da ilha e voltou para casa. Por dez anos, ela tentou levar uma vida normal, ela se casou com um bom pintor e teve um filho com ele. Mas seus amigos e vizinhos notaram que ela não

envelhecia, não ficava fraca ou doente. Alguns a chamavam de deusa. Outros a temiam. Eventualmente, ela deixou Seiiki e voltou para Komoridu, onde ninguém poderia considerá-la uma abominação. O fardo da imortalidade era tão grande que ela considerou tirar a própria vida, mas por seu filho, ela escolheu viver.

— A árvore garantiu sua imortalidade — disse a Imperatriz Dourada, ainda afiando a lâmina. — Mas ela acreditava ser capaz de tirar a própria vida.

— A árvore havia concedido proteção a ela apenas conta a velhice. Ela ainda poderia ser ferida ou morta por outros meios. — O estudioso olhou para a árvore. — Ao longo dos anos, muitos seguiram Neporo à sua ilha. Pombas negras e corvos brancos voaram para ela, pois ela era a mãe dos rejeitados.

Laya aumentou seu aperto em Niclays, e ele aumentou o dele nela.

— Devíamos partir — ela respirou contra seu ouvido. — Niclays, a árvore está morta. Não há elixir.

Niclays engoliu em seco. A Imperatriz Dourada parecia absorta; ele poderia escapar despercebido.

Mesmo assim, ele se viu preso ao chão, incapaz de parar de ouvir a história de Neporo.

— Espere — ele disse com o canto da boca.

— Na época em que a Montanha do Pavor entrou em erupção — continuou o estudioso — Neporo recebeu dois presentes de um dragão. Elas eram chamadas de joias celestiais, e com elas, o dragão disse a Neporo que ela seria capaz de aprisionar a Besta da Montanha por mil anos.

— Responda-me isso — Padar interrompeu. — Por que o dragão precisou pedir ajuda a uma humana?

— A árvore não diz — foi a resposta calma. — Embora Neporo estivesse disposta a lutar, ela só conseguia controlar uma das joias. Ela precisava de outra pessoa para controlar a segunda. Foi quando um milagre aconteceu. Uma princesa do Sul chegou às margens de Komoridu. O nome dela era Cleolind.

Niclays trocou um olhar perplexo com Laya. Os livros de oração nada diziam sobre isso.

— Cleolind também possuía a vida eterna. Ela já havia vencido o Inominável antes, mas acreditava que suas feridas logo sarariam. Determinada a acabar com ele de uma vez por todas, ela foi em busca de outras pessoas que poderiam ajudá-la. Neporo era sua última esperança. — O estudioso fez uma pausa para molhar os lábios. — Cleolind, Princesa de Lasia, pegou a joia minguante. Neporo, Rainha de Komoridu, assumiu sua irmã gêmea. Juntas, elas selaram o Inominável no Abismo, prendendo-o por mil anos, mas não mais um nascer do sol.

Niclays se viu incapaz de fechar a boca.

Porque, se essa história fosse verdadeira, a lenda da fundação da Casa de Berethnet era um absurdo. Não era uma linhagem de filhas que mantinha o Inominável acorrentado, mas duas joias.

Oh, Sabran ia ficar *muito* chateada.

— Cleolind estava enfraquecida por seu primeiro encontro com o Inominável. Enfrentá-lo uma segunda vez a destruiu. Neporo devolveu o corpo ao Sul, junto com a joia minguante.

— E a outra joia, a joia ascendente. — A Imperatriz Dourada falou suavemente. — O que aconteceu com ela?

O estudioso colocou a mão ossuda na árvore novamente.

— Uma seção da história se perdeu — disse ele. Niclays viu que a casca havia sido cortada violentamente. — Felizmente, podemos ler o final.

— E?

— Parece que alguém queria a joia para si. Para mantê-la segura, um descendente de Neporo costurou a joia ascendente em sua própria lateral, para que nunca fosse tirada dele. Ele deixou Komoridu e começou uma vida humilde em Ampiki, na mesma cova em que Neporo havia morado. Quando ele morreu, foi tirado de seu corpo e colocado no de sua filha. E assim por diante. — Pausa. — A joia mora em um descendente de Neporo.

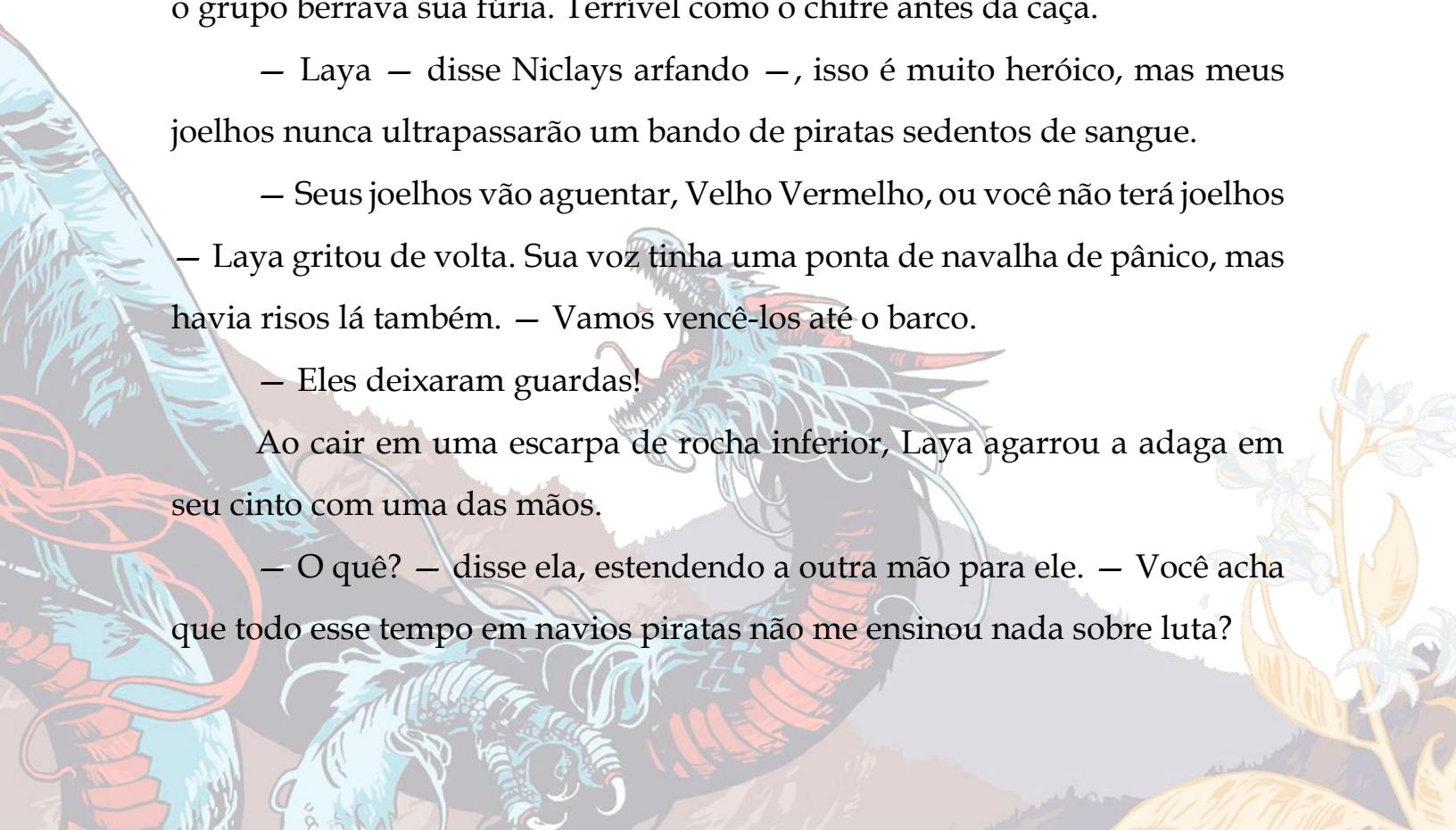
A Imperatriz Dourada ergueu os olhos da espada. Niclays ouviu o próprio batimento cardíaco.

— Esta árvore está morta — disse ela — e a joia se foi. O que isso significa para nós?

— Mesmo que não tivesse morrido, diz aqui que a árvore só concedia a imortalidade à primeira pessoa que comesse de seu fruto. Depois disso, reteve o dom da vida eterna — murmurou o estudioso. — Eu sinto muito, honrada. Estamos séculos atrasados. Não há nada nesta ilha além de fantasmas.

Niclays começou a se sentir muito mal. O sentimento se intensificou quando a Imperatriz Dourada se levantou, seu olhar fixo em seu rosto.

— Honrada capitã — ele disse tremulamente. — Eu a trouxe ao lugar certo. Não foi?



Ela caminhou em direção a ele, a espada segura frouxamente em sua mão. Ele agarrou sua bengala até que os nós dos dedos empalidecessem.

— Seu prêmio talvez não esteja perdido. Jannart tinha outros livros, em Mentendon — ele implorou, mas sua voz estava falhando. — Pelo amor do Santo, eu *não* fui pessoa que lhe deu o mapa em primeiro lugar...

— De fato — disse a Imperatriz Dourada. — Mas foi você quem me trouxe aqui, nesta busca inútil.

— Não. Espere... posso fazer um elixir da escama do dragão, tenho *certeza*. Deixe-me ajudá-la...

Ela continuou vindo.

Foi quando Laya agarrou Niclays pelo braço. Sua bengala caiu quando ela o puxou para as árvores.

Seu movimento repentino pegou os piratas de surpresa. Ignorando as escadas, ela foi em direção ao mato, arrastando Niclays com ela. Atrás deles, o grupo berrava sua fúria. Terrível como o chifre antes da caça.

— Laya — disse Niclays arfando —, isso é muito heróico, mas meus joelhos nunca ultrapassarão um bando de piratas sedentos de sangue.

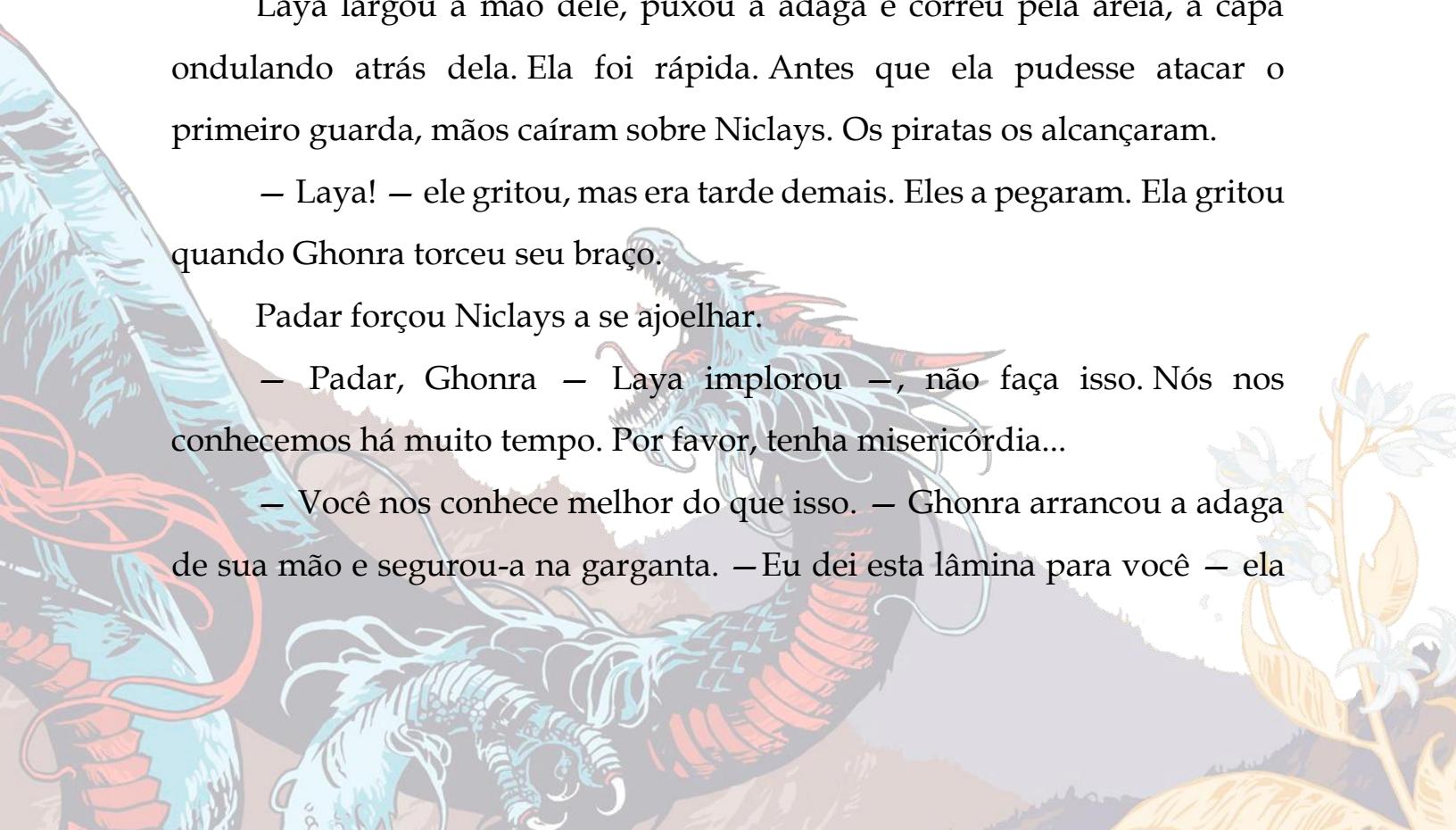
— Seus joelhos vão aguentar, Velho Vermelho, ou você não terá joelhos

— Laya gritou de volta. Sua voz tinha uma ponta de navalha de pânico, mas havia risos lá também. — Vamos vencê-los até o barco.

— Eles deixaram guardas!

Ao cair em uma escarpa de rocha inferior, Laya agarrou a adaga em seu cinto com uma das mãos.

— O quê? — disse ela, estendendo a outra mão para ele. — Você acha que todo esse tempo em navios piratas não me ensinou nada sobre luta?



Niclays bateu no chão com uma força violenta. Laya o puxou para baixo contra uma árvore.

Eles ficaram imóveis no oco da árvore. Seus joelhos gritavam e seu tornozelo latejava. Três piratas passaram correndo por eles. Assim que desapareceram na folhagem, Laya se pôs de pé novamente, ajudando Niclays a se levantar.

— Fique comigo, Velho Vermelho. — Ela segurou firme a mão dele. — Vamos. Vamos para casa.

Casa.

Eles seguiram em frente, escorregando onde a lama estava frouxa e correndo quando podiam. Antes que Niclays percebesse, a praia estava à vista. E lá estava o barco a remos, com apenas dois guardas.

Eles iam conseguir. Eles iriam remar para o norte até chegarem ao Império dos Doze Lagos e, de lá, partiriam do Leste de uma vez por todas.

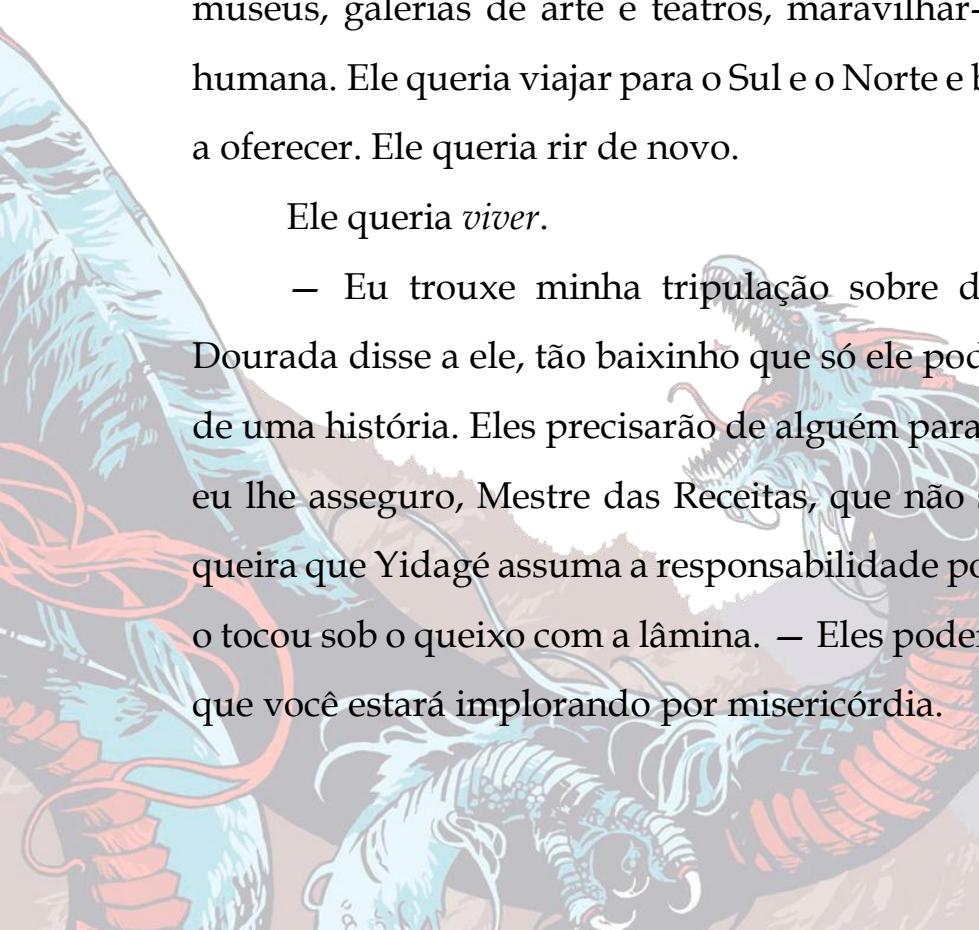
Laya largou a mão dele, puxou a adaga e correu pela areia, a capa ondulando atrás dela. Ela foi rápida. Antes que ela pudesse atacar o primeiro guarda, mãos caíram sobre Niclays. Os piratas os alcançaram.

— Laya! — ele gritou, mas era tarde demais. Eles a pegaram. Ela gritou quando Ghonra torceu seu braço.

Padar forçou Niclays a se ajoelhar.

— Padar, Ghonra — Laya implorou —, não faça isso. Nós nos conhecemos há muito tempo. Por favor, tenha misericórdia...

— Você nos conhece melhor do que isso. — Ghonra arrancou a adaga de sua mão e segurou-a na garganta. — Eu dei esta lâmina para você — ela



rosnou —, como uma gentileza, Yidagé. Implore de novo, e ela terá sua língua.

Laya fechou a boca. Niclays queria desesperadamente dizer a ela que estava tudo bem, desviar o olhar, não dizer nada. Qualquer coisa para que não a matassem também.

Sua bexiga estava ameaçando ceder. Cerrando todos os músculos de seu corpo, ele tentou separar sua mente de sua carne. Para flutuar para longe de si mesmo, para a memória.

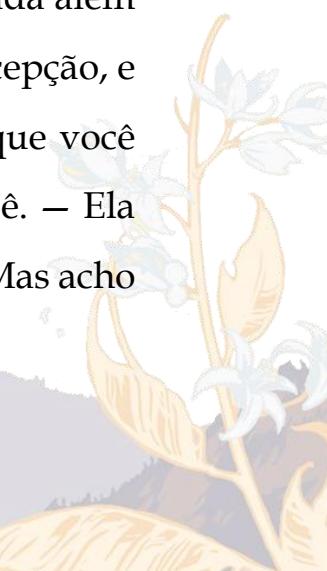
Ele estremeceu quando a Imperatriz Dourada, imperturbável pela perseguição fugaz, agachou-se na frente dele. E ele se imaginou como um entalhe no braço dela.

E ele percebeu.

Ele queria sentir o sol no rosto. Ele queria ler livros e caminhar pelas ruas de paralelepípedos de Brygstad. Ele queria ouvir música, visitar museus, galerias de arte e teatros, maravilhar-se com a beleza da criação humana. Ele queria viajar para o Sul e o Norte e beber tudo o que eles tinham a oferecer. Ele queria rir de novo.

Ele queria *viver*.

— Eu trouxe minha tripulação sobre dois mares — a Imperatriz Dourada disse a ele, tão baixinho que só ele podia ouvir —, para nada além de uma história. Eles precisarão de alguém para culpar por essa decepção, e eu lhe asseguro, Mestre das Receitas, que não serei eu. A menos que você queira que Yidagé assuma a responsabilidade por você, deve ser você. — Ela o tocou sob o queixo com a lâmina. — Eles podem não matar você. Mas acho que você estará implorando por misericórdia.



Seu rosto ficou turvo. Perto dela, Ghonra agarrou Laya pela garganta, pronta para derramar sua vida.

— Eu posso encontrar alguns meios de tornar isso culpa dela. — A Imperatriz Dourada olhou para sua intérprete, que havia navegado com ela por décadas, sem remorso. — Mentiras não custam nada, afinal.

Uma vez, Niclays permitiu que uma jovem musicista fosse torturada para se poupar do mesmo destino. O ato de um homem que se esqueceu de como servir a ninguém, exceto a si mesmo. Se ele morresse com algum orgulho, ele não iria deixar Laya sofrer por ele mais do que ela já tinha sofrido.

— Você não fará tal coisa — ele disse calmamente.

Laya balançou a cabeça. Seu rosto se contorceu em uma expressão de tristeza.

— Leve-o de volta ao *Perseguição* e diga à tripulação o que encontramos. — A Imperatriz Dourada se levantou. — Vamos ver o que eles vão...

Ela parou. Niclays ergueu os olhos.

A Imperatriz Dourada largou sua lâmina. Uma espada curva cruzava sua garganta e Tané Miduchi estava atrás dela.

Niclays mal podia acreditar em quem estava vendo. Ele ficou boquiaberto com a mulher que tentou chantagear.

— Você — ele gaguejou.

Onde quer que ela tenha estado, os últimos meses não foram gentis com ela. Ela estava mais magra, seus olhos manchados de sombras. Sangue fresco em suas mãos.

— Dê-me a chave — disse ela em Lacustre, a voz profunda e densa de ódio. — A chave para as correntes.

Nenhum dos piratas se moveu. A capitã deles estava imóvel, com as sobrancelhas erguidas.

— Agora — disse a cavaleira de dragão —, ou sua líder morre. — Sua mão estava firme. — A chave.

— Alguém dê a ela — disse a Imperatriz Dourada, parecendo quase irritada com a interrupção. — Se ela quer sua besta, deixe-a pegá-la.

Ghonra deu um passo à frente. Se sua mãe adotiva morresse aqui, ela seria a próxima Imperatriz Dourada, mas Niclays sentiu uma lealdade filial dela. Ela enfiou a mão na gola e ergueu uma chave de bronze.

— Não — disse a cavaleira de dragão. — A chave é feita de ferro. — A lâmina tirou sangue. — Me tome por idiota de novo e ela morre.

Ghonra sorriu. Ela pegou outra chave e a jogou.

— Para você, amante de dragão — ela ronronou. — Boa sorte para voltar ao navio.

— Deixe-me sair ilesa e talvez não precise usar isso.

A cavaleira do dragão jogou a Imperatriz Dourada de lado e ergueu sua mão livre. Nela havia uma joia do tamanho de uma noz, azul como um pequeno pedaço de madeira.

Certamente não.

Niclays começou a rir. Uma risada ascendente e desequilibrada.

— A joia ascendente — o estudioso respiro, olhando. — Você é a descendente de Neporo.

A cavaleira de dragão olhou para trás em silêncio.

Tané Miduchi. Herdeira da Rainha de Komoridu. Herdeira de uma pedra vazia e uma árvore morta. Estava claro pela expressão dela que ela não tinha ideia. Os cavaleiros eram frequentemente levados de casas carentes. Ela deve ter sido separada de sua família antes que eles pudessem lhe dizer a verdade.

— Leve minha amiga com você — disse Niclays de repente, com lágrimas quentes de riso ainda em seus olhos. Ele acenou com a cabeça para Laya, cujos lábios se moviam em oração. — Eu imploro, Dama Tané. Ela é inocente em tudo isso.

— Por você — disse a cavaleira do dragão, com o maior desprezo —, eu *não faço nada*.

— E eu? — a Imperatriz Dourada perguntou. — Você não me deseja morta, cavaleira?

A mulher mais jovem apertou a mandíbula. Seus dedos torceram o punho de sua espada.

— Vamos. Estou velha e lenta, criança. Você pode pôr fim à matança de dragões, aqui e agora. — A Imperatriz Dourada bateu com a parte plana de sua lâmina contra a palma da mão. — Corte minha garganta. Ganhe sua honra de volta.

Com um sorriso frio, a cavaleira de dragão fechou o punho ao redor da joia que subia.

— Eu não vou te matar esta noite, açougueira — ela disse. — Mas o que você vê antes de você é um fantasma. Quando você menos esperar, voltarei para assombrá-la. Eu vou te caçar até os confins da terra. E juro a você que, se nos encontrarmos novamente, vou deixar o mar vermelho.

Ela embainhou a espada e caminhou para a escuridão. Com ela caminhava a única chance de fuga.

Foi quando um dos piratas disparou sua pistola contra ela.

Tané Miduchi parou. Niclays viu o punho dela apertar a joia e sentiu o menor tremor.

Um rugido úmido encheu o céu. Laya gritou. Niclays mal teve tempo de erguer os olhos e encarar a parede de água que agitava a praia, antes de arrastar todos para a escuridão gelada.

Niclays enlouqueceu. Suas narinas queimavam enquanto ele respirava água salgada direto no peito. Cego de pavor, ele lutou contra a inundação, bolhas fervilhando de sua boca. Tudo o que ele podia ver eram suas mãos. Quando ele emergiu da superfície, seus óculos foram perdidos. Pelo pouco que pôde perceber, os piratas haviam sido arremessados para longe, o barco que os trouxera aqui estava vazio e Tané Miduchi havia desaparecido.

— Encontre-a — rugiu a Imperatriz Dourada. Niclays tossiu água. — De volta ao navio. Traga-me essa joia!

O mar recuou rapidamente, como se sugado para o ventre de um deus. Niclays se viu de quatro na areia, cuspindo, o cabelo pingando nos olhos.

Uma espada estava diante dele. Sua mão fechou em torno dela. Se ele pudesse encontrar Laya, eles ainda teriam uma chance. Eles poderiam lutar para entrar no barco e ir embora...

Ao chamar seu nome, ele percebeu uma sombra. Ele ergueu a espada, mas a Imperatriz Dourada a golpeou.

Um lampejo de aço e outro.

Sangue na areia.

Um gargarejo espumoso escapou dele. Ele se dobrou, uma mão travada na garganta. A outra mão havia sumido. Em algum lugar no caos, Laya estava gritando seu nome.

— Minha tripulação deve ter carne. — A Imperatriz Dourada pegou sua mão como se fosse um peixe morto. Ele vomitou ao vê-la. Ainda cheia de vida. Fígado manchado com seus anos. — Considere esta misericórdia. Eu levaria o resto de você, mas minha carga está em perigo e carregá-los nos atrasaria. Você entende, Roos. Você conhece um bom negócio.

O sangue jorrava de seu braço. A dor era diferente de tudo que ele já havia sentido. Óleo fervente. Um sol no toco. Ele nunca mais seguraria uma pena nesta mão. Isso era tudo que ele conseguia pensar, mesmo enquanto seu sangue brotava de sua garganta. Então Laya estava ao seu lado, pressionando o ferimento.

— Aguente — ela disse, a voz falhando. — Aguente aí, Niclays. — Ela o puxou para perto. — Estou aqui. Eu vou ficar com você. Você vai dormir em Mentendon, não aqui. Agora não. Eu prometo.

Um toque afogou suas palavras. Pouco antes de seu mundo ficar preto, ele olhou para o céu e viu, finalmente, a forma da morte.

A morte, ele descobriu, tinha asas.

O *Persegução* era um navio tão enorme que as ondas mal o perturbavam. Quase se poderia sonhar que não estava na água. Loth estava sentado em seu casco, ouvindo a comoção no convés, muito ciente de que estava dentro de um ninho de criminosos. Ele não ousou largar sua base, mas apagou a lamparina, por precaução. Foi um milagre que ninguém tivesse descido aqui ainda. Tané partiu pelo que pareceu uma eternidade.

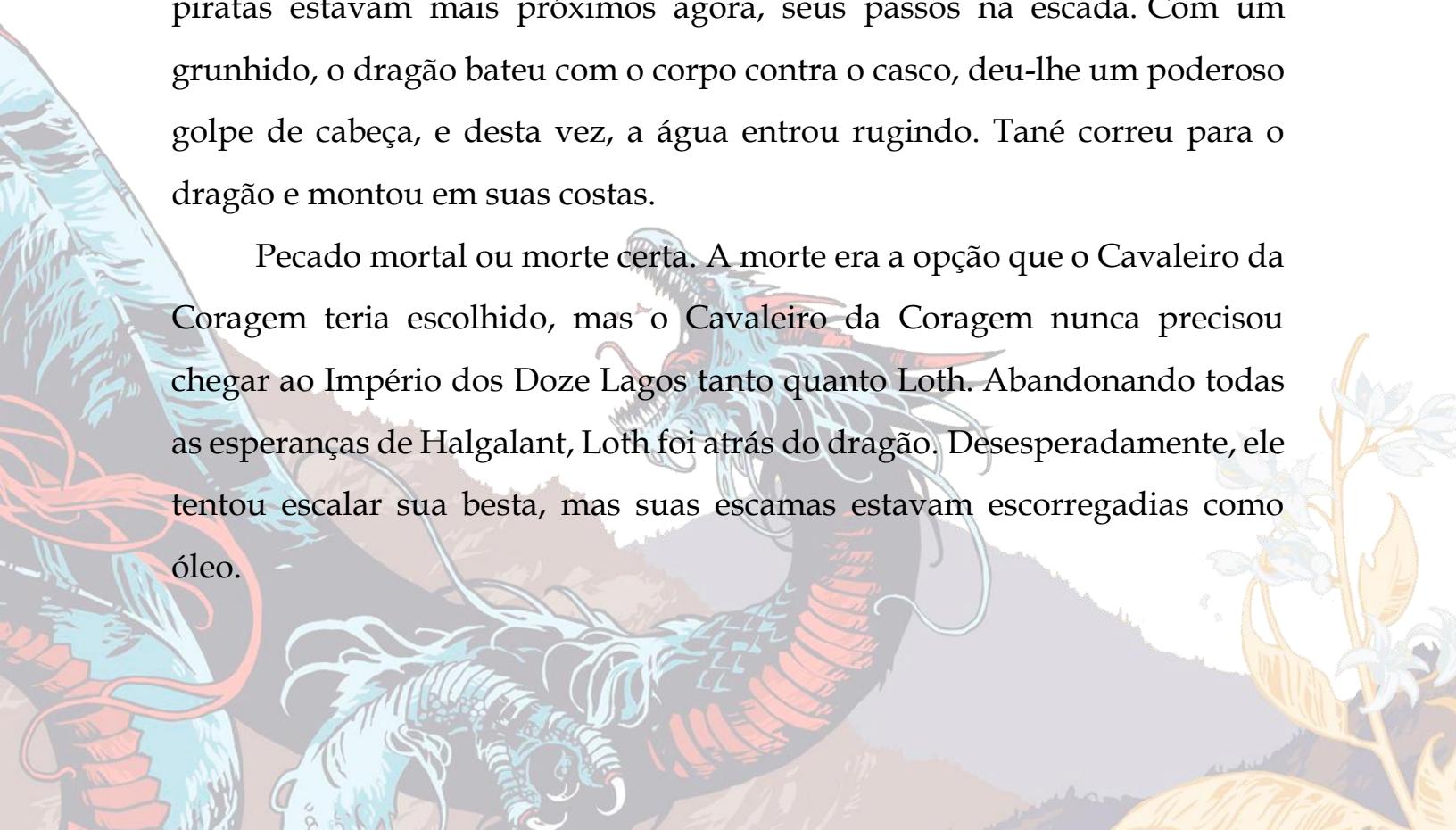
O wyrm – não, *dragão* – o observava com um terrível olho azul. Loth olhou fixamente para o chão.

Era verdade que esta criatura não parecia, ou agia, como as feras Dracônicas do Oeste, embora fosse tão grande. Os chifres não eram diferentes daqueles de um Ocidental, mas era aí que as semelhanças terminavam. Uma juba semelhante a uma alga fluía pelo pescoço. Seu rosto era largo, seus olhos redondos como broquéis e suas escamas lembravam Loth mais um peixe do que um lagarto. Ele ainda não tinha intenção de confiar ou falar com ele. Um vislumbre de seus dentes, brancos e afiados, e ele sabia que era tão capaz quanto Fýredel de despedaçá-lo.

Passos. Ele se moveu para trás de uma caixa e agarrou a base.

Sua testa estava úmida. Ele nunca tinha matado. Nem mesmo o basilisco. Depois de toda essa loucura, ele estava de alguma forma livre daquela mancha, mas ele iria, para sobreviver. Para salvar seu país.

Quando Tané apareceu, sua respiração estava difícil, seus passos teciam embriagadamente e ela estava encharcada até a pele. Sem dizer uma palavra, ela tirou uma chave da faixa e desfez o primeiro dos cadeados. Loth a ajudou a afastar as correntes.



O dragão se sacudiu e soltou um rosnado baixo. Tané deu um passo para trás, gesticulando para que Loth fizesse o mesmo, enquanto ele erguia a cabeça e se esticava em toda a sua extensão formidável. Loth ficou muito feliz em obedecer. Pela primeira vez, a besta parecia zangada. Suas narinas dilataram-se. Seus olhos estavam em chamas. Ele abriu os dedos dos pés, encontrou o equilíbrio e, com um grande golpe, bateu com a cauda na lateral do navio.

O *Perseguição* estremeceu. Loth quase perdeu o equilíbrio quando o chão tremeu embaixo dele.

Gritos vieram de cima. O dragão estava ofegante. Se fosse muito fraco para romper, todos morreriam aqui.

Tané gritou para ele. O que quer que tenha dito, funcionou. O dragão se firmou. Mostrando os dentes, ele bateu com a cauda novamente. Madeira estilhaçada. De novo. Um baú deslizou pelo chão. De novo. Os gritos dos piratas estavam mais próximos agora, seus passos na escada. Com um grunhido, o dragão bateu com o corpo contra o casco, deu-lhe um poderoso golpe de cabeça, e desta vez, a água entrou rugindo. Tané correu para o dragão e montou em suas costas.

Pecado mortal ou morte certa. A morte era a opção que o Cavaleiro da Coragem teria escolhido, mas o Cavaleiro da Coragem nunca precisou chegar ao Império dos Doze Lagos tanto quanto Loth. Abandonando todas as esperanças de Halgalant, Loth foi atrás do dragão. Desesperadamente, ele tentou escalar sua besta, mas suas escamas estavam escorregadias como óleo.

Tané estendeu a mão. Ele a agarrou, sentindo o gosto do sal, e ela o ergueu. Enquanto procurava algo para agarrar, ele lutou para apagar o pavor crescente. Ele estava *em* um wyrm.

— Thim — ele gritou. — E quanto ao Thim?

Suas palavras se perderam quando o dragão saiu de sua prisão. Em pânico, Loth agarrou-se a Tané, que havia baixado a cabeça e agarrado a crina molhada que os rodeava. Com um último empurrão, o dragão se contorceu pelo buraco aberto no *Perseguição*. Loth gritou quando eles mergulharam no mar.

Um rugido em seus ouvidos. Sal em seus lábios. Um sopro de ar gelado. Pistolas estavam disparando do convés do *Perseguição*, as portas de armas estavam se abrindo e Loth ainda estava montado no dragão. Ele deslizou pelas ondas turbulentas, evitando todos os disparos. Tané soltou palavras que soaram desesperadas, as mãos ainda enroladas na crina.

Ele subiu como uma pena apanhada pelo vento. Água escorria de suas escamas ao deixar o mar para trás. Com as coxas doendo com o esforço de permanecer sentado, Loth apertou os braços em torno de Tané e observou os piratas transformarem-se em partículas.

— Santo, tenha misericórdia. — Sua voz falhou. — Abençoada Donzela, proteja seu pobre servo.

Um raio de luz o fez olhar para o oeste. Agora as velas do *Pomba Negra* estavam pegando fogo — e de repente, os wyrms estavam se reunindo. O Exército Dracônico. Loth procurou na escuridão, o coração disparado.

Sempre tinha um mestre.

O Alto Ocidental anunciou sua presença com um jato de fogo. Ele voou acima da *Pomba Negra* e quebrou um de seus mastros com a cauda.

Valeysa. A Chama do Desespero. Harlowe disse que ela estava por perto. Suas escamas, quentes como brasas, pareciam beber o fogo que agora assolava a frota. Enquanto seus seguidores enxameavam sobre a lista do *Perseguição*, ela soltou um rugido que abalou Loth até os ossos.

Tané incitou seu dragão para frente. O *Rosa Eterna* estava à vista. Se descessem agora, Valeysa certamente os marcaria. Se eles fugissem, Thim ficaria sozinho. Loth pensou que seu estômago cairia enquanto sua montaria se arqueava em um mergulho gracioso.

Thim estava no ninho do corvo. Quando viu o resgate chegando, subiu ainda mais alto, até o topo do mastro principal, e se agachou precariamente. Ao passar, o dragão o agarrou com a cauda. Ele gritou, as pernas girando, enquanto o arrancava do *Rosa Eterna*.

O dragão estava subindo novamente, em direção a uma prateleira de nuvem. Ele se moveu pelo ar como se estivesse nadando. Thim rastejou dolorosamente por seu corpo, usando suas escamas como apoio para as mãos. Quando ele estava perto o suficiente, Loth estendeu a mão e o ajudou a escalar seu pescoço.

Um grito arrepiou todos os pelos de seus braços. Um wyvern estava voando atrás deles, jorrando chamas.

O dragão parecia tão perturbado pela ameaça quanto estaria por uma mosca. O próximo jato de chamas chegou tão perto que Loth sentiu o cheiro de enxofre. Thim engatilhou sua pistola e atirou na criatura. Ela gritou, mas

continuou vindo. Loth fechou os olhos com força. Ou ele iria cair para a morte ou seria cozinhado como um ganso.

Antes que qualquer coisa pudesse acontecer, um vento poderoso veio do nada, quase derrubando todos eles. O uivo foi ensurdecedor. Quando ele conseguiu abrir um olho, Loth percebeu que o dragão estava *respirando* o vento, enquanto bestas Dracônicas cuspiam fogo. Seus olhos brilhavam em um azul claro. Nuvem fumegava de suas narinas. Água gotejava em suas escamas, apenas para ser pega e espalhada como chuva.

O wyrm gritou de raiva. Sua pele fumegou e suas mandíbulas se abriram, mas sua chama foi apagada, soprada de volta em sua garganta - e, por fim, o vento dobrou suas asas e o jogou em direção ao mar.

A chuva atingiu o rosto de Loth. Ele cuspiu água. Um relâmpago brilhou quando o dragão entrou nas nuvens, vitorioso, envolvendo-se em névoa enquanto subia.

Foi então que Tané tombou para o lado. Quando ela caiu, algum instinto misericordioso fez Loth estalar a mão. Os dedos dele agarraram a parte de trás da túnica dela, nem um segundo antes. O dragão rosnou. Respirando com dificuldade, Loth puxou Tané para perto, e Thim passou o braço em volta de ambos.

Tané estava sem vida, a cabeça pendurada. Loth verificou se o estojo ainda estava em sua faixa. Se fosse desfeita agora, a joia estaria perdida para sempre no mar.

— Espero que você saiba como falar com dragões — ele gritou para Thim. — Você pode dizer aonde ir?

Sem resposta. Quando ele olhou por cima do ombro, Loth viu que Thim estava olhando maravilhado para o céu.

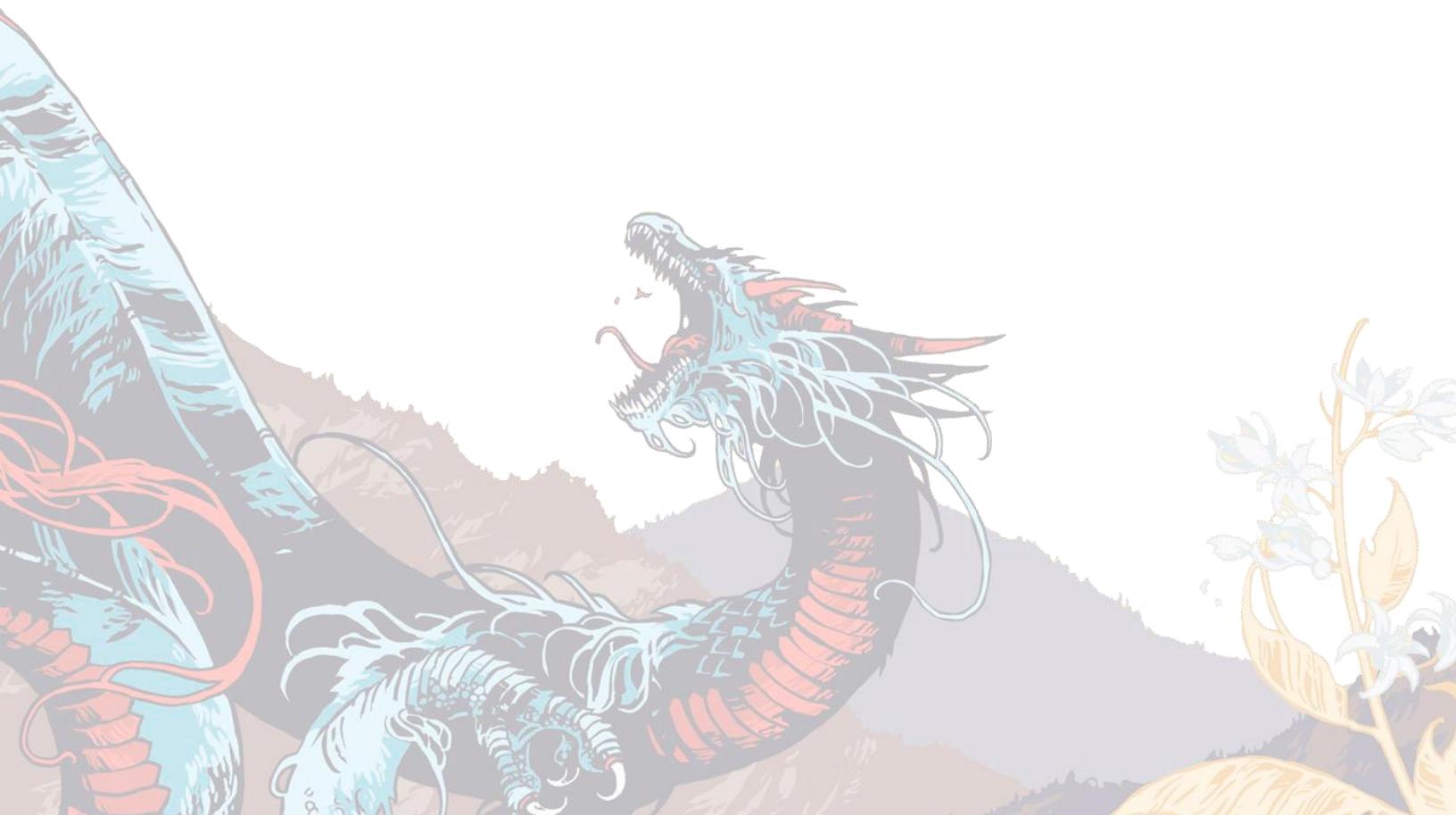
— Estou sentado em um deus — disse ele, lunático. — Eu não sou digno disso.

Pelo menos alguém via esse pesadelo como uma bênção. Loth se fortaleceu e se dirigiu ao dragão.

— Muito bem, grande dragão do Oriente — ele tentou, gritando por cima do vento. — Não sei se você pode me entender, mas devo falar com o Imperador Incessante dos Doze Lagos. É de extrema importância. Você poderia nos levar ao palácio dele?

Um estrondo percorreu seu corpo.

— Segure-se em Tané — dizia em Inysh, —, e sim, filho do Oeste, vou levá-lo à Cidade das Mil Flores.



Capítulo 63

Leste

Quando Tané acordou, ela se viu olhando para uma janela. O céu além estava pálido como cinza de osso.

Ela estava deitada em uma cama de dossel. Alguém a vestira com seda limpa, mas sua pele estava cheia de sal. Uma tigela de brasas estava próxima, lançando um brilho vermelho no teto.

Quando ela se lembrou, sua mão se encolheu ao lado do corpo.

Sua faixa havia sumido. Tomada de pavor, ela remexeu nas mantas, quase escaldando-se em um aquecedor de cobre para camas, apenas para encontrar sua caixa em um pedestal ao lado da cama.

A joia ascendente brilhava por dentro. Tané afundou nos travesseiros e segurou a joia contra o peito.

Por muito tempo, ela permaneceu na cama, aprisionada em um cochilo. Finalmente, uma mulher entrou no quarto. Ela usava camadas de azul e branco, e a bainha de sua saia tocava o chão.

— Nobre cavaleira. — Ela fez uma reverência para Tané com as mãos postas. — Esta humilde está aliviada por encontrá-la acordada.

O quarto girou.

— Onde estamos?

— Esta é a Cidade das Mil Flores, e você está na casa de Sua Majestade Imperial, o Incessante Imperador dos Doze Lagos, que governa sob as estrelas graciosas. Aquele que tem o prazer de ter você como sua convidada — a mulher respondeu com um sorriso. — Vou trazer algo para você comer. Você teve uma longa jornada.

— Espere. Por favor — disse Tané, sentando-se. — Onde está Nayimathun?

— A brilhante Nayimathun das Neves Profundas está descansando. Quanto aos seus amigos, eles também são hóspedes no palácio.

— Você não deve punir o Ocidental por violar a proibição do mar. Ele tem o conhecimento de que preciso.

— Nenhum de seus companheiros foi ferido — disse a mulher. — Você está segura aqui.

Ela se retirou do quarto.

Tané observou o teto ornamentado e os móveis de madeira noturna. Era como se ela fosse uma cavaleira novamente.

A Cidade das Mil Flores. Antiga capital do Império dos Doze Lagos. Seu palácio abrigava não apenas o honrado Imperador Incessante e a honrada Grande Imperatriz viúva, mas também o próprio Dragão Imperial. Os dragões de Seiiki olhavam para seus mais velhos em busca de orientação, mas seus primos Lacustres respondiam a um governante.

Sua coxa latejava. Ela empurrou os lençóis e viu que estavam enfaixadas.

Ela se lembrou do homem Seiikinês, vestido com uma túnica vermelho-amora. Outro estudioso que fugiu de seu destino. Ele a chamara de descendente da antiga Neporo.

Impossível, com certeza. Neporo tinha sido uma rainha. Seus descendentes dificilmente acabariam em uma vila de pescadores, lutando para sobreviver nos confins de Seiiki.

O servo voltou e colocou uma bandeja. Chá vermelho, mingau e ovos cozidos com uma porção de melão de inverno.

— Vou deixar um banho cheio para você.

— Obrigada — disse Tané.

Ela escolheu a refeição enquanto esperava. O Imperador Incessante não a teria como hóspede por muito tempo quando descobrisse o que ela era. Uma fugitiva. Uma assassina.

— Bom dia.

Thim estava na porta, bem barbeado, vestindo roupas lacustres. Ele se sentou na cadeira ao lado da cama dela.

— O servo me disse que você estava acordada — disse ele em Seiikinês.

Seu tom era frio. Mesmo que eles tivessem trabalhado juntos no navio, ela ainda tinha roubado de sua tripulação.

— Como pode ver — disse Tané.

— Eu queria agradecer a você — acrescentou ele, inclinando a cabeça, —, por salvar minha vida.

— Foi a grande Nayimathun quem salvou você. — Tané largou a xícara de chá. — Onde está o Ocidental, honorável Thim?

— Lorde Arteloth está nos Jardins do Crepúsculo. Ele quer falar com você.

— Eu irei quando estiver vestida. — Ela fez uma pausa antes de dizer:

— Por que você navegava com as pessoas do Abismo?

Thim franziu a testa.

— Eles não foram criados apenas para odiar os cuspidores de fogo, mas também os nossos dragões — Tané o lembrou. — Sabendo disso, por que você navegaria com eles?

— Talvez você deva se fazer uma pergunta diferente, honrada Miduchi

— ele disse. — O mundo seria melhor se fôssemos todos iguais?

A porta se fechou atrás dele. Tané refletiu sobre suas palavras e percebeu que não tinha resposta.

A criada logo voltou para levá-la ao banho. Com sua ajuda, Tané se levantou da cama e foi mancando para o quarto ao lado.

— Há roupas no armário — disse a criada. — Você precisará de ajuda para se vestir, nobre cavaleira?

— Não. Obrigada.

— Muito bem. Você é livre para explorar os terrenos do palácio, embora não deva entrar no pátio interno. Sua Majestade Imperial deseja sua presença no Salão da Estrela Caída amanhã.

Com isso, Tané ficou sozinha novamente. Ela ficou na sombra do banheiro e ouviu o canto dos pássaros.

A banheira estava cheia de água quente. Tané tirou o manto dos ombros e desembrulhou a coxa. Se ela esticasse o pescoço, ela poderia ver os pontos onde alguém havia selado a bala. Ela teria sorte se evitasse uma febre.



Pele de pássaro pontilhava seus braços quando ela mergulhou na banheira. Ela enxaguou o sal de seu cabelo, então se deitou na água, cansada até os ossos.

Ela não merecia ser tratada como uma dama, ou receber bons aposentos. Essa paz não poderia durar.

Quando ela ficou limpa, Tané se vestiu. Uma camiseta e uma túnica de seda preta, depois calças, meias e botas de tecido confortáveis. Um casaco azul sem mangas, enfeitado com pele, veio em seguida e, finalmente, a caixa com uma nova faixa.

Seu coração tropeçou quando ela pensou em enfrentar Nayimathun. Seu dragão tinha visto o sangue em suas mãos.

Alguém havia deixado uma muleta perto da porta. Tané a pegou e saiu de seu quarto para uma passagem de janelas de treliça e paredes ricamente revestidas de painéis. Constelações pintadas brilhavam para ela do teto. Pedra escura pavimentou o chão, aquecida por baixo.



Lá fora, ela viu um pátio de tal imensidão que poderia abrigar um cardume de dragões. A luz da lamparina queimava através de uma névoa cinzenta. Ela podia ver o grande salão, erguido sobre um terraço de mármore em camadas, cada camada em um tom mais escuro de azul.

— Soldado — disse Tané a um guarda. — Esta humilde pode perguntar como encontrar os Jardins do Crepúsculo?

— Senhora — disse ele —, os Jardins do Crepúsculo estão nessa direção.

Ele apontou para um portal distante.

Demorou uma eternidade para ela atravessar o pátio. O Salão da Estrela Caída assomava acima dela. Amanhã, ela estaria dentro dele, diante do chefe da Casa de Lakseng.

Mais guardas a guiaram pelo terreno. Finalmente, ela alcançou o portão correto. A neve havia sido removida do pátio, mas aqui permanecia intacta.

Os Jardins do Crepúsculo eram uma lenda no Cabo Hisan. Ao anoitecer, disseram que ganhavam vida com moscas-luz. As flores que desabrochavam à noite adoçariam os caminhos. Espelhos ficavam aqui e ali para direcionar o luar, e os lagos estavam quietos e límpidos, para refletir melhor as estrelas.

Mesmo durante o dia, esse retiro era como uma pintura. Ela caminhou lentamente, observada por estátuas de antigos governantes Lacustres e seus consortes, alguns deles acompanhados por jovens dragões. Cada consorte segurava um vaso de rosas amarelo-rosadas cremosas. Também havia árvores sazonais, vestidas de branco para o inverno, lembrando Tané de Seiiki. De casa.

Ela cruzou uma ponte sobre um riacho. Através da névoa, ela podia ver pinheiros e a encosta de uma montanha. Caminhar entre aquelas árvores por tempo suficiente a levaria ao Lago dos Longos Dias.

Nayimathun estava enrolada na neve do outro lado da ponte, a ponta de sua cauda girando em um lago de lótus. Loth e Thim estavam conversando profundamente em um pavilhão próximo. Tané se recompôs. Quando ela estava perto, Nayimathun bufou nuvem pelas narinas. Tané largou a muleta e fez uma reverência.

— Grande Nayimathun.

Um rosnado baixo. Tané fechou os olhos.

— Levante-se, Tané — disse o dragão. — Eu te disse. Você deve falar comigo como faria com uma amiga.

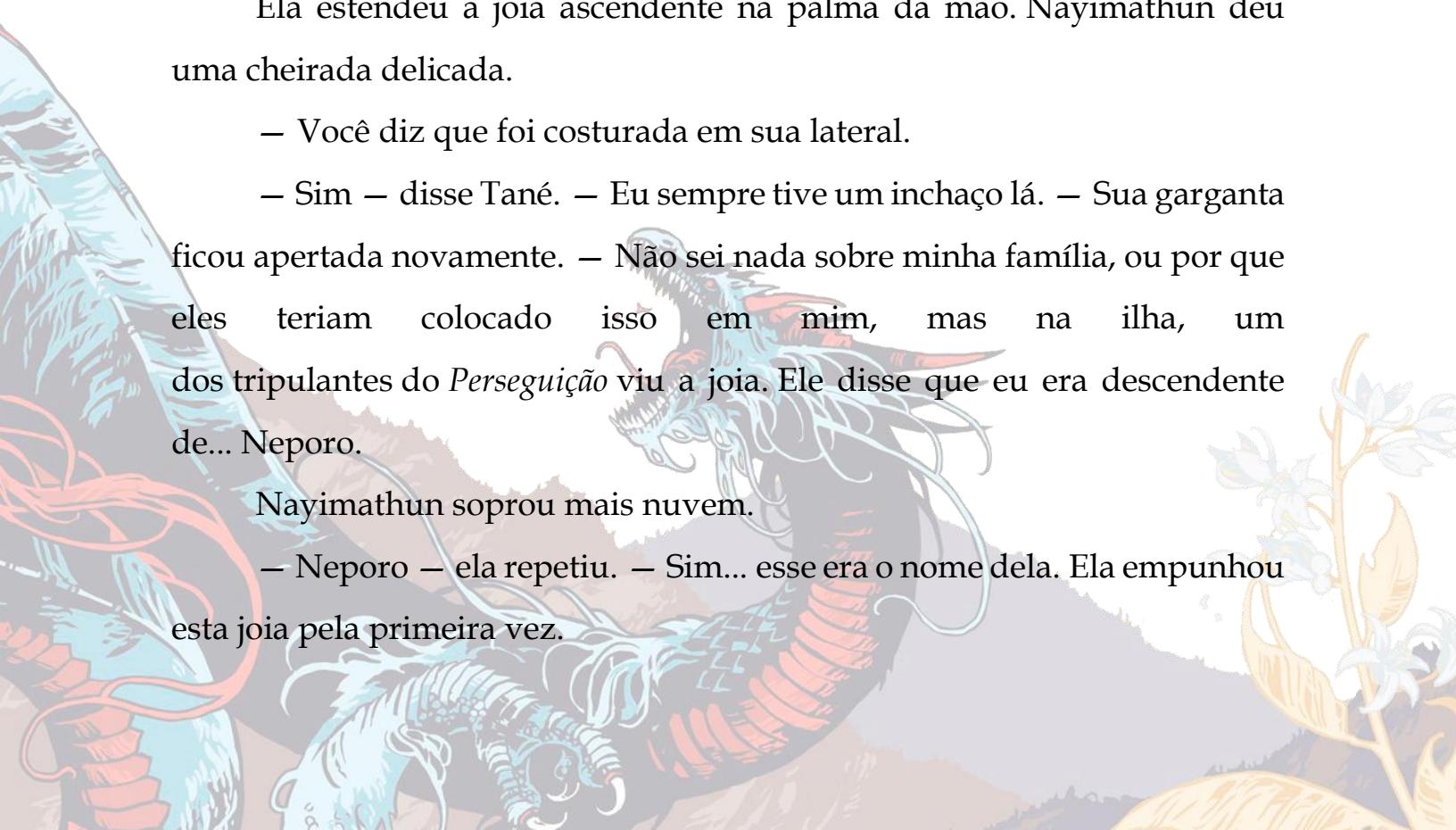
— Não, grande Nayimathun. Não tenho sido sua amiga — Tané ergueu a cabeça, mas havia uma pedra em sua garganta. — A honrada Governadora de Ginura estava certo em me exilar de Seiiki. Você estava na praia naquela noite por minha causa. Tudo isso aconteceu porque você me escolheu, e não a um dos outros, como sua parente. — Sua voz tremeu. — Você não deve falar gentilmente comigo. Eu matei e menti e servi a mim mesma. Eu fugi do meu castigo. A água em mim nunca foi pura.

O dragão inclinou a cabeça. Tané tentou ficar de frente para ela, mas uma onda de vergonha a fez baixar o olhar.

— Para ser parente de um dragão — Nayimathun disse —, você não deve apenas ter uma alma de água. Você deve ter o sangue do mar, e o mar nem sempre é puro. Não é uma coisa só. Há trevas nele, perigo e crueldade. Ele pode arrasar grandes cidades com sua fúria. Suas profundezas são desconhecidas; eles não veem o toque do sol. Ser um Miduchi não é ser puro, Tané. Deve ser o mar vivo. É por isso que escolhi você. Você tem um coração de dragão.

O coração de um dragão. Não poderia haver honra maior. Tané queria falar, negar, mas quando Nayimathun a acariciou como se fosse um filhote, ela quebrou. Lágrimas escorreram por suas bochechas enquanto ela colocava os braços em volta da amiga e tremia.

— Obrigada — ela sussurrou. — Obrigada, Nayimathun.



Um estrondo satisfeito respondeu a ela.

— Deixe de lado sua culpa agora, cavaleira. Não gaste o seu sal.

Elas ficaram assim por muito tempo. Tané estremeceu enquanto ela pressionava a bochecha contra Nayimathun. Ela carregava um peso sem nome sobre os ombros desde a morte de Susa, mas não era pesado demais para suportar. Quando ela conseguiu respirar sem chorar, ela moveu a mão para onde Nayimathun havia sido ferida. Uma escama de metal agora cobria a carne, gravada com desejos de cura.

— Quem fez isto?

— Não importa mais. O que aconteceu no navio é passado.

— Nayimathun bateu nela com o focinho. — O Inominável se levantará. Todos os dragões do Oriente podem sentir isso.

Tané enxugou as lágrimas e enfiou a mão na caixa.

— Isso pertence a você.

Ela estendeu a joia ascendente na palma da mão. Nayimathun deu uma cheirada delicada.

— Você diz que foi costurada em sua lateral.

— Sim — disse Tané. — Eu sempre tive um inchaço lá. — Sua garganta ficou apertada novamente. — Não sei nada sobre minha família, ou por que eles teriam colocado isso em mim, mas na ilha, um dos tripulantes do *Perseguição* viu a joia. Ele disse que eu era descendente de... Neporo.

Nayimathun soprou mais nuvem.

— Neporo — ela repetiu. — Sim... esse era o nome dela. Ela empunhou esta joia pela primeira vez.

— Mas, Nayimathun, não posso ser descendente de uma rainha — disse Tané. — Minha família era muito pobre.

— Você tem a joia dela, Tané. Pode ser a única explicação —, disse Nayimathun. — A Grande Imperatriz viúva era uma governante temperante, mas seu neto é jovem e impulsivo. Seria melhor para nós manter a verdadeira natureza da joia entre nós, para que ela não seja tirada de você.

— Seu olhar se voltou para Loth. — Este aqui sabe onde está, mas tem medo de mim. Talvez ele confie em outro humano.

Tané seguiu sua linha de visão. Quando ele viu as duas olhando para ele, Loth parou de falar com Thim.

— Você deve apoiar seu apelo amanhã. Ele pretende propor uma aliança entre o Imperador Incessante e a Rainha Sabran de Inys — disse Nayimathun.

— O honrado Imperador Incessante nunca vai concordar. — Tané estava pasma. — Seria uma loucura até mesmo propor isso a ele.

— Ele pode ser tentado. Agora que o Inominável está chegando, é de suma importância que estejamos juntos.

— Ele está vindo, então?

— Nós sentimos isso. A diminuição de nosso poder e a ascensão do dele. Seu fogo fica cada vez mais quente. — Nayimathun a cutucou. — Vá agora. Pergunte a seu enviado sobre a joia minguante. Devemos tê-la.

Tané guardou a joia ascendente. O que quer que Loth soubesse sobre a gêmea, era improvável que ele concordasse em ceder à raça dos dragões, ou a ela, sem lutar.

Ela atravessou a ponte e se juntou aos dois homens no pavilhão.

— Diga-me onde está a joia minguante — disse ela ao Ocidental. — Deve ser devolvido à espécie de dragão.

Loth piscou antes de seu rosto se firmar.

— Isso está totalmente fora de questão — disse ele. — Minha querida amiga em Inys é a possuidora da joia.

— Que amiga é essa?

— O nome dela é Eadaz uq-Nāra. Dama Nurtha. Ela é uma maga.

Tané nunca tinha ouvido essa palavra.

— Acho que ele está se referindo à *feiticeira* — disse Thim a Tané em Seiikinês.

— A joia não pertence a esta Dama Nurtha — disse Tané, irritada. — Pertence à raça dos dragões.

— Eles escolhem seus próprios manejadores. E apenas a morte pode cortar a ligação entre Ead e a joia em declínio.

— Ela é capaz de vir aqui?

— Ela está gravemente doente.

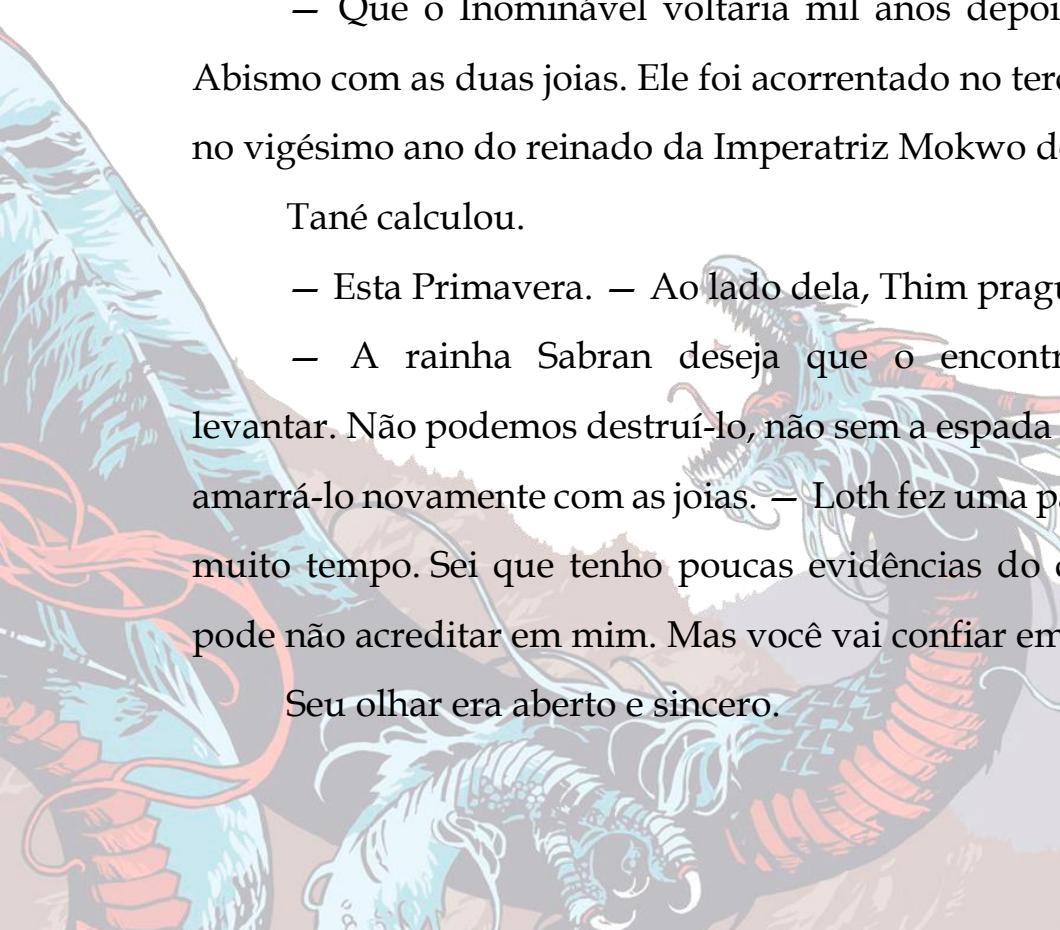
— Ela vai se recuperar?

Algo cintilou em seus olhos. Ele apoiou os braços na balaustrada e olhou para os pinheiros.

— Pode haver uma maneira de curá-la — ele murmurou. — No Sul há uma laranjeira, guardada por matadores de wyrm. Seu fruto pode compensar os efeitos do veneno.

— Caçadores de Wyrm. — Tané não gostou dessa revelação. — E esta Eadaz uq-Nāra também é uma matadora de wyrm?

— Sim.



Tané ficou tensa.

— Eu estou ciente — ela disse —, que sobre o Abismo, vocês consideram nossos dragões maus. Que vocês os consideram tão cruéis e assustadores quanto o Inominável.

— É verdade que houve... mal-entendidos, mas tenho certeza de que Ead nunca fez mal a um de seus dragões Orientais. — Ele se virou para olhar para ela. — Eu preciso de sua ajuda, Dama Tané. Para realizar minha tarefa.

— E o que é?

— Várias semanas atrás, Ead encontrou uma carta de uma mulher Oriental chamada Neporo, que certa vez empunhou sua joia.

Neporo novamente. Seu nome estava em todo o mundo, assombrando Tané como um fantasma sem rosto.

— Você conhece esse nome? — Loth disse, estudando-a.

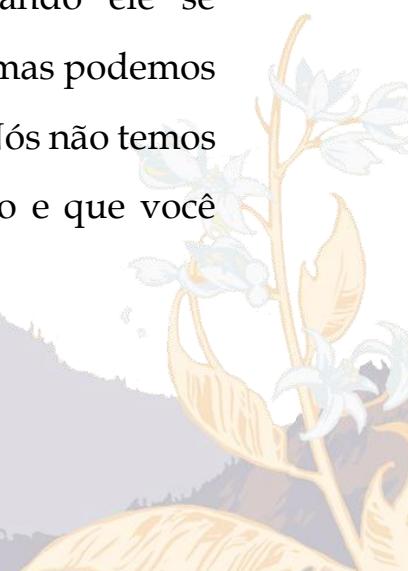
— Sim. O que a carta dizia?

— Que o Inominável voltaria mil anos depois de ter sido preso no Abismo com as duas joias. Ele foi acorrentado no terceiro dia da primavera, no vigésimo ano do reinado da Imperatriz Mokwo de Seiiki.

Tané calculou.

— Esta Primavera. — Ao lado dela, Thim praguejou baixinho.

— A rainha Sabran deseja que o encontremos quando ele se levantar. Não podemos destruí-lo, não sem a espada Ascalon, mas podemos amarrá-lo novamente com as joias. — Loth fez uma pausa. — Nós não temos muito tempo. Sei que tenho poucas evidências do que afirmo e que você pode não acreditar em mim. Mas você vai confiar em mim?



Seu olhar era aberto e sincero.

Tomar a decisão era fácil, no final. Ela não tinha escolha a não ser reunir as joias.

— A grande Nayimathun diz que não devemos contar a ninguém sobre as joias, por medo de que outros procurem levá-las — disse ela. — Quando nos encontrarmos com Sua Majestade Imperial amanhã, você apresentará a proposta de sua rainha a ele. Se ele concordar com a aliança... Vou perguntar se posso voar para Inys com Nayimathun para informar sua rainha sobre sua decisão. No caminho para lá, iremos para o Sul. Vou encontrar o fruto curativo e vamos levá-lo para Eadaz uq-Nâra.

Loth sorriu então, e sua respiração saiu em uma nuvem branca.

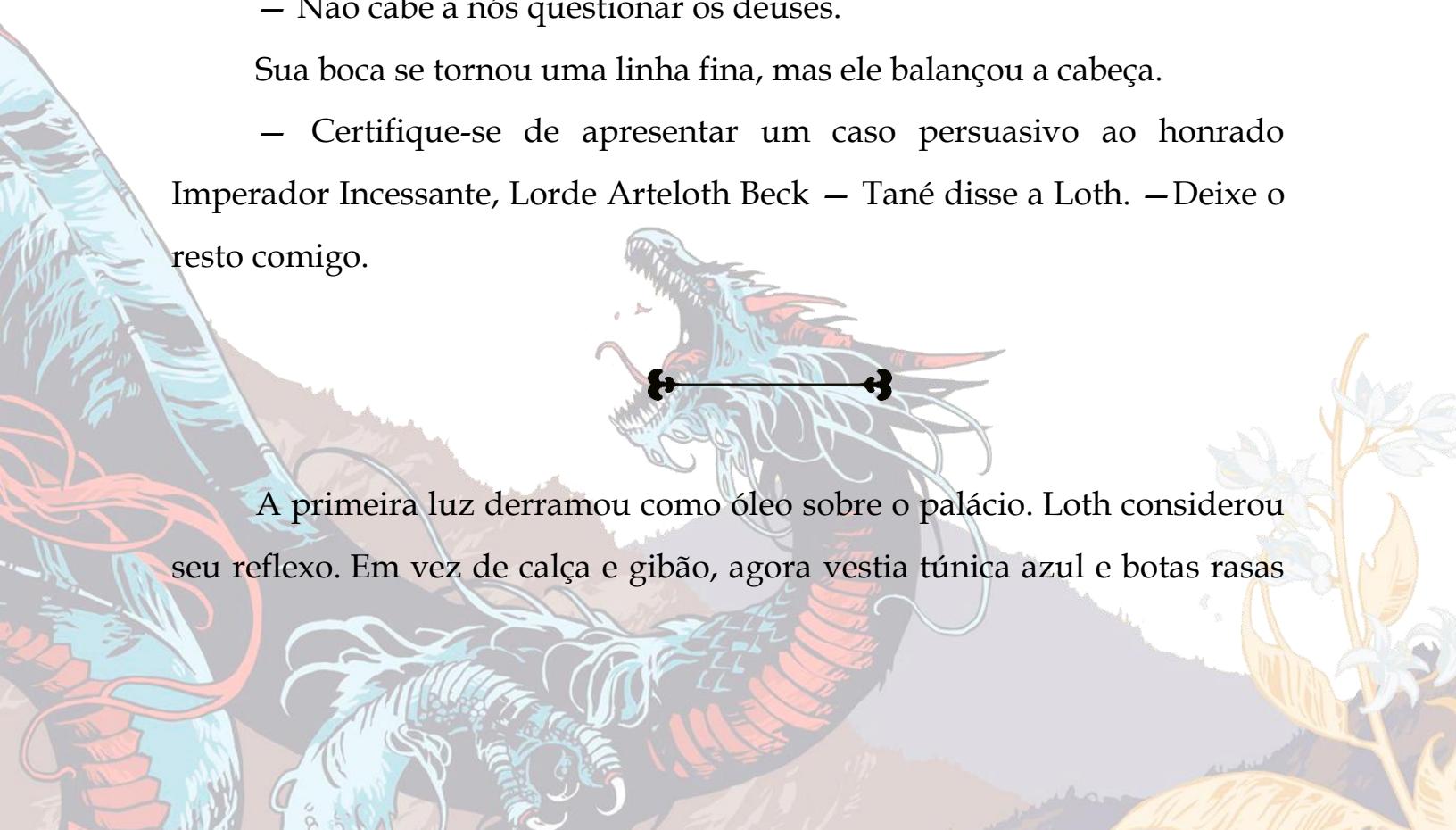
— Obrigada, Tané.

— Não gosto de esconder isso de Sua Majestade Imperial — Thim murmurou. — Ele é o representante escolhido do Dragão Imperial. A grande Nayimathun não confia nele?

— Não cabe a nós questionar os deuses.

Sua boca se tornou uma linha fina, mas ele balançou a cabeça.

— Certifique-se de apresentar um caso persuasivo ao honrado Imperador Incessante, Lorde Arteloth Beck — Tané disse a Loth. — Deixe o resto comigo.



A primeira luz derramou como óleo sobre o palácio. Loth considerou seu reflexo. Em vez de calça e gibão, agora vestia túnica azul e botas rasas

no estilo da corte lacustre. Ele já havia sido examinado por um médico, que não havia encontrado nenhuma evidência da peste.

O plano que Tané havia proposto poderia funcionar. Se ela tivesse sangue de mago, como Ead, então ela poderia ser capaz de recuperar uma laranja. O pensamento o deixou nervoso para a reunião que se seguiria.

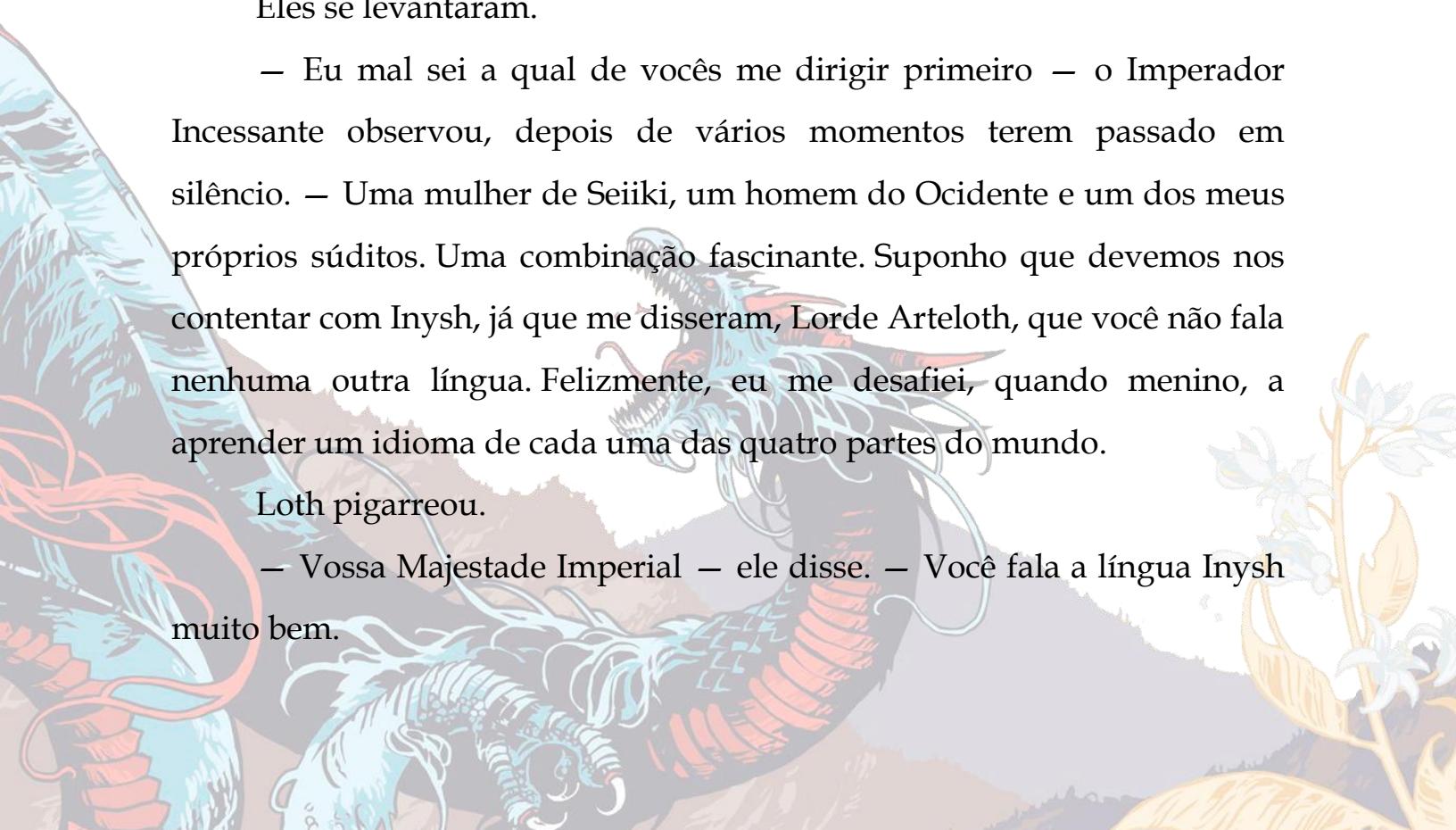
O dragão, Nayimathun, não se parecia nada com Fýredel, exceto em seu grande tamanho. Por mais aterrorizante que parecesse, com seus dentes de topo de montanha e olhos de fogo de artifício, ela parecia quase gentil. Ela embrulhava Tané com o rabo como uma mãe. Ela salvou Thim. Ver que a criatura era capaz de ter compaixão por um humano fez Loth duvidar de sua religião novamente. Este ou ano era um teste do Santo, ou ele estava à beira da apostasia.

Um servo logo veio para levá-lo ao Salão da Estrela Caída, onde o Imperador Incessante receberia seus visitantes inesperados. Os outros já estavam fora. Thim estava vestido quase da mesma forma que Loth, enquanto Tané recebera outro manto forrado de pele que impressionou Loth como uma marca de status. Os Cavaleiros de Dragão devem ser tidos em alta conta.

— Lembre-se — disse ela a ele —, não diga nada sobre a joia.

Ela tocou a caixa ao seu lado. Loth olhou para o corredor e respirou fundo.

Guardas armados os conduziram por um conjunto de portas azuis cravejadas, que eram flanqueadas por estátuas de dragões. Mais guardas estavam de cada lado da trilha de madeira escura, polida com um alto brilho,



que os levaria até o meio do corredor. Loth olhou para os pilares de pedra da meia-noite.

Um teto de treliça se elevava acima, os painéis dispostos em torno da escultura de um dragão. Cada painel mostrava uma fase da lua. Luminárias penduradas uma sob a outra, pareciam estrelas cadentes.

Dranghien Lakseng, o Imperador Incessante dos Doze Lagos, sentava-se em um trono elevado do que parecia prata moldada. Ele era uma figura impressionante. Cabelo preto, preso em um nó no topo da cabeça, ornamentado com pérolas e flores de folha de prata. Olhos como cacos de ônix. Sobrancelhas grossas. Lábios tão afiados quanto as maçãs do rosto, em um sorriso malicioso. Seu manto era preto, todo bordado com estrelas, então parecia que ele usava a noite. Ele não tinha mais de trinta anos.

Tané e Thim se ajoelharam. Loth fez o mesmo.

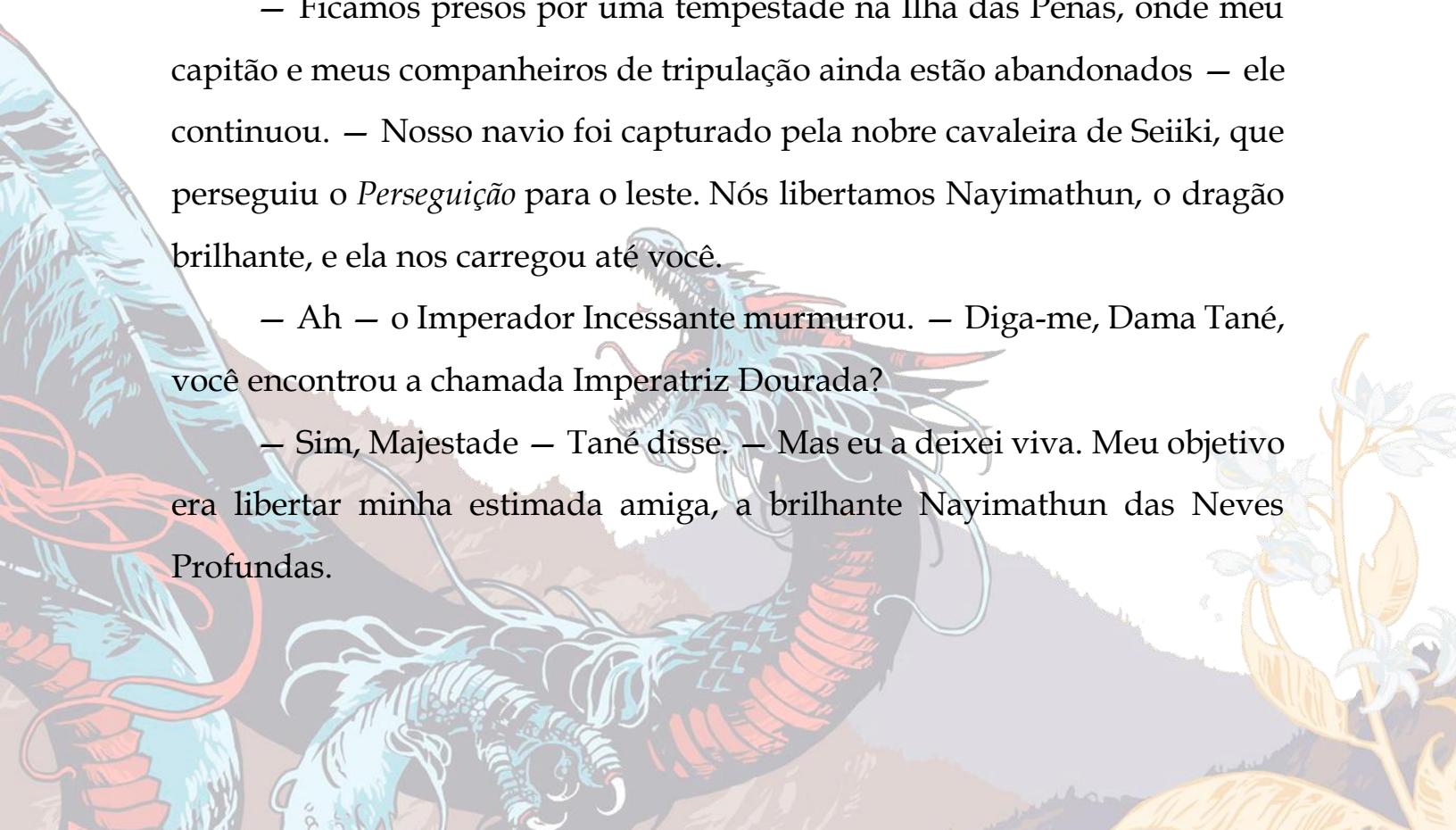
— Levantem-se — disse uma voz clara e suave.

Eles se levantaram.

— Eu mal sei a qual de vocês me dirigir primeiro — o Imperador Incessante observou, depois de vários momentos terem passado em silêncio. — Uma mulher de Seiiki, um homem do Ocidente e um dos meus próprios súditos. Uma combinação fascinante. Suponho que devemos nos contentar com Inysh, já que me disseram, Lorde Arteloth, que você não fala nenhuma outra língua. Felizmente, eu me desafiei, quando menino, a aprender um idioma de cada uma das quatro partes do mundo.

Loth pigarreou.

— Vossa Majestade Imperial — ele disse. — Você fala a língua Inysh muito bem.



— Realmente não há necessidade de lisonja. Eu recebo mais do que o suficiente do meu Grande Secretariado. — O Imperador Incessante deu-lhes um sorriso malicioso. — Você é o primeiro homem Inysh a pôr os pés no Império dos Doze Lagos em séculos. Meus oficiais me disseram que você veio com uma mensagem da Rainha Sabran de Inys, mas chegou nas costas de um dragão, parecendo um pouco mais desgrenhado do que os embaixadores oficiais geralmente fazem.

— Ah sim. Eu peço desculpas por...

— Se esse que está sob seu trono puder falar, Majestade — Thim interrompeu. O Imperador Incessante inclinou a cabeça. — Eu sou um corsário a serviço da Rainha Sabran.

— Um marinheiro Lacustre a serviço da rainha Inysh. Este é realmente um dia de surpresas.

Thim engoliu em seco.

— Ficamos presos por uma tempestade na Ilha das Penas, onde meu capitão e meus companheiros de tripulação ainda estão abandonados — ele continuou. — Nossa navio foi capturado pela nobre cavaleira de Seiiki, que perseguiu o *Perseguição* para o leste. Nós libertamos Nayimathun, o dragão brilhante, e ela nos carregou até você.

— Ah — o Imperador Incessante murmurou. — Diga-me, Dama Tané, você encontrou a chamada Imperatriz Dourada?

— Sim, Majestade — Tané disse. — Mas eu a deixei viva. Meu objetivo era libertar minha estimada amiga, a brilhante Nayimathun das Neves Profundas.

— Majestade. — Thim caiu de joelhos novamente. — Este humilde implora a você para enviar a marinha Lacustre para ajudar o capitão Harlowe, e para recuperar seu navio de guerra, o *Rosa*...

— Falaremos sobre sua tripulação mais tarde — disse o Imperador Incessante, com um aceno de mão. Um largo anel rodeava seu polegar. — Por enquanto, vou ouvir a mensagem da Rainha Sabran.

Com a pele formigando, Loth respirou fundo pelo nariz. Suas palavras ditariam o que aconteceria a seguir.

— Vossa Majestade Imperial — começou ele — o Inominável, nosso inimigo mútuo, logo retornará.

Sem resposta.

— A Rainha Sabran tem provas disso. Uma carta de uma Neporo de Komoridu. Ele foi acorrentado com as joias celestiais, que acredito serem conhecidas dos dragões do Oriente. O aprisionamento terminará mil anos depois de ser feito, no terceiro dia da próxima primavera.

— Neporo de Komoridu é uma figura mítica — afirmou o Imperador Incessante. — Você quer zombar de mim?

— Não. — Loth baixou a cabeça. — É a verdade, Majestade.

— Você tem esta carta?

— Não.

— Portanto, devo confiar em sua palavra de que ela existe. — O canto de sua boca deu uma contração sem humor. — Muito bem. Se o Inominável está chegando, o que você quer de mim?

— A rainha Sabran deseja que enfrentemos a besta no Abismo no dia em que ele se levantar — Loth disse, tentando não apressar suas palavras. —

Se quisermos fazer isso, precisaremos de ajuda e deixaremos de lado séculos de medo e suspeita. Se Sua Majestade Imperial consentir em interceder junto aos dragões do Império dos Doze Lagos em seu nome, a Rainha Sabran oferece uma aliança formal entre a Virtudom e o Oriente. Ela implora que você procure o que é melhor para o mundo, pois o Inominável busca destruir a todos nós.

O Imperador Incessante ficou em silêncio por um longo tempo. Loth tentou manter sua expressão clara, mas havia suor sob seu colarinho.

— Isto é... não o que eu esperava — o Imperador Incessante finalmente disse. Seu olhar era penetrante. — A Rainha Sabran tem um plano?

— Sua Majestade propôs um ataque em duas frentes. Primeiro — disse Loth —, os governantes do Oeste, Norte e Sul se uniriam a seus exércitos para retomar a fortaleza dracônica de Cársaro.

No momento em que Loth disse isso, o rosto de Donmata Marosa surgiu sem ser convidado de sua memória.

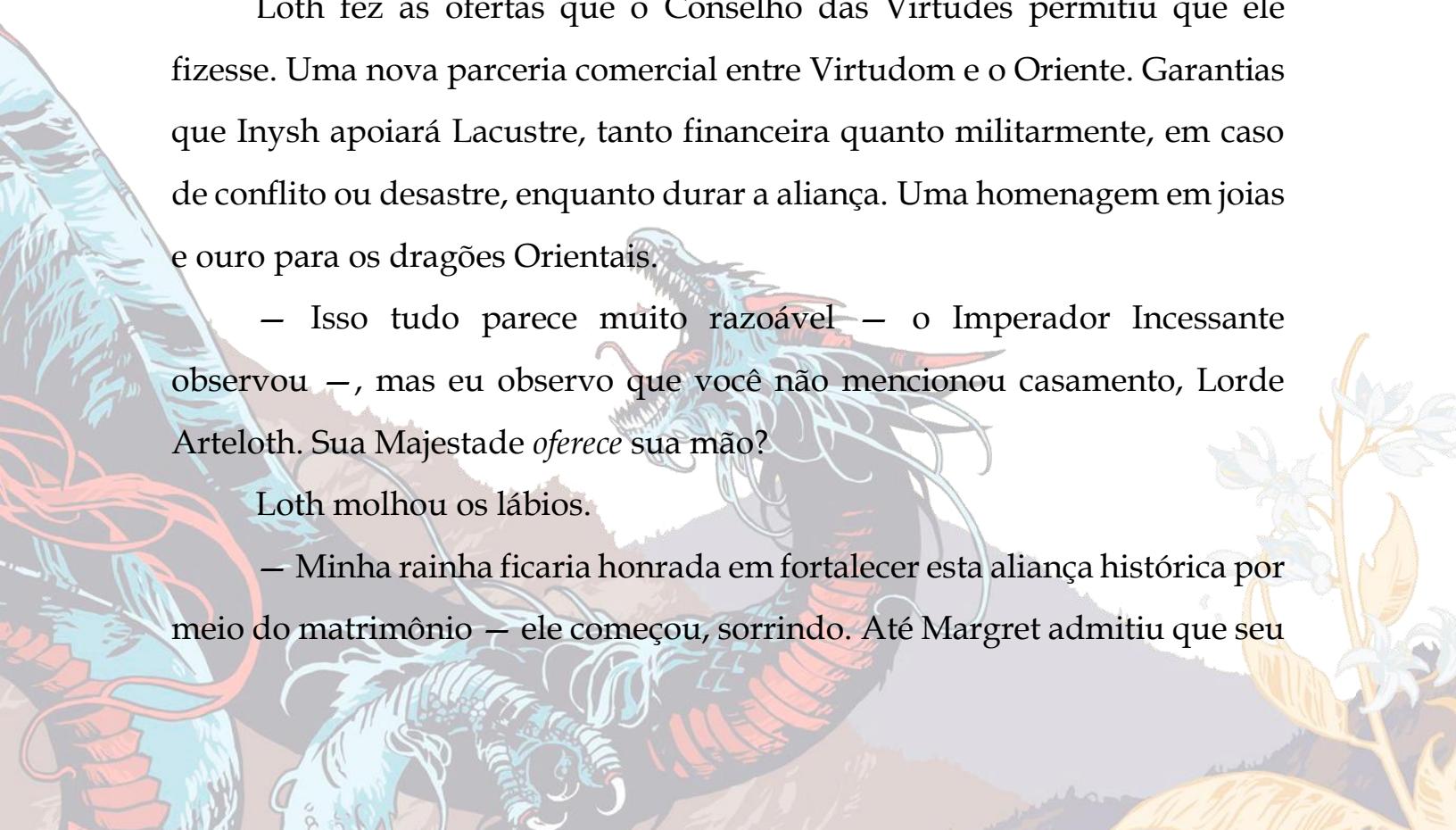
Ela sobreviveria se a cidade fosse invadida?

— Isso vai chamar a atenção de Fýredel, asa direita da besta — continuou ele. — Esperamos que ele envie pelo menos parte do Exército Dracônico para defendê-lo, deixando o Inominável mais vulnerável.

— Presumo que ela também tenha um plano para repelir a própria fera.

— Sim.

— A rainha Sabran é realmente ambiciosa — observou o Imperador Incessante, erguendo uma sobrancelha. — Mas o que ela oferece ao meu país em troca do trabalho de nossos deuses?



Quando seus olhares se encontraram, Loth de repente se lembrou do soprador de vidro em Rauca. Barganhar nunca foi seu ponto forte. Agora ele teria que negociar pelo destino do mundo.

— Primeiro, a chance de fazer história — ele começou. — Com este ato, você seria o imperador que construiu uma ponte sobre o Abismo. Imagine um mundo onde possamos negociar livremente novamente; onde podemos nos beneficiar de nosso conhecimento compartilhado, de...

— ... *meus* dragões —, o Imperador Incessante interrompeu. — E aqueles do meu irmão de armas em Seiiki, eu presumo. O mundo que você pinta é lindo, mas a doença vermelha ainda é uma ameaça às nossas costas como sempre.

— Se derrotarmos nosso inimigo comum e eliminarmos o apoio Dracônico, a doença vermelha irá diminuir.

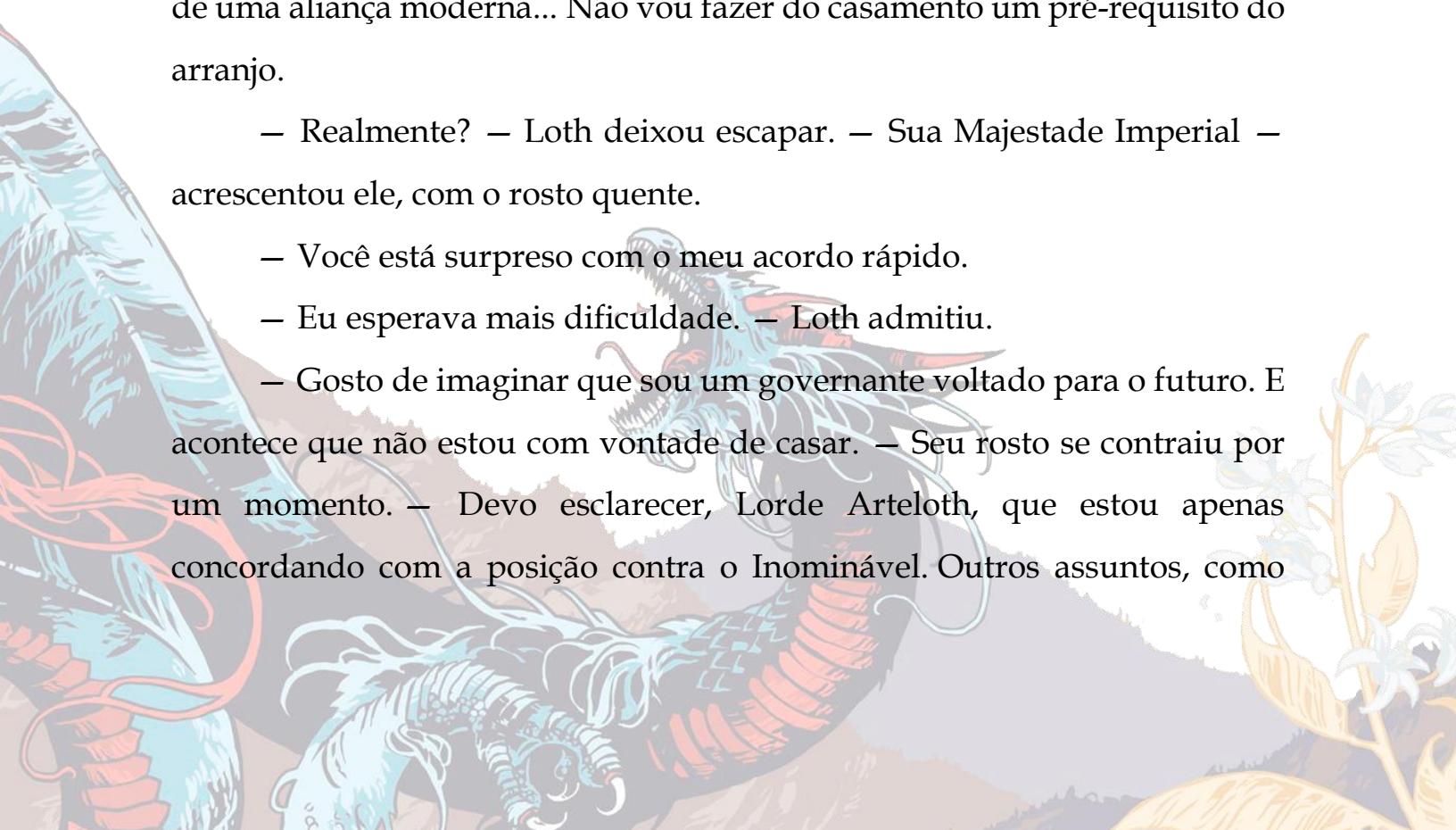
— Só podemos esperar. O quê mais?

Loth fez as ofertas que o Conselho das Virtudes permitiu que ele fizesse. Uma nova parceria comercial entre Virtudom e o Oriente. Garantias que Inysh apoiará Lacustre, tanto financeira quanto militarmente, em caso de conflito ou desastre, enquanto durar a aliança. Uma homenagem em joias e ouro para os dragões Orientais.

— Isso tudo parece muito razoável — o Imperador Incessante observou —, mas eu observo que você não mencionou casamento, Lorde Arteloth. Sua Majestade *oferece* sua mão?

Loth molhou os lábios.

— Minha rainha ficaria honrada em fortalecer esta aliança histórica por meio do matrimônio — ele começou, sorrindo. Até Margret admitiu que seu



sorriso pode suavizar qualquer coração. — No entanto, ela ficou viúva recentemente. Ela prefere que esta seja apenas uma aliança militar. Claro — acrescentou ele —, que ela entende se a tradição Lacustre proíbe isso sem casamento.

— Estou triste por Sua Majestade e oro para que ela encontre forças em sua dor. — O Imperador Incessante fez uma pausa. — Admirável da parte dela pensar que podemos superar essas diferenças *sem* casamento e o herdeiro que viria a seguir. Na verdade, tudo isso é um passo em direção à modernidade.

Ele tamborilou com os dedos nos braços do trono novamente, estudando Loth com leve interesse.

— Posso dizer que você não é um diplomata, Lorde Arteloth, mas suas tentativas de me lisonjear são bem-humoradas, embora desajeitadas. E estes são tempos de desespero — concluiu o Imperador Incessante. — Em nome de uma aliança moderna... Não vou fazer do casamento um pré-requisito do arranjo.

— Realmente? — Loth deixou escapar. — Sua Majestade Imperial — acrescentou ele, com o rosto quente.

— Você está surpreso com o meu acordo rápido.

— Eu esperava mais dificuldade. — Loth admitiu.

— Gosto de imaginar que sou um governante voltado para o futuro. E acontece que não estou com vontade de casar. — Seu rosto se contraiu por um momento. — Devo esclarecer, Lorde Arteloth, que estou apenas concordando com a posição contra o Inominável. Outros assuntos, como

comércio, levarão muito mais tempo para serem resolvidos. Dada a ameaça contínua da doença vermelha.

— Sim, Sua Majestade Imperial.

— Claro, meu consentimento *pessoal* para uma batalha no mar, embora valioso para você, não é uma garantia de que isso continuará. Devo consultar meu Grande Secretariado primeiro, pois meu povo espera que uma aliança venha com uma imperatriz, e imagino que os mais antiquados deles irão argumentar a favor. De qualquer forma, deve ser enquadrado com sabedoria.

Loth estava muito sobrecarregado de alívio para se preocupar.

— Claro.

— Também devo consultar o Dragão Imperial, que é minha estrela-guia. Os dragões deste país são seus súditos, não meus, e só serão persuadidos se ela achar que esta aliança é do seu agrado.

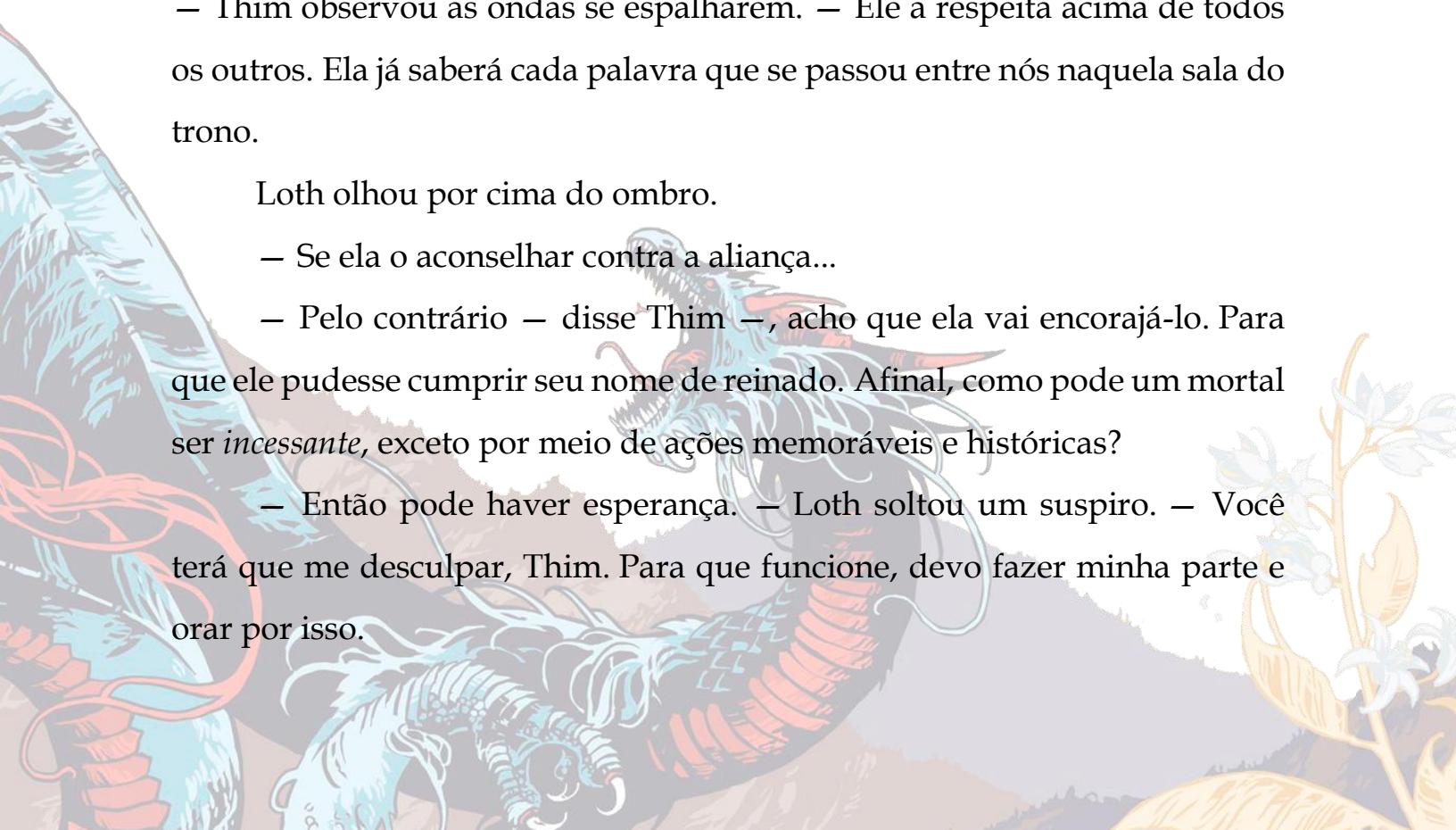
— Compreendo. — Loth fez uma reverência. — Obrigado, Majestade.

— Ele se endireitou e pigarreou. — Há um grande risco para todos nós, eu sei. Mas que governante fez história evitando-o?

Com isso, o Imperador Incessante se permitiu o fantasma de um sorriso.

— Até que chegemos a um acordo, Lorde Arteloth, você permanecerá aqui como meu convidado de honra — disse ele. — E a menos que meus ministros levantem quaisquer preocupações que exijam uma discussão mais aprofundada, você terá uma resposta ao amanhecer.

— Obrigado. — Loth hesitou. — Vossa Majestade, poderia... poderia Dama Tané ir às costas do dragão para levar esta notícia à Rainha Sabran?



Tané olhou para ele.

— Dama Tané não é meu assunto, Lorde Arteloth — o Imperador Incessante disse. — Você mesmo terá que discutir o assunto com ela. Mas primeiro — disse ele —, gostaria que Dama Tané se juntasse a mim no café da manhã.

Quando ele se levantou, os guardas ficaram atentos. Ele falou com Tané em outro idioma e, com um aceno de cabeça, ela saiu com ele.

Loth caminhou com Thim de volta aos Jardins do Crepúsculo. Thim deslizou uma pedra pelo lago.

— Não importa o que os ministros digam.

Loth franziu a testa.

— O que você quer dizer?

— O único conselho que Sua Majestade Imperial atende, além do do Dragão Imperial brilhante, é o de sua avó, a Grande Imperatriz Viúva.

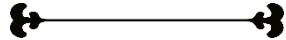
— Thim observou as ondas se espalharem. — Ele a respeita acima de todos os outros. Ela já saberá cada palavra que se passou entre nós naquela sala do trono.

Loth olhou por cima do ombro.

— Se ela o aconselhar contra a aliança...

— Pelo contrário — disse Thim —, acho que ela vai encorajá-lo. Para que ele pudesse cumprir seu nome de reinado. Afinal, como pode um mortal ser *incessante*, exceto por meio de ações memoráveis e históricas?

— Então pode haver esperança. — Loth soltou um suspiro. — Você terá que me desculpar, Thim. Para que funcione, devo fazer minha parte e orar por isso.



Quando era criança, Tané imaginou muitos futuros possíveis para si mesma. Em seus sonhos, ela derrubava os demônios cuspidores de fogo nas costas de seu dragão. Ela havia se tornado a maior cavaleira em Seiiki, maior até do que a Princesa Dumai, e as crianças rezavam para que um dia fossem como ela. Sua imagem seria pintada nas paredes de grandes casas e seu nome seria consagrado na história.

Em todo aquele tempo, ela nunca sonhou que um dia iria caminhar com o Imperador Incessante dos Doze Lagos na Cidade das Mil Flores.

O Imperador Incessante usava uma capa forrada de pele. Enquanto eles seguiam os caminhos, cuja neve havia sido limpa, seus guarda-costas os seguiram. Quando chegaram a um pavilhão ao lado de um lago, o Imperador Incessante apontou para uma das cadeiras.

— Por favor — disse ele. Tané sentou-se e ele também. — Pensei que você poderia se juntar a mim enquanto eu quebro meu jejum.

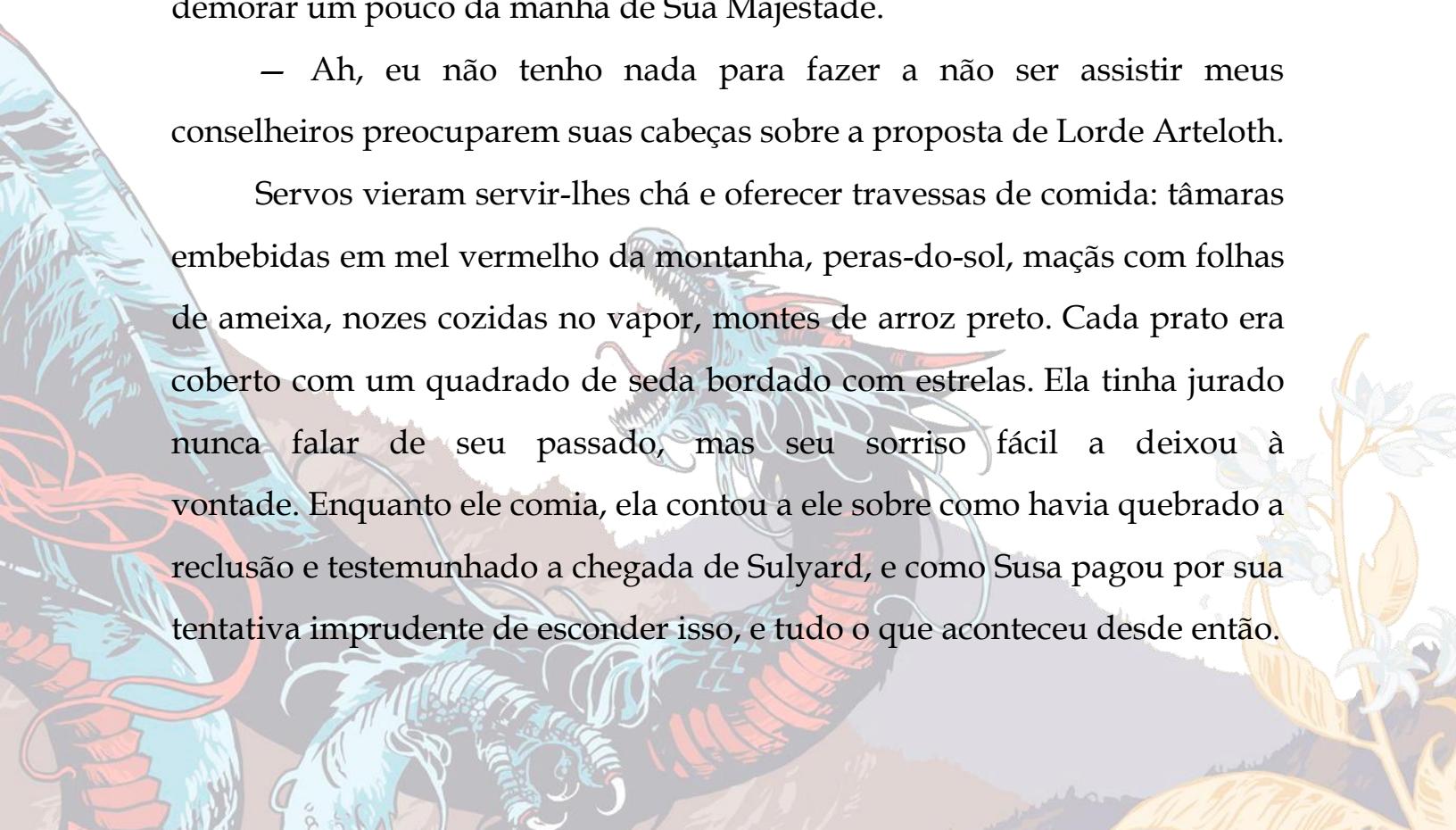
— Esta humilde está honrada, Majestade.

— Você sabe que tipo de pássaro é esse?

Tané olhou na direção que ele estava indicando. Perto, um cisne cuidava de seu ninho.

— Sim, claro — disse ela. — Um cisne.

— Ah, não qualquer cisne. Em Lacustrine, esses são chamados de cisnes *silenciosos*. Foi dito que o Inominável queimou suas vozes de suas gargantas, e eles só cantarão novamente quando nascer um governante que



verá o fim daquele demônio de uma vez por todas. Eles dizem que na noite em que vim a este mundo, eles cantaram pela primeira vez em séculos. — Ele sorriu. — E as pessoas se perguntam por que nós, soberanos, temos uma opinião tão elevada de nós mesmos. Eles tentam nos fazer pensar que até os pássaros se importam com o que fazemos.

Tané sorriu um pouco em resposta.

— Eu acho sua história intrigante. Eu entendo que você já foi uma guardiã do mar promissora, mas um mal-entendido em Ginura levou ao seu exílio na Ilha das Penas.

— Sim, Majestade. — disse Tané.

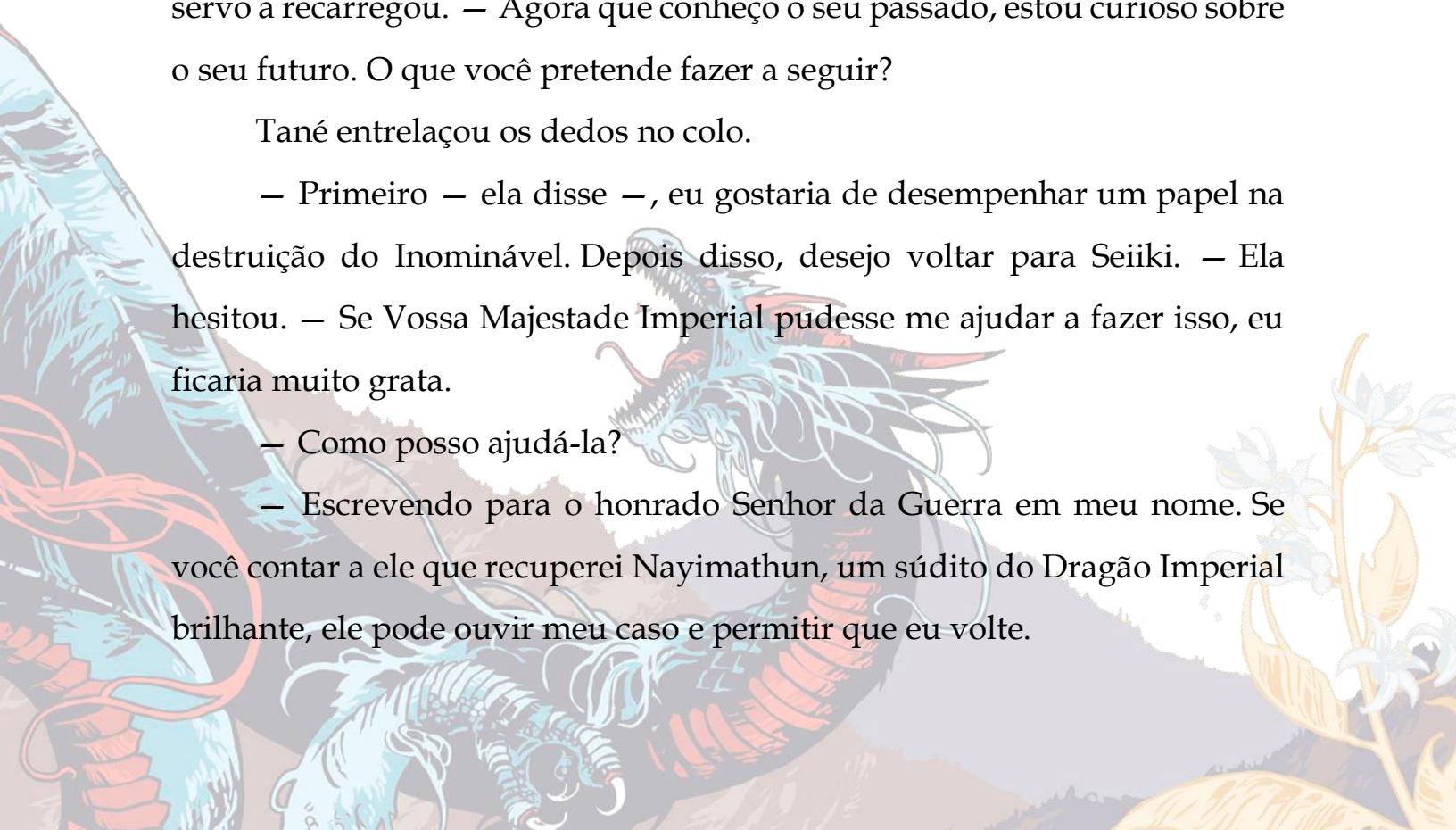
— Tenho um grande amor por histórias. Você vai me agradar e me contar tudo o que aconteceu com você?

Suas palmas estavam suando.

— Muita coisa aconteceu comigo — ela finalmente disse. — Pode demorar um pouco da manhã de Sua Majestade.

— Ah, eu não tenho nada para fazer a não ser assistir meus conselheiros preocuparem suas cabeças sobre a proposta de Lorde Arteloth.

Servos vieram servir-lhes chá e oferecer travessas de comida: tâmaras embebidas em mel vermelho da montanha, peras-do-sol, maçãs com folhas de ameixa, nozes cozidas no vapor, montes de arroz preto. Cada prato era coberto com um quadrado de seda bordado com estrelas. Ela tinha jurado nunca falar de seu passado, mas seu sorriso fácil a deixou à vontade. Enquanto ele comia, ela contou a ele sobre como havia quebrado a reclusão e testemunhado a chegada de Sulyard, e como Susa pagou por sua tentativa imprudente de esconder isso, e tudo o que aconteceu desde então.



Tudo menos a joia costurada em sua lateral.

— Então você desafiou seu banimento para libertar seu dragão, com pouca esperança de sucesso — o Imperador Incessante murmurou. — Por isso, eu te elogio. E parece que você também encontrou a ilha perdida. — Ele enxugou a boca. — Agora conte-me, por acaso você encontrou uma amoreira em Komoridu?

Tané olhou para cima e encontrou seu olhar brilhante.

— Havia uma árvore morta — disse ela. — Morta e retorcida, coberta por escritas. Não tive tempo de ler.

— Dizem que o espírito de Neporo está na árvore. Qualquer pessoa que comer de seus frutos absorve sua imortalidade.

— A árvore não deu frutos, Majestade.

Um lampejo de alguma emoção sem nome cruzou seu rosto.

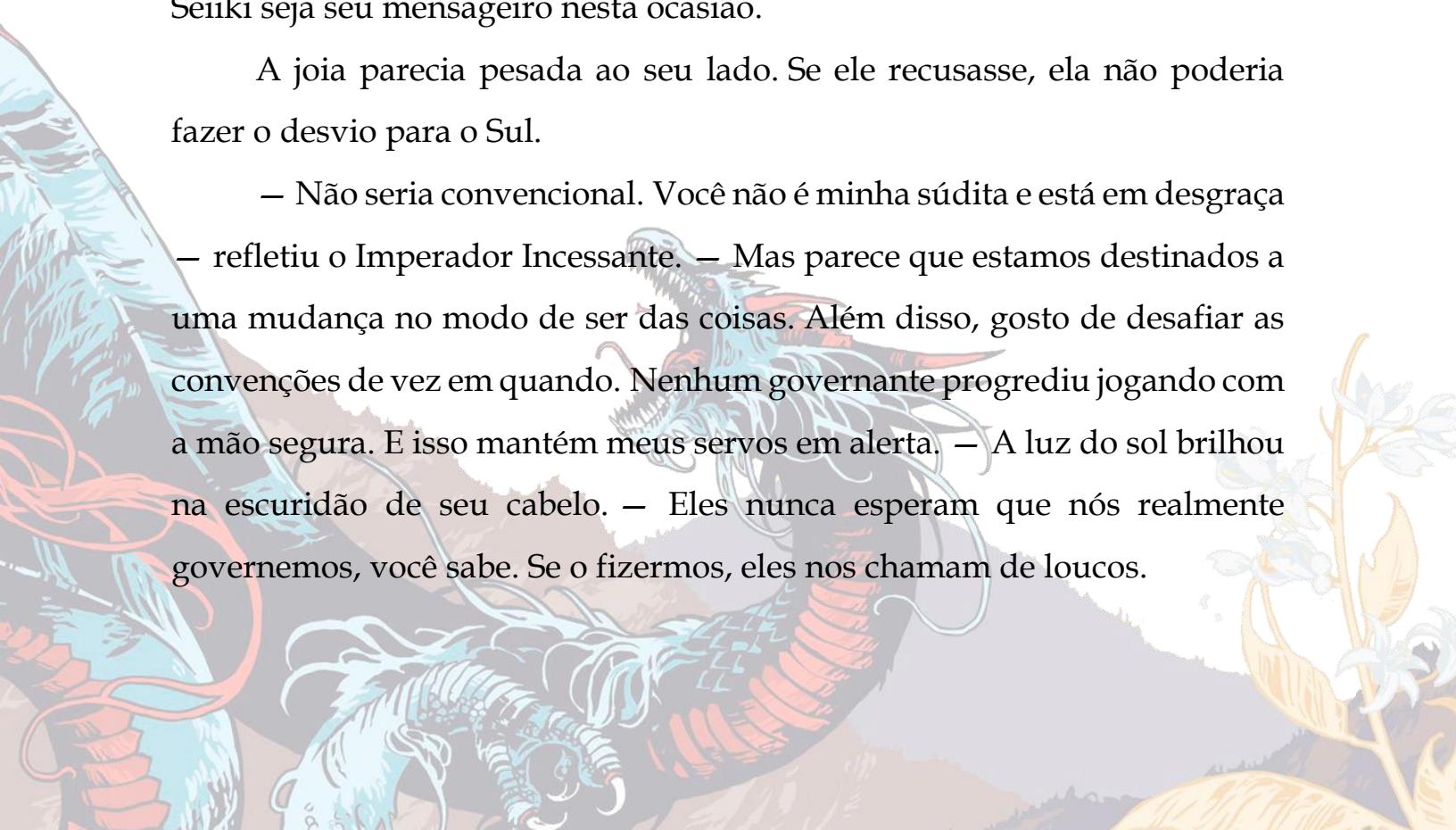
— Não importa — ele disse, e estendeu sua xícara para mais chá. Um servo a recarregou. — Agora que conheço o seu passado, estou curioso sobre o seu futuro. O que você pretende fazer a seguir?

Tané entrelaçou os dedos no colo.

— Primeiro — ela disse —, eu gostaria de desempenhar um papel na destruição do Inominável. Depois disso, desejo voltar para Seiiki. — Ela hesitou. — Se Vossa Majestade Imperial pudesse me ajudar a fazer isso, eu ficaria muito grata.

— Como posso ajudá-la?

— Escrevendo para o honrado Senhor da Guerra em meu nome. Se você contar a ele que recuperei Nayimathun, um súdito do Dragão Imperial brilhante, ele pode ouvir meu caso e permitir que eu volte.



O Imperador Incessante tomou um gole de chá.

— É verdade que você recuperou um dragão da Frota do Olho de Tigre, arriscando sua própria vida. Não é uma tarefa fácil — ele admitiu. — Para recompensar sua coragem, farei o que você solicitar, mas saiba que não posso permitir que você volte para Seiiki antes de eu ter uma resposta. Seria negligência da minha parte permitir que uma fugitiva voltasse para lá sem permissão.

— Compreendo.

— Muito bem.

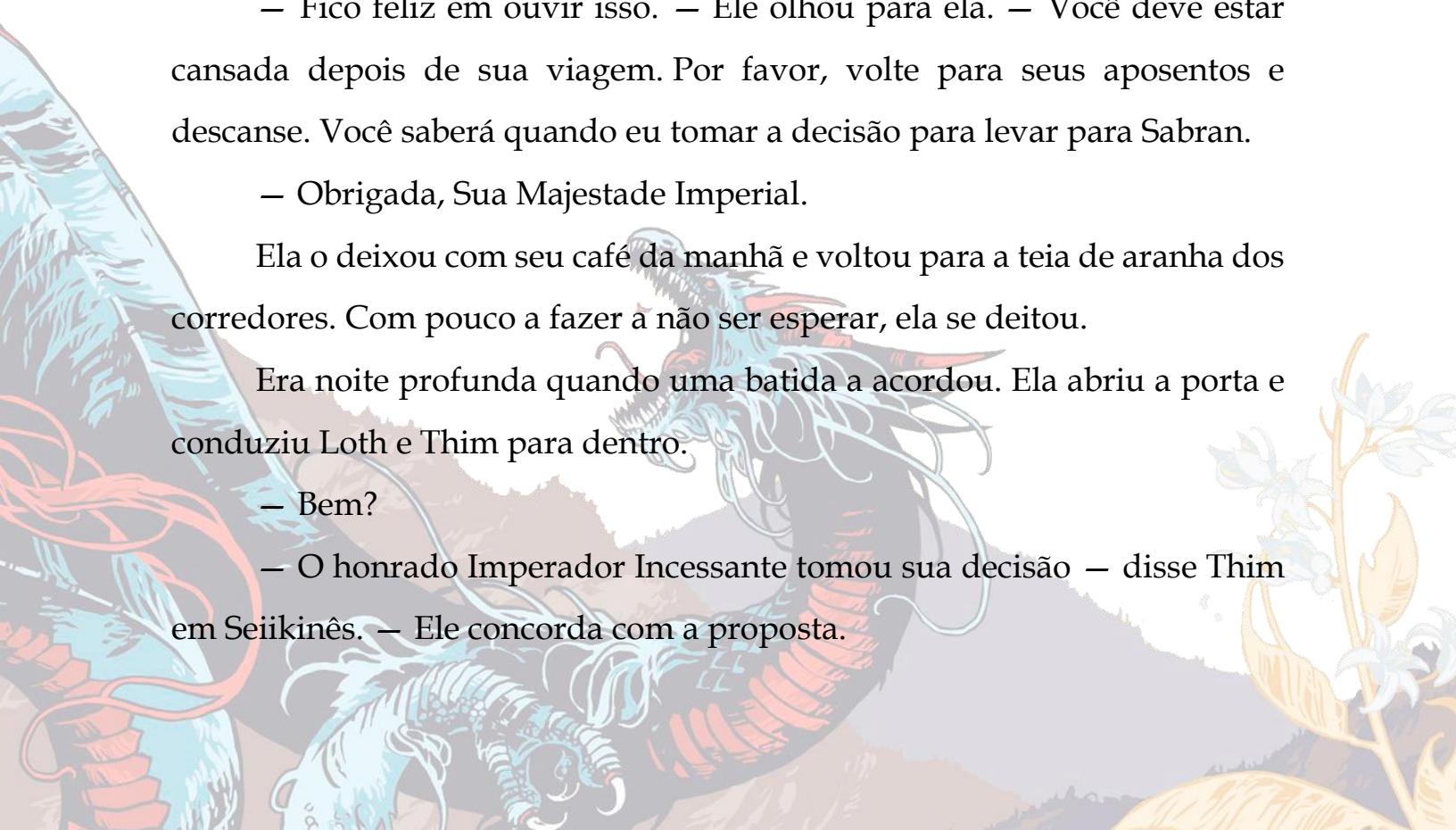
Ele se levantou e foi até a balaustrada. Tané juntou-se a ele.

— Parece que Lorde Arteloth deseja que você avise Inys se eu concordar com sua proposta — disse o Imperador Incessante. — Você está tão ansiosa para ser minha embaixadora?

— Aceleraria as coisas, Majestade. Se você permitir que um cidadão de Seiiki seja seu mensageiro nesta ocasião.

A joia parecia pesada ao seu lado. Se ele recusasse, ela não poderia fazer o desvio para o Sul.

— Não seria convencional. Você não é minha súdita e está em desgraça — refletiu o Imperador Incessante. — Mas parece que estamos destinados a uma mudança no modo de ser das coisas. Além disso, gosto de desafiar as convenções de vez em quando. Nenhum governante progrediu jogando com a mão segura. E isso mantém meus servos em alerta. — A luz do sol brilhou na escuridão de seu cabelo. — Eles nunca esperam que nós realmente governemos, você sabe. Se o fizermos, eles nos chamam de loucos.



— Eles nos educam para sermos suaves como a seda, nos distraem com luxo e riqueza além da medida, para que nunca balancemos o barco que nos transporta. Eles esperam que estejamos tão entediados com nosso poder que os deixamos governar em nosso lugar. Atrás de cada trono está um servo mascarado que busca apenas fazer um fantoche daquele que está sentado nele. Minha estimada avó me ensinou isso.

Tané esperou, sem saber o que dizer.

O Imperador Incessante cruzou as mãos atrás das costas. Uma grande respiração fez seus ombros se erguerem.

— Você provou sua capacidade de ver tarefas difíceis até o fim e não temos tempo a perder — disse ele. — Se você deseja ser minha mensageira para o Ocidente, como Lorde Arteloth deseja, não vejo razão para negar. Já que este é um ano para quebrar a tradição.

— Seria uma honra, Sua Majestade Imperial.

— Fico feliz em ouvir isso. — Ele olhou para ela. — Você deve estar cansada depois de sua viagem. Por favor, volte para seus aposentos e descance. Você saberá quando eu tomar a decisão para levar para Sabran.

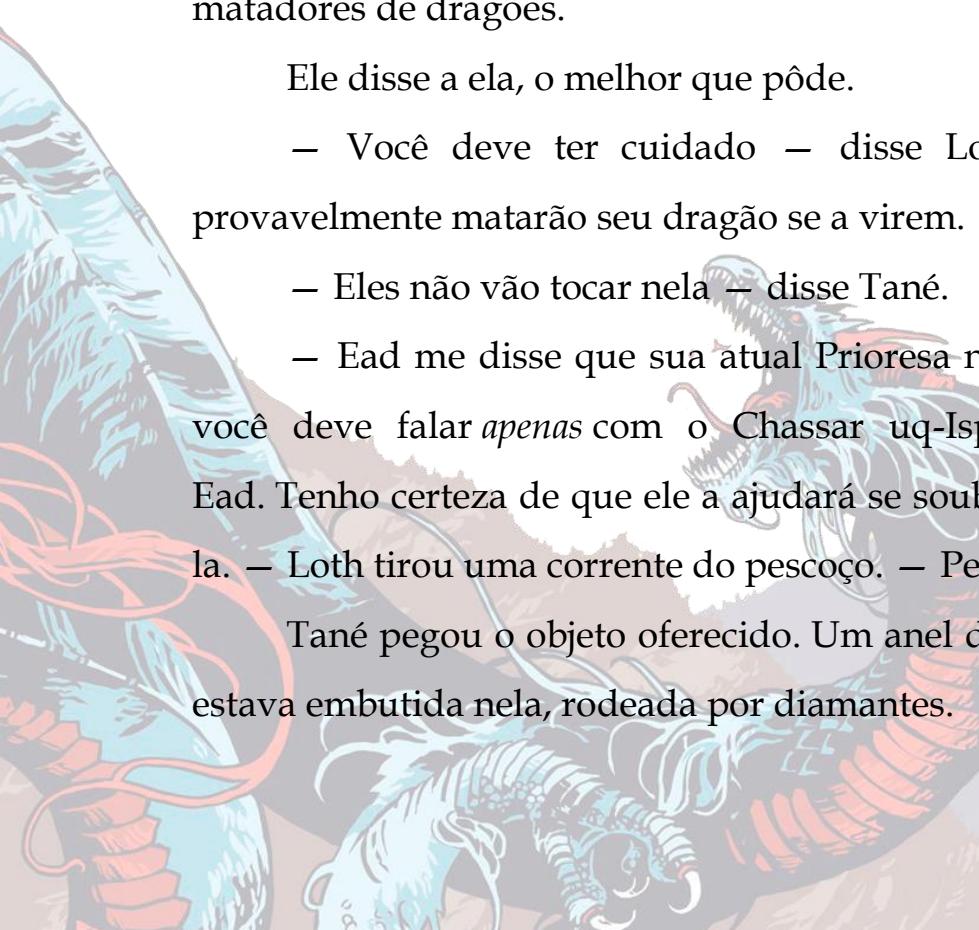
— Obrigada, Sua Majestade Imperial.

Ela o deixou com seu café da manhã e voltou para a teia de aranha dos corredores. Com pouco a fazer a não ser esperar, ela se deitou.

Era noite profunda quando uma batida a acordou. Ela abriu a porta e conduziu Loth e Thim para dentro.

— Bem?

— O honrado Imperador Incessante tomou sua decisão — disse Thim em Seiikinês. — Ele concorda com a proposta.



Tané fechou a porta.

— Bom — ela disse. Loth afundou em uma cadeira. — Por que ele parece tão consternado?

— Porque ele foi convidado a permanecer no palácio. Também me pediram para ficar, para ajudar a direcionar a marinha para onde deixamos o *Rosa Eterna*.

Um pequeno arrepió percorreu Tané. Pela primeira vez em sua vida, ela estaria deixando o Leste. Esse pensamento a teria assustado uma vez, mas pelo menos ela não estaria sozinha. Com Nayimathun ao lado dela, ela poderia fazer qualquer coisa.

— Tané — Loth disse —, você irá para o Sul antes de ir para Inys?

Ela precisava salvar Dama Nurtha do veneno. Ambas as joias devem ser usadas contra o Inominável.

— Eu vou — ela disse. — Diga-me onde encontrar a casa dos matadores de dragões.

Ele disse a ela, o melhor que pôde.

— Você deve ter cuidado — disse Loth. — As mulheres de lá provavelmente matarão seu dragão se a virem.

— Eles não vão tocar nela — disse Tané.

— Ead me disse que sua atual Prioresa não é confiável. Se for pega, você deve falar *apenas* com o Chassar uq-Ispad. Ele se preocupa com Ead. Tenho certeza de que ele a ajudará se souber que você pretende curá-la. — Loth tirou uma corrente do pescoço. — Pegue isso.

Tané pegou o objeto oferecido. Um anel de prata. Uma joia vermelha estava embutida nela, rodeada por diamantes.



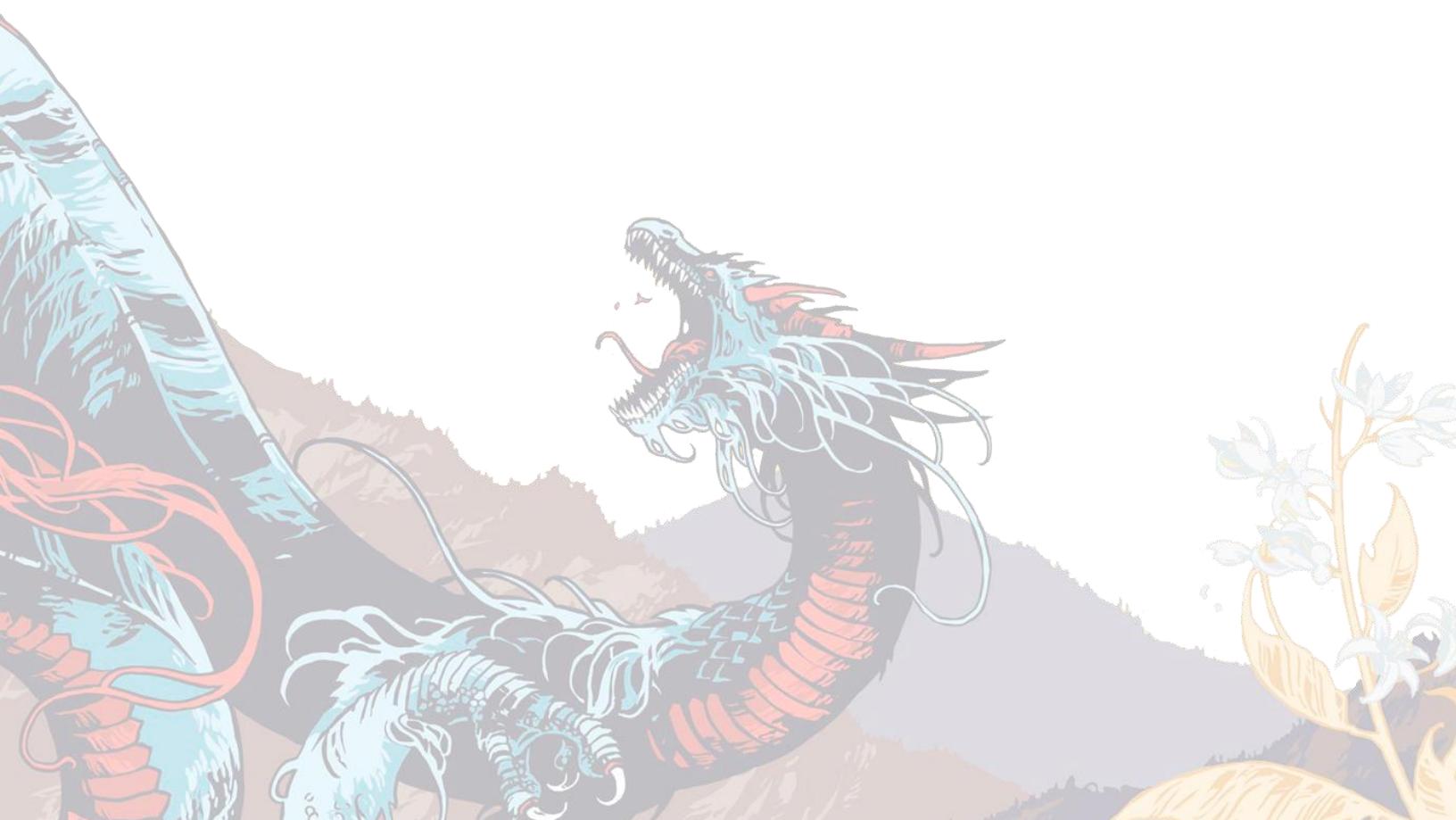
— Pertence à Rainha Sabran. Se você der a ela, ela saberá que você veio de mim. — Loth estendeu uma carta lacrada. — Eu peço que você também dê isso a ela. Então ela sabe que estou bem.

Tané acenou com a cabeça, enfiou o anel na caixa e enrolou a carta suficientemente pequena para caber ao lado dela.

— O honrado Grande Secretário Chefe irá recebê-la pela manhã para entregar uma carta de Sua Majestade Imperial para a Rainha Sabran. Você vai deixar esta cidade sob o manto da escuridão — disse Thim. — Se você puder fazer isso, Dama Tané, estaremos todos em dúvida com você.

Tané olhou pela janela. Outra jornada.

— Eu farei isso, honorável Thim — ela disse. — Você pode ter certeza disso.



Capítulo 64

Leste

De manhã, o honrado Grande Secretário Chefe entregou a Tané a carta que ela levaria para Inys. Não haveria nenhuma embaixada enviada através do mar, nenhuma pompa ou cerimônia. Um dragão e uma mulher levariam a notícia.

Suas armas foram devolvidas a ela. Além disso, ela recebeu uma pistola Seiikinense e uma espada mais fina, bem como um par de rodas laminadas Lacustrine.

Ela tinha comida suficiente para durar duas semanas no dorso do dragão. Nayimathun iria caçar peixes e pássaros.

Quando a escuridão caiu sobre a Cidade das Mil Flores, Tané encontrou Nayimathun no pátio. Uma sela de couro preto, com bordas de madeira e laca dourada, tinha sido presa em suas costas, embora *sela* fosse uma palavra muito modesta para isso – era mais um palanquim aberto, permitindo ao cavaleiro dormir durante um longo voo. O segredo de sua missão era tal que nenhum cortesão ou oficial Lacustre estava presente para testemunhá-lo partiu. Apenas Thim e Loth foram permitidos.

- Boa noite, Tané — disse Nayimathun.
- Nayimathun. — Tané deu um tapinha em seu pescoço. — Tem certeza de que se sente forte o suficiente para esta jornada?

— Tenho certeza. Além disso — disse o dragão, cutucando Tané com o focinho —, você parece ter o hábito de se meter em problemas sem mim.

Um sorriso aqueceu seus lábios. Era bom sorrir.

Thim ficou onde estava, mas Loth se aproximou dela. Tané se ocupou em proteger as bolsas que pendiam da sela.

— Tané — disse ele —, por favor, diga à Rainha Sabran que estou bem e seguro. — Ele fez uma pausa. — E se você acordar Ead... diga a ela que senti sua falta e a verei em breve.

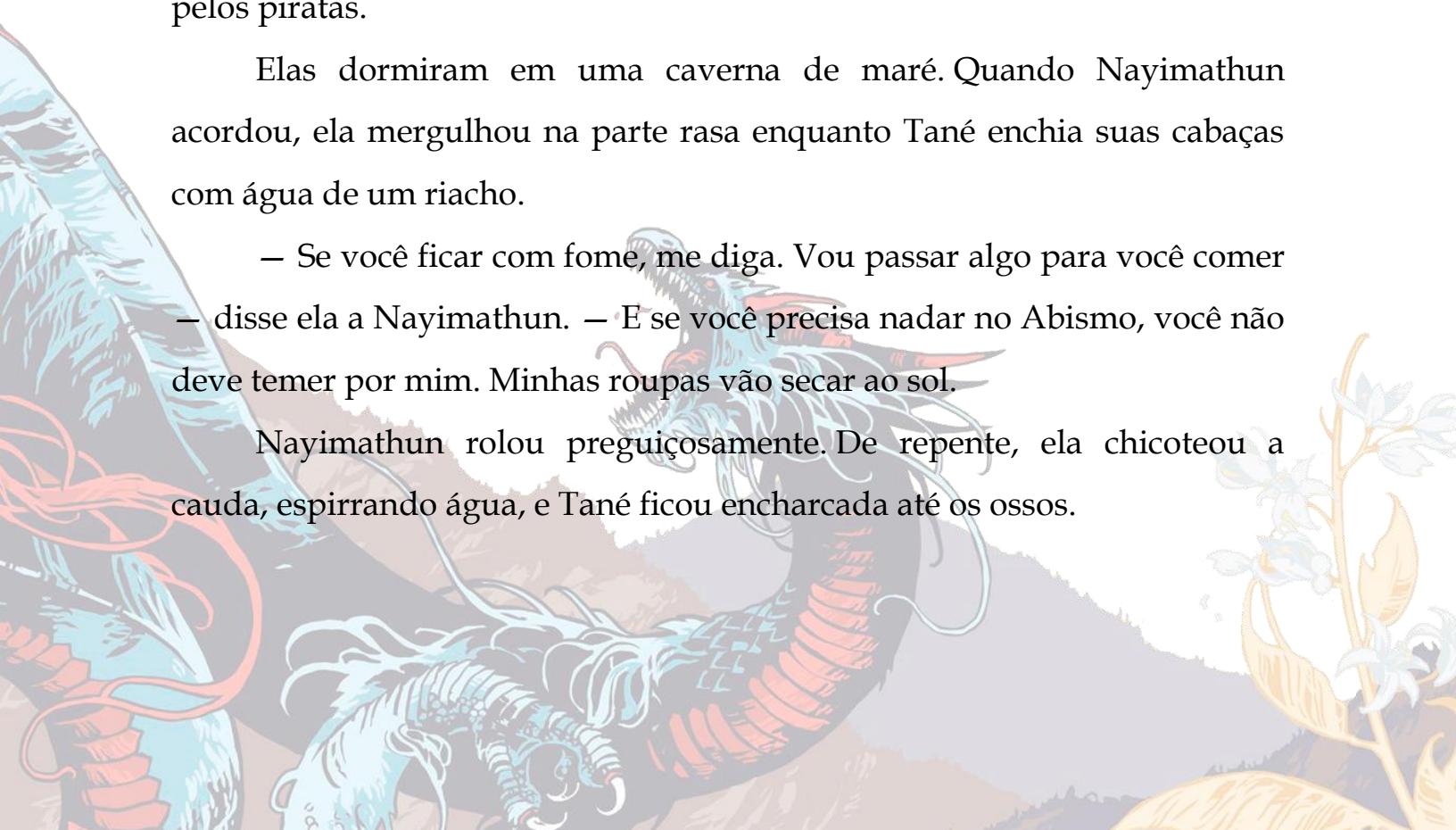
Tané se virou para ele. Havia tensão em seu rosto. Ele estava tentando, assim como ela, não parecer amedrontado.

— Eu direi a ela — disse ela. — Talvez quando eu voltar, eu possa trazê-la comigo.

— Duvido que Ead algum dia consentisse em montar um dragão, mesmo a serviço da paz — disse Loth com uma risada —, mas fui surpreendido muitas vezes este ano. — Seu sorriso estava cansado, mas verdadeiro. — Adeus e boa sorte. E — ele hesitou —, adeus a você também, Nayimathun.

— Adeus, homem de Inys — Nayimathun disse.

A última luz do crepúsculo retirou-se da cidade. Tané subiu na sela e certificou-se de que sua capa estava enrolada em todo o corpo. Nayimathun decolou. Tané observou a Cidade das Mil Flores cair até que o palácio se transformou em uma centelha no labirinto branco adormecido. Encobertos pela escuridão da lua nova, eles deixaram outra capital para trás.



Sobrevoaram os lagos perolados e os pinheiros vestidos de branco, acompanhando o rio Shim. O frio manteve Tané acordada, mas fez seus olhos lacrimejarem.

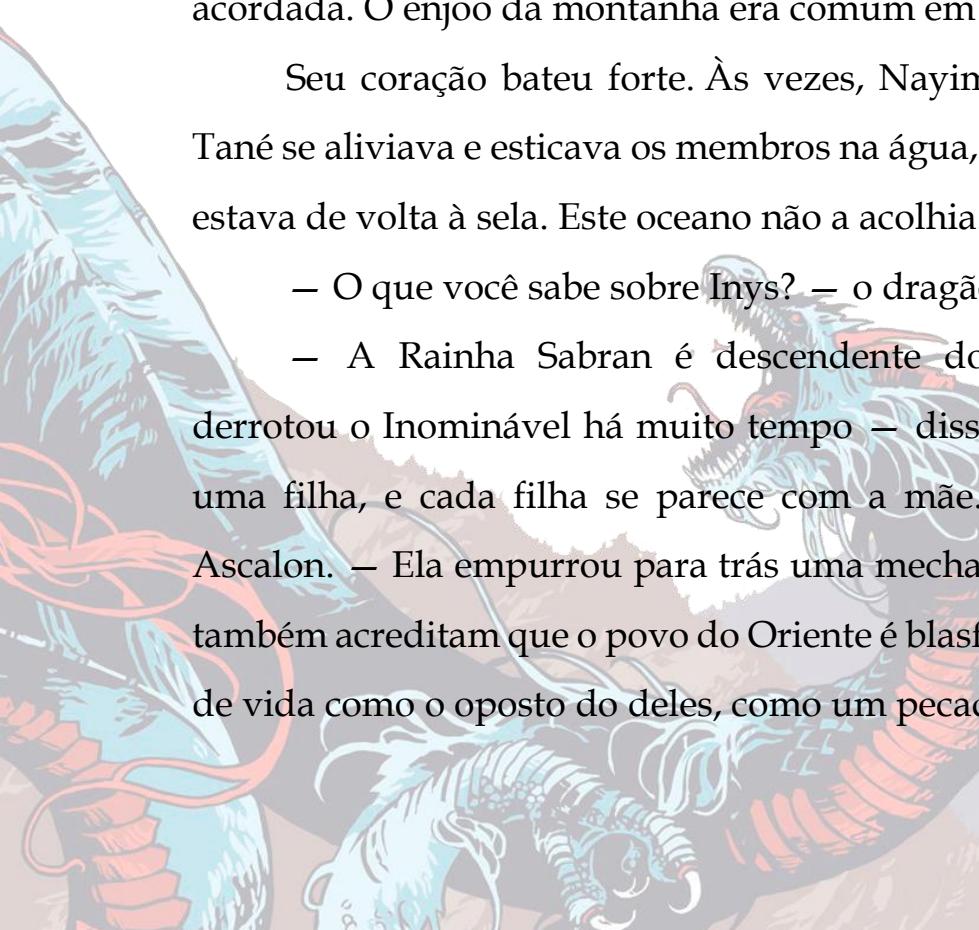
Nayimathun permanecia acima das nuvens durante o dia e evitava áreas assentadas à noite. Às vezes, elas avistavam uma coluna de fumaça à distância e sabiam que os cuspidores de fogo haviam atacado aquele povoado. Quanto mais elas viajavam para o oeste, mais dessas colunas escuras viam.

No segundo dia, elas chegaram ao Mar Insone, onde Nayimathun pousou em uma pequena ilha para descansar. Não haveria lugar para pousar quando voassem sobre o Abismo, a menos que mudassem para o Norte. Os dragões podiam ficar muito tempo sem dormir, mas Tané sabia que a jornada seria difícil para Nayimathun. Ela tinha sido mal alimentada pelos piratas.

Elas dormiram em uma caverna de maré. Quando Nayimathun acordou, ela mergulhou na parte rasa enquanto Tané enchia suas cabaças com água de um riacho.

— Se você ficar com fome, me diga. Vou passar algo para você comer — disse ela a Nayimathun. — E se você precisa nadar no Abismo, você não deve temer por mim. Minhas roupas vão secar ao sol.

Nayimathun rolou preguiçosamente. De repente, ela chicoteou a cauda, espirrando água, e Tané ficou encharcada até os ossos.



Pela primeira vez em uma eternidade, ela riu. Ela riu até doer o estômago. Nayimathun tirou sarro de brincadeira enquanto Tané usava a joia para jogar água de volta nela, e o sol fazia arco-íris nos respingos.

Ela não conseguia se lembrar da última vez em que riu. Deve ter sido com Susa.

Ao pôr do sol, elas estavam voando novamente. Tané segurou-se na sela e respirou o vento limpo. Apesar de tudo o que estava diante delas, ela nunca se sentiu mais em paz do que agora.

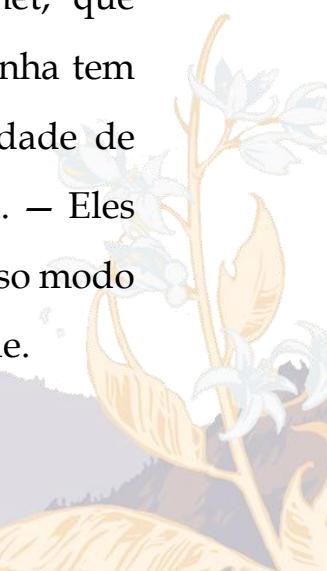
O negro do Abismo se espalhava como uma mancha no Mar de Sundance. Assim que Nayimathun deixou as águas verdes para trás, Tané sentiu um arrepião. Uma abóbada de escuridão agora estava abaixo delas – a abóbada em que Neporo de Komoridu uma vez aprisionou o Inominável.

Dias se passaram. Nayimathun passou a maior parte da viagem acima das nuvens. Tané mastigava pedaços de raiz de gengibre e tentava ficar acordada. O enjoo da montanha era comum em cavaleiros.

Seu coração bateu forte. Às vezes, Nayimathun descia para nadar e Tané se aliviava e esticava os membros na água, mas ela só relaxava quando estava de volta à sela. Este oceano não a acolhia.

— O que você sabe sobre Inys? — o dragão perguntou.

— A Rainha Sabran é descendente do guerreiro Berethnet, que derrotou o Inominável há muito tempo — disse Tané. — Cada rainha tem uma filha, e cada filha se parece com a mãe. Elas moram na cidade de Ascalon. — Ela empurrou para trás uma mecha de cabelo molhada. — Eles também acreditam que o povo do Oriente é blasfemador e veem nosso modo de vida como o oposto do deles, como um pecado contra sua virtude.



— Sim — Nayimathun disse —, mas se ela busca nossa ajuda, a Rainha Sabran deve ter aprendido a diferença entre fogo e água. Lembre-se de ser compassiva ao julgá-la, Tané. Ela é uma jovem mulher, responsável pelo bem-estar de seu povo.

As noites acima do Abismo eram mais frias do que qualquer uma que Tané já havia sentido. Um vento forte estalou seus lábios e açoitou suas bochechas. Uma noite, ela acordou com as nuvens em sua respiração, e olhou para o mar e viu que havia estrelas ali, espelhadas na água.

Quando ela acordou em seguida, o sol estava alto e uma névoa dourada formava uma faixa no horizonte.

— Que lugar é esse?

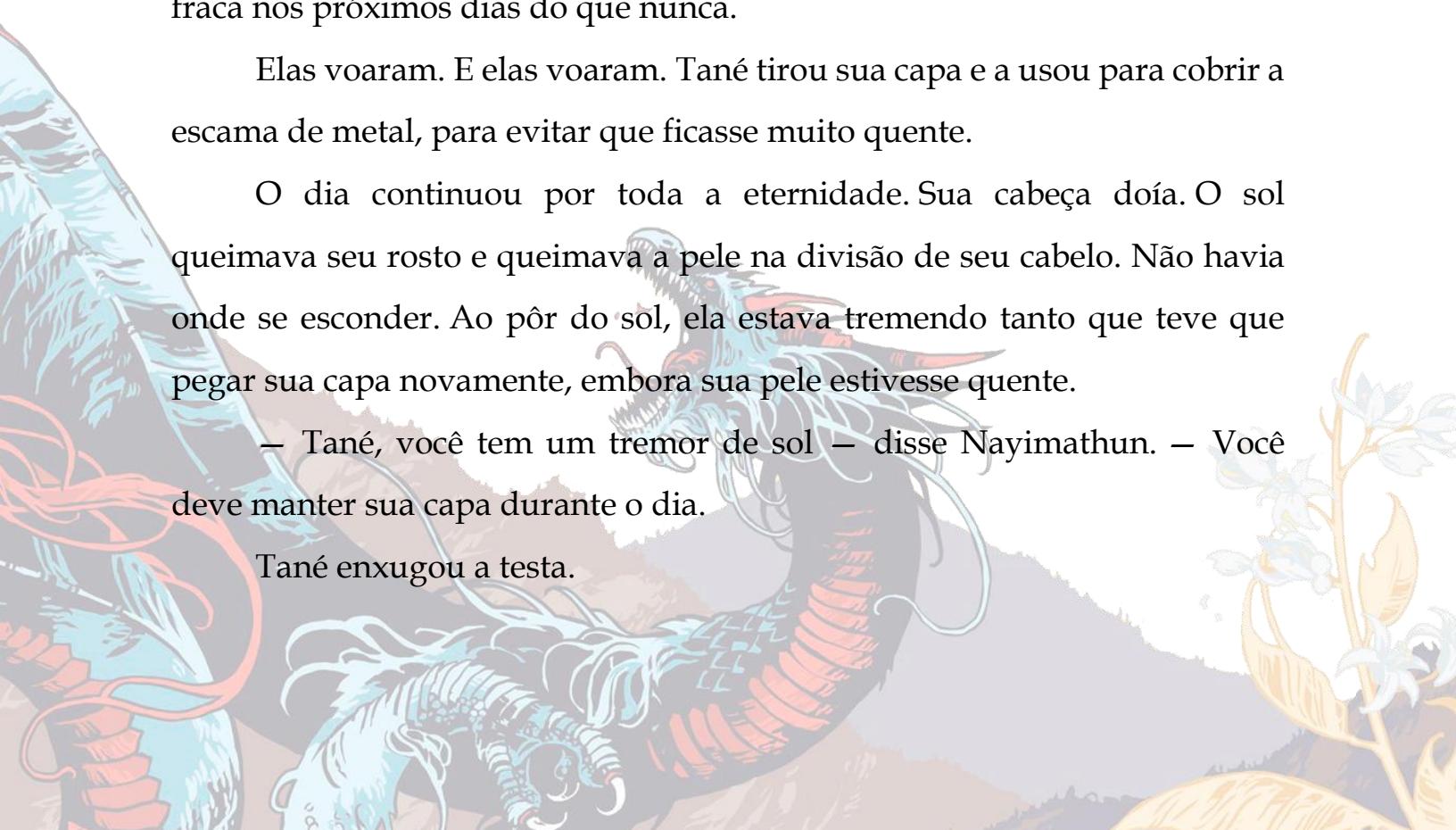
Sua voz era áspera. Ela pegou uma cabaça e bebeu água o suficiente para umedecer a língua.

— Ersyr. A Terra Dourada — disse Nayimathun. — Tané, devo nadar antes de entrarmos no deserto.

Tané agarrou o chifre da sela. Sua cabeça ficou leve enquanto Nayimathun descia.

O mar picou seu rosto. Estava quente aqui e claro como vidro. Ela avistou entulho e destroços espalhados entre as soleiras de coral. O metal brilhou para ela do fundo do mar.

— Tudo isso vem da Serena República de Carmentum, que dá nome a este mar — disse Nayimathun quando elas emergiram. Suas escamas brilhavam como gemas sob o sol. — Grande parte daquele país foi destruído pelo cuspidor de fogo Fýredel. Seu povo jogou muitos de seus tesouros no mar para protegê-los de seu fogo. Piratas mergulham para eles e os vendem.



Ela nadou até que a costa estivesse próxima, então alçou voo novamente. Um deserto se estendia diante delas, vasto e árido, ondulando com o calor. Tané sentiu sede só de olhar para ele.

Não havia nuvem para se esconder. Elas teriam que ficar mais altas do que nunca para evitar olhos errantes.

— Este deserto é chamado de Burlah — disse Nayimathun. — Devemos voar através dele para chegar a Lasia.

— Nayimathun, você não foi feita para este clima. O sol vai secar suas escamas.

— Nós não temos escolha. Se não despertarmos Dama Nurtha, talvez nunca encontremos outra pessoa que possa empunhar a joia minguante.

A umidade em suas escamas estava secando quase tão rapidamente quanto apareceu. Os dragões poderiam fazer sua própria água por um tempo, mas no final, esse sol forte dominaria Nayimathun. Ela ficaria mais fraca nos próximos dias do que nunca.

Elas voaram. E elas voaram. Tané tirou sua capa e a usou para cobrir a escama de metal, para evitar que ficasse muito quente.

O dia continuou por toda a eternidade. Sua cabeça doía. O sol queimava seu rosto e queimava a pele na divisão de seu cabelo. Não havia onde se esconder. Ao pôr do sol, ela estava tremendo tanto que teve que pegar sua capa novamente, embora sua pele estivesse quente.

— Tané, você tem um tremor de sol — disse Nayimathun. — Você deve manter sua capa durante o dia.

Tané enxugou a testa.

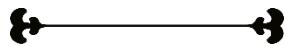
— Não podemos continuar assim. Estaremos ambas mortas antes de chegarmos a Lasia.

— Não temos escolha — Nayimathun disse novamente. Então... — O Rio Minara atravessa aquela terra. Podemos descansar lá.

Tané queria responder. Antes que pudesse, ela voltou a dormir um sono agitado.

No dia seguinte, ela enrolou a capa em volta do corpo e da cabeça. O suor a encharcava, mas mantinha o sol longe de sua pele. Ela a removeu apenas para cuidar de Nayimathun e para resfriar a escama de metal com água, fazendo-a chiar e estalar.

O deserto não acabava. Suas cabaças secaram como osso. Ela afundou no berço da sela e abandonou seus pensamentos.

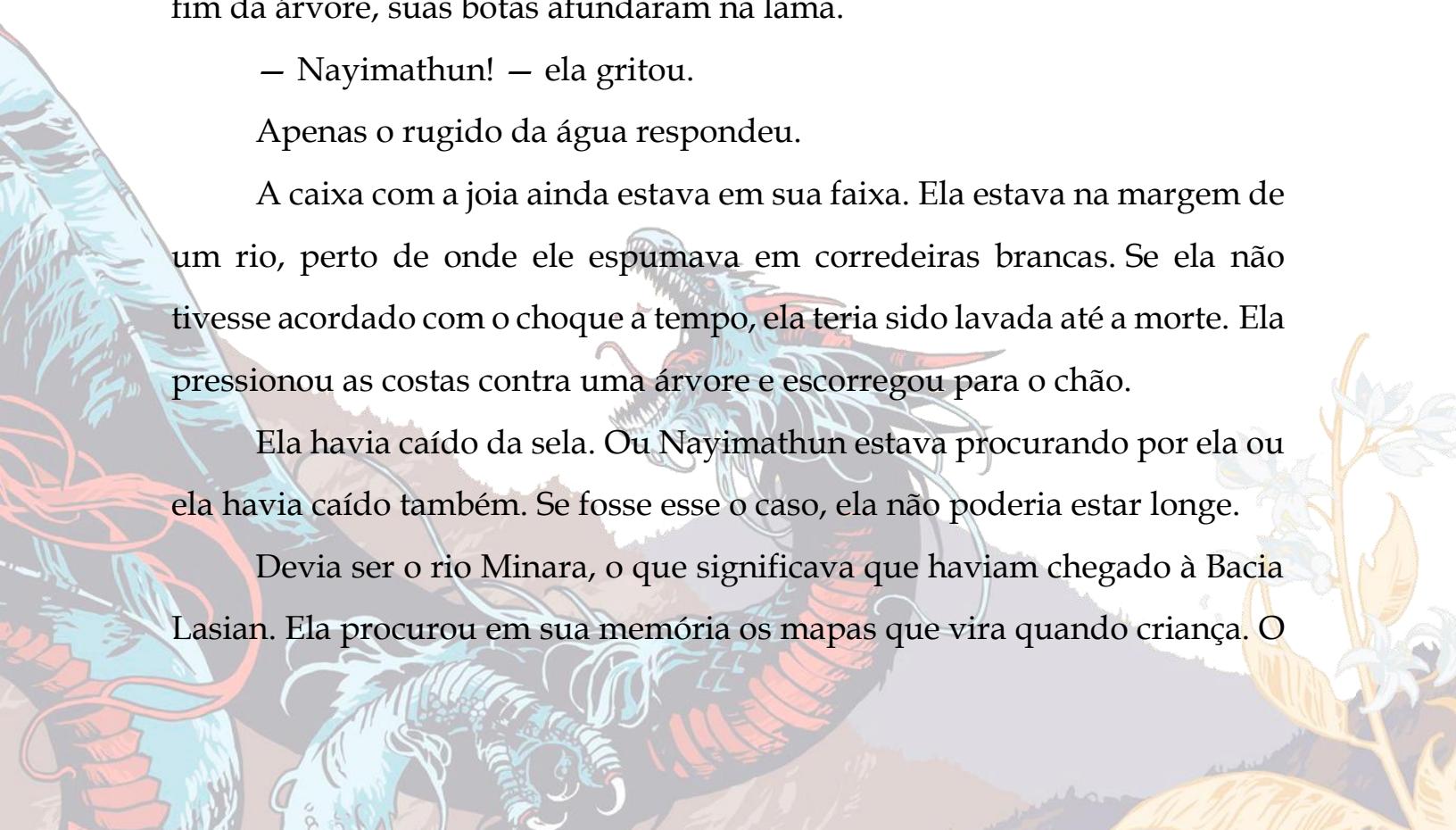


Quando ela abriu os olhos novamente, ela estava caindo.

Ramos amarrados em sua capa e cabelo. Ela não teve tempo de gritar antes que a água a tomasse.

O pânico percorreu seus membros. Cega, ela chutou. Sua cabeça apareceu na superfície. Na escuridão da noite, ela só podia ver uma árvore caída projetando-se sobre a água, quase alta demais para alcançar. Quando a corrente a puxou em sua direção, ela agarrou um de seus galhos. O rio rasgou suas pernas. Ela subiu na árvore e tombou sobre ela, estremecendo.

Por um longo tempo, ela se agarrou lá, muito machucada e abalada para se mover. A chuva quente tamborilava em seu couro cabeludo. Quando



ela finalmente voltou a si, ela empurrou seu peso sobre as mãos e beliscou a árvore com os joelhos. Ela tremia enquanto ela se movia lentamente ao longo dela.

Enquanto ela lutava para manter a calma, ela se lembrou do Monte Tego. Como ela resistiu ao vento gelado e à neve até os joelhos e à agonia em seus membros. Como ela escalou uma rocha íngreme com as mãos nuas, respirando um ar frágil, um escorregão da morte. Como ela não se permitiu voltar. Afinal, os cavaleiros de dragão tinham que ser capazes de permanecer com dedos ágeis e fortes em grandes alturas. Eles não podiam temer a queda.

Ela tinha estado no pináculo do mundo. Ela havia montado um dragão pelo Abismo.

Ela poderia fazer isso.

Seu medo esmagado, ela se moveu mais rápido. Quando ela chegou ao fim da árvore, suas botas afundaram na lama.

— Nayimathun! — ela gritou.

Apenas o rugido da água respondeu.

A caixa com a joia ainda estava em sua faixa. Ela estava na margem de um rio, perto de onde ele espumava em corredeiras brancas. Se ela não tivesse acordado com o choque a tempo, ela teria sido lavada até a morte. Ela pressionou as costas contra uma árvore e escorregou para o chão.

Ela havia caído da sela. Ou Nayimathun estava procurando por ela ou ela havia caído também. Se fosse esse o caso, ela não poderia estar longe.

Devia ser o rio Minara, o que significava que haviam chegado à Bacia Lasian. Ela procurou em sua memória os mapas que vira quando criança. O

oeste do país, ela se lembrou, era coberto por uma floresta. Era onde Loth disse que ela iria encontrar o Priorado.

Tané engoliu em seco e piscou para tirar a água dos olhos. Se ela quisesse sobreviver a isso, ela teria que manter a cabeça limpa. A pistola era inútil agora que estava molhada, e seu arco e espada foram presos à sela, mas ela ainda tinha uma adaga e as rodas laminadas.

Algumas de suas posses haviam caído com ela. Tané rastejou até a bolsa mais próxima e abriu-a com os dedos doloridos. Quando ela sentiu a bússola em sua mão, ela soltou um suspiro de alívio.

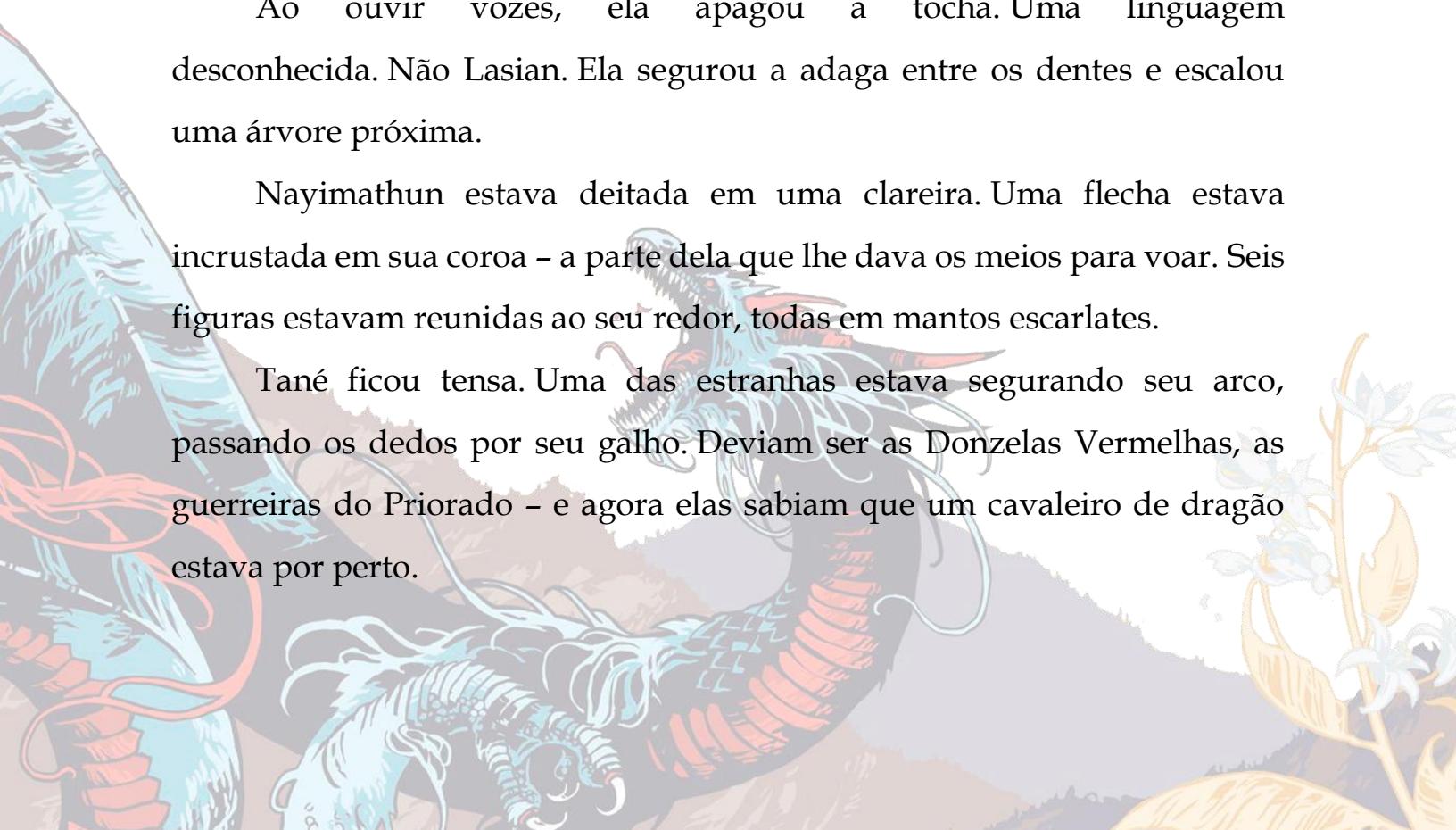
Ela juntou o máximo que pôde carregar. Usando uma tira de sua capa, um galho e um pouco de seiva, ela formou uma tocha e acendeu-a com uma faísca de duas pedras. Poderia atrair alguns animais, mas era melhor arriscar ser descoberta do que pisar em uma cobra ou deixar de ver um caçador no escuro.

As árvores se aproximaram como conspiradoras. Só de olhar para elas quase fez sua coragem falhar.

Você tem um coração de dragão.

Ela caminhou para a floresta, longe do rugido do Minara. Suas botas afundaram em argila. Cheirava como Seiiki depois da chuva de ameixa. Rica e terrosa. Reconfortante.

Seu corpo era uma espada meio desembainhada. Apesar do cheiro familiar, os primeiros passos foram os mais difíceis que ela já havia dado. Ela caminhava com os pés leves como um guindaste. Quando um galho quebrou embaixo dela, pássaros de várias cores voaram das árvores. Em pouco



tempo, ela encontrou o dano ao dossel. Algo grande havia caído por perto. Mais alguns passos e sua tocha revelou uma poça de sangue prateado.

Sangue de dragão.

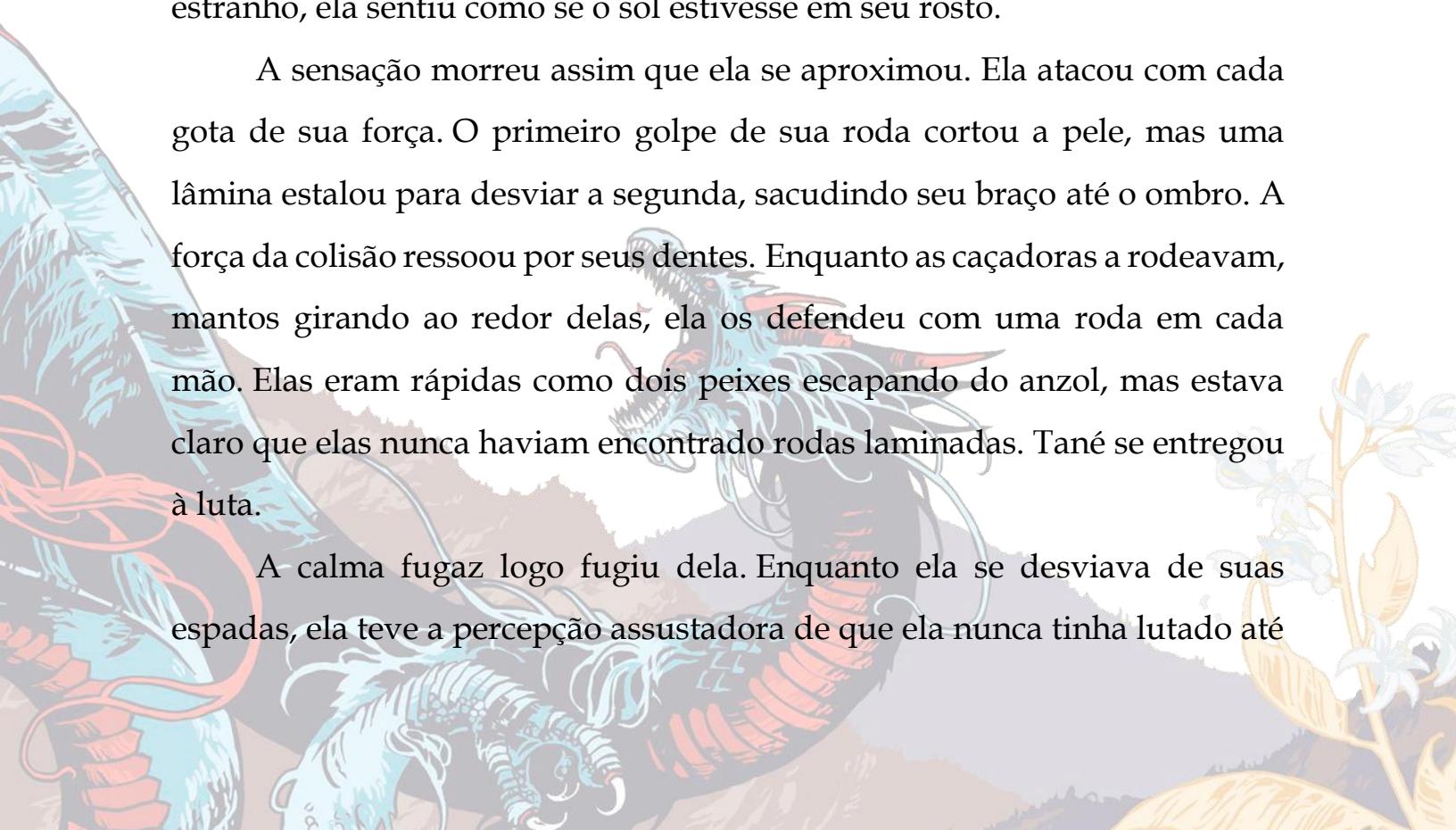
A floresta parecia determinada a impedir seu progresso. Raízes escondidas se enredaram em seus tornozelos. Uma vez, um galho desmoronou sob ela e ela se viu até a cintura no pântano. Ela apenas manteve o controle sobre a tocha e demorou muito para se libertar.

Sua mão tremia enquanto continuava mancando, seguindo o rastro de sangue. Pela quantia que foi derramada, Nayimathun ficou ferida, mas não o suficiente para matá-la. Seu sangue ainda poderia atrair predadores. O pensamento fez Tané começar a correr. No Oriente, os tigres às vezes eram ousados o suficiente para atacar dragões, mas o cheiro de Nayimathun seria estranho para os animais desta floresta. Ela rezou para que fosse o suficiente para mantê-los afastados.

Ao ouvir vozes, ela apagou a tocha. Uma linguagem desconhecida. Não Lasian. Ela segurou a adaga entre os dentes e escalou uma árvore próxima.

Nayimathun estava deitada em uma clareira. Uma flecha estava incrustada em sua coroa - a parte dela que lhe dava os meios para voar. Seis figuras estavam reunidas ao seu redor, todas em mantos escarlates.

Tané ficou tensa. Uma das estranhas estava segurando seu arco, passando os dedos por seu galho. Deviam ser as Donzelas Vermelhas, as guerreiras do Priorado - e agora elas sabiam que um cavaleiro de dragão estava por perto.



A qualquer momento, uma delas poderia cravar uma espada em Nayimathun. Ela não seria páreo para elas neste estado.

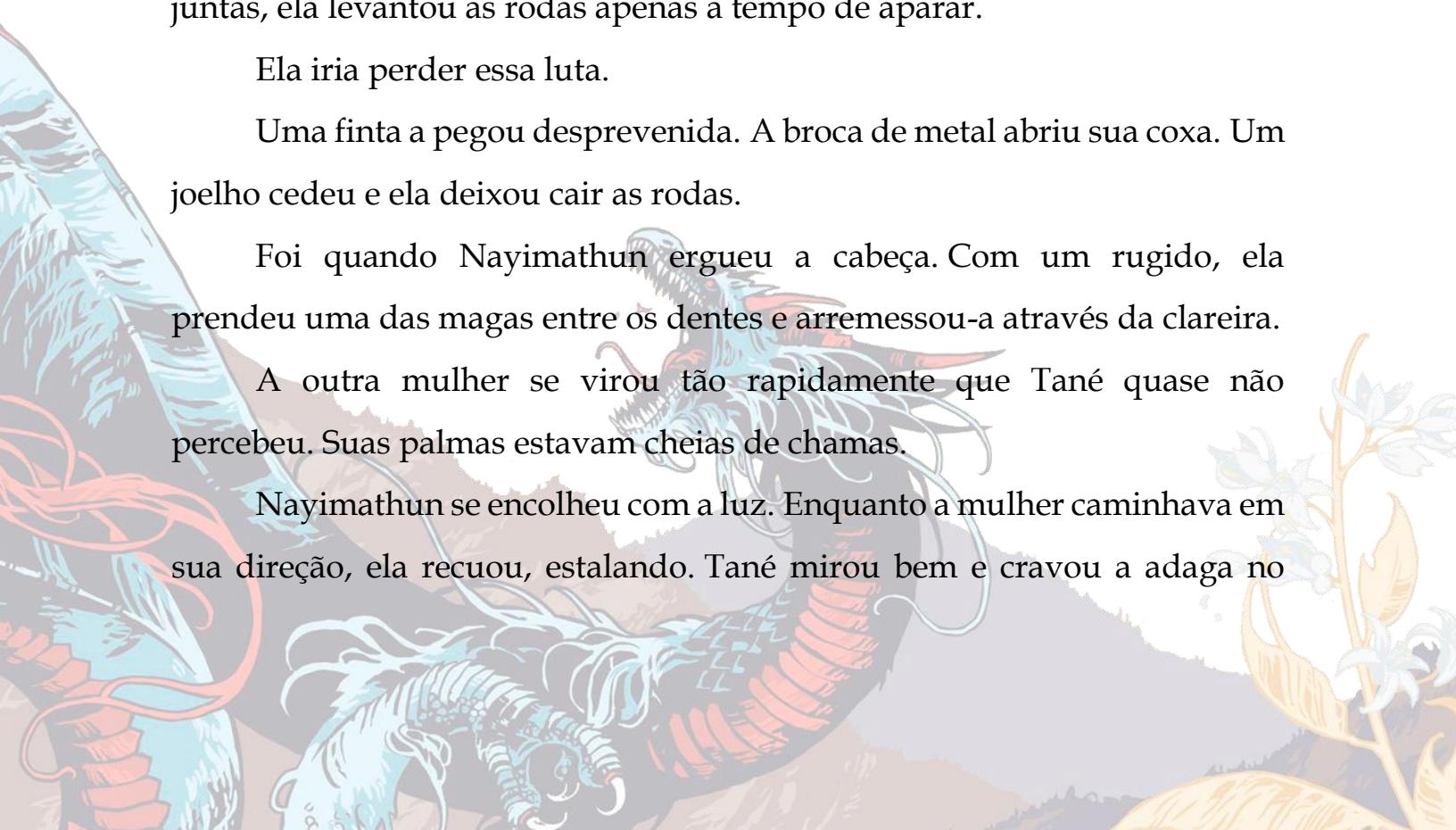
Depois do que pareceram horas, todas as Donzelas Vermelhas, exceto duas, desapareceram entre as árvores. Agora elas eram caçadoras e Tané era sua presa. A feitiçaria delas poderia colocá-la em desvantagem, mas mesmo isso não as tornava toda-poderosas.

Ela caiu em silêncio da árvore. Sua melhor arma agora era o elemento surpresa. Ela colocaria Nayimathun em segurança e então rastrearia uma das Donzelas Vermelhas até o Priorado.

Nayimathun abriu um olho e Tané soube que ela a tinha visto. O dragão esperou que ela se aproximasse antes de chicotear o rabo. Nos momentos preciosos em que as Donzelas Vermelhas estavam distraídas, Tané se movia como uma sombra em direção a elas. Ela avistou olhos escuros sob um capuz, olhos tão escuros quanto os dela, e por um momento estranho, ela sentiu como se o sol estivesse em seu rosto.

A sensação morreu assim que ela se aproximou. Ela atacou com cada gota de sua força. O primeiro golpe de sua roda cortou a pele, mas uma lâmina estalou para desviar a segunda, sacudindo seu braço até o ombro. A força da colisão ressoou por seus dentes. Enquanto as caçadoras a rodeavam, mantos girando ao redor delas, ela os defendeu com uma roda em cada mão. Elas eram rápidas como dois peixes escapando do anzol, mas estava claro que elas nunca haviam encontrado rodas laminadas. Tané se entregou à luta.

A calma fugaz logo fugiu dela. Enquanto ela se desviava de suas espadas, ela teve a percepção assustadora de que ela nunca tinha lutado até



a morte. Os piratas Ocidentais foram fáceis, brutais, mas indisciplinados. Ela lutou com outros aprendizes quando criança, treinou com eles quando ela era mais velha, mas seu conhecimento de batalha era pouca prática e sem fim de teoria. Essas magas estiveram em uma guerra durante a maior parte de suas vidas e se moviam como parceiras em uma dança. Uma guerreira forjada na sala de aula, sozinha e ferida, não seria páreo para elas. Ela nunca deveria tê-las confrontado abertamente.

A sede e a exaustão a tornaram lenta. A cada passo, suas espadas piscaram mais perto de sua pele, enquanto suas rodas não estavam nem perto das delas.

Seus passos ficaram embriagados. Seus braços doíam. Ela sibilou quando uma lâmina cortou seu ombro, então sua mandíbula. Mais duas cicatrizes para sua coleção. O próximo golpe colocou fogo em sua cintura. O sangue empapou sua túnica. Quando as Donzelas Vermelhas atacaram juntas, ela levantou as rodas apenas a tempo de aparar.

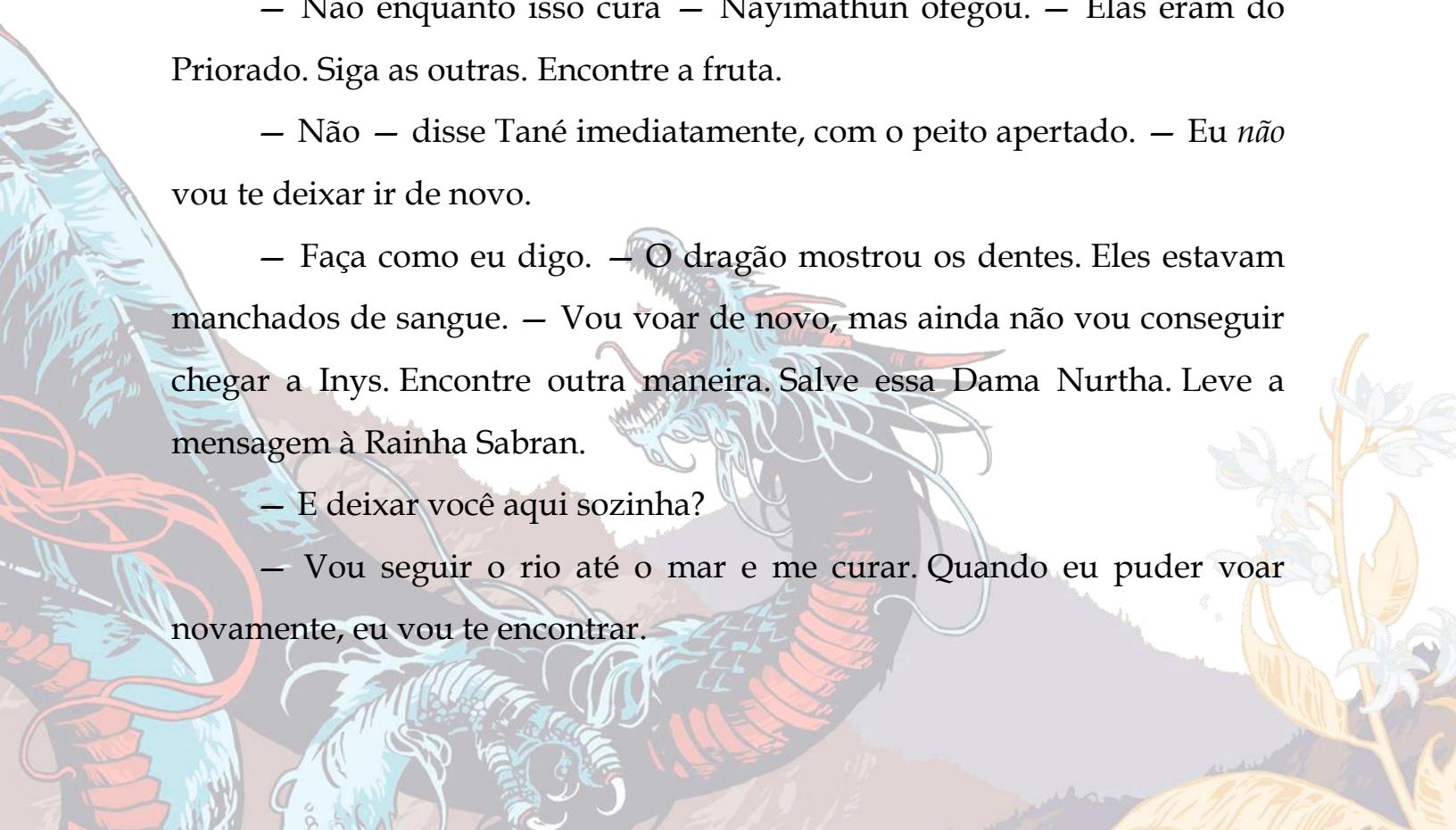
Ela iria perder essa luta.

Uma finta a pegou desprevenida. A broca de metal abriu sua coxa. Um joelho cedeu e ela deixou cair as rodas.

Foi quando Nayimathun ergueu a cabeça. Com um rugido, ela prendeu uma das magas entre os dentes e arremessou-a através da clareira.

A outra mulher se virou tão rapidamente que Tané quase não percebeu. Suas palmas estavam cheias de chamas.

Nayimathun se encolheu com a luz. Enquanto a mulher caminhava em sua direção, ela recuou, estalando. Tané mirou bem e cravou a adaga no



brocado vermelho, entre duas barras de costela. Quando a mulher caiu, Tané a contornou e foi até seu dragão.

Antes, ela ficaria envergonhada de que Nayimathun a tivesse visto matar. Era contra o caminho, mas sua vida estava em perigo. Ambas de suas vidas. Agora ela matou por Nayimathun, e Nayimathun matou por ela. Depois de tudo que elas já tinham sobrevivido, ela não tinha arrependimentos.

— Tané. — Nayimathun abaixou a cabeça. — A flecha.

Até mesmo olhar para ela deixava Tané enjoada. O mais delicadamente que pôde, ela estendeu a mão e tirou a flecha da carne flexível. Foi necessária força suficiente para fazer seus braços tremerem.

Nayimathun estremeceu ao se soltar. O sangue escorreu por seu focinho. Tané colocou a mão em seu queixo.

— Você pode voar?

— Não enquanto isso cura — Nayimathun ofegou. — Elas eram do Priorado. Siga as outras. Encontre a fruta.

— Não — disse Tané imediatamente, com o peito apertado. — Eu *não* vou te deixar ir de novo.

— Faça como eu digo. — O dragão mostrou os dentes. Eles estavam manchados de sangue. — Vou voar de novo, mas ainda não vou conseguir chegar a Inys. Encontre outra maneira. Salve essa Dama Nurtha. Leve a mensagem à Rainha Sabran.

— E deixar você aqui sozinha?

— Vou seguir o rio até o mar e me curar. Quando eu puder voar novamente, eu vou te encontrar.



Dias depois de seu reencontro, e agora elas tinham que se separar novamente.

— Como vou chegar a Inys sem você? — Tané disse densamente.

— Você fará seu caminho — Nayimathun disse, mais gentil. — A água sempre faz. — Ela deu uma cutucada suave em Tané. — Nos veremos novamente em breve.

Tané estremeceu. Ela se agarrou ao dragão por tanto tempo quanto ousou, o rosto pressionado contra as escamas.

— Vá, Nayimathun. Vá agora — ela sussurrou, e foi para as árvores.

As outras Donzelas Vermelhas foram para o norte. Tané se manteve abaixada enquanto perseguia suas pegadas. Não havia tempo para fazer uma tocha, mas seus olhos estavam acostumados com a escuridão agora.

Mesmo quando ela perdeu o rastro, ela sabia para onde as mulheres tinham ido. Ela estava seguindo um sentimento. Era como se sua presa tivesse deixado calor em seu rastro, um calor que chamava seu próprio sangue.



Terminou em outra clareira. Ela parou para respirar, segurando o lado úmido. Não havia nada aqui. Apenas árvores, inúmeras árvores.

Suas pálpebras ficaram pesadas. Ela balançou em seus pés. Agora uma mulher vestida de branco estava parada diante dela, e o sol brilhava de seus dedos.

Essa era a última coisa que ela se lembrava da floresta.

Capítulo 65

Sul

Eles haviam levado a joia ascendente. Foi a primeira coisa que ela percebeu ao acordar: a sensação de vazio de sua ausência. Ela estava deitada em uma sala de pedra cor de salmão, e suas mãos estavam amarradas nas costas.

Uma mulher com a cabeça raspada e pele marrom quente estava parada na porta.

— Quem é você?

Ela falou em Ersyri. Tané sabia um pouco da língua, mas não disse nada.

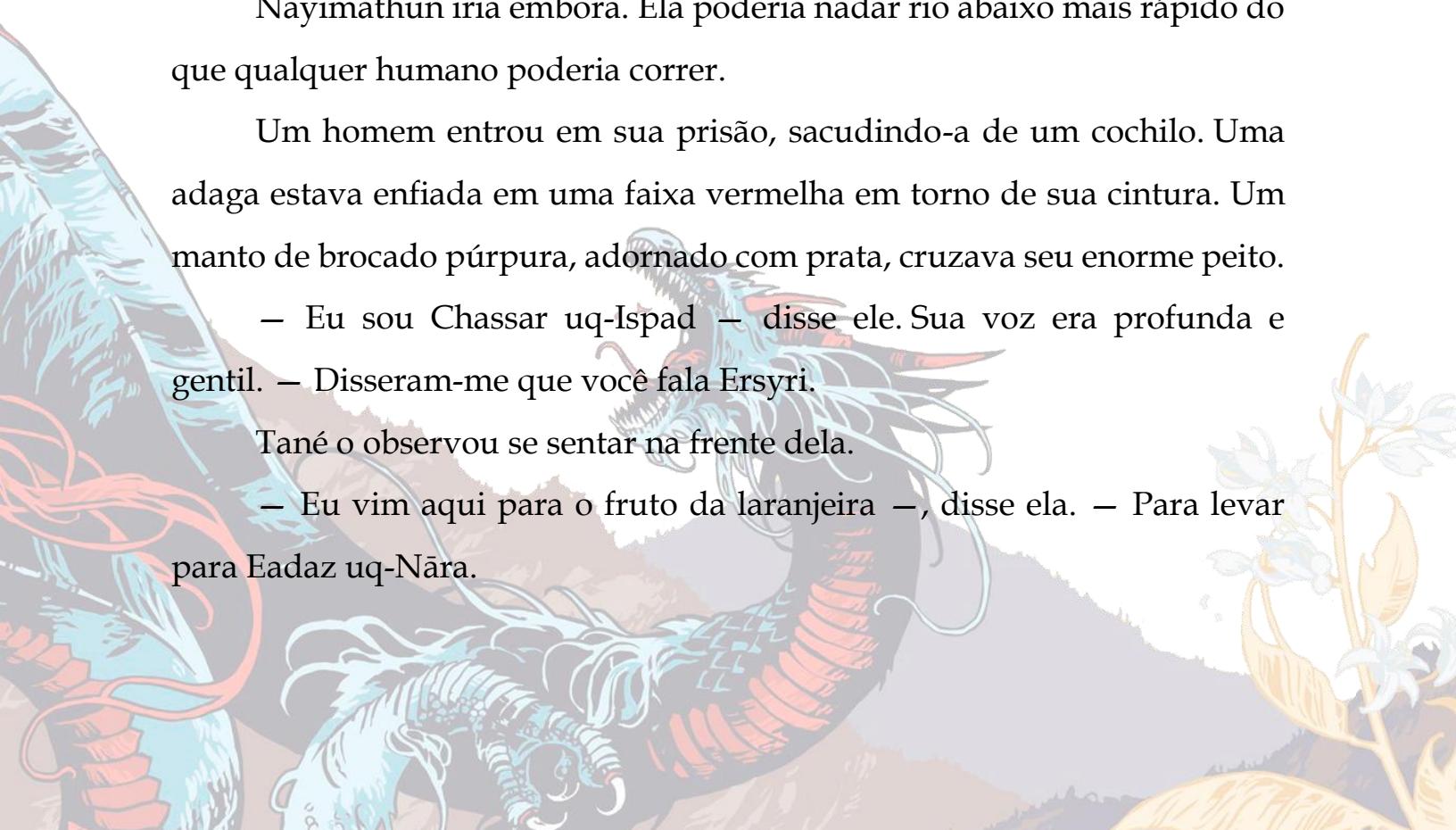
A mulher a observou.

— Você estava carregando um anel pertencente à Rainha Sabran de Inys — ela disse. — Eu gostaria de saber se ela mandou você aqui.

— Quando Tané apenas desviou o olhar, seus lábios se apertaram. — Você também carregava uma joia azul. Onde você achou isso?

Ela sabia como resistir a interrogatórios. Os piratas fariam todo tipo de coisa aos seus inimigos para sangrá-los de seus segredos. Para se preparar para o pior, todos os aprendizes tiveram que provar que podiam sofrer uma surra de um soldado sem revelar seu nome.

Tané não tinha feito nenhum som no dela.



Quando nenhuma resposta veio, a mulher mudou seu tom.

— Você e sua fera do mar feriram uma de nossas irmãs e mataram outra — disse ela. — Se você não puder justificar o seu crime, não teremos escolha a não ser executá-la. Mesmo se você não tivesse derramado nosso sangue, a associação com um wyrm é punível com a morte.

Ela não podia revelar a verdade. Elas nunca produziriam um fruto de sua árvore sagrada para um cavaleiro de dragão.

— Pelo menos me diga quem você é — a mulher disse, mais suavemente. — Salve-se, criança.

— Vou falar com o Chassar uq-Ispad — disse Tané. — Ninguém mais. Com uma pequena carranca, a mulher saiu.

Tané tentou clarear a cabeça. Da luz, não demoraria muito até o pôr do sol. Ela lutou para ficar acordada, mas se viu vagando enquanto seu corpo perseguia o resto que ela negou.

Nayimathun iria embora. Ela poderia nadar rio abaixo mais rápido do que qualquer humano poderia correr.

Um homem entrou em sua prisão, sacudindo-a de um cochilo. Uma adaga estava enfiada em uma faixa vermelha em torno de sua cintura. Um manto de brocado púrpura, adornado com prata, cruzava seu enorme peito.

— Eu sou Chassar uq-Ispad — disse ele. Sua voz era profunda e gentil. — Disseram-me que você fala Ersyri.

Tané o observou se sentar na frente dela.

— Eu vim aqui para o fruto da laranjeira —, disse ela. — Para levar para Eadaz uq-Nāra.

— Eadaz. — A surpresa saltou em seus olhos, depois a dor. — Criança, eu não sei o que você ouviu de Eadaz, ou como você sabe o nome dela, mas a fruta não pode trazer os mortos de volta.

— Ela não está morta. Envenenada, mas viva. Com a fruta, posso salvá-la.

Ele congelou como se ela o tivesse golpeado.

— Quem te contou sobre mim? — Ele perguntou com voz rouca. — Sobre o Priorado?

— Lorde Arteloth Beck.

Com isso, o Chassar uq-Ispad parecia muito cansado.

— Entendo. — Ele apertou a têmpora. — Suponho que você também pretendia levar a joia azul para Eadaz. A Prioresa tem agora e pretende executá-la.

— Por quê?

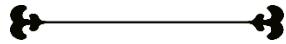
— Porque você assassinou uma irmã. E porque você cavalgou aqui nas costas de um wyrm do mar. E por último — disse Chassar —, porque matá-la permitiria que ela controlasse a joia ascendente.

— Você poderia me ajudar a escapar.

— Eadaz foi capaz de roubar a joia minguante de Mita Yedanya, a Prioresa. Ela não permitirá que sua irmã gêmea seja levada — disse Chassar pesadamente. — Eu teria que tirar a vida dela primeiro. E isso eu não posso fazer.

Tané esperou enquanto ele se sentava em silêncio.

— Eu confio que você vai pensar em alguma coisa, Embaixador uq-Ispad — ela disse —, ou Eadaz *vai* morrer. — Ele olhou para ela. — Deixe-me ir, e ela pode não viver. A escolha pertence a você.



Chassar uq-Ispad não retornou. Ele deve ter escolhido lealdade à Prioresa.

Tudo estava perdido.

Duas mulheres chegaram ao crepúsculo. Suas capas eram de brocado claro. Tané permitiu que a conduzissem por pisos de ladrilhos, por corredores que nunca deveriam ter visto a luz do sol. Em cada canto e alcova, havia figuras de bronze fundido de uma mulher segurando um orbe.

Tané sabia que precisava lutar, mas de repente se sentia fraca demais para dobrar uma folha de grama. Suas captoras a escoltaram por uma arcada, até uma saliência estreita de rocha. Uma cachoeira formava um véu à sua direita. O rugido era tão alto que ela não conseguia mais discernir seus próprios passos.

Pelo menos ela ouviria água no final. O trovão da cachoeira a lembrou de Seiiki.

— Irmãs.

Tané ergueu os olhos. O Chassar uq-Ispad caminhava na direção delas.

— A Prioresa pediu que eu interrogasse esta novamente — disse ele em Ersyri. — Não vou demorar.

As duas mulheres trocaram olhares antes de soltar Tané. Chassar esperou até que elas estivessem fora de vista, então pegou Tané pelo braço e marchou de volta ao longo da saliência.

— Não temos muito tempo — ele disse contra seu ouvido. — Faça o que você deve, então saia e não olhe para trás. Tudo o que espera por você aqui é um laço.

— Eles não saberão que você me ajudou?

— Isso não precisa ser da sua conta. — Chassar mostrou a ela uma escada esculpida na rocha. — Isso a levará ao vale. Só a árvore pode decidir se você é digna de um fruto. — Ele enfiou a mão no manto e retirou o estojo de laca. — Isso é seu. O anel de coroação e a carta ainda estão dentro. — Em seguida, ele entregou um pedaço de seda. — Leve a fruta aqui.

Com a ajuda dele, Tané o amarrou em volta do corpo.

— Como vou chegar ao Inys? — ela perguntou a ele. — Meu dragão se foi.

— Siga o rio Minara até se bifurcar e vire à direita. Esse caminho a levará para o Norte. Mandarei ajuda, mas você não deve parar. As irmãs estarão à caça no momento em que perceberem que você se foi. — Ele apertou seu ombro. — Farei o que puder para atrasá-las.

— Não posso sair daqui sem a joia ascendente — ela retrucou. — Responde apenas a mim.

Chassar parecia sério.

— Se eu conseguir pegar dela, mandarei alguém atrás de você com ela — disse ele —, mas você deve ir embora.

Ele se foi antes que ela pudesse agradecê-lo.

Não havia apoio para as mãos na escada. Ela agarrou-se à pedra à sua esquerda, observando os degraus, atenta ao posicionamento dos pés. Então a escada deu a volta ao lado do penhasco e ela a viu.

Quando Loth falou de uma laranjeira, ela a imaginou como uma das que crescem em Seiiki, pequena e despretensiosa. Esta era tão alta quanto um cedro, e o cheiro dela a deixou com água na boca. Uma irmã viva da amoreira em Komoridu.

Flores brancas salpicavam seus ramos. Suas folhas eram verdes polidas. Raízes nodosas se espalhavam em torno de seu tronco, serpenteando pelo fundo do vale como uma estampa de seda. O Minara fluía ao redor e abaixo dela.

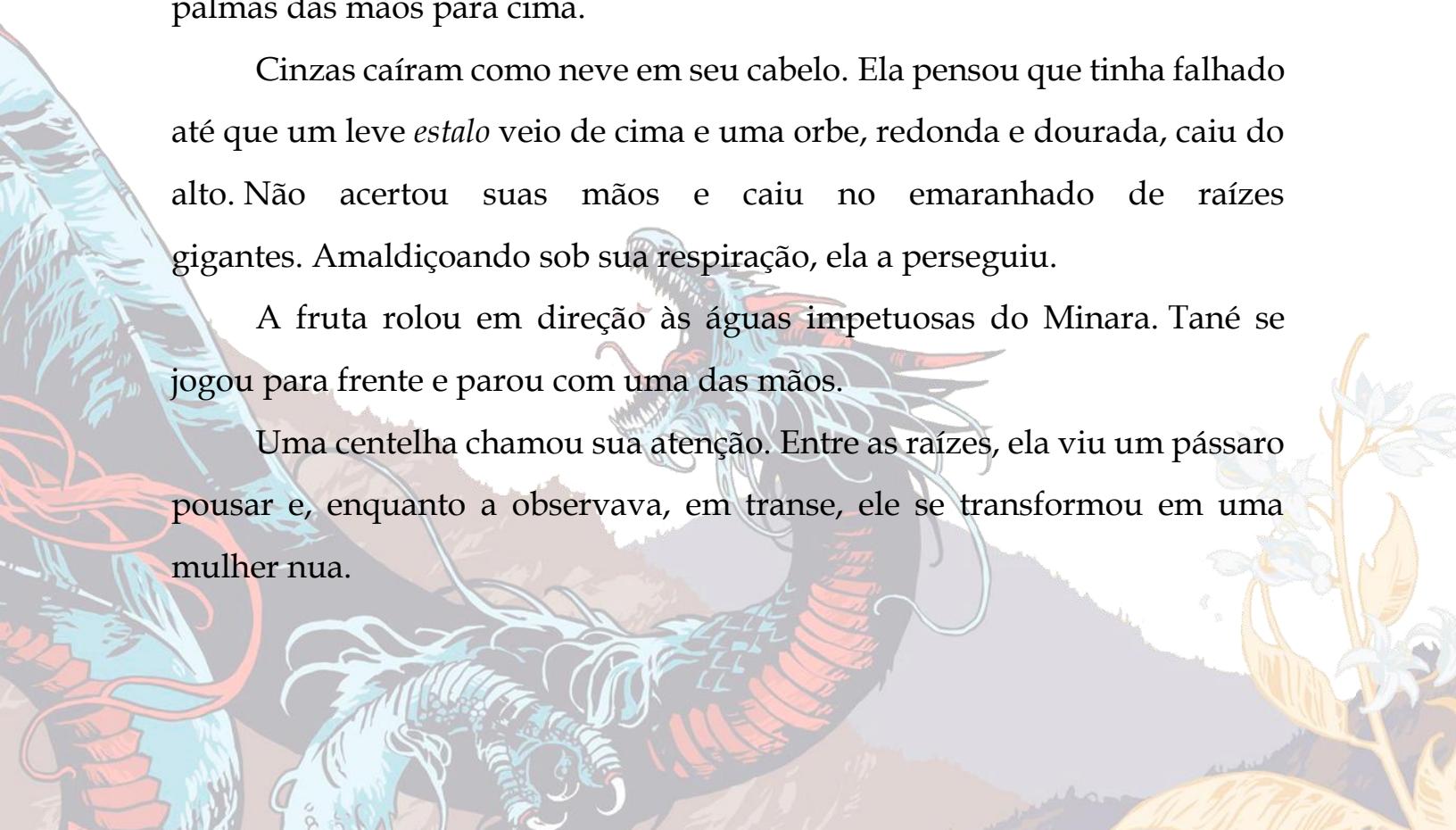
Não havia tempo para se maravilhar. Uma sombra passou voando, tão perto que bagunçou seu cabelo. Tané encostou as costas na rocha, olhando o céu, ainda como uma presa aos olhos de um caçador.

Por um longo tempo, houve silêncio. Então, saindo da noite, uma tempestade de fogo.

Seu corpo reagiu antes que sua mente pudesse. Ela se jogou para fora do caminho, mas a escada era estreita e precária, e de repente ela estava caindo, fora de controle, e os degraus eram um martelo em suas costas. Meio cega de pânico, ela lutou por algo para amortecer sua queda enquanto seu corpo rolava em direção a uma queda brusca.

Por fim, ela estendeu a mão e agarrou a escada. Ela ficou pendurada ali, sem fôlego.

Ela se imaginou no Monte Tego novamente. Acalmando seus nervos, ela se virou para ver o que tinha acontecido.



Cuspidores de fogo. Eles estavam por toda parte. Sem parar para questionar de onde eles tinham vindo, Tané ousou olhar para baixo. Ela estava mais perto do fundo do vale do que pensava, e o tempo estava se esgotando. Ela largou a escada, escorregou de costas na rocha e bateu na grama com uma força violenta.

As raízes. As raízes eram grossas e densas o suficiente para protegê-la. Enquanto ela mergulhava nelas, um cuspidor de fogo gritou e caiu no rio, tão perto de Tané que ela sentiu o jato de água com o impacto. Uma flecha com uma pena clara foi enterrada em sua garganta.

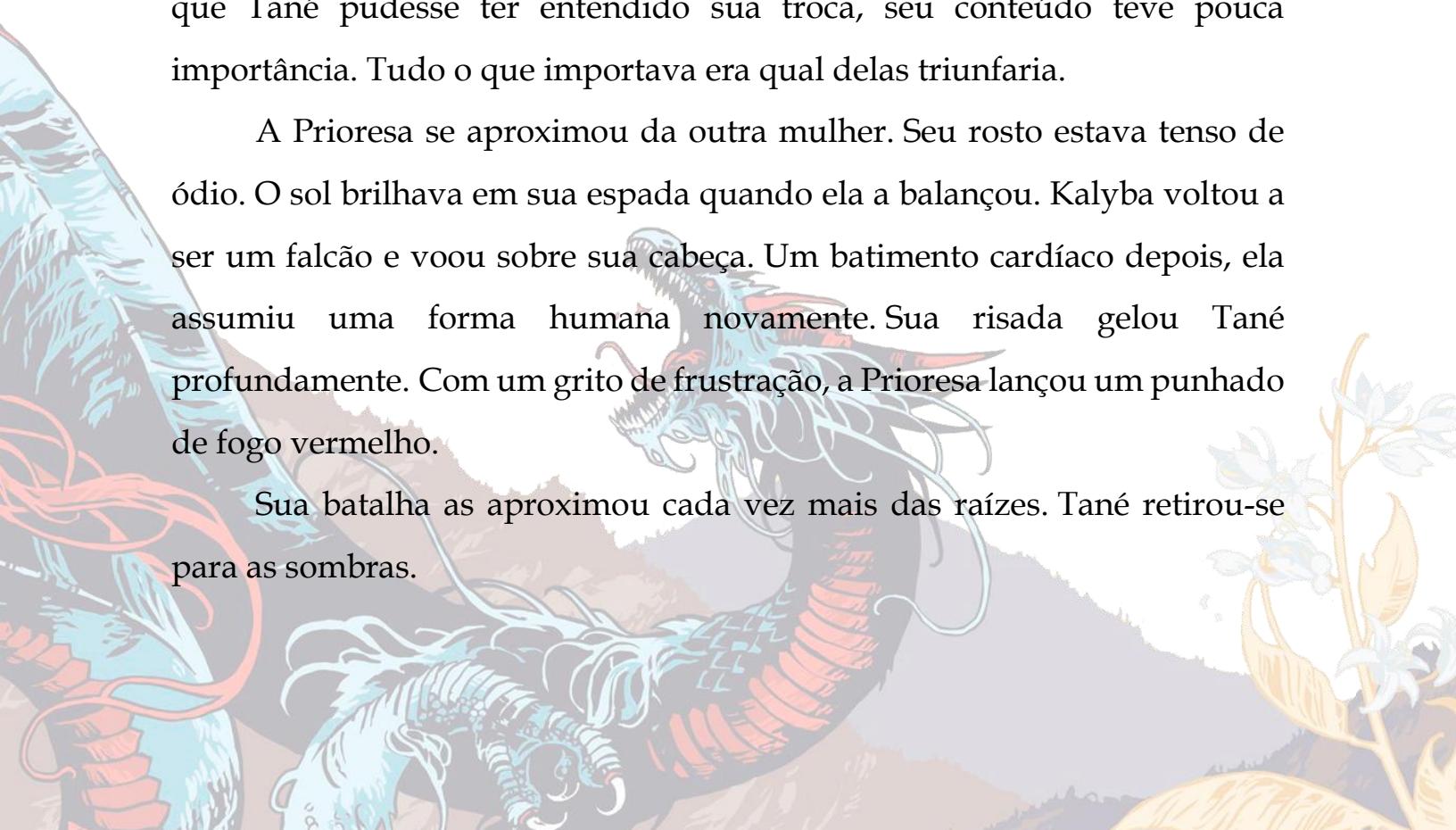
O caos estava se desenrolando no vale. As árvores ao redor já estavam pegando fogo. Tané rastejou de barriga, ficando tensa sempre que um vento quente soprava em cima. Quando ela encontrou uma abertura nas raízes, ela escalou de volta na grama e cambaleou até o pé da árvore.

De alguma forma, ela sabia o que fazer. Ela caiu de joelhos e virou as palmas das mãos para cima.

Cinzas caíram como neve em seu cabelo. Ela pensou que tinha falhado até que um leve *estalo* veio de cima e uma orbe, redonda e dourada, caiu do alto. Não acertou suas mãos e caiu no emaranhado de raízes gigantes. Amaldiçoando sob sua respiração, ela a perseguiu.

A fruta rolou em direção às águas impetuosas do Minara. Tané se jogou para frente e parou com uma das mãos.

Uma centelha chamou sua atenção. Entre as raízes, ela viu um pássaro pousar e, enquanto a observava, em transe, ele se transformou em uma mulher nua.



Penas se esticaram até o membro. O bico se tornou um par de lábios vermelhos. Cabelo de cobre derramado na parte inferior das costas finas.

Um metamorfo. Todos em Seiiki sabiam que dragões já foram capazes de mudar suas formas, mas já fazia muito tempo que ninguém tinha visto uma prova disso com seus próprios olhos.

Outra mulher estava se aproximando do vale. Uma trança escura serpenteava por cima do ombro. Ela usava um colar de ouro e uma túnica escarlate de mangas compridas, mais escura e mais ricamente bordada que as das outras mulheres. Quando um cuspidor de fogo mergulhou para ela, ela varreu sua chama de lado como se fosse uma mosca. Em torno de seu pescoço, em uma corrente, estava a joia.

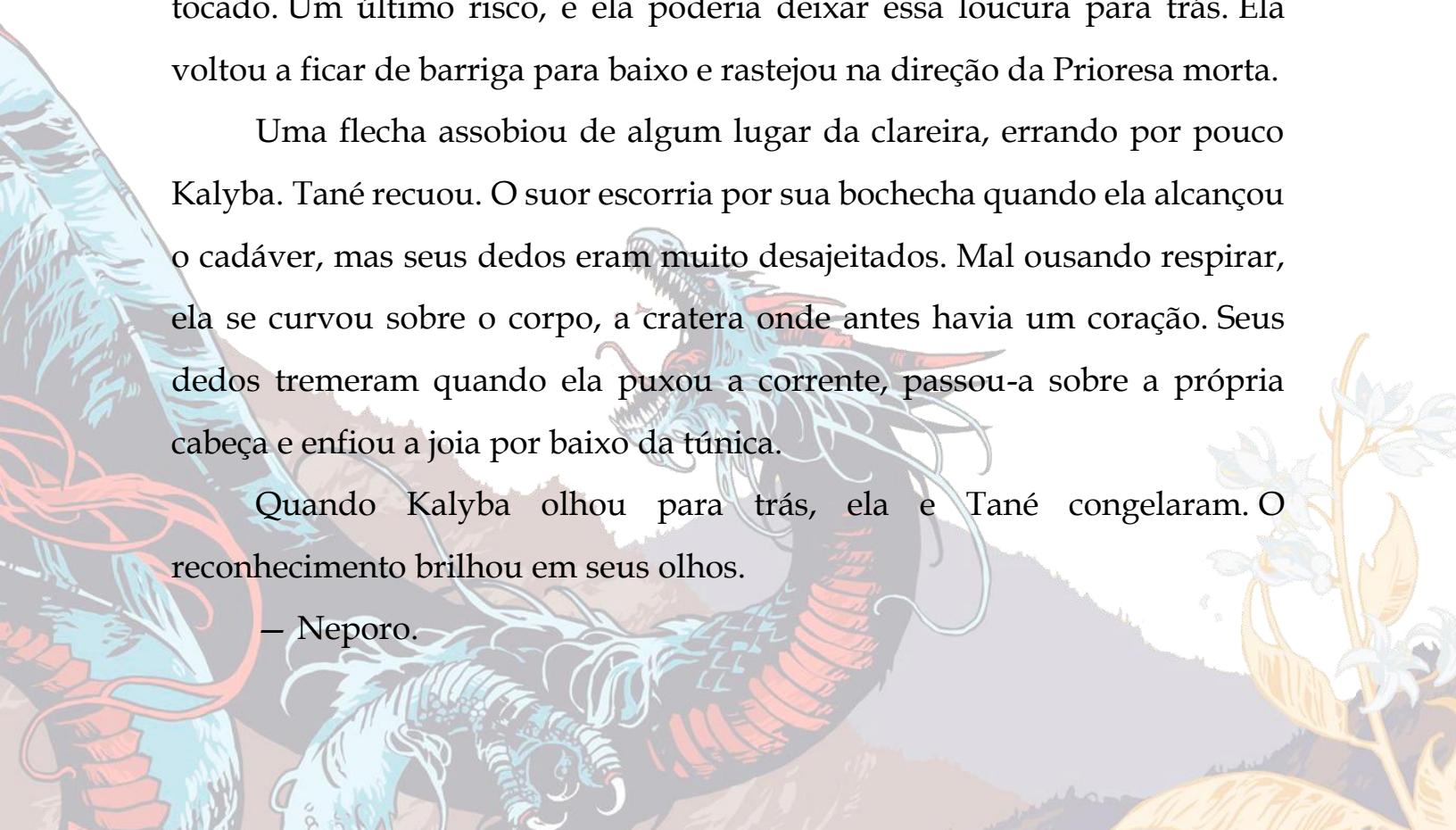
— Kalyba — disse ela.

— Mita — respondeu a ruiva.

Elas trocaram palavras por um tempo, circulando uma a outra. Mesmo que Tané pudesse ter entendido sua troca, seu conteúdo teve pouca importância. Tudo o que importava era qual delas triunfaria.

A Prioresa se aproximou da outra mulher. Seu rosto estava tenso de ódio. O sol brilhava em sua espada quando ela a balançou. Kalyba voltou a ser um falcão e voou sobre sua cabeça. Um batimento cardíaco depois, ela assumiu uma forma humana novamente. Sua risada gelou Tané profundamente. Com um grito de frustração, a Prioresa lançou um punhado de fogo vermelho.

Sua batalha as aproximou cada vez mais das raízes. Tané retirou-se para as sombras.



As mulheres lutavam com fogo e vento. Elas lutaram por uma eternidade. E quando parecia que nenhuma das duas superaria a outra, Kalyba desapareceu, como se nunca tivesse estado ali. A Prioresa estava tão perto agora que Tané podia ouvir sua respiração.

Foi então que a bruxa se levantou silenciosamente da grama alta. Ela deve ter assumido a forma de algo pequeno demais para ser visto – um inseto, talvez. A Prioresa atrasou-se um pouco.

Um som como um pé esmagando uma concha e ela dobrou os joelhos. Kalyba colocou a mão em sua cabeça, como quem consola uma criança. Mita Yedanya desabou na grama.

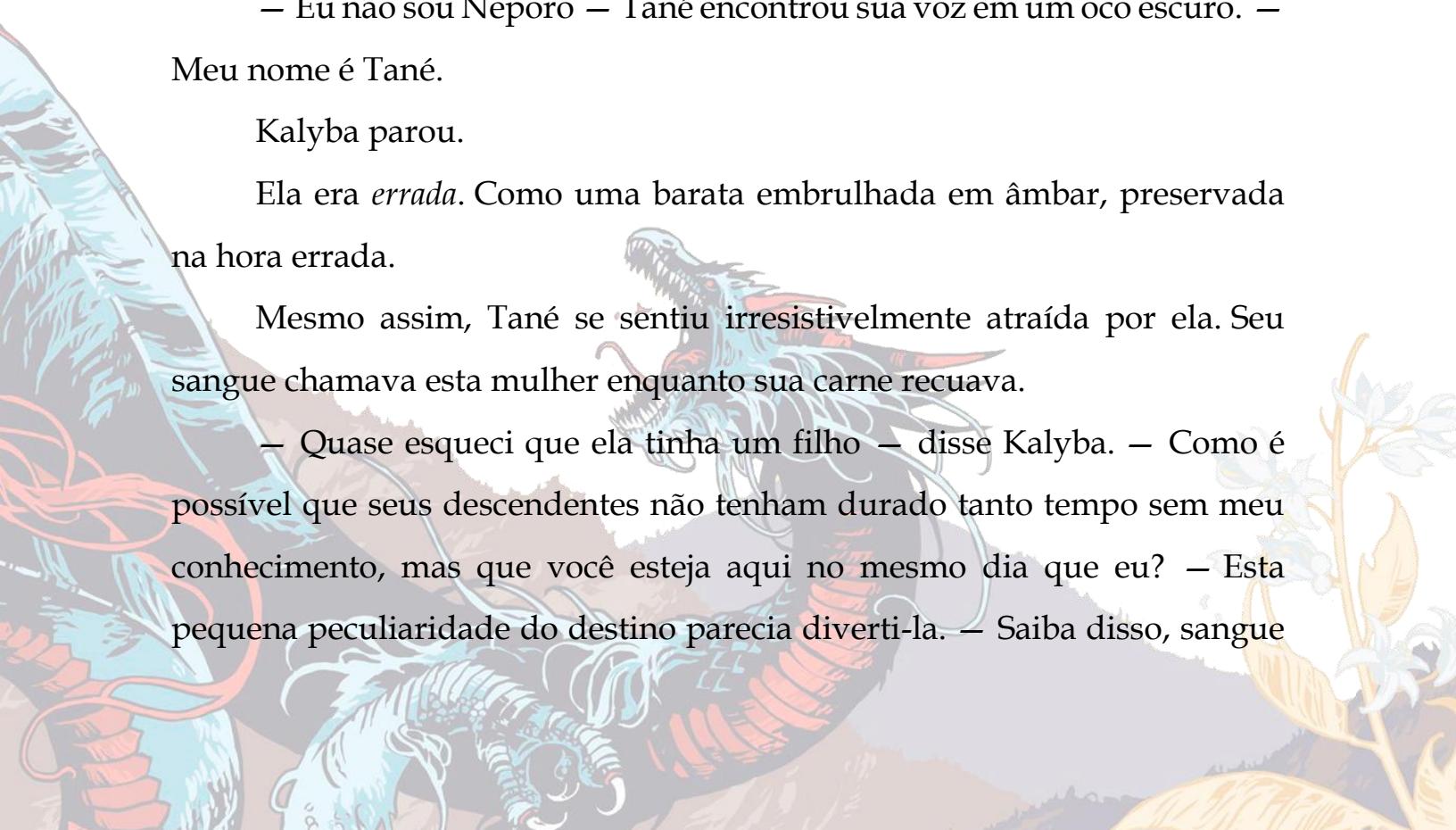
Kalyba ergueu o coração de sua inimiga. O sangue vazou de seus dedos. Quando ela falou, foi em um idioma que Tané nunca tinha ouvido. Sua voz ecoou pelo vale.

Tané tirou a mão da boca. O corpo estava perto o suficiente para ser tocado. Um último risco, e ela poderia deixar essa loucura para trás. Ela voltou a ficar de barriga para baixo e rastejou na direção da Prioresa morta.

Uma flecha assobiou de algum lugar da clareira, errando por pouco Kalyba. Tané recuou. O suor escorria por sua bochecha quando ela alcançou o cadáver, mas seus dedos eram muito desajeitados. Mal ousando respirar, ela se curvou sobre o corpo, a cratera onde antes havia um coração. Seus dedos tremeram quando ela puxou a corrente, passou-a sobre a própria cabeça e enfiou a joia por baixo da túnica.

Quando Kalyba olhou para trás, ela e Tané congelaram. O reconhecimento brilhou em seus olhos.

– Neporo.



Tané observou sua expressão piscar. Kalyba começou a rir.

— Neporo — ela exclamou. — Eu me perguntei, todos esses séculos, eu me perguntei tantas vezes se você teria sobrevivido, minha irmã. Que estranho que seja aqui que eu encontre minha resposta. — Um sorriso torceu sua boca, lindo e terrível. — Olhe para o meu trabalho. Toda esta destruição é por causa de você. E agora você se ajoelha e implora misericórdia à laranjeira.

Tané recuou, as botas deslizando na lama. Ela nunca teve medo de lutar em sua vida, mas esta mulher, esta *criatura*, fez algo soar em seu sangue como uma espada fora de uma bainha.

— Você está muito atrasada. O Inominável surgirá e nenhuma queda de estrelas o enfraquecerá. Ele lhe daria as boas-vindas, Neporo. — Kalyba caminhou em sua direção, o sangue escorrendo do coração em sua palma. — Rainha de Carne de Komoridu.

— Eu não sou Neporo — Tané encontrou sua voz em um oco escuro. — Meu nome é Tané.

Kalyba parou.

Ela era *errada*. Como uma barata embrulhada em âmbar, preservada na hora errada.

Mesmo assim, Tané se sentiu irresistivelmente atraída por ela. Seu sangue chamava esta mulher enquanto sua carne recuava.

— Quase esqueci que ela tinha um filho — disse Kalyba. — Como é possível que seus descendentes não tenham durado tanto tempo sem meu conhecimento, mas que você esteja aqui no mesmo dia que eu? — Esta pequena peculiaridade do destino parecia divertí-la. — Saiba disso, sangue

da amoreira. Sua ancestral é responsável por isso. Você nasceu de uma semente perversa.

O fluxo do rio estava mais perto agora. Kalyba observou-a aprofundar-se nas raízes.

— Você parece... muito com ela. — A bruxa suavizou sua voz. — Um fantasma dela.

Uma flecha atravessou a clareira e atingiu Kalyba na parte de trás de seu ombro, fazendo-a girar em fúria. Uma mulher com olhos dourados emergiu das cavernas, uma segunda flecha já encaixada. Ela olhou diretamente para Tané, e seu olhar era uma ordem.

Corra.

Tané vacilou. Honra disse a ela para ficar e lutar, mas o instinto puxou mais forte. Tudo o que importava agora era que ela alcançasse Inys, e que Kalyba permanecesse ignorante sobre o que ela carregava até lá.

Ela se jogou no rio, e o rio a tomou de volta em seus braços.



Por muito tempo, tudo que ela conhecia era a luta para manter a cabeça acima da água. Enquanto o rio a carregava do vale, ela cruzou um braço sobre a fruta e usou o outro para nadar. Fumaça a seguiu até a forquilha, onde ela se arrastou, pingando, da pressa, tão machucada, cansada e com os pés doloridos que ela só conseguia mentir e estremecer.

O crepúsculo se transformou em entardecer e o crepúsculo em noite sem lua.

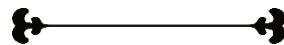
Tané se levantou, com as pernas tremendo, e caminhou.

O instinto a fez tirar a joia do estojo e iluminar seu caminho. Entre os ramos do dossel, ela encontrou a estrela certa e seguiu seu brilho. Uma vez, ela viu os olhos de um animal olhando para ela das árvores, mas manteve distância. Tudo mudou.

Em algum ponto, suas botas encontraram um caminho de terra compactada e ela caminhou até que as árvores começaram a diminuir. Quando ela estava fora da floresta, sob o céu, ela finalmente caiu.

Seu próprio cabelo era seu travesseiro. Ela respirou com o punho cerrado em sua garganta e desejou por tudo que amava estar em casa em Seiiki, onde as árvores cresciam doces.

Um *baque* de sacudir a terra a fez abrir os olhos. O vento bagunçou seu cabelo e Tané ergueu os olhos para ver um pássaro pairando sobre ela. Branco como o luar, com asas de bronze.



O palácio de Ascalon brilhou à primeira luz do nascer do sol. Um anel de torres altas na curva de um rio. Tané mancou em direção a ele, passando pelos moradores da cidade que haviam se levantado de suas camas.

O grande pássaro branco encontrou uma lacuna nas defesas costeiras e a levou para uma floresta ao norte de Ascalon. A partir daí, ela seguiu um caminho bem trilhado até o horizonte nascer uma cidade.

Os portões do palácio estavam trançados de flores. Quando ela chegou perto, uma multidão de guardas em placas de prata bloqueou seu caminho.

— Espere. — Um guarda apontou para o peito dela. — Não mais longe, senhora. Declare seu negócio aqui.

Ela levantou a cabeça para que pudesse ver seu rosto. As lanças se encolheram ainda mais enquanto os guardas a encaravam.

— Pelo Santo — um deles murmurou. — Uma Oriental.

— Quem é você? — outro perguntou a ela.

Tané tentou formar palavras, mas sua boca estava seca e suas pernas tremiam.

Franzindo a testa, o segundo homem afrouxou o aperto em sua espada.

— Leve a ordem para a Embaixadora Residente de Mentendon — disse ele à mulher ao lado dele.

Sua armadura sacudiu quando ela saiu. Os outros mantiveram suas lanças apontadas para a estranha.

Algum tempo se passou antes que outra mulher se aproximasse dos portões. Seu cabelo trançado era de um vermelho profundo, e ela usava uma roupa preta que achavava seus seios e cintura, com saias que saíam de seus quadris. A renda cobria sua pele marrom até a garganta.

— Quem é você, honrada estranha? — ela disse em um perfeito Seiikinês. — Por que você veio para Ascalon?

Tané não deu seu nome. Em vez disso, ela segurou o anel de rubi contra a luz.

— Leve-me até Dama Nurtha — disse ela.

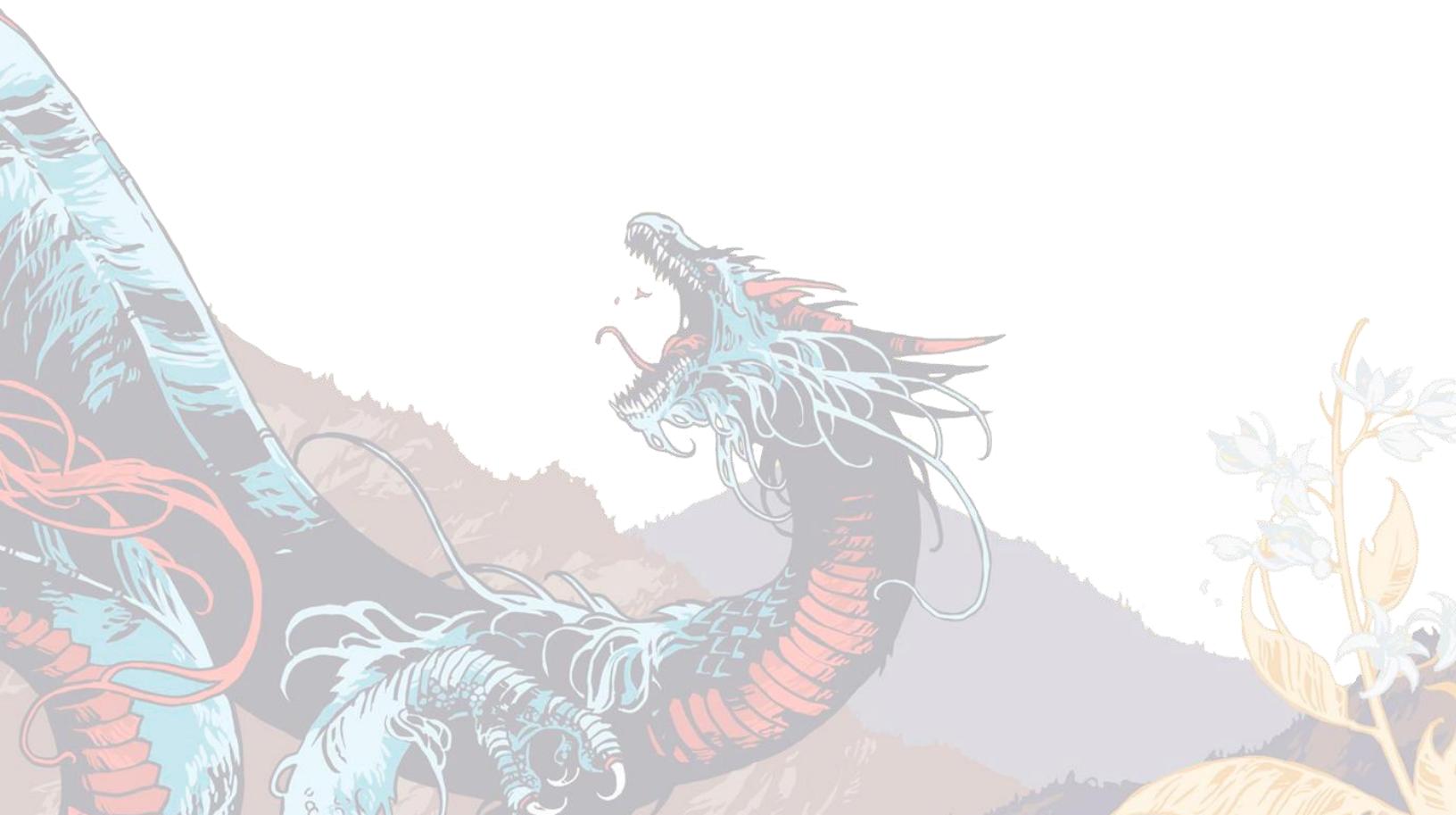
Parte vi

As Chaves Para O Abismo

Pois tudo o que cair de um lugar,
está com a maré até outra trazida:

Pois não há nada perdido, que possa ser encontrado, se procurado.

— Edmund Spenser



Capítulo 66

Oeste

Seu mundo se tornou uma noite sem estrelas. Era sono, mas não sono; uma escuridão sem limites, resolvida por uma alma. Ela tinha estado acorrentada aqui por mil anos, mas agora, finalmente, ela se mexeu.

Um sol dourado ganhou vida dentro dela. Quando o fogo se desprendeu de sua pele, ela se lembrou da mordida da irmã cruel. Ela podia ver os contornos dos rostos ao seu redor, mas seus traços não eram claros.

— Ead.

Ela se sentia como se fosse esculpida em mármore. Seus membros se agarraram à cama, como uma efígie presa para sempre ao túmulo. Nos pontos escuros de sua visão, alguém estava orando por sua alma.

Ead, volte para nós.

Ela conhecia aquela voz, o cheiro da ciclicidade, mas seus lábios eram de pedra e não se separavam.

Ead.

Novo calor disparou profundamente em seus ossos, queimando os limites que os aprisionavam. O cálice que a rodeava rachou e, por fim, o calor abriu sua garganta.

— Meg —, ela sussurrou, — eu acredito que esta é a segunda vez que eu encontro você cuidando de mim.

Uma risada sufocada.

— Então você deve parar de me dar motivo para cuidar de você, sua tola. — Margret a envolveu nos braços. — Oh, Ead, eu temia que essa fruta miserável não funcionasse... — Ela se virou para seus servos. — Avise imediatamente a Sua Majestade que Dama Nurtha está acordada. Doutor Bourn também.

— Sua Majestade está no conselho, Dama Margret.
— Garanto-lhe que Sua Majestade vai caçar vocês se ela não for informada. Vá agora.

Fruta miserável. Ead percebeu o que Margret havia dito e olhou por cima do ombro. Na mesa de cabeceira havia uma laranja com uma mordida tirada dela. A doçura da embriaguez perturbou seus sentidos.

— Meg. — Sua garganta estava tão seca. — Meg, diga-me que você não foi para o Priorado por minha causa.

— Não sou tola o suficiente para pensar que poderia lutar para abrir caminho através de uma casa de matadores de dragões. — Margret beijou o topo de sua cabeça. — Você pode não acreditar no Santo, mas um poder superior deve cuidar de você, Eadaz uq-Nâra.

— De fato. O poder superior de Dama Margret Beck. — Ead agarrou a mão dela. — Quem trouxe a fruta?

— Esse —, disse Margret, — é um conto maravilhoso. E eu direi a você assim que você tiver tomado algum caldo.

— Existe algo que você acha que essa coisa suja não cure?

— Úlcera. Caso contrário, não.

Foi Tallys quem trouxe o caldo para a cama. Ao ver Ead, ela começou a chorar.

— Oh, Senhora Duryan — ela soluçou. — Eu pensei que você fosse morrer, minha senhora.

— Ainda não, Tallys, apesar dos esforços em contrário. — Ead sorriu. — Que bom ver você de novo.

Tallys fez várias reverências antes de se retirar. Margret fechou a porta atrás dela.

— Agora —, disse Ead a Margret — estou tomando meu caldo. Conte-me tudo.

— Mais três colheradas, por favor.

Ead fez uma careta e obedeceu. Quando ela o forçou a descer, Margret cumpriu sua palavra.

Ela contou como Loth se ofereceu para ser o embaixador Inysh no Leste, e como ele atravessou o Abismo para fazer a proposta ao Imperador Incessante. Como semanas se passaram. Como wyverns queimaram as plantações. Como uma garota Seiikinense tropeçou para o palácio com as mãos ensanguentadas, carregando uma fruta dourada e o anel de coroação Inysh, que Loth possuía pela última vez.

— E isso não era tudo que ela carregava. — Margret olhou para a porta. — Ead, ela tem a outra joia. A joia ascendente.

Ead quase deixou cair a xícara.

— Não pode ser — disse ela com voz rouca. — Está no Leste.

— Não mais.

— Deixe-me ver. — Ela tentou se sentar, os braços tremendo com o esforço. — Deixe-me ver a joia.

— Chega disso. — Margret a jogou de volta nos travesseiros. — Você tomou pouco além de gotas de mel por semanas.

— Diga-me *exatamente* como ela a encontrou.

— Quem dera eu soubesse. Assim que ela me entregou a fruta, ela caiu exausta.

— Quem sabe que ela está aqui?

— Eu, Doutor Bourn, e alguns dos Cavaleiros do Corpo. Tharian temia que, se alguém visse uma Oriental no palácio de Ascalon, arrastaria a pobre criança para a fogueira.

— Eu entendo sua cautela —, disse Ead — mas Meg, devo falar com ela.

— Você pode falar com quem quiser, uma vez que eu esteja certa de que você não vai cair de cara ao fazer isso.

Ead franziu os lábios e bebeu.

— Querida Meg — disse ela, mais baixo, e tocou sua mão. — Eu perdi seu casamento?

— Claro que não. Atrasei por você. — Margret pegou de volta a xícara. — Eu não tinha ideia de como seria cansativo. Mamãe quer que eu use branco agora. Quem no mundo usa *branco* no dia do casamento?

Ead estava prestes a comentar que ela ficaria muito bem de branco quando a porta se abriu, e então Sabran estava no quarto, vestida de seda carmesim, o peito arfando.

Margret se levantou.

— Cuidarei para que o Doutor Bourn também receba minha mensagem — disse ela, com um leve sorriso.

Ela fechou a porta suavemente atrás dela.

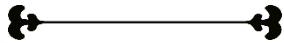
Por um longo tempo, nenhuma delas falou. Então Ead estendeu a mão e Sabran veio até a cama e a abraçou, respirando como se ela tivesse corrido por léguas. Ead a abraçou.

— Maldita seja, Eadaz uq-Nāra.

Ead soltou sua respiração, meio suspiro e meio riso.

— Quantas vezes nos amaldiçoamos agora?

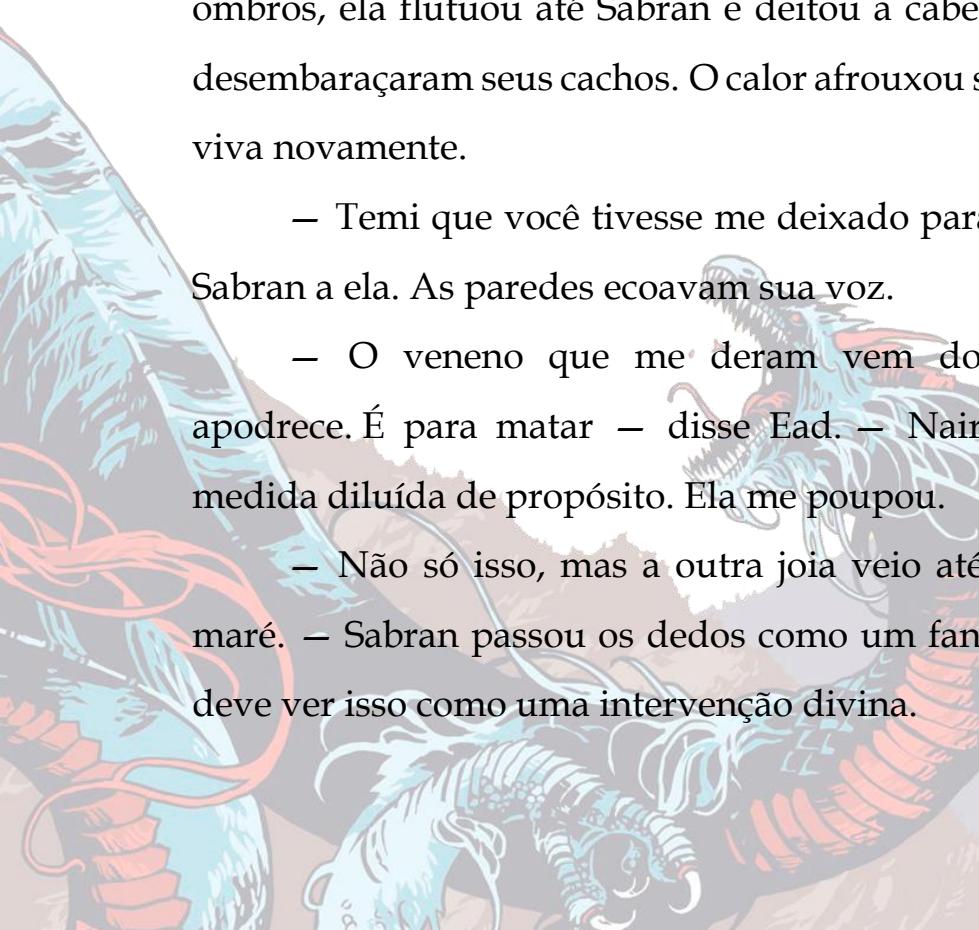
— Não o suficiente.



Sabran permaneceu ao seu lado até que um Tharian Lintley de aparência atormentada veio para levá-la de volta à Câmara do Conselho. Os Duques Espirituais estavam debruçados sobre a carta de Loth, e sua presença era necessária.

Ao meio-dia, Margret deixou Aralaq entrar no quarto. Ele lambeu o rosto de Ead até ficar em carne viva, disse a ela que ela nunca deveria pisar em dardos venenosos (Sim, Aralaq, como se ela nunca tivesse pensado nisso antes.) e passou o resto do dia enrolado nela como uma colcha de pele.

Sabran havia insistido que o Médico Real a examinasse antes que ela se levantasse, mas ao pôr do sol Ead ansiava por esticar seus membros. Quando o Doutor Bourn finalmente apareceu, ele julgou sabiamente que ela estava bem o suficiente para ficar de pé. Ela tirou as pernas de baixo de Aralaq, que havia cochilado, e deu um beijo entre suas orelhas. Seu nariz se contraiu.



Amanhã, ela faria uma visita a estranha.

Esta noite era para Sabran.

O quarto mais alto da Torre da Rainha era ocupado por uma imensa banheira submersa. A água era tirada de uma fonte e aquecida no fogão na Cozinha Privada para que a rainha pudesse tomar banhos quentes o ano todo.

Uma vela acesa era a única luz. O resto da câmara era vapor e sombra. Através de suas grandes janelas, Ead podia ver as estrelas cintilantes acima de Ascalon.

Sabran estava sentada na beira da banheira com uma anáqua e o cabelo enfeitado com pérolas. Ead tirou o roupão e entrou na água fumegante. Ela saboreou o calor enquanto servia de um pote de creme, ensaboava entre as palmas das mãos e penteava o cabelo.

Ela mergulhou a cabeça e lavou a espuma doce. Submersa até os ombros, ela flutuou até Sabran e deitou a cabeça em seu colo. Dedos frios desembaraçaram seus cachos. O calor afrouxou seus membros, a fez se sentir viva novamente.

— Temi que você tivesse me deixado para sempre desta vez — disse Sabran a ela. As paredes ecoavam sua voz.

— O veneno que me deram vem do fruto da árvore quando apodrece. É para matar — disse Ead. — Nairuj deve ter me dado uma medida diluída de propósito. Ela me poupou.

— Não só isso, mas a outra joia veio até nós. Como se trazida pela maré. — Sabran passou os dedos como um fantasma na água. — Até você deve ver isso como uma intervenção divina.



— Possivelmente. Vou falar com nossa convidada Seiikinense pela manhã. — Ead deslizou para trás e deixou seu cabelo espalhar-se pela superfície da água. — Loth está bem?

— Aparentemente sim. Ele teve ainda mais aventuras, desta vez envolvendo piratas — disse Sabran secamente. — Mas sim. O Imperador Incessante pediu que ele permanecesse na Cidade das Mil Flores. Ele diz que está ilesa.

Sem dúvida Loth seria mantido lá até que Sabran pagasse o que ela havia prometido. Um arranjo bastante comum. Ele iria administrar; ele navegou em cortes muito mais tortuosas.

— Portanto, a última resistência da humanidade ocorrerá entre e entre os dois lados do mundo — murmurou Sabran. — Não vamos durar muito no Abismo. Não em navios de madeira. O Lorde Almirante me garantiu que existem maneiras de proteger nossos navios das chamas, e teremos bastante água para apagar os incêndios, mas não posso pensar que esses métodos vão comprar mais do que minutos. — Sabran encontrou seu olhar. — Você acha que a bruxa virá?

Era quase uma certeza.

— Aposto que ela tentará acabar com sua vida com a Espada Verdadeira. A espada que Galian reverenciava será usada para acabar com sua linhagem. A linhagem *deles* — disse Ead. — Ela iria saborear a poesia disso.

— Que ancestral amorosa eu tenho — disse Sabran calmamente.

— Você aceita o que eu te disse, então. — Ead estudou seu rosto. — Que você tem sangue de mago em você.

— Aceitei muitas coisas.

Ead viu em seus olhos que era a verdade. Havia uma resolução nova e fria sobre eles.

Foi um ano de duras realidades. As paredes que elas construíram para proteger suas crenças desmoronaram a seus pés, e Sabran viu sua fé começar a se deteriorar com elas.

— Passei minha vida acreditando que no meu sangue estava o poder de manter um monstro acorrentado. Agora devo enfrentar sabendo o contrário. — Sabran fechou os olhos. — Tenho medo do que esse dia trará. Tenho medo de não vermos as primeiras luzes do verão.

Ead caminhou até ela e emoldurou seu rosto entre as mãos.

— Não temos nada a temer — disse ela, com mais convicção do que sentia. — O Inominável foi derrotado antes. Ele pode ser derrotado novamente.

Sabran acenou com a cabeça.

— Eu rezo que sim.

Sua anágua encharcou a água. Ead sentiu cada membro ficar sem ossos quando Sabran a puxou para fora da banheira, sorrindo.

Seus lábios se juntaram na escuridão. Ead puxou Sabran para si, e Sabran beijou as gotas de sua pele. Elas se separaram duas vezes, e Ead sabia, como ela sempre soube, que logo seriam divididas novamente, seja pela guerra ou pelo destino.

Ela deslizou as mãos por baixo do cetim da anágua. Quando suas palmas encontraram carne em chamas, ela recuou.

— Sabran —, disse ela — você está pegando fogo.

Ela pensara que era o calor do banho, mas Sabran era uma lasca de gravetos.

— Não é nada, Ead, de verdade. — Sabran passou o polegar pela bochecha. — O Doutor Bourn diz que a inflamação vai piorar de vez em quando.

— Então você precisa descansar.
— Eu dificilmente posso ir para a minha cama em um momento como este.

— Você pode ir para sua cama ou seu esquife. A escolha é sua.

Fazendo uma careta, Sabran se sentou.

— Muito bem. Mas você não deve brincar de babá. — Ela observou Ead se levantar e se secar. — Você deve falar com a Oriental amanhã. Tudo depende de podermos conviver em paz.

Ead vestiu sua camisola.

— Não faço promessas — disse ela.



Em seus anos de estudo na Casa Sul, Tané aprendera apenas o que era considerado os fatos necessários sobre o Reino de Inys. Ela havia aprendido sobre sua monarquia e sua religião das Seis Virtudes. Ela sabia que sua capital se chamava Ascalon, e que eles tinham a maior e mais bem armada marinha do mundo. Agora ela também sabia que eles viviam na umidade e no frio, mantinham ídolos em seus quartos e forçavam seus doentes a beber um mingau granuloso que fazia seus dentes rangerem.

Felizmente, ninguém tentou persuadi-la esta manhã. Um criado trouxe para ela uma jarra de cerveja, fatias grossas de pão doce e um ensopado de carne marrom. Tudo isso tinha coagulado em seu estômago. Ela só tinha experimentado cerveja uma vez antes, quando Susa roubou uma caneca para ela de Orisima, e ela achou que era horrível.

Na Casa Sul, havia poucos móveis e poucas obras de arte. Ela sempre gostou dessa simplicidade; deixava espaço para pensar. Os castelos eram mais ornamentados, é claro, mas os Inysh pareciam se deleitar com as *coisas*. Com *adornos*. Até as cortinas eram coloridas. Em seguida, havia a cama, que estava tão carregada de cobertas que parecia engoli-la.

Ainda assim, era bom estar aquecida. Depois de uma viagem tão longa, tudo o que ela conseguiu fazer por um dia foi dormir.

A Embaixadora Residente de Mentendon voltou quando o sol estava alto.

— Dama Nurtha está aqui, honorável Tané — disse ela em Seiikinês. — Devo deixá-la entrar?

Finalmente.

— Sim. — Tané colocou a refeição de lado. — Eu vouvê-la.

Quando ficou sozinha, Tané cruzou as mãos sobre as cobertas. Enguias estavam se contorcendo em seu estômago. Ela queria encontrar Dama Nurtha de pé, mas os Inysh a vestiram com uma roupa de renda que a fazia parecer uma idiota. Melhor manter uma aparência de dignidade.

Uma mulher logo apareceu na porta. Suas botas de montaria não faziam nenhum som.

Tané estudou a assassina. Sua pele era lisa e marrom-dourada, e seu cabelo, que se enrolava como aparas de madeira, caía grosso e escuro sobre os ombros. Havia algo de Chassar, o homem que a salvou, nas linhas de sua mandíbula e sobrancelha, e Tané se perguntou se eles eram parentes.

— A Embaixadora Residente me disse que você fala Inysh. — Ela tinha uma cadência Sulista. — Não fazia ideia que era ensinado em Seiiki.

— Nem para todos — disse Tané. — Apenas para aqueles em treinamento para a Guarda do Mar Superior.

— Entendo. — A assassina cruzou os braços. — Eu sou Eadaz uq-Nāra. Você pode me chamar de Ead.

— Tané.

— Você não tem sobrenome.

— Já foi Miduchi uma vez.

Houve um breve silêncio.

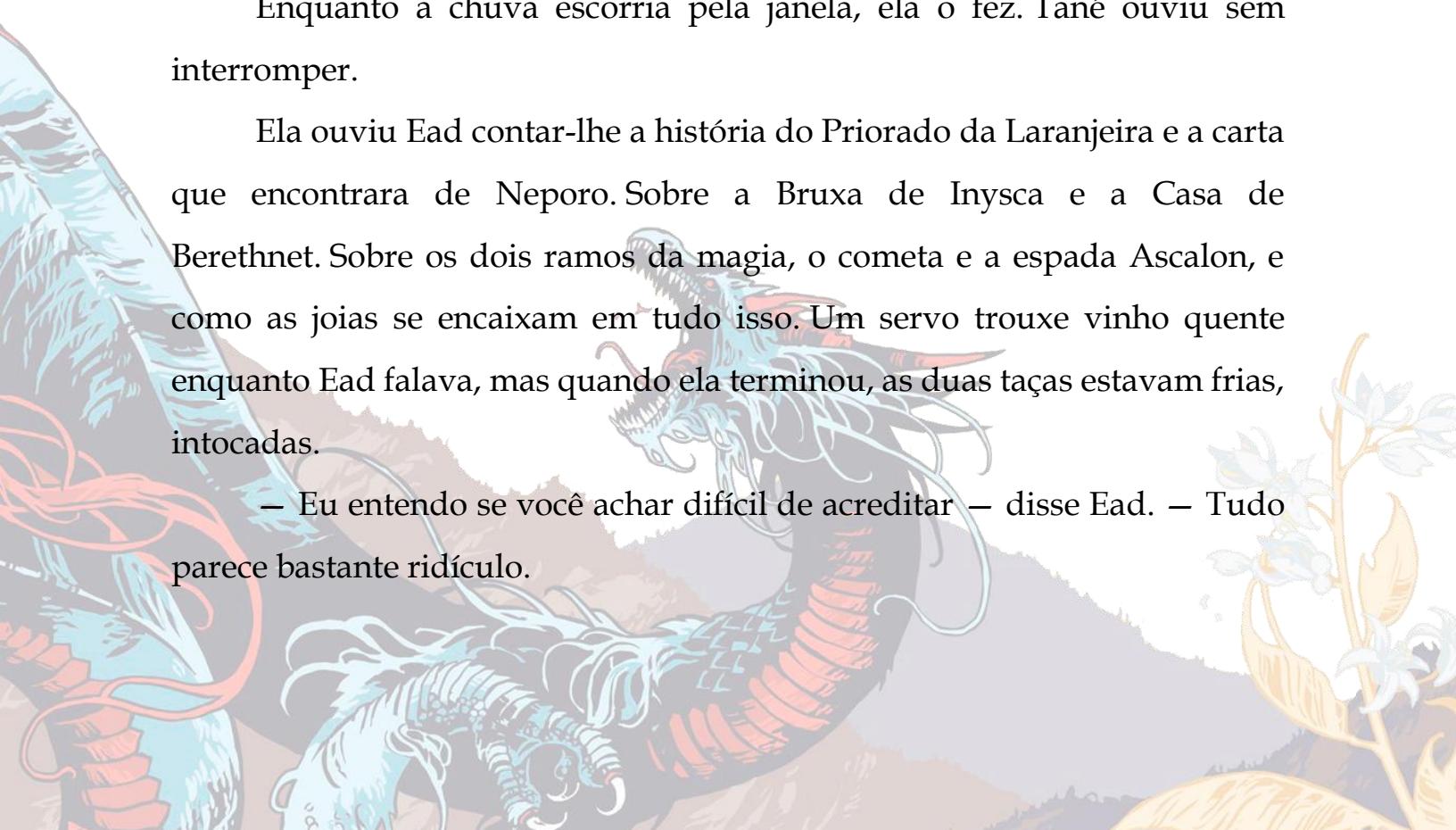
— Disseram que você fez uma jornada perigosa até o Priorado para salvar minha vida. Eu lhe agradeço por isso. — Ead foi até o assento da janela. — Eu presumo que Lorde Arteloth disse a você o que eu sou.

— Uma assassina de wyrm.

— Sim. E você é uma amante de wyrm.

— Você mataria meu dragão se ela estivesse aqui.

— Algumas semanas atrás, você estaria certa. Minhas irmãs uma vez massacraram um wyrm Oriental que achou astuto voar sobre Lasia. — Ead falou sem remorso aparente, e Tané lutou contra uma onda de ódio. — Se me permitir, gostaria de saber como começou esta jornada, Tané.



Se a assassina fosse ser civilizada, Tané também seria. Ela contou a Ead como tinha conseguido a joia ascendente, sua escaramuça com os piratas e seu breve e violento desvio para o Priorado.

Foi nesse ponto que Ead começou a andar de um lado para o outro. Duas pequenas linhas apareceram entre suas sobrancelhas.

— Então a Prioresa está morta e a bruxa do Inysca está com a laranjeira — disse ela. — Esperemos que ela busque apenas mantê-la para si mesma, e não doá-la ao Inominável.

Tané permitiu-lhe um momento.

— Quem é a bruxa do Inysca? — ela finalmente perguntou, baixinho.

Ead fechou os olhos.

— É uma longa história — ela disse. — Mas se você quiser, eu vou contar a você. Eu vou te contar tudo o que aconteceu comigo no ano passado. Depois de sua jornada, você merece a verdade.

Enquanto a chuva escorria pela janela, ela o fez. Tané ouviu sem interromper.

Ela ouviu Ead contar-lhe a história do Priorado da Laranjeira e a carta que encontrara de Neporo. Sobre a Bruxa de Inysca e a Casa de Berethnet. Sobre os dois ramos da magia, o cometa e a espada Ascalon, e como as joias se encaixam em tudo isso. Um servo trouxe vinho quente enquanto Ead falava, mas quando ela terminou, as duas taças estavam frias, intocadas.

— Eu entendo se você achar difícil de acreditar — disse Ead. — Tudo parece bastante ridículo.

— Não. — Tané soltou a respiração pelo que pareceu a primeira vez em horas. — Bem, sim, é. Mas eu acredito em você.

Ela percebeu que estava tremendo. Ead sacudiu os dedos e um fogo surgiu na lareira.

— Neporo tinha uma amoreira — disse Tané, ao mesmo tempo que percebia essa evidência de magia. — Eu posso ser sua descendente. Foi assim que ganhei a joia ascendente.

Por um tempo, Ead pareceu digerir isso.

— Esta amoreira está viva?

— Não.

Ead visivelmente apertou a mandíbula.

— Cleolind e Neporo — disse ela. — Uma maga do Sul. Uma do Oriente. Parece que a história vai se repetir.

— Eu sou como você, então. — Tané observou as chamas dançarem atrás de uma grade. — Kalyba também tinha uma árvore, e a Rainha Sabran é sua descendente. Isso nos torna feiticeiras?

— Magas — Ead corrigiu, embora ela parecesse distraída. — Ter sangue de mago não o torna um. Você deve comer da fruta para se chamar assim. Mas é por isso que a árvore lhe deu um fruto em primeiro lugar.

— Ela se abaixou no assento da janela. — Você disse que minhas irmãs acertaram seu wyrm. Nunca me ocorreu perguntar como você alcançou Inys.

— Um grande pássaro.

O olhar de Ead estalou para ela.

— Parspa — ela disse. — Chassar deve tê-la enviado.

— Sim.

— Estou surpresa por ele ter confiado em você. O Priorado não gosta de amantes de wyrm.

— Você não desprezaria os dragões Orientais se soubesse alguma coisa sobre eles. Eles não são nada parecidos com os cuspidores de fogo. — Tané a olhou fixamente. — Eu desprezo o Inominável. Seus servos derrubaram nossos deuses na Grande Tristeza, e pretendo derrubá-lo como punição por isso. Em qualquer caso — disse ela —, você não tem escolha a não ser confiar em mim.

— Eu poderia matar você. Pegar a joia.

Pela expressão em seus olhos, ela o faria. Havia uma adaga em uma bainha em seu quadril.

— E usar as duas joias você mesma? — Tané disse, destemida. — Presumo que você saiba como. — Ela tirou a caixa debaixo dos travesseiros e colocou a joia ascendente na palma da mão. — Usei a minha para guiar um navio em um mar sem vento. Usei-o para desenhar as ondas na areia. Portanto, sei que isso a esgota, lentamente no início, para que você possa suportar, como a dor de um dente podre. Então, seu sangue fica frio e seus membros ficam pesados, e você só deseja dormir por anos. — Ela a estendeu. — O fardo deve ser compartilhado.

Lentamente, Ead a pegou. Com a outra mão, ela tirou uma corrente do pescoço.

A joia minguante. Uma pequena lua, redonda e leitosa. O brilho constante de uma estrela estava dentro dela, calma onde sua gêmea estava sempre brilhando. Ead segurava uma joia em cada palma.

— As chaves do Abismo.

Tané sentiu um arrepio.

Parecia impossível que elas as tivessem unido.

— Existe um plano para derrotar o Inominável. Eu presumo que Loth te contou. — Ead devolveu a joia azul. — Você e eu usaremos essas chaves para aprisioná-lo para sempre nas profundezas.

Assim como Neporo havia mil anos atrás, com uma companheira maga ao lado dela.

— Eu deveria avisá-la — Ead disse —, que não podemos matar o Inominável sem Ascalon. Alguém deve enfiá-la em seu coração antes de usarmos as joias. Para apagar seu fogo. Minha esperança é que a Bruxa de Inysca a traga para nós e que possamos tirá-la dela. Se não, é possível que seus wyrm Orientai- dragões... serão capazes de enfraquecê-lo o suficiente para usarmos as joias sem a espada. Talvez então possamos acorrentá-lo por mais mil anos. Não gosto dessa opção, pois significa que outra geração terá que assumir este manto.

— Eu concordo — disse Tané. — Deve terminar aqui.

— Bom. Vamos praticar com as joias juntas.

Ead enfiou a mão em uma bolsa ao lado dela e retirou a fruta dourada que Tané trouxera para Inys.

— Dê uma mordida nisso — disse ela. — Siden pode ajudá-la nesta batalha. Especialmente se Kalyba vier. — Tané a observou colocá-la na mesa de cabeceira. — Faça logo. Vai apodrecer hoje.

Depois de um momento, Tané assentiu.

— Matar o Inominável pode ser o fim de nós duas — disse Ead, mais suavemente. — Você está disposta a correr esse risco?

— Morrer a serviço de um mundo melhor seria a maior honra.

Ead deu a ela um sorriso fraco.

— Eu acredito que nós nos entendemos. Sobre uma coisa, pelo menos.

Para sua surpresa, Tané se viu sorrindo de volta.

— Venha me encontrar quando se sentir mais forte — disse Ead. — Há um lago na Floresta Chesten. Podemos aprender a usar as joias. E ver quanto tempo podemos durar sem nos matar.

Com isso, ela se despediu. Tané guardou a joia ascendente, ainda brilhando, de volta ao estojo.

A fruta dourada estava brilhando. Ela a segurou nas mãos por um longo tempo antes de provar. A docura explodiu sob seus dentes e lavou sua língua. Quando ela engoliu, estava quente.

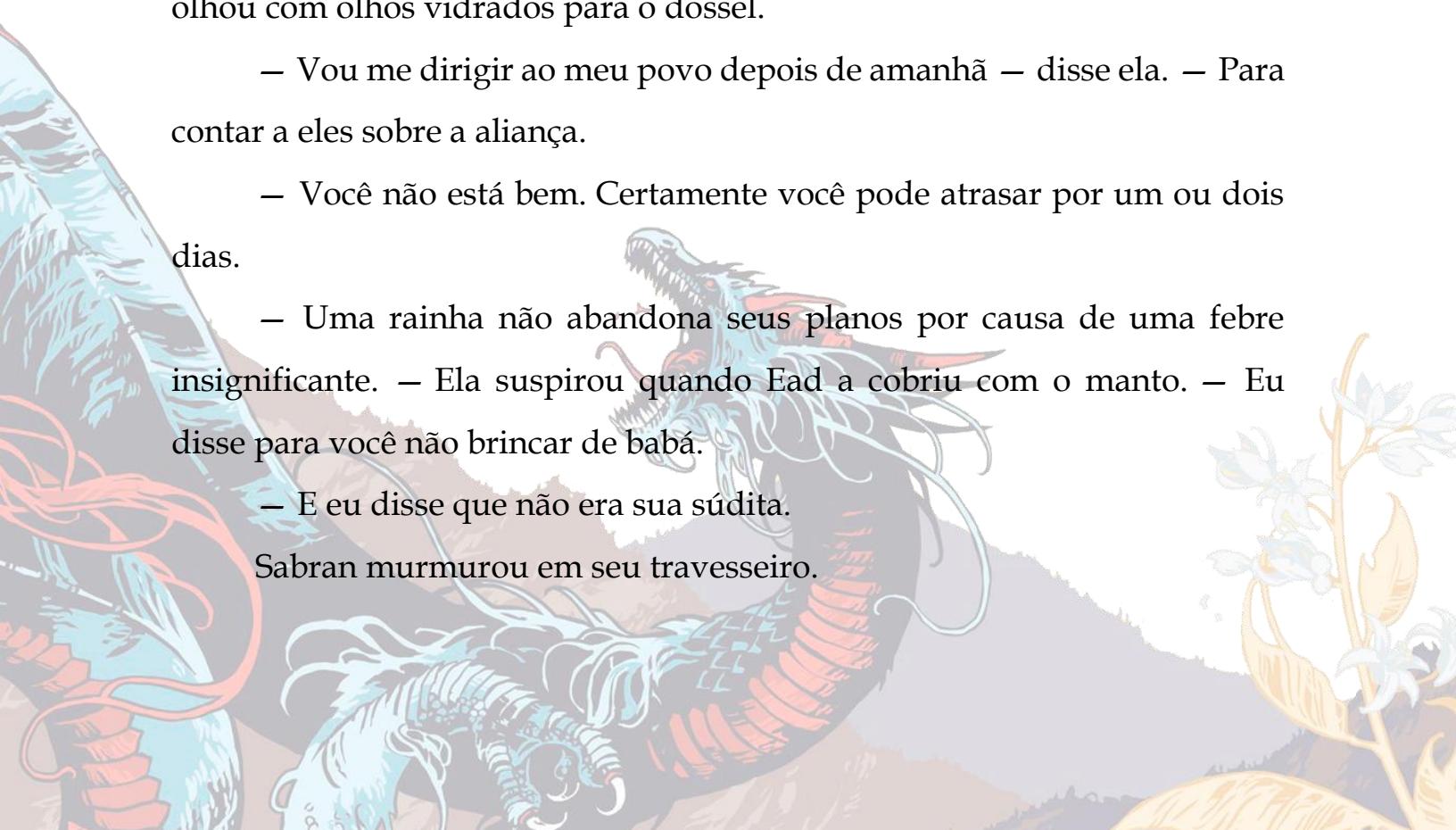
A fruta caiu no chão e ela explodiu em chamas.



No Grande Quarto de Dormir, a Rainha de Inys estava queimando. O Doutor Bourn a observara o dia todo, mas agora Ead foi para o lado dela, contra sua palavra.

Sabran dormia em meio à febre. Ead se sentou na cama e umedeceu um pano com água.

A Prioresa estava morta e o Priorado nas mãos da bruxa. O pensamento do Vale de Sangue cheio de wyrms, levados lá por uma maga, era tão amargo para Ead quanto absinto.



Pelo menos Kalyba não faria mal à laranjeira. Era a única fonte de sida que ela desejava.

Ead esfriou a testa quente de Sabran. Ela podia não lamentar por Mita Yedanya, mas lamentava por suas irmãs, que perderam sua segunda matriarca em tantos anos. Com a morte da Prioresa, elas fugiriam para outro lugar e elegeriam uma nova líder, provavelmente Nairuj, ou se submeteriam a Kalyba para que pudessem ficar perto da árvore. O que quer que elas escolhessem, Ead rezou para que Chassar estivesse seguro.

Sabran ficou imóvel ao anoitecer. Ead estava aparando os pavios das velas quando o silêncio se quebrou.

— O que a Oriental disse?

Ead olhou por cima do ombro. Sabran estava olhando para ela.

Silenciosamente, para que ninguém do lado de fora da porta pudesse escutar, Ead contou seu encontro com Tané. Quando ela terminou, Sabran olhou com olhos vidrados para o dossel.

— Vou me dirigir ao meu povo depois de amanhã — disse ela. — Para contar a eles sobre a aliança.

— Você não está bem. Certamente você pode atrasar por um ou dois dias.

— Uma rainha não abandona seus planos por causa de uma febre insignificante. — Ela suspirou quando Ead a cobriu com o manto. — Eu disse para você não brincar de babá.

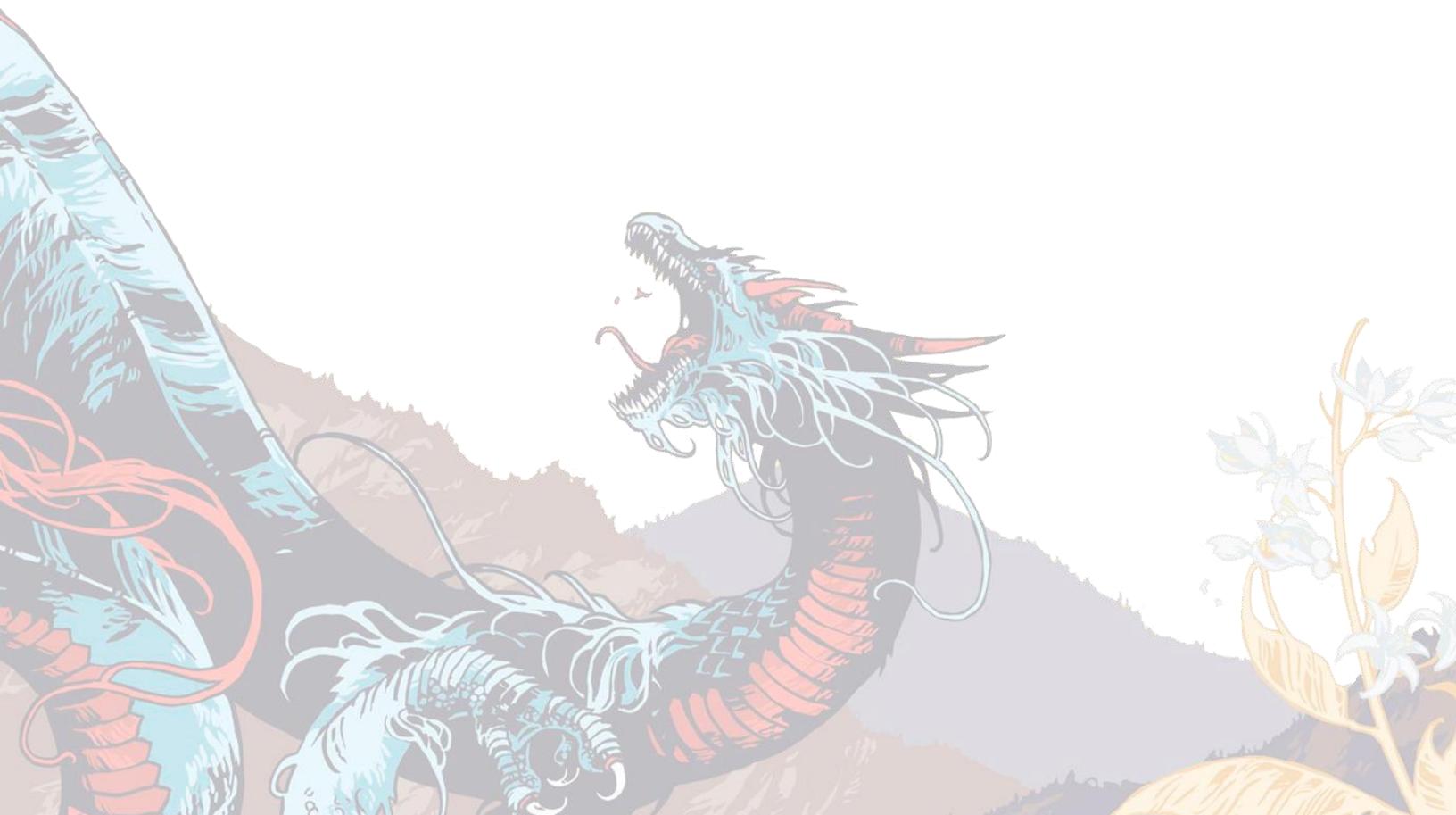
— E eu disse que não era sua súdita.

Sabran murmurou em seu travesseiro.

Quando ela voltou a dormir, Ead tirou a joia minguante. Sentiu *outra* magia e se agarrou a ela, embora sua natureza fosse o oposto da dela.

Uma batida a fez guardar a joia. Ela abriu a porta e encontrou Margret na soleira.

— Ead. — Ela parecia nervosa. — Os governantes do Sul acabaram de chegar a Summerport. O que você acha que eles querem?



Capítulo 67

Oeste

A pele úmida se movia contra a sua e uma mão acariciava seu cabelo. Essas foram as primeiras coisas que ele sentiu antes que a agonia invadisse seu sono, aguda e vingativa.

O ar queimou sua boca, cheirando a enxofre. Um gemido escapou de seus lábios.

- Jan.
- Shh, Niclays.

Ele conhecia aquela voz.

- Laya. — Ele tentou falar, mas apenas um gemido saiu.
- Oh, Niclays, graças aos deuses. — Ela pressionou um pano na testa dele quando ele choramingou. — Você deve ficar quieto.

Os eventos de Komoridu voltaram a ele em um lampejo. Ignorando seus apelos para que ele ficasse quieto, ele procurou por sua garganta. Onde havia uma segunda boca, ele podia sentir a pele macia e brilhante – a cicatriz do cautério. Ele ergueu o braço e viu que agora terminava em um coto inchado, com pontos pretos em rede. Lágrimas escorreram de seus olhos.

Ele era um anatomista. Mesmo agora, ele sabia que essa ferida quase certamente o mataria.

— Shh. — Laya acariciou seu cabelo. Suas bochechas também estavam úmidas. — Sinto muito, Niclays.

Uma pulsação nauseante encheu seu braço. Ele pegou o pedaço de couro que ela ofereceu e mordeu com toda a força para não gritar.

Um rangido tenso chamou sua atenção. Lentamente, ele percebeu que o balanço não era resultado de dor, mas do fato de que ele e Laya estavam suspensos em uma gaiola de ferro.

Se ele tinha sido dominado pelo medo antes, estava perdendo a cabeça agora. Seu primeiro pensamento foi que a Imperatriz Dourada os havia levado para terra e os deixado para morrer de fome – então ele se lembrou da última coisa que tinha ouvido antes de desmaiari. A batida de asas Dracônicas.

— Onde? — ele se forçou a dizer. O vômito ameaçou seguir suas palavras. — Laya. Onde?

Laya engoliu em seco, forte o suficiente para ele ver o movimento de sua garganta.

— Montanha do Pavor. — Ela o abraçou. — As veias vermelhas na rocha. Nenhuma outra montanha as tem.

Local de nascimento do Inominável. Niclays sabia que deveria estar se mijando de medo, mas tudo em que conseguia pensar era o quão perto estava de Brygstad.

Ele acalmou seus suspiros. As barras eram largas o suficiente para passar, mas a queda mataria os dois. Na caverna sem sol, ele podia apenas ver a massa de escamas.

Escamas vermelhas.

Não em uma besta viva. Não – pintada na parede desta caverna estava uma memória. Ele mostrava uma mulher com um elmo de guerra Lassiano enfrentando o Inominável, a espada perfurando seu peito.

A espada era inconfundivelmente Ascalon. E sua portadora era Cleolind Onjenyu, Princesa do Domínio de Lasia.

Tantas mentiras.

Escamas vermelhas. Asas vermelhas. A imensidão da besta cobria a maior parte da parede. Delirando, Niclays começou a contar suas escamas enquanto Laya enxugava a testa. Qualquer coisa para distraí-lo da agonia. Ele as contara duas vezes antes de cair no sono e sonhar com espadas e sangue e um cadáver ruivo. Quando Laya ficou rígida contra ele, ele abriu os olhos.

Uma mulher apareceu na gaiola, toda vestida de branco. Foi quando ele soube que estava delirando.

– Sabran – ele engasgou.

Um sonho febril. Sabran Berethnet estava parada na frente dele, o cabelo preto contra a pele de cera. A suposta beleza que sempre o arrepiava, como se ele tivesse enfiado o pé no gelo.

Seu rosto se aproximou. Aqueles olhos, o verde cremoso do jade.

– Olá, Niclays – disse ela. – Meu nome é Kalyba.

Ele não conseguia nem convocar um grasnido. Seu corpo era uma coisa sem nervos, imóvel e frio.

– Suponho que você deve estar confuso. – Seus lábios estavam vermelhos como maçãs. – Lamento ter trazido você tão longe, mas você estava muito perto de morrer. Acho a perda de vidas desagradáveis. – Ela

colocou uma mão glacial em sua cabeça. — Deixe-me explicar. Eu sou do Primeiro Sangue, como Neporo, cuja história você leu em Komoridu. Eu comi da laranjeira quando Inys não tinha rainha.

Mesmo que Niclays pudesse falar mais do que choramingos, ele não saberia o que dizer na presença desse ser. Laya o segurou com mais força, estremecendo.

— Suponho que você saiba onde está. Imagino que te assuste, mas este é um lugar seguro. Eu estive preparando, você vê. Para a primavera.

— Kalyba tirou uma mecha de cabelo dos olhos. — O Inominável veio aqui depois que Cleolind o feriu. Ele me pediu para encontrar um artista para pintar a história, para mostrar como foi naquele dia em Lasia. Para que ele sempre se lembre.

Niclays poderia ter pensado que ela estava louca, se ele também não se sentisse louco. Tudo isso tinha que ser um pesadelo.

— A imortalidade é meu presente — sussurrou Kalyba. — Ao contrário do Neporo, aprendi a partilhar. Até mesmo restaurar os mortos à vida.

Jannart.

Seu hálito era o frio do alto inverno. Niclays olhou para ela, hipnotizado por seus olhos.

— Eu sei que você é um alquimista. Deixe-me compartilhar o presente com você. Mostrar-lhe como desfazer as costuras da idade. Eu poderia te ensinar como construir um homem com as cinzas de seus ossos.

Seu rosto começou a mudar. O verde em seus olhos se transformou em cinza e seu cabelo ficou vermelho como sangue.

— Tudo que eu preciso — disse Jannart. — É um pequeno favor em troca.



Era a primeira vez em muitas décadas que a Casa de Berethnet recebia os governantes do Sul. Ead estava à direita de Sabran, observando-os.

Jantar Taumargam, que era chamado de Esplêndido, era tão marcante quanto seu epíteto indicava. Ele não era imponente no sentido físico; ele tinha ossos finos, era magro como uma pena, quase delicado à primeira vista, mas seus olhos eram como masmorras. Uma vez que ele tinha você em seu campo de visão, você era dele até que ele o deixasse ir. Ele usava uma túnica safira de brocado com gola alta, fechada com um cinto de ouro. Sua rainha, Saiyma, já estava a caminho de Brygstad.

Ao lado dele estava o Alto Governante de Lasia.

Aos vinte e cinco anos, Kagudo Onjenyu era a monarca mais jovem do mundo conhecido, mas sua postura deixava claro que aqueles que a considerassem levianamente pagariam um alto preço. Sua pele era de um marrom profundo. Conchas rodeavam seu pescoço e pulsos, e cada um de seus dedos brilhava com ouro. Um xale de seda do mar, tricotado no estilo Kumenga, envovia seus ombros. Quatro irmãs do Priorado foram designadas para defendê-la desde o dia em que ela nasceu.

Não que Kagudo precisasse de muita defesa. Dizia-se que ela era uma guerreira tão grande quanto Cleolind.

— Como você sabe, o exército terrestre Mentish é pequeno — Sabran estava dizendo. — Os casacos-lobo de Hrót serão de grande ajuda, assim como sua marinha do meu lado nesta batalha, mas mais soldados são necessários. — Ela fez uma pausa para respirar. Combe lançou-lhe um olhar preocupado. — Vocês dois têm soldados e armas à sua disposição, fortes o suficiente para danificar os exércitos de Sigoso.

Havia círculos escuros sob seus olhos. Ela insistiu em se levantar para saudar os governantes do Sul, mas Ead sabia que sua pele ainda estava em chamas.

Tané estava acamada com sua própria febre. Ela havia comido da fruta. Sabran queria que a Oriental estivesse presente, mas era melhor que ela dormisse. Ela precisaria de sua força para a tarefa à frente.

— Ersyr não condiz com conflito — disse Jantar. — O Cantor do Amanhecer falou contra a guerra. Mas se os rumores que se espalham por meu país forem verdadeiros, parece que não temos escolha a não ser pegar em armas.

Os monarcas do Sul chegaram com a cobertura da noite. Em seguida, eles se juntariam a Saiyma em Brygstad para conferenciar com a Alta Princesa Ermuna. Era muito arriscado discutir estratégia por carta.

Nenhum dos governantes usava suas coroas. Nesta mesa, eles se enfrentavam como iguais.

— Cársaro nunca foi tomada — comentou Kagudo. Havia uma riqueza em sua voz que fez com que todos se sentassem um pouco mais eretos. — Vetalda a construiu nas montanhas por um bom motivo. Uma abordagem através da planície vulcânica seria uma loucura.

— Concordo. — Jantar se inclinou para a frente para estudar o mapa. — Spindles está cheio de wyrms. — Ele bateu com o dedo. — Yscalín tem defesas naturais em todos os lados, exceto uma. Sua fronteira com Lasia.

Kagudo olhava para o mapa sem mudar sua expressão.

— Lorde Arteloth Beck estava no Palácio da Salvação no verão — disse Sabran. — Ele descobriu que o povo de Cársaro não é um servo voluntário do Inominável. Se pudermos remover o Rei Sigoso, Cársaro cairá de dentro, talvez sem sangue. — Ela apontou para a cidade no mapa. — Há uma passagem de cerco que passa por baixo do palácio. Donmata Marosa é aparentemente uma aliada e pode ser capaz de ajudar de dentro. Se um pequeno grupo de soldados pudesse lutar para chegar à passagem e entrar no palácio antes do início do ataque principal, vocês poderiam acabar com o Sigoso.

— Isso não vai matar os wyrms que defendem Cársaro — disse Kagudo.

Um criado veio servir-lhes mais vinho. Ead recusou. Ela precisava de uma cabeça limpa.

— Você deveria saber, Sabran —, Kagudo continuou, — que eu não colocaria meu selo neste cerco se não fosse crucial para Lasia. Francamente, a ideia de que devemos sacrificar nossos soldados para um grande desvio enquanto você enfrenta o Inominável é questionável. Você decidiu que lutaremos contra os filhotes e você, o gato, embora ele viesse atrás de mim tão rápido quanto você.

— O desvio foi minha sugestão, Majestade — disse Ead.

Foi neste ponto que a Grande Governante de Lasia olhou para ela pela primeira vez. Ead sentiu um formigamento na nuca.

— Dama Nurtha — disse Kagudo.

— A Rainha Sabran foi quem propôs um ataque a Cársaro, mas eu sugeri que ela encontrasse o Inominável no Abismo.

— Entendo.

— Mas é claro —, disse Ead, — você é sangue e herdeira da Casa de Onjenyu, cuja terra o Inominável ameaçou antes de qualquer outra. Se você deseja vingar a crueldade dele para com seu povo, deixe um de seus generais para supervisionar o cerco de Cársaro. Junte-se a nós no mar.

— Eu ficaria grata por sua espada, Kagudo — disse Sabran. — Se você escolher minha frente de batalha.

— De fato. — Kagudo deu um gole em seu vinho. — Eu imagino que você gostaria muito da companhia de uma herege.

— Nós não os chamamos mais de hereges. Como prometi em minha carta, esses dias chegaram ao fim.

— Vejo que a Casa de Berethnet levou apenas mil anos e uma crise dessa magnitude para seguir seus próprios ensinamentos sobre cortesia.

Sabran teve a sabedoria de deixá-la refletir. Kagudo olhou por algum tempo para Ead.

— Não — ela finalmente disse. — Deixe Raunus ir com você. Ele é um marinheiro, e meu povo tem precedência sobre um antigo rancor. Eles vão querer ver sua governante no campo de batalha mais próximo de casa. Em qualquer caso, Cársaro ameaçou nosso domínio por muito tempo.

A partir daí, toda a conversa foi sobre estratégia. Ead tentou ouvir, mas sua mente estava em outro lugar. A Câmara do Conselho pareceu pressioná-la e, por fim, ela disse:

— Se Vossas Majestades me derem licença.

Todos eles pararam de falar.

— Claro, Dama Nurtha — disse Jantar, com um breve sorriso.

Sabran a observou partir. Kagudo também.

Lá fora, a noite estava chegando. Ead usou sua chave para entrar no Jardim Privado, onde se sentou no banco de pedra e agarrou sua borda.

Deve ter se passado horas que ela ficou sentada lá, perdida em pensamentos. Pela primeira vez, ela podia sentir o peso de sua responsabilidade como uma pedra em suas costas.

Tudo agora dependia de sua habilidade de usar as joias com Tané. Milhares de vidas e a própria sobrevivência da humanidade dependiam desse requisito. Não havia outro plano. Apenas a esperança de que dois fragmentos de uma lenda fossem capazes de acorrentar a Besta da Montanha. Cada momento que ele permanecesse vivo seria mais um momento de soldados morrendo no sopé de Cársaro. Cada momento seria outro navio queimado.

— Dama Nurtha.

Ead ergueu os olhos. O céu teve sua primeira luz, e Kagudo Onjenyu estava diante dela.

— Sua Majestade — ela disse, e se levantou.

— Por favor — disse Kagudo. Ela usava uma capa forrada de pele agora, presa com um broche no ombro. — Eu sei que as irmãs do Priorado não conhecem nenhuma soberana, a não ser a Mãe.

Ead deu sua reverência, no entanto. Era verdade que o Priorado não respondia a nenhum governante além de sua Prioresa, mas Kagudo era o sangue dos Onjenyu, a dinastia da Mãe.

Kagudo a olhou com aparente interesse. A Grande Governante era linda de um jeito que parava o coração por um instante. Seus olhos eram longos e estreitos, cortando para cima nos cantos, bem acima das largas maçãs do rosto. Agora que ela estava de pé, Ead podia ver o rico tecido laranja de sua saia. A armadura de um guerreiro real foi colocada sobre seu cabelo.

— Você parecia estar perdida em pensamentos — disse ela.
— Tenho muito a considerar, Majestade.
— Assim como todos nós. — Kagudo olhou de volta para a Torre de Alabastro. — Nosso conselho de guerra acabou, por enquanto. Talvez você queira caminhar comigo. Estou precisando de ar.
— Eu ficaria honrada.

Elas pegaram o caminho de cascalho que serpenteava pelo Jardim Privado. Os guardas de Kagudo, que usavam aros de ouro em seus braços e carregavam lanças de aparência mortal, caminhavam um pouco atrás deles.

— Eu sei quem você é, Eadaz uq-Nāra. — Kagudo falou em Selinyi. — Chassar uq-Ispad me contou anos atrás sobre a jovem cujo dever era proteger a Rainha de Inys.

Ead esperava que ela parecesse menos surpresa do que se sentia.

— Suspeito que você já saiba que a Prioresa está morta. Quanto ao Priorado, parece que foi ocupado por uma bruxa.

— Rezei para que não fosse verdade — disse Ead.

— Nossas orações nem sempre dão frutos — disse Kagudo. — Seu povo e o meu há muito se entendem. Cleolind de Lasia era da minha casa. Como meus ancestrais, honrei nosso relacionamento com suas servas.

— Seu apoio foi fundamental para nosso sucesso.

Kagudo parou e se virou para encará-la.

— Vou falar francamente — disse ela. — Eu pedi para você andar comigo porque eu queria que você me conhecesse. Conhecê-la pessoalmente. Afinal, em breve chegará a hora das Donzelas Vermelhas escolherem outra Prioresa.

Um peso caiu em sua barriga.

— Eu não terei voz nisso. O Priorado me considera uma traidora.

— Pode ser, mas é possível que você esteja prestes a enfrentar seu inimigo mais antigo. E se você pudesse matar o Inominável... seus crimes certamente seriam perdoados. — Se isso fosse verdade. — Mita Yedanya, ao contrário de sua antecessora, olhava para dentro. Bem, um pouco de interioridade é razoável, até mesmo necessário, mas se sua escalada para esta posição na corte Inysh é alguma indicação, Eadaz, você também olha para fora. Uma governante deve saber fazer as duas coisas.

Ead deixou essas palavras criarem raízes dentro dela. Elas poderiam nunca crescer em nada, mas aí estava a semente.

— Você nunca sonhou em ser Prioresa? — Kagudo perguntou. — Afinal, você é descendente de Siyāti uq-Nāra. A mulher que Cleolind considerou digna de sucedê-la.

Claro que ela tinha sonhado com isso. Cada menina no Priorado queria ser uma Donzela Vermelha e toda Donzela Vermelha esperava que um dia ela fosse a representante da Mãe.

— Não sei se olhar para fora me serviu bem — disse Ead calmamente. — Eu fui banida, nomeada uma bruxa. Uma de minhas próprias irmãs foi enviada para me despachar. Eu dei oito anos para proteger a Rainha Sabran, acreditando que ela poderia ser o sangue da Mãe, apenas para descobrir que ela nunca foi. — Kagudo sorriu fracamente com isso. — Você nunca acreditou nisso?

— Oh, nem por um momento. Você e eu sabemos que Cleolind Onjenyu, que estava disposta a morrer por seu povo, nunca os teria abandonado por Galian Berethnet. Você também sabia, mesmo que não tivesse provas... mas a verdade sempre vem à tona.

A Alta Governante ergueu o rosto. A lua estava desaparecendo no céu.

— Sabran me prometeu que depois de nossas batalhas, ela garantirá que o mundo saiba quem realmente derrotou o Inominável mil anos atrás. Ela restaurará a Mãe à proeminência.

A verdade abalaria Virtudom em seus alicerces. Soaria como um sino nos continentes.

— Você parece tão surpresa quanto eu — disse Kagudo, com um sorriso quase imperceptível. — Séculos de mentiras não serão desfeitos em um dia, é claro. Os filhos do passado morreram acreditando que Galian

Berethnet empunhava a espada e que Cleolind Onjenyu não era mais do que sua adorável noiva. Isso nunca pode ser desfeito, nem consertado... mas os filhos de amanhã saberão a verdade.

Ead sabia quanta dor isso causaria a Sabran. Finalmente cortar publicamente seus laços com a mulher que ela conhecia como a Donzela. A mulher cuja verdade ela nunca conheceu.

Mas ela faria isso. Porque era a coisa certa, a única coisa, a fazer.

— Eu confio no Priorado. Como sempre fiz — disse Kagudo, e colocou a mão em seu ombro. — Os deuses caminham com você, Eadaz uq-Nāra. Espero muito que nos encontremos novamente.

— Eu espero o mesmo.

Ead se curvou ao sangue dos Onjenyu. Ela ficou surpresa quando Kagudo retribuiu o gesto.

Elas se separaram nos portões do Jardim Privado. Ead pressionou suas costas contra a parede enquanto o amanhecer empalidecia no horizonte. Sua cabeça girava em torno de possibilidades novas e incertas.

Prioresa. Se ela pudesse derrotar o Inominável, a Alto Governante apoiaria qualquer reivindicação que ela fizesse para a posição. Isso não era pouca coisa. Poucas Prioresas do passado foram homenageadas com o apoio do Onjenyu.

Ela voltou com um sobressalto ao presente quando uma voz chamou seu nome. Margret corria para ela tão rápido quanto suas saias permitiam.

— Ead —, disse ela, segurando-a pelas mãos, — o rei Jantar recebeu minha carta. Ele trouxe Valor.

Ead esboçou um sorriso.

— Estou feliz com isso.

Margret franziu a testa.

— Você está bem?

— Perfeitamente.

As duas se viraram para os portões do palácio, onde cortesãos se aglomeravam para ouvir Sabran fazer seu discurso. Margret cruzou os braços.

— Eu tinha certeza de que esse dia nunca chegaria — disse ela enquanto seguiam lentamente o resto da corte. — O dia em que uma rainha Berethnet teria que anunciar que estamos mais uma vez em guerra com o Exército Dracônico.

Os portões do palácio ainda não estavam abertos. Os guardas da cidade estavam em força além deles, enquanto a corte se reunia atrás. Senhores e camponeses se enfrentavam através das grades.

— Você perguntou sobre meu casamento. Eu pretendia me casar com Tharian assim que você acordasse — disse Margret. — Mas dificilmente posso fazer isso agora, sem Loth.

— Então quando?

— Depois da batalha.

— Você consegue esperar tanto tempo?

Margret deu uma cotovelada nela.

— O Cavaleiro da Sociedade *ordena* que eu espere tanto tempo.

A multidão do lado de fora ficou maior e mais alta, chamando por sua rainha. Quando os ponteiros do relógio avançaram para as seis, Tané parou

ao lado deles. Alguém havia penteados os nós de seu cabelo e a vestido com uma camisa e calça.

Ead retornou seu aceno. Ela podia sentir o siden na Oriental agora, brilhante como uma brasa.

Sinos soaram na torre. Quando a fanfarra real começou, a multidão finalmente ficou em silêncio. O som de cascos logo o quebrou. Sabran cavalgava em um cavalo branco em bardagem completa.

Ela usava a armadura prateada do inverno. Sua capa era de veludo carmesim, disposta de forma que a espada ceremonial pudesse ser vista ao seu lado, e seus lábios estavam vermelhos como uma rosa nova. Seu cabelo estava trançado no estilo de um coque que Glorian a Terceira preferia. Os Duques Espirituais cavalgavam atrás dela, cada um carregando sua bandeira de família. Tané os observou passar com uma expressão opaca.

O cavalo de guerra parou do lado de fora dos portões. Sabran agarrou suas rédeas enquanto Aralaq saía por trás e assumia uma posição defensiva ao lado dela. Ele rosnou baixo em sua garganta. Com a cabeça erguida, a Rainha de Inys enfrentou os olhos atordoados de sua cidade.

— Meu amoroso povo de Virtudom — disse ela, e sua voz era seu poder. — O Exército Dracônico voltou.



Capítulo 68

Leste

Passaram-se séculos desde que uma frota Oriental cruzou o Abismo. Armados ao máximo com arpões, canhões giratórios e bestas de cerco, os quarenta navios estavam cobertos por grandes placas de ferro. Até mesmo suas velas eram revestidas com uma cera iridescente, feita da bile dos wyrms Seiikinenses, que tornava o tecido mais difícil de queimar. O colossal *Pérola Dançante* estava na frente, com o *Desafio*, que carregava o Senhor da Guerra de Seiiki, ao lado dele.

E ao redor, os dragões nadavam.

Loth observava um deles das cabines do *Pérola Dançante*. De vez em quando, sua cabeça rompia a superfície para que seu cavaleiro, que o montava em uma sela, pudesse respirar. A mulher usava armadura facial e um elmo com laços para proteger o pescoço. Ela poderia estar quente e seca em um navio, mas ao invés disso escolheu ficar naquela água escura com seu wyrm.

Se os dois lados do mundo pudessem se reconciliar, isso logo poderia ser uma visão comum em todos os mares.

O Imperador Incessante bebia uma taça de vinho rosado Lacustre. Eles estavam mergulhados em um jogo de Cavaleiros e Donzelas, que Loth havia lhe ensinado no dia anterior.

— Conte-me sobre sua rainha.

Loth ergueu os olhos de sua mão de cartas.

— Majestade?

— Você se pergunta por que eu pergunto. — O Imperador Incessante sorriu. — Eu sei muito pouco sobre os governantes acima do Abismo, meu senhor. Se a rainha Sabran quer ser uma aliada de meu país, caberia a mim saber algo mais sobre ela do que seu nome famoso. Você não concorda?

— Sim, Sua Majestade Imperial. — Loth pigarreou. — O que você deseja saber?

— Você é amigo dela.

Loth pensou por algum tempo. Como pintar um retrato de Sabran, que estava em sua vida desde os seis anos. Desde uma época em que só se preocupavam com quantas aventuras caberiam em um dia.

— A rainha Sabran é leal àqueles que são leais a ela. Ela é bondosa — , ele finalmente disse, — mas esconde-se bem para se proteger. Para parecer intocada. Seu povo espera isso de sua rainha.

— Você descobrirá que as pessoas esperam isso de todos os governantes.

Isso deve ser verdade.

— Às vezes, uma grande melancolia se apodera dela — , Loth continuou, — e ela fica de cama por dias. Ela os chama de suas horas de sombra. Sua mãe, a rainha Rosarian, foi assassinada quando ela tinha quatorze anos. Sabran estava lá. Desde então, ela nunca foi verdadeiramente feliz.

— E o pai dela?

— Wilstan Fynch, que já foi Duque da Temperança, também está morto.

O Imperador Incessante suspirou.

— Temo que compartilhamos nossa orfandade. Meus pais foram vítimas de varíola quando eu tinha oito anos, mas minha avó me levou às pressas para nosso pavilhão de caça no norte enquanto eles adoeciam. Fiquei ressentido por não poder dizer adeus. Agora vejo que foi uma misericórdia.

— Ele bebeu. — Qual era a idade de Sua Majestade quando foi coroada?

— Quatorze.

A coroação ocorreu no Santuário de Nossa Senhora em uma manhã escura e nevosa. Ao contrário de sua mãe, que foi famosa por sua coroação em uma barcaça, Sabran havia cavalgado pelas ruas em sua carruagem, saudada por duzentos mil de seus futuros súditos, que viajaram de todo Inys para ver sua princesa se tornar uma jovem rainha.

— Presumo que tenha havido um regente — disse o Imperador Incessante.

— Seu pai era Lorde Protetor, apoiado por Dama Igrain Crest, a Duquesa da Justiça. Mais tarde, descobrimos que Crest teve uma parte na morte da Rainha Rosarian. E... outras atrocidades.

O Imperador Incessante ergueu as sobrancelhas.

— Outra coisa que temos em comum. Depois que fui entronizado, foram quase nove anos de regência. E um desses regentes ficou com muita fome de poder para permanecer na corte. — Ele baixou a taça. — O quê mais?

— Ela gosta de caçar e tocar música. Quando era criança, ela gostava de dançar. Todas as manhãs, ela dançava seis rodadas. — Seu peito apertou quando ele pensou naqueles dias. — Depois que sua mãe morreu, ela parou de dançar por muitos anos.

O Imperador Incessante observou seu rosto. À luz da lamparina de bronze sobre a mesa, seus olhos pareciam infinitos.

— Agora me diga —, disse ele, — se ela tem um amante.

— Majestade... — Loth começou, sem saber o que ele estava prestes a dizer.

— Relaxe. Receio que você não seria um bom governante, com um rosto tão fácil de ler. — O Imperador Incessante balançou a cabeça. — Eu me perguntei. Quando ela negou sua mão em casamento. Eu não posso culpá-la. — Ele bebeu novamente. — Talvez Sua Majestade seja mais corajosa do que eu, para tentar mudar a tradição.

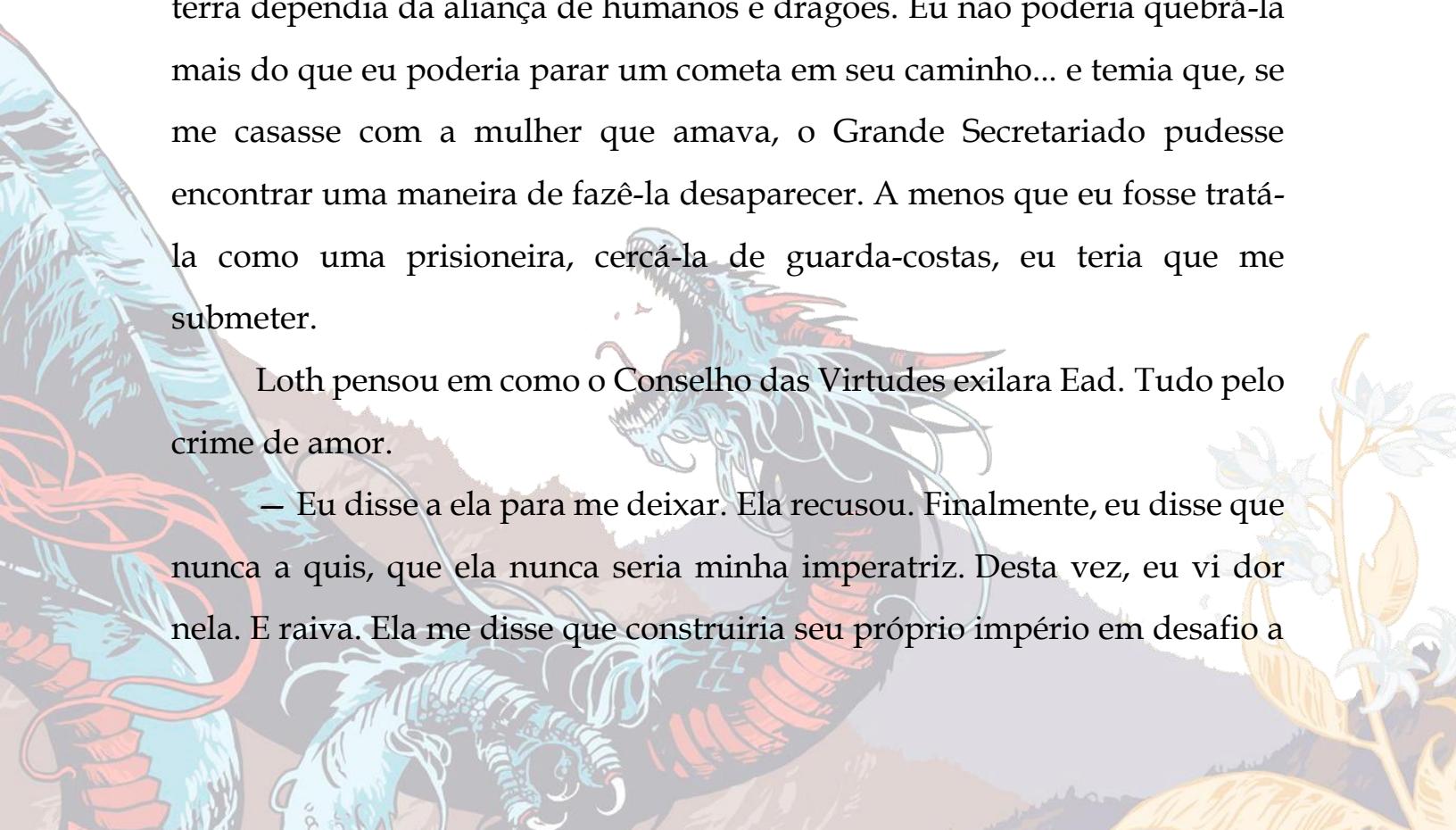
Loth o observou derramar mais da bebida.

— Vocêvê, uma vez, eu também me apaixonei. Eu tinha vinte anos quando a conheci no palácio. Eu poderia falar de sua beleza, Lorde Arteloth, mas duvido que o maior escritor da história pudesse fazer justiça a ela e, infelizmente, nunca fui um escritor com muita habilidade. Mas posso lhe dizer que poderia falar com ela por horas; como eu não poderia com mais ninguém.

— Qual era o nome dela?

O Imperador Incessante fechou os olhos por um momento. Loth viu as linhas de sua garganta mudarem.

— Vamos apenas a chamar de... Donzela do Mar.



Loth esperou que ele continuasse.

— Claro, outros estavam falando também. O Grande Secretariado logo soube de nosso relacionamento. Eles não ficaram satisfeitos, dada a baixa posição dela e o fato de eu ainda não ter me casado com uma mulher adequada, mas eu conhecia meu poder. Eu disse a eles que faria o que quisesse. — Ele soltou um suspiro agudo pelo nariz. — Quanta arrogância. Eu tinha grande poder, mas o devia ao Dragão Imperial, minha estrela-guia. Eu implorei a ela, mas embora ela visse minha dor, ela não aprovaria o casamento. Ela disse que havia uma sombra em minha amante que ninguém conseguia controlar. Ela disse que o poder iria desencadear isso. Para o nosso bem, deveria deixá-la ir.

— No início, eu resisti. Eu vivia em negação e não iria parar o caso. Não parava de levá-la para nadar nos lagos sagrados quando ela pedia, ou de derramar presentes em meus palácios. Mas a estabilidade de minha terra dependia da aliança de humanos e dragões. Eu não poderia quebrá-la mais do que eu poderia parar um cometa em seu caminho... e temia que, se me casasse com a mulher que amava, o Grande Secretariado pudesse encontrar uma maneira de fazê-la desaparecer. A menos que eu fosse tratá-la como uma prisioneira, cercá-la de guarda-costas, eu teria que me submeter.

Loth pensou em como o Conselho das Virtudes exilara Ead. Tudo pelo crime de amor.

— Eu disse a ela para me deixar. Ela recusou. Finalmente, eu disse que nunca a quis, que ela nunca seria minha imperatriz. Desta vez, eu vi dor nela. E raiva. Ela me disse que construiria seu próprio império em desafio a

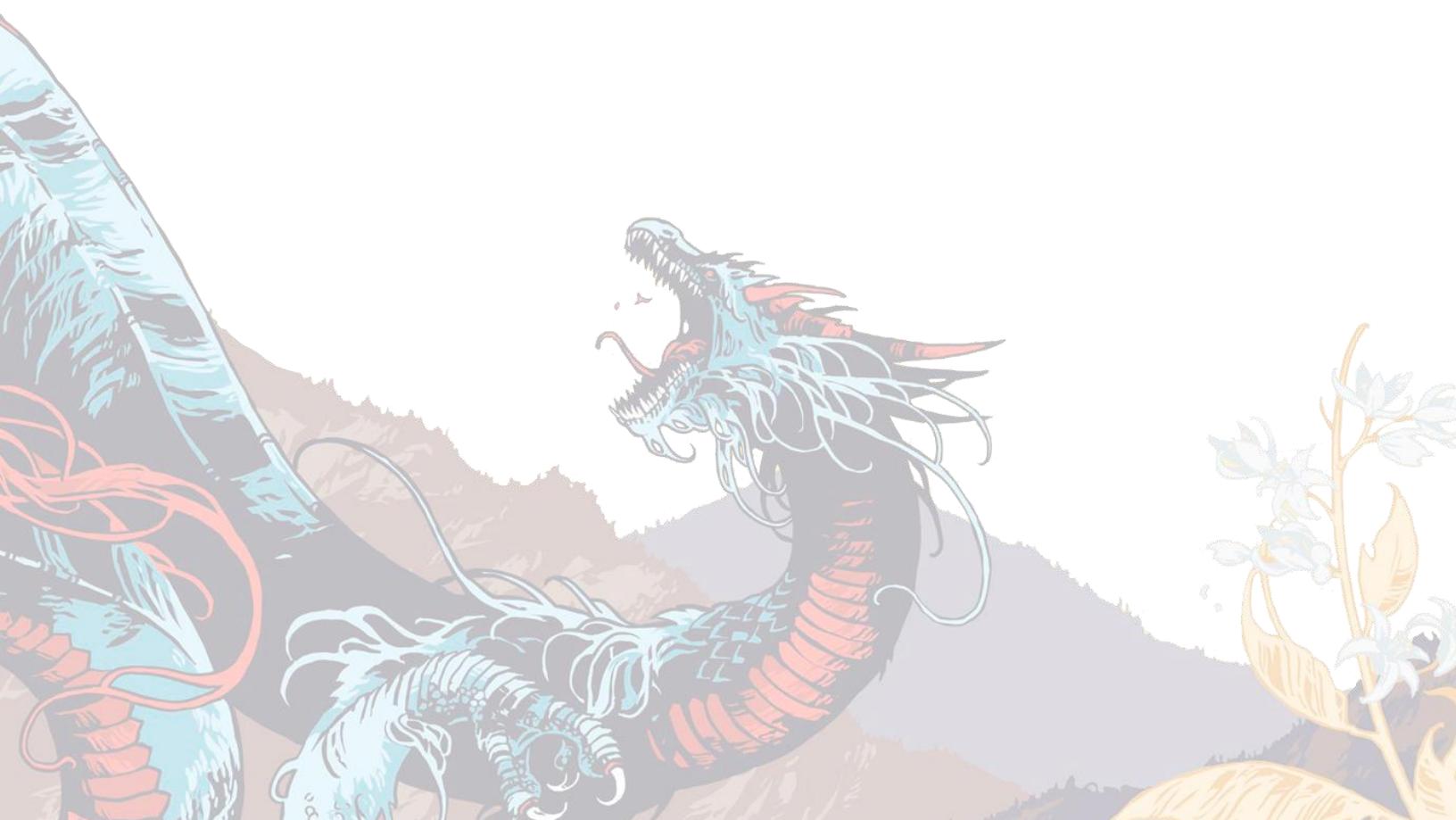
mim, e que um dia ela enfiaria sua lâmina em meu coração, como eu fiz com ela. — Sua mandíbula flexionou. — Eu nunca mais a vi.

Agora foi Loth quem se serviu de uma bebida.

Durante toda a sua vida, ele pretendeu encontrar uma companhia. Agora ele se perguntava se ele tinha sorte de nunca ter se apaixonado.

O Imperador Incessante estava deitado em sua cama, a cabeça apoiada em um braço, e olhava para o teto com os olhos pesados.

— No Império dos Doze Lagos, vive um pássaro com penas roxas. — A bebida havia roubado sua voz. — Se você o visse em voo, pensaria que era uma joia com asas. Muitos o têm caçado... mas agarre-o e suas mãos arderão. Essas penas, por mais preciosas que sejam, são venenosas. — Seus olhos se fecharam. — Agradeça a seus cavaleiros, Lorde Arteloth, por você não ter nascido para se sentar em um trono.



Capítulo 69

Oeste

Muito longe, além do Abismo, as margens de Seiiki a chamavam. Ela havia sonhado por dias com sua chuva de ameixa, sua areia escura, o beijo de seu mar aquecido pelo sol em sua pele. Ela sentia falta do cheiro de incenso afundando e da névoa que coroava as montanhas. Ela sentia falta de caminhadas pelas florestas de cedro no auge do inverno. Mais do que tudo isso, ela sentia falta de seus deuses.

Era o segundo dia de primavera e Nayimathun não tinha chegado. Tané sabia que demoraria para ela voar novamente, mas se ela tivesse chegado ao mar, teria ajudado a remendar a ferida. Isso deixava a possibilidade de que ela nunca tivesse chegado lá. Que as magas a haviam caçado e massacrado.

Deixe de lado sua culpa agora, cavaleira.

Ela queria obedecer, mas sua mente não. Ela cutucava suas velhas feridas até que sangraram novamente.

Uma batida interrompeu seu ritmo. Ela encontrou Ead do lado de fora, o cabelo brilhando com as gotas de chuva.

Na cabine, Tané acendeu o que restava da vela de sebo.

— Como você está se sentindo? — Ead perguntou, fechando a porta atrás dela.

— Mais forte.

— Bom. Seu siden se estabeleceu. — Ead encontrou seu olhar. — Eu só queria verificar se você estava bem.

— Eu estou bem.

— Você não parece.

Tané sentou-se em seu beliche. Ela queria fingir o contrário, mas sentia como se pudesse falar o que pensava com Ead.

— E se falharmos? — ela perguntou. — E se não pudermos usar as joias como Cleolind e Neporo fizeram?

— Você tem o sangue de Neporo e semanas de prática para ajudá-la.

— O sorriso foi breve. — Aconteça o que acontecer, acho que teremos Ascalon, Tané. Acho que seremos capazes de derrotá-lo para sempre.

— Por quê?

— Porque sterren chama sterren. Quando usarmos as joias, elas clamarião por Kalyba. Eu imagino que elas a chamam desde que nós duas começamos a usá-las. — Seu rosto estava duro. — Ela virá.

— Espero que você esteja certa. — Tané brincou com uma mecha de seu próprio cabelo. — Como vamos derrotá-la?

— Ela é muito poderosa. Idealmente, nós duas evitaremos um combate individual com ela. Mas se chegar a isso, tenho uma teoria — disse Ead. — Kalyba extrai sua capacidade de mudar de forma a partir da podridão estelar, e seu estoque deve estar baixo. Assumir uma forma que não é dela a esgota, e quanto mais ela *muda* de forma, eu suspeito, pior é o dreno. Forçá-la a mudar de forma muitas vezes pode enfraquecê-la. Prender-na em uma forma.

- Você não tem certeza disso.
- Não —, admitiu Ead, — mas é tudo o que tenho.
- Que reconfortante.

Com outro sorriso, Ead se sentou no baú na ponta da cama.

- Uma de nós deve empunhar Ascalon. Direccioná-la ao Inominável
- disse ela. — Você foi exposta ao sterren da joia por anos. A espada pode responder mais voluntariamente às suas mãos.

Tané demorou um pouco para entender. Ead estava oferecendo um artefato que ela lutou para obter, a pedra angular de sua religião, a uma cavaleiro de dragão. Alguém que ela ainda deveria, por direito, considerar uma inimiga.

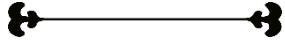
- A princesa Cleolind usou primeiro — disse Tané, após uma hesitação. — Uma de suas servas deve empunhá-lo agora.
- Não podemos discutir sobre isso. Ele deve morrer amanhã, ou ele irá destruir todos nós.

Tané olhou para suas mãos. Manchadas com o sangue de sua melhor amiga. Indigna de Ascalon.

- Se houver oportunidade —, disse ela, — vou aproveitá-la.
- Muito bem. — Ead sorriu um pouco. — Boa noite, cavaleira.
- Boa noite, caçadora.

A porta fechou uma rajada de vento gelado.

Lá fora, as estrelas brilhavam acima do Abismo. Os olhos dos dragões caídos e não nascidos. Tané pediu-lhes agora mais uma bênção. *Deixe-me fazer o que for preciso, ela rezou, depois não me deixe pedir mais nada.*



O *Reconciliação* era um navio de guerra colossal. Exceto pelo *Rosa Eterna*, que se perdera no Leste, era o maior e mais bem armado navio da marinha Inysh.

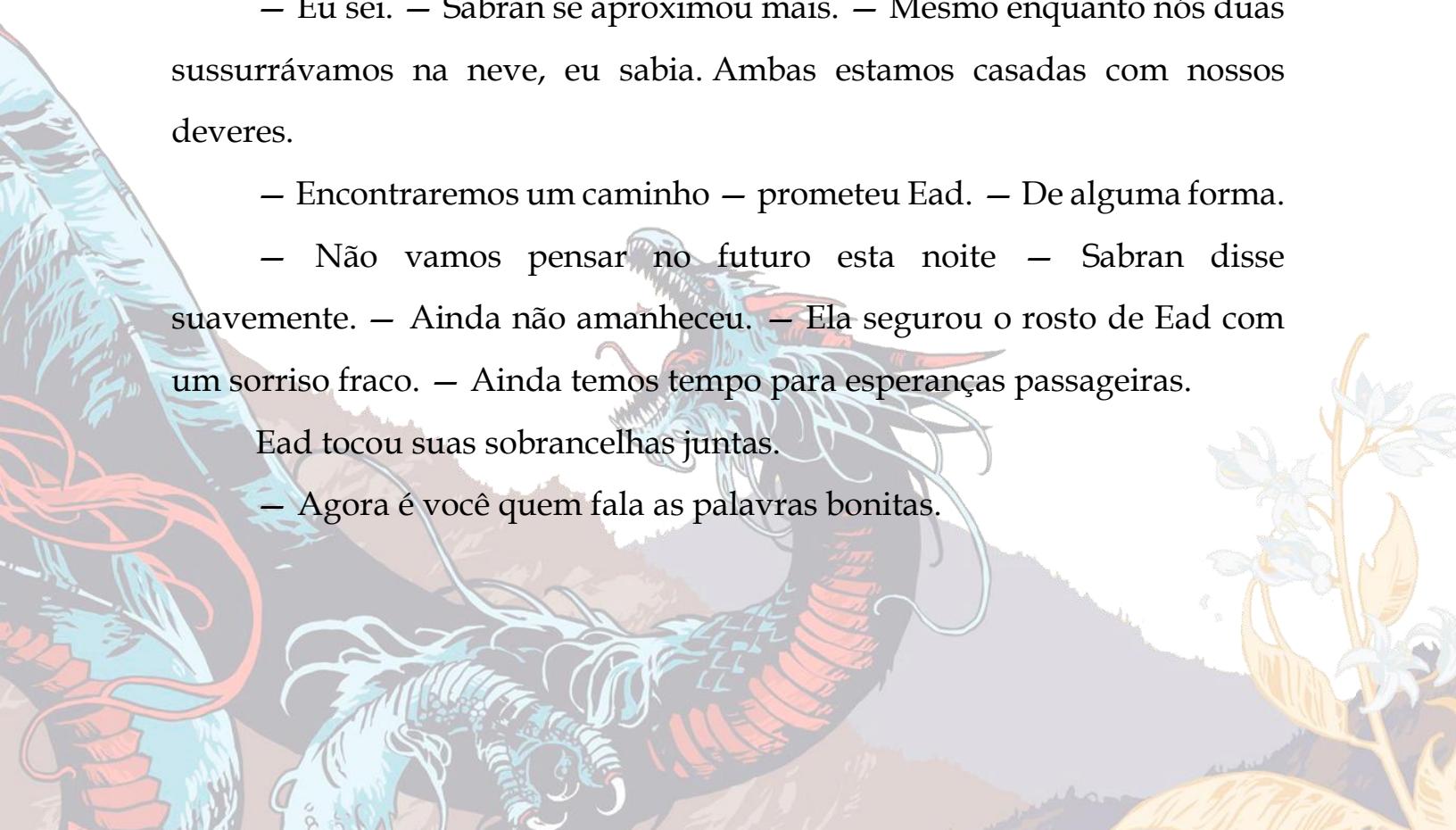
Nas cabines reais, Ead estava deitada sob uma pilha de colchas de pele. Sabran cochilava ao lado dela. Era a primeira vez em dias que ela parecia em paz.

Ead se aninhou na cama. A irmã cruel deixou uma marca em algum lugar dentro dela, e isso a gelou até os ossos.

Amanhã à noite, elas estariam à vista dos outros navios. O pensamento de ver Loth novamente não foi o suficiente para parar a dor em seu peito quando ela pensou em sua irmã. Margret já estaria em Nzene.

Antes de terem deixado Ascalon, os governantes do Sul pediram a Sabran para enviar Inysh com habilidades de cura para Spindles. Embora fosse uma Dama do Quarto de Dormir, Margret pedira licença a Sabran para atender ao chamado. *Eu só vou atrapalhar o navio, ela disse a ela. Não posso usar uma espada, mas posso curar a ferida que ela deixa.*

Ead esperava que Sabran negasse o pedido, mas ela finalmente abraçou Margret com força e ordenou que ela ficasse segura e voltasse. Em outra quebra de protocolo, ela ordenou que Sir Tharian Lintley escoltassem sua noiva e liderasse os soldados Inysh. Mesmo seu Capitão dos Cavaleiros do Corpo não poderia proteger sua rainha do Inominável. Lintley não a deixou de bom grado, mas não podia recusar uma ordem.



Sabran se mexeu. Ela olhou por cima do ombro quando Ead deu um beijo nela.

— Você disse uma vez que me levaria embora — disse Sabran suavemente. — A algum lugar.

Ead traçou a alta inclinação de sua bochecha. Sabran se virou para encará-la.

— Eu quero que você faça isso —, ela continuou. — Um dia.

Sabran deslizou uma perna sobre a dela. Ead a atraiu, então elas compartilharam seu calor.

— Dissemos que nossos deveres seriam cumpridos —, murmurou Ead, — mas ambas sabíamos que era uma esperança vaga. — Ela procurou seu olhar. — Você é uma rainha amada, Sabran. Uma rainha que Inys precisa. Você não pode desistir do seu trono amanhã, quer o Inominável caia ou não. E não posso desistir do Priorado.

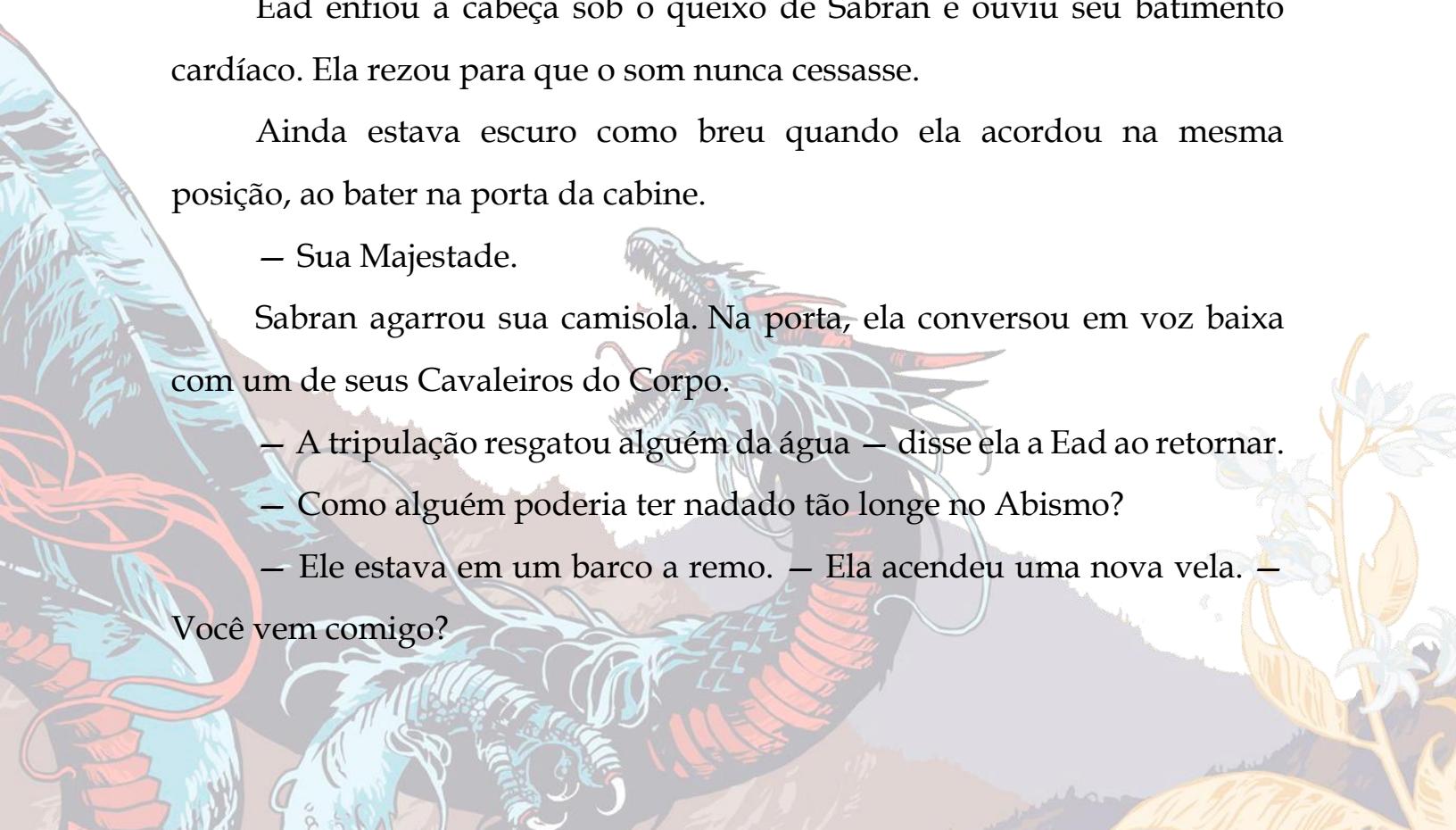
— Eu sei. — Sabran se aproximou mais. — Mesmo enquanto nós duas sussurrávamos na neve, eu sabia. Ambas estamos casadas com nossos deveres.

— Encontraremos um caminho — prometeu Ead. — De alguma forma.

— Não vamos pensar no futuro esta noite — Sabran disse suavemente. — Ainda não amanheceu. — Ela segurou o rosto de Ead com um sorriso fraco. — Ainda temos tempo para esperanças passageiras.

Ead tocou suas sobrancelhas juntas.

— Agora é você quem fala as palavras bonitas.



Era uma distração, mas Ead gostou disso. Quando a vela se reduziu a nada, ela deslizou os dedos entre seus corpos e Sabran a beijou com abandono e ternura, alternadamente.

Logo elas enfrentariam o Inominável. No conforto tonto de sua união, com Sabran em seus braços e sua carne em chamas de desejo, Ead se permitiu esquecer isso. O arco em suas costas as aproximou. Mais perto daquele *lugar* indescritível. Ela estremeceu com os toques suaves em sua pele, incapaz de prevê-los na escuridão, e saboreou os arrepios que percorriam Sabran quando ela os retribuía.

Depois, as duas ficaram imóveis, entrelaçadas.

— Você pode acender outra vela — disse Ead a ela. — A luz não me mantém acordada.

— Eu não preciso disso. — Sabran deslizou a mão para a nuca de Ead. — Não com você.

Ead enfiou a cabeça sob o queixo de Sabran e ouviu seu batimento cardíaco. Ela rezou para que o som nunca cessasse.

Ainda estava escuro como breu quando ela acordou na mesma posição, ao bater na porta da cabine.

— Sua Majestade.

Sabran agarrou sua camisola. Na porta, ela conversou em voz baixa com um de seus Cavaleiros do Corpo.

— A tripulação resgatou alguém da água — disse ela a Ead ao retornar.

— Como alguém poderia ter nadado tão longe no Abismo?

— Ele estava em um barco a remo. — Ela acendeu uma nova vela. —

Você vem comigo?

Ead assentiu e se levantou para se vestir.

Seis Cavaleiros do Corpo os conduziram pelo *Reconciliação* até a cabine do capitão. No momento, era ocupado por um homem.

Alguém o envolveu em uma colcha. Ele estava pálido e úmido, vestindo uma túnica Lacustre suja da viagem, cabelos grisalhos emaranhados com água salgada. Seu braço esquerdo estava faltando abaixo do cotovelo. Pelo cheiro, a perda era recente.

Ele olhou para cima com os olhos vermelhos. Ead o reconheceu imediatamente, mas foi Sabran quem falou primeiro.

— Doutor Roos — disse ela, e sua voz era gelada.



Sabran a Nona. Trigésima sexta rainha da Casa de Berethnet. Quase uma década desprezando-a de longe, e agora aqui estava ela.

Ao lado dela estava a pessoa que ele tinha sido enviado aqui para matar.

Durante seus dias na corte, ela era conhecida como Ead Duryan. Uma Ersyri com uma posição relativamente secundária na Casa Alta. Claramente não tão pequena agora. Ele se lembrava dos olhos dela, escuros e penetrantes, e da maneira orgulhosa como ela se portava.

— Doutor Roos — disse Sabran.

Ela poderia estar se dirigindo a um rato.

— *Sua Majestade* — disse Niclays, sua própria voz gotejando com desdém. Ele curvou a cabeça em uma reverência. — É um grande prazer vê-la novamente.

A Rainha de Inys sentou-se do outro lado da mesa.

— Tenho certeza de que você se lembra da Senhora Ead Duryan — disse ela. — Ela é agora conhecida como Dame Eadaz uq-Nāra, Viscondessa Nurtha.

— Dama Nurtha — disse Niclays, inclinando a cabeça. Ele não conseguia imaginar o que aquela jovem camarista fizera para adquirir títulos tão elevados.

Ela permaneceu de pé, os braços cruzados.

— Doutor Roos.

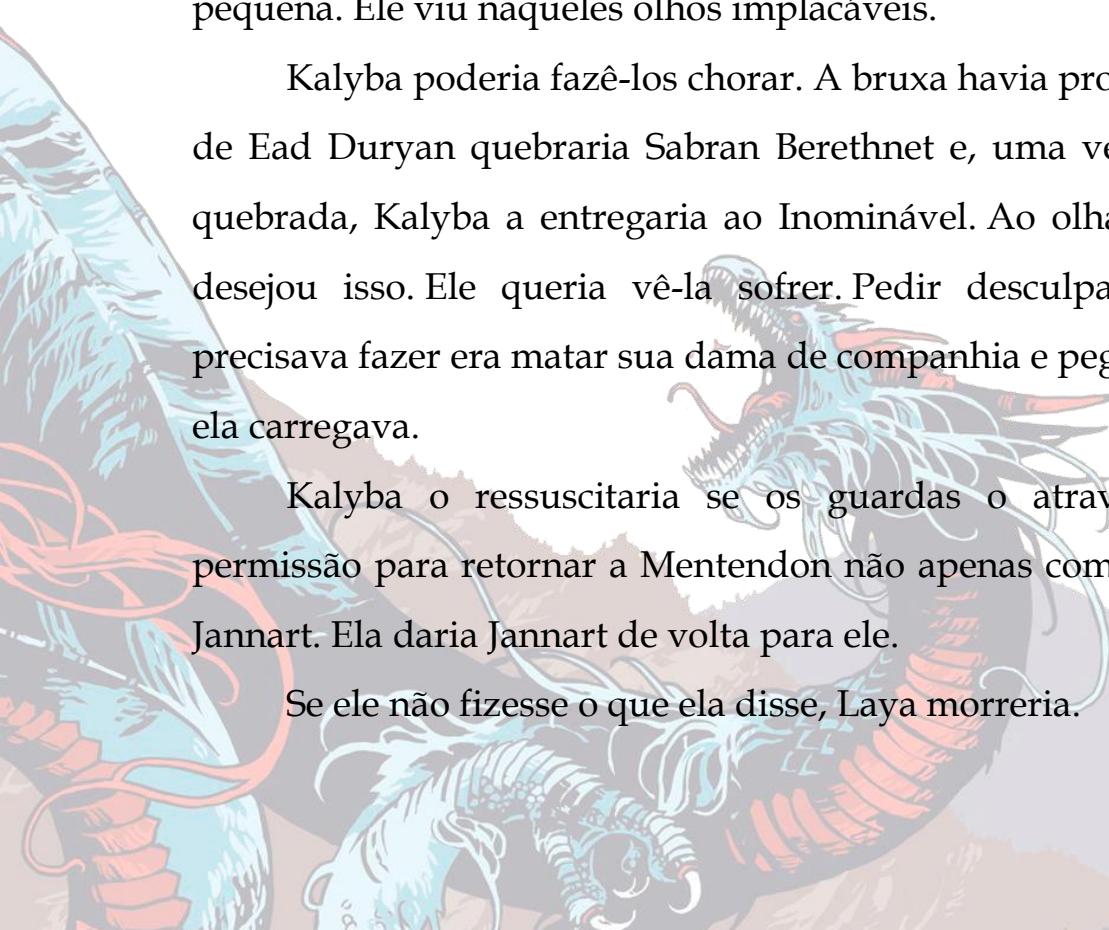
O rosto dela não traía nenhum de seus sentimentos por ele, mas ele suspeitava, pelo modo como ela assumiu uma postura quase protetora ao lado de Sabran, que eles não eram particularmente afetuosas.

Niclays tentou não olhar para ela. Ele podia mascarar suas intenções muito bem, mas algo nos olhos dela o fez pensar que eles podiam ver através dele.

A lâmina estava fria em sua palma. Kalyba o avisou que Ead Duryan era muito mais rápida do que uma mulher comum, mas ela também não teria ideia de que ele estava carregando algo que poderia machucá-la. Ele deveria golpear forte e rápido. E com a mão errada.

Sabran colocou as mãos na mesa, as pontas dos dedos apenas se tocando.

— Como você chegou tão longe no Abismo?



Agora, para a mentira.

— Eu estava tentando, senhora —, disse ele, — escapar do exílio que você me impôs.

— Você acreditou que poderia cruzar o Abismo em um barco a remo.

— O desespero levará qualquer homem à loucura.

— Ou mulher. Talvez isso explique por que contratei seus serviços há tantos anos.

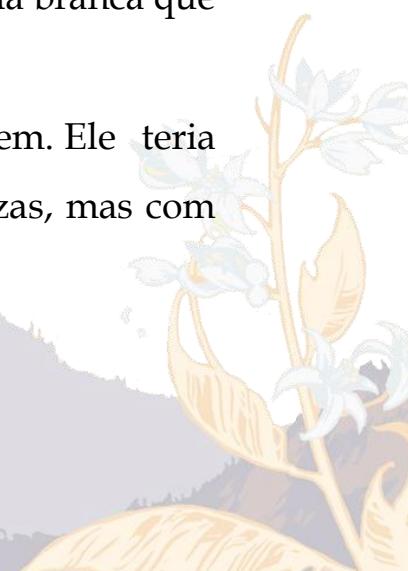
Um canto de sua boca se curvou.

— Vossa Majestade —, disse ele, — você me impressiona. Eu não pensei que um coração pudesse conter tanto rancor.

— Minha memória é longa — disse Sabran.

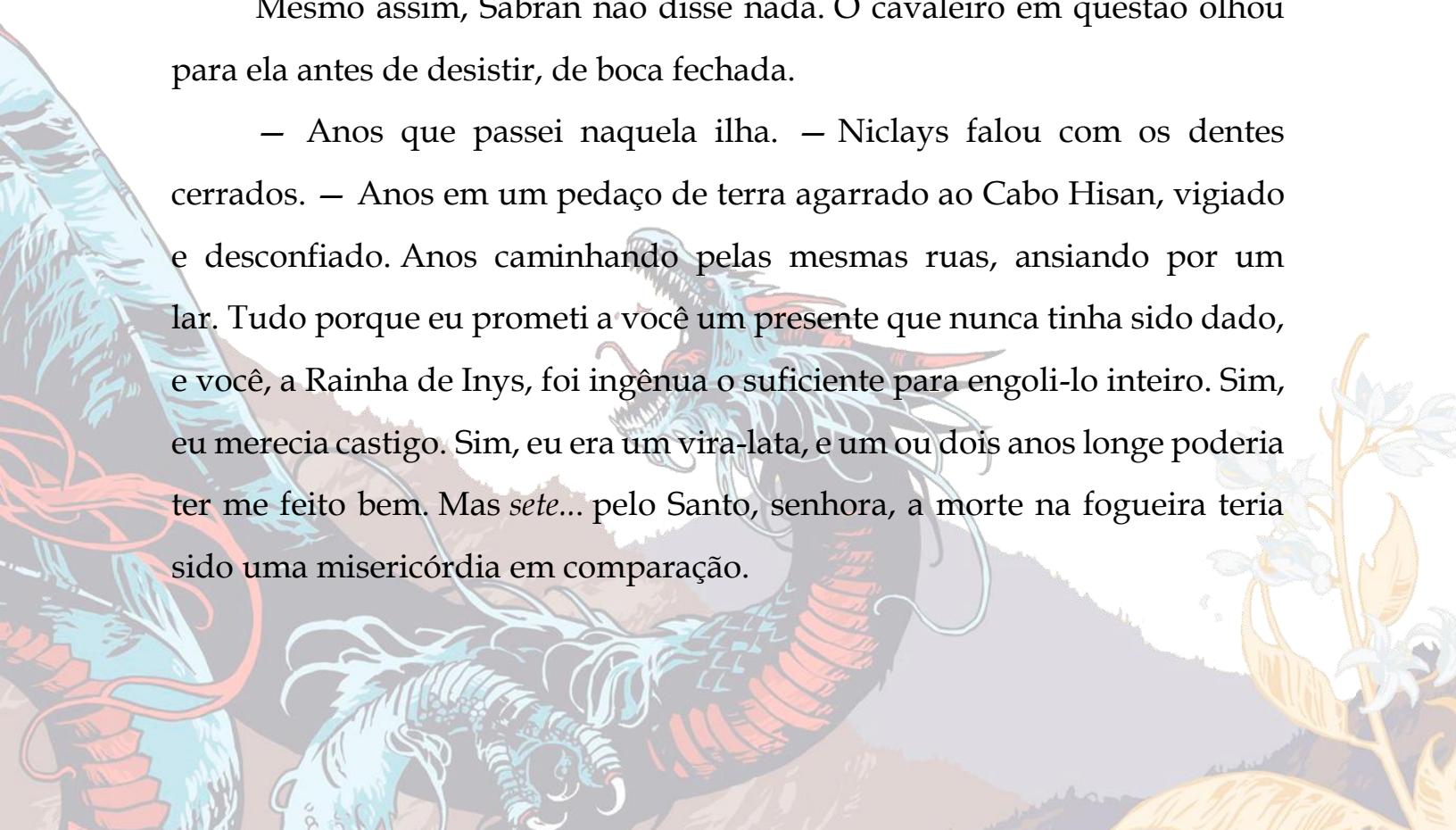
Ele estava doente de ódio. Sete anos de prisão em Orisima nada significavam para ela. Ela ainda iria negar a ele um retorno a Mentendon, tudo porque ele a envergonhou. Porque ele fez uma rainha se sentir pequena. Ele viu naqueles olhos implacáveis.

Kalyba poderia fazê-los chorar. A bruxa havia prometido que a morte de Ead Duryan quebraria Sabran Berethnet e, uma vez que ela estivesse quebrada, Kalyba a entregaria ao Inominável. Ao olhar para ela, Niclays desejou isso. Ele queria vê-la sofrer. Pedir desculpas. Tudo o que ele precisava fazer era matar sua dama de companhia e pegar a joia branca que ela carregava.



Kalyba o ressuscitaria se os guardas o atravessassem. Ele teria permissão para retornar a Mentendon não apenas com riquezas, mas com Jannart. Ela daria Jannart de volta para ele.

Se ele não fizesse o que ela disse, Laya morreria.



— Quero que você saiba de uma coisa, Sabran Berethnet — sussurrou Niclays. A dor em seu braço estava fazendo seus olhos lacrimejarem. — Eu detesto você. Odeio cada cílio de seus olhos, cada dedo em suas mãos e cada dente em sua boca. Eu detesto você até a medula dos seus ossos.

Sabran encontrou seu olhar sem vacilar.

— Você não consegue imaginar a profundidade da inimizade que senti por você. Amaldiçoei seu nome a cada amanhecer. O pensamento de que um dia eu poderia criar oelixir da vida e depois negá-lo a você, dirigi todas as minhas ações. Tudo que eu desejava fazer era frustrar sua ambição.

— Você não vai falar com Sua Majestade desta maneira. — Um de seus cavaleiros brilhantes interrompeu.

— Eu falarei com Sua Majestade como eu quiser. Se ela quer que eu pare, deixe que ela mesma me pare — , disse Niclays secamente, — em vez de deixar seu brinquedinho de metal fazer isso por ela.

Mesmo assim, Sabran não disse nada. O cavaleiro em questão olhou para ela antes de desistir, de boca fechada.

— Anos que passei naquela ilha. — Niclays falou com os dentes cerrados. — Anos em um pedaço de terra agarrado ao Cabo Hisan, vigiado e desconfiado. Anos caminhando pelas mesmas ruas, ansiando por um lar. Tudo porque eu prometi a você um presente que nunca tinha sido dado, e você, a Rainha de Inys, foi ingênuo o suficiente para engoli-lo inteiro. Sim, eu merecia castigo. Sim, eu era um vira-lata, e um ou dois anos longe poderia ter me feito bem. Mas *sete*... pelo Santo, senhora, a morte na fogueira teria sido uma misericórdia em comparação.

Sua mão apertava a lâmina com tanta força que suas unhas se cravaram em sua palma.

— Eu poderia perdoar o seu roubo do meu dinheiro. Eu poderia perdoar suas mentiras —, sussurrou Sabran. — Mas você me atacou, Roos. Eu era jovem e estava com medo, e confiei meu mais profundo medo a você. Esse medo foi algo que escondi até das minhas Damas do Quarto de Dormir.

— E isso garante sete anos de exílio.

— Isso garante algo. Talvez eu me desculpe quando você consentir em fazer a menor reparação por suas mentiras.

— Eu escrevi para você, *rastejando* —, cuspiu Niclays, — depois que Aubrecht Lievelyn se recusou a permitir que eu voltasse para casa. Ele estava tão desejoso de sua vagina sagrada que a valorizou...

Sabran se levantou, o rosto sem sangue, e cada guarda estalou suas espadas em direção ao seu peito.

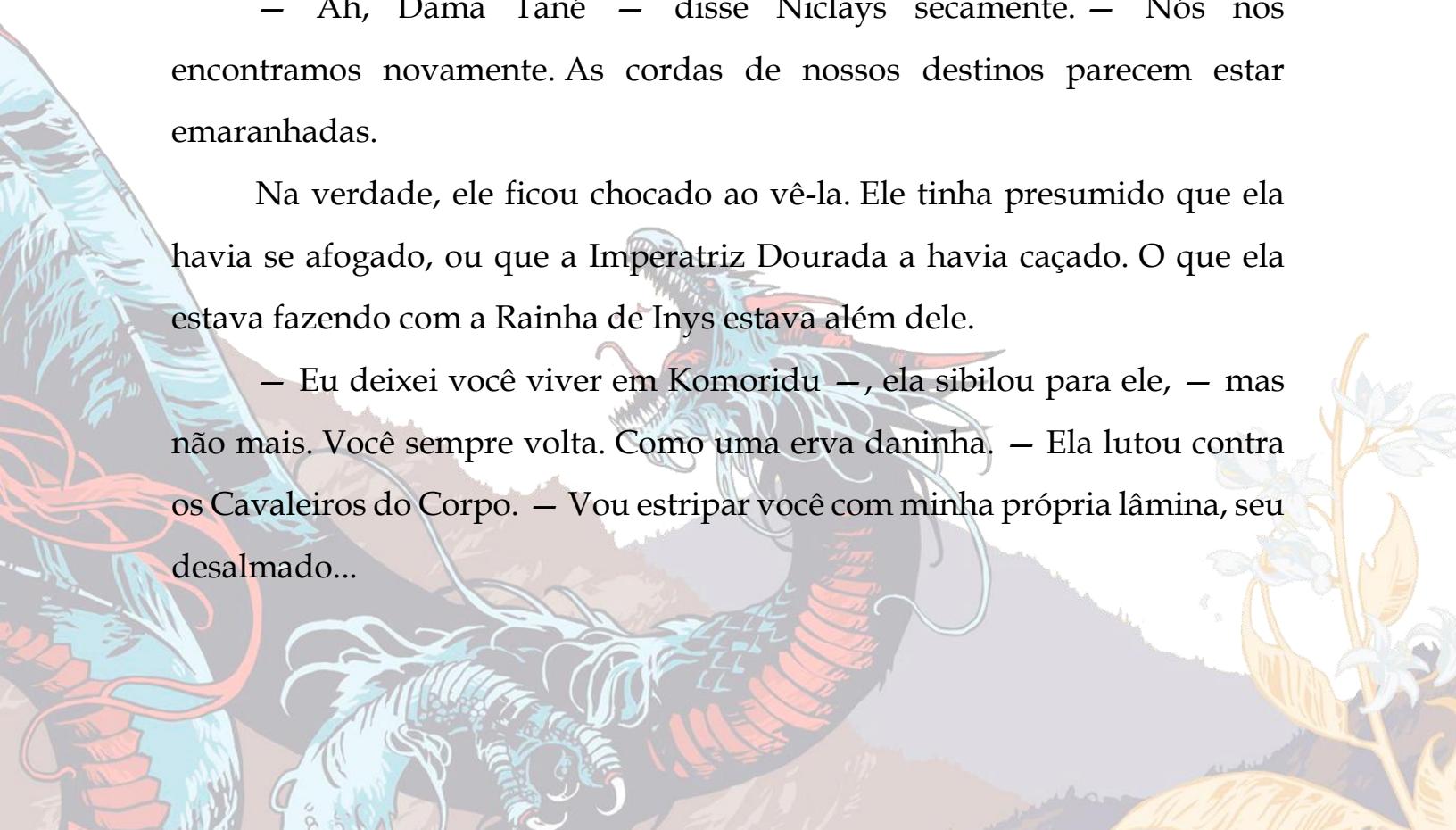
— Você não vai falar de Aubrecht Lievelyn novamente —, disse ela, mortalmente suave, — ou farei com que você seja jogado fora deste navio em pedaços.

Ele tinha ido longe demais. Os Cavaleiros do Corpo não usavam viseiras dentro de casa; ele podia ver o choque escrito em seus rostos, uma repulsa que era muito mais profunda do que seria por um insulto grosseiro.

— Ele está morto — deduziu Niclays. — Não é?

O silêncio confirmou.

— Não recebi nenhuma carta. — Sabran manteve a voz baixa. — Por que não divulgar seu conteúdo para mim agora?



Ele riu sombriamente.

— Oh, Sabran. Sete anos não mudaram você. Devo dizer por que estou realmente aqui?

A lâmina era gelo no calor de sua mão. Atrás de Sabran, Ead Duryan não sabia disso. Apenas uma estocada e ele poderia enfiar na garganta dela, afinal. Ele podia ouvir o grito de Sabran. Observar aquela máscara de rosto se abrir.

Foi quando a porta se abriu e ninguém menos que Tané Miduchi entrou.

Seu queixo caiu. Os Cavaleiros do Corpo cruzaram suas espadas na frente dela de uma vez, mas ela empurrou contra eles, parecendo mais do que pronta para abrir a garganta dele.

— Você não pode confiar neste homem — ela gritou para Sabran. — Ele é um chantagista, um *monstro*...

— Ah, Dama Tané — disse Niclays secamente. — Nós nos encontramos novamente. As cordas de nossos destinos parecem estar emaranhadas.

Na verdade, ele ficou chocado ao vê-la. Ele tinha presumido que ela havia se afogado, ou que a Imperatriz Dourada a havia caçado. O que ela estava fazendo com a Rainha de Inys estava além dele.

— Eu deixei você viver em Komoridu —, ela sibilou para ele, — mas não mais. Você sempre volta. Como uma erva daninha. — Ela lutou contra os Cavaleiros do Corpo. — Vou estripar você com minha própria lâmina, seu desalmado...

— Espera. — Ead agarrou seu ombro. — Doutor Roos, o senhor disse que nos contaria por que *realmente* estava aqui. Eu recomendo que você faça isso agora, antes que sua trilha de destruição alcance você.

— Ele está aqui para nos fazer mal, para seu próprio ganho — Miduchi disse, olhando para ele. — Ele sempre está.

— Então deixe-o confessar.

Miduchi encolheu os ombros, mas parou de empurrar os guardas. Seus ombros estreitos pesaram.

Niclays afundou-se em sua cadeira. Seu braço estava cheio de fogo. Sua cabeça latejava.

— A Miduchi está certa — disse ele, entre respirações pesadas. — Fui mandado aqui por alguma... feiticeira ou metamorfa. Kalyba.

Ead se virou bruscamente para encará-lo.

— O quê?

— Maldição se eu soubesse que essas coisas existiam, mas acho que deveria parar de me surpreender com esse ritmo. — Uma pontada de dor no coto. — Ao dizer isso, eu condeno uma amiga à morte. — Sua mandíbula tremeu. — Mas... Acho que aquela amiga gostaria que eu fizesse isso.

Ele removeu o fragmento de metal e o colocou sobre a mesa. Um dos Cavaleiros do Corpo avançou em direção a ele, mas Ead o afastou com uma das mãos.

— Kalyba me deu. Foi ela quem me deixou no barco. Ela me disse que eu deveria chegar ao navio para me aproximar de você, Dama Nurtha — disse Niclays. — Para colocar isso em seu coração.

— Uma lâmina sterren — disse Ead, olhando para ela. — Como Ascalon. Não é grande o suficiente para usar contra o Inominável, mas teria perfurado *minha* pele bem o suficiente. — Seu olhar se ergueu. — Só posso presumir que ela me teme mais do que antes. Talvez ela tenha ouvido as joias chamando.

— Joias. — Niclays ergueu as sobrancelhas. — Você tem as duas?

Com um aceno de cabeça, Ead se sentou ao lado de Sabran.

— A Bruxa de Inysca é persuasiva — ela disse a ele. — Ela deve ter prometido a você todas as riquezas que você desejava. Por que confessar?

— Oh, ela me ofereceu algo muito maior do que riquezas, Dama Nurtha. Algo pelo qual sacrificaria de bom grado a pouca riqueza que me resta — disse Niclays, com um sorriso amargo. — Ela me mostrou o rosto do meu único amor. E ela prometeu trazê-lo de volta para mim.

— E ainda assim você não obedece às ordens dela.

— Uma vez —, disse ele — eu teria. Se ela não tivesse usado o rosto dele — se ela apenas tivesse prometido que eu o veria novamente — eu poderia muito bem ter me tornado seu pequeno homúnculo. Mas vendo ele... Eu estava com repulsa. Porque Jannart... — O nome ficou preso em sua garganta. — Jannart está morto. Ele escolheu a forma de sua morte e, ao ressuscitá-lo assim, Kalyba desonrou sua memória.

Ead o observou.

— Eu sou um alquimista. Durante toda a minha vida, acreditei que o objetivo final da alquimia era a gloriosa transformação da imperfeição em pureza. Chumbo em ouro, doença em bem-estar, deterioração em vida eterna. Mas agora eu entendo. Entendo. Esses eram destinos falsos.

Sua professora estava certa, como sempre. Ela costumava dizer que a verdadeira alquimia era o trabalho, não sua conclusão. Niclays pensava que era sua maneira de confortar aqueles que nunca fizeram nenhum progresso.

— Parece tolice, eu sei — ele continuou. — Como os delírios de um louco... mas era apenas o que Jannart sempre soube e o que eu não consegui ver. Para ele, a busca da amoreira no Oriente foi sua grande obra. Ele tinha a peça final, mas não o resto.

— Jannart utt Zeedeur — Ead disse suavemente.

Ele olhou para ela com os olhos ardentes.

— Jannart era meu sol da meia-noite — ele murmurou. — A luz que tenho seguido. Minha dor me levou a Inys, e esse passo me levou para o Leste. Lá, tentei terminar seu trabalho na esperança de que isso me aproximasse dele. Ao fazer tudo isso, concluí, sem meu conhecimento, a primeira etapa da alquimia, do *meu* trabalho. A putrefação da minha alma. Com sua morte, meu trabalho começou. Eu mesmo enfrentei as sombras.

Ninguém se moveu ou falou. Ead estava olhando para ele com uma expressão estranha. Algo como pena, mas não exatamente. Niclays continuou, tentando não notar a queimação na testa. Ele estava em chamas, corpo e mente.

— Então, veja — disse ele, — o trabalho está em mim mesmo. Eu caí na sombra e agora devo subir, para que eu possa ser um homem melhor.

— Isso levaria muito tempo — disse a cavaleira de dragão.

— Oh, vai — concordou Niclays, febril tanto pela excitação quanto pela ferida. — Mas esse é o ponto. Você não vê?

— Vejo que você está delirando como louco.

— Não, não. Estou me aproximando do próximo estágio de transmutação. O sol branco. A limpeza das impurezas, a iluminação da mente! Qualquer idiota poderia dizer que nada pode trazer Jannart de volta — prosseguiu Niclays. — Então *resistirei* a Kalyba. Ela representa minhas impurezas do passado, aquela que vem para desfazer meu progresso e me devolver aos meus antigos instintos. Para ganhar o sol branco, vou lhe dar a chave para destruir todas as trevas.

— Que é? — Ead disse.

— Conhecimento — ele terminou, triunfante. — O Inominável tem uma fraqueza. A vigésima escama de sua armadura torácica é a mesma que Cleolind Onjenyu danificou anos atrás. Ela falhou em acertar o alvo, mas talvez ela tenha aberto a porta. Uma porta para sua armadura.

Ead estudou seu rosto, seus olhos se estreitaram um pouco.

— Você não pode confiar nele — disse Miduchi. — Ele venderia sua alma por um punhado de prata.

— Não tenho alma para vender, honrada Miduchi. Mas ainda posso ganhar uma — disse Niclays. Santo, ele estava quente. — Veja, Jan deixou alguém para trás, alguém de quem ainda gosto. Truyde utt Zeedeur, sua neta. Quero ser o que ele era para ela e, para isso, devo ser melhor. Eu devo ser *bom*. E este é o caminho.

Ele terminou, olhando ao redor com a empolgação dos olhos de parede, mas tudo estava parado. Sabran baixou o olhar e Ead fechou os olhos por um momento.

— Ela ainda está em Inys. Uma dama de honra. — Enquanto Niclays olhava entre eles, seu sorriso desapareceu. — Não é?

— Deixe-nos — disse Sabran aos seus Cavaleiros do Corpo. — Por favor.

Eles obedeceram a sua rainha.

— Não — sussurrou Niclays, tremendo. — Não. — Sua voz falhou. — O que você fez com ela?

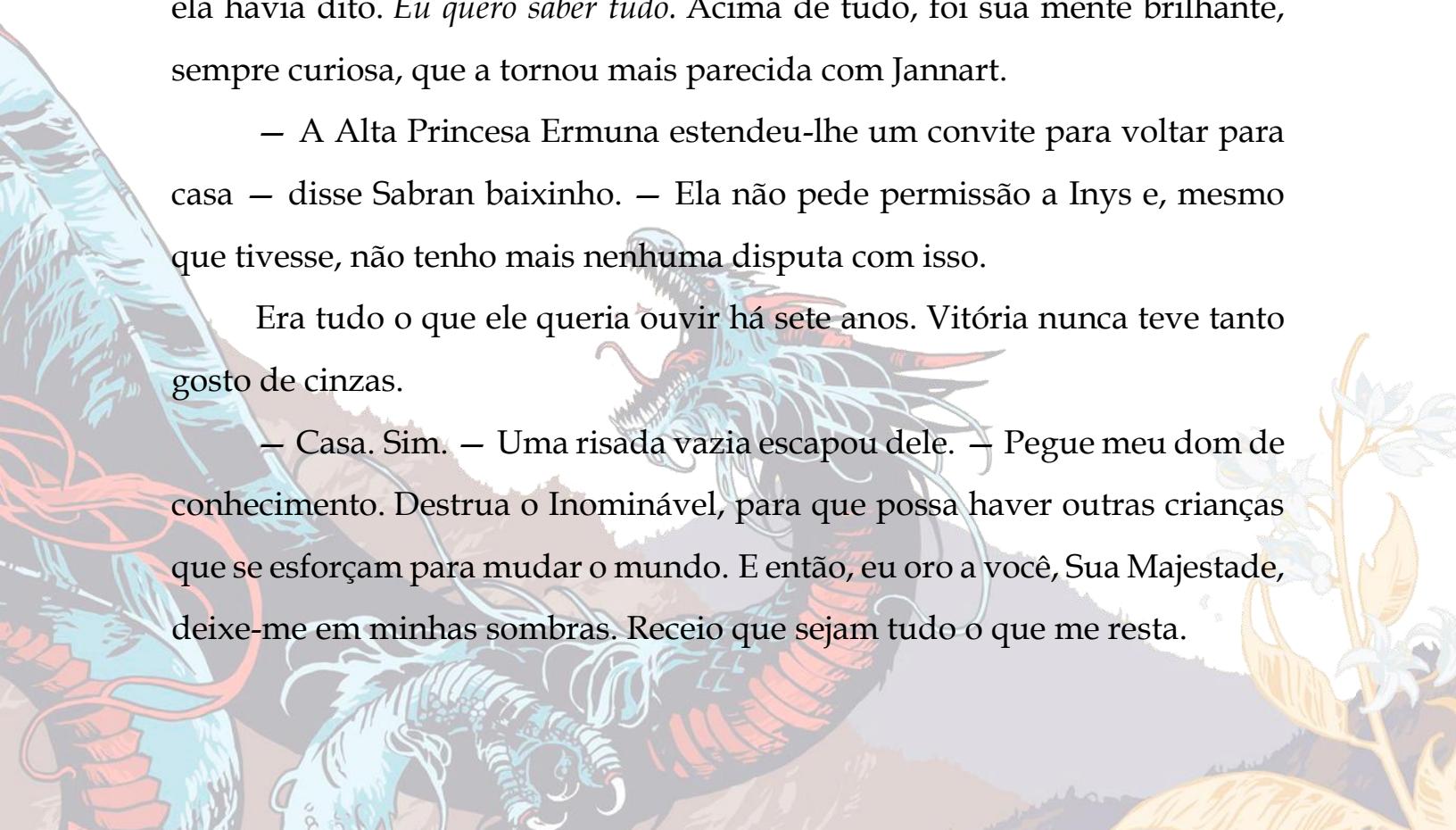
— Foi Igrain Crest. — Foi Ead quem falou. — Truyde conspirou com seu companheiro, Triam Sulyard, para trazer uma reunião entre o Oriente e o Ocidente. Ela encenou um ataque à Rainha Sabran, que Crest infiltrou para causar a morte de Aubrecht Lievelyn.

Niclays tentou assimilar. Truyde nunca expressou opiniões políticas fortes, mas quando a vira pela última vez, ela não tinha mais de dez anos.

Enquanto ouvia, o entorpecimento o envolveu. Seus ouvidos zumbiram. Tudo escureceu nos cantos e uma corrente se enrolou em torno dele e cortou sua respiração. Quando Ead terminou de falar, ele não podia mais sentir nada além do latejar surdo na ponta do braço.

O fogo dentro dele morreu de repente. As sombras voltaram.

— Você a deixou na Torre Dearn. — Ele forçou. — Ela deveria ter sido enviada para Brygstad e julgada com justiça. Mas não. Você puxou para fora, assim como você fez comigo. — Uma lágrima escorreu pelo canto de sua boca. — Os ossos dela estão de um lado do mundo, e os de Triam Sulyard do outro. Quanto sofrimento poderia ter sido evitado se eles se sentissem seguros o suficiente para discutir suas ideias com você, Sabran, em vez de resolver o problema por conta própria.



Sabran não desviou o olhar.

— Não é só você que busca um sol branco — disse ela.

Lentamente, Niclays se levantou. O suor frio pontilhava sua testa. A dor em seu braço agora era tão forte que ele mal conseguia ver.

— Crest está morta?

— Sim — disse Sabran. — Seu reinado à sombra do trono chegou ao fim.

Deveria confortá-lo. Talvez um dia isso acontecesse. Mas isso não a traria de volta.

Ele imaginou Truyde, a neta que ele nunca teve e nunca teria. Seus olhos e sardas vieram de sua mãe, mas seu cabelo ruivo, que tinha sido um presente de seu avô. Tudo se foi. Ele se lembrou de como o rosto dela se iluminava quando ele visitou a Casa Seda, e como ela corria para ele com os braços cheios de livros e implorou que a ajudasse a aprender com eles. *Tudo*, ela havia dito. *Eu quero saber tudo*. Acima de tudo, foi sua mente brilhante, sempre curiosa, que a tornou mais parecida com Jannart.

— A Alta Princesa Ermuna estendeu-lhe um convite para voltar para casa — disse Sabran baixinho. — Ela não pede permissão a Inys e, mesmo que tivesse, não tenho mais nenhuma disputa com isso.

Era tudo o que ele queria ouvir há sete anos. Vitória nunca teve tanto gosto de cinzas.

— Casa. Sim. — Uma risada vazia escapou dele. — Pegue meu dom de conhecimento. Destrua o Inominável, para que possa haver outras crianças que se esforçam para mudar o mundo. E então, eu oro a você, Sua Majestade, deixe-me em minhas sombras. Receio que sejam tudo o que me resta.

Capítulo 70

Abismo

O *Reconciliação* era um navio fantasma à distância. Loth observou outras embarcações emergirem atrás dele da névoa.

Era o fim do segundo dia de primavera e eles estavam acima da Fossa da Casa do Osso, a parte mais profunda do Abismo. Em Cársaro, um grupo de mercenários atravessaria a passagem na montanha para matar o rei Sigoso e proteger Donmata Marosa.

Se ela ainda estivesse viva. Se o Rei de Carne já tivesse morrido, sua filha poderia ser uma marionete agora.

As insígnias de todos os países, exceto uma, ondulavam entre os navios. O Imperador Incessante estava olhando para eles, as mãos atrás das costas. Ele usava uma couraça com escamas sobre um manto escuro, uma túnica pesada no topo e um capacete de ferro ornamentado, incrustado com luas de prata e estrelas.

— Então — disse ele — assim começa. — Ele olhou para Loth. — Eu agradeço, Lorde Arteloth. Pelo o prazer da sua companhia.

— O prazer foi meu, Majestade.

Demorou para os navios serem amarrados uns aos outros. Finalmente, Sabran foi para o *Pérola Dançante* com Dama Nelda Stillwater e Lorde

Lemand Fynch em cada lado dela, seguidos pela maioria de seus Cavaleiros do Corpo e uma multidão de oficiais navais e soldados Inysh.

Combinando com a situação, seu traje atingia um equilíbrio delicado entre esplendor e praticidade. Um vestido que mais parecia um casaco, sem armação e cortado acima do tornozelo, com botas de montaria por baixo. Uma coroa de doze estrelas, intercalada com pérolas Sundance, estava em cima de seu cabelo trançado. E embora ela não fosse uma guerreira, ela usava a Espada de Virtudom, a substituta de Ascalon, ao seu lado.

Quando Loth viu Ead na comitiva, envolta em uma capa com gola de pele, ele respirou sem esforço pela primeira vez em dias. Ela estava viva. Tané manteve sua palavra.

A própria Tané também estava entre aqueles que cruzaram, embora seu dragão não estivesse em lugar nenhum. Quando seus olhares se encontraram, ela inclinou a cabeça. Loth devolveu o gesto.

O Imperador Incessante parou a uma curta distância de Sabran. Ele fez uma reverência, enquanto Sabran fez uma reverência.

— Sua Majestade — O Imperador Incessante disse.

Seu rosto estava moldado em mármore.

— Sua Majestade Imperial.

Houve um momento em que se olharam, esses dois governantes que governaram com mandatos irreconciliáveis, que viveram suas vidas na sombra de gigantes.

— Perdoe nossa ignorância de sua língua — disse Sabran por fim. — Entendemos que você fala a nossa.

— De fato — disse o Imperador Incessante. — Embora eu assegure-lhe que ignoro os assuntos de Inysh na maioria das outras frentes. A linguagem era uma das minhas paixões quando menino. — Ele ofereceu um sorriso gracioso. — Vejo que você também tem uma paixão do meu lado do mundo. Pérolas Sundance.

— Gostamos muito delas. Esta coroa foi feita antes do Século da Dor, quando Inys ainda negociava com Seiiki.

— Elas são excelentes. Também temos belas pérolas no Império dos Doze Lagos. Pérolas de água doce.

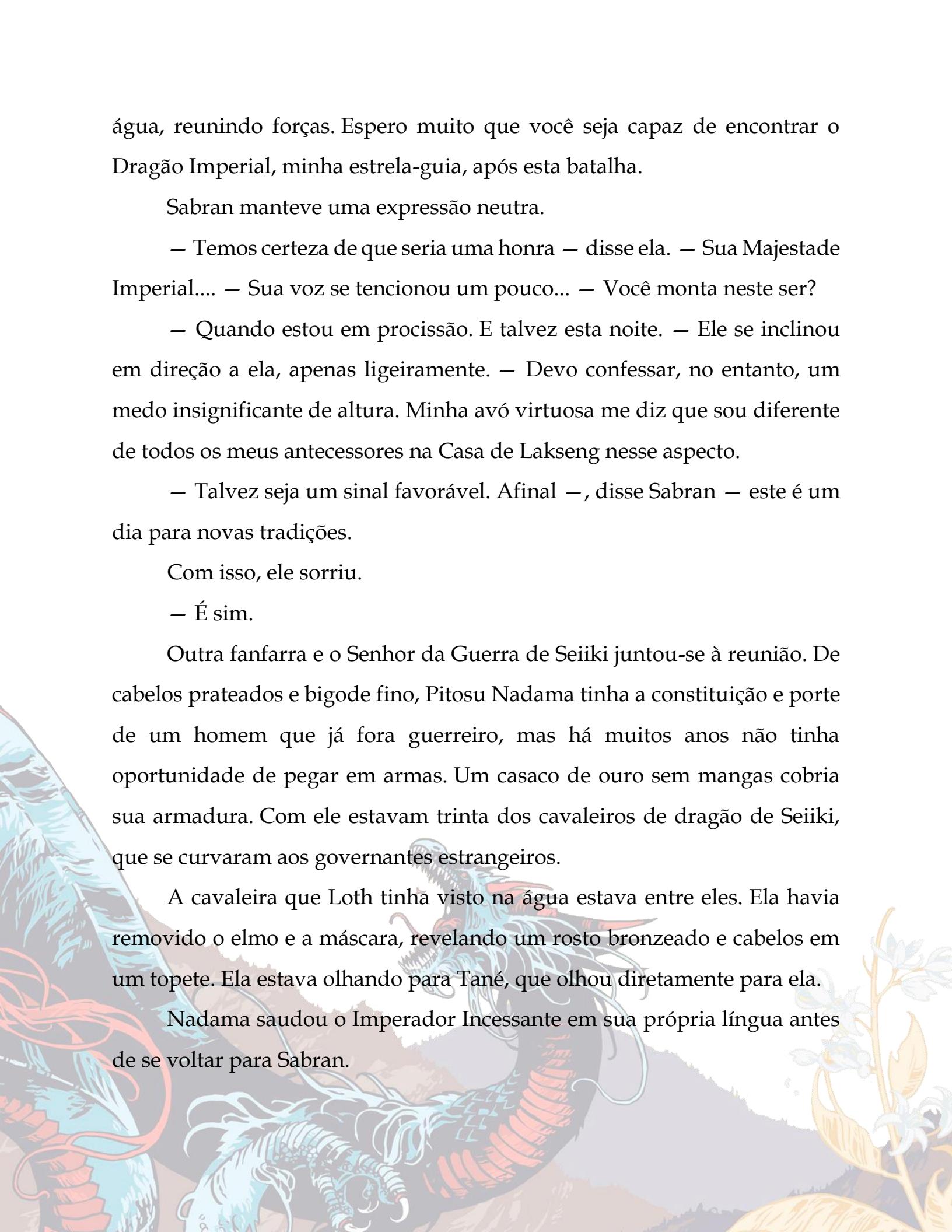
— Gostaríamos de vê-las — disse Sabran. — Devemos agradecer a Vossa Majestade Imperial, e ao todo honrado Senhor da Guerra, por sua rápida aquiescência ao nosso pedido de ajuda.

— Meu irmão de armas e eu dificilmente poderíamos ter recusado, Vossa Majestade, dada a urgência de nossa situação. E com que paixão Lorde Arteloth defendeu esta aliança.

— Não esperávamos menos. — Loth chamou sua atenção, e ela deu a ele o mais leve sorriso. — Podemos perguntar se os dragões do Oriente estão próximos? — ela adicionou. — Esperávamos poder vê-los. Ou talvez sejam menores do que sempre assumimos.

Algumas risadas nervosas aumentaram.

— Bem —, disse o Imperador Incessante, — as lendas dizem que uma vez eles poderiam se tornar menores do que uma ameixa. Por enquanto, entretanto, eles são tão grandes quanto você imaginou. — O canto de sua boca se contraiu. — Eles estão sob as ondas, Sua Majestade. Mergulhando na



água, reunindo forças. Espero muito que você seja capaz de encontrar o Dragão Imperial, minha estrela-guia, após esta batalha.

Sabran manteve uma expressão neutra.

— Temos certeza de que seria uma honra — disse ela. — Sua Majestade Imperial.... — Sua voz se tencionou um pouco... — Você monta neste ser?

— Quando estou em procissão. E talvez esta noite. — Ele se inclinou em direção a ela, apenas ligeiramente. — Devo confessar, no entanto, um medo insignificante de altura. Minha avó virtuosa me diz que sou diferente de todos os meus antecessores na Casa de Lakseng nesse aspecto.

— Talvez seja um sinal favorável. Afinal —, disse Sabran — este é um dia para novas tradições.

Com isso, ele sorriu.

— É sim.

Outra fanfarra e o Senhor da Guerra de Seiiki juntou-se à reunião. De cabelos prateados e bigode fino, Pitosu Nadama tinha a constituição e porte de um homem que já fora guerreiro, mas há muitos anos não tinha oportunidade de pegar em armas. Um casaco de ouro sem mangas cobria sua armadura. Com ele estavam trinta dos cavaleiros de dragão de Seiiki, que se curvaram aos governantes estrangeiros.

A cavaleira que Loth tinha visto na água estava entre eles. Ela havia removido o elmo e a máscara, revelando um rosto bronzeado e cabelos em um topete. Ela estava olhando para Tané, que olhou diretamente para ela.

Nadama saudou o Imperador Incessante em sua própria língua antes de se voltar para Sabran.

— Sua Majestade. — Até sua voz era militar, cortada e clara. — Meus colegas cavaleiros lutarão ao seu lado neste dia. Apesar de nossas diferenças.

— Ele olhou para o Imperador Incessante. — Desta vez, vamos garantir que o Inominável não volte para nos atormentar.

— Esteja certo de que Inys está com você, todo honrado Senhor da Guerra — Sabran respondeu. O hálito branco vibrou de sua boca. — Neste dia e pelo resto do tempo.

Nadama acenou com a cabeça.

Trombetas soaram então, anunciando o Rei Raunus da Casa de Hraustr. Um gigante pálido com cabelos dourados, olhos como ferro e grandes músculos nodosos. Ele saudou Sabran com um abraço de esmagar os ossos antes de se apresentar bruscamente aos governantes orientais. Sua mão permaneceu perto do florete folheado a ouro ao seu lado.

Apesar da abertura amigável, a tensão entre os quatro era um fogo baixo. Um sopro de vento errante poderia abaná-lo. Depois de séculos de distanciamento, Loth supôs que não era de se admirar que cada lado precisasse do outro.

Depois de confidenciarem em voz baixa por um tempo, os governantes retiraram-se para seus próprios navios. Os cavaleiros de dragão marcharam atrás do Senhor da Guerra. No momento em que começaram a sair, Tané girou nos calcanhares e caminhou na outra direção.

Ead seguiu Sabran para dentro de sua cabine, mas acenou para Loth se juntar a eles. Loth esperou que a maioria dos convidados esvaziasse o convés. Assim que ele passou pelos Cavaleiros do Corpo e pela porta, ele tirou Ead no chão.

— Ser seu amigo é um assunto bastante extenuante, você sabe — ele disse, sentindo o sorriso dela contra sua própria bochecha. Ele juntou Sabran com o outro braço. — Isso se aplica a vocês duas.

— Palavras ricas do homem que navegou para o Leste com piratas — disse Sabran em seu ombro.

Ele deu uma risadinha. Quando ele colocou Ead no chão, ele viu que a mancha havia sumido de seus lábios, embora ela parecesse cansada.

— Estou bem — ela disse a ele. — Graças a Tané. E a você.

Ele colocou uma das mãos dela entre as suas.

— Você ainda sente frio.

— Vai passar.

Loth se virou para Sabran e endireitou sua coroa de pérolas, que havia se desfeito no abraço.

— Eu me lembro de sua mãe usando isso. Ela ficaria orgulhosa desta aliança, Sab.

Ela esboçou um sorriso.

— Acredito que sim.

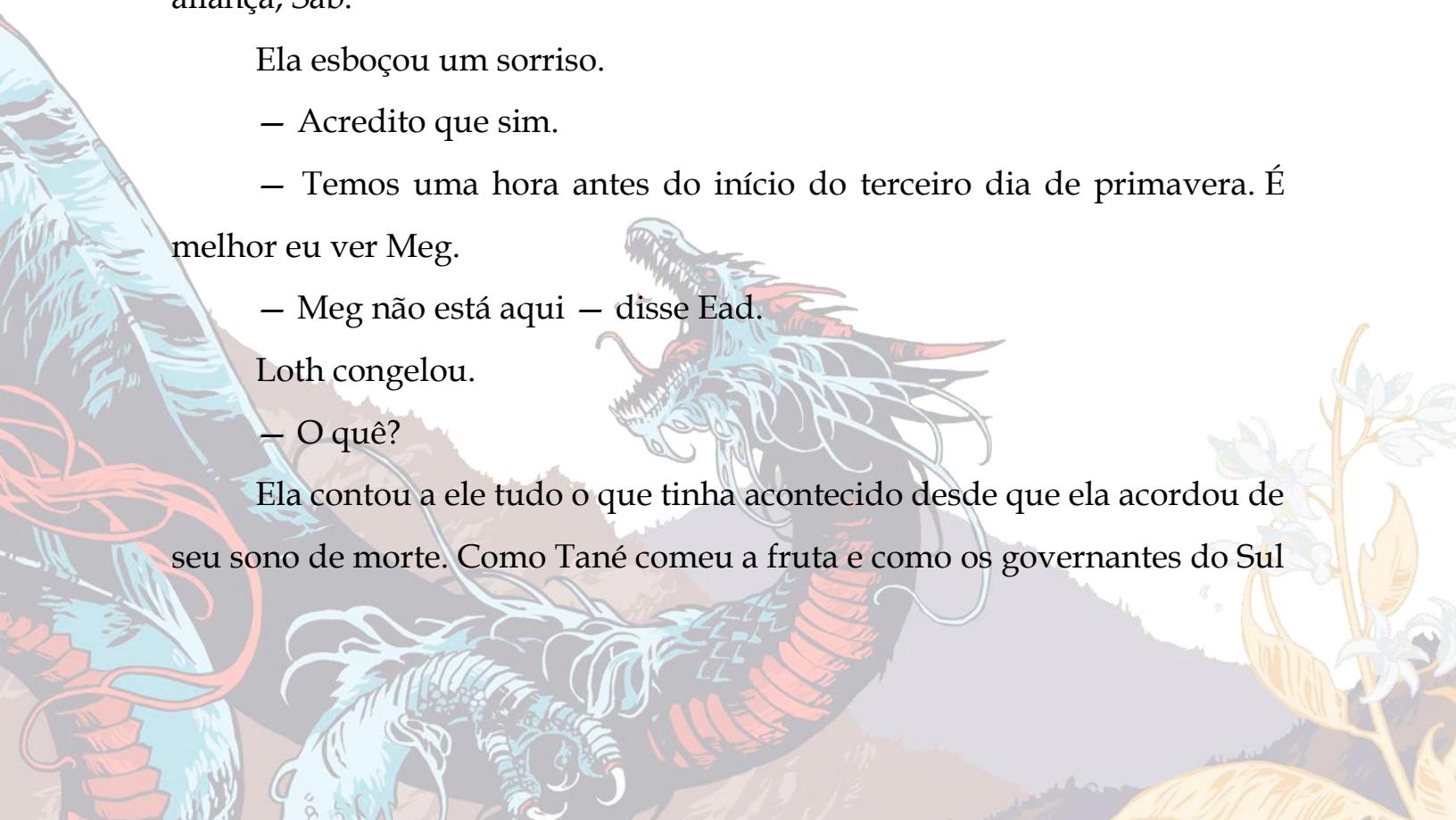
— Temos uma hora antes do início do terceiro dia de primavera. É melhor eu ver Meg.

— Meg não está aqui — disse Ead.

Loth congelou.

— O quê?

Ela contou a ele tudo o que tinha acontecido desde que ela acordou de seu sono de morte. Como Tané comeu a fruta e como os governantes do Sul



vieram para negociar uma aliança. Quando ela revelou exatamente onde sua irmã estava, Loth respirou fundo.

— Vocês a deixaram ir para Cársaro. — Ele disse isso para as duas. — Para um cerco.

— Loth — disse Ead. — Meg fez sua própria escolha.

— Ela estava determinada a desempenhar o seu papel e não vi razão para tirar isso dela — explicou Sabran. — O Capitão Lintley está com ela.

Ele imaginou sua irmã na planície árida, acocorada em um hospital de campanha entre a sujeira e o sangue da batalha. Ele pensou em Margret com a chama de sangue e se sentiu mal.

— Devo me dirigir aos marinheiros de Inysh — murmurou Sabran. — Rezo para que vejamos o amanhecer.

Loth engoliu a rolha de pavor em sua garganta.

— Que Cleolind cuide de todos nós — disse ele.



No convés do *Pérola Dançante*, Tané estava entre os soldados e arqueiros que se reuniram para esperar a hora.

O Imperador Incessante estava no convés superior. Atrás dele, como uma sombra imensa, o Dragão Imperial assomava. Suas escamas eram de ouro escuro, olhos azuis como geleiras. Longas gavinhas combinavam com o branco de seus chifres. Na popa estavam três dos dragões anciões Seiikinenses. Mesmo depois de todo o tempo que Tané havia passado na companhia de dragões, esses eram os mais colossais que ela já vira.

Perto dos anciões, o Senhor da Guerra de Seiiki mantinha vigilância ao lado do General do Mar. Tané sabia que seu ex-comandante estava mais do que ciente de sua presença. Cada vez que ela olhava para longe dele, ela sentia sua atenção voltada para seu rosto.

Onren e Kanperu estavam entre os donos de dragões. Este último havia ganhado uma cicatriz em um olho desde que Tané o vira pela última vez. Seus dragões esperavam atrás do *Desafio*.

Um toque em seu braço a fez olhar para trás. Uma figura emergiu das sombras atrás dela, vestindo uma capa com capuz.

Ead.

- Onde está Roos? — Tané perguntou a ela suavemente.
- A febre se instalou. Sua luta hoje será por sua vida. — Ead nunca tirou o olhar de Sabran. — Seu dragão chegou? — Tané balançou a cabeça. — Você poderia andar em outro?
- Não sou mais uma piloto.
- Mas certamente hoje...
- Você não parece entender — disse Tané rispida. — Estou desonrada. Eles nem mesmo falam comigo.

Finalmente, Ead concordou.

- Mantenha a joia protegida. — Foi tudo o que ela disse antes de retornar às sombras.

Tané tentou se concentrar. Uma lufada de vento acariciou sua coluna, bagunçou seu cabelo e subiu para encher as velas do *Pérola Dançante*.

Nas profundezas do Abismo, havia movimento. Não mais do que o bater das asas de uma borboleta ou o despertar de uma criança no útero.

— Ele vem. — O Dragão Imperial disse. Sua voz estremeceu através dos navios.

Tané pegou sua caixa. A joia estava tão fria que ela podia senti-la através da madeira e da laca.

O vento uivava contra as velas. Era isso. Nuvens se acumulavam acima dos navios. O Dragão Imperial chamou seus irmãos na língua de sua espécie. Os dragões Seiikinenses juntaram suas vozes às dele. Água borbulhou em suas escamas. A névoa ficou mais densa quando eles trouxeram a tempestade e, com ela, sua força. Enquanto decolavam do mar, a água escorria deles, encharcando os humanos abaixo. Tané afastou os olhos dela.

Aconteceu tão rápido. Um momento, tudo estava em silêncio, exceto a chuva.

Então, loucura.

A primeira coisa que ela pensou foi que o sol havia nascido, tal era a luz que se acendeu no norte. Então veio um calor que sugou o fôlego dela. O fogo explodiu no navio de guerra Seiikinense *Crisântemo*, momentos antes de uma segunda erupção rasgar a frota do rei do Norte, e um rugido estrondoso anunciou a chegada do inimigo.

Quando o Alto Ocidental negro apareceu, o vento a favor do voo apagou todas as lamparinas de todos os navios.

— Fýredel! — Alguém berrou.

Tané engasgou com o fedor quente de suas escamas. Gritos soaram. À luz do fogo, ela viu Loth correndo com a Rainha Sabran para seus Cavaleiros

do Corpo e a Guarda Imperial cercando o Imperador Incessante antes de um ombro bater em seu peito, derrubando-a.

Uma concha de guerra soou na escuridão. Os cavaleiros desapareceram com seus dragões no mar. Mesmo com o caos acendendo ao seu redor, Tané ansiava por estar entre eles.

O Alto Ocidental negro circulou a frota. Seus servos vieram rasgando acima dos navios. Eles se enredaram com os dragões Orientais. Asas, asas infinitas, agitando-se como morcegos. Caudas chicoteavam relâmpagos no céu.

Um wyvern voou direto para o mastro principal do *Reconciliação*. Ele gemeu e se dobrou, derrubando a vela mais alta. Um grito agonizante saiu do convés.

As velas do *Crisântemo* com armadura de ferro foram envoltas em chamas. Tané correu com a multidão, pistola na mão. A força do poder dentro dela, seu siden, pulsava em seu sangue como um segundo batimento cardíaco.

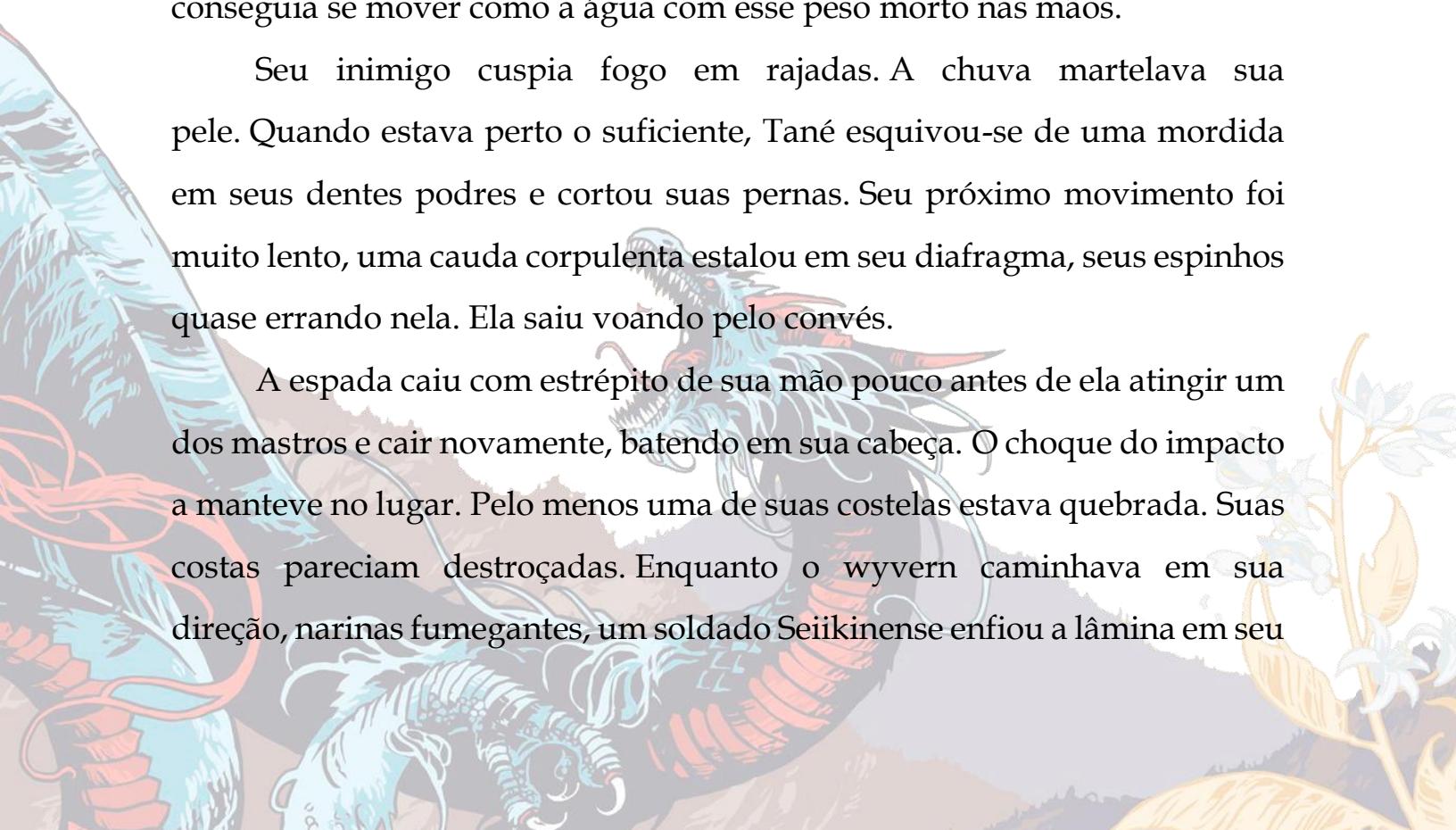
Um cuspidor de fogo pousou na frente dela. Maior que um garanhão. Duas pernas. Uma língua escarlate sacudia em sua boca.

Wyvern.

Toda sua vida ela se preparou para isso. Era para isso que ela nascera.

Tané tirou a joia ascendente. Uma luz branca chamejou para fora dela, e o wyvern gritou de raiva, protegendo-se do brilho com sua asa. Ela o dirigiu de volta, longe dos arqueiros.

Outro wyvern caiu atrás dela, sacudindo o convés, olhos como carvão em sua cabeça. Pega entre eles, Tané enfiou a joia de volta em sua caixa com



uma mão e puxou sua espada Inysh de sua bainha com a outra. O peso disso a desequilibrou, e o primeiro golpe foi largo, mas o segundo acertou o alvo. Sangue em brasa jorrou quando a lâmina cortou escamas, carne e osso. O wyvern atingiu o convés, sem cabeça, seu corpo ainda se debatendo.

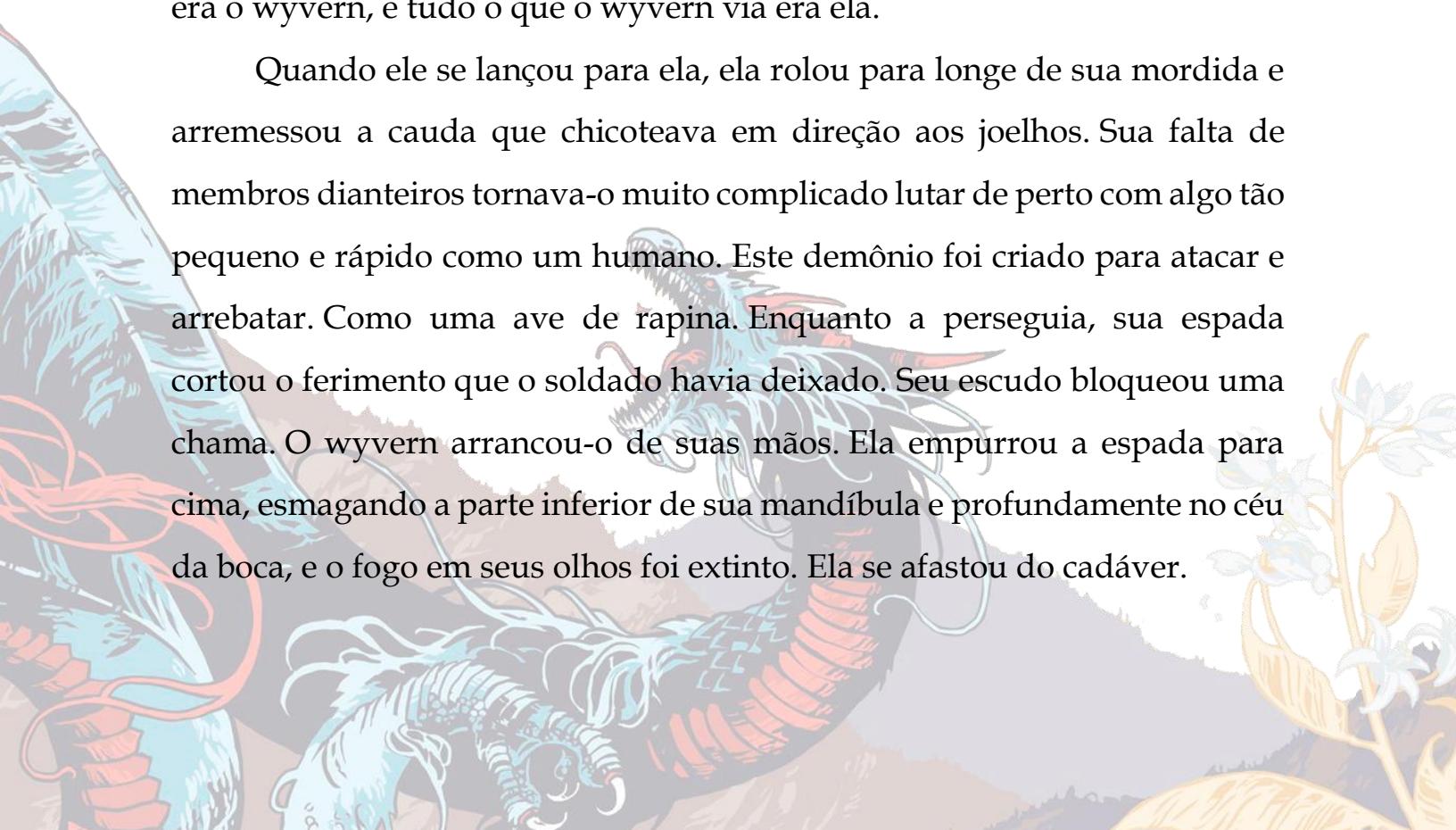
E só por um momento, ela viu Susa naquela poça de sangue, uma cabeça de cabelo escuro rolando em uma vala, e ela não conseguia se mover um centímetro. O primeiro wyvern cuspiu chamas em suas costas.

Ela se desviou bem a tempo. Por conta própria, sua mão voou para cima e uma luz dourada saiu de suas palmas. O fogo Dracônico refletiu sobre ela, queimando o ombro de sua camisa e fazendo-a gritar quando as bolhas se formaram, mas o resto das chamas diminuiu na névoa.

O wyvern inclinou a cabeça, pupilas entreabertas, antes de soltar um rosnado horrível e explodir com mais fogo tingido de azul. Tané recuou, espada em punho. Ela precisava de uma lâmina Seiikinense. Ninguém conseguia se mover como a água com esse peso morto nas mãos.

Seu inimigo cuspia fogo em rajadas. A chuva martelava sua pele. Quando estava perto o suficiente, Tané esquivou-se de uma mordida em seus dentes podres e cortou suas pernas. Seu próximo movimento foi muito lento, uma cauda corpulenta estalou em seu diafragma, seus espinhos quase errando nela. Ela saiu voando pelo convés.

A espada caiu com estrépito de sua mão pouco antes de ela atingir um dos mastros e cair novamente, batendo em sua cabeça. O choque do impacto a manteve no lugar. Pelo menos uma de suas costelas estava quebrada. Suas costas pareciam destroçadas. Enquanto o wyvern caminhava em sua direção, narinas fumegantes, um soldado Seiikinense enfiou a lâmina em seu



flanco. No primeiro momento de sua fúria, ele circulou o wyvern e mirou em seu olho. Ele bateu com as mandíbulas em sua perna e o jogou contra o convés, repetidas vezes, para frente e para trás, como se ele fosse um pedaço de carne. Tané ouviu seus ossos se quebrarem, seus gritos borbulhando. A besta jogou o que sobrou para o lado.

Um soldado carbonizado jazia próximo, vestido com uma armadura azul e prata. Tané pegou um escudo estampado com a heráldica do Reino de Hróth e ergueu-o no braço esquerdo, cerrando os maxilares por causa da dor nas costelas. Com a outra mão, ela ergueu sua espada ensanguentada.

O calor das fogueiras trazia o suor à superfície. A espada estava escorregadia em sua mão.

Ela não estava mais ciente dos outros cuspidores de fogo que se aglomeravam acima dos navios, rasgando as velas e respirando grandes nuvens de fogo, ou dos soldados lutando ao seu redor. Tudo o que ela via era o wyvern, e tudo o que o wyvern via era ela.

Quando ele se lançou para ela, ela rolou para longe de sua mordida e arremessou a cauda que chicoteava em direção aos joelhos. Sua falta de membros dianteiros tornava-o muito complicado lutar de perto com algo tão pequeno e rápido como um humano. Este demônio foi criado para atacar e arrebatar. Como uma ave de rapina. Enquanto a perseguia, sua espada cortou o ferimento que o soldado havia deixado. Seu escudo bloqueou uma chama. O wyvern arrancou-o de suas mãos. Ela empurrou a espada para cima, esmagando a parte inferior de sua mandíbula e profundamente no céu da boca, e o fogo em seus olhos foi extinto. Ela se afastou do cadáver.

O siden reabasteceu antes que a exaustão pudesse se instalar. Nada poderia tocá-la. Nem mesmo a morte. Enquanto o Alto Ocidental negro esmagava o mastro do *Mãe Água*, Tané agarrou uma lança caída.

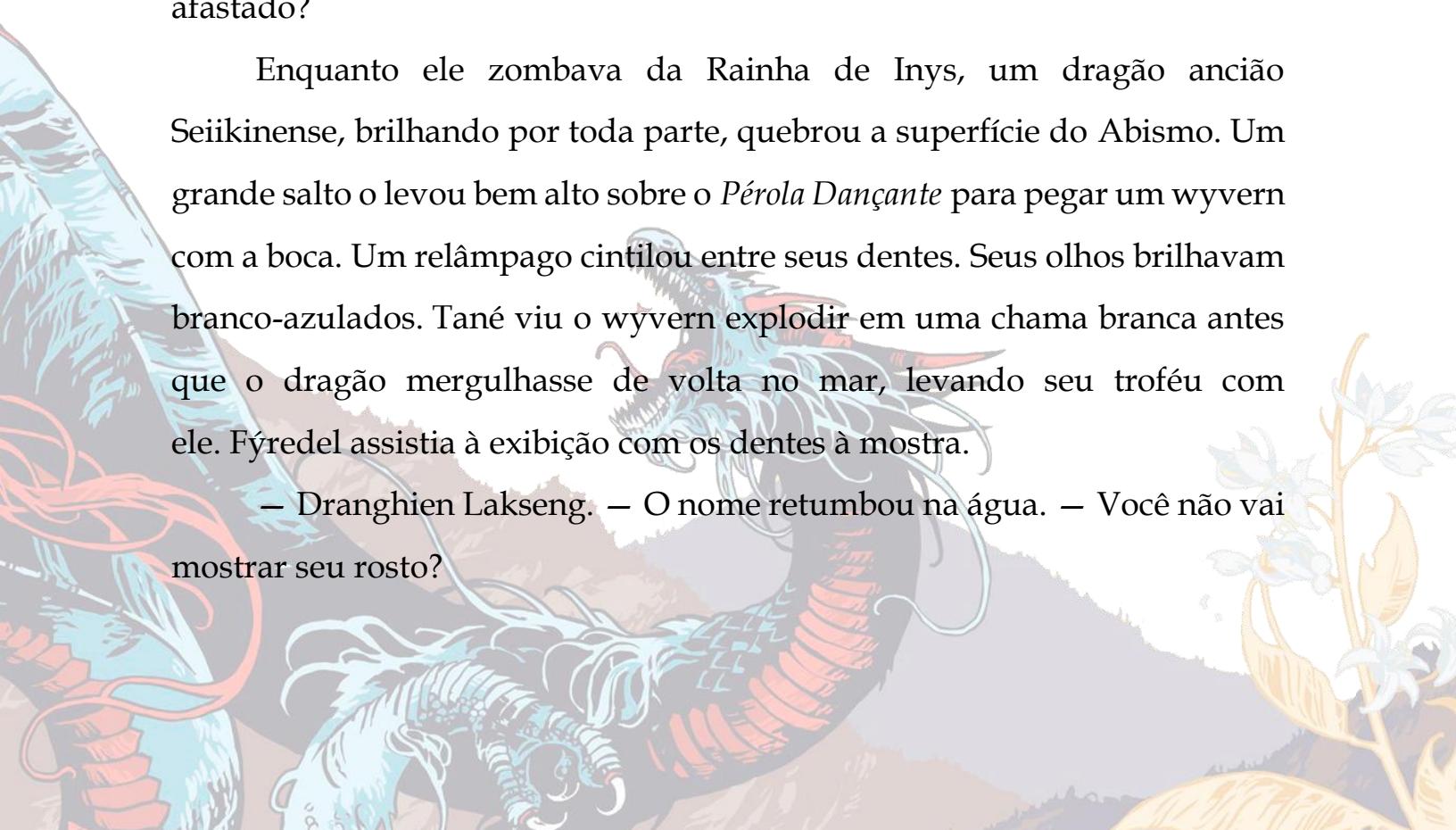
Seus olhos doíam. Ela podia ver os cuspidores de fogo como se fossem partículas de poeira em um raio de sol. Com um movimento de seu braço, a lança voou em um monstro com cabeça de pássaro e empalou sua asa, prendendo-o ao corpo. Batendo as asas descontroladamente com o outro, mergulhou nas ondas.

O *Reconciliação* havia se afastado do *Pérola Dançante*. Assim como o *Desafio* e o *Crisântemo*. Seus canhões apontavam para cima. Ela ouviu o barulho de uma arma giratória antes que o *Reconciliação* liberasse tudo o que tinha. Canhões giravam em direção ao céu e se prendiam em asas e caudas. Um som ensurcedor começou quando os canhões dispararam. Setas de besta estremeceram dos navios Lacustres, lascas de bronze refletindo a luz do fogo. Ela podia ouvir capitães berrando ordens e pistolas disparando do convés do *Desafio* e o som das cordas do arco em toda a frota.

O clamor era demais. Sua cabeça estava girando. Ela estava bêbada em siden, vendo toda a batalha como uma visão.

Uma arma. Ela precisava de outra arma. Se ela pudesse alcançar o *Desafio*, ela poderia encontrar algo. Um passo a levou para a amurada e ela mergulhou no mar.

O silêncio sob a água esfriou o fogo interno. Ela emergiu e nadou forte para o *Desafio*. Perto dali, um dos navios Ersyri havia sido vencido por chamas, e sua tripulação caía de todos os lados.



Haveria pólvora negra naquele navio. Bastante. Ela respirou fundo e nadou para baixo.

Quando o navio explodiu, ela sentiu o lampejo de calor através da água. Uma luz laranja suja manchava o Abismo. A força disso tomou conta dela e a desviou do curso. Ela chutou para trás, cega pelo próprio cabelo. Enquanto ela se aproximava do *Desafio*, ela emergiu.

A fumaça preta subia da carcaça em chamas do navio. Por um momento, Tané só conseguiu olhar para a destruição.

O Alto Ocidental negro se acomodou nas ruínas como se fossem um trono. Alimentado de carne e com músculos em faixas, era um tamanho grotesco. As pontas de sua cauda tinham três metros de comprimento cada.

Fýredel.

— Sabran Berethnet. — Sua voz sangrou de ódio. — Meu mestre finalmente vem atrás de você. Onde está a criança que vai mantê-lo afastado?

Enquanto ele zombava da Rainha de Inys, um dragão ancião Seiikinense, brilhando por toda parte, quebrou a superfície do Abismo. Um grande salto o levou bem alto sobre o *Pérola Dançante* para pegar um wyvern com a boca. Um relâmpago cintilou entre seus dentes. Seus olhos brilhavam branco-azulados. Tané viu o wyvern explodir em uma chama branca antes que o dragão mergulhasse de volta no mar, levando seu troféu com ele. Fýredel assistia à exibição com os dentes à mostra.

— Dranghien Lakseng. — O nome retumbou na água. — Você não vai mostrar seu rosto?



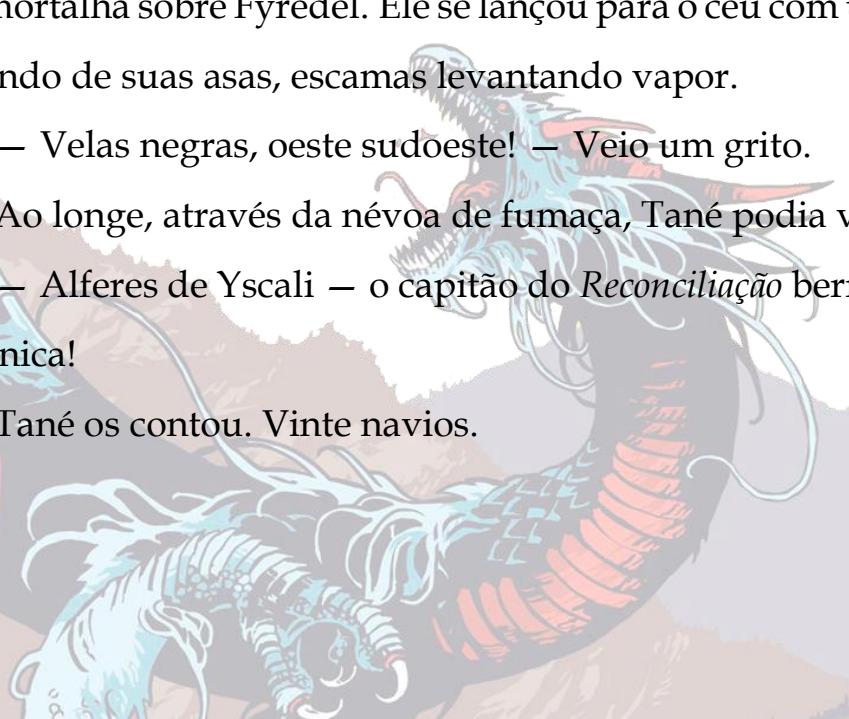
Tané continuou nadando. Os canhões do *Desafio* pareciam tão altos quanto um trovão. Ela encontrou os apoios para as mãos e subiu.

— Eis o Rugido de Hróth, que se esconde no navio — zombou Fýredel, expondo novamente os dentes. Canhões latiram da Guarda do Urso em resposta. — Eis o Senhor da Guerra de Seiiki, que prega a unidade entre o ser humano e a lesma do mar. Vamos derrubar seus guardiões e dispersá-los como ovelhas, como fizemos séculos atrás. Vamos deixar areia preta de costa a costa.

Tané chegou ao convés do *Desafio*. Soldados Seiikinenses empunhavam arcos longos e pistolas. Uma flecha atingiu um wyvern. Ela puxou uma espada da mão de uma mulher morta. Em algum lugar da noite, um dragão estava uivando.

— Longe vão os dias dos heróis — disse Fýredel. — De Norte a Sul e de Oeste a Leste, seu mundo vai queimar.

Tané tirou a joia nascente de sua caixa. Se Kalyba estivesse por perto, ela seria atraída por seu poder.



Sterren socou as ondas como uma agulha na seda e as puxou como uma mortalha sobre Fýredel. Ele se lançou para o céu com um rosnado, gotas chovendo de suas asas, escamas levantando vapor.

— Velas negras, oeste sudoeste! — Veio um grito.

Ao longe, através da névoa de fumaça, Tané podia vê-los.

— Alferes de Yscali — o capitão do *Reconciliação* berrou. — A Marinha Dracônica!

Tané os contou. Vinte navios.

Outro wyvern mergulhou e ela rolou para trás de um mastro. Uma linha completa de arqueiros caiu em sua cauda. Um soldado atirou sua alabarda na criatura, direto em seu quadril.

Um arqueiro estava caído na amurada, com os ossos despedaçados. Tané empurrou a joia para longe e pegou seu arco e aljava. Quatro flechas restantes.

— Cuspidor de fogo — O vigia acima dela rugiu. — Porto, porto!

Os arqueiros restantes se viraram e sacaram enquanto os canhões eram recarregados. Tané preparou uma flecha própria.

Um segundo Alto Ocidental, pálido como um guindaste, saiu da noite. Tané observou as asas se dobrarem para dentro, as escamas mudarem perfeitamente para a pele, os olhos verdes ganharem o branco e o cabelo preto fluir onde antes havia chifres. No momento em que pousou no *Desafio*, o wyrm havia se tornado a mesma mulher que Tané vira em Lasia. Lábios vermelhos se fecharam no último piscar de uma língua bifurcada.

— Criança —, disse Kalyba em Inysh, — dê-me essa joia.

Algo em Tané a instava a obedecer.

— Não é uma arma. É o desequilíbrio. — A bruxa caminhou em sua direção. — Dê para mim.

Abalada, Tané puxou a corda do arco e se obrigou a não olhar para o que Kalyba segurava. A lâmina era a prata pura e brilhante de uma estrela.

Ascalon.

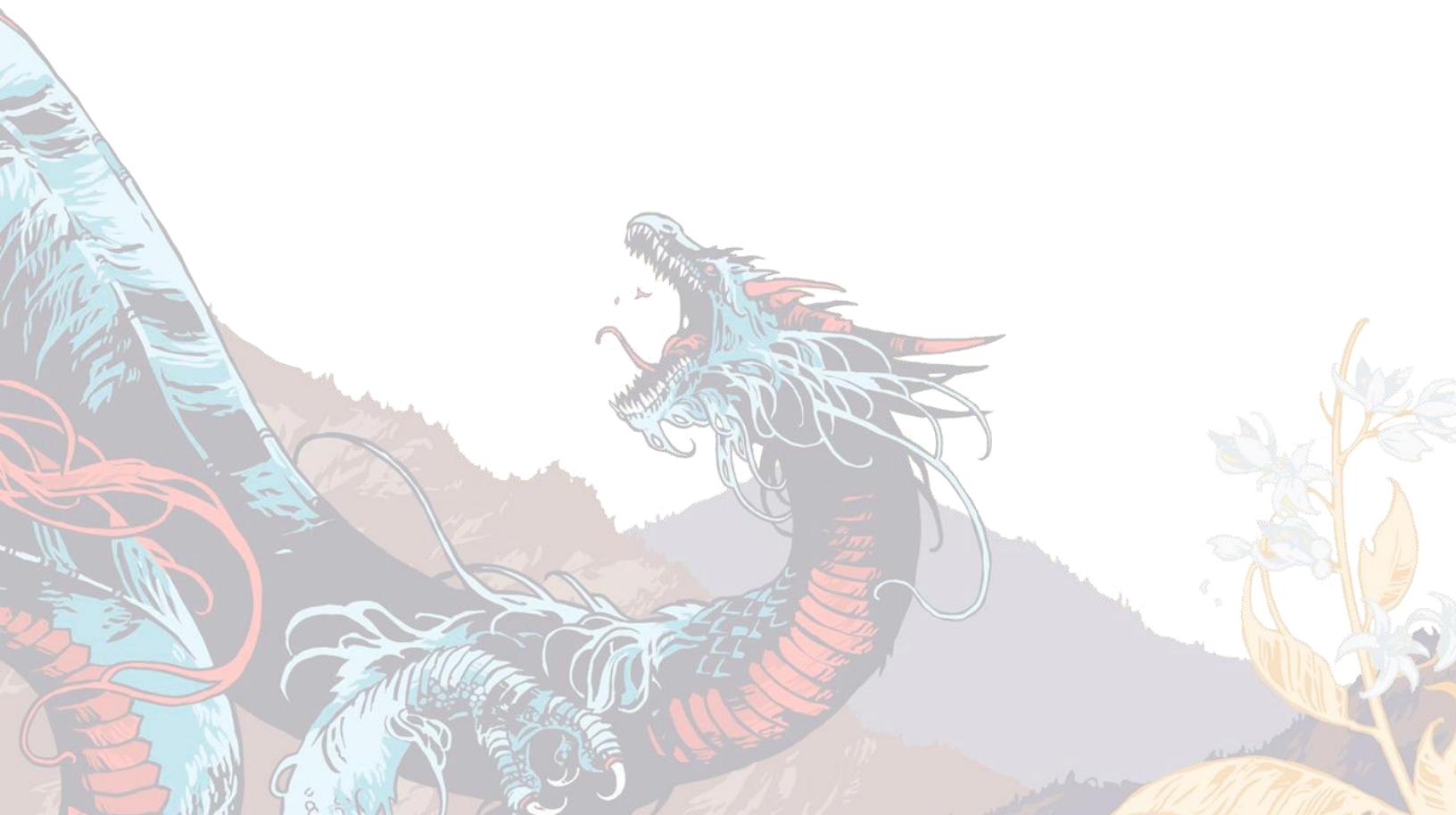
— Um arco. Oh céus. Eadaz deveria ter avisado que você não pode matar uma bruxa com uma lasca de madeira. Ou fogo. — Kalyba continuou

caminhando em sua direção, nua, olhos selvagens. — Eu deveria ter esperado esse desafio da semente de Neporo.

A cada passo que Kalyba dava pelo convés, Tané afastava um dela. Logo ela sairia do navio. O arco era inútil, sua inimiga poderia mudar de forma para longe de uma flecha em um piscar de olhos, e estava claro que a espada poderia se transfigurar com ela. Quando estava em sua mão, era como outro membro.

— Eu me pergunto —, disse Kalyba, — se você poderia me derrotar em combate. Afinal, você é o Primeiro Sangue. — Sua boca se curvou. — Venha, sangue da amoreira. Vamos ver quem é a maior bruxa.

Tané largou o arco. Afastando os pés, ela deixou que sua solidão se erguesse como o sol em suas mãos.



Capítulo 71

Abismo

No *Reconciliação*, Loth montava guarda ao lado de sua rainha na sombra sob o tombadilho, cercado por doze dos Cavaleiros do Corpo.

Uma das velas superiores estava pegando fogo. Corpos espalhados pelo convés. Canhões emitiam disparos de barra e de cadeia, cortados com gritos de *Fogo* do contramestre, enquanto máquinas de cerco de Perchling lançavam ganchos de luta que se enredavam em torno de pernas e asas.

Era tudo o que os artilheiros podiam fazer para evitar os dragões Orientais. Embora alguns deles estivessem em fuga, estrangulando as raças ígneas da mesma forma que as cobras esmagavam sua presa, outros adotaram uma maneira diferente de matar. Eles mergulhavam sob as ondas, depois nadavam com toda a força e se erguiam. Uma batida de suas mandíbulas, e eles arrastavam sua presa de volta para o fundo.

Água escorria de suas escamas enquanto eles voavam sobre o *Reconciliação*. O fogo crepitava embaixo deles.

Sabran mantinha uma das mãos na Espada de Virtudom. Eles assistiram o wyrm pálido se transformar em uma mulher e pousar no *Desafio*.

Kalyba.

A Bruxa do Inysca.

— Ead irá até ela! — gritou Sabran para ele acima do clangor. — Alguém deve distrair a bruxa para que ela possa atacar.

A Marinha Dracônica estava se aproximando no momento. Um armador quadrado com velas vermelhas avançou sobre o *Reconciliação*.

— Difícil de bombardear — berrou o capitão. — Tripulação com armas, amarrem a última ordem. Atirem naquele navio!

Um terrível guincho de madeira e metal. O navio se chocou contra o vizinho *Rainha Merrow*.

— Tudo bem! — Loth gritou para Sabran. — Para o *Desafio*.

Os Cavaleiros do Corpo já estavam se movendo. Mantendo Sabran entre eles, eles avançaram pelo convés. Enquanto corriam, eles perdiam suas armaduras mais pesadas. Peitorais, couraças e grebas retiniam em seu rastro. Canhões atacaram o navio inimigo.

— Espadas! — O capitão sacou seu cutelo. — Leve Sua Majestade para o barco!

— Não há tempo! — Loth gritou.

O capitão cerrou os dentes. Seu cabelo agarrou-se ao rosto.

— Leve-a, então, Lorde Arteloth, e não olhe para trás — respondeu ele. — Rápido!

Sabran escalou a lateral do navio. Loth se juntou a ela, e ela pegou sua mão.

As ondas engoliram todos eles.

Tané lançou fogo em Kalyba através do *Desafio*. As chamas dançaram ao longo do convés, formando poças de sangue Dracônico. Quando a bruxa rebateu o ataque com seu próprio fogo vermelho lúgubre, tão quente que torrou a umidade do ar, Tané agarrou a joia ascendente. A água do mar colidiu com o navio, que balançou sob eles, e os incêndios foram sufocados.

Cada soldado e arqueiro fugiu do duelo. O navio era seu campo de batalha.

Kalyba se movia agilmente de pássaro para mulher, rápida como um raio. Tané gritou de frustração quando um bico rasgou sua bochecha e uma garra quase arrancou seu olho. Cada vez que a bruxa mudava, Ascalon mudava com ela. Quando ela estava em sua aparência humana, ela balançava a espada, e quando Tané desviou, e suas lâminas travaram, a joia ascendente cantou em resposta.

— Eu ouço ela — Kalyba respirou. — Me dê isto.

Tané bateu com a testa na dela e golpeou com uma lâmina escondida, acertando a bruxa na bochecha. Kalyba cambaleou, com os olhos arregalados e o rosto vermelho. Então chifres explodiram de seu crânio, e ela era um cervo branco sangrento, medonho e *enorme*, e a espada havia sumido novamente.

Tané usou a joia para jogar de volta mais água. O siden aguçou seus sentidos, fez seus membros se moverem mais rápido do que ela teria pensado possível enquanto o cervo trovejava pelo convés. Ela viu que um dos chifres tinha a ponta de prata e, quando ele abaixou a cabeça para espetá-la, ergueu a espada, cortando-o.



Kalyba colidiu com o convés em forma humana. Sangue brotou de seu ombro, onde um pedaço de carne foi cortado, e Ascalon jazia ao lado dela, coberto com rubi. Tané se lançou para ela, mas a bruxa já tinha o fogo nas mãos.

Tané se jogou atrás do mastro principal. O fogo vermelho brilhou em sua coxa, tão quente – como ferro derretido em sua carne – que a fez gritar. Com os olhos cheios de salmoura, ela esmagou a dor e avançou pelo convés. Ela estava quase na popa quando parou no meio do caminho.

A Rainha Sabran estava no *Desafio*. Loth estava ao lado dela, espada larga em punho, e doze guarda-costas se espalharam ao redor deles. Todos eles estavam ensopados.

— Sabran — Kalyba murmurou.

A rainha olhou para sua ancestral. Seus rostos eram idênticos.

— Vossa Majestade — um dos guardas gaguejou. Todos eles estavam olhando entre sua rainha e sua sósia. — Isso é feitiçaria.

— Afastem-se — disse Sabran aos guardas.

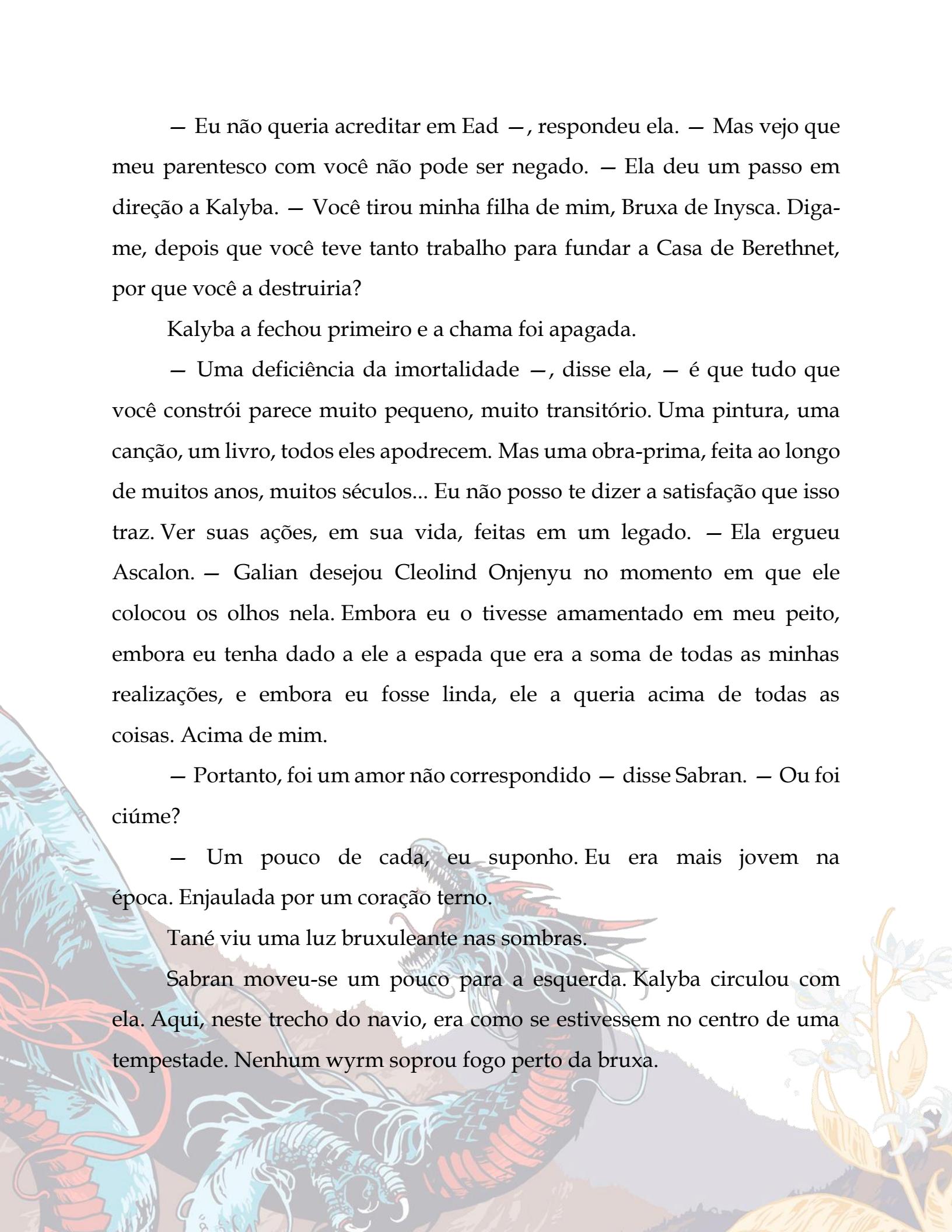
— Sim, *façam isso*, cavaleiros galantes. Façam como minha prole decreta. — Kalyba enrolou os dedos em torno da chama na palma da mão. — Você não vê que eu sou sua Donzela, antepassada de Inys?



Os cavaleiros não se moveram. Nem a rainha. Sua mão esquerda estrangulava o punho da espada.

— Você é uma imitação de mim — Kalyba disse a ela, venenoso. — Assim como sua espada é uma imitação barata desta.

Ela ergueu Ascalon. Sabran estremeceu.



— Eu não queria acreditar em Ead —, respondeu ela. — Mas vejo que meu parentesco com você não pode ser negado. — Ela deu um passo em direção a Kalyba. — Você tirou minha filha de mim, Bruxa de Inysca. Diga-me, depois que você teve tanto trabalho para fundar a Casa de Berethnet, por que você a destruiria?

Kalyba a fechou primeiro e a chama foi apagada.

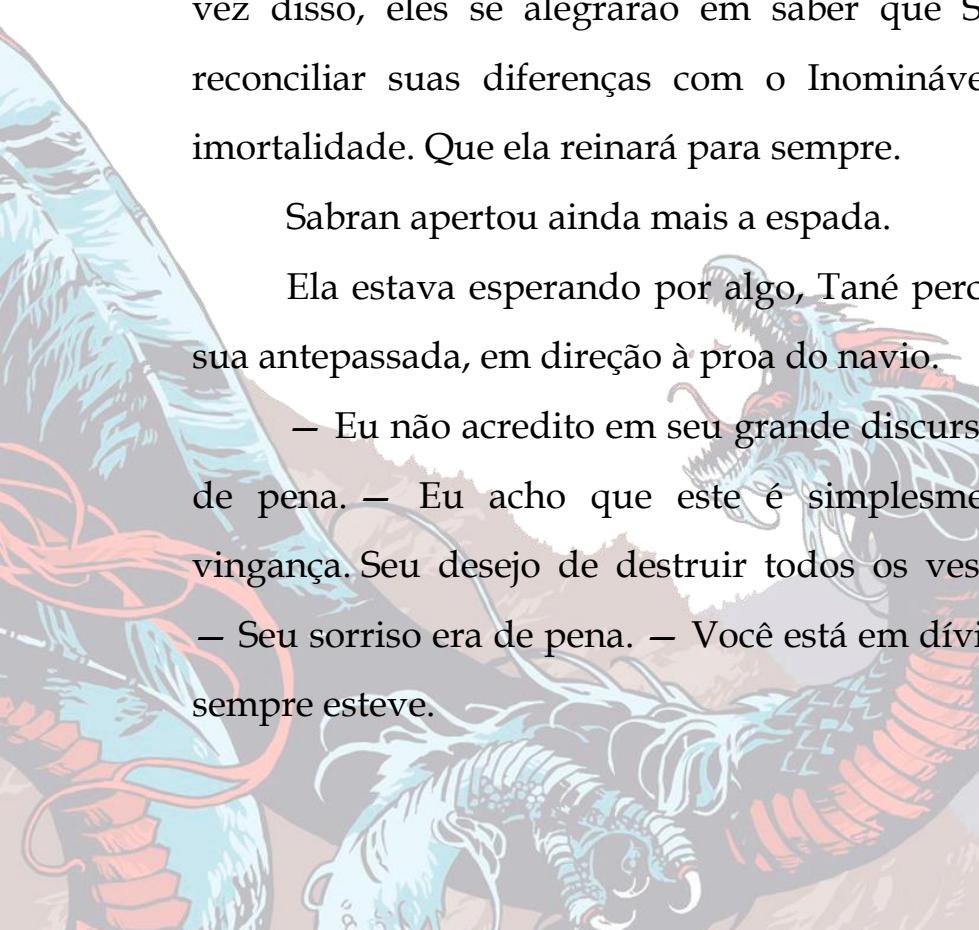
— Uma deficiência da imortalidade —, disse ela, — é que tudo que você constrói parece muito pequeno, muito transitório. Uma pintura, uma canção, um livro, todos eles apodrecem. Mas uma obra-prima, feita ao longo de muitos anos, muitos séculos... Eu não posso te dizer a satisfação que isso traz. Ver suas ações, em sua vida, feitas em um legado. — Ela ergueu Ascalon. — Galian desejou Cleolind Onjenyu no momento em que ele colocou os olhos nela. Embora eu o tivesse amamentado em meu peito, embora eu tenha dado a ele a espada que era a soma de todas as minhas realizações, e embora eu fosse linda, ele a queria acima de todas as coisas. Acima de mim.

— Portanto, foi um amor não correspondido — disse Sabran. — Ou foi ciúme?

— Um pouco de cada, eu suponho. Eu era mais jovem na época. Enjaulada por um coração terno.

Tané viu uma luz bruxuleante nas sombras.

Sabran moveu-se um pouco para a esquerda. Kalyba circulou com ela. Aqui, neste trecho do navio, era como se estivessem no centro de uma tempestade. Nenhum wyrm soprou fogo perto da bruxa.



— Eu vi Inys crescer e se tornar uma grande nação. No início, isso foi o suficiente — confessou Kalyba. — Ver minhas filhas prosperarem.

— Você ainda pode — disse Sabran suavemente. — Não tenho mãe agora, Kalyba. Eu receberia outra.

Kalyba fez uma pausa. Por um momento, seu rosto parecia tão nu quanto o resto dela.

— Não, minha *lykyn* — ela disse, tão suavemente. — Eu quero ser uma rainha, como eu já fui. Eu vou sentar no trono que você não pode mais segurar. — Ela caminhou em direção a Sabran. Os Cavaleiros do Corpo apontaram suas espadas para ela. — Eu vi minhas filhas governarem um país por mil anos. Eu vi você pregar contra o Inominável. O que você não percebeu é que a única maneira de avançar é se juntar a ele.

— Quando eu for rainha, Inys nunca vai queimar novamente. Será um lugar Dracônico, protegido. As pessoas nunca saberão que você se foi. Em vez disso, eles se alegrarão em saber que Sabran, a Nona, depois de reconciliar suas diferenças com o Inominável, foi abençoada com sua imortalidade. Que ela reinará para sempre.

Sabran apertou ainda mais a espada.



Ela estava esperando por algo, Tané percebeu. Seu olhar passou por sua antepassada, em direção à proa do navio.

— Eu não acredito em seu grande discurso — a rainha disse, seu tom de pena. — Eu acho que este é simplesmente o último ato de sua vingança. Seu desejo de destruir todos os vestígios de Galian Berethnet.

— Seu sorriso era de pena. — Você está em dúvida com o seu coração como sempre esteve.

De repente, Kalyba estava bem na frente dela. Os Cavaleiros do Corpo avançaram em sua direção, mas ela já estava muito perto, perto o suficiente para matar sua rainha se eles se movessem contra ela agora. Sabran ficou muito quieta enquanto a bruxa afastava uma mecha de cabelo molhada da testa.

— Vai me doer — Kalyba sussurrou — machucar você é minha... mas o Inominável trará grandes coisas a este mundo. Coisas maiores do que você poderia trazer. — Ela beijou sua testa. — Quando eu te entregar a ele, ele saberá, finalmente, que o estimo acima de todas as coisas.

Sabran de repente envolveu os braços em volta da bruxa. Tané enrijeceu, surpresa.

— Perdoe-me — disse a rainha.

Kalyba se desvencilhou, os olhos brilhando. Rápida como um escorpião, ela se virou, o fogo acendendo em sua mão novamente.

Uma lâmina estreita a atravessava. A lâmina sterren.

Uma lasca do cometa.

Kalyba respirou fundo. Enquanto ela olhava para o caco de metal em seu peito, sua assassina encapuzada revelou seu rosto.

— Eu faço isso por você. — Ead torceu a lâmina mais profundamente. Não havia malícia em sua expressão. — Vou levá-la a laranjeira, Kalyba. Que isso lhe traga a paz que você não encontrou aqui.

O sangue vital escuro fluía da bruxa, desceu por seu seio e passou por seu umbigo. Até os imortais sangravam.

— Eadaz uq-Nāra. — O nome a deixou como uma maldição. — Você é muito parecida com Cleolind, sabe. — O sangue salpicou seus lábios. —

Depois de todo esse tempo, eu vejo o espírito dela. De alguma forma... ela sobreviveu a mim.

Enquanto ela afundava sobre sua ferida mortal, a Bruxa de Inysca soltou um grito. Ele ecoou pela água, até o Abismo. Ascalon caiu de sua mão e Sabran a agarrou. Por fim, Kalyba a agarrou pelo pescoço.

— Sua casa — ela sussurrou para a rainha. — É construída em solo estéril. — Sabran se esforçou para se soltar, mas sua mão era uma videira. — Eu vejo o caos, Sabran a Nona. Cuidado com a água doce.

Ead puxou sua lâmina livre e mais sangue pulsou de Kalyba, como vinho de uma cabaça. Quando ela caiu no convés, seus olhos estavam frios e mortos como esmeraldas.

Sabran olhou em silêncio para o corpo nu de sua antepassada, uma mão na garganta, onde marcas de dedos já haviam florescido. Ead removeu sua capa e cobriu a bruxa, enquanto Tané pegou outra espada.

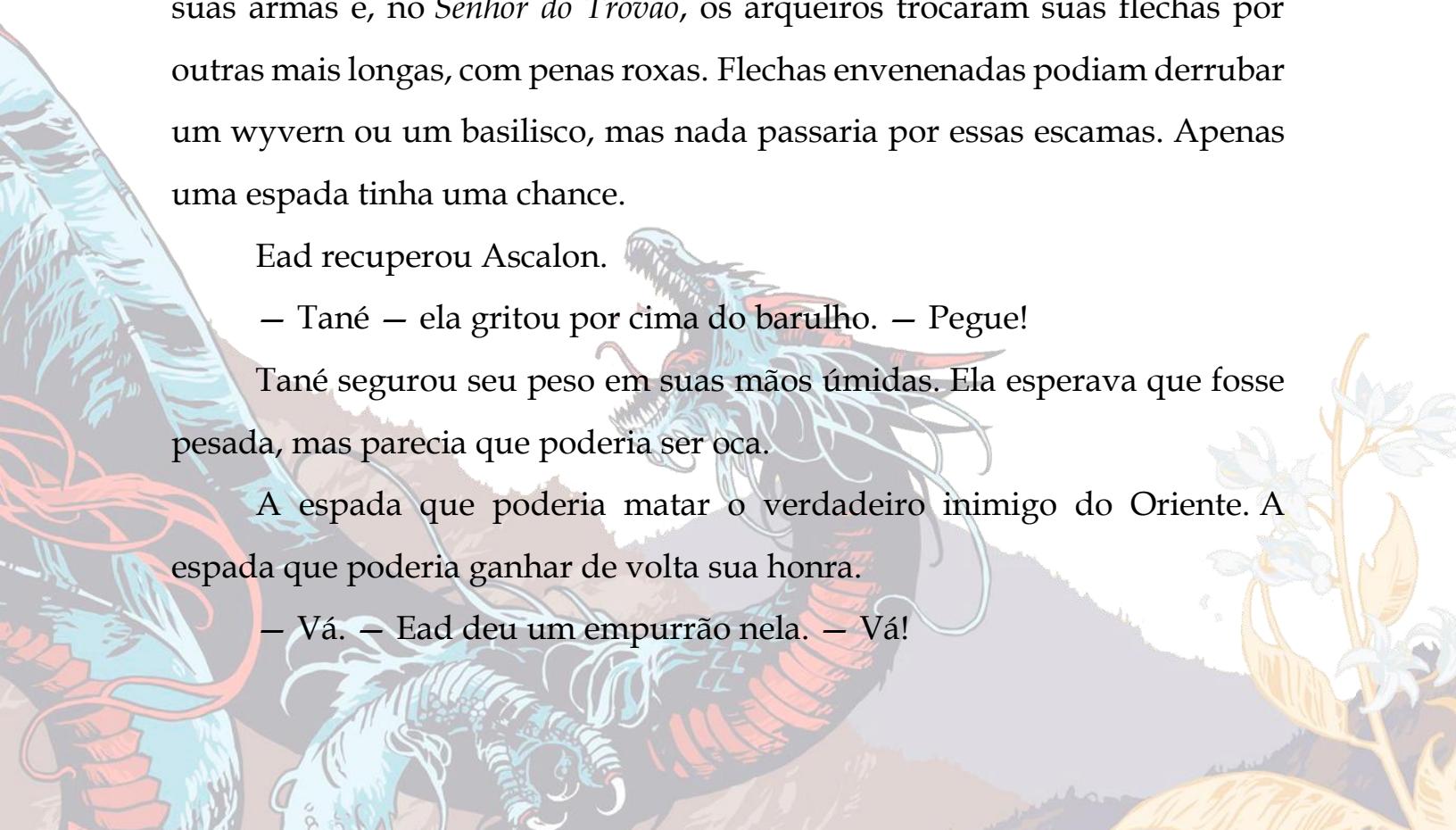
Um sino tocou da frota Inysh. As velas do *Desafio* agitaram-se. Tané observou o mesmo vento fazer tremular a bandeira Seiikinense. Até o fogo dos canhões parecia ficar mais suave à medida que um silêncio sobrenatural descia.

— É isso — Ead disse, sua voz calma. — Ele está vindo.

No céu, os cuspidores de fogo se moviam da mesma forma que corvos, girando em grandes nuvens de asas. Uma dança de boas-vindas.

À distância, o mar explodiu para cima.

As águas do Abismo convulsionaram. Gritos de pânico aumentaram a noite enquanto as ondas atingiam os navios. Tané atingiu a amurada quando o *Desafio* deu uma guinada, incapaz de desviar o olhar do horizonte.



A erupção da água subiu alto o suficiente para obliterar as estrelas. Em meio ao caos, uma forma tomou forma.

Ela tinha ouvido histórias da besta. Todas as crianças cresceram ouvindo sobre o pesadelo que rastejou da montanha para devastar o mundo todo. Ela tinha visto imagens dele, ricamente pintadas em folha de ouro e laca vermelha, com manchas de tinta de fuligem onde deveriam estar os olhos.

Nenhum artista havia capturado a magnitude do inimigo, ou a maneira como o fogo dentro dele o fazia arder. Eles nunca tinham visto isso por si próprios. Sua envergadura era do comprimento de dois navios do tesouro Lacustres. Seus dentes eram tão negros quanto seus olhos. As ondas quebraram e o trovão rolou.

Orações em todas as línguas. Dragões subindo do mar para encontrar seu inimigo, soltando gritos assustadores. Os soldados do *Desafio* brandiram suas armas e, no *Senhor do Trovão*, os arqueiros trocaram suas flechas por outras mais longas, com penas roxas. Flechas envenenadas podiam derrubar um wyvern ou um basilisco, mas nada passaria por essas escamas. Apenas uma espada tinha uma chance.

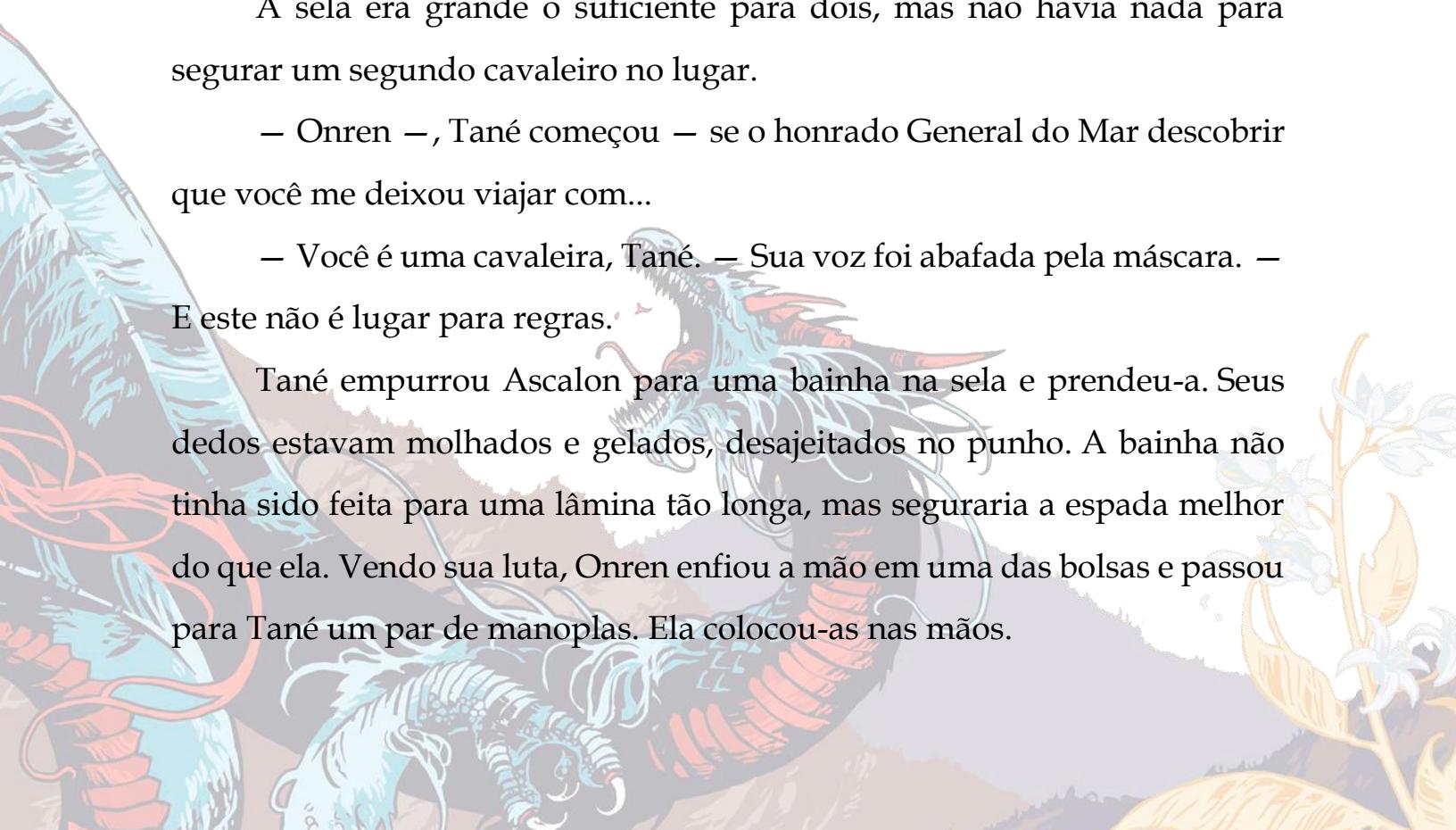
Ead recuperou Ascalon.

— Tané — ela gritou por cima do barulho. — Pegue!

Tané segurou seu peso em suas mãos úmidas. Ela esperava que fosse pesada, mas parecia que poderia ser oca.

A espada que poderia matar o verdadeiro inimigo do Oriente. A espada que poderia ganhar de volta sua honra.

— Vá. — Ead deu um empurrão nela. — Vá!



Tané eliminou todo o seu medo e esmagou-o em um lugar escuro dentro dela. Ela se certificou de que sua espada emprestada estava segura ao seu lado. Então, mantendo Ascalon em mãos, ela foi para a vela mais próxima. Ela escalou as ripas, lutando contra o vento e a chuva, até chegar ao topo.

— Tané!

Ela virou. Um dragão Seiikinense com escamas prateadas estava subindo das ondas.

— Tané. — A cavaleira acenou para ela. — Salte!

Tané não teve tempo para pensar. Ela se jogou da viga para o nada.

Uma mão embainhada em uma manopla agarrou seu braço e puxou-a para a sela. Ascalon quase escorregou de seu abraço, mas ela a prendeu com o cotovelo.

— Já faz um tempo — Onren falou.

A sela era grande o suficiente para dois, mas não havia nada para segurar um segundo cavaleiro no lugar.

— Onren —, Tané começou — se o honrado General do Mar descobrir que você me deixou viajar com...

— Você é uma cavaleira, Tané. — Sua voz foi abafada pela máscara. — E este não é lugar para regras.

Tané empurrou Ascalon para uma bainha na sela e prendeu-a. Seus dedos estavam molhados e gelados, desajeitados no punho. A bainha não tinha sido feita para uma lâmina tão longa, mas seguraria a espada melhor do que ela. Vendo sua luta, Onren enfiou a mão em uma das bolsas e passou para Tané um par de manoplas. Ela colocou-as nas mãos.

— Presumo que você encontrou uma maneira de matar o Inominável em suas viagens — disse Onren.

— Uma escama de sua armadura torácica está solta. — Tané teve que gritar para ser ouvida sobre o choque de armas e os rugidos de wyrms e fogo. — Temos que arrancá-la e furar a carne por baixo com esta espada.

— Acho que podemos administrar isso. — Onren agarrou o chifre da sela. — Não é, Norumo?

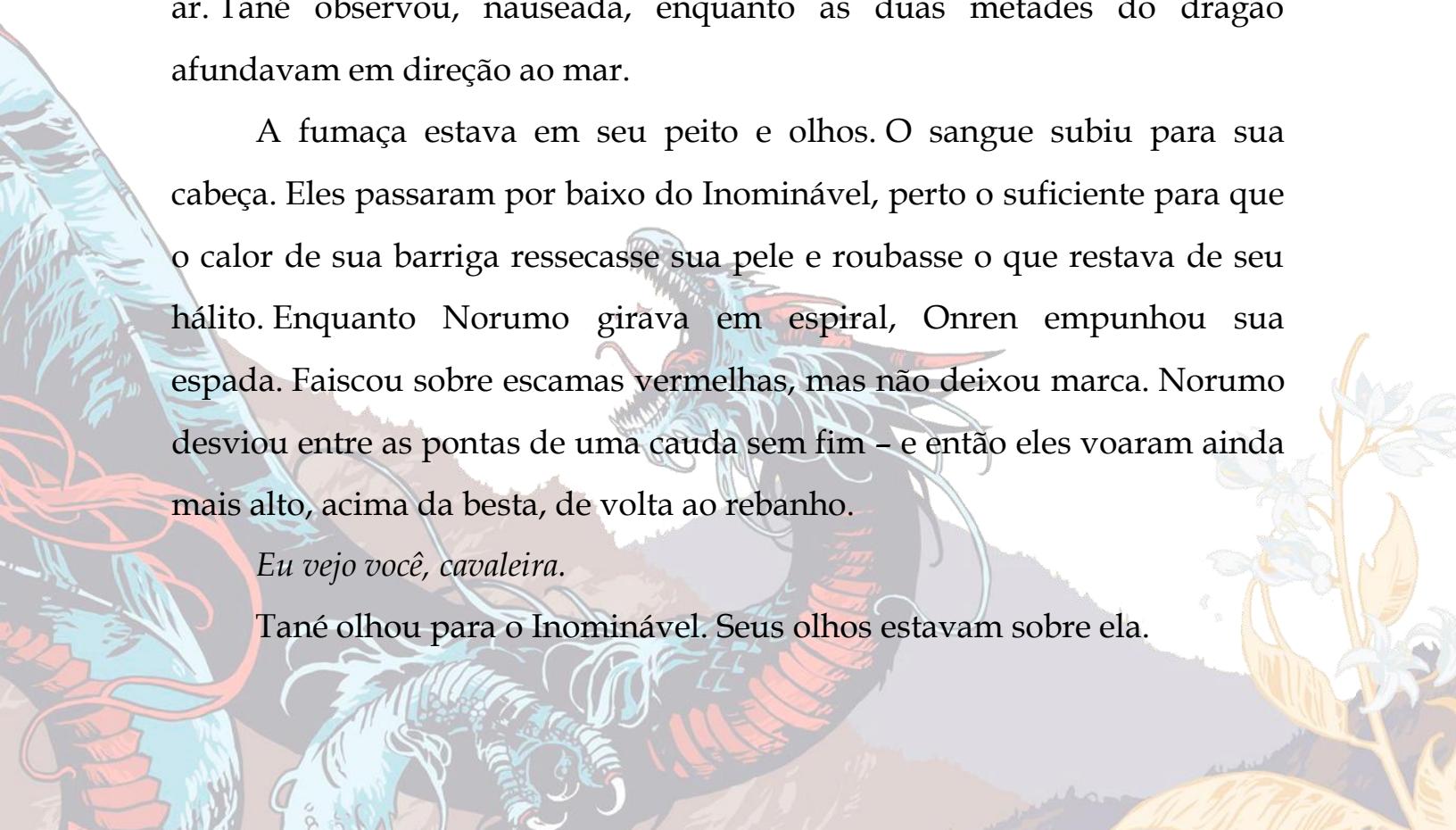
Seu dragão sibilou em concordância. A nuvem espumou de suas narinas. Tané segurou Onren, seu cabelo voando sobre seu rosto.

Os dragões Seiikinenses estavam se juntando. A maioria de seus cavaleiros empunhavam arcos longos ou pistolas. Ao mesmo tempo, os cuspidores de fogo reuniram-se para proteger seu mestre, formando um enxame terrível à sua frente. Tané sentiu Onren congelar. Depois de tudo que aprenderam, tudo que elas sacrificaram, nenhuma de suas escolas as havia preparado para isso. Isso era uma guerra.

Elas estavam perto da frente da formação, atrás dos anciãos. A grande Tukupa, a Prateada, liderava o ataque, com o General do Mar afivelado na sela em suas costas. O Dragão Imperial voava ao lado dele, liderando os dragões Lacustres. Tané protegeu os olhos da chuva, esforçando-se para ver. O Imperador Incessante era uma pequena figura montada em seu companheiro governante.

Preparando-se, Tané cruzou os braços em torno de Onren. Com um rosnado, o grande Norumo baixou a cabeça.

Ao atingirem o rebanho, a colisão quase jogou Tané da sela. Ela se agarrou a Onren, que golpeou com sua espada asas e caudas enquanto



Norumo enfiava os chifres em qualquer coisa em seu caminho. Tudo era tumulto e trovão, gritos e morte, chuva e ruína. Ela teve a curta sensação de que este era um sonho terrível.

Um relâmpago passou por suas pálpebras. Quando ela olhou para cima, ela encontrou os olhos do Inominável. Ele olhava fixamente em sua alma. E quando ele abriu a boca, ela viu a desgraça.

Fogo e fumaça explodiram de suas mandíbulas.

Era como se um vulcão tivesse entrado em erupção noite adentro. Os dragões anciãos se separaram em torno do Inominável e se agarraram a seus lados, mas Norumo, como sua cavaleira, gostavam de quebrar regras.

Ele mergulhou no inferno e rolou. Tané apertou os braços em torno de Onren enquanto o mundo girava. Outro dragão tentou evitar aquela boca cavernosa, mas o Inominável o partiu em dois. Escamas brilharam quando seus dentes as espalharam, como um punhado de moedas atiradas ao ar. Tané observou, nauseada, enquanto as duas metades do dragão afundavam em direção ao mar.

A fumaça estava em seu peito e olhos. O sangue subiu para sua cabeça. Eles passaram por baixo do Inominável, perto o suficiente para que o calor de sua barriga ressecasse sua pele e roubasse o que restava de seu hálito. Enquanto Norumo girava em espiral, Onren empunhou sua espada. Faiscou sobre escamas vermelhas, mas não deixou marca. Norumo desviou entre as pontas de uma cauda sem fim - e então eles voaram ainda mais alto, acima da besta, de volta ao rebanho.

Eu vejo você, cavaleira.

Tané olhou para o Inominável. Seus olhos estavam sobre ela.

Você carrega uma lâmina que eu conheço bem. A voz soou em cada fenda de sua mente. Foi a última em posse da Wyrm Branca. Você a matou por isso, como agora espera me matar?

Sua mão se encolheu em sua têmpora. Ela podia sentir a raiva dele em seus próprios ossos, nas cavidades de seu crânio.

— Precisamos nos aproximar — disse Onren, ofegante.

Norumo estava voltando à formação, mas sua respiração estava tão difícil quanto a dela. O calor havia queimado a umidade de suas escamas.

Sinto o cheiro do fogo dentro de você, filha do Oriente. Em breve suas cinzas espalharão o mar. Suponho que seja adequado para quem nada com as lesmas da água.

Lágrimas escorreram por seu rosto. Sua cabeça ia explodir aberta.

— Tané, o que é?

— Onren — ela engasgou. — Você ouve a voz dele?

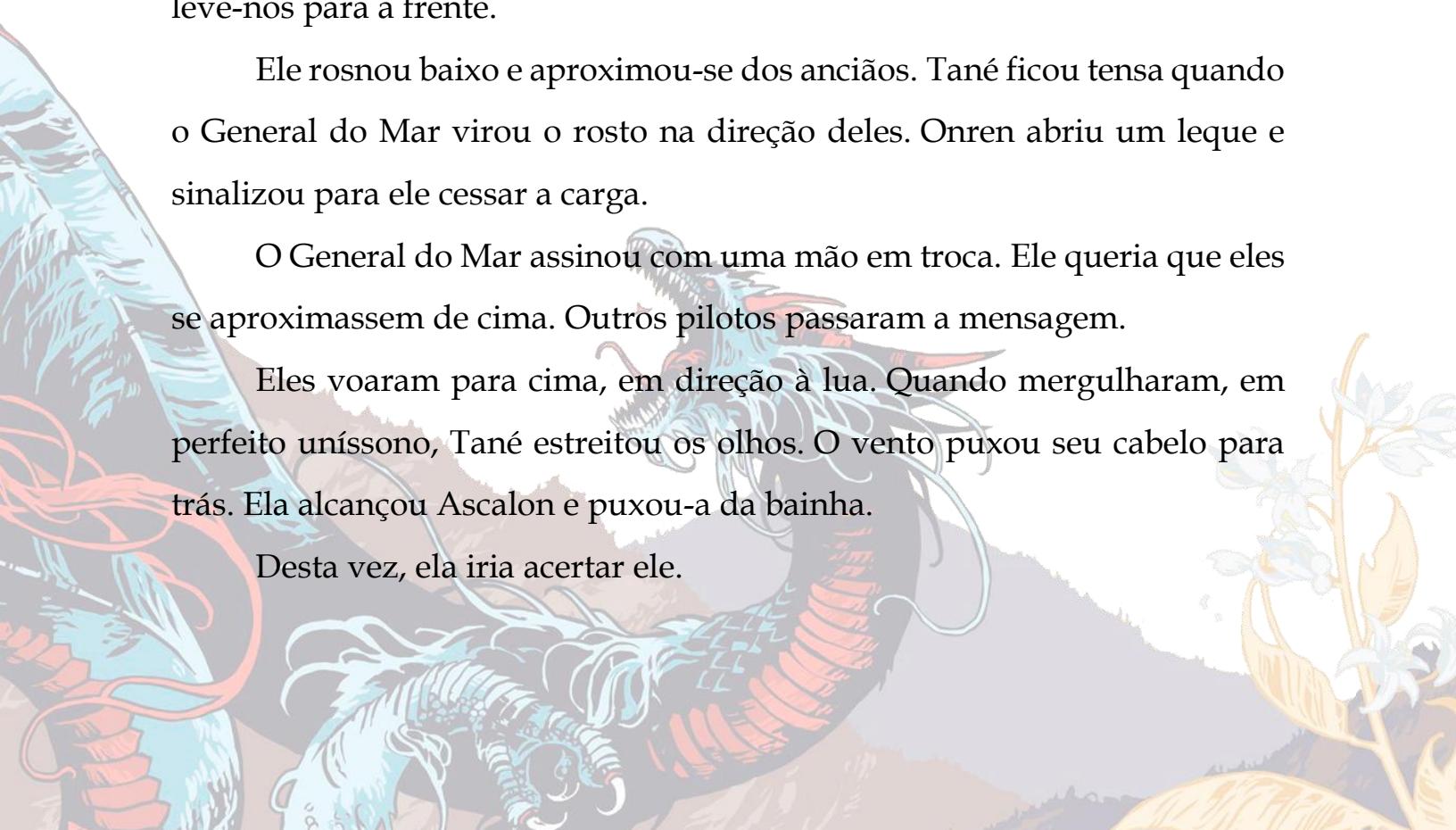
— Voz de quem?

Ela não pode me ouvir. Somente aqueles que provaram das árvores do conhecimento podem, o Inominável disse. Tané soluçou de agonia. Eu nasci do fogo oculto, forjado na fornalha vital que deu a você apenas uma faísca. Enquanto você viver, viverei dentro de você, em todos os seus pensamentos e memórias.

Um dos dragões Seiikinense que havia se separado do resto da formação bateu em seu pescoço. O torno em sua mente se abriu. Ela caiu contra Onren, estremecendo.

— Tané!

O rebanho atacou Norumo. O Dragão Imperial, que era quase tão grande quanto o monstro, forçou um caminho através do enxame, soltou um



rugido poderoso e açoitou o Inominável com suas garras. Fagulhas de ouro voaram e, pela primeira vez, goivas apareceram naquela armadura antiquíssima. O Inominável torceu a cabeça, os dentes arreganhados, mas o Dragão Imperial já estava fora de alcance.

Onren socou o ar.

— Por Seiki! — ela gritou. Outros cavaleiros a repetiram.

Tané gritou até sua garganta ficar em carne viva.

O General do Mar soprava através de sua concha de guerra, convocando os dragões para uma segunda incursão. Desta vez, o bando que eles enfrentavam era ainda maior, uma parede de asas. Os cuspidores de fogo em todos os lugares estavam abandonando seus confrontos com os navios e voando para defender seu mestre. Suas fileiras se fecharam em torno do Inominável, que se aproximava cada vez mais da frota.

— Não podemos passar por isso. — Onren agarrou a sela. — Norumo, leve-nos para a frente.

Ele rosnou baixo e aproximou-se dos anciãos. Tané ficou tensa quando o General do Mar virou o rosto na direção deles. Onren abriu um leque e sinalizou para ele cessar a carga.

O General do Mar assinou com uma mão em troca. Ele queria que eles se aproximassem de cima. Outros pilotos passaram a mensagem.

Eles voaram para cima, em direção à lua. Quando mergulharam, em perfeito uníssono, Tané estreitou os olhos. O vento puxou seu cabelo para trás. Ela alcançou Ascalon e puxou-a da bainha.

Desta vez, ela iria acertar ele.

Um momento, os cuspidores de fogo se levantaram para encontrá-los. No próximo, tudo o que Tané pôde ver foi escuridão.

Norumo soltou um rugido. Um brilho azul exalado entre suas escamas antes de um raio estilhaçar de sua boca. Cada cabelo de Tané se arrepiou. Enquanto Norumo espetava um anfíptero em seus chifres, outro raio saiu da turbulência. Ele passou por Onren, ricocheteou em sua armadura e atingiu Tané na pele nua de seu braço.

Ela sentiu seu coração parar.

O relâmpago atingiu um wyvern, mas não antes de colocar fogo em suas roupas. Onren gritou seu nome pouco antes de Tané ser arremessada das costas do dragão para o caos do céu.

O vento sufocava sua camisa, mas não a chama incandescente sob sua pele. Por um momento, ela se sentiu leve. Ela não conseguia ouvir nada, não ver nada.

Quando ela se tornou consciente novamente, os cuspidores de fogo estavam bem acima dela, o mar negro correndo lá embaixo. Ascalon foi arrancado de sua mão. Um lampejo de prata e desapareceu.

Ela falhou. A espada se foi. Nada além da morte os esperava no final deste dia.

Esperança estava perdida, mas seu corpo se recusou a desistir da luta. Algum instinto há muito enterrado a fez prestar atenção em seu treinamento. Todos os alunos das Casas de Aprendizagem foram ensinados a aumentar suas chances de sobrevivência caso caíssem das costas do dragão. Ela enfrentou o Abismo e abriu os braços, como se fosse abraçá-lo.

Então, uma bandeira verde enevoada passou por baixo dela. Ela foi pega na espiral de uma cauda.

— Eu tenho você, irmãzinha. — Nayimathun colocou Tané em suas costas. — Aguente.

Seus dedos se espalharam sobre escamas molhadas.

— Nayimathun — Tané engasgou.

Ramos de um vermelho vivo se espalhavam de seu ombro, pelo braço direito e pelo decote.

— Nayimathun —, disse ela, ofegante. — Perdi Ascalon.

— Não — Nayimathun disse. — Isso não acabou. Caiu no convés do *Pérola Dançante*.

Tané olhou para os navios. Parecia impossível que a espada tivesse evitado a água negra sem fim.

Outro navio se partiu em pedaços quando sua pólvora negra entrou em combustão. Sangrando, com a asa ferida, Fýredel jogou a cabeça para trás e soltou um longo som que veio de dentro. Até Tané sabia o que era. Um grito de guerra.

O rebanho acima de suas cabeças foi jogado em desordem. Enquanto ela observava, metade dos cuspidores de fogo se afastou do Inominável para Fýredel.

— Agora — gritou Tané. — Agora, Nayimathun!

Seu dragão não hesitou. Ela voou em direção ao inimigo.

— Mire no peito dele. — Tané desembainhou a espada ao seu lado. A chuva açoitou seu rosto. — Temos que quebrar sua couraça.

Nayimathun mostrou os dentes. Ela bateu no que restava da vanguarda. Os outros dragões estavam chamando por ela, mas ela não prestou atenção a eles. Quando o fogo rugiu para encontrá-las, ela passou por cima do Inominável e se enrolou em seu corpo, de modo que sua cabeça ficou sob a dele, fora do alcance de seus dentes e chamas. Tané ouviu suas escamas começarem a chiar.

— Vá, Tané! — ela forçou.

Esquecendo seu medo, Tané saltou do dorso do dragão e agarrou-se a uma escama. O calor queimava através de suas manoplas, mas ela continuou escalando o Inominável, esticando-se até cada placa de sua armadura, usando suas pontas afiadas como navalhas como apoio para as mãos, contando a partir do topo de sua garganta. Quando ela alcançou a vigésima escama, ela viu a imperfeição, o lugar onde ela nunca se ajustou suavemente sobre a cicatriz abaixo. Segurando com uma das mãos, ela enfiou a lâmina de sua espada sob a escama, plantou as botas na que estava abaixo e puxou o cabo com toda a força.

O Inominável abriu as mandíbulas e deixou escapar um inferno, mas embora o fogo a encharcasse de suor e tornasse difícil respirar, Tané continuou esticando o pescoço. Gritando com o esforço, ela jogou todo o seu peso no puxão.

A lâmina de sua espada estalou. Ela caiu três metros antes de estender a mão e se equilibrar em outra escama.

Seus braços tremiam. Ela ia escorregar.

Então, com um grito de guerra que ecoou em seus ossos, Nayimathun empinou. O punho da espada estava preso entre dois de seus dentes. Com um movimento de cabeça, ela arrancou a escama.

O vapor exalava da carne do Inominável. Tané estendeu o braço para impedir que ele a escaldasse – e caiu de sua armadura.

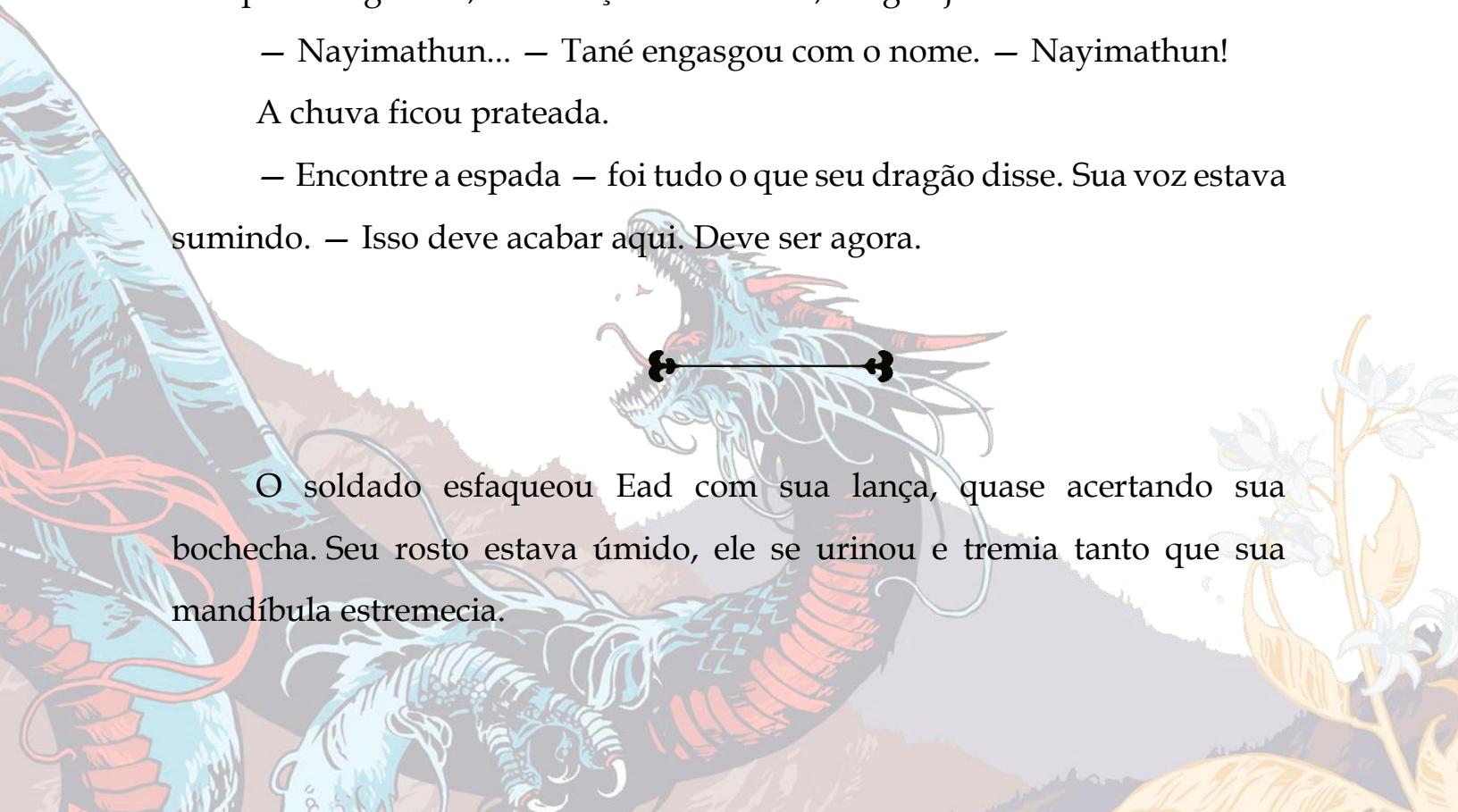
Seus dedos ficaram presos na crina de uma alga. Ela se arrastou de volta para Nayimathun. Imediatamente, seu dragão se desenrolou, as escamas secaram e mergulhou em direção ao oceano. Tané se engasgou com o fedor de metal quente. O Inominável veio atrás delas, mandíbulas abertas para mostrar a faísca em sua garganta. Nayimathun gritou quando dentes afiados se fecharam em sua cauda.

O som gritou através Tané. Ela sacudiu a adaga em sua mão, torceu na cintura e atirou-a nas profundezas de um olho roxo. Suas mandíbulas destravaram, mas não antes que carne e escamas se partissem. Nayimathun caiu para longe dele, em direção ao Abismo, sangue jorrando dela.

— Nayimathun... — Tané engasgou com o nome. — Nayimathun!

A chuva ficou prateada.

— Encontre a espada — foi tudo o que seu dragão disse. Sua voz estava sumindo. — Isso deve acabar aqui. Deve ser agora.



O soldado esfaqueou Ead com sua lança, quase acertando sua bochecha. Seu rosto estava úmido, ele se urinou e tremia tanto que sua mandíbula estremecia.

— Pare de lutar, seu idiota estúpido — Ead gritou para ele. — Largue sua arma, ou você não me dá escolha.

Ele usava uma cota de malha e um capacete escamado. Seus olhos estavam vermelhos de exaustão, mas ele estava nas garras de algo além da razão. Quando ele se voltou para Ead novamente, o golpe pendurado, ela se abaixou sob seu braço e puxou a espada para cima, abrindo-o da barriga até o ombro.

O homem viera da Marinha Dracônica. Seus soldados lutavam como se estivessem possuídos, e talvez estivessem. Possuídos pelo medo do que aconteceria com suas famílias em Cársaro se perdessem a luta.

O Inominável circulou bem acima dos navios. Ead observou enquanto ele se debatia e uma fita verde-claro caiu para longe dele. O som da língua Dracônica ecoou pelas ondas.

— A espada — berrou Fýredel. — Encontre a espada!

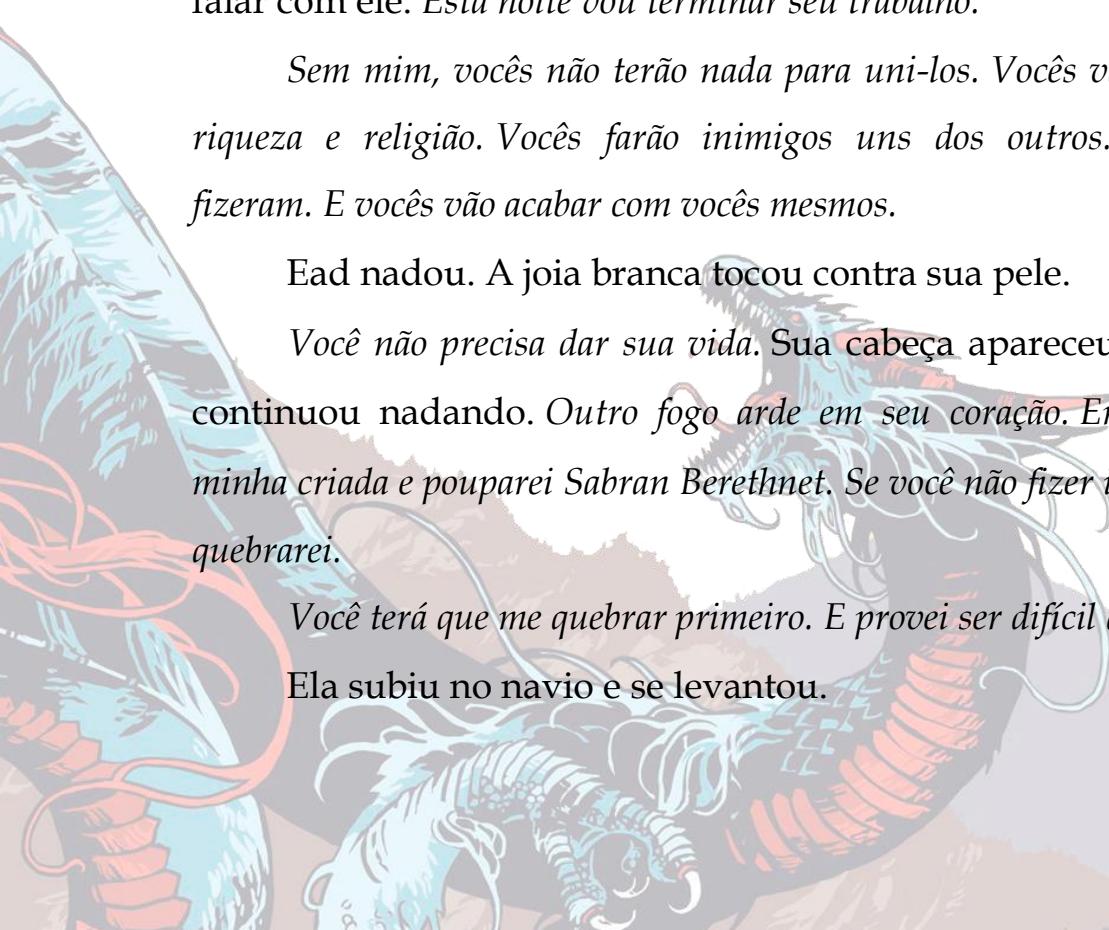
Metade dos soldados Yscali lutou para obedecer, enquanto outros foram para o mar. O sangue estava se espalhando pela água, junto com a cera que protegia os navios.

Um wyvern voou acima e colocou fogo em uma trilha de destroços. Uivos aumentaram enquanto soldados e marinheiros eram grelhados vivos.

Ead colocou a mão ensanguentada sobre a joia minguante. Havia um zumbido dentro dela. Um pequeno batimento cardíaco.

Encontre a espada.

A joia estava chamando a si mesma. Procurando as estrelas.



Ela passou por cima de outro corpo, em direção à proa. O zumbido diminuiu. Quando ela voltou para a popa, ficou mais forte. O *Pérola Dançante* era o navio mais próximo, bem à frente dela, ainda flutuando.

Ela mergulhou. Seu corpo afundou profundamente na água. Um raio de luz iluminou seu caminho enquanto mais pólvora se acendia.

Filha de Zāla.

Ela sabia que a voz estava em sua cabeça. Era muito clara, muito suave, como se o orador estivesse perto o suficiente para ela sentir sua respiração, mas sob a água, parecia que vinha do próprio Abismo.

A voz do Inominável.

Eu sei o seu nome, Eadaz uq-Nāra. Meus servos sussurraram em vozes cheias de pavor. Eles falam de uma raiz de laranjeira, uma raiz que pode se estender para longe no mundo e ainda queimar dourada como o sol.

Eu sou a serva de Cleolind, serpente. De alguma forma ela sabia como falar com ele. Esta noite vou terminar seu trabalho.

Sem mim, vocês não terão nada para uni-los. Vocês vão cair em guerras de riqueza e religião. Vocês farão inimigos uns dos outros. Como vocês sempre fizeram. E vocês vão acabar com vocês mesmos.

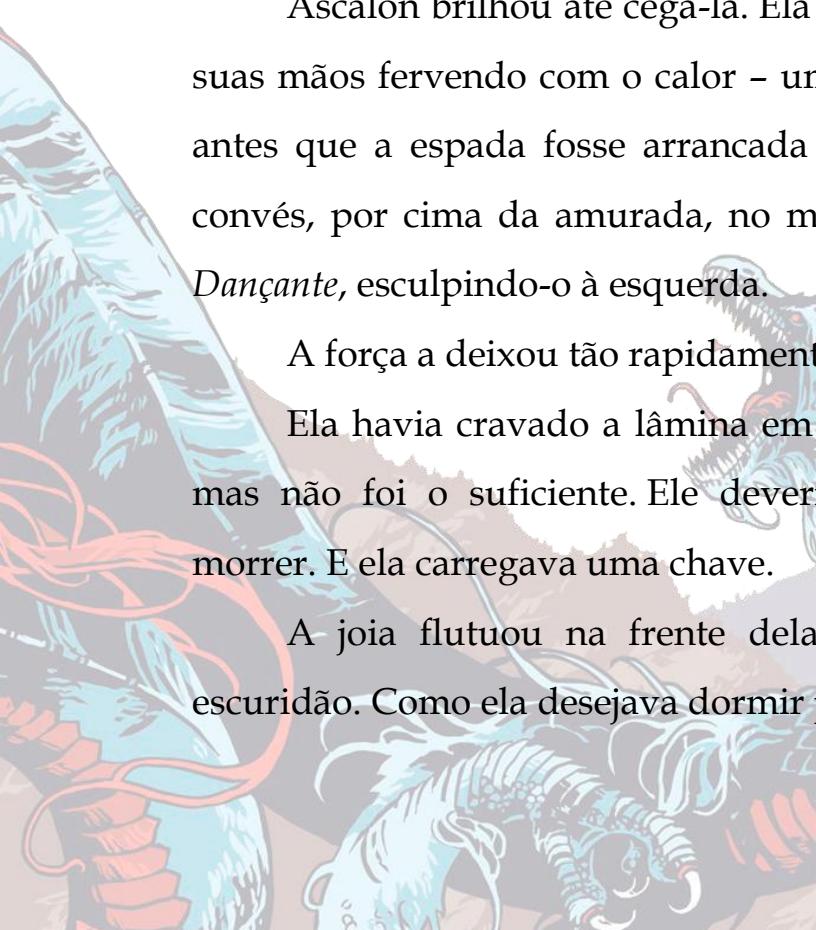
Ead nadou. A joia branca tocou contra sua pele.



Você não precisa dar sua vida. Sua cabeça apareceu na superfície e ela continuou nadando. Outro fogo arde em seu coração. Em vez disso, torne-se minha criada e pouparei Sabran Berethnet. Se você não fizer isso, a voz disse, eu a quebrarei.

Você terá que me quebrar primeiro. E provei ser difícil de quebrar.

Ela subiu no navio e se levantou.



Que assim seja.

E então o Inominável, a praga sobre as nações, mergulhou em direção ao navio.

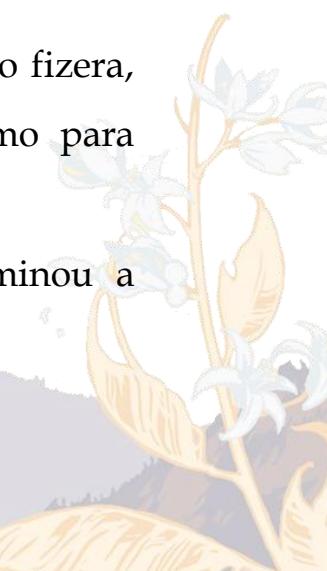
Todo fogo no Abismo se apagou. Tudo o que Ead podia ouvir eram gritos de medo quando a morte veio como uma sombra de cima. Apenas a luz das estrelas perfurou a escuridão, mas naquela luz, Ascalon brilhou.

Ela correu pelo *Pérola Dançante*. Seu mundo escureceu até que havia apenas a batida de seu coração e a lâmina. Ela desejou que a Mãe lhe desse a força que a encheria naquele dia em Lasia.

Metal sobrenatural, vivo ao seu toque. O Inominável abriu as mandíbulas e um sol branco surgiu dentro de sua boca. Ead viu o lugar onde sua armadura foi arrancada. Ela ergueu a espada que Kalyba havia feito, que Cleolind empunhou, que viveu na música por mil anos.

Ela enterrou em carne e osso.

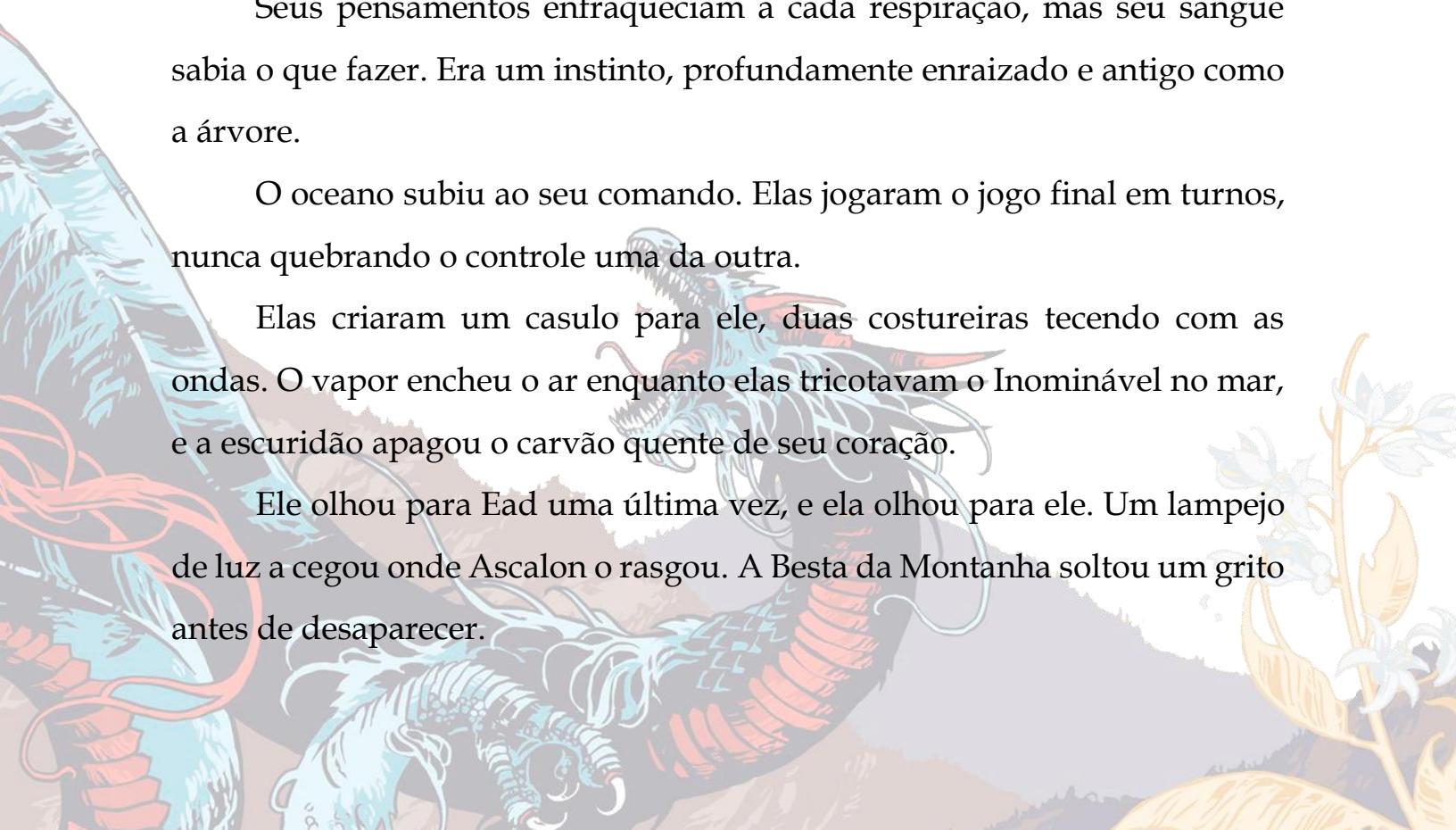
Ascalon brilhou até cegá-la. Ela teve um momento para ver a pele de suas mãos fervendo com o calor – um momento, uma era, algo no meio – antes que a espada fosse arrancada delas. Ela foi jogada para o alto do convés, por cima da amurada, no mar. Escama se chocou contra o *Pérola Dançante*, esculpindo-o à esquerda.



A força a deixou tão rapidamente quanto tinha surgido.

Ela havia cravado a lâmina em seu coração, como a mãe não fizera, mas não foi o suficiente. Ele deveria ser acorrentado ao Abismo para morrer. E ela carregava uma chave.

A joia flutuou na frente dela. A estrela dentro dela iluminou a escuridão. Como ela desejava dormir pela eternidade.



Outra luz tremeluziu nas sombras. Raios, brilhando em um vasto par de olhos.

Tané e seu dragão. Uma mão se esticou através da água e Ead a agarrou.

Elas surgiram do oceano em direção às estrelas. Tané segurava a joia azul em uma das mãos. O Inominável se debatia no Abismo, cabeça jogada para trás, fogo jorrando de sua boca como lava do manto da terra, com Ascalon ainda enterrada em seu peito.

Tané prendeu a mão direita sobre a de Ead e empurrou os dedos entre os nós dos dedos de Ead, para que ambas segurassem a joia minguante. Pressionando contra a batida moribunda de seu coração.

— Juntas — sussurrou Tané. — Por Neporo. Por Cleolind.

Lentamente, Ead estendeu a outra mão e seus dedos se entrelaçaram em torno da joia ascendente.

Seus pensamentos enfraqueciam a cada respiração, mas seu sangue sabia o que fazer. Era um instinto, profundamente enraizado e antigo como a árvore.

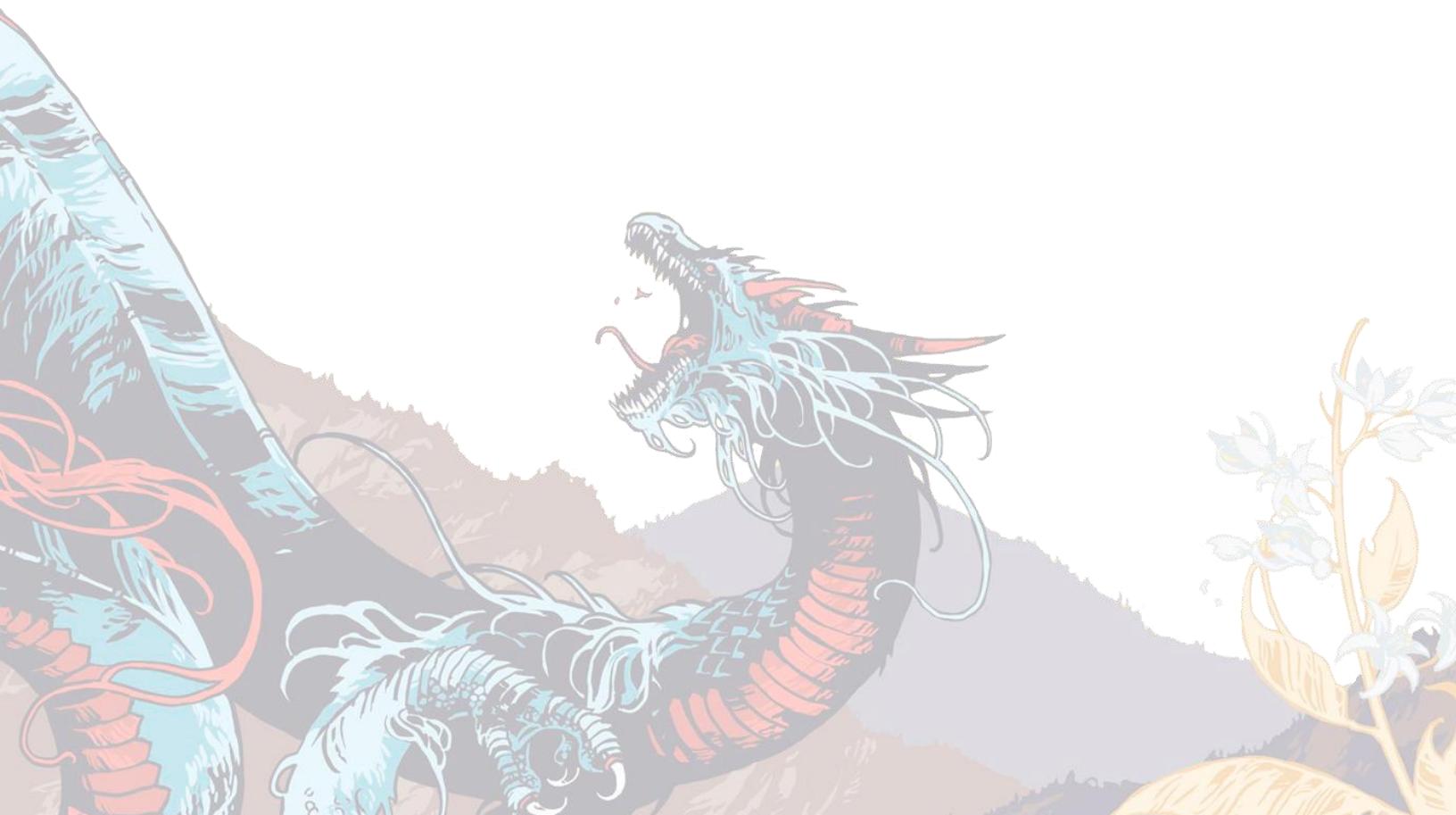
O oceano subiu ao seu comando. Elas jogaram o jogo final em turnos, nunca quebrando o controle uma da outra.

Elas criaram um casulo para ele, duas costureiras tecendo com as ondas. O vapor encheu o ar enquanto elas tricotavam o Inominável no mar, e a escuridão apagou o carvão quente de seu coração.

Ele olhou para Ead uma última vez, e ela olhou para ele. Um lampejo de luz a cegou onde Ascalon o rasgou. A Besta da Montanha soltou um grito antes de desaparecer.

Ead sabia que ela ouviria aquele som enquanto respirasse. Isso ecoaria em seus sonhos inquietos, como uma canção no deserto. Os dragões do Oriente mergulharam atrás dele, para levá-lo ao túmulo. O mar fechou-se sobre todas as cabeças.

E o Abismo estava quieto.



Capítulo 72

Oeste

No sopé dos Fusos, a wyrm Valeysa estava morta, derrubada por um arpão. Ao seu redor, o chão estava coberto com os restos mortais de humanos e wyrm.

Fýredel não tinha ficado para defender seu território Dracônico. Em vez disso, ele convocou seu irmão e irmã para derrotar os exércitos combinados do Norte, Sul e Oeste. Eles falharam. Quanto ao próprio Fýredel, ele alçou voo assim que o Inominável desapareceu sob as ondas, e seus seguidores se espalharam mais uma vez.

O sol estava nascendo sobre Yscalin. Sua luz caiu sobre o sangue e o carvão, o fogo e os ossos. Uma mulher Seiikinense chamada Onren trouxe Loth nas costas do dragão para que ele pudesse encontrar Margret. Parado na planície miserável, ele fixou o olhar em Cársaro.

A fumaça subia da outrora grande cidade. Ninguém soube dizer se Donmata Marosa sobrevivera à noite. O que se sabia era que o rei Sigoso, assassino de rainhas, estava morto. Seu cadáver perdido estava pendurado no Portão de Niunda. Vê-lo fez com que seus soldados desertassem.

Loth rezou para que a princesa vivesse. Com toda sua alma, ele rezou para que ela estivesse lá, pronta para ser coroada.

O hospital de campanha ficava a uma liga de onde a luta havia começado. Várias tendas foram erguidas perto de um riacho na montanha, e as bandeiras de todas as nações tremulavam fora delas.

Os feridos choravam de agonia. Alguns tinham queimaduras profundas na carne. Outros estavam tão cobertos de sangue que estavam irreconhecíveis. Loth avistou o rei Jantar de Ersyr entre aqueles que estavam gravemente feridos, deitado com seus guerreiros, atendidos por todos os lados. Uma mulher, cuja perna havia sido quebrada, mordia uma tira de couro enquanto os cirurgiões a cortavam abaixo do joelho. Os curandeiros trouxeram baldes de água.

Ele encontrou Margret em uma tenda para as baixas de Inysh. Suas abas estavam abertas para deixar sair o fedor de vinagre.

Um avental manchado de sangue estava amarrado sobre suas saias. Ela estava ajoelhada ao lado de Sir Tharian Lintley, que estava imóvel e machucado em um estrado. Uma ferida profunda se estendia da mandíbula até a têmpora. Tinha sido costurada com cuidado, mas ele ficaria marcado para o resto da vida.

Margret olhou para Loth. Por um momento, ela ficou com os olhos turvos, como se tivesse esquecido quem ele era.

— Loth.

Ele se agachou ao lado dela. Quando ela se inclinou para ele, ele a envolveu em seus braços e apoiou o queixo no topo de sua cabeça.

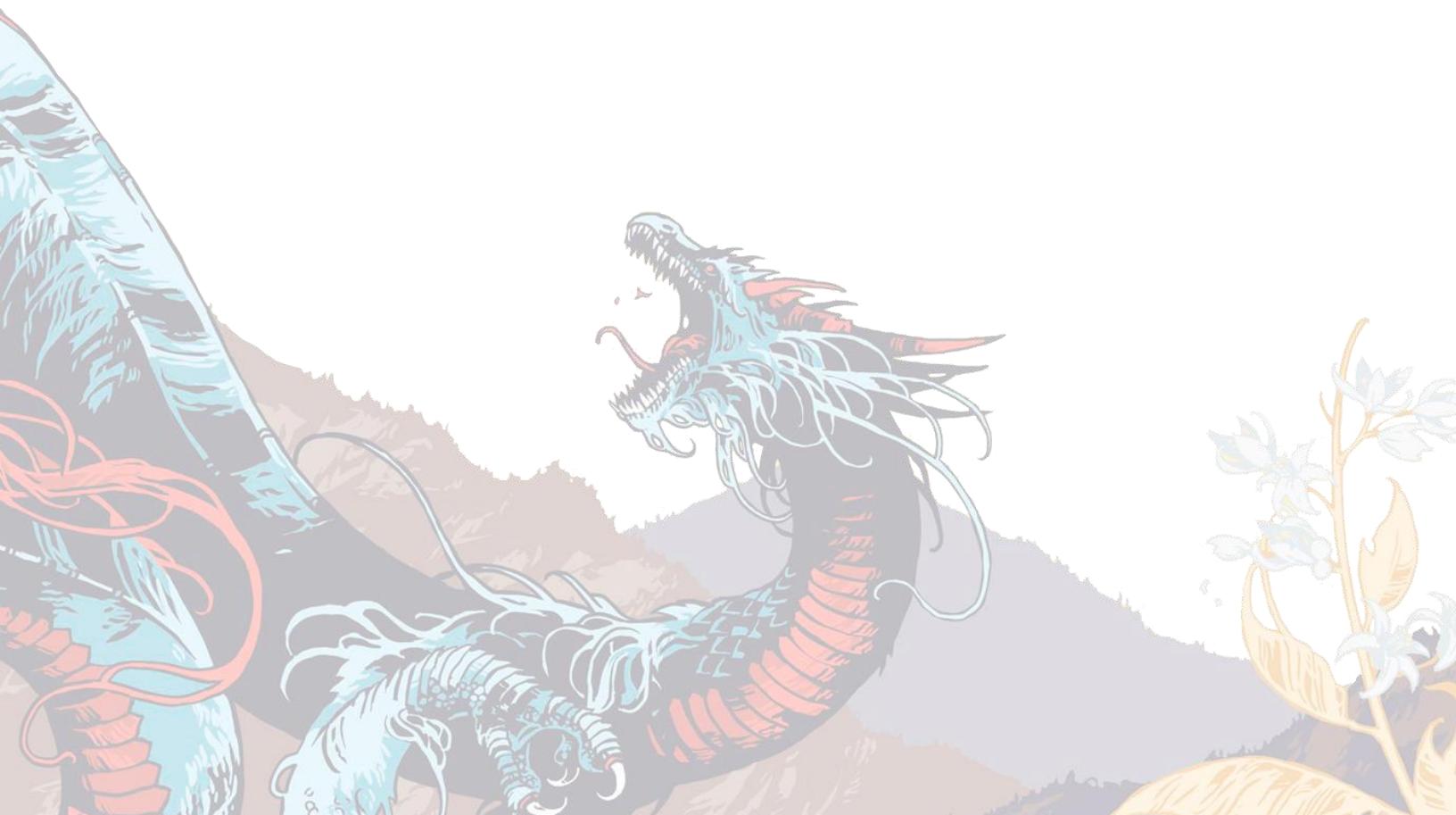
— Acho que ele vai ficar bem. — Ela cheirava a fumaça. — Foi um soldado. Não um wyrm.

Sua irmã se aninhou em seu peito.

— Ele está morto. — Loth beijou sua testa. — Acabou, Meg.

Seu rosto estava manchado de cinzas. Lágrimas inundaram seus olhos e ela pressionou a mão trêmula contra a boca.

Lá fora, um dedo de luz apareceu no horizonte, rosa como uma rosa selvagem. Quando um novo amanhecer de primavera atingiu o topo dos fusos, eles se abraçaram e observaram dourar o céu.



Capítulo 73

Oeste

Brygstad, capital do Estado Livre de Mentendon, joia da coroa do aprendizado no Ocidente. Anos ele sonhou em retornar às suas ruas.

Lá estavam as casas altas e estreitas, cada uma com uma empêna de sino. Lá estavam os telhados açucarados. Lá estava a torre do Santuário do Santo, elevando-se do coração da cidade.

Niclays Roos estava sentado em uma carruagem aquecida, envolto em uma capa forrada de pele. Durante sua convalescença no Palácio de Ascalon, a Alta Princesa Ermuna escrevera para solicitar sua presença na corte. Seu conhecimento do Oriente, ela lhe dissera em sua carta, ajudaria a enriquecer o relacionamento entre Mentendon e Seiiki. Ele poderia até ser chamado para ajudar a abrir negociações para um novo acordo comercial com o Império dos Doze Lagos.

Ele não queria nada disso. Essa corte estava assombrada. Se ele fosse até lá, tudo o que veria seriam os fantasmas de seu passado.

Ainda assim, ele teve que mostrar seu rosto. Não se recusava um convite real, especialmente se se pretendia não ser banido novamente.

A carruagem rodava sobre a Ponte do Sol. Pela janela, ele olhou para o rio Bugen congelado e as torres cobertas de neve da cidade que ele havia perdido. Ele havia cruzado a ponte a pé quando chegou à corte pela primeira

vez, depois de viajar de Rozentun em um feno. Naquela época, ele não tinha condições de pagar carruagens. Sua mãe reteve sua herança, apontando, não erroneamente, que correspondia ao custo de seu diploma. Tudo o que ele possuía era uma língua afiada e a roupa no corpo.

Foi o suficiente para Jannart.

Seu braço esquerdo agora terminava logo abaixo do cotovelo. Embora às vezes doesse, a dor era fácil de ignorar.

A morte beijou sua bochecha no *Pérola Dançante*. Os médicos de Inysh garantiram-lhe que agora que passara pelo pior, o que restava do membro sararia. Ele nunca confiou nos médicos de Inysh – charlatães piedosos, todos eles – mas supôs que não tinha escolha a não ser acreditar neles.

Foi Eadaz uq-Nāra quem feriu mortalmente o Inominável com a Espada Verdadeira. E *então*, como se isso não fosse heroísmo suficiente por uma noite, ela e Tané Miduchi acabaram com ele com as joias. Era uma lenda, um conto destinado a ser consagrado na música – e Niclays tinha dormido durante toda a maldita coisa. O pensamento fez um sorriso surgir no canto de sua boca. Jannart teria rido demais.

Em algum lugar da cidade, sinos tocavam. Alguém tinha se casado hoje.

A carruagem passou pelo Teatro do Livre Estado. Em algumas noites, Edvart se disfarçava de lorde menor e saía com Jannart e Niclays para assistir a uma ópera, concerto ou peça. Eles sempre iam beber no Bairro Antigo depois, para que Edvart pudesse se livrar de suas preocupações por um tempo. Niclays fechou os olhos, lembrando-se das risadas de amigos mortos há muito tempo.

Pelo menos alguns de seus amigos conseguiram não morrer. Após o Cerco de Cársaro, um grupo de busca foi enviado para Laya. Enquanto estava deitado na *Pérola Dançante*, atormentado pela febre, ele se lembrou de certas coisas sobre aquela caverna que fora sua prisão – por exemplo, as veias vermelhas que serpenteavam por suas paredes.

Eles a haviam encontrado na Montanha do Pavor. Quase morrendo de sede, ela foi tratada de volta à saúde em um hospital de campanha, e o Alto Governante Kagudo a levou de volta a Nzene em seu próprio navio. Depois de décadas longe, ela estava em casa e já havia escrito para convidá-lo para visitá-la.

Ele iria logo, quando tivesse absorvido o suficiente de Mentendon para ter certeza de que estava lá. Para ter certeza de que isso era real.

A carruagem parou diante dos portões do Palácio de Brygstad – uma estrutura austera de arenito escuro, escondendo um interior de mármore branco e dourado. Um lacaio abriu a porta.

— Doutor Roos — disse ele. — Sua Alteza Real, Alta Princesa Ermuna, dá as boas-vindas à corte Mentish.

O calor formigou em seus olhos. Ele viu a janela de sótão de vidro colorido da sala mais alta.

— Ainda não.

O lacaio parecia perplexo.

— Doutor — disse ele. — Sua Alteza Real o espera ao meio-dia.

— Ao meio-dia, meu caro. O meio-dia não é agora. — Ele recostou-se. — Pegue meus pertences, mas irei para o Bairro Antigo.

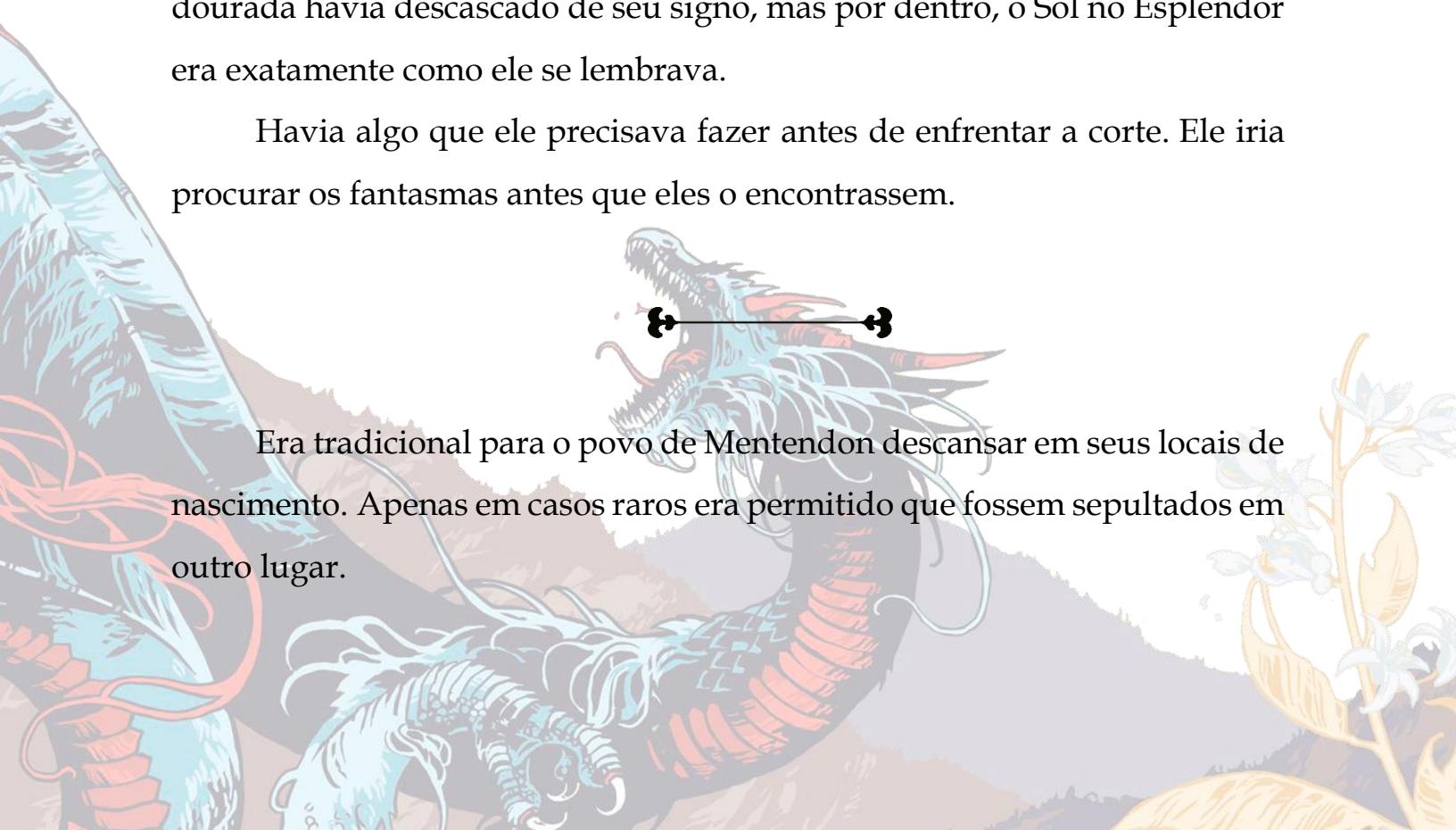
Relutantemente, o lacaio deu a ordem.

A carruagem rodou pelo norte da cidade, passando por livrarias, museus e padarias. Faminto pela visão, Niclays se apoiou no cotovelo. Aromas emanavam do mercado aberto, aromas com os quais ele havia sonhado tantas vezes em Orisima. Pão de mel e marmelos açucarados. Tortas para abrir com a lâmina de uma faca, revelando a espiral de pêra e queijo e pedaços de ovo cozido dentro. Panquecas regadas com conhaque. As tortas de maçã que ele gostava de comer nos passeios ao longo do rio.

Em cada esquina, tendas vendiam panfletos e folhetos. A visão fez Niclays pensar em Purumé e Eizaru, seus amigos do outro lado do mundo. Talvez, quando e se a proibição do mar fosse suspensa, eles pudessesem andar por essas ruas com ele.

A carruagem parou do lado de fora de uma pousada de aparência pobre em uma alameda que se ramificava na Praça Brunna. A pintura dourada havia descascado de seu signo, mas por dentro, o Sol no Esplendor era exatamente como ele se lembrava.

Havia algo que ele precisava fazer antes de enfrentar a corte. Ele iria procurar os fantasmas antes que eles o encontrassem.



Era tradicional para o povo de Mentendon descansar em seus locais de nascimento. Apenas em casos raros era permitido que fossem sepultados em outro lugar.

Jannart foi um desses casos raros. O costume ditava que ele deveria ser enterrado em Zeedeur, mas Edvart, dilacerado pela dor, dera ao seu amigo mais querido a honra de um túmulo no Cemitério de Prata, onde os membros da Casa de Lievelyn foram enterrados. Não muito depois, Edvart adoeceu e se juntou a ele, junto com sua filha pequena.

O cemitério ficava a uma curta caminhada do Bairro Antigo. A neve estava espessa e intocada em seu terreno.

Niclays nunca havia visitado o mausoléu. Em vez disso, ele fugiu para Inys, atormentado pela negação. Não acreditando na vida após a morte, ele nunca tinha visto o ponto de falar em uma laje de pedra.

Estava muito frio no mausoléu. Uma efígie, esculpida em alabastro, jazia sobre o túmulo.

Ao se aproximar, Niclays respirou fundo. Quem quer que tenha capturado sua imagem conhecia bem Jannart quando ele tinha quarenta e poucos anos. No escudo da estátua, que representa a proteção do Santo na morte, havia uma inscrição.

JANNART UTT ZEEDEUR
NÃO PROCURE O SOL DA MEIA-NOITE NA TERRA
MAS PROCURE DENTRO

Niclays estendeu a mão sobre as palavras.

— Seus ossos estão atrás de mim. Não há nada pela frente. Você está morto e eu sou um velho — murmurou. — Eu me ressentir de você por tanto tempo, Jannart. Eu me sentia confortável com a crença de que morreria antes

de você. Talvez eu até tenha tentado garantir isso. Eu odiei você, odiei a memória de você, por partir primeiro. Deixando-me.

Com um nó na garganta, ele se virou. Ele caiu no chão, de costas para a tumba, e juntou as mãos entre os joelhos.

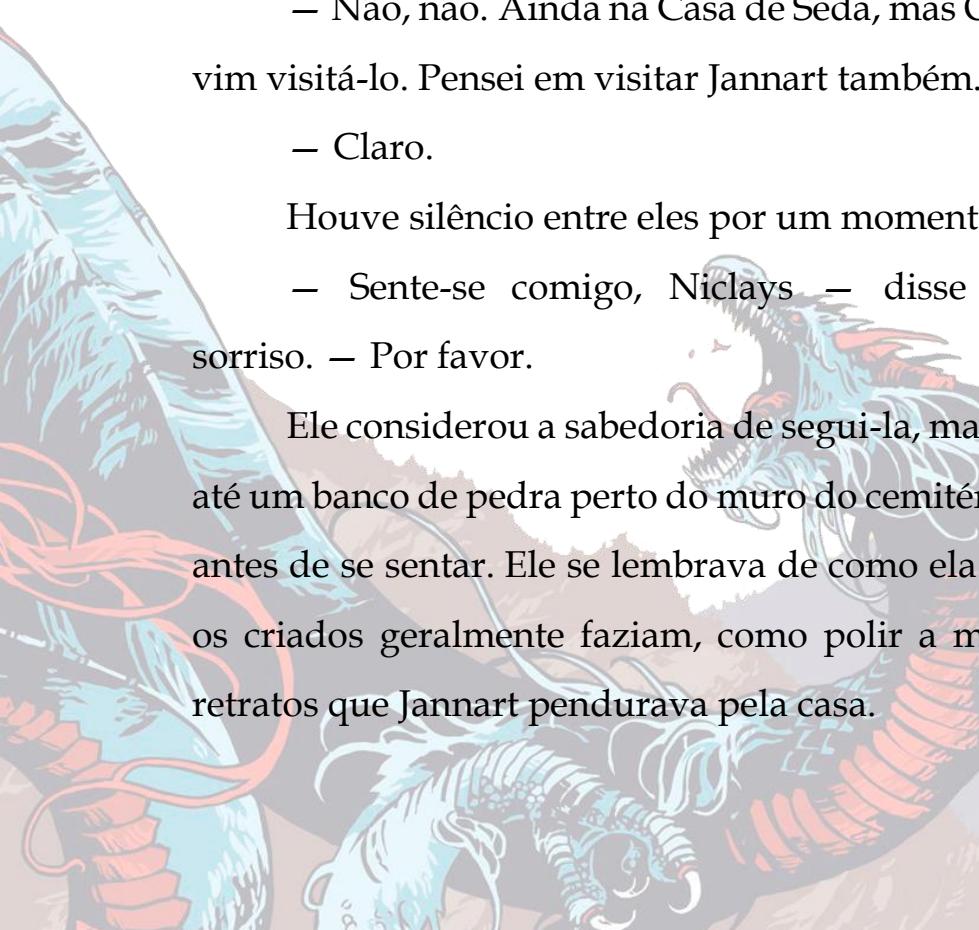
— Eu falhei com ela, Jan. — Sua voz ficou quase suave demais para ouvir. — Eu me perdi e perdi sua neta de vista. Quando os lobos cercaram Truyde, eu não estava lá para derrotá-los.

— Eu pensei... — Niclays balançou a cabeça. — Eu pensei em morrer. Quando me trouxeram de dentro do *Pérola Dançante*, observei o mar queimando. Luz da escuridão. Fogo e estrelas. Eu olhei para o Abismo e quase me deixei cair. — Uma risada seca. — E então eu dei um passo para trás. Muito dolorido para viver, muito covarde para morrer. Mas então... você me enviou nessa jornada por um motivo. A única maneira que pude pensar em honrá-lo foi continuando a viver.

— Você me amou. Sem condições. Você viu a pessoa que eu poderia ser. E eu serei essa pessoa, Jan. Eu aguentarei, meu sol da meia-noite. — Ele tocou o rosto de pedra mais uma vez, os lábios que eram tão parecidos com os que tinham sido em vida. — Vou ensinar meu coração a bater novamente.

Doeu deixá-lo no escuro. Ainda assim, ele saiu. Esses ossos há muito o haviam deixado ir.

Lá fora, a neve havia diminuído um pouco, mas um frio gelado permanecia. Enquanto ele caminhava de volta pelo cemitério, com lágrimas geladas no rosto, uma mulher passou pelos portões de ferro forjado, vestindo uma capa forrada com zibelina. Quando ela olhou para cima, seus lábios se separaram e Niclays congelou.



Ele a conhecia bem.

Aleidine Teldan utt Kantmarkt estava no cemitério.

— Niclays — ela sussurrou.

— Aleidine — respondeu ele, incrédulo.

Ela ainda era uma mulher bonita em seus anos. Seu cabelo castanho-avermelhado, tão espesso como sempre, tinha mechas brancas e estava preso em um penteado. O anel do nó do amor ainda estava em sua mão, embora não no dedo indicador, onde deveria estar. Nenhum anel o substituiu.

Eles se encararam. Aleidine se recuperou primeiro.

— Você realmente está de volta. — Ela deixou escapar um som, quase uma risada. — Eu ouvi rumores, mas não ousei acreditar neles.

— Sim, de fato. Depois de algumas tentativas. — Niclays tentou se recompor, mas sua garganta havia encolhido. — Eu, er- você mora aqui agora, então? Em Brygstad, quero dizer. Não o cemitério.

— Não, não. Ainda na Casa de Seda, mas Oscarde mora aqui agora. Eu vim visitá-lo. Pensei em visitar Jannart também.

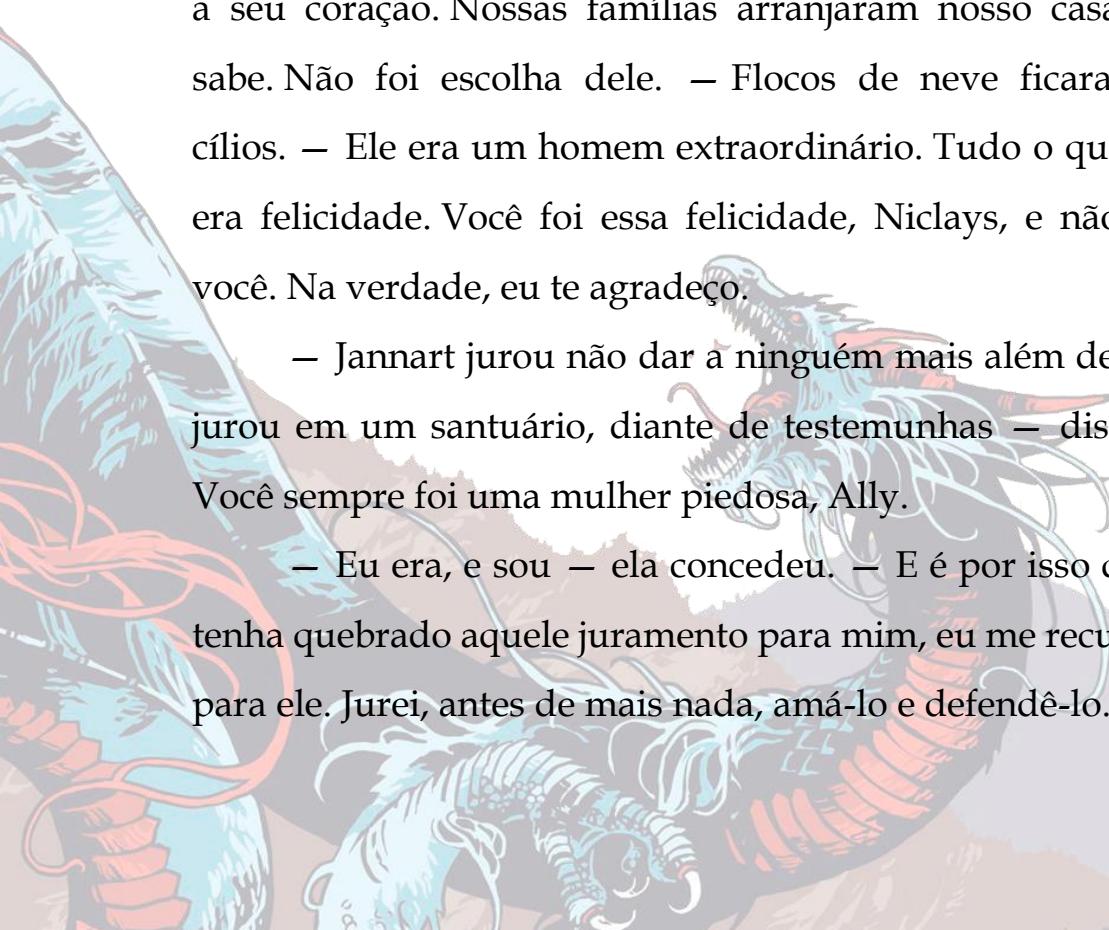
— Claro.

Houve silêncio entre eles por um momento.

— Sente-se comigo, Niclays — disse Aleidine, com um breve sorriso. — Por favor.

Ele considerou a sabedoria de segui-la, mas o fez de qualquer maneira, até um banco de pedra perto do muro do cemitério. Aleidine espanou a neve antes de se sentar. Ele se lembra de como ela insistia em fazer coisas que os criados geralmente faziam, como polir a marchetaria e tirar o pó dos retratos que Jannart pendurava pela casa.





Por um longo tempo, o silêncio continuou, ininterrupto. Niclays observou os flocos de neve caindo. Anos ele se perguntou o que diria se visse Aleidine novamente. Agora as palavras escaparam dele.

— Niclays, seu braço.

Sua capa havia caído para trás, revelando o toco.

— Ah sim. Piratas, acredice ou não — disse ele, forçando um sorriso.

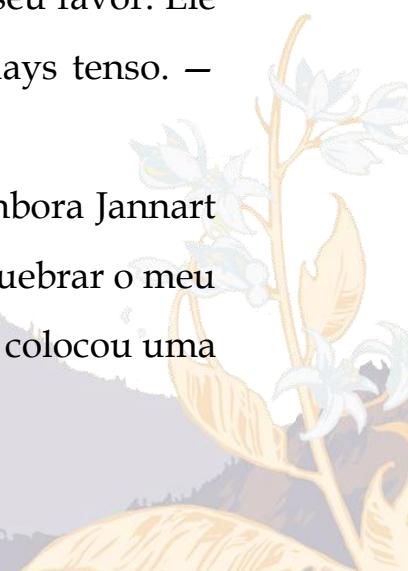
— Eu acredito. As pessoas falam nesta cidade. Você já tem uma reputação de aventureiro. — Ela sorriu um pouco de volta. Isso aprofundou as rugas ao redor de seus olhos. — Niclays, eu sei que nós... nunca falamos direito depois que Jannart morreu. Você partiu para Inys tão rapidamente...

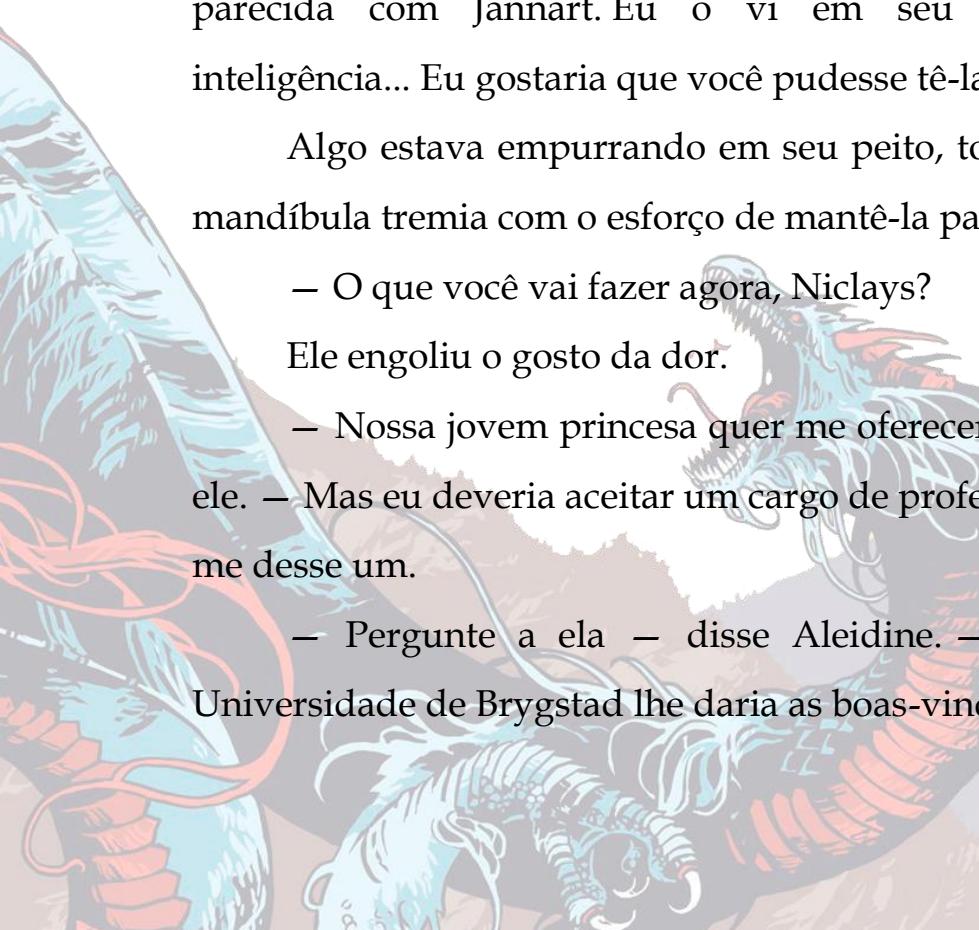
— Não faça isso. — Sua voz estava rouca. — Eu sei que você deve ter percebido. Todos aqueles anos...

— Não procuro repreendê-lo, Niclays. — Aleidine falou suavemente. — Eu me importava muito com Jannart, mas não tinha direito a seu coração. Nossas famílias arranjaram nosso casamento, como você sabe. Não foi escolha dele. — Flocos de neve ficaram presos em seus cílios. — Ele era um homem extraordinário. Tudo o que eu queria para ele era felicidade. Você foi essa felicidade, Niclays, e não guardo rancor de você. Na verdade, eu te agradeço.

— Jannart jurou não dar a ninguém mais além de você seu favor. Ele jurou em um santuário, diante de testemunhas — disse Niclays tenso. — Você sempre foi uma mulher piedosa, Ally.

— Eu era, e sou — ela concedeu. — E é por isso que, embora Jannart tenha quebrado aquele juramento para mim, eu me recusei a quebrar o meu para ele. Jurei, antes de mais nada, amá-lo e defendê-lo. — Ela colocou uma





mão delicada sobre a dele. — Ele precisava do seu amor. A melhor maneira de honrar as promessas que fiz a ele era deixá-lo fazer as coisas em paz. E deixá-lo amar você em troca.

Ela quis dizer isso. A sinceridade de sua crença estava gravada profundamente em seu rosto. Niclays tentou falar, mas as palavras, fossem quais fossem, ficaram presas em sua garganta. Ele virou a mão e segurou a dela em troca.

— Truyde — ele finalmente disse. — Onde ela foi colocada para descansar?

A dor em seus olhos era insuportável.

— A rainha Sabran mandou enviar seus restos mortais para mim —, disse ela. — Ela está no lote de nossa família em Zeedeur.

Niclays apertou ainda mais a mão dela.

— Ela sentiu muito a sua falta, Niclays — disse ela. — Ela era muito parecida com Jannart. Eu o vi em seu sorriso, seu cabelo, sua inteligência... Eu gostaria que você pudesse tê-la visto como uma mulher.

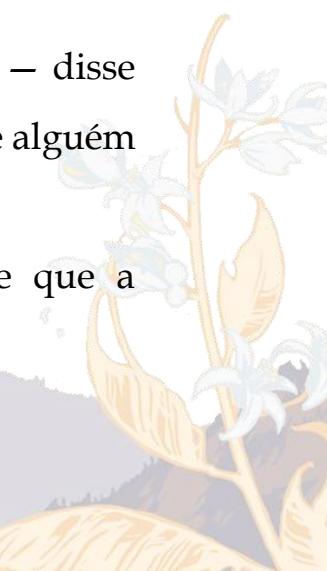
Algo estava empurrando em seu peito, tornando difícil respirar. Sua mandíbula tremia com o esforço de mantê-la parada.

— O que você vai fazer agora, Niclays?

Ele engoliu o gosto da dor.

— Nossa jovem princesa quer me oferecer um lugar na corte — disse ele. — Mas eu deveria aceitar um cargo de professor antes. Não que alguém me desse um.

— Pergunte a ela — disse Aleidine. — Tenho certeza de que a Universidade de Brygstad lhe daria as boas-vindas.



— Um ex-exilado que se dedica à alquimia e passou semanas trabalhando para piratas — disse ele secamente. — Sim, isso soa como alguém que eles gostariam de moldar as mentes da próxima geração.

— Você viu mais do mundo do que outros escreveram sobre ele. Imagine o conhecimento que você poderia levar, Niclays. Você poderia sacudir a poeira dos púlpitos, dar vida aos livros didáticos.

A possibilidade o aqueceu. Ele não tinha dado consideração séria, mas talvez ele *fosse* pedir Ermuna se pudesse interceder com a universidade em seu nome.

Aleidine olhou para o mausoléu. Sua respiração estremeceu em uma pluma branca.

— Niclays —, disse ela — entendo se você prefere viver sua vida aqui como um homem diferente. Mas... se você me favorecer com sua companhia de vez em quando...

— Sim. — Ele deu um tapinha na mão dela. — Claro que vou, Aleidine.

— Eu ficaria tão feliz. E, claro, eu poderia reintroduzir você na sociedade. Sabe, tenho um amigo muito querido na universidade, da nossa idade, que sei que ficaria muito feliz em conhecê-lo. Alariks. Ele ensina astronomia. — Seus olhos estavam brilhando. — Estou *bastante* certa de que gostaria dele.

— Bem, ele parece...

— E Oscarde... oh, Oscarde ficará muito feliz em vê-lo novamente. E, claro, você será bem-vindo para ficar comigo pelo tempo que quiser...

— Eu certamente não gostaria de me intrometer, mas...

— Niclays —, disse ela — você é da família. Você nunca poderia se intrometer.

— Você é muito gentil.

Eles se entreolharam, um pouco sem fôlego por causa da demonstração de cortesia. Finalmente, Niclays conseguiu sorrir, e Aleidine também.

— Agora —, ela disse — eu ouvi que você tem uma audiência com nossa Alta Princesa. Você não deveria se preparar?

— Eu deveria — admitiu Niclays. — Mas primeiro, talvez eu pudesse pedir um pequeno favor.

— Claro.

— Quero que me diga, em — ele checou seu relógio de bolso... — duas horas, tudo o que aconteceu desde que deixei Ostendeur. Tenho anos de política e notícias para pôr em dia, e não quero parecer idiota na frente de nossa nova princesa. Jannart era o historiador, eu sei —, disse ele despreocupadamente, — mas era você quem sabia das coisas quando se tratava de fofoca.

Aleidine deu uma risadinha.

— Eu deveria estar encantada — disse ela. — Venha. Podemos passar por Bugen. E você pode me contar tudo sobre sua aventura.

— Oh, querida senhora —, disse Niclays, — há história o suficiente para encher um livro.

Capítulo 74

Oeste

Em Serinhall, Lorde Arteloth Beck trabalhava em um escritório, uma pilha de cartas e um caderno encadernado em couro ao lado dele. Seus pais haviam partido por uma semana, aparentemente para uma mudança de cenário, mas Loth sabia que sua mãe estava tentando prepará-lo para o futuro. Ser Conde de Goldenbirch, com assento no Conselho das Virtudes, responsável pela maior província de Inys.

Ele esperava que, com o passar dos anos, algo mudasse nele, como um relógio em movimento, e que ele estivesse pronto para isso. Em vez disso, ansiava por estar na corte.

Um de seus amigos mais queridos estava morto. Quanto a Ead, ele sabia que ela não ficaria em Inys para sempre. A notícia de que ela havia matado o Inominável se espalhou, e ela não queria nada da fama que viria com isso. Mais cedo ou mais tarde, seu caminho dobraria para o Sul.

A corte nunca seria a mesma sem os dois. E ainda assim foi onde ele prosperou. Era onde Sabran governaria por muitos anos. E ele queria estar lá com ela, no coração de seu país, para ajudar a inaugurar uma nova e dourada era para Inys.

— Boa noite.

Margret entrou no escritório.

— Eu acho que alguém deveria bater — Loth disse, abafando um bocejo.

— Sim, irmão. Várias vezes. — Ela colocou a mão em seu ombro. — Aqui. Vinho quente.

— Obrigado. — Ele tomou um gole agradecido. — Que horas são?

— Já passou da hora que nós dois deveríamos estar dormindo.

— Margret esfregou os olhos. — Estranho estar por conta própria. Sem mamãe e papai. O que você está fazendo aqui há horas?

— Tudo.

Ele sentiu que ela o observava enquanto fechava o caderno. Estava cheio de despesas domésticas.

— Você preferiria estar no palácio — disse Margret gentilmente.

Ela o conhecia muito bem. Loth apenas bebeu o vinho, deixando-o aquecer o oco em sua barriga.

— Sempre adorei Serinhall. E você sempre amou a corte. E ainda assim eu nasci a segunda filha e você o primeiro, então você deve ser o Conde de Goldenbirch. — Margret suspirou. — Suponho que mamãe pensava que você merecia uma infância longe de Goldenbirch, já que estaria enraizada nela quando fosse mais velha. Na verdade, ela fez com que nós dois nos apaixonássemos pelo lugar errado.

— Sim. — Ele teve que sorrir com o absurdo disso. — Bem. Não há nada a ser feito sobre isso.

— Eu não sei. Inys está mudando — disse Margret, com um brilho nos olhos. — Os próximos anos serão difíceis, mas darão a este país uma nova cara. Devemos permitir-nos alargar os nossos horizontes.

Loth olhou para ela com uma sobrancelha franzida.

— Você diz as coisas mais estranhas, irmã.

— Os mais sábios raramente são apreciados em seu tempo. — Ela apertou seu ombro antes de colocar uma carta na frente dele. — Chegou esta manhã. Tente dormir um pouco, irmão.

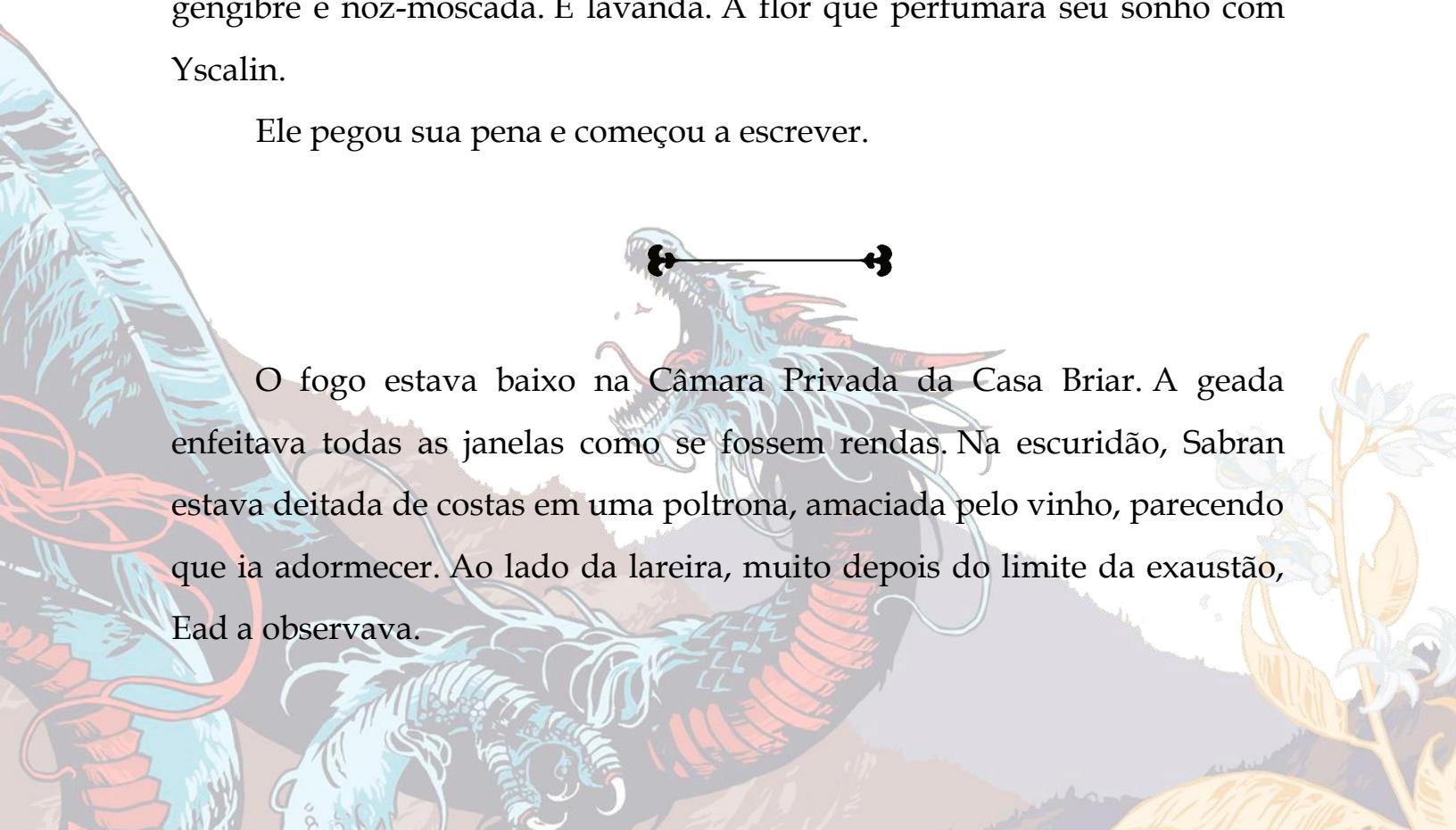
Ela se foi. Loth virou a carta e viu o selo de cera. Impressionado com a pêra da Casa de Vetalda.

Seu coração se apertou como um punho. Ele quebrou o selo e desdobrou a carta dentro, rodando com uma caligrafia elegante.

Enquanto ele lia, uma brisa entrou pela janela aberta. Cheirava a grama recém-cortada e feno e à vida que ele ansiava quando estava longe de casa. Os aromas de Goldenbirch.

Agora algo mudou. Outros cheiros invadiam seus sonhos como ondas. Sal, alcatrão e vento frio do mar. Vinho quente, temperado com gengibre e noz-moscada. E lavanda. A flor que perfumara seu sonho com Yscalín.

Ele pegou sua pena e começou a escrever.



O fogo estava baixo na Câmara Privada da Casa Briar. A geada enfeitava todas as janelas como se fossem rendas. Na escuridão, Sabran estava deitada de costas em uma poltrona, amaciada pelo vinho, parecendo que ia adormecer. Ao lado da lareira, muito depois do limite da exaustão, Ead a observava.

Às vezes, quando olhava para Sabran, quase acreditava que era o Rei Melancólico, perseguindo uma miragem nas dunas. Então Sabran tocaria seus lábios nos dela, ou viria até sua cabeceira ao luar, e ela saberia que era real.

— Eu tenho algo para te dizer.

Sabran olhou para ela.

— Sarsun veio até mim alguns dias atrás — murmurou Ead. — Com uma carta de Chassar.

A águia de areia varreu o palácio Ascalon e pousou em seu braço, carregando uma nota. Ead levou muito tempo para reunir coragem para lê-la, e ainda mais para desvendar seus sentimentos quando o fez.

Amada—

Não tenho palavras para expressar meu orgulho pelo que ouvimos de seus feitos no Abismo, nem meu alívio por seu coração bater tão forte como sempre. Quando a Prioresa enviou sua irmã para silenciá-la, nada pude fazer. Covarde como sou, falhei com você, como prometi a Zāla que nunca faria.

E, no entanto, lembro-me — como tantas vezes fiz — de que você nunca precisou da minha proteção. Você é seu próprio escudo.

Eu escrevo para você com notícias tão esperadas. As Donzelas Vermelhas desejam que você retorne a Lasiā para assumir o manto da Prioresa. Se você aceitar, eu a encontrarei em Kumenga no primeiro dia de inverno. Elas poderiam usar sua mão firme e cabeça nivelada. Acima de tudo, elas poderiam usar seu coração.

Eu espero que você possa me perdoar. De qualquer forma, a laranjeira espera.

— A notícia de que eu fui a matadora se espalhou — disse ela. — É a maior honra que elas poderiam conceder.

Lentamente, Sabran se sentou.

— Estou feliz por você. — Ela pegou Ead pela mão. — Você matou o Inominável. E este era o seu sonho. — Seus olhares se encontraram. — Você irá aceitar?

— Se eu for —, disse Ead, — seria capaz de moldar o futuro do Priorado. — Ela entrelaçou os dedos. — Quatro dos Alto Ocidentais estão mortos. Isso significa que seus wyverns, e qualquer progênie que gerarem, perderão seu fogo, mas mesmo sem ele, eles representam um perigo para o mundo. Eles devem ser caçados e mortos onde quer que se escondam. E claro... um grande inimigo continua foragido.

— Fýredel.

Ead assentiu.

— Ele deve ser caçado — disse ela. — Mas como Prioresa, eu também poderia garantir que as Donzelas Vermelhas trabalhassem para proteger a estabilidade deste novo mundo. Um mundo fora da sombra do Inominável.

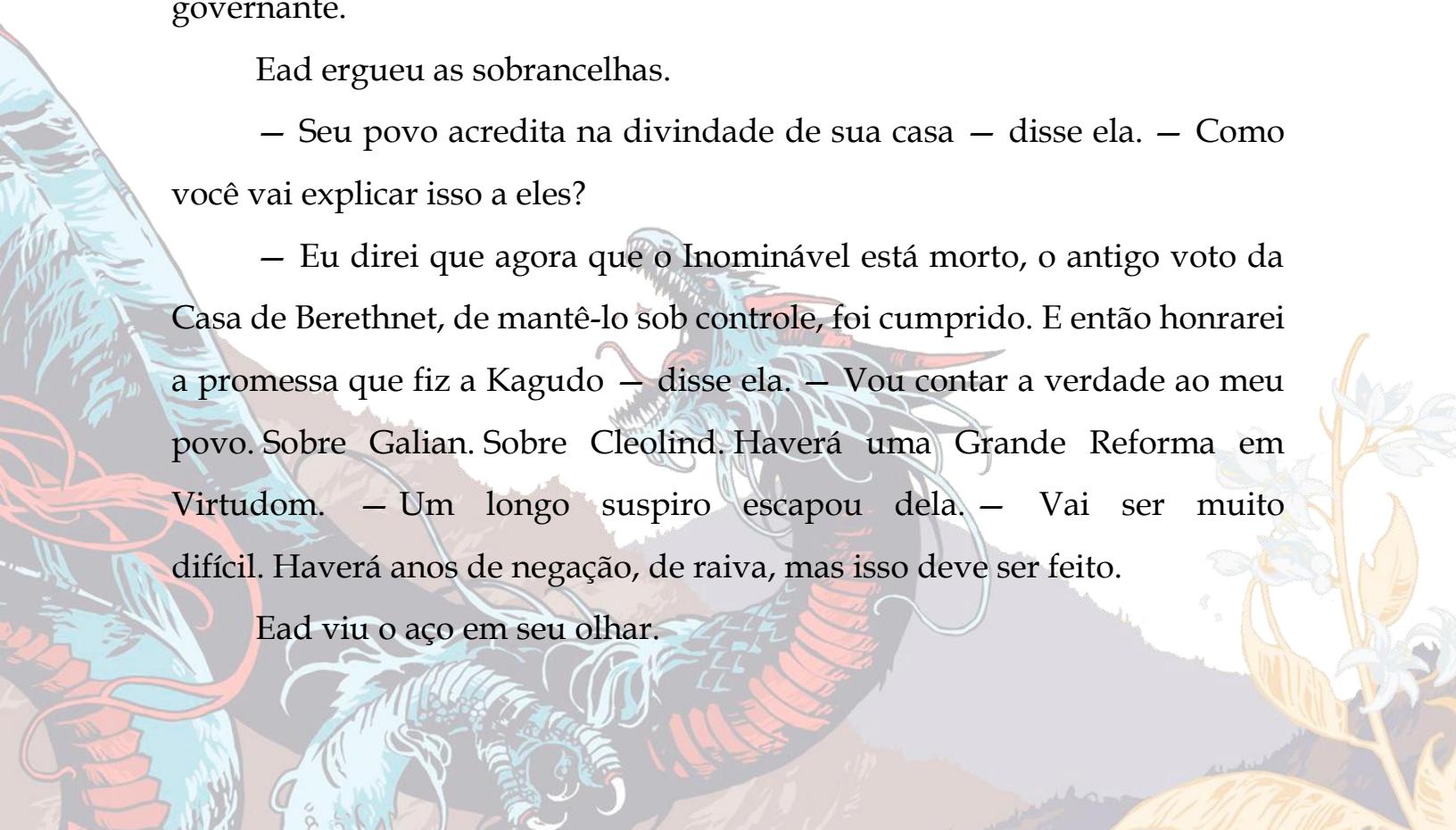
Sabran serviu outra taça para as duas.

— Você estaria em Lasia — ela disse, seu tom cauteloso.

— Sim.

O ar entre elas ficou repentinamente tenso.

Ead nunca foi ingênua o suficiente para pensar que elas poderiam viver juntas em Inys. Como Viscondessa, ela estava preparada para se casar com uma rainha, mas não podia ser princesa consorte. Ela não queria mais títulos ou graças, nenhum lugar ao lado do trono de mármore. O casamento



com uma rainha exigia lealdade apenas ao seu reino, e Ead não reclamava lealdade a ninguém, exceto à Mãe.

No entanto, o que havia entre elas não podia ser negado. Era Sabran Berethnet quem cantava para sua alma.

— Eu iria visitar — disse Ead. — Não... frequentemente, você entende. A Prioresa pertence ao Sul. Mas eu encontraria uma maneira. — Ela pegou uma taça. — Sei que já disse isso a você antes, Sabran, mas não a culparia se preferisse não viver assim.

— Eu viveria sozinha cinquenta anos para ter um dia com você.

Ead se desdobrou e foi até ela. Sabran mudou de posição e elas se sentaram com as pernas entrelaçadas.

— Também tenho uma coisa para te dizer — disse Sabran. — Em uma década ou mais, pretendo abdicar do trono. Vou usar este período para garantir uma transição suave de poder da Casa de Berethnet para outro governante.

Ead ergueu as sobrancelhas.

— Seu povo acredita na divindade de sua casa — disse ela. — Como você vai explicar isso a eles?

— Eu direi que agora que o Inominável está morto, o antigo voto da Casa de Berethnet, de mantê-lo sob controle, foi cumprido. E então honrarei a promessa que fiz a Kagudo — disse ela. — Vou contar a verdade ao meu povo. Sobre Galian. Sobre Cleolind. Haverá uma Grande Reforma em Virtudom. — Um longo suspiro escapou dela. — Vai ser muito difícil. Haverá anos de negação, de raiva, mas isso deve ser feito.

Ead viu o aço em seu olhar.

— Que assim seja. — Ela baixou a cabeça no ombro de Sabran. — Mas quem governará depois de você?

Sabran apoiou a bochecha na testa de Ead.

— Eu acho que a princípio deve ser um da próxima geração de Duques Espirituais. O povo achará mais fácil abraçar um novo governante da nobreza. Mas na verdade... Não creio que seja bom que o futuro de qualquer país dependa da geração de filhos. A mulher é mais do que um útero a ser semeado. Talvez eu possa ir mais longe nesta Grande Reforma. Talvez eu possa abalar as próprias bases da sucessão.

— Eu acredito que você poderia. — Ead traçou sua clavícula. — Você pode ser persuasiva.

— Suponho que herdei esse presente da minha ancestral.

Ead sabia como Kalyba a perseguia. Kalyba e a profecia que ela havia feito. Frequentemente, Sabran acordava no meio da noite, lembrando-se da bruxa, cujo rosto fora o espelho dela.

Depois que ela foi curada, Ead levou o corpo de Kalyba para Nurtha. Encontrar alguém que a remasse até a ilha tinha sido difícil, mas finalmente, quando ela reconheceu Ead como Viscondessa Nurtha, uma jovem a guiou através do Mar Pequeno.

As poucas pessoas que viviam em Nurtha falavam apenas Morgish e penduravam grinaldas de espinheiro nas portas. Ninguém tinha falado com ela enquanto ela caminhava pela floresta.

O espinheiro foi derrubado, mas não apodreceu. Ead podia ver que já fora tão magnífico quanto sua irmã no Sul. Ela ficou entre os galhos e

imaginou uma jovem garota Inysh colhendo uma baga vermelha de seus galhos, uma baga que a mudara para sempre.

Ela havia colocado a Bruxa de Inysca para descansar embaixo dele. As únicas Primeiro Sangue que agora restavam Sabran e Tané.

Por um tempo, apenas o estalo do fogo quebrou o silêncio. Por fim, Sabran se moveu para se sentar no banquinho na frente de Ead, para que pudessem se encarar, e entrelaçou os dedos.

— Não ria de mim.

— Você está prestes a dizer algo tolo?

— Possivelmente. — Sabran fez uma pausa como se para se recompor. — Nos dias anteriores a Virtudom, o povo do Inysca fazia uma luz que voa para quem amava. A promessa de que eles construiriam um lar juntos. — Ela sustentou seu olhar. — Você deve cumprir seu dever como Prioresa. Devo fazer o meu como Rainha de Inys. Por um tempo, devemos seguir nossos caminhos separadas... mas daqui a dez anos, encontrarei você na areia de Perchling. E vamos encontrar nosso lugar.

Ead olhou para suas mãos unidas.

Dez anos sem estar com ela todos os dias. Dez anos de separação. O pensamento a deixou oca.

Mas ela sabia como ansiar por algo distante. Ela sabia como resistir.

Sabran observou seu rosto. Por fim, Ead se aproximou e a beijou.

— Dez anos —, disse ela, — e nem mais um nascer do sol.

Capítulo 75

Leste

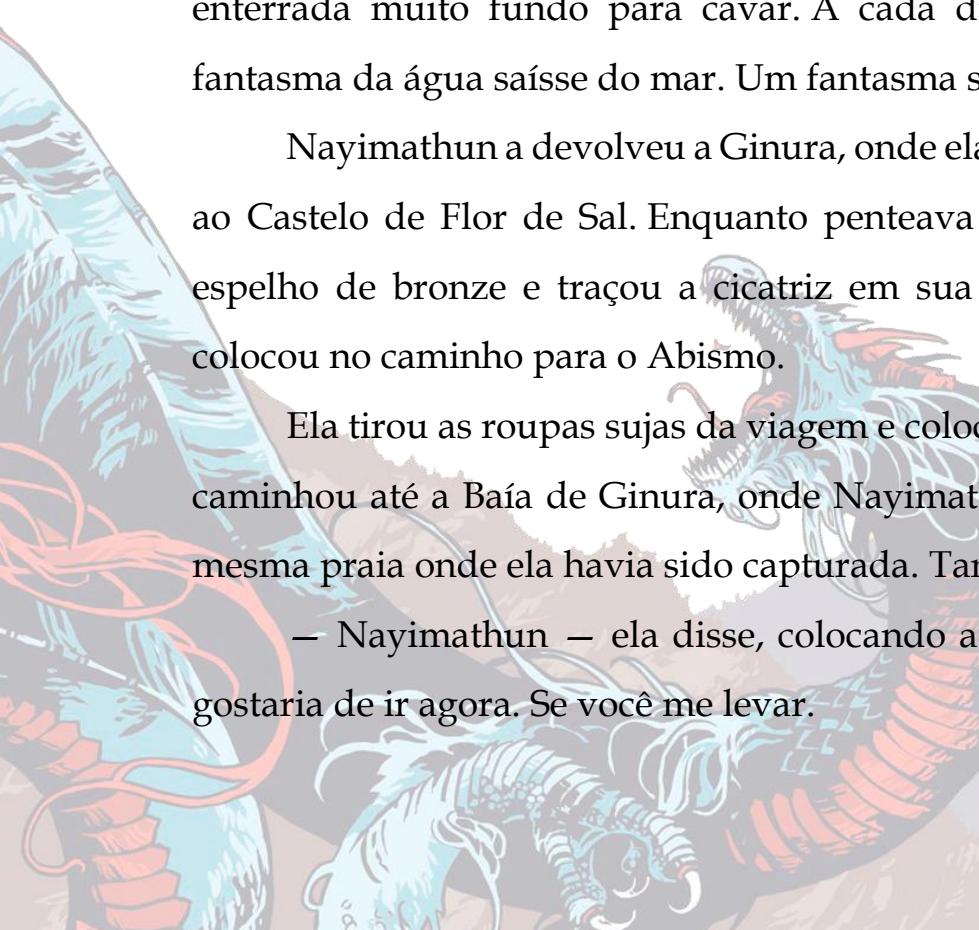
O Palácio Imperial estava praticamente o mesmo da última vez que Dama Tané do Clã Miduchi pôs os pés em seus corredores. Enquanto o sol se punha, ela se afastou do Salão da Estrela Caída, passando por servos abrindo caminhos com pás, soprando calor em suas mãos.

Enquanto ela recuperava suas forças em preparação para seu retorno formal à Guarda do Mar Superior, ela agia como uma embaixadora não oficial entre Seiiki e o Império dos Doze Lagos. O Imperador Incessante fora cortês, como sempre. Ele havia dado a ela uma carta para levar para Ginura, como sempre fazia, e eles conversaram por um tempo sobre o que estava acontecendo nos outros continentes.

Tudo parecia quieto no mundo, mas Tané estava inquieta. Algo a chamava de um passado distante.

Nayimathun esperava no Grande Pátio, cercada por cortesãos Lacustres bem vestidos, que tocavam cuidadosamente suas escamas em busca de uma bênção. Tané subiu na sela e colocou as manoplas.

- Você está com a carta? — perguntou o dragão.
- Sim. — Tané deu um tapinha em seu pescoço. — Você está pronta, Nayimathun?
- Sempre.



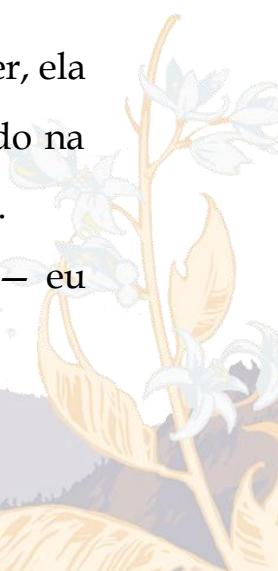
Ela voou para o céu e, em breve, elas estavam sobre o mar de Sundance. Piratas ainda vagavam por suas águas. Embora as discussões com Inys estivessem em andamento, a doença vermelha ainda não havia diminuído e, por enquanto, o Grande Édito se mantinha, como Tané suspeitava que aconteceria por algum tempo.

A Imperatriz Dourada estava lá fora em algum lugar. Ela viveria tanto quanto a proibição do mar vivesse, e enquanto ela respirasse, o comércio de carne de dragão duraria. Tané pretendia cumprir a promessa que lhe fizera em Komoridu, à sombra da amoreira. Depois de se recuperar dos ferimentos, ela começou a escalar de volta às forças com Onren e Dumusa. Logo ela estaria pronta para retornar às ondas.

O Senhor da Guerra de Seiiki a recompensou por suas ações no Abismo. Ela havia recebido uma mansão em Nanta e sua vida de volta.

Exceto Susa. Essa perda permaneceria como uma ponta de flecha nela, enterrada muito fundo para cavar. A cada dia, ela esperava que outro fantasma da água saísse do mar. Um fantasma sem cabeça.

Nayimathun a devolveu a Ginura, onde ela entregou a carta e retornou ao Castelo de Flor de Sal. Enquanto penteava o cabelo, ela olhou para o espelho de bronze e traçou a cicatriz em sua bochecha. A cicatriz que a colocou no caminho para o Abismo.

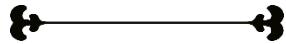


Ela tirou as roupas sujas da viagem e colocou a capa. Ao anoitecer, ela caminhou até a Baía de Ginura, onde Nayimathun estava se banhando na mesma praia onde ela havia sido capturada. Tané entrou na parte rasa.

— Nayimathun — ela disse, colocando a mão em sua balança — eu gostaria de ir agora. Se você me levar.

Esse olhar selvagem fixou no dela.

— Sim — o dragão disse. — Para Komoridu.



Não muito antes, Tané havia retornado à aldeia de Ampiki – sua primeira visita desde que era criança – para procurar qualquer vestígio de Neporo de Komoridu. Nunca foi reconstruído depois do incêndio. As únicas pessoas presentes eram os rapazes e moças que coletavam algas marinhas em sua costa.

Ela havia voltado para a Ilha das Penas para falar com o Ancião Vara, que a recebeu de braços abertos. Ele havia contado a ela tudo o que sabia sobre Neporo, embora fosse muito pouco. Havia registros de seu casamento com um pintor, várias outras cartas referentes à ascensão de um novo governante no Oriente e alguns desenhos fantasiosos de como a Rainha de Komoridu poderia ser.

No final, havia apenas um lugar para encontrá-la.

A luz pulsava através de Nayimathun enquanto ela voava. Quando Komoridu apareceu – uma gota de tinta na face do mar – ela desceu sobre a areia e Tané escorregou para fora da sela.

— Vou esperar aqui — disse Nayimathun.

Tané retribuiu o tapinha. Ela acendeu a lamparina a óleo e caminhou para as árvores.

Esta era sua herança. A ilha dos párias.

Um dia fatídico, quando criança em Ampiki, Tané seguiu uma borboleta até o mar. O Ancião Vara havia dito a ela que, em alguns contos, as borboletas eram os espíritos dos mortos, enviados pelo grande Kwiriki. Como dragões, eles mudavam de forma, e então o grande Kwiriki em sua sabedoria os escolhia como seus mensageiros do plano celestial. Se não fosse por aquela borboleta, Tané teria morrido com seus pais, e a joia poderia ter se perdido.

Horas ela caminhou pela floresta silenciosa. Aqui e ali, ela encontrava vislumbres do que deve ter existido mil anos antes. Fundações de casas há muito caídas. Cacos de cerâmica marcados com cordão. A lâmina de um machado. Ela se perguntou se, embaixo do solo, o solo estava cheio de ossos. Sem saber o que estava procurando, ou por que, ela caminhou até encontrar uma caverna. Dentro havia a estátua de uma mulher, talhada na rocha, o rosto desgastado, mas inteiro.

Tané conhecia aquele rosto. Era ela mesma.

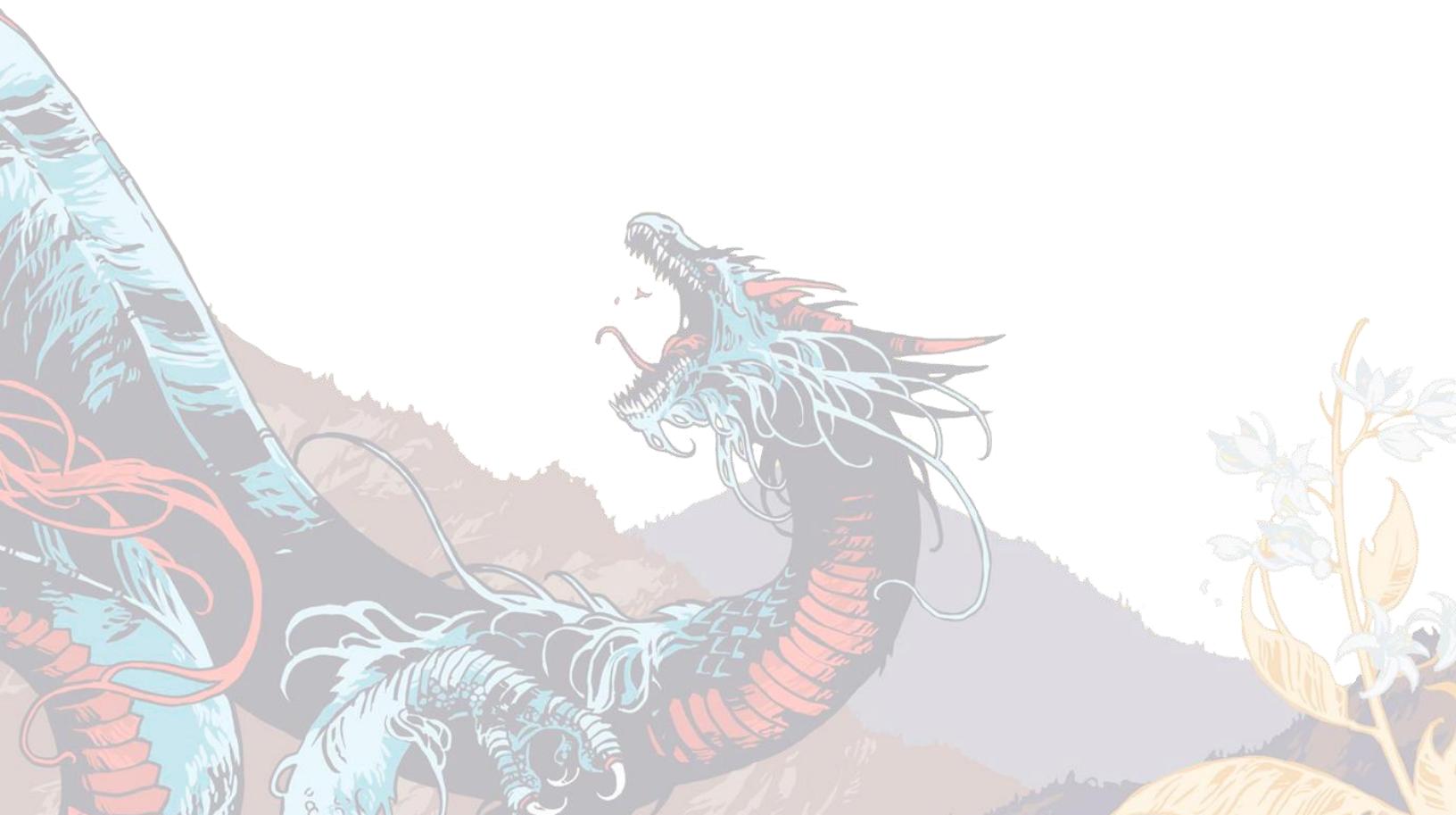
Ela pousou a lamparina e se ajoelhou diante da Primeiro Sangue. Em sua mente, ela havia pensado em todas as coisas que ela queria dizer a ela, mas agora que ela estava aqui, ela tinha apenas uma.

— Obrigada.

Neporo olhou para ela, sem piscar.

Tané a observava, sentindo-se como se ela estivesse em um sonho. Ela ficou até a lamparina se apagar. Na escuridão, ela subiu a escada que havia feito antes, até a amoreira rasgada que morrera sob as estrelas. Tané deitou-se ao lado dela e adormeceu.

De manhã, uma borboleta branca estava em sua mão e sua lateral estava úmida de sangue.



Capítulo 76

Oeste

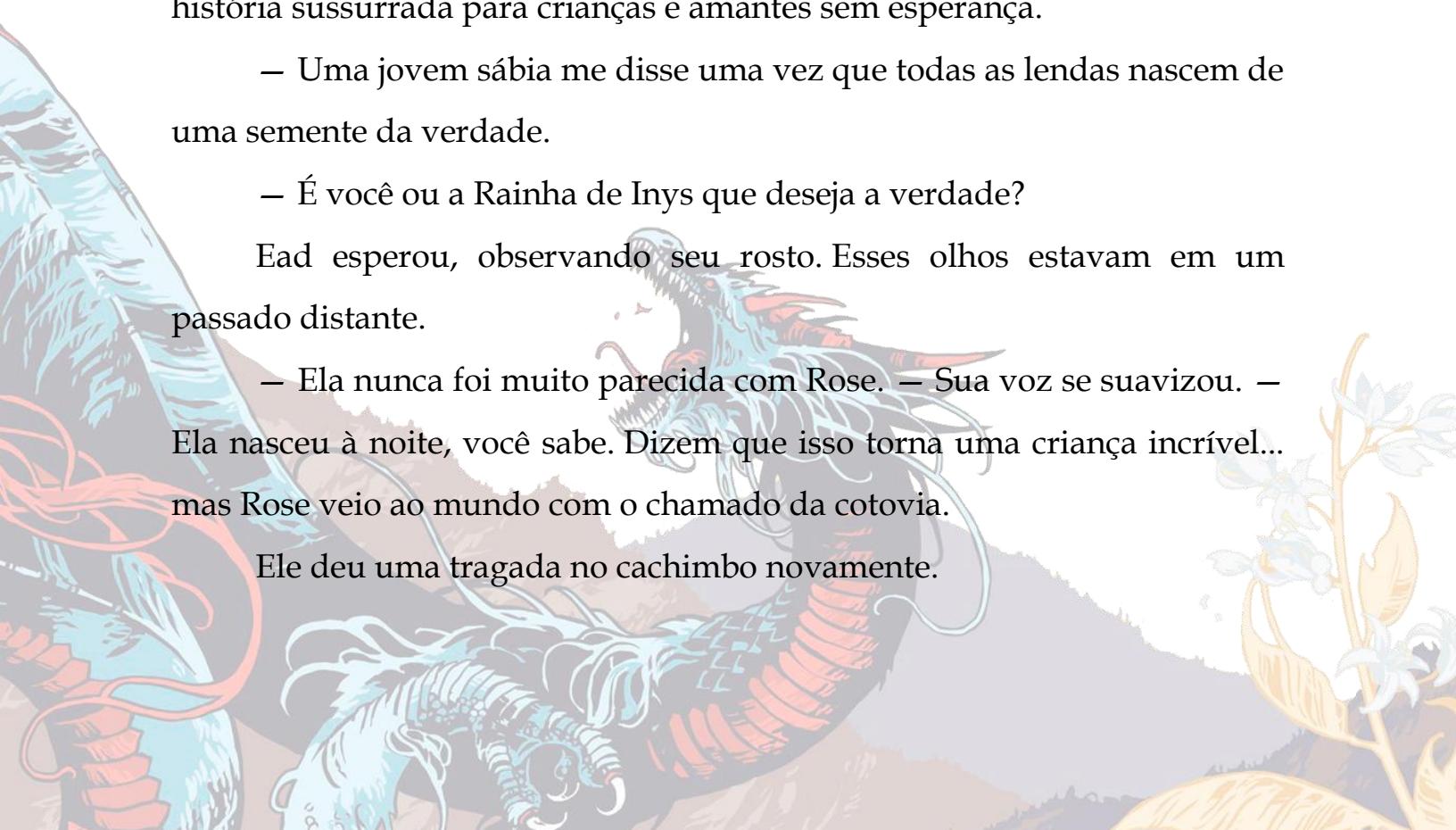
O Rosa Eterna contornava a costa oeste de Yscalín. Desde que Fýredel havia desaparecido, seu povo havia começado a reconstruir os danos causados nos Anos Dracônicos. Casas de oração e santuários erguiam-se dos destroços. Lavanda foi plantada nos campos que foram queimados. E em breve, as pereiras vermelhas adoçariam as ruas de Cársaro novamente.

Peixes coloridos saltavam junto das ondas, espirrando água. O crepúsculo havia caído, mas Ead nunca se sentiu mais acordada. O vento salgado dançava em seus cabelos e ela respirou fundo em seus pulmões.

Prioresa. Ela era o que a Mãe uma vez era. Guardiã da laranjeira.

Toda sua vida ela tinha sido uma criada. Ela nunca soube o que era governar. Ela também havia passado tempo suficiente com Sabran para saber que uma coroa era um peso muito grande para suportar, mas o Priorado da Laranjeira não possuía uma coroa. Ela não era uma imperatriz ou rainha, mas uma capa entre muitas.

Ela descobriria onde Fýredel havia se escondido e o mataria como fizera com seu mestre. Ela não iria descansar até que o único fogo que subia viesse através da laranjeira e dos magos que comeram de seus frutos. E quando a Estrela de Cabelos Compridos viesse mais uma vez, o equilíbrio seria restaurado.



Gian Harlowe veio se juntar a ela na popa, cachimbo de barro na mão. Ele o acendeu com uma vela, respirou fundo e soprou uma coroa de fumaça tingida de azul. Ead o observou se afastar.

— A rainha Marosa vai convidar os soberanos estrangeiros para sua corte na primavera, ouvi dizer — disse ele. — Para abrir Yscalín novamente.

Ead assentiu.

— Esperemos que esta paz se mantenha.

— Sim.

Por um tempo, o único som eram as ondas.

— Capitão — disse Ead, e Harlowe grunhiu —, na corte Inysh, existem rumores sobre você, falados nas sombras. Rumores de que você cortejou a rainha Rosarian. — Ela observou sua sobrancelha escurecer. — Eles dizem que você pretendia levá-la para a Lagoa do Leite.

— A Lagoa do Leite é uma fábula — disse ele secamente. — Uma história sussurrada para crianças e amantes sem esperança.

— Uma jovem sábia me disse uma vez que todas as lendas nascem de uma semente da verdade.

— É você ou a Rainha de Inys que deseja a verdade?

Ead esperou, observando seu rosto. Esses olhos estavam em um passado distante.

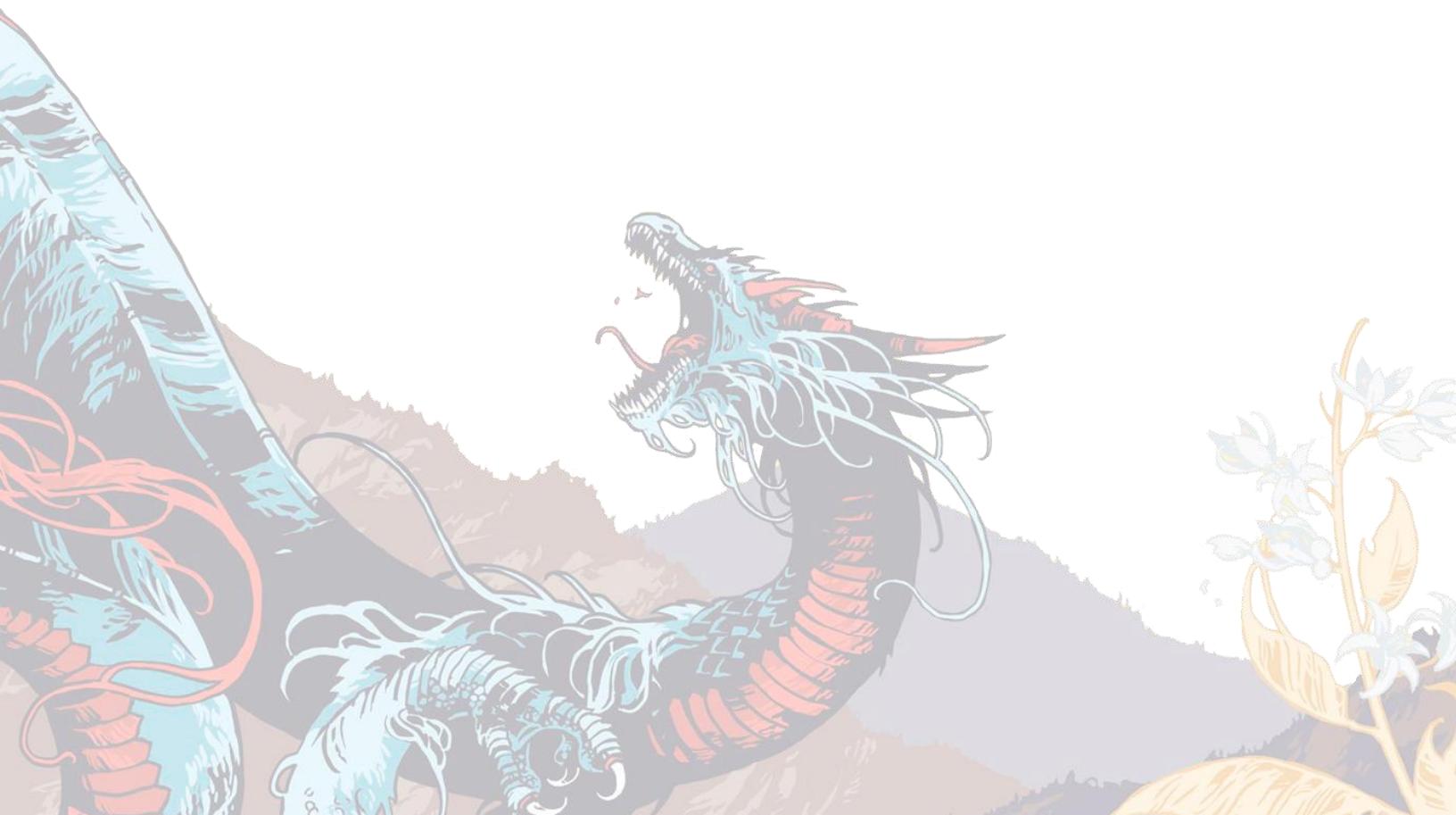
— Ela nunca foi muito parecida com Rose. — Sua voz se suavizou. — Ela nasceu à noite, você sabe. Dizem que isso torna uma criança incrível... mas Rose veio ao mundo com o chamado da cotovia.

Ele deu uma tragada no cachimbo novamente.

— Algumas verdades — disse ele —, são mais seguras enterradas. Alguns castelos são mais bem mantidos no céu. Há promessa em contos que ainda estão para ser contados. No reino das sombras, conhecido apenas por alguns. — Ele olhou para ela. — Você deve saber, Eadaz uq-Nāra. Você, cujos segredos um dia serão uma canção.

Com o mais leve sorriso, Ead lançou seu olhar para as estrelas.

— Um dia, talvez — ela disse. — Mas não hoje.



As pessoas do Conto

Os nomes Orientais são listados primeiro pelo sobrenome. Os nomes Ocidentais, do Norte e do Sul são listados primeiro pelo nome.

OS CONTADORES DA HISTÓRIA

Arteloth "Loth" Beck: Herdeiro aparente da rica província de Leas em Inys e da propriedade de Goldenbirch ao norte. Filho mais velho de Lorde Clarent e Dama Annes Beck, irmão de Margret Beck e melhor amigo de Sabran IX de Inys.

Eadaz du Zāla uq-Nāra (*também conhecida como Ead Duryan*): Iniciada do Priorado da Laranjeira, atualmente se passando por Dama Nurtha na Casa Superior de Sabran IX de Inys. Ela é descendente de Siyāti uq-Nāra, que era a amiga mais próxima de Cleolind Onjenyu.

Niclays Roos: Anatomista e alquimista do Estado Livre de Mentendon e ex-amigo de Edvart II. Ele foi banido por Sabran IX de Inys para Orisima, o último entreposto comercial ocidental em Seiiki.

Tané: Uma órfã Seiikinense que foi convocada para as Casas de Aprendizagem quando criança para treinar para a Guarda do Mar Superior. Aprendiz principal da Casa Sul.

O LESTE

Primeiro Oficial: O oficial responsável pela segurança do entreposto Mentish de Orisima.

Dranghien VI: Imperador Incessante dos Doze Lagos, atual chefe da Casa de Lakseng. Como toda a sua linhagem, ele afirma ser descendente do Portador da Luz, que os Lacustres acreditam ter sido o primeiro humano a se tornar amigo de um dragão quando este caiu dos céus.

Dumusa: Aprendiz principal da Casa Oeste, de ascendência Miduchi. Seu avô paterno era um explorador do sul, executado por desafiar o Grande Édito.

Ancião Vara: Curandeiro e arquivisto na Casa Vane na Ilha das Penas.

Ghonra: Herdeira da Frota do Olho do Tigre, filha adotiva da Imperatriz Dourada e capitã do *Corvo Branco*. Ela se autodenomina “Princesa do Mar de Sundance”.

A Imperatriz Dourada: Líder da Frota do Olho do Tigre - a frota pirata mais formidável do Oriente, composta por cerca de 40.000 piratas - e capitã de seu maior navio de tesouro, o *Perseguição*. Ela conduz o comércio ilegal de carne de dragão.

Governador do Cabo Hisan: O funcionário encarregado de administrar a região Seiikinense do Cabo Hisan. Ele é responsável por garantir que os colonos lacustres e Mentish sigam a lei Seiikinense.

Governadora de Ginura: A funcionária encarregada da administração da capital Seiikinense de Ginura. Ela também é a magistrada chefe de

Seiiki. Tradicionalmente, este cargo é sempre ocupado por um membro da Casa de Nadama.

Grande Imperatriz Viúva: Membro da Casa de Lakseng por casamento. Ela foi regente oficial de seu neto, o Imperador Incessante dos Doze Lagos, durante sua minoria.

Ishari: Uma aprendiz da Casa Sul. Companheira de quarto de Tané.

Kanperu: Um aprendiz da Casa Oeste.

Laya Yidagé: Intérprete da Imperatriz Dourada. Ela foi feita prisioneira pela Frota do Olho do Tigre após tentar seguir seu aventureiro pai até Seiiki.

Moyaka Eizaru: Um médico de Ginura. Pai do Purumé. Amigo e ex-aluno de Niclays Roos.

Moyaka Purumé: Anatomista e botânica de Ginura. Filha de Eizaru. Amiga e ex-aluna de Niclays Roos.

Muste: Assistente de Niclays Roos em Orisima. Companheiro de Panaya.

Nadama Pitosu: Senhor da Guerra de Seiiki e atual chefe da Casa de Nadama. Ele é descendente do Primeiro Senhor da Guerra, que pegou em armas para vingar a Casa de Noziken caída.

Onren: Aprendiz principal da Casa Leste.

Padar: Navegadora.

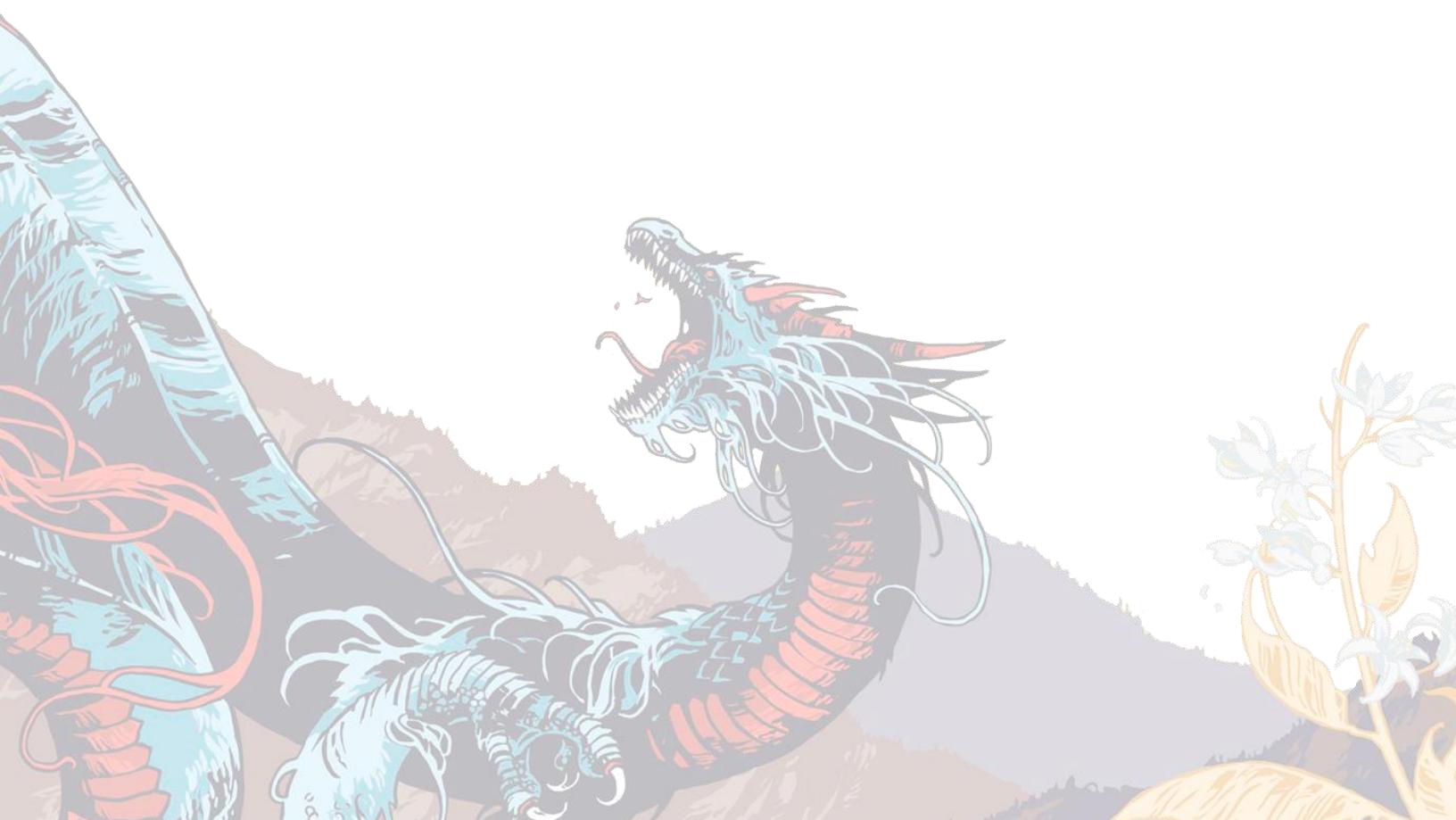
Panaya: Residente do Cabo Hisan e intérprete dos colonos de Orisima. Companheira de Muste.

General do Mar: Comandante da Guarda Marítima de Seiiki. Chefe do Clã Miduchi. Atual cavaleiro de Tukupa, o Prata.

Susa: Residente do Cabo Hisan e amiga de infância de Tané. Uma moleque de rua até ser adotada por um estalajadeiro.

Turosa: Aprendiz principal da Casa Norte, descendente de Miduchi, famoso por sua habilidade com lâminas. Rival de longa data de Tané.

Vice-rei de Orisima: O funcionário Mentish que supervisiona o entreposto comercial da Orisima.



PESSOAS MORTAS E HISTÓRICAS DO ORIENTE

Menina das sombras: uma figura mítica. Uma camponesa que sacrificou sua vida para reunir o Dragão da Primavera com a pérola que havia sido roubada dela.

Neporo: Auto-declarada Rainha de Komoridu. Muito pouco se sabe sobre ela.

Noziken Mokwo: Uma ex-imperatriz de Seiiki. Chefe da Casa de Noziken durante seu reinado.

Donzela Caminhante da Neve: Uma figura semi legendária. Ela cuidou de Kviriki e recuperou a saúde quando ele foi ferido e disfarçado de pássaro. Para agradecê-la, Kviriki esculpiu o Trono do Arco-íris e deu a ela poder sobre Seiiki. Ela foi o membro fundador da Casa de Noziken e a primeira Imperatriz de Seiiki.



O SUL

Chassar uq-Ispad: Um mago do Priorado da Laranjeira e seu principal elo com o mundo exterior. Ele se apresenta como um embaixador do Rei Jantar e da Rainha Saiyma de Ersyr para permitir-lhe acesso a cortes estrangeiras. Ele ajudou a levantar Eadaz uq-Nāra após a morte repentina de sua mãe biológica. Chassar tem o dom de domesticar pássaros, muitas vezes usando Sarsun e Parspa para realizar seu trabalho.

Jantar I (o Esplêndido): Rei de Ersyr e atual chefe da Casa de Taumargam. Marido da Rainha Saiyma e um aliado do Priorado da Laranjeira.

Jondu du Ishruka uq-Nāra: Amiga de infância e mentora de Eadaz uq-Nāra. Ela foi enviada para Inys para encontrar Ascalon. Como Eadaz, ela é descendente de Siyāti uq-Nāra.

Kagudo Onjenu: Alta Governante do Domínio de Lasia e atual chefe da Casa de Onjenu. Ela é descendente de Selinu, o Jurista, por meio de seu filho, o meio-irmão de Cleolind Onjenu. Kagudo é uma aliada do Priorado da Laranjeira e tem sido guardada por Donzelas Vermelhas desde o dia em que nasceu.

Mita Yedanya: Prioresa da Laranjeira. Ela era anteriormente a *munguna*, ou herdeira presuntiva.

Nairuj Yedanya: Uma Donzela Vermelha do Priorado da Laranjeira e sua presumível *munguna*.

Saiyma Taumargam: Rainha consorte de Ersyr e esposa de Jantar I.

PESSOAS MORTAS E HISTÓRICAS DO SUL

Rainha Das Borboletas: uma figura semi mítica. Ela era uma amada rainha consorte de Ersyr, mas morreu jovem, mergulhando seu rei em uma dor sem fim.

Cleolind Onjenu (*a Mãe ou a Donzela*): Princesa herdeira do Domínio de Lasia e filha de Selinu, o Jurista. Fundadora do Priorado da Laranjeira. A religião das virtudes da cavalaria professa que ela se casou com Sir Galian Berethnet e se tornou a rainha consorte de Inys depois que ele derrotou o Inominável para salvá-la. Os membros do Priorado acreditam que foi Cleolind quem venceu a besta, e muitos acreditam que ela não partiu com Galian. Cleolind morreu após deixar o Priorado para tratar de negócios desconhecidos, pouco depois de sua fundação.

Cantor do Amanhecer: um profeta da antiga Ersyr. Entre suas previsões, ele afirmou que o sol nasceria da Montanha do Pavor e varreria Gulthaga, que estava travando uma guerra amarga com seu povo.

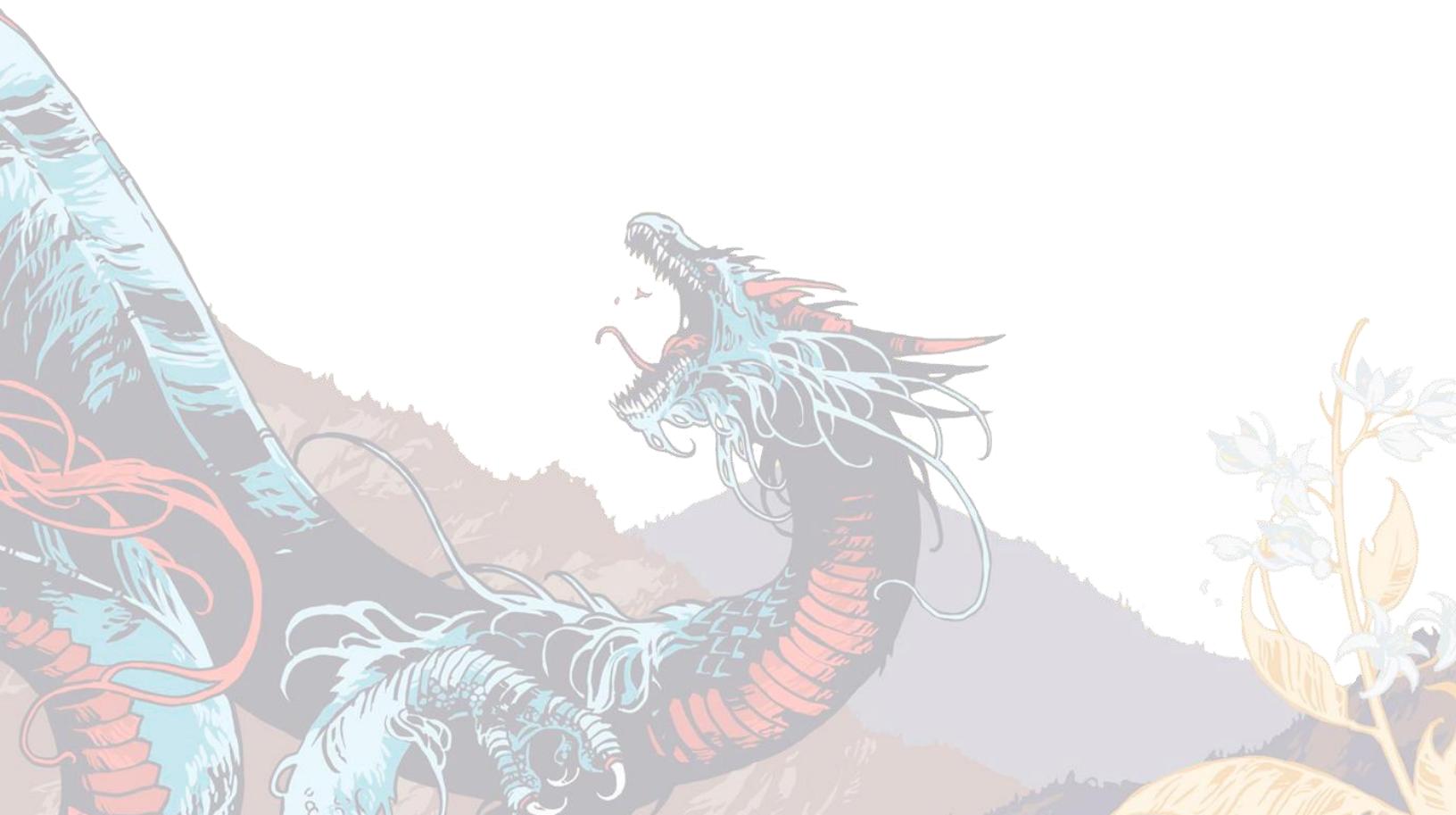
Rei Melancólico: uma figura semi mítica, que se diz ter sido um dos primeiros reis da Casa de Taumargam. Ele vagou pelo deserto, seguindo uma miragem de sua esposa, a Rainha das Borboletas, e morreu de sede. Ersyris o usa como um conto de advertência, na maioria das vezes para alertar contra o amor cego.

Selinu, o Jurista: Alto Governante de Lasia e chefe da Casa de Onjenu quando o Inominável se estabeleceu em Yikala. Ele organizou uma loteria

de vidas para apazigar a fera, que só terminou quando sua própria filha, Cleolind, foi escolhida como sacrifício.

Siyāti uq-Nāra: A querida amiga e serva de Cleolind Onjenu. Ela se tornou Prioresa da Laranjeira depois que Cleolind morreu no exterior. Muitas irmãs e irmãos do Priorado são descendentes de Siyāti por meio de seus sete filhos.

Zāla du Agriya uq-Nāra: Irmã do Priorado da Laranjeira e mãe biológica de Eadaz du Zāla uq-Nāra. Ela foi envenenada quando Eadaz tinha seis anos.



VIRTUDOM

Aleidine Teldan utt Kantmarkt: Membro da rica família Teldan, ela foi enobrecida após seu casamento com Lorde Jannart utt Zeedeur, o futuro Duque de Zeedeur. Ela agora é conhecida como a duquesa viúva de Zeedeur. Avó de Truyde

Annes Beck (Dama Goldenbirch): Filha do Barão e Baronesa de Greensward. Condessa de Goldenbirch por meio de seu casamento com Lorde Clarent Beck. Mãe de Arteloth e Margret. Ex-Senhora do Quarto de Dormir de Rosarian IV de Inys.

Arbella "Bella" Glenn (Viscondessa Suth): Uma das três Damas do Quarto de Dormir de Sabran IX de Inys e Guardiã das Joias da Rainha. Ela também foi a Senhora do Quarto de Dormir, ama de leite e Senhora das Túnica da falecida Rosarian IV. Desde a morte de Rosarian, ela nunca falou.

Aubrech II (o Príncipe Vermelho): Grande Príncipe do Estado Livre de Mentendon, Arquiduque de Brygstad e atual chefe da Casa de Lievelyn. Sobrinho-neto do falecido príncipe Leovart e sobrinho do falecido príncipe Edvart. Irmão de Ermuna, Bedona e Betriese. Ele é o mais velho dos irmãos.

Bedona Lievelyn: Princesa do Estado Livre de Mentendon. Irmã de Aubrecht, Ermuna e Betriese.

Betriese Lievelyn: Princesa do Estado Livre de Mentendon. Irmã de Aubrecht, Ermuna e Bedona. Ela é a mais nova dos irmãos, nascida logo após Bedona, sua irmã gêmea idêntica.

Calidor Stillwater: Segundo filho de Nelda Stillwater, a Duquesa da Coragem. Companheiro de Dama Roslain Crest e pai de Dama Elain Crest.

Chefe de Askrdal: nobre do mais alto escalão do antigo Ducado de Askrdal em Hróth. Um amigo de Dama Igrain Crest.

Clarent Beck (Lorde Goldenbirch): Conde de Goldenbirch e Guardião de Leas. Companheiro de Dama Annes Beck. Pai de Arteloth e Margret.

Elain Crest: Filha de Dama Roslain Crest e Lord Calidor Stillwater. Ela deve herdar o Ducado da Justiça depois de sua mãe, que é a próxima na linhagem.

Ermuna Lievelyn: Princesa herdeira do Estado Livre de Mentendon e arquiduquesa de Ostendeur. Irmã de Aubrecht, Bedona e Betriese.

Estina Melaugo: Contramestre do *Rosa Eterna*.

Gautfred Plume: Intendente do *Rosa Eterna*.

Gian Harlowe: Um corsário Inysh e capitão do *Rosa Eterna*. Dizem que foi amante de Rosarian IV de Inys, que o presenteou com o navio.

Grance Lambren: um membro dos Cavaleiros do Corpo.

Gules Heath: membro mais antigo dos Cavaleiros do Corpo.

Hallan Bourn: Médico Real de Sabran IX de Inys.

Helchen Roos: Mãe de Niclays Roos. Ela está afastada do filho há décadas.

Igrain Crest: Duquesa da Justiça, Dama Alta Tesoureira de Inys e atual chefe da família Crest. Ela foi regente em tudo, exceto no nome, durante a menoridade de Sabran IX de Inys e continua sendo sua conselheira de confiança no Conselho das Virtudes.

Jillet Lidden: Uma dama de honra na Casa Alta de Sabran IX de Inys. Ela sempre canta na corte.

Joan Dale: Uma membro dos Cavaleiros do Corpo e o segundo em comando de Sir Tharian Lintley. Ela é uma parente distante de Sir Antor Dale.

Kalyba (a Dama da Floresta *ou* a Bruxa de Inysca): Uma figura misteriosa na história de Inysh. Criadora de Ascalon. Diz-se que ela viveu na Floresta de Haith, no norte de Inys, e raptava e assassinava crianças.

Katryen “Kate” Withy: Senhora dos Robes e uma das três Damas do Quarto de Dormir para Sabran IX de Inys. Ela é a sobrinha favorita de Lorde Bartal Withy, o Duque da Sociedade.

Kitston Glade: Poeta da corte de Sabran IX de Inys e amigo de Lorde Arteloth Beck. Único herdeiro do conde e condessa de Honeybrook. Herdeiro aparente da província de Downs.

Lemand Fynch: Duque da Temperança em exercício e Lorde Almirante de Inys no lugar de seu tio desaparecido, Lorde Wilstan Fynch, cuja posição ele ocupa no Conselho das Virtudes. Chefe interino da família Fynch.

Linora Payling: Filha do Conde e Condessa de Payling Hill. Ela é uma deputada ordinária na Casa Alta de Sabran IX de Inys.

Margret “Meg” Beck: Filha mais nova de Lorde Clarent e Dama Annes Beck. Ela é uma conselheira comum na Casa Alta de Sabran IX de Inys e Guardiã da Biblioteca Privada. Irmã de Arteloth Beck.

Marke Birchen: um membro dos Cavaleiros do Corpo.

Marosa Vetalda: Donmata de Yscalín. Filha de Sigoso III e sua falecida companheira, a Rainha Sahar.

Nelda Stillwater: Duquesa da Coragem e Senhora Chanceler de Inys. Atual chefe da família Stillwater.

Oliva Marchyn: Mãe das Donzelas, que supervisiona as damas de honra.

Oscarde utt Zeedeur: Duque de Zeedeur e embaixador Mentish no Reino Inys. Filho de Lordr Jannart utt Zeedeur e Dama Aleidine Teldan utt Kantmarkt.

Priessa Yelarigas: Primeira Dama do Quarto de Dormir de Donmata Marosa de Yscalín.

Ranulf Heath, o Jovem: Conde de Deorn e Guardião dos Lagos. Seu pai, Ranulf Heath, o Velho, era o príncipe consorte de Jillian VI de Inys, avó de Sabran IX.

Raunus III: Rei de Hróth e atual chefe da Casa de Hraustr.

Ritshard Eller: Duque da Generosidade e atual chefe da família Eller. Um membro dos Duques Espirituais.

Roslain Crest: Chefe Dama do Quarto de Dormir da Rainha Sabran IX de Inys e herdeira aparente do Ducado da Justiça. Sua mãe, Dama Helain Crest, ocupava a mesma posição na casa de Rosarian IV. Roslain é a companheira de Lorde Calidor Stillwater, mãe de Dama Elain Crest e neta de Dama Igrain Crest.

Sabran IX (a Magnífica): Trigésima sexta rainha de Inys e atual chefe da Casa de Berethnet. Filha de Rosarian IV. Como todos os membros de sua

dinastia, ela afirma ser descendente de Sir Galian Berethnet e da princesa Cleolind de Lasia.

Seyton Combe (o Falcão da Noite): Duque da Cortesia, Secretário Principal e mestre dos espiões de Sabran IX de Inys.

Sigoso III: Rei de Yscalin e atual chefe da Casa de Vetalda, atualmente se autodenominando *Rei de Carne*. Uma vez leal à Virtudom, ele renunciou às Virtudes da Cavalaria e agora promete sua lealdade ao Inominável. Pai de Marosa Vetalda, sua filha com Sahar Taumargam.

Tallys: Um ajudante de cozinha na Casa Baixa de Sabran IX de Inys.

Tharian Lintley: Capitão dos Cavaleiros do Corpo, a guarda pessoal de Sabran IX de Inys. Um plebeu de sangue, ele se tornou membro do Conselho das Virtudes quando foi nomeado cavaleiro.

Thim: Um desertor do *Pomba Negra*, agora um artilheiro do *Rosa Eterna*.

Triam Sulyard: um antigo pajem na Casa Baixa de Sabran IX de Inys, depois escudeiro de Sir Marke Birchen. Ele está secretamente casado com Dama Truyde utt Zeedeur.

Truyde utt Zeedeur: Herdeira aparente do Ducado de Zeedeur. Filha de Oscarde utt Zeedeur e sua falecida companheira. Ela está servindo como dama de honra na Casa Superior de Sabran IX de Inys.

Wilstan Fynch: Duque da Temperança, Lorde Almirante de Inys e príncipe consorte da falecida Rosarian IV de Inys. Ele se tornou o embaixador residente de Inysh no Reino de Yscalin após a morte dela. Seu sobrinho, Lorde Lemand Fynch, mantém sua posição no Conselho de Virtudes em sua ausência.

PESSOAS MORTAS E HISTÓRICAS DE VIRTUDOM

Antor Dale: Um cavaleiro que se casou com Rosarian I de Inys depois de jogar um jogo público de amor com ela. Seu pai, Isalarico IV de Yscalin, deu permissão especial para que o casamento fosse realizado, já que era popular entre as pessoas. Sir Antor personifica os ideais da cavalaria.

Brilda Glade: Chefe do Quarto de Dormir de Sabran VII de Inys, que eventualmente se tornou sua companheira.

Carnelian I (a Flor de Ascalon): Quarta rainha da Casa de Berethnet.

Carnelian III: Vigésima quinta rainha da Casa de Berethnet. Ela causou sensação ao se recusar a contratar uma ama de leite para sua filha, a princesa Marian. Ela se apaixonou por Lorde Rothurt Beck, mas não conseguiu se casar com ele.

Carnelian V (a Pomba de Luto): Trigésima terceira rainha da Casa de Berethnet, famosa por sua bela voz e períodos de tristeza. Bisavó de Sabran IX de Inys.

Edrig de Arondine: Amigo de confiança de Sir Galian Berethnet, que serviu como seu cavaleiro. Quando Galian foi coroado Rei de Inys, Edrig foi nomeado Guardião de Leas e recebeu o nome de família *Beck*.

Edvart II: Grande Príncipe do Estado Livre de Mentendon. Edvart e sua filha morreram pouco depois de Jannart utt Zeeleur durante o Terror

de Brygstad, quando metade da corte mentish morreu adoecida. Ele foi sucedido por seu tio, Leovart.

Galian Berethnet (*o Santo ou Galian, o Enganador*): O primeiro Rei de Inys. Galian nasceu na aldeia Inysca de Goldenbirch, mas se tornou escudeiro de Edrig de Arondine. A religião das Virtudes da Cavalaria, que Galian baseou no código de cavalaria, professa que ele venceu o Inominável em Lasia, casou-se com a Princesa Cleolind da Casa de Onjonyu, e com ela fundou a Casa de Berethnet. Adorado em Virtudom, mas vilipendiado em muitas partes do Sul, seus seguidores acreditam que Galian governa em Halgalant, a corte celestial, onde espera os justos na Grande Mesa.

Glorian II (Glorian Hartbane): Décima rainha da Casa de Berethnet. Uma caçadora talentosa. Seu casamento com Isalarico IV de Yscalín trouxe seu país para Virtudom.

Glorian III (Glorian Shieldheart): Vigésima rainha da Casa de Berethnet, indiscutivelmente sua monarca mais conhecida e amada. Ela liderou Inys durante o Século da Dor e ficou famosa com sua filha recém-nascida, Sabran VII, no campo de batalha. Essa ação inspirou seus soldados a lutar até o fim.

Haynrick Vatten: Príncipe em espera para Mentendon durante o Século da Dor. Ele foi prometido a Sabran VII de Inys quando ele tinha quatro anos. Os Vatten, que governaram Mentendon por séculos em nome da Casa de Hraustr, foram eventualmente derrubados e exilados de volta a Hróth, mas seus descendentes ainda exerciam o poder em Mentendon.

Isalarico IV (o Benevolente): Rei de Yscalin e príncipe consorte de Inys. Ele prometeu seu país à Virtudom após seu casamento com Glorian II de Inys.

Jannart utt Zeedeur: O falecido Duque de Zeedeur, anteriormente Marquês de Zeedeur. Ele era um amigo próximo de Edvart II de Mentendon, o amante secreto de Niclays Roos, e companheiro de Dama Aleidine Teldan utt Kantmarkt. Jannart foi um historiador apaixonado.

Jillian VI: Trigésima quarta rainha da Casa de Berethnet. Avó materna de Sabran IX de Inys. Jillian era musicalmente talentosa, religiosamente tolerante e defendia laços mais estreitos entre Virtudom e o resto do mundo.

Leovart I: Grande Príncipe do Estado Livre de Mentendon. Ele não deveria sentar-se no trono, mas persuadiu o Conselho Privado a deixá-lo ocupar o lugar de seu sobrinho-neto, Aubrecht, que Leovart declarou ser gentil e inexperiente demais para governar. Ele era famoso por propor casamento a incontáveis mulheres nobres e reais.

Lorain Crest: Uma das seis membros da Santa Comitiva, amiga de Sir Galian Berethnet. Dame Lorain é lembrada em Inys como a Cavaleira da Justiça.

Nunca Rainha: O apelido da Princesa Sabran de Inys, filha de Marian IV. Ela era a vigésima quarta mulher real da Casa de Berethnet, mas morreu ao dar à luz a futura Rosarian II antes que ela pudesse ser coroada.

Rosarian I (a Maçã de Todos os Olhos): Décima primeira rainha da Casa de Berethnet. Seu reinado popular integrou tradições de Yscalin – o reino de seu pai, Isalarico IV.



Rosarian II (a Arquiteta de Inys): Vigésima quarta rainha da Casa de Berethnet. Ela era uma arquiteta talentosa que viajou muito na juventude, enquanto ainda era uma princesa. Rosarian projetou pessoalmente muitos edifícios em Inys, incluindo a torre do relógio de mármore do Palácio de Ascalon.

Rosarian IV (a Rainha Merrow): Trigésima quinta rainha da Casa de Berethnet, mãe de Sabran IX de Inys. Ela foi assassinada por meio de um vestido envenenado.

Rothurt Beck: um conde de Goldenbirch. Cornelian III de Inys se apaixonou por ele, mas ele já estava casado.

Sabran V: décima sexta rainha da Casa de Berethnet. Seu reinado marcou o início do Século do Descontentamento, que viu três rainhas impopulares em uma fileira. Ela era conhecida por sua crueldade e estilo de vida extravagante.



Sabran VI (a Ambiciosa): Décima nona rainha da Casa de Berethnet. Mais famosa por trazer Hróth para Virtudom por meio de seu casamento por amor com Bardholt Hraustr. Sua coroação encerrou o Século de Descontentamento. Sabran e Bardholt foram mortos por Fýredel, deixando sua filha, Glorian III, para enfrentar a Século da Dor.



Sabran VII: Vigésima primeira rainha da Casa de Berethnet. Filha de Glorian III de Inys. Ela foi prometida a Haynrick Vatten, Príncipe em Espera de Mentendon, no dia em que nasceu. Após sua morte e sua própria abdicação, Sabran casou-se com sua principal Senhora do Quarto de Dormir, Dama Brilda Glade.

Sahar Taumargam: Uma princesa de Ersyr que se tornou a rainha consorte de Yscalín após seu casamento com Sigoso III. Irmã de Jantar I de Ersyr. Ela morreu em circunstâncias suspeitas.

Wulf Glenn: Amigo e guarda-costas de Glorian III de Inys. Um dos cavaleiros mais famosos da história de Inysh, um ideal de coragem e galanteria. Ele é um ancestral de Dama Arbella Glenn.

PERSONAGENS NÃO HUMANOS

Aralaq: Um ichneumon, criado no Priorado da Laranjeira por Eadaz e Jondu uq-Nāra.

Orsul: Um dos cinco Alto Ocidentais que lideraram o Exército Dracônico durante o Século da Dor.

Fýredel: Líder do Exército Dracônico, leal ao Inominável e conhecido como sua *asa direita*. Ele liderou uma campanha implacável contra a humanidade em 511 CE. Alguns dizem que ele emergiu da Montanha do Pavor ao mesmo tempo que o Inominável, enquanto outros acreditam que ele emergiu ao mesmo tempo que seus irmãos, durante a Segunda Grande Erupção.

Valeysa: Uma dos cinco Alto Ocidentais que lideraram o Exército Dracônico durante o Século da Dor.

Dragão Imperial: Líder de todos os dragões Lacustres, eleitos por meios misteriosos. O Dragão Imperial atual é uma fêmea que nasceu no Lago das Folhas Douradas em 209 CE. Tradicionalmente, o Dragão Imperial

aconselha a família real humana do Império dos Doze Lagos e escolhe qual de seus herdeiros herdarão o trono.

Kwiriki: Os Seiikinenses acreditam ter sido o primeiro dragão a tomar um cavaleiro humano, adorado como uma divindade. Ele esculpiu o trono do arco-íris – agora destruído – com seu chifre. Os Seiikinenses acreditam que Kwiriki partiu para o plano celestial, e que ele enviou o cometa que acabou com a Grande Tristeza. As borboletas são suas mensageiras.

Inominável: Um enorme wyrm vermelho, criado a partir de uma proliferação de *siden* no centro do mundo. Ele é considerado a primeira criatura a emergir da Montanha do Pavor e é o senhor do Exército Dracônico, que foi criado para ele por Fýredel. Pouco se sabe sobre o Inominável, mas presume-se que seu objetivo final era semear o caos e conquistar a humanidade. Seu confronto com Cleolind Onjenyu e Galian Berethnet em Lasia em 2 AC tornou-se um fundamento da religião e lenda em todo o mundo.

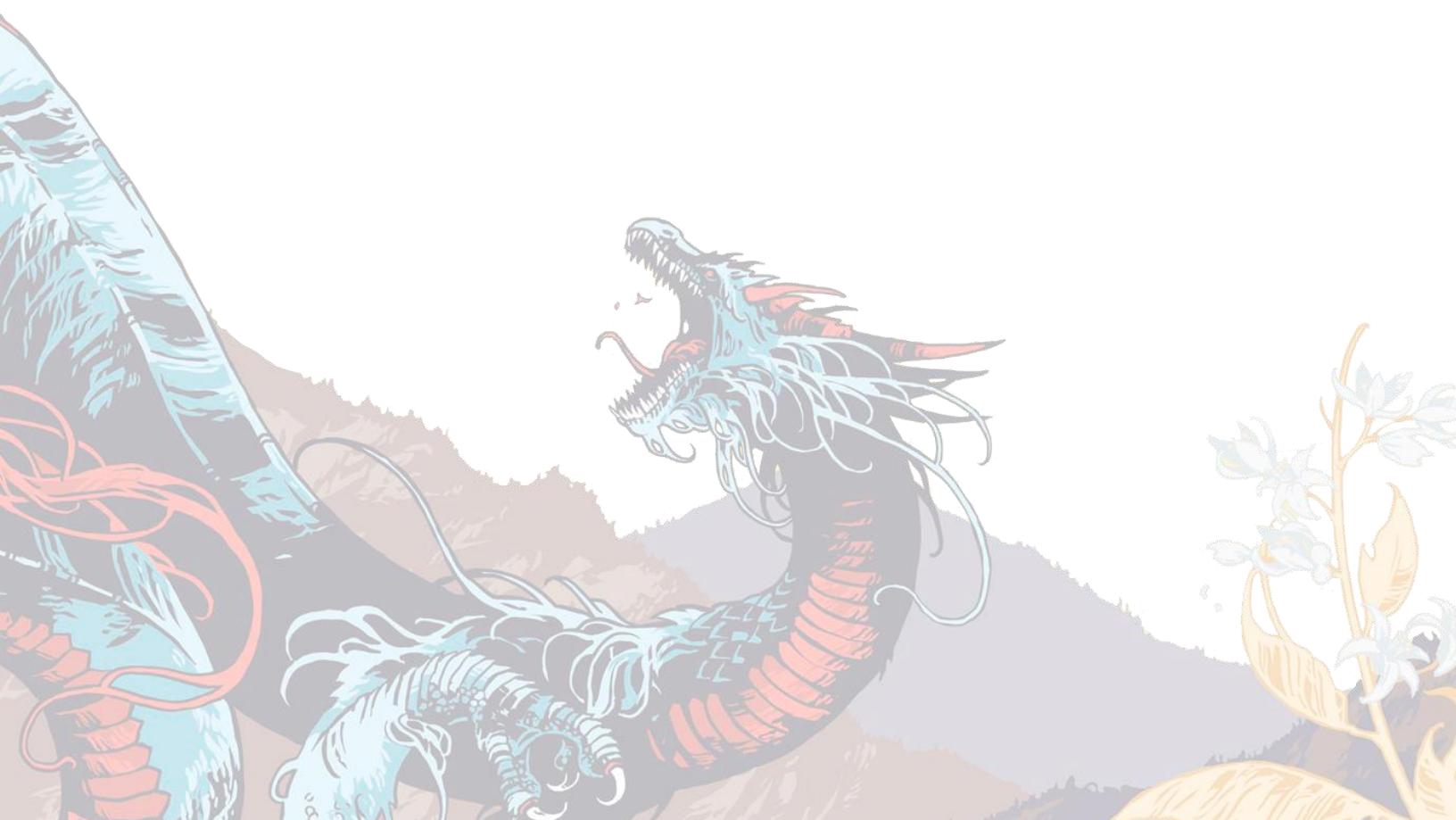
Nayimathun das Neves Profundas: Um dragão Lacustre que lutou na Grande Tristeza. Uma errante por natureza, ela agora é membro da Guarda do Mar Superior de Seiiki.

Norumo: Um dragão Seiikinese e membro da Guarda Marítima de Seiiki.

Parspa: a última *hawiz* conhecida – uma espécie de pássaro gigante comedor de plantas, nativo do Sul. Ela responde apenas a Chassar uq-Ispad, que a domesticou.

Sarsun: Uma águia de areia. Amigo do Chassar uq-Ispad e mensageiro do Priorado da Laranjeira.

Tukupa (a Prata): Um dragão ancião Seiikinense descendente de Kwiriki. Tradicionalmente, o General do Mar de Seiiki é seu cavaleiro, mas ela também pode carregar o Senhor da Guerra de Seiiki e membros de sua família.



LINHA DO TEMPO

ANTES DA ERA COMUM (AC)

2 AC: A Primeira Grande Erupção da Montanha do Pavor. O Inominável emerge do Ventre de Fogo e se estabelece na cidade lassiana de Yikala, trazendo com ele a peste Dracônica

O Inominável é vencido e desaparece

O Priorado da Laranjeira é fundado

A ERA COMUM (CE)

CE 1: A Fundação de Ascalon

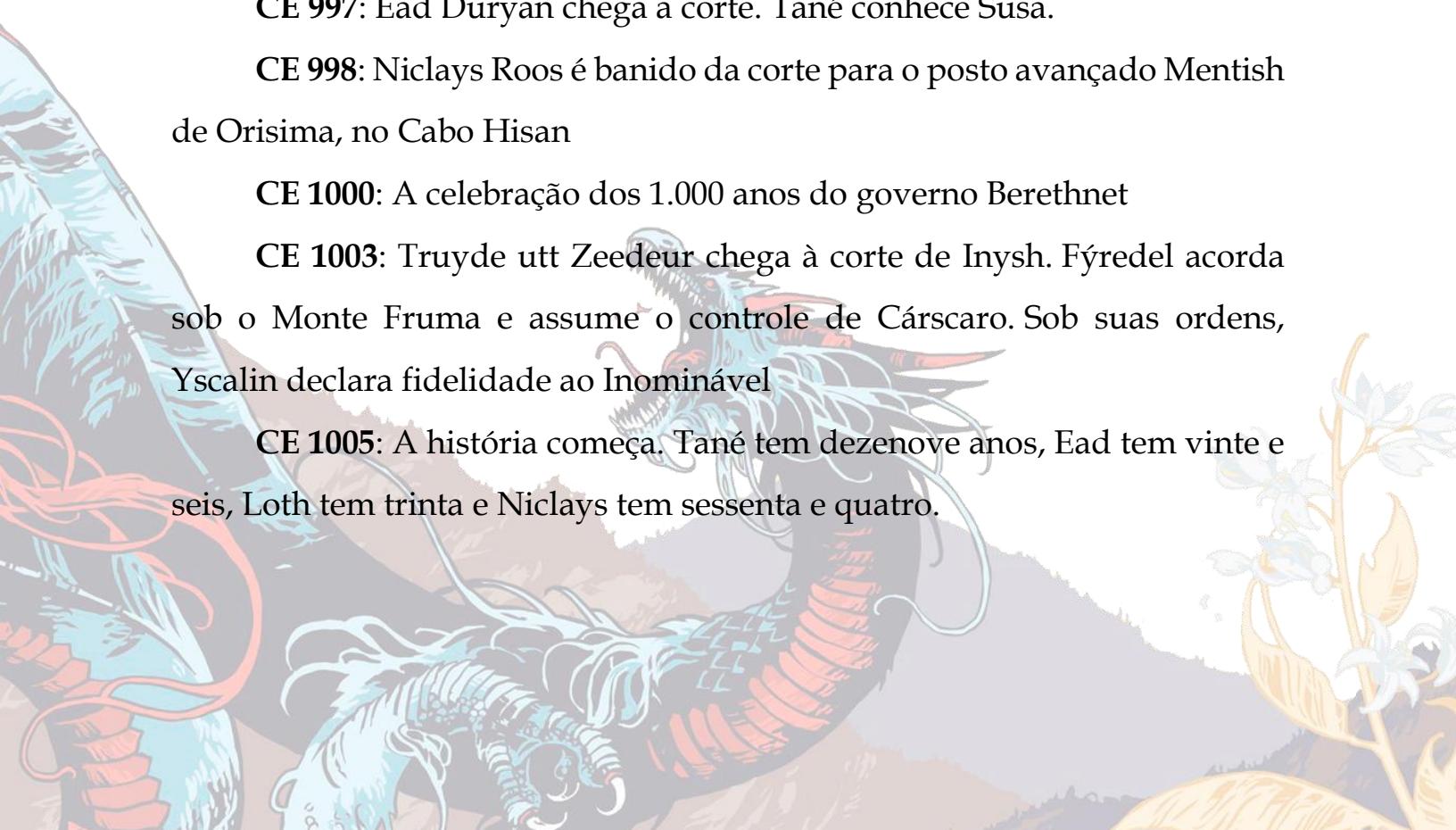
CE 279: A cota de malha de Virtudom é formada quando Isalarico IV de Yscalim se casa com Glorian II de Inys

CE 509: A Segunda Grande Erupção da Montanha do Pavor dá origem aos Alto Ocidentais e seus wyverns

Fýredel cria o Exército Dracônico

CE 511: O Século da Dor, ou Grande Tristeza, começa e a praga Dracônica retorna ao mundo

CE 512: A Casa de Noziken cai. O Século da Dor, ou Grande Tristeza, termina com a chegada da Estrela de Cabelos Compridos



CE 960: Niclays Roos chega à corte de Edvart II de Mentendon e conhece Jannart utt Zeedeur

CE 974: Princesa Rosarian Berethnet é coroada Rainha de Inys

CE 991: Morre a Rainha Rosarian IV. Sua filha, a princesa Sabran, é coroada rainha e entra em seu período de menoridade. Tané inicia oficialmente sua educação e treinamento para a Guarda do Mar Superior

CE 993: Jannart utt Zeedeur morre, deixando sua companheira, Aleidine Teldan utt Kantmarkt, uma viúva. Edvart II de Mentendon e sua filha morrem de suor alguns meses depois. Edvart é sucedido por seu tio, Leovart

CE 994: Morre a Rainha Sahar de Yscalin, deixando a Princesa Marosa Vetalda como a única herdeira do Rei Sigoso

CE 995: A menoridade da Rainha Sabran termina. Niclays Roos se torna seu alquimista da corte

CE 997: Ead Duryan chega a corte. Tané conhece Susa.

CE 998: Niclays Roos é banido da corte para o posto avançado Mentish de Orisima, no Cabo Hisan

CE 1000: A celebração dos 1.000 anos do governo Berethnet

CE 1003: Truyde utt Zeedeur chega à corte de Inysh. Fýredel acorda sob o Monte Fruma e assume o controle de Cársaro. Sob suas ordens, Yscalin declara fidelidade ao Inominável

CE 1005: A história começa. Tané tem dezenove anos, Ead tem vinte e seis, Loth tem trinta e Niclays tem sessenta e quatro.